

UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA
FACULDADE DE FILOLOGIA

Uma certa ambição de gloria

**Trajectória, redes e estratégias de Teresa
de Mello Breyner nos campos intelectual
e do poder em Portugal (1770-1798)**

Raquel Bello Vázquez

JANEIRO 2005

UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA
FACULDADE DE FILOLOGIA

Uma certa ambição de gloria

**Trajectória, redes e estratégias de Teresa de Mello Breyner nos campos
intelectual e do poder em Portugal (1770-1798)**

Tese de doutoramento
realizada sob a orientação do
Professor Doutor Elias J. Torres Feijó
por Raquel Bello Vázquez

Ass.

V.º e prez

Raquel Bello Vázquez

Elias J. Torres Feijó

Arbores in deorum tutela
Olim quas vellent esse in tutela sua
divi legerunt arbores. Quercus Iovi,
at myrtus Veneri placuit, Phoebus laurea,
pinus Cybebae, populus celsa Herculi.
Minerva admirans quare steriles sumerent
interrogavit. Causam dixit Iuppiter:
"Honorem fructu ne videamur vendere."
"At mehercules narrabit quod quis voluerit,
oliva nobis propter fructum est gratior."
Tum sic deorum genitor atque hominum sator:
"O nata, merito sapiens dicere omnibus.
Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria."
Nihil agere quod non prosit fabella admonet

Fedro, *Fábulas*, III, 17, 12

Índice

Introdução.....	13
Parte I. Questões metodológicas e estado actual do conhecimento.....	19
I.1. Objecto de estudo e objectivos.....	19
I.2. Instrumentos metodológicos.....	23
I.2.1. Problemas.....	23
I.2.1.1. Corpus: dificuldades.....	24
I.2.1.2. Bibliografia e fontes secundárias: dificuldades.....	29
I.2.2. Propostas.....	31
I.2.2.1. Produção literária e campo intelectual no período ilustrado em Portugal.....	31
I.2.2.2. Mediação e interferência.....	41
I.2.2.3. Algumas precisões terminológicas.....	47
I.2.2.3.1. Definições de Ilustração.....	47
I.2.2.3.2. Proposta de periodização do período ilustrado em Portugal.....	52
I.2.2.3.3. Estrangeirados.....	55
I.2.2.3.4. Os conceitos Pré-Romantismo e Neoclassicismo.....	60
I.2.3. Conclusões.....	64
I.3. Estado actual do conhecimento.....	65
I.3.1. A Ilustração portuguesa na historiografia literária.....	65
I.3.2. Posição e função da Condessa de Vimieiro e outras produtoras setecentistas na historiografia literária.....	84
PARTE II. Trajectória e intervenção de Teresa de Mello Breyner até 1777.....	142
II.1. Objectivos.....	142
II.2. Origem social de Teresa de Mello Breyner	143
II.2.1. Objectivos.....	143
II.2.2. O campo do poder na segunda metade do século XVIII: relações de dependência entre a primeira nobreza e a coroa.....	144
II.2.2.1. Objectivos.....	144
II.2.2.2. Hierarquias da nobreza portuguesa e as suas estratégias no último terço do século XVIII.....	145
II.2.2.3. Conclusões.....	158
II.2.3. O capital cultural como elemento de distinção entre a primeira nobreza.....	159
II.2.3.1. Objectivos.....	159
II.2.3.2. Reconversão de capitais: as casas nobres na universidade. Coimbra vs. Colégio dos Nobres:.....	160

II.3. Trajectória social de Teresa de Mello Breyner até 1769.....	164
II.3.1. Objectivos.....	164
II.3.2. Capital cultural e distinçom no percurso de Teresa de Mello Breyner da casa de Ficalho à casa de Vimieiro.....	165
II.3.2.1. Objectivos.....	165
II.3.2.2. As Breyner: umha linhagem de damas da Rainha:.....	166
II.3.2.3. Os primeiros anos: formaçom humanística e científica de Teresa de Mello Breyner.....	168
II.3.2.4. Cândido Lusitano orientador dos estudos literários de Teresa de Mello Breyner. 170	
II.3.2.5. Que significa ser Condessa de Vimieiro?.....	175
II.3.3. Conclusons.....	185
II.4. Trajectória e intervençom no campo de Teresa de Mello Breyner nos últimos anos do reinado de D. José I (1770-1777).....	186
II.4.1. Objectivos.....	186
II.4.2. As casas de Vimieiro, Lafões e Ficalho perante o governo do Marquês de Pombal..... 187	
II.4.2.1. O retiro dos Condes de Vimieiro.....	187
II.4.2.2. O «exílio» do 2.º Duque de Lafões.....	196
II.4.2.3. A prisom dos Alorna.....	202
II.4.2.4. Conclusons.....	208
II.4.3. Relacionamento de Teresa de Mello Breyner com as mulheres da casa de Alorna no período 1770-1777.....	209
II.4.3.1. Objectivos.....	209
II.4.3.2. Privacidade e publicidade: a correspondência pessoal como forma de intervençom nos campos intelectual e do poder –Cartas a Chelas (1770-1777).....	210
II.4.3.3. Difusom de modelos estéticos e ideológicos através da correspondência.....	220
II.4.3.3.1. A citaçom.....	220
II.4.3.3.1.1. Pietro Metastasio.....	222
II.4.3.3.1.2. Modelos da estética arcádica.....	226
II.4.3.3.1.3. Fénelon: a traduçom do Telemaque.....	228
II.4.3.3.1.4. As mulheres ilustradas: Madame de Sévigné, Madame Dacier, Madame Des Houliers.....	234
II.4.3.3.3. Difusom através da correspondência de textos poéticos próprios.....	238
II.4.3.3.4. A educaçom das mulheres e a ocultaçom.....	244
II.4.3.3.4.1. Objectivos.....	244
II.4.3.3.4.2. A educaçom das mulheres.....	245
II.4.3.3.4.3. A ocultaçom.....	259
II.4.3.3.4.4. Conclusons.....	266
II.4.3.3.5. A Razom e o sentimento –o sentimentalismo como elemento de distinçom. 268	

II.4.3.3.6. Hipótese de umha rede.....	278
II.4.3.3.6.1. Os aliados.....	278
II.4.3.3.6.2. Os adversários.....	289
II.4.3.4. Conclusões.....	296
II.4.4. Conclusões.....	297
PARTE III.....	299
III.1. Trajectória e intervençom de Teresa de Mello Breyner no sistema durante os primeiros anos do reinado de D. Maria I (1777-1788).....	299
III.1.1. Objectivos.....	299
III.1.2. Dificuldades para a interpretaçom política do reinado de D. Maria I.....	300
III.1.3. A Condessa de Vimieiro e a formaçom da Academia das Ciências de Lisboa.....	314
III.1.3.1. Objectivos.....	314
III.1.3.2. O Conde de Vimieiro como promotor cultural nas vésperas da fundaçom da ACL (1779).....	315
III.1.3.2.1. Os sócios.....	316
III.1.3.2.2. Os objectivos da sociedade.....	319
III.1.3.2.3. Linhas ideológicas fundamentais.....	321
III.1.3.3. A fundaçom da ACL.....	324
III.1.3.3.1. O papel da Condessa de Vimieiro na fundaçom e na promoçom da ACL – Intervençom para a aceitaçom de Manuel do Cenáculo como membro da ACL (1781).....	340
III.1.3.3.2. Trajectória social, posiçom e funçom de alguns membros da ACL vinculados com os Condes de Vimieiro:.....	342
III.1.3.3.2.1. O Duque de Lafões.....	343
III.1.3.3.2.2. Correia da Serra.....	350
III.1.4. Osmia e Elogio -modelos de actuaçom para D. Maria I.....	357
III.1.4.1. Idéa de hum elogio histórico de Maria Theresa Archiduquesa de Austria.....	360
III.1.4.1.1. A ocultaçom.....	362
III.1.4.1.2. A Corte austríaca como referente ilustrado.....	368
III.1.4.1.3. Umha rede europeia.....	374
III.1.4.1.4. Normas de actuaçom para umha Rainha Ilustrada.....	386
III.1.4.2. Osmia tragedia de assumpto portuguez em cinco actos.....	396
III.1.4.2.1. Objectivos.....	396
III.1.4.2.2. Novamente a ocultaçom.....	402
III.1.4.2.3. Os modelos repertoriais do teatro ilustrado e os materiais repertoriais em Osmia.....	405
III.1.4.2.4. As ideias ilustradas em Osmia.....	421
III.1.4.2.5. Proposta de umha ética nacional ilustrada em Teresa de Mello Breyner.....	428
III.1.4.2.6. As versoes ilustradas de Osmia –dous modelos de mulher, dous modelos de sociedade –a Arcádia Vs. a Academia.....	439

III.1.5. O relacionamento com a Condessa de Oyenhausen.....	452
III.1.5.1. Objectivos.....	452
III.1.5.2. Lugares de dataçom, lugares de residência, lugares políticos.....	453
III.1.5.3. O papel da Condessa de Vimieiro na Corte de D. Maria I através da correspondência.....	453
III.1.5.3.1. Objectivos.....	453
III.1.5.3.2. Ascenso social, problemas económicos.....	454
III.1.5.3.3. Percepçom de D. Maria e das suas actividades: entusiasmo e decepçom....	459
III.1.5.3.4. Os Condes de Vimieiro e o projecto em Alcoentre.....	467
III.1.5.3.5. Novas funçoms para a citaçom.....	473
III.1.5.3.6. Outras linhas ideológicas: maternidade, matrimónio e sentimentalismo.....	476
III.1.6. Relacionamento com Manuel do Cenáculo no período 1777-1788.....	483
III.1.7. Conclusons.....	488
III.2. Trajectória e intervençom de Teresa de Mello Breyner nos últimos anos da sua vida (1789-1798).....	490
III.2.1. Objectivos.....	490
III.2.2. Perda de poder de D. Maria -Conspiraçom contra D. José? -D. Maria «reduzida a uma vida privada»?.....	491
III.2.2.1. Objectivos.....	491
III.2.2.2. Relaçoms entre o Duque de Lafões e o Príncipe D. José	492
III.2.2.3. A regência joanina e os novo grupos triunfantes –As grandes famílias de comerciantes como suporte de D. João: a fundaçom do Teatro da Ópera de São Carlos.....	501
III.2.3. A Condessa de Vimieiro e a Nova Arcádia.....	512
III.2.4. O retiro a Santos e a traduçom de Osmia para espanhol (1798).....	514
III.2.5. Conclusons.....	519
IV. Síntese conclusiva e propostas finais.....	521
Bibliografia.....	529
Corpus.....	529
Bibliografia metodológica.....	530
Bibliografia geral.....	531
Manuscritos:.....	551
Páginas web:.....	552

Agradecimentos

Quero deixar constância neste lugar do meu agradecimento a todas aquelas pessoas que, tanto no académico como no pessoal, tenham contribuído para o desenvolvimento desta Tese nos estreitos limites temporais marcados pelas contingências derivadas de bolsas, financiamentos e prazos administrativos.

Em primeiro lugar, ao orientador deste trabalho e director do grupo de investigação GALABRA, Doutor Elias J. Torres Feijó, por oferecer-nos, mais além de umha metodologia de trabalho, umha nova perspectiva sobre a literatura e a cultura. Teria sido impossível acabar esta Tese em tempo e forma sem o seu atento seguimento a cada pormenor da investigação, sem o seu exaustivo labor de orientação e sem a sua decidida implicação com o projecto de investigação sobre Mulher e Ilustração em Portugal na Segunda Metade do Século XVIII. Agradeço igualmente, no pessoal, a confiança, a generosidade e o carinho, que, como bem sabe, é recíproco.

Ao grupo GALABRA, e particularmente às “Ilustradas” Eva Loureiro Vilarelhe, Antia Cortiças Leira e Loira Martínez Rei, por criar um espaço para pensar a Ilustração com ópticas diferentes, mas com umha perspectiva comum. A Eva agradeço, para além da sua amizade, a ajuda poliglota para transcrever o particular francês da Condessa e para ler algumha bibliografia em alemão.

A Roberto Samartim, companheiro de viagens reais e imaginadas desde aquela primeira à “Cidade ao Sul”.

À Doutora Carmen Villarino, guia, primeiro, pelo Brasil imaginado e amiga, mais tarde, no Brasil real.

À Doutora Teresa Sousa de Almeida, primeira pessoa que tivo a ideia de estudar a Condessa de Vimieiro, e à Doutora Vanda Anastácio, pola sua imensa generosidade como investigadoras e pola calidez e proximidade no trato pessoal. Este trabalho não teria sido possível sem o constante envio de informações e referências bibliográficas de ambas ou sem a prontidão da Professora Almeida para receber-me em Lisboa nas várias estadias realizadas. Igualmente, agradeço a ambas e a Fernando Mascarenhas a disponibilização para a consulta da correspondência de Leonor de Almeida depositada no Palácio da Fronteira.

Às Doutoras Margarita Santos Zas e Carmen Villarino (outra vez), e aos Doutores Javier Gutiérrez Carou, Anxo Abuín, e José Luís Rodríguez, membros do júri que avaliou a Tese de Licenciatura que está na origem deste trabalho. Com as suas correcções e sugestões contribuírom para a melhora daquele texto, e para desenho do que devia ser o trabalho posterior. Muito agradeço também ao Professor José Luís Rodríguez a ajuda prestada na edição de *Osmia*.

A Beatriz Weigert e à Doutora Maria Eunice Moreira, por facilitar-me a realização de estadias, respectivamente, em Évora e Porto Alegre.

A Julián Ortega, por permitir a consulta da tradução espanhola de *Osmia* no Seminario Diocesano de Burgo de Osma.

Ao Doutor Pina Martins, por permitir o acesso à documentação da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa.

Ao Doutor David Cranmer, pela ajuda em todo o referente à música setecentista.

Ao Doutor Daniel Pires, à Marquesa de Ficalho, ao Senhor Alves de Azevedo, a Cristina Loureiro e a Rosario Mascato pelo envio de informações.

Por último, no plano estritamente pessoal, a Manuel Bello e Dina Vázquez, por acreditarem em que o objectivo merecia o esforço, e pelo seu exemplo; a Xavier Bello, meu irmão e meu amigo, referente e modelo em tantas coisas; e a João Carlos Miranda, ilustrado 'honoris causa', companheiro paciente neste longo percurso que começámos juntos, por todo o que está por chegar.

Introdução

Desde 1998 a nossa pesquisa tem estado focada para a figura de Teresa de Mello Breyner, Condessa de Vimieiro, no quadro dum projecto de investigação mais alargado, que se desenvolve sob a orientação do Professor Doutor Elias J. Torres Feijó dentro do Grupo de Investigação GALABRA, e que visa o estudo do papel desenvolvido pelas mulheres ilustradas em Portugal na segunda metade do século XVIII, atendendo, particularmente, à sua função como introdutoras de repertórios¹ no sistema cultural português, e à relação destes com a sua origem social e os seus interesses de grupo.

O nosso objectivo é conhecer as actividades desenvolvidas por estas mulheres, quais as vias de difusão dos seus textos, as suas redes de relacionamento e as suas estratégias de actuação tanto no campo da cultura como, em certos casos, no campo do poder; não por um afã completista em relação com o estudo das mulheres produtoras, mas porque a sua importância, tanto no âmbito da produção como da mediação dentro dos campos intelectual e do poder do último terço do século XVIII, é, à luz da documentação, inegável.

Neste caso, como em outros, concordamos com a opinião de Itamar Even-Zohar (1999, p. 28) que afirma que

abogar por la inclusión o la exclusión en el sistema de ciertos elementos no es algo que competa al análisis sistémico de un conjunto concreto de fenómenos; afecta más bien al mayor o menor "éxito" que puede alcanzar un procedimiento frente a otro desde el punto de vista de la suficiencia teórica.

Começámos esta investigação com um Trabalho de Investigação Tutelado, que fazia parte dos Cursos de Doutoramento do Programa de Filologia Galega desta Faculdade, e, posteriormente, redigimos a nossa Tese de Licenciatura focando particularmente o estudo da tragédia *Osmía*, publicada pela Condessa de Vimieiro em 1788 e premiada pela Academia das Ciências de Lisboa (ACL)². Depois da defesa deste trabalho, a nossa intenção de estender o campo de investigação a outras mulheres produtoras do último terço do século XVIII viu-se alterada pela localização no Instituto dos Arquivos Nacionais-Torre do Tombo (IAN-TT) dum conjunto de cartas dirigidas

¹ Este conceito é definido por Itamar Even-Zohar (1990: 39) como «the aggregate of rules and materials which govern both the making and use of any given product».

² Este trabalho recebeu o prémio Carvalho Calero de Investigação no ano 2004 e encontra-se actualmente no prelo.

por Teresa de Mello Breyner, fundamentalmente, à sua amiga Leonor de Almeida³ (embora existam também algumas dirigidas a Maria de Almeida e à Marquesa de Alorna). Esta documentação oferecia informações de primeira mão sobre a trajetória⁴ social e intelectual, as redes de relacionamento e as estratégias de atuação da Condessa de Vimieiro, para além de mostrar a penetração das ideias ilustradas em Portugal, pelo menos dentro dum determinado grupo social -a primeira nobreza. Estas cartas convertêrom-se na nossa principal fonte de informação a respeito da biografia, das actividades públicas e privadas, e da ideologia de Teresa de Mello Breyner, e vinhérom compensar a ausência de estudos sobre esta produtora, e a pouca qualidade, em geral, das informações recolhidas na bibliografia existente⁵. Estas cartas não só oferecem informações sobre a Condessa de Vimieiro e o seu círculo, mas também sobre a política coeva, sobre os posicionamentos de determinados grupos em relação com o Marquês de Pombal e D. Maria I, sobre os modos de relacionamento entre elementos da nobreza e destes com alguns grupos da burguesia ascendente, sobre a evolução de usos e costumes da nobreza portuguesa em função da assimilação de repertórios ilustrados e sentimentais, etc.

Pelo que sabemos até agora, Teresa Josefa de Mello Breyner, conhecida também com o pseudónimo de Tirse⁶, nasceu em 1739 dentro da família formada pelo Senhor de Ficalho e D. Isabel Josefa de Breyner, dama da Rainha Mariana Vitória de Bourbon, e filha, à sua vez, de D. Barbara de Breüner, austríaca e também dama da Rainha Maria Ana de Áustria, esposa de D. João V.

³ Ao longo do trabalho referiremo-nos à conhecida Marquesa de Alorna ou bem pelo seu nome, Leonor de Almeida, pelo seu título de casada, Condessa de Oyenhausen, ou pelo seu pseudónimo mais popular -Alcipe. Optamos por estas denominações frente à mais habitual porque som as duas com que é conhecida durante o período que abrange a nossa investigação, e, também, para evitar possíveis confusões, porque nas cartas de Teresa de Mello Breyner e em geral na documentação coeva, a única Marquesa de Alorna é Leonor de Lorena e Távora, esposa do 2º Marquês de Alorna, João de Almeida, e mãe de Leonor de Almeida.

⁴ A *trajetória* é definida por Pierre Bourdieu (1994: 78-79) como «la série des positions successivement occupées par le même écrivain dans les états successifs du champ littéraire, étant entendu que c'est seulement dans la structure d'un champ, c'est-à-dire, une fois encore, relationnellement, que se définit le sens de ces positions successives».

⁵ De facto, e este aspecto será tratado com algum pormenor, não é raro encontrar mal citado o título da Condessa, substituindo a forma correcta Vimieiro por Vimioso.

⁶ Em lugar da grafia habitual *Tirce* escolhemos esta variante porque nos parece a mais ajustada. Seguindo as indicações da Doutora Vanda Anastácio, verificámos que, com toda probabilidade, a origem deste pseudónimo se encontra no pastor Tirsis, personagem de Virgílio, ou Tirsi da *Arcadia* Sannazaro. Este mesmo nome aparece em composições de Handel -*Clori, Tirsi e Fileno*- e Monteverdi -*Tirsi e Clori*. A variante *Tirse* encontramos-la em Francisco Álvarez de Velasco y Zorrilla (1647-1704) como a pastora amada ("Endechas" em *Antología de la poesía colombiana*, tomo I, de Fernando Cherry Lera, Biblioteca Familiar Colombiana, Presidencia de la República), como personagem de *Manon Lescaut* de Puccini -"L'ora, o Tirse"- e como pseudónimo arcádico de Teotónio Gomes de Carvalho.

A futura Condessa de Vimieiro, recebeu uma formação privilegiada no interior da casa de seus pais, incluindo o estudo do latim desde os oito anos, e as experimentações num gabinete científico próprio. O facto de usufruir de uma educação mui por cima da média das mulheres portuguesas da primeira nobreza e mesmo superior à de muitos homens desta mesma classe social, coloca a possibilidade da existência dumha certa tradição, em determinadas casas nobres, de formação dos seus membros, incluídas as mulheres (ou particularmente as mulheres). Poderíamos fazer nascer esta tradição (no caso de Mello Breyner) na Áustria natal da sua avó, mas a existência doutras mulheres ilustradas que partilham esta mesma formação científica e humanística faz com que seja possível que esta tradição existisse já em Portugal desde o século anterior, ou que não se tivesse truncado nunca a linha com as mulheres quinhentistas e até medievais. A coincidência de duas “Távoras” (Mello Breyner e Leonor de Almeida) e as particularidades desta família fazem-nos pensar que esta poderia ser uma das casas que tradicionalmente se orgulhou de possuir mulheres de amplo capital cultural. Falamos de “orgulho” porque tanto uma como outra se percebem a si mesmas como diferentes e superiores da generalidade das mulheres nobres portuguesas, ao que há que acrescentar informações –que serão examinadas ao longo deste trabalho– de determinadas pessoas que conviveram com elas e que parecem confirmar esta opinião.

Temos pouquíssimas informações sobre os anos de formação de Mello Breyner. Apenas algumas indicações dispersas pelas cartas em que afirma ter sido orientada nos seus estudos por Francisco José Freire, tradutor de Horácio para português e conhecido na Arcádia Lusitana com o pseudónimo Cândido Lusitano.

Em 1765, casa com D. Sancho de Faro e Sousa, Conde de Vimieiro, seu primo, com quem desenha um projecto vital que coloca como prioridade a intervenção social. Não podemos descartar como motivo para esta aliança a coincidência ideológica das famílias –em realidade *da família*, porque os dois são Menezes Breyner. A actividade do Conde como comendador do Vimieiro caracteriza-se pelo seu alto grau de intervenção na vida política, social, económica..., o que, como veremos, não era habitual na nobreza da altura.

Durante os anos de governo de D. José I e do consulado pombalino, constatamos uma maior presença do casal no Vimieiro e na praça militar de Estremoz, o que implica, praticamente, o abandono da Corte⁷, evidenciando a sua queda em desgraça em

⁷ A importância da saída da corte radica em que, como diz Norbert Elias (1969: 11) «la cour revêtait, dans la plupart des pays européens, au XVII^e et au XVIII^e siècle, un caractère représentatif et central. A cette

relaçom com o grupo que ocupa o poder entre 1750 e 1777 e o recíproco descontento dos Vimieiro com este governo. Esta situaçom tem a sua origem, provavelmente, tanto na sua relaçom familiar e afectiva com a família Távora, como com a posiçom das casas de Vimieiro e Ficalho em relaçom com as mudanças introduzidas por Pombal em relaçom com a distribuiçom de poder e dinheiro entre as casas nobres, capítulo este que trataremos com especial atençom nas próximas páginas.

As intervençoms da Condessa no sistema estám condicionadas pola existência dum programa de açom baseado num racionalismo ilustrado utilitarista, de promoçom do conhecimento e da qualidade de vida, mas marcadamente elitista, defendendo os privilégios da nobreza e considerando estas açoms como património e dever da aristocracia.

Como órgao privilegiado para o desenvolvimento deste programa de açom, o grupo que rodeia Teresa de Mello Breyner e o seu marido, entre os quais o Duque de Lafões, pom em funcionamento a Academia das Ciências de Lisboa, que pretende ser o lugar em que se proponham os projectos (científicos, económicos, de infraestruturas...) que devem ser apoiados polo governo de D. Maria I. Quando isto nom é possível intervem no campo económico para lograr a acumulaçom de capital necessário para condicionar as decisoms do governo, quando nom a substituiçom, em algumas esferas, dum estado tam pouco definido nos seus cometidos como o do século XVIII.

As intervençoms de Teresa de Mello Breyner no campo literário estám directamente vinculadas com este programa de actuaçom, e só podem ser entendidas como dependentes dum projecto mais amplo que tem a cultura, e dentro desta a literatura, como um dos seus aspectos, nem sempre o mais relevante ou prioritário. Estas intervençoms no campo literário, polo que sabemos até agora, som, por via da impressom e publicaçom, a traduçom *Idéa de hum elogio historico de Maria Teresa Archidukeza de Austria* (1781) e *Osmia* (1788), para além de toda umha série de poemas, a maioria de circunstâncias mas, em algum caso, político, que circulárom manuscritos. No caso dos dous textos impressos, encontramos umha ideia claramente definida e definitiva das tomadas de posiçom da sua autora: a elaboraçom dum programa de actuaçom para umha Rainha pouco formada para o cargo e questionada na sua legitimidade e capacidade.

O grupo de ilustrados portugueses em que Teresa de Mello Breyner se integra, mantém relaçoms com outros grupos de ideologia semelhante fora de Portugal. Até onde

époque, ce n'était pas la ville qui rayonnait sur tout le pays, mas la "cour" et la "société de cour"».

temos podido verificar, estas relações são especialmente estreitas com um grupo vienense. Segundo as nossas pesquisas, este grupo é aquele em que se integrou (ou que se formou arredor de) D. João Carlos de Bragança, 2.º duque de Lafões, durante a sua estadia na Corte de Maria Teresa, e com o qual continuou a relacionar-se epistolarmente depois do seu regresso a Portugal em 1779. Um ano depois Leonor de Almeida, Condessa de Oyenhausen, e, posteriormente, Marquesa de Alorna, radica-se em Viena, integrando-se neste mesmo grupo. Através dela, e da sua correspondência com Teresa de Mello Breyner, estreitam-se os laços e veicula-se a circulação de repertórios (políticos, culturais, comportamentais...) entre Lisboa e Viena.

É por meio do relacionamento entre estes grupos que se introduzem em Portugal repertórios procedentes da Áustria e da Itália (através de figuras italianas residentes em Viena como Metastasio), que aparecem como modelos fundamentais para a Ilustração portuguesa, provavelmente por cima dos franceses: a Ilustração francesa é basicamente burguesa (Montesquieu, Voltaire, Rousseau...) enquanto este grupo de ilustrados portugueses pertence à “primeira nobreza”, o que o coloca, evidentemente, na linha do despotismo esclarecido das cortes russa, prussiana e, sobretudo, austríaca. Os modelos tirados da França são particularmente os da literatura moral do século XVII (por exemplo, Madame de Sévigné).

Nos apêndices incluímos a transcrição completa da correspondência localizada de Teresa de Mello Breyner, tanto a que se encontra no Instituto dos Arquivos Nacionais-Torre do Tombo, como a conservada na Biblioteca Pública de Évora. Optamos para isto pela transcrição paleográfica com a intenção de sermos o mais fiéis possível ao original, reduzindo ao máximo a nossa intervenção nos textos e reservando, na medida do possível, a sua interpretação para o lugar oportuno, que é o nosso texto. Para além disto, o próprio estado de conservação em que se encontra esta documentação na actualidade aconselhava esta opção, já que a sua leitura vai sendo progressivamente mais difícil, com novas lacunas que aparecem no intervalo de uns poucos meses, o que fará com que algumas cartas sejam ilegíveis dentro de não muitos anos.

Pareceu-nos oportuno incluir também o *Catálogo da biblioteca do Conde de Vimieiro*, porque entendemos que contribui para oferecer uma imagem mais completa tanto da Condessa como do próprio Conde. Apesar de não podermos reduzir as suas

leituras exclusivamente aos livros que aparecem no *Catálogo*, porque sabemos que o Conde dispunha de licença, posterior à data deste, para ler livros proibidos, nem afirmar que leu todos os nele incluídos, a confrontação do *Catálogo* com as citações e referências a produtores ou textos que frequentemente aparecem na correspondência de Mello Breyner, poderá ajudar para identificar aqueles cuja maior presença faz com que podemos considerá-los como “canónicos” para o grupo que rodeia os Condes, e ainda confrontar estes com aqueles que têm na altura uma maior difusão em Portugal.

Da mesma maneira, oferecemos neste trabalho toda a poesia de Teresa de Mello Breyner localizada até o momento, assim como as duas obras que temos identificado como publicadas pela Condessa: *Osmia* e *Idéa de hum elogio historico de Maria Theresa Archidukeza de Austria*.

Nas transcrições de manuscritos, achámos conveniente colocar notas de rodapé, nuns casos para apontar para lacunas ou dificuldades de leitura, noutros para esclarecer os referentes: pessoas, factos históricos, relações, cronologias, etc. no caso das cartas, e títulos completos, nomes de autores, edições, possíveis traduções para português... no caso do *Catálogo*.

Parte I. Questões metodológicas e estado actual do conhecimento

Neste capítulo exporemos algumas das nossas ferramentas metodológicas e justificaremos as nossas escolhas conceptuais. Igualmente, faremos um percurso pelas presenças da Teresa de Mello Breyner da historiografia literária, tentando analisar a posição e função que lhe é destinada nesta, e analisando como, no processo de construção do saber, o lugar reservado para esta agente do campo, para as mulheres de maneira geral e para as produções setecentistas é progressivamente reduzido e distorcido em relação com as suas posições reais no sistema intelectual português da segunda metade do século XVIII.

1.1. Objecto de estudo e objectivos

Com este trabalho pretendemos contribuir para entender e esclarecer os mecanismos de funcionamento dos repertórios ilustrados em Portugal, quais são os grupos responsáveis pela sua introdução, os sectores sociais que atinge e as lutas políticas e estéticas originais. Para isto, parece-nos fundamental o estudo da produção e das tomadas de posição da Condessa de Vimieiro, em qualidade de agente do campo intelectual e do campo do poder, nuns casos como produtora e noutros como mediadora.

Entendemos que, nas suas intervenções no(s) campo(s), a Condessa representa os interesses dum determinado grupo, formado, fundamentalmente (embora não exclusivamente), por elementos da primeira nobreza portuguesa, que adere, por diversos motivos que serão analisados ao longo do trabalho, a um ideário ilustrado racionalista, elitista, monárquico e focado para a intervenção social. Este grupo pode ser pequeno em número, mas parece claro que numa dada altura (os primeiros anos do reinado de D. Maria I) tem uma grande capacidade para criar instituições ou intervir nas acções das já existentes, e exemplo disto seria a criação da Academia das Ciências de Lisboa em 1779, que parece orientada para alicerçar ideologicamente o reinado de D.

Maria e para dotar de conteúdos sociais o seu governo propondo, como foi dito acima, projectos que depois deveriam ser desenvolvidos pelo gabinete da Rainha.

O contraste desta visom com a posterior recriação feita pela historiografia, que tanto no que tem a ver como campo literário como com o campo do poder apaga o papel desenvolvido por mulheres e mediadoras ou mediadores, parece-nos útil para evidenciar os processos polos quais se constroem as diferentes imagens do escritor e da escritora, mas também as do Rei e da Rainha, e como determinados preconceitos som aceites na tradição dos estudos literários e historiográficos sem as prévias e necessárias revisom crítica e verificação documental.

Neste sentido, parece-nos que a perspectiva correcta para enfrentar-se ao estudo e reconstrução dum dado momento do campo literário é a que tem o seu ponto de partida na própria época estudada, evitando a colocação de determinadas premissas ideológicas cujos alicerces ou justificações se procurem legitimar em épocas passadas, como sucede neste caso com o triunfo do liberalismo ou da burguesia no campo do poder ou do Romantismo no campo literário, seguindo neste ponto o dito por Torres Feijó (2004_d: 420-421) quando fala do «estudo das dinâmicas literárias»:

a primeira linha, a do estudo da construção e dinâmica dos campos literários) (também tomando em consideração a própria ideia de literatura em cada momento) conduz, da perspectiva sociológica em que quero situar-me, a analisar as regras que os regem, os repertórios em jogo e as posições e funções dos diferentes agentes em causa, todo tendo em conta as suas interrelações com outros campos, nomeadamente os que podemos definir, alargadament, como culturais, e, necessariamente, com o campo do poder.

A perspectiva histórica, no entanto, parece-nos necessária para conhecer como os diferentes repertórios propostos e defendidos por determinados grupos numha dada altura podem acabar sendo sucedidos mesmo quando os grupos que os defendem resultam derrotados.

Sem ser este o âmbito concreto da nossa pesquisa, entendemos que é interessante reflectir sobre o processo histórico polo qual tanto a Rainha D. Maria como o grupo que a apoiava fôrom sendo progressivamente afastados do centro do sistema ao longo da segunda metade da década de 80 e dos primeiros anos da década de 90 —época durante a qual se produz, da mão do regente e futuro D. João VI- umha substituição no topo da hierarquia social- sem que isso impedisse que muitas das ideias sociais e políticas daqueles que apoiavam D. Maria I acabassem integrando o programa liberal que triunfou em Portugal a partir da década de 30 do século XIX. Referimo-nos aqui a

determinadas ideias consolidadas no século XIX como a educação pública, a criação de sistemas sanitários, a beneficência, o empenhamento dos estados na construção de infraestruturas, etc., que parecem derivadas da preocupação ilustrada pela qualidade de vida, a felicidade e a extensão de determinados benefícios sociais.

Quanto ao estudo particular da trajetória, as redes e as estratégias de intervenção da Condessa de Vimieiro, os nossos objectivos orientam-se em duas direcções:

- o estudo da sua posição e da sua função nos campos intelectual e do poder em quanto membro da primeira nobreza,
- e o estudo da sua posição e da sua função em relação com as possibilidades reais de uma mulher (nobre, evidentemente) em Portugal no último quartel do século XVIII, no quadro da fabricação e da promoção de ideias ilustradas em Portugal.

Com a intenção de esclarecer estes dois pontos, estudaremos as produções publicadas e inéditas da Condessa, a sua correspondência e as suas intervenções, procurando a superação de tópicos em relação com a posição das mulheres nos campos intelectual e do poder. Veremos que não apenas as tomadas de posição de Mello Breyner, mas as de boa parte do seu grupo, vão estar marcadas por uma escassa visibilidade pública (talvez mais aparente do que real) que não deve ser interpretada como simples recurso à modéstia, tradicionalmente construída como feminina, ou como falta de ambição de transcendência social. Bem ao contrário, a “ambição de glória”⁸, de maneira individual, colectiva para a sua casa, para o seu grupo e, até, para a sua classe, será vista como legítima pela Condessa sem que isto se traduza, necessariamente, na publicação de textos ou no reconhecimento público da autoria daqueles que são dados ao prelo, e guiará, como veremos ao longo deste trabalho, as suas tomadas de posição, convertendo-se na melhor definição das suas estratégias de intervenção.

Em **conclusão**, a nossa tese pretende mostrar uma imagem o mais veraz possível dos campos intelectual e do poder em Portugal no último terço do século XVIII, e conhecer com toda a exactidão possível a posição e a função ocupadas pela

⁸ Tiramos esta frase da carta «Lisboa 19 d'Agosto de 1783», na qual di Mello Breyner: «não te admiras de que eu dezeje que no coração de meu sobrinho se nutra uma certa ambição de glória sem a qual jamais se fará coisa gr.^{de} a qual ambição condena as gentes mal entedidas como soberba e eu chamo elevação d'alma capaz de nos levar a D.^s».

Condessa de Vimieiro, polo seu grupo, pola sua casa e pola sua classe social em cada um deles, num momento em que ambos estão a mudar de maneira radical. No primeiro, redefinindo-se as fronteiras genéricas e as funções, por exemplo, da literatura; no segundo, produzindo-se uma imparável substituição das camadas dirigentes, o que faz com que a análise das estratégias utilizadas por elementos da primeira nobreza por conservar os seus privilégios, seja especialmente interessante.

Com o mencionado objectivo de veracidade, priorizámos, sempre que possível, a consulta da documentação por cima da bibliografia existente, já que temos comprovado em trabalhos anteriores que as tradições historiográfica e literária podem provocar distorções importantes na focagem do objecto de estudo. Por este motivo, e em relação com o dito acima sobre a necessidade de colocar-se metodologicamente na perspectiva coeva do objecto de estudo, também prescindimos de verbetes habituais da historiografia literária como *neoclassicismo* ou *pré-romantismo* para referir-nos à produção literária e artística ilustrada, utilizando bem exclusivamente, bem prioritariamente, segundo os casos, conceitos da altura como *Ilustrados* -e o seu derivado *Ilustração*-, *Luzes* ou *Século das Luzes*, e, quando isto não for possível, submetendo os verbetes modernos à preceptiva definição e formulação inequívoca.

1.2. Instrumentos metodológicos

A nossa intenção não é fazer aqui uma exposição mais ou menos pormenorizada das bases teóricas da metodologia utilizada, porque, a estas alturas, as teorias sistémicas e sociológicas da literatura, alicerçadas fundamentalmente nas investigações do professor israeli Itamar Even-Zohar e do sociólogo francês Pierre Bourdieu, têm sido suficientemente divulgadas como para fazer necessária uma exposição deste tipo, mas entendemos que é imprescindível explicitar as nossas fontes metodológicas, que, para além das citadas, contam também com contributos fundamentais de Norbert Elias, e de diferentes reelaborações destas teorias feitas em trabalhos prévios por membros do nosso grupo de investigação, particularmente do director do mesmo e orientador desta tese, o professor Elias J. Torres Feijó.

Neste capítulo, o que pretendemos é apresentar uma série de dificuldades que encontramos ao longo do nosso trabalho de pesquisa e análise, acompanhando esta exposição com as soluções teóricas que nos têm parecido mais adequadas para resolvê-las, contando com a ajuda da metodologia escolhida.

1.2.1. Problemas

Os problemas fundamentais com que nos temos encontrado para a realização do nosso trabalho têm a ver fundamentalmente com o estado do corpus e problemas relativos à quantidade e qualidade da bibliografia existente assim como da documentação secundária. Outras dificuldades como aquelas que têm a ver com questões terminológicas e conceptuais, particularmente no que tem a ver com as definições dos conceitos mais básicos para um trabalho como o nosso serão abordadas na seguinte epígrafe.

I.2.1.1. Corpus: dificuldades

Como já apontamos acima, uma das maiores dificuldades para a realização deste trabalho foi a pouca fiabilidade que nos oferecia a bibliografia existente, particularmente no que tinha a ver com a biografia e as intervenções no campo de Teresa de Mello Breyner, mas em determinados casos também no relativo às actividades e intervenções de outras mulheres participantes no campo ou mesmo à análise do período histórico em foco e das diferentes posições e funções de determinadas individualidades ou grupos políticos envolvidos na luta pelo poder.

Este será um assunto que tratemos com mais vagar no estado da questão, mas é importante pôr em destaque já desde o começo o facto de que a análise que tradicionalmente se tem feito dos reinados de D. José e D. Maria tem estado, em certos casos, mais orientada pela própria ideologia e biografia dos historiadores que pela constatação empírica dos factos através da documentação conservada⁹, ademais de por uma série de ideias poucas vezes formuladas ou discutidas, como podem ser a importância da presença francesa em Portugal, a «Viradeira» conservadora de D. Maria ou a relação Ilustração-Burguesia-Revolução Francesa frente a Viradeira-Aristocracia-Poder Eclesiástico, ao lado de outras como a consideração da produção literária setecentista como de «baixa qualidade», mimética respeito dos moldes clássicos ou frívola e “carente de personalidade”, ou da produção literária feita por mulheres e/ou aristocratas como um simples passatempo fidalgo.

Muito embora, nos últimos anos tenham-se publicado trabalhos procedentes, maioritariamente, do campo das ciências sociais baseados no levantamento de documentação relativa às elites do campo do poder na segunda metade do século XVIII em muitos casos focados para a análise do âmbito do poder local¹⁰, mas noutros visando

⁹ Assim sucede, por exemplo, em Caetano Beirão, Veríssimo Serrão ou Augusto França.

¹⁰ *O município no mundo português*; Funchal, 1998; Rogério Borralheiro [s.d.]: *A câmara de Miranda no século XVIII. Singularidades de uma composição*, sep. *Dos Cadernos de Estudos Municipais*, Braga, n.º 10; José Viriato Capela (1998, coord.): *O município português na história, na cultura e no desenvolvimento regional*, Braga, e (2000): *Vila Nova da Cerveira. Elites, poder e governo Municipal (1753-1834)*, Braga; Paulo J. Da Silva Fernandes (1999): *Elites e finanças municipais em Montemor-o-Novo do Antigo Regime à regeneração*, Montemor-o-Novo; Teresa Fonseca (1998): *Administração senhorial e relações de poder no cocalho do Vimieiro*, Arraiolos; José da Silva Marinho (2000): *Construção d'un gouvernement municipal. Élités, élections et pouvoir entre absolutisme et libéralisme (1753-1834)*, Braga; Glória S. Paula (2001): *Lagos (1745-1792). Dinâmicas económicas e elites de poder*, Lisboa; Nuno G. Monteiro (1996, coord. e apresentação), «As elites municipais na história contemporânea portuguesa (séculos XIX-XX)» in *Estudos Autárquicos* n.ºs 6 e 7; José Subtil e Ana Teixeira Gaspar (1998): *A Câmara de Viana nos Finais do Antigo Regime (1750-1834)*, 2

o estudo dos mecanismos de funcionamento da Corte lisboeta, que é o principal (embora não exclusivo) âmbito de actuação de Teresa de Mello Breyner e do seu grupo. Referimo-nos, particularmente, aos trabalhos de Nuno Monteiro (*O crepúsculo dos grandes e Elites e poder*) que têm sido de imensa ajuda para compreender os processos pelos quais determinadas casas como as dos Lafões, dos Alornas ou a dos próprios Vimieiros sofrem o ostracismo durante o período Josefino, regressam à Corte e alcançam novas cotas de poder na primeira década de governo de D. Maria I, para cair novamente em desgraça na década seguinte. Estes trabalhos também têm sido úteis para compreender muitas das estratégias que podemos adivinhar através da correspondência, e, em geral, para iluminar muitos dos ângulos obscuros da historiografia portuguesa referida ao período em foco. É precisamente aqui onde o nosso trabalho de reconstrução passa nalguns momentos das teses para as hipóteses, porque as diferentes fontes de informação de que dispomos (correspondência, jornais, diários e testemunhos de viajantes estrangeiros...) são muitas vezes contraditórias entre si e ainda mais contraditórias se as confrontarmos com a visão *tradicional* ou *oficial* sobre as cortes josefina e mariana.

Ao lado disto, a documentação conservada nos arquivos e bibliotecas encontra-se dispersa, incompleta e, em muitos casos, em péssimo estado de conservação. Até o de agora temos localizado documentos relativos aos Condes de Vimieiro na Torre do Tombo, na Biblioteca Nacional de Lisboa, na Biblioteca Pública de Évora e na Biblioteca Pública de Arraiolos. A morte sem descendentes tanto dos quartos Condes de Vimieiro, como dos seus herdeiros (os quintos condes) provocou possivelmente a disgregação do seu espólio e a ruína dalgumas das suas posses, como o Palácio de Vimieiro e dos seus jardins, que se encontram hoje num estado de completo abandono. O mesmo sucedeu com a sua biblioteca, parte dos manuscritos, o gabinete científico, pinturas, etc.

A documentação hoje conservada é aquela que se encontra noutros espólios como os da Casa da Fronteira e Alorna ou de Frei Manuel do Cenáculo, ou documentação oficial como a que podemos encontrar em Arraiolos, relacionada com a actividade do Conde de Vimieiro como donatário desta vila, ou na Biblioteca Nacional, relativa à actividade de Corte do Conde.

Por indicações presentes nos dois epistolários parcialmente conservados sabemos que a Condessa mantinha correspondência com muitas outras pessoas tanto em

vols., Viana. Todos eles citados por Nuno G. F. Monteiro (2003: 38-39).

Portugal como no estrangeiro, mas esta, se é que se conserva em algum lugar, ainda não foi localizada, o que nos impede de fazer uma reconstrução completa das redes de relacionamentos de Mello Breyner, e das actividades tanto públicas como privadas dos membros do seu círculo.

Da Condessa do Vimieiro conservam-se perto de 350 cartas divididas em dois conjuntos documentais conservados na Biblioteca Pública de Évora e na Torre do Tombo. O primeiro está constituído por 6 cartas dirigidas pela Condessa do Vimieiro a Manuel do Cenáculo¹¹, 3 cartas do Conde do Vimieiro ao mesmo padre, uma carta desta à Condessa, uma carta de Mello Breyner a um seu irmão e uma ode composta por ela intitulada «Desafogo da Saudade». O segundo, muito mais numeroso, faz parte do Núcleo da Casa Fronteira-Alorna conservado no Instituto dos Arquivos Nacionais-Torre do Tombo, concretamente no conjunto de documentação da 4.ª Marquesa de Alorna e sob a epígrafe «Correspondência dirigida à Condessa por D. Teresa de Melo Breyner “Tirce”»¹². Trata-se de três pastas identificadas com as cotas números 222, 223 e 224 que contêm, respectivamente, 108, 132 e 94 documentos, na sua maioria cartas dirigidas pela Condessa à Marquesa de Alorna, às suas filhas Maria¹³ e Leonor e a M.^ª de Thun¹⁴, embora na última pasta se encontrem também algumas composições poéticas de Tirse.

¹¹ Foi no tempo de Pombal Presidente da Junta de Providência Literária, da Real Mesa Censória e da Junta do Subsídio Literário, e desde 1770 bispo de Beja. Manteve uma relação epistolar com a Condessa, que, à luz da correspondência conservada na Biblioteca Pública de Évora, parece ter-se intensificado a partir da entrada de Mello Breyner no Convento de Santos (1794). Compartilhava com ela a preocupação pela pedagogia e a difusão do conhecimento, que se traduziu, por exemplo, na criação da Biblioteca Pública de Évora e da Biblioteca do Convento de Jesus em Lisboa, núcleo da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, instituição em que entrou da mão da sua amiga Mello Breyner.

¹² No entanto, na pasta catalogada com a cota número 177, que recolhe cartas escritas por Leonor de Almeida, a epígrafe indica «Cartas aos filhos, a D. Teresa Vimioso».

¹³ Conhecida depois do seu casamento como Condessa da Ribeira.

¹⁴ Condessa Maria Wilhelmine de Thun (Viena, 1744-1800), casada com o Conde de Thun Franz de Paula Johann Joseph. Uma das amigas mais íntimas do círculo vienense de Leonor de Almeida, entrou, através dela, em correspondência com Teresa de Melo Breyner. Era uma das animadoras da vida cultural da capital austríaca: «A typical evening at Countess Thun's might find Mozart's friend from Mannheim, Baron von Gemmingen, reciting from Lessing's play Nathan the Wise for Karl Lichnowsky, Joseph Sonnenfels, and Ignaz von Born. Sometimes the Chancellor, Prince Kaunitz, or even Emperor Joseph himself would attend. Georg Forster was another participant: the man who popularized the image of Benjamin Franklin for Europeans as the inventor who could bring "divine sparks" Götterfunken under control. Forster wrote the Countess: "Everything I experienced there now seems like a wonderful dream. Is it really true that I lived there among human beings--the kind of human beings about whom Nathan [the Wise] says it is enough for them to be human". The Countess Thun proved instrumental in arranging for the young talent, Ludwig van Beethoven, to come to Vienna in 1787 and meet with Mozart. Two of her sons-in-law, Prince Lichnowsky (the one from the Sunday seminar series), and Count Razumovsky, later became major supporters of the adult Beethoven» http://www.schillerinstitute.org/fid_91-96/fid_924_shavin.html (28/11/03).

A documentação, datada entre 1770 e 1795¹⁵, encontra-se em mui diferentes estados de conservação, o que nalguns casos dificulta a sua leitura. Nem todas as cartas estão datadas, mas a separação entre as dirigidas a Chelas e as posteriores é *relativamente* fácil: as primeiras costumam conter referências tanto a Leonor de Almeida como à sua mãe e à sua irmã, para além de serem frequentes as alusões ao próprio convento. Quando estas referências não forem suficientes recorreremos às diferenças no tratamento dado por Mello Breyner a Leonor de Almeida, que passa de “Lília” a “Condessa” ou “Oeyenhausen” depois do casamento desta. Este critério, embora seja objectivo, apresenta um problema: o intervalo entre a saída de Chelas de Leonor de Almeida e a data do seu matrimónio com Charles de Oeyenhausen em 1779. Em qualquer caso, dada a evolução da correspondência, parece-nos que a maior parte das cartas sem data deste período pertencem aos anos 1775 e 1776, intervalo com mui poucas cartas datadas, e que o conjunto dos textos redigidos entre 1777 e 1779 deve de ser reduzido.

Por outro lado, sempre que foi possível, datamos as cartas que originalmente não tinham data expressa em função não só de menções a dados verificáveis, tal como determinados factos históricos, mortes de pessoas, nomeações para empregos, etc, mas também da cronologia relativa referida à progressão de determinados acontecimentos que são referidos ao longo de várias cartas. Servimo-nos ainda, quando isto foi possível, das cartas escritas por Leonor de Almeida a Teresa de Mello Breyner, algumas delas datadas e fazendo referência explícita às cartas da sua amiga¹⁶.

O epistolário da Condessa de Vimieiro, dentro das pastas referidas, não tem nenhum tipo de ordenação, e o seu estado de conservação varia de uns textos para outros em função do tipo de papel sobre o que estão escritas ou a classe de tinta utilizada, mas também da integridade dos documentos, que nalguns casos não resistiram à passagem do tempo, para além das condições de conservação, que nem sempre foram as melhores. Encontramos, assim, papéis rotos ou deteriorados nos extremos, o que provoca a existência de lacunas às vezes importantes.

Noutra ordem de coisas, devemos referir que nem sempre foi possível utilizar todas as notícias contidas nestas cartas, porque, em determinados casos, a falta de referentes impediu perceber algumas delas até o último extremo: não conseguimos

¹⁵ Para ver a disposição das cartas nestas pastas e contrastá-la com a ordem cronológica proposta por nós, remetemos para os respectivos índices.

¹⁶ Neste ponto queremos agradecer a disponibilidade e generosidade de Teresa Almeida e Vanda Anastácio, que transcreveram estas cartas e as facilitaram para a sua consulta.

identificar nem todos os nomes nem todos os factos referidos, ao que devemos acrescentar os problemas ocasionados pola censura das cartas e a sua relativa dimensom pública, o que coloca a possibilidade, apontada pola própria Condessa num trecho, da utilização de um discurso ambíguo ou directamente codificado, o que nos obrigou a ser prudentes à hora de tratarmos as informações recolhidas.

O trabalho de transcrição e ordenação das cartas e a posterior edição das mesmas, ao lado da identificação das diferentes pessoas que som referidas nelas está ainda incompleto, mais dentro do princípio geral de apresentar o nosso como um «trabalho em curso» parece-nos importante fazer nesta altura certas reflexons sobre algumas **hipóteses de trabalho** que iremos desenvolvendo no tratamento desta correspondência, e, particularmente, apresentar algumas informações que consideramos devem **redefinir o lugar atribuído a Teresa de Mello Breyner no âmbito dos estudos sobre o século XVIII português**, e contribuir para deitar umha nova luz sobre a análise deste período, do papel desempenhado nel polas mulheres portuguesas, e da valorização dos produtos literários produzidos em Portugal na segunda metade do século.

Para além disto, a reconstrução também se vê obstaculizada polas dificuldades de leitura que origina, nalguns casos, o mau estado da documentação com papéis rasgados ou estropiados, tinta trespasada, ordenação incorrecta das cartas ou arquivo sob um nome enganado.

Também nom ajuda a localizar as fontes documentais necessárias para a realização dum trabalho deste tipo o estado do arquivo da Academia das Ciências de Lisboa, que foi sofrendo sucessivas agressons e mutilaçons com cada mudança de local, e que ainda hoje nom se encontra completamente catalogado, particularmente aquela documentação que tem a ver com os primeiros anos de funcionamento da Academia e a correspondência entre os sócios fundadores. Neste sentido, temos de agradecer a disponibilidade desta instituição -na pessoa do director a sua Biblioteca, o Doutor Pina Martins- que, apesar dos problemas mencionados, abriu parte dos seus arquivos para facilitar a nossa pesquisa.

I.2.1.2. Bibliografia e fontes secundárias: dificuldades

Estes problemas que afectam os textos que constituem o corpus do nosso trabalho e à documentação primária, estendem-se também à documentação secundária. O levantamento dos textos relativamente a este período é ainda precário, porque nem se tem publicado conjuntos importantes de documentação sobre o governo de Pombal ou sobre D. Maria I, igual que sucede com determinadas figuras dos campos intelectual e do poder, constantemente citados mas só parcialmente estudados como podem ser o Duque de Lafões, o Abade Correia Correia da Serra, Dalabella, o Visconde de Barbacena e até a Marquesa de Alorna.

Contar com um quadro metodológico bem definido e rigorosamente formulado tem sido mui útil para compensar a falta de informações ou a pouca qualidade de algumas delas, achegando-nos alicerces sólidos para a formulação de hipóteses. O conhecimento do funcionamento de outros sistemas literários ou do próprio sistema literário português noutros períodos históricos tem sido de grande ajuda à hora de reconstruir um sistema intelectual e um campo político como o dos finais do século XVIII português.

Como já referimos acima, a pouca qualidade das informações deve-se, no caso da historiografia, à existência do que Borges de Macedo (1982: 10-11) qualifica de processo «de análise-julgamento» do período pombalino, que ele faz surgir nos próprios dias de Pombal:

Para o caso de Pombal, desde logo se definiram os dois grupos necessários: para os pombalinos, representados pelo ministro Sousa Coutinho, as amarguras da governação de Sebastião José de Carvalho e Melo eram desculpadas para darem lugar à interpretação da sua atitude como necessária ou inevitável, por motivo das reformas que, de outro modo, não podiam ser levadas a efeito, uma vez que a vontade geral era tida por atrasada ou retrógrada. A segunda corrente -a antipombalina- era representada pelo visconde de Vila Nova da Silveira, tradicionalista que considerava ignominioso aquele período pelas mesmas razões que Sousa Coutinho o tomava por louvável.

A posição tradicionalista era sem dúvida a mais forte; os terrores da Revolução Francesa e a prosperidade do último decénio do século XVIII e dos primeiros anos do século XIX tornavam mesmo a outra corrente de pouca importância na política activa, embora tivesse indiscutível significado na opinião pública. Com o liberalismo, reavivou-se o debate pombalino, para atingir extraordinária intensidade, sobretudo a partir dos anos 70 do século XIX, a propósito do debate anticlerical e da intensa propaganda que à volta da chamada "questão religiosa" se desenvolvia em Portugal. A campanha antijesuítica tinha-se transformado em agitação partidária e o marquês de Pombal passou à categoria de um dos seus heróis. Foi o que se verificou nas comemorações do centenário da sua morte.

Esta longa citação oferece uma hipótese interessante sobre a origem da polarização ideológica pela qual grande parte dos historiadores (e também historiadores da literatura) se sentiram na necessidade de optar entre a defesa ou a crítica a Pombal e as consequentes defesa ou crítica a D. Maria I. Isto não significa que concordemos completamente com o autor, pois, do nosso ponto de vista, no século XVIII não só os grupos mais conservadores ou tradicionalistas eram declaradamente antipombalinos -e como exemplo disto está a própria Marquesa de Alorna, que é comumente citada como vítima do pombalismo, mas, ao mesmo tempo, como uma inovadora e quase «revolucionária» pelas suas leituras de Rousseau e Voltaire no convento de Chelas. Grupos de diverso signo se opuseram a Pombal por diferentes interesses de grupo ou de classe: nuns casos porque se mostravam contrários às reformas de pendor ilustrado, noutros (como o de Mello Breyner e o seu grupo) porque, concordando com a introdução deste tipo de reformas (e mesmo apoiando-as), se opunham à tentativa de substituição de uma classe dirigente por outra. É certo, no entanto, que a partir dos citados actos de comemoração do centenário da morte do ministro de D. José I parece que existe uma marcada tendência para identificar-se os sectores liberais com Pombal e os sectores mais conservadores com D. Maria, mas esta identificação se produz, em nossa opinião, não já com a ideologia ou as acções levadas a cabo por cada um deles, mas com uma determinada imagem convertida já em tópico, construída sobre os presumíveis avanços «proto-democráticos» de Pombal e a «Viradeira» reacção católica de D. Maria.

Neste sentido, parece-nos do maior interesse a perspectiva adoptada por Ana Cristina Araújo (2003: 18), que rejeita a periodização «tradicional [...] construída com base em critérios ideológicos de suposto fundamento político». Para esta historiadora

convencionalmente, fala-se em "Luzes Joaninas", reportadas ao período de governação de D. João V, "Luzes Pombalinas", exclusivamente centradas nas reformas de ensino e da Igreja promovidas pelo marquês de Pombal, e em Viradeira para significar o retrocesso decorrente da política "repressiva" e "reaccionária" de D. Maria I no campo da cultura [...]. Esta classificação, perfeitamente incongruente, não só perpetua a visão ideológica da historiografia liberal e republicana a respeito do pombalismo, como obscurece o brilho e alcance de inúmeras e importantes manifestações culturais anteriores e posteriores a Pombal.

E, acrescentamos nós, esta periodização, para além de obscurecer o reinado de D. Maria, deixa sem explicação possível muitas das acções levadas a cabo neste

período por determinados grupos e indivíduos, como a fundação da Academia das Ciências de Lisboa e outras instituições com um marcado carácter ilustrado, assim como a clara tomada de posição em favor do governo mariano de determinados agentes opostos a Pombal, mas defensores explícitos da reforma da Universidade, da modernização da indústria e da agricultura, do desenvolvimento do comércio, e dum modelo de monarquia coincidente com os modelos paternalistas (ou maternalistas) outras monarquias europeias ilustradas.

I.2.2 Propostas

Nesta epígrafe exporemos algumas das questões problemáticas que se põem colocando ao longo da nossa pesquisa e que entendemos que precisam de uma explicação pormenorizada das nossas opções, tanto no que tem a ver com a consideração da própria situação do campo literário português na altura, como nas escolhas terminológicas que temos feito.

I.2.2.1. Produção literária e campo intelectual no período ilustrado em Portugal

Para a nossa pesquisa, e como perspectiva metodológica geral, partimos da premissa, suficientemente demonstrada tanto por Itamar Even-Zohar como por Pierre Bourdieu, de que não existe nenhuma especificidade na literatura (nem noutras actividades artísticas como a pintura, a escultura, a música...) que a faça diferente nos seus mecanismos de funcionamento outras actividades sociais (como pode ser a moda, por exemplo), e que precisamente essa falta de especificidade liga-a nos seus processos com outros campos paralelos -o do poder, o da economia...- com os quais estabelece

homologias, e sem o estudo dos quais é impossível a compreensão do funcionamento do campo literário (Bourdieu, 1984: 196):

Mon propos repose sur l'homologie de structure entre le champ de production de cette catégorie particulière de biens de luxe que sont les biens de mode, et le champ de production de cette autre catégorie de biens de luxe que sont les biens de culture légitime comme la musique, la poésie ou la philosophie, etc.

Se adoptamos este quadro teórico é, evidentemente, porque consideramos que é válido de uma maneira geral. Ademais, tendo em conta as circunstâncias de produção e mediação que se dão especificamente na segunda metade do século XVIII, e em especial nos grupos ilustrados, entendemos que **uma focagem sociológica é particularmente rendível para o estudo de uns produtores e mediadores que não só não dedicavam os seus esforços exclusivamente à literatura entendida como simples veículo estético, mas que nem sequer a priorizavam**, embora a incluíssem entre as suas actividades.

Veremos ao longo deste trabalho que as actuações da Condessa de Vimieiro, por seu turno, extravasam os limites do literário, porque, embora se sirva de modelos literários geralmente reconhecidos (o elogio e a tragédia) para a publicação, as suas intervenções foram de maior alcance:

- promoveu desde as suas assembleias determinados repertórios musicais,
- participou na fundação e promoção nacional e internacional da Academia das Ciências de Lisboa,
- promoveu desde as suas cartas o modelo político concreto e o referente cultural específico da Áustria de D. Maria Teresa e de D. José II,
- interveio na difusão de ideias pedagógicas ilustradas,
- participou activamente no campo do poder em benefício da sua casa de origem e da casa do seu marido.

Por estes motivos, o nosso trabalho pretende estudar a posição e a função da Condessa de Vimieiro no **campo intelectual** português dos finais do século XVIII, mas a sua actividade como produtora literária coloca a questão de se existe um campo literário específico nesta altura. Para definir o campo literário, em primeiro lugar, devemos saber que é o que se entende por literatura na segunda metade do século XVIII.

Apesar de ser um texto bastante antigo, devemos tomar como referência, em primeiro lugar, o *Vocabulario portuguez & latino* de Raphael Bluteau (1712-1728), porque para além de tratar-se de um texto de grande circulação e uma referência

habitual para a intelectualidade portuguesa do século XVIII, o dicionário nos oferece as definições de uso comum, que nos podem ajudar para conhecer os conceitos utilizados numa dada altura, evitando assim possíveis interferências com ideias posteriores. Só no *Suplemento* (1727-1728) encontramos uma definição de literatura: «Erudição, sciencia, notícia das boas letras [...]. Na Sagrada Escritura *Literatura*, quer dizer *Negocio* para ganhar, para ajuntar fazenda [...]. E nos *Decretates Literatus* se toma por *Clerigo*, ou *Eclesiástico*» (Bluteau 1712-1728, vol. 1: 562). No *Vocabulario*, no entanto, encontramos «Litterario», que é definido como «concernente às letras às humanidades, às sciencias humanas, ou divinas» (vol. 5, p. 158). Ainda no *Dicionario* (1789), do mesmo autor, mas revisado por Morais da Silva, aparecem «Litterario, adj. que respeita às letras, sciencias, estudos, erudições» e «Litterato, adj. que professa letras, dado à vida litteraria; commummente se usa como *subst.*».

Se nos ativermos às definições de Bluteau, neste momento literatura nom tem ainda o significado mais moderno de “conjuncto das produções litterárias d'uma nação, d'um paiz, d'uma epocha”, que recolhe já a edição de 1877-1878 do *Dicionario de Morais e Silva*, mas de erudição ou conhecimento.

No verbete “Poesia”, por seu turno, encontramos alguma informação mais que pode ser de interesse para definir um possível campo literário português no século XVIII (Bluteau, 1712-1728, vol. 6: 567):

deriva-se do verbo Grego *Poieein*, que tem dous sentidos, & val o mesmo que *Fazer* & *Fingir*, que são duas propriedades da Poesia, porque a sua perfeição está em descrever, pintar & representar as cousas ao vivo, como se as acabara de fazer, & juntamente tem liberdade para excogitar, & fingir o que quer.

Temos, pois, como característica principal e definitiva da poesia o seu próprio significado etimológico de “artefacto” e “ficção”, o que nos leva para uma definição clássica da poesia como imitação. Mas Bluteau (1712-1728, vol. 6: 567-568) entra em maior pormenor ao especificar que tipo de composições entende el que entram dentro da categoria “poesia”:

A Poesia he huma certa cadencia, medida harmonica, & metrica consonancia de palavras segundo as leys & uso de cada lingua, comque se declara o que quer dizer com expressoens vivas, energicas, & mais livres, que os que se usão na Prosa [...]. A Poesia vulgar, Portuguesa, além das Eclogas, dos Enigmas, Anagrammas, Acrosticos, Centoens, & composições varias de versos retrogados, Leoninos, &c. que imita da Poesia Latinas, dá largo campo ao engenho humano em outras muytas obras metricas, como Coplas, Grozas, Redondilhas, Lyras, Romanos, Sonetes, Madrigaes, Vilhancicos, Balhatas,

Canções, Tercetos, Quartetos, Oitavas, & Sextas rimas, Sextinas, Decimas, Labirintos, &c.

Podemos inferir, portanto, que Bluteau diferencia entre poesia e prosa, mas esta diferença não está clara em absoluto na definição da primeira, porque ao lado de afirmações como «A Poesia [é] o modo de compor, oposto à Prosa» (Bluteau, 1712-1728, vol. 6: 568), encontramos noutros lugares que o francês considera que para ambos funcionam os mesmos princípios e, até, as mesmas regras formais (Bluteau, 1712-1728, vol. 6: 569):

os que com mais particularidade querem distinguir a Poesia da Prosa, chamão em Latim à Prosa *Oratio soluta* & à Poesia *Oratio adstricta pedibus*, mas não fallaõ tão propriamente, como parece: porque (como discretamente advertio hum Critico moderno) tambem a Prosa tem seus pés, numeros & medidas, como se pôde ver no livro da Rhetorica que Cicero, Quintiliano, & outros Oradores escreveraõ.

Procuramos uma maior concretização no verbete «Prosa» (Bluteau, 1712-1728, vol. 6: 789), e encontramos uma definição semelhante à censurada acima «prosa vem a ser o mesmo que oração corrente, & direita, ao contrario dos versos que tem os pés atados com os vinculos de metro, & com os grilhoens da quantidade das syllabas». Daqui deduzimos que, segundo a proposta de Bluteau, podemos considerar que tanto a prosa como a poesia tenham os pontos comuns na ideia de artifício, ficção e imitação, e divergem quanto à codificação formal do discurso.

Em 1746, Luís António de Verney publica a primeira edição do seu *Verdadeiro método de estudar para ser util à republica*¹⁷, texto de referência para os ilustrados portugueses, e mais interessante para nós porque se aproxima mais do momento de intervenção no campo de Teresa de Mello Breyner. Aqui, no que diz respeito a este

¹⁷ Serrão (1982: 240): faz um breve resumo da vida de Verney, que nos evita mais comentários a este respeito: «nasceu no Colégio de Santo Antão, frequentou as aulas de Filosofia dos Padres do Oratório e nos anos de 1730-1733 esteve na Universidade de Évora, onde obteve o mestrado em Artes, mas sem completar a graduação em Teologia. Como desejava ser eclesiástico, partiu em 1736 para Roma, em cuja Universidade de Sapienza se doutorou em Direito, consagrando-se depois a uma vasta obra de humanista, filósofo e pedagogo e ao convívio com os espíritos mais cultos. Foi protegido do Marquês de Pombal, que o nomeou em 1768 para secretário da nossa legação em Roma; mas um conflito com o ministro Francisco de Almada Mendonça levou-o a ser expulso daquela cidade. Reabilitado no tempo de D. Maria I, obteve o cargo de deputado da Mesa da Consciência, tendo ainda a satisfação de ser eleito membro-correspondente da Academia das Ciências de Lisboa».

A primeira edição do *Verdadeiro método de estudar* saiu à rua em 1746, e segundo António Salgado Júnior (1949) deveu de ser bastante reduzida, porque no ano seguinte já estava preparada a segunda. Desde 1747 até 1949 não se voltaram publicar as dezasseis cartas de Verney, edição esta de Salgado Júnior. Citamos aqui pela de 1747 respeitando a ortografia de Verney, ideada atendendo a princípios racionais, não etimológicos.

assunto, o fingido *Barbadinho* italiano clarifica de forma precisa o significado de «poesia»: (Verney, 1747, vol. 1: 192):

a Poezia é uma viva descriçam das-coizas, que nela se tratam: outros lhe chamam pintura que fala, e imita o mesmo que fazia a natureza, e com que agrada aos omens. O artificio da-Poezia tem por-fim, agradar: e por isso só se-emprega em dar regras, com que pasa a ocupar gostosamente o ingenho. A isto consagram os Poetas todo o seu ingenho e juizo. Se buscam argumento elevado, é para agradar, com a ideia de grandeza, se procuram imitar a verdade, é para agradar, com as galantarias da-imitasam: se nam dizem coizas contrarias às nosas inclinassoens, isto mesmo é para agradar: se propoem movimentos apaixonados, com que pintam ao vivo diferentes affectos-da-alma tambem isso é para agradar: desorteque este é o idolo, do-artificio poetico. E como isto nam se-pode conseguir, sem saber procurar pensamentos, ou argumentos proprios, para mover as nosas paixoens: saber servir-se das palavras, para pintar aquela coiza que se-quer e que encerra as Figuras da-voz, e do-animo: Fica bem claro, que para fazer tudo, o que pede a arte, se-requer boa Retorica.

Como vemos dous som os elementos que definem a poesia: a imitação (igual que em Bluteau) e o prazer ou “agrado” que proporciona ao seu consumidor. Este último elemento parece-nos de capital importância, porque incorpora à definição do género umha propriedade que tem a ver nom com a sua forma ou o seu conteúdo, mas com a sua função social, e, ainda, porque achega umha ideia característica da Ilustração, que é a procura da felicidade como objectivo desejável e eticamente positivo, afastado da culpa cristá em relação com a procura do prazer.

No mesmo lugar, Verney precisa quais os géneros que integram esta actividade e as diferenças entre as formas em prosa e em verso:

julgam que Retórica é falar em proza; Poezia, falar em verso. Mas os omens que intendem de arte, rim-se ainda mais da sua ignorancia.

[...] Todo o poema se divide em Dramático, e Narrativo. Compreende o Dramatico, a Comedia e a Tragedia, e tudo o mais em que os que entram no poema representam com a viva asám, tudo o que se-diz; o Narrativo compreende, todas as mais especies de poemas, em que se-faz discurso, sem asám viva. Estas sam infinitas; mas ainda se-reduzem, a duas principais especies: um, compreende as poezias, que se-cantam: outra, aquelas que se-lem. Na primeira, entram as Odes, Inos, e todas as especies de cantigas, na segunda, entram todas as outras composisoens; que ainda se-dividem em trez, Doutriniais, Istorias, e Oratorias.

Vemos que Verney aplica indistintamente o termo poesia a textos em prosa ou textos em verso, utilizando como critério de diferenciação entre os dous grandes géneros que identifica a existência de discurso directo ou indirecto, e, dentro deste

último, especificando as diferenças entre os textos poéticos (“cantigas”) e prosísticos, onde explicitamente inclui a prosa doutrinal, a história e a oratória.

Interessa-nos também conhecer a posição de Cândido Lusitano –pseudónimo de Francisco José Freire-, dada a sua presença no campo intelectual português como membro da Arcádia Lusitana, como teórico e definidor da estética dos Arcades e como primeiro tradutor da *Poética* de Horácio para português. Neste autor tampouco encontramos o termo literatura referido às produções das “boas letras” ou das “belas letras” Cândido Lusitano afirma (Freire, 1748: 25) que «a circunstancia, pela qual a Poesia se distingue das outras Artes, he a qualidade da imitação, a qual segundo Paulo Beni he *Huma narração, com que hum representa a outro, ou por meyo das acçoens, ou pelo da voz*», e, a seguir, (Freire, 1748: 59) que

de duas especies he o *verdadeiro* da natureza. Huma he aquelle *verdadeiro*, que com effeito he, ou foy: o outro he o que verosimilmente foy, e tambem podia, ou devia ser, segundo as forças da natureza. O primeiro *verdadeiro* buscaõ os Theologos, os Mathematicos, os Historiadores, e outras sciencias. O segundo pertence aos Poetas, que são os que principalmente o buscaõ. Do conhecimento do primeiro vem a *sciencia*, e do segundo a *opinião*. Hum pode-se chamar verdadeiro necessario, ou evidente, ou moralmente certo [...]. Outro póde-se chamar *verdadeiro*, possivel, provavel, e crivel, que vulgarmente se diz *verosimil* (itálicos no original).

Seguindo a diferenciação entre verossímil e verdadeiro necessário, Cândido Lusitano utiliza o termo poesia para referir-se a aqueles géneros fundados na verossimilhança -poesia, tragédia e épica-, em oposição ao que considera textos científicos. Repare-se, por outro lado, em que os géneros mencionados som escritos em prosa.

Mas, frente a esta definição, encontramos, três décadas depois, a da Academia das Ciências de Lisboa. Esta interessa-nos porque, como veremos mais adiante, esta instituição é fundada e integrada por alguns dos principais elementos do grupo da Condessa de Vimieiro e é criada precisamente para representar e pôr em prática os interesses (ideológicos, estéticos...) deste grupo.

Em 1780, a Academia tinha declarado nos seus *Estatutos* (ACL, 1780: 4) a intenção de formar uma “Classe de Bellas Letras” que teria como objectivo estudar a “Literatura Portuguesa”. Esta declaração, segundo as *Memórias* da Academia (1792, vol. I: 7) tinha provocado polémica em torno a que devia entender-se por aquela. Os membros da Academia expressam nestas *Memórias* as dificuldades para definir o conceito *literatura* neste momento, revelando a existência de uma realidade em plena

mudança: a definição clássica da poesia, a recolhida por Freire, era já percebida pelos académicos como insuficiente, mas não existia ainda um conceito unívoco¹⁸ (ACL, 1792, vol. I: 7; itálicos nossos):

No tempo em que a Academia Real das Sciencias se formou e fixou para assumpto dos trabalhos de humha das suas tres Classes, a Litteratura Portugueza, *varios fôraõ no Publico os juizos, e mui vagas as idéas sobre o que por este nome devia entender-se*. Ainda entre as pessoas instruidas, as inclinações a particulares assumptos, reguláraõ os juizos, e modificáraõ as idéas, que cada hum formou. *Huns julgáraõ, que o estudo da Linguagem*, que por mais pura era havida; *outros que a Bibliografia nacional*; *outros que a Poesia*; outros por fim varios outros objectos objectos constituiaõ, o que a Academia designava por Litteratura Portugueza. Os juizos precipitados da gente sabia, a mesma sciencia os rectifica; mas a experiencia de muitos annos tem mostrado, que *he necessario dar á Mocidade, que tantas esperanças vai dando, huma definição, do que por Litteratura Portugueza se entende, e de quaes sejaõ os limites naturaes deste genero de saber, que a Academia julgou assaz vasto, e importante para occupar inteiramente huma das usas Classes, assaz analogo nos seus varios ramos para constituir huma só sciencia, e assaz separado das outras para merecer hum nome proprio*.

A ACL, que percebe a necessidade de clarificar o sentido exacto do que devia ser a literatura portuguesa, arroga-se para isto a legitimidade para elaborar umha definição. Encontramos nesta duas novidades substanciais frente às definições da primeira metade do século: a utilização do termo *literatura* com um significado que entendemos que é mais próximo daquela definição de “conjunto das produções literárias dum país”, e a presença dum critério nacional para definir e prescrever o que deve ser a “literatura

¹⁸ Ao encontro desta ideia vem as palavras de Aguiar e Silva (1967: 2-5), quem, fazendo um percurso pela «História semântica do lexema 'literatura'», afirma: «Nas diversas línguas europeias, até ao século XVIII, o conteúdo semântico do lexema *literatura* foi substancialmente idêntico ao do seu étimo latino, designando *literatura*, em regra, o saber e a ciência em geral [...]. Anteriormente à segunda metade do século XVIII quando se pretende denominar arte e o *corpus* textual que actualmente designamos por *literatura*, são utilizados lexemas e sintagmas como *poesia*, *eloquência*, *verso* e *prosa*, etc.

Na segunda metade do século XVIII, o lexema *literatura* apresenta uma profunda evolução semântica, em estreita conexão com as transformações da cultura europeia nesse período histórico. Subsistem no seu uso, por força da tradição linguística e cultural, os significados já mencionados, mas manifestam-se também, em correlação com aquelas transformações, novos conteúdos semânticos, que divergem dos anteriormente vigentes e que divergem também entre si». Acrescenta ainda Silva (1967: 6), que se podem registar «dois novos e importantes significados com que o lexema *literatura* será crescentemente utilizado a partir da segunda metade do século XVIII: específico fenómeno estético, específica forma de produção, de expressão e de comunicação artísticas [...], e *corpus* de objectos -os textos literários- resultante daquela particular actividade de criação estética». Em síntese, conclui Aguiar e Silva (1967: 7) «do significado de *corpus* em geral de textos literários, passou compreensivelmente o lexema *literatura* a significar também o conjunto da produção literária de um determinado país, tornando-se óbvias as implicações filosófico-políticas de tal conceito de 'literatura nacional' [...]: cada país possuiria uma literatura com caracteres próprios, uma literatura que seria expressão do espírito nacional e que constituiria, por conseguinte, um dos factores relevantes a ter em conta para se definir a natureza peculiar de cada nação. Sintagmas como *literatura alemã*, *literatura francesa*, *literatura italiana*, etc., foram-se tornando de uso frequente a partir das últimas três décadas do século XVIII».

portuguesa”. A Academia define desta maneira o que se deve entender por *litteratura portuguesa* (ACL, 1792: 8, itálicos nossos):

De todos os ramos de erudição, que fôrmaõ a Litteratura, nenhum póde ser proprio, e particular a hum povo, senaõ a lingua que falla, e a historia do que lhe aconteceo. Huma e outra lhe pertencem exclusivamente, e ambas entre si se soccorrem. Nem será facil conhecer a formaçaõ, e analogia da sua lingua, sem conhecer as revoluções que lhe deraõ origem, e a guiáraõ, por assim dizer, na derrota que seguio desde seus principios até ao estado em que se acha; nem tambem as suas antiguidades podem ser cabalmente investigadas, sem hum perfeito conhecimento da sua linguagem, nas varias épocas da sua existencia. Saõ por conseguinte *a Lingua, e a Historia, Portuguesa, consideradas em todos os possiveis aspectos, e relações*, os dous objectos que constituem, o que a Academia quiz entender por Litteratura Portuguesa; objectos naõ só entre si analogos, mas tambem diversos, e separados de toda a outra erudiçaõ, que, ou compete a povos estranhos, ou pela generalidade dos seus assumptos, pertence a todo o genero humano sem respeito particular a naçaõ alguma.

As diferenças entre as definições citadas, e, particularmente, as circunstâncias explicitadas nas *Memórias* da Academia, evidenciam que o campo literário português, a existir nesta altura, está em transformaçom, e interessa-nos precisamente o facto de que, nom existindo umha única definiçom para o conceito literatura, o grupo da Academia do qual fai parte a Condessa de Vimieiro opte explicitamente polo que se define em funçom da ideia de **naçom**, polo que isto tem de novidade frente a outras definições anteriores. O conceito de literatura da ACL baseia-se no facto de a literatura portuguesa ser a que carrega todas as especificidades nacionais portuguesas, colocando num outro campo, portanto, as ciências exactas ou as ciências naturais que seriam universais e idênticas em todos os países. A definiçom mais antiga de Bluteau ou de Cândido Lusitano, em troca, estão alicerçadas em conceitos tradicionalmente utilizados nas poéticas clássicas como a imitaçom, a verossimilhança, a verdade etc., que fam referência a umha qualidade ontológica «do literário», que seria a imitaçom ou o simulacro, nom a umha funçom social específica como seria a de portar os valores essenciais da naçom. Isto leva Freire a colocar a História, por exemplo, fora da literatura, género que é explicitamente considerado literário pola ACL.

Estas diferenças ponhem de relevo que, dentro mesmo dos diferentes grupos ilustrados em Portugal, existe umha luta entre (polo menos) duas formas de entender a literatura e a funçom que esta deve ter na sociedade. Se agruparmos as posições de Bluteau, Verney e Cândido Lusitano em funçom da sua definiçom de poesia como

“imitação da natureza” e as confrontarmos com a da Academia, poderíamos trabalhar com duas hipóteses de definição de Campo Literário:

(1)- a rede de relações que se hipotetiza entre umhas determinadas actividades que imitam a natureza e conseqüentemente essas mesmas actividades observadas através dessa rede

(2)- a rede de relações que se hipotetiza entre umhas determinadas actividades que se referem à língua e à História Portuguesa, consideradas em todos os possíveis aspectos, e relações, e conseqüentemente essas mesmas actividades observadas através dessa rede

As hipóteses (1) e (2) nom só revelam diferenças ideológicas evidentes entre os dous grupos que as colocam, mas também implicam diferenças na definição de estratégias de intervençom no campo e diferentes objectivos que analisaremos mais adiante.

Ao lado desta oposiçom também podemos encontrar umha outra que se estabelece entre um posicionamento que considera literatura ou poesia os géneros de ficçom (seriam os casos de Bluteau e de Freire) frente ao que inclui dentro de qualquer um destes verbetes também os géneros escritos em prosa, seja esta ficcional ou doutrinal. Estes dous modelos colocariam-nos, atendendo à primeira numha definição de CL no qual deveríamos considerar unicamente os textos escritos em verso (isto é, poesia ou teatro), sem precisar que tratamento devemos dar aos textos em prosa; do outro lado, a posiçom da ACL e, particularmente, de Verney obrigaria-nos a considerar qualquer tipo de produçom textual. Assim, as hipóteses de definição de CL seriam:

(1)- a rede de relações que se hipotetiza entre umhas determinadas actividades que se referem a umha série de textos escritos em verso e conseqüentemente essas mesmas actividades observadas através dessa rede

(2)- a rede de relações que se hipotetiza entre umhas determinadas actividades que se referem aos textos escritos tanto em prosa como em verso, consideradas em todos os possíveis aspectos, e relações, e conseqüentemente essas mesmas actividades observadas através dessa rede

A esta coexistência de diferentes definiçoms do que é literatura, devemos acrescentar ainda que umha instituiçom como a ACL parece perceber a literatura como um campo ainda incipiente, embora tenha bastante independência como para requerer um estudo particular, e necessitado de umha especial promoçom frente a outras

disciplinas consideradas também «ciências humanas» como pode ser a filosofia ou a teologia, mais consolidadas e tradicionalmente estudadas nas universidades. A Academia, como é sabido, estabelece três *classes* ou secções claramente diferenciadas: a primeira para o estudo das ciências naturais, a segunda para o estudo das ciências exactas, e a terceira reservada para os estudos literários¹⁹ (Academia das Ciências de Lisboa, 1780: 3-4):

como a observação e o cálculo são os caminhos, que conduzem mais seguramente ao conhecimento da Natureza, origem das Sciencias, a que a Academia se dedica, serão os Academicos destinados para ellas repartidos em duas Classes: Os da primeira indagarão a qualidade, leis e propriedades dos corpos por meio da observação e da analyse, os efeitos e novas propriedades, que resultão da combinação de huns com outros, e o *como e porque* dos Fenomenos naturaes; e ficará para os da segunda o *quanto* delles, e as relações e propriedades da grandeza, tanto em geral como em particular. As Bellas Letras, por serem huma parte indispensável da Instrução Nacional, farão a terceira Classe, a que se deverá applicar particularmente aos varios ramos da Literatura.

As disciplinas concretas que dependerão de cada umha das classes “científicas” som «a Meteorologia, a Chimica, a Anatomia, a Bonanica e a Historia Natural de todos os Corpos, &c [...] a Arithmetica, a Algebra, a Geometria, a Mechanica, a Astronomia &c.» (Academia das Ciências de Lisboa, 1780: 4). É fácil observar que os estudos escolhidos e, portanto, promovidos pela ACL em matéria científica som aqueles que se considera que podem reportar um maior benefício social, ou que som ainda incipientes ou nom contam com o apoio das universidades (como as ciências naturais). Pedro Calafate (2001: 359) confirma esta visom quanto escreve:

Como mostrou Rómulo de Carvalho, o espaço da história natural fora extremamente limitado em autores como Verney, Ribeiro Sanches e mesmo em Teodoro de Almeida. Será, sobretudo, a partir da publicação dos *Estatutos da Universidade de Coimbra* (1772), com a instauração de uma disciplina de História Natural e a criação de um jardim botânico na Universidade, que esta alcança maior e mais sistemática projecção, vindo a conhecer um importante impulso com a criação da Academia das Ciências de Lisboa, já no período mariano.

A extrapolação desta estratégia às ciências humanas parece evidente: a literatura, vista pela ACL como um género com umha enorme potencialidade para a promoção de modelos de todo o tipo (lingüístico, político, comportamental, de

¹⁹O texto dos estatutos originaes é um tanto ambíguo porque, se bem afirma que a Academia se estruturará em duas classes, os autores definem três. Isto fai com que Aragão (1822: 14) atribua esta divisom tripartita a umha revisom sobre os estatutos feita em 1792 nas *Memórias de Literatura*.

identidade nacional, etc.), é protegida e promovida pela nova instituição como se fosse uma nova disciplina científica, propondo inclusive uma nova definição dos seus limites e das suas funções, o que nos faz concluir que não existe neste momento uma definição clara, unívoca e independente do campo literário frente a outros campos artísticos ou dentro do campo intelectual.

Temos visto até aqui três condicionantes de diferente tipo que nos fazem optar por rejeitar neste trabalho a noção “campo literário” em benefício de “campo intelectual”:

- do ponto de vista metodológico, a ausência de uma especificidade no funcionamento do campo literário em relação com outras actividades artísticas,
- em relação com a trajectória concreta de Teresa de Mello Breyner, a extensão das suas intervenções para além do literário, porque a sua intervenção na fundação da ACL a coloca dentro do campo artístico promovendo a obra de pintores, por exemplo, ou dentro do campo científico, apoiando a produção feita por matemáticos, físicos, etc.,
- em relação com a própria definição do campo na altura, o tipo de relacionamento que se estabelece entre produtores e mediadores de distintos campos como o literário, o filosófico ou o científico, e a própria estruturação da esfera institucional que os sustenta e legitima, como pode ser a Academia das Ciências de Lisboa, faz difícil estabelecer um campo literário perfeitamente definido, com produtores, produtos, instituições e mercados específicos.

I.2.2.2. Mediação e interferência

Um outro motivo pelo qual achamos esta perspectiva metodológica particularmente frutífera é porque dá uma resposta ao problema da **mediação**, já que a figura do produtor é observada não como a principal, mas como uma mais dentro do sistema, permitindo deixar atrás o deslumbramento romântico pelo *criador* como um elemento individual e da *criação* como um produto único dessa individualidade, e avaliar com objectividade o papel dos outros participantes no sistema como som os

mediadores, que afinal som responsáveis pola introdução no campo de determinados repertórios estéticos e ideológicos

O professor francês Daniel-Henri Pageaux (1994: 28) define o mediador como «un transmetteur d'idées et de connaissances», e amplia esta definição identificando três classes de mediadores. O primeiro é caracterizado «par la nature de ses connaissances (linguistiques en particulier)», o que nos colocaria, particularmente, frente a um tradutor; o segundo define-se «par la richesse et la variété de ses expériences de l'étranger (les voyages, les rencontres)», e o terceiro «par sa qualité de témoin [...] et d'une façon générale par sa volonté de diffuser des idées, des informations sur l'étranger».

Ao lado deste conceito de mediação, devemos considerar também interferência, definida por Itamar Even-Zohar na sua primeira formulação da «Teoria dos polissistemas» e recuperada em 2001 em «Laws of cultural interference»²⁰ (Even-Zohar, 2001: 1, *itálicos nossos*):

contacts can be defined as a relation(ship) between cultures, whereby a certain culture A (a source culture) may become a source of direct or indirect transfer for another culture B (a target culture). Once this possibility is realized, interference can be said to have occurred. *Interference is thus a procedure emerging in the environment of contacts, one where transfer has taken place.*

Sem entrar agora em pormenores sobre o papel concreto de cada um dos elementos identificados da rede de Teresa de Mello Breyner (a própria Condessa ou o Duque de Lafões, particularmente), que serão objecto de análise posterior, parece-nos importante apontar aqui o facto de que, em nossa opinião, é precisamente este papel de mediadores o mais importante dos desenvolvidos por este grupo. Por causa de diferentes viagens por vários países europeus (como é o caso Leonor de Almeida ou o Duque de Lafões) ou pelas relações –sobretudo epistolares– estabelecidas com outros ilustrados estrangeiros ou portugueses residentes no estrangeiro (a Condessa de Vimieiro), este grupo vai estar nas condições que identifica Pageaux para converter-se em intermediários e para introduzir em Portugal novos elementos de repertório, tanto no que tem a ver com o campo artístico como com o campo do poder.

²⁰Em palavras do professor israeli (Even-Zohar, 2001: 16), esta nova versão é «a tentative rewriting of my paper "Laws of Literary Interference", *Poetics Today* 11:1, pp 53-72 (based in its turn on Even-Zohar 1978), adapted to the field of culture research. This conversion has been relatively unproblematic, because the proposals in the original paper actually transcended the restricted field of "literature" and were almost integrally applicable to the larger field of culture.»

Esta introdução pode ser feita ou bem através de textos concretos que som enviados/recebidos, traduzidos, copiados ou lidos em assembleia; através da incorporação e difusão de diferentes elementos de repertório veiculados através de determinados textos, mas sem incorporar directamente esses textos ao campo literário (por meio da correspondência, por exemplo). Isto é, Mello Breyner, interessada em difundir em Portugal o modelo de monarquia austríaco pode optar, como de facto fai, por publicar a tradução de um elogio dedicado à falecida Rainha Maria Teresa; por incorporar algumas das ideias tiradas deste elogio (ou doutros textos similares de que pudesse ter notícia) na sua tragédia *Osmía*, por incorporá-las à sua correspondência com outros agentes do campo, ou ainda por dar a conhecer estas ideias em encontros no seu próprio salão ou no douras nobres coevas, no Paço ou nas suas conversas com a Rainha e as infantas. Neste mesmo sentido lemos na última revisão de Itamar Even-Zohar da sua teoria dos polissistemas (1999, 45-46) que «los textos circulan en el mercado en gran variedad de formas, y casi nunca —especialmente cuando están fuertemente canonizados e incluso almacenados en el canon histórico— como textos íntegros». De facto, o objectivo fundamental da introdução de repertórios num determinado sistema cultural não é a elaboração de textos literários. Como escreve o professor israeli no mesmo lugar

el producto sociosemiótico más importante de la literatura se encuentra en un nivel completamente diferente, es decir, en el nivel de las imágenes, modos, interpretaciones de la realidad y opciones de acción. En este nivel los productos son elementos integrantes del repertorio cultural: modelos para organizar, ver e interpretar la vida. Así se constituyen en origen los modelos adoptados, los *habitus* que predominan en los distintos niveles de la sociedad y contribuyen a dirigirla, preservarla y estabilizarla.

As importações produzidas através das interferências não se reduzem a uma série de textos literários ou de qualquer outro tipo, se não que supõem a introdução de modelos produtivos, que são incorporados ao campo intelectual de destino. Precisamente, tal e como especifica Even-Zohar (2001: 2), só quando se produz esta incorporação dos modelos podemos falar propriamente de interferência: «only if they [imported goods] are converted to generative models -namely to active components in the domestic repertoire- do they become a clear case of interference».

Ainda no mesmo lugar, encontramos uma questão de relevância para o nosso estudo: a importação sucedida de modelos de uma determinada cultura não tem por que traduzir-se necessariamente em uma maior divulgação dessa cultura: «once

interference has taken place, the question of source/origin is no longer relevant. For the majority of the members of a community, once introduced into their repertoire, the fortune of an item in terms of success or failure becomes a domestic matter». Isto talvez explique por que, apesar das importações de repertórios procedentes de Áustria que se produzem na segunda metade do século XVIII, não existe uma tradição na crítica e na historiografia portuguesas que tenha estudado com atenção os contactos de agentes do campo intelectual português com os seus homólogos austríacos, privilegiando-se sempre, pelo contrário, o estudo das relações com Itália. Se neste último caso existiram algumas publicações como o *Verdadeiro método de estudar*, que colocavam o foco precisamente no modelo italiano, para compreender as relações luso-austríacas e o seu pouco sucesso na historiografia da cultura em Portugal deveremos atender ao facto de que estes contactos e as posteriores interferências se produziram, maioritariamente e quase exclusivamente entre agentes procedentes de grupos extraordinariamente elitistas (como, por exemplo, o de Teresa de Mello Breyner), que procuraram a vulgarização de elementos repertoriais -visando a criação e difusão de ideias para a vida- mais do que a popularização de produtores ou produtos concretos. Como exemplo disto podemos assinalar que, apesar das intensas relações entre agentes de um e outro campo que podemos verificar através da correspondência de Teresa de Mello Breyner e, ainda, através da biografia do Duque de Lafões ou de Leonor de Almeida, nenhum deles empreendeu nunca o labor de tradução de produções procedentes de Áustria.

A análise da mediação coloca, para além das possibilidades vistas acima, uma outra que tem especial interesse no nosso caso, e é o facto de que este pode ser um terreno no qual as mulheres desenvolvam com maior intensidade e menor conflito o seu trabalho. Como verificamos através da correspondência de Teresa de Mello Breyner e Leonor de Almeida, a mediação é um lugar cómodo para uma mulher que precisa de manter uma imagem impecável, porque desta imagem depende, em boa medida, a sua capacidade para actuar na sociedade de Corte, num momento histórico em que a presença pública das mulheres e a sua participação explícita no campo intelectual não é vista com bons olhos pelos demais participantes neste campo. Com *participação explícita* queremos pôr em destaque um facto que achamos digno de menção: parece que a participação como mediadoras das mulheres abrindo as portas dos seus salões e introduzindo neles novidades culturais ou políticas parece algo geralmente aceite e que não provoca o rejeitamento social, e algo similar sucede com a sua intervenção mais ou menos oculta no campo do poder ou da economia. Neste sentido, Nuno Monteiro

(1998: 507) afirma ser o serviço de dama do Paço «provavelmente, a mais importante fonte de novas mercês e de novas vidas nos bens já possuídos durante o século XVIII». Portanto, o que realmente pode acabar com a reputação dumha mulher não é o facto de ter poder ou exercitar determinados talentos ou habilidades, mas a ostentação pública destes.

É fundamentalmente através da correspondência que Mello Breyner estabelece, como será explicado mais adiante, a via para a introdução de novos elementos de repertório procedentes da Ilustração austríaca nos salons lisboetas. Para além desta constatação empírica, já Itamar Even-Zohar (1990: 25) chamou a atenção para a necessidade de atender a este tipo de textos para compreender o funcionamento do campo, e, particularmente, dos processos de mediação:

for instance, contrary to common belief, interference often takes place via peripheries. When this process is ignored, there is simply no explanation for the appearance and function of new items in the repertoire. Semiliterary texts, translated literature, children's literature -all those strata neglected in current literary studies- are indispensable objects of study for an adequate understanding of how and why transfers occur, within systems as well as among them.

Com isto não queremos indicar que o grupo de Vimieiro seja periférico (embora talvez o seja durante o período josefino), mas que, mesmo na etapa em que pode ocupar uma posição mais ou menos central no sistema (nomeadamente durante primeiros anos do governo mariano), se trata dum grupo reduzido e que coloca propostas que parecem ter pouca transcendência e aceitação fora dum pequeno círculo, o que não significa que estas propostas não possam ser sucedidas se não imediatamente, talvez a médio prazo.

Por outra parte, um dos elementos chave utilizados na mediação, como vimos na definição de Pageaux, é a tradução, e este é um elemento que devemos ter especialmente em conta no caso particular da Condessa de Vimieiro e em geral para o século XVIII. Pelo que sabemos, a Condessa publicou a já referida tradução de *Essai de un éloge historique* de Marie-Caroline Murray, mas também investiu vários anos na realização da tradução dumha das obras capitais do século XVIII na Europa e em América –*Les aventures de Telemaque* de Fenélon, que, até onde temos podido saber, nunca foi publicada. Interessa-nos chamar a atenção para este texto inédito, porque nesta altura é comum (só há que dar uma vista de olhos, por exemplo, à documentação de Leonor de Almeida conservada na Torre do Tombo para verificá-lo) a elaboração de traduções/adaptações de textos estrangeiros para uso próprio, da família ou do círculo

mais próximo, o que nos coloca novamente ante um trabalho de mediação e introdução dum texto considerado fundamental dentro dos parâmetros ilustrados, mas que contava em Portugal com traduções pouco satisfatórias, se tivermos em conta as críticas a que fôram submetidas.

O estudo da mediação e da interferência é particularmente interessante para os objectivos do nosso trabalho, porque ajuda a colocar o foco, em primeiro lugar, sobre as mulheres, e, em segundo lugar, sobre grupos que pelas suas características de classe actuam nos ângulos obscuros do sistema. Particularmente neste período, a publicação é só umhas das vias de introdução e promoção de repertórios, motivo pelo qual se prestarmos atenção unicamente aos produtores e às obras que chegaram a ser impressas, estaremos ignorando processos fundamentais para reconstruir e compreender o campo intelectual. As mulheres que actuam no campo intelectual na segunda metade do século XVIII em Portugal procedem, quase exclusivamente, da primeira nobreza, o que condiciona os seus posicionamentos públicos, igual que os dos seus pares masculinos. Como veremos com maior pormenor mais adiante, as mulheres colocam-se premeditadamente em umha situação periférica que lhes permita actuar nos campos intelectual e do poder (tanto em benefício próprio como das suas famílias) sem transgredir a doxa²¹, priorizando, para as suas intervenções, meios como a correspondência por diante da impressão e da publicação.

Veremos, portanto, que os perigos políticos que pode gerar a exposição pública, ao lado da vontade de distinção que os leva a não competir no campo com pessoas de classes sociais inferiores, empurra tanto a homens como a mulheres da nobreza a ocuparem lugares de intermediação. Assim, o estudo da interferência e da mediação permitirá-nos observar as estratégias de criação de redes, atendendo tanto à correspondência como à organização de assembleias ou salons, que serão decisivos, no caso de Mello Breyner e o seu grupo para a introdução em Portugal de modelos importados de Áustria e para a criação e difusão de ideias.

²¹Pierre Bourdieu (1994: 128-129) define este conceito como «une orthodoxie, une vision droite, dominante, que ne s'est imposée qu'au terme de luttes contre des visions concurrentes; et qui' "attitude naturelle" don't parlent les phénoménologues, c'est-à-dire l'expérience première du monde du sens commun, est un rapport politiquement construit, como les catégories de perception que la rendent possible».

I.2.2.3. Algumas precisões terminológicas

Para evitar ambigüidades e preconceitos pouco rigorosos, parece-nos fundamental definir aqui as nossas propostas terminológicas, precisando que noções vamos utilizar ao longo do trabalho e que entendemos exactamente por cada um desses verbetes.

I.2.2.3.1. Definições de Ilustração

A simplicidade do discurso historiográfico tradicional é equivalente à que encontramos em muitas histórias da literatura nas quais o estudo do século XVIII é reduzido a uma série de tópicos como o conflito entre neo-classicismo e pré-romantismo, partindo de conceitos posteriores ao período em foco que distorcem o objecto de estudo. Assim sucede, por exemplo, com a pouca atenção prestada aos géneros não ficcionais, de enorme importância na Ilustração, que costumam ser, exceptuando o caso de Luís António de Verney e o seu *Verdadeiro método de estudar*, directamente ignorados. Isto deve-se a que o conceito de literatura finalmente vitorioso na luta que veremos mais adiante existente no século XVIII foi aquele que considerava literatura só os textos de ficção. As histórias da literatura, portanto, não se fazem considerando que é *literatura* em cada um dos momentos estudados, mas adoptando um critério único e dependente da visão actual. Isto relaciona-se também com a desconsideração que sofre grande parte da produção setecentista avaliada em função de critérios como a qualidade literária²², introduzindo desta maneira um elemento opinativo como o gosto no quadro de uma investigação. Para além disto, de facto, os fundamentos em que se sustenta essa “qualidade literária” não são objectivados a partir de uma série fixa de critérios explícitos; muito ao contrário, parte-se da existência autónoma de uns princípios que se consideram geralmente conhecidos e aceites, o qual

²² Even-Zohar:(1997): «this goods are viewed, and sensed, as "values". A whole stock of words has been invented to distinguish these valuable items: objects, ideas, activities, and artifacts, from less valuable ones. They are labeled "original", "artistic", "aesthetic", "spiritual" and more. They are treated as givens, and a whole set of institutions have emerged along the ages with the purpose of cherishing them, enhancing their value, and securing it».

pretende ocultar a evidência de que tanto o gosto como a qualidade artística som construções culturais que respondem a bases algo menos “inocentes” que o puro deleite estético.

Um caso paradigmático da simplificação e a distorção que provoca umha «linguagem desadequada e sem qualquer valor explicativo» (Araújo, 2003: 21) é a utilização de determinados verbetes que prejulgam as origens dos elementos de repertório mais sucedidos. Referimo-nos, por exemplo, à esmagadora extensom, no âmbito lusófono, da denominação *Iluminismo* frente a *Ilustração*. Ana Cristina Araújo (2003: 16) chama a atenção para este anacronismo:

tem-se aceitado, um tanto acriticamente, o conceito de iluminismo, derivado do termo italiano *illuminismo*, para caracterizar o movimento das ideias que, em Portugal, se opôs resolutamente à escolástica, à herança seiscentista no campo da literatura, das artes e do pensamento, proclamando, em lugar da tradição, o valor da razão e do espírito crítico em todas as esferas da acção humana. Como se a unidade de concepções a respeito do Homem, de Deus e da Natureza, aferidas por uma mesma escala de valores e de prioridades educativas, emprestasse, por si só, uma finalidade idêntica às expectativas do progresso no mundo católico.

Esta preferência por um verbete italiano, que nunca foi usado durante o período ilustrado em Portugal, como temos verificado na utilização da documentação coeva, e como também afirma Araújo no mesmo lugar, pressupom, do nosso ponto de vista, a reafirmação do tópico generalizado de que a Ilustração portuguesa é um movimento de raiz basicamente italiana, considerando este o único modelo possível de Ilustração católica. Esta oposição (católica vs. nom católica) estabelece-se com a Ilustração francesa, entendendo, ademais, como único modelo possível nesta o que leva ao processo revolucionário burguês de 1789, quando isto supom esquecer umha tradição racionalista do século XVII com um forte pendor aristocrático, a que pertencem algumas das mulheres que som, por exemplo, citadas por Mello Breyner, como é o caso da conhecida Madame de Sévigné.

Frente a este termo, escolhemos o de *Ilustração*. No *Vocabulario portuguez latino* de Raphael Bluteau (1712-1728, vol. 4: 53) encontramos «Ilustrar» com um significado idêntico ao que terá ao longo de todo o século em Portugal: «dar luz, & noticia clara de alguma cousa [...]. Usa Quintiliano esta palavra, para significar a claridade, & evidencia de alguma cousa. E na lingua Portuguesa *Ilustração* pode significar a clareza de huma obra de engenho». Ao lado desta definição encontramos

ainda, no mesmo lugar, «Ilustrado. Feito mais claro mais intelligivel [...]. Ilustrado de noticias, quer humanas, quer Divinas», e «Ilustrar [...]. Ilustrar materias escuras [...]. Ilustrar hum discurso, ornando-o com elegancias de arte oratoria [...]. Ilustrar alguma materia com o discurso».

O significado original de “Ilustraçom”, antes que a um movimento ideológico e estético coeso, filia-se mais, já nos começos do século, a umha ideia de esclarecimento e accumulaçom de conhecimentos, que é precisamente a imagem que de si mesmos temhem os ilustrados, que se autodefinem nom apenas como aqueles que temhem os conhecimentos (científicos, literários...), mas também os que som capazes de difundirlos e achegá-los aos mais.

Encontramos também no Bluteau (1712-1728, vol. 5: 215-217) umha outra referência (nom chega a ser umha definiçom) que nos interessa colocar ao lado das anteriores: «Luz. [...] Luz da razão [...] alumiar alguém com a luz da razão». Isto indica-nos que já funcionava em português nesta altura esta locuçom tantas vezes utilizada polos ilustrados e que coloca, ao lado da erudiçom e a difusom de conhecimentos, o outro alicerce do que nós definimos como Ilustraçom: o Racionalismo.

Na ediçom de 1789 do vocabulário de Bluteau, publicada sob o título *Dicionário da lingua portugueza* e actualizado por Moraes e Silva nom existe mudança nestes significados.

Nom contamos para o caso português com um texto que defina a palavra Ilustraçom de forma programática, embora existam outro escritos como os produzidos pola ACL que coloquem as bases ideológicas da actuaçom deste grupo. Parece-nos, portanto, que pode ser interessante comparar as definiçoms lexicográficas vistas acima e as propostas da ACL com alguns dos textos que integram a polémica suscitada em Alemanha em 1783 quando o Padre J. F. Zöllner desafiou os seus contemporâneos a definir *Ilustraçom*. Embora o texto mais conhecido desta polémica seja o famoso *Was ist Aufklärung?* de Immanuel Kant, outros contemporâneos como Mendelssohn, Wieland, Riem, Herder, Lessing, Erhard ou Schiller participárom neste debate. O que nos interessa pôr em destaque é que nos primeiros artigos que se publicam em volta desta questom os autores coincidem nos traços fundamentais que atribuem a este movimento. Com esta revisom dalguns textos pertencentes à polémica sobre *que é Ilustraçom* nom queremos sugerir que os produtores portugueses os conhecessem directamente ou que chegassem ecos deste debate público a Portugal, porque nom

podemos verificá-lo documentalmente, mas queremos pôr em destaque, por umha parte, que existe na Europa um movimento ilustrado que se define a si mesmo, e, por outra, que existem coincidências evidentes entre os postulados que aparecem nestes textos e os que som produzidos em Portugal por grupos ilustrados, o que, em nossa opiniom, justifica a introduçom neste lugar das definiçons alemás.

Mendelssohn (1784: 11), por exemplo, coloca como sinónimos *Ilustraçom*, *cultura* e *educaçom*, definidos como «modificaciones de la vida social; efectos del trabajo y de los esfuerzos de los hombres para mejorar su situación social», reservando para *cultura* um significado mais ligado às aplicaçons práticas, e para *Ilustraçom* um pendor (utilizando as suas próprias palavras) mais teórico: «[el] conocimiento racional (objetivo) y [la] habilidad (subjativa) para reflexionar razonablemente sobre las cuestiones de la vida humana, en consonancia con la importancia e influencia sobre el destino humano» (Mendelssohn, 1784: 12). Finalmente, parece-nos de interesse assinalar umha precisom feita por Mendelssohn e é que «ciertas verdades, que son útiles para el hombre como tal, pueden a veces ser dañinas para él como ciudadano» (Mendelssohn, 1784: 14), porque esta ideia sustenta muitas das (aparentes) incoerências ideológicas dos ilustrados.

Kant, por sua parte foca a sua análise da Ilustraçom na capacidade de agir em funçom exclusivamente da Razom, que resume na sua famosa frase *Sapere aude!*, definindoa Ilustraçom como «la salida del hombre de su autoculpable minoría de edad» (Kant, 1784: 17). Num outro artigo do próprio Kant recolhido no mesmo volume, o filósofo oferece umha nova definiçom de Ilustraçom: «la liberación de la superstición se llama Ilustración» (Kant, 1790: 27), assinalando a liberdade religiosa como elemento fundamental da Ilustraçom kantiana, e censurando as interpretaçons supersticiosas do catolicismo, tal e como farám também outros produtores ilustrados, inclusive naqueles fielmente católicos, como a própria Teresa de Mello Breyner. Num terceiro artigo sobre este mesmo assunto Kant achega ainda umha outra ideia que achamos básica na Ilustraçom –o optimismo: «sostengo que puedo predecir al género humano, incluso sin ánimo profético, que de acuerdo con los síntomas y signos precursores (*nach den Aspekten und Vorzeichen*) de nuestra época, alcanzará su fin, y, a partir de ahí, su progreso hacia lo mejor jamás retrocederá por completo» (Kant, 1798: 29).

Em Cristoph Martin Wieland (1789) encontramos outra das ideias comuns no discurso ilustrado qual é a identificaçom deste movimento com a luz que desfaz a obscuridade: «¿Qué es *Ilustración*? [...] Esto lo sabe todo aquel que mediante un par de

ojos ha aprendido a reconocer dónde reside la diferencia entre claro y oscuro, entre luz y tinieblas» (Wieland, 1789: 45). E ainda acrescenta, igual que Mendelssohn, a identidade entre Ilustração e acumulação de conhecimentos: «la Ilustración, es decir, tanto conocimiento como sea necesario para poder distinguir, siempre y en todo lugar, lo verdadero de lo falso, *debe*, por eso, extenderse sobre los que *pueda* extenderse, es decir, sobre todo lo visible a nuestros ojos externos e internos» (Wieland, 1789: 46).

Por sua parte, Andreas Riem (1977: 51) achega um outro significado de Ilustração, que é o de civilização oposta à barbárie:

imagínate en medio del gentío, de un pueblo negro bárbaro, en las costas de África, y que vieses de que forma salvaje desprecian los derechos humanos; puedes representarte una Xinga²³ danzar alrededor de las víctimas sacrificadas, una religión sedienta de sangre, que destroza el cráneo de las víctimas con un hacha de modo que el cerebro salta desparramado, para acabar con sed calenturienta chupando la sangre de estos desgraciados. Ante este espectáculo, ¡Dime, europeo compasivo!, ¿acaso no desearías que Xinga fuese más ilustrada?

O mesmo autor acrescenta ainda umha definição que incide na oposição entre Ilustração e preconceito: «la Ilustración consiste en la rectificación de los conceptos según los principios de la pura verdad» (Riem, 1977: 55), e, no mesmo lugar, introduz um elemento que nos parece fundamental, a relação entre Ilustração e Estado: «¿Pierde o gana el Estado con la Ilustración? ¿Gana o pierde la religión con la Ilustración? ¿Es el engaño necesario y útil?».

Portanto, e em função do visto até aqui, definimos Ilustração como um movimento ideológico de âmbito internacional que se desenvolve ao longo do século XVIII em todos os países colocados na órbita europeia. **Este movimento tem como base fundamental e definitiva o Racionalismo e, embora se verifiquem diferentes tendências dentro das diferentes Ilustrações europeias e americanas, entendemos que é a aplicação da Razom²⁴, apoiada nos avanços científicos e nas suas cada vez maiores aplicações técnicas, às formulações políticas, éticas, artísticas, linguísticas,**

²³Refere-se à filha de um Rei angolano que no próprio século XVIII lutou contra os colonizadores portugueses.

²⁴ Conceito fundamental da Ilustração e do Racionalismo, a *Razom* –sempre com capital inicial- nom é um verbete com umhas claras balizas teóricas, e, segundo Calafate (2001: 25) «é essa mesma indeterminação que explica, em parte, o seu fácil e rápido sucesso, é por isso que, amiúde, razão e natureza apenas exigem, para a sua aceitação, um mero “reflexo intelectual”, expressão que põe em evidência a imediação do processo. Em rigor, foi este relativo silêncio conceptual que as tornou quase invencíveis, deitando afinal, por terra a imagem super-racionalista do século XVIII, e fazendo lembrar que, no coração das Luzes, reside um vasto plano de sombras».

e mesmo comportamentais o que confere unidade a todas estas correntes ideológicas, por outra parte, tam diferentes.

Como elementos comuns a todas as “Ilustraçons”, vamos encontrar a extensom da educaçom e da formaçom académica, umha maior difusom da ciência e da tecnologia, um afâm reformista nos diferentes governos e a atribuiçom ao Estado de novos cometidos como a ordenaçom educativa, social, e de infraestruturas. Evidentemente, estes pontos comuns vam ser particularizados por diferenças cronológicas e nacionais, mas também polo resultado das lutas entre grupos sociais com interesses encontrados, que serám diferentes em cada lugar. assim, na Prússia ou na França revolucionária temos o triunfo das propostas burguesas, enquanto no Portugal de Pombal temos o triunfo duma fidalguia ou baixa nobreza emergente e no mesmo Portugal, mas sob o poder mariano, encontraremos o triunfo (provisório) das propostas aristocráticas. Estes condicionalismos também afectam consideravelmente a questons tais como a que grupos sociais devem ser extendidas a educaçom e a formaçom académica, quais os direitos das mulheres, dos escravos ou das populaçons indígenas das colónias, o regime político defendido... e também aos modelos estéticos propostos.

1.2.2.3.2. Proposta de periodizaçom do período ilustrado em Portugal

Faltando ainda investigaçons rigorosas que precisem a cronologia concreta, as vias de introduçom da Ilustraçom em Portugal e/ou de elaboraçom de elementos de repertório ilustrados, e os grupos e tendências que participam nesta introduçom/elaboraçom, parece-nos que pode ser acertado propor como **começo do período ilustrado em Portugal o primeiro terço do século XVIII**, momento em que começam a circular propostas ilustradas como as difundidas pola Academia Portuguesa da História, os *Apontamentos sobre a educaçom de hum menino nobre* de Pina Proença (1734), ou alguns dos textos “pró-franceses” que participam na primeira polémica pública em volta dos modelos teatrais.

Frente às academias do período barroco, a Academia da História nom é apresentada como umha instituição literária, mas focada para o trabalho historiográfico, relacionada com um interesse crescente desde a restauração bragantina por recuperar os símbolos identitários portugueses que tinham sido afectados polo período da monarquia dual. Dentro desta instituição, colocam-se alguns agentes como Raphael Bluteau ou o Conde da Ericeira, que tivérom um papel importante na introdução de elementos do classicismo francês do século XVII (como é sabido, Ericeira traduz para português a *Poétique* de Boileau já em 1693), integrados na vaga racionalista que condicionou a renovação teatral francesa nessa altura, com produtores como Racine, que ao longo do século XVIII funcionárom como modelos para os produtores teatrais ilustrados.

Martinho Mendonça de Pina e Proença publica em 1734 um tratado pedagógico em que recolhe algumas das propostas tipicamente racionalistas que vamos encontrar (com as precisons e variações evidentes) ao longo de todo o século tanto em Portugal como no resto de Europa. O objectivo de Proença é orientar a formação dos meninos nobres para que ocupem no campo social o lugar herdado dos seus pais, e como no país nom existe nengumha instituição apropriada para isto, dava um guia para os pais que devem educar os seus filhos (varons) em casa para evitar contactos nocivos nas escolas públicas. Martinho Proença adscribe-se às novas correntes de pensamento que questionavam um sistema educativo baseado na autoridade dos antigos e na memorização da gramática latina, já que a finalidade da aprendizagem do latim nos meninos nobres é puramente prática, focada para possíveis cargos políticos e eclesiásticos para que só precisam de saber utilizar a língua com correcção.

Na perspectiva de Proença encontramos umha revisão crítica dos clássicos greco-latinos, cuja leitura nom é recomendada sem analisar primeiro as suas virtudes pedagógicas. Do mesmo modo, duvida da utilidade das disciplinas procedentes do *trivium* e do *quadrivium*, como a retórica, para os estudos deste nobre destinado, no caso do filho mais velho, a gerir as posses herdadas de seus pais e, no dos filhos mais novos, a desempenhar algum cargo político.

Martinho Proença propom umha nova metodologia adaptada às necessidades e preferências dos rapazes, mas também a umha concepção radicalmente diferente da infância, recomendando novas metodologias que priorizem o jogo frente à memorização.

Em 1739, o Marquês de Valença, D. Francisco de Portugal e Castro, publica «com público louvor do censor da altura» (Oliveira Barata, 1991: 220) o *Discurso*

apologético em defesa do teatro espanhol, onde o autor defendia o repertório espanhol e como paradigma deste a obra de Calderón de la Barca. A publicação deste texto originou uma forte polémica em torno aos repertórios teatrais em que participaram diversos autores com folhetos e escritos que rejeitavam ou aderiam ao teatro calderoniano. Alguns destes são as *Notas à crítica que o Snr. Marquês de Valença fez à tragédia do Cid composta por Monsieur Corneille. Escrita por um anônimo*²⁵ (1747), *Resposta do Marquez de Valença D. Francisco de Portugal e Castro aos reparos de um anônimo à crítica, que fez o mesmo Marquês à famosa tragédia do Cid* (1747).

O Marquês de Valença argumenta no seu texto em favor dos recursos do teatro barroco espanhol –metáforas, hipérboles- recorrendo mesmo à autoridade de Homero e Virgílio, e em contraposição enumera os que julga serem os defeitos do *Cid* de Corneille, que faz extensivos ao teatro francês em geral²⁶.

Quanto à resposta anónima de 1747, constitui uma defesa do modelo francês do século anterior com a reivindicação das três unidades, do decoro, da verossimilhança, o cânone clássico –representado por Sófocles, Eurípides, Menandro, Terêncio, Plauto...- e ilustrado –Corneille, Racine, La Fontaine, Boileau, Molière, Rousseau, Quinault, Voltaire.

Em nossa opinião, este primeiro período de introdução de elementos repertoriais ilustrados em Portugal, acabaria na metade do século, quando, depois da primeira tradução para português (embora seja facilmente imaginável que já circulava em espanhol com anterioridade) do *Teatro crítico* de Benito Jerónimo Feijó, da publicação do *Verdadeiro método de estudar* e da subida ao trono de D. José I alguns destes novos elementos sejam assumidos e aplicados desde o próprio governo, o que contribui para o desenvolvimento das Luzes, tanto do ponto de vista “oficial” como desde grupos e particulares, mais ou menos partidários do grupo que ocupa o poder.

Durante o reinado de D. Maria I, embora mudem parcialmente os grupos privilegiados pela ação do governo, elementos repertoriais ilustrados continuam a ser assumidos pela Rainha e os seus ministros, e algo similar sucede quando esta é sucedida pelo seu filho, o futuro D. João VI, que novamente muda os seus apoios, mas continua aceitando determinadas ideias que foram já perfeitamente acolhidas desde a governação.

²⁵ “Dans son *Dictionnaire bibliographique* Inocêncio dit que ces *Notas* passent pour avoir été rédigées par Alexandre de Gusmão” (Pimpão, 1972: 479).

²⁶ Alguns destes defeitos são a falta de defesa do honra por parte de D. Diego ou a falta de modéstia de D. Rodrigo (Pimpão, 1972: 475-476).

Cremos, portanto, que o final do período ilustrado em Portugal pode colocar-se na década de trinta do século XIX, quando se imponham com maior força elementos repertoriais liberais. Isto não significa que desapareçam as ideias ilustradas, porque muitas delas foram assumidas pelo ideário liberal, mas as condições produzem desses elementos mudam radicalmente, e o racionalismo começa a ser deslocado.

Por todo isto, parece-nos que em lugar de afirmar uma procedência concreta e uniforme para os elementos repertoriais que conformam a Ilustração portuguesa (método que normalmente responde a um preconceito antes que aos resultados dumha pesquisa), é necessário, como escreve Cristina Araújo (2003: 17): «demarcar tendências, [...] filiar correntes de pensamento e [...] autonomizar, a partir de indícios seguros, ideários relativamente coerentes e de largo rasto cultural e institucional».

Neste sentido, entendemos que devem ser estudados os percursos individuais (as trajetórias sociais e as tomadas de posição) de determinados elementos que conformam grupos mais ou menos “coerentes”, como pode ser o que tentamos desenhar em relação com Teresa de Mello Breyner, tendo provavelmente como núcleo central o Duque de Lafões. Isto, evidentemente, não significa que todas as pessoas cuja relação com ela podemos constatar tenham um ideário ou uns objectivos comuns, mas parece possível, no entanto, esboçar um pequeno núcleo de pessoas que os partilham.

1.2.2.3.3. Estrangeirados

Dentro destes percursos, a viagem e os contactos com o exterior mostram-se como o elemento fundamental, mas isto não quer dizer que partilhemos o conceito habitual de “estrangeirados”, que parece exprimir a ideia de que só determinadas pessoas radicadas fora de Portugal, e, portanto, supostamente influenciadas pelo modo de vida dos seus países de adopção, que necessariamente deve ser mais desenvolvido intelectualmente, são capazes de fazer progredir a cultura e a sociedade portuguesas, porque, como bem diz Borges de Macedo (1974: 187), criticando a formulação de

“estrangeirado” que faz António Sérgio, precisamente como elemento de análise para o século XVIII português, esta ideia:

envolvia, além do pressuposto da influência dos factores externos nas sociedades, o princípio de que estas últimas podiam, histórica e culturalmente, para a observação científica, dividir-se em atrasadas e avançadas, além de se hierarquizarem do mesmo modo.

Ainda, como lemos em Borges de Macedo (1974: 196), um outro problema deste conceito é que não se individualizam as trajectórias de cada um dos supostos “estrangeirados”, incluindo-os todos num mesmo grupo sem fazer diferença em função dos motivos pelos quais saem de Portugal, dos países que visitam ou a que se trasladam definitivamente, dos grupos com que se relacionam uma vez fora de Portugal, ou ainda dos grupos com que continuam mantendo relação em Portugal, ou até se esta relação existia:

é visível que as diferentes personalidades que saíam do país -regressando ou não- divergem quanto à origem social, quanto aos conhecimentos que de Portugal levavam, e em muitos outros importantes aspectos: não há coincidência quanto à idade, razões de saída e intenções públicas. Ignoramos se as razões de divergência expressas nos diversos “viajantes” cultos e o modo de as ordenar, são diversas ou semelhantes, depois da “estadia”, às que levavam de Portugal. Interessaria, igualmente, saber “do que discordavam”. Não há qualquer uniformidade, quanto às áreas culturais que visitaram ou conheceram, nem quanto às condições em que o fizeram. Estipula-se por outro lado (e também arbitrariamente) uma unidade sobre o nível cultural europeu, em todas as áreas e expressões, e sempre superiores ao nível português. Além disso, os privilegiados viajantes portugueses, teriam podido assimilar aquilo que só mais tarde, em cada país, veio a verificar-se ter sido o que maior significado tivera na cultura da sua época.

Embora as propostas de Macedo nos pareçam de grande interesse, encontramos mais útil a crítica feita recentemente por Ana Cristina Araújo (2003: 21) tanto ao conceito estrangeirado como às intenções últimas da polémica estabelecida por Borges de Macedo com António Sérgio:

o conceito de “estrangeirado” diferencia, pela negativa, o pretendido isolamento de Portugal no panorama europeu, e reciprocamente, conota a elevada ou superior influência exercida pelo escol ilustrado que serviu de veículo à cultura filosófica e científica das Luzes. Com esta carga valorativa, o termo “estrangeirado” continua, por comodidade ou desmazelo crítico, a invadir erráticamente o discurso dos historiadores. A reiteração deste erro não reaviva apenas uma querela carregada de ressonâncias ideológicas –o sentido polémico da reflexão de Borges de Macedo é disso exemplo [...]. Desvirtua, acima de tudo, o universalismo que caracteriza o comércio de ideias no século XVIII.

Se bem subscrevemos estas palavras, não estamos também de acordo com a valorização que a seguir, no mesmo lugar, faz Araújo quando afirma que o pior desta sobrevivência do conceito “estrangeirado” é que

adota, quase à letra [...] a própria concepção de Progresso das Luzes. À semelhança do que pensavam os filósofos do século XVIII, também os historiadores que postulam a primazia da acção dos “estrangeirados” no processo de modernização cultural do país fazem depender a superação de desfasamentos culturais cronologicamente simultâneos de uma vanguarda intelectual alienígena, condenada a ser, em termos históricos, porta-voz do futuro.

Achamos que a introdução e posta em prática de novos elementos de repertório é feita por uma minoria –chame-se vanguarda intelectual ou de qualquer outra forma que dispõem do *habitus*²⁷ e da formação que a habilita para isso. Neste caso, falamos de determinados elementos da primeira nobreza e mesmo da grandeza de Corte (vid. Nuno Monteiro 1998 e 2004) que provêm de famílias com uma tradição erudita, que fazem parte da nobreza bragançina assentada em altos postos da governação e que, para além disto, ou bem por circunstâncias biográficas, ou bem pelo seu relacionamento com elementos que residem no estrangeiro, têm a possibilidade de aceder ao conhecimento de livros, ideias, etc. de difícil circulação em Portugal. É evidente que não consideramos estes grupos “porta-vozes” de nenhum futuro, e concordamos em que existe uma tendência na historiografia (literária ou não) a consagrar os representantes de determinados repertórios finalmente sucedidos como precursores ou antecipadores proféticos do que viria a acontecer mais adiante, em lugar de tentar identificar os grupos em luta, evidenciando que, obviamente, esse futuro (e, na realidade, podemos comprovar que também o passado) de que se fala foi construído em função das ideias triunfantes.

A própria Araújo (2003: 49-50) recolhe uma muito interessante informação sobre como esse pequeno grupo de famílias (ou casas, vid. Monteiro 1998 e 2004) desenham e põem em prática as estratégias que lhes permitem ocupar o lugar privilegiado que os habilita para converter-se na “vanguarda” intelectual:

é paradigmática a estratégia de D. Pedro Miguel de Almeida Portugal, 3.º conde de Assumar, 1.º marquês de Castelo Novo e mais tarde 1.º marquês de Alorna. No decurso do seu vice-reinado na Índia manda o primogénito D. João de Almeida Portugal, e outros dois filhos varões estudar para Paris. Movido por critérios de distinção e de actualização cultural –em sua casa já desfrutava da

²⁷«Système de *schèmes incorporés* qui, constitués au cours de l'histoire collective, sont *acquis* au cours de l'histoire individuelle et fonctionnent à l'état pratique et pour la pratique (et non à des fins de pure connaissance)» (Bourdieu, 1979: 545; itálicos no original).

leitura das *Memórias da Academia das Ciências de Paris*- D. João de Almeida Portugal informa regularmente o pai dos progressos que vai realizando nos seus estudos [...]. Consolidando a sua formação “nun tempo em que se começa a ter luz do mundo”, o fidalgo que mais tarde transmitirá as suas inquietações culturais à futura marquesa de Alorna, sua filha, aprende, desde cedo, a cultivar a crítica e a escarnecer as cabeças moldadas pelo “vício que trazem consigo os estudos da nossa terra”.

À luz deste depoimento, vemos como um pequeno círculo de casas, entre as quais poderíamos incluir, para além dos Alorna, os Vimieiro, os Ficalho, os Lafões, e talvez alguma mais, desenham para a formação dos seus filhos estratégias que lhe permitam conservar o seu lugar de destaque tanto no campo intelectual como no do poder. Em relação com isto, veremos mais adiante como a universidade se converte, nos finais do século XVIII, num dos meios mais efectivos para essa renovação dos elementos de distinção por parte das casas nobres que se vem assediados nos seus privilégios e no seu papel como elite política, económica, social e cultural.

A nossa ideia a este respeito consiste em ponderar o relacionamento entre intelectuais de diferentes países como elemento dinamizador e via de introdução de elementos repertoriais e de modelos de actuação, até porque esta ambição de estabelecer contactos internacionais tinha muito a ver com um conceito tam tipicamente ilustrado como o cosmopolitismo. Falando precisamente de cosmopolitismo, di Ana Cristina Araújo (2003: 19)

na busca de maior liberdade de acção e de pensamento, os espíritos eruditos furtam-se, nestas circunstâncias, à tutela dos Estados nacionais. Firmam a sua autonomia intelectual no espaço alargado da República das letras. Nesta, o lícito exercício da razão crítica demarca o campo apolítico do saber e da verdade. A liberdade espiritual e crítica esgota-se na denúncia e no combate ao erro e à ignorância. A universalidade imaginária reivindicada pelos cidadãos da República das Letras alicerça-se, por isso, no culto devido à sabedoria, à ciência e à filosofia. Nesta deriva do espírito, a partilha de conhecimentos realiza-se através do exílio voluntário ou forçado, da circulação de livros e notícias e da correspondência regular mantida pelos homens de letras. Lema, ou divisa utópica, a República das Letras assemelha-se, assim, a uma espécie de “Jerusalém filosófica”, livre e fraternal, transnacional e supraconfessional (Bots e Waquet, 1997, Frijhoff, 1999). Nela se integram sábios de todas as nações da Europa, figuras intelectuais de primeiro plano, simples vulgarizadores que se encarregam de transmitir aos seus correspondentes nacionais e aos soberanos do seu ou de outros Estados a economia dos saberes úteis que cultivam e, por vezes, confundidos com estes últimos, outros tantos “comissários de ideias” que, a coberto de missões negociais, diplomáticas e militares, procuram fundar a prática do aconselhamento político em máximas filosóficas do interesse geral.

Em relação com isto último, devemos dizer que, precisamente, uma das hipóteses que exporemos neste trabalho, que é a importância dos relacionamentos Áustria-Portugal, interessa-nos não apenas pelas repercussões que pode ter no campo literário ou cultural português, mas também (ou sobretudo) pela vocação do grupo que protagoniza estes intercâmbios de incidir nas decisões e actuações do governo. Fazendo uma revisão da historiografia portuguesa, é fácil dar-se conta de que não se tem prestado bastante atenção a estes contactos entre Lisboa e Viena, embora se revelem como fulcrais para o grupo de Lafões-Vimieiro, e encaixem dificilmente no quadro mais convencional desenhado arredor das “influências” francesa e italiana. Provavelmente, a pouca atenção sobre as interferências austríacas em Portugal tem a sua origem na falta de estudos sobre os contactos particulares dos agentes do campo. Como bem di Araújo (2003: 17): «globalmente, a irradiação contrastada das Luzes em Portugal resulta mais dos antagonismos de percurso intelectual realizados no âmbito de uma cultura cosmopolita e não tanto do seu afunilamento à órbita de influência italiana».

Evidentemente, quando falamos de relacionamentos entre determinados grupos austríacos e portugueses, não nos estamos a referir a uma importação maciça de repertórios austríacos (isto é precisamente o que negamos quando discutimos ideias como as influências francesa e italiana), nem que as consequências deste relacionamento cheguem imediatamente à sociedade portuguesa, mas que existem contactos, bem individuais, bem grupais, por parte de elementos portugueses com outros elementos homólogos (também individuais ou grupais) que têm o seu âmbito de actuação na Áustria. Fazemos esta precisão, porque queremos fugir explicitamente de concepções como “a Ilustração italiana”, “a Ilustração portuguesa” ou “a Ilustração austríaca”. A complexa rede de relacionamentos que conforma o campo intelectual em cada lugar e em cada momento impossibilita falar dumha maneira tão geral sem que isto implique uma simplificação tanto do discurso como da realidade que se pretende descrever. Tal e como se verifica para o caso português, deveremos falar de “Ilustrações italianas”, “Ilustrações portuguesas” ou “Ilustrações austríacas”, entendendo que, com base em certos princípios comuns com os quais definimos o conceito *Ilustração*, existe um imenso número de teorizações, concepções, objectivos e estratégias diferentes em função dos diferentes grupos que os defendem condicionados pela sua adscrição de classe, a sua posição mais ou menos privilegiada dentro do campo do poder e a sua trajectória social. E todos eles se definem a si mesmos como ilustrados.

I.2.2.3.4. Os conceitos Pré-Romantismo e Neoclassicismo

Do mesmo modo que consideramos “Iluminismo” um conceito pouco acertado pelos motivos vistos acima, há outros dous conceitos extraordinariamente extendidos, que nom utilizaremos no nosso trabalho e que cremos que merecem alguma atençom: Pré-romantismo e Neoclassicismo. Na introduçom a este trabalho avançamos que nom empregariamos estes termos porque preferiamos servir-nos de conceitos coevos para definir a época em foco, mas o motivo nom é apenas este.

O termo neoclassicismo tal e como costuma ser definido²⁸ coloca-se como o equivalente literário da Ilustraçom, que seria o termo apropriado para falarmos de filosofia ou história. Desta maneira prejulga-se que *toda* a produçom artística do período ilustrado é umha declarada e procurada imitaçom dos modelos greco-latinos e quinhentistas italianos e portugueses. Isto nom é assim por vários motivos, sendo o principal que a definiçom de literatura da qual se parte a priori é dada desde o momento histórico do crítico, nom desde o momento da produçom. Isto, no caso dumha época em que existe um enorme desenvolvimento dos géneros doutriniais e dos géneros em prosa, sem se terem estabelecido ainda limites claros entre a prosa doutrinal e a prosa ficcional (pense-se por exemplo no sucesso dos livros de viagens, das cartas, dos testemunhos e depoimentos, etc.), fai com que boa parte da produçom dos autores ilustrados fique fora do quadro literário “neoclássico”, ou desvalorizada e pouco estudada por ser considerada “menor” da perspectiva do crítico. A questom é grave desde o momento em que nom se reconstrói e estuda a situaçom real do campo literário (ou intelectual) dum determinado momento, mas parte-se dum a priori sobre quais os géneros, os modelos e até os produtores que *devem* ser mais importantes, e até de quais deveriam ser as maneiras e os tempos de receber os modelos estrangeiros em Portugal, criticando todo aquilo que nom se ajustar a esse preconceito. Estamos, portanto, na maior parte dos casos, perante textos de opiniom, nom de análise.

Para referir-nos a umha corrente poética concreta que recria os moldes poéticos clássicos, mas que, sobretudo, toma como referência canónica a poesia quinhentista italiana e portuguesa, cremos que se pode utilizar os termos *Arcádia*, *arcadismo*, *árcades*, de uso freqüente no século XVIII, mas entendendo sempre que se trata simplesmente dumha corrente estética concreta que nom entra em contradicçom com

²⁸ Neste sentido, remetemos para as definiçoms de neoclassicismo que aparecem recolhidas na epígrafe I.3.1.

outros elementos ideológicos próprios da Ilustração como os já vistos (racionalismo, reformismo...).

Quanto ao conceito pré-romantismo, este deriva directamente da simplificação ocasionada pelo conceito neoclassicismo. Dado que se cria um único padrom literário para todo o período em foco, qualquer produção que não se ajustar a esse padrom deve resultar algum tipo de anomalia.

Durante todo o período ilustrado é comum (não só em Portugal, mas também noutras literaturas europeias) a difusão de modelos sentimentais, que não entram em contradição com o racionalismo que define a Ilustração. O sentimentalismo exalta o amor, a amizade e a sensibilidade como virtudes, sempre e quando se deixem guiar pela Razão, e se constituam em fonte de felicidade, não de sofrimento, como sucede com a paixão descontrolada. Esta defesa da sensibilidade e da felicidade, facilmente integrada na ortodoxia católica, é utilizada mesmo (o caso de Leonor de Almeida e Teresa de Mello Breyner é, neste sentido, paradigmático) como elemento de distinção frente a outros grupos, já sejam estes outras camadas sociais consideradas inferiores (neste sentido, o sentimentalismo seria identificativo dos “patrícios”), já outros grupos ideológicos dentro da primeira nobreza.

A tendência sentimental, portanto, só se mostra contraditória com a Ilustração e o Racionalismo da perspectiva de quem pretende reduzir estes ao neoclassicismo, não da perspectiva dos próprios produtores ou mediadores do último terço do século XVIII, e ainda dos começos do século XIX. Portanto, não tem sentido ver nestes novos elementos de repertório avanços anacrónicos dum Romantismo que em Portugal só existiu ligado ao liberalismo a partir da terceira década do século XIX. Neste sentido, parece-nos do maior interesse um trecho da censura do segundo volume das *Rimas* de Bocage, citado por Joaquim Ferreira (1939: 658) que dá indícios claros de como é interpretada a poesia de Bocage pelos seus coevos:

Não passou despercebido a Cristiano Muller, censor do segundo tomo das *Rimas*, o mérito verdadeiramente singular de Bocage: “Poesias ternas que penetram o coração, e onde de vez em quando luzem vislumbres de filosofia... Epístolas, odes e epodos altissonantes, nos quais desenvolve toda a força de um génio culto transcendente, unida unicamente com uma fantasia inesgotável.

É fácil ver nestas linhas como os elementos postos em destaque por Muller não som nem a presença de amores arrebatados, nem o gosto pela noite, ou um interesse morboso pela morte, mas a ternura, a filosofia, os moldes clássicos, a “cultura” e a

fantasia, todas elas características perfeitamente coerentes com os princípios Ilustrados e com a corrente sentimental. Com isto queremos indicar que Bocage nom é visto polos seus contemporâneos como um produtor que quebre as normas ilustradas (basta só com dar umha vista de olhos ao índice da sua *Opera omnia* para ver que nom hai nada mais longe da realidade), e de facto, durante a sua vida integrou-se em instituições como a Nova Arcádia, e relacionou-se e até foi protegido por aristocratas ilustradas como as Condessas de Vimieiro e Oyenhausen.

Nom pretendemos negar, evidentemente, que alguns elementos tipicamente sentimentais fôrom posteriormente utilizados para constituir o repertório romântico, mas, para além de que podam ser identificadas marcadas diferenças nas funções que o sentimento tem para os ilustrados e os românticos, ainda que assim nom fosse, isso nom converteria estes elementos repertoriais nem aqueles agentes do campo que os utilizam em precursores de nada: simplesmente utilizam elementos que estão ao seu dispor no campo, exactamente igual que farão posteriormente os românticos.

Insistimos nestes aspectos dos verbetes porque veremos que som fundamentais para descrever e fragmentar a realidade em foco, e a sua utilização acrítica tem feito com que o período ilustrado (igual que outros períodos) tenha sido estudado de forma parcelar, e, portanto, incompreendido por muitos críticos e historiadores da literatura. Neste sentido, interessa-nos o dito por Nuno Monteiro (2003: 163) em relação com estes mesmos problemas, neste caso no campo da história, em volta do vocabulário utilizado na investigação:

a reflexão sobre o vocabulário social tem-se situado no centro do debate historiográfico ao longo da última década. Com efeito, sob o impacto da chamada «viragem linguística», multiplicaram-se as críticas à história social internacional e à utilização de categorias predifinidas na escrita da história. Afirma-se, em particular, que essa classificação preambular determina, em larga medida, os resultados finais que se alcançam, contestando-se, em especial, a utilização intemporal das categorias sócio-profissionais actuais.

Como veremos mais adiante, o problema da utilização de termos como *Iluminismo*, *neoclassicismo*, ou *pré-romantismo*, é, como indica Monteiro, o prejulgamento dum determinado estado do campo e a criação e/ou transmissão da ideia de que determinadas categorias existem por si mesmas fora da história e da sociedade, constituindo-se, portanto, em axiomas, em verdades absolutas que nom precisam de ser definidas.

Pierre Bourdieu, numa entrevista realizada por Didier Eribon com motivo da publicação de *La distinction*, publicada no jornal *Libération* dos dias 3 e 4 de Novembro de 1979 (in Bourdieu, 1984: 17) esclarece a importância dum registo linguístico científico para a sociologia:

résister aux paroles, ne dire que ce qu'on veut dire: parler au lieu d'*être parlé* par des mots d'emprunt, chargé de sens social [...]. Résister aux paroles neutralisées, euphémisées, banalisées [...]. Tout langage qui est le produit du compromis avec les censures, intérieures et extérieures, exerce un effet d'imposition, imposition d'impensé qui décourage la pensée.

On s'est trop souvent servi de l'alibi du réalisme ou du souci démagogique d'être «compris des masses» pour substituer le slogan à l'analyse. Je pense qu'on finit toujours par payer toutes les simplifications, tous les simplismes, ou par les faire payer aux autres.

E ainda, utilizando uma frase muito própria do século XVIII, acrescenta Bourdieu no mesmo lugar que

l'absence de théorie, d'analyse théorique de la réalité, que couvre le langage d'appareil, enfante des monstres [...] C'est pourquoi, contre l'antiscientifisme qui est dans l'air du temps et dont les nouveaux idéologues ont fait leurs choux gras, je défends la science et même la théorie lorsqu'elle a pour effet de procurer une meilleure compréhension du monde social.

O que Bourdieu apresenta para o campo da sociologia é perfeitamente aplicável para o estudo tanto do campo literário como do campo cultural ou intelectual. É necessário estabelecermos uma língua precisa, que evite os subentendidos ou aceite sem análise e revisão prévia o dado pela “tradição” dos estudos literários, porque, como teremos ocasião de comprovar nos capítulos seguintes, a análise objectiva tem sido, geralmente, substituída pela opinião orientada ideologicamente, já seja de maneira consciente ou inconsciente, priorizando a exposição, transmissão e reprodução do gosto e dos valores ideológicos associados a ele, e, conseqüentemente, ocultando os processos de elaboração tanto desses valores ideológicos, como do próprio gosto, que é apresentado como uma categoria universal e objectivável.

I.2.3. Conclusions

As circunstâncias expostas, se bem dificultam, nom impossibilitam ou invalidam o trabalho realizado, porque tanto a documentação como a bibliografia consultadas parecem-nos suficientes para elaborar propostas documentadas ou colocar hipóteses de trabalho com alicerces suficientemente sólidos para serem defendidas embora algumas ainda nom pudessem ser contrastadas documentalmente.

Perante o estado do campo da crítica, é necessário, se quigermos ser rigorosos, partir dumha visom que nom julgue a priori, e sobre a base de critérios actuais, quais os elementos principais do sistema. A historiografia literária tem estudo os produtores -e quase exclusivamente estes- em funçom do papel ocupado no cânone, sem questionar como chegaram a ocupar as posiçons centrais ou periféricas correspondentes e se esse foi o seu verdadeiro papel no sistema. A funçom do investigador deve ser deconstruir os critérios com os quais tem sido *construído* o cânone para conhecer as verdadeiras posiçons e funçons dos agentes envolvidos no campo, porque é mui provável que os géneros, autores, movimentos ideológicos, etc. que resultárom finalmente triunfadores nom sejam os mesmos que ocupavam o centro do sistema no passado. Tal e como indica Even-Zohar (1990:46) para o caso da traduçom, «one could be tempted to deduce from the peripheral position of translated literature in the study of literature that it also permanently occupies a peripheral position in the literary polysystem, but this is by no means the case».

Por outra parte, também julgamos fundamental umha visom que esteja atenta às tomadas de posiçom dos diferentes agentes nos diferentes campos, e aos testemunhos coevos que podam levar à identificaçom de grupos e redes, de estratégias, de relaçons entre campos, de lutas polo poder, de agentes e vias de introduçom de repertórios e de modelos, de lugares de origem desses repertórios e modelos... Em qualquer caso, a trajetória da crítica a este respeito será analisada com maior pormenor no capítulo relativo ao estado da questom.

1.3. Estado actual do conhecimento

1.3.1. A Ilustração portuguesa na historiografia literária

Para completar a revisom feita na epígrafe anterior, parece-nos fundamental acompanhar, através de diferentes histórias da literatura, o tratamento que se dá ao período estudado, quais som os autores escolhidos, quais os critérios, e em geral, a análise que se fai da produçom literária portuguesa no período em foco. Como no caso anterior, o nosso único critério na disposiçom da informaçom é o cronológico.

Mendes dos Remédios (1908) na *História da literatura portuguesa desde as origens até a actualidade* intitula o capítulo referido ao século XVIII como «Escola franceza ou arcádica» (pp. 413-460) e ocupa-se, no que di respeito à segunda metade da Arcádia Olissiponense, da Academia Real das Sciencias, da Nova Arcádia, de Pedro António Correia Garção, de Domingos dos Reis Quita, de Cruz e Silva, de Bocage, de Agostinho de Macedo, de Filinto, de Tolentino, de "Duas poetisas" (Leonor de Almeida e a Viscondessa de Balsemão, que nom merecem individualizaçom do seu nome no sumário do capítulo), do teatro de António José da Silva, de Nicolau Luís e de Manuel de Figueiredo, ademais dos "Brasileiros".

Insiste-se (Remédios, 1908: 420) na importância da presença francesa em toda a Europa. Apesar da perspectiva mais ou menos exaustiva e abrangente, as informaçoms de Mendes dos Remédios som escassas e limitadas pola pequena extensom do seu volume.

Em 1918 publica-se *Os árcades. recapitulação da história da literatura portuguesa* de **Teófilo Braga**²⁹. Neste texto, Braga recolhe informaçoms, segundo el mesmo indica (Braga, 1984: 9), procedentes doutros trabalhos anteriores em que se tinha ocupado total ou parcelarmente do século XVIII, tais como a *História do teatro português* (1871), *A arcádia lusitana* (1899), a *História da Universidade de Coimbra* (1898), *Filinto Elísio e os dissidentes da arcádia* (1901), e *Bocage, sua vida e época* (1902)

²⁹ Citamos pola ediçom de 1984, que constitui o segundo volume da *História da literatura portuguesa* de Teófilo Braga.

Os produtores escolhidos por Braga como merecedores de epígrafe independente não diferem muito dos vistos em Aubrey Bell: o Cavaleiro de Oliveira, o Abade António da Costa, António José da Silva, Correia Garção, António Dinis, Domingos Reis Quita, Manuel de Figueiredo, Filinto Elísio, Bocage, Nicolau Tolentino de Almeida e José Agostinho Macedo, para além doutros tratados com algo menos de pormenor, mas igualmente focados com atenção como podem ser Boileau, Verney, Alexandre de Gusmão, Leonor de Almeida, José Anastácio da Cunha ou Tomás António de Gonzaga.

O volume de Braga caracteriza-se como a maior parte dos seus textos pela exaustividade das informações oferecidas, ao lado dumha forte carga de opinião –nem sempre favorável ao período estudado– e de posta em evidência da ideologia que rege estas opiniões. Aqui encontramos, pelo que se refere à segunda metade do século, um amplo estudo sobre a Arcádia Lusitana e alguns dos seus componentes, onde se explicita a vinculação deste grupo com o governo pombalino. Igual que noutros textos de Braga anteriormente citados a sua opinião sobre as produções da Arcádia são mui negativas (Braga, 1984: 132-133):

Todas estas simulações anacrónicas imprimiam um espírito de futilidade deplorável entre homens graduados, magistrados e professores, velhos cultos, supondo-se em uma idade patriarcal, estranha à civilização. A linguagem tornava-se caricata pela convenção, e os assuntos dos Idílios, Églogas, Ditirambos e Odes ostentavam-se produtos falsos, sem gosto nem senso. [...] Demais, o excesso de regulamentação académica matava toda a espontaneidade que exige a inspiração em quaisquer criações artísticas.

Devotado defensor do Romantismo, Teófilo Braga tem umha melhor opinião daqueles produtores que considera pré-românticos, entre os quais dá um papel prioritário a Leonor de Almeida, José Anastácio da Cunha e Francisco Manoel do Nascimento. Da futura Marquesa de Alorna, dá umha perspectiva parcelar, porque considera apenas a sua dimensão de produtora dos primeiros anos, desconhecendo as produções feitas depois da etapa de Chelas (incluídas numerosas traduções) e relativizando a importância do seu labor como mediadora: «a sua vida literária confinava-se nesses dezoito anos da clausura política nas Albas de Chelas. Conviveu e foi admirada pelos poetas arcádicos e viu brilhar os iniciadores do Romantismo, mas só retoricamente é que se pode denominar a Staël portuguesa». Dedicava bastante mais espaço, no entanto a Anastácio da Cunha, que merece, também, umha valorização bastante mais positiva condicionada por determinados (pré)conceitos dificilmente

aplicáveis no século XVIII: «para que este obscuro produto do proletariado fulgisse através dos preconceitos de uma aristocracia de orgulho idiótico e de uma atmosfera de intolerantismo clerical deprimente, era preciso que as suas faculdades excepcionais fossem reconhecidas».

Fala também Teófilo Braga (1984: 301-309), embora brevemente, da Academia das Ciências de Lisboa, e dá algum dado que nos parece do máximo interesse, ligando o esplendor desta instituição com o período de governo efectivo de D. Maria I.

O pendor romântico de Teófilo Braga fai que dedique especial atençom e entusiásticos elogios a Bocage, de quem afirma:

lendo hoje a obra poética de Bocage, já obliterado esse gosto tradicional do arcadismo, vê-se que este génio tem duas fulgurações, a verdadeira, sentida e incomparável inspiração que vem da sua vida afectiva, dos seus amores, dos abalos morais que sofreu, e essa outra retumbante e declamatória versificação escrita, como ele confessa, *pela mão da dependência*, imposta pela sociabilidade que o aclamava e se via arrebatado pelo raro improvisado irreflectido sobre assuntos banais e transitórios.

O britânico **Aubrey Bell** publica em **1922** a sua *Portuguese literature*³⁰, que dedica o «Livro Quinto» (pp. 361-383) ao período compreendido entre 1706 e 1806. No sumário podemos ler que Bell pom em destaque cinco elementos do Setecentismo português: o que el denomina «as Arcádias», os «poetas brasileiros», o teatro, as «investigações históricas e linguísticas» e as «cartas e memórias». Polo que a nós nos interessa, dentro do primeiro grupo inclui Francisco Joaquim Bingre, Francisco Xavier de Meneses, Correia Garção, Domingos Rei Quita, António Dinis da Cruz e Silva, Francisco Manuel do Nascimento, Nicolau Tolentino, a Marquesa de Alorna, Bocage, Curvo Semedo, Maximiano Torres, Paulino Cabral e Xavier de Matos; no terceiro, Manuel de Figueiredo, António José da Silva e Nicolau Luís; no quarto, umha instituição (a Academia das Ciências de Lisboa) ao lado de António Caetano de Sousa, Barbosa Machado, Rafael Bluteau «e seus continuadores»; e, finalmente, no quinto, Francisco Xavier de Oliveira, António Ribeiro Sanches, António da Costa e João de Queirós.

A valorização global que Bell (1922: 361) fai deste período pode ser resumida no seguinte trecho: «O século XVIII não matou a literatura em Portugal, como a não

³⁰ Citamos pola tradução portuguesa de 1971 a cargo de Agostinho de Camos e J.G. de Barros e Cunha.

matou em outros países, mas a poesia perdeu o seu lirismo, e sob a influência de escritores franceses e ingleses assumiu um carácter científico, filosófico ou utilitário»

Sem querer entrar em pormenorizada análise deste texto, a *Literatura portuguesa* Bell tem mais a ver com a simples opinião que com a análise objectiva da produção dum determinado período, fazendo umha valorização negativa de todos os produtores tratados e chegando a qualificar algum deles (o dramaturgo Manuel de Figueiredo) como «cérebro assim de pau» (Bell, 1922: 378). Todavia, podemos apontar ao seu favor o facto de dar umha certa importância a textos poucas vezes considerados nas histórias da literatura como as *Cartas familiares* (1741-1742) de Francisco Xavier de Oliveira, as cartas de Alexandre de Gusmão, as *Cartas sobre a educação da mocidade* (1760) de Ribeiro Sanches, as *Cartas curiosas* (1878) do Abade António da Costa, e às memórias *Miscellaneas* de João de S. José Queirós.

Em 1925 vem a lume a *Historia da literatura portuguesa ilustrada* de **Albino Forjaz de Sampaio**, que dedica um extenso capítulo (pp. 257-360) ao "Século Dezoito", onde, para além da poesia, dedica epígrafes a "Aspectos gerais. Sociedades. O rei. O terramoto. Pombal. A cultura. A arte", "A história", "O teatro", "A prosa -diversos géneros" e "Viagens", o que revela umha certa atenção a géneros não ficcionais de grande importância neste período.

Já Sampaio (1927: 257) chama a atenção para as dificuldades de compreensão por parte dos críticos e historiadores a respeito do período da Ilustração, afirmando que

o século XVIII tem sido geralmente mal apreciado, supondo-se um período inerte e estéril, quando, na realidade, foi em toda a Europa um século de fecunda e larga elaboração, que delineou e estabeleceu os princípios sobre que assentam as sociedades modernas.

Sampaio reflecte sobre um dos aspectos mais destacados da actividade cultural e intelectual (e, portanto, também literária) da Ilustração que foi a criação de princípios e normas de comportamento, de pensamento, em definitivo, de normas de repertório que dêem forma, particularmente, à sociedade do século XIX.

Embora priorize a importância da França como quase único foco de irradiação da Ilustração, o próprio Sampaio (1927: 258) reconhece o papel desenvolvido noutras cortes como a austríaca, a prussiana ou a russa para «a vitória dos princípios novos». Levado da sua tendência pró-pombalina, Sampaio (1927: 358-359) considera que o

único momento do século em que realmente os princípios ilustrados tenham verdadeiro apoio da monarquia portuguesa é durante o reinado de D. José I, considerando o governo anterior como um período dependente ainda do barroco e condicionado pela "luxúria" do Rei, e o posterior como um momento em que apesar dos esforços de D. Maria I, que «chegou para demitir o ministro que fôra a glória de seu pai» já nada «pôde travar as rodas do carro do progresso».

Apesar das eivas próprias dumha metodologia pendente do gosto e mui condicionada pela defesa das actuaçons de Pombal e a consagraçom, portanto, desse período como o autenticamente ilustrado, a perspectiva de Albino Forjaz Sampaio é das mais completas sobre o período estudado, porque, para além de oferecer alguma documentaçom interessante da época, o leque de assuntos que trata é muito mais amplo que o da maior parte das histórias da literatura, que costumam ficar quase exclusivamente pela produçom ficcional.

Por seu turno, **Fidelino de Figueiredo (1927)** refere-se na *Historia de la literatura portuguesa* à segunda metade do século XVIII (desde 1758 até 1825) como "Época III" (pp. 194-240) dentro dum período mais alargado que define como "Era clássica" que abrange de 1502 até 1825. Dentro do período em foco, pom em destaque quatro elementos: a Arcádia Lusitana, o grupo brasileiro, a Academia das Ciências e os independentes, entre os quais inclui o abade de Jazente, João Xavier de Mattos, José Anastácio da Cunha, Bocage, Nicolau Tolentino, Francisco Manuel do Nascimento, António Ribeiro dos Santos, Leonor de Almeida e José Agostinho de Macedo.

Depois de fazer umha revisom das informaçons mais ou menos comuns às doutros historiadores da literatura já vistos aqui, Figueiredo (1927: 236) chama a atençom para a literatura doutrinal e política escrita primeiro a favor e depois em contra de Pombal como umha das características principais da produçom literária desta terceira época clássica. Alude também a um certo gosto polo exótico entre os árcades, cujo «culto por la extinta belleza heloeno-romana no fué [sic] tan absorbente o esterilizador que cerrase la imaginación o la sensibilidad de los arcades [sic] a los encantos y sorpresas del exotismo americano» (Figueiredo, 1927: 238).

Em 1939 aparece umha nova *História da literatura portuguesa*, esta vez a cargo de **Joaquim Ferreira**³¹, que dedica um amplo capítulo à "Época clássica" (pp. 591-

³¹ Citamos pola terceira ediçom de 1964.

718), com epígrafes para a Academia Real da História, “O reformismo”, “A reacção classicista”, os Árcades, “Os independentes” e a Academia Real das Ciências de Lisboa.

Ferreira (1939: 607) insiste na pouca importância das produções literárias frente à transcendência das actuações noutros campos como o político ou o social: «a segunda metade do século XVIII assinalou-se na história da literatura portuguesa se não por criações de génio, pela sua infatigável e utilíssima paixão de reformas. Foi muito denso e brilhante o período que decorre desde 1750 até 1800».

Ferreira não se limita exclusivamente a tratar a obra ou as actividades públicas de produtores literários, e como exemplo temos que entre os “Reformistas” cita desde autores de textos pedagógicos e doutrinários como Ribeiro Sanches e Verney até políticos como Pombal (Ferreira, 1939: 608-632). Surpreende-nos, no entanto, a opinião de Ferreira (1939: 639) a respeito das relações da Arcádia Lusitana com o poder, porque é bem conhecida a relação entre a Arcádia e D. José e Pombal, verificável através dos títulos dalgumas das orações proferidas na academia: «Em que se persuade os bem devidos louvores do nosso Soberano, sempre Augusto e Fidelíssimo, recitada na conferência da Arcádia Lusitana no dia 4 de Março de 1763» (Saraiva, 1958: 141), «Oração panegírica recitada na sessão pública que os Árcades celebraram em uma das salas do Real Hospício da Nossa Senhora das Necessidades na tarde do dia 14 de Março de 1759, por obséquio às milhoras de Sua Magestade Fidelíssima o Senhor D. José I experimentadas depois do sacrílego atentado contra a sua Augusta Vida cometido na noite [sic] de 3 de Setembro de 1758» (Saraiva, 1958: 157). Sem dúvida empurrado por tendências políticas antipombalinas afirma: «a atmosfera política não lhe era favorável. Uns por inveja, outros por ciúme estúpido cavaram à volta dos árcades um ambiente de desconfiança; e a tirania do Marquês de Pombal escurentava de suspeitas a sua actividade».

Ao lado disto, no mesmo lugar, aparece uma das poucas valorizações positivas da produção poética dos Árcades: «nós vemos os seus brilhantes reflexos na poética do último quartel do século e na paixão de claridade com que os escritores se devotaram à prosa».

Temos em 1950 a *História da literatura portuguesa* de Feliciano Ramos³². O capítulo dedicado à produção do período ilustrado leva por título “Período de

³² Citamos pela oitava edição de 1967.

decadência clássica” (pp. 457-549), o que já nos coloca perante um juízo de valor a respeito do objecto de estudo. Mas, para além dessa valorização, a relativa exaustividade de Ramos, fai com que dê atençom a um número importante de produtores e também que se ocupe de géneros nom sempre tratados polas histórias da literatura como as “As investigações históricas” (dentro do qual se ocupa da Academia Real da História, de Caetano de Sousa, de Barbosa Machado, da Academia Real das Ciências, de António Caetano do Amaral, de João Pedro Ribeiro, de Frei Manuel do Cenáculo, de António Ribeiro dos Santos, de Francisco Alexandre Lobo e de Fr. Francisco de S. Luís) ou da epistolografia ao falar, por exemplo, de Leonor de Almeida. Para além destes, também dedica atençom a António José da Silva e Correia Garção como representantes da produçom teatral, e a Nicolau Tolentino, Filinto Elísio, Abade de Jazente, José Anastácio da Cunha, Marquesa de Alorna. considerados por Ramos «Dissidentes e precursores do Romantismo».

Lopes e Saraiva 1954 na sua *História da literatura portuguesa* dedicam à produçom do século XVIII o capítulo “O século das Luzes” (pp. 553-670). Os autores dam umha grande importância tanto às circunstâncias económicas e políticas como à produçom doutrinal (Ribeiro Sanches, Verney...), privilegiam a presença francesa na literatura portuguesa por cima de qualquer outra, e relacionam-na com o suposto romantismo de determinados produtores do fim de século. Ao lado disto, caracterizam a Corte de D. Maria como ainda Barroca e alheia às Luzes (Lopes e Saraiva: 643)

a literatura, que só conseguira celebrar o Terramoto e o reformismo pombalino em termos convencionais e abstractos, reflecte já de um modo mais comunicativo certos fenómenos políticos posteriores (como a *Viradeira*, a política de paz de D. Maria I, os ecos da Revolução Francesa), e sobretudo o afrancesamento dos costumes, dos gostos sociais e da linguagem, na burguesia, ao lado de uma corte degenerada mas de predilecções ainda barrocas.

Em **1960** vem a lume *A literatura portuguesa* do professor brasileiro **Massaud Moisés**. O capítulo dedicado à produçom da segunda metade do século XVIII leva o revelador título de “Arcadismo (1756-1825)”. Nestas páginas (95-110) presta atençom à Arcádia Lusitana, a António Dinis, a Correia Garção, a Domingos dos Reis Quita, à Nova Arcádia, a Domingos Caldas Barbosa, a Agostinho de Macedo, aos chamados “dissidentes da arcádia”, a Paulino Cabral, a João Xavier de Matos, a Nicolau Tolentino, a Filinto Elísio, a Anastácio da Cunha, a Leonor de Almeida e a Bocage.

Moisés (1997: 98)³³ valoriza negativamente o período que el denomina “arcádico”, e fai algumas considerações dignas de comentário:

A revalorização do estilo de vida preconizado pelos antigos vai dar azas ao cultivo dumha poesia de pose, artificial, demasiado literária, porque em flagrante contraste com o clima histórico-cultural duma época em que ao desenvolvimento das ciências se acrescenta um franco progresso urbano por via da industrialização [...]. Constitui uma forma de exílio voluntário, uma vida em “torre-de-marfim”, ideologicamente reacionária, idêntica à de outros homens em condições semelhantes, no século XVI e na Antiguidade, ao fugirem para as “vilas” dos arredores das grandes cidades, por aborrecê-las e julgá-las imagem da decadência e devassidão.

Moisés nom reconhece a convivência, nos mesmos produtores, de textos de Corte arcádico ou reprodutores de moldes clássicos, com outros que reproduzem modelos ilustrados ou com intervenções em diferentes campos coerentes com estas ideias. Precisamente a Arcádia Lusitana, e um dos seus teóricos, citados por Moisés como referentes da sua teoria sobre o arcadismo, som casos evidentes. Parece-nos oportuno lembrar o compromisso explícito da Arcádia com o reinado de D. José e o governo de Pombal (que assistírom a reuniões deste grupo), e ainda as propostas de Garção para a reformulação da poesia portuguesa, que devia, segundo el, abandonar as dependências com um passado expansionista supostamente glorioso, para cantar as inovações modernas como o comércio (Saraiva, 1958, vol.II, 146):

Que excelentes poesias se não podem compor, querendo mostrar o aumento do comércio! A nova economia das conquistas! O grande projecto do estabelecimento das fábricas! A disciplina das tropas! As leis que quotidianamente se estão promulgando, dirigidas todas a refrear os vícios que fomentam o espírito da ambição ou do litígio.

Para além destas considerações, Moisés reduz praticamente a produção literária deste período à poesia:

quando se fala em Arcadismo no sentido de um corpo de doutrina literária da segunda metade do século XVIII, está-se pensando apenas em poetas, e em grande profusão. É certo que se cultiva muita prosa (histórica, filosófica, científica, pedagógica, etc.), mas fora dos quadros doutrinários rigorosamente arcádicos.

Reis Brasil (1963) na sua *História da literatura portuguesa* parte já da ideia de que na história da literatura devem ser estudados unicamente os produtos «dignos de

³³ Citamos pola vigésimo nona edição de 1997.

apreço» (Brasil, 1963: 11), o que indica um tipo de focagem mais opinativa do que analítica.

No mesmo lugar, Brasil qualifica o período arcádico como clássico “francês” (frente aos clássicos italiano e gongórico, correspondentes ao Quinhentos e ao Seiscentos, respectivamente), e intitula o capítulo dedicado ao Setecentos como «Período de decadência clássica» (pp. 231-271), o que dá ideia, por umha parte da filiação que estabelece entre a Ilustração em Portugal e as produções francesas, e, por outro, o pouco apreço do autor por este período da literatura portuguesa.

Brasil é bastante exaustivo no número de produtores e instituições de que se ocupa, dedicando epígrafes a Francisco Xavier de Oliveira, António Nunes Ribeiro Sanches, Luís António de Verney, a Academia Real da História, a Academia das Ciências, o Cardeal Saraiva, a Arcádia Lusitana, António Dinis da Cruz e Silva, Domingos Reis Quita, Correia Garção, Francisco José Freire, António José da Silva, Nicolau Luís, José Basílio da Gama, José de Santa Rita Durão, Cláudio Manuel da Costa, Alvarenga Peixoto, Silva Alvarenga, Sousa Caldas, Tomás António de Gonzaga, José Anastácio da Cunha, Nicolau Tolentino, Francisco Manuel do Nascimento, o Abade Jazente e Leonor de Almeida, para além de muitos outros que som simplesmente citados.

Como dizíamos acima, Reis Brasil parte dumha perspectiva expressamente opinativa, que o leva a afirmar de Verney, por exemplo que se a sua obra (Brasil, 1963: 239-240)

é de incalculável valor sob o ponto de vista da crítica construtiva e sob o aspecto pedagógico, o mesmo não diremos sob o ponto de vista literário. A sua linguagem é pouco cuidada e falha de valor literário. Os períodos são, por vezes, desordenados. Em Verney a tendência racionalista é de tal forma predominante que não deixa lugar a aproveitar o sentimento. É uma obra dirigida, exclusivamente à razão.

Como outros autores, pom em destaque particularmente Bocage, e deste pondera (Brasil, 1963, 252) «apesar do seu vocabulário e do seu metaforismo de tipo arcádico com laivos mitológicos, é um verdadeiro romântico»

António José Barreiros, por sua parte, dedica à segunda metade do XVIII na sua *História da literatura portuguesa* de 1965³⁴ um capítulo intitulado “Época clássica –período arcádico”, que pressupom, como noutras *Histórias* já vistas, a priorização dos

³⁴ Citamos pela oitava edição de 1974.

traços classicistas frente a outro tipo de inovações repertoriais. Este capítulo divide-se noutros cinco dedicados a “Os estrangeirados”, onde põe em destaque a figura de Verney; a “A Arcádia e a estética neoclássica”, com especial protagonismo para Correia Garção e Cruz e Silva; a “O teatro”, onde se ocupa de António José da Silva e do teatro “fora da Arcádia” e “na Arcádia”; a “Os dissidentes” com atenção a Nicolau Tolentino, e, finalmente, a “O pré-romantismo”, dedicado a Bocage e “outros pré-românticos”.

A sua visão sobre o período em causa não difere grandemente da vista em Reis Brasil, ou outros: valoriza até certo ponto as inovações teóricas ou metodológicas dos ilustrados, desvaloriza a sua produção literária. No entanto, parece-nos interessante, por novidosa, a apreciação que faz do conceito “pré-romantismo”, porque, embora Barreiros (1971: 571) o aceite, não o define como o avanço de uma cosmovisão romântica, mas, simplesmente como a «fuga mais ou menos clara aos preceitos estéticos do arcadismo e na adopção de novos temas, vulgares então nas literaturas europeias”.

António Saraiva publica em **1954** o primeiro volume correspondente à literatura portuguesa dentro de uma obra mais alargada dedicada à *História ilustrada das grandes literaturas*. Dentro dum capítulo maior dedicado aos “Séculos XVII e XVIII”, Saraiva dedica uma breve epígrafe (pp. 115-125) ao que denomina “A época do iluminismo”. Dos produtores desta época, o autor dedica especial atenção a Matias Aires como representante da “transição para o Iluminismo”, a Luís António de Verney, a Nicolau Tolentino, a Filinto Elísio, a Bocage e a José Anastácio da Cunha.

Saraiva, apesar da superficialidade do tratamento dado ao assunto, inerente ao pouco espaço existente, faz algumas reflexões interessantes sobre os arcades, que rompem parcialmente com as valorizações que vimos em textos anteriores, e conseguem transcender o tópico sobre o neoclassicismo porque, em primeiro lugar, vincula os elementos repertoriais característicos da produção poética dos arcades com as suas relações com o campo do poder, particularmente com a sua adesão ao governo de D. José I e Pombal; em segundo lugar porque chama a atenção para um outro tipo de produção para além da poesia mais ou menos formada sobre moldes clássicos: o teatro de costumes; e, finalmente, porque vincula estas escolhas com a procedência social maioritária dos integrantes da Arcádia Lusitana (Saraiva, 1966: 119):

os poetas arcádicos oscilam entre um convencionalismo solene apropriado à pompa do absolutismo monárquico, que tentava revestir-se de grandeza imperial romana, e por outro lado, o realismo do quotidiano burguês, o prosaísmo, a desmitificação do lirismo tradicional. Do absolutismo monárquico conservavam

estes poetas –quase todos funcionários da administração– a pompa do Iluminismo, que quase todos professavam, o seu racionalismo antibarroco e antiescolástico; e da sua origem burguesa o gosto descritivo de certos ambientes concretos e o tratamento de certos temas.

Saraiva (1966: 123-124), embora identifique traços “pré-românticos” em Bocage, coloca a leitura romântica de Bocage, como umha produção elaborada pela geração posterior.

No segundo volume da sua *Literatura portuguesa*, João Mendes (1978) dedica um capítulo a “O século das Luzes” (pp. 197-234), pondo em destaque, como único produtor merecedor de epígrafe independente, Bocage. Para além deste, som mencionados Teodoro de Almeida, Caldas Barbosa, Teotónio Gomes de Carvalho, José Anastácio da Cunha, Filinto Elísio, António Pereira de Figueiredo, Correia Garção, José Agostinho de Macedo, Francisco Xavier de Meneses, António Dinis da Cruz e Silva, Nicolau Tolentino e Luís António de Verney.

Mendes nom caracteriza a Ilustração portuguesa de maneira individual: fai umha série de reflexons e consideraçons em torno à Ilustração em Europa, à burguesia, à “reação contra o barroco” e define conceitos como “despotismo esclarecido”, “neoclassicismo” ou “pré-romantismo”, fazendo umha valorização negativa da poesia setecentista, para cuja análise parte da ideia de que «a poesia é mistério» (Mendes, 1978: 209), o que o leva a censurar as opiniões de Verney sobre a poesia (Machado, 1978: 210):

entre nós, como exemplo de falta de sentido poético, podia apontar-se o “iluminado” Luís António de Verney, que [...] subordina a poesia à retórica [...]. Quando chega a falar de Camões, consegue realizar um modelo de incompreensão [...]. Em poesia, pelo menos, viam melhor os barrocos, que sempre a consideraram coisa misteriosa, ou sequer, obscura e difícil, andando assim muito mais perto da verdade.

Como digemos, o produtor que Mendes considera mais interessante é Bocage, precisamente por achar nel atributos diferentes dos que considera tipicamente setecentistas. Por este motivo, escolhe-o para definir o conceito pré-romantismo:

os estados preliminares das várias escolas caracterizam-se pelo desencontro entre experiências humanas novas e uma expressão que ainda as não definiu plenamente nem lhes deu a precisa consciência de si mesmas. Assim neste momento [...]. Os estados da alma eram românticos: a revolta e o desvario a que leva a livre expansão do eu, o desejo de comunhão sentimental com a Natureza –

mas com expressão ainda classicizante, ou só levemente conseguida, quanto ao metaforismo autêntico.

É evidente que Mendes nom define nem caracteriza a Ilustraçom em Portugal nem atende às principais chaves históricas, sociais e culturais deste período, que coloca formando um todo junto com Renascimento e Barroco («três fases de um só movimento», p. 213). Todavia, limita-se a unir umha série de tópicos mais ou menos aplicáveis ao caso português, submetendo a juízo aquelas opiniões que nom concordam com o seu ponto de partida, que é a superioridade da produçom literária a partir do século XIX, momento a partir do qual aparece (Machado, 1978: 213)

o “eon” do sentimento, da vida e da sinceridade, o “dionisiaco” a contrapor-se ao “apolíneo” anterior. Nova fase que terá também os seus períodos de maior ou menor complicação sentimental –mas que ficará, e ainda se encontra, sob o signo da empatia metafórica, da comunhão do homem com o Universo. É o romantismo com os seus muitos derivados.

Em 1979 publica-se sob, a direcçom de **Álvaro Manuel Machado**, *Quem é quem na literatura portuguesa*. Este livro interessa-nos fundamentalmente por dous motivos: um é saber que nomes “resgata” Machado da segunda metade do XVIII português, outro ver como define os conceitos relativos a este período.

Neste livro utiliza-se um único critério de selecçom de obras e autores para todos os períodos focados, excluindo «obras de ensaio ou crítica literária, estudos de pedagogia, de filosofia ou de história» (Machado, 1979: 7). Os produtores da segunda metade do século citados aqui som Leonor de Almeida (p. 16), Teodoro de Almeida (p. 16), Bocage (p. 25), Paulino António Cabra (conhecido como Abade Jazente, p. 29), Manuel do Cenáculo (p. 35), António Dinis da Cruz e Silva (p. 41), José Anastácio da Cruz e Silva (p. 41), Filinto Elísio (p. 47), Manuel de Figueiredo (p. 51), Tomás António Gonzaga (p. 57), José Agostinho Macedo (p. 69), João Xavier de Matos (pp. 71-72), Francisco de Pina e Melo (pp. 72-73), Domingo Reis Quita (p. 91), José Daniel Rodrigues da Costa (p. 93), António José da Silva (p. 97), Nicolau Luís da Silva (p. 98) e Nicolau Tolentino (p. 102). Embora apareça algum autor conhecido pola sua obra doutrinal, como Frei Manuel do Cenáculo, outros nomes fundamentais do século XVIII, ficam fora, como é o caso de Luís António de Verney ou Ribeiro Sanches.

Nestas entradas, Machado limita-se a oferecer umha série de dados como a data e lugar de nascimento dos diferentes produtores, os títulos das obras, etc. O que nos pode ajudar a definir o papel que atribui à Ilustraçom na literatura portuguesa som

umhas indicações incluídas no final do texto em que se caracterizam os diferentes movimentos literários mencionados. Para o período em foco, estes conceitos som Arcadismo, Classicismo, Neoclassicismo e Pré-romantismo. O primeiro (Machado, 1979: 247) é definido como «reação contra o estilo barroco e gongorizante que se esboça a partir do final do século XVII, revelando a influência em Portugal do classicismo francês e em especial da *Art Poétique* de Boileau». Como nomes de referência para o arcadismo aparecem o Conde da Ericeira, José Xavier Valadares e Sousa, Cândido Lusitano, Cruz e Silva, Esteves Negrão e Gomes de Carvalho, os três últimos em qualidade de fundadores da Arcádia Lusitana.

Para o Classicismo («designação demasiado genérica em Portugal», Machado, 1979: 248) delimitam-se três períodos históricos. O terceiro «influenciado pelo classicismo francês» abrange toda a segunda metade do século XVIII e quase o primeiro terço do século seguinte, até 1825, data da «publicação do poema *Camões* de Almeida Garrett».

Machado (1979: 249) nom considera o Neoclassicismo «propriamente uma escola literária» mas: «uma tendência geral que se manifesta sobretudo na poesia do século XVIII, como reação contra a tendência barroca ou gongórica, realizando o ideal da Arcádia Lusitana (1756). O principal representante deste ideal é Pedro António Correia Garção (1724-1772), que condena o cultismo e o conceptismo».

Finalmente, encontramos o Pré-romantismo, que segundo Machado (1979: 251) estaria presente ao longo de toda a segunda metade do século «vinda da Inglaterra (Thomson, Young, Gray), de França (Rousseau, Thomas, Le Tourneur) da Alemanha (Goethe, Karl-Philipp Moritz)». Segundo Machado, este movimento veu substituir em Portugal a Arcádia Lusitana, até o ponto de que é precisamente

o último grande representante da escola arcádica, o P.^o Francisco Manuel do Nascimento, mais conhecido pelo pseudónimo arcádico Filinto Elísio (frequenta o meio da marquesa de Alorna e fixa-se em França depois de ter sido denunciado à Inquisição pela sua própria mãe), [quem] introduz em Portugal a influência romântica francesa inicial de Lamartine e Chateaubriand. Outro pré-romântico importante é Bocage [...]. Citem-se ainda: José Anastácio da Cunha, Marquesa de Alorna (D. Leonor de Almeida), José Agostinho de Macedo, João Xavier de Matos e Tomás António Gonzaga.

Com estas informações podemos ver que, igual que Moisés, Machado nom concede umha grande importância ao movimento ilustrado no que tem a ver com a

elaboração de novos repertórios estéticos e ideológicos através tanto da publicação e/ou difusão de textos de ficção como de textos doutrinários. Limita a produção “tipicamente” setecentista à poesia arcádica, e atribui qualquer traço diferente dos princípios arcádicos à suposta influência do Romantismo.

No *Dicionário de literatura portuguesa*, dirigido e coordenado, igual que o anterior, por **Álvaro Manuel Machado (1996)** inclui-se no fim um capítulo intitulado «Periodologia. Principais tendências e movimentos literário-culturais em Portugal» (pp. 509-567). Aqui definem-se “Arcadismo” e “Iluminismo” nos verbetes correspondentes da autoria de António Ferreira de Brito, e ainda “Pré-romantismo” no verbete “Romantismo” do próprio Machado. No primeiro (Brito, 1996_a: 511), diferencia-se entre neoclassicismo e arcadismo em função da maior abrangência do primeiro, que alude a um «ideário poético», enquanto arcadismo «designa uma atitude disciplinada de escola». De qualquer maneira, Brito (1996_a: 512) desvaloriza no seu conjunto a produção literária que denomina neoclássica que, em sua opinião, «apresenta um grau muito pesado de convencionalismo e artificialismo que impede a poesia de contactar com a realidade psicológica, individual e colectiva, perdendo-se em bucolismo de pacotilha vazado num estilo eufemístico, insulso e pretensioso». No segundo verbete alude-se (Brito, 1996_b: 525) à introdução em Portugal, no último quartel do século XVIII de

uma sensibilidade dita pré-romântica que considerava que a felicidade não poderá ser conquistada apenas nem sobretudo pela razão lógica e iluminada; como pretendia Voltaire, porque elas resultam também da irracionalidade desregrada que triunfará nos romantismos europeus.

Sem termos em dúvida a presença de sentimentalismo na literatura portuguesa do último quartel do século (bem ao contrário), duvidamos de que possa ser verificada a existência em Portugal, nos fins do século XVIII e ainda nos começos do século XIX dessa “irracionalidade desregrada”, da qual Brito não dá nenhum exemplo.

Neste sentido, parece-nos interessante o verbete «Romantismo» (pp. 552-554) deste mesmo dicionário, onde o seu autor põe em questão que realmente existisse pré-romantismo em Portugal. Embora não concordemos com todo o dito por Machado, porque, como foi exposto acima, não achamos apropriada a denominação “pré-romantismo” em nenhum caso, oferece aqui algumas informações do máximo interesse

sobre a recepção dos modelos ilustrados e sentimentais europeus em Portugal nos finais do século XVIII e nos começos do XIX:

quando, ocasionalmente, houve a partir de meados do século XVIII, a recepção de um modelo pré-romântico importante, como é o caso de Young [...] essa recepção processa-se sempre através de uma alegorização pesada [...] Quanto a Rousseau, apesar da importância que teve na formação do nosso romantismo a nível ideológico, acompanhando as ideias do liberalismo que despontavam, nunca foi um modelo literariamente significativo, ignorando-se ou menosprezando-se [...] o romance *La Nouvelle Héloïse* (1761). Note-se que os periódicos dessa época [...] confundem Rousseau com Voltaire (aliás referido freqüentemente) na mesma vaga ideológica das Luzes.

Parece evidente, que os grupos que recebiam e mesmo introduziam estes modelos e produtores em Portugal (também através dos jornais editados na Inglaterra nas duas primeiras décadas do século XIX, que o autor cita a modo de referências) não percebiam nenhuma contradição entre o modelo racionalista volteriano e o sentimental rousseauiano, precisamente porque não funcionam como pólos de um eixo Ilustração-Romantismo (ou Pré-romantismo), mas como simples variantes das diferentes ideologias que cabiam sob a marca “Ilustração”.

Em 1999 aparece em Salamanca uma *Historia de la literatura portuguesa* escrita por Ángel Marcos e Pedro Serra. Aqui, a produção literária da segunda metade do século XVIII aparece dividida em dois capítulos: o primeiro, intitulado “Ilustración y neoclasicismo” (pp. 111-118) centra-se particularmente em Verney e na Arcádia Lusitana, dedicando epígrafes a Cruz e Silva, Correia Garção e Nicolau Tolentino; o segundo, “La transición al Romanticismo: el Prerromanticismo” (pp. 119-126) põe em destaque a figura de Bocage e cita como “otros prerrománticos [sic]” Filinto Elísio, Tomás António de Gonzaga, Leonor de Almeida e José Anastácio da Cunha.

Marcos e Serra concedem especial importância à presença da cultura francesa em Portugal, aos estrangeirados como motor da cultura e ao reinado de D. José I «que, bajo la inspiración del Marqués de Pombal, iniciará una de las más profundas renovaciones que se hayan conocido en la sociedad portuguesa (p. 111).

O pouco espaço dedicado ao estudo deste período faz que a visão seja extremamente esquemática, o que leva a reduzir as estéticas da segunda metade de Setecentos a

la estética neoclásica [...] profundamente marcada por los valores de la razón. Por ello, el racionalismo exacerbado de la estética neoclásica manifiesta, ante

todo, un desprecio constante por los valores de la imaginación y de la sensibilidad, hipervalorando una actitud creadora manifiestamente intelectualista.

Conseqüentemente, Marcos e Serra agrupam todo o que nom se ajusta a esta definição ao verbete “pré-romântico”, repetindo as mesmas ideias que temos visto já noutros autores.

Massaud Moisés publica ainda em **2000** o segundo volume da sua obra *As estéticas literárias em Portugal. Séculos XVIII e XIX*, onde dedica um capítulo a «O Neoclassicismo e a Ilustração: a Arcádia reconquistada e o advento da Razão» (pp. 11-127). Moisés fai um repasso polas figuras mais conhecidas da segunda metade do século XVIII (Verney, Correia Garção, Cândido Lusitano, a Arcádia Lusitana, a Nova Arcádia, Bocage...) tentando reconstruir as diferentes propostas estéticas de cada um deles. A dependência de um conceito como neoclassicismo, fai que Moisés (2000: 86-87) analise estes produtores só como poetas ou teóricos da poesia, desvinculados das suas actividades noutros campos, o que o leva a afirmar que

ao elogiar a vida bucólica, espelhada em Teócrito e Virgílio, o ideário arcádico parecia opor-se às correntes iluministas. Enquanto estas timbravam pela ideia de Progresso, sob o império da Razão e da Ciência, o Arcadismo definia-se como regressivo, evasionista, dando costas à realidade contemporânea em favor da imagem idealizante que lhe vinha da Antiguidade clássica. De onde não ter procedência qualquer tentativa de identificar-se o Arcadismo e a Ilustração, porquanto obedecem a vectores culturais divergentes. Ao passo que o movimento arcádico funda as suas raízes na Itália, nostálgica da Idade de Ouro greco-latina, o Iluminismo desenvolve-se na França e nos países anglo-saxónicos.

Moisés nega a teoria comumente repetida da Ilustração italiana como fonte fundamental para os ilustrados portugueses, até porque nega a possibilidade dumha tal Ilustração italiana, reduzindo este conceito exclusivamente à França e aos “países anglo-saxónicos”. Entendemos que por “anglo-saxónicos” o autor se refere particularmente a Gram-Bretanha e os Estados Unidos de América, nascidos precisamente nos finais do século XVIII como produto da elaboração de ideias ilustradas de feição burguesa e republicana.

Ainda Moisés (2000: 88) precisa que o seu conceito de “arcadismo” nom é necessariamente sinónimo de “neoclassicismo”, mas sem chegar a definir exactamente que entende por neoclassicismo:

O neoclassicismo português distingue-se das correntes homónimas da Europa, assim como elas podem discrepar entre si: na verdade, haveria que neoclassicismos, conforme o país ou a região visada. O quadro do século, entrevisto do prisma literário, mostra-nos que a estética arcádica é, por definição, neoclássica, mas o neoclassicismo não é, necessariamente, nem tão-somente, arcádico. O neoclassicismo é o todo, e o Arcadismo uma das suas partes.

Temos feito até aqui umha revisom breve e sem pretensons de exaustividade dalgunhas histórias da literatura portuguesa, o que nos permite tirar algumas conclusons, que se bem som de carácter geral, parece-nos bastante ajustadas à realidade. Do visto desprende-se que os historiadores da literatura, no seu conjunto, partem dumha ideia preconcebida de como deve ser a história da literatura: quais os géneros cultivados, quais as presenças estrangeiras mais importantes, como devem ser estas lidas e interpretadas e quais os produtores mais importantes de cada momento, partindo sempre nom dos conhecimentos verificados sobre o momento da produçom estudada, mas dos filtros ideológicos e estéticos do momento em que se elabora a crítica, o estudo, a análise, etc. Elias Torres (2004_a: 421) fala em «fixaçom apriorística de hipóteses» para referir-se a este problema. Assim, o estudo cinge-se

a determinados usos e funções da literatura reconhecidos previamente como importantes na vida das pessoas, individualmente, ou da comunidade no seu conjunto; ou, também os de 'maior qualidade' e/ou 'maior representatividade' e impostos como tais legitimamente [...] [daí deduzindo] as projecçons que neles se fai como expressivos de determinados valores, também comunitários [...]. Um uso continuamente praticado com textos, autores, instituições, etc., é o de servir de expressom da nacionalidade ou, mais genericamente, o de ser a produçom literária e, sobretudo, o discurso sobre a mesma e os seus produtores, um dos modos de elaboraçom identitária. Certamente, o simples repasso à historiografia literária de cada comunidade em causa, mui particularmente a de uso escolar (um dos campos mais importantes de extensom e imposiçom de ideias culturais na comunidade, polo menos até ao aparecimento de meios de comunicaçom de massas) da literatura evidencia esta função como primordial.

O processo de construçom dum cânone nacional justifica a existência de um ideal do campo literário em cada momento histórico em função dos diferentes elementos de repertório, grupos e agentes posteriormente sucedidos: se a partir do segundo terço do século XIX triunfa em Portugal o liberalismo e com el a estética romântica, a análise do momento imediatamente anterior deve ser feita nessa chave, priorizando aqueles autores que procedem da burguesia e que incluem nas suas

produções elementos de repertório mais facilmente identificáveis com o romantismo finalmente triunfante.

Mas este ideal também se cria, em determinados casos, e em função das relações que se estabelecem com outros sistemas literários que passam a funcionar como referentes. Isto é, se o produtor francês setecentista que ocupa hoje em dia o centro do sistema é Rousseau, este é o produtor que *deve* ter maior importância não só no sistema literário francês de Setecentos, mas em todos aqueles sistemas que pretenderem estar à altura do sistema de referência. O mesmo sucede com obras concretas: vimos acima como se estabelecia uma contradição entre a imagem que este tinha do papel (ou até do verdadeiro papel) da *Nouvelle Éloïse* na formação do Romantismo na França e a sua escassa presença entre os supostos Pré-românticos portugueses. Quando isto sucede, é censurado pelo historiador da literatura, que trata de procurar possíveis eivas políticas, sociais ou até morais dos contemporâneos do “génio” que não souberam reconhecer a sua grandeza. Como vimos acima, não se descrevem e analisam as presenças de autores estrangeiros e a sua importância na elaboração de elementos de repertório, mas desvirtua-se o movimento (e os agentes que nel participam) que nasce da confusão ou da errada interpretação dos textos ou dos autores.

Como consequência, esta perspectiva historiográfica nega a possibilidade de conhecer o percurso das diferentes ideias, textos, produtores, etc. ao longo da história até chegar a ocupar (da perspectiva actual) o centro do sistema. No entanto, mostram a construção actual como uma imagem fixa desde o momento de produção até à actualidade, e quando aparecem contradições entre os gostos actuais e a produção do período em foco, a análise dá passo à opinião e à subjectividade do gosto. Assim, encontramos inúmeras reflexões sobre as supostas bondades ou, com mais frequência, defeitos das produções do período ilustrado, e até opiniões sobre as qualidades ou defeitos morais dos produtores.

A tradição literária (ou melhor, da historiografia literária) tem confundido o que é análise e estudo objectivo dum determinado objecto (no seu caso a produção literária dum dado momento histórico) com a crítica, opinião ou valorização dos produtos ou dos produtores. Isto provoca que as (poucas) informações oferecidas sejam dadas por válidas de uns autores para outros, o que nos coloca ante um cenário no qual não existe a impugnação do escrito no passado: as informações não são verificadas, e, portanto, aparecem repetidas uma e outra vez ao longo dos anos, das várias *Histórias da*

literatura portuguesa e dos diferentes historiadores, sem que vejamos, com a passagem dos anos e das décadas, mudanças substanciais nem no tratamento nem nas informações achegadas.

Esta última ideia parece-no da máxima importância, porque revela que não se pode falar de uma verdadeira evolução da historiografia literária ao longo do século XX. Independentemente de inovações metodológicas relativas tanto à análise historiográfica como à teoria da literatura, os conceitos, valores, e perspectivas utilizados nas *Histórias da literatura* vistas não mudam substancialmente desde Teófilo Braga até Massaud Moisés. Todas tratam, com pequenas variações que têm mais a ver com o espaço dedicado e com a exaustividade pretendida que com uma verdadeira diferença de focagem, os mesmos autores, os mesmos tópicos e quase as mesmas epígrafes, ao lado de valorizações praticamente idênticas. Não sequer existe evolução em relação com produtores concretos sobre os quais verificamos que se tem produzido uma bibliografia relativamente avultada, como são os casos de Leonor de Almeida, Bocage, Verney, Frei Manuel do Cenáculo, a qual não vemos reflectida na elaboração das histórias da literatura, que, finalmente remetem umas para as outras.

Entendemos, em definitivo, que os trabalhos analisados, concebidos, na sua imensa maioria como manuais e livros de referência, consagram uma visão estática da literatura, ocultando os processos de elaboração do cânone e de construção do saber, ocultando, da mesma maneira, os critérios ideológicos -fundamentalmente de construção da nação- que determinam ambos os processos.

I.3.2. Posiçom e funçom da Condessa de Vimieiro e outras produtoras setecentistas na historiografia literária

«one knows nothing detailed, nothing perfectly true and substantial about her. History scarcely mentions her».

(Virginia Woolf, *A room of one's own*)

Sem pretendermos oferecer umha lista exaustiva, podemos assinalar na segunda metade do século XVIII, para além das já citadas Teresa de Mello Breyner e Leonor de Almeida, um número relativamente grande de produtoras e/ou mediadoras no sistema literário português: Teresa Margarida da Silva e Orta, Micaela de Sousa Cesar e Lencastre (Viscondessa Balsemão, «Natércia», (1749-1824), Joana Rousseau de Villeneuve, Leonor da Fonseca Pimentel³⁵, Soror Theresa Angélica Peregrina de Jesus, a Condessa de Pombeiro, a Condessa de Soure, Joanna Isabel de Lencastre Forjaz («Aónia»), Maria do Patrocínio, Maria Lobo, a freira Maria do Monte, Francisca de Paula Possolo da Costa («Francília»), Ana Bernardina Pinto Pereira de Sousa Noronha, Rita Clara Freire de Andrade, Ana Josefa de Bivar, Isabel Peregrina de Salazar Vasconcelos e Crato (1736-1814), Maria da Graça Fortunata, Margarida Gertrudes de Jesus³⁶, Maria Antónia de S. Boaventura e Menezes, Maria Micaela dos Prazeres, Ângela do Amaral Rangel.

Nom todas tenham obra impressa ou publicada –mas já vimos acima que esta nom é umha condiçom *sine qua non* para intervir no campo-, e muitas das que publicárom nom o figérom sob o seu próprio nome, mas diferentes testemunhos coevos ou imediatamente posteriores indicam que desempenhárom algum papel no sistema intelectual português.

Em termos gerais, polo que sabemos, algumas das mulheres mencionadas nom eram em modo nengum desconhecidas dentro do campo intelectual português de fins do Setecentos e nos começos do Oitocentos, como demonstram as relaços com numerosos produtores seus contemporâneos e as abundantes referências de críticos imediatamente posteriores à data da sua morte, mas, ainda assim, som mui poucos os estudos sobre

³⁵ Sobre Fonseca Pimentel existe um volume colectivo publicado por Teresa Santos e Sara Marques Pereira (2001).

³⁶ Para maiores informaços sobre este particular, remetemos para Elias J. Torres (2005), que, no seu estudo das *Cartas apoloéticas*, chega a pôr em questom a existência real de Margarida Gertrudes de Jesus.

produtoras deste período em Portugal, e também mui poucas as mulheres referenciadas em obras de carácter mais geral como dicionários de autores ou histórias da literatura.

A nossa intenção neste capítulo foi fazer umha revisom exhaustiva das presenças de Teresa de Mello Breyner em obras de diferente tipo (historiográficas, literárias, etc.)³⁷ para perceber como a quantidade e a qualidade dessas informações vam mudando ao longo do tempo e em função de que. Veremos como à medida que avança o século XX, muitas dessas informações acabam por desaparecer da bibliografia de referência, evidenciando os critérios utilizados para a construção do saber.

Para ter um referente que nos permita calibrar a importância dessas informações, incluímos também (esta vez sem ánimo de exaustividade) as presenças de outras produtoras em obras de referência como histórias da literatura, enciclopédias, dicionários etc, com o objectivo de ter umha visão geral do tratamento que estas recebêrom por parte da crítica, visando especialmente aquelas que estão a produzir na mesma altura que Teresa de Mello Breyner (Leonor de Almeida, Joana Isabel de Lencastre Forjaz, Catarina Micaela de Sousa César e Lencastre e Ana Bernardina Pinto Ferreira de Sousa Noronha) para assim calibrar o relevo que pode ter a Condessa para a crítica. Referimo-nos especialmente àquelas obras de tipo geral, sobretudo as que se ocupam em maior ou menor medida da Condessa do Vimieiro, pelo que só incluímos aqui alguns artigos, teses, etc. dedicados exclusivamente a outras produtoras³⁸.

³⁷ Incluímos aqui também algumas obras de carácter genealógico que podem ajudar a desenhar a trajetória social de Teresa de Mello Breyner, mas estas referências nom som exaustivas para evitar umha repetição excessiva de informações que nom variam substancialmente dum texto genealógico para outro.

³⁸ De entre os estudos específicos sobre alguma autora som esmagadora maioria os que temem como objecto a **Marquesa de Alorna** ou **Teresa Margarida da Silva e Orta**, particularmente em relação com as dificuldades de adscrição da sua obra mais conhecida, *Máximas de virtude e formosura*, ao sistema literário português ou brasileira.

Sobre **Alcipe**, entre outros, podemos citar os estudos biográficos de Maria Amália Vaz de Carvalho [s.d.]: *Scenas do século XVIII em Portugal. A Marquesa de Alorna*, Lisboa: Portugal-Brasil; de Olga Moraes Sarmiento da Silveira (1907): *Mulheres ilustres. A Marquesa de Alorna (sua influência na sociedade portuguesa)*, Lisboa: Livraria Ferreira; de Albino Forjaz de Sampaio (1925): *Musa feminina. Marquesa d'Alorna. A sua vida e a sua obra*, Lisboa: Empresa do Diário de Notícias; e os estudos críticos *Actas do primeiro colóquio "Alcipe e as Luzes"*; *Actas do encontro sobre Alcipe e o Romantismo*; os artigos de Maria Helena Vilas-Boas e Alvim (1988): "A Marquesa de Alorna –de defensora das Luzes a agente contra revolucionária", in *Revista de Ciências Históricas*, Porto: Departamento de Ciências Históricas/Universidade Portucalense, vol. IV; de José Esteves Pereira (1993): "Alcipe e as Expressões de Poesia Didascálica e de Newtonianismo Moral no século XVIII" in *Cultura-História e Filosofia*, Lisboa: Centro de História da Cultura/Universidade Nova de Lisboa, vol VII.

Neste momento, um grupo de investigação coordenado por Teresa Sousa de Almeida e integrado por investigadores das universidades de Coimbra e Nova de Lisboa trabalha na edição da correspondência de Leonor de Almeida reunida no Palácio da Fronteira, com patrocínio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Sobre **Teresa Margarida da Silva e Orta**, encontramos os estudos da primeira metade do século XX de Ruy Bloem -(1938) "O primeiro romance brasileiro (Rectificação de um erro da história literária do Brasil)", in: *Revista do arquivo municipal*, nº 51, Out. 1938, pp. 43-67; (1945): "Teresa Margarida e o romance brasileiro" prefácio da edição de *Aventuras de Diógenes*, Rio de Janeiro: Imprensa nacional, pp. VII-XVI- e de Ernesto Ennes -(1938_a): "Uma escritora brasileira do século XVIII", in: *Jornal do*

Com o mesmo propósito, incluímos também a referência a algum documento inédito mas que calculamos que pudo ter alguma difusom na sua altura³⁹.

Finalmente, queremos assinalar, que, em muitos lugares, as informações recolhidas nom som referidas à Condessa de Vimieiro, mas a determinados membros da sua família, particularmente ao seu marido Sancho de Faro, porque entendemos que estas informações ajudam a desenhar bem a origem, bem o lugar social no qual devemos situar Teresa de Mello Breyner

Como se pode observar, o critério seguido para ordenaçom de todos estes textos e documentos é exclusivamente o cronológico, remetendo sempre, quando se trata de

Commercio, Rio de Janeiro (12/06/1938); (1938_b): “Uma escritora brasileira do século XVIII”, in: *Bazar das Letras das Ciências e das Artes*, Lisboa (5, 12 e 19/08/1938); (1938_c): “Thereza Margarida da Silva e Orta. Primeira escritora paulista e primeira romancista brasileira”, in: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, 35, Dez. 1938; (1940): “O Dr. Matias Aires Ramos da Silva e Eça e o Palácio dos Condes de Alvor à Janelas Verdes (Museu Nacional de Arte Antiga (1744-1763))”, in: Separata do vol. II de *Ethnos*, revista do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, Lisboa; (1946): “Alexandre de Gusmão e o primeiro romance brasileiro”, in: Separata do vol. III de *Ethnos*, revista do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, Lisboa; (1947): “Uma escritora brasileira do século XVIII. D. Teresa Margarida da Silva e Orta (1711 ou 12 – 1793)”, “O primeiro romance brasileiro e D. Teresa Margarida da Silva e Orta” e “Uma poetisa brasileira infeliz /1711 ou 12 – 1793)”, in: *Estudos sobre história do Brasil*, São Paulo: Companhia Editora Nacional; (1952): *Dois Paulistas Insignes*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, vol. II. Tenhem-se ocupado também deste assunto Jacinto do Prado Coelho (1961): “As Aventuras de Diófanes. Autoria e sentido da obra”, in: *Problemática da história literária*, Lisboa: Ática, pp. 109-20; Nelly Novaes Coelho (1995): “Imagem da mulher do século XVIII: *Aventuras de Diófanes* de Teresa Margarida”, in: *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, n. 33, Jan./Dez., pp. 25-36; Iris Kantor (1999): “Teresa Margarida da Silva e Orta”, *Trajectórias luso-brasileiras*, *O Público*, Lisboa (27/04/1999), <http://www.instituto-camoes.pt/bases/descbrasil/tmsorta.htm>; Monica Letzring (1986): “Teresa Margarida da Silva e Orta and the Portuguese Enlightenment”, in: *Studies in Eighteenth-Century Culture*, nº 15, pp. 111-25; Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde) (1941): “Teresa Margarida da Silva e Orta, precursora do romance brasileiro”, in: *Revista do Brasil*, nº 35, Maio de 1941, e (1952): “Teresa Margarida da Silva e Orta, precursora do romance brasileiro”, in: *O romance brasileiro 1752-1930*, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (org.), Rio de Janeiro: O Cruzeiro, pp. 13-20; Maria de Santa Cruz (1989): “Huma Senhora do Século XVIII Thereza Margarida da Silva e Orta”, in: *Colóquio/Letras*, 110-111, pp. 38-47, e (1990): *Crítica e confluência em Aventuras de Diófanes (1752)*, Tese de doutoramento em Literatura Brasileira, sob a orientação de Fernando Cristóvão.; Ceila Montez (ed.)(1993): *Obra Reunida* de Teresa Margarida da Silva e Orta, Rio de Janeiro: Graphia; Roberto Acízelo de Souza (2001): “O “caso” Teresa Margarida da Silva e Orta ou A propósito da distância entre boas letras e literatura”, in: *Representações culturais do outro; nas literaturas de língua inglesa*, Tereza Marques de Oliveira Lima / Conceição Monteiro (orgs.), Niterói: Vício de Leitura, pp. 15-28; Ivana Versiani (1973/74) “Teresa Margarida e as *Aventuras de Diófanes*”, in: *Kriterion*, Minas Gerais, vol. XX, nº 67, e (1976): “The New-World’s First Novelist”, in: *The Brazilian Novel*, W. Martins, Bloomington: Indiana UP, pp. 15-27.

Mais recentemente, assinalamos os trabalhos de Eva Loureiro Vilarelhe (2002, 2004a e 2004b), investigadora do Grupo Galabra.

Também a **Viscondessa Balsmeão** mereceu umha atençom individualizada na tese de doutoramento de Zenóbia Collares Moreira Cunha (1992): *O pré-romantismo português: subsídios para a sua compreensão*, onde, para além da análise do campo literário português na mudança de século, estuda-se a produçom de Catarina de Sousa César Lencastre.

Nos último anos, **Francisco Topa** (2000 e 2002) tem-se ocupado estudo de Joana Isabel de Lencastre Forjaz onde, para além de oferecer as informações disponíveis até agora sobre esta agente do campo, publica aqueles textos da sua autoria ou atribuídos a ela.

³⁹ Referimo-nos, particularmente ao *Elogio* escrito polo Abade Correia da Serra em memória do Conde de Vimieiro, lido em sessom da Academia das Ciências de Lisboa.

textos publicados, para a data de publicação da primeira edição, nome da sua produção.

A primeira referência que encontramos a Teresa de Mello Breyner foi publicada quando a futura Condessa de Vimieiro tinha só três anos de idade: trata-se da *Historia Genealogica da Casa Real que procedem dos Reys, e dos serenissimos Duques de Bragança. Justificada com instrumentos, e Escritores de inviolavel fé, offerecida a ElRey D. João V nosso senhor por [...], clérigo regular, e Academico do numero da Academia Real*, publicada por António Caetano de Sousa em 1742 em Lisboa. Evidentemente, nome se alude aqui à sua trajectória como produtora ou como agente do campo intelectual ou do poder, mas à sua origem familiar. Parece-nos do máximo interesse reproduzir aqui um fragmento que poupará explicações posteriores a respeito da sua procedência social (Sousa, 1942: 347-348):

Francisco de Mello, nasceu a 2 de Setembro de 1706, que he herdeiro da Casa de sua mãe, Commendador de S. Pedro das Gouveas, e de Santa Maria de Veá, ambas na Ordem de Christo, depois de se ter applicado ao estudo das bella letras, e da architectura militar, a que o levava o genio, seguiu a vida de Soldado, e he Ajudante das Ordens de seu pay com o posto de Capitão de Infantaria. Casou em 23 de Janeiro de 1732 com D. Isabel Breiner de Menezes, filha de Dom Diogo de Menezes, Estribeiro mór da Rainha D. Maria Anna de Austria, e de sua mulher Dona Maria Barbara Breiner, Dama Camerista da mesma Rainha, e tem até o presente:

D. Maria Josefa Barbara de Mello, que nasceu em 23 de Março de 1735.

Antonio de Mello, que nasceu em 7 de Abril de 1734.

Diogo Joseph de Mello, nasceu a 7 de janeiro de 1736.

D. Maria Antonia de Mello, nasceu a 13 de Junho de 1737, e morreu a 2 de Abril de 1738.

D. Theresa Josefa de Mello, nasceu a 10 de Janeiro de 1739.

Em 1780 encontramos uma nova referência aos Condes de Vimieiro, mas esta vez na sua qualidade de membros da Corte. Com motivo da entronização de D. Maria I, António Pedro Vergollino é o encarregado de fazer em 1777 o *Auto do levantamento, e juramento, que os grandes, titulos seculares, ecclesiasticos, e mais pessoas, que se acharão presentes, fizerão á muito alta, muito poderosa rainha fidelissima a senhora D. Maria I nossa senhora na coroa destes reinos, e senhorios de Portugal, sendo exaltada, e coroada sobre o regio throno juntamente com o senhor rei D. Pedro III na tarde do dia treze de maio*, onde explica os pormenores da coroação e quem eram as pessoas presentes e os seus cometidos. Encontramos, a irmã de Teresa de Mello

Breyner, Inês, cumprindo um papel destacado acompanhada pela Condessa de Lumiares, parenta próxima e herdeira dos Condes de Vimieiro (Vergolino, 1780: 24):

Seguindo-se [à Rainha] o cortejo de duas Damas de Honor, a Condessa das Galveas, Dona Ignez de Breiner, filha de Francisco de Mello, Senhor de Ficalho, e a Condessa de Lumiares Dona Juliana Xavier de Botelho, filha do quarto Conde de S. Miguel [...] todas vestidas à Imperial com o seu adorno de ricos adereços, e preciosas flores de diamantes»

A seguir, como assistente dos reis, figura a mãe da Condessa de Vimieiro (Vergolino, 1780: 25):

Na grande Tribuna pública ficarão assistindo com suas Altezas Reaes o Eminentissimo Cardeal da Cunha, Regedor das Justiças, e Inquisidor Geral; as Donas de Honor, Dona Magdalena Vicencia Mascarenhas, filha do terceiro Marquez de Fronteira, e Viuva de Luiz Guedes de Miranda, Senhor de Murça; e Dona Isabel Breiner, hoje Condessa de Ficalho, filha de D. Diogo de Menezes, Estribeiro mór que foi da Rainha D. Marianna de Austria, e Viuva de Francisco de Mello, Senhor de Ficalho.

Entre «os Grandes, e Titulos da Corte» que «formarão outro corpo da parte direita do Throno» cita Vergolino (1780: 32) o «Conde de Vimieiro, Coronel de Infantaria, e Governador da Praça de Estremoz»

No ano **1788** aparece na **Gazeta de Lisboa (Suplemento ao nº XX, 16 de Maio: [4])** a primeira alusão à *Osmia* de Mello Breyner em relação com o falho do concurso convocado pela Academia das Ciências, embora o título da obra não apareça mencionado. Do que se informa na *Gazeta* é das circunstâncias que envolveram a abertura do envelope que devia conter o nome da ganhadora:

O R. *José Correia da Serra*, novo Secretario da Academia, declarou que entre as Memórias, que tinham concorrido para satisfazer aos assumptos do Programma proposto para este anno, só uma se havia julgado merecer o premio, desempenhando o assumpto de Literatura, que era a composição d'uma Tragedia *Portuguesa*; mas que em outro assumpto se resolvêra dividir o premio entre duas Memórias, se os seus Autores quizerem declarar-se. Ao abrir o bilhete, que devia conter o nome do Author da Memória coroada, se achou que elle se não dava a conhecer, e só desejava que o premio fosse applicado a quem indicasse o melhor methodo de curar o mal que actualmente ataca as oliveiras em varios sitios deste Reino. O mesmo Secretario annunciou o Programma para o anno de 1790, o qual se publicará com esta Gazeta.

Pouco depois, datado em **1791**, encontramos um documento, que, embora inédito, achamos que tem interesse porque fala dos Condes de Vimieiro com a imediatez dumha pessoa que conviveu com eles na sua casa e no interior da Academia das Ciências. Trata-se do *Elogio do Sr. Conde do Vimieiro, 17 de Janeiro de 1791*, escrito com motivo do falecimento deste, e conservado na Torre do Tombo dentro dum conjunto do Abade Correia da Serra (cota A-40). O primeiro que o Abade põe em destaque de Sancho de Faro, e que nos interessa para desenhar a trajectória social da sua esposa, é que conviveu desde criança –depois da morte de seus pais- com o seu Tio D. João de Faro «Principal da Igreja de Lisboa», o qual é considerado responsável pela ampla formação e pelo o “bom gosto” do futuro Conde (Serra, 1791: [3]):

O amor para as letras, e hum gosto dellas mais apurado q o ordinario daquelle tempo, transplantou elle certamente para o entendimento de seu sobrinho, daquelle comunidade em q tinha vivido, e onde então se combatia com força para introduzirmos a Luz q já aclarava a Europa.

Correia da Serra coloca João de Faro como fazendo parte do grupo introdutor das Luzes em Portugal e isto, portanto, situa o seu sobrinho Sancho na tradição de umha família ilustrada. Mais adiante, o texto continua com o percurso militar de Sancho de Faro, que adorna com os típicos elementos hagiográficos de qualquer elogio. Interessa mais, no entanto, as referências ao retiro do Conde para o campo e a sua atitude intervencionista nos assuntos do Vimieiro e de Alcoentre (Serra, 1791: [6]):

O S.^r Conde decidiose pela vida do Campo, e as suas razões eraõ singelas mas fortes. O descanso hé maior, e o bem fazer mais barato. Assim o dezia [sic] e melhor o executava, os seus povos do Vimieiro e de Alcoentre tinham nelle hum remedio seguro, socorros, conselhos, tudo o q delle dependia, tudo o q podia fazer foi feito para favorecellos. No leito da morte hũ dos seus primeiros cuidados foi dictar duas cartas para as camaras e povos de Alcoentre e do Vimieiro, para darlhe conselhos sobre assumptos uteis q previa não poder já executar e despedirse delles com o mesmo amor e zelo q toda a vida lhe mostrara.

Serra achega já aqui algumas das ideias que vamos ver repetidas em quase todos os textos que fagam menção do Conde ou da Condessa de Vimieiro, como som a riqueza da biblioteca, o interesse pela história natural e pela agricultura, o gosto pela vida retirada. Todos eles, também, tópicos ilustrados (Serra, 1791: [6]-[7]):

Os lugares de retiro do S.^r Conde não mostravaõ sómente o homem justo, mostravaõ tão bem o homem de gosto. Huã consideravel livraria, e dos melhores livros, hum gabinete de hist. natural, jardins delicados com abundancia de plantas raras, huã ordem e aceio, em todas as sua couzas domesticas eraõ objectos

dignos de tocar os q o vizitavaõ mas sobretudo o ar de serenidade, de paz, e de lizura, q revestia por assim dizer a pessoa do proprietario, e q elle tinha o dom de derramar sobre quanto o circundava.

Serra (1791: [7]) põe em destaque, para além do patriotismo, elemento recorrente no discurso tanto da Academia como da Condessa de Vimieiro, outro dos traços que se repetirão ao longo do tempo e da correspondência da sua esposa, e que também verificamos na análise feita por Nuno Monteiro em relação com os rendimentos das casas Grandes, que é a falta de recursos económicos: «Patriota zeloso, os seus desejos eram vivos para o bem de Portugal, para o adiantamento das sciencias das artes da industria e se as suas riquezas tivessem correspondido ao seu animo, muita parte dellas teria tido esse emprego».

Finalmente, encontramos uma alusão fundamental ao papel do Conde como protector pessoal de Correia da Serra, e, em geral, da Academia das Ciências, a quem deixou em herança parte do seu Museu (Serra, 1791: [7]):

Honrounos com a sua pessoa desde o principio desta sociedade, ajudounos com dadivas, com pensamentos, com a assistencia quando estava na corte, e abriu no leito da morte o exemplo de deixar a Academia legataria de parte do seu Muzeo.

Em 1798 publica-se em Espanha a primeira -e até onde temos podido saber, única- tradução de *Osmia*. A edição da tradução, promovida pela **Compañía de Teatro de los Caños del Peral**, é assinada por **I.M.R.L.** e está dedicada a «los Excelentísimos Señores Marqueses de Astorga, y Príncipe de Maserano, Grandes de España de Primera Clase, &c. &c. &c. Señores Excmos». O volume inclui, para além da tradução e a dedicatória, uma nota introdutória que reproduz, em maior ou menor medida, as palavras de Correia da Serra na edição original portuguesa, acrescentando uma pequena referência à autora: «se atribuye con fundamento á una Poetisa Lusitana no menos grande que por su ilustre cuna, por su vasta erudicion, y raros conocimientos» (I.M.R.L., 1798: [7]-[8]). Resulta evidente, a partir do visto, que a autora, embora não se especifique o seu nome, era conhecida tanto em Portugal como na Espanha, apesar das dúvidas sobre a autoria que colocam tanto Frederik Bouterweck (1823) como Inocêncio da Silva (1858-1859).

Já no século XIX publica-se *History of portuguese literature* de **Frederik Bouterweck (1823)**⁴⁰, que se ocupa de *Osmia* e da sua autora especificamente como agente do campo literário português. Interessa-nos particularmente o testemunho do alemão porque é a primeira presença numa história da literatura da obra da Condessa, com a vantagem acrescentada de tratar-se de um testemunho próximo do momento da produção. Isto chegará algumas informações sobre a consideração que uma tragédia como a que é objecto do nosso estudo podia merecer nos começos do século XIX, mas também como eram vistos nessa altura os problemas de autoria do texto.

Bouterweck encabeça um apartado da sua *História...* com a epígrafe «Dona Catharina de Sousa –her tragedy of Osmia» (Bouterweck, 1823: 377), onde atribui a obra à Viscondessa Balsemão, e expressa uma opinião mui favorável da peça (Bouterweck, 1823: p. 378), diferenciando-se nisto da maior parte da crítica posterior: «It is probable that no other female writer who has acquired celebrity in the eighteenth century, could have produced such a work, though, perhaps, in other respects she might rank higher as a poetess than Catharina de Sousa».

Afirma (Bouterweck, 1823: 378) que o texto de *Osmia* gozou de uma enorme popularidade, sem comparação com qualquer outra das premiadas pela Academia, dado este que não nos é possível confirmar ou desmentir, para além da constatação da publicação de duas edições em vida da autora: «But none of the tragedies which have been crowned by the academy, obtained so much popularity as the *Osmia*».

Admira ao crítico que a autora escolhesse para a tragédia portuguesa uma época anterior à formação da nação em lugar de optar por uma protagonista claramente reconhecível como portuguesa, mas para ele este acaba por ser um dos seus grandes acertos (Bouterweck, 1823: 379):

The subject is chosen from the history of the ancient inhabitants of Portugal, rather than the Portuguese. A story from the age of romance would have better fulfilled the idea of a national tragedy; but Dona Catharina de Sousa, in the spirit of modern cosmopolite education, in a great measure formed by French reading, followed the Gallic taste even in a predilection for the Roman age in tragic drama.

Aprecia na obra, como vemos, a presença de elementos próprios da tragédia francesa, concretamente (Bouterweck, 1823: 380) de Voltaire, em lugar de Corneille ou

⁴⁰ Thereza Leitão de Barros (1924) oferece alguma informação sobre este autor em nota de rodapé. Segundo a crítica portuguesa, Frederik Bouterweck (1766-1828) foi discípulo de Kant, e afirma que a sua *History of portuguese literature* é uma das mais completas das que foram redigidas por autores estrangeiros.

Racine, na rápida progressão do diálogo e as cenas de acção. Isto envolve, em opinião de Bouterweck, uma modernização das personagens, que às vezes, segundo opina no mesmo lugar, resulta absurda, porque o amante lamenta-se do seu pobre coração «as a hapless lover of modern times».

Renuncia-se também à violência no palco, o que para o autor alemão, em harmonia com a crítica ilustrada contemporânea de Mello Breyner, (Bouterweck, 1823: 381-382) é um demonstração de talento: «The authoress has been eminently successful in the gradual heightening of the tragic interest. She did not venture to shed blood on the stage. The death of Osmia is related»⁴¹.

Desconhecemos as fontes das quais tira esta informação, mas Bouterweck é o único autor, dos que pudemos consultar, que dá conta –embora sem precisar a data ou o lugar- da encenação de *Osmia*, que resultou, segundo el (Bouterweck, 1823: 383), pouco sucedida: «Osmia was performed: but it did not obtain a favourable reception from the public, and some similar tragedies by which it was succeeded experienced nearly the same fate». Bouterweck, no mesmo lugar, atribui este insucesso à existência dum público debruçado para outro tipo de espectáculo como o espanhol de capa e espada as adaptações “ao gosto português”⁴² da ópera italiana, e pouco predisposto para as lições morais iluministas⁴³.

⁴¹A polémica sobre a conveniência de mostrar mortes no palco, procedente já da Grécia clássica, foi resgatada em Portugal pelos teóricos ilustrados. Francisco José Freire (1748) não censurava este tipo de cenas, exceptuando aqueles casos em que a sua representação fosse difícil e pudesse acabar resultando inverossímil. Correia Garção, no entanto, na sua *Dissertação primeira*, afirma que esta norma aristotélica foi escrupulosamente seguida pelos melhores autores da Antiguidade, assim como pelos modernos franceses e os quinhentistas portugueses, que têm o seu melhor representante no autor de *A Castro*. Segundo Garção (in Saraiva, 1958, II: 109): «Para o poeta chegar a este fim não é preciso que Medea diante do povo despedace os filhos; que Atréu preparasse a nefanda ceia; que Progne se converta em ave, ou Cadmo em serpente. Tudo o que assim se dispõe no teatro fica incrível, desgosta os ouvintes e não persuade; basta que eloquente narração o exponha aos nossos ouvidos com eloquência que chegue ao coração; as figuras, as imagens (numa palavra) a verdadeira poesia, um estilo patético, sem que os olhos se perturbem com espectáculos horrorosos». Manuel de Figueiredo (1804, vol. 4: 347-348), na mesma linha de Garção afirma: «rompo a Scena em fim por hum enigma, e fecho-a ensanguentando o Theatro. Que crime! E agrada-me?».

⁴² Para um exemplo concreto dessa classe de adaptações, remetemos para a epígrafe III.1.4.2.4.

⁴³ Para maiores informações sobre os teatros existentes em Portugal nesta altura e os géneros representados em cada um, remetemos para Maria Alexandra Câmara (1991) e para Maria Alexandra da Câmara e Vanda Anastácio (2004). Segundo as informações desprendidas de ambos os trabalhos, ao longo de todo o século, os teatros régios estiveram exclusivamente voltados para a ópera, e sabemos também que os teatros populares acolhiam maioritariamente espectáculos de comédia portuguesa ou adaptações de teatro francês ou italiano «ao gosto português», o que explica que fosse difícil para os ilustrados portugueses encontrar um espaço e um público fora dos seus pares.

Mais de 30 anos depois, **Inocêncio da Silva (1858-1859)** oferece no seu *Diccionario bibliografico* umha enorme listagem de autores portugueses entre os que podemos encontrar os nomes de várias produtoras coevas de Teresa de Mello Breyner como Catarina Micaela de Sousa Cesar e Lencastre (1749-1824), Leonor de Almeida (1750-1839) e Soror Theresa Angélica Peregrina de Jesus (que publicou em 1785 a tradução de umha obra religiosa originalmente escrita em espanhol, *A formosura de Deus, inferida e declarada pelas suas feições, assim como a fragil capacidade humana é possível*). Ainda que as referências que oferece sejam meramente bio-bibliográficas, e, portanto, nom faga nengum tipo de valorização sobre o papel geral das escritoras na literatura portuguesa, ou sobre alguma delas em particular, os dous verbetes dedicados à Condessa do Vimieiro merecem umha atenção especial da nossa parte.

Na primeira, «D. Theresa de Mello Breyner» (Silva, 1858-1859, vol 7: 318), fai umha semblança biográfica e informa, para além da sua origem nobre e do seu casamento em 1767 com o seu primo D. Sancho de Faro, Conde do Vimieiro, da dedicação da Condessa às artes «e mais que todas a poesia, adquirindo notável celebridade por suas composições».

Polo que se vê, a poesia de Tirse deveu ser bastante popular entre os seus contemporâneos e conhecida ainda no século XIX, apesar de nom terem sido nunca impressos (hoje encontram-se alguns poemas dispersos entre a sua correspondência na Torre do Tombo e na Biblioteca Pública de Évora, para além dum texto numha miscelânea antipombalina) e que o relevo da autora –ou polo menos a sua pequena presença nas histórias da literatura portuguesa– venha dado por umha peça teatral que nem sequer reconheceu publicamente como própria.

Inocêncio da Silva cita unicamente os autores que lhe endereçáram dedicatórias em diversos poemas, como António Dinis da Cruz, Domingos Maximiano Castro, Nicolau Tolentino, já que nom conhece directamente as composições poéticas dela, e suspeita que nom publicou nada em vida salvo a peça teatral *Osmia* «e menos com o seu nome»⁴⁴.

No seguinte verbete («Osmia»: Silva, 1858-1859, vol 6: 329-330) ocupa-se das diferentes atribuições com que se especulou desde a concessão do prémio da Academia

⁴⁴ Ainda que as suas composições poéticas nom fossem publicadas, existem elementos suficientes para afirmar que estas circulavam com facilidade e ainda com profusão entre os membros do grupo (e nom só). Para além da evidência de que uns textos sejam escritos em resposta a outros prévios, na correspondência de Teresa de Mello Breyner é extraordinariamente frequente o envio de poemas juntos às cartas, e também encontramos abundantes referências à filtração (ou ao medo à filtração) de textos, que podiam cair em mãos nom desejadas.

das Ciências de Lisboa a *Osmia* até a coeva e definitiva a Teresa de Mello Breyner. Aqui explica Silva como chegou a esta conclusom, já que noutro lugar («Antonio de Araujo de Azevedo» in Silva, 1858-1859, vol. I: 88) assegurava ser este o responsável da tragédia, e fai um repasso da polémica suscitada polo anonimato da candidatura ao prémio: como é conhecido, no dia 13 de Maio de 1788 a Academia das Ciências de Lisboa dá a conhecer o resultado do concurso convocado no dia 10 de Maio de 1785 para «hum Tragedia Portugueza» (Mello Breyner, 1788: [5]). A este prémio apresentaram-se três obras: *D. Maria Telles*, de Luís Correa de França Amaral⁴⁵; *Lauso*, de Henrique José de Castro⁴⁶, e *Osmia*, a ganhadora, mas

quando porem se tratou de abrir a cedula, que devia conter o nome do auctor do drama, achou-se em vez d'essa indicação a cedencia da medalha de 50:000 réis que lhe competia, a favor da memoria que contivesse a melhor exposiçom de um remedio eficaz, facil e experimentado para curar a ferrugem, tão damnosa ás oliveiras⁴⁷.

A partir de aqui começam os intentos por encontrar a autora ou autor da peça. A primeira hipótese foi a Viscondessa Balsemão e a que conseguiu mais aceitação entre os críticos a Condessa do Vimieiro, mas Silva nom encontrava bastante sólida nenhuma destas duas possibilidades. Mais tarde, Inocêncio da Silva pensou em Correia Garção e pujo de parte também esta teoria porque Garção morrera em 1772, treze anos antes da convocatória do concurso. A hipótese que mais o convenceu, afirma Inocêncio, foi a proposta por José Maria da Costa e Silva, que defendia António Araújo de Azevedo como verdadeiro autor de *Osmia*:

Os argumentos em que se estribava pareceram-me de tal modo congruentes, e corroborados por outros, deduzidos da propria observação, que não sendo eu acostumado a deixar-me fascinar pelos seus juizos, como quem tivera repetidas ocasiões de verificar a fallibilidade da sua critica em materias de facto, concordei todavia com elle plenamente quanto a este ponto, e o dei por decidido no *Diccionario*.

⁴⁵ Luís Correia de França e Amaral, também conhecido polo pseudónimo Melizeu Cylénio (1725-1808): desconhecemos se chegou a publicar esta tragédia, mas registamos três textos editados por este autor: *Elegia na geralmente sensível e sempre lamentável morte do sereníssimo Senhor Dom José, príncipe do Brasil*, Lisboa: Off. De Simão Thaddeo Ferreira, 1788; *Na partida da real estatua equestre; na exaltação da real estatua equestre: soneto*; [s.l.: s.n., s.d.]; *Obras de Melizeu Cylenio, Arcade de Lisboa...*; Lisboa: na officina de João Antonio da Costa, 1764.

⁴⁶ Este texto, publicado em 1790 em Lisboa na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, com o título *Lauso: tragédia* parece ser a única publicação que o Padre José de Castro (1764-1829) deu ao prelo

⁴⁷ Parece que esta vocação agrícola nom se limitou à cessom do seu prémio, já que, seguindo também nisto as doutrinas da Ilustração, applicava “com espirito pratico, todos os melhoramentos agricolas”(Costa, 1892: 255) na sua casa de Alcoentre.

Mas Silva, que já dava por válida esta atribuição, mudou de opinião antes de acabar a redacção do *Dicionário*, ao assegurar António de Mello Breyner, sobrinho da Condessa, que tinha no seu poder «o proprio autographo de *Osmia*, escripto por letra d'aquella senhora, offerecendo-se para mostrar-m'o, a fim de convencer-me da verdade [...]. Fique pois assentado de uma vez que D. Theresa de Mello Breyner foi auctora de *Osmia*; e reconhecida como unica genuina a opinião dos que assim o julgaram».

Silva reconhece que finalmente não comprovou por si mesmo a autenticidade deste documento: «não pude vel-o, por embaraços sempre crescentes do tempo; mas o dito é mais que sufficiente para desfazer até sombras de duvida». Como veremos no lugar oportuno, a autoria de *Osmia* só foi novamente discutida na década de 40 do século XX.

Por último, Inocêncio da Silva caracteriza a obra como influenciada na acção polos «trágicos franceses do seculo de Luis XIV» e nos diálogos por Voltaire, e informa da tradução para espanhol em 1798 e doutros autores que trataram o assunto de *Osmia* como Borges de Paiva e Manuel de Figueiredo.

Em nossa opinião, o processo descrito por Inocêncio da Silva -que, segundo se desprende da correspondência de Mello Breyner começou já no ano 1788- tem como objectivo o desmentido da autoria da Condessa, e não a procura de uma autora ou um autor totalmente desconhecidos. Veremos mais adiante (epígrafe III.1.4.1.1.) que a própria Mello Breyner dá indícios suficientes para inferirmos que nem a publicação do *Elogio* (1781) nem a de *Osmia* (1788), foram tão anónimas como poderia deduzir-se do facto de não estarem assinadas, pois os agentes do campo intelectual que se movem arredor da Corte não são muito numerosos, e as tomadas de posição de cada um são conhecidas por aliados e inimigos.

Posteriormente, o **Marquez de Resende (1868)**, na *Pintura de um Outeiro nocturno e um sarao musical ás portas de Lisboa no fim do seculo passado feita e lida no primeiro serão literario do gremio recreativo em 12 de Dezembro de 1867*, coloca a Condessa rodeada de outras aristocratas como Leonor de Almeida, Catharina de Sousa, a Condessa de Pombeiro e a Condessa de Soure e poetas como D. Joanna Isabel Forjaz (a dona da casa em que se reúnem, da qual se citam algumas quadras, e mulher que foi assunto frequente dos intercâmbios epistolares e até de alguns enfiados

entre Vimieiro e Leonor de Almeida), D. Maria do Patrocínio e D. Maria Lobo, a Freira Maria do Monte ou Bocage.

Nom se trata dum texto crítico, mas ficcional, motivo polo qual tomamos as suas informações com absoluta cautela, mas parece-nos importante anotar aqui esta presença, porque oferece umha imagem da Condessa de Vimieiro como pessoa integrada dentro dum grupo de mulheres que partilham o interesse pola literatura e porque, tratando-se dum texto relativamente próximo da época em que Mello Breyner viveu, revela algum conhecimento das suas actividades por parte dos seus contemporâneos.

Entre **1870** e **1871**, som publicados os quatro volumes da *Historia do theatro portuguez*, onde **Theophilo Braga** (pp. 319-320) recolhe algumas informações sobre a Condessa de Vimieiro e a sua obra ao lado de umha valorização mui negativa do teatro contemporâneo e da influência da dramaturgia francesa:

Na Academia Real das Sciencias de Lisboa, que succedeu á Academia de Historia, também se cultivou a tragedia franceza; aí se coroôu a *Osmia*, e Francisco Dias Gomes aí leu a sua tragedia *Ifigenia*. Ainda as tragedias francezas davam que fazer ás nossas Academias, quando os episodios da historia portuguesa offereciam situações para inventar o drama moderno.

António da Costa publicou em **1892** *A mulher em Portugal*, que nom se trata neste caso de umha obra dedicada especificamente à produção literária. O seu autor centra-se, sobretudo, nas biografias das autoras, tipo este de estudo que nom será infrequente, porque as vidas som consideradas por cima das próprias obras, relegadas estas a um segundo plano tanto por serem de autoria feminina como por corresponderem com um período nom especialmente valorizado pola crítica literária portuguesa.

Costa (1892: 250-265) dedica a «Tirce (A Condessa do Vimieiro D. Thereza de Mello Breyner)» o capítulo IX deste trabalho, onde, ampliando um aspecto também tratado por Inocêncio da Silva, recolhe alguns dos sonetos que os contemporâneos da Condessa como Dinis da Cruz⁴⁸ e Nicolau Tolentino⁴⁹ lhe dedicárom e cita alguns outros

⁴⁸ Escreveu-no o poeta como resposta de um outro poema que Tirse enviara de forma anónima: “Se essa que em Lysia pulsa lyra nobre,/ logo que abrindo as azas cruza o vento/ em altos voos sóbe ao firmamento,/ e de brilhante luz toda se cobre,/ em vão aos nossos olhos hoje encobre/ a mão que o fere o altisono intrumento [sic]/ o som divino, o majestoso accento,/ que é teu, que tu o tocas, nos descobre/ Cantas, e ser não queres conhecida?/ Crês talvez, occultando o nome ufana,/ que é de Breyner a voz desconhecida?/ Quanto, ah! quanto o conceito tu enganas!/ Alta cidade sobre um monte erguida/ como esconder-se pôde á vista humana?” (Costa, 1892: 252)

⁴⁹ “Aos pés da illustre Vimieiro um dia/ lacrimosas quintilhas recitava,/ e digno coração que as escutava/ da causa por que o fiz se condoia./ Na sizuda attenção com que as ouvia/ já por bem pago o triste auctor se dava,/ mas a tanto favor se adiantava,/ que até a protecção lhe permittia./ Nobreza, discreção, semblante, agrado,/ são contra a má fortuna tantas lanças,/ que me supponho quasi despachado./ Mas se até faltam estas esperanças, /vou ser nas escolas, já desesperado,/ em vez de mestre, Herodes das creanças”. (Costa, 1892: 253) Este soneto pode encontrar-se também em Tolentino de Almeida (1801: 23)

autores, de que nom dá exemplos, como Bocage, Domingos Torres e Filinto Elísio, o que dá mostra das muitas relaçons que Teresa de Mello Breyner tinha dentro do campo literário para além da tantas vezes comentada que a unia a Leonor de Almeida. Segundo António da Costa, Tirse vivia um tanto afastada dos foros públicos⁵⁰, e recebia na sua «afamada biblioteca, uma das mais valiosas pelo numero e importancia das obras» (Costa, 1892: 255) as visitas de todos eles.

Define a poesia da Condessa como composiçons «principalmente bucolicas». Som «dois Idyllios, uma descripção de tempestade, um terceiro Idyllio a Lilia; testemunho de gratidão, uma Epistola em tercetos, á italiana; dez Sonetos, e um Madrigal» (Costa, 1892: p. 256) que nom fôrom imprimidos no seu dia, e, ainda que segundo da Costa fôrom salvas em parte polo «erudito Antonio Ribeiro dos Santos, archivando copias na Bibliotheca Nacional de Lisboa», Thereza de Barros (1924, vol. 2) afirma nom ter sido capaz de encontrá-las. Hoje nom aparecem nos arquivos da Bilblioteca Nacional, mas (polo menos algumas destas composiçons) nos da Torre do Tombo, onde estão arquivados no espólio da Casa da Fronteira Alorna junto com a correspondência endereçada a Leonor de Almeida.

Da Costa relata também as circunstâncias que envolvêrom o concurso a que Mello Breyner apresentou a tragédia *Osmia*. Resume o argumento da peça e fai umha valorizaçom positiva dela (Costa, 1892: 260-261):

Esta peça, guardadas as leis da epocha, faz honra á literatura portuguesa. A contextura entrelaça a historia com a fabula amorosa n'uma serie de situações, que tem por base a paixão, e por corôa a virtude. A auctora pôz no coração da protagonista o seu proprio coração, e tratou-a com um amor, que se comprehende a cada passo. A obra denuncia um amplo conhecimento do periodo romano, e as duas civilisações oppostas sustentam-se de principio ao fim. As proprias hesitações do Pretor constituem uma belleza, no combate d'aquelle espírito entre o que deve á sua Roma, como general, e ao seu coração, como homem. Graças á digna heroína que elle amou, e de quem foi occultamente amado, Lelio não offendeu a sua Patria, e a Lusitana ficou digna da sua e nossa.

Depois de tratar o teatro, ocupa-se da correspondência que manteve com Manuel do Cenáculo, figura destacada do Setecentos português, arcebispo de Évora e, segundo

e ainda em dous livros manuscritos conservados na Biblioteca Nacional de Lisboa. O primeiro (Cód. 516) intitula-se *Collecção das obras poéticas, e algumas prosaicas de Nicolau Tolentino de Almeida Manuscriptas no anno de M.DCC.XC.IX*, e o segundo (Cód. 10873), sem título, está assinado por Esteves Pereira, que deveu de ser o seu proprietário e, talvez, o responsável pola transcriçom dos textos recolhidos.

⁵⁰ Veremos mais adiante que esta afirmaçom é verdadeira só em parte, porque a presença e participaçom da Condessa nos «foros públicos» e até a sua residência em Lisboa esteve sempre directamente relacionada com o seu grau de proximidade a respeito dos detentores do poder.

Costa, orientador espiritual de Tirse. Costa descreve este epistolário como focado maioritariamente para assuntos espirituais, afirmação com que nós estamos em absoluto de acordo. Nesta correspondência, para além de questões religiosas, encontramos muitas outras informações de grande interesse, como as negociações de Mello Breyner para conseguir a entrada de Cenáculo na Academia das Ciências de Lisboa, a fundação do Colégio da Visitação, ou a preocupação pela saúde da Rainha e a oficialização da regência do que seria, andado o tempo, D. João VI.

Ainda no século XIX, **António Sousa Bastos (1898)**, no livro *Carteira do artista: apontamentos para a historia do theatro portuguez acompanhados de noticias sobre os principaes artistas, escriptores dramaticos e compositores estrangeiros* inclui um breve verbete (Bastos, 1898: 591) dedicado à Condessa que nós achega nenhuma nova informação.

No **Dicionário popular de Pinheiro Chagas**, formado por dezasseis volumes publicados entre 1876 e 1886, encontramos uma entrada referida a Teresa de Mello Breyner (Chagas, 1876-1886, vol. 16: 445), sob a epígrafe «Vimieiro (D. Thereza de Mello Breyner, condessa do) onde nós aparece nenhuma nova informação em relação com o já visto até aqui, mas onde se põe em destaque, fundamentalmente o seu parentesco com Pedro de Mello Breyner, irmão da Condessa e figura destacada do vintismo⁵¹.

Já no **século XX** a presença relativa de escritoras do Setecentos português, e particularmente de Teresa de Mello Breyner desce de maneira sensível.

Em **1904** encontramos uma primeira referência a Teresa de Mello, mas parecem-nos digno de destaque o facto de nós tratar-se dumha publicação dedicada à história da literatura, mas a *Revista de Ex-Líbris Portugueses*, aqui aparece uma breve nota de **Teófilo Braga** intitulada «**D. Theresa de Mello Breyner (seculo XVIII-XIX)**». O autor (Braga, 1904: 95) coloca o nome da Condessa de Vimieiro entre os de várias

⁵¹ Pedro de Mello Breyner (1751-1830) licenciou-se em cânones pela Universidade de Coimbra em 1777. Durante o reinado de D. Maria ocupou os postos de Desembargador da Relação do Porto (1783) e da Casa da Suplicação (1787), o que contribuiu para verificar a relação política da casa de Ficalho com o governo de D. Maria. Foi também membro do Conselho da Regência em 1807, colaborando com o governo de Junot quando a saída da Corte de D. João VI para o Brasil. Posteriormente foi diplomata em Roma (1819), Nápoles (1822), Génova e Paris (1824-1825), e foi Ministro de Justiça no governo da regência de D. Isabel Maria durante um breve período entre Novembro e Dezembro de 1826. Dois anos depois foi preso por motivos políticos e morreu na cadeia em 1830. (<http://iscsp.utl.pt/>; último acesso: 12.04.2004)

escritoras coevas, e inclui-a dentro do grupo de escritores com os quais tivo umha estreita relação, e que som frequentemente citados por isso:

Destaca-se entre as poetisas do século XVIII a Condessa de Vimieiro, que ilumina esse coro em que figuraram a Marquês de Alorna, sua irman [sic], Condessa da Ribeira, a Viscondessa de Balsemão e D. Francisca de Paula Possolo, e que foi immensamente admirada pelo arcade Antonio Dinis da Cruz e Silva, por Nicolau Tolentino d'Almeida, por Domingos Maximiano Torres, Francisco Manuel do Nascimento e Manuel Maria Barbosa du Bocage, que a celebraram nos seus versos.

Apesar de qualificar Vimieiro como poetisa, Braga sublinha, no mesmo lugar, que o seu único texto conhecido é *Osmia*, referindo de passagem o debate sobre a sua autoria: “sahiu anonima e por isso aconteceu atribuir-se a Antonio Araujo (Archivo, I, 87)⁵². Ribeiro dos Santos afirmou, porém, ser feita por D. Theresa de Mello Breyner, com quem o sabio academico e bibliotecario eximio se correspondia». Braga (1904: 95) ainda chama a atenção para o papel da Condessa na fundação da Nova Arcádia:

Foi em casa desta inolvidavel poetisa que se reuniu pela primeira vês a Nova-Arcadia, em 1791; por fallecimento de seu marido nesse mesmo anno, foi que as sessões dos neo-arcades se transferiram para o palacio do Conde de Pombeiro, onde continuaram até 1795, anno em que se fixaram, por favor do intendente Pina Manique, no Castello. Mas a gloria da cooperação da Condessa de Vimieiro no estabelecimento da Nova Arcadia é inteiramente indiscutivel.

A respeito disto temos que precisar que a morte de Sancho de Faro nom se produziu em 1791, mas no ano anterior. No entanto, Teófilo Braga (1904: 95-96) cita mais algumas informações que podemos considerar novidosas em relação com a bibliografia já vista. Fala por exemplo da biblioteca da Condessa, da qual oferece alguns pormenores do máximo interesse, mas que nom pudemos verificar e cuja fonte desconhecemos: «uma bela livraria na qual se guardavam manuscritos importantes, como os de Garção, em parte ineditos, desde 1778, as obras de Dinis e de muitos outros arcades, servindo alguns dêsses textos para edições coevas».

Sobre a livraria, ainda acrescenta (Braga, 1904: 96) que se desconhece a «existencia de catálogo». Finalmente existia um catálogo da biblioteca dos Condes de Vimieiro entre a documentação da Real Mesa Censória na Torre do Tombo, embora nom podamos verificar neste texto se existiam ou nom os inéditos referidos, já que a sua data é de 1769.

⁵²Temos verificado, sem sucesso, a referência bibliográfica oferecida por Teófilo Braga. Na única revista *Archivo* que figura na Portbase, depositada na Universidade Católica de Lisboa, nom existe nengum artigo neste sentido.

Reflecte Teófilo (Braga, 1904: 96) sobre o desconhecimento geral da figura de Mello Breyner, cuja «biographia pouco se acha apurada», e, finalmente, aponta para a possibilidade de que existam inéditos «em poder dos herdeiros da preclara dama», e talvez fosse assim em 1904, mas pelas averiguações que temos podido fazer, hoje não existe em poder da Condessa de Ficalho nenhum texto da sua antepassada.

Por último, achamos de interesse o comentário do crítico sobre o período histórico e político durante o qual viveu a Condessa de Vimieiro, pelo que tem de extensom do tópico sobre o reinado de D. Maria I:

Deu-se uma absoluta decadencia no que ficou da aristocracia portuguesa, e todas as bellas figuras excepcionaes, se destacam em um meio deprimente, como foi o do beaterio do reinado de D. Maria I, que envolveu todo o país nesse supremo desvairamento de ineptia e de indignidade.

Olga Moraes Sarmiento da Silveira publica em (1907): *Mulheres illustres - A marquezia de Alorna (sua influencia na sociedade portugueza). 1750-1839*. Neste texto, a autora anuncia uma série de publicações que visarão a elaboração das biografias de várias *mulheres ilustres* portuguesas, entre as quais indica várias produtoras setecentistas, incluída a Condessa de Vimieiro (Silveira, 1907: IX-X):

Este livro, é, pois, o primeiro d'uma serie que tencionamos publicar se, com bondade, fôr recebida, pelo publico, a nossa iniciativa. Faremos toda a diligencia, firmes n'um plano da vida litteraria, já traçado, de levantar do esquecimento, embora sem brilho, os nomes já citados [Marquesa de Alorna, Francilia –D. Francisca de Paula Possolo- e D. Catharina de Sousa, Viscondessa Balsemão] os de D. Leonor da Fonseca Pimentel, Publica Hortensia, Infanta D. Maria, irmas Sigêas, Rainha D. Leonor, Bernarda Ferreira de Lacerda, Sorôr Violante, a Condessa do Vimieiro, Feliciano Milaõ, Josepha Ayalla, e muitas outras" (pp. IX e X).

Finalmente a colecção não passou do primeiro volume, e Sarmiento da Silveira contribuiu para consolidar a visão da Marquesa de Alorna –ao lado, neste caso, de Leonor da Fonseca Pimentel- como produtora principal de Setecentos, e pôs em destaque os dois aspectos que considera fundamentais do século XVIII e, portanto, os que devem ser os critérios de selecção dos *representantes* do período (Silveira, 1907: 11):

Nos dois aspectos capitais do *Século excepcional*, o doutrinário e o revolucionário, duas mulheres portuguesas representam dignamente o nosso país: -a Marquesa de Alorna e Leonor da Fonseca Pimentel, a heroica e

ilustrada mulher que, de cabeça erguida e olhos no céu subiu ao cadafalso, em Nápoles, onde uma sentença iníqua a condenou à morte.

Dez anos depois, novamente a *Revista de Ex-Libris Portugueses* publica um outro artigo, esta vez do **Conde de Castro e Sola (1917)** onde se refere a umha série de ex-líbris entre os quais aparecem o do Conde e o da Condessa⁵³. Na epígrafe referida a Sancho de Faro Castro, Sola (1917: 5) dá alguns dados biográficos que som de interesse para reconstruir a sua origem social:

Capitão de infantaria da côrte, nasceu a 30 de abril de 1735 e falleceu a 10 de setembro de 1790.

Era filho de Dom Diogo de Faro e Sousa, 3.º Conde de Vimieiro, capitão de infantaria no Brazil, depois coronel de um regimento tambem de infantaria do Alemtejo, alcaide-mór do Rio Maior, senhor de Vimieiro, Alcoentre e Tagarro, commendador de S.^{to} Ildfonso de Montargil na ordem de Aviz, etc., e de Dona Maria Josepha de Menezes (dama da Rainha Dona Mariana d'Austria), filha de Dom Diogo de Menezes de Tavora, estribeiro-mór da mesma Rainha, e de Dona Maria Barbara de Breyner.

Parece-nos do máximo interesse a afirmação de Castro e Sola (1917: 7) segundo a qual o Conde teria ajudado Filinto Elísio no momento da sua saída de Portugal. O autor do artigo nom indica as fontes desta informação, motivo polo qual nom temos podido contrastá-la.

Para além disto, Castro e Sola pom em destaque, no mesmo lugar, a origem «nobilíssima» da casa de Faro, que constitui «um ramo da Real Casa de Bragança». Na continuação, fai umha breve referência à Condessa de Vimieiro: reproduz alguns dos dados já conhecidos desde Inocêncio, e alude à incerteza da data da sua morte (Castro Sola, 1917: 6-7): «Segundo consta, afinal se recolheu no convento de Santos, onde ainda vivia em 16 d'abril de 1798, data da sua ultima carta para D. Fr. Manuel do Cenáculo, autographo que se conserva com mais quinze na bibliotheca de Evora».

⁵³ Castro Sola (1917: 22-23) define assim o ex-líbris da Condessa: «Escudo partido em pala.

Na primeira as armas dos *Faros*: em campo de prata uma aspa vermelha com cinco escudos das quinas de Portugal, sem a orla dos castellos. Na segunda as armas dos *Mellos*: em campo vermelho seis besantes de prata entre umha cruz dobre.

Timbre, sobre corda de condessa, o dos *Faros*: um cavallo de prata nascente, bridado de ouro, com correias vermelhas e tres feridas de lança no pescoço, deitando sangue».

Do ex-líbris do Conde di Castro Sola (1917: 7): «usou dos formosos ex-libris, gravados em metal, que fazem parte da nossa collecção e de que damos fieis reproduções.

Em ambos, as armas dos Faros: em campo de prata uma aspa vermelha com cinco escudos das quinas de Portugal, sem a orla dos castellos; timbre, sobre corôa de conde, um cavallo de prata nascente bridado de ouro, com correas vermelhas e tres feridas de lança no pescoço deitando sangue; pendente do brasão a cruz da ordem de Aviz».

Neste artigo também aparece umha epígrafe dedicada a Teresa de Mello Breyner e ao seu ex-libris, comprado polo autor (Castro Sola, 1917: 23) «a Caldas Cordeiro a 27 de junho de 1914», que o tinha «adquirido no leilão feito em Paris do general Loureiro, e o general Loureiro havia-o obtido de Fernandes Thomaz». As palavras de Castro Sola colocam um problema fundamental para o estudo da trajectória de Mello Breyner: a dispersom que se produziu das posses e documentaçom dos Condes de Vimieiro e a conseqüente dificuldade para reconstruir um possível espólio e para localizar qualquer núcleo documental ou documento avulso.

Castro Sola (1917: 22) reconstrói também a origem social da Condessa de Vimieiro:

Era filha de Francisco de Mello, fidalgo de geração, 3.º senhor da Villa Verde de Ficalho, commendador de São Pedro de Gouveas e de S. Martinho de Pinhel, na ordem de Christo, capitão de infantaria do exercito, etc., e de sua mulher Dona Izabel Josepha de Breyner Menezes, dama do Paço (esta, neta de Filippe Ignacio, Conde de Breyner, e de sua mulher e parenta Dona Maria Izabel de Breyner). Dona Thereza de Mello Breyner foi dama de honôr da Rainha Dona Maria Anna Victória

Sobre esta última informação temos algumha dúvida, porque, do que se desprende tanto da correspondência da Condessa de Vimieiro com Leonor de Almeida, como doutros testemunhos coevos (por exemplo, Bombelles, que veremos mais adiante), parece que a dama de Maria Anna Vitória de Bourbon era sua mai, acompanhando ela, no entanto, desde a sua juventude, a infanta e depois Rainha D. Maria.

A seguir, no mesmo lugar, o autor insiste no papel de Mello Breyner na Nova Arcádia:

A primeira reunião da Nova-Arcadia [sic] fez-se em sua casa; depois da morte de Dom Sancho de Faro e até 1795, as sessões passaram a realizar-se no palacio do Conde de Pombeiro e desde esta data fixaram-se no Castello. Que cooperou no estabelecimento da Nova-Arcadia é um facto incontestável.

Ainda, Castro e Sola (1917: 23) pondera a biblioteca da Condessa: «Dona Thereza de Mello Breyner tinha uma magnifica livraria, de que faziam parte valiosos manuscritos, como os de Garção, as obras de Diniz e de muitos outros arcades»⁵⁴.

⁵⁴ Por último, permitimo-nos aqui recolher umha informação apontada por Castro e Sola no mesmo lugar: «usou [a Condessa] ex-libris, formosissimo, talvez de Carmona, que é considerado pelos colleccionadores como *raro entre os raros*» (itálicos no original). O gravador a que se refere Castro e Sola é Manuel Salvador Carmona (1734-1820). Formou-se em França, onde chegou a ser gravador do Rei Luís XV, até 1763, em que regressou à Espanha, onde foi nomeado Académico de Honra da Academia de Belas Artes

Em 1922 Aubrey Bell na sua *Portuguese literature*, unicamente se ocupa da Marquesa de Alorna, seguindo a que será a tendência geral nas histórias da literatura e em quase todas as obras de carácter geral, onde as demais produtoras setecentistas ficaram eclipsadas pelo nome de Leonor de Almeida, mas cita de passagem a Condessa ao falar do esquecimento em que caiu o teatro do século XVIII:

Uma das tragédias [de Domingo Reis Quita], *Inês de Castro*, sugeriu a João Baptista Gomes († 1803) a sua *Nova Castro*, que foi muito apreciada no seu tempo, mas está hoje tão esquecida como a *Osmia* (1788), cujo verso branco tem vigor mas algumas vezes custa a diferenciar de prosa. Esta tragédia foi publicada anònimamente e durante muito tempo atribuída a António Araújo de Azevedo (1754-1817), mas a sua verdadeira autora foi D. Teresa de Melo Breyner, condessa do Vimieiro, casada em 1767 com seu primo, o 4.º conde.

O caso de Teresa Leitão de Barros (1924) em *Escritoras de Portugal –génio feminino revelado na literatura portuguesa* é diferente dos vistos até aqui, porque a sua obra visa o estudo específico das escritoras em Portugal desde a Idade Média até o século XX. As produtoras do século XVIII ocupam umha boa parte do segundo volume: dedica capítulos à Marquesa de Alorna, a Teresa de Mello Breyner, e a Catarina Micaela de Sousa Cesar de Lencastre, Viscondessa de Balsemão, e para além destas três, refere-se brevemente, em apêndice, a muitas outras escritoras do século XVIII. Em linhas gerais, *Escritoras de Portugal* limita-se a fazer biografias mais ou menos laudatórias das qualidades morais e físicas das autoras, que nom se correspondem com a pobre opinião que tem Barros da produção destas.

Segundo anuncia no prólogo, a sua intenção é situar as mulheres –muitas delas esquecidas- no lugar que lhes corresponde dentro da literatura portuguesa, lugar que para ela é e deve ser secundário devido às desigualdades na formação de homens e mulheres. Isto, pelo que di respeito ao século XVIII, resume-se perfeitamente na definição das escritoras (Barros: 1924:91) como

satélites do «bel astro encantatore» [a Marquesa de Alorna], satélites modestos que quási se apagaram, perdidos no rasto luminoso da sua estrela-mae, o século XVIII apresenta-nos ainda alguns curiosos perfis femininos de intelectuais. São perfis muito semelhantes, desenhados sem preocupações de originalidade, sem convicção, sem gosto de a si próprios se contemplarem.

de S. Fernando (1764), Director de Gravado da Real Academia (1777) e “Grabador de Cámara del Rey” (1783), ocupando-se de gravar os retratos da Família Real e da primeira nobreza espanhola (<http://www.artnet.com/library/07/0754/T075426.asp>) (último acesso 05.01.05).

Para além disto, subintitula o capítulo IV dedicado a Teresa de Mello Breyner «Um século pobre em autoras» (Barros: 1924: 117), e define (p. 91) as produtoras setecentistas como «simples «amadoras» das musas ou da espectacularidade erudita e, com excepção de Francília, fizeram versos por simples diletantismo, por luxo ou por graça, sem obedecerem a uma natural preferência da sua maneira emotiva».

Desta valorização geral negativa, como vimos, só fai excepção, em menor medida, com Francisca de Paula Possolo da Costa, e, sobretudo, com a Marquesa de Alorna, de quem, no mesmo lugar, di ser a única «”profissional” das letras, se admitirmos que tal expressão pode envolver o pensamento de que uma idéa de efectividade e de amor prendeu ao seu “metier de poésie”».

Barros é, de todos os historiadores e historiadoras consultados, quem mais espaço reserva para a Condessa do Vimieiro, dedicando-lhe o capítulo «A Condessa do Vimieiro, D. Teresa de Melo Breyner, e a sua tragédia “Osmia”, coroada pela Academia Real das Ciências de Lisboa –Um século pobre de autoras» (Barros, 1924, vol. 2: 117-152). Ao longo destas páginas repassa a biografia de Tirse, informando sobre as suas origens familiares e as do seu homem D. Sancho de Faro, a amizade que a uniu à Marquesa de Alorna, as diferenças políticas e religiosas entre ambas as amigas e a correspondência que se conserva entre as duas, para além de algumas circunstâncias da sua vida literária.

A respeito da sua família, Thereza de Barros explica que Tirse foi filha do Senhor de Ficalho e de Isabel Josefa Breyner –dama da Rainha Mariana Vitória- e irmã de Pedro de Mello Breyner, governador do reino morto em prisom por causas políticas. Informa também, igual que Inocêncio, de que casou aos 27 anos com o quarto Conde do Vimieiro, e que se sabe que estava viúva no ano 1790. Quatro anos mais tarde, o 27 de Junho, professou no Real Mosteiro de Santos como Comendadeira, e desconhece-se a data exacta da sua morte (Barros, 1924, vol. 2: 121 e 122).

Nas páginas seguintes encontramos mais umha vez os pormenores relativos ao prémio de *Osmia*, e lembra Barros a coerência da petição de Teresa de Mello Breyner com a própria filosofia da Academia, que desde o seu programa inaugural⁵⁵ mostrara

⁵⁵ A Academia das Ciências fundou-se em Dezembro 1779, mas nom foi até Julho do ano seguinte que se fijo pública a sua inauguração segundo o Suplemento ao nº 26 (30 de Junho de 1780) da *Gazeta de Lisboa*. No segundo Suplemento a este mesmo número (8 de Julho de 1780) publica-se o programa aprovado polos sócios da Academia, que inclui a melhora da agricultura, o estudo da navegabilidade dos rios portugueses, umha Gramática “filosófica” da língua portuguesa ou a descrição física e económica dalgumha comarca portuguesa.

preocupação pela situação económica do país e advogara pela aplicação à agricultura dos princípios do racionalismo e das novas técnicas baseadas na experimentação científica⁵⁶. Mais tarde (Barros, 1924, vol. 2: 124),

o assunto proposto pela autora foi objecto dum novo concurso, mas a história não reza se a medalha de ouro de cinquenta mil réis que estava destinada ao frágil peito dum vate apaixonado, chegou a brilhar nas mãos calosas de algum lavrador experiente⁵⁷.

Thereza de Barros aborda também o assunto da autoria da obra, mas de forma mais breve que Inocêncio da Silva, e dedica bastante mais espaço à sua crítica, pouco benévola, na linha da sua avaliação sobre as contemporâneas de Mello Breyner, utilizando critérios como a os méritos estéticos para justificar e defender o lugar marginal ocupado no cânone pelas escritoras (Barros, 1924, vol. 2: 127) di:

A tragédia «Osmia» não deve discutir-se como valor estético, mas, até pela anecdótica história do seu triunfo na Academia, merece ser lembrada como curiosidade e como agradável recordação duma singular época em que das tragédias que as fidalgas escreviam, tiravam, ao menos, as prestáveis oliveiras um proveito indiscutível.

Hernâni Cidade (1929) refere-se também a algumas produtoras setecentistas no *Ensaio sobre a crise mental do século XVIII*⁵⁸, onde temos novamente umha visom destas quase reduzida ao papel da Marquesa de Alorna como introdutora do Romantismo em Portugal. As referências a Mello Breyner som breves e limitam-se às páginas 339 e 426; na segunda lembra o seu papel como amiga de Leonor de Almeida, mas, na primeira, ainda que fala principalmente da versom de Figueiredo (publicada polo seu irmão em 1804 no segundo volume dos catorze que compoem as *Obras completas* do dramaturgo arcádico) oferece umha perspectiva algo novidosa, já que situa *Osmia* no contexto da renovação teatral do século XVIII; a sua crítica tampouco é favorável à peça da Condessa de *Vimioso* [sic], nem ao teatro setecentista em geral (Cidade, 1984: 338-339):

⁵⁶ Por outra parte, é preciso assinalar que som inumeráveis as obras deste tipo publicadas em Portugal nos anos seguintes sob o patrocínio da mesma Academia. Abrangem dicionários, cartas náuticas, mapas, manuais de agricultura, textos de divulgação médica, etc.

⁵⁷ Mui provavelmente a obra premiada com os 50.000 reis rejeitados pola Condessa seja a *Memoria sobre o methodo de curar a ferrugem das Oliveiras*, que nom foi escrita polas “calosas mãos” de nengum lavrador, mas polas do Doutor Vicente Coelho Seabra Silva Telles. Esta memória é referida polo *Jornal Encyclopedico* em 1792.

⁵⁸ Citamos pola edição actualizada de 1984, sétima da obra referida e sexta publicada sob o título *Lições de cultura e literatura portuguesas –da reacção contra o formalismo seiscentista ao advento do romantismo*.

Para o milagre da ressurreição do teatro português, não bastava o *bom senso* de Figueiredo nem o *talento poético* de Dinis ou Garção. Nem sequer a enxertia literária do teatro clássico francês ou italiano, que a Academia Real das Ciências procurou nacionalizar, abrindo em 1788 concurso a prêmio.

No ano seguinte aparece o primeiro volume das *Memórias do professor Thomaz de Mello Breyner, 4º Conde de Mafra (1869-1880)*, descendente de António José de Mello, 4.º Senhor de Ficalho e irmão mais velho da Condessa de Vimieiro. Não encontramos neste volume nenhuma referência concreta à Condessa de Vimieiro, mas, no entanto, algumas informações interessantes sobre a sua origem social familiar (Mello Breyner, 1930: 24):

os primogénitos da casa Ficalho nunca usaram o appellido *Breyner*, que é uma transformação do austriaco Breüner trazido para Portugal pela Condessa Maria Barbara de Breüner, minha 4ª avó.

[...] A Condessa Maria Barbara veio de Vienna para Portugal como Dama de Honor da Rainha D. Marianna d'Austria, filha do Imperador Leopoldo I e Mulher de D. João V. Dizem as chronicas que era muito formosa e por cá ficou por se ter enamorado de D. Diogo de Menezes (da familia Vallada) com quem veio a cazar. D'este consorcio nasceu uma menina chamada Izabel a qual despozou o meu 3º avó Francisco de Mello, Senhor de Ficalho» (vol. I: p. 24)

Caetano Beirão é o autor, em 1934 de um livro, *D. Maria I 1777-1792. Subsídios para a revisão da história do seu reinado (com quatro heliogravuras, e fac-símiles de várias cartas)*, que trata de resgatar alguma documentação do reinado de D. Maria I com a intenção de “defendê-la” frente ao juízo que considera pouco favorável da história. Aqui aparece alguma reflexão sobre o pendor intelectual de determinados sectores na nobreza do período mariano, entre os quais menciona o de várias das mulheres coevas da Condessa de Vimieiro, embora esta não apareça na lista (Beirão, 1934: 278):

a função das classes privilegiadas agora era outra: cultivo das ciências naturais, das belas letras, das artes e das boas maneiras. E, neste ponto, a nossa aristocracia não era nada inferior à das outras cortes polidas da Europa [...]. Basta recordar os nomes de Lafões, dos marqueses de Alorna, Penalva, Angeja, Ponte de Lima, dos condes de Barbacena e de S. Lourenço, de Martinho de Melo, de Luiz Pinto de Sousa, de Rodrigo de Sousa Coutinho, para se ver confirmado o que deixamos dito. Quatro nomes femininos merecem ser mencionados junto daqueles; o da condessa de Atouguia, exemplo altíssimo da educação da mulher portuguesa, o de D. Catarina de Sousa, que foi depois viscondessa de Balsemão, poetisa e muito erudita, o da marquesa de Alorna, que Filinto baptizou de *Alcipe*, e o de sua irmã Maria, que esteve noiva do pobre D. Martinho de Mascarenhas e veio a casar com o conde da Ribeira.

Em **1944 Armando Nobre de Nobre** dá ao prelo umha das obras mais úteis para a pesquisa sobre o século XVIII em Portugal: o ***Catálogo da correspondência dirigida a Fr. Manuel do Cenáculo Vilas-Boas***, onde em seis volumes enumera e resume todas as cartas conservadas na Biblioteca Pública de Évora endereçadas a ou por Manuel do Cenáculo. Aqui aparecem extractadas três cartas do Conde (da 1203 até 1205; cota CXXVII/1-4), quinze da Condessa (da 1226 até 1241; Cota CXXVII/1-6) e ainda um grande núcleo composto por quarenta e duas cartas de António de Mello, irmao de Teresa, (da 274 até 315; cota CXXVII/1-3).

Em **1946** um novo artigo refuta a autoria da *Osmia* por Teresa de Mello Breyner. **Jean Gag  **, adjudica sem nengumha d  vida a tragédia, em «**Antonio Araujo de Azevedo Auteur "d'Osmia". Note sur un petit probl  me d'histoire des lettres portugaises, d'après des documents inédits conservés aus Archives Nationales de Rio de Janeiro**», a António Ara  jo de Azevedo, Conde da Barca e um dos nomes que Inocêncio da Silva dera como possível autor do texto.

Gagé (1946: 12-13) fala de *Osmia* e da sua possível importância para a literatura portuguesa nestes termos:

avec plus ou moins de bonheur, Racine revu par Voltaire a proliféré en toutes les langes et dans la plupart des capitales d'Europe, en cette seconde moitié du XVIII   siècle, à la veille de la grande insurrection shakespearienne. Quels que soient les mérites réels d'*Osmia*, nous supposons que sa place dans l'histoire du théâtre portugais se définit surtout de ce point de vue.

Sem entrarmos agora a analisar a pertin  ncia de colocar o teatro de William Shakesperare em relaçom com a presença dos textos de Voltaire em toda a Europa (neste sentido parece-nos oportuno lembrar que, segundo Gonçalves Rodrigues (1992: 229), a única traduçom de Shakespeare localizada em Portugal durante o século XVIII é a tragédia italiana *Giulietta e Romeo*, de Nicola Zingarelli), queremos pôr em destaque o facto de que Gag   continua na sua interpretaçom do texto a linha originalmente marcada por Bouterweck, sublinhando os traços que ligam *Osmia* com o teatro de Voltaire.

Baseando-se na necrol  gica redigida em 1819 por Sebast  o Trigo de Aragão com motivo da morte do seu amigo Araújo de Azevedo, onde se menciona umha *Osm  a* inédita da mão deste, Gag   sust  m que se trata da mesma peça premiada em 1788 pola Academia das Ciências, mas que devido a umhas tiragens hipoteticamente pequenas, apesar das duas ediçons de 1788 e 1795 e da traduçom para espanhol de 1798, nem

sequer os amigos de Araújo chegarom a ter conhecimento da publicação do texto. Para Gagé (1946: 14) este desconhecimento por parte de Trigoso justificaria

la confusion étrange qui fit très tôt attribuer *Osmia* a une certaine dame portugaise, comtesse du Vimieiro, (D)ona [sic] Thereza de Mello Breyner, pour ne rien dire d'attributions plus fantaisistes que les dates mêmes rendent insoutenables. Et de là des hésitations et repentirs d'Innocencio, qui avait d'abord fort bien vu.

Para alicerçar a sua hipótese, Gagé (1946: 15) utiliza a correspondência conservada de Araújo onde «se désigne lui-même à plusieurs reprises para le surnom d'*Auter d'Osmia*»:

Le fait serait décisif à lui seul; il est confirmé par le surnom que les mêmes billets donnent au destinataire, Francisco José Daria de Brito: *L'Ami d'Osmia*. Il ne doit donc subsister aucun doute à ce propos: *Osmia* fut bien écrite par Antonio de Araujo; et les conditions mêmes auxquelles il renonçait à son prix éventuel en faveur d'un mémoire sur la manière de guérir les oliviers s'accordent à merveille avec tout ce que nous savons, et de son goût averti pour les études de sciences naturelles, et de son souci patriotique de servir le "bien publique" en aidant à développer ou améliorer toutes les ressources économiques du Portugal.

A hipótese mantida por Inocêncio de ser *Osmia* obra da Condessa de Vimieiro é justificada considerando que esta poderia fazer parte do grupo de amigos de Araújo, mas descarta a possibilidade dum intento de fraude por parte de Mello Breyner (Gagé, 1946: 15-16): «sans doute la comtesse de Vimieiro fut-elle au nombre des personnes auxquelles Araujo confia sa pièce, si difficile à trouver en imprimé; en tirant une copie de sa main, il n'y a pas lieu de penser qu'elle eût une intention de fraude». Ciente das dificuldades que implica sustentar esta teoria, Gagé (1946: 16) justifica-a aludindo às circunstâncias históricas :

Mais, parmi les amis de l'auteur, nul ne devait être mieux informé que Brito -et sans doute aussi J.M. de Souza; aussi bien Trigoso, qui ne s'est pas trompé sur le fond du problème, reconnaît-il avoir reçu de Brito une bonne part des renseignements de sa biographie. On s'étonnera peut-être que, dès 1819, quelques erreurs aient pu se glisser dans l'Eloge; mais il ne faut perdre de vue les circonstances exceptionnelles qu'avait traversées la société portugaise, la difficulté pour les Portugais restés ou rentrés dans le royaume de suivre la carrière de leurs compatriotes fixés outre-Atlantique.

Portanto, e à luz das informações que fornece Jean Gagé, parece mui possível que António Araújo de Azevedo escrevesse umha outra *Osmia*, mas também parece

evidente que nom é a mesma que foi premiada pola Academia das Ciências de Lisboa em 1788.

Para apoiar o nosso argumento temos, por um lado, a atribuiçom de Inocência da Silva, que, se bem é certo que nom se pode considerar sólida por si mesma, já que finalmente, como el mesmo reconhece, nom chegou a verificar pessoalmente a autenticidade do autógrafo, é a fonte bibliográfica mais próxima da data de publicação da obra.

Por outro lado temos a pouca consistência dos argumentos dados por Gagé, porque nom parece verossímil, que tendo sido a obra editada, reimpressa duas vezes e traduzida antes da morte de Araújo de Azevedo, este dado nom fosse conhecido polo seu amigo Trigos, autor do seu elogio fúnebre.

Para além disto, na correspondência da Condessa com Leonor de Almeida encontramos duas referências que nos parecem definitivas para estabelecer a autoria de *Osmia* por parte de Teresa de Mello Breyner: em primeiro lugar, numha carta datada em «Lisboa 1.º de Ag.^{to} de 84», aparece a citaçom «Naõ transpira/ Do coração d'Osmia algum segredo», que se corresponde literalmente com um verso da cena IV acto IV da versom de *Osmia* publicada quatro anos depois pola Academia; mais adiante em carta datada em «Alcoentre em 24 de Jan.º de 1789» podemos ler umha alusom à disputa sobre a autoria da peça, sobre a qual Mello Breyner ironiza, particularmente com a a possibilidade –também apontada no *Inocência*- de ser o velho preceptor da Condessa, morto quinze anos atrás, o autor da sua tragédia: «mandame e dá humha rizada quando ouvires, que *Osmia* he do P^e Fran^{co} Jozé Freyre e, q quem a offereceo á Academia a tinha comprado entre os seos manuscriptos».

Finalmente, como veremos mais adiante, primeiro D'Alcochete (1976), e posteriormente Vanda Anastásio (2000) esclarecem definitivamente qualquer polémica a este respeito.

Em 1948 encontramos umha referência, totalmente secundária, mas de interesse para estabelecer o grupo em que se insere Teresa de Mello Breyner, num artigo de **Augusto da Silva Carvalho** intitulado «**O abade Correia da Serra**», separata das *Memórias da Classe de Ciências* Academia das Ciências de Lisboa. Aqui o autor recolhe umhas declaraçoms orais que pensamos podem referir-se, embora nom o fagam polo seu nome, à Condessa de Vimieiro (Carvalho, 1948: 10): «Baltazar Osório, contou

que o seu mestre Conde de Ficalho lhe dissera, que o Abade em Serpa freqüentava a casa duma sua avó».

Esta informação pode ser verificada na correspondência da Condessa de Vimieiro, tia avó do Conde de Ficalho, que em carta datada em «Lisboa 9 de março de 1789» recorda à Condessa de Oyenhausen que tinha acolhido Correia da Serra na sua casa antes do regresso do protector do Abade, Lafões, a Portugal: «Lembrarte as de hum Abb.^e protegido do Duque, e que vivia m.^{to} em m.^a caza antes de elle chegar: este tem um irmão de m.^{to} merecime.^{to} a q.^m a R.^a fez agora Cap.^m Engenheiro. Lído has na Gazeta com o nome de Joaq.^m Correa da Serra».

Dez anos mais tarde, **Francisco de Simas Alves de Azevedo (1958)**, do Instituto Português de Heráldica e do Instituto Internacional de Genealogia Heráldica, publica no *Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris* um artigo intitulado «**Uma gravura que consagra dois intelectuais do século XVIII**»⁵⁹. Neste texto, Azevedo ocupa-se de analisar o brasão de armas que figura numha gravura de D. Sancho de Faro, Conde de Vimieiro, «comparando-o com os dos ex-líbris do retratado» (Azevedo, 1958: 22). A gravura referida foi encomendada pola Condessa de Vimieiro «à memória de seu marido» e nela pode-se ler, segundo a transcrição de Azevedo (1958: 24): «Sancio de Faro/ Vimieirensis comes IIII/ Theresia Mellia Breineria/ Conjux optimo carissimo atque incomparabili/ Eum quo dulciter vixit ann. XXII mens VI D. XXVI».

Na gravura, sempre segundo Azevedo (1958: 24), lê-se ainda umha outra inscrição: «Cui Pudor, et Justitia soror incorrupta fides nudaque Veritas, Quando ullum invenient parem? Horatius», trecho tirado da ode «Ad Virgilium, de Quintilii morte», cuja presença justifica relacionando Teresa de Mello Breyner com os membros da Arcádia Lusitana, particularmente com Correia Garção:

A inclusão deste dístico numa gravura que é uma homenagem à memória dum morto querido é perfeitamente adequada e coerente com a ideia que se pode fazer da mentalidade da 4.^a condessa do Vimieiro. Com efeito, poetando ela própria e no género poético Ode não admira que seguisse as indicações dos seus amigos árcades e, particularmente, de Garção. Este, com efeito declarava, segundo refere Camilo no seu “Curso de Literatura”, que Sofocles, Virgílio, Horácio e Tucídides deviam ser os ídolos de estudo dos poetas.

⁵⁹ Queremos agradecer aqui ao Ex.^{mo} Sr. Alves de Azevedo o generoso envio deste artigo, junto à resposta à nossa consulta em relação com os possíveis herdeiros actuais dum hipotético espólio dos Condes de Vimieiro.

O autor faz um repasso pelos diferentes detentores dos títulos de Senhor de Vimieiro e, posteriormente, Conde de Vimieiro, para depois fazer alguns comentários sobre os quartos condes (Azevedo, 1958: 23):

Veio este [D. Sancho de Faro e Sousa] a casar em Fevereiro de 1767 com sua prima direita D. Teresa Maria de Melo Breyner, a qual nascera a 10 de Janeiro de 1739, filha dos 3.^{os} senhores de Ficalho, Francisco de Melo e D. Isabel Josefa de Breyner de Meneses. Esta D. Isabel Breyner era irmã da 3.^a Condessa de Vimieiro, D. Maria Josefa de Meneses e ambas filhas do estribeiro-mor D. Diogo de Meneses e Távora e da condessa austríaca Maria Barbara Breuner, dama da rainha D. Maria Ana de Áustria, e por intermédio de quem este apelido entrou na antroponímia portuguesa.

D. Sancho de Faro foi capitão da Infantaria da corte e mais tarde, segundo o “Almanach para o ano de mdccclxxxix”, *mihi*, brigadeiro mor dos exércitos de Sua Majestade e encarregado do governo do Fronte de Santo António de Cascais.

No mesmo almanaque figura entre os sócios da Academia Real das Ciências.

Ainda esta fonte diz que o Conde do Vimieiro era proprietário dum gabinete de História Natural em Alcoentre e dum de medalhas e antiguidades.

Foi também bibliófilo como se pode ver pela existência de dois ex-libris, de que dá notícia o conde de Castro e Sola.

Azevedo, no mesmo lugar, dá ainda notícia da dedicatória ao Conde de Vimieiro da obra escrita pelo seu «irmão bastardo D. José de Faro», que já comentámos acima.

Em relação com as produções da Condessa, Azevedo (1958: 23), citando Inocêncio, menciona a publicação de *Osmia* em 1788 e a concessão do prémio da Academia das Ciências, e, ainda, acrescenta um dado que não estava no autor citado: a composição (não sabemos se também publicação) de «uma Ode dedicada à Rainha Fidelíssima (provavelmente D. Maria I), igualmente anónima». Também alude ao obelisco realizado por D. Sancho em homenagem a D. Teresa, e transcreve o texto da seguinte maneira: «Memoriae aeternae/ D. Teresa de Melo Breiner/ Natalibus ingenio/ Moribus clarissimae/ D. Sanctius de Faro Sousa/ IV Vimieirensis comes/ Conjugi suavissimae/ Et de se/ B.M./ P.A. MDCCLXXIV»⁶⁰

Finalmente, interessa-nos pôr em destaque a conclusão de Azevedo, porque é inovadora a respeito das outras referências que temos visto até aqui, no sentido de qualificar os Condes de Vimieiro como *intelectuais*, dando de relevo, para além do possível papel como produtores, também o de *protectores*, citando também outros nomes do nosso interesse como o de Leonor de Almeida:

⁶⁰ «A qual [inscrição] julgo poder traduzir da seguinte maneira: D. Sancho de Faro e Sousa, 4.º conde do Vimieiro (mandou construir) para memória eterna de (sua) esposa amabilíssima, ilustríssima pelo nascimento, pelo talento, pelos costumes, D. Teresa de Melo Breiner, e de si próprio 1774» (Azevedo, 1958: 24).

D. Sancho de Faro e Sousa e D. Teresa de Melo Breyner, cujas figuras procurei evocar neste breve trabalho, pertencem à magnífica pléiade de fidalgos que souberam ser verdadeiramente intelectuais, não deixando apenas os seus nomes nos livros de genealogia mas também em obras literárias de valor, como autores ou protectores, prestigiando assim a sua classe como era e é o dever de verdadeiros aristocratas.

Figuras cimeiras desta pléiade são, para não remontar senão até o século XVII, D. Francisco Manuel de Melo, D. Luís de Meneses, conde da Ericeira, a Marquesa de Alorna, o Conde de Sabugosa, e outros.

De resto, Azevedo segue o artigo citado de Castro Sola (1916), e recolhe informações como a presença de manuscritos coevos na biblioteca da Condessa, a relação com António Dinis, Cruz e Silva e Tolentino, e a sua activa colaboração na fundação da Nova Arcádia.

Na *História ilustrada das grandes literaturas* de António José Saraiva (1966), não encontramos nenhuma alusão a Teresa de Mello Breyner.

No mesmo ano, **Hernâni Cidade** (1966: 51-52): faz referência, num livro dedicado a Bocage (*Bocage a obra e o homem*), a Mello Breyner em relação com a vinculação desta com a Academia de Belas Letras. Cidade, embora identifica correctamente o nome da Condessa, equivoca o seu título:

Reunia a *Nova Arcádia*, de começo, em casos particulares, entre as quais a dos condes de Vimioso [sic], pois a condessa D. Teresa de Melo, interessava-se pelas letras, ao ponto de concorrer anonimamente, com a tragédia *Osmia*, a prémio estabelecido pela Academia Real das Ciências. E porque, nas quartas-feiras, as sessões se realizavam na casa do conde de Pombeiro, onde era generosamente hospedado o Padre Caldas (*Lereno*), eram estas ironicamente designada as *Quartas Feiras de Lereno*.

Ainda na década de 60, **Maria Alice Beaumont** (1968) faz uma breve referência aos Condes de Vimieiro no seu livro *Cartas e alvarás dos Faros da Casa de Vimieiro (incluindo dezanove cartas do museu-biblioteca do paço ducal de Vila Viçosa)*. Esta publicação analisa especificamente um núcleo documental localizado pela autora no Museu dos Condes de Castro Guimarães em Cascais relacionados com a família dos Condes de Vimieiro, os mais modernos dos quais datam do século XVII. No entanto, no seguimento dum percurso genealógico dos membros da família Faro dá algumas informações sobre Teresa de Mello Breyner e o seu marido:

D. Sancho de Faro e Sousa, 4.º conde do Vimieiro foi marechal de campo e governador do forte de Santo António de Cascais. Casou em 1766 com D. Teresa Josefa de Mello Breyner, filha de Francisco de Mello Breyner, senhor de Ficalho, senhora que foi poetisa ilustre e muito culta com interesses artísticos e literários notáveis na sua época. Ambos formaram uma rica biblioteca (aumentando aquela que o quarto conde da Ericeira examinara e elogiara). D. Sancho era sócio da Academia Real das Ciências. D. Teresa Josefa escreveu a tragédia *Osmia* [sic], editada primeiro em português, depois em espanhol. Testemunho da admiração que mereceu a seu marido é o monumento –um obelisco no meio de uma fonte- que D. Sancho fez levantar no jardim da sua casa do Vimieiro. Ainda existe esta casa –«o palácio dos condes», e o obelisco. Este culto casal não teve descendência.

Seis anos depois, aparece um dos manuais de referência para o estudo da história da literatura portuguesa, a *História da literatura* de Barreiros (1974) em que se fala apenas da Marquesa de Alorna, incluída sob a epígrafe «Outros pré-românticos».

Em 1975, Luís Fernando de Carvalho Dias publica na *Revista Portuguesa de História* «Algumas cartas do doutor António Ribeiro dos Santos aos seus contemporâneos», onde aparece umha carta freqüentemente citada na qual Ribeiro dos Santos coloca a Biblioteca do Conde de Vimieiro (antes do terramoto) como umha das principais de Portugal (Dias, 1975: 454-455):

Depois da Biblioteca Real as melhores [Bibliotecas], que existião antes do Terramoto erão as seguintes: 1.ª A do Duque de Lafões
2.ª A do Marquez do Loureço.
3.ª A do Conde de Vimieiro.
4.ª A Dominicana de Lisboa.
5.ª E a Carmelita da mesma cidade.
6.ª A do Oratorio. Que todas se queimaraõ.
7.ª A dos Theatinos, ou Clerigos Regulares de S. Caetano de Lisboa.

No mesmo ano, Túlio Espanca, dentro da sua monumental obra *Inventário artístico de Portugal* publica o volume correspondente aos *Concelhos de Arraiolos, Estremoz, Montemor-o-Novo, Mora e Vendas Novas*. Aqui encontramos várias referências dispersas às diferentes propriedades que tinham na região como a Capela de

Nossa Senhora da Encarnação⁶¹, a Quinta de São José⁶², a Antiga Santa Casa da Misericórdia⁶³ ou o Convento de S. João da Penitência de freiras Maltesas⁶⁴, mas Túlio Espanca, dedica especial atenção ao Palácio dos Condes em Vimieiro, incluindo os seus jardins e o obelisco de D. Sancho dedicou à sua esposa em 1774. Mas antes de entrar em pormenores sobre as características destas construções, Espanca (1975: 52a) dá algumas informações sobre as origens familiares do Conde de Vimieiro:

O primeiro donatário que nela habitou e fundou a casa velha foi D. Francisco de Faro e Noronha, IV senhor de Vimieiro, filho de D. Fernando de Noronha e D. Isabel de Melo e neto do 1.º Conde de Faro, Cavaleiro das gestas homéricas de quinhentos, esteve nas campanhas de África, foi armado cavaleiro em Safim e acompanhou a expedição portuguesa a Tunis, em 1535, chefiada pelo Infante D. Luís. Conselheiro dos reis D. João III, D. Sebastião e D. Henrique e embaixador junto de Filipe II, morreu no ano de 1580. Suas duas primeiras esposas, D. Mécia Henriques da Albuquerque e D. Guiomar de Castro, tiveram jazida na Igreja Matriz de N.ª S.ª da Encarnação, que muito protegeram.

Nas moradas finou-se em 14 de Outubro de 1714 o bispo eleito de Elvas D. Fernando de Faro, irmão do VIII Senhor da vila D. Diogo de Faro e Sousa. O II titular do condado confirmado por D. João V, D. Sancho de Faro e Sousa, comendador de St.º Ildefonso e de N.ª S.ª da Graça, na Ordem de Avis, alcaide-mor das vilas de Mora e Rio Maior, do Conselho de Sua Majestade, Governador General de Mazagão e do Estado do Brasil, onde morreu, habitou nas pousadas

⁶¹ «Criada no ano de 1532 foi, por zelo de D. Francisco de Faro, senhor da vila, mantida com decência até que o seu descendente D. Sancho de Faro e Sousa, 4.º Conde de Vimieiro, nela fundou confraria no ano de 1755, de que se considerou primeiro irmão no respectivo Compromisso, sendo, ulteriormente protegida pelo titular e sua esposa D. Teresa de Melo Breyner, que na cimafronte da empena, de coluna coríntia, ostenta os seus bustos de mármore branco, trabalhado de escultor anónimo, de c.ª de 1770» (Espanca, 1975: 45a).

⁶² «Vulgarmente chamada do Leão. Pertenceu à casa donatária da vila. [...] Confina com as antigas terras do Convento de S. Francisco e dista escassas centenas de metros da vila, na banda do norte. Teve boas terras de regalo e de fresco, com jardins e obras de arte. Presentemente, encontra-se em total ruína e abandono. São assinaláveis, todavia, do antigo esplendor, algumas fontes e taças de calcário ou de alvenaria, com repuxos, bancos de repouso, áleas, uma torrinha cilíndrica e grande tanque de secção romboide, de taça central, quadrada e apilastrada, terminada por cúpula. Na base, quatro carrancas antropomórficas [...]. A nora da quinta, de volume imponente, com arcada redonda, apilastrada, é da época das mesmas construções de vigilatura, que oferecem características gerais dos sécs. XVII-XVIII» (Espanca, 1975: 56a).

⁶³ «São desconhecidos os trâmites da fundação desta irmandade, presumivelmente perdidos no incêndio do Cartório, que ocorreu no ano de 1755 [...], mas já existia no reinado de D. Manuel [...].

Em 1534, a sua sede funcionava na igreja de S. Miguel, mais tarde designada de Anjo da Guarda, data em que servia de sede paroquial, pelas vultuosas obras de remodelação da vizinha igreja de Anto [sic] André, actualmente perdida. Na provisão do Cardeal-Infante D. Henrique, de 11 de Outubro de 1578, à mesma se anexou o Hospital de N.ª S.ª dos Mártires, que desde fins do séc. XIV funcionava, como albergaria, contígua à deste título e situada no arrabalde da vila.

Reinando Filipe II, segundo alvará de 6-2-1610, a confraria instalou-se no Largo da Porta Nova, em casas próprias, que se transformaram em enfermarias e se construiu, de raiz, o templo privativo. A estes estabelecimentos assistenciais se juntou, em 1778 [sic], o Beatério, com provisão passada por D. José I, em 16 de Junho, a solicitações do Provedor da Misericórdia D. Sancho de Faro e Sousa» (Espanca, 1975: 140a).

⁶⁴ «Os brasões, do estilo rococó e de formato eclesiástico são, [...] o segundo mais tardio, alusivo ao Asilo-Beatério que, como anexo do Hospital, o Provedor Conde de Vimieiro, D. Sancho de Faro e Sousa, havia instituído por volta de 1778./ Está inferiormente decorado pela legenda latina: PVELLARVM. EXPOSITARVM/ EDVCATIONIS. GRATIÃ/ ORPHANOTROPHIV. HOCCE/ CONDITVM. EST/ ANNO. MDCCCIX» (Espanca, 1975: 150b).

desta vila. O III Conde D. Diogo, casado com D. Maria José de Menezes residiu, também, nos paços velhos, onde nasceu o primogénito e IV Conde D. Sancho de Faro e Sousa, fidalgo que vivendo demoradamente nele depois do terramoto de Lisboa, onde quebrou uma perna e sobretudo depois de 1766, data do seu matrimónio com D. Teresa de Melo Breyner, dama da rainha D. Mariana Vitória de Bourbon, determinou ampliar o edifício primitivo, desaparecido na altura e substituído pelo actual, entre 1770-90.

Justifica-se esta longa citação, porque, ao nosso ver, descreve um itinerário que ajuda a caracterizar, do ponto de vista da sua origem social, os Condes de Vimieiro, que som apresentados aqui como membros da primeira nobreza portuguesa desde o século XVI, e porque pode oferecer umha primeira aproximação dos projectos, como a reconstrução do velho Palácio, que os Condes tentárom aplicar na sua vila, e que trataremos mais adiante. Por outro lado, nom podemos deixar de assinalar o erro cometido por Túlio Espanca ao indicar que Teresa de Mello Breyner era dama da Rainha D. Mariana Vitória de Bourbon. Foi sua mai, Isabel Josefa de Breyner Menezes, quem serviu a esposa de D. José I, enquanto ela passou boa parte da sua juventude acompanhando a Rainha D. Maria I.

Refere-se Túlio Espanca com algum pormenor às obras de reconstrução do Palácio e a algumas actividades que, segundo el, se desenvolviam no seu interior:

É possível que lhe desse assistência técnica o general Guilherme Luís Valleré, construtor do Forte de Lippe, de Elvas, em substituição de Ettienne, que desenhou o obelisco de homenagem, dos jardins e porque, o conde, como marechal de campo e governador militar de Estremoz, teve constantes contactos com o Estratega francês.

Do recheio mobiliário constava uma notável Biblioteca, das melhores do reino, constituída, originariamente, pelos fundos mss. e impressos, raros, do chantre da Catedral de Évora Manuel Severim de Faria e de Martim Afonso de Sousa, muito estimada, sobretudo, por D. Teresa de Melo Breyner, senhora de grande cultura literária e artística, justamente apreciada por poetas como a Marquesa de Alorna, Nicolau Tolentino, Cruz e Silva e outros contemporâneos, autora da tragédia *osmia* [sic], publicada em 1788 pela Academia das Ciências de Lisboa. No paço funcionou o cenáculo nova arcádia, pontificado pela distinta dama, que usou os pseudónimos de Lia e Tirse.

Túlio Espanca, em contra do que vinha sendo habitual nos textos publicados ao longo do século XX, enfatiza, por umha parte, a formação da Condessa, e, sobretudo, por outra, a sua integração num grupo e o seu papel como *salonière*, mas engana-se ao colocar as reuniões da Nova Arcádia no Vimieiro, porque tanto pela correspondência datada de Mello Breyner, que a coloca nessa altura em Lisboa, como por outras vias de

informação como pode ser a obra completa de Francisco José Bingre publicada por Vanda Anastácio (2000), sabemos que as reuniões tinham lugar no palácio dos Condes em Lisboa.

Encontramos neste trecho ainda outras duas informações novas uma referida à origem dos fundos que compunham a afamada biblioteca dos Condes, e outra em relação com o autor do risco do obelisco em homenagem à Condessa. Este, Guillaume Luís de Valleré, interessa-nos porque é referido na correspondência de Mello Breyner, mas também pela sua participação em obras de infraestrutura promovidas pelo governo de D. Maria I.

No entanto, devemos precisar o afirmado por Espanca em torno aos pseudónimos poéticos utilizados por Mello Breyner: ao longo da sua correspondência temos verificado tanto *Tirse* como *Tersea*, e ainda *Firmina* e *Lindea* (estes últimos só em «Seria na verd.^o eterna a m.^a carta», texto que datamos arredor de Junho de 1774), mas ainda não encontramos nunca *Lia*. Colocamos como hipótese que, talvez, seja uma confusão com *Lília*, pseudónimo utilizado por Leonor de Almeida na sua correspondência com a Condessa e nalguns poemas, particularmente de juventude.

Nas páginas seguintes, Túlio Espanca (1975: 52b-53a) faz uma descrição pormenorizada do Palácio e de alguns dos seus salões:

Esta pintura [das armas dos Faros e Sousas] e outras do interior, devem pertencer ao ciclo artístico de Jerónimo Barros Ferreira, pintor exímio em decorações floridas, ornato e arquitectura perspectivada, que muito se ocupou de trabalhos para os Condes de Vimieiro, como nos debuxos de marcas bibliográficas e no retrato da Rainha D. Maria I, este destinado aos aposentos de D. Teresa de Melo Breyner.

A presença do retrato da Rainha D. Maria no quarto da Condessa confirma a adesão ideológica desta ao governo mariano, além da convencionalidade que podemos interpretar que existe noutras demonstrações de adesão públicas ou privadas. Acreditamos também importante a descrição que faz Espanca (1975: 53) dos jardins dos Condes, única achada até o momento, tanto pelo que têm de evidência de uma certa opulência económica, ao menos numa dada altura, dos habitantes do palácio, como porque revela o gosto pelos jardins e o interesse pela agricultura tipicamente ilustrados:

Estimável conjunto do tempo de D. Diogo de Melo e Faro, ampliado por seu filho D. Sancho, depois do casamento de 1766, era chamado vulgarmente a Quinta, pois teve, anexo, bom pomar de laranjeiras, taboadas de hortêjo, lagar de azeite, cavalariças, cocheiras e mais diversas fábricas agrícolas.

[...] Os belos jardins, enaltecidos pela Poesia e pela Literatura setecentista, onde existiam bosquetes, áleas e canteiros de flores variadas e escolhidas, buxos, escadas caprichosas, fontes com cascatas de repuxos e plintos decorados por estatuetas de barro e de mármore, estão quase perdidos; mutilados, vêm-se alguns bustos de figuras clássicas e a urna piriforme, com ornatos adosselados, dedicada a *Luís de Camões* [...].

A entrada da Quinta e dos Jardins faz-se através do opulento portão virado na direcção do alçado lateral da Igreja Matriz e é composto por duas altas pilastras de granito almofadado [...]. Revestimento de mármore branco, de alto a baixo, ornamenta o eixo das pilastras, que são do período rococó de c.^a 1770 [...].

No ponto dominante do parque, encruzada por ruas de buxo, subsiste, completa, a fonte-obelisco monumental que celebrou os paços, obra excelente de arquitectura ornamental, datada de 1774, de mármore alentejanos e do estilo neoclássico, cujo desenho e orientação técnica se deve ao engenheiro francês marechal Guilherme Luís Antoine de Valleré. É possível, todavia, que no projecto tenha trabalhado o general António da Rosa (1727-96).

Ainda, no fim do espaço dedicado ao Palácio dos Condes, Túlio Espanca transcreve os textos, hoje praticamente ilegíveis, que adornam o obelisco: «cui lauros aeternos honoris insigni maestis praesidium»⁶⁵ (na cara Norte), «memoriae aeterna d. ter.^{siae} mello breiner fem.^{na} notabilibus ingenio moribus clarissime. d. sanctius de faro sousa iv vimeirensis comes conjugii, suavissime et. b. de se m. p. a. –mdcclxxiv»⁶⁶ [sic] (no lado Ocidente), «cum cuti utile dulci. onme tulit punctum, superbo nom homilis mul.^{er} triumpho»⁶⁷ (no lado Sul), e «nais hujus sacri cust.^{dia} lacus quis ovis est hoc tibi edico hospes bibequesque et sub tanti nominis umbra urbanas expel.^{lo} curas»⁶⁸ (no lado Oriente).

Nuno Daupias D'Alcochete retoma em 1976 no seu livro *Humanismo e diplomacia. Correpondência literária de Francisco José Maria de Brito com Dom Frei Manuel do Cenáculo (1789-1804)*, publicado em Paris pela Fundação Calouste Gulbenkian a polémica já referida sobre a autoria da *Osmia*:

foi durante os primeiros tempo da sua residência nos Países Baixos [1790-1798], que Araújo começou a verter para português as Odes de Horácio, que não chegou a publicar, talvez porque as críticas mordazes de Filinto Elísio lhe tivessem incutido dúvidas sobre o valor da tradução. Na mesma altura esboçou

⁶⁵ Espanca (1975, 54) traduz como «Eternos louros de estima à insigne protectora dos desvalidos».

⁶⁶ «Em perpétua memória de sua esposa, D. Teresa de Melo Breyner, senhora do mais esclarecido engenho e notáveis virtudes, dedica muito afectuosamente D. Sancho de Faro e Sousa, 4.º Conde do Vimieiro, como perito de justiça. No ano de 1774 –Era de Cristo» (Espanca, 1975: 54).

⁶⁷ «Abraçam-se a bondade e a beleza. O vosso nome, Senhora, será consagrado com homilias [sic], em magnífico [sic] triunfo» (Espanca, 1975: 54).

⁶⁸ «Viandante, quem quer que sejas! Eu Naide, guarda desta fonte sagrada, aconselho-te a que bebas descansado e afastes os cuidados do Mundo à sombra de tão grande nome» (Espanca, 1975: 54).

as tragédias *Ósmia* [sic] e *Nova Castro*, que veio a terminar no Brasil, e depois se perderam.

E esclarece no mesmo lugar, em nota de rodapé, as possíveis confusões que podem existir entre esta *Osmia* inédita e a de Teresa de Mello Breyner:

Inocência, Dicionário Bibliográfico, I, pp. 89-90, afirma que a *Nova Castro* se perdeu, bem como muitas poesias de Araújo. O mesmo autor que começara por assegurar pertencer ao conde da Barca a tragédia *Ósmia* [sic], premiada e publicada sem nome de autor pela Academia das Ciências de Lisboa em 1788, 1795 e 1835 e, em tradução espanhola, em Madrid, em 1798, no volume VI do Dicionário, pp. 329-330, acabou por atribuí-la a D. Teresa de Melo Breyner, condessa de Vimieiro. Em defesa de Araújo e refutando esta atribuição, há trinta anos atrás saiu o Professor Jean Gagé com um artigo intitulado *António de Araújo de Azevedo, auteur d'«Osmia»*, in «Bulletin des Études Portugaises», T.X., 1945 [sic], pp. 171-188. Araújo, como muito bem fez notar Jean Gagé, declarou em vários documentos que era autor da *Ósmia*. Na verdade, como o demonstram fragmentos do manuscrito que chegaram até nós, Araújo escreveu realmente uma tragédia *Ósmia*, mas que não é a que foi premiada pela Academia em 1788.

A seguir, D'Alcochete anuncia que «sobre este controversado problema de história literária nos debruçaremos num próximo estudo», mas, infelizmente, este ainda não foi publicado.

Pelo número de produtoras assinaladas, sobressai, no entanto, a ***Grande enciclopédia portuguesa e brasileira (1978)***, que, para além da entrada «Vimieiro (Condes do)» (vol 36: 151-152), recolhe outras dedicadas a escritoras setecentistas como «Alorna, (Marqueses de)» (vol 2: 111-114); «Balsemão (Viscondes de)» (vol.4: 78), e «Noronha, Ana Bernardina Pinto Pereira de Sousa» (vol. 18: 881). Quanto ao tipo de informação que oferece, não chega a nenhuma novidade sobre o já visto nem no caso de Mello Breyner nem nos outros: abundam os dados biográficos, e no relativo ao lugar que ocupam no sistema, no caso da Marquesa de Alorna destaca traços românticos na sua obra –tanto na produção original como nas traduções-, e no da Viscondessa Balsemão, o facto de ser amiga da Marquesa. Sobre Ana Bernardina Pinto Pereira de Sousa Noronha, unicamente constata a publicação em Lisboa em 1788 da *Canção fúnebre às sentidíssimas mortes do sereníssimo Sr. D. Gabriel Antonio, infante de Espanha, e da sereníssima Sra. D. Mariana Vitória, sua esposa e infanta de Portugal*.

As informações sobre a Condessa de Vimieiro aqui recolhidas limitam-se a repetir o já conhecido sobre as suas origens familiares, a publicação de *Osmia*, as

relações com alguns intelectuais coevos, e o seu retiro a Santos no período final da sua vida.

Também em 1978 publica **Luiz Francisco Rebello** o primeiro volume do seu *Dicionário de teatro português*, que, no verbete «Breyner, Teresa de Melo» (Rebello, 1978: 112), não chega a nenhuma nova informação ao já conhecido, limitando-se a assinalar o seu casamento, a recolhida para o convento depois de enviuvar, e o facto de a sua obra ter sido premiada pela Academia de Ciências de Lisboa.

Anda no mesmo ano, **J. Marcadé** publica em Paris um estudo sobre Frei Manuel do Cenáculo *Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas évêque de Beja, archevêque d'Evora (1770-1814)*, onde recolhe, de passagem, alguma referência a Teresa de Mello Breyner. Umha (Marcadé, 1978: 385) refere-se aos intentos de mediação desta ante o Arcebispo em favor do Vigário Geral Cardoso Meneses por causa de um incidente com a superiora do Convento de Santa Clara, que se negou a deixar entrar no claustro um médico que acudia a examinar umha das freiras; na outra, tirada da correspondência entre Vimieiro e Cenáculo conservada na Biblioteca Pública de Évora (Marcadé, 1978: 416), afirma:

à Pâques 1798, la comtesse de Vimieiro suggérait à Cenáculo que les curés, confesseurs et prédicateurs profitent de cette occasion pour reanimer la ferveur religieuse. Diogo de Pina Manique lui fait écho et, par deux fois, souligne, dans des lettres adressées à Cenáculo, le rôle important que doit jouer l'Eglise dans ce domaine.

Um ano depois, o Centro Cultural Calouste Gulbenkian de Paris publica *Marquis de Bombelles. Journal d'un ambassadeur de France au Portugal (1786-1788)*, sob a responsabilidade de **Roger Kann (1979)**. O editor do diário, inédito até essa data, oferece no índice onomástico umha breve notícia sobre os Condes de Vimieiro, com a particularidade, frente a outras informações vistas acima, de pôr em destaque o facto de ela fazer parte «sous le nom de *Tircé* [sic] d'un cénacle littéraire que fréquentaient les poètes Tolentino, Cruz da Silva».

Outra das informações que figuram neste pequeno texto é a discussão sobre a autoria da *Osmia* «aujourd'hui contestée», o que alude, calculamos, ao artigo de Jean Gagé comentado acima.

O diplomata Marc-Marie, Marquês de Bombelles, depois de ter passado pelas Ilhas Britânicas (de cuja estadia deixou também um diário, editado por Jacqs Gury em 1989), foi destinado, em 1786 como embaixador em Lisboa. Segundo Agustina Bessa-Luís (2003) a verdadeira missão do Marquês era

afastar Portugal da sua aliança com a Inglaterra, fazendo-o participar do *Pacto de Família* que unia o ramo dos Bourbons instalados em diversos tronos. Em 26 de Outubro de 1786, o Senhor de Bombelles, com mulher, filhos, cunhada, confessores, secretários, lacaios e cozinheiros, chega ao Tejo e ao famoso “bout du monde” em que a diplomacia encalha nobremente. Descendente possivelmente de portugueses, de linha marrana, Bombelles talvez sentisse por este pequeno país retirado do concerto das nações uma simpatia que, ao entrar na Corte de Lisboa, sofreu um certo choque.

A grande novidade que achega o diário de Bombelles é o testemunho directo e em primeira pessoa de quem conviveu durante algum tempo com a Condessa. Aparecem ao longo das suas páginas informações sobre os gostos, as actividades, as relações políticas, etc. tanto dela como das pessoas que conformaram o seu círculo, como o seu marido o Conde de Vimieiro, os seus irmãos José e Pedro de Mello Breyner, a Condessa de Valença, a Marquesa de Penalva..., e encontramos alguns dados que não figuram em nenhum outro texto que tenhamos localizado, assim como também confirma outros que só apareciam na correspondência.

Temos em Bombelles uma visão da Condessa que rompe a imagem da fidalga desocupada que oferecia Teresa Leitão de Barros cinquenta anos antes. Vimieiro é definida aqui como uma mulher de ampla formação intelectual, com abundante produção literária e com uma grande actividade social e uma certa actividade política.

A respeito das produções literárias da Condessa Bombelles (Kann, 1979: 64) informa-nos de que «M^{me} la comtesse de Vimieiro [...] a fait une traduction estimée d'une oraison funèbre qu'on estime guère, celle d'un homme d'esprit cependant, l'évêque de Blois que l'a écrite pour feu l'impératrice-reine. M^{me} de Vimieiro écrit aussi des comédies».

Neste sentido, temos que dizer que não pudemos verificar a existência nem da tradução da oração fúnebre do Bispo de Blois⁶⁹ nem das comédias aludidas. Poderia

⁶⁹ Alexandre-Amédée-Joseph de Lauzières de Themines, arcebispo de Blois, foi autor, entre outras, de *Avis aux fidèles du diocèse de Blois*, *Instructions et Cahier du hameau de Madon*, *Lettre de M. l'évêque de Blois à MM. les administrateurs du département de Loir-et-Cher*, *Lettre de M. l'évêque de Blois à un laïque*, *Lettre pastorale de M. l'évêque de Blois*, *Lettres de M. l'évêque de Blois*, *[L]'hermite de sa forêt*

dar-se o caso de que Bombelles confundisse a tradução do *Elogio* de Marie-Caroline Murray com este outro texto, mas pareceria mui estranho tanto pela relação do Marquês com a Condessa como pelo conhecimento que parece ter do texto original do Bispo de Blois. Trata-se da *Oraison funèbre de très haute, très puissante et très excellente princesse Marie Thèrese, archiduchesse d'Autriche, impératrice douairière, reine de Hongrie et de Bohême, &c. &c. Prononcée dans l'Elgise de Paris, le 30 Mai 1781, par messire Alexandre Amédée de Lauzière-Themines, évêque de Blois*, e é possível que a oração -talvez traduzida por Mello Breyner- circulasse, igual que outros muitos textos, por via manuscrita nos salons que frequentavam tanto Bombelles como Vimieiro, mas que nunca chegasse a ser impressa, já que não encontramos nenhuma informação ao respeito na Portbase⁷⁰ nem em Gonçalves Rodrigues (1992).

No mesmo lugar, lemos outra informação nova que dá conta da estreita relação de Vimieiro com o Duque de Lafões que é visto por Bombelles como o director dos estudos da Condessa:

Le duc de Lafões, en sa qualité de président de l'Académie de Lisbonne et d'homme témoignant d'un peu de goût pour les lettres, goût qu'il a rapporté de ses long et divers voyages, dirige les travaux de cette dame qui nous ha reçus avec grâce dans une maison mieux tenue qu'elle ne le sont généralement en Portugal.

Mais adiante (Kann, 1979: 72), o embaixador francês assinala a importância da música nestas assembleias, e informa dos autores interpretados durante um serom pela sua esposa:

Le vicomte de Ponte de Lima, beau-frère du marquis de Penalva, s'y est trouvé ainsi que les marquis de Lavradio, de Castelo Melhor e le comte de Vimieiro; chacun de ceux-ci était accompagné de sa femme et de ses enfants, ce qui faisait dans l'ensemble une société brillante. Il y a eu un fort où les comtesses de

de Madon ou réflexions impartiales sur les ordres religieux, Mandamente de Monseigneur l'évêque de Blois pour faire chanter le Te Deum, en actions de grâces de l'heureux accouchement de la Reine, Mandement de Monseigneur l'évêque de Blois, Project de lettre commune des évêques de l'église gallicane aux fidèles dispersés, Traduction de la lettre latine écrite au Pape par M. l'évêque de Blois, Instructions et cahier du hameau de Madon, Lettre de M. l'évêque de Blois 8 mars 1792, Lettre écrite par Mgr. l'évêque de Blois; a le R. M. prieure des Carmélites de Blois, Lettre de M. l'évêque de Blois, aux electeurs du département de Loir et Cher..., Lettre pastorale de l'évêque de Blois au clergé, séculier et régulier, et à tous les fidèles de son diocèse (1er septembre 1810), Lettre pastorale de l'évêque de Blois (1er avril 1791), Lettre pastorale de l'évêque de Bl au clergé de son diocèse, Lettre pastorale... (sur la persécution de l'Eglise et la constitution civil du clergé), Lettres de l'évêque de Blois (1er septembre 1810-30 juin 1811), Lettres de M. l'évêque de Blois à M. Adam, chanoine de la cathédrale et à la Révérende Mère prieure des Carmélites, Mandament de Monseigneur l'évêque de Blois sur les festes, Traduction de la lettre de M. de Thémines, évêque de Blois, a N. S. Père le Pape Pie VII, du 1er août 1802.*

⁷⁰ Trata-se da base nacional de dados bibliográficos de Portugal, integrada pelo catálogo colectivo em linha de uma boa parte das bibliotecas Portuguesas, Acessível em www.portbase.org.

Redondo, d'Avintes et la marquise de Valença ont très bien chanté de beaux airs italiens. (...) [sic] La musique de Gluck, de Piccini, de Sacchini, et de Grétry chantée par M^{me} de Bombelles fait grand plaisir aux Portugais; leurs accompagnateurs sont excellents et je n'ai entendu nulle part la musique concertante mieux exécutée qu'à Lisbonne.

Queremos pôr em destaque deste trecho o facto de que seja M^{me} de Bombelles, e nom nengumha das suas anfitriãs portuguesas, quem interprete as músicas do compositor originário do Alto Palatinado, mas residente nesta altura na Corte vienense, Cristoph Willibold Gluck. Este é um dos compositores predilectos da Condessa de Vimieiro (como indica em carta datada Lisboa em 26 de Fevereiro de 1782), mas é quase um desconhecido em Portugal. Ainda sobre o grupo no qual el mesmo se integrou durante a sua estadia lisboeta, Bombelles dá umha nómina quase completa na entrada do seu diário referida ao 5 de Dezembro de 1787 (Kann, 1979: 211-212):

Pour se consoler de ces mortifications, le bon duc [de Lafões] attire tant qu'il peut chez lui la meilleure société de Lisbonne. Aujourd'hui il nous a donné un magnifique dîner: une vaisselle nombreuse travaillée a Paris couvrait table et renfermait d'excellents mets. M^{mes} de Soure, de Ficalho, de Tancos, de Vimieiro, d'Assumar, d'Oyenhausen, de Bombelles et de Travernet avaient pour écuyers ou *cavalieri serventi* le duc, les marquis de Tancos et de Penalva père e fils, le comte d'Assumar, D. José de Meneses, José et Pedro de Melo, le comte de Front, M. North, milord Mountmorres, le duc de Cadaval, le fils de D. Rodrigo de Meneses frère des Marialva, le chevalier de St. Didier. MM: Rastignac et d'Urtubise, enfin moi.

Chamamos a atenção para o facto haver um notável número de estrangeiros entre as relações destes membros da primeira nobreza portuguesa, impressom que confirmamos mais adiante na entrada do diário correspondente a 30 de Março de 1788, onde Bombelles fala dumha ceia oferecida pola Condessa de Vimieiro na sua casa (Kann, 1979: 289): «M^{me} la comtesse de Vimieiro a réuni aujourd'hui sa famille et nous a donné à dîner avec elle, le duc de Lafões, la duchesse, M. et M^{me} de Lebzeltern et le marquis de Pombal». Surpreende encontrar o filho de Sebastião José de Carvalho e Melo à mesa da Condessa de Vimieiro, porque som muitas as ocasiões em que Mello Breyner critica o governo pombalino nas suas cartas, ao que devemos acrescentar um poema contra o ministro localizado num volume manuscrito de poesia anti-pombalina que recolhemos no apêndice. Talvez a explicação deste encontro esteja nas linhas que seguem:

Je me suis acquitté fidèlement de la commission que m'avait donnée M^{me} la comtesse d'Oyenhausen; elle a eu plus de succès que je ne le soupçonnais. Le

marquis de Pombal s'est à cette occasion ouvert plus franchement qu'il ne l'avait encore fait sur la nullité de la Reine et sur l'impatience avec laquelle le prince du Brésil supportait l'extrême dépendance où il est.

Noutro lugar (Kann, 1979: 189) encontramos a definição mais elogiosa da Condessa que temos encontrado até o momento, na qual se fala da sua formação, pondo em destaque a excepcionalidade desta:

M^{me} e M. le comte de Vimieiro sont arrivés ici peu d'heures après mes enfants. On ne peut être en lus grande compagnie pour l'illustration de leur naissance ni en plus douce, plus agréable, plus commode par la simplicité que le mari et la femme mettent dans la plus noble et la plus cordiale politesse. L'amour des eaux de Caldas s'empare aisément d'un Portugais; il les regarde comme le premier remède de l'Univers parce que jamais peuple n'a porté la prévention en faveur de son pays et de ses productions au point où cette nation en est venue à cet égard; les personnes les plus sensées sont presque toujours prêtes à déraisonner lorsque ce chapitre se traite. La comtesse de Vimieiro, la femme la plus instruite du Portugal, tout en connaissant une grande partie de ce qui manque à sa patrie, la voit avec les yeux d'une bien surprenante complaisance. Venue ici pour faire compagnie à son frère, elle n'a pu résister à la séduction de ces eaux miraculeuses et en moins de quatre jours elle s'est enrôlée dans la liste des buveurs.

Para além destas informações sobre os gostos, a formação ou o tipo de vida dos Condes, Bombelles recolhe também no seu diário alguns esboços da biografia destes, e, ainda, retrata a situação política em que se encontram nos últimos anos da década de 80, com uns traços que coincidem plenamente com os que desenha a própria Mello Breyner na sua correspondência. Com motivo do trigésimo segundo aniversário do terramoto de Lisboa o embaixador (Kann, 1979: 191) fai umha série de reflexons que, apesar das dimensons da citação, parece-nos que devem ser transcritas na sua totalidade:

Ce jour offre toujours aux Portugais le triste souvenir du tremblement de terre qui leur causa de si affreux dommages il y a trente-deux ans. Le comte de Vimieiro enseveli sous le décombres de son palais n'en fut tiré que par miracle; on lui cassa une jambe au moment où il se croyait débarrassé du monceau de pierres qu'il ne pouvait écarter de lui-même. Son oncle et tuteur qui avait envie à cette époque de marier de meilleurs meubles du château de Vimieiro dans l'Alentejo; ils furent comble au malheur des habitants de Lisbonne. Une argenterie considérable, des livres, des effets précieux, tout disparut. Le compte de Vimieiro ne garda que l'habit qu'il avait sur le corps. Les soins qu'il reçut alors de sa proche parente, la comtesse de Ficalho, excitèrent sa reconnaissance. Ce sentiment dans un homme généreux joint au goût que lui inspira M^{lle} de Melo-Breyner la décida à unir sa destinée à la sienne. Le ciel leur a refusé des enfants et ils s'occupent tous les deux en ce moment de marier un frère du comte

pour perpétuer un nom aussi distingué. La cour, loin de les favoriser, leur retient des biens considérables qui de droit appartiennent à leur maison. La comtesse demande justice; on sent qu'elle a raison mais comme elle met plus de noblesse que de suite dans ses démarches, on persiste à refuser à des gens délicats ce qu'on accorderait à de vils quémandeurs. Les terres qui restent au comte de Vimieiro sont portées aujourd'hui par l'intelligence et la bonne administration à vingt-deux mille cruzados de rente. Ce revenu, bien modique à Lisbonne, suffit à ces dignes gens pour être décent dans leur intérieur et noblement toutes les fois qu'ils croient devoir se montrer.

Algumhas páginas mais adiante, na entrada correspondente ao 4 de Novembro de 1787 (Kann, 1979: 103), Bombelles abunda nesta ideia da queda em desgraça da Condessa dentro da Corte, ponderando, ao mesmo tempo, a possível utilidade para Portugal da influência desta sobre a Rainha D. Maria I, e o convívio e a amizade que as unira noutro tempo:

Je n'y aurais pas même tant séjourné [refere-se à «fastidieuse soirée» de M. Seixas] si la conversation de M^{me} de Vimieiro ne m'eût attaché, comme elle est en possession de s'attirer l'attention toutes les fois que sûre de causer sans craindre que ses discours ne soient rapportés et altérés, elle parle de ce qu'elle désirerait que son pays devînt. Il serait très utile à la Reine qu'elle accordât confiance et accès à cette dame, mais comme les sots redoutent toujours les personnes spirituelles, on n'a rien négligé pour écarter de tout intimité avec la souveraine une femme qu'elle a aimée, que a passé sa jeunesse avec Sa Majesté étant dame de cour, qui jamais ne mît rien contre elle dans sa conduite, qui a de la piété, des principes mais qui a aussi le tort d'avoir du caractère et qui, si on lui demandait son avis, n'aurait pas la lâcheté d'encenser les abus.

A relação entre os Vimieiro e Bombelles leva mesmo a que este último trabalhe pela promoção da carreira política de Pedro de Mello Breyner (Kann, 1979: 209-210):

J'ai eu ce matin la visite de M^{me} la comtesse de Vimieiro venue me remercier du désir que je nourris de faire son frère, Pierre de Melo, conservateur de la nation française. Cette place, anciennement occupée par les premiers magistrats du Portugal, est aujourd'hui dans les mains d'un imbécile sans talents, sans naissance, sans entours, se trouvant par ses infirmités hors d'état de veiller à la conservatoire [...]. M^{me} de Vimieiro [...] m'a dit qu'il occupait une place qui ne lui permettait pas, suivant une loi du roi Jean IV, d'accepter celle de conservateur mais que si la Reine voulait y déroger, chose très faisable, alors il serait fort aise de se trouver à même de mériter par sa conduite l'estime de la nation française, le suffrage de son ambassadeur et les bontés d'un grand roi.

Mas não é Teresa de Mello Breyner a única mulher da nossa nomenclatura inicial que é aqui referida. Temos também uma breve notícia verificada de Leonor de Almeida, nesta altura Condessa de Oyenhausen, que a 4 de Dezembro de 1787 se encontra em

Lisboa tentando negociar alguns assuntos económicos e políticos que lhe dim respeito a ela e ao seu marido o Conde (Kann, 1979: 210-211):

Nous avons eu cet après-midi la visite de M^{me} la comtesse d'Oyenhausen, femme du ministre de Portugal près la cour de Vienne, quoiqu'il s'en tienne fort loin depuis cinq ans. (...) [sic] La conversion à la religion catholique n'a point influé sur la conduite de M. d'Oyenhausen; depuis longtemps il végète à Avignon en obtenant par des intrigues et les importunités de la famille de sa femme des prolongations de congé, terre papale [...]. M^{me} la Comtesse d'Oyenhausen, née M^{lle} d'Alorna, joint, dit-on, à de l'esprit tout le romanesque, toute l'inconséquence et le décousu de la conduite de son mari. Revenue ici sans lui pour tâcher d'obtenir d'arracher de nouvelles faveurs de la cour, elle s'est arrêté trois semaines à Madrid dans le dessein d'intéresser en sa faveur Sa Majesté catholique et surtout la princesse des Asturies. Son plan est de finir à Lisbonne l'éducation de l'infante d'Espagne mariée à l'infant de Portugal D. João, mais M^{me} d'Oyenhausen qui avait indiscrètement confié ses projets à feu le marquis de Lourical a été trahie sans que peut-être elle le sache encore par ce malicieux ambassadeur. Toutes les personnes intéressées à éloigner des moyens de crédit une descendante des Tavora mettront de tels obstacles aux démarches de M^{me} d'Oyenhausen que si elle les surmonte, elle donnera une grande preuve de son habileté.

Para além do já indicado, Bombelles coloca aqui algumas das que serão questões recorrentes ao longo deste trabalho: o papel activo e político das mulheres na Corte, a luta entre as diferentes casas da primeira nobreza por converter os seus diferentes capitais em rendimentos económicos e/ou políticos, e os problemas que arrastavam os Távoras ainda no final do século. Veremos mais adiante que o elevado capital simbólico desta casa, se bem tinha produzido evidentes benefícios, também esteve na origem da repressão exercida contra ela pelo governo pombalino, e provocou o conflito com outras casas nobres.

No mesmo ano **Maria Regina Tavares da Silva** e **Ana Vicente**, no primeiro número da revista *Ditos & Escritos*, publicam o artigo «**Mulheres portuguesas -Vidas e obras celebradas -Vidas e obras ignoradas**». As autoras não se referem a nenhuma mulher setecentista, mas interessa-nos precisamente porque se justifica esta escolha baseando-se em critérios de *visibilidade*, e também porque esta revista é publicada por uma *Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres* da Presidência do Conselho de Ministros do Governo português, evidenciando a relação entre o estudo de determinadas agentes do campo e as vinculações ideológicas dos autores desses estudos e da sua vontade concreta de intervenção no campo (Silva & Vicente, 1979: 5):

as mulheres, cuja vida e obra são brevemente abordadas, situam-se na parte final do séc. XIX e no início do séc. XX. Na verdade, é aí que se manifesta de forma bem visível e identificada uma presença e uma actuação deliberadas, públicas e empenhadas, por parte das mulheres.

É evidente neste texto que desde determinada tradição do feminismo nom se concebe a existência de mulheres que desde umha posiçom (aparentemente) nom transgressora se empenhassem na intervençom dentro dos campos intelectual e do poder, o que hipoteca seriamente tanto o estudo da história das mulheres como da história dos campos, que só poderám ser entendidos tendo em conta todos os seus agentes, tenham estes um alto grau de visibilidade ou nom.

Em 1982 João Palma-Ferreira publica a sua obra *Academias literárias dos séculos XVII e XVIII* onde se informa de que a *Nova Arcádia* celebrava algumas das suas reunions no Paço de Vimioso (em lugar do qual devemos ler Vimieiro), repetindo basicamente as informaçons de Hernâni Cidade (1966).

Jacinto do Prado Coelho (1987), em troca, nom individualiza no *Dicionário de literaturas portuguesa, brasileira, galega e estilística literária* as diferentes produtoras, exceptuando a Marquesa de Alorna (vol. 3: 866-868). Num único verbete, «Mulher» (vol 2: pp.677-682), ocupa-se brevíssimamente do papel das escritoras nos sistemas literários português, galego e brasileiro. Em concreto, em relaçom às produtoras setecentistas (Coelho, 1987: 679), enquadra-as todas no pré-romantismo sem tratar a nenhuma delas de forma específica: «Ao Pré-Romantismo pertencem as poetisas Viscondessa Balsemão e Marquesa de Alorna, D. Leonor de Almeida, Teresa de Melo Breyner, a autora da tragédia *Osmia*, e Francisca de Paula Possolo da Costa, “Francília”».

Refere-se brevemente a Teresa de Mello Breyner numha outra entrada («Teatro» in Coelho, 1987, vol 4, 1069), onde se alude ao papel de *Osmia* nos intentos de renovaçom do teatro português:

Teresa de Melo Breyner colaborou nesta empresa da tragédia neoclássica com uma *Osmia*, galardoada em 1788 pela Academia das Ciências. Seguindo de perto o formulário arcádico e imitando o padrão clássico, em vez de visar a uma escolha de temas genuínos, ao realismo das situações dramáticas, e à verosimilhança psicológica das personagens, o esforço dos árcades gorou-se por completo e revelou-se incapaz de reconstruir umha tradição dramática nacional.

Repare-se em que a definição da obra de Vimieiro muda nesta segunda entrada, onde passa de “pré-romântica” a ser considerada *neo-clássica* ou *arcádica*.

Do mesmo ano é a Tese de Mestrado de **Maria Luísa Malato da Rosa Borralho (1987)**, intitulada *Manuel de Figueiredo - Uma perspectiva do neoclassicismo português (1745-1777)*. Apesar de ocupar-se no seu trabalho dum autor teatral coevo da Condessa e responsável dumha outra *Osmia* escrita em 1773, Borralho apenas se refere de passagem ao texto premiado pela Academia, sem aportar nengumha nova análise ou informação, e ainda referindo-se a ela como *Vimioso* em lugar de *Vimieiro*.

Na edição de **1990**, revista e ampliada, do **Dicionário cronológico de autores portugueses**, obra caracterizada pela sua exaustividade, som referidos unicamente os nomes de duas autoras contemporâneas de Mello Breyner, para além da própria Condessa (vol. 1: 548): Leonor de Almeida (vol. 1: 566-567) e a Viscondessa Balsemão (vol. 1: 565). Define esta última como «poetisa do período romântico [que] frequentou os serões literários da Marquesa de Alorna», e da Marquesa de Alorna afirma que «denuncia uma sensibilidade romântica tanto no modo de conceber a poesia como na sua visão do mundo interior e exterior. O estilo, embora utilizando figuras e epítetos clássicos, é trespassado por um sentimentalismo e uma veemência românticos».

Maria Helena Carvalho dos Santos publica em **1991** um artigo intitulado «**O século XVIII e o Absolutismo português**», no qual fai umha selecção dos intelectuais portugueses do século XVIII que considera mais importantes («os grandes nomes que percorrem todo o Século, de Verney ao Duque de Lafões» [Santos, 1991: 61]). A escolha dá como resultado umha lista de trinta e quatro nomes «sem outro critério de escolha que não tenha sido o de terem tido obra conhecida no Século XVIII» (Santos, 1991: 61). Umha vez feita esta selecção aplica umha série de critérios sociológicos para analisar a informação, concluindo (Santos, 1991: 61-62):

podemos revelar dados esclarecedores (e que só pecarão por defeito de falta de informação). Desses 34 escritores, 13 foram clérigos; 15 frequentaram a Universidade; 19 eram naturais de Lisboa; 9 eram naturais do Brasil ou filhos de "brasileiros"; dos restantes, dois eram naturais do Porto, dois da província e Bluteau nascera em Londres. Do mesmo universo verificamos que 14 foram perseguidos, em situações que vão da estadia no convento, como a futura Marquesa de Alorna, até sentenças de pena de morte. Os processos podem decorrer de crimes de judaísmo, de "libertinagem" ou de crimes políticos. Entre esse intelectuais podem considerar-se, como categorias profissionais, 3 cientistas, 5 dramaturgos, 4 gramáticos, 10 funcionários e 8 historiógrafos.

E nós acrescentamos que, da selecção, trinta e três som homens e umha é mulher, que, seguindo a tendência destes anos, é a Marquesa de Alorna.

Carvalho Buescu (1992) na *Literatura portuguesa clássica* cita Leonor de Almeida ao lado de Bocage na epígrafe «No limiar de uma nova sensibilidade» (Buescu, 1992: 232-240), e não faz nenhuma referência a Mello Breyner.

Em 1994 **Claude Maffre** publica *L'oeuvre satirique de Nicolau Tolentino*, onde, sem dedicar umha particular atenção à Condessa de Vimieiro, faz alguma referência a ela de passagem que, basicamente, repete informações conhecidas, mas que resulta interessante porque põe em destaque a ideia de que a Condessa tinha um salão aberto onde recebia, entre outros, Tolentino: «Tolentino a également sollicité la protection des femmes de la noblesse. Directement quand il s'est agi de la femme de Lettres tenant salon qu'était la comtesse de Vimieiro devant qui il reconnaît avoir "recité" ses *lagrimosas quintilhas*» (Maffre, 1994: 514).

De resto, Maffre fala da Biblioteca da Condessa, qualificando-a de «considérable» e cita a entrada já vista do *Dicionário popular* de Pinheiro Chagas.

Umha enciclopédia recente, *Biblos, enciclopédia Verbo das literaturas de língua portuguesa (1995)*, dedica espaço apenas à Marquesa de Alorna e à Viscondessa Balsemão. No primeiro verbete, assinado por **Aníbal de Castro**, destaca-se, como é habitual o seu papel na introdução do Romantismo em Portugal, e na segunda, de **M. Luísa Malato Borralho**, que a sua produção –poesia de circunstâncias e duas peças teatrais que ficaram em manuscrito– concentra-se, sobretudo, no período posterior à morte do seu marido, e o facto de ter frequentado os salões literários e à sua amiga Leonor de Almeida.

O *Dicionário de literatura portuguesa* dirigido por **Álvaro Manuel Machado (1996)** ocupa-se apenas de Leonor de Almeida. Neste verbete, a cargo de **Teresa Almeida (1996: 27)**, Leonor de Almeida é definida como «poetisa, tradutora, epistológrafa, pedagoga, mulher de letras de uma rara erudição» e afirma-se que tem sido «uma das figuras mais importantes da cultura portuguesa do século XVIII e dos

princípios do século XIX, não só pelos textos que escreveu mas sobretudo pelo magistério que impartiu».

A. Saraiva e O. Lopes (1997) dedicam novamente umha epígrafe à Marquesa de Alorna, mais umha vez na sua condição de «Madame Stäel portuguesa» mais que na de produtora, e nom fã referência a nengumha outra das autoras que levamos visto até aqui.

No ano seguinte **Teresa Fonseca (1998)** publica um livro que nom tem por objecto o estudo da literatura, nem, portanto, das escritoras portuguesas do século XVIII em geral nem de Teresa de Mello Breyner em particular, mas *Administração senhorial e relações de poder no concelho do Vimieiro (1750-1801)* é um dos textos que encontramos na segunda metade do século XX com informações mais interessantes sobre a trajectória social e a ideologia dos Condes de Vimieiro, e, assim, será abundantemente citado mais adiante. Este livro faz parte dumha série de publicações, que aludimos acima, a que tenham começado a aparecer durante os últimos anos, visando o estudo das elites sociais e de poder portuguesas na segunda metade do século XVIII.

No mesmo ano, **Nuno Gonçalo Freitas Monteiro (1998)** dá ao prelo *O crepúsculo dos grandes (1750-1832)*, no qual, como no caso anterior, o objecto de estudo nom é a literatura, mas som recolhidas informações relativas aos rendimentos económicos, estratégias sociais etc., que incluem referências concretas aos Condes de Vimieiro. Monteiro traça no seu livro um percorrido pola trajectória das casas da primeira nobreza portuguesa na segunda metade do século XVIII e nos começos do XIX, visando o estudo do processo pelo qual a aristocracia portuguesa vai sendo afastada dos lugares privilegiados do campo do poder. No seu livro, encontramos importantes dados nom apenas sobre cada casa nobre em particular, incluída as de Ficalho e Vimieiro, mas também sobre as estratégias que dirigem os comportamentos destas casas, fundamentais para compreender a trajectória de Mello Breyner.

Em 1999 vem a lume *Mulher objecto e sujeito da literatura portuguesa* de **Mónica Rector**, que estuda fundamentalmente o papel das mulheres na literatura portuguesa do século XX, mas trata em apêndice três autores do século XVIII reunidos sob a epígrafe «Arcadismo»: Luís António de Verney (Rector, 1999: 127-136), a

Marquesa de Alorna (Rector, 1999: 136-138) e Teresa Margarida da Silva e Orta (Rector, 1999: 130-136).

Continuando com a linha geral das histórias da literatura mais recentes, **Gavilanes e Apolinário (2000)** ocupam-se na *Historia de la literatura portuguesa* apenas da Marquesa de Alorna como promotora do Romantismo em Portugal.

Ainda em 2000, **Vanda Anastácio (2000_a)** na sua edição das *Obras de Francisco Joaquim Bingre* (pp. X-XI), embora não se ocupe especificamente das produtoras portuguesas do XVIII nem de Mello Breyner em particular, refere de passagem a dimensão de *salonière* de Tirse, verificando documentalmente, através do testemunho directo dum frequentador da casa da Condessa, que o palácio que abria as suas portas à *Nova Arcádia*, não era o dos Condes de Vimioso –tal como indicava Palma-Ferreira e repetem inúmeros autores, mesmo em textos publicados depois deste de Anastácio- mas o dos Condes de Vimieiro.

No segundo volume, Anastácio (2000_b) recolhe um poema intitulado «As mulheres, poema heróico e apologético em três cantos: das graças, das armas e das letras. Dedicado a elas mesmas» escrito em 1843 pelo que foi seu contemporâneo e companheiro na Nova Arcádia. No segundo canto (Anastácio, 2000_b: 47), dedicado às armas, refere-se a Osmia como personagem histórica: «Inda soam da Fama nas buzinas/ Lusitanas mulheres que venceram/ Romanas legiões, grãs ousadias/ Das heróicas Catânias, das Osmias».

E no mesmo lugar, em nota de rodapé do autor, afirma-se que se trata de uma grande heroína e guerreira lusitana «bem conhecida na nossa antiga História». No terceiro canto, dedicado às mulheres de letras, cita novamente Osmia, esta vez como personagem literária, e a sua autora (Anastácio, 2000_b: 59): «Melpómene me lembra a lusa Osmia/ Nobre assunto da Musa do Vimieiro/ Que a sábia Lusitana Academia/ (No meu tempo) c'roou de alto loureiro».

Outra vez em nota de rodapé, Bingre esclarece que é a «Musa do Vimieiro»: «A condessa de Vimieiro, óptima poetisa trágica, compôs a tragédia *Ósmia*⁷¹, que foi coroada pela Academia das Ciências de Lisboa».

⁷¹ Esta acentuação proparoxítónica deve tratar-se dumha gralha, porque na p. 47 «Osmias» aparece sem acento gráfico e em rima como «ousadias».

Duarte Ivo Cruz (2001) na *História do teatro português* alude brevemente a *Osmia* de Mello Breyner (Cruz, 2001: 132) só em relação com unha outra *Osmia* publicada no século XIX: «Manuel Joaquim Borges de Paiva (?-1824) escreveu a «tragédia original» *Nova Ósmia* (1818), paráfrase de uma *Ósmia* publicada em 1788 por Teresa de Mello Breyner».

No capítulo dedicado ao teatro setecentista, «Dos clássicos aos neoclássicos» nom aparece nengumha referência nem à Condessa nem aos prémios da Academia, e mesmo na epígrafe dedicada a Manuel de Figueiredo (Cruz, 2001: 113) a *Osmia* deste é citada como *Osmónia* [sic].

A ocorrência de Teresa de Mello Breyner publicada mais recente que temos localizado até agora é a que aparece num livro abundantemente citado já no capítulo anterior: *A cultura das Luzes em Portugal. Temas e problemas* de **Ana Cristina Araújo (2003)**. Mais umha vez, mal citada, a Condessa de Vimieiro (nom de Vimioso como aqui se afirma) aparece em função do seu papel de anfitriã dum salom, embora também se mencione de passagem a sua tragédia *Osmia* (esta, infelizmente, também incorrectamente referida como *Ósmia*).

Entre as produções mais recentes sobre Vimieiro, temos que assinalar as produzidas dentro do nosso projecto de investigação «**Mulheres e Luzes no Portugal do Século XVIII**»: «**Lisbon and Vienna: The correspondence of the Countess of Vimieiro and her circle**», de **Raquel Bello Vázquez (2004_a)** e «**Ad maiorem gloriam... feminae: Enlightenment women and the introduction of models in Portugal during the second half of the eighteenth century**», de **Elias J. Torres Feijó (2004)**, publicados ambos na revista britânica *Portuguese Studies*. O primeiro destes textos foca o estudo da rede estabelecida entre diferentes ilustradas e ilustrados europeus através da correspondência, incluindo aqui a difusão de determinados textos, incluído o original do *Elogio* traduzido por Mello Breyner em 1781 e da posterior tradução, que chega por meio da correspondência a Leonor de Almeida em Viena; o segundo, fornece ferramentas metodológicas para o estudo das mulheres participantes no campo intelectual no século XVIII.

Para além destes, encontram-se no prelo o volume *Mulher, nobre, ilustrada, dramaturga: Teresa de Mello Breyner no sistema literário português (1788-1795)* de

Raquel Bello Vázquez, e os artigos «Feminismo e aristocracia no projecto ilustrado dum teatro nacional –Teresa de Mello Breyner», «Dá uma risada quando ouvires: transgressom e ocultamento em Teresa de Mello Breyner», de Bello Vázquez, e «A correspondência como meio de difusão do cânone: o caso de Metastasio e Gluck no epistolário Vimieiro-Oyenhausen de Antia Cortiças Leira.

Temos verificado até aqui que Teresa de Mello Breyner nom umha desconhecida dentro do Campo Intelectual Português de fins do Setecentos. Alguns testemunhos – particularmente o do Marquês de Bombelles- colocam-na, ademais, como umha pessoa com certo poder na Corte, informaçom esta que podemos verificar através do epistolário da Condessa, e alguns textos indicam que o seu nome era ainda conhecido nos começos do Oitocentos. Som numerosas as relaçons que mantém com produtores seus contemporâneos e as referências de críticos imediatamente posteriores à data da sua morte. Mas depois de ter revisado a bibliografia existente sobre a Condessa de Vimieiro é oportuno fazer aqui umha compilaçom das informaçons fundamentais oferecidas nas páginas precedentes.

Segundo o visto até aqui, sabemos que Teresa de Mello Breyner procedia dumha família, os Senhores de Ficalho, que só acedeu à Grandeza a partir do reinado de D. Maria I (quando a mai de Mello Breyner é feita Condessa de Ficalho), mas que pertencia já de antigo à primeira nobreza de Corte, o que lhe permitiu estabelecer umha aliança matrimonial com o seu primo Sancho de Faro, já nesse momento Conde de Vimieiro, membro da primeira nobreza e da Grandeza de Corte. Deduz-se das informaçons vistas que esta aliança nom estava só fundamentada na proximidade de “dignidades”, mas também na procedência de ambos nubentes dumha família tradicionalmente formada e ilustrada, como o dam a entender as contínuas referências à excepcional formaçom da Condessa, à biblioteca do Conde, ou ao papel de mecenato que ambos desempenham.

Precisamente por isto, vemos que na maior parte da bibliografia se estabelece um relacionamento estreito entre a Condessa e a intelectualidade coeva, tanto homens como mulheres, como os sobejamente citados Leonor de Almeida, Joana Isabel de Lencastre Forjaz, António Dinis, Maximiano Torres, Nicolau Tolentino de Almeida, Correia da Serra etc. No entanto, é pouco referida (apenas polo marquês de Bombelles) a estreita relaçom com o 2.º Duque de Lafões. Neste mesmo sentido, recolhemos as informaçons que colocam Mello Breyner como umha das protectoras da Nova Arcádia.

Noutras esferas, como as intervençons da Condessa no campo do poder, praticamente é só Bombelles (novamente) quem nos oferece algumha informaçom de

primeira mão, neste caso certificando a íntima relação de Vimieiro com a Rainha D. Maria I e a sua adesão ideológica ao seu reinado, e aludindo a que esta relação foi impedida numa dada altura por motivos políticos que não especifica. Quanto à situação económica dos Condes, parece evidente, à vista da bibliografia, que não era especialmente boa, apesar de que contavam com um património importante sobre o qual intervieram para reabilitá-lo, ou reconstruí-lo.

Por seu turno, no relacionado com a sua intervenção no campo literário, vemos que as alusões quase se reduzem à anedota da atribuição dum prémio à tragédia *Osmia* e à maior transcendência, para os seus coevos, do seu papel como poeta. Novamente, a excepção é o marquês de Bombelles, que alude a outros textos da Condessa cuja existência não temos conseguido verificar. Ao lado das referências à *Osmia* aparece sempre a questão da ocultação e do anonimato, mas embora seja frequentemente mencionado, o anonimato que caracterizou toda a sua produção, podemos comprovar que esta questão não foi nunca analisada.

Quanto à qualidade e evolução das informações presentes na bibliografia revisada, analisando a sua progressão cronológica podemos ver como, de maneira geral, o rasto das mulheres produtoras se vai apagando com a passagem do tempo, em parte pela perda de peso relativo dos produtores setecentistas em benefício dos escritores doutros períodos históricos privilegiados nos processos de canonização a partir do século XIX, mas também por uma variação na maneira de fazer teoria e história literária, que vai procurar uma objectivação do cânone, baseada em critérios dificilmente objectiváveis e mensuráveis como a «qualidade literária»⁷².

⁷²A este respeito, parece-nos do máximo interesse a reflexão de Elias Torres (2004: 222): «a hierarquia de textos e autores, dum cânone [em que se projectam os valores e princípios dos grupos que conseguem impô-lo, e cuja fixação se justifica nas esferas ligadas à 'aprendizagem da Nação' (quando esta hierarquia não é simplesmente obviada ao aparecer 'natural' o que é fruto da imposição)] [sic], aparece também como o modelo do 'belo' para o caso da dimensão do prazer estético, do que tem qualidade». Torres acrescenta ainda, no mesmo lugar: «o conceito de qualidade atribuído às dimensões estéticas, na realidade irreduzíveis à sua objectivação como universais, é um dos mais quotidianos e fundamentais exemplos das imposições sócio-culturais [...]. A qualidade e o 'valor' são construídos em disputa elaborados historicamente nos diferentes campos artísticos, que implicam uma hierarquia que se impõe como legítima no espaço social em que funcionam».

Acrescentamos ainda as palavras de Pierre Bourdieu (1979: 59), que revelam o paradoxo produzido entre a percepção do gosto estético como a máxima expressão da liberdade individual e a sua dimensão de construção social: «ainsi, la disposition esthétique est une dimension d'un rapport distant et assuré au monde et aux autres qui suppose l'assurance et la distance objectives; une manifestation du système de dispositions que produisent les conditions que produisent les conditionnements sociaux associés à une classe particulière de conditions d'existence lorsqu'ils prennent la forme paradoxale de la plus grande liberté concevable, à un moment donné du temps, à l'égard de contraintes de la nécessité économique. Mais elle est aussi une *expression distinctive* d'une position privilégiée dans l'espace social dont la valeur distinctive se détermine *objectivement* dans la relation à des expressions engendrées à partir de conditions différentes».

A crítica exaustiva típica do século XIX –muitas vezes limitada a galerias de nomes acompanhados por bibliografias e biografias mais ou menos ornamentadas de anedotas ou episódios curiosos, de que temos um claro exemplo, no âmbito português, em Inocêncio da Silva, autor do famoso e monumental *Diccionario bibliográfico portuguez* (1858-1859)- é substituída por umha outra que vai centrar a sua atenção unicamente em determinados vultos que considera fulcrais na história da literatura. Em contraposição com a abundância de informações que podemos encontrar num autor como Inocêncio da Silva, parece-no interessante colocar umha crítica do século XX como Teresa Leitão de Barros, que, como vimos⁷³, numha obra dedicada especificamente às mulheres escritoras ao longo da história da literatura portuguesas se mostra ainda pressa entre as exigências de exaustividade típica do século anterior e os novos critérios que justificaram a exclusão das mulheres da historiografia literária por parte da crítica posterior. A mudança de perspectiva é percebida pela própria Leitão de Barros que se coloca a si própria no lado dos modernos (1924, vol. 1: 77) quando sugere que a inventariação exaustiva das escritoras do passado responde a um modo de proceder mais próprio do século XVIII, quando «pachorrentos padres [...] se entretiveram a fazer a apologia de algumas mulheres eminentes, incontestavelmente senhoras de maiores virtudes morais do que literárias», que da «crítica moderna».

É, portanto, nas obras oitocentistas e dos primeiros anos do século XX, para além de obras de carácter mais geral como em enciclopédias, dicionários, etc. onde encontramos referências a um maior número de escritoras, tal como sucede em Bouterweck (1823) e em Inocêncio da Silva (1858-1859). E serão, já no século XX, as histórias da literatura e os estudos específicos sobre o século XVIII ou sobre a Ilustração os que consagrem o nome da Marquesa de Alorna como o único feminino com importância até o ponto de eclipsar todos os demais, que ficam reduzidos na maior parte dos casos –tal como sucede com a Condessa do Vimieiro e a Viscondessa de Balsemão- a referências tangenciais e quase sempre em relação com Leonor de Almeida.

É preciso salientar o facto de que a Marquesa de Alorna não aparece normalmente como produtora, mas como introdutora no seu salom das ideias românticas. Como aponta Elias Torres (2000)

⁷³ Esta mesma crítica foi já feita por Roberto Samartim (2003: 78) em relação com o tratamento das mulheres do Renascimento: «o “valor relativo que Barros dá às produções femininas do Renascimento parte das valorizações subjectivas de beleza e qualidade estético-literário em que assenta o seu estudo crítico e descansa, como se vê, em termos de aceitação das “normas” de canonização que dominam o campo literário português do primeiro quartel do século XX».

quando a um escritor (aqui escritora) é atribuído um determinado papel (e Alcipe foi denominada por Herculano a «Mme. De Stäel portuguesa») o que foi elogio converte-se em estereótipo e lugar comum, e acaba por definir o conjunto da acção, de uma pessoa obscurecendo outras dimensões. Esse é o caso de Alcipe. Ser mulher e aristocrata não condizia bem (embora assim parecesse na aparência) com o olhar romântico. Essas são algumas das causas que, ao nosso entender, têm apagado quase totalmente uma época e uns produtores e que esclarecem não apenas esse produtores ou até o período em foco, mas boa parte da trajectória dos sistemas literários ocidentais nos últimos dois séculos.

No que di respeito à Condessa de Vimieiro, nom existindo nengum estudo específico sobre a sua obra ou a sua figura, as informaçõs que podemos recolher através da bibliografia som extremamente reduzidas e tendem a repetir-se de umhas obras para outras. Neste sentido, queremos chamar a atençom para um pequeno pormenor que nos parece que pode ter alguma importância, ao menos como indicador do grau de ocultação em que vai ficando a Condessa de Vimieiro com a passagem dos anos.

Se nos primeiros contributos que analisámos (tanto as datadas nos séculos XVIII e XIX como as das primeiras décadas do século passado) havia umha relativa abundância de informaçõs, na medida em que avançamos (tirando aqueles casos em que se trata de bibliografia que edita ou trabalha directamente com a documentação coeva, como pode ser o caso de Kann, Fonseca ou Anastácio), verificamos que as informaçõs nom só se simplificam e reduzem à mera repetiçom de algum tópico, mas que mesmo se vai esquecendo o verdadeiro nome da autora. Fazendo um percurso pola bibliografia comprovamos que Teresa de Mello Breyner é correctamente citada – exceptuando o caso de Aubrey Bell, que utiliza *Vimeiro* em lugar de *Vimieiro*, mas que pode ser umha gralha⁷⁴ – até a primeira ediçom (1929) do *Ensaio sobre a crise mental do século XVIII* de Hernâni Cidade, que comete um erro que posteriormente será bastante comum ao confundir o nome do Condado que possue Teresa de Mello Breyner polo seu casamento, já que lhe adjudica o de Vimioso, título este que ostentara, por exemplo, D. Francisco de Portugal (m. 1549), e a cuja casa também pertencia outro escritor do mesmo nome (1585-1632).

Nom localizamos este erro novamente até 1982, quando Palma-Ferreira afirma no seu livro *Academias literárias dos séculos XVII e XVIII* que a Nova Arcádia se

⁷⁴ O título de Conde do Vimeiro pertenceu em realidade ao Duque de Wellington e só foi concedido em 1811 com motivo da vitória conseguida na batalha disputada naquel lugar em 1808 durante a guerra de independência contra a França.

reunia nos salons dos Condes de Vimioso, e, como vimos acima, é a partir deste momento que a designação *Vimioso* se fai quase geral.

Quanto à denominação de Teresa de Mello Breyner nos catálogos das diferentes bibliotecas, nas três pastas que guardam as suas cartas na Torre do Tombo encontramos o mesmo erro, pois som identificadas como pertencendo a Teresa Vimioso, mas desconhecemos qual é a fonte do erro: se a pessoa responsável de etiquetar essas pastas cometeu um erro de leitura que Palma-Ferreira reproduziu ou se foi ao contrário. Este erro repete-se na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, na capilha que guarda o processo aberto o 30 de Janeiro de 1780 para a eleição de D. Sancho de Faro como membro supranumerário da Academia. Na Biblioteca Nacional de Lisboa, no entanto, a ficha bibliográfica indica o nome correcto, e o mesmo sucede nos três exemplares que ali se guardam, que temem umha indicação a lápis onde se lê: “Condessa do Vimieiro, D. Teresa de Melo Breyner?”.

Pondo de parte esta questom do nome, a maior parte das referências a Teresa de Mello Breyner temem que ver mais com as circunstâncias que a relacionam com a Condessa de Alorna, que com o seu próprio papel no campo intelectual português de fins do século XVIII, e por isso é difícil encontrar análises do lugar ocupado neste por *Osmia*, fóra do acontecimento anedótico da recusa da medalha da Academia das Ciências em favor das oliveiras.

Os textos mais modernos, por sua parte, vam progressivamente seleccionando só aquelas figuras que, em função dumha série de valores, particularmente de construção nacional, que passam a ser representados polas figuras que constituem o cânone. Isto explica que, depois do triunfo do Romantismo e dos seus valores estéticos e ideológicos, os produtores e produtoras setecentistas, de forma geral, vejam a sua presença nas histórias da literatura consideravelmente reduzidas, e que aqueles que som recolhidos o sejam em função ou bem de amostra da peculiaridade dumha época, ou bem como precursores dumha estética e duns valores posteriormente triunfantes.

Mas isto só explica parcialmente por que a presença das mulheres setecentistas se viu reduzida á (e eclipsada pola) Marquesa de Alorna até os últimos anos em que começam a realizar-se trabalhos que visam a análise dalguns daqueles nomes citados no começo. Do nosso ponto de vista, a progressiva ocultação das mulheres tem a ver com duas circunstâncias geralmente pouco estudadas: umha é a própria ocultação do papel da mediação frente ao da produção e a absoluta priorização do estudo dos textos

publicados sobre o dos inéditos, ignorando mesmo que estes circulavam com facilidade e podiam chegar a ter tanta repercussão como aqueles que saíam do prelo; por outra, a luta entre duas maneiras de entender o papel das mulheres na sociedade que tem a sua origem dentro da própria Ilustração.

Por um lado, as restrições que a sociedade setecentista impunha às mulheres, mesmo às aristocratas, limitando a sua capacidade de posicionar-se publicamente, fijo que muitas delas optassem por ocupar um lugar mais privado que lhes permitisse exercer a sua influência (ideológica, estética, política...) sobre os grupos que se nucleavam ao seu redor sem ver-se submetidas ao escrutínio e à crítica pública, embora isto não signifique que em determinados casos as suas actividades não transcendessem e elas acabassem por sofrer ataques precisamente pela sua «excessiva» exposição. O recurso a estas estratégias de ocultação traduz-se na raridade das suas publicações (que contrasta com a abundância das suas produções, o que podemos comprovar tanto através dos manuscritos que se têm conservado até hoje como por meio das referências em documentação privada como a correspondência), na utilização de pseudónimos ou acrónimos e o recurso ao anonimato, o que, posteriormente, deriva na posta em causa da autoria dos seus textos. Com o triunfo do modelo romântico do escritor, visto como uma personalidade individual e inspirada que se coloca por cima de qualquer condicionante político ou social, o papel da mediação e das mediadoras acaba por ser quase completamente apagado.

Mas ao lado desta circunstância, podemos assinalar outra que nos parece da máxima relevância: desde o século XVII existe uma corrente racionalista que coloca a possibilidade da igualdade entre os sexos, baseada na premissa cartesiana de que «a alma não tem sexo». Se a alma não tem sexo, isto significa que homens e mulheres têm as mesmas capacidades intelectuais, espirituais e morais, o que, desenvolvido até as suas consequências últimas implicaria que as mulheres estariam em condições de reivindicar o seu lugar na vida pública. Isto não significa que todos aqueles que aderiram a esta corrente racionalista, como, por exemplo, o Padre Feijó, defendessem explicitamente o direito das mulheres a ocuparem cargos públicos, mas existiram vozes que assim o fizeram, como é o caso de Olympe de Gouges⁷⁵, autora de *Les droits de la femme. A la reine* (1791). Entre as suas reivindicações para as mulheres estavam

⁷⁵ Definida por Alicia Puleo (1992; 216) como uma «dramaturga marginal», assim que encontramos mais uma semelhança com Teresa de Mello Breyner para além da ideológica. A sua radical intervenção no espaço público, segundo lemos no mesmo artigo de Alicia Puleo, custou a Olympe de Gouges a cabeça durante o governo jacobino.

algumas das mais habituais: igualdade intelectual, igualdade de nascimento, maior liberdade para as mulheres, mas levou esta igualdade até os extremos últimos, reclamando-a de facto, também no que dizia respeito à ocupação de cargos públicos. Alguns dos artigos da sua *Declaração* são esclarecedores (in Blanc, 1993: 207-209):

La loi doit être l'expression de la volonté générale; toutes les Citoyennes et Citoyens doivent concourir personnellement, ou par leurs représentants, à sa formation; elle doit être la même pour tous : toutes les Citoyennes et tous les Citoyens, étant égaux à ses yeux, doivent être également admissibles à toutes dignités, places et emplois publics, selon leurs capacités, et sans autres distinctions que celles de leurs vertus et de leurs talents.

[...] La femme a le droit de monter sur l'échafaud; elle doit avoir également celui de monter à la Tribune

[...] Toute société, dans laquelle la garantie des droits n'est pas assurée, ni la séparation des pouvoirs déterminée, n'a point de Constitution; la Constitution est nulle, si la majorité des individus qui composent la Nation, n'a pas coopéré à sa rédaction.

Este posicionamento é excepcional, inclusive, entre autoras fortemente reivindicativas e radicais nos seus posicionamentos sobre a igualdade dos sexos, como é o caso de Mary Wollstonecraft, a qual, na sua conhecida *Vindication of the rights of women*, depois de atacar e rebater todos os tópicos sobre a inferioridade das mulheres a respeito dos homens ou sobre a incapacidade das mulheres para determinados empregos, acaba por fazer um canto à maternidade, ao matrimónio e ao cuidado da casa como estado ideal do género feminino, definindo o modelo de mulher burguesa que se imporá no século XIX (Wollstonecraft, 1792: 325, itálicos nossos):

I have then viewed with pleasure a woman nursing her children, and discharging the *duties of her station* with, perhaps, merely a servant maid to take off her hands the servile part of the household business. I have seen her prepare herself and children, which only the luxury of cleanliness, to receive her husband, who returning weary home in the evening found smiling babes and a clean hearth.

Esta contradição explica-se porque a Ilustração também se conformava com outros elementos para além do Racionalismo. Dous deles eram a priorização da harmonia e da ordem social, e a imitação da Natureza (considerada paradigma de verdade e beleza⁷⁶), o que se traduzia na observação das condutas tanto dos animais

⁷⁶ Neste sentido, lemos em Pedro Calafate (1994: 13): « O carácter "natural" de uma verdade expressa imediatamente uma medida de relação desta com a mente, traduzindo, afinal, a sua inteligibilidade. Assim por exemplo, o direito natural, em que a natureza se transforma em princípio normativo do mundo moral, pois que as verdades que nele se inscrevem são determináveis pela mente humana, sendo o facto de ser "natural" que lhe atribui uma dimensão ordenada e racional e, logo, inteligível», acrescentando ainda no mesmo lugar, em nota de rodapé, que «é este o modo de encarar o conceito de natureza que confere legitimidade à ideia de um direito natural, de uma religião natural ou mesmo de uma gramática natural, em termos que identificam, afinal, a natureza com a cultura».

como daquelas sociedades consideradas como primitivas e, portanto, mais próximas do «Natural». Se as mulheres (burguesas e aristocratas) chegavam a reivindicar o seu direito a assistirem à universidade ou a ocuparem empregos públicos quem se ocuparia de conservar a ordem no lar? quem educaria os filhos?, por outra parte, o modelo da natureza mostra que as mães aleitam e criam os seus filhos. Portanto, o modelo que se escolhe, desta segunda perspectiva, é o dumha mulher formada com a finalidade de educar os seus filhos e filhas segundo os princípios ilustrados, capaz de governar umha casa com os seus conhecimentos de economia e matemática, suficientemente instruída como para seleccionar as leituras apropriadas tanto para ela como para os seus filhos e filhas, e, em determinados casos, capaz de receber e entreter correctamente as visitas e de animar as tertúlias no seu salom. Contra o que poder parecer dumha perspectiva actual –e lembramos aqui, mais umha vez, a necessidade de desprender-se desta perspectiva para compreender os processos que regem a sociedade setecentista-, a adesão a esta opção não implicava a pertença a um grupo considerado na altura como «retrógrado» ou «reaccionário», senão que era umha possibilidade admitida dentro da ideologia dos grupos que se representavam a si mesmos como ilustrados, e mais avançados quanto ao progresso político, social, etc.

Sobre a ideia racionalista da igualdade original (i.e. no momento de nascer) de todas as pessoas, superpõe-se umha outra na qual se prioriza o facto, **construído como natural**, de que a essência da mulher é a maternidade, e todo aquilo que a obstaculize (seja a utilização de roupas pouco adequadas como o corpete, sejam os «excessos» nos estudos ou no desempenho de labores fora do lar) é contrário a essa essência e, portanto, à Natureza.

Na luta entre estes dois modelos, foi o segundo, apoiado fundamentalmente por umha burguesia ascendente, o que conseguiu impor-se. As mulheres burguesas não tinham o capital cultural suficiente para competir com as grandes damas aristocratas, nem as condições económicas que permitissem o abandono do fogar nem a independência que a respeito das suas condições sócio-biológicas algumas aristocratas tinham alcançado porque tanto o seu maior capital económico, como os usos sociais dentro do seu círculo as habilitava para deixarem os seus filhos recém-nascidos com amas de leite –embora isto cada vez menos ao avançar o século XVIII e particularmente entre sectores ilustrados da aristocracia-, e encomendarem a diferentes aias e

Ainda em Verney (1747, vol. 1: 179), encontramos esta mesma ideia: «um conceito que não é justo, não é fundado sobre a natureza das coisas, não pode ser belo: porque o fundamento de todo o conceito engenhoso, é a verdade».

preceptores a educação dos seus meninos e meninas, o que permitia, apesar da numerosa descendência que tinham nalguns casos, o desempenho de determinados empregos como damas da Corte ou compartilhar labores de representação diplomática com os seus maridos em cortes estrangeiras.

Neste sentido é paradigmático o caso, tantas vezes citado, de Leonor de Almeida, que quando é finalmente libertada junto com a sua família, negocia –contra a opinião paterna- uma aliança matrimonial com um diplomata austríaco, o Conde de Oyenhausen, para o qual consegue pouco tempo depois do seu casamento um destino na Corte vienense –modelo em muitos aspectos para os ilustrados portugueses-, onde sabemos, por meio da correspondência conservada de Teresa de Mello Breyner, que realizava labores de representação de Portugal, igual que faziam outras mulheres de diplomatas. Estes labores não eram dificultados em absoluto pelas sucessivas gravidezes, partos e crianças dos seus filhos.

Como consequência do resultado da luta entre ambos os modelos, define-se um tipo de mulher que desde a infância deve ser educada para assumir a maternidade como uma vocação, e à medida que avançam os séculos XIX e XX, através de tratados pedagógicos e médicos, da imprensa e das artes, é consagrada a imagem da mulher dependente do homem e vocacionada para a maternidade e o fogar como um ideal burguês.

Entendemos que a consagração deste ideal condiciona a presença de mulheres no cânone literário, porque na combinação de valores ideológicos –sejam estéticos, morais, políticos, etc.- que este envolve, assume-se e promove-se o papel subalterno das mulheres dentro do campo literário, partindo do preconceito de que a sua pouca visibilidade no espaço público deve corresponder-se com a pouca transcendência das suas actividades. Nesta perspectiva, é reservado um espaço unicamente para aquelas que, fundamentalmente pelas suas condições biográficas, podem incarnar determinados valores considerados como transgressores, como é o caso da Marquesa de Alorna, tomada já em vida, nos finais do século XVIII e nos começos do XIX, por parte de determinados grupos, como uma mártir da repressão política.

Com isto não queremos indicar em absoluto que a intenção última e deliberada dos grupos que defendem estes posicionamentos seja afastar as mulheres do cânone, mas que os elementos consagrados como definidores das «essências nacionais» são os mesmos que se constroem como masculinos (a originalidade, a força, a coragem, a individualidade...), enquanto que os valores construídos como femininos (a submissão,

a dependência, a maternidade...) nom tenhem cabimento na definiçom/exaltaçom da naçom e, portanto, da literatura nacional.

Determinadas mulheres produtoras ou mediadoras fôrom postas de parte, ao longo dos séculos XIX e XX, por uns agentes que na construçom do cânone literário procuravam uns valores e essências nacionais que, polos motivos vistos acima, criam encontrar unicamente nos homens, mas nas últimas décadas do século passado, também fôrom postas de parte, particularmente as mediadoras, por um tipo de crítica feminista que procurava modelos de açom em mulheres que fossem evidentemente transgressoras, o que provocou que nom se reparasse na existência de muitas outras que tinham exercido nos seus respectivos sistemas culturais um papel activo mas deliberadamente oculto e acomodado às possibilidades que as suas sociedades ofereciam como factíveis.

PARTE II. Trajectória e intervençom de Teresa de Mello Breyner até 1777

II.1. Objectivos

Trataremos ao longo das próximas páginas de definir a trajectória e caracterizar as tomadas de posiçom da Condessa de Vimieiro até o final do reinado de D. José I em 1777, data que supom, como veremos, umha importante quebra tanto nas sua biografia como nas suas estratégias de intervençom nos diferentes campos. A falta de documentaçom para o conhecimento dos anos de formaçom da futura Condessa e das suas actividades nos primeiros vinte anos do reinado josefino, em contraposiçom com a abundância de correspondência a partir de 1770, impede-nos elaborar umha cronologia rigorosa para este período. Por este motivo, e a efeitos expositivos, dividimo-lo em três capítulos:

(a) no primeiro estudaremos as origens sociais de Mello Breyner, prestando atençom, particularmente, à posiçom ocupada polas casas de Ficalho e Vimieiro (a sua casa de origem e a sua casa de destino por casamento) entre a primeira nobreza portuguesa;

(b) no segundo, estudaremos o período de formaçom da futura Condessa e a sua trajectória nos primeiros anos até 1769. A decisom de colocar o termo *ad quem* deste período em 1769 nom responde, como digemos, a umha mudança na posiçom ou nas estratégias de intervençom de Mello Breyner no sistema, mas à dificuldade para estudar de maneira conjunta dous momentos da trajectória da Condessa tam desigualmente documentados.

(c) o último período é o que vai de 1770, ano da primeira carta datada às mulheres da casa de Alorna e do começo de umha correspondência regular com estas, até a morte do Rei sete anos depois.

II.2.Origem social de Teresa de Mello Breyner

II.2.1. Objectivos

Neste capítulo tencionamos fazer umha reconstrução o mais documentada possível das origens sociais de Teresa de Mello Breyner, com especial atenção aos seus anos de formação, à posição da sua família dentro do âmbito da Corte, e às estratégias matrimoniais que levam aos Senhores de Ficalho a casar umha das suas filhas com o Conde de Vimieiro, mesmo nas circunstâncias adversas que leváram a que este casamento só pudesse ser celebrado depois de quatro anos de espera, quando a noiva tinha já 27 anos.

Como vimos no estado da questão, as informações sobre Teresa de Mello Breyner relativas a este período são escassas e dificilmente contrastáveis, reduzindo as nossas fontes praticamente a alusões presentes na correspondência com Leonor de Almeida. Mas apesar da falta de fontes directas para conhecer exactamente qual o papel desempenhado nos diferentes campos tanto pelos Senhores de Ficalho como pelos Condes de Vimieiro, contamos com alguma bibliografia que nos pode ajudar a reconstruir a trajectória da primeira nobreza portuguesa no século XVIII, condição *sine qua non* para compreender as posteriores tomadas de posição da Condessa de Vimieiro.

Para todo o relativo às relações de poder e dependência estabelecidas entre a coroa e a nobreza, e as relações entre os diferentes estratos da nobreza, seguiremos as investigações de Nuno Monteiro, particularmente *O crepúsculo dos grandes* (1998) e *Elites e poder* (2003).

II.2.2. O campo do poder na segunda metade do século XVIII: relações de dependência entre a primeira nobreza e a coroa

II.2.2.1. Objectivos

Seguindo, como digemos acima, as investigações no campo das Ciências Sociais de Nuno G. F. Monteiro, podemos observar como, desde a restauração da monarquia portuguesa na casa de Bragança depois do período da monarquia dual e até o triunfo do liberalismo som constatados alguns movimentos que marcam claramente a relação da primeira nobreza portuguesa com a coroa. No momento da restauração trás os anos de governo dos Áustrias espanhóis, a antiga nobreza é substituída por umha nova elite política e social que permanecerá praticamente inalterável nos seus elementos constitutivos até a regência do futuro D. João VI, já na década de 90 do século XVIII, com algumha variação verificável durante os vinte sete anos de governo josefino⁷⁷.

Durante estes anos constata-se que a nobreza consolida a sua capacidade de ocupar todos os cargos públicos com certa relevância na Corte, com o que isto implica como fonte de capital económico, mas também de capital simbólico⁷⁸. A nobreza portuguesa vai aglutinar, para além dos lucros provenientes desses cargos, o prestígio e o poder derivados da sua situação no topo da escala social, o que condicionará tanto as estratégias matrimoniais (entendendo estas não só como os critérios de escolha dos parceiros de casamento dos filhos, mas também a decisão de quantos filhos casar, quantos deixar celibatários e a que empregos destinar estes últimos) como as diferentes possibilidades de acumulação de capital cultural, já seja através da formação

⁷⁷ Neste sentido queremos chamar a atenção para um dado que pode revelar a política pombalina contra determinadas casas que, se bem não foram desapossadas dos seus títulos nem da sua grandeza, foram, no entanto, atacadas nas suas vias de acumulação de capital económico: «a melhor tradução deste abalo pode encontrar-se na interrupção do processo de concentração das comendas nas casas dos Grandes que se vinha operando desde há mais de um século. Em 1777 eram dadas como vagas 242 comendas (pouco menos de metade do total), nelas se incluindo não apenas as das casas extintas, mas ainda todas ou a maior parte das que antes eram administradas pelas casas dos duques de Lafões, dos marqueses de Alorna e de Valença, dos condes de Óbidos/Sabugal, de São Lourenço, de São Miguel e de Vila Nova e dos viscondes de Asseca, entre outras». Ainda, no mesmo lugar, encontramos umha informação fundamental para entender o posicionamento dalgumha destas casas a respeito do reinado de D. Maria I: «quase todas estas casas voltariam a encartar-se e a tomar posse das respectivas comendas no início da viradeira» (Monteiro, 2003: 102).

⁷⁸ «Le capital symbolique, c'est n'importe quelle propriété (n'importe quelle espèce de capital, physique, économique, culturel, social) lorsqu'elle est perçue par des agents sociaux dont les catégories de perception sont telles qu'ils sont en mesure de la connaître (de l'apercevoir) et de la reconnaître, de lui accorder valeur» (Bourdieu, 1994: 116)

académica regrada, já através da formação doméstica, não só por meio de preceptores e educadores, mas também da criação nas casas nobres de bibliotecas, gabinetes científicos, jardins para a experimentação botânica...

Mas estes benefícios económicos e sociais têm a sua contrapartida na forte dependência que se estabelece com a coroa, pois só esta tem poder para confirmar títulos e comendas, autorizar matrimónios, etc.

II.2.2.2. Hierarquias da nobreza portuguesa e as suas estratégias no último terço do século XVIII

A análise da estrutura social básica da nobreza e, das suas estratégias e regras de comportamento é fundamental para perceber a posição e função de Teresa de Mello Breyner tanto em qualidade de filha dos Senhores de Ficalho (filha e neta de damas do Paço) como, posteriormente, de Condessa de Vimieiro. O conceito básico que condiciona e determina tanto as estratégias matrimoniais como a acumulação de diferentes capitais, e que devemos explicar em primeiro lugar para entender a trajetória social da nobreza portuguesa é o de **casa**, definida por Monteiro (1998: 92) como «a entidade fundamental para o estudo dos comportamentos aristocráticos no período analisado [...] entendida como um conjunto coerente de bens simbólicos e materiais a cuja reprodução alargada estavam obrigados todos os que nela nasciam ou dela dependiam».

Assim, no século XVIII, o conceito *casa* substituiu o tradicional *linhagem* e diferenciava-se no seu significado de *família*, (Monteiro, 1998: 82):

nos séculos XVII e XVIII, particularmente depois da Restauração, assiste-se a uma desvalorização da linhagem em favor da casa (especialmente, se recebeu um título nobiliárquico), sem que alguma vez a noção de família (correspondente, apenas, em princípio, à varonia) desapareça completamente. A linhagem e a casa podem, assim, tornar-se critérios concorrentes de classificação e hierarquização. Além disso, enquanto a linhagem é controlada e definida perifericamente (constitui o apanágio das genealogias e o palco das lutas genealógicas), a casa é muito mais permeável à delimitação pelo centro institucional, na medida em que a monarquia lhe pode conceder rendas, ofícios, distinções, etc.

Família, ainda podia ter outro sentido neste período, que era o de incluir todos os moradores (ligados por laços sanguíneos ou nom) dumha mesma casa (entendida esta vez como habitação), o que incluía também os criados, preceptores e demais membros do serviço (Monteiro, 1998: 96-97). A casa, portanto, costumava estar associada a um determinado nome que nom tinha por que ser necessariamente o primeiro apelido da família, e, em consequência, tanto o título (quando existia) como o lugar ocupado pola casa na hierarquia social podiam ser transmitidos tanto por via masculina como feminina. Precisamente esta é umha das circunstâncias que explicam por que a linhagem, transmitida exclusivamente por via de varonia, é substituída progressivamente durante o período dos Bragança pola casa, que, se bem priorizava sempre a linha masculina, nom impedia a sucessom através da via feminina. Mas a esta hai que acrescentar ainda umha outra razom, que tem a ver com a substituiçom das elites nobiliárquicas que se produz com a restauraçom da coroa portuguesa, momento no qual os Bragança fam desaparecer determinadas casas grandes, ascendem outras novas à grandeza ou refundam algumhas das antigas sobre ramos secundários, o que apaga as origens das casas nobres bragantinas (Monteiro, 1998:90):

muitos factores contribuíram para a desvalorização das linhagens. Um deles foi a multiplicação de ramos secundários, alguns com destinos relativamente obscuros, mas que podiam conservar a varonia, entretanto quebrada nos ramos principais [...]. A linhagem, ou seja, a pertença a uma dada família, era assim relativamente fácil de falsificar. Globalmente, as linhagens tornaram-se uma referência demasiado remota sacrificada ou subalternizada a outras construções simbólicas e institucionais mais recentes e mais pertinentes.

As sucessões femininas constituíam, por seu turno, outro vector de desvalorização da linhagem.

Isto tivo evidentes repercussions na hierarquizaçom interna da nobreza, que muda radicalmente em funçom do pagamento de lealdades ou deslealdades durante o período da restauraçom e da guerra contra Espanha (Monteiro, 1998: 37-38):

entre os que acederam à Grandeza entre 1640 e 1670 o peso dos participantes nos primeiros actos da Restauração é menor do que o alcançado pelos grandes chefes militares da guerra subsequente, premiados com o acesso à Grandeza ou com a elevação na mesma. Por outro lado, algumas casas, cujos representantes tinham permanecido do outro lado da disputa, foram literalmente “ressuscitadas” pela nova dinastia (caso dos condados de Castanheira e de Tarouca, por exemplo).

Todas as decisões dos indivíduos envolvidos vam estar condicionadas por esta ideia de *casa*, porque é o elemento que define o lugar social ocupado polos indivíduos que a integram e também o ponto de partida que distribui as expectativas de progressom social, seja pola via matrimónio seja pola da consecução de postos ou comendas.

Evidentemente, e como demonstra Nuno Monteiro, as alianças matrimoniais estabelecem-se entre pares, mas esta paridade nom responde necessariamente à igualdade de títulos: «nem a hierarquia nem as alianças entre as casas eram comandadas pela lógica da pertença às linhagens antigas. Nessas matérias, a monarquia, enquanto instância de distribuição de honras e proventos, teve um papel decisivo» (Monteiro, 1998: 38). Isto é, a hierarquização da nobreza nom se estabelece necessariamente em função da hierarquia duque-marquês-conde (e todos eles por cima de visconde e doutra nobreza nom titulada), da maior abundância de rendimentos económicos, ou da antigüidade das diferentes famílias, mas, ao contrário, tem a ver com condições aparentemente menos “tangíveis” como o seu prestígio, a sua tradição de serviço à coroa, a sua proximidade com o Rei, a rede de casas em que se integra etc., o que explicaria que os senhores de Ficalho, só elevados à Grandeza com D. Maria I na pessoa da Condessa de Ficalho, Isabel Breyner de Menezes, conseguissem casar sem dificuldade duas das suas filhas com detentores de títulos com Grandeza, como os Condes de Vimieiro (Teresa de Mello Breyner) e de Galveias (a sua irmã Inês)⁷⁹. Este mercado de “bens simbólicos”, entre os quais deveremos incluir, sem dúvida, o maior ou menor capital cultural, veremos que é o que determina nom apenas as alianças matrimoniais, mas também o desenho das redes de relacionamento de todos os elementos da nobreza, particularmente entre aqueles que podem exhibir umha certa excepcionalidade na posse de algum destes bens: umha maior antigüidade da linhagem, umha maior “pureza” de sangue, mesmo em tempos em que as diferenças entre cristaos

⁷⁹ Repare-se no dito acima em relação com os apelidos dentro das *casas*: a ordem dos apelidos nom seguia umhas pautas estritas. Embora o costume nesta altura era colocar em primeiro lugar o apelido paterno, tal e como sucede no caso de Teresa de Mello Breyner, nom eram raros os casos em que as mulheres, ao contrário que os seus irmaos, utilizavam em primeiro lugar o apelido da sua mai, como vemos em Isabel Breyner de Menezes, filha de Barbara de Breyner e Diogo de Menezes.

novos e velhos já tinham sido abolidas⁸⁰, um maior capital cultural, umha maior proximidade do Rei ou da Rainha, etc.

A importância destes capitais som explicitados na correspondência de Teresa de Mello Breyner, quem, com motivo da publicação do Decreto contra o Marquês de Pombal, fai a seguinte reflexom em relação com os seus primos de Francisco Xavier de Menezes da Silveira e Castro, 1º Marquês de Valada, e a esposa deste, Ana Teresa de Almeida, aparentados com a casa de Távora («Minha querida Oeyenhausen Não te posso escrever m^{to}», *itálicos nossos*):

estes Decretos fazem ver q he o espirito D'El Rey o q concede oje que se renovem as indagaçoens, e q sua f.^a quando se conforma com elle poem de parte a pied.^e p.^a q unicam.^{te} obre a justissa, e basta esta differente cauza diametralmente opposta a que produzio o Decreto do Marquez p.^a segurar os animos inquietos deque não valerá a sabida objecção de que se requereu tendo falecido o Monarcha offend.^o, e q.^{do}, e como se podia antes requerer? *Naõ me admiro de que os Meneses discorraõ friam.^{te} neste cazo as suas luzes saõ curtas; e as influencias q recebem apaixonadas. Otros ramos de Tavoras ha q ainda saõ mais escandalozos nos seus sentim.^{tos} os Meneses teriaõ desculpa se sousessem q teu Pay os baratea como tavoras he certo que a sua baronnia he otra comq elles estaõ contentes; mas taõ bem he certo que os mais Tavoras não poderiaõ contentarse se aquelles fossem dignos de ser barateados. Eu riome de tudo isto*

⁸⁰ Neste sentido, chamamos a atençom para a questom das casas “puritanas”. Trata-se dum fenómeno complexo e difícil de explicar porque os testemunhos que falam dos puritanos nom coincidem nem no nome das casas concretas que integravam este grupo nem quais os motivos que as faziam diferentes. Nuno Monteiro (1998) recolhe algumas informaçoms sobre estas casas e aponta para a possibilidade de que a origem deste núcleo restrito dentro da primeira nobreza esteja na ausência de “sangue contaminado” (árabe ou judeu) nos ascendentes familiares: «de acordo com a fonte citada [relatório do embaixador francês em 1784], as casas Grandes a que não eram imputados *reparos* seriam as seguintes: Alvor e S. Vicente (ambos eram tios do 2.º marquês de Távora, mas este fora contaminado pelos defeitos da mãe), Arcos, Arronches, Cadaval, Feira, Óbidos/Palma, Ponte, Pontével, Redondo (nos Castelo Branco), Soure, Tarouca, Vila Nova de Cerveira, Vila Verde, Vilar Maior e Vimioso» (pp. 134-135). A permanência da política matrimonial destas casas foi posta em grandes dificuldades durante o governo pombalino. No início deste período «algumas das casas “limpas” antes referidas tinham-se extinto (Feira, Pontével e Redondo (nos Castelo Branco). Outras tinham contraído repetidas alianças com casas “contaminadas” (Alvor, Arcos, Ponte, S. Vicente e Soure). A pureza de sangue restringir-se-ia então às de Arronches/Lafões, Cadaval, Óbidos, Tarouca/Penalva, Vila Nova da Cerveira, Vila Verde/Angeja, Vilar Maior/Alegrete e Vimioso/Valença. Todas se tinham casado entre si, com estrangeiros, ou com bastardos da família real. A única surpreendente excepção é a do 3.º marquês de Angeja, que se casou em segundas núpcias em 1745 com uma prima, filha do tio e da “contaminada” sucessora do marquesado de Marialva. Em todo o caso, havia filhos varões nascidos do primeiro casamento, nos quais ficaria a sucessão da casa» (p. 135). Pombal tomou medidas contra estas casas e com um alvará secreto de 5 de Outubro de 1768 obrigou-nas a contrair matrimónio fora do seu círculo. Por este motivo «quando Pombal caiu, foi-lhe feita, entre tantas outras que constam do processo que lhe foi movido, a acusação de ter misturado puros com impuros, retomada nas crónicas políticas antipombalinas» (p. 139).

O mais significativo deste caso é que as casas puritanas «conseguiram manter uma relação notoriamente assimétrica com as restantes. Globalmente consideradas, as alianças dentro da elite aristocrática podem ser descritas da seguinte maneira: na disputa dos casamentos, é possível distinguir claramente três pólos. Numa posição claramente superior, a casa de Cadaval, que nunca casa no grupo até 1761, e é procurada por todas as restantes. Depois, temos o pólo puritano (Alegrete, Angeja, etc.) claramente favorecido no conjunto, embora parte das casa [sic] hipoteticamente abrangidas por ele se situem numa posição subalterna. No pólo oposto, o núcleo Távora (Alvor e Távora), principal concorrente das casas puritanas no fornecimento de noivas dentro do grupo. Acrescente-se que não é impossível que esta polarização tenha tido alguma tradução na política» (p. 140).

porq he o pezo que estas coizas merecem; mas se elles que não tem coraçõens de Philofos [sic], sabem disto entãõ nada, nada me admira o que me dizes. Amizade valle mais, que o sangue/ dizes m.^{to} bem/ por isso fallamos com tanta liberd.^e uns dos otros. Eu sigurote que estimo mais ser neta de um Moniz Barreto do que d'otros grandes Barretes [sic] que não fazem na historia a figura que elle fez.

Deduze-se das palavras de Vimieiro que a família Menezes tinha optado por ser identificada com este apelido, provavelmente mais rendível politicamente em tempos de Pombal, em lugar de permanecer fiel à casa reprimida pelo ministro. Ao lado disto, a Condessa coloca a questom da pureza das linhagens, que supunha, como vimos, umha importante fonte de capital simbólico para as casas da primeira nobreza. Embora as casas de Ficalho e Vimieiro pertencessem ao tronco comum dos Távoras, nengumha das duas descia desta por varonia, mas a Condessa identificava-se indubitavelmente com esta família, afirmando na mesma carta «sou Tavora, sou portugueza, e he o que basta p.^a que me importe tanto como o meu proprio credito, a restituicão de uma familia que eu sei esta individam.^{te} manchada). A Condessa contrapom um posicionamento que privilegia as linhagens mais puras -o do Marquês de Alorna, ou o dos Menezes- frente à escolha doutros valores como o prestígio intelectual, invocando o parentesco com Moniz Barreto- ou a elecçom dos affectos, vinculando-se desta maneira com umha ideia considerada 'moderna' e ilustrada como o sentimentalismo. Na sua estratégia de accumulacão/ostentacão de capital simbólico, Mello Breyner despreza os pormenores das linhagens, como algo próprio daqueles que nom tenhem 'coraçõens de filósofos', priorizando a fidelidade a umha estirpe e a amizade ou elecçom dos affectos como um vínculo mais poderoso que a consanguinidade.

A pertença a umha casa da primeira nobreza, exigia umha série de obrigas para gerir adequadamente este *status*, com vistas, se nom a aumentá-lo, ao menos a mantê-lo, porque, como já vimos, este era o maior património que possuíam as casas, particularmente no caso português, no qual, apesar de os rendimentos da nobreza serem consideráveis em comparaçom com as homólogas francesa e inglesa, a capacidade de investimento económico das casas era mui limitado, e a maior parte das suas posses e rendimentos económicos estavam sujeitos à vontade régia de renová-las ou nom nos seus descendentes. Isto, portanto, tem umha repercussom evidente na preocupação pola “imagem pública” das casas e por investir em elementos de distincão sejam do tipo que forem. No caso que nos ocupa, veremos que o investimento vai ser realizado quase exclusivamente em capital cultural.

Mas, um dos problemas que encontramos para compreender os comportamentos das casas nobres é o facto de que, como afirma Nuno Monteiro (2003: 33):

a nobreza, em geral, não constituía um grupo corporativo com uma identidade forte, como a que eventualmente poderá ter constituído a fidalguia no início do período moderno, pois foi sendo decisivamente enfraquecida por um duplo processo de mutação: alargamento das fronteiras na base, contracção do topo com a constituição da elite dos Grandes, através dos títulos e distinções da monarquia.

Fundamentalmente, existiam nesta altura dous grandes grupos dentro da nobreza portuguesa: umha **nobreza provincial**, que podia possuir títulos, mas tinha ficado afastada da Corte, e, portanto, do centro de distribuição de rendimentos económicos e sociais; e umha **nobreza de Corte**, que vivia em Lisboa e convivia com o Rei e “as pessoas reais”⁸¹ e, em consequência, desempenhava diferentes postos dentro da sociedade de Corte. Estes, ainda podiam ser divididos entre os **Grandes**, nobres titulados e com brasom de Grandeza, e outros elementos da fidalguia, que, se bem pertenciam ao que se costuma denominar “**primeira nobreza**”, nem tinham títulos nem grandeza, mas, hierarquicamente estavam mais próximos dos grandes que os titulados da província. A prova disto é que estes fidalgos da Corte conseguiam estabelecer alianças matrimoniais com os Grandes, cousa impossível para a nobreza da província, até os inícios do século XIX, quando «algumas filhas de velhas casas titulares puderam, finalmente, casar-se com fidalgos daquela província: duas filhas do 3.º marquês de Penalva [...] e uma filha do 2.º visconde de Mesquitela» (Monteiro, 1998: 190). A consequência desta política matrimonial separada entre nobreza de Corte e nobreza da província era «na sociedade da época, os dois grupos raras vezes serem percebidos como constituindo diferentes níveis hierárquicos dentro de uma mesma categoria social», mas como classes sociais diferentes (Monteiro, 1998: 191).

Para além de procurar a diferenciação a respeito da fidalguia da província, a nobreza de Corte também estava interessada, se cabe com maior ênfase, em marcar as distâncias a respeito de um grupo em ascenso capaz de concorrer com ela (e vencê-la) no terreno económico. Tratava-se da burguesia comercial, com a qual as distâncias nem eram tam seguras como com a fidalguia da província, porque quando a liquidez económica da nobreza nem era suficiente para emprestar dinheiro à coroa ou até para pagar as dívidas contraídas através de gerações, a burguesia comercial estava disposta a pôr em jogo o único capital que possuía: o capital económico. A oposição entre a

⁸¹ Esta expressão é utilizada frequentemente por Teresa de Mello Breyner na sua correspondência.

primeira nobreza e a burguesia mercantil viu-se ainda reforçada pelo endividamento estrutural da nobreza portuguesa, que a levou a ter que arrendar boa parte das suas posses, precisamente a quem podia pagar as rendas: a nova classe emergente, que se convertia assim no sustento económico da classe em recessos. O nível de dependência dos nobres a respeito da burguesia chegou a ser tão grande em determinados casos, que a Justiça acabou por intervir para “liberar” alguma casa dos seus rendeiros, convertidos em credores e acusados de usurários por um sistema que, inserido na tradição cristã, não admitia facilmente a cobrança de juros, e menos ainda a uma classe como a primeira nobreza cuja conservação e aumento eram considerados como um dos pilares da monarquia (Monteiro, 1998: 399):

a ordem jurídica existente, na medida em que simultaneamente as consagrava, fazia com que apenas casuisticamente se fosse dirimindo esse conflito recorrente entre as razões da “política”, que exigiam a preservação da “primeira nobreza” do reino, e o direito de propriedade e a salvaguarda dos contratos legalmente estabelecidos, que garantiam os interesses legítimos dos rendeiros e credores. Identificar a usura e o “dolo” cabia, assim, numa margem de decisão estreita, mas fluida. E dava lugar ao enfrentamento entre um discurso declaradamente antimercantil, onde sobressaía a imagem do negociante-rendeiro sempre pronto a sugar as rendas da nobreza, e um discurso velado ou assumidamente antiaristocrático, apostado em salientar a incapacidade de uma categoria social que só se podia preservar à custa da proteção que a monarquia lhe concedia, sacrificando os interesses legitimamente adquiridos. Estas duas imagens contrapostas tiveram uma razoável difusão na fase final do Antigo Regime e na década das chamadas lutas liberais. Eram alimentadas, aliás, pela frequência com que os conflitos sobre essa matéria subiam até aos tribunais superiores.

Já nos começos do século XIX esta situação chegou a ser muito mais grave para as casas nobres, quando se verifica a existência «de casas integralmente entregues a um negociante não na qualidade de rendeiro-principal ou de participante numa administração judicial, mas na de administrador particular» (Monteiro, 1998: 404).

Esta situação económica corresponde-se também com um retrocesso social da aristocracia que se verifica nos finais do século XVIII e nos começos do século XIX (durante o período da regência joanina), que vai levar, se não total, ao menos parcialmente, à sua substituição nos centros de poder (Monteiro, 1998: 512-513):

Entretanto, as secretarias de Estado tornaram-se definitivamente os centros do “governo” em detrimento dos conselhos. E a “política”, onde as questões financeiras se revestem de um novo enquadramento, já abrange conteúdos muito diversos dos do início do século. O governo adquire agora uma feição que se aproxima cada vez mais da moderna. E nesse governo pesam muito mais os ministros feitos Grandes, do que os Grandes feitos ministros. É esse o sentido essencial do conhecido debate entre (supõe-se...) o marquês de Penalva e

António de Araujo de Azevedo, futuro conde da Barca. Está longe, porém, de ser caso único, embora as condições de difusão deste tipo de escritos tenham restringido o número dos que chegaram até nós.

Nos últimos anos antes da debandada multiplicam-se os indicadores do ressentimento aristocrático (e antiaristocrático), que atravessam algumas das confusas convulsões políticas da época e se consubstanciam numa visão nostálgica do passado (evidentemente, pré-pombalino), patente em vários textos. [...] no mesmo período (sempre de guerra iminente) são patentes as tensões que o estatuto da nobreza de corte provoca no interior da instituição militar.

As relações, como vimos, eram mui diferentes entre as casas com grandeza e as casas sem grandeza. Apesar de as primeiras constituírem uma elite dentro da nobreza de Corte

as casas não titulares da primeira nobreza da corte nunca deixaram de ser abrangidas pelas alianças matrimoniais dos Grandes, como se pôde constatar, embora sempre numa posição subalterna. Para quase todos os efeitos, situavam-se numa posição inferior, mas as próprias casas titulares também não escapavam, como vimos, a uma oscilante embora discutível hierarquia interna, espelhada nas escolhas matrimoniais.

Entretanto, se a primeira nobreza não titulada ou só tardiamente elevada à Grandeza não pode ser considerada como a fronteira da exclusão, convirá perscrutar a hipótese de ter vindo a preencher os espaços deixados vagos pelas casas mais antigas. E, numa primeira abordagem, os indicadores parecem coincidentes com os das 60 casas de Grandes, embora com algum atraso.

A capacidade desta nobreza de Corte sem grandeza para progredir socialmente devia-se principalmente ao seu convívio na Corte ao lado os Grandes, porque, desde a restauração bragançina, o Rei (entendendo por *Rei* nom apenas as pessoas de D. João V, D. José I ou D. Maria I, mas todo o conglomerado de pessoas, postos e funções que se estabeleciam à sua volta)⁸² era o único agente legitimador: «a sociedade sobre a qual falamos possuía um centro, o qual se identificava com o Rei, ou com as instituições e personagens que lhe davam corpo» (Monteiro, 2003: 20). Neste sentido temos que ter em conta que, como recorda Monteiro (2003: 81)

o caminho privilegiado para a obtenção de capital social (graus de nobreza), para além do que era proporcionado pela acumulação de riqueza, não parece que se alcançasse através das instituições locais, mas sim dos grandes corpos centrais do reino: a Igreja, a Inquisição, a Universidade e, acima de todos, a monarquia. Uma vez consagrado um novo e amplo estatuto jurídico da nobreza, traçadas as

⁸² Neste sentido, som esclarecedoras as palavras de Norbert Elias (1969: 18): «Rien de ce qui venait de as “propriété élargie”, du royaume, ne pouvait approcher du roi sans passer d'abord par le “filtre” de la cour; et rien ne pouvait, sans passer le “filtre” de la cour, parvenir du roi au pays. Même le roi le plus autoritaire n'agissait sur le pays qu'en se servant des hommes vivant à la cour. Ainsi la cour et la vie de cour se trouvaient à l'origine de toutes les expériences, de l'idée que les rois absolutistes de l'ancien régime se faisaient des hommes et du monde».

vias de acesso às suas distinções intermédias (como os hábitos das ordens militares ou as cartas de brasões de armas) e definidos os serviços à coroa e correspondente remuneração, a monarquia instituiu-se como o principal regulador da mobilidade social. Aquele que proporcionava directamente as vias de ascensão social mais rápidas (magistratura, exército e finanças públicas).

Umha outra possibilidade, que aponta também nesta linha, e é sugerida por Nuno Monteiro (1998: 531-532) para explicar esta classe de alianças, aponta para o poder das damas do Paço:

os ofícios superiores da Casa Real constituíam a única forma de produção de serviços que as mulheres podiam oferecer às casas onde casavam ou onde tinham nascido [...]. A sua importância era notória, ultrapassando em muitas gerações a dos feitos pelos homens. Casar com uma dama do paço era, muitas vezes, a forma mais fácil de arranjar os serviços dos quais as casas careciam [...]. A colocação das damas do paço, em princípio destinadas aos casamentos e às alianças, terá representado, assim, não apenas um capital necessário para as casas antigas de Grandes, mas ainda uma oportunidade para casas com menor cotação poderem ingressar no mercado matrimonial das mais antigas. Na ausência de um levantamento completo das damas ao longo do século XVIII, pode instituir-se, no entanto, a partir das listas disponíveis para o final do século, que esse constituía um dos ofícios mais selectos e mais procurados da monarquia. Além disso, a nomeação para os ofícios femininos mais destacados (camareiras-mores) era quase sempre acompanhada pela elevação transitória no título em favor da senhora que o exercia, constituindo um factor de prestígio para as casas.

Isto coloca-nos ante umha perspectiva até certo ponto inédita, que é a da capacidade das mulheres da nobreza nom apenas para herdarem títulos e conservarem desta forma o *status* da sua casa, mas até a de fazerem progredir a sua casa de origem ou de destino. Esta capacidade nom era ocultada nem supunha nengumha transgressom, pois era sancionada e legitimada polo Rei, que concedia títulos, mercês de vário tipo ou elevava determinadas casas à grandeza em funçom dos ofícios das damas ou em pago por eles. Com isto, queremos chamar a atençom para o facto de que, da mesma maneira que no campo literário ou intelectual nom tem sido suficientemente estudado o papel das mulheres que objectivamente tenham desempenhado funçons de relevo, no campo do poder também nom se tem dado a atençom necessária, do nosso ponto de vista, às possibilidades de actuaçom das damas do Paço, prejudgando umha posiçom subalterna e irrelevante deduzida da sua escassa visibilidade. Mas, como já temos apontado acima para o caso do campo literário ou intelectual, julgamos que nom seria aventurado afirmar que esta falta de visibilidade social conscientemente procurada nom tem necessariamente relaçom com as possibilidades de actuaçom nem com a aceitaçom por

parte do entorno da Corte da intervençom das mulheres. Bem ao contrário, entendemos, pola leitura de certos testemunhos coevos como os de Teresa de Mello Breyner ou Leonor de Almeida, já citados, os quais podem ser acrescentados ao dito por Nuno Monteiro, que nom existia nengum impedimento para as damas exercerem as suas influências em favor de si mesmas ou (particularmente) das suas casas, mas, unicamente para que estas actividades fossem sancionadas com empregos públicos específicos, fora do genérico “dama do Paço” ou “dama da Rainha”. Num exemplo claro de *violência simbólica*⁸³, as mulheres, mesmo aquelas que podiam adoptar noutros campos discursos até certo ponto radicais em relação com a igualdade entre homens e mulheres, aceitavam esta situação sem conflito aparente.

Dentro do âmbito do nosso estudo, e a modo de exemplo, temos dous casos que nos parecem significativos e paradigmáticos quanto à aceitação social destas práticas levadas a cabo por mulheres:

O primeiro é o de Leonor de Almeida, que pouco depois de ser liberada do seu cativeiro de Chelas no momento em que a Rainha D. Maria I ascende ao trono, casa com um diplomata austríaco, o Conde de Oyenhausen, para o qual pretende conseguir um bom posto político. Nas suas memórias a Condessa relata com normalidade as suas negociações dentro da Corte, para conseguir que a embaixada portuguesa em Viena seja concedida ao seu marido em lugar do outro candidato, filho do Marquês de Angeja. Oferecemos aqui umha longa citação extractada do texto transcrito por Hernâni Cidade porque evidencia com absoluta clareza nom apenas o papel da Condessa de Oyenhausen, mas o das damas e açaftas da Rainha nas negociações para a adjudicação de lugares destacados de representação da coroa:

As Princesas mesmas me facilitaram uma ocasião de poder encontrar a Rainha só. Aproveitei logo dela e disse a sua Majestade, que, vistos os dissabores que o Conde de Oeynhausen tinha experimentado na província, eu não podia deixar de lembrar-lhe que era debaixo da sua protecção que se tinha feito o meu Casamento e que mais que nunca, precisava que sua Majestade verificasse as esperanças que tão justamente tínhamos concebido e as suas promessas augustas tinham autorizado[...].

⁸³Em relação com o consentimento da dominação masculina por parte das mulheres, afirma Bourdieu (1995: 58): «A relação de dominação, neste caso, exerce-se essencialmente através da violência simbólica, quer dizer, através da imposição de princípios de visão e de divisão incorporados, naturalizados, que são aplicados às mulheres e, em particular, ao corpo feminino». E, ainda, em *La noblesse d'État* (1989: 10, itálicos no original) podemos ler: «on ne peut comprendre la violence symbolique de ce que l'on a désigné hâtivement comme des “appareils idéologiques d'État”, qu'à condition d'analyser dans le détail la relation entre les caractéristiques objectives des organisations qui l'exercent et les dispositions socialement constituées des agents sur lesquels elle s'exerce. Le miracle de l'efficacité symbolique s'abolit si l'on voit que cette véritable action magique d'influence ou, le mot n'e pas trop fort, de *possession*, ne résulte que pour autant que celui qui la subit contribue à son efficacité; qu'elle ne le contraint que dans la mesure où il est prédisposé par un apprentissage préalable à la reconnaître».

Apareceu o famoso Arcebispo de Tessalónica [...] as Açaфatas lançaram-se todas a ele para que me falasse, e ele, marrando com tudo e com todos, apenas me disse que já tinha falado com meu Marido, que não tinha que me dizer, que fossem à fava e que a Rainha estava esperando por ele para rezar. [...] A escassez das casas em Salvaterra obrigava-me a dormir no Paço em casa da Camareira-Mor da Rainha mãe, que era minha Amiga [...]. O seu quarto era o rendez-vous da boa companhia, circunstância que me facilitou, dentro em dois ou três dias, o conhecimento daquele terreno, da linguagem necessária nele e dos indivíduos de que se compunha a casa de Sua Majestade [...].

Resolveu-se S. Ex.^a [o Arcebispo de Tessalónica] a falar em Negócios [...]. Nesta conversação ganhei tanto terreno...! [...]. Soube pelas açaфatas, depois, que ele me não tinha falado menos claro que a Sua Majestade, e que a Rainha, cuja bondade aproveitava todas ocasiões de manifestar-se, mostrou grande desejo de me favorecer e fez várias expressões honrosas a respeito dos talentos e merecimentos do Conde. O efeito de tudo isto foi maravilhoso [...] O Conde foi beijar a mão à Rainha, que o tratou muito bem, e eu fui continuando a minha assistência no Paço, donde me propus não sair, sem arrancar meu Marido à situação penosa em que se achava. As Princesas, que constantemente me fizeram muita honra, contribuíram muito a benquistar-me com a Rainha e dispuseram a Rainha mãe a favorecer todas as minhas pretensões [...].

Todas as minhas amigas e a Princesa faziam força para que o Conde entrasse na Carreira Diplomática [...]. Resolvi-me a falar ao Visconde, assentando de fazer o contrário do que ele me dissesse. Fez-me muitos cumprimentos, mostrou-me grande desejo de me servir, disse-me que a embaixada de Espanha ainda não estava dada, nem por consequência vago o lugar de Viena e que me pedia encarecidamente que naquela noite não falasse eu à Rainha. [...] Fui imediatamente falar com uma das minhas amigas, a qual me comunicou que, tendo tido a resolução de perguntar a S. M. se meu Marido seria nomeado para algum dos lugares, S. M. respondeu que eu ainda não tinha pedido nenhum [...]. Fui imediatamente esperar a Rainha ao quarto de sua Mãe e pedir-lhe o lugar. [...] O Conde foi nomeado para Viena no dia 15 de Fevereiro.

Das palavras de Leonor de Almeida é fácil deduzir que, em primeiro lugar, a sua intervençom nom é vista como excepcional por nengum dos agentes implicados na negociaçom, e que, em segundo lugar, nom é ela a única mulher com capacidade para inclinar a decisom da Rainha, porque também som aludidas como figuras fundamentais da negociaçom as Princesas (irmás da Rainha), as açaфatas, que procuram e transmitem informaçom, a Camareira-Mór da Rainha-Mai, que facilita o encontro no seu gabinete com determinadas pessoas e dá as chaves “formais” necessárias para actuar, e, finalmente, a própria Rainha-Mai e outras “amigas” aludidas. Queremos pôr em destaque particularmente o papel da Rainha-Mai D. Mariana de Bourbon, a qual, segundo inferimos de determinados textos coevos, pode ser considerada umha das figuras mais relevantes das cortes josefina e mariana, mas que, em nossa opiniom, nom tem sido ainda suficientemente estudada, quando, talvez, mereceria ser objecto de

atenção em relação com o seu papel na decisão final de ser coroada D. Maria I como herdeira do trono de seu pai (em contra dos planos de Pombal e do próprio D. José I) ou na concertação dos matrimónios dos infantes filhos de D. Maria com os infantes espanhóis em lugar das ambições austríacas tão caras a determinados sectores da Ilustração portuguesa, incluída a própria Rainha.

Em qualquer caso, todas estas mulheres são aceites como interlocutoras válidas para negociarem a concessão dum lugar tão importante para a representação de Portugal no exterior como é a embaixada em Viena, uma das cortes mais poderosas e que funcionava, sem dúvida, como um dos modelos mais prestigiados em toda a Europa. Os motivos principais que são tidos em conta para esta designação, como vemos nas palavras da Condessa de Oyenhausen, não são tanto as habilitações ou aptidões do Conde como a rede de relações e a maior ou menor proximidade da Condessa e dos seus amigos respeito da Rainha e do confessor desta, o Arcebispo de Tessalónica.

Um outro caso que nos parece “exemplar” é o de Teresa de Mello Breyner. Podemos ler na correspondência da Condessa de Vimieiro durante o encerro em Chelas da sua amiga Leonor de Almeida como é ela quem se encarrega não apenas da economia familiar das prisioneiras, mas também de negociar ao longo dos anos as diversas mercês que conseguem ou aspiram a conseguir durante o seu cativeiro: «eu não ceço nas delig.^{cias} por te ser útil, e por conseguir que tenhas 150\$ por mez» («Vimr.^o 11 de Março de 1774») ou:

Vão as contas que tua May quer ver: não são contas que eu faça examinar por outrem; mas podem levar erro, e conta errada, não val nada examinem a m^{to} bem e depois fação o que quizerem. Se lhe ficar conta a paga [sic] pelas meçadas podem mandar entregar 2400 cada [p. 1] mez ao P.^e Fran.^{co} Jozé Freyre da Congregação dizendo que eu lho mando, e o resto como he despeza p^a o anno que entra pagarse ha no de 74. Isto he dado o cazo de tua May querer absolutam^{te} não dever coiza alguma a esta cap^{ta}, porq como ja disse e mil vezes [o direi]⁸⁴ tu sabes qual seria o meo gozto («Estremoz 27 de Dezembro de 1772»).

Passados os anos encontramos novamente a Condessa como encarregada de atender os negócios do seu marido e como representante deste na Corte: «Não presto já p.^a nada m.^a Leonor nem da m.^a pena sahe já otra coiza senão o *Conde de Vimr.^o representa a V. Mag.^{de} &r.^a*, espera o *Conde de Vimr.^o que V. Mag.^{de} lhe faça justissa*

⁸⁴ Entre linhas.

&r.º?» («Lisboa 20 de Agosto de 1782»). Temos, finalmente, indícios em diferentes cartas de que toda a família, incluídas as mulheres, quem negociava na Corte (com vistas a uma possível aliança matrimonial entre Maria de Almeida e um dos irmãos Mello Breyner que nunca se chegou a realizar) a concessão do título de Condes de Ficalho (finalmente conseguido) e a conseguinte grandeza que este levava aparelhada («1º d'Ag.º [de 1777]»; *italicos nossos*):

só por amor de ti, se insta por um título, de q *nós* sempre zombamos; quando não olhávamos p.^a um objecto tão digno de se lhe sacrificar tudo, ou fossem caprichos, ou anhosiasmos [sic], ou sentim.^{tos} da antiguid.^e Portuguesa. Se se pode crer ao q dizem os que governão este requerim.^{to} tem contradições; mas *nós que negociamos* sem q elles saibão como temos as mais bem fundadas esperanças de o conseguir.

Uma negociação similar leva-se a cabo para decidir a viagem da Senhora de Ficalho à Espanha acompanhando a Rainha-Mai («5 a meia noite»):

Eu estou m.^{or} mas com a semsaboria de ver partir m.^a May dentro de poucos dias p.^a Espanha, com a Rainha May, que ontem lhe perguntou se a queria acompanhar, e lhe fez m.^{tas} expropções do gosto que tinha de q ella se sujeitasse a fazerlhe companhia, esta novid.^e repentina p.^a o publico/ e tratada ha seis mezes entre as duas famílias/ tem dado occasião a m.^{tas} mentiras

Recorrendo a outras fontes, neste caso ao tantas vezes citado Marquês de Bombelles, ainda podemos encontrar Vimieiro intervindo ante Pombal nos assuntos da Condessa de Oyenhausen⁸⁵. Não desenvolvemos agora pormenorizadamente estes assuntos porque serão novamente focados mais adiante.

Ainda faltando uma investigação rigorosa, exaustiva e bem documentada do papel das damas do Paço no campo do poder, podemos colocar a hipótese, perfeitamente verificada no caso que nos ocupa, de que boa parte do trabalho de representação e negociação de vantagens e mercês dentro do âmbito da Corte era realizado pelas mulheres da primeira nobreza, o qual desmente a tradicional posição da historiografia que tem ignorado, apesar de existirem indícios suficientes para a colocação desta hipótese, o papel das damas, reduzindo-as a uma imagem de inactividade e passividade que, parece evidente, não se corresponde com a realidade, se não em todos os casos (extremo que não podemos verificar) em determinadas casas. Ainda assim, tanto os dados oferecidos por Nuno Monteiro, no sentido do investimento feito pelas casas nobres (grandes ou não) para colocar as suas filhas como damas, como

⁸⁵Remetemos para o fragmento citado na epígrafe I.3.2. (Kann, 1979: 210-211).

a naturalidade com que Teresa de Mello Breyner e Leonor de Almeida falam das suas gestões, evidenciam claramente que este papel desenvolvido pelas condessas de Vimieiro e Oyenhausem não devia de ser nem muito menos excepcional.

Parece, no entanto, que a dificuldade para as mulheres não estava em desempenhar determinados postos de poder, mas em fazer ostentação pública destes. Com isto queremos indicar que a modéstia continuava a ser uma das principais “virtudes” que se esperavam das mulheres, o que não implicava necessariamente que não tivessem um papel na sociedade de Corte, mas que a sua função fosse reconhecida através da designação dos seus maridos e irmãos para postos socialmente prestigiosos, como vemos nos exemplos citados acima. Este tipo de estratégia relaciona-se, por uma parte com o lugar ocupado pelas mulheres na sociedade setecentista, mas também com a política *de casa* indicada por Monteiro, que implica que o trabalho na Corte não é levado a cabo (ou não só) procurando satisfações individuais, mas em benefício do progresso da casa à qual se representa.

II.2.2.3. Conclusões

Como temos visto até aqui, não se pode falar da nobreza portuguesa setecentista como um grupo homogêneo e com uns comportamentos sociais idênticos em todos os casos. Dentro desta classe podem-se estabelecer diferentes grupos, particularmente em função da sua proximidade com o Rei e a Corte que, depois da restauração da coroa portuguesa em mãos dos Bragança é a única instituição com capacidade para outorgar elementos de distinção. Isto, evidentemente, gerou uma dependência mútua da coroa e da nobreza de Corte, que se reflectiu na nula independência económica e social dos segundos e na protecção que a primeira lhe ofereceu nas ocasiões –particularmente frequentes nos finais do século XVIII e nos começos do século XIX- nas quais a nobreza se viu atrapada pelas dívidas e à mercê dos seus credores, procedentes na maior parte dos casos dumha burguesia comercial em pleno ascenso.

O comércio de bens simbólicos estabelecido entre a nobreza e a coroa, gera uma grande concorrência entre grupos e casas nobres concretas por conseguir aqueles

elementos distintivos que os aproximassem do Rei e que garantissem uma melhor posição de saída perante os momentos chave da vida destas casas, como eram, sobretudo as alianças matrimoniais dos filhos e filhas. Quanto maior fosse o capital simbólico acumulado por uma casa, maiores expectativas teria de conseguir estabelecer uma aliança frutífera, que redundasse, à sua vez, numa progressão deste capital simbólico.

Nesta luta entre casas jogam um papel destacado, embora pouco estudado, as mulheres, que desenvolvem alguns ofícios concretos dentro da Corte capazes de proporcionar uma posição dentro do campo do poder que permite ter uma certa margem de influência perante o Rei e outros agentes deste campo. Esses postos são etiquetados, geralmente, sob o verbete de “damas do Paço” ou “damas da Rainha”, mas entre estas havia algumas com maior poder como a camareira-mór, que era uma das pessoas da Corte mais próximas da Rainha. É possível, ademais, que o papel destas mulheres se visse reforçado durante o período em que uma mulher ocupou o trono de Portugal, como foi o reinado de D. Maria I.

II.2.3. O capital cultural como elemento de distinção entre a primeira nobreza

II.2.3.1. Objectivos

A concorrência apontada na epígrafe anterior entre a nobreza de Corte e a burguesia mercantil, ao lado de evidentes sintomas de declínio da primeira tanto no reinado josefino como na posterior regência do futuro D. João VI, obriga as casas da primeira nobreza a habilitar estratégias que lhe permitam continuar a ocupar os postos de poder que tinham sido exclusivamente seus até essa altura. Entendemos que é a essa luz que devemos analisar algum dos movimentos estratégicos que põem em funcionamento determinadas casas (os Ficalho e os Vimieiro pelo que respeita ao nosso trabalho, mas também, embora secundariamente, os Alorna) para reconverter por um lado os seus privilégios sociais em capital académico que os habilite para o desempenho

de determinadas funções num estado que, como víamos acima, tendia já mais para ascender ministros à nobreza que para fazer ministros dos nobres, e por outro pôr em valor o seu capital cultural para diferenciar-se tanto das famílias procedentes dessa burguesia comercial como doutras casas nobres com menor capital neste terreno, mas, provavelmente, maior capital económico.

II.2.3.2. Reconversom de capitais: as casas nobres na universidade. Coimbra vs. Colégio dos Nobres:

Embora nom pretendamos fazer aqui umha exhaustiva análise deste processo, que nom é o objectivo do nosso trabalho, pretendemos chamar a atençom para os casos de Pedro de Almeida, irmao de Leonor de Almeida, e 3.º marquês de Alorna, e Pedro de Mello Breyner, irmao da Condessa de Vimieiro e ministro vintista, que durante o período pombalino se incorporam à universidade de Coimbra para estudar cânones, seguindo o percurso realizado várias décadas antes polo 2.º Duque de Lafões, que foi o primeiro membro da família real em inscrever-se na Universidade.

A freqüentaçom da Universidade por parte destes elementos da nobreza de Corte devemos analisá-la, do nosso ponto de vista, à luz de dous factos determinantes: um é o relativo fracasso do Colégio dos Nobres; o outro é a quebra (ao menos nos casos de Pedro de Almeida e de Pedro de Mello Breyner) da tendência, posta em evidência por Nuno Monteiro, de que os filhos segundos das casas da primeira nobreza que freqüentam a Universidade o fizessem com o objectivo de ocupar postos de destaque na hierarquia eclesiástica, enquanto estes dous focárom a carreira militar no primeiro caso e política no segundo. Para além de devermos pôr em destaque o facto de que Pedro de Almeida era o presuntivo herdeiro (como de facto foi) do marquesado de Alorna, nom um filho segundo sem hipótese fácil de suceder no comando da sua casa.

Em 1762 Pombal pujo em marcha o Colégio dos Nobres, umha antiga demanda da nobreza portuguesa, que reclamava um lugar onde dar aos seus filhos um ensino regulamentado, exclusivo e orientado para as futuras funções que estes deviam

presumivelmente desempenhar no futuro. Mas este colégio foi um fracasso, no sentido de que os nobres continuáram a educar os seus filhos herdeiros em casa, enviando os filhos segundos, de maneira geral, aos Colégios de São Pedro e São Paulo de Coimbra a formar-se em Cánones com o objectivo de ocupar lugares de destaque na patriarcal de Lisboa.

Este colégio serviu para plasmar o projecto de Pombal e da pequena nobreza e burguesia comercial ascendentes, nome da primeira nobreza. O colégio admitia elementos destes dois grupos, indo assim em contra da exclusividade procurada pela nobreza de Corte (preocupada por manter os seus tradicionais privilégios numa sociedade que evidenciava já o fim do Antigo Regime), e tinha como objectivo principal romper a tendência à monogamia social desta, forçando um convívio escolar que legitimasse os grupos em ascenso e acabasse, assim, por propiciar matrimónios com a primeira nobreza. Como era presumível, poucos filhos da primeira nobreza acudiram a este colégio, fugindo, como já vimos acima, de alianças que implicassem a perda de prestígio das suas casas. Reproduzimos aqui um largo trecho de Ana Cristina Araújo (2000: 35-36), porque evitará maiores comentários sobre o processo de fundação e posterior inscrição de alunos, assim como sobre as razões apontadas -e com as quais concordamos plenamente- em relação ao fracasso da incorporação da primeira nobreza:

com um orçamento fabuloso, o colégio suporta as despesas feitas com a contratação de um vasto escol de professores estrangeiros e custeia a aquisição de máquinas e instrumentos para o seu gabinete de Física, considerado um dos melhores da Europa. Reunindo, à partida, condições atractivas para o recrutamento de alunos, a nova fundação, inicialmente pensada para albergar cem porcionistas, não consegue, ao longo do período que vai de 1766 a 1772, ter mais do que 34 colegiais internos. Durante anos sucessivos não se registam primeiras matrículas. As casas titulares resistem à ideia de colocar os seus filhos no Colégios dos Nobres. E os poucos que assim procedem arrependem-se. O segundo ano de frequência, são mais moços-fidalgos que saem do que aqueles que entram no internato do alto da Cotovia. Tem-se salientado a falta de disciplina interna e a deficiente organização dos cursos como motivos de fracasso desta instituição. Independentemente destes aspectos pensamos que a razão de fundo é outra. A nobreza não se revê na escola nobiliárquica pombalina. As condições de candidatura dos colegiais omitiam aspectos considerados fundamentais à estratégia de conservação das casas, isto é, não distinguiam descendência legítima e bastarda, nem discriminavam primogénitos de segundogénitos, tornando assim pouco claro o esquema de recompensas no agenciamento de carreiras para os diferentes das famílias nobres. Por isso, e contra as normas de recrutamento fixadas pelos Estatutos, meninos de nascimento obscuro, oriundos de famílias ambiciosas e abastadas, passam a ocupar os lugares deixados vagos pela fidalguia.

Esta mesma ideia corrobora-a Nuno Monteiro (1998: 181, nrp: 32) com dados concretos de inscrições, afirmando que:

entre 1765 matricularam-se no colégio 224 alunos, dos quais apenas 16 eram filhos de titulares à data do ingresso; depois registou-se uma subida, pois entre 1805 e 1834 matricularam-se 176 alunos, 31 dos quais eram filhos de titulares. No entanto, é preciso realçar que a maior parte destes eram filhos de recém-titulados, e não das casas titulares antiga.

Como não podia ser doutra maneira, este fracasso deu como resultado que uma década passada da sua abertura, o Colégio dos Nobres fosse fechado (Araújo, 2000: 36): «no meio de tais vicissitudes, Pombal suspende em 1772 o ensino das ciências no Colégio dos Nobres e transfere os instrumentos do laboratório que equipavam as classes de Física e de Matemática para a Universidade de Coimbra», reconhecendo assim o que era um facto evidente para a primeira nobreza portuguesa –a primazia da Universidade como instituição legitimadora do capital cultural deste grupo.

Sobre os objectivos últimos de Pombal para a pretendida mistura de classes sociais no Colégio dos Nobres, oferece Augusto França uma versão convincente, que é a procura de alianças matrimoniais entre as classes em ascenso, detentoras de capital económico, e a classe em declive, possuidora ainda de maior capital simbólico. Falando da Família dos Cruz Sobrais, uma das protegidas por Pombal e posteriormente consolidadas como uma das grandes famílias da política e da economia do século XIX⁸⁶, de França (1984: 24): «[José Francisco Cruz] Morreu em 1768, deixando três filhos, dois dos quais foram dos primeiros alunos do Colégio dos Nobres fundado por Pombal, dando assim o bom (mas único) exemplo da miscigenação de classes pretendida».

Por seu turno, a Universidade estava a converter-se, já desde o período pombalino, no lugar onde se formavam as novas classes dirigentes, às quais era exigida uma formação concreta, e para aceder às quais já não era suficiente uma procedência social determinada. Tal é como afirma Ana Cristina Araújo (2000: 39):

a valorização social do saber exigia que se criassem novas profissões e que se escolhessem os mais capazes e os melhor habilitados para as já existentes, o que implicava «uma renovação em todos os objectos do governo do Estado», conforme salientava D. Francisco de Lemos. Segundo esta lógica, cabia ao soberano mandar «que nos empregos, lugares e postos das diferentes profissões,

⁸⁶ Como mostra do nível a que chegou a protecção exercida por Pombal sobre esta família, baste um exemplo dado por José Augusto França no mesmo lugar, onde indica que a concessão de brasão de armas aos Cruz Sobrais foi acompanhada da imitação do velho escudo dos Távoras, cuja família e apelido foram extinguidos com motivo do juízo de 1759.

que na Universidade se ensinam, ninguém pudesse ser provido que não fosse ao menos bacharel formado nas respectivas Escolas» [Lemos (1777)]. O acento dado à componente técnica e profissional diminuía, sem pôr em causa, os pressupostos básicos de conservação de uma sociedade regida pela antiguidade da honra e do privilégio. Na prática, o moderno propósito de distinção de novos talentos vinha apenas tornar mais conflituosas as relações internas no seio da nobreza. Este desequilíbrio era, todavia, contrabalançado pela preferência que as melhores famílias do reino continuaram a ter no agenciamento de carreiras para os seus descendentes. Para isso serviam as corporações subalternas da Universidade, nomeadamente os colégios de S. Pedro, de S. Paulo e das Ordens Militares que, no essencial, permanecem intocados.

E se Pombal não teve coragem política para modificar a orgânica interna e a finalidade de tais institutos, a verdade é que deles se serviu para promover os seus paniaguados.

Mas a Universidade também estava a experimentar reformas quanto à utilização que dela faziam as casas nobres. Se, como demonstra Nuno Monteiro, ao longo da primeira metade do século XVIII a maior parte dos alunos dos colégios coimbrãos de São Pedro e de São Paulo são filhos segundos da primeira nobreza destinados pelas suas casas de origem ao celibato e que, portanto, procuram na Universidade uma formação em cânones que os habilite para ocupar o topo da hierarquia eclesiástica, à medida que avança o século o destino eclesiástico é escolhido (tanto para homens como para mulheres) cada vez para um número mais reduzido de filhos da primeira nobreza. Assim, aqueles que se matriculam na Universidade, começam a fazê-lo, por primeira vez, não com a intenção de permanecerem celibatários e de integrarem-se na estrutura religiosa, mas para fazer carreira na magistratura e no governo, compaginando a sua formação académica com a carreira militar e/ou com o matrimónio e os filhos, afectando, até, a filhos herdeiros, como é o caso de Pedro de Almeida.

A nossa proposta, portanto, é que determinadas famílias, algumas das quais prejudicadas pelo pombalismo, conscientes da erosão que começa a sofrer o capital simbólico das casas da primeira nobreza, decidem, estrategicamente, pôr em valor o seu elevado capital cultural (que muito provavelmente já vinha servindo de elemento de distinção respeito das outras casas da sua mesma classe social) reconvertendo-o no capital académico necessário para adaptar-se às circunstâncias futuras que já se começam a desenhar nessa altura.

Em linhas gerais, a situação em Portugal, sintetizada por Nuno Monteiro (1998: 522) era a que segue:

se os percursos educacionais dos filhos secundogénitos parecem ter sofrido uma visível alteração depois de meados de Setecentos, já o mesmo não se pode dizer dos primogénitos dos Grandes. O essencial permaneceu: educação doméstica, seguida do ingresso na instituição militar em idade precoce, na maior parte dos casos. Isto, na mesma altura em que nas principais monarquias da Europa ilustrada, os sucessores passavam maioritariamente e crescentemente pela socialização dos colégios, das escolas militares ou das academias. E, no caso singular da Inglaterra, chegavam até a ter predominantemente a frequência universitária.

Portanto, unido a uma mudança significativa nos hábitos dos filhos segundos, podemos encontrar referentes para esta estratégia por um lado, noutras nobrezas europeias, e, por outro, no modelo português de João Carlos de Bragança, que tinha frequentado a Universidade de Coimbra antes da sua saída de Portugal, colocando durante a sua estadia problemas protocolares por causa do tratamento que deveria receber na sua condição de sobrinho de D. João V. O Duque de Lafões, pela sua proximidade familiar com os reis, pelas suas difíceis relações com Pombal e pelo seu apoio ao governo de D. Maria, funcionou como referente e quase líder dum dado sector da nobreza ilustrado e aristocratizante. Julgamos que precisamente a sua atitude de frequentar a universidade poderá ter servido de modelo para outros elementos desse mesmo grupo como podem ser Pedro de Almeida e Pedro de Mello Breyner.

II.3. Trajectória social de Teresa de Mello Breyner até 1769

II.3.1. Objectivos

Como já indicámos acima, a delimitação desta epígrafe é devida à distribuição temporal da documentação localizada até este momento, que está datada unicamente a partir de 1770. Por este motivo, e dados os problemas específicos que apresenta o período menos documentado, decidimos estudá-lo de maneira independente. Nestas páginas tentaremos reconstruir o que terão sido os anos de formação de Teresa de Mello Breyner e os primeiros anos como Condessa de Vimieiro, prestando especial atenção às estratégias que determinam a aliança entre esta casa e a de Ficalho.

II.3.2. Capital cultural e distinção no percurso de Teresa de Mello Breyner da casa de Ficalho à casa de Vimieiro

II.3.2.1. Objectivos

Pretendemos nesta epígrafe evidenciar alguns dos traços fundamentais da formação de Teresa de Mello Breyner nos primeiros anos da sua vida, porque a definição do seu *habitus* ajudará a perceber o lugar que a Condessa de Vimieiro ocupa no tecido social da nobreza de Corte portuguesa desde o seu nascimento na casa de Ficalho até o seu matrimónio na casa de Vimieiro, o que contribuirá para entender as suas posteriores tomadas de posição, a conformação da sua ideologia e as suas estratégias de intervenção no campo intelectual.

Interessa-nos também para o desenho dos primeiros momentos da sua trajectória social as origens do seu marido Sancho de Faro, particularmente para poder compreender quais som os capitais postos em jogo para o estabelecimento desta aliança, tendo em conta que um dos objectivos procurados nos matrimónios da primeira nobreza era a igualdade, garante do sucesso social da união. Como vimos acima, a dura concorrência por ocupar os melhores postos no campo do poder num momento em que se evidenciam sintomas de mudança força as velhas famílias nobres a pôr em prática estratégias (nem sabemos até que ponto novas) para conservar ou recuperar (dependendo dos momentos políticos) os seus lugares. O caso que nos ocupa é um exemplo evidente disto. As casas de Ficalho e Vimieiro (respectivamente a de origem e a de destino de Teresa de Mello Breyner), sem grandeza a primeira e com falta de rendimentos as duas põem em jogo de maneira constante —e veremo-lo particularmente através da correspondência da Condessa de Vimieiro— a sua superioridade em questões culturais, pondo em destaque a sua maior formação, as suas leituras, o seu acesso a fontes diferentes de informação, etc.

II.3.2.2. As Breyner: umha linhagem de damas da Rainha:

Embora nom disponhamos de elementos documentais para verificar a formaçom das imediatas antecessoras de Teresa de Mello Breyner, sua mai Isabel Josefa Breyner de Menezes e sua avoa a austríaca Barbara de Breüner, há alguns indícios que nos permitem arriscar a hipótese de que a filha dos Senhores de Ficalho procede dumha linhagem de mulheres instruídas e com poder na Corte, que utilizam a sua ampla formaçom, escassa entre as mulheres da nobreza portuguesa se acreditarmos nos testemunhos de viajantes estrangeiros e até nos próprios depoimentos da Condessa de Vimieiro na sua correspondência, para acumular e pôr em jogo o seu poder em beneficio da sua casa.

Polo pouco que sabemos de Barbara de Breüner, esta era umha nobre austríaca titulada, que ostentava o título de Condessa, segundo o seu descendente o Conde de Mafra (Mello Breyner, 1930: 24). Quando chegou a Lisboa como dama da Rainha Maria Ana de Áustria, esposa de D. João V, casou, por debaixo do seu nível hierárquico, com o estribeiro môr da Rainha Diogo de Menezes e Távora, o qual, se bem ocupava um lugar na primeira nobreza de Corte e estava aparentado com os Távoras, nom tinha título nem grandeza. A sua filha Isabel Josefa Breyner de Menezes foi também dama da Rainha Mariana Vitória de Bourbon, com a qual, segundo a sua filha Teresa mantivo umha estreita relação até a morte da Rainha.

Entendemos que pode ter algum interesse neste ponto reparar num pequeno pormenor que facilmente passará despercebido devido a que a colocaçom dos apelidos mudou em Portugal desde o período em foco até a actualidade, já que a prática habitual nesta época era colocar em primeiro lugar o apelido do pai, que era o que, geralmente, se transmitia aos filhos, embora esta prática pudesse ser alterada em occasions entre as casas nobres. O facto é que Isabel Josefa coloca em primeiro lugar o seu apelido materno em lugar do paterno, o que talvez poda servir como elemento que confirme que era o apelido Breyner o que era capaz de transmitir umha maior “quantidade” de nobreza e uns “bens simbólicos” mais elevados. Para confirmar a importância deste apelido contribui o facto de que nom só é o transmitido por Barbara de Breüner à sua filha, mas também por parte de Isabel Josefa de Breyner aos seus filhos, que à sua vez soldam este apelido ao paterno Mello até o ponto de chegar até a actualidade⁸⁷. Embora

⁸⁷ Os irmaos varons da Condessa, por seu turno, optárom, no caso do herdeiro, António José, por utilizar unicamente o apelido Mello, igual que José e Domingos. Pedro, no entanto, aparece em <http://genealogia.sapo.pt> (05.01.05) como Mello Breyner.

esta questão dos apelidos pode parecer um pormenor sem importância, dada a certa liberdade de actuação da nobreza portuguesa coeva a este respeito, parece-nos digno de menção precisamente porque essa flexibilidade permite priorizar o apelido com maior prestígio e, portanto, com maior rendimento no subtil mercado dos “bens simbólicos”.

Para além disto, temos que ter em conta que, até a concessão do título de Condessa de Ficalho a Isabel Josefa Breyner de Menezes, os Senhores desta vila não possuíam grandeza, embora pertencessem à primeira nobreza de Corte, motivo pelo qual, e considerando o dito por Nuno Monteiro (já citado) dá como resultado que hierarquicamente, o lugar mais destacado ocupado por esta casa era o de dama do Paço, que foi ocupado tanto por Barbara de Breyner como pelas suas filhas e netas. Disto deduz-se que o possível poder que pudesse exercer a casa de Ficalho, assim como as suas hipóteses no mercado matrimonial ou até os serviços pelos quais é concedido o título de Condessa com a grandeza implícita, são devidos não tanto ao papel desenvolvido pelos homens da família como ao das mulheres.

O lugar que tradicionalmente vinham ocupando “as Breyner” no campo do poder parece evidente que aumentaria as suas possibilidades e até a sua necessidade de formação intelectual, circunstância à qual talvez não terá sido alheia a origem germânica desta linhagem, pois é conhecido que o maior convívio entre nobres e intelectuais na Corte vienesa facilitava a formação e a educação da nobreza austríaca, que funcionava para boa parte de Europa como referente de “refinamento” e convívio intelectual.

Em qualquer caso, o que nos interessa pôr em destaque, com a finalidade de perceber exactamente o ponto de partida de Teresa de Mello Breyner, é que procede dumha família em que as mulheres desempenham (em Portugal) desde os começos do século um papel activo no campo do poder, até parece evidenciar-se que mais efectivo que o dos homens, o que serve para, apesar da carência de título nobiliárquico, acumular um capital simbólico suficiente como para estabelecer alianças matrimoniais vantajosas, sem perdermos de vista as possíveis repercussões que esta situação pode ter para o acesso destas mulheres e dos seus filhos e filhas a umha formação intelectual excepcional entre a nobreza portuguesa, particularmente no caso das mulheres.

II.3.2.3. Os primeiros anos: formação humanística e científica de Teresa de Mello Breyner

A reconstrução dos anos de formação de Teresa de Mello Breyner apresenta-se como uma tarefa complicada e ainda não concluída pois, até o momento, a única fonte de informação de que dispomos é o próprio testemunho da Condessa de Vimieiro nas suas cartas a Leonor de Almeida, recordando, de passagem, em algumas cartas elementos da sua formação. Embora esta informação seja escassa e pouco sistemática parece-nos fundamental tê-la em conta para compreender a sua trajetória social e o seu papel como agente tanto no campo do poder como no campo intelectual português do fim do século XVIII.

Neste sentido podemos pôr em destaque três referências à sua educação que Mello Breyner faz nas suas cartas que nos parecem do máximo interesse. A primeira é a aprendizagem do latim a uma idade temporária: «Eu sou do tempo, em que se aprendia a ler por sentenças, vê se entenderei bem a letra das tuas creadas, passando d'oito annos p.^a o latim com melhor letra do que agora faço?» («Vimr.^o 19 de Fevr.^o de 1773»)⁸⁸; o estudo das ciências na infância: «eu respeito as sciencias, e he toda a vaid.^e que me rezulta de ter ouvido fallar nellas dezde os meos primr.^{os} annos» («Lx.^a em Seg.^{da} Fr.^a»); a consciência de pertencerem a uma família com grande tradição de mulheres ilustradas: «foraõ tuas Tias /humas, e outras/ instruidas; antes dellas, tua Bis-Avó deo motivo da mais profunda veneração com as cartas que dirigia a seos f.^{os}, quando foraõ a univerzid.^e, e entre os sabios, ouvesse o seo nome com resp.^{to}»⁸⁹; e, finalmente, a constatação da educação doméstica a cargo da mãe: «Ditozas nós, que devêmos a D.^{os}

⁸⁸Para as citações tiradas da correspondência de Teresa de Mello Breyner optamos pela transcrição literal, sem desenvolvermos abreviaturas nem alterarmos a distribuição de maiúsculas e minúsculas ou de sinais de pontuação. Somos conscientes dos problemas de compreensão que isto pode ocasionar por causa, particularmente, da pontuação: as vírgulas colocadas indistintamente diante do pronome relativo ou da conjunção *que*, e, sobretudo, a ausência de pontos ou maiúsculas que marquem separações entre orações podem criar em, determinados casos, sérias dificuldades de leitura. Ainda assim, decidimos privilegiar a literalidade do texto original para evitar que a nossa própria intervenção possa condicionar a leitura e a interpretação de textos que nem sempre são claros ou unívocos.

⁸⁹É verdade que nesta citação está fazendo referência à família de Leonor de Almeida e não à sua própria, mas também é certo que ao longo da correspondência põe continuamente em destaque o facto de terem as duas os antepassados comuns, e nesta mesma carta a Condessa, antes de explicar as suas razões para manter o anonimato e até não difundir a sua produção, coloca-se na tradição das mulheres produtoras do século XVI: «Se sobimos ao doirado seculo de 500, achamos o quarto da sabia Infanta D. Maria convertido em theatro das sciencias. O conhecim.^{to} das linguas Grega, Latina & cr.^a deo valim.^{to} desta Princeza as duas Sigeias; e ellas em retribuição fizeram lhe conhecer os tezueros, q' estas linguas em si ocultaõ. Não foraõ só estas as m.^{tes} illustres daquella excellente assembleia: a Princeza tinha Caza, e tantas eraõ as suas Damas, e creadas, quantas as peças instruidas; {comã VERIFICAR} se hoje não experimentamos a mesma felicidade, os mossos, e não os velhos tem a culpa».

Mays que se não injuriaõ de o parecer, e de nos educar!» («Me *encanta* a condescendencia com q me me prometes»⁹⁰). Os três itens nos parecem de extraordinária importância, porque

- rompem com o tópico da educação doméstica,

- ultrapassam as “aspiraçons” dos tratados pedagógicos da época e até posteriores,

- e, finalmente, as próprias palavras de Mello Breyner mostram a consciência de excepcionalidade que concorda exactamente com a impressom transmitida por outros testemunhos coevos.

Quanto à primeira questom, lembramos aqui que, como já vimos noutros trabalhos anteriores (particularmente, Bello Vázquez: 2005), o tópico estabelecido sobre a educação feminina no século XVIII indica que as poucas “afortunadas” que acediam a algum tipo de formação intelectual se viam reclusas num convento desde os seus primeiros anos até o momento em que o seu matrimónio fosse concertado. E estas recebiam umha limitadíssima educação que lhes oferecia pouco mais que as primeiras letras, costura, bordados e umhas poucas noçons sobre como ser umha boa dona-de-casa. Vemos, no entanto, que na casa de Ficalho nom é assim, e é a Senhora quem se encarrega de educar os seus filhos (ou ao menos a sua filha Teresa). Por falta de estudos exaustivos sobre a educação das mulheres da nobreza nesta altura, desconhecemos até que ponto podia ser excepcional esta educação materna no lar⁹¹.

Em qualquer caso, esta educação nom estava focada exclusivamente para o desempenho de labores de dona-de-casa, mas era umha formação preocupada tanto por dar acesso aos filhos e filhas ao cânone clássico através do latim (cujo conhecimento ainda era polémico no caso das mulheres, como podemos ver em Verney) como, sobretudo, focada para o conhecimento e posterior aplicação das ciências, o que veremos verificado através da correspondência em abundantes ocasiões nas quais Mello Breyner fai referência às suas actividades médicas, tanto para tratar as suas próprias doenças como as das pessoas da sua “família” (em sentido extenso)⁹².

⁹⁰ As cartas som sempre citadas pola data, excepto naqueles casos em que nom estão datadas, em cujo caso som citadas polas primeiras palavras do texto conservado.

⁹¹ Tampouco podemos saber, porque Teresa de Mello Breyner nom dá nengumha informação a este respeito, se a mai se encarregava de toda a educação de filhos e filhas, até que idades em cada um ou qual o papel do pai, particularmente na educação dos filhos.

⁹² Por exemplo, em «Estremoz no ultimo dia do anno de 73»: «toma banhos de meio corpo de um cozim.^{to} fresco, e moliente; e estes á noite p.^a se recolher logo, q sahir delles; pela manhaã fomentasse com um unguento dezobstruente; passeia, e toma uma porção de cozim.^{to} aperitivo, uzando por bebida ordinaria agoa cozida com lemalthas de ferro; e tomará purgantes brandos a miudo, até, que o tempo dê lugar a beber a agoa das Caldas. Se o effeito corresponder ao que se espera, digo, que faraz mal de não adoptar, em todo ou em p.^{te} este methodo, porque a rapariga tem m.^{tas} coizas analogas com as que tu padeces. Não

Para além disto, entendemos que a referência orgulhosa a umha tradição de mulheres ilustradas, nom só da família Távora, mas também de Portugal reforça a ideia vista acima de umha certa consciência de tradição feminina excepcional dentro do quadro geral da educação feminina na primeira nobreza portuguesa. Deduzimos ainda, que o acesso de Teresa de Mello Breyner ao francês deveu de formar parte também desta primeira etapa de formação, conhecimento que tenta pôr em prática anos mais tarde escrevendo algumas cartas em francês às suas amigas Leonor de Almeida de Madame de Thun.

O *habitus* das mulheres da casa de Ficalho, que as diferencia e de outras mulheres da primeira nobreza, é posto em destaque na sua correspondência como o elemento identitário fundamental para esta casa e para outras como a de Alorna, evidenciando que este tipo de educação era património dumhas poucas casas que nom teriam outros capitais (particularmente económico) que pôr em jogo. Como hipótese para as origens deste elevado nível de formação colocamos ou bem a procedência austríaca da primeira Breyner, ou bem a pertença por parte de Diogo de Menezes à família Távora, o que dadas as coincidências de formação entre Teresa de Mello Breyner e Leonor de Almeida, nom pode ser descartado.

II.3.2.4. Cândido Lusitano orientador dos estudos literários de Teresa de Mello Breyner

Mais umha vez é na correspondência de Teresa de Mello Breyner onde devemos procurar alguma informação sobre estudos literários da futura condessa. Em várias cartas endereçadas a Leonor de Almeida e à Marquesa de Alorna, Mello Breyner alude a Francisco José Freire como umha pessoa da sua confiança à qual, por exemplo, envia o dinheiro sobranete das contas pendentes com as presas de Chelas⁹³. Mas é na carta datada

zombes das m.^{as} medicinas, todas se fundaõ na observação da natureza e posto que não tenhaõ mais socorro, que o de uma lógica natural, assim mesmo as abona a experiencia, com grande utilid.^e dos pobres, que de mim dependem».

⁹³ A Condessa de Vimieiro manda recado sobre as suas contas à Marquesa de Alorna através dumha carta endereçada a Leonor de Almeida e datada em «Estremoz 27 de Dezembro de 1772»: «Se lhe ficar conta a paga [sic] pelas mezadas podem mandar entregar 2400 cada [p. 1] mez ao P.^e Fran.^{co} Jozé Freyre da Congregação dizendo que eu lho mando».

em «Estremoz 18 de Janeiro de 1771», onde explica o processo pelo qual o Cândido Lusitano da Arcádia se converteu no orientador dos seus estudos literários:

Serviome m.^{to} p.^a entender os Poetas, e os preceitos d'Oracio, hum bom Mestre, que tive; depois facilitouseme esta inteligencia com a filiz tradução do chamado Cand.^o Luzitano, as suas notas abrião me os olhos, fizeraõ me correr os Poetas, e procurar ouvir de palavra este sabio tradutor. elle formou commigo esse estilo, de que te não desgostas, elle me obrigou /p.^a instruirme/ a fazer por escrito o meo juizo sobre qualquer obra, que lia fazendome dar razão do meo dito, corroborada com os preceitos da arte: elle me confiou excellentes manuscriptos, onde bebi o melhor q podia observar em todos os Poetas gregos, e latinos: e se a m.^a saude se não oppozera aos progreços, q podia fazer a m.^a applicaçã, com hum tal socorro, estaria oje em estado de poder trabalhar p.^a os otros; porem a impossibilid^e de regular as oras p.^a o estudo, huma vaidosa ambição de o não largar, me poz em circunstancias de o perder de todo. Perdi em gr.^{de} parte a vista, desordenouseme o estomago, enfraqueceoseme a cabeça, e puz me em estado, que disse a D.^{os} a tudo o q podia fazerme oje mais digna da estimação com q me onras. Convalesci, mas não tornei a ser quem d'antes era; cazei e foi percizo voltar a alma p.^a as varias obrigaçoens, q me representaraõ as meditaçoens de quatro annos, q estive p[ron]ta a cazar.

Como vemos nas palavras de Mello Breyner, a relação com Cândido Lusitano é anterior em vários anos à data do seu matrimónio com Sancho de Faro (1767). Atraída pelo conteúdo das suas obras publicadas decide entrar em contacto com Freire que, a partir desse momento, se converte no director dos seus estudos literários, educando-a numa poética dependente dos clássicos, particularmente de Horácio, e criando um hábito sistemático de leitura e estudo. Detecta-se umha certa “profissionalizaçom” (embora talvez a palavra nom seja a mais adequada) que percebemos tanto em Mello Breyner como em Leonor de Almeida. As duas focam os seus estudos dumha forma constante e rigorosa, nom entendidos como um período concreto da vida mas como, praticamente, a sua occupaçom principal, que, no caso de Mello Breyner só passa para um segundo plano por causa dos seus problemas de saúde. Isto serviria para reforçar a hipótese proposta de que em determinados sectores da nobreza o investimento em capital cultural se converte no principal investimento familiar. Ainda, e neste mesmo sentido da profissionalizaçom, queremos pôr em destaque a ideia de “trabalhar para outros”, que, entendemos forma parte também desse investimento porque se relaciona com a ideia ilustrada de promoçom do saber, o que contribui para criar umha imagem diferente e distinta desses nobres que nom acumulam conhecimentos unicamente por ambiçom pessoal, mas para contribuir para a “ilustraçom” da república os dos habitantes das sua casa (sejam os seus próprios filhos e filhas ou os das pessoas ao seu serviço).

A relação com Cândido Lusitano, de qualquer maneira, coloca-nos algum problema não resolvido que tem a ver com os possíveis lugares de convívio ou com as vias pelas quais podiam entrar e contactar um árquede burguês afecto a Pombal e uma dama do Paço filha dumha família da primeira nobreza de Corte e aparentada com os Távoras. A questão da sociabilidade aristocrática em Portugal na segunda metade do século XVIII está certamente pouco estudada, particularmente pela falta de documentação (ao menos de documentação levantada) relativa a reuniões, salões, saraus, etc. Nem sequer existem investigações que analisem rigorosamente as trajetórias sociais dos membros das academias mais importantes do século (particularmente a Academia de História, a Arcádia Lusitana e a Academia das Ciências de Lisboa), as relações entre as três, ou que informem sobre quais as pessoas que acudiam às suas reuniões públicas e/ou privadas, e neste sentido, remetemos mais uma vez para as palavras de Mello Breyner que vincula familiarmente os membros das diferentes academias, quando lembra que «quando teos Tios, teos Avós, e outros/ que ou os igualavaõ ou pertendiaõ essa onra/ se juntavaõ, eraõ sempre, a favor da mocid.ª as suas conferencias. Os mossos, que os attendiaõ, forcejavaõ p.ª q' o estudo lhe desse nas suas conversações aquelle lugar, q' a id.ª lhe recuzava» («me *encanta* a condescendencia com q me prometes»).

Colocamos aqui este problema da sociabilidade e do convívio porque, igual que deduzimos da correspondência de Mello Breyner que ela e outras senhoras nobres (provavelmente esposas dos membros da Academia) acudiam com relativa frequência às sessões da Academia das Ciências, é possível que sucedesse algo semelhante com academias mais antigas, nas quais talvez se tivessem formado algumas destas mulheres.

Não podemos confirmar nenhuma hipótese nem aportar dados concludentes a este respeito, mas entendemos que deviam existir lugares de relacionamento que desconhecemos (talvez as próprias academias desde os primeiros anos do século ou mesmo antes) nos quais fosse possível este convívio entre pessoas de diferente sexo como algo relativamente normal. Leve-se em conta a este respeito que a maior parte da bibliografia e dos testemunhos de viajantes estrangeiros colocam as mulheres portuguesas como absolutas prisioneiras dentro das suas casas, sem relação com homens fora dos do seu estrito círculo familiar, e afirmam que esta circunstância só muda timidamente depois do terramoto de 1755. Segundo M^a Manuela Torres Paulo (1994: XXII):

A mulher vivia dominada pelos pais ou pelo marido, conforme o seu estado fosse solteira ou casada. A obediência era a principal característica da sua vida. Não lhe era permitido decidir sobre assuntos fundamentais que lhe diziam respeito. O casamento era-lhe imposto, pois a família decidia com quem era mais conveniente e vantajoso casá-la, de acordo com factores políticos e sócio-económicos. Se o casamento falhasse, ou não se chegasse a realizar, restava-lhe apenas ingressar no convento, ou ajudar na educação dos sobrinhos e no governo da casa dos pais ou dos irmãos casados.

Confirmando e abundando nesta ideia, Maria Antónia Lopes (1987: 35-36) descreve a situação das mulheres portuguesas de Setecentos, baseando-se nos depoimentos de viajantes estrangeiros, da seguinte forma

Se as afirmações dos visitantes estrangeiros (unânicos quanto à clausura feminina) devem ser aceites com algumas reservas -Portugal era representado nos países mais ricos como uma nação exótica e bárbara e os viajantes, munidos desta ideia feita, procuravam certamente confirmar o que pensavam e transmitir aos leitores informações curiosas com valor comercial-, o certo é que a reclusão das mulheres portuguesas está documentada em outras fontes. Não só eram mantidas permanentemente em casa, como aí se viam confinadas a certos aposentos -não podiam, sendo solteiras, passar pela sala, se o aposento se abrisse a visitas.

E ainda Lopes (1987: 49-50), colocando na data do terramoto a baliza que assinala a mudança de muitos comportamentos, afirma que só neste momento a situação das mulheres das elites começa a mudar:

sem abandonarem o lar transformaram-no. Estavam confinadas a esse espaço? Pois bem, altera-se a função do espaço. E é assim que vemos o espaço doméstico modificar-se radicalmente. De local de clausura, recato, silêncio e trabalho, transforma-se em local de convívio, expansividade e divertimento. Estavam reduzidas a mães e esposas? Elas exigirão cada vez mais intensamente um outro papel: viver em e para a exibição [...]. Serão ‘pivot’ da sociabilidade urbana, doravante heterossexual.

Pelo que sabemos de Teresa de Mello Breyner e até da sua amiga Leonor de Almeida, o convívio com homens nas primeiras etapas das suas vidas é algo frequente e que não parece ser pedra de escândalo para ninguém: pense-se, para além do já mencionado Cândido Lusitano, em personagens como Filinto Elísio, que frequentavam sem problema a grade do Convento de Chelas. Não temos em dúvida as informações recolhidas nem por viajantes em Portugal nem pelos autores e autoras que se têm ocupado do estudo desta época, mas entendemos que talvez não se tem feito neste estudo uma diferenciação clara por classes sociais, e, dentro destas, por grupos.

Julgamos que, embora a situação geral das mulheres, particularmente daquelas pertencentes a sectores da burguesia comercial, da nobreza de província e ainda dalguns sectores da nobreza de Corte fosse a descrita acima, outros grupos, particularmente aqueles integrados por damas do Paço, não podiam responder a esse desenho, porque os seus próprios empregos no Paço e a sua actividade política, que vimos acima não era estranha nestas mulheres, o impedia. Provavelmente, a habitual referência de Teresa de Mello Breyner à excepionalidade tanto da sua educação como da educação da sua amiga tenha a ver com que esta maior formação e maior liberdade de acção das mulheres da elite nobre fosse utilizada até como elemento de distinção frente a outras camadas sociais nas quais era impensável este tipo de acção por parte das mulheres. Portanto, mais uma vez constatamos o desajuste existente entre a realidade que podemos constatar para o grupo em foco e a bibliografia existente.

Sintetizando o visto nesta epígrafe, queremos salientar a ampla formação de Teresa de Mello Breyner antes do seu casamento com o Conde de Vimieiro, a sua consciência de pertencer a uma estirpe de mulheres “ilustradas”, e a circunstância de formar parte dumha família de damas do Paço com um certo poder na Corte. Todo isto entendemos que condiciona o seu âmbito de escolha para estabelecer uma aliança matrimonial, que acaba por realizar, em princípio, por cima das suas origens sociais. Por isto mesmo julgamos que deve ser valorizada a possibilidade de que a presença dum elevado número de damas do Paço numha casa a equiparasse com uma outra com título e grandeza, para além da possibilidade de que neste tipo de alianças fossem postos em valor outro tipo de capitais como o cultural, que constituía para os seus detentores (e talvez particularmente para as suas detentoras) num forte elemento de distinção frente à generalidade da elite social portuguesa, caracterizada, segundo os testemunhos coevos pela sua escassa formação intelectual.

II.3.2.5. Que significa ser Condessa de Vimieiro?

Como já foi dito, a filha dos Senhores de Ficalho consegue, em 1767 estabelecer umha aliança matrimonial com o 4.º Conde de Vimieiro, elemento da primeira nobreza de Corte, titulado e com grandeza. Mas nom é só Teresa quem consegue casar com umha pessoa deste perfil, mas também a sua irmã Inês, convertida polo seu casamento em Condessa de Galveias. A nossa hipótese, vista acima, é que o capital posto em jogo pola casa de Ficalho para estabelecer estas alianças é o que provém do facto de serem mai, avoa e as duas irmãs damas do Paço, mas, se virmos os perfis tanto de Sancho de Faro e Sousa como de Teresa de Mello Breyner, parece que este nom seria o único critério. Se aceitarmos a visom que tradicionalmente emana dos depoimentos coevos (como pode ser o do Marquês de Bombelles) ou até dos próprios manuscritos conservados da Condessa, assim como do estudo feito por Teresa Fonseca sobre os dous últimos Condes de Vimieiro (Sancho e o seu irmao, o 5.º Conde), e ainda algum dos testemunhos posteriores recolhidos no estado da questom, parece evidente que a formaçom de ambos era realmente excepcional dentro da nobreza portuguesa.

Já vimos acima qual a formaçom recebida por Teresa de Mello Breyner na casa dos Senhores de Ficalho, veremos a seguir qual a origem social e a formaçom nos seus primeiros anos de Sancho de Faro e Sousa.

O matrimónio entre o Conde de Vimieiro e a filha dos Senhores de Ficalho, tivo algumas dificuldades que devemos lembrar aqui. Na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, conserva-se a «Sentença que proferio o mesmo Ex.^{mo} e R.^{mo} Arcebispo [de Evora D. João de N. Sr.^a da Porta] dispensando no impedimento que tinha o Ex.^{mo} Conde de Vimieiro p.^a poder cazar com sua prima a Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Sr.^a D. Ther.^a de M.^o» (*Memórias do reyno de Portugal*, pp. 328-330), um documento que confirma as palavras de Teresa de Mello Breyner, que num trecho citado acima alude a certos impedimentos que demorárom a assinatura desta aliança durante quatro anos:

daremos por justificado o impedim.^{to} de parentesco em q^e estam os Oradores no 1.º e 2.º grao de consanguinidade, na forma por elles declarada, por ser o Orador Grande destes Reinos, e tanto elle como a Oradora das Familias illustres desta Monarquia; e estarem entre si contratados para cazar na esperança de alcançarem da S.^{ta} Sede Ap.^{ca} a dispensa necessaria, nam terem podido obtela ha 4 anos, por se achar impedido o recurso á Curia Romana, e necessitar o Orador da dispensa q' supplica, p.^a poder conservar a sua familia, e continuar o esplendor da sua Casa, por estar a primeira Nobreza destes Reinos tam enlaçada entre si em parentesco, q' ao Orador será muito difficultoso, e talvez impossivel, achar Familia da sua qualid.^e, em q' possa cazar sem dispensa, e como com pessoas da

qualid.^e dos Oradores costuma a S.^{ta} Sede Ap.^{ca} dispensar nos sobredittos graos de parentesco, nam só quando a dispensa lhes hé nr.^a p.^a conservação do esplendor das suas cazas, por lhes nam permittir o apertado lugar e paiz emq.^e vivem, o acharem familias de sua iguald.^e em q^e possam cazar sem dispensa, mas ainda nam lhe sendo ella necessaria p.^a o ditto fim, por haver grande n.^o das mesmas familias comq^e possam aliarse sem embaraço, e somente p.^{la} simples prerrogativa da sua dignid.^e e Grandeza, por se reputar esta por siso, e sem o concurso da referida necessid.^e, titulo justo e legitimo, e q' envolve cauza publica interessante ao bem da Igr.^a e do Est.^o p.^a se dispensar com as sobred.^{as} pessoas nos dittos graos de consanguinid.^e

O arcebispo de Évora acrescenta ainda no texto da licença de matrimónio para os futuros Condes de Vimieiro um outro motivo, para além da grandeza e do costume, para autorizar este matrimónio sem recorrer ao Vaticano, como indicava o procedimento habitual, e é este a idade da nubente:

por nam saberse prudentemente quando elle se abrirá [o recurso à Cúria Romana], poder o impedimento durar ainda muitos annos, e acharse actualm.^{te} a Oradora já com 27 anos de idade, e poder entretanto contrahir facilm.^{te} alguma molestia, q' a inhabilite p.^a a successão, o q' cederá em gravissimo prejuizo nam só particular da caza do Orador, q' virá a extinguirse por falta de descendencia, ou ao menos passará a outra linha com perda irreparavel da linha primogenita em q' mais se conserva o lustre das familias; mas tambem do bem publico do Reino, ao qual importa muito a conservação das Fam.^{as} illustres, e a confirmação do seu esplendor.

Vemos, pois, que a dispensa era fundamental porque a primeira nobreza só podia casar entre si, e a procura da maior igualdade possível nas alianças levava freqüentemente a estes casos a contrair alianças com familiares em segundo grau (particularmente entre primos ou entre tios e sobrinhas, ou à inversa). Na realidade, o parentesco nom era necessariamente tam apertado em todos os casos, como lembra o arcebispo de Évora, mas, como vimos em Nuno Monteiro, as estratégias matrimoniais nem sempre contemplavam (ou podiam contemplar) o conjunto de casas da primeira nobreza, mas só aquelas que tradicionalmente eram aliadas. E, em qualquer caso, como também pom de manifesto D. João da N. Sr.^a da Porta, o casamento entre primos sempre seria umha maneira nom só de apertar os laços entre diferentes ramos da família e de garantir que em caso de falta de descendência as casas passassem a ramos o mais próximos possível, mas também umha forma de marcar a superioridade na hierarquia social destas casas frente a outras mais abastadas mas com menor “dignidade”, pois só a primeira nobreza podia conseguir as licenças necessárias para efectuar estes matrimónios.

Parece-nos interessante também que na licença se saliente a idade da prometida para justificar a necessidade de dar curso rápido aos trâmites pola possibilidade de ficar a casa sem sucessor, não por um problema individual dos dois solicitantes, mas pelo problema público que origina a extinção dumha casa nobre e até o traspasso da sucessão para um ramo secundário sem primogenitura, lembrando o arcebispo, como é habitual nestes casos, a grande importância que tem para a monarquia a conservação e melhora das suas casas mais nobres.

Sancho de Faro tinha nascido a 30 de Abril de 1735, e poucos anos volvidos, em 1741, herdou o título e as comendas de seu pai pelo falecimento deste. Até a idade de 15 anos foi o seu tio monsenhor D. João de Faro quem exerceu labores de tutoria e formação e quem se encarregou das obrigações do seu sobrinho. Desde 1750, como indica Fonseca (1998: 23), «o jovem donatário, então com quinze anos, passou a exercer directamente as suas competências senhoriais. O seu primeiro acto público conhecido consistiu numa carta de confirmação das justiças, de 22 de Dezembro desse ano, redigida em seu nome e por ele rubricada». Contudo, não seria até 1754, à idade de dezanove anos, que Sancho de Faro assumiria plenamente as suas responsabilidades como Conde de Vimieiro e donatário das suas terras.

Como correspondia ao seu lugar de grande da primeira nobreza, o Conde de Vimieiro acumulou diversas comendas como a de «Santo André de Fiães do Rio, da Ordem de Cristo; de Santo Ildefonso de Montargil e Mourão, ambas da Ordem de Aviz; de N^a S^a da Graça, da vila de Mora. Era ainda alcaide-mór desta última vila, e da de Rio Maior» (Fonseca, 1998: 16). A generalidade dos sucessores de casas grandes portuguesas seguia a carreira militar, onde chegava a ocupar, como indica Teresa Fonseca no mesmo lugar, os postos do topo da hierarquia:

D. Sancho de Faro e Sousa, como os seus antecessores, pertencia ao Conselho do Rei, e seguiu a carreira militar, na arma de infantaria. Em 1757 ocupava já o posto de capitão; em 1760 era tenente coronel em Castelo de Vide; em Janeiro de 1765, coronel do regimento de Lagos; três anos mais tarde, andava com o mesmo posto, governava a praça militar de Estremoz, cargo que ocupou pelo menos até 1779. Em 1787 encontramo-lo a governar o forte de Santo António da Barra, com a patente de brigadeiro, cargo que ainda detinha no ano da morte, mas já com o posto de marechal.

Os direitos doados por D. Afonso V em 1449 para a instituição do Senhorio de Vimieiro eram, a dizer de Teresa Fonseca (1998: 26), muito restritos, mas foram

consideravelmente ampliados por Filipe II «certamente como recompensa do apoio prestado pelos senhores do Vimieiro à causa castelhana». Umha das novas e importantes prerrogativas concedidas por este Rei foi a da proibição da entrada de corregedores na vila: «por esta isenção ficava o magistrado de nomeação senhorial a desempenhar as suas funções» (Fonseca, 1998: 27), assim como o direito de eleger os juizes e oficiais da vila, quando o habitual era que estes fossem eleitos pelo concelho «devendo a confirmação efectuar-se pelo corregedor da comarca ou pelo Desembargo do Paço». Finalmente, Filipe II também concedia aos Senhores de Vimieiro o privilégio de nomear os officios de «Juiz dos Orfãos, e o de scrivão delles, e o de Escrivão da Camera, Almotassaria, Tabaliaes do publico Judicial, Contador, Inquiridor e Distribuidor da ditta villa, e o officio de Escrivão dante o Seu Ouvidor, os quais officios poderá dar, e prover por Suas Cartas a pessoas aptas, e sufficientes para os servire, que se chamaram por elle».⁹⁴

A este respeito Fonseca (1998: 28) conclui que nesta altura do governo de Filipe II «os senhores do Vimieiro passaram a integrar o grupo dos donatários mais poderosos do reino» e ainda que «pelas cartas enviadas à vila condal, sabemos terem possuído livro próprio de chancelaria, privilégio atribuído apenas a algumas das mais preeminentes ou ricas casas titulares».

Desconhecemos o caminho percorrido pola casa de Vimieiro durante o último período de governo filipino e durante o primeiro século de restatuação bragantina, mas, evidentemente, pelas informações que podemos tirar tanto da análise de Nuno Monteiro sobre rendimentos das casas grandes e índices de procura para alianças matrimoniais, assim como do testemunho de Teresa de Mello Breyner através da sua correspondência, na segunda metade do século XVIII, embora os Condes de Vimieiro não só conservassem mas até exercessem as amplas prerrogativas concedidas no seu dia por Filipe II, a sua situação no tabuleiro de jogo das casas grandes não era nem muito menos o mesmo que desenha Teresa Fonseca para o século XVI: com rendimentos escassos em comparação com as casas mais favorecidas pelo governo pombalino e más relações com este, o Conde refugia-se, em parte por motivos políticos, mas provavelmente também impulsado por um afã reformista tipicamente ilustrado, nas suas terras alentejanas, onde intervém directamente no governo territorial, de forma marcadamente diferente do costumado polos donatários coevos.

⁹⁴ Arquivo da Câmara de Arraiolos, Vimieiro, *Provisões*, 1753-70, “*Registo das Doações...*”, f. 82 v. in Teresa Fonseca (1998: 28).

Assim, Sancho de Faro, nom só seguia desde Lisboa ou Estremoz a actividade desenvolvida no seu concelho, mas até substituía «de alguma forma o ouvidor quando se encontrava no Vimieiro» (Fonseca, 1998: 32). Mas para além da intervençom em questons administrativas, Fonseca (1998: 39) pom em destaque que «o 4.º conde do Vimieiro não se limitou a intervir junto do ouvidor e dos oficiais camarários, interessando-se igualmente pelo bem estar da comunidade da sua área de jurisdiçom», o qual pom em relaçom com «a sua personalidade esclarecida» e com «as práticas reformistas de intervençom social, iniciadas no país nesta segunda metade do século XVIII».

Outra das preocupaçons fundamentais do Conde, também coerente com a Ilustraçom, era a agricultura e, conseqüentemente, o «abastecimento alimentar» da zona⁹⁵: dava ordens em relaçom à vigilância do gado responsável pola destruiçom de culturas, «incentivava as autoridades municipais a organizar montarias aos lobos e porcos bravos», e (Fonseca, 1998: 41)

proibia a venda de trigo para fora do termo, sem se proceder a uma prévia avaliação da quantidade necessária aos moradores, até à próxima colheita. Os produtores do concelho deivam obrigatoriamente deixar no celeiro comum os terços do trigo nele produzido, para fazer face a eventuais anos de escassez. O donatário recomendava a prisão de quem se furtasse a tal obrigação, e censurava a edilidade por não vender ao público o trigo dos terços.

Outras das intervençons do Conde no Vimieiro tinham a ver com a manutençom das escassas infraestruturas, como a limpeza de poços, reparaçom de vias e edificios públicos, etc., ou, também, com a dotaçom de um médico para a vila (Fonseca, 1998: 43), as quais Fonseca (1998: 45) relaciona com o despotismo esclarecido, qualificando a atitude Sancho de Faro de

simultâneamente [sic] justiceira e paternalista [...]. Em nome do povo, “*cujo bem me deve sempre o maior cuidado*”, exercia implacavelmente a justiça, “*não tendo prediçoens*”. Zelava pelo cumprimento rigoroso das leis, esforçando-se ele próprio por dar o exemplo. Advertia com idêntica severidade quem infringisse a legislação régia, as suas próprias determinações, ou as posturas municipais. A obediência às leis incluía necessariamente o respeito escrupuloso pelas hierarquias e respectivas prerrogativas. Daí, o empenhamento de D. Sancho na defesa dos seus poderes senhoriais. Condenava prontamente tudo quanto considerava “*attentado contra a Minha autoridade*”, e não perdoava a

⁹⁵ O dito pode ser posto em relaçom com a petiçom juntada ao envelope que acompanhava o original de *Osmia* apresentado ao concurso da ACL e ainda com um documento conservado na BN com umha requisitom de livros do Conde de Vimieiro, a maioria dos quais sobre cultivo de diferentes espécies. Todo isto vai ao encontro do dito por António da Costa (1892: 255), que atribuía aos Condes um grande interesse pola investigaçom neste âmbito, e segundo o qual aplicavam na sua casa de Alcoentre, «com espirito pratico, todos os melhoramentos agricolas».

falta de respeito pelos seus direitos, mesmo quando praticada na pessoa dos seus criados

Finalmente, a autora conclui (Fonseca, 1998: 65) que se bem as prerrogativas concedidas aos Senhores do Vimieiro no século XVI permaneceram inalteráveis até a extinção da casa em 1801, «o factor verdadeiramente caracterizador do poder senhorial era a sua forma de exercício. No Vimieiro, a participação directa e empenhada do conde D. Sancho de Faro e Sousa terá criado (ou apenas continuado?) um estilo de poder que sobreviveu ao próprio donatário». E, numa última reflexão de grande interesse, Fonseca (1998: 66) relaciona este recolhimento do Conde à sua jurisdição com a perda de poder que para a primeira nobreza supunha a consolidação da centralização do poder na figura do Rei e do seu governo, particularmente em Portugal a partir do reinado de D. José I:

a grande nobreza ia sendo progressivamente afastada de cargos políticos, administrativos e até militares, para cujo exercício o critério de competência técnica se ia crescentemente sobrepondo ao do nascimento. Restava-lhe, por isso, o poder senhorial, como meio de exercer e garantir a posse de velhos privilégios, atribuídos ao longo de séculos de forma desigual e arbitrária. Embora possuindo um peso e influência variáveis consoante a posição hierárquica, os vários escalões da nobreza tinham de comum a preocupação constante pela defesa dos seus privilégios, dos quais dependia a sua própria sobrevivência como classe.

Só temos um senão ante esta hipótese, é e que tanto a própria Teresa Fonseca como Nuno Monteiro coincidem em afirmar que este empenhamento no controlo do poder local e da intervenção na política e na sociedade do lugar que dava nome ao título e que se encontrava sob jurisdição do senhor não era, nem muito menos, o comportamento habitual por parte da primeira nobreza da Corte, a qual, progressivamente, desde os finais do século XVII se foi radicando em Lisboa, substituindo a política local pela política de Corte. Entendemos, pois, que, se bem, evidentemente, o afã de conservar o poder senhorial frente à unificação sob o poder absoluto do monarca é um factor fundamental para explicar o grau de intervenção de Sancho de Faro no Vimieiro, dada a excepcionalidade da sua actuação deveremos ter em conta também outras questões como pode ser o peso dumha forte ideologia de Corte ilustrada, o relacionamento com ilustrados da Áustria, onde o poder senhorial era muito mais importante, e até os conflitos políticos primeiro com Pombal e depois com o governo de facto do futuro D. João VI a partir dos meados da década de 80, os dois

momentos nos quais podemos verificar umha maior ausência dos Condes da Corte lisboeta.

Com esta caracterização das origens e da actuação de Sancho de Faro, queremos pôr em evidência a importância de umha determinada ideologia de tipo ilustrado na sua concepção do poder e da sociedade e, conseqüentemente, nas suas actuações, porque estas vam ser nom só perfeitamente coerentes com as da sua esposa, mas, até, em nossa opinião, determinantes para o estabelecimento da aliança entre ambos.

No plano intelectual, a casa de Vimieiro era reputada já antes de assumir Sancho de Faro a sua chefia como umha das mais ilustradas de Portugal, assim o confirmando a inclusom da sua biblioteca como umha das melhores do país antes do Terramoto de 1755, tanto pola referência já citada de Ribeiro dos Santos como pola atenção dedicada por José Silvestre Ribeiro (1914) em *Apontamentos históricos sobre Bibliotecas Portuguesas*, e ainda polo Conde da Ericeira (1724) em *Collecção dos documentos e memórias da Academia Real da Historia Portuguesa*, segundo refere Ribeiro (1914: 73). Todos os testemunhos recolhidos, alguns deles expostos acima, no capítulo dedicado ao estado da questom, coincidem em afirmar que se tratava dumha casa com amplas preocupações no terreno da cultura, que até exerceu um certo labor de compilação de manuscritos e documentação antiga na região sobre a qual exerciam algumha influência, recolhendo na sua afamada biblioteca textos procedentes da do Chantre de Évora Manoel Severim de Faria e de Martim Afonso de Sousa. Esta tradição, polo que podemos ler em, por exemplo, Teófilo Braga continuou durante o tempo de actuação dos 4.^{os} Condes, que compilárom novos manuscritos, principalmente dos seus contemporâneos e correligionários como, por exemplo, António Dinis, alguns dos quais, sempre segundo Braga, fôrom utilizados para edições coevas.

Em definitivo, queremos pôr em destaque que as poucas informações sobre as origens e trajectória política e intelectual de Sancho de Faro remetem para um perfil ilustrado, com interesse na acumulação e difusão de conhecimentos e na intervenção social, que se reflectem na preocupação pola ordenação das infraestruturas e da economia do Vimieiro, pola melhora da qualidade de vida dos habitantes sob a sua jurisdição e, também, pola preservação e acrescentamento do seu património familiar, tanto na vertente mais material, que se traduz, por exemplo, nas obras de ampliação e

melhora dos edificios senhoriais, como na vertente mais intelectual, o que tem como consequência o aumento da conhecida e reputada biblioteca dos Condes de Vimieiro.

Isto suposto, entendemos que nom estará fora de lugar colocar a hipótese de que esta aliança tem as bases da igualdade sempre procurada nos casamentos nobres, nom só na escassez de rendimentos económicos ou na similar antigüidade das casas, mas, sobretudo, na coincidência ideológica dos nubentes, que fai com que ambas as casas ponham em valor o seu capital cultural por cima de outras consideraçons.

Mas é evidente que esta posta em valor do capital cultural nom repercute exclusivamente na questom das alianças matrimoniais, mas também numha certa imagem que já na altura se tinha dos Senhores de Ficalho, e que podemos corroborar acudindo, em primeiro lugar, ao testemunho da Gazeta de Lisboa (nº 6 09/02/1779, p. 4):

Antonio José de Mello, senhor de Ficalho, desejando conservar os monumentos da nossa Historia, e descubrir os que as injúrias do tempo tiverem encuberto, tem começado a fazer no seu Palacio huma collecção dos que se achão no termo das Villas de Serpa, e de Moura, onde em tres differentes sitios se tem descuberto consideraves ruinas de povoações Romanas, que as excavações, que nellas se continuão, darão melhor a conhecer: por ora os monumentos, que se tem descuberto, consistem: 1.º, em huma ara com esculturas de relevo: 2.º em dous cippos sepulcraes com ornamentos de relevo, e inscripções: 3.º em outros tres cippos sepulcraes em fôrma de barricas de marmore com inscripções: 4.º em varias columnas de hum até quatro palmos de diametro: 5.º em frizos, e capiteis de ordem corinthia, e em varias outras cousas notaveis, de que em outro lugar mais conveniente se fará mais particular menção.

A mesma ideia aparece repetida para o Conde de Vimieiro no elogio fúnebre escrito polo seu amigo o abade Correia da Serra, afirmando que o Conde tinha aberto «no leito da morte o exemplo de deixar a Academia legataria de parte do seu Muzeo».

Parece-nos, portanto, que tanto a casa de Ficalho como a casa de Vimieiro tinham na segunda metade do século XVIII um certo prestígio e umha certa fama como representantes da nobreza intelectual portuguesa, o que nos coloca ante uns Condes de Vimieiro como agentes com escasso poder económico, umhas implicaçons políticas claramente definidas, que provocam que a sua posiçom neste campo seja pouco estável e sujeita às contingências das mudanças governo, mas com umha posiçom relativamente sólida no campo cultural, vinculada ao seu amplo e conhecido capital cultural e à sua participaçom em diferentes instituïçons ou iniciativas que veremos com pormenor nos seguintes capítulos.

Entendemos que a esta luz deve ser interpretado também o interesse de Sancho de Faro por construir um obelisco em homenagem à sua mulher, no qual, precisamente, os elementos que são postos em destaque são aqueles que fazem referência à sua formação intelectual. Em quatro cartas escritas a Leonor de Almeida entre Abril e Junho de 1774 a Condessa de Vimieiro descreve o monumento que o seu marido encomendou ao engenheiro Valleré⁹⁶ para honrá-la, começando por aludir a um aspecto que nos parece fundamental em todas as actuações dos Condes, que é a perspectiva da posteridade ou da glória: «quando eu poder heide mandar uma historia dos caprixos, comq o meo Sancho me recomenda à posterid.^e» («Vimr.^o 8 de Abril de 1774»). Na continuação, anuncia o envio do rascunho da obra, carta na qual insiste novamente na ideia da fama: «quero mandarte o risco da obra, em que fica á posterid.^e uma Tersea⁹⁷ de Pedra, e então irão as Inscriptoens e Epigraphes que a ornaõ» («Eu bugiar! com estas cans!»⁹⁸). Nas duas últimas cartas desta sequência, Mello Breyner informa a sua amiga dos textos que vão decorar o obelisco:

Ora levai p.^a confuzaõ m.^a o que esta na quarta medalha/ Memoriae aeternæ/ D. Teresia a Mello Breyner femina/ Natalibus, ingenio,/ Moribus clarissime/ D. Sanctius de Faro Sousa/ IV Vimieiriensis Comes/ Conjugi Suavissima/ Et de Se/ B: M:/ P: anno (1) DCC.LXXIV

Tudo o que vez [...] ⁹⁹ sobre tres ordens de conchas com tal declive que apenas bate nellas salpica tudo corre em figura de cascata. as pedras são magnificas, e estão bem trabalhadas. o Lago he redondo no meio tem uma penha sobre a qual esta o tal obelisco cuja altura podes medir na escala que tem pelas coztas. A obra era digna de empregarse em melhor objecto ingenuam.^{te} te confeço que me entristesse vela obrigame a ternura d'um marido, que pro[...] a eternizar a m.^a memoria; mas quando[...] diz de mim naquelle padraõ da sua[...] amizade fazme o feito q[...] se depois de observar uma campa[...]ssasse e examinar as cinzas q[...] ¹⁰⁰ Tomara q tentasses este cam.^o Dirás que he pequena esta carta? Tens razaõ p.^a a achares importuna: o risco do obelisco he de Valleré as inscripçoens são d'Antonio Deniz, e a escolha do Epigrafe, excepto o que illustra o trofeo q foi elleiçaõ do Sr' meo Alfido («Seria na verd.^e eterna a m.^a carta»)

⁹⁶ Louis Antoine de Valleré foi comandante do regimento de artilharia nº 3 do Alentejo entre 1762 e 1789 e comandante do regimento de artilharia nº 1 da Corte entre 1789 e 1791. Entre as suas obras de engenharia militar pode-se citar o Forte do Bom Sucesso. Das civis interessa-nos o risco deste obelisco dedicado por Sancho de Faro a Teresa de Mello Breyner, obra que lhe foi encomendada devido à estreita relação que mantinha com os Condes.

⁹⁷ *Tersea* é um dos nomes utilizados por Mello Breyner na sua correspondência, variante de Teresa comum na época.

⁹⁸ Para conhecer os pormenores da datação destas cartas remetemos para o apêndice que recolhe a correspondência completa da Condessa.

⁹⁹ As reticências colocadas entre parênteses verticais estão a indicar em todo este trecho lacunas na transcrição provocadas pelo mau estado do suporte físico da carta, e não a extractação do texto, o que provoca uma pequena incoerência sintáctica.

¹⁰⁰ As lacunas são devidas ao mau estado do documento, ao qual falta um pedaço de papel que afecta a 13 linhas.

Pouco depois a Condessa remete todos os textos que se podem ler nas quatro caras do obelisco:

Ahi te mando o risco; não faças cazo das letras das medalhas, que nada dizem. Por elle veras que são quatro em uma está o meo busto com bastante semelhansa: o tocado he neglig.^{te}, e tem no mesmo ar um ramo de loiro; os epigrafes q lhe correspondem são, á roda,
cui laurus æternus honoris /[sic] orat : ode 1ª 1º 2¹⁰¹// Por baixo /com vergonha escrevo esta mentira/[sic] // Insigne maestis prosidium/[sic] mesma ode¹⁰²// Esta medalha olha p.^a o jardim q fica ao lado da caza, por ora, e a seu tempo crescerá esta otro tanto, e ficará p.^a a entrada principal da mesma caza, jardim &r.^a Na medalha oposta, q diz p.^a o bosque, tem um trofeo de muzica, e poezia, e os epigrafes desta são á roda, // omne tullit punctum.// No livro q tem aberto// Commiscuit utile dulci /[sic] Ora. Poetica // Por baixo... superbo // Nom humilis mulier triumpho/ Oratio: od: 37 [L.: 1º]¹⁰³// Em uma das otras medalhas que diz p.^a o jardim oculto tem esta inscripção //Nais// Hujus sacri custodia laceis, // Quisquis est, // Hoc tibi edico hospes// Bibequesce, // sub tanto et nominis umbra, // urbanas expellito curas. («Vimrº 10 de Junho de 74»)¹⁰⁴.

Em pleno período pombalino, com os Condes afastados da Corte e parte dos seus amigos no exílio ou na cadeia, os Vimieiro decidem levar a cabo umha obra na qual se pom em valor o capital cultural da Condessa e se evidenciam traços sentimentais. Parece claro que Sancho de Faro nom só pretende fazer umha homenagem à sua mulher, mas também fazer ostentaçom de dous elementos que podem ser postos em jogo como elementos de distinçom: o capital cultural e o amor conjugal. Do primeiro destes elementos já temos visto a importância que pode ter para explicar as estratégias de intervençom da Condessa de Vimieiro em todos os campos, quanto ao segundo, queremos pôr em destaque que ao longo de toda a correspondência, mas talvez particularmente neste primeiro período de cartas a Chelas, tem umha importância fundamental a presença do sentimentalismo como elemento definidor e caracterizador de umha classe social e, dentro desta, de um grupo concreto.

¹⁰¹ Em Horácio: «cui laurus æternos honores» (Fernández-Galiano/ Cristóbal, 1990:174).

¹⁰² «Insigne maestis praesidium (Fernández-Galiano/ Cristóbal, 1990:174).

¹⁰³ Entre linhas.

¹⁰⁴ Chamamos a atençom para a existência de algumas diferenças entre o texto das cartas de Teresa de Mello Breyner e a leitura feita por Túlio Espanca a partir do obelisco. O mau estado de conservação actual do monumento impediu-nos fazer a nossa própria leitura a partir da obra definitiva.

II.3.3. Conclusões

Embora os dados de que dispomos em relação com o peso do capital cultural no mercado matrimonial e, concretamente, com os primeiros anos de formação de Teresa de Mello Breyner e de Sancho de Faro e Sousa sejam escassos, julgamos que não é aventurado concluir que numa determinada altura em que já a Ilustração se tinha introduzido com força entre determinados sectores da nobreza portuguesa, o capital cultural é posto em valor por determinadas casas que não têm grandes rendimentos económicos, mas uma tradição tanto de serviço à coroa como de ampla formação dos seus membros, que desta maneira se diferenciam tanto das casas enobrecidas (ou engrandecidas) recentemente, beneficiadas pelo pombalismo e que têm como maior capital os seus amplos rendimentos económicos, como da burguesia mercantil ascendente que é vista como uma ameaça ao seu poder económico.

Precisamente a penetração das Luzes nestes sectores vai contribuir para que a valorização do capital cultural não fique só como um argumento para ser utilizado para a concertação de matrimónios, mas, ao contrário, vamos ver como de maneira frequente, determinadas casas são elogiadas pelas suas virtudes neste campo, promovendo aqueles comportamentos que se relacionem com a conservação do património ou com a difusão do conhecimento, o que pode servir para conseguir uma melhor posição no campo social, que seria periférica se só fossem tidos em conta os seus rendimentos económicos ou a sua relação com o poder, pois foi visto acima como esta é mudável ao longo da segunda metade do século.

II.4. Trajectória e intervençom no campo de Teresa de Mello Breyner nos últimos anos do reinado de D. José I (1770-1777)

II.4.1. Objectivos

Neste capítulo analisaremos as relaçons de Teresa de Mello Breyner e a sua família, assim como a de determinadas pessoas do seu entorno (particularmente Leonor de Almeida e o Duque de Lafões) com o governo pombalino, procurando delimitar, a partir dessas relaçons, a existência de diferentes grupos ilustrados em Portugal. Interessa-nos ter em conta, em particular, se a oposiçom a Pombal implica necessariamente a defesa de umha ideologia vista como “retrógrada” polos seus contemporâneos ou se esta oposiçom é compatível com umha ideologia ilustrada, deduzindo daí a existência ou nom de grupos ilustrados antipombalinos¹⁰⁵. Por outra parte, também tentaremos identificar quais som, no caso de existirem, as diferenças ideológicas entre os ilustrados «pombalinos» e «antipombalinos».

Desconhecemos qual era nesta altura o nível de relacionamento entre os Condes de Vimieiro e o Duque de Lafões¹⁰⁶, e nom temos elementos suficientes para colocá-los nesta altura como fazendo parte dum mesmo grupo, até porque neste momento Lafões se encontra fora de Portugal. No entanto, interessa-nos saber que sucede com Lafões nesta altura porque será a única maneira de perceber a estreita relaçom que se estabelece entre o Duque e os Condes a partir do regresso deste a Portugal em 1779.

Paralelamente, procederemos à análise da correspondência conservada de Teresa de Mello Breyner durante este período, endereçada exclusivamente às três mulheres da casa de Alorna retidas no convento de Chelas, particularmente a Leonor de Almeida. Através destes textos estudaremos umha das vias privilegiadas para o intercâmbio de ideias nesta altura, a correspondência, que serve à Condessa de Vimieiro e a Leonor de Almeida, como teremos ocasiom de comprovar, para difundir ou receber elementos de repertório ideológico, estético, comportamental, etc. por meio umhas vezes da citaçom,

¹⁰⁵ Queremos lembrar aqui, mais umha vez, que este tipo de verbetes só temem sentido quando vistos desde a contemporaneidade do objecto de estudo, nom desde a actualidade. Quer isto dizer, que nom pretendemos avaliar o “progressismo” ou “conservadorismo” das propostas e actuaçons dos diferentes grupos de umha posiçom ética moderna, mas simplesmente saber como eram interpretadas essas propostas e actuaçons na segunda metade do século XVIII, ou, dito doutro modo, em que lugar do sistema colocavam os seus defensores.

¹⁰⁶ O Marquês de Bombelles informa no seu diário (Kant, 1979: 204) da antiga relaçom entre o Duque e a Senhora de Ficalho, mas nom especifica se esta relaçom se manteve por via epistolar durante a estadia europeia de Lafões nem de que altura concreta procede a relaçom com a filha daquela.

outras do envio de textos integrais próprios ou alheios, ou até da discussom de ideias e propostas de determinados autores como Rousseau ou Montesquieu, que se constituem em elementos de polémica entre Vimieiro e Almeida. Para este estudo teremos em conta as circunstâncias concretas que condicionam o envio e a recepçom das cartas, que som postas em evidência polas próprias Teresa de Mello Breyner e Leonor de Almeida, como som a censura e leitura de cartas, a pouca seguridade das vias convencionais dos correios, e as alternativas encontradas para enviar determinado tipo de informaçom mais “confidencial”.

Por suposto, a partir dos dados objectivos de que dispomos, que, para já, nom som muitos, trataremos de abstrair algumas formulaçons mais gerais sobre a epistolografia na segunda metade do século XVIII em Portugal.

II.4.2. As casas de Vimieiro, Lafões e Ficalho perante o governo do Marquês de Pombal

II.4.2.1. O retiro dos Condes de Vimieiro

Se examinarmos a correspondência da Condessa de Vimieiro prestando atençom à dataçom de cada umha das cartas, é fácil comprovar que nom hai umha só carta endereçada a Chelas datada na cidade de Lisboa¹⁰⁷. Existe um volume razoável de cartas cuja dataçom nom é segura ou nas quais simplesmente nom se indica o lugar do qual estão escritas, mas este dado, particularmente se comparado com a abundância de cartas datadas na capital a partir de 1777, entendemos que é revelador da situaçom de afastamento da Corte dos Condes de Vimieiro no período pombalino. Embora nom disponhamos de depoimentos explícitos dos Condes que justifiquem este afastamento, alguns indícios presentes sobretudo na correspondência de Teresa de Mello Breyner poderão ajudar-nos a formular algumha hipótese sobre este assunto.

¹⁰⁷ A estes efeitos remetemos para o índice cronológico da correspondência de Teresa de Mello Breyner que oferecemos em apêndice.

Vimos no capítulo anterior que a origem social tanto do Conde como da Condessa de Vimieiro os coloca no âmbito de umha nobreza de Corte com (relativamente) pouco capital económico mas abundante capital cultural e um certo capital simbólico, ao menos entre um grupo, que nom conseguimos delimitar exaustivamente, de famílias regidas polo mesmo “código”, que privilegiaria a antigüidade das linhagens, os anos de serviço à coroa e a formaçom intelectual por cima dos rendimentos económicos. Paralelamente, nas suas respectivas casas, de acordo com o visto, parece que existia já de antigo um certo pendor que as inclinava para umha ideologia ilustrada, que os 4.^{os} Condes de Vimieiro abraçam sem nengumha dúvida¹⁰⁸. Todos estes elementos dam como resultado um ideário ilustrado, elitista, aristocratizante e de forte carácter interventor, até o ponto de tentar substituir, na medida do possível a actuaçom do estado, apenas consolidado nesta altura.

Desconhecemos que sucedia com os Condes de Vimieiro desde a chegada ao poder de José Sebastião Carvalho e Mello em 1755 até o começo da correspondência (conservada) de Teresa de Mello Breyner a Chelas em 1770¹⁰⁹, mas o que parece evidente é que já nessa altura os Condes ou bem nom som vistos com bons olhos em Lisboa, ou bem pretendem demonstrar com um gesto público o seu descontentamento com o governo. Entendemos que o conflito com Carvalho e Mello procederia, em parte, da colisom ideológica entre um nobre de fresca data que empreende açõs para promover os da sua classe e umha casa de antiga linhagem que aspira a conservar os seus privilégios adquiridos por meio de anos de serviço à coroa, pois esse era o velho pacto entre a monarquia bragantina e a nobreza de Corte.

Em qualquer caso, devemos ter também em conta que os Vimieiro procediam dum ramo da família Távora, o que, dado o conceito de casa, família e linhagem da altura (vid. Monteiro, 1998) os convertia, em certa forma em danificados polo processo contra a Marquesa de Távora e outros elementos desta casa polo intento de regicídio contra D. José I a 3 de Setembro de 1758. Neste sentido, em carta nom datada, mas escrita, já durante o reinado de D. Maria I («Minha querida Oeyenhausen. Não te posso escrever m^{to}»), a Condessa de Vimieiro, informando a Condessa de Oeyenhausen sobre a publicaçom do decreto assinado pola Rainha eximindo o Marquês de Pombal do

¹⁰⁸ Referimo-nos particularmente às referências já vistas em capítulos anteriores à “Ilustraçom” de monsenhor João de Faro, tio, tutor e responsável pola formaçom de Sancho de Faro, ou à aludida tradiçom de mulheres com formaçom intelectual na família de Teresa de Mello Breyner, assim como a educaçom desta e dos seus irmaos e irmãs por parte de Isabel Josefa Breyner, proposta tipicamente ilustrada e que nem todas as mulheres da nobreza portuguesa estavam em posiçom de secundar.

¹⁰⁹ Esta é a data da primeira carta datada, embora, a julgar pola evoluçom do tratamento que a Condessa de Vimieiro dá a Leonor de Almeida, seja possível que alguns dos textos nom datados poda ser anterior.

cumprimento das penas corpóreas estabelecidas contra el num decreto anterior, fai umha declaraçom de reafirmaçom como membro da linhagem dos Távoras que esclarece o que pode ser o sentimento de parte das casas procedentes desta:

sou Tavora, sou Portuguesa, e he o que basta p^a que me importe tanto como o meu proprio credito, a restituicão de uma familia que eu sei esta individam^{te} manchada na [--]¹¹⁰ do universo e otro nenhum enteresse pode pezar p.^a mim mais que o gosto de a ver restituir a todo o seu gr.^{de} e bem merecido explendor: sem isso não poderá ser completam.^{te} gloriozo o Reynado da nossa bella soberana, nem restaurarse a gloria offuscada do nome de seu Pay o qual em tres decretos successivos ordena que se averigue a verd.^e p.^a que não padessa a inocencia.

Nas palavras de Mello Breyner vemos que, por um lado, iguala a sua honra à da casa de Távora e, por outro, repetindo o discurso habitual da primeira nobreza, identifica também o prestígio e boa posiçom desta casa com o próprio crédito tanto do Rei responsável pola sua destruiçom como da Rainha actual. Disto, e doutras atitudes constantemente repetidas durante o reinado de D. José em favor das prisioneiras de Chelas, pode deduzir-se facilmente a implicaçom dos Vimieiro com a causa dos Távoras, tanto por motivos “de casa” como de classe.

Embora saibamos através dos escritos da Condessa que viajava com certa freqüência a Lisboa para determinados “negócios” que desconhecemos, para visitar a sua amiga e para negociar vantagens para esta, evidencia-se nas cartas que nom freqüenta o Paço como podia fazer noutra altura, ainda que em algum caso aluda à sua presença na Corte. Som inúmeros os textos que podemos extractar da correspondência que fam referência ao seu percurso polo Paço, dos quais analisaremos alguns que nos podem dar indícios suficientes para entender a posiçom de Teresa de Mello Breyner na Corte antes e durante o período josefino.

Em primeiro lugar, é evidente que a posiçom de damas da Rainha tanto de sua avó como de sua mai permitiu que a futura Condessa de Vimieiro vivesse na Corte desde os primeiros anos, tal e como ela afirma em carta datada em «Estremoz 22 de Outubro de 1770»: «eu vivi sempre na Corte aprendendo nos outros aquilo, de que devia acautellarme». Neste momento Teresa de Mello Breyner tem 31 anos, do que deduzimos que esse “sempre” deve fazer referência à sua primeira juventude, particularmente antes do seu casamento. Esta ideia, como vimos já noutro lugar, é confirmada polo Marquês de Bombelles, que, lamentando-se da queda em desgraça da Condessa de Vimieiro na

¹¹⁰ Este fragmento do texto é ilegível pola presença de manchas no papel.

Corte já na década de noventa, afirma que: «on n'a rien négligé pour écarter de tout intimité avec la souveraine une femme qu'elle a aimée, que a passé sa jeunesse avec Sa Majesté étant dame de cour» (Kann, 1979: 193). Não há dúvida, portanto, da presença e boa posição de Teresa de Mello Breyner na Corte no período joanino, mas veremos que as coisas mudam a partir de uma dada altura, que não podemos verificar com exactidão, mas que, parece evidente, deve coincidir com o reinado de D. José I e, mais precisamente, com o governo de Pombal e com o posterior juízo contra os Távoras.

Assim, já na década de setenta, data a partir da qual temos localizada correspondência da Condessa, encontramos provas evidentes do seu afastamento da Corte com trechos inequívocos, aludindo em várias cartas à solidão em que vive: «Os meus cuidados, e outras perturbações, que apesar *desta paz, que hoje logra o coração* vem perseguir-me ainda no centro do meu retiro» («Vimr.º 3 de Ag.º de 1770», itálicos no original) ou «as grandes conversações que tenho com a m.^a alma no centro desta solidão» («Estreoz 14 de Fevr.º de 1771»).

Em determinados lugares, coloca as dificuldades que este retiro lhe provoca, tanto à hora de levar adiante as suas negociações em favor das prisioneiras de Chelas como para acudir a visitá-las:

Se eu estivesse em Lisboa, por amor de ti havia cultivar uma amizade, que tenho evitado, e que há dois anos me [----] [-]m[--]tave uma amiga, a qual se me respondera as cartas, que lhe escrevo, podia grangear alguma liberdade mas esta he estranha; e ainda que quando ha de falar de mim, tem a linguagem da amizade; quando deve escrever perde o uso de q.^e apreensão, e não acaba de provar com expressões da sua pena, o q.^e publica em todas as ocasiões a sua voz. Não quiz a Provid.^{cia} fixar a m.^a vivenda em parte, onde te fosse útil: isso he só o que me desconçola no meio da paz, q.^e me grangeia o silencio deste retiro. («Vimr.º 2 de Mayo de 1771»)

Amiga do meu coração se eu podera largar esta vivenda crês tu, que fora a m.^a saúde quem me levasse aos teus pés? A minha amizade he mais poderosa em mim que o amor da vida; verte servirte, ser como tu dizes a tua consolação são bem mais fortes atractivos, que a melhoria de saúde que me podia resultar desta mudança. O Destino quando tirou da urna a m.^a sorte lançou neste retiro, e tu sabes que os grilhões do fado são indissolúveis. Com tudo, como stiges não foi garante deste arrojo, pode ser que ainda a fortuna me dê um sopro favorável, e então levando a m.^a sorte a melhor terreno habitarei contigo, os campos que occupares, e talvez me converta por imitação, e apego, em sombra da tua amável figura («Vimr.º 19 de março de 1773»).

Noutros lugares, a Condessa evidencia que os motivos que em determinadas ocasiões a impedem de ir a Lisboa são realmente políticos:

Eu pouco sei ainda do meo destino; mas sei que a Lisboa não vou ainda que vá as caldas: ha certas razoes politico-criticas que me detem/ nos campos innocentes/ onde dizem que as ultimas pizadas/ a fugitiva Autrea cá deixou/ Quando os omens de todo abandonou. («Como os *cachorros* são simbolos de fidelidad^e»)

Isto nom significa que o seu afastamento de Lisboa seja total, e, de facto, som numerosas as cartas em que Mello Breyner fai referênciã às visitas às suas amigas em Chelas ou até à sua dupla imagem pública, umha motivada pola sua actividade social lisboeta e outra polo seu retiro no Alentejo:

Julga a gente, que em Lisboa me vê gaitera, que he incompativel com o meo genio esta sollidaõ, a que me conduzio a fortuna, q^{do} me unio ao bom Alfido¹¹¹; enganase uma doce paz se derrama nos meos prazeres innocentes; e se lhe não faltara o gosto de te conciderar, e aos teos em igual socego, tinha m.^{to} de felicid.^e p.^a se possuir neste valle de mizerias. («Estremoz no ultimo dia do anno de 73»)

Este último trecho recolhe também duas ideias que nos parecem fulcrais para entender a posiçom e a funçom de Teresa de Mello Breyner no campo intelectual português da segunda metade do século XVIII: umha é o destino do Conde de Vimieiro a Estremoz, e a outra a adopçom deste retiro nom exactamente como umha consequência dumha situaçom política adversa, mas como um elemento de distinçom frente a outras casas que durante o período D. José-Pombal continuam desenvolvendo umha actividade normal na Corte.

Quanto ao primeiro, julgamos revelador que o Conde seja enviado à praça militar de Estremoz em 1768, destino que ocupa até 1779. A relativa coincidência das datas com o matrimónio com a filha dos Senhores de Ficalho (1767) e com o começo do reinado de D. Maria I (1777) parecem evidenciar um “exílio” dentro do próprio país, porque Sancho de Faro, em lugar de ter um papel na Corte é destinado a umha praça militar relativamente isolada, o que separa também da Corte a sua mulher, amiga de longa data da presuntiva herdeira de D. José e futura Rainha, como vimos acima.

Em relaçom com a utilizaçom deste hipotetizado “exílio” parece-nos umha estratégia interessante por parte da Condessa para conservar o prestígio e a imagem social da sua casa utilizar um tópico clássico como o “*beatus ille*” e adscrever-se também, por outra parte, a umha nova corrente estética como o sentimentalismo. Sem entrarmos agora em maior pormenor em relaçom como o sentimentalismo, que será objecto de atençom mais adiante, queremos simplesmente pôr em destaque que, em

¹¹¹ Pseudónimo do seu marido Sancho de Faro e Sousa, quarto Conde de Vimieiro, identificado na correspondência como Alfido ou La Rochefaucauld.

lugar de assumir o desterro em Estremoz como um castigo político, a Condessa utiliza-o como elemento de distinção, que coloca a sua casa num lugar diferente do ocupado por outras casas que se adaptáram à nova política de D. José e Pombal. Desta maneira, som muitos os textos em que Mello Breyner avalia as virtudes do sossego e do retiro:

naõ posso dizerte, que elle [o silencio deste retiro] me desagradea acomodasse com o meo genio, inimigo de barulho; a minha imaginaçaõ acha nestes bosques, que principiaõ, huma liberdade de discorrer, de se aproveitar do que le q.^e me lisongeia, e m.^{to} mais quanto cuido em ti: tu es o meo *genio favoravel*, as vezes me fallas; outras te respondo; e sempre acabo agradecida á m.^a imaginaçaõ pelo que me representa, ainda que me custe taõ caro, pagando com saud.^{es} a suavid.^e destas locuçoens («Vimr.^o 2 de Mayo de 1771«).

se tu tivesses a vocaçaõ que eu tenho p.^a a vida sollitaria, nada te custaria viver nos ermos d'Almada, huma vez que he indispençavel separar de huma tal May p.^a conservar a vida. Deos te previna lá a saude; mas eu quizerate... naõ sei donde: a Providencia te guie, e te conserve («Como os *cachorros* saõ simbolos de fidelidad^e»).

elle vaisse, p.^a o seo destrito, e nos p.^a o nosso retiro do Vimr.^o até 6 de novo Anno. Tu sabes que o ar da Provincia naõ me he contrario; se eu podera ter comigo hum terno de tristes amigas, e m.^a May, crême q nada me faria suspirar por Lisboa; porq ainda q deva m.^{to} a outras, e que as m.^{as} parentas mostraõ q me dezejaõ, eu sei que lhe naõ faço verdr.^a falta. O mais que costuma lizongear nas Cortes naõ me faz a mim appetite. A socied^e he oje taõ pencionada, e esses pocos talentos, q D.^{os} fiou de mim valem taõ poco vulto onde todos querem brilhar, que nada me lizongeaõ os votos dos cortezaõs sempre suspeitosos aos que se coztumaõ a singeleza do campo («Lillia, Amabelissima Snr.^a do meo coração»).

quanto serve estar longe de Lisboa! Se me naõ fosse mais deficil procurar o teo alivio, se me naõ custasse tanto passar mezes, e talvez annos, sem te ver, nada acharia melhor, q a distancia de uma corte invenenada («Estremoz 9 de Dez.^{bro}»).

Este gosto polo retiro, tem também o seu reflexo na vontade de nom aparentar nunca ostentaçom nos gastos nem nos usos sociais, o que leva a Mello Breyner a presumir de nom estar habituada a utilizar tecidos ricos, mas grosseiros:

hoje m.^a Lilia enfeiteime em corpo e alma p.^a dar a m.^a May os parabens do[s an] nos d'uma galante f.^a, que lhe ficou em [-----] Imagina como estarei cançada: o corpo e[s]tranhando tudo o q naõ he baeta; e a alma forcejando em vaõ por despir os maõs [sic] abitos, e buscar nas fontes das graças, o sollido ornado da virtude («Vimr.^o 5 de Março de 1773»).

Vemos, portanto, como o retiro é intencionalmente associado por Mello Breyner ao estudo, à reflexom, à moderação no gasto e aos sentimentos sinceros, tanto pola família como polos amigos, opondo-se à frivolidade da sociabilidade de Corte. Nom queremos dizer com isto, evidentemente, que a Condessa renuncie completamente à actividade na Corte que lhe corresponde como dama do Paço, mas que durante um período de tempo no qual é evidente que os interesses de grupo que ela defende (definidos pola pertença à primeira nobreza de Corte e a um determinado segmento dela caracterizado polo seu elevado capital cultural e pola sua ambição de intervençom directa no campo do poder) nom som os mesmos que os do grupo que ostenta o poder, tanto ela como o Conde se vem afastados (nom sabemos até que ponto voluntariamente) do centro das decisons.

Um dos elementos que nos interessa pôr em destaque, dos trechos citados acima, é a referência à Corte e aos cortesãos como “pencionados” ou “envenenados”, em oposiçom a uns valores supostamente “rurais”, modestos, e até primitivos, como indica noutro lugar («Vimr.º 21 de Junho»), onde se define da seguinte forma:

caras amigas, se conversacemos, que poco teriaõ que reear das nossas praticas aq.^{las} mesmas, a quem devora a inveja da nossa correspondencia! Eu não cuidava que huma Alentejaã groceira, separada totalm.^{te} do espirito da Corte/ e separada de tudo/ podia fazer tanto siume a quem tem tanto, com que se entretenha, será possivel que todo o tempo que a mim me falta lhes sobeje [a ellas] p.^a se empregarem nestas pedantes bacatellas? que lastima.

Como temos dito já mais parece parte da própria estratégia de distinçom respeito dos valores imperantes da Corte de que som expulsos os Condes do que umha verdadeira definiçom da posiçom que ocupam estes no sistema. Por outra parte, julgamos que o dito até aqui sobre o afastamento dos Condes de Vimieiro respeito da Corte deve ser posto em relaçom com a imagem pública de Teresa de Mello Breyner, que, segundo o seu próprio testemunho, é, se nom negativa, ao menos polémica, com referências constantes à curiosidade, escândalo, ou rejeitamento que pode despertar o seu nome.

A seguir oferecemos alguns exemplos: «agradeço-te as noticias, que me das de J:I:¹¹² tão bem para ella sou eu pedra d'escandalo? tem razão: a tua amizade he mui precioza; e se ella se persuade de que eu a logro, justam^{te}. me inveje». («Com que o *meo*

¹¹² Refere-se a Joana Isabel de Lencastre Forjaz, agente do campo intelectual coevo —era poeta e relacionou-se com diferentes escritores e científicos que eram recebidos periodicamente em sua casa— a quem nos referiremos mais adiante com maior pormenor. Francisco Topa (2000 e 2002) é o investigador que com maior atençom se tem ocupado da produçom de Lencastre Forjaz.

defluxo fazte mal ao meo peito? [itálicos no original]»); «pagoume este correio, quanto me deviaõ os passados não sei se ouve dique na passagem sei q o meo nome faz curiozid.^e e he percizo mostrar a q.^m quer que a tem que poco lucra em satisfazela» («Vimº 30 d'Abril [de 1772]»), «Tens razão de temer tudo, a tua sorte faz necessario este temor, e a m.^a amizade precisa toda a cautella» («Estremoz 11 de Janr.º de 1771»), ou

eu sou tua amiga verdr.^a, e huma vez que conheces que eu não sou qual me julgaraõ, isso me basta p.^a me contentar, e me fazer esquecer da ferida, que me abrio a tal carta, a qual dezejo que não tornes a ler, e para isso estimara deixala na m.^a maõ. Pelo que toca ao que ella diz dos meus defeitos, já te disse, que nada me scandalizava porque ainda eu me julgo peor do que me pinta o sabio/ isto he pelo que respeita a cultura do meo entendim.^{to}/ diz elle, e diz m.^{to} bem, que huma letra não ficaria em pé nas m.^{as} composiçoens, se se examinassem sem pied.^e Se dissesse o contrario fallando contigo em confiança, mostrava, ou ignorancia, ou paixão; e nenhuma destas coizas costuma preocupar aos q tem o seo character de sciencias; emfim nesta borbulha não ha mais que coçar; só o que resta que dizer he que me arrependo, e deveras, de ter mostrado que li a tal carta, porq o que eu devia fazer, em agradecim.^{to} da confiança, que de mim fizeste, era lêla, e suprimila na m.^a gaveta; he verd.^e que te fazia um robo; mas era p.^a te poupar uma confuzaõ. Não me occoreo, porque nem sempre lembra o melhor; por isso fiz o que era menos bom, e foi dar-me por entend.^a quando me tocaste na tecla. Perdoa esta incivilid.^e e nunca mais duvides da tua verdr.^a amiga, e fiel («Minha querida amiga /já mais te chamarei d'otro modo »).

saberás como a nossa correspondencia tem dado aquelle brado, que eu queria soffocar por evitarme o incomodo de pagar a despeza das conversaçoes do publico. Dizem que te escrevo todos os corr.^{os} cadernos de papel: Coitada de ti se isto assim fosse. Não sei se he inveja. Se critica; pelo que me toca fazemme onra, pelo que te respeita, estimara, que não tivessem o atrevim.^{to} de pronunciar o teo respeitavel nome. O tempo me faz estremecer por tudo o que te pertence; porem as nossas Damas, querem conversar, e onde hiraõ ellas buscar a materia, se lha não fornecer a vida alheia? que remedio senaõ sofrêlas? («Vimrº 24 de Maio de 1771»).

Destes trechos infere-se que a Condessa dá a entender que o motivo da curiosidade pode ser a “inveja” polo seu relacionamento com Leonor de Almeida; entendemos que isto podia ser devido ao elevado capital simbólico da casa de Alorna, como Távoras, especialmente entre sectores da nobreza pouco affectos a Pombal e a D. José. Parece evidente que durante o período em foco existe um grande interesse por todo o que tem a ver com as prisioneiras de Chelas, mas em determinados lugares, Vimieiro dá a entender que o objecto das intrigas, intercepçom de cartas, etcétera, nom é Leonor de Almeida, mas ela mesma. Nom temos evidências, por falta de documentaçom, de qual seria o motivo que justificaria este acoso contra a Condessa, mas parece-nos

possível colocar a hipótese de que os mesmos valores postos em jogo como elementos de distinção fossem os que criassem uma certa má reputação de Mello Breyner em determinados círculos. Julgamos que esta teria a sua origem no relativo conhecimento público das suas actividades

Em conclusão, durante o período de governo de D. José I e do seu ministro Pombal, é evidente que os Condes de Vimieiro som afastados (ou decidem afastar-se) da Corte por diferenças ideológicas entre o grupo nobre, elitista e com vontade de ostentar poder próprio no qual se inserem, e as intenções centralizadoras e restritivas desse poder da nobreza expressadas e levadas a cabo pela coroa. Este retiro, no entanto, vai servir para que a Condessa ponha em marcha uma estratégia que, ao menos ante o seu grupo, permita conservar intacto o capital simbólico da sua casa, utilizando como elemento de distinção frente a todas as demais o gosto pela vida retirada, e pondo em valor não só esse tópico clássico, mas toda uma série de valores que a ela se associam e que deliberadamente se colocam em oposição a uma certa frivolidade e até dependência dos cortesãos, que, da óptica da Condessa, não conseguiriam entender os valores da simplicidade, do estudo e dos sentimentos. Como vemos, os argumentos utilizados som aqueles que se podem considerar arquetípicos da Ilustração, que pretendia promover desde hábitos de vida saudável até a contenção das despesas das casas nobres. Isto, num momento em que politicamente as coisas não correm bem para os Condes e para alguns dos seus aliados, funciona como uma forma de conservar a sua imagem social de grupo diferente e exclusivo, apesar das eventualidades políticas, a qual lhe permitirá assumir determinadas responsabilidades no seguinte período.

II.4.2.2. O «exílio» do 2.º Duque de Lafões

João Carlos de Bragança, 2.º Duque de Lafões, parece-nos umha das personagens de maior interesse para chegar a compreender não só o campo intelectual da segunda metade do século XVIII, mas também o campo do poder. Apesar disto, é pouco o que se tem escrito sobre el, e na maior parte das ocasiões poucas informações novas se achegam, para além das referências ao seu papel como fundador da Academia das Ciências de Lisboa¹¹³.

Um dos capítulos mais obscuros e de maior interesse da sua biografia é o seu périplo europeu, que o leva a sair de Portugal em 1757 e não regressar até 1779. Durante estes vinte-e-dous anos Lafões viajou por boa parte da Europa, desde Grã-Bretanha até Rússia e conviveu com alguns dos elementos mais destacados do Continente na altura tanto do campo do poder como do campo intelectual. São várias as interpretações que se têm feito sobre esta ausência de Portugal dumha pessoa que, aparentemente, e pelo seu próximo parentesco com o Rei D. José, poderia ter umha boa posição na Corte, e que coincide quase exactamente com o período de governo do Conde de Oeiras e futuro Marquês de Pombal. A bibliografia existente fala de exílio voluntário como a consequência das más relações com Pombal, mas também há quem desminta esta teoria e fale simplesmente de viagem cultural; por seu turno, encontramos umha outra visão que nos coloca Lafões como candidato a marido de D. Maria I, preferido pelo sector nobre da Ilustração portuguesa¹¹⁴ ou até como instigador do atentado planeado para acabar com a vida de D. José I.

António Ferrão (1935), negando umha antiga teoria de Mendes Leal, que sugeria que o motivo da saída de Lafões de Portugal fora a negativa do Rei a renovar na sua pessoa o título de Duque de Lafões que até a data ostentara o seu irmão¹¹⁵, propõe que, em conformidade com as cartas conservadas entre D. João Carlos de Bragança e o Conde de Oeiras, de teor cordial e amável, só se pode argumentar que o primeiro

¹¹³ Para além de Beirão (1934), Ferrão (1935) e Carvalho (1987), que serão citados ao longo deste capítulo, algumas outras referências com informações sobre o segundo Duque de Lafões são: Dantas, Júlio (1930): *O duque de Lafões e a primeira sessão da Academia*; Lisboa: Portugal-Brasil; Bourdon, Léon (1971): «Lettres inédites du duc de Lafões à José Corrêa da Serra (1795-1804)» in *Bulletin des Etudes Portugaises*, Nouvelle série: tome trente-deux; Institut Français au Portugal; pp. 71-97; Maria Antonieta Soares de Azevedo (1972): «Ainda o manuscrito do Duque de Lafões e o retrato de Camões por Fernando Gomes»; Lisboa: separata da revista *Panorama*, n.ºs 42-43, pp. 75-95.

¹¹⁴ Caetano Beirão (1934: 60), no decurso da análise das negociações que tiveram lugar para o casamento de D. Maria ainda durante o reinado de seu pai, alude de passagem a esta possibilidade, citando como fonte de informação Lúcio de Azevedo.

¹¹⁵ Como Ferrão indica (1935: 6) isto não se verifica contrastando as datas, pois João Carlos de Bragança saiu de Portugal, como vimos em 1757, enquanto o 1.º Duque de Lafões só morreu em 1761.

começa a sua viagem por causa de alguma missom encomendada polo segundo. Em primeiro lugar propom (Ferrão, 1935: 10) que «pode, bem, presumir-se que D. João deixou o país para se ir instruir, principalmente nos assuntos militares, escolhendo para os seus desígnios a côrte de Viena», mas a seguir expom umha outra teoria com implicações mais políticas, e é que Carvalho e Mello envia Lafões a Viena para tentar concertar o matrimónio de alguma das infantas portuguesas com o herdeiro do império austríaco (Ferrão, 1935: 173-174):

de todos o preferido por Pombal era o casamento de uma das filhas do rei português com José II. Sim, êsse é que era o seu grande desígnio. Talvez, êsse sonho tivesse nascido ainda em 1746, quando êle estivera em Viena a tratar do *diferendo* de Maria Teresa com a Santa Sé. Com a subida ao poder êsse sonho deve ter-se amplificado, agigantado, tornando-se mais nítido, como que mais próximo, e Pombal deve ter ficado possuído das mais convictas esperanças que êle viria a tornar-se realidade.

Para êsse conseguimento tudo êle fez. Ambrósio Freire é enviado para Viena com as mais positivas instruções para insinuar tal aliança matrimonial. Depois, D. João de Bragança segue para ali também com o fim secreto -e tão secreto que nem êle próprio o conhecia- de se insinuar no ânimo de Maria Teresa, do imperador e dos arquiduques, prestes sempre a defender em todos os ensejos e em tôdas as oportunidades o elo matrimonial entre as duas casas reinantes, exaltando -como êle próprio declara- as virtudes das princesas portuguesas.

Verbas sucessivas são concedidas ao ministro de Portugal para as suas despesas de representação. A casa do ministro de Portugal, especialmente, a casa de campo de Schoenbrunn, era visitada pelas arquiduquesas, especialmente as mais novas -Josefa, Maria Carolina e Maria Antonieta -que ali costumavam ser muito festejadas

A questom nom resolvida por António Ferrão é por que se a missom de João Carlos de Bragança era exclusivamente a de concertar o matrimónio de alguma das filhas de D. José I de Portugal aquel começou a sua viagem pola Inglaterra (o que nom parece, desde logo o percurso óptimo) nem por que o próprio Bragança desconhecia a finalidade da sua missom. Da mesma forma, veremos que as despesas para representaçom nom eram pagas com a liberalidade que insinua Ferrão.

Rómulo Carvalho (1987), sistemático estudioso da história da Academia das Ciências de Lisboa esclarece algum destes pontos obscuros que tinham ficado na exposiçom de Ferrão, e, depois de negar, igual que Ferrão, a possibilidade a ausência de Portugal de dever-se á denegaçom da transmissom do título de Duque de Lafões, propom alguma hipótese mais para ser tida em conta (Carvalho, 1987: 10-11):

uma segunda hipótese seria a de D. João de Bragança fazer parte daquele grupo de fidalgos, ou até mesmo chefiar esse grupo, que atentou contra a vida de D. José em 1758, mas não se conhece documentação que o comprove. Uma terceira hipótese, menos repetida mas mais de acordo, do que a primeira, com a

cronologia dos acontecimentos, foi a de D. João de Bragança ter patenteado o seu desagrado pela violentíssima repressão, determinada pelo conde de Oeiras, relativamente ao motim popular ocorrido no Porto em consequência da criação da Companhia dos Vinhos do Alto Douro, em Fevereiro de 1757. Uma última hipótese, muito plausível à falta de documentação que a contrarie, é a de D. João de Bragança ter saído de Portugal por sua livre vontade, mantendo boas relações tanto com o rei como com o seu poderoso ministro, o conde de Oeiras. A favor desta hipótese pesa a correspondência que Lafões dirigiu por diversas vezes, àquele ministro durante todo o tempo da sua ausência, na qual dá conta de si servindo-se de termos amigáveis e reverenciadores.

Repare-se que alguma das hipóteses recolhidas por Carvalho, particularmente a que vincula Lafões com o atentado de 1758 e a que tem a ver com as revoltas do Porto, colocariam João Carlos de Bragança em grupos antipombalinos; mas, finalmente nom é esta a hipótese escolhida polo autor, que se inclina, em funçom das provas documentais por umha saída “pacífica” de Portugal por parte do futuro Duque. Para justificar que a ida a Viena fosse feita através de Londres, Carvalho (1987: 15-16) propom:

Ir de Portugal à Áustria passando pela Inglaterra, parece-nos ter tido qualquer intenção não declarada. A suspeita consolida-se com a leitura de uma carta escrita de Londres, pelo duque de Lafões, sem destinatário conforme chegou até nós, mas muito plausivelmente dirigida ao conde de Oeiras, como muitas outras do mesmo punho. A carta, datada de 4 de Outubro de 1757, começa deste modo: "Sahi de Lisboa, com tenção de me demorar bem pouco nesta terra; isso disse de Falmouth e outra vez daqui na m^a. prim^a. carta a V. Ex^a.; mas como em hum capitulo da resposta de V. Ex.^a li estas palavras *Será com tudo bom que V. Ex.^a por ahi se demore hum pouco mais*" (o sublinhado é da própria carta), "entendendo-as à risca, esperei nas seguintes Postas alguã clareza"¹¹⁶, (...) [...].

Na mesma carta continua D. João de Bragança: "Fez ao principio grande bulha a m.^a chegada, e a not.^a sem fundamento que logo correu de que eu passava a Alemanha a fazer a campanha, tinha arrugado o semblante da Corte que cada dia fui vendo mais sereno. Continua a curiosid.^e de saber se ficarei aqui o Inverno". E na sequência: "Para quem se contentava com dois meses de Londres, bastarão cinco" (...). "Cuido em aproveitar o tempo, mas he preciso ver o mais, e sertam.^{te} sahirei daqui por todo Novbr.^o".

Pressente-se que estas e outras palavras já transcritas, encobrem qualquer coisa mas era perigoso ser-se claro na correspondência trocada entre personalidades de responsabilidade social, correspondência que era frequentemente violada. Atrevemo-nos a supor que D. João de Bragança tivesse passado pela Inglaterra com a incumbência de aí colher informações que porventura pudessem interessar à potência bélica em cujas forças militares ia prestar serviço. A sua presença naquele país, levantou desconfianças que habilmente teria conseguido serenar.

¹¹⁶ IAN-TT, *Ministério da Justiça, Correspondência dos Duques de Lafões* Maço 75, n.º 1.

Depois de demorar-se em Londres desde Julho de 1757 até Janeiro de 1758, João Carlos de Bragança chega à Corte vienense dous meses depois, encontrando-se (Carvalho, 1987: 18)

no lugar a que se destinava quando saiu de Portugal. Seu objectivo era, conforme documentámos, ingressar nos "Exércitos de Alemanha p.^a nelles se exercitar na arte da guerra" que só conhecia dos livros e desejava praticar ao vivo. Na expressão "Exercitos de Alemanha" não está concretizado em qual dos lados combatentes se propunha alistar, se no austríaco, se no prussiano, mas na sua decisão estava escolhido o lado da Áustria cuja casa reinante tinha relações de privilégio com a casa reinante portuguesa.

Umha vez que Bragança decide ingressar nos exércitos de Maria Teresa e, aparentemente, se desenvolve com grande sucesso, começam os seus problemas porque, sem motivo aparente, cai em desgraça perante Pombal, que deixa de responder às suas cartas. Assim o afirma Carvalho (1987: 23) e assim o pudemos verificar através dumha carta «que o Principe Kaunitz Reisberg, Chanceler mór do Imperio escreveu ao Cavaleiro de Lebzertem¹¹⁷, Ministro Plenipotenciario de Suas Magest.^{es} Imperiaes, Rezidente na Corte de Lix.^a, junto de Suas Mag.^{es} Fideliss.^{mas} sobre o merecim.^{to} do Ex.^{mo} Duque de Lafoës D. João Carlos de Bragansa, quando da Corte de Vienna, se recolheu a da sua Patria em Portugal etr.^a»¹¹⁸. Neste texto, que reproduzimos extractado, Kaunitz pretende introduzir Lafões com as melhores referências perante a Corte portuguesa depois de vinte-e-dous anos de ausência, e por isso dirige-se ao embaixador austríaco em Portugal, explicando quais fôrom as circunstâncias da permanência do português em Viena:

Chegou elle a ésta Corte no anno de 1757, com carta de recomendassão de ElRey defuncto, p.^a sua Mag.^e a Imperatriz Raynha: foy, por virtude della, recebido favoravelm.^{te} de sua Magest.^e, e de toda a Familia Imperial. Com o seu beneplacito, assistio, e fez todas as campanhas da ultima Guerra, militando em diferentes corpos dos nossos Exercitos, com o mais distincto valor, e rara intelligencia. Feita a páz, assentou, que devia procurar por meyo do Marquez do Pombal, o que S. Mag.^e ordenava q.^e elle fizesse dahi em diante; e que entre

¹¹⁷O Barom Adam de Lebzelter (1735-1818) foi amigo dos Condes de Vimieiro e é frequentemente mencionado na sua correspondência. Segundo Roger Kann, editor do *Journal* do Marquês de Bombelles, foi durante cinquenta anos embaixador do Imperador de Alemanha e, mais tarde, de Áustria em Lisboa. A sua esposa era Isabelle d'Arnaud Aguerre Ayala y Lea «fille d'un valet de chambre du roi d'Espagne Philippe V» (Kann, 1979: 354).

¹¹⁸ Este texto encontra-se na Biblioteca da Ajuda (cota 51_II_40) num volume miscelâneo intitulado *Collecção Prozaica de varios discursos sobre diversas materias, conforme o Indez formalizado no fim deste volume Tomo= 3.º Junto tudo, e destribuído na ordem em ^q. aqui se acha, e escripto Por Antonio Correya Vianna Lisboa: Anno 1784=*, que contém, para além da citada, várias outras cartas de dinis de Mello (1.º C^{de} das Galveias) ao duque de Cadaval, de Luís da Cunha (ministro em França) ao secretário de Estado (Diogo de Mendonça Corte Real), de Kaunitz a Lafões, de Seabra a Martinho de Mello, de Pombal ao seu filho, de um fidalgo estrangeiro, do Rey de Castella, etc.

tanto, permanecia no lugar para onde fôra mandado pello seu soberano; até que este se dignasse fazerlhe conhecer quais éraõ as suas intenções a seu respeito.

Nunca foy possível conseguir resposta do Marquez de Pombal, a pesar das reiteradas instancias, que mediata, e immediatamente lhe fez: o que determinou a sua assistencia nesta Corte.

[...] Quanto a mim, q' o tractei com toda a particularid.^e, afirmo, q sou decizivam.^{te} seu amigo [...] Com tudo, o que elle leva mais preciozo deste Paiz, são os recomendaveis sentim.^{tos} com q' o honráram S. Mag.^e e toda a Familia Imperial. O Imperador principalm.^{te} assim o praticou sempre em todas as occazioes públicas, e particulares, com as mais distinctas demonstraçoẽs; capazes na verd.^e de lizongear huã Alma nobre, e sencível como a sua. Teve; além disto, determinado/ como V. Ex.^a se deve lembrar/ darlhe huma prova mais manifesta, offerecendolhe hũ Posto conveniente nos seus Exercitos; ao mesmo tempo em q'. o obstinado silencio do Marquez de Pombal, fazia crêr, q' não queriam elle já mais tornasse á sua Patria. Permitioselhe em taõ, pedir o consentim.^{to} da sua Corte p.^a passar ao servisso da Caza de Austria. Há m.^{to} tempo que nelle estaria effectivam.^{te}, se ésta delligencia não fosse igoalm.^{te} inutil, ficando como as outras, sem resposta do Marquez do Pombal.

Tudo o que acabo de ponderar a V. Ex.^a, não tem outro fim, mais do que fazer conhecer ao Snõr Duque como elle he. E porque os soberanos, são mais interessados que ninguem, em conhecerem perfeitam.^{te} os seus vassallos: encargo a V. Ex.^a, que informe o Senhor Visconde de Villa Nova da Cerveira, do conteúdo nesta, rogandolhe em meu nome, queira eficazmente pôr tudo na Prezença de S. Mag.^{es} F.^{mas}

[...] Luxemburgo 22 de Septbr.^o de 1777.

A carta de Kaunitz, portanto, esclarece definitivamente que, se bem Lafões saiu de Portugal em boas relações aparentes com Pombal, durante a sua estadia na Europa o Ministro decidiu ignorá-lo para mantê-lo afastado do país sem nenhuma actividade concreta que levar a cabo em Viena ou em qualquer outra Corte, recortando as receitas enviadas, e impedindo, também de maneira silenciosa, que Lafões abandonasse definitivamente Portugal colocando-se às ordens da imperatriz austríaca. Do visto, só podemos deduzir que provavelmente a intenção inicial de Pombal, quando enviou Lafões em missão diplomática, fosse já a de afastá-lo da Corte e do país, dada a sua capacidade para nuclear (como depois fijo) o grupo dos nobres ilustrados opostos a Carvalho e Melo.

Esclarecido o ponto sobre a sua saída, vejamos brevemente qual foi o percurso de Lafões na Europa durante mais de duas décadas, o que nos ajudará a compreender posteriormente o seu papel tanto na Academia das Ciências como dentro do grupo de ilustrados de Teresa de Mello Breyner. Sempre segundo Carvalho (1987: 25-37), entre 1763 e 1764 Lafões viajou por Itália, regressando em Abril desse ano para a coroação, em vida de sua mãe Maria Teresa, do imperador José II, demorando-se na capital

austriaca até 1765, data em que parte para Innsbruck acompanhando a Corte. Em Agosto de 1774 chega à Rússia, onde é recebido pela imperatriz Catarina, e onde permanecerá por espaço de quatro meses e meio.

O regresso de Lafões a Portugal em 1779, dous anos depois da morte de D. José I também tem provocado alguma controvérsia entre os investigadores. Para António Ferrão (1935: 184) é precisamente este intervalo temporal que serve de argumento definitivo para sustentar que em nengum caso houve falta de entendimento entre o Duque e Pombal, e que aquel permaneceu fora de Portugal durante mais de vinte anos exclusivamente pola sua própria vontade:

¿[sic] se o duque D. João de Bragança foi obrigado a sair de Portugal e a conservar-se no estrangeiro por determinação de D. José ou do seu Secretário de Estado, Sebastião José de Carvalho e Melo, obedecendo desígnios políticos -como tantas vezes têm repetido alguns biógrafos do ilustre fundador da Academia das Ciências,- agora que aquele rei já estava morto e que o marquês de Pombal se encontrava muito longe do poder porque não regressou logo a Portugal o segundo duque de Lafões? ¿Porque -muito ao contrário- só aqui voltou dois anos depois, em 1779, como informam as suas biografias?.

Rómulo de Carvalho (1987: 43), no entanto, encontra para esta demora umha explicação plausível alicerçada sobre fontes documentais:

Realmente Lafões ia a caminho de Paris quando adoeceu com febres palustres ficando retido talvez em Bruxelas. A chegada do duque à capital francesa só se verificou em 11 de Dezembro de 1777.

A presença de D. João de Bragança em Paris fazia parte do itinerário que teria escolhido para o seu regresso a Lisboa. Em princípio não deveria permanecer muito tempo na capital francesa mas como, por um lado adoeceu de novo e, por outro lado, o rigor da estação particularmente invernosa e muito prolongada, não tornava a viagem para Portugal muito apetecível, foi-se deixando ficar, e ficou por mais alguns meses.

A veracidade desta decisom imediata é confirmada pola carta do príncipe Kaunitz, assinada em Setembro de 1777, restando só uns meses desde a data da morte do rei, nos quais Carvalho (1987: 42) confessa nom saber «por onde o duque teria andado».

Em conclusom, entendemos que o motivo que levou Lafões a sair de Portugal foi, provavelmente, umha missom política encomendada por Pombal, mas o prolongamento da estadia deveria-se ao facto de ter caído em desgraça diante do ministro, se é que essa queda nom é anterior mas desconhecida polo Duque, e o

verdadeiro motivo de enviá-lo fora em missom secreta, o que seria particularmente verossímil no caso de confirmar-se que existia um verdadeiro projecto de matrimónio entre D. Maria e Lafões.

Durante o seu périplo de mais de duas décadas, Lafões conseguiu integrar-se na Corte vienense estabelecendo contactos e até amizade com a imperatriz Maria Teresa e, sobretudo, com o seu filho o futuro Imperador D. José II. Estas relaçosns terám servido também para integrar-se nos círculos intelectuais de Viena, onde freqüenta, entre outros, os compositores Gluck e Metastasio.

Mas Lafões viajou também por outros lugares da Europa, particularmente Gram-Bretanha, Rússia e Itália, onde terá também estabelecido contactos com intelectuais e governantes como Catarina de Rússia, cujos salons freqüentou por espaço de vários meses.

Umha lacuna importante para estudar o papel que pudo ter desenvolvido Lafões no campo intelectual português desta altura é o desconhecimento de se mantinha relaçosns epistolares com alguém em Portugal durante este período e, a ser assim, com quem. Portanto, nom podemos saber se as ideias que conhecia e desenvolvia através destas viagens e dos contactos conseqüentes, teriam na altura algumha via de entrada em Portugal, mas o que é indubitável é que, no período seguinte, quando regressa a Lisboa, o seu papel como mediador será fundamental para entender a conformaçom do ideário dum determinado grupo de ilustrados portugueses, entre os quais Teresa de Mello Breyner; mas isto será objecto de estudo mais adiante.

II.4.2.3. A prisom dos Alorna

A repressom contra a casa de Távora e a prisom dos Marqueses de Alorna e das suas filhas constituem, provavelmente, um dos episódios mais repetidos do século XVIII português, mais polas suas qualidades romanescas do que por ser objecto de umha abordagem sistemática sobre as implicaçosns políticas deste processo. Como é sabido, o dia 3 de Setembro de 1758 o Rei D. José I sofreu um atentado sem maiores conseqüências físicas para o monarca que deu origem a duas importantes decisons do

Conde de Oeiras e futuro Marquês de Pombal: a expulsão dos jesuítas de Portugal (a 3 de Setembro do ano seguinte) e o início do processo contra a família Távora.

A casa de Távora tinha uma identidade diferenciada das demais casas nobres, o que implicava um elevado capital simbólico que lhe permitia concorrer com outras casas de maiores rendimentos económicos ou de linhagem mais “limpa” como a casa de Cadaval ou as já aludidas casas puritanas, respectivamente. Como bem diz Nuno Monteiro (1998: 86):

o caso dos Távoras, como se disse, era relativamente excepcional. Deve-se ter em conta que, pelo menos no início do século XVIII, se atribuía a essa linhagem e aos que dela descendiam uma identidade peculiar (consubstanciada numa singular altivez e espírito guerreiro), que não tinha paralelo com nenhuma outra família. Não era comum uma tão forte consciência da identidade e da pertença a uma linhagem.

Não é fácil saber a origem desta forte identidade, pois poucas vezes se tem estudado deste ponto de vista a posição que os Távoras ocupavam no momento em que foram acusados do intento de regicídio, embora seja perfeitamente constatável a sua progressiva acumulação de poder como altos funcionários da Corte.

Costuma aludir-se a um assunto amoroso entre a Marquesa de Távora e D. José I como desencadeador do atentado, versão que é confirmada pelo Marquês de Alorna em carta recolhida por José Cassiano Neves (1957: 23-24):

Todo o mundo sabe na ultima perfeição q' da Marquesa de Tavora he de quem nos podemos queixar porq' se não fosse o trato ilicito q' teve com el Rey nunca lembrarião teus Pays e teus irmãos p^a se entender q' poderião ter tido parte no tiro. Depois d'isto também temos razão de nos queixar do Duque de Aveiro q' alem de ser o unico a quem pertenceu a acção teve a fraqueza de encavar todos os outros e de lhes levantar [sic] hum falso testemunho de q' Sebastião Jose se aproveitou p^a os matar sem lhe admitir nenhuma casta de defeza, sem embargo d'isto [sic] nem a Mar^a nem o Duque são a causa do q' nós padecemos por q' do seu mau procedimento de hum e outro por nenhuma luz nos resultavão os males que nos tem feito aturar. N'estes termos a unica cauza do nosso tormento he a tirania do governo e no tempo das tiranias elles he q' são causa de todos os males q' succedem.

Independentemente de que as verdadeiras causas do atentado contra o Rei fossem políticas ou sentimentais, as consequências foram que Pombal ou o próprio Rei construíram o argumento perfeito para levar a cabo uma acção contra uma das principais famílias nobres do reino, por meio da qual se evidenciasse que a monarquia não consentiria que nenhuma casa acumulasse mais poder do que o concedido pelo

próprio monarca, e que, ao mesmo tempo, qualquer bem simbólico devia emanar do próprio Rei, nom da linhagem ou da tradiçom das próprias casas. Atacava-se desta maneira, nom só umha família nobre, mas umha determinada maneira de entender a nobreza e a sua relaçom com a Corte. As conseqüências para a casa de Távora fôrom o suplicio e execuçom de vários dos seus membros, entre eles a Marquesa e o Duque de Aveiro, a prisom dos Marqueses de Alorna e as suas filhas, entre outros elementos da nobreza como o *Marquesito* da Gouveia, e inclusive a proibiçom do apelido Távora.

O mesmo Cassiano Neves recolhe no seu artigo «Lisboa e a tragédia dos Távoras» algumas informaçons no mínimo surpreendentes porque rompem a imagem que tradicionalmente se vem repetindo em todos os textos que aludem a este episódio. Baseando-se na correspondência do Marquês de Alorna, movido Neves por um afâm de “limpar” a imagem de Pombal, dá a impressom de que os Alornas nom culpavam Pombal da sua desgraça, mas o próprio Rei. Numha carta, João de Almeida alude à protecçom que Pombal exerceria sobre o seu filho menor, Pedro, o único membro da família que, pola sua curta idade, nom está recluso (Neves, 1957: 20-21):

no que toca a Menistros do Estado, he certo que no Conde d'Oeyras he que está a chave do negocio, e todos os mais, pareceme que estão poco mais ou menos, como nós, ás suas ordens. He nosso amigo antigo, e não me admira nada, o que me contas, do que Pedro ultimam^{te} passou com elle, mas, a fallar verdade, tambem me não hade admirar, de que tu continues a ter sempre o mesmo medo, apesar de todas as rezões que há p^a te animares, porq' n'essa materia, hes quantas lastimas pode haver.[...] Ora vê tu, o excellent modo com que o Conde d'Oeyras nos quiz dar sinaes do seu agrado, e isso tambem poderá contribuir p^a tapar a boca a m^{ta} gente, que continuasse a ladrar contra Pedro, porq' no dia de hoje, lhe suponho hũa tal authoridade, que qualquer leve acção sua, será o que baste, p^a regular todas as outras. Ja se sabe, que se havia de fazer de novas, sobre tudo o que Pedro lhe contou, mas gostey m^{to} de tudo o que houve n'esta materia, e lhe estou m^{to} obrigado. Tambem confirmo no que sempre entendi, a respeyto de algum resto de afeição que sempre nos conservou, e estimo que de vez em quando, lhe dê algum exercicio, por que esse será o modo de a não perder de todo.

As relaçons entre o grupo de Mello Breyner e o pombalismo som certamente ambíguas, no sentido de que, do nosso ponto de vista, as diferenças ideológicas nom som especialmente relevantes quanto à concepçom de políticas concretas como a reforma da educaçom, explicitamente apoiada pola Condessa em carta datada em «Lisboa 8 de Ag.^{to}», na qual afirma que «a universid.^e, que tem produzido excellent gente depois da sua reforma, começa a decahir»¹¹⁹. Igualmente, nom parece que as

¹¹⁹ Embora datemos esta carta em 1784 (vid. a este respeito a carta citada transcrita em apêndice), entendemos que esta reflexom de Teresa de Mello Breyner é referida à reforma da Universidade levada a

diferenças de proposta entre um e outro grupo afectem, por exemplo à forma de entender a monarquia, nunca questionada no seu modelo de despotismo esclarecido.

Esta ambigüidade fai-se ainda mais evidente se levarmos de conta a estreita relação que une a Condessa com a Marquesa de Pombal, o que fai com que, já depois da saída de Pombal do governo, ainda tenha que explicitar o seu posicionamento em relação com o juízo dos Távoras perante Leonor de Almeida, tal e como vimos acima («Fui, e sou amiga da Marqueza; sou Tavora, sou Portuguesa...»). Nessa mesma altura, a Condessa escreve um poema recolhido na Miscelânea «Collecção de Poesias Varias Grande parte dellas dignas de toda a estima: assim pela sua raridade; como pelos seus Auctores» (1792, Cota Cod. 6694), no qual se posiciona em relação com a condena popular contra Pombal:

Marquez eu não te insulto: não me toca/ Conhecer de teus factos a maldade;/ E reputo grande felicidade,/ Não ter em tal assumpto, que abrir boca:/ Eu detesto do vulgo a furia louca,/ Com que de clama a tua iniquidade;/ Se inerte supportuou tua crueldade/ Por que insolente agora se desboca?/ *Magoame o teu mal; e da consorte/ Enternece-me a misera desgraça/ Longe dos seus, da Patria, athe da Corte:/* Mas o que mais me magoa me trespassa,/ He ver quam pocos lem na tua sorte/ Que bens, miserias, pompas, tudo passa.

É provável que a estreita relação que verificamos entre as duas mulheres tenha bastante a ver com as origens austríacas de ambas, porque, de facto, podemos observar que no soneto citado se fai alusom explícita à procedência geográfica de Leonor de Daun. Nom será correcto, portanto, cair na simplificação das relações entre os diferentes grupos em luta dentro do campo do poder, precisamente porque a existência de relações pessoais e familiares enlaçadas com as relações políticas dificultam a definição de grupos claramente delimitados e com adscrições ideológicas inequívocas.

Ainda assim, dos conteúdos da correspondência da Condessa de Vimieiro, podemos concluir que a relação privilegiada que mantém com as mulheres da família Alorna durante este período de encerro, fai com que o cativoiro destas seja vivido como contra a sua própria classe e até contra a sua própria família, tal e como vimos acima, mas também como um ataque contra a justiça:

Com tudo eu persuadome, q a tua christandade te fará achar na meditação do evangelio vasto campo p.^a conseguires assaz, de que necessitas. *Bem aventurados os que pacedem persiguição [sic] por cauza da Justiça, porq delles he o Reyno dos ceos.* Para quem tem fé, não pode haver prepozição mais cheia

cabo no reinado anterior polo Marquês de Pombal, e por isso colocamos esta citação no capítulo dedicado ao período de governo josefino.

de consolação, que esta, quando se vê em semelhantes circunstancias. Huma prova, hum testemunho tão pôco ecquivoco da predestinação, faria inveja aos felices do seculo, se elles não tivessem o coração corrupto, pela mesma felicidade, que os allucina, quando os não embriaga («Estremoz 11 de Outubro de 70»).

Embora nom seja um assunto tratado com muita freqüência no epistolário da Condessa de Vimieiro, provavelmente pola falta de seguridade do correio ordinário, hai algumas occasions em que, com motivo da crítica à pena imposta polo Rei e por Pombal à casa de Alorna, a Condessa explicita as suas críticas ao governo e à Corte

Sim minha Adorada Lilia, as tuas criticas circunstancias, e a corrupção, que tem consumido na Corte a pura semente da amizade, necessitava de que a tua fiel Tirse, ou fosse a feliz depositaria da tua Amavel Peçoa, ou ao menos conseguisse ser inseparavel do teo Lado, em quanto as Luzes do teo grande talento te não descobrissem tudo o que [---]tão as diferentes mascaras, com que hoje se rebução todas as personagens da nossa infeliz condição. A tua prudente May m.^{to} te poderã dizer do que já havia, quando a sua desgraça a separou de nós; mas se eu lhe disser que ha razão de sospirar por esse tempo; que então o mais que fazia a fal[s]idade, era encobrir hum brinco, occultar um enfeite &r.^a, e que agora o *sagrado nome das nossas Divind.*^{es} he profanado a qualquer leve acção, que se faça; que todos tomaõ o direito d'interpetrala [sic] e a authorid.^e de punila com a mais picante, e atrevida critica, pasmara! mas conhecera q nada lhe encareço, se tivesse observado de perto como eu («Estremoz 26 de Outubro de 1770»).

o mesmo Rey que levantou diabra o condenou; o mesmo Ministro que lhe deo a mão p.^a exaltalo, lhe entregou, o instrum.^{to} da sua desgraça. A roda que leva a todos os omens, q.^{do} se revolve torna a levantar os mesmos q abateo sem q seja percizo encontrar nova mão p.^a voltala («Vimr.^o 26 de Fevr.^o»).

Parece, portanto, que existia umha relação prévia entre a Condessa de Vimieiro e a Marquesa de Alorna, unidas por laços familiares, que a partir de algum momento que nom podemos precisar durante o encerro em Chelas se transforma, convertendo a primeira na responsável polos assuntos económicos e pola gestom da melhora da qualidade de vida das prisioneiras, tal como é testemunhado em algumas cartas:

Bem sabes que a saude de Leonor he um dos pontos do meo maior interesse, e até por conta do seo restabalescim.^{to} [sic] dezejo o aum.^{to} das mezadas, emque não deicharei de escrever ao Conego &r.^a Estimo a boa fortuna com que jogas, e como este divertimento contribue tanto p.^a a tua conservação, não te distrahas delle, p.^a me escrever («Estremoz 30 de Dezembro de 1773»).

Bom he q comece a respirar uma aragem de favor: atraz della vira o mais, e por um Almocreve que partio D.^{mo} e terá chegado m.^{to} ha a Lx.^a espero a certeza da mudança. Para esta quizera eu pôrte tudo prompto; mas não o consente a m.^a mesquinha sorte. Não nos querem pagar tenças não se concluem execuçoens de rendeiros, que nos devem; e por ultimo manda El Rey tirar o soldo [sic] aos

officiais que tiverem licenças, em q.^{to} uzarem dellas. todas estas coizas me impossibilitaõ, e me fazem ceder do meo obzequio de q.^m tanto mo merece, e se consterna pelos mesmos principios q me afligem; comtudo eu naõ ceço nas delig.^{cias} por te ser util, e por conseguir que tenhas 150\$ por mez («Vimr.º 11 de Março de 1774»).

Para além disto, parece que a partir dos inícios da década de setenta, e por indicaçom da Marquesa de Alorna, a relaçom entre Vimieiro e Leonor de Almeida se estreita, convertendo-se a primeira em conselheira e, até certo ponto, orientadora dos estudos da segunda, como se verifica em vários pontos da correspondência de Leonor de Almeida à Condessa de Vimieiro: «todas elas adoram Tirseia como a divindade tutelar da sua pobre mestra» (in «20 de Maio 1774»)¹²⁰ ou ainda

quanto me dizes sobre o que praticas na tua poesia é de mestra admirável e eu o seguiria com muito gosto se conhecesse em mim as felizes disposições de imitar-te dignamente. Julgo-me feliz, ao menos, de ter sido quem de novo te obrigasse a tomar a lira, para cantares de mim o que não mereço e, pelo que respeita às minhas obras («Chelas, 15 de Janeiro de 1771»)¹²¹

Em qualquer caso, o facto é que igual que nos outros dous casos (o dos Condes de Vimieiro e o do Duque de Lafões) também aqui verificamos que o período de reclusom é utilizado por Leonor de Almeida para acumular um grande capital cultural que somar ao capital simbólico já detentado pola sua família desde havia geraçons, e, provavelmente, até acrescentado pola repressom sofrida durante o período josefino. O seu afâm de formaçom é tal que, como indicávamos acima, se converte numha profissional do estudo, dedicando a isto todo o seu tempo e todos os seus esforços, até o ponto de sofrer a repreensom de Mello Breyner ou de ter em seu poder dentro do Convento livros de difícil acesso para a Condessa, que, apesar de viver no Alentejo viaja com freqüência a Lisboa.

¹²⁰ Transcriçom de Vanda Anastácio: [ALCTIR3].

¹²¹ Transcriçom de Vanda Anastácio: [LILTIRS1].

II.4.2.4. Conclusões

Tanto os Condes de Vimieiro como os seus principais aliados (ao menos aqueles dos quais temos obtido umha maior e melhor informação neste sentido) som excluídos durante o período josefino-pombalino das posições de poder que tinham tradicionalmente ocupado. Os Condes encontram-se nesta altura fora da Corte, retirados no Alentejo, entre a praça militar de Estremoz e a vila do Vimieiro, com deslocações freqüentes a Lisboa, mas sem umha residência permanente na Corte. Lafões, por seu turno, vive durante quase todo o tempo de reinado do seu primo D. José, já nom só fora da Corte, mas fora de Portugal, e, finalmente, os Alornas sofrem o cativoiro na prisom da Junqueira o Marquês e no convento de Chelas as três mulheres da família.

Nos três casos, podemos observar que, procedendo de casas com umha afamada tradição de dispor de um amplo capital cultural, este tempo de “exílio” (quer da Corte, quer do país, quer da sociedade) é investido em ampliar e pôr em valor este capital, com estratégias diferentes. No caso de Lafões esta ampliação fai-se por meio de viagens e do estabelecimento de relações com os vultos mais conhecidos e prestigiados da Europa coeva, tanto no que se refere ao campo do poder como no que tem a ver com o campo intelectual. Vimieiro, no entanto, pom em valor o seu retiro como umha opção pessoal por uns valores que defende como superiores por ilustrados, e que opom aos mais superficiais da Corte. Finalmente, e por seu turno, Leonor de Almeida com ajuda em diferentes etapas de seu pai, de diferentes mestres e de Teresa de Mello Breyner, acumula um enorme caudal de conhecimentos com mui poucas analogias dentro da nobreza portuguesa, que a habilita, à sua saída do convento, para ocupar a posição que entende lhe corresponde pola sua origem familiar.

Temos, portanto, umha série de elementos que, se bem nom tenham o mesmo grau de relação nesta altura, acabaram por constituir-se em grupo durante o reinado de D. Maria. Estes elementos, a julgar pelas informações existentes, integram-se dentro dumha linha ideológica similar, que estaria definida polo seu elitismo aristocrático, a sua filiação ilustrada, e a sua vontade de intervenção que veremos reflectida com maior intensidade durante os primeiros anos do seguinte reinado, momento em que poderão aceder a posições de maior poder.

Como pressuposto básico da actuação dos Vimieiro, de Lafões e de Leonor de Almeida neste período, poremos em destaque, portanto, a existência dumha estratégia comum quer de afastar-se voluntariamente quer de aproveitar o afastamento forçado do

centro do campo para acumular e pôr em valor aqueles capitais que podem ser de utilidade tanto para manterem a sua posição de privilégio, ao menos dentro de certos âmbitos como o intelectual, como para reforçar a sua posição para um momento posterior em que a mudança das circunstâncias políticas faça possível a sua presença em postos ou instituições com maior poder. Trata-se, em definitivo, dumha estratégia que procura conservar ou ampliar umha série de privilégios aos quais estes membros da primeira nobreza entendem que têm direito pela sua origem e pela trajectória social e política das suas casas, mas conscientes da mudança de valores priorizados que acompanha a Ilustração e o ascenso da burguesia em toda a Europa, reduzindo cada vez mais a importância dos privilégios da nobreza em benefício das habilitações técnicas que oferecem as instituições educativas.

II.4.3. Relacionamento de Teresa de Mello Breyner com as mulheres da casa de Alorna no período 1770-1777

II.4.3.1. Objectivos

Nesta epígrafe analisaremos o estreito relacionamento que se verifica entre a Condessa de Vimieiro as mulheres da casa de Alorna (a Marquesa e as suas filhas Leonor e Maria) durante o período 1770-1777, para cujo estudo recorreremos, fundamentalmente às cartas endereçadas a Chelas durante esses anos¹²². Esta documentação permitirá conhecer as redes estabelecidas entre a Condessa de Vimieiro, e as prisioneiras (particularmente Leonor de Almeida) vinculadas aquelas tanto a posicionamentos políticos compartilhados, como à solidariedade de casa e de classe, num momento em que determinados sectores da nobreza são atacados desde a Corte.

Por outro lado, daremos atenção também à carta como espaço de relacionamento e como mecanismo para a fabricação de redes e para a difusão de

¹²² Para além destas, incluímos na documentação deste capítulo um pequeno conjunto de cartas relativo à negociação frustrada do casamento de Maria de Almeida com Pedro de Mello Breyner, que tem lugar no próprio ano 1777, imediatamente a seguir à saída de Chelas das Alorna.

modelos. Interessará-nos analisar a sua dupla dimensão de documento privado e público, e as potencialidades que encontrará este grupo de mulheres da nobreza nessa ambigüidade. Com esta finalidade, analisaremos aspectos como a citação de determinados produtores, tentando definir a posição e a função destes dentro do campo literário português coevo, sem perdermos de vista a sua presença ou ausência no *Catálogo da biblioteca do Conde de Vimieiro*. Dentro deste assunto, prestaremos atenção mais pormenorizada à tradução do *Telemaque* de Fenélon levada a cabo pela Condessa ao longo de vários anos

Por outra parte trataremos de interpretar também aqueles lugares nos quais a Condessa de forma velada ou explícita introduza reflexões de carácter político, social ou comportamental que possam contribuir para desenhar a sua ideologia, com particular atenção para a definição do papel das mulheres e as atitudes de Mello Breyner a respeito das ideias que circulam na altura sobre este assunto, tanto no que tem a ver com a sua educação como com a sua presença pública.

II.4.3.2. Privacidade e publicidade: a correspondência pessoal como forma de intervenção nos campos intelectual e do poder –Cartas a Chelas (1770-1777)

Como já referimos, a nossa fonte de informação principal para conhecer a posição e a função de Teresa de Mello Breyner neste período são as cartas endereçadas a Chelas particularmente a Leonor de Almeida e, em menor medida a Maria de Almeida e à Marquesa de Alorna. O enorme volume da correspondência conservada -que não é completa como podemos inferir das referências a numerosas cartas não localizadas-, o tipo de assuntos tratados nela, assim como a referência em numerosas cartas às relações epistolares mantidas com outras pessoas, podem dar-nos uma ideia aproximada da importância deste tipo de relação num momento em que se, por uma parte, não existem outras vias de comunicação a distância, nele a possibilidade de manter relações epistolares era património exclusivo dumha elite

letrada¹²³. Pensamos, por exemplo, na relação de Teresa de Mello Breyner com a nobre austríaca Madame de Thun. Neste sentido, parecem-nos do maior interesse as reflexões de Roger Duchêne (1998: 35-36), que coloca o começo desta classe de relações no século XVII, possibilitada por um sistema de posta que permitia uma comunicação periódica e frequente:

beaucoup des lettres conservées dans les archives, mais aussi les descriptions des romans, de *l'Astrée* à *La Princesse de Clèves*, en passant par *l'Histoire amoureuse des Gaules*, montrent qu'on s'écrit beaucoup à l'intérieur d'un même groupe social en employant un domestique pour porter les lettres d'une maison à l'autre. Mais à peu près tout le courrier envoyé à distance passe par la poste [...]. J'ai montré ailleurs à quel point les lettres de M^{me} de Sévigné à M^{me} de Grignan sont filles de la poste, et n'auraient pu exister telles qu'elles sont, avec leurs imbrications de réponses et d'échos, sans la réorganisation effectuée par Louvois juste avant la séparation des deux femmes. C'est grâce à la poste qu'elles ont pu correspondre durablement à jours fixes, deux, puis trois fois par semaine.

On ne saurait trop sur cette double révolution du milieu du XVII^e siècle: le développement de la poste aux lettres, la publication de lettres qui n'avaient pas été écrites pour être publiées, -la seconde révolution étant, au moins en partie, une conséquence de la première. La poste aux lettres, avec ses départs fréquents et réguliers, transforme la rapport à l'écriture d'une lettre, qui n'est plus un événement lié à l'envoi nécessairement rare, d'un messenger, ou à l'occasion, fortuite, du voyage d'une personne connue. Elle répand dans le monde une forme d'écriture longtemps réservée aux 'secrétaires' ou aux savants, puis élargie aux auteurs de lettres comme du Tronchet et Balzac.

Julgamos que existem indícios bastantes, tanto no que diz respeito a este corpus concreto, como polo que conhecemos em relação a outros casos, para acreditar que a correspondência privada funciona, em muitas ocasiões como texto de intervenção nos campos intelectual e do poder. Em primeiro lugar, sabemos que as cartas eram interceptadas pela censura, o que fazia com que, salvo que se utilizassem canais alternativos de envio, as cartas ordinárias chegassem abertas ao seu destino; por outra parte, existem testemunhos que indicam que em muitos casos as cartas eram lidas em público, copiadas e difundidas (com conhecimento e consentimento dos seus autores ou nom) entre uma audiência mais ou menos reduzida; finalmente, temos verificado casos de cartas privadas que são recolhidas em volumes miscelâneos ao lado de textos de carácter público¹²⁴. Junto a estes indícios externos, dentro da própria correspondência

¹²³ Nom nos referimos aqui ao facto de poder enviar circunstancialmente uma carta para tratar de qualquer assunto concreto, para o qual é evidente que existiam pessoas que podiam escrever cartas para terceiros, mas à possibilidade de manter correspondência habitual com determinadas pessoas, com as quais, nalguns casos, não existia nenhum outro tipo de relação devido à distância geográfica e às dificuldades para viajar.

¹²⁴ Referimo-nos, por exemplo, ao volume manuscrito depositado na Biblioteca da Ajuda (Cota: 51-II-40) que contém, entre outros escritos como elogios, sermons ou discursos, várias cartas de Diniz de Mello (1.º

encontramos outros que nos fã pensar que muitas das afirmações nom eram destinadas necessariamente à interlocutora da autora, mas a outros receptores.

É claro que esta elite investia muito tempo e muitos esforços em redigir umhas cartas que serviam, sobretudo, para estreitar laços sociais, estabelecer novas alianças e até para intervir no campo intelectual, no campo económico ou no campo do poder, mas evidencia-se através da análise dos textos que eram estabelecidos desde a Corte os canais oportunos para controlar a circulação destas cartas e os seus conteúdos, conscientes de que os textos e as ideias neles recolhidas nom precisavam de ter versom impressa para circularem.

Veremos nesta epígrafe, portanto, como se verifica a existência de umha estreita vigilância sobre todo o que se escreve e circula, incluídas as epístolas pessoais, e as conseqüências que isto tem no desenvolvimento de estratégias para, por umha parte, ocultar a comunicação dos assuntos que querem ser tratados com o máximo segredo, mas também para, em determinados casos, utilizar estes mesmos mecanismos de controlo para dar a conhecer ao público determinados posicionamentos ou opiniões. Nom devemos esquecer que, como já foi dito, um dos objectivos fundamentais dos grupos ilustrados era a criação, difusão e promoção de ideias, e que a correspondência podia ser posta ao serviço deste objectivo, como comprovamos, de facto, nos textos da Condessa de Vimieiro.

Na correspondência de Teresa de Mello Breyner, assim como noutros casos mais conhecidos como a de Leonor de Almeida com seu pai, encontramos diferentes estratégias de ocultação ou de exibição, em função dos objectivos procurados que merecem alguma atenção, embora nom sejam objectos de análise exaustiva pola nossa parte¹²⁵. No caso de Teresa de Mello Breyner, vemos nas suas cartas que a suspeita, e inclusive a evidência, de que a sua correspondência com Leonor de Almeida é aberta e lida por pessoas alheias, é umha presença constante. Sabemos de quem suspeita, e até alude a possíveis motivos que justificariam este controlo, mas a reacção por parte da Condessa nem sempre é de ocultação. Dependendo das circunstâncias e dos objectivos procurados, Mello Breyner pode aludir aos censores, increpá-los directamente, explicitar

C^{de} das Galveas) ao duque de Cadaval, de Luis da Cunha (ministro em França) ao secretário de Estado (Diogo de Mendonça Corte Real), do Príncipe Kaunitz a Lafões, de Seabra da Silva a Martinho de Mello, de Pombal ao seu filho, etc.

¹²⁵ Neste sentido, é bem conhecida, por exemplo, a utilização por parte do Marquês de Alorna, nas cartas à sua filha, de tinta simpática para exprimir opiniões ou aludir a determinados factos que nom deviam ser conhecidos.

correções do estilo, buscar canais mais seguros para o envio das cartas ou, até, utilizar no seu benefício a relativa publicidade da correspondência privada.

Em primeiro lugar, constatamos, através das cartas, que é sabido pelas interlocutoras, particularmente pela Condessa de Vimieiro, que as cartas som abertas: «procuro as tuas novas, Lilia do meo coração, mais por interece proprio, que por obzequio teu [...] se faltaõ, humas e outras he porque as nossas cartas achaõ reprezalia; seja qual for o motivo, seja quem quer que for o curiozo («Vimr.^o 7 de Mayo de 1772»)), ou «eu taõ bem digo otro tanto a quem quer que nos faz m.^{ce} divertindose com as nossas cartas. Naõ suponho que sejaõ *omens*, que esses naõ s'ocuppaõ de bacatellas, julgo que seraõ arremedos de gente, e esses como naõ entendem mais, que injuria nos fazem? *Lasciarli, che si devertano, poverelli!* («22 de Maio de 1772»)), chegando até a desafiar aos “censores” das suas cartas para que opinem publicamente sobre o conteúdo destas

Tomara estar em circunstancias de lhe pedir, que nos dissesse o seo juizo por escrito p.^a vermos se devemos mudar de estilo, e quais saõ os defeitos que devemos corrigir nas nossas cartas. Se os cuidados que me oprimem de continuo, lhe fizessem a corte, estou certa de que lhe havia passar a curiozid.^e, assim como a mim me passa de todas essa importantes bacatellas em que se entereçaõ taõ deveras se entereçaõ [sic] os nossos famosos cortezaõs. («Vimr.^o 7 de Mayo de 1772»))

Vemos, pois, nom só que Mello Breyner é consciente de que há pessoas que lêem as cartas que dirige a Chelas, mas que fai referência explícita a esta circunstância para que esses leitores ocultos saibam que tenham sido descobertos, e hipotetiza os motivos polos quais se procede desta maneira com a sua correspondência: «Lilia do meo coração. Pagoume este correio, quanto me deviaõ os passados naõ sei se ouve dique na passagem sei q o meo nome faz curiozid.^e e he percizo mostrar a q.^m quer que a tem que poco lucra em satisfazela» («Vim.^o 30 d'Abril [de 1772]»)). Esta referência à expectativa que levantam o nome ou as actividades da Condessa de Vimieiro nom é, em absoluto, única ao longo das mais de trescentas cartas analisadas; como teremos ocasiom de ver mais adiante, parece que esta curiosidade entre a sociedade coeva podia ter relaçom com a exclusividade da sua ampla formaçom e das suas tomadas de posiçom, fossem estas ocultas ou nom. No mesmo sentido interpretamos umha outra proposta feita por Mello Breyner de quais os motivos que explicam o controlo sobre a sua correspondência, apontando nom só a estes mas ao responsável pola vigilância:

minha Lilia, escrevote por este portador, p.^a o fazer com mais liberd.^e que pelo corr.^o, e poder prevenir algumas coizas. Eu naõ tenho certeza deque me abraõ as cartas; tenho prezunçaõ de que isso succeda, talvez por ordem de Mart.^o de

Mello¹²⁶, cujo character he mil vezes mais tremendo, que o da sorte. A razão da curiozid.^e pode ser humda de duas, ou a infelid.^e de m.^a Irmã, ou a desgraça de sua cunhada; porem ambas lhe ficaõ frustradas, porq eu sei mais do que elle cuida; e ou a religiaõ, ou a politica, me faz guardar *un morne silence* em tudo aquillo a q não posso dar remedio. («Vimr.^o 25 de Maio de 1772»)

Inês de Mello Breyner, irmã da Condessa de Vimieiro, era Condessa das Galveias por razom do seu primeiro matrimónio com António de Almeida Melo e Castro, 3.^o representante deste título, sobrinho do quarto Conde e, portanto, primo Martinho de Mello. Nom temos conseguido averiguar os motivos polos quais a irmã da Condessa podia estar sob vigilância, mas pondo em relação este dado com o visto no trecho anterior, no qual a própria Vimieiro reconhecia a curiosidade que levantava o seu nome, só podemos concluir, mais umha vez, que estamos perante umha casa, a de Ficalho, com umha forte identidade no político e no social e que durante o período de governo da dupla D. José I-Marquês de Pombal nom passa por um momento de graça em relação com a coroa. Em qualquer caso, parece-nos do máximo interesse o facto de que o objectivo da censura ou dos responsáveis pola interceptação das cartas nom seja tanto conhecer as opiniões da filha e das netas da Marquesa de Távora como as da Condessa de Vimieiro e da sua família, o que condiria perfeitamente com a opinião do Marquês de Bombelles, que afirmava que a sua presença na Corte tinha inimigos políticos.

Outra das ideias interessantes que aparecem no trecho citado é a informação que nos oferece sobre a procura de sistemas alternativos para o envio de cartas que impidam a sua interceptação oficial. Neste sentido temos que pôr em destaque que a seguridade das missivas chega a converter-se numha obsessom, até o ponto de explicitar nas cartas que determinadas informações som reservadas para os encontros privados: «eu não sei se tu compreenderás; quanto envolvo nesta; quem fia tais materias de cartas necessita de m.^{ta} segurança por isso me não explico mais. E guardo p.^a um dia em que te veja tudo o mais que não digo aqui» («Caldas da R.^a em 26 de Outubro de 1773»), ou de utilizar cartas enviadas por meios mais seguros como os almocreves ou portadores para concertar a utilização de sobrescritos e endereços indirectos que dificultem a localização da emissora e a receptora reais das cartas enviadas:

se teo Irmaõ ainda se conserva na boa morte, vão as m.^{as} cartas de baixo do sobreescrito p.^a D. Dionizia, e as tuas p.^a D. Joanna da Silva, que he a m.^a Aya;

¹²⁶ É um dos dous ministros (o outro foi Aires de Sá e Melo, ministro dos Negócios Estrangeiros e da Guerra) que passou do Gabinete de D. José ao de D. Maria. Entre 1764 e 1765 foi embaixador em Madrid.

mas este seg.^{do} sobre escrito, ha de ser depois de eu estar em Estremoz, porq não convem a direcção p.^a aqui. Quando ouver coiza, que seja percizo comunicarse, manda a carta a m.^a May, que ella ma remeterá por Almocreve, assim como agora vai esta, e q.^{do} estou em Estremoz todas as semanas pode haver este soccorro («Vimr.^o 25 de Maio de 1772»).

eu me aproveitarei de Dionizia Thereza do Canto; mas se ella vive nesse Convento, sempre debaixo de seo nome dirigirei a m.^a carta ao de tua May e com outra letra por evitar suspeitas e desconfianças, e pela antiga via continuaraõ as cartas que não importarem se bem que eu julgo que não ha infedilid.^e [sic] nas remeças («Estremoz 11 de Janr.^o de 1771»).

não me resolvo arescar seg.^{da} carta pelo corr.^o dirigida a D.^a Dionizia &r.^a sem saber se foi entregue a pr.^a («Estremoz 21 de Março de 71»).

Neste mesmo tipo de cartas também se concerta a utilizaçom dum determinado estilo que nom levante suspeitas entre os “censores”, revelando Mello Breyner com as suas palavras que existia um conjunto de pessoas que se moviam a este respeito numha certa clandestinidade que as forçava, como vimos acima, a utilizar estratégias de ocultaçom:

A nosso respeito, tive q.^m me avizasse em Lx.^a, de que nem dissessemos palavras equivocadas, porq o sistema do presente governo, era sigurarse por este meio do character das peçoas, dos seos dictames &r.^a isto suposto he percizo que as nossas cartas tomem hum ar de singeleza, que faça perder a curiosid.^e («Vimr.^o 25 de Maio de 1772»).

A existência deste tipo de controlo sobre a correspondência e as estratégias para evitá-lo revela claramente que as cartas som um bem prezado, que podem chegar a ter um elevado valor estratégico, o que poria de manifesto que só até certo ponto podem ser consideradas como textos exclusivamente privados. Para confirmar esta hipótese concorrem novamente os escritos da Condessa de Vimieiro, que, em várias occasions, se refere, durante o período do encerro em Chelas das suas amigas, ao envio ou bem de cartas das Alornas a outras pessoas ou de cartas de terceiros às prisioneiras:

ha huma peçoa que inceçanem.^{te} me pede novas das suas amadas incognitas intereçasse até pelas figuras, e quer que de tudo lhe dê miudas noticias tenho dezejado mandarlhe a tua letra confiandolhe alguma das m.^{as} cartas; mas como este passo poderia ser contrario, a algum dictame particular de tua May, não o tenho feito Respondeme nisto dizendome sim, ou nom («Vimr.^o 19 de março de 1773»)

Em hindo p.^a a m.^a Praça te mandarei as cartas do tal capuxo, e do confeçado, comque me parece que hasde rir («Chamas-me *Fada*, e não queres que falle em Cans?»)»

Como indicávamos acima, as cartas utilizam-se, em muitos casos, para estabelecer relações sociais mesmo com pessoas desconhecidas, mas que podem ser incorporadas num determinado momento a umha rede de relacionamentos como pode ser esta na qual estão inseridas a Condessa de Vimieiro e as Alorna. Em qualquer caso, a clandestinidade em que som feitos todos estes movimentos força que cada passo deva ser consultado, porque, tanto a imagem pública das pessoas envolvidas, como as suas possibilidades de intervençom no campo dependem da capacidade de ocultaçom de determinados movimentos. Um exemplo certamente esclarecedor deste extremo é o da seguinte proposta que Mello Breyner fai à Marquesa de Alorna:

Lembrou-me agora que tu podias escrever á m.^a Amiga estrangr.^a com o estilo patetico de huma May afflicta, narrandolhe o estado, em que tuas f.^{as} se achaõ; o grave prejuizo, q lhe faz o citio; a funesta experiencia de quanto he danno, a q.^m padesse de peito, comprovada por tantos factos; a maior despeza, q disto procede, e que tudo redunda em danno de teo f.^o, e que tudo isto podia talvez remediarse com a mudança, indo tu viver com teos filhos em alguma das cazas de campo &r.^a Trazer á memoria aquelle antigo recado, de que essa assistencia era interina, por custodia da tua decencia, e estribar nisto a esperanza de poder ser atend.^a a suplica da mundança, emque esperas que ella se enteresse, porque sendo May &r.^a Esta carta devera ser levada por teo filho, a oras de jantar, ou em dia d'assembleia; mas indo mais cedo, p.^a que ella não tenha desculpa de não ler a carta; pedir que lhe dê licença p.^a lhe lembrar a resposta ou o que melhor se julgar neste ponto. Nisto não se arrisca nada; pode ser que taõ bem nada se lucre, porem he mais huma deligencia, q ao menos intrem a esperanza em quanto dura («Estremoz 2 de Abril de 177[1]»).

Vemos aqui que a rede funciona a pleno rendimento, desenhando umha estratégia, finalmente nom sucedida, para modificar a situaçom das Alorna através do envio de umha carta que se planifica cuidadosamente em todos os seus extremos, incluído o seu estilo. Chamamos a atençom para outro elemento que julgamos pode singularizar esta rede, qual é a presença de elementos estrangeiros (a amiga estrangeira referida), tendência que já se pode apreciar neste primeiro período, mas que veremos consolidar-se com mais força durante o reinado de D. Maria I.

Mas é também este tipo de utilizaçom a que exige um maior cuidado à hora de estabelecer os elementos que conformam a rede, extremando as precauçons com cada possível nova relaçom:

o sugeito de quem me fallas, que se te offereceo p.^a me trazer hum carta tua; aqui esteve no penultimo dia do anno. Faloume de ti conhecendo, que me lizongeva; mostrou que tinha visto alguma das Epistolas, comque me tens onrado. Eu esgotei a fonte quanto pude, sem deixar nada a rever; depois q supuz a torrente exausta, disselhe com huma seried.^e, que dizem me he natural: que era verd.^e que tu me tinhas favorecido por m.^{tos} modos, e hum delles era confiandome os teos versos, os quais, como eu os reputava hum tezoiro, q a amizade me tinha confiado, os conservava com o respeitozo recato, que se devia á sagrada mão que os escrevera. («Estremoz 11 de Janr.^o de 1771»)

Mas ainda existem outros elementos que evidenciam a dimensom pública das cartas, como pode ser a referência de Mello Breyner à fama da correspondência da bisavó de Leonor de Almeida, mulher que chegou a ser «motivo da mais profunda veneração com as cartas que dirigia a seos f.^{os}, quando foraõ a univerzid.^e, e entre os sabios, ouvesse o seo nome com resp.^{to}» («me *encanta* a condescendencia com q me me prometes [os] teus versos»). Esta correspondência foi, em princípio privada, sem que chegasse a ter ediçom impressa na altura, o que mostraria claramente que muitas destas cartas nom só eram abertas com o objectivo de exercer sobre elas a censura, mas que eram mostradas e copiadas para circularem entre os elementos dumha rede talvez para servirem de modelo e de transmissores de ideias, e até fora da rede, funcionando como elemento de distinçom, neste caso, da sua autora. Neste mesmo sentido se dirigem as palavras de Myriam Maître (1998: 52): «Lettres fictives et lettrés réelles ont un second point commun: elles sont lues en compagnie, les unes dans l'espace romanesque, les autres dans le salon, et permettent au cercle l'intelligence des relations qui unissent les correspondants».

Mas julgamos que nom é esta a única funçom que pode desenvolver esta correspondência semi-pública e semi-clandestina ao mesmo tempo, porque, como veremos no capítulo seguinte, as cartas incorporam determinados conteúdos (literários, políticos, sociais ou de qualquer outro género) que se colocam nelas com intençom de que circulem e se tornem públicos, ao menos dentro de determinadas elites.

Desta maneira, a citaçom de textos literários é utilizada para agregar elementos ou carregar-se do capital simbólico que os autores desses textos incorporam, mas também os mecanismos polos quais se “recomendam” os relacionamentos convenientes e, ainda, como se tentam evitar os nom convenientes.

Entendemos que a grande quantidade de citaçons que podemos localizar no epistolário de Teresa de Mello Breyner com Leonor de Almeida tem como objectivo imediato, nom tanto a exhibiçom de conhecimentos ou de “bom gosto” ou a

identificação de uma determinada adscrição estética ou ideológica, como a criação e/ou afortamento de uma rede de relacionamentos. Isto é assim, particularmente, quando se trata de escritores coevos com os quais efectivamente se convive ou se pode chegar a conviver, como seria o caso de Joana Isabel de Lencastre Forjaz, António Diniz Cruz e Silva, Cândido Lusitano ou Correia Garção, por citarmos só alguns exemplos. Evidentemente, a intenção das referências a estes autores não é sempre a mesma, procurando umas vezes o achegamento, ou a promoção dos elementos da própria rede, e outras a delimitação de distâncias com elementos alheios.

Entendemos, em definitivo, que **a importância concedida à correspondência por determinados sectores da primeira nobreza com uma posição de privilégio tanto no campo intelectual como no campo do poder, e particularmente pelas mulheres deste grupo, responde uma estratégia definida de intervenção no campo**. Tal e como foi verificado para o caso francês de Seiscentos por Myriam Maître, a ambiguidade proporcionada pela dupla dimensão pública e privada da carta (pense-se, ademais, que na segunda metade do século XVIII eram perfeitamente conhecidas as edições dos epistolários, em princípio privados, de M.^{me} de Sévigné ou de M.^{lle} de Scudéry), não permite apenas o estreitamento de laços dentro de uma rede de relacionamentos concreta, mas chega a converter-se numa via de entrada das mulheres tanto no campo intelectual como no campo do poder:

- Pela sua dimensão privada, a carta assegura à sua autora o decoro, a modéstia e a exploração no seu benefício de um estilo simples e familiar, que a proteja de possíveis ataques contra uma alegada pedantaria ou vontade de ostentação. É bem sabido que nesta altura, embora seja até certo ponto legítima a utilização por parte das mulheres das suas influências tanto no campo intelectual como no do poder (pense-se, por exemplo, na função de embaixatrizes e damas da Corte no segundo, ou das *salonières* no primeiro), em nenhum caso é permitida a ostentação pública deste poder e, aliás, esta situação é, por regra geral, perfeitamente assumida pelas mulheres da primeira nobreza, que procuram estratégias de ocultação que lhes permita intervir nos diferentes campos sem prejudicarem a sua reputação nem a da sua casa.

- A dimensão pública, por seu turno, garante o controlo na criação da própria imagem, de maneira muito mais “segura” que a intervenção directa num ou noutro campo por meio da edição de textos ou da realização de depoimentos públicos. Neste sentido, permitimo-nos lembrar que todas as publicações feitas pela Condessa de Vimieiro em vida foram estritamente anónimas, assim como a sua participação na

fundação e funcionamento da Academia das Ciências de Lisboa, na qual interveio activamente sem que esta situação fosse nunca reconhecida publicamente por meio da sua integração como sócia. Como afirma Maître (1998: 61-62):

le mythe de l'épistolaire féminin permet –c'est la fonction des mythes- d'exhiber et d'occulter en même temps cet étrange phénomène qu'est, en ce même moment, la 'naissance' des femmes de lettres. Les formes épistolaires minutieusement concertées dont la romancière mondaine fait usage témoignent du rôle stratégique joué par la lettre dans le jeu obligé d'affirmation et de dénégation qui caractérise alors la plupart des rares carrières littéraires féminines. Même à la fin de sa vie, M^{lle} de Scudéry n'a jamais cherché à préciser aux yeux du public la part qui lui revenait dans les ouvrages qu'elle avait écrits avec son frère: cette modestie entraînait dans la composition de sa gloire, et il importait au plus haut point que la 'griffonneuse', n'éclipsât jamais l'hôtesse de la rue Beauce.

Julgamos, **em conclusom**, que existem indícios suficientes, tanto no que di respeito a este corpus concreto, como polo que conhecemos em relação com outros casos, para acreditar que a correspondência privada funciona, em muitas ocasiões como texto de intervenção. Em primeiro lugar, sabemos que as cartas eram interceptadas pela censura, o que faz com que, salvo que se utilizassem canais alternativos de envio, as cartas ordinárias chegassem abertas ao seu destino; por outra parte, há testemunhos que indicam que em muitos casos as cartas eram lidas em público, copiadas e difundidas (com conhecimento e consentimento dos seus autores) entre uma audiência mais ou menos reduzida; finalmente, existem casos de cartas privadas que são recolhidas em volumes miscelâneos ao lado de textos de carácter público.

Ao lado destes indícios externos, dentro da própria correspondência encontramos outros que nos fazem pensar que muitas das afirmações não eram destinadas necessariamente à interlocutora da autora, mas a outros receptores.

A nossa hipótese é que é muito possível que através da correspondência privada se tentasse difundir determinadas ideias dentro do pequeno círculo da primeira nobreza, talvez com a intenção última de chegar até a Corte, particularmente a partir de uma certa altura em que os Condes de Vimieiro parecem ser afastados de Lisboa. Esta hipótese que colocamos para o estudo concreto da Condessa de Vimieiro cremos que pode ser abstraída como característica geral da utilização da epistolografia neste período.

II.4.3.3. Difusom de modelos estéticos e ideológicos através da correspondência

Para a difusom de ideias e modelos som várias as estratégias que indentificamos ao longo do epistolário da Condessa de Vimieiro, e que podemos resumir, fundamentalmente, na utilizaçom da citaçom, no envio de composiçons poéticas próprias e, também, na reflexom sobre determinadas questons mais ou menos polémicas na altura, sobre as quais Mello Breyner dá a sua opiniom, particularmente no que tem a ver com a posiçom das mulheres e as suas estratégias de intervençom no campo.

II.4.3.3.1. A citaçom

Umha das maneiras mais efectivas para difundir ideias e elementos de repertório é a citaçom, quer seja de textos, quer seja de nomes de produtores. A citaçom nom serve apenas para pôr de relevo os autores ou os géneros predilectos de quem a fai, mas também para pôr em valor os seus conhecimentos, a sua formaçom, o seu “bom gosto” (utilizando um conceito tipicamente ilustrado), servindo, em definitivo, como elemento de distinçom frente a outros agentes ou grupos do campo. E serve também, evidentemente, para estabelecer redes entre diferentes agentes que partilham total ou parcialmente estas escolhas, como é o caso de Teresa de Mello Breyner e de Leonor de Almeida, que, apesar das discussõs relativas a determinados textos ou produtores, podem ser colocadas dentro dum grupo que tem leituras similares e, à vez, diferenciadas doutros grupos com os quais concorrem no campo.

Dentro do período em foco neste capítulo, que abrange exclusivamente a correspondência endereçada pola Condessa de Vimieiro a Chelas, alguns nomes devem ser postos em destaque pola freqüência com que concorrem nas cartas: Joana Isabel de Lencastre Forjaz (catorze ocorrências), Metastasio (treze), Horácio (oito), Fénelon (sete), António Dinis (seis), a *Bíblia*, Boileau, Rousseau e Madame de Sévigné (cinco cada um). Para além destes, também encontramos em mais de umha ocasiom os nomes ou os textos de Correia Garção e La Roche Foucauld (quatro cada um), Cândido

Lusitano (três), Camões e Caracioli (duas), clássicos gregos e latinos sem especificar (duas), e alemães e ingleses sem especificar (duas); com uma ocorrência identificada podemos assinalar ainda Ciampi, Croiset, Madame Des Houliers, Frei Hilário do Dezerto, Händel, Hipócrates, Homero, José Basílio, Macedo, Madame Dacier, Marmontel, Matos, Montesquieu, Morgado Oliveira, Píndaro, Pope, Proteu, Quita, Racine, Richardson, Tântalo, Teócrito, Thomaz, Virgílio, Young e Zeno. Para além destas, devemos assinalar ainda algumas citações que não temos podido identificar: em italiano (onze), francês (uma) e espanhol (uma)¹²⁷.

Para interpretar a maior ou menor frequência de cada um destes produtores devemos pô-los em relação com a sua presença no sistema literário português desta altura, prestando particular atenção a aqueles casos nos quais os dados que temos sobre a difusão de livros e produtores em Portugal no último quartel do século XVIII não coincidem com a frequência com que estes são citados por Mello Breyner¹²⁸.

~~é mencionado aquele que~~ alguns autores consideraram não apenas o director dos estudos de Leonor de Almeida, mas até o seu amante, o que nos parece um indício suficiente como para repensar a relação real que existiu entre Alcipe e Filinto.

¹²⁸ Os dados para a análise da posição e função de cada um destes produtores no campo literário português do último quartel do século XVIII estão tirados de um Trabalho Academicamente Dirigido (ainda inédito) de balizas temporais mais alargadas (1750-1800) realizado por Antia Cortiças Leira dentro do âmbito do projecto de investigação «Mulher e Ilustração na segunda metade do século XVIII» do Grupo GALABRA da Universidade de Santiago de Compostela.

II.4.3.3.1.1. Pietro Metastasio

Pondo de parte Joana Isabel de Lencastre Forjaz¹²⁹, que será objecto de análise mais pormenorizada na epígrafe dedicada à hipótese de umha rede de relacionamentos da Condessa de Vimieiro, o autor mais citado na correspondência deste período é, com grande diferença sobre todos os demais, **Pietro Metastasio**, o que coincide plenamente com a sua posição no sistema literário português do último quartel de Setecentos. Segundo as informações recolhidas por Antia Cortiças Leira, a presença do dramaturgo italiano no sistema português da altura, quer por meio de traduções, quer por meio de textos originais, é esmagadora frente a qualquer outro autor concluindo que «de 1750 a 1776, vemos como é Metastasio a cabeça sobressaiente do panorama teatral e como o resto dos autores ainda não tem quase mais do que uma presença anedótica» (Cortiças Leira, 2004: 46)

Pietro Metastasio (1698-1782), nasceu em Roma. O seu primeiro libreto foi *Didone abbandonata*, e mercê a este trabalho começou a conseguir fama em Itália. Dez anos depois, em 1730, foi chamado pela Corte Vienense e, umha vez instalado na capital austríaca, a sua fama estendeu-se por toda a Europa. Escreveu vinte e sete libretos que fôrom encenados em numerosas ocasiões, musicados por diferentes compositores como Mozart, Gluck, Bach, Händel, Pergolesi, Traëtta ou Jommelli. Algumas das suas obras mais conhecidas som *Artaserse* (1730), *Alessandro nell'Indie* (1731) e *La clemenza di Tito* (1734).

Para compreender a esmagadora presença de Metastasio nas cartas da Condessa de Vimieiro devemos ter em conta, pelo menos, três factores: (1) a forte recepção de Metastasio em Portugal desde a primeira metade do século XVIII, (2) a adscrição ideológica aristocrática dos libretos do italiano e (3) o seu trabalho como autor de Corte em Viena.

¹²⁹ Conhecida pelo pseudónimo Aónia e identificada muitas vezes pela Condessa de Vimieiro como J.I. é, igual que Mello Breyner, umha dessas produtoras com presença verificável no campo intelectual português do século XVIII mas escassamente estudadas pela historiografia literária até a actualidade, ainda que recentemente Francisco Topa (2000 e 2002) se tenha ocupado de publicar alguns dos textos inéditos desta autora. Polas informações que conhecemos de Aónia, esposa de Fernando Martins Freire de Andrade, regentou um salom nas Picoas freqüentado, entre outros, por José Anastácio da Cunha (Ana Cristina Araújo, 2003: 95), e, a julgarmos pela correspondência da Condessa de Vimieiro, chegou a ter umha relação estreita e por vezes conflituosa com Mello Breyner e, particularmente, com Leonor de Almeida. Deixamos a sua análise para umha epígrafe posterior porque a disputa que estabelecem esta e Leonor de Almeida em relação com Aónia (ou, talvez, seria mais acertado dizer que a disputa é estabelecida entre Tirse e Aónia para conseguir o favor de Lília) entendemos que pode ajudar a desenhar os processos por meio dos quais é criada umha rede, colocando-se contra determinadas pessoas ou grupos.

Segundo José da Costa Miranda (1984: 223) o teatro metastasiano nom só era representado com freqüência em Portugal já na década de trinta de Setecentos, mas gozava até de grande prestígio:

Il teatro di Metastasio ebbe, dunque, in Portogallo o, almeno, a Lisbona, nella prima metà del Settecento, un rapido riconoscimento, ed intensa fu una prima serie de rappresentazioni nei due piccoli teatri di Lisbona. In realtà, nei pochi anni che corrono tra il 1736 e il 1740, si ricordano le rappresentazioni dei seguenti drammi metastasiani: *Artaserse*, *Olimpiade*, *La clemenza di Tito*, *Alessandro nell'Indie*, *Demetrio*, *Demofonte*, *Semiramide*.

O motivo deste prestígio há que procurá-lo, segundo afirma Miranda no mesmo lugar, na via de entrada deste produtor em Portugal, que foi sempre através de determinados sectores da nobreza lisboeta: «L'entusiasmo per lo spettacolo lirico metastasiano crebbe tanto che un altro teatro venne aperto, due anni dopo [de 1736], ancora a Lisbona e sempre per iniziativa dei nobili, protettori dell'opera metastasiana», tese que argumenta Miranda (1984: 224) em funçom das dedicatórias dos libretos publicados:

in Portogallo, o, almeno, a Lisbona, si confermava in questa prima metà del Settecento, la risonanza ottenuta dai drammi lirico metastasiani: alla cui diffusione, allora non era mancato l'appoggio entusiastico dei Portoghesi estessi: meglio, della nobiltà di Lisbona: Non dei letterati del tempo; mas dei nobili letterati della città di Lisbona [...]. Lo provano, credo, i frontespizi di alcuni dei libretti allora stampati e dedicati, senza eccezione, alla nobiltà portoghese. Alcuni dei nobili traducono, essi stessi, in lingua portoghese, i poemi metastasiani.

Mário Vieira de Carvalho (1993: 32-33), encontra ainda outros motivos para explicar o enorme sucesso de Metastasio entre a nobreza portuguesa: a moralidade dos seus conteúdos e a relação do seu teatro com o teatro religioso jesuítico:

"O texto dos dramas de Metastasio trata com muito tacto e reserva o amor entre homem e mulher. Outra forma não teria sido tolerada por Maria Teresa" (Kramer, 1970: 58)¹³⁰.

O mesmo tinha plena validade em Lisboa. Para a nobreza e, evidentemente, para os dignatários da Igreja que também frequentavam a *opera seria* [...], havia que preservar a "moralidade dos espectáculos".

Além disso, a *opera seria* italiana de Metastasio podia parecer aparentada com a tradição do teatro dos jesuítas, graças à gravidade e carácter exemplar da acção, bem como ao aparato cénico.

¹³⁰ Apud Hans Kramer (1970): «Pietro Metastasio in Wien», *Archiv für Kulturgeschichte*, LII: 49-64.

Mas, contrariamente a Miranda, Carvalho nega que houvesse um empenhamento especial por parte da nobreza para a difusão do repertório metastasiano, alegando o pouco conhecimento que o público em geral tinha dos produtores em relação com a grande fama das actrizes (Carvalho, 1993: 33):

É certo que alguns dos nobres que frequentavam este teatro chegaram a empenhar-se na impressão dos libretos italianos [...]. Mas estes, ainda quando aparecessem em traduções portuguesas [...] só podiam funcionar como auxiliar, sem repercussão relevante na estrutura de comunicação, marcada sobretudo pela atitude de procurar a "satisfação da vista e do ouvido". Os testemunhos que chegaram até nós mostram que não se dava uma atenção efectiva, nem à acção, nem aos libretistas e compositores. Metastasio ou qualquer outro autor do texto ou da música nunca são mencionados. Aparentemente, só as principais actrizes é que significavam algo para os espectadores. [...] Em vez de tender à difusão das luzes, a *opera seria* tendia antes, simplesmente, a favorecer o desenvolvimento da convivência social.

Não podemos concordar com esta hipótese de Mário de Carvalho, por dois motivos fundamentais: o interesse da nobreza por difundir umas determinadas ideias através dos elementos repertoriais concretos não tem por que ter equivalência na difusão do nome do autor importado entre o público geral, e, para além disto, se observarmos a forma de comportamento da nobreza portuguesa de Setecentos, veremos como as suas intervenções estão quase sempre restritas ao campo de acção da sua própria classe social. Isto, evidentemente, não significa que os únicos destinatários das suas acções sejam os seus pares, mas é exclusivamente entre estes que se intenta difundir uma determinada ideologia. A “ópera séria”, cantada em italiano e encenada em teatros de Corte, não tinha uma audiência maioritária, constituindo-se num repertório decididamente elitista, utilizado pela primeira nobreza como elemento de *distinção* frente a outros grupos sociais. É claro que isto não significa que em determinados casos os nobres ilustrados não pretendessem levar a cabo acções para beneficiarem as camadas sociais mais baixas (isto é evidente nos Condes de Vimieiro ou em Leonor de Almeida, que empreendem acções de tipo social na vila da sua jurisdição ou dirigem a educação dos seus criados), mas isto sem perder nunca de vista a reclamação por parte deste grupo de nobres ilustrados dos que consideram o direito inerente à sua classe de desfrutar de privilégios como a participação activa no governo e no funcionamento da Corte.

Parece claro, portanto, que junto com a promoção da ópera se potenciava, como diz Carvalho, uma nova forma de sociabilidade, mas isto em nenhum caso, do nosso

ponto de vista, entra em contradição com a difusão das Luzes. Em primeiro lugar, a introdução em Portugal de novas formas de sociabilidade aristocrática, muito pelo contrário, estavam indissoluvelmente ligadas às ideias iluministas; em segundo lugar, a difusão de novas ideias através de um meio de comunicação como era o teatro da época garantia maior impacto que a utilização de outros meios como a prosa doutrinária, por exemplo. As ideias eram postas igualmente em circulação, independentemente de que o público que assistia à representação ou que lia posteriormente o libreto soubesse ou não quem era o autor do texto, ou tivesse alguma ideia da posição deste na Corte austríaca. Se o teatro metastasiano aderiu tanto na sua forma como nos seus conteúdos ao despotismo esclarecido, potenciando e engrandecendo a figura do Rei magnânimo, que é representado sempre com esplendor, a eficácia na promoção desta ideia tem a ver mais com as condições da encenação e com a associação destas representações com um lugar de convívio elitista e “refinado” que com o conhecimento por parte do público português do nome do autor.

Por outra parte, devemos ter em conta que dentro da nobreza, como vimos, existiam sectores ilustrados de amplo capital cultural que não precisavam da referência para identificar o autor do libreto. Desde logo, da frequência e familiaridade com que Metastasio é citado nas cartas de Mello Breyner a Leonor de Almeida (em muitas das quais o autor não é citado pelo seu nome) deduzimos que nem uma nem outra teriam problemas para reconhecer o autor do *Demofonte*, ou do *Alessandro...*, já não num libreto completo, mas nem sequer na citação de uns poucos versos. Nesta mesma ideia insiste Manuel Carlos Brito (1991: 315):

É antes nos teatros públicos da Academia da Trindade e da Rua dos Condes -este último construído em terrenos pertencentes ao Conde de Ericeira- e com o apoio inequívoco de certos membros da nobreza, que essas verdadeiras apologias do despotismo iluminado que são os dramas de Metastasio irão ser conhecidas em Portugal. Das 24 óperas, todas elas de tipo sério, que se representaram nesses dois teatros entre 1735 e 1742, três quartos tinham textos de Metastasio. A divulgação literária desses mesmos textos será feita através da edição bilingue dos libretos, na qual certos nobres, como o Marquês de Abrantes, se envolvem directamente» (p. 315)

Portanto, as óperas de Pietro Metastasio têm uma evidente vinculação com o despotismo, algo que se torna evidente se considerarmos que a sua produção é feita sob protecção de um dos modelos mais referenciados de despotismo ilustrado europeu. Assim mesmo, é claro que tanto os lugares de representação (particularmente o teatro da

Rua dos Condes) como a promoçom dos espectáculos tenham por trás elementos da primeira nobreza.

Inserida pois nesta “tradiçom” de proteger e promover o repertório metastasiano própria da primeira nobreza portuguesa, e compartilhando os princípios ideológicos do despotismo e da Ilustraçom, é perfeitamente explicável o gosto de Teresa de Mello Breyner por ostentar um amplo conhecimento das obras do dramaturgo italiano, mas nom devemos deixar de parte um outro factor que apontámos já acima –a procedência vienense deste repertório. Esta Corte funcionava como modelo político e cultural para toda a Europa, e nom é possível separar o sucesso internacional de Metastasio do seu traslado para o país centro-europeu. A relativa excepçonalidade na massiva importaçom em Portugal dos textos metastasianos deve ser também explicada (para além dos elementos ideológicos já aludidos) tendo em conta as tradicionais relaços com a Áustria da nobreza portuguesa, podendo apontar, entre outros, os casos conhecidos, o matrimónio do Marquês de Pombal com a austríaca Leonor Daun, a carreira vienense do diplomata Silva Tarouca, a estadia de Lafões nesta Corte durante o período aqui analisado ou a origem austríaca da Rainha D. Mariana, esposa de D. João V. A isto devemos ainda acrescentar, para o caso de Mello Breyner a procedência da sua própria família materna, o que poderia ter incidência no seu grau de aceitaçom dos elementos de repertório importados de Viena. Julgamos, pois, que a Corte austríaca funciona para a nobreza portuguesa como um modelo estético, ideológico e comportamental. Mas este assunto será particular objecto da nossa atençom mais adiante.

II.4.3.3.1.2. Modelos da estética arcádica

Noutra ordem de cousas, os casos de **Horácio**, **Boileau** e **Cândido Lusitano**, **António Dinis**, **Correia Garção** entendemos que devem ser estudados de maneira conjunta, porque darão assim ideia da importância da circulaçom de textos teóricos (no caso de Mello Breyner incluso mais reputados do que os ficcionais), e dos elementos teóricos mais importantes na elaboraçom do ideário estético dumha ilustrada como a Condessa de Vimieiro: a poética clássica (a horaciana em oposiçom à aristotélica), a

contribuição do classicismo seiscentista francês, e a geração anterior de ilustrados portugueses.

(a) A esmagadora presença da poética horáciana, constantemente citada e até utilizada para ilustrar o obelisco dedicado por Sancho de Faro à sua esposa, coloca-nos na tradição latina, mas particularmente insere Teresa de Mello Breyner na revitalização de Horácio ao lado do maior desprestígio de Aristóteles durante o século XVIII, que provém do rechaço da filosofia escolástica, mas acaba também por afectar à sua poética.

Frente às três referências de Horácio ou sobre Horácio que localizamos no *Catálogo da biblioteca do Conde do Vimieiro* (a tradução da *Poética* da responsabilidade de Cândido Lusitano¹³¹, *Opera ad usum Deolphi*¹³² e *Comparison de Pindare et Horace* de François Blondel¹³³), aparecem só duas referidas a Aristóteles, e nenhuma da sua autoria (nem está, de facto, a *Poética*) e ambas escritas por padres da Companhia de Jesus: trata-se de *Réflexions sur la poétique d'Aristote*¹³⁴ e de *[Les] entretiens physiques d'Ariste et d'Eudoxe*¹³⁵.

(b) Por seu turno, sabemos que Boileau, que tinha conformado desde os finais do século XVII o gosto poético europeu, sentando as bases da poesia ilustrada, fora já traduzido para português pelo Conde da Ericeira antes do fim do século anterior, e que esta tradução (embora nem tenha sido impressa até 1793) circulou em manuscrito. De qualquer maneira, os ilustrados portugueses tinham acesso à edição francesa, tal e como a Condessa de Vimieiro, que cita sempre a *Poétique* na sua língua original¹³⁶.

(c) Finalmente, Cândido Lusitano, a quem já nos temos referido na qualidade de orientador dos estudos de Teresa de Mello Breyner numa dada altura da sua vida, é o primeiro tradutor para português da poética de Horácio, e é também o autor dumha *Poética* própria em que recolhe elementos tirados dos teóricos clássicos e europeus contemporâneos mais conhecidos. Este texto, publicado em 1748 em resposta à

¹³¹ Lusitano, Cândido, pseud. (1758): *Arte poética de Q. Horacio Flacco* trad. e ilustr. por Cândido Lusitano; Lisboa: Francisco Luiz Ameno.

¹³² Horácio (1691): *Opera, ad usum Delphi*; [s.l.]: [s.d.].

¹³³ Blondel/ François/ *Comparison de Pindare et Horace* Ed. de Paris de 1693.

¹³⁴ Rapin, René (1674): *Réflexions sur la poétique d'Aristote et sur les ouvrages des poètes anciens et modernes, par le P. René Rapin, jésuite*; Paris: Fr. Muguet.

¹³⁵ Regnault (le P. de la Comp. de Jesus) (1737, 1750): *[Les] entretiens physiques d'Ariste et d'Eudoxe, ou physique nouvelle en dialogues, qui renferme precisemet ce qui s'est decouvert de plus curieux et de plus utile dans la nature par le P. Regnault de la compagnie de Jesus: 3^e édition revue et corrigée (pour les 4 premiers tomes)*; Paris: Thiboust pere et fils; Paris: G. F. Quillau pere, 5 v.

¹³⁶ Boileau, Nicolas (1757): *Oeuvres, de M. Boileau-Despréaux*; Paris: David et Durand, 3 v.

demanda de Verney da existência dumha poética portuguesa (em oposiçom às espanholas que circulavam em Portugal) feita da perspectiva ilustrada, foi responsável pola divulgaçom em Portugal dos textos e das ideias de Luzán, Muratori, Horácio, Boileau, etc. Deste autor encontramos no *Catálogo* de 1760 três obras: *Methodo p.^a estudar a Estoria Portuguesa* (Lisboa, 1748), *Elogio de D. Francisco X.^{er} Mas.^{as}* (Lisboa, 1742) e *Plausus Tagi* (Lisboa, 1739), para além da já citada traduçom da *Poética* de Horácio.

II.4.3.3.1.3. Fénelon: a traduçom do Telemaque

As abundantes referências a Fénelon, e, particularmente, à sua obra mais conhecida e valorizada na altura, *Telemaque*, merecem particular atençom porque tenham a ver já nom apenas com a invocaçom de um modelo mais ou menos conhecido da Ilustraçom europeia, mas com o empreendimento por parte da Condessa de umha traduçom para português da obra referida.

Telemaque foi umha das obras de maior sucesso do século XVIII na Europa, mantendo-se, em palavras de Márcia Abreu (2002), «no topo da lista dos *best-sellers* por mais de 100 anos, não só em seu próprio país, mas até mesmo em terras, à época longínquas, como o Brasil». Este sucesso foi devido, em boa medida, embora nom exclusivamente, a umhas potencialidades pedagógicas coerentes com a ortodoxia católica. Tal e como indica Fernando Alves Cristóvão (1982: 140),

se considerarmos válida para todos os países europeus de tradição cristã, o que H.G. Martin afirma para a Holanda¹³⁷, a expansão do *Telémaco* nas escolas deve-se muito ao facto de tal obra poder servir de leitura alternativa ou complementar da Bíblia e do Catecismo. Durante bastante tempo –segundo Martin até ao último terço do século XVIII–, estes dois livros serviam como texto de leitura quase exclusiva para os jovens, dada a íntima ligação que existiu na Europa cristã entre educação e religião. Pelo que a introdução do *Telémaco* neste conjunto, foi uma pequena-grande revolução pedagógica

¹³⁷ H.G. Martin (1928): *Fénelon en Hollande*, Amsterdam.

Embora podamos encontrar no âmbito luso-brasileiro analisado por Cristóvão algum outro texto de Fénelon¹³⁸, o *Telemaque* foi a sua obra de maior impacto em Portugal, com onze traduções, adaptações ou imitações documentadas entre 1752 -data em que foi publicada a primeira edição das *Máximas de virtude e formosura* de Teresa Margarida da Silva e Orta- e 1788 (Cristóvão, 1982: 149-150). A primeira tradução *stricto sensu*, já que a de 1752 de Teresa Margarida da Silva e Orta não pode ser considerada desta maneira, foi publicada pelo «bacharel José Manuel Ribeiro Pereira, honrado secretário do Pará e Maranhão, e viu a luz da publicidade em Lisboa nos prelos da Oficina Régia Silviana e da Academia Real em 1765» (Cristóvão, 1982: 136). Só cinco anos depois, por seu turno, «o capitão Manuel de Sousa, invocando as “luzes da razão e do gosto”, resolveu fazer nova tradução, não só por se terem esgotado os exemplares da primeira, mas principalmente porque foi grande o coro das censuras» (Cristóvão, 1982: 136-137). A obra intitulava-se *O Telémaco* e saiu à rua em Lisboa, na Oficina de Miguel Rodrigues. Segundo Cristóvão (1982: 138) José da Fonseca, tradutor da mesma obra em 1837, achega alguma informação interessante sobre a tradução atribuída ao capitão Sousa, revelando que

a tradução de Manuel de Sousa pertence de direito a Filinto Elísio que lhe ditou, traduzindo directamente do original que lia. As circunstâncias da tradução de Francisco Manuel parecem explicar os motivos, tanto do ocultamento do nome do verdadeiro tradutor, como as correcções posteriores: não era suficientemente cuidada para sustentar o prestígio já estabelecido.

A tradução de Sousa também não teve um grande sucesso crítico, e um anónimo dá ao prelo em 1785 uma nova versão, publicada pela «Tipografia Rolandiana, onde o editor entende fazer mais algumas censuras graves a quanto se fez até ali» (Cristóvão, 1982: 137).

Para além das traduções ou adaptações mais ou menos convencionais do texto original de Fénelon, também foi publicada uma adaptação operística, em 1787 (Cristóvão, 1982: 142). Trata-se do

Tellemaco nell'Isola di Calypso, composição dramática em italiano de um autor napolitano desconhecido e musicada por João Cordeiro da Silva, músico e compositor do final do século XVIII, mestre de príncipes e infantes, compositor da Capela Real da Ajuda, que a fez executar em 1787, e autor de vasta produção mitológica e arcádica. Esta “ópera” não renega a influência italiana dominante

¹³⁸ Cristóvão (1982: 1481-49) assinala a presença das traduções de *Diálogos sobre a eloquência em geral e a do púlpito em particular* (Lisboa: na Oficina de António Rodrigues Galhardo, 1761) e dos *Diálogos dos mortos, para desabutar a mocidade de muitas preocupações* (Tradução póstuma de João Rosado Villalobos e Vasconcelos, Lisboa: na Tipografia Rolandiana, 1786).

então no nosso teatro, e é muito semelhante às que corriam em Itália, por exemplo o *Telemaco. Drama per Musica* de Carlo Segismondo Capeci.

No ano seguinte, encontramos ainda umha outra tradução, desta vez da responsabilidade do «advogado da Casa da Suplicação Joaquim José Caetano Pereira e Sousa [que] verteu para verso solto português as *Aventuras de Telémaco*, seduzido pelo ritmo poético do original» (Cristóvão, 1982: 138).

Desde 1770 e até 1774 podemos localizar na correspondência da Condessa de Vimieiro várias referências a Fénelon e ao seu livro *Aventures de Telemaque* em relação com umha tradução deste texto que Teresa de Mello Breyner afirma estar levando a cabo. Até o de agora não temos podido averiguar se este texto foi publicado (todo parece indicar que não foi assim), se teve, talvez, distribuição manuscrita ou, inclusive, se Teresa de Mello Breyner chegou a acabá-lo¹³⁹. Segundo as próprias palavras da Condessa, a intenção desta tradução era a de ser publicada tendo como objectivo um público juvenil:

se algum dia concluir huma tradução q' empreendi em oras vagas, e se ficar de modo que tu a aproves então darei a mocid^e Portuguesa hum socorro de boas maximas p^a a sua educação; porem está tão distante do seu fim, e eu tão adiantada na cont^a de meus dias, e tão oprimida de cuidados mais importantes, q' prudentem^{te} receio fique incompleta a obra. (in «Estremoz 22 de Outubro de 1770»).

¹³⁹ É verdade que, como foi já indicado, existiu em 1785 umha tradução anónima do *Telemaque* (a única destas características no século XVIII em Portugal) que poderíamos supor da Condessa de Vimieiro, mas não encontramos indícios razoáveis para isto. Trata-se das *Aventuras de Telemaco, filho de Ulysses, por Francisco de Salignac da Motha Fenelon Arcebispo, e Duque de Cambraia, &c. traduzidas do francez em portuguez. Com hum discurso sobre a poesia épica, e excellencia do poema de Telemaco; e notas geográficas, e mythologicas para a intelligencia do mesmo poema*; Lisboa: na Typografia Rollandiana. Com licença da Real Mesa Censoria. No texto introdutório, o editor indica que se trata de umha correcção da tradução publicada quinze anos antes pelo Capitão Manoel de Sousa: «Intento mandar novamente traduzir o Eloquentissimo Poema das *Aventuras de Telemaco*; Obra que já tem empregado alguns espiritos de abalizado merecimento, critica, e litteratura; mas com a infelicidade, de que contra elles se tem levantado alguns Criticos tambem de consumada lição, e gosto. He certo, que sendo o Capitão *Manoel de Sousa* de grandes estudos, de muito merecimento, e assaz instruido na Lingua Portuguesa, com tudo se deixou arrastar por huma louca vaidade, e capricho de ostentar muita lição Portuguesa, de maneira, que sem necessidade desentrou muitos termos desusados, antiquados, e já ha longos annos arredados de nós.// Com tudo nesta nova tradução seguimos a de *Manoel de Sousa*, emendando com toda a critica os termos antiquados, e conservando as muitas bellezas, e boa tradução, que em muitas partes apparece, principalmente na segunda edição da sua Tradução [1776], a qual mais alguma cousa está moderada da sua viveza, e capricho de lição Portuguesa» (Fénelon, 1785: 3). Polas informações de que dispomos através da correspondência da Condessa, a sua tradução foi feita sempre a partir do original francês, sem que aparentemente existisse um conhecimento aprofundado do trabalho de Sousa.

Posteriormente, em carta datada em «Estremoz 31 de Janrº de 1771», a Condessa refere-se de novo a esta tradução: «Está de ferias o bom Telemaco esperando q o socego do Vimieiro me leve outra vez a Ilha de Calipso onde o deixei, p.^a continuar a sua tradução em verso», acrescentando alguma informação sobre a época em que a começou e estado do trabalho:

foi hum projecto, q me occorreo o anno passado pode ser que se não continue, porq eu tenho poco tempo, e ainda menos paciencia, e como a vida he curta, e a morte se apreça he provavel que toda esta papelada informe fique p.^a acender o fogo dos que ficarem.

Mello Breyner passa da certeza da utilidade do seu trabalho para a *falsa* modéstia que condena a sua obra ao lume. Poucas semanas depois argumenta novamente em favor da sua tradução, que coloca como mais “feliz” que a existente nesse momento no mercado português, a do Capitão Sousa:

o Telemaco dizem que está misseravelm^{te} estropeado nessa traducção; a m.^a começou com alguma felid.^e, porem eu ainda estou na perplexid.^e de a continuar rimada, ou em verso solto. Este tem por si m.^{tos} votos; e a liberd.^e em que poem o traductor p.^a exprimir o texto, me faz hum grande pezo. Por outra parte a cadencia da rima, faz mais recomendaveis a memoria as estancias; e como o fim q pertendo na tradução /se conseguir/ he pôr aquelles excellentes docum.^{tos} de tal modo recomendaveis, que se decorem por gosto, e tenhaõ os meos f.^{os} /se D.^{os} quizer darmos/ ao menos o costume de os repetir, se não tiverem a felid.^e de os praticar, parece-me que o verso solto, não he p.^a isto tão proprio. Dizeme o teo parecer, q he p.^a mim m.^{to} atendivel («Estremoz 28 de Fevr.º de 1771»).

Para além do dito, Mello Breyner coloca alguns problemas formais relativos à finalidade didáctica do texto, afirmando serem os seus próprios filhos o alvo da tradução. Apesar do tom já referido de falsa modéstia e dumha *aparente* desvalorização deste trabalho, apresentado como um cuidado maternal mais do que como umha produção intelectual, a partir dumha certa altura vemos através das cartas que o *Telemaque* se converte na prioridade para a Condessa: «quando eu tiver melhor cabeça heide te mandar alguns farrapos das muzas, que me tem dado este anno; mas não sei se será logo, porq me custa m.^{to} escrever: Aceiteilhos p.^a ver se me cortaõ de vestir p.^a Telemaco, com quem faço tenção de entrar a contas» («Vimrº 25 de Maio de 1772»); «eu poco te posso mandar de novo porq se algum tempo me resta dezejo que o leve o Telemaco», («Q.^{ta} de S. João 11 de Set^{bro} [1772]»), ou «o Telemaco parou com a vinda da Freyra, estava o terceiro livro quazi acabado; e agora se acabará. Estes intervalos que me enterrompem o fio da tradução, ate receio que se conheçaõ na metrificaçãõ. Q.^{do} a mã

está feita á Liras, nada custa tirar della vozes armoniozas» («Como os *cachorros* são simbolos de fidelidad^e»).

Desde Setembro de 1772 até Maio de 1774 nom encontramos novas referências à tradução, por causa do que parece ser um abandono temporal deste trabalho, a julgarmos pelas próprias palavras da Condessa: (Vimr.º 13 de Maio de 1774»): «Telemaco vai caminhando p.^a Chipre; se não foraõ as intercadencias deste anno ficava m.^{to} adiantado o primr.º tomo».

No mesmo lugar, Mello Breyner introduz algumas reflexões relativas à dimensão pública da sua obra, insistindo na sua constante relutância à publicação frente ao empenhamento do Conde de Vimieiro por dar publicidade aos trabalhos da sua esposa. O projecto da tradução tinha nascido quatro anos antes com vocação de publicidade, pois nom é verossímil que, se a intenção principal era a produção dumha boa tradução para o exclusivo aproveitamento dos possíveis filhos que pudesse ter no futuro, a Condessa afirmasse, no anúncio feito a Leonor de Almeida sobre este trabalho, que del tiraria proveito “a mocidade portuguesa”. À medida que avança o tempo, este anúncio vai sendo matizado aludindo à inclusão da tradução dentro das suas obrigações maternas, e até explicitando a sua posição contra a publicação do texto.

Entendemos que, neste caso, como noutros que veremos ao longo do trabalho, entram em colisão os princípios ilustrados de utilidade e de divulgação com a exigência de modéstia para as mulheres. A sua falta de presença pública neste período nom se deve tanto a que se exerça umha explícita censura sobre as suas actividades como à exigência de evitar qualquer tipo de ostentação. Isto é, nom existia umha proibição expressa à intervenção pública das mulheres por meio da publicação de textos, mas estas assumiam -com as complexidades que veremos mais adiante- o facto de que qualquer posicionamento público podia era contrário aos princípios exigidos para a conservação da sua reputação. As palavras de Elias Torres (2004: 78) neste sentido som esclarecedoras:

We must remember that the Virgin was the social model imposed on women in contemporary European society, which was basically a Catholic society. Together with a wide array of female saints, virgins and Catholic martyrs, she was the model of what were considered the three main womanly virtues: chastity, silence and modesty, at a time when, from a theological point of view, ontological equality between men and women was strongly disputed.¹⁴⁰

¹⁴⁰ Isto, desde logo, nom é umha novidade no século XVIII, e assim o recolhe Roberto López-Iglésias Samartín (2003: 212) no seu estudo sobre *Mulher e campo literário no Renascimento português*: «a mulher encontra um modelo de pureza e virtude na figura feminina que já antes do Concílio de Trento se perfila como paradigma de mulher virtuosa: a Virge Maria, nai de Jesus Cristo, mulher quase divina e máximo exemplo de virtude a seguir por todas as mulheres da cristandade».

Existe, evidentemente, a possibilidade de publicar anonimamente ou sob pseudónimo com o fim de evitar essa exposição pública, mas de certas afirmações de Teresa de Mello Breyner inferimos que no restrito âmbito da Corte lisboeta qualquer pseudónimo ou anonimato podia ser rapidamente interpretado, tal e como sucede quando a Condessa, em 1781 publica a sua tradução do *Essai d'un éloge historique*. («Vimr.º 13 de Maio de 1774»):

mas eu q tenho grande duvida a q elle appareça em publico; porq abomino ostentaçoens, e lá me tem seo ar de bazofia o imprimilo não me dou m.^{ta} preça p.^a que possa esfrear o apetite de q.^m olha p.^a mim por entre a doirada venda do amor: [tu]do lhe parece brilhante em mim, e com tudo nem sempre aq.^{la} luz he oiro. Tomara que tivesses um Alfido como este, ainda q te custasse amoderar nelle, como a mim me custa, o dezejo de me fazer recomendavel à posterid.^e

Tanto em relação com a utilização estratégica da ocultação da identidade por parte da Condessa, como com a perspetivação das intervenções públicas de ambos como um projecto conjunto, é interessante reparar no papel de promotor dos trabalhos da Condessa exercido por Sancho de Faro. Em inúmeras ocasiões, o Conde é identificado pela sua esposa como a pessoa que recolhe todas as suas obras, insta e promociona a sua publicação: «Não te esqueças de mandarme a Epistola, e sonetos, que lá tens, pedeos quem tem direito ao que he meo» («Estremoz 21 de Janr.º»); «os meos versos não podem estar em gaveta q' mais os onre, mas eu tenho dono, que não se acomoda a ficar sem elles/ são fraquezas, que se devem desculpar/ mandamos com as redes seguras pelo Corr.º e te mandarei copias q.^{do} o queiras assim» («Estremoz no ultimo dia do anno de 73»); «mandame tu pela pr.^a occasiaõ as estancias q fiz o anno paçado aos teos annos, porq se me sumio o borraõ, e certa peço a q.^m eu chamo Alfido tem a fraqueza de não querer ficar sem estas coizas» («Q.^{ta} de S. João 11 de Set^{bro} [1772]»); «se são presentes das Muzas, nem ellas, nem eu andamos de paxorra p.^a nos aturarmos. Ja o Sr' Alfido tem ralhado comigo a este resp.^{to} mas sem mais fructo que o de esquentar o seo figado» («Chamas-me *Fada*, e não queres que falle em Cans?»).

Os Condes de Vimieiro, na qualidade de membros da primeira nobreza, ilustrados e herdeiros de casas de elevado prestígio intelectual, enfrentam-se a um projecto comum de intervenção no campo para introduzir novas ideias e elementos de repertório tanto estéticos como ideológicos. Com este objectivo, podemos perceber que estabelecem um reparto de tarefas, ocupando-se a Condessa da intervenção no campo

intelectual e no âmbito da Corte, dedicando-se o Conde prioritária, embora nom exclusivamente à intervençom directa nos lugares da sua jurisdiçom¹⁴¹.

II.4.3.3.1.4. As mulheres ilustradas: Madame de Sévigné, Madame Dacier, Madame Des Houliers

Merece especial destaque dentro deste capítulo dedicado às citaçons recolhidas na correspondência de Teresa de Mello Breyner, a presença de três mulheres francesas do século XVII mui conhecidas no século XVIII em toda a Europa e que podemos afirmar que formavam o “cánone feminino ilustrado”.

(a) **Madame de Sévigné** era considerada, e assim se recolhe também em Mello Breyner, um dos principais modelos para a carta privada no século XVIII. As suas cartas nom só tivérom um enorme sucesso, com diferentes ediçons ao longo do século (1725, duas diferentes em 1726, 1734-1737 e 1754), mas servirom também de modelo para a redacçom de cartas pessoais para as mulheres setecentistas. Sévigné é expressamente citada até em cinco ocasiõs no epistolário vimieirense:

que il est beau de pleurer quand'on regrette les exemples d'un ami vertues dizia Madame de Sévigné. eu dicera antes que *il est juste de pleurer, quand on perd'une veritable amie*, quando on regrette, sans ressource, les exemples d'une verteuse Dame («Estremoz 16 de Nov.^{bro} de 1770»),

tudo dezejo saber, com a suas circunstancias, que seg.^{do} *M.^a de Sevigné* todas entereçaõ, todas se dezejaõ, quando se ama com ternura huma peçoa taõ amavel como tu («Estremoz 27 de Novembro de 1770»),

desta vez posso dizer como a *Sevigné* =pensies ne sout ici pas tout -afait noires, elles sont tout au moin gris brun= («Estremoz 31 de Janr^o de 1771»),
M.^e de Sevigné fazia escarneio no seo tempo das cartas que acabavaõ faites moi la justice de croire que je suis &r.^a e que diria de acabarem as nossas sempre pelo cumprim.^{to} de estou pr.^{ta} p.^a servirvos? («Estremoz 31 de Janr^o de 1771»),

dizia a Mad.^{me} de *Sevigné*, que a gente não era feliz porque no jogo deste mundo nunca via a pintura das cartas alheias; a sim he; o q está nas maõs aos olhos dos

¹⁴¹Neste sentido, apontamos aqui que o Conde foi sócio numerário da ACL, embora nom tenhamos constância de que tivesse exercido nela nengum tipo de actividade.

parceiros he cand.^o he simples, mas o que se volta p.^a o jogador quantas surpresas envolve? («Vimr.^o 14 de Junho de 1771»).

A intelectual francesa é utilizada como modelo, fundamentalmente, para o relacionamento amistoso e para as reflexões entorno aos afectos, inclusive naqueles casos em que se alude aos materiais repertoriais com que são construídas as cartas (por exemplo, na terceira citação, em que a Condessa se refere às fórmulas de cortesia). Vimos acima (§II.3.3.2.) que um recurso preferente de entrada das mulheres no campo intelectual era através da carta, acolhendo-se, particularmente, a um modelo que colocava no primeiro plano os afectos. Conseguia-se assim um tom familiar e despreocupado que conferia à carta a ambiguidade necessária para permitir a opinião e a intervenção no campo sem romper os estreitos limites do decoro feminino, que condenava qualquer exibição de conhecimentos ou talentos. A utilização de Sévigné, autêntico padrão europeu deste modo “feminino” de intervenção no campo intelectual, deve, pois, ser considerada como uma adesão a um modelo estético concreto, mas também, em vista da consciência de Mello Breyner da relativa divulgação das suas cartas, como a procura de uma homologia entre o lugar ocupado no campo intelectual por Sévigné e o lugar que ela própria aspira a ocupar.

(b) **Madame Des Houlières**, poeta e dramaturga¹⁴², era um referente ilustrado desde os começos do século XVIII. Benito Feijó, no *Teatro crítico* (tomo I, discurso XVI, pp. 375-376), refere-se a ela nos seguintes termos:

Antonieta de la Guardia, noble Francesa, hermosa de apuesto cuerpo, y alma; pues por ella se dijo, que la naturaleza había tenido el gustazo de juntar todas las gracias de el espíritu, y de el cuerpo en una mujer; fue tan eminente en la Poesía, que en un tiempo en que este Arte era muy cultivado, y estimado en Francia, no hubo en todo aquel dilatado Reino hombre alguno que le pusiese el pie delante. Sus obras se recogieron en dos volúmenes, que no he visto. Murió el año de 1694 dejando una hija heredera de su ingenio, y numen, que ganó el premio de la Poesía en la Academia Francesa.

¹⁴² É citada por Maupoint (1733) na sua *Bibliothèque des theatres* na epígrafe «Gensenic Roy des Vandales»: «Tragedie de Madame Deshoulières, jouée en 1680 par la Troupe Royale de l'Hôtel de Bourgogne. Cette Dame Deshoulières qui se nommoit Antoinette du Ligier de la Garde, étoit femme de Guillaume de Lafond sœur de Deshoulières. Elle étoit de l'Académie d'Arles & mourut le 17 Février 1694. Ses poésies sont très belles, surtout ses stances morales. L'ouvrage où l'on trouve qu'elle a les moins réussi, est cette Tragedie de Gensenic» (p. 151, <http://cesar.org.uk/cesar2/books/maupoint/display.php?index=151>) (05.01.2004).

O mesmo Feijó (1742-1760: 59, vol. 2. Itálicos no original) também se refere M. Deshouliers nas *Cartas eruditas y curiosas* (Carta séptima «Dichos y hechos graciosos de la Menagiana») em termos igualmente elogiosos:

me han parecido dignas de imprimirse en la memoria de todos los hombres las tres siguientes sentencias de la célebre Poetisa Madama des Houlieries sobre el juego. *Un jugador de oficio, nada tiene de humano, sino la apariencia. No es tan fácil, como se piensa, ser hombre de bien, y jugar grueso. Los que se dan al juego, empiezan siendo engañados, y acaban engañando.* (De Madama des Houlieries se da noticia en el primer Tomo del Teatro Crítico, Disc. XVI, num. 121, debajo del nombre de Antonieta de la Guardia, que son sus propios nombre, y apellido, pues Madama *des Houlieries* se dice, siguiendo el estilo Francés en orden a las mujeres casadas, porque su marido era Señor *des Houlieries*).

Na correspondência de Mello Breyner é citada em umha única ocasiom, mas de umha forma certamente elogiosa, sendo comparada com La Rochefoucauld: «M.^r de la Roche Foucault¹⁴³ cada vez me pairesse mais sollido nas suas maxims Des houlieries cada vez mais terna p.^a com as suas amizades» («As tribulaçoens da m.^a familia»). Se Feijó, segundo vimos acima, colocava a ênfase no papel de Desouliers como poeta e moralista, Mello Breyner, coerentemente com a sua participaçom na corrente sentimental europeia, pom em destaque, sobretudo, as opinions daquela em relaçom com a amizade.

(c) **Anne Dacier** (1651-1720), por seu turno, foi conhecida e reputada especialmente como tradutora dos clássicos. Publicou *Poésies de Callimaque* (1674), *Florus* (1674), *Aurelius victor* (1681), *Poésies d'Anacréon et de Sapho* (1681), *Eutrope* (1683), *L'Amphytrion*, *le Rudens*, ou *l'Heureux naufrage*, et *l'Épidicus*, (1683, comédias de Plauto), *Le Plutus* e *les Nuées*, (1684, comédias de Aristófanes, o que a converte na primeira tradutora deste autor para francês), *Dictys cretensis* (1684), *Les six comédies de Térence*, *La Vie de Térence*, e *Des Remarques* (1688), *Réflexions morales de l'empereur Marc-Antonin* (1691), *OEdipe* e *Électre* (1692, tragédias de Sófocles), *Six Vies des Hommes illustres* (1694, de Plutarco, duas traduzidas por ela e quatro polo seu marido), *Iliade* de Homero (1711), *Des Causes de la corruption du goût* (1714), *Odyssée* de Homero (1716), *Homère défendu contre l'apologie du R.P. Hardouin, ou Suite des causes de la corruption du goût* (1716). Por encomenda do Duque de Montausier traduziu os clássicos latinos «pour l'usage du dauphin, dont il était gouverneur». Igual que Sévigné e Desouliers, também Dacier alcançou um grande

¹⁴³ M. de la Roche-Foucault (1665): *Maximes*.

prestígio entre os seus contemporâneos, como o mostram os testemunhos recolhidos no *Grand Dictionnaire des femmes de l'Ancienne France*¹⁴⁴.

Igual que no caso anterior, só encontramos umha referência a Dacier nas cartas da Condessa: «a Grande Madame d'Assier, quando ouve de assignar o seu nome entre os de m.^{tos} omens doctos do seo seculo; devendo, como elles, juntarlhe huma sentença, escreveo esta /creio q' de Sofocles/ *o silencio he o ornato das mulheres*» («me encanta a condescendencia com q me me prometes»).

A frase citada a Mello Breyner é geralmente atribuída a Anne Dacier¹⁴⁵, a qual, depois de ser convidada, rejeitou emitir qualquer opiniom em debates académicos em França, utilizando para isso umha conhecida sentença de Sófocles, que, na sua tragédia *Ajax*, e por boca do seu protagonista, «enuncia lo que debe ser el ideal de la mujer que concuerda perfectamente con el de Pericles enunciado en el mismo siglo V a.C.: "Mujer, para las mujeres el silencio un adorno supone"» (Arbey Atehortúa Atehortúa, 2000).

A importância desta referência a Dacier está em que a Condessa justifica a sua utilização estratégica do anonimato (e veremos esta questom com maior pormenor nas páginas seguintes) com a *auctoritas* de umha outra mulher ilustrada, utilizando ambas ironicamente um tópico recorrente, desde a antigüidade greco-latina, na construção da feminidade.

Mello Breyner escolhe, entre os seus referentes, os nomes de três mulheres procedentes do século XVII francês -período identificado em França com a promoção do Racionalismo e com a entrada maciça, no campo intelectual, de mulheres nobres através, sobretudo, dos seus salons-, amplamente conhecidas, citadas e reputadas por ilustrados como Feijó e Boileau, que ocupavam um lugar central do campo. O objectivo,

¹⁴⁴ Entre eles recolhemos as palavras de Bayle, que nas suas *Nouvelles de la république des lettres* (Outubro 1684), afirma: «La plupart de ceux qui avaiant été chargés de donner ces commentaires n'ont fourni leur tâche, que lorsqu'il n'a été plus tems de l'employer à ce à quoi on la destinait; mais Mademoiselle Le Fèvre surpassa tous les autres en diligence, et gagna le pas à je ne sais combien d'hommes qui tendaient au même but». Sempre segundo a mesma fonte, um jornal de 1682 escrevia: «Comme la Grèce n'a jamais rien eu de plus galant ni de plus poli que les poésies de Sapho et d'Anacréon, nous pouvons dire que la France n'a guères vu rien de plus juste que cette traduction, tant par la délicatesse avec laquelle Mademoiselle Le Fèvre a imité dans cette copie la naïveté presque inimitable de l'original, que par le secret qu'elle a su trouver, la première, de faire passer dans une prose fidelle toutes les grâces que l'on trouve dans les vers grec». Ainda, Boileau afirmou «que personne ne devait entreprendre de traduire le Chantre de Théos, pas même en vers, après Madame Dacier», in *Grand Dictionnaire des femmes de l'Ancienne France*, (<http://siefar.femmes.free.fr/DictionnaireFB/FBDacier.htm>) (08.03.2004).

¹⁴⁵ Por exemplo, na *Enciclopédia católica*, (<http://www.encyclopediacatolica.com/a/annedacier.htm>) (08.03.2004).

entendemos, não é apenas a ostentação do conhecimento das três -e do seu conhecimento, no caso de Sévigné, na língua original-, mas a proposta:

(a) de um modelo de mulher intelectual procedente, como ela, da nobreza e com vontade de intervir no campo, e

(b) de uma homologia entre ela mesma e as três integrantes do que poderíamos designar como o cânone feminino ilustrado.

II.4.3.3.3. Difusom através da correspondência de textos poéticos próprios

Prestando atenção às estratégias desenvolvidas, de maneira geral, pelos produtores no campo literário português do século XVIII é fácil ver que a publicação, particularmente de poesia, não era uma prioridade. Vemos que, simplesmente, de entre os nomes citados neste trabalho, a Condessa de Vimieiro, Leonor de Almeida, Joana Isabel Forjaz e António Dinis ou Cândido Lusitano e Garção, tendo escrito abundante poesia não publicaram os seus poemas em vida. É certo que se detecta uma diferença substancial no comportamento de homens e mulheres, porque se os primeiros, como no caso de Cândido Lusitano ou Garção, publicam outro tipo de obras sob o seu próprio nome, as segundas ou não publicaram nada em vida (como é o caso de Almeida e Forjaz) ou todo o que publicaram veio a lume anonimamente (como a Condessa de Vimieiro).

Encontramos aqui, portanto três factores diferentes que devemos levar de conta: (1) a exigência de modéstia às mulheres, (2) as estratégias de ocultação (das quais nos ocuparemos mais adiante) e (3) aquela que ocupará esta epígrafe –a utilidade como critério fundamental para a publicação e a consideração, a esta luz, da poesia.

Quando definimos acima o conceito *Ilustração* incluímos como uma das suas características principais a vontade de intervenção, que se traduz na planificação de estratégias que optimizem os resultados dessa intervenção. Isto converte a divulgação num aspecto basilar da actuação dos ilustrados, mas, dadas as características da sociedade portuguesa setecentista (com baixos índices de alfabetização e uma

burguesia ainda pouco consolidada como camada dirigente) e o elitismo de determinados grupos, a impressom nem sempre é a estratégia escolhida.

Sabemos, portanto, que existiam canais alternativos para a distribuiçom de textos clandestinos manuscritos, como o demonstra a existência de determinados volumes miscelâneos contendo textos satíricos ou políticos como a *Collecção de Poesias Varias Grande parte dellas dignas de toda a estima: assim pela sua raridade; como pelos seus Auctores Tomo 2.º*, datado no ano 1792 e assinado com as iniciais J.B.d.C.d.Q.¹⁴⁶; a *Collecção De diversas obras curiozas De livros De varios entendimentos*, que contém textos diversos: cartas, discursos, descriçons, conselhos, advertencias...¹⁴⁷; os *Panfletos políticos ao Duque de Lafões*¹⁴⁸, ou a *Collecção Prozaica de varios discursos sobre diversas materias, conforme o Index formalizado no fim deste volume Tomo= 3.º Junto tudo, e destribuído na ordem em ^q. aqui se acha, e escripto Por Antonio Correya Vianna Lisboa: Anno 1784*¹⁴⁹. Sem pretendermos, desde logo, sermos exaustivos, queremos simplesmente evidenciar que este tipo de volumes ou ao menos os textos que os integram (pois parece claro que em determinados casos podiam ser compilaçons pessoais de textos avulsos) circulavam com relativa facilidade, o que explicaria a sua abundância actual nas bibliotecas e arquivos.

Ainda na correspondência de Teresa de Mello Breyner encontramos umha nova indicaçom, neste sentido que confirma a distribuiçom clandestina de determinados textos: «Trago na algibeira um tratado a favor do Marquezito, q se me confiou debaixo do mais rigurozo segredo¹⁵⁰, com o fim de me fazerem capaz de cortar objecçoens» («Lx^a 26 de Abril de 1777»). Neste caso, o motivo da clandestinidade é a pouca seguridade que existia ainda nos momentos imediatamente anterires à coroaçom de D.

¹⁴⁶ Este volume encontra-se na secçom de Reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa com a cota Cod. 6694. Aqui podemos ler um soneto político de Teresa de Mello Breyner intitulado «Marques e não te insulto», localizado pola Doutora Vanda Anastácio, e um outro de Joana Isabel de Lencastre Forjaz intitulado «Sete vezes e seis tem completado».

¹⁴⁷ Este volume de 315 páginas encontra-se na Biblioteca Nacional da Ajuda e tem a cota 51-X-28.

¹⁴⁸ É um pequeno caderno manuscrito conservado na Biblioteca Nacional da Ajuda com a cota 49-II-53^{5a-g}.

¹⁴⁹ Volume manuscrito de 432 páginas numeradas que contém, entre outros escritos (elogios, sermons, discursos...) várias cartas de Dinis de Mello (1.º C^{de} das Galveias) ao duque de Cadaval, de Luís da Cunha (Ministro em França) ao secretário de Estado Diogo de Mendonça Corte Real), do Príncipe Kaunitz ao Duque Lafões, de Seabra a Martinho de Mello, do Marquês de Pombal a seu filho, de um fidalgo estrangeiro, do Rey de Castella, etc. Está depositado na Biblioteca Nacional da Ajuda com a cota 51-II-40.

¹⁵⁰ O «Marquezito» é Martinho de Mascarenhas «filho dos Duques de Aveiro, encarcerado na Junqueira, por virtude do atentado contra D. José. O velho Marquês de Alorna, depois de sôlto, empenhou-se junto de D. Maria I pela restituição do *Marquesinho* (era Marquês de Gouveia) à posse dos seus títulos e bens. Não o conseguiu. O seu casamento, combinado no cárcere da Junqueira, com D. Maria de Almeida, a irmã de Alcipe, não chegou a efectuar-se» (Cidade, 1941: 4).

Maria I (que teve lugar a 29 de Junho de 1777) sobre qual seria o resultado dos processos de exoneração dos condenados pelo intento de regicídio de 1758.

Sem ser a investigação dos canais de circulação de literatura clandestina o objecto do nosso estudo, ao longo da nossa pesquisa temos podido verificar que a correspondência funcionava como canal seguro (em determinadas circunstâncias já apontadas acima) para o envio de livros¹⁵¹ e manuscritos que se queriam difundir, mas não publicar, umas vezes porque respondiam a intenções que se pretendia que permanecessem ocultas, outras vezes porque não se considerava *útil* a sua impressão. Este segundo caso será o do constante envio de composições poéticas próprias entre a Condessa de Vimieiro e Leonor de Almeida. Só da primeira e durante o período 1770-1777 temos localizado cinquenta referências a textos próprios, que na maior parte dos casos –tirando as alusões à tradução do *Telemaque*– são enviados a Chelas junto com as cartas. O nulo interesse por imprimir os poemas, revela uma hierarquização dos géneros literários, que é recolhida na Ilustração portuguesa por Luís António de Verney para quem a poesia ocupa um segundo plano, definindo o engenho (Verney 1747, I: 178) como «saber unir ideias semelhantes, com prontidão, e graça para formar pinturas que agradem, e elevem a imaginação», porque o fim da poesia é unicamente a delectação (Verney, 1747, I: 192):

O artifício da-Poezia tem por-fim, agradar: e por-isto só se-emprega em dar regras, com que possa ocupar gostosamente um ingenho. A isto consagram os Poetas todo o seu ingenho, e juízo. Se buscam um argumento elevado, é para agradar, com a ideia de grandeza: se procuram imitar a verdade, é para agradar, com a galantaria da-imitação: se não dizem coisas contrárias às nossas inclinações, isto mesmo é para agradar: se propõem movimentos apaixonados, com que pintam ao vivo, diferentes afectos da-alma; também isso é para agradar; desorteque este é o idolo, do-artifício poético.

Acrescentando ainda que «a Poezia não é coisa necessaria, na República: é faculdade arbitrária, e de divertimento»¹⁵² (Verney, 1747, I: 225). Esta ideia,

¹⁵¹ Neste sentido queremos apontar que o correio servia para o envio de livros publicados, às vezes, também de circulação clandestina. assim o indica Leonor de Almeida quando escreve para a sua amiga a Condessa de Vimieiro: «Com as tuas ordens mandarei os livros [que quizeres], e se eu ao menos pudesse fornecêr-te de cá o socorro das novid.^{es} teria nisso grandicima consolação. Eu não tenho pressa de livros quando tuos quero emprestar, bem podes lêr como esse heróe [sic] de q^e me falas. não sei se já são oras de mandar d'aqui segurálos no corr.^o por q^e não devo dar esse desconforto ao Snr D João se forem hiraõ agora se não p^a o corr.^o que vem» («22 de Março de 1775»).

¹⁵² Esta ideia está já presente em Platão que afirma em *A república* (Pereira, 1983: 462-463, ¶600_{b-d}): «mas supões, ó Gláucón, que, se Homero fosse, na realidade, capaz de educar os homens e de os fazer melhores, como pessoa que podia não ser imitador, mas bom conhecedor dessas matérias, não criaria numerosos discípulos que o honrassem e estimassem? [...] E os que viveram no tempo de Homero, se realmente ele era capaz de ajudar os homens a serem virtuosos, e de Hesíodo, haviam de os deixar andar de um lado para o outro a recitar, e não se apegariam mais a eles do que ao dinheiro, e não os forçariam a

evidentemente, nom é subscrita por todos os ilustrados, que exibem em muitos casos a tradicional utilidade da literatura para formar e deleitar. Nesta linha está a opiniom de Francisco José Freire (1748:21), que, acompanhando Luzán, define a literatura como «imitação da natureza no universal e no particular feita em versos para utilidade, e para deleite dos homens», e pom em destaque, parafraseando Aristóteles, a sua essência de verdade (1748: 59; *italico no original*):

De duas especies he o *verdadeiro* da natureza. Huma he aquelle *verdadeiro*, que com efeito he, ou foy: o outro he o que verosimilmente foy, e tambem podia, ou devia ser, segundo as forças da natureza. O primeiro *verdadeiro* buscão os Theologos, os Mathematicos, os Historiadores, e outras sciencias. O segundo pertence aos Poetas, que são os que principalmente o buscão. Do conhecimento do primeiro vem a *sciencia*, e do segundo a *opinião*.

Mas de qualquer maneira, parece evidente que o peso da funçom formativa da literatura cai sobretudo nas formas dramáticas e nom nas poéticas. assim, como tivemos ocasiom de analisar noutro lugar (Bello Vázquez: 2005: 125), o teatro é o género ficcional prioritário para os ilustrados portugueses já desde a Arcádia Lusitana¹⁵³ através da qual Correia Garção e Manuel de Figueiredo definem um género que se pom ao serviço da Razom e da pedagogia. Os críticos e dramaturgos da Arcádia exaltam nas suas produções as virtudes pedagógicas e doutrinais do teatro, e, sobretudo, da tragédia; denunciando as faltas de verossimilhança, que atraíçavam o conteúdo em favor da espectacularidade ou do divertimento, e explicando a possível utilidade à República de um teatro nacional, que recolhesse os valores intrinsecamente portugueses através das suas figuras históricas e dotasse as classes altas do seu próprio espectáculo e meio de comunicaçom.

Para compreender este empenhamento ilustrado polo teatro devemos ainda ter em conta que se tratava de um espectáculo que por influência da Igreja Católica, se encontrava sob suspeita de perverter a moralidade dos seus espectadores. Para mudar

ficar com eles nos seus lares, ou, se não os convencessem, não se teriam transformado em pedagogos, para os seguirem onde quer que fossem, até que saciassem do seu aprendizado?»

¹⁵³ Para esta tendência da Arcádia chamou já a atençom António José Saraiva (1958, vol 2: XLVII-XLVIII), na sua edição das *Obras completas* de Correia Garção, onde sintetiza o labor realizado polos árcades, empenhados na reforma do teatro: «O esforço dos Árcades traduz-se tanto num trabalho doutrinário, tendente a mostrar a necessidade do teatro, a definir as regras dos géneros, as características da acção, dos personagens, etc., como numa tentativa de criação de um repertório nacional. Num e noutro se distinguiram os mencionados Francisco José Freire, que traduziu dramas de Sófocles, Eurípides, Séneca, o *Catão* de Adison e a *Athalie* de Racine, antecidida de uma importante dissertação; Manuel de Figueiredo autor de numerosas dissertações proferidas na Arcádia ou escritas para anteceder as suas tragédias e comédias; Manuel Tibério Pedegache Ivo, de que já mencionámos a dissertação que antecede a *Mégara*, realizada em colaboração com Reis Quita, que é também autor de algumas tragédias; Teotónio Gomes de Carvalho, que escreveu a peça *Cesar, o monumento imortal*, e outros entre os quais o nosso Garção».

esta impressom, os ilustrados insistírom nas possibilidades didácticas –tam caras à Ilustraçom- que tinha o maior meio de comunicação de massas que conhecia o século XVIII; mais para explorá-las na sua totalidade era preciso dar um giro aos conteúdos e às formas (Bello Vázquez, 2005: 95).

Dada esta característica de meio de comunicação de largo alcance, é fácil compreender que fossem vistas no teatro umhas potencialidades de publicidade e didactismo muito mais elevadas do que na poesia, que fica assim relegada a um segundo plano, sendo considerada mais um divertimento e até umha maneira de estreitar laços sociais do que um género literário central. Os dados de Cortiças Leira (2004: 21 e 24, gráficos 2 e 4) a este respeito som esclarecedores: a produçom ensaística e humanística supom o 42% do total da ediçom¹⁵⁴, frente a um 22% da produçom considerada literária, conformada por textos teatrais, poéticos e prosaicos¹⁵⁵. Como elemento de comparaçom, recolhemos também o dado oferecido por Cortiças Leira em relaçom com a ediçom de textos religiosos, que supom um 13% do total.

De entre a produçom literária, e sempre segundo a mesma investigadora, a poesia supom apenas um 28% do total frente a um 39% da produçom teatral. Mas para interpretar correctamente estes dados, fam referência à segunda metade do século XVIII de maneira global, devemos levar de conta ainda a progressom da traduçom de cada um dos géneros apontados entre a primeira e a segunda metade do século, tal e como assinala Cortiças Leira (2004: 27-28):

na passagem de 1727-1749 a 1750-1776, o aumento da produçom literária já é de 187% (com uma passagem de 48 a 138 títulos traduzidos na categoria de literatura). Com respeito à traduçom teatral, entre 1727 e 1749 esta representa 31% da traduçom literária, e entre 1750 e 1776 passa a representar 67% do total das importações literárias, o que é umha mostra mais da iminente popularizaçom dos repertórios teatrais.

Para o período em foco neste capítulo, os dados oferecidos pola mesma investigadora som indiscutíveis quanto ao lugar ocupado pola poesia no campo: o género mais traduzido é o religioso, com um 33% do total, seguido polo teatro (24%), o

¹⁵⁴Evidentemente, e dadas as características já assinaladas ao longo deste trabalho em relaçom com a existência de canais de produçom e difusom de textos manuscritos, é impossível conhecer o volume total da produçom

¹⁵⁵As categorias escolhidas por Cortiças Leira correspondem-se, de maneira geral, com as adoptadas por Gonçalves Rodrigues (1992): prosa, poesia, teatro, ensaística, humanidades, ciência e religiom. Esta classificaçom, elaborada desde umha perspectiva actual, e nom atendendo às características do campo intelectual setecentista, provoca umha série de desajustes à hora de aplicá-la ao nosso trabalho, que fõrom também percebidos e explicitados por Cortiças Leira (2004: 6-8).

ensaio (20%), a ciência (12%), a prosa de ficção (8%) e, em último lugar, encontramos a poesia, que não representa mais de 3% do total das traduções publicadas entre 1750 e 1776 (Cortiças Leira, 2004: 30).

Estes dados, que evidentemente devem ser tomados com uma certa cautela, pois não fazem referência nem ao total da produção nem ao total da edição, nem ainda ao total dos livros disponíveis pelos leitores e leitoras em Portugal na segunda metade do século, pois não estão aqui recolhidas nem as produções portuguesas nem os títulos estrangeiros que circulassem em Portugal sem tradução, mas, em qualquer caso, servem como indicativo da posição que podiam ocupar tanto a poesia como o teatro dentro do sistema¹⁵⁶.

Outra questão importante é a função desses textos poéticos, pois encontramos que em uma alta percentagem podemos qualificá-los como publicações “de circunstâncias”, quer dizer, escritos dedicados a celebrar um natalício, um casamento, uma coroação ou a lamentar uma morte, o que indica que, de uma maneira significativa, quando alguém se decidia a dar ao prelo um texto poético fazia-o em função das repercussões que esse texto pudesse ter para conseguir o favor de um protector ou protectora ou bem para fazer exibição pública das suas adesões políticas ou “de rede”.

Em definitivo, e uma vez assentes estas ideias básicas (i.e.: a poesia ocupa um segundo plano a respeito de outras formas ficcionais, particularmente o teatro), julgamos que os textos topicamente identificados como “neoclássicos”, dos quais as histórias da literatura projectam a ideia de que são os de maior difusão -e, neste sentido, remetemos para a análise feita na epígrafe I.3.-, são, na realidade, minoritários quanto à sua publicação. As recriações poéticas de temas clássicos, as formas greco-latinas e renascentistas, os cantos à amizade e ao amor, se bem é certo que são abundantemente cultivadas, também é verdade que são escassamente publicadas. Os seus **objectivos** de

¹⁵⁶ Estes dados podem ainda ser contrastados com os resultados das investigações de Rui Tavares (1997) na sua dissertação de Mestrado em relação com os textos apresentados para a censura perante a Real Mesa Censória para o período 1768-1777 (Tavares, 1997: . 81), que, embora não especifique as percentagens dos géneros poético e dramático, coloca o que ele denomina “Belas-Letras” com menos de um quinto da produção total, coincidindo, em linhas gerais com as percentagens achegadas por Cortiças Leira no seu trabalho: «a maioria dos textos chegados à Real Mesa sob a classificação do grupo I, (Religião, que detém 36,18% da amostra) com uma distância de quase 10% em relação aos textos do segundo maior grupo (o IV, Filosofia e Artes), que detém pouco mais de um quarto do total de textos [26,97%]. Em terceiro lugar o grupo das Belas-Letras, V, com 18,09%, quase um quinto da amostra. Os dois grupos menores II e III, História e Direito, detém posições muito semelhantes, de 8,55% e 10,20% respectivamente.

louvor da amizade, de estreitamento de laços afectivos e sociais e, sobretudo, **de formaçom/consolidaçom de redes**, entendemos que som perspectivados polos seus cultores e cultoras de umha maneira mais privada do que pública, equivalendo em determinados casos, quanto à sua funcionalidade, à correspondência, também passível de ser examinada dessa ambigüidade público/privado. Entendemos, da nossa perspectiva, que aí se estabelece umha diferença substancial em relaçom com outros géneros como o teatro (tanto na sua dimensom de texto publicado como de espectáculo, e incluindo aqui nom apenas comédia e tragédia como géneros canónicos, mas também outras produçoms espectaculares como a ópera, os bailados, os recitados, etc.), a divulgaçom científica ou a prosa doutrinal, que procuram sempre umha difusom mais alargada (maioritariamente através de textos impressos) e umha tomada de posiçom pública dos seus produtores, impressores, livreiros, etc., enquanto a correspondência e a poesia aproveitam ou podem aproveitar os recursos oferecidos por um terreno indefinido como a carta privada ou o intercâmbio pessoal de glossas, dedicatórias e poemas, que em muitas occasions tenhem como lugar de produçom e difusom salons e assembleias em casas particulares.

II.4.3.3.4. A educaçom das mulheres e a ocultaçom

II.4.3.3.4.1. Objectivos

Nesta epígrafe analisaremos algumha das posiçoms polémicas adoptadas por Teresa de Mello Breyner no período em foco. Com isto nom queremos indicar tanto que a Condessa entre em polémica pública –veremos que isto nom encaixa facilmente no seu espaço dos possíveis¹⁵⁷- como que adopta posiçoms que entram em relaçom, quando nom em directa oposiçom, com determinados assuntos que eram objecto de discussom nesta altura. Isto sucede, por exemplo, com a educaçom das mulheres e,

¹⁵⁷«La relation entre les positions et les prises de position n'a rien d'un rapport de détermination mécanique. Entre les unes et les autres s'interpose, en quelque sorte, l'espace des possibles, c'est-à-dire l'espace des prises de position réellement effectuées tel qu'il apparaît lorsqu'il est perçu au travers des catégories de perception constitutives d'un certain habitus, c'est-à-dire comme un espace orienté et gros des prises de position qui s'y annoncent comme des potentialités objectives, des choses "à faire"» (Bourdieu, 1992: 326).

conseqüentemente, com o modelo de actuação social que devem seguir, ou com a possibilidade de as mulheres intervirem no campo de forma pública e explícita.

II.4.3.3.4.2. A educação das mulheres

Para além da divergência entre a posição e a função da Condessa do Vimieiro no sistema literário português do segundo terço de Setecentos, e as que hoje lhe são atribuídas pela crítica, a que já temos aludido, encontramos uma outra que tem também um grande interesse para o assunto tratado neste trabalho: a que, aparentemente, se estabelece entre uns posicionamentos abertamente partidários da igualdade entre homens e mulheres e a negativa a publicar as suas obras originais ou traduções. Esta dissonância explica-se pela existência de uma transgressão gerada pelas aspirações de uma mulher ilustrada (habilitada, conseqüentemente, tanto pela sua ideologia como pela sua formação) de posicionar-se no espaço público que colide com o preconceito ainda vigente das três virtudes femininas construídas como clássicas: silêncio, obediência e castidade¹⁵⁸.

As tomadas de posição da Condessa inserem-se e devem ser interpretadas à luz dum debate que se está a produzir em Portugal arredor da educação em geral e das mulheres em particular, em relação com as reformas educativas Pombalinas. Tanto o debate como as próprias reformas que Pombal leva a cabo no sistema educativo vêm ligadas a um debate filosófico mais fundo que ocupa boa parte dos intelectuais de toda a Europa influenciados pelas ideias iluministas. Como afirmam Duby e Perrot (1992: 148):

No século XVIII, com a erosão da prática religiosa e a evolução do tom dos filósofos, a educação torna-se um tema de reflexão em moda. Fala-se e escreve-se, como nunca, sobre o assunto, sobretudo na segunda metade do século. As Luzes acreditam na pedagogia.

Para Paul Hazard (1983: 37), a Razão constitui-se num valor indiscutível que vai logicamente de mãos dadas com a educação, pois só através desta última pode

¹⁵⁸ Para ver este assunto com maior pormenor recomendamos o trabalho de Roberto Samartim (2003), particularmente pp. 186-227.

exercitar-se convenientemente a primeira, sem cair na aceitação cega dos princípios de autoridade e das superstições:

A razão basta-se a si própria: quem a possui e exerce sem preconceitos jamais se engana: *neque decipitur natio, neque deceptit unquam*; ela segue infalivelmente o caminho da verdade. Não precisa de autoridade, da qual é exactamente o oposto e que apenas demonstrou ser uma mestra de erros; nem da tradição; nem dos antigos, nem dos Modernos. Toda a aberração resultou de se haver acreditado cegamente em vez de proceder, em cada circunstância, a um exame racional.

A moda da pedagogia chega a todos os âmbitos e discutem-se todos os aspectos que têm que ver com a infância. Os meninos são considerados agora como pessoas com gostos e necessidades diferentes e fica já longe aquela imagem de adultos pequenos e ligeiramente incapazes que até entom se impugnera. O século XVIII é o século da educação, e não só porque se debata sobre ela, mais também porque se pensa na infância e na sua capacidade de aprendizagem para criar jogos e literatura especificamente infantil¹⁵⁹. Novamente em palavras de P. Hazard (1983: 191)

Não houve modernista que não fizesse votos pela educação progressiva; a questão do aleitamento das crianças de mama pelas mães, a de saber se deviam ou não ser enfaixadas, a de decidir se era preferível um preceptor privado ou o sistema de vida em comum nas escolas, a de saber como escolher um mestre responsável no caso de se optar por essa solução, a relativa à aprendizagem de um ofício natural, a do primado da educação sobre a instrução, todos constituíram problemas muitas vezes abordados e tratados. De igual modo se tratará da educação das raparigas.

Em relação com o dito por Paul Hazard devemos colocar as palavras de Mónica Bolufer (1998: 129), que precisa o interesse ilustrado pela educação e deita luz sobre a referência final do investigador francês à educação feminina:

Mucho se ha escrito sobre la “obsesión pedagógica” de la Ilustración, olvidando, por lo común, que los principios y los modelos no pueden considerarse conceptos meramente teóricos ni tomarse la parte por el todo, los objetivos y

¹⁵⁹ Frente a esta visão da relação pedagogia-iluminismo temos a de Buenaventura Delgado (1995: 139) na sua *Historia de la infancia*, para quem a postura dos teóricos ilustrados a respeito da infância é bastante menos “sincera” ou bem intencionada. Para este autor não é que o objectivo principal dos iluministas fossem os meninos e meninas *per se*, mais estes beneficiaram do aumento da higiene, da demografia e também dumha filosofia preocupada fundamentalmente pelo benefício da República e o aumento da produtividade. Para lograr este propósito “políticos y pensadores admitieron el principio de *igualdad de educación*, principio que hay que entender en el sentido de 'adecuado a cada clase social y en función de las necesidades e intereses del Estado'. Ingleses, franceses y españoles [portugueses também, claro está] coincidieron en reservar la educación superior a las clases económicamente fuertes, manteniendo al pueblo en la ignorancia. A los campesinos, mercaderes e industriales habría que darles la instrucción necesaria para que fuesen capaces de producir más y mejor, siempre en función de los intereses sociales. La crítica por parte de políticos y escritores afines a su ideología respecto a la escasez y mala calidad de las escuelas elementales no dejaba de ser un tópico de la retórica de la época y un modo de encubrir sus verdaderas intenciones”.

espírito de la educación masculina como paradigma universal, del que la instrucción femenina representaría un mero apéndice, una adaptación, sin más problemas, de los criterios generales a las funciones específicas, enunciadas éstas como naturales. En efecto, el optimismo pedagógico de la Ilustración se volcó sobre las mujeres, pero lo hizo con una mezcla de entusiasmo y reticencia. Por razones utilitarias, tanto como por cierta coherencia con sus principios, los hombres de la Ilustración no podían negar a las mujeres alguna participación en los cambios educativos de su época: bien al contrario, se mostraban deseosos de utilizar su educación para troquelar conductas y difundir saberes y valores acordes con sus proyectos de reforma. Pero sus cautelas a la hora de precisar los contenidos, objetivos y formas de esa educación revelan que captaban sus implicaciones ambivalentes.

É evidente, portanto, que o interesse pola educação tanto de homens como de mulheres tinha como principal objectivo dominar umha das vias privilegiadas para a introduçom e difusom de ideias. A educação, por isto, nom foi umha preocupação exclusiva dos pedagogos, mais também do Estado, que interveiu activamente para planificar os estudos segundo os seus interesses. O rejeitamento do critério de autoridade por parte dos iluministas levava aparelhados o rejeitamento da escolástica, doutrina dominante na Europa até o século XVIII, e umha reformulação das relaçons entre a Igreja, o Estado e o Ensino. O estado absoluto, consciente do poder da educação, nom podia deixar esta engrenagem fundamental da sociedade fora do seu controlo. assim, os Estados encarregam-se agora da organizaçom e da dotaçom de conteúdos tanto dos estudos primários como superiores -e o caso português é, neste sentido, exemplar-, que tinham sido até entom umha competência exclusiva das ordens religiosas, e no seu nível mais baixo, umha obra de caridade.

As mulheres nom ficárom de parte numha polémica que chegou a todos os estratos sociais, mas é fundamental perceber que a possibilidade de educar as mulheres rara vez se entendia como o direito de um indivíduo a adquirir determinados conhecimentos, mas como umha qualidade que podia ajudar a fazer mais prazenteira a vida dos homens, em primeiro lugar pola funçom de primeiras mestras destes cumprem que as mais, mas também levando de conta que para um marido ou um pai é preferível estar rodeado de mulheres com umha certa cultura que o podam divertir quando chegar à sua casa e adornem o seu salom quando receber visitantes. Esta ideia encontra-se repetida em praticamente todas as obras da época sem variaçom nem excepçom¹⁶⁰.

¹⁶⁰ Contra a opiniom mais freqüente, que representa Verney (1747), por exemplo, existe um teórico que nom adopta esta mesma perspectiva —o galego Padre Feijó (1727), que no discurso XVI do *Theatro crítico universal*, a “Defensa de las mugeres”, em nengum momento fai referênci a ao tópico da mai-mestra, e defende o direito das mulheres à educação em funçom da sua igualdade de capacidades com os homens.

Luís António de Verney dedica umha atenção específica à educação das mulheres no seu *Verdadeiro método de estudar para ser útil á República*, mais concretamente no «Apêndice sobre o estudo das mulheres» na carta décimo-sexta (1747: 236-243, II). Neste texto, Verney (1747: 236-237, II) defende a igualdade de capacidade de mulheres e homens, e considera que

polo que toca a capacidade, é loucura persuadir-se, que as Molheres tenham menos, que os Omens. Elas nam sam de outra especie no-que toca a alma: e a diferencia do-sexo nam tem parentesco, com a diferença do-intendimento. A experiencia podia, e devia dezinganar estes omens. Nós ouvimos todos os dias molheres, que souberam as Ciencias muito melhor, que alguns grandes leitores, que nós ambos conhecemos. Se o acharem-se muitas, que discorrem mal, fose argumento bastante para dizer, que nam sam capazes; com mais razam o-podiamos dizer, de muitos omens.

E, igual que para outros defensores da igualdade, para Verney (1747: 237, II) a única razão que pode explicar a diferença de conhecimentos entre os dous sexos é a falta de oportunidade que tenham as mulheres de cultivar as suas capacidades: «De que nasce esta diferença? Da-aplicasam, e exercicio, que um tem, e outro nam tem. Se das-molheres se-aplicasem aos estudos tantas, quantos entre os omens, estavam veriamos quem reinava».¹⁶¹

Mas a igualdade de capacidade por si só parece nom bastar para justificar a educação das mulheres, perante os homens a quem inicialmente vai dirigido. O autor recorre à utilidade¹⁶² que pode ter para os homens estarem rodeados de mulheres instruídas, tanto quando, sendo meninos, a sua educação está nas maos das mais, como quando o homem pode conversar com a sua mulher ou com as suas filhas e irmãs, encontrando na sua casa um lugar de lazer intelectual (Verney, 1747: 237, II):

Sam as nosas mestras, nos-primeiros anos da-nosa vida: elas nos-ensinam a lingua; elas nos-dam, as primeiras ideias das coizas. E que coiza boa nos-âm-de ensinar, se elas nam sabem o que dizem?
[...] Persuado-me que a maior parte dos-omens casados, que nam fazem gosto, de conversar com suas molheres; e vam a outras partes, procurar divertimentos pouco inocentes; é porque as-acham tolas, no-trato [...]. Certo é, que uma molher de juizo exercitado, saberá adosar o animo agreste, de um marido aspero, e

¹⁶¹ Cfr. com o argumento do Padre Feijó (1727: ¶ 117 e ¶ 137) “Las francesas sabias son muchissimas: porque tienen mas oportunidad en Francia, y creo que tambien mas libertad para estudiar las mugeres” e “Casi todas las mugeres, que se han dedicado à las letras, lograron en ellas considerables ventajas; siendo assim, que entre los hombres, apenas ciento que siguen los estudios, salen tres, ò quatro verdaderamente sabios”

¹⁶² Neste sentido, afirma Salgado Júnior (1949: XX) que Verney “recolhia de Locke [...] o critério de *utilidade* da cultura. Locke repetia muito essa norma, tanto nos aspectos filosóficos como pedagógicos: este e aquele conhecimento pode não ser seguro; mas obtenha-se, se é útil”. E, de facto, o português subintitrou as suas cartas com a frase “para ser *útil* à República e à Igreja” (itálicos nossos).

ignorante; ou saberá entreter melhor, a dispozisam de animo, de um marido erudito; doque outra, que nam tem estas qualidades: e desta sorte reinará melhor a paz nas familias.

Depois de argumentar os benefícios da educação feminina, Verney (1747: 238, II) explicita como deve ser essa educação, que na sua opinião deve estar regulada pelo estado, similar à dos rapazes e ministrada na casa:

O primeiro estudo das mãys deve ser, ensinar-lhe por-si, ou, tendo possibilidade, por-meio de outra pessoa capaz, os primeiros elementos da-Fé. &c. explicando-lhe bem todas estas coizas: o que podem fazer, desde a idade cinco anos, até os sete. Depois, ler, e escrever Portuguez correctamente. Isto é o que rara molher sabe fazer, em Portugal.

Os estudos das raparigas devem incluir também os «elementos da Fé», ler e escrever, a gramática portuguesa e as quatro operações da aritmética; idealmente devem ser ministrados pelas mães, mas a pouca preparação que segundo Verney têm comumente as mulheres inabilita-as para estas tarefas (Verney, 1747: 238, II): «pouquissimas sabem ler, e escrever; e muito menos, fazer ambas coizas correntemente», e as que chegam a este nível básico desconhecem a ortografia ou como escrever uma carta correctamente. Para o estudo da religião, por seu turno, rejeita os excessos em orações e novenas e recomenda a leitura de «livros que tem figuras» (Verney, 1747: 238; II) pelo seu maior didactismo, recomendando que o estudo se converta para meninos e meninas num divertimento, introduzindo as imagens ou o desenho para lograr este objectivo. Faz especial menção da necessidade que têm as raparigas de aprenderem bem a gramática no ensino elementar, já que têm menos oportunidade de conhecê-la que os rapazes, que continuarão os seus estudos regrados nas escolas (Verney, 1747: 238, II). Quanto à aritmética, deve focar-se à utilidade para a economia doméstica (Verney, 1747, vol. 2: 238-239).

Numa etapa posterior, deve-se incluir o estudo da geografia e da história sagradas, da história universal —«especialmente a Grega, e a Romana» (Verney, 1747: 239, II)— e a história de Portugal. O estudo da história bíblica tem como objectivos ajudar a compreender o conteúdo dos sermões e preparar o ensino da história antiga e da de Portugal, para os diferentes episódios da Bíblia devem ser estudados como sucessos históricos. A aprendizagem da história antiga deve ter uma função moral (Verney, 1747: 239, II), e a respeito da portuguesa afirma Verney no mesmo lugar que «é justo, que as mulheres saibam, a história da-sua pátria: e vejam o que tem avido, bom, e mau,

na história do-seu Reino. Nam digo, que devam ler tudo, o que se-vai escrevendo na Academia Real, sobre esta matéria: basta que se-sirvam de um Compendio».

Para além destes estudos, que podemos considerar básicos, Verney acrescenta outros que podem ser ministrados às raparigas em função do seu destino social. Aqui inclui o canto, a dança e a música, que não são considerados necessários para nenhuma classe social, mas o *Barbadinho* julga que podem ter uma certa utilidade entre as «senhoras Grandes» pois a música serve de distração aos pais, e sempre e quando aquelas se apliquem «a estes divertimentos inocentes [...] com o fim, de não estarem ociosas» (Verney, 1747: 242, II). Recomendam-se no mesmo lugar os estudos musicais para as futuras freiras que precisam de saber tocar o órgão «para os tais empregos», e, quanto à dança, considera-a necessária para completar a educação de uma senhora pelo que pode ter de útil como exercício para aprender a andar e saudar correctamente.

Sobre os estudos clássicos, especialmente o conhecimento da língua latina, Verney, consciente das polémicas que levanta a possibilidade de que as mulheres acessem à língua sagrada por excelência, não censura que estas, especialmente as religiosas, tenham capacidade para ler textos religiosos ou históricos de primeira mão, perguntando-se (Verney, 1747: 242, II)

porque não há-de uma Senhora, que le a História, entender um bocado de Latim, para ler a dita, na sua língua original? Porque não poderá uma Senhora, inclinada à piedade, ler a Escritura, principalmente o Eclesiástico &c. em Latim [...] não acho incoerência alguma, mas antes é coisa muito louvável.

A etapa dedicada aos estudos especializados de economia doméstica é a que Verney (1747: 239-240, II) considera mais especificamente feminina, e está orientada a fazer da rapariga uma boa dona-de-casa, pois

este é o fim, para que a Providencia as-poz neste mundo; para ajudarem os maridos, ou parentes; empregando-se nas coisas domésticas, no mesmo tempo que eles se-aplicam, às de fora. Por este nome de Economia intendo, saber o preço de todas as coisas, necessárias para uma casa, e a melhor qualidade delas: como também, em que tempo se-devem fazer, as provizações de casa: o que importa muito, para poder poupar. Também, como se-deve preparar um jantar, com a menor despesa, em cada tempo do-ano.

Este último é, do nosso ponto de vista, o aspecto fundamental da educação feminina proposta por Verney, pois evidencia que se trata de uma formação subsidiária, equivalente ao papel que se pretende ocupem as mulheres na sociedade. A educação é considerada como uma maneira de melhorar e dignificar a vida das

mulheres dentro de um estado mui particular, que é o de esposas, mais e donas-de-casa, ou freiras, mas o Barbadinho nom pretende, em nengum caso, igualar os papeis sociais de homens e mulheres. Bem ao contrário, Verney promove um modelo burguês que impede desde a primeira infância o acesso das mulheres a conhecimentos que as habilitem para intervir na vida pública, o qual, como veremos a seguir, colide frontalmente com os interesses de determinados sectores da primeira nobreza, que tenham na educação doméstica feminina um dos recursos principais para a sua intervençom na Corte.

Embora desconheçamos se a Condessa do Vimieiro elaborou textos doutriniais sobre a situação das mulheres setecentistas, sabemos, no entanto, que reflectiu sobre o assunto na sua correspondência deste período, apresentando uma sintonia indubitável com os textos seus contemporâneos que mais estritamente reivindicam a igualdade de homens e mulheres e situando-se abertamente em contra doutros que colocam as mulheres em posiçõs subalternas, particularmente o *Emile* de Rousseau («Eu bugiar! com estas cans!», itálicos nossos):

deixemos M.^r R[ousseau] de Geneve porque não o conhecendo mais que pelo nome, e por algumas passagens consultadas não devo esquentar o meo figado em contradizer as suas maximas tu as lez p.^a teo divertim.^{to}, *naõ deixarás de zombar da pôca onra que elle faz ao nosso sexo*. A certo mancebo criado com o seu de L'Emilie [sic] respondi eu uma vez ouvindolhe perguntar p.^a q serviaõ mulheres [sic]? que para conceber ingratos .

A crítica a Rousseau é em funçom de argumentos diferentes aos que podiam ser utilizados por sectores mais conservadores. Em lugar de censurar os perigos que o discurso rousseaniano podia ocasionar à estabilidade do Estado, ou umha atitude blasfema ou inimiga da religiom católica, a Condessa de Vimieiro censura o ataque que Rousseau fai às mulheres quando propom como companheira ideal do seu *Emile* umha mulher deliberadamente fraca e inferior, com umha formaçom deficiente e com um papel social completamente dependente do masculino. Portanto, a crítica ao ilustrado francês, a quem chama «Erôe desprezador das mulheres» («Quanto he doce um *bejo* teu!»), é utilizada para afirmar-se como defensora da educação e do papel social das mulheres, ademais de para colocar-se, perante a sua amiga leitora dos escritores franceses mais polémicos, na vanguarda da Ilustraçom portuguesa, acrescentando no mesmo lugar:

Naõ sei se o espantou se o confundio a m.^a resposta sei que ella o fez entrar em bem diversos sentim.^{tos} comprehendendo que mulheres de q.^m nascem omens saõ individuos intereçantes p.^a a socied.^e que a sua educaçaõ merece ser tratada com atençaõ, e que por consequencia a sua religiaõ naõ he ponto de taõ poco [memento]¹⁶³ que possa alterar-se com os diversos estudos.

A opiniom sobre a formaçom das mulheres é exprimida em várias occasions ao longo do epistolário da Condessa de Vimieiro, evidenciando sempre umha posiçom claramente favorável à capacidade das mulheres para se formarem:

Os mossos, q' se naõ applicaõ, mais q' a ler novelas e burletas; e que se passaõ disso, lançaõ os olhos sobre a Poezia, naõ p.^a lhe tirar o fruto, mas p.^a lhe desfolhar as flores; esses, com falço zelo, lamentaõ a pôca libertad.^e, que as Sr.^{as} tem p.^a instruir-se; como se p.^a ellas saberem mais, do que elles, fosse perciso q' elles fossem directores dos seos estudos ou testemunhas, e sençores das suas obras («me *encanta* a condescendencia com q me prometes»).

A Condessa, por umha parte, coloca-se à marge da reivindicaçom de colégios femininos¹⁶⁴ (ao menos para as mulheres da sua classe), e por outra defende a existência de umha instruçom feminina independente da masculina: frente a posicionamentos tipicamente burgueses como o de Luís António de Verney, que reclamam a existência de lugares regrados para a educaçom das meninas, Mello Breyner posiciona-se por cima de este tipo de instituïçons, dando a entender que existe umha tradiçom feminina aristocrata de formaçom das mulheres que nom precisa de ser legitimada nem polos homens nem polo estado para ser efectiva.

Frente à concepçom burguesa dos estudos femininos de Verney, temos a posiçom elitista de Teresa de Mello Breyner. Mulher da primeira nobreza de Corte, com responsabilidades de representaçom pública da sua casa, a sua formaçom nom se reduz aos elementos básicos que assinala Verney, que coloca a educaçom das mulheres e o seu papel na sociedade como complementar e subalterno do dos homens. Vimos já acima que o papel das mulheres no campo do poder, sem ser, evidentemente o que ocupa o primeiro plano, nom pode ser considerado exactamente como subalterno, já que nom podemos definir assim a funçom de quem negoceia na Corte, por exemplo, como é o caso da Condessa de Oyenhausem, o posto da máxima representaçom de Portugal em Áustria, ou da Condessa de Vimieiro, que durante o reinado de D. José I, é a pessoa

¹⁶³ A leitura nom é segura.

¹⁶⁴ O que nom empece para que, como veremos no lugar oportuno, trabalhe para a fundaçom em Portugal do Colégio da Visitaçom.

encarregada de gerir as condições de vida dos Alorna e as suas possibilidades de libertação. Se atendermos, por seu turno, aos numerosos projectos que pom de manifesto Mello Breyner na sua correspondência deste período, também nom poderemos considerar o seu papel no campo intelectual como subalterno.

Entendemos, portanto, que Mello Breyner se distancia de um intento de reduzir toda a educação feminina a uns mínimos destinados a formar esposas e mais burguesas, frente aos máximos de umha educação aristocrata como a sua ou a de outras mulheres como Leonor de Almeida. Parece claro que o tipo de educação proposto por Verney, ainda tendo em conta as excepções que este colocava para as mulheres da nobreza, nom serviria, de nengumha maneira, para formar mulheres habilitadas para assumirem o poder e a capacidade de intervenção que verificamos tenham tanto a Condessa de Vimieiro como Leonor de Almeida. Esta ideia é também recolhida por Mónica Bolufer (1998: 151), que lembra que:

los programas educativos que los tratados del siglo XVIII proponían para la formación de las jóvenes acomodadas se construían, en buena medida, por oposición a los valores y modos de la educación habituales entre los poderosos [...]. Para los ilustrados, esta educación volcada hacia las apariencias, que facultaba a las jóvenes para brillar en las reuniones mundanas más que para atender a sus obligaciones domésticas, perpetuaba los valores aristocráticos, a su juicio superfluos y vanos, del honor y la ostentación, grabando en las mujeres, como se quejaba Inés Joyes, impresiones «contrarias á su propia felicidad, á la de su familia, y al bien estar de la sociedad humana».

Em relação com as palavras de Bolufer, devemos precisar a feição aristocrática de parte da Ilustração portuguesa, que podemos verificar nos casos de Vimieiro e Alorna, colocando no primeiro plano nom tanto umha oposição Ilustrados Vs. Nobres, mas Ilustrados Nobres Vs. Ilustrados Burgueses, que concorrem nos diferentes campos para pôr em valor os seus capitais fundamentais.

A proposta educativa da Condessa de Vimieiro para as mulheres da sua classe social é extraordinariamente elitista tanto polo custo económico que supom como pola necessidade que implica de proceder de umha família com um elevado capital cultural. É evidente que nem sequer todas as casas da primeira nobreza estariam em condições de seleccionar cuidadosamente as leituras dos primeiros anos e os preceptores que completassem a formação das suas filhas longe das Universidades, e, neste sentido, limitamo-nos a lembrar que o director dos estudos de Mello Breyner, Francisco José Freire, era um dos primeiros sócios da Arcádia Lusitana, com excelentes relações com o governo pombalino, com obra publicada e um dos promotores da estética e da ideologia

ilustrada em Portugal desde a década de quarenta, o que o convertia num membro da elite intelectual portuguesa. Evidentemente, para as casas nobres que não dispusessem dos recursos (económicos e, sobretudo, intelectuais) suficientes e, particularmente, para a burguesia emergente, a existência de colégios ou de uma formação regrada ou estipulada através de tratados pedagógicos claros como o de Verney era de grande ajuda para a formação das suas filhas.

É precisamente o carácter elitista da sua ideologia que faz com que nas cartas de Mello Breyner, no entanto, podamos observar como se propõem diferentes níveis educativos em função das classes sociais das pessoas educadas, seguindo assim uma das máximas próprias dos ilustrados, segundo a qual «o principal acerto dos estudos consiste em proporcionarlos ao estado, que se espera tenha o menino» (Proença, 1734: 232)¹⁶⁵.

Por um lado, devemos colocar algumas das recomendações que faz a Leonor de Almeida para a orientação dos seus estudos, como são, por exemplo, a aquisição de várias línguas ou a leitura das poéticas, sistematizando a metodologia e os horários de estudo:

Dizem-me que aprendes, e falas Inglês; estimo, que nisso te divirtas, mas não aprendas só essa língua, que poderá tão bem haver motivo p.^a algum misterio; a latina merece a tua aplicação, e com ella cejará o misterio, que poderia achar-se na Ingleza («Estremoz 11 de Janr.^o de 1771»).

Conservate p.^a o tempo feliz; entre tanto aproveita o tempo desse retiro, p.^a conseguires uma sólida e verdadeira instrução: diverte-te com as musas; porém menos com ellas que com os que insinua a tratalas. Há muitos tratados de Eloquência; os preceitos desta arte são absolutam.^{te} necessários p.^a toda a composição. sem rethorica não há poesia. A falta de methodo na lição, faz utilizar pouco, ainda que se leia muito. Tu es Sr.^a de todas as tuas horas, reparte-as de

¹⁶⁵ Martinho Mendonça Pina e Proença (1693-1743) foi sócio fundador da Academia Real da História e ocupou diversos postos públicos como catalogador da Livraria Real (1731), guarda-mor da Torre do Tombo (1742) e bibliotecário de el-Rei (1743). Viajou fora de Portugal e relacionou-se com alguns dos representantes europeus das novas ideias em filosofia e ciência, segundo ele mesmo testemunha numa carta endereçada ao Dr. José Rodrigues Abreu recolhida por Andrade (1982: 249-260): «saí de Portugal, e, vagando por quase toda a Europa, de caminho procurei alcançar alguma notícia dos Sistemas mais modernos. Tive ocasião de conversar em Saxónia com Wólfio e em Holanda com o S'Grevesande, cujas conferências me deram alguma luz dos engenhosos sistemas e princípios de Leibtinio e Newton». Os seus *Apontamentos para a educação de um menino nobre* são uma adaptação dos *Thoughts concerning education* de Locke (Júnior, 1949: XXIII), e do autor inglês tomam-se aspectos como a importância do exercício físico. Esta é uma novidade que introduz a pedagogia setecentista, ou mais bem haveria que dizer que a resgata da antiguidade grega, onde o cuidado do corpo era uma preocupação fundamental. A acolhida que tiveram as teorias de Locke entre outros pedagogos contemporâneos como o francês Rollin foi bastante fria pelo que di respeito a este particular: «De todos os aspectos da educação proposta por Locke ao *gentelman*, um deles, o da educação física, era, sem dúvida o que menos poderia interessar de momento. [...] sobretudo esmiuçado como o esmiuçava Locke em questões de alimentação, vestuário, regime de sono, etc.» (Júnior, 1949: VIII).

modo, q cada qualid.^e de applicação tenha seo tempo determinado («Estremoz 31 de Janr^o de 1771»).

Mas quando se trata dos estudos dos discípulos de ambas, as cousas mudam consideravelmente, propondo para as raparigas umha educação média apropriada para trabalhos similares aos propostos por Verney e inculcando nos rapazes a dependência e a docilidade, rejeitando qualquer ánimo de intervençom social por parte destes¹⁶⁶:

nada recio da puzilanimid.^e de Anna Lima¹⁶⁷, sendo tu quem a governas; mas a não ser isso, temeria tudo desse character, q reduz a m.^{ta} ridicularia, a que se deixa possuir d'elle, e he occasiaõ funesta de mt.^{as} baxeças Porem tu es mestra no officio, e ella será feliz, ficando na mediania propria á delicadeza do nosso sexo. Se as Cosquilhas de nossa terra se rirem de nós, proq nos não riremos nós do que ellas se riaõ? He mais digno objecto de uma mulher seria, meditar nos meios de fazer feliz uma creança, do que combinar as partes, com que ficara mais novo um tocado. O mao que isto tem, he q eu cada vez me acho menos capaz de dar conta da encomd.^a, e de q.^{do} em q.^{do} estremeço no receio de desperdiçar os thezoiros, q D.^{os} me mete nas mãos.

Porem como por mal que os aproveite, sempre os meos pupilos ficaraõ melhor educados, do q os seriaõ expostos a corrupçãõ do seculo, consolome e vou trabalhando, por arrancar espinhos, q brotaõ cada dia neste inculto terreno. Nao podes crer os mimos q me faz, e o carinho, q me tem o bom do Gregorio¹⁶⁸, a pezar do severid.^e, com que o castigo m.^{tas} vezes, obrigada do violento impeto da sua vontade, irritada, m.^{tas} vezes com imprudencia pelas otras peçoas, com quem vive! Mas como he percizo que se costume a não ser molesto à socied.^e e como ainda não pode fazer do bem todo o apreço, que algum dia será capaz de o conter, que remedio ha se não uzar da violencia, em q.^{to} outra idade me não offereça meios mais suaves? Não obst.^{te} em estando comigo, oras se entretem depend.^o da m.^a licença p.^a pegar n'um papel, e fazendo gosto dessa mesma dependencia. Isto me faz persuadir que o castigo não he prejudicial, mas sim a injustiça; e q nós não somos guias dos nossos pupilos, sim directoras; pois q elles saõ os q nos apontaõ o caminho, que devemos seguir; e nós nada mais podemos fazer que sustentalos, arrancar-lhe os abrolhos desviar-lhe os tropeços, e fazer que por qualquer caminho, que o seo genio nos offereça, procurem o unico e verdr.^o objecto, que devem amar.

Esta inclinaçom pola mediania nos discípulos de classe social inferior contrasta radicalmente nom só com o que sabemos do capital cultural de ambas as correspondentes, mas também com o que é denominado pola Condessa de Vimieiro como “obrigaçons de patricia” num texto já citado acima em relaçom com a traduçom

¹⁶⁶ Em carta imediatamente posterior ao período em foco neste capítulo di a Condessa referindo-se a um membro da nobreza: «Triste condiçãõ a nossa! Não posso soportar q os omens andem sempre sonhando com a liberd.^e, e que quando estaõ em estado de uzar della se captivem m.^{to} por sua vontade ou/ o que ainda he peor/ se deixem ligar sem o perceber» («Lx^a 26 de Abril de 1777»).

¹⁶⁷ Discípula de Leonor de Almeida no Convento de Chelas.

¹⁶⁸ Discípulo de Teresa de Mello Breyner.

do *Telemaque* (« Estremoz 22 de Outubro de 1770»; itálicos nossos): «se algum dia concluir huma tradução q' emprendi em oras vagas, e se ficar de modo que tu a aproveites então darei a mocid^e Portugueza hum socorro de boas maximas p^a a sua educação [...]. Tu que podes, e te animas de mais sublimes pençamentos *satisfaze por mim ás obrigaçoes de patricia*».

Entre estas obrigações, como vemos, inclui-se a intervençom –através, por exemplo, da publicaçom- procurando, como objectivo principal a “utilidade da república”, conceito este que rege, ao menos na retórica, todas as acçons ilustradas.

Ao lado destas consideraçons em relaçom com os modelos propostos para a educaçom das mulheres, e ainda em relaçom com o trecho citado acima, em que a Condessa de Vimieiro rejeita a necessidade de serem os estudos femininos referendados polos homens ou pelas instituicons por estes dirigidas, devemos colocar a própria percepçom que Mello Breyner tem de estarem tanto ela como Leonor de Almeida inseridas numha tradiçom de mulheres formadas e educadas ao máximo nível:

nesse tempo, foraõ tuas Tias /humas, e outras/ instruidas; antes dellas, tua Bis-Avó deo motivo da mais profunda veneraçom com as cartas que dirigia a seos f.^{os}, quando foraõ a univerzid.^e, e entre os sabios, ouvesse o seo nome com resp.^{to} Se sobimos ao doirado seculo de 500, achamos o quarto da sabia Infanta D. Maria convertido em theatro das sciencias. O conhecim.^{to} das linguas Grega, Latina &r.^a deo valim.^{to} desta Princeza as duas Sigeias; e ellas em retribuiçom fizeraõ lhe conhecer os tezouros, q' estas lingoas em si ocultaõ. Naõ foraõ só estas as m.^{res} illustres daquella excellente assembleia: a Princeza tinha Caza, e tantas eraõ as suas Damas, e creadas, quantas as peçoas instruidas [...] Ditozas nós, que devêmos a D.^{os} Mays que se naõ injuriaõ de o parecer, e de nos educar! («me *encanta* a condescendencia com q me prometes»).

Fizeste ate agora q.^{to} pudeste por dar aos teos talentos todo aquelle lustre, de q elles saõ capazes: faze de conta que naõ tens mais, q saber, e como por m.^{tos} grãos de sabedoria que adquiras sempre ha de ser mais o q ignores, q o saibas [sic] assenta contigo que a resp.^{to} dessa imensid.^e, que te resta tens feito, o mesmo q fize[raõ] os mais sabios que he chegar até donde puderaõ. Tu tens obrigaçom de viver, e de viver p.^a guardar a lei de D.^{os}, cuja observancia he a verdr.^a, e unica felici.^e do omem. Se por alcançar mais alguns conhecim.^{tos} faltas a charid.^e que D.^{os} te manda ter contigo em lugar da onra, que pertendes abraças o mal q te afasta de D.^{os}, e que nos poem ás que por ti nos entereçamos, no triste receio de te perder. Contentate comq oje sabes, q assim mesmo podes dar m.^{tos} quinãos aos sabixoens da nossa terra («Vimr.^o 26 de Fevr.^o»).

Esta atitude de superioridade a respeito nom apenas doutras mulheres mas até dos homens, provocava um forte rejeitamento entre determinados sectores, tal e como é assinalado por Mello Breyner em carta datada em «Estremoz 22 de Outubro de 1770»:

Eu vivi sempre na Corte aprendendo nos outros aquilo, de que devia acautellarme, e tanto me servio isso, que pelo silencio, a que condenei as m^{as} trovas, consegui não perder o conceito de peçoas serias, a quem ouvi algumas vezes: *p^a mim, mulher que faz versos tem perdido tudo*. Vê tu que consolação p^a a infeliz muza que me inspirava! Crême, m^a Lilia, não convem que o mundo saiba plenam^{te} o que de nós confiou a nutreza [sic]. O modo de fazer valer estes tezouros ou talentos, he fazendoos dezejar sem nunca deixar possuilos; tu por economia o farias, se tivesses vivido fora desse retiro, eu faço por nececid^e, porq' me convem mais o duvidoso conceito q' de mim fazem, que o que fariaõ, se me conhecessem no que escrevo»

e como recolhe Mónica Bolufer (1998: 358) para o caso francês, em relação à denúncia de determinados autores da existência de um “império feminino”:

así era como los franceses solían clamar su rechazo hacia la influencia que ejercían en la Corte las damas de alto linaje y en la buena sociedad parisina las “salonnières”. Tanto en el *Émile* [...] como en la *Lettre à d’Alambert sur les spectacles* Rousseau se mostró particularmente hostil a estos poderes sociales de las damas, y ese resentimiento presente en sus *Confessions*, manifestaba las relaciones difíciles y atormentadas que sostuvo con muchas mujeres cultas (como Mme. d’Houdetot, que fue su amiga y su amor platónico y Mme. d’Épinay, con la que rompió clamorosamente tras años de amistad y protección), así como su posición marginal con respecto al medio de los salones parisinos.

A Ilustração, como vimos acima, tinha um carácter fortemente interventor na sociedade. Este carácter leva implícita umha ambição por regular e codificar todos os aspectos da sociedade, particularmente o da educação e, ligadas a esta, as relações sociais e as estruturas de poder, ambição que nom podemos separar da necessidade da burguesia emergente de conhecer e dominar os padrons sociais que para a primeira nobreza estavam implícitos no seu próprio *habitus*. Entendemos que este processo é o que explica a ambição por controlar e neutralizar o poder de intervenção na Corte de que podiam gozar determinadas mulheres, porque estamos ante um poder, em primeiro lugar, de feição aristocrática, e, em segundo lugar, oculto e baseado em critérios dificilmente objectiváveis do ponto de vista da burguesia emergente que punha em valor os seus capitais académico e económico frente a um capital simbólico procedente da antiguidade das famílias, do seu prestígio social ou da sua formação privilegiada à margem das instituições. Isto é, determinadas mulheres da primeira nobreza conformam um poder na sombra com grandes possibilidades de actuação tanto no campo

intelectual como no campo do poder. A habilitação para este tipo de intervenções não vem legitimada por nenhuma instituição académica como podem ser os colégios ou a Universidade, mas unicamente pelo capital simbólico da família a que pertencem.

É precisamente a incapacidade para concorrer nos lugares em que se criam, difundem e promovem ideias e acções sociais a que explica a emergência ao longo do século XVIII de um movimento, fundamentalmente burguês, que pretende recortar o poder e a formação das mulheres. Com isto não queremos dizer que a incapacidade para concorrer socialmente fosse provocada por um défice na formação destes agentes do campo, mas que o domínio que nel exercia a nobreza dificultava grandemente a sua penetração e consolidação tanto no campo intelectual como no campo do poder. No mesmo sentido, não parece que o intento, finalmente conseguido, de reduzir o poder das mulheres tivesse como objectivo tanto o ataque explícito contra a sua condição de mulheres (embora seja possível que também existisse) como acabar com um dos principais mecanismos de intervenção no campo das casas da primeira nobreza. Parece lógico, portanto, que um sector dos ilustrados que reivindicava o fim dos privilégios em favor das habilitações académicas pertinentes tentasse por todos os meios limitar este poder feminino, desenhando uma educação orientada a fazer atractivo e “natural” o papel exclusivo de esposas e mais: acabando com a educação exemplar de determinadas damas nobres desactivava-se o capital que as habilitava para a intervenção no campo, e, em troca, oferecia-se um novo papel na sociedade (Bolufer, 1998: 139):

lo que se discutía no era, pues, únicamente si las “obligaciones domésticas” eran compatibles con el estudio. Al plantear esa pregunta y resolverla, en realidad se estaba definiendo lo que debían ser las relaciones entre los sexos y delineando los espacios y cometidos de los hombres y mujeres, en el orden práctico y en el simbólico. La discusión remitía a un debate de fondo sobre el modo de conceptualizar y regular la diferencia de los sexos en una sociedad que experimentaba transformaciones, que asistía, entre otros cambios, a una (relativa) divulgación de la lectura y la escritura. Por ello, cuando los distintos autores discrepaban sobre los límites que debía alcanzar la educación de las mujeres, su ambigüedad en delimitar el horizonte social al que se referían tendía a subsumir a las mujeres, en su variedad de situaciones, en una figura imprecisa de “la” mujer cuyos deberes domésticos se presentaban como una imposición genérica más que como cometidos variables y dependientes de su condición social.

Estas “obligaciones domésticas” que se decían universales estaban siendo, de hecho, redefinidas en términos más exigentes que no exceptuaban a ninguna mujer por mor de su rango.

Em definitivo, queremos chamar a atenção para a importância desta transformação do modelo social das mulheres porque entendemos que é de enorme transcendência para compreender a tomada de posição de Teresa de Mello Breyner no sistema e as suas opiniões e actuações em relação com a educação das mulheres, as suas propostas de modelo de actuação para as mulheres e, em geral, para identificar as suas estratégias para tentar manter intacto o poder das mulheres da sua classe social.

II.4.3.3.4.3. A ocultação

«Cantas, e ser não queres conhecida?
Crês talvez ocultando o nome ufana,
Que é de Breiner a voz desconhecida?»
António Dinis

A fabricação e divulgação de modelos é um dos elementos fundamentais da Ilustração como movimento filosófico, político e cultural. Os ilustrados, independentemente da sua filiação monárquica ou republicana, aristocrata ou burguesa, alicerçam as suas intervenções (incluída a sua produção literária) na criação de um repertório que vai desde a proposta de novos modelos de Estado até à pormenorização de comportamentos sociais ou de maneiras de escrever cada género literário, e como exemplo disto temos em Portugal o *Verdadeiro método de estudar*, onde Verney se ocupa de como escrever um sermão ou de que deve aprender uma menina para garantir que as esposas burguesas do futuro sejam capazes de poupar nas suas compras. Estes modelos são difundidos através de salões e tertúlias, da correspondência, das numerosas obras de divulgação que se publicam nesta altura, dos jornais, e, por suposto, através dos produtos de ficção, tanto do romance –que é reformulado e impulsionado acompanhando o ascenso da burguesia em toda a Europa- como sobretudo, no caso português, do teatro.

Mas apesar da importância da vulgarização (ou seja da publicação)¹⁶⁹ para os ilustrados e, particularmente, para a ilustrada Condessa do Vimieiro, sabemos através das suas reiteradas negativas a publicar, e, apesar do seu discurso igualitário em relação às mulheres, da adopção duma estratégia de ocultação que a levava mesmo a extremar as medidas para evitar que as cartas se perdessem e os textos que as acompanhavam fossem parar a mãos a que não estavam destinados. A reiteração das advertências a Leonor de Almeida para que utilize canais seguros para o envio da correspondência e o facto de endereçar as cartas para outras pessoas evidenciam que a possibilidade de que as suas produções fossem lidas fora do seu grupo era vista como algo indesejável, e as indições de determinadas pessoas a esse respeito como autênticas traições.

Mello Breyner move-se constantemente no espaço da indeterminação entre a sua vocação divulgativa e o receio a receber críticas negativas ou a sofrer especulações sobre as suas obras, o que ela atribui ao facto de serem assinadas por uma mulher:

Se outra mais sincera, se deixa persuadir de lisonjas, e entrega aos olhos de algum o que escreve no seu gabinete de estudo Oh meu D.^{os}, que desgraça! as interpretações são tantas como as palavras; se a obra he boa, foi socorro de *Abade assist.^e/ seg.^{do}* o costume das francezas/ se tem defeitos, com que impied.^e se sentencião! e queres tu que eu me exponha, sem precisão, nem utilid.^e a passar por semelhantes provas? («me *encanta* a condescendencia com q me prometes»).

Provavelmente, ainda dentro do grupo dos ilustrados as tradicionais virtudes femininas continuam a ser as que dominam a imagem das mulheres, vistas como esposas e mais (assim no *Verdadeiro método de estudar*¹⁷⁰) e não como pessoas com ambições legítimas de exhibir-se num foro público ou de intervir abertamente (isto é, sob o seu próprio nome) no campo. Neste sentido, lembramos as palavras de Mello Breyner, já citadas, em que se lamenta ante Leonor de Almeida das críticas de que é objecto uma mulher que faz ostentação pública dos seus conhecimentos e talentos («Estremoz 22 de Outubro de 1770»: «Eu vivi sempre na Corte aprendendo nos outros...»).

¹⁶⁹ Temos aludido aqui em numerosas ocasiões ao facto de ser fácil verificar nesta altura a existência de canais de circulação e distribuição de textos à margem da imprensa, mas é evidente que estes canais (assembleias, salons, reuniões, envio de manuscritos através do correio ou de almocreves, etc.) nunca poderiam alcançar a quantidade de público nem a difusão mediática dum texto publicado.

¹⁷⁰ Este obra é um exemplo esclarecedor do que dizemos, porque supom por parte de Verney uma intervenção no campo feita desde um sector inovador também no que tem a ver com as relações entre os sexos ou com a posição e função das mulheres na sociedade, para as quais reclama um novo tipo de educação que as “libere” da tradicional formação conventual e da ignorância, mas que foca para estas o único papel de esposas e mais.

A aparente contradição entre o posicionamento ideológico de Mello Breyner, o lugar ocupado na Corte, no cenário político e cultural do último terço do século XVIII, e a sua vontade de ocultação, que, vistas as suas palavras, não poderemos considerar como produto da modéstia ou da insegurança nos seus talentos, pois à luz destas palavras faz-se evidente que a modéstia ostentada responde a uma decisão estratégica de criar uma determinada imagem pública. A Condessa é consciente da sua formação superior e das suas capacidades para elaborar uma tradução do *Telemaque* que sirva como produto *útil* para a educação, mas põe de relevo que a negativa a editar ou divulgar outros textos provém da sua necessidade de viver na Corte, o que implica a necessidade de submeter-se à concorrência com outros elementos pelo favor do Rei, do qual, como já vimos, dependiam praticamente todos os benefícios e privilégios da nobreza.

Ao dito devemos ainda acrescentar a hierarquização entre géneros literários vista numa epígrafe anterior: a possibilidade de publicar –provavelmente, e como cinco anos depois, anonimamente- só se coloca quando se trata de textos de tipo doutrinal ou pedagógico como pode ser a tradução de Fénelon, ou de textos pertencentes à literatura “elevada”, como o teatro, entendendo que a publicação de uns simples poemas dedicados à sua amiga não justificam a possível exposição pública. Esta estratégia faz-se evidente na mesma carta citada acima («Estremoz 22 de Outubro de 1770»), onde em primeiro lugar a Condessa esgrime uma suposta incapacidade ou mediocridade dos seus escritos arguindo que

a patria nada depende dos meos escritos, menos ainda dos meos versos: estes, se tem algum merecim.^{to}, he só quando conseguem imitar o estilo de algum bom mestre. O meu dizignio em forjalos, he provar se entendo as mudas lições, que os bons poetas me dão nos seus; numa palavra, eu q' nececito d'instruirme, não sou capaz de instruir.

Mello Breyner chega a afirmar que as suas composições são simplesmente exercícios relacionados com o seu estudo, mas a seguir argumenta a sua negativa a publicar comparando-se com a famosa e reputada tradutora francesa Madame Dacier:

Eu não digo, que a *inveja* ha de ser mais poderosa, que a razão: eu devo obrar bem ainda que a emulação sofra mal; porém a prudência he o sal das virtudes. Dizistis da aplicação porq' ha quem zomba, de que me aplique, fora locura; nesse caso ri-me de q.^m se ri e fico paga. Mas ostentar esses tais, quais tu tens, com q' a aplicação me enriquece, sem que p.^a isso haja mais fim, que o de buscar o meu louvor, não, q' a Grande Madame d'Assier, quando ouve de assignar o seu nome entre os de m.^{tos} homens doctos do seu século; devendo, como elles, juntarlhe

humana sentença, escreveo esta /creio q' de Sofocles/ o silencio he o ornato das mulheres («me encanta a condescendencia com q me prometes»).

Finalmente, continuando a mesma argumentação, a Condessa acaba por esgrimir a necessidade de publicar unicamente produtos úteis para a sociedade:

Para escrever p.^a o Publico, he percizo, q' o Publico, se utilize do que se escreve; e quando assim se conseguir, direy como o gr.^{de} Fenelon citado pelo meo incomparavel Caraccioli¹⁷¹ = *L'estime d'un seul homme de bien, me venge sur abondamment de la haine, ou du me pres des libertins, et des muchans.*

Para entender esta vontade de ocultação, nom podemos perder de vista, ao lado do já dito em relação à conservação de uma boa imagem e um bom lugar na Corte, a importância do elitismo que condiciona a maior parte das intervenções da Condessa de Vimieiro no campo. assim, numa carta a Leonor de Almeida («Estremoz 31 de Janrº de 1771»), afirma:

algum dia o sagrado das peças era hum fortissimo escudo contra estes golpes; oje, depois q se perdeu o *respeito às Divind.^{es}*, nada ha seguro. Contra as imposturas ninguem se pode acautellar, mas pode evitar as apparencias, que as confirmam. Não se pode embaraçar, q hum omem de inferior condição tire d'algibr.^a hum soneto, e que to attribua; mas se tu fizeres estabellescer a doutrina de q não confias os teos versos, e os fizeras caros, com huma especie de escrupulo, não se hade crer o impostor.

¹⁷¹L.-A. Caraccioli (1719-1803), aluno dos Oratorianos, viajou por Itália e Polónia «grâce à son nom et à ses liens familiaux, il a pu pénétrer les milieux de la curie romaine». As suas obras mais conhecidas som *Le Voyage de la Raison en Europe* (1772) *Lettres intéressantes du pape Clément XIV* (1776, com enorme difusom em Portugal). A sua adaptação à fé católica de alguns dos princípios ilustrados, explica em boa medida a devoção da Condessa por este autor: «Dans son analyse du fonctionnement du pays et dans sa description de ses mœurs, mais surtout dans le regard positif qu'il porte sur l'Italie contemporaine et sur son peuple, Caraccioli fait plutôt figure d'exception. En effet, la plupart des voyageurs français du XVIIIe siècle (dont Sade déjà évoqué serait un assez bon exemple) ont tendance à dévaloriser systématiquement la culture italienne qu'ils rencontrent et surtout celles des Etats Pontificaux au profit de l'exaltation de la Rome antique ou artistique. On constatera que, dans tous les cas, il s'agit d'un regard davantage déterminé par les idéologies dont sont porteurs les voyageurs que par les lieux rencontrés. L'auteur, fervent catholique proche des milieux curiaux, est évidemment porté à l'indulgence, même s'il reprend à son compte un certain nombre de critiques formulées par les tenants des Lumières». Foi autor de: *Le Véritable Mentor ou l'éducation de la noblesse, par le Marquis Caraccioli, Colonel au service du Roi de Pologne, Electeur de Saxe* (1759), *Le Cri de la Vérité contre la séduction du Siècle, par l'auteur de la Conversation avec soi-même* (1765), *Eloge historique de Benoît XIV* (1766), *Lettres récréatives et morales sur les mœurs du temps à M. le Comte de ...*, par l'Auteur de *La Conversation avec soi-même* (1767), *Dictionnaire critique, pittoresque et sentencieux propre à faire connoître les usages du Siècle ainsi que ses bizarreries, par l'Auteur de la Conversation avec soi-même* (1768), *Le Voyage de la Raison en Europe* (1772), *Lettres intéressantes du pape Clément XIV* (Ganganelli) (1776), *La Vie du Pape Benoît XIV* (1783), in *Encyclopedie du Voyage*, Centre de Recherche sur la littérature des voyages, Université de Paris-Sorbonne-Paris IV, www.crlv.org/outlis/encyclopedie/afficher.php?encyclopedie_id=202 (08.03.2004).

Contra estes perigos, Mello Breyner propom, no mesmo lugar, a adopçom de umha complexa estratégia de ocultaçom baseada, precisamente, na criaçom de umha determinada imagem pública alicerçada no princípio de modéstia e silêncio:

Alem de q eu me persuado /he discurso/ que esta devacidaõ tem procd.º de que algumas fr.^{as} tenhaõ dado copias; destas tiraõ-se outras, e exahi vulgarizado hum brinco, q m.^{tas} vezes se não fez p.^a aparecer. Dado que este tenha succd.º q lhe has de tu já agora fazer? debes mostrar que sabendo que algumas peçoas abuzaraõ da tua confiança, te não queres expor a segundo abuzo: faze estabelescer esta doutrina, ainda entre as peçoas como nos não faltará occasiaõ, em q fique natural, e como, tu mostres que não aprovas a devacidaõ, quazi que não importa, q a ouvesse, abonando a differença p.^a o futuro, que reprova o effeito involuntario da tua confiança. Dilata o coração, na certeza de que a m.^a Amizade não he ma p.^a isto: eu espalharei as doutrinas, fazendo conduzir as couzas de modo q chegue a ser arguida de não mostrar as tuas composiçoens; para poder entaõ dizer o que julgo quererás que eu diga nesta materia.

O objectivo último da ocultaçom e da ostentaçom de modéstia é a accumulaçom de capital simbólico em funçom da origem social e da adopçom de normas estritas de comportamento, que neutralizem qualquer intento procedente de pessoas de inferior classe social (nem se pom em questom que as filtraçons de textos podam proceder de pessoas da primeira nobreza) por desprestigiar o “bom nome” da dama em questom. Falamos em “desprestígio” porque, como temos já indicado, o estrito código de conduta exigido às mulheres convertia qualquer indiscreçom em um motivo de censura. Num sentido mui similar, Mónica Bolufer (1998: 146), no seu excelente estudo *Mujeres e Ilustración. La construcción de la feminidad en la España del siglo XVIII*, alude às críticas que sofria, através da imprensa, a mulheres intruída, denominada em Espanha como

“bachillera” o “doctora”, llamada en otros países “femme savante”, “blue stocking”, “dottoressa” o “letteraia”, a la que se representaba como una mujer amante de demostrar su erudición, de brillar en las charlas de diletantes que hablaban de lo divino y lo humano y oponían a los sólidos saberes eruditos conocimientos adquiridos por la lectura de las obras de divulgación que circulaban sobre todas las materias.

Entendemos que, no caso que nos ocupa, a crítica nom procedia exactamente da fonte dos conhecimentos das mulheres, porque dada a amplitude destes nom podemos considerar que a Condessa de Vimieiro ou Leonor de Almeida tivessem estudado unicamente através de obras de “divulgaçom”, embora seja provável que muitas das críticas incidissem neste aspecto, tentando desvirtuar um conhecimento que, como

vimos acima, nom vinha sancionado por nengumha instituiçom académica legítima. Concordamos plenamente, no entanto, na interpretação que a investigadora valenciana fai desta crítica (Bolufer, 1998: 146):

Este personaje familiar en la literatura de la época era algo más que el equivalente femenino del “erudito a la violeta” [...]. Venía a representar los usos del saber que se consideraban censurables en las mujeres, porque iban más allá de las utilidades domésticas y sociales que los ilustrados les reconocían o porque amenazaban el dominio que los hombres ejercían sobre la cultura.

Em definitivo, o conflito entre diferentes valores que identifica Bolufer (1998: 147-148) para as mulheres instruídas espanholas através de diferentes textos pedagógicos, jornalísticos ou doutrinários som os mesmos que vemos verificados na correspondência de Mello Breyner às Alorna:

“Bachillera era, en fin, y por encima de todo, la mujer que dejaba traslucir una ambición, aquella para quien su educación no era sólo una disciplina para mejor adecuarse al papel social que se esperaba de ella, sino un timbre de orgullo personal. La mujer culta debía ser modesta y no hacer alarde de saber, no mostrar una ambición de cultura y notoriedad que fuese más allá del barniz de conocimientos necesarios para desempeñar un buen papel en la vida social. Podía ser instruída hasta cierto punto, pero no se le toleraría el orgullo de ser y mostrarse “sabia”.

Um dos aspectos mais interessantes, do nosso ponto de vista, deste conflito entre diferentes “modelos de mulher” está precisamente na aceitação, de maneira geral, por parte das mulheres da “dominação masculina”, evidenciando um exemplo paradigmático de violência simbólica: o discurso sobre a modéstia é perfeitamente aceite e até promovido e difundido pelas próprias mulheres e, veremo-lo mais adiante ao falar do relacionamento Leonor de Almeida-Joana Isabel Forjaz-Teresa de Mello Breyner, converte-se numa condição para relacionar-se com outras mulheres. Favorece-se assim uma estratégia de ocultação que é promovida pelas mulheres e entre as mulheres, que som as mais interessadas em manter a discrição e o anonimato sobre as suas produções e intervenções no campo; assim, lemos em carta da Condessa a Leonor de Almeida («Estremoz 5 de Outubro de 1770»):

Se posso pedirte hum favor rogote, que essas trovas, que te tenho mandado só passem da tua mão p.^a o fogo: o meo costume foi sempre este, e o poco, q se conserva para satisfação d'Alfido, creme q se não comunica. Tu fostes talvez a unica a q.^m sem reparo entreguei o q sempre procurei occultar; se quizeres examinalo, m.^a mesma Irmaõ poderá servir de testemunha, e prova, pois nem ella vio a maior parte do que tenho escrito. Não pertendo avultar a finura, pertendo sim abonar o escrupulo com o antigo costume de observalo, e espero que a

fidelid.^e com que conservo as tuas excellentes obras me sirva de merecim.^{to} p.^a q
occultes as m.^{as} defeituozas.

No mesmo sentido, encontramos em Bolufer (1998: 149) a mesma ideia, fundamentada em alguns casos de interesse para compreender a posição e função da Condessa no campo pela identidade entre algum dos seus posicionamentos e os que recolhe esta investigadora:

las escritoras que recomendaron a su sexo no hacer ostentación del saber se mostraron prudentes en respetar y recordar estas normas que requerían de las mujeres cultas un exquisito cuidado para no granjearse el mote despectivo de “bachilleras”, reglas ésas que su propia experiencia debía haberles hecho bien patentes. Fiel a este ideal moral y quizá también a un estilo personal de vida caracterizados por la discreción, a Josefa Amar le desagradaban los “pedantes” (hombres y mujeres, pero especialmente éstas), cuya falta de tacto les inducía a hacer alarde público de sus conocimientos. Si bien abogó porque las mujeres pudiesen participar en los foros públicos de cultura de la época y así lo practicó ella misma, fue consciente de la censura social que recaía sobre las que “rebosaban erudición”, la compartió quizá desde su propia postura de mujer “discreta”, y ciertamente captó que esos comportamientos comprometían aquello que más le interesaba: convencer a la opinión pública de que las mujeres tenían igual derecho y capacidad que los hombres para cultivarse [...]. Como ella, Mme. Le Prince de Beaumont las exortó a evitar toda jactancia intelectual precisamente para impedir que el público aborreciese a las mujeres cultas [...]. Estas autoras eran bien conscientes de que el mote de “bachillera” amenazaba a toda mujer que poseyera una cultura por encima de lo habitual.

Existe ainda umha outra possibilidade para compreender as estratégias de ocultação desenvolvidas por estas mulheres nobres que pode servir para complementar o visto até aqui: precisamente pela sua própria condição social, não é procurado um reconhecimento público para além dos seus pares, aqueles com quem são trocadas correspondência ou composições poéticas. A circulação dos textos de maneira restrita pode contribuir para aumentar o capital simbólico das produtoras nobres, que desta maneira se diferenciam de todos aqueles –designadamente burgueses– que têm pleno acesso à imprensa, num momento em que as «officinas», os livreiros e a atenção ao livro impresso prolifera, como vimos noutro lugar (Bello Vázquez: 2005), em jornais e academias. Ou o que é o mesmo, num momento em que parece começar a consolidar-se um mercado literário mais ou menos autónomo e cada vez menos controlado desde a Corte.

A nossa hipótese, portanto, é que Mello Breyner (e não só ela, pois parece-nos que esta apreciação pode ser estendida a outras produtoras setecentistas) se move entre um posicionamento ideológico que a torna consciente das suas capacidades e da sua formação mui superior à da maior parte dos seus contemporâneos, ao lado da vontade de pôr em valor o seu saber, e a oposição frontal tanto dos grupos contrários ao seu como de membros do seu grupo (ideologicamente coincidentes no que tem a ver com a difusão de determinados modelos ilustrados, mas contrários à participação activa e pública dumha mulher no campo literário e político), da mesma maneira que oscila entre a vontade ilustrada de publicar e vulgarizar as suas obras, umha das formas de fazer efectivos os modelos propostos, e um elitismo aristocrático que lhe impede intervir explicitamente no campo arriscando-se a ser objecto da crítica, e perdendo assim parte do seu crédito político. Com produção escrita abundante durante este período (a julgarmos pelos testemunhos das suas cartas, escreveu, no mínimo umha tradução de Fénelon, textos críticos sobre as suas leituras, e numerosas composições poéticas¹⁷²) a sua negativa a publicar pode mui bem ser considerada como fazendo parte dumha estratégia política, pois tendo já experimentado (segundo as suas afirmações) a má reputação que cria a umha mulher a ostentação pública dos seus conhecimentos e talentos, prefere conservar umha posição mais cómoda na vida pública mantendo-se na sombra em todas as suas intervenções, que parecem ainda escassas neste período.

II.4.3.3.4.4. Conclusões

Teresa de Mello Breyner representa umha posição elitista que se manifesta no seu posicionamento em relação com a educação das mulheres. Num momento em que estão presentes na sociedade europeia discursos a favor e em contra de novos direitos para as mulheres, incluída a formação académica, encontramos na Condessa de Vimieiro umha perspectiva claramente vinculada à sua posição como mulher da nobreza. Esta implica umha ampla formação que não é posta em questão e que a capacita para aceder a determinados lugares de privilégio, tanto no campo do poder

¹⁷² Já indicámos acima que temos localizado perto de cinquenta referências a textos literários próprios só nas cartas escritas no período 1770-1777.

como no campo intelectual, o que explica a defesa um modelo de educação similar ao seu para Leonor de Almeida, mostrando-se, ao mesmo tempo, partidária de umha educação de mínimos para as pessoas de classe social mais baixa.

A defesa de umha educação elitista para as mulheres fai-se reivindicando umha tradição feminina de determinadas famílias da primeira nobreza, que contavam desde tempo atrás (nom podemos calcular exactamente quais as famílias nem desde quando) com mulheres de alargado capital cultural, o qual resultava útil para a acumulação de poder e de todo o tipo de capitais para as suas casas. Esta educação, era ministrada por parte das próprias mais no interior da casa, o que leva a Mello Breyner a posicionar-se em contra do que considera a presunção masculina de julgar que nom existe educação feminina fora das instituições regulamentadas por eles próprios. E nom devemos esquecer neste ponto, que parte deste rejeitamento das instituições de educação de meninas propostas desde alguns sectores ilustrados, era devido a que os seus conteúdos estavam orientados para o interesse da burguesia emergente (o caso de Verney é claro), e nom para a conservação, por parte da primeira nobreza, daqueles privilégios que considerava intrínsecos à sua classe, particularmente a participação directa no governo.

O seu elitismo e a sua posição como mulher da primeira nobreza, que inclui um campo dos possíveis mui limitado a respeito da visibilidade pública, justifica também as reticências à publicação ou até à circulação dos seus escritos. **Parece evidente, pois, que os esforços de Teresa de Mello Breyner neste período estão muito mais centrados na criação/consolidação de umha rede de relacionamentos forte que em conseguir umha certa transcendência pública.** Como já temos dito noutros lugares, o investimento mais forte que fai umha família da primeira nobreza (particularmente nos casos das casas de Ficalho e Vimieiro, que nom tinham grandes rendimentos económicos) é em capital simbólico, que é o que permite estabelecer umha rede em qualquer campo. Por isto, a Condessa de Vimieiro controla até o extremo a sua imagem pública, coarctando qualquer possibilidade de divulgação nom desejada, o qual, entendemos que tem como um dos seus objectivos nom apenas poupar umha imagem de mulher ostentosa, mas também evitar submeter-se a qualquer tipo de juízo público, o que pode ser fatal para as suas aspirações, particularmente, no campo do poder.

II.4.3.3.5. A Razom e o sentimento –o sentimentalismo como elemento de distinçom

Boa parte da crítica, como vimos na epígrafe I.3, tem interpretado todo o traço sentimental como evidência de pré-romantismo, ignorando que se trata de umha atitude característica da Ilustraçom que se vincula com umha nova interpretaçom dos sentimentos de amor e amizade, relacionada, à sua vez, com umha redefiniçom da família, que começa a experimentar consideráveis mutaçons no período em foco, evoluindo desde o conceito visto acima, incluindo todas as pessoas que moram na mesma casa, tanto as que tenham laços sanguíneos ou políticos como as pessoas empregadas ou acolhidas, até o modelo finalmente triunfante no século XIX que reduz a família quase exclusivamente ao matrimónio e aos seus filhos, em relaçom, evidentemente, com o triunfo de um modelo burguês de sociedade.

Este tipo de sentimentos abrange as relaçons conjugais, parento-filiais ou, também, de amizade. Como veremos a partir de trechos extraídos de cartas e poemas de Mello Breyner, existe por sua parte umha certa exhibiçom da exclusividade do sentimento e da compreensom dos valores do amor e da amizade, como se estes fossem definidores de um grupo que se representa a si mesmo como elevado por cima de outros valores como o poder ou o dinheiro. Mello Breyner vincula-se, desta forma, com um modelo de correspondência feminina mui atenta aos sentimentos familiares e da amizade que tivera especial divulgaçom com a publicaçom das cartas de Madame de Sévigné. A utilizaçom deste modelo sentimental como elemento diferenciador respeito doutros grupos sociais é suficiente, portanto, para que prestemos atençom a esta corrente que está presente de forma clara em Portugal tanto através das cartas como dos poemas da Condessa de Vimieiro.

Nom devemos perder de vista para interpretar esta valorizaçom do sentimento, o dito acima sobre a mudança de critérios para estabelecer alianças matrimoniais ao longo do período de reinado dos Branganças: se num primeiro momento o motivo expresso para estas era a acumulaçom de capital económico, sabemos que durante o século XVIII se consolidam uns novos critérios para estes enlaces, priorizando agora os bens simbólicos sobre os económicos. Entendemos que, dentro desta tendência, a priorizaçom dos bens sentimentais seria talvez um novo elemento para pôr em jogo: umha vez que se generaliza a prática dos matrimónios em funçom da capital simbólico das famílias, aquelas que pola sua formaçom conhecem novas correntes estéticas e

ideológicas europeias como o sentimentalismo, incorporam este às suas alianças como elemento de distinção respeito dos demais. Isto, evidentemente, não significa que a paixão amorosa passe a ser priorizada, mas que dentro de uma ideia geral de procura da felicidade e de valorização de sentimentos mais “elevados” e intangíveis, será preferida uma aliança matrimonial na qual os cônjuges sintam uma certa inclinação ou amizade recíproca, censurando aqueles matrimónios concertados que não têm em conta a opinião dos nubentes. Isto não significa que se censurem os matrimónios concertados, pelo contrário, porque não se põe em dúvida que esta classe de alianças deva ser realizada em função de critérios racionais, mas passam a ser critérios racionais a mútua inclinação dos futuros cônjuges e a legítima procura de felicidade.

Contra o tópico que considera a Razão sinónimo de negação do sentimento, temos, no caso que nos ocupa, o exemplo de duas ilustradas como Teresa de Mello Breyner e Leonor de Almeida, que conjugam a confiança na Razão com a exaltação dos sentimentos da amizade e do amor e, até, em algum caso, da paixão

Coerentemente com a sua ideologia ilustrada, Mello Breyner mostra sempre como principal referente do seu pensamento o racionalismo, fazendo numerosas alusões à Razão como parâmetro que regula o seu modo de actuação, às vezes em relação com outros: «como poderia a tua reconhecida, e respeitosa Tirse atrever-se a castigarte, sem horror da razão, da Justiça, e do amor» («Estremoz 5 de Outubro de 1770»); «*as agradáveis esperanças que a Religião nos persuade* as sérias reflexões que a razão nos fornece sobre a miséria, que occupa esta infeliz região de pranto, capazes são de moderar a viveza do meu pesar» («Estremoz 16 de Nov.^{bro} de 1770», itálicos no original); «e quem he que pode resistir a um impulso de tristeza quando o authoriza a razão» («Estremoz 8 de Março de 1771»); «a razão, aquelle interno lume que em nós reside, e que se não extingue, ainda quando a paixão o soffoque essa he quem decide perante a m.^a Alorna, do meu verdr.^o merecim.^{to}» («Estremoz 21 de Março de 71»).

A Razão, portanto, é aliada da justiça, da verdade, do merecimento, e serve de argumento, por exemplo, em combinação com a religião católica para justificar um tipo de educação que procura a imobilidade social:

Comtudo a razão pede, que aprendendo nós do mais resto das creaturas, as quais desde que nascem tendem p.^a o fim p.^a que foram destinadas, e satisfazem a Ley que lhe impoz o Author da Natureza, procuramos, que o homem [sic] assim mesmo envolto na ignorancia comece a dar honra a D.^s He verd.^e elle ignora o que faz; porem nós não ignoramos q vamos imprimindo naquella cera, quasi fluente uns deveis traços da dependencia q a creatura tem do seu creador («Estremoz no 1.^o de Dezembro»).

Esta Razom actua em combinaçom com a religiom, com a justiça e também com os sentimentos de afecto:

Querida, não terás feito injuria ao meu car.^o, menos ainda duvidarás da m.^a amizade a qual por hum milagrozo effeito do teo merecim.^{to}, fortificasse no meo coração, aprezar da auzencia, q costuma destroila. Mas que digo? apezar da auzencia? ella he quem me favorece os meios, ella quem lhe sustenta o imperio que lhe confiou a razaõ, por q com a mortificação de me ver longe de ti, de tal sorte se avivaõ as ideas das tuas virtudes, dos teos dottes, que a cada instante me [namoro]¹⁷³ [renamoro]¹⁷⁴ de ti, me satisfaço da m.^a escolha, e me sinto enternecer como se junto de mim estivesse. Ah se me visses q.^{do} isto escrevo! como me julgaras digna da p.^{te} que me dás na tua estimaçã! não he soberba, Lilia, he conhecim.^{to} do que vale hum verdr.^o amor, filho da justiça, nutrido pela razaõ, e ligado pela virtude, que o defende da inconstancia, e q o abona contra o tempo, o tempo consumidor de tudo («Estremoz 27 de Novembro de 1770»).

Umha das ideias principais do sentimentalismo da Condessa de Vimieiro é que **o sentimento sanciona as escolhas da Razom**. Em contra da oposiçom romántica entre estes dous princípios, evidencia-se na correspondência e na poesia de Mello Breyner que o sentimento nom só é permitido pola “ortodoxia ilustrada”, mas que é desejável e chega mesmo a funcionar como elemento de distinçom. É perceptível, em primeiro termo, umha certa exhibiçom da amizade que une Mello Breyner com a Marquesa de Alorna e as suas duas filhas:

Digote que não sou capaz de soffrerte infeliz, isto quer dizer; que te amo m.^{to} deveras, e quem ha que deva queixarse de que a adorem? Porem se isso succedesse, está certa de que não havias aborrecer as m.^{as} queixas, por que o meo sistema nesse ponto, he hum poco afastado do comum: emfim não percamos o tempo em figurar cazos, q podemos empregalo em provas reais da reciproca amizade, que nos liga («Estremoz 18 de Janr.^o de 1771»).

Explicálhe tu/pois que lês no meo coração quanto eu não posso explicar/explicálhe o character da m.^a gratidaõ, e já que onras o meo S com taõ distintas m.^{es} toma por tua conta porlhe a coroa, fazendo que teu Irmaõ se persuada da sua verdr.^a, const.^e e apaxonada amizade. Agradeço te as noticias da conferencia: que falta fizeraõ ahi as m.^{as} lagrimas! misturadas com as da m.^a amiga dariaõ calor ás m.^{as} espreçoens: eu sei o que me faria dizer a m.^a amizade, a m.^a ternura? («Vim^o 30 d'Abril [de 1772]»).

O pr.^o foi em confirmaçom de que o meo coração he o trono, o teo a almofada, emq fez assento a amizade mais sollida. Marcia lhe entrega o scetro, tua May lhe poem a crôa. A m.^a he a guarda de todos estes tezoiros, e Alfido, q.^m franqueia, ou serra a passagem p.^a o templo desta Divind.^e incognita ao resto dos mais omens. Sim queremos que penetre este lugar innacessivel o merecimento do Tagmanini: e por que não? aconcelhanos a gratidaõ, pedeo a justiça, e tu o

¹⁷³ Riscado.

¹⁷⁴ Entre linhas.

mandas. Sim tu mereces o meo carinho a m.^a ternura, e a minha não se lhe chame idolatria Tu es um objecto adoravel a todas as luzes, mas como não [sic] perfeição fora de D.^s que não seja manchada, tens tu a fraqueza de te deixar transportada a meo respeito, sem attenção a sollidez comq costuma a justiça pezar o merecim.^{to} dos omens. Não te equivoques; os cristais brilhaõ mas não saõ diam.^{tes} A amizade sim he parto da virtude, mas quantas vezes foge do seio q a produziu, tu o sabes. A nossa não o tem abandonado, mas q.^{do} rezida em mim não prova que eu seja virtuosa, prova q tu o es tanto que a produziste no meo p.^{to} exaqui, m.^a querida amiga, como somos capazes de enganarnos ainda quando com as luzes da Philozophia corremos atraz da verd.^e P.^a que tocaste estes pontos em que não posso concordar com tigo? («Vimr.^o 8 de Abril de 1774»).

Este exaltaçom sentimental da amizade nom só se exhibe na correspondência para afirmaçom dos laços que unem as correspondentes, mas apreciamos claramente que a sua reiteraçom tem a finalidade criar umha rede, distinguindo-se doutros grupos ou doutras classes sociais que, da perspectiva das Alorna e dos Vimieiro nom som capazes de apreciar estes sentimentos:

he possivel, que não possa darte nesta occasiaõ, as evidentes provas da amisade; aquella amizade, que não acharás em nenhuma, posto que m.^{tas} a prometaõ semelhante, e que algumas a finjaõ igual? aquella amizade, que nunca te seria mais util, ou /sofre q assim o diga/ nunca mais necessaria? Oh durissima condiçaõ da vida umana! cruel percizaõ de pagar o maior gosto, sempre com dobrado pezar! Sim minha Adorada Lilia, as tuas criticas circunstancias, e a corrupçaõ, que tem consumido na Corte a pura semente da amizade, necessitavaõ de que a tua fiel Tirse, ou fosse a feliz depozitaria da tua Amavel Peçoa, ou ao menos conseguisse ser inseparavel do teo Lado, em quanto as Luzes do teo grande talento te não descobrissem tudo o que [---]taõ¹⁷⁵ as diferentes mascaras, com que hoje se rebuçaõ todas as personagens da nossa infeliz condiçaõ («Estremoz 26 de Outubro de 1770»).

Quanto he doce despertar de um sonno socegado no ceio de uma carinhoza May! os braços se enlaçaõ reciprocam.^{te}, unemse as faces, derramase nos coraçõens uma suavid.^e inexplicavel; até os olhos paresse que se brocaõ, querendo os da cada uma penetrar ao centro em que rezide o amor. Goza m.^a Lilia, goza destas doçuras, que saõ bem mais sollidas que os deleites pompozos, comque se embriagaõ o comum dos omens. Virá tempo em q a sorte te fará provar otras delicias; agora he melhor figuralas em perspectiva, p.^a variar de ideias, e hir aproveitando das reais a fim de aproveitar o tempo. Eu cheia de cuid.^o no meo Alfido, cercada de mil otras coizas, que me inquietaõ, te escrevo todos estes bons conselhos; merece ao menos a situaçaõ, em q me acho, que tu os pratiques. («Estremoz 21 de Janr.^o»).

As vezes discorro que o mais preciozo dom da Providencia, sendo como he o mais formoso ornato da socied.^e, e a mais segura baze do Universo, se tem convertido pelo abuzo dos omens; no mais formidavel tiranno dos pocos coraçõens em que rezide. Que não soffremos nós por culpa da amizade que nos

¹⁷⁵ Lacuna polo mau estado do suporte.

liga? se eu te amasse menos, nem os teos males me penetraraõ, nem a tua separaçãõ me tiranizara o coraçãõ, mas qu'importa mon cœur si je fais mon devoir? («Estremoz 8 de Março de 1771»)

Eu não sei p.^a que D.^s me deo hum coraçãõ aberto por todos os lados p.^a a compachãõ e p.^a amizade? senãõ he p.^a martirio meo, não descubro utilid.^e neste fenomeno taõ raro nos nossos tempos, e taõ contrario ao meo socego, e por consequencia á m.^a saúde («Amiga do meo coraçãõ Quiz ontem saber »).

este dom preciozo da amizade, que taõ raras vezes concede D.^{os} ás gentes d'oje, este caracter, que me faz onra, he o meo fagello e ha de ser a m.^a destroiçãõ. Eu não posso viver vendo infelices [sic] aquelles, porquem o meo coraçãõ se entereça; a maça da natureza cede á agitaçãõ do espirito; e não he possivel que rezista m.^{to}. tempo, se esta agitaçãõ se reduzir a motu continuo, como vai succedendo pelas frequentes occazioens de pezar, que D.^{os} nos manda («Com que o meo defluxo fazte mal ao meo peito?» [itálicos no original]).

A exaltaçom da amizade vincula-se directamente com a apologia do retiro vista acima. Os tópicos do *Beatus ille* e da simplicidade dos prazeres frente à corrupçom da vida em sociedade som utilizados estrategicamente como elemento de distinçom contra aqueles que vivem na Corte da que fôrom expulsas determinadas pessoas do entorno dos Vimieiro. Na mesma linha, veremos que Mello Breyner coloca a amizade e o sentimento como elementos capazes de distinguirem o seu grupo frente aos “falsos” sentimentos da Corte:

Tudo se conseguiria se o dia de oje fosse festejado em plena liberd.^e gozando por fructo d'amizade gozassemos aquelles prazeres que ignoraõ os *Eroes do nosso seculo*, e que não saõ capazes de recolher as praças, os Theatros dos espectaculos mais rizonhos («Sim, minha linda amiga»).

Se os cuidados que me oprimem de continuo, lhe fizessem a corte, estou certa de que lhe havia passar a curiozid.^e, assim como a mim me passa de todas essa importantes bacatellas em que se entereçaõ taõ deveras se entereçaõ os nossos famosos cortezaõs. A conservaçãõ de hum marido q nada se paresse com elles, a vida de huma boa May a q.^m devo quanto não sei explicar; a felicit.^e das m.^{as} Amigas, entre as quais, *tu sei la prima* e pur sarai, l'ultima oh chara¹⁷⁶ ch'adoreró/ em fim a paz da m.^a familia, os entereces da m.^a caza saõ os moveis dos meos dezejõs os pontos a que se encaminhaõ todos os meos cuidados, tudo o mais he p.^a mim como se não fosse, quando a umanid.^e ou a Religiaõ me não faz tomar parte no mal alheio. Se isto he capaz de fazer curiozid.^e eu mandarei gravar em q.^{tos} marmores tenho por este passeio, e até nas esquinas de Lisboa se lá o quizerem ler («Vimr.^o 7 de Mayo de 1772»).

¹⁷⁶A leitura nom é segura.

A sentimentalidade enobrecida por Mello Breyner e considerada essencial dentro dos seus valores nom se limita exclusivamente à amizade, e parece-nos particularmente interessante que se estenda ao amor conjugal, porque evidencia umha maneira diferente de conceber as alianças matrimoniais, encaminhadas nom apenas a aumentar os diferentes capitais das famílias, mas também a procurar a felicidade dos esposos:

não me dou m.^{ta} preça p.^a que possa esfrear o apetite de q.^m olha p.^a mim por entre a doirada venda do amor: [tu]do lhe parece brilhante em mim, e com tudo nem sempre aq.^{la} luz he oiro. Tomara que tivesses um Alfido como este, ainda q te custasse amoderar nelle, como a mim me custa, o dezejo de me fazer recomendavel à posterid.^e («Vimr.^o 13 de Maio de 1774«).

Já sabes que a m.^a jornada foi arrebatada, e feliz; encontrei Alfido vigoroso, vigilante, e quazi certo da m.^a vinda por [um] occulto precentim.^{to}, que lhe tinha despertado, não sei qual dos nossos amores. Frustrouse a falla de Sblektofel; mas suprio-a o gozto de uma entrada em silencio, aparecendo de repente aquella figura, que ainda esperada alvoroçou como se surprendera. Estes são os misterios, que não comprehende o vulgo; mas que hum Agrario¹⁷⁷ não desconhece, e que algum dia te fará perceber um T[ancredo]¹⁷⁸ («Estremoz 30 de Dezembro de 1773«).

O meo doente dorme agora, q são sinco da tarde do dia 23 e dorme com socego; o ponto he o dia d'amanhaã. Minha Marqueza, posso eu dezejar às tuas f.^{as} huns maridos, que se não excederem ao meo em qualid.^{es} ao menos o igualemente? posso porq lhe dezejo huma felid.^e real; mas permita D.^{os} que tendoos, nunca lhe vejaõ sezoens; nunca tenhaõ motivo p.^a conhecer nos seos delirios, quanta he a ternura do seo coração, quais são os habitos das suas virtudes: he este hum tormento, querida amiga, que ainda agora tira lagrimas do coração da Tua fiel T («Estremoz 23 de Julho de 1772«)

Tirse que respeita naquelle Parente hum tutor do seu Alfido hum redemptor da sua Caza e hum feliz mentor do marido que adora? («Minha Bella Marcia«)

É esclarecedora, quanto ao tipo de valores que som postos em jogo polas diferentes casas para negociar os contratos matrimoniais, umha série cartas, datadas entre 1777 e 1778, imediatamente a seguir à morte de D. José I, que contemhem a negociaçom frustrada do matrimónio de um dos irmaos da Condessa de Vimieiro com Maria de Almeida. Esta tinha estado comprometida durante anos com Martinho de Mascarenhas, um companheiro de cativoiro de seu pai, e Marquês da Gouveia, mas pouco antes de abandonar o convento, o compromisso é roto. Isto provoca que quando a Marquesa de Alorna e as suas filhas Maria e Leonor saem de Chelas, com a protecçom da Rainha, comece umha corrida para casar as duas raparigas, que dada a sua origem

¹⁷⁷Refere-se a João de Almeida, Marquês de Alorna e pai de Maria de Almeida, a quem a carta é dirigida.

¹⁷⁸Martinho de Mascarenhas, Marquês da Gouveia.

social, a pertença à família Távora e a mudança de governo, deviam de ser um bem bastante cobiçado, ao menos entre determinados sectores antipombalinos. Umha das negociações que conhecemos de primeira mão é a que pretendia unir um dos filhos dos Senhores de Ficalho com Maria de Almeida.

A negociação que pretendia ligar as casas de Ficalho e Alorna¹⁷⁹ é levada a cabo pola Condessa de Vimieiro, que particularmente numha das cartas desta série explicita as razões pelas quais devem unir-se estas duas casas:

Desde q eu pude observarte de mais perto, sempre dezejei q a caza que me tinha dado o ser, recebesse das tuas virtudes um novo lustre, q nos conservasse dignos da estimação dos bons; mas o ajuste que me tinha confiado tua May, soffocava estes dezejos, e tu sabes se eu advoguei a cauza do Marq.^z, em q.^{to} o julgava digno de ti, pelas relações q viamos de seo merecim.^{to}; tu sabes que eu te aconselhei, q sustentasses a palavra de teos pais dada a um infeliz, não obst.^e conhecer as difficuld.^{es}, q tinha p.^a se effectuar aq.^{le} desgraçado contrato. [...] Dizes tu que o C. da Rib.^a te pertende, e por contrarias, q sejaõ, ou possaõ ainda ser as m.^{as} observassoens a esta pertençaõ eu devo julgar feita, e pelo modo porq se costuma fazer entre nós, sendo sua May a principal empenhada em te conseguir. Sendo assim, Amavel creatura, tu só podes ser a arbitra da tua segurança e da fortuna das duas familias. A nossa, que por tantas vezes se gloria de ter os Avós comuns comtigo, não funda o seo merecim.^{to} nas riquezas; o servisso da patria pelo espaço de sento e vinte sete anos lhe tem consumido fundos q os Reys ou não querem, ou poderaõ até agora pagar, porem mil acçoens gloriozas, praticadas á face da maior ingratidaõ, estaõ oje clamando a recompensa e /podes crerme/ só por amor de ti, se insta por um titulo, de q nós sempre zombamos; quando não olhavamo p.^a um objecto taõ digno de se lhe sacrificar tudo, ou fossem caprichos, ou anthoziasmos, ou sentim.^{tos} da antiguid.^e Portugueza. Se se pode crer ao q dizem os que governaõ este requerim.^{to} tem contradicoens; mas nós negociamos sem q elles saibaõ como temos as mais bem fundadas esperanças de o conseguir. Isto era só o que m.^a May esperava p.^a se declarar com a tua e lhe mostrar, q não obst.^e as revoluções, q tem padecido a nossa caza, está oje em circunstancia de poder outra vez fazer aquella figura igual, e decente que he mais sollidam.^{te} magnifica, que a de um esplendor momentaneo. O C. da Ribeira he um omem taõ illustre como nós sabemos. a felid.^e dos seos cazam.^{tos} tem feito a sua familia, ou a sua arvore mais pompoza q otros troncos de antiguid.^e m.^{to} mais respeitavel. A industria, e a fortuna a tem feito crescer em riquezas, e se aquelles senhores soubessem avaliar o teo merecim.^{to}, claro está que sahiraõ da ordem comum e meteraõ nas tuas mãos os seos tezoiros, para os verem frutificar virtuoizam.^{te} Estas ventagens não te podemos nos offerecer; opomoslhes otras que saõ um familia de caracter particular, estabelecido por modo de sistema, que he de preferir a onra, e a virtude a todo o enterece.

¹⁷⁹ Esta aliança era especialmente procurada por Teresa de Mello Breyner, que em várias ocasiões se lamentará de nom ter tido nengum filho para casá-lo com Leonorita, a filha mais velha de Leonor de Almeida.

As diferenças estabelecidas por Mello Breyner entre as casas da Ribeira Grande e Ficalho fundamentam-se na antigüidade, no parentesco com os Távoras e nos valores de honra e valor da segunda, frente à nova (e abundante) riqueza e às alianças matrimoniais bem planificadas por parte da primeira, que só pondo em valor os seus maiores rendimentos económicos tinha conseguido aparentar com casas de grande antigüidade e prestígio, como, finalmente, a própria casa de Alorna. A isto hai que acrescentar a desvalorização do “defeito” de falta de título e grandeza, que aparece como um simples pormenor do qual a casa de Ficalho nom se tem preocupado por nom ser preciso para acreditar o seu prestígio, mas que se compromete a conseguir, aludindo para isto de forma velada às suas excelentes relações na Corte. Com isto pretende evidenciar a oposição entre umha casa segura da sua nobreza frente a aquelas detentoras de título de fresca data, e referenda a ideia apontada acima de que realmente nom existe umha grande diferença social entre as casas da primeira nobreza de Corte tituladas ou sem titular.

Umha vez que é decidido pola casa de Alorna que o melhor partido é o Conde da Ribeira, a Condessa de Vimieiro escreve novamente a Maria de Almeida («Vimr.º 22 de maio de 1778») para convencê-la de nom ser esta umha má aliança, e aí vamos encontrar explicitado o problema da falta de capital cultural do futuro marido:

Este mosso, seg.^{do} o votto da tua Irmãa, tem mais falta de educação, q de talento e onde ha juizo, e amor, q cultura não podes tu fazer? [...] Não imagines a tua morte tão vizinha; he um meio p.^a viver não carregar a imaginação de representaçoens funestas. D.^{os} quer de ti grandes exemplos p.^a aquelles com q.^m vives, e p.^a q.^m ha de viver, e humas das tuas obrigaçoens he procurar conservarte, e fazerte capaz destas grandes coizas.

Disfarçado de elogio, Mello Breyner aponta para um dos grandes defeitos do Conde da Ribeira, a “falta de educação”, reforçando esta ideia ao pedir de Maria de Almeida um grande sacrifício para satisfaçom dos Marqueses de Alorna. Argumentos similares a este tinham sido já utilizados polo Marquês da Fronteira para romper o compromisso de Maria de Almeida com o seu primeiro prometido, o chamado Marquesito da Gouveia, referido em cartas e poemas como Tancredo, do qual afirma que (Neves, 1957: 19, citando um trecho dumha carta do Marquês de Alorna à sua filha Maria de Almeida)

n'elle não terias bom marido se não p.^a te fazer mimos, p.^a ser teu excelente enfermeyro nas molestias, p.^a te trazer magnifica se D's o fizer m.^{to} rico p.^a te devertir com festas, para te fazer servir com toda a promptidão mas p.^a conversação e p.^a tratar das coizas elevadas com q' tu tens sido creada d'isso não

entende nada nem quer entender e ja agora com o genio q' tem e trinta e quatro anos não pode mudar.

A exposição de argumentos feita nestas cartas revela, a nosso juízo, a convivência de argumentos sentimentais com argumentos de obriga familiar que se superponhem na decisom de assinar um contrato matrimonial dentro da primeira nobreza ilustrada portuguesa. Mais adiante, veremos as conseqüências nefastas para Maria de Almeida deste matrimónio, e as opinions e reflexons que isto provoca na Condessa de Vimieiro.

Em qualquer caso, a dimensom sentimental das relaçons serve como elemento diferenciador a respeito de outras camadas sociais –repare-se, por exemplo, na referência a «os mesterios, que não comprehende o vulgo» antes citada- ou a outros grupos da primeira nobreza, como se verifica na crítica aos cortesãos, mas também evidencia a consolidaçom nos finais do século XVIII de umha nova estruturaçom das relaçons sociais e familiares. Mónica Bolufer (1998: 217) fala precisamente nas relaçons entre umha nova configuraçom da ideia de família alicerçada nas relaçons sentimentais e um dos modelos de mulher proposto pola Ilustraçom:

construcción de la vida de la familia sentimental, dotando a las familias y en especial a las mujeres acomodadas de una acrecentada responsabilidad en la crianza física de sus hijos, en un período que vio emerger una nueva consideración de la infancia y que multiplicó los consejos sobre su cuidado y formación física, moral y educativa, cifrando en ella el futuro económico y político de la sociedad.

Trata-se de ideias que estão a ser objecto de debate constante neste momento, e, portanto, nom deve estranhar-nos encontrar em Mello Breyner alusons aparentemente contraditórias a um ou outro modelo. A “construção da feminidade” –citando o título da obra de Mónica Bolufer- tem muito a ver com a construção de um novo modelo familiar e de um novo modelo sentimental que se relaciona tanto com a educaçom, aspecto que vimos acima, como com as propostas de modelos de relacionamento social. Embora poda parecer paradoxal numha primeira leitura, na Condessa de Vimieiro vamos encontrar essa exaltaçom da vida retirada e da dedicaçom absoluta à educaçom dos filhos –que servia, por exemplo, para justificar a traduçom do *Telemaque* de Fénelon- com a resistência a um modelo educacional burguês, como o proposto por Verney que ia claramente em detrimento do poder de actuaçom das mulheres nos diferentes campos.

Da mesma forma, estabelece-se umha importante contradição na sua própria precepção das paixões e dos sentimentos. Frente a censuras explícitas como «quanto he terrível soltar a redea a paixões ainda justificadas!» (Vimr.º 12 de Mayo de 1778), encontramos as exaltações amorosas dos poemas dedicados a Lília («Estremoz 14 de Setembro de 1770»): «Não tens que dividir/ Lília, oh Tirse, por ti arde d'amor./ Repara n'expressão;/ Observa o vivo ardor./ Que em seo peito começa a fumar./ Se lhe offusca a razão,/ *Naõ tens, que duvidar*,/ Tudo he fructo feliz dessa paxação:/ Depoem, Tirse, o temor,/ *Lília, crê-me, por ti arde d'amor.*», ou («Delirio saudoso a Lília. Ode Anacreónica):

Porque? porque meo desejo,/ Se me leva alem do Tejo;/ Se nesse valle me lança,/ Onde entre as graças descança/ Essa Nynfa delicada;/ Por quem d'amor/ inflamada/ Trago a mente em vivo ardor,/ Porque não vence d'Amor/ Que seos milagres ostente,/ Transformando-se em Virente/ Laurea rama destinada/ A ornar de Lília a fronte sublimada?

Estas contradições nom som produto de umha análise posterior, pois som já explicitadas pola Condessa, que as coloca em relação com a doutrina católica, que, por um lado, exalta a paixão de Cristo e, por outro, exige um férreo autocontrolo aos fieis. assim, em carta datada em «Vimr.º 3 de Junho de 1774», afirma:

O triunfo das paixões, he a gloria do christianismo: só este as pode reduzir aos limites, em que podem fazer feliz aquelle mesmo omem q era seo escravo, em q.^{to} as contemplou. Mas o Christianismo não as extirpou do coração omano [sic]: que monstro seria o omem sem paixões? regulalhe os movim.^{tos} e contentase de as conservar na escravidão.

Estamos, em definitivo, perante um pensamento contruído a partir da doxa católica, por um lado, e do *habitus* da primeira nobreza, por outro. A primeira exige o controlo estrito dos sentimentos e dos prazeres, enquanto o segundo supom a anulação do indivíduo e dos seus interesses particulares em benefício dos interesses colectivos da casa. Ao lado destes dous elementos fundamentais, coloca-se, no pensamento de Mello Breyner, a presença de algumas das ideias mais estendidas da Ilustração europeia, que coloca o indivíduo -através do novo conceito de cidadão- como o objecto central do pensamento e da acção (política ou intelectual), e que, por outro lado, propom um novo tipo de relacionamentos pessoais e afectivos orientado, como veremos com maior pormenor mais adiante, para a anulação da lógica matrimonial da nobreza que mantinha umha camada social emergente fora dos lugares de decisão política. A contradição estabelece-se com maior força por tratar-se de umha nobre ilustrada

comprometida com o partido ideológico daqueles membros da primeira nobreza que reclamavam para si o privilégio de condicionar a vida de Corte, quem incorpora ao seu discurso algumas das ideias que promoviam noutros lugares da Europa, precisamente com o objectivo de destruir esses privilégios, os representantes da Ilustração burguesa.

II.4.3.3.6. Hipótese de umha rede

A correspondência é utilizada de maneira significativa para estabelecer e/ou consolidar umha rede, tanto através da promoção dos seus elementos como da crítica e rejeitamento de elementos alheios. Nesta epígrafe tentaremos reconstruir, na medida do possível, não apenas as pessoas que faziam parte do grupo de Teresa de Mello Breyner no período 1770-1777, mas também as estratégias que se adivinham através da correspondência para formar e/ou consolidar os diferentes relacionamentos que integram essa rede..

II.4.3.3.6.1. Os aliados

Entendemos que algumas das citações referidas têm como objectivo imediato, não tanto a exibição de conhecimentos ou de “bom gosto” ou a identificação de umha determinada adesão estética ou ideológica, mas a criação e/ou fortalecimento de umha rede. Isto é assim, particularmente, quando se trata de escritores coevos com os quais efectivamente se convive ou se pode chegar a conviver, como seria o caso de Joana Isabel de Lencastre Forjaz, António Dinis Cruz e Silva, Cândido Lusitano, José Agostinho Macedo, Correia Garção ou José Basílio. Evidentemente, a intenção das referências a estes autores não é sempre a mesma, procurando umas vezes o contacto, ou a promoção dos elementos da própria rede,

e outras a delimitação de distâncias com elementos alheios. Estes som os casos, sobretudo de Joana Isabel de Lencastre Forjaz, e, secundariamente, de José Basílio.

Dos árcades António Dinis, Correia Garção e Cândido Lusitano temos sobrados testemunhos na correspondência de Mello Breyner para saber que faziam parte dos relacionamentos habituais da Condessa: Dinis é citado como freqüentador da sua casa e é o responsável pela escolha de alguns dos textos do obelisco erigido por Sancho de Faro; de Garção sabemos que a Condessa tem em seu poder e difunde os textos deste; finalmente Cândido Lusitano, como foi já referido, foi o director dos estudos da Condessa na sua juventude.

António Dinis da Cruz e Silva foi, igual que Correia Garção, fundador da Arcádia Lusitana, e é conhecido, também pela publicação do poema satírico *O hissope*, editado postumamente em 1802, mas que tinha circulado anteriormente em forma manuscrita (Urbano, 2000: 8). Como indica Maria Luísa Malaquias Urbano (2000: 7), no primeiro volume da edição das obras completas deste autor, a primeira edição destas obras saiu do prelo entre 1807 e 1817, a cargo do sócio da Academia das Ciências de Lisboa e «primeiro historiador da Arcádia Lusitana» Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato, o que introduz um assunto de que nos ocuparemos mais adiante: as relações entre a Arcádia Lusitana e a Academia das Ciências de Lisboa. Dinis era amigo dos Condes e acudia às assembleias do palácio destes no Vimieiro:

Por cá não ha m.^{to} quem conheça a fundo a pura linguagem do Parnazo /excepto An.^{to} Diniz quando por cá apparese/ com tudo ha quem a respeite. Ate o meo confeçandr.^o lhe he afeiçoado, e não obst.^e ser o omem mais capaz de fazer medo ás creanças; quando lhe chega a sua vez de Poeta, não he de desprezar. O tal *soeiro*¹⁸⁰ a quem se dirigia a Epistola aremeçasse; tem suas luzes de critica; faltalhe m.^{to} da Natureza, e como se satisfaz m.^{to} de si, não supre a arte esta falta, com tudo tenholhe visto hums sonetos sofriveis, e otras coizas desta natureza. Aqui está agora n'uma delig.^{cia} de servisso o Corregedor d'Elvas, que nos faz exellente comp.^a; o máo he q elle vaise, p.^a o seo destrito, e nos p.^a o nosso retiro do Vimr.^o até 6 de novo Anno («Lillia, Amabelissima Snr.^a do meo coraçãõ»).

Das informações biográficas de António Dinis que tiramos de Urbano (2000: 12), deduzimos que o convívio como os Condes deveu de ser especialmente estreito no

¹⁸⁰ Nom localizámos nengum *Soeiro* no século XVIII, mas si um *Sueiro* Alvares Fernandes, promotor da Publicação de Jerónimo Contador de Argote (1742): *Parecer anatomico historico, critico, e juridico sobre a dissertação historica, e critica de huma inscripção que existe no Campo de Santa Anna na Cidade de Braga... pelo Dr. Eligio Albornos de Macedo dado à luz por Sueiro Alvares Fernandes*; Lisboa: na Officina de Miguel Rodrigues.

período entre 1764 e 1774, durante o qual Dinis ocupou o posto de «juiz auditor do Segundo Regimento» de Elvas. Segundo esta autora, seria precisamente a ausência de Lisboa a que acabaria por dar cabo das actividades Arcádia Lusitana, mas a sua presença no Alentejo, fijo com que se relacionasse com a rede dos Condes de Vimieiro, chegando a ser o autor de alguns poemas dedicados à Condessa

o risco do obelisco he de Valleré as inscripçoens são d'Antonio Deniz, e a escolha do Epigrafe, excepto o que illustra o trofeo q foi elleição do Sr' meo Alfido («Seria na verd.^e eterna a m.^a carta»).

a ode ao morgado d'Olivr.^a a metamorfose, a epistola ao Macedo são d'Antonio Deniz He sem duvida, que ha nestas poezias aquelle fundo de materia, de q só s'alimenta o lume poetico; mas eu não estou tão mal, como tu contra o *desgraçado elogiador da rude Tirse* («Q^{to} melhor fora se trocasse o conv.^o!», itálicos nossos)¹⁸¹.

Outras informações sobre Dinis no próprio volume de Maria Luísa Urbano levam-nos a concluir que o relacionamento entre este e Breyner durou quase médio século, pois encontramos, nas obras completas daquele numerosos poemas dedicados a *Treseia*, um deles, o Idílio piscatório «Do mais alto do Céu vinha descendo», «recitado na Arcádia aos 26 de Agosto de 1757». Este texto, segundo Trigo Morato de Aragão, primeiro editor de Dinis em 1807, fazia parte do conjunto de poemas manuscritos que o autor ofereceu à Condessa e que foi umha das fontes utilizadas para a dita edição. Sabemos pela correspondência de Mello Breyner que *Tersea* é um dos nomes com que esta frequentemente assina as suas cartas ou poemas, do qual *Tresea* ou *Treseia* é umha possível variante¹⁸². Todo isto, unido à constância, que tiramos novamente da correspondência, de que Dinis tinha dedicado algumas das suas composições à Condessa de Vimieiro, parecem-nos bases suficientemente sólidas para colocarmos a hipótese de que ao menos alguns desses textos em que se menciona *Treseia* estejam dedicados a Teresa de Mello Breyner.

Temos ainda alguma certeza mais quanto à duração no tempo deste relacionamento, pois o mesmo Aragão coloca uma nota ao soneto «Se essa, que em Lísia pulsas, Lira nobre» (Urbano, 2000: 201) na qual indica que em 1790, durante umha breve estadia de Dinis em Lisboa a onde tinha chegado no ano anterior (Urbano,

¹⁸¹ Sobre a referida ode devemos assinalar que, segundo Urbano (2000: 12): «o canto do cisne [da Arcádia Lusitana] parece ter sido a sessão de 20 de Janeiro de 1774, em Casa do Morgado de Oliveira, genro do Marquês de Pombal. Em honra deste, recitou Elpino uma ode pindárica e foi uma das três vozes que entoaram solenemente um ditrambo em louvor daquele ministro».

¹⁸² Desconhecemos qual das duas era a versão original, porque na edição de Urbano a terminação –*ea* foi assimilada ao padrão português actual –*eia*.

2000: 1789), existia ainda intercâmbio de poemas entre ambos: «no ano de mil setecentos e noventa, achando-se o Autor em Lisboa, recebeu uma Ode anónima feita à Rainha [sic] N. S. debaixo do seu sobrescrito: Conheceu o mesmo Autor que era da Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Vimieiro, e lhe fez este soneto que lhe remeteu da mesma forma» (Urbano, 2000: 232).

A ser certa a nossa hipótese, no primeiro volume das obras de António Dinis da Cruz e Silva publicado por Maria Luísa Urbano haveria, ao menos, onze poemas dedicados à Condessa de Vimieiro: os sonetos «Brincando Amor voava sobre as flores» (Urbano, 2000: 47), «Se contemplo, Treseia, o triste estado» (p. 59), «Colhendo um dia conchas de entre a areia» (p. 103), «Enquanto por amor não suspirava» (p. 126), «Fujamos, Melibeu, que anda no monte» (p. 138), «Navegante, que vê em noite escura» (p. 143), «Teimoso coração, já satisfeito» (p. 156) e o já citado «Se essa, que em Lísia pulsas, Lira nobre» (p. 201; neste caso nom dedicado a Treseia, mas a “Breiner”), para além dos idílios «Do mais alto Céu vinha descendo» (p. 306), «Oh quanto folgo, Ergasto, de encontrar-te!» (p. 315), «Suspirado Pastor, sejam bem-vindo» (p. 366) e a écloga «Que fazes tu, meu Tirse, aqui deitado» (329)¹⁸³

A proximidade e o convívio da Condessa de Vimieiro com Dinis fã com que estejam em poder dela textos poéticos do árcade, que envia em algumas ocasiões a Chelas: «La R: F: diz q ja que tu es taõ cruel que me naõ mandas versos teos, naõ fiques lá com os de Ant.º Diniz: eu te mandarei os de Garçaõ» (« Vimr.º 21 de Abril »), ou

naõ tenho cá o detyrambo d'Antonio Deniz, tenho alguns Idilios, que levarei quando for verte, para satisfazer á promeça de os naõ largar da m.ª maõ mas nem estes saõ os melhores, posto q imitaõ os de Theocrito: eu farei delig.^{cia} por haver delle mais alguma coiza p.ª satisfazerte («Lilia do meo coraçãõ. Recebi o teo escrito»).

Nas cartas da Condessa podemos encontrar freqüentemente referência à posse e envio a Leonor de Almeida de vários textos de um outro árcade, neste caso Correia Garçaõ: «Inda cá torno mandame a collecçaõ dos versos de Garçaõ, que os quer ver Thersea Marcelina de Lilia» («Estremoz 3 de Janr.º de 74»); «Estou entregue do livro do Garçaõ. Gosto m.º do seo modo de poetizar: eu o restituirei» («Estremoz 21 de Janr.º»); «La R: F: diz q ja que tu es taõ cruel que me naõ mandas versos teos, naõ fiques lá com os de Ant.º Diniz: eu te mandarei os de Garçaõ». Ou à glosa por sua parte de textos

¹⁸³ Nom incluímos aqui os numerosos poemas dedicados a *Tirse*, porque, nos textos de António Dinis o pseudónimo utilizado habitualmente pela Condessa de Vimieiro oculta, sempre no masculino, a identidade de Teotónio Gomes de Carvalho (Urbano, 2000: 263).

originais de Garção: «dizeme sinceram.^{te} q te pareceo a gloza do soneto do Garção achas que ha illustração do texto?» («Estremoz 31 de Janr^o de 1771»). Vemos nestes trechos que tanto a Condessa de Vimieiro como Leonor de Almeida fam circular as produções de Correia Garção, convertendo-se desta maneira em promotoras do seu modelo, similar tanto na orientação ideológica como estética ao de Cândido Lusitano, seu companheiro na Arcádia.

A presença do terceiro árcade citado, Cândido Lusitano, nas cartas de Tirse tem duas funções: umha como modelo estético, como um dos membros e promotores da fundação da Arcádia Lusitana e difusor em Portugal da poética horaciana através da sua tradução da *Poética* (1748), outra como orientador da Condessa. A primeira aparece em vários lugares em que Mello Breyner recomenda a Leonor a leitura deste livro para formar o seu gosto e o seu estilo literários:

Como tu aprendes latim ja o entenderás /se não perceberes quanto he percizo o teo M.^e que te explique/ a 25.^a estancia da Poetica de Oracio, especialmente desde o verso

Non quivis videt immodulata poemata index, et data¹⁸⁴ responda por mim, e tão bem as antecedentes; mas he verd^e. que o author não [sic] he moderno. Com tudo p.^a suprir esta falta, estão as notas do expozitor portuguez as quais porq confutaõ, e combinaõ, todas as mais q se tem feito, tem merecido a attençaõ ate dos Estrangr.^{os} («Estremoz 14 de Fevr.^o de 1771»).

Nós temos huma [poética] Portugueza do Cand.^o, que tão bem he m.^{to} boa, e he como huma recopilação do q se tem dito bom; as doutrinas são provadas com passagens dos authores de melhor nota e o estillo não enfastia («Estremoz 28 de Fevr.^o de 1771»).

A segunda noutros lugares da correspondência como:

[A]lgum dia li, e o que li deixoume occupada a fantezia das imagens, que tu me tens excitado com a tua correspondencia. Serviome m.^{to} p.^a entender os Poetas, e os preceitos d'Oracio, hum bom Mestre, que tive; depois facilitouseme esta intelligencia com a filiz tradução do chamado Cand.^o Luzitano, as suas notas abrião me os olhos, fizeraõ me correr os Poeta, e procurar ouvir de palavra este sabio tradutor («Estremoz 18 de Janr.^o de 1771»).

Através dos dous aspectos apontados é incorporada ao grupo umha figura com importância no campo intelectual como promotor da ideologia e da estética ilustradas, declarado seguidor de Verney¹⁸⁵ e das poéticas mais reputadas entre os ilustrados, com

¹⁸⁴ *Ars poetica*, 263-264.

¹⁸⁵ «Confesso-te com ingenuidade, que eu não teria em mim o cabedal preciso para tamanha obra, se acaso desde os meus primeiros annos não tivesse ajuntado muitos livros da faculdade Poetica, e lido com

boas relações, ao menos enquanto foi membro da Arcádia, com o governo pombalino; e que é incorporado, precisamente, como orientador de Mello Breyner (tal e como vimos no trecho citado acima), com o qual ela se posiciona como herdeira de muitos destes elementos, legitimando-se assim no campo ela própria e o seu grupo.

A presença dos árcades coloca um problema de solução complexa que novamente nos situa ante um cenário com mais hipóteses que certezas. Como é bem sabido, e foi repetido ao longo deste trabalho, a Arcádia Lusitana é concebida como uma instituição que focava a renovação do repertório literário mas, ao lado desta, ou até por meio desta, a consolidação do governo da dupla D. José I-Carvalho e Melo.

No ano seguinte à destruição provocada pelo Terramoto de Lisboa, a herança dos que Ferreira de Brito (1991: 35) chama «precursores das Luzes»¹⁸⁶ é recolhida por uma instituição que se empenhará em dar publicidade em Portugal aos princípios da Ilustração. A sua atenção centrou-se na literatura que (Lapa, 1958: VII) «procuraram fazer regressar [...] aos bons modelos do Classicismo». As suas bases som (Carreira, 1988: 18):

lutar contra o barroquismo seiscentista, o cultismo e o conceptismo. Ao mesmo tempo, e sem se eximirem completamente destas influências, lançaram as bases dum neoclassicismo de filiação modernista, mas que infelizmente se encontrava muito distante da actividade mental duma cidade destruída; tentaram ainda a racionalização das regras e dos géneros literários, iniciaram uma discussão importante sobre a teoria da literatura, etc...

Os seus fundadores foram, como é sabido, três estudantes de Direito de origem burguesa: António Dinis da Cruz e Silva, Teotónio Gomes de Carvalho e Manuel Nicolau Esteves Negrão; mais tarde uniram-se à Arcádia outros nomes como Pedro António Correia Garção, Domingos Rei Quita, Manuel de Figueiredo, José Xavier de Valadares e Sousa, e Francisco José Freire.

aquella reflexão, que cabe no meu entendimento. Estimulado de amigos, que falsamente me suppunhaõ bom architecto para este grande edificio, dey-lhe principio, mas com poco ardor; porque já a ideade me levava para outros estudos, *até que li huns livros Portuguezes, impressos fôra, intitulados: Verdadeiro Methodo de estudar, &c. Vi, que nesta obra se queixava justificadamente o seu Author, de que os Portuguezes, para serem bons Poetas, lhes faltava huma Arte, a que verdadeiramente se podesse chamar Poetica; então continuey na minha empreza com algum fervor, e estudo, como poderás ver, se quizeres.* (Freire, 1748: [21], itálicos nossos).

¹⁸⁶ Dalguns destes já se falou ao longo do trabalho, e som os chamados *Estrangeirados* (Ferreira de Brito, 1991: 35): «Rafael Bluteau, Luís da Cunha, João Baptista da Cunha (que Voltaire tanto admirava), Luís António de Verney, porta-voz do Iluminismo italiano, que exerceu grande influência na Cultura Portuguesa do Século XVIII, Jacob de Castro Sarmiento, Ribeiro Sanches, Francisco Xavier de Oliveira, Matias Aires, José Jacinto de Magalhães, Martinho Proença entre outros, abriram o pensamento português ao sopro intermitente das Luzes estrangeiras, particularmente gaulesas, que conheciam em leitura directa do francês, por terem feito longas estadas em França ou noutros países da Europa, onde corriam, apesar de todos os entraves para a sua impressão e divulgação, com mais facilidade que em Portugal».

Durante os anos de actividade da Academia mostráram-se firmes partidários da política pombalina, acreditando nas suas reformas e no despotismo ilustrado que representava, chegando o Marquês a assistir (Carreira, 1988: 16) «mesmo a algumas sessões, em companhia de D. José. De resto, quase todos dedicaram obras ou ao Rei ou ao seu primeiro-ministro».

A sua posição no campo leva os árcades a propor um modelo estético que procura retórica e formalmente as suas bases na antiguidade greco-latina e no renascimento tanto italiano como português, procurando, desde o próprio nome, a filiação entre as academias setecentistas e o Renascimento, manifestando (Saraiva, 1958: 234) o desejo de regressar à «simplicidade, bom gosto e delicadeza, que já viu florescer [Portugal] nos escritos dos seus Autores do século XVI (que para Portugal é o século de ouro)». Posicionam-se, conseqüentemente, contra alguns dos tópicos barrocos¹⁸⁷, sancionando o conteúdo e o estilo das composições poéticas dos seus sócios (Saraiva, 1958: 241-242). Em oposição à poesia seiscentista, situam o seu cânone particular, composto por autores clássicos gregos e latinos –Homero, Píndaro, Virgílio e Ovídio; nomes do Renascimento italiano –Tasso e Ariosto-; os sensualistas ingleses –Milton, Dryden e Pope-; os franceses clássicos –Racine e Corneille- e ilustrados –Voltaire-, e os quinhentistas portugueses –Camões, Bernardes e Ferreira- e espanhóis –Boscán, Garcilaso e Argensola, ainda que lembrando que (Saraiva, 1958: 238) «em todos eles acharam os críticos matérias para as suas censuras».

Mas, a alusão aos clássicos e renascentistas é, em boa medida, uma invocação formal e retórica. Assim, rejeita-se explicitamente a “nostalgia” das supostas glórias guerreiras do passado português, tal e como lemos na «Oração primeira –em que se persuade os bem devidos louvores do nosso soberano, sempre Augusto e Fidelíssimo, recitada na conferência da Arcádia Lusitana no dia 4 de Março de 1763» de Correia Garção (Saraiva, 1958: 144):

¹⁸⁷ Na altura em que aparece na cena portuguesa a Arcádia Lusitana, o repertório barroco estava ainda vigente para uma boa parte dos leitores, como o prova a publicação da compilação *Postilhão de Apolo* (de título completo *Ecos que o clarim da fama dá: postilhão de Apolo montado no Pégaso, girando no Universo para divulgar ao orbe literário as peregrinas flores da poesia portuguesa com que vistosamente se esmaltam os jardins das musas no Parnaso*), responsabilidade de José Meregelo de Ossam, criptónimo de D. José Ângelo de Moraes. Foi publicada em dois volumes em 1761 e 1762, respectivamente. Esta, juntamente com outra compilação anterior, *A Fénix renascida ou obras poéticas dos melhores engenhos portugueses*, publicada por Matias Pereira da Silva entre 1716 e 1728, recolhe alguns autores do século anterior como Francisco Rodrigues Lobo, Francisco Manuel de Melo, Soror Violante do Céu, Manuel da Veiga Tagarro, Bernarda Ferreira de Lacerda, Jerónimo Baía, Ferrão Correia de Lacerda, Dr. Simão Cardoso Pereira, António Serrão de Castro, Dr. António Barbosa Bacelar, Dr. André Nunes da Silva, Francisco de Vasconcelos, D. Tomás de Noronha, Diogo Camacho, André Rodrigues Matos, António Fonseca Soares –Fr. António das Chagas-, Soror Maria do Céu, etc.

Lembram-se [os soldados e os pilotos] das expedições que nos ganharam tantas conquistas. Trazem sempre na memória o Campo de Ourique, Aljubarrota, as Linhas de Elvas. Mas não computam as despesas de uma longa guerra, o sangue que custa qualquer vitória, os incómodos de uma contribuição, a violência das reclusas e as feias consequências da licença militar.

No seu lugar, propom o próprio Garção na mesma “oração” (Saraiva, 1958: 146), precisamente, a exaltação daqueles que pretendiam ser os pontos fortes da gestom pombalina, que introduzia no governo português alguns dos princípios ilustrados:

Que excelentes poesias se não podem compor, querendo mostrar o aumento do comércio! A nova economia das conquistas! O grande projecto do estabelecimento das fábricas! A disciplina das tropas! As leis que quotidianamente se estão promulgando, dirigidas todas a refrear os vícios que fomentam o espírito da ambição ou do litígio.

Em definitivo, a incorporação à rede de relacionamentos de determinados agentes do campo procedentes dumha geração anterior, membros da Arcádia Lusitana, responde a umha estratégia de legitimação do próprio grupo de Mello Breyner e Leonor de Almeida unindo-o, e, como no caso de Cândido Lusitano, declarando-se discípulos, da geração que introduziu de pleno as ideias ilustradas no campo intelectual português entre os finais da década de quarenta e de cinquenta do Setecentos, levando a cabo acções para renovar o repertório literário através de instituições como a Arcádia Lusitana ou de publicações como a *Poética* de Cândido Lusitano.

Para além da citação e da posta em circulação de textos, existe ainda outra forma de fomentar a criação e afortalamento dumha rede de relacionamentos, e é a apresentação e recomendação de pessoas, que, durante o período em foco neste capítulo, vemos suceder em ambos os sentidos. Em primeiro lugar, veremos como Mello Breyner indica a Leonor de Almeida quais devem ser as suas amigas, fazendo umha pequena descrição das qualidades de cada umha das senhoras citadas:

As tuas mais proximas parentas, não são as mais seguras p.^a a confiança; eu não sei onde te leva o teu destino; mas se fores p.^a o fatal sitio da Junqr.^a, acautelate das B:B: Em fim entre todas as Snr.^{as} da tua id.^e com q.^m podes concorrer, nenhuma julgo propria p.^a a tua confiança a não ser a f.^a mais velha da Penalva; nenhuma mais agradável p.^a hum conversação instruida q a f.^a mais velha da

Obidos. São galantes, e agradáveis as Valenças, Angeja, Tancos, Aveiras e outras que has de conhecer, e de q.^m has de gostar, mas... Das q são de outra id.^e, inculcote a m.^a Estimável Niza, as duas Mg.^{nas} tuas parentas, e m.^{as}, e não te inculcu m.^a boa May, e infeliz irmã, por não parecer suspeitoza a inculca; poco mais do que isto te posso inculcar, posto, que ha outras, como são a Excelente Leonor d'Almada, sua filha, e outras; mas com estas não será tão facil a comunicação. Se podeses procura atrahir a Cond.^a de Sam Payo: he melhor do que se cuida: tem m.^{ta} virtude, certa amizade bem aproveitada, poderá servirte m.^{to}, que o sei eu. as Irmãs não tem as mesmas qualid.^{es}.

Isto he, m.^a Querida Lilia, o que pode dizer de tão longe a m.^a amizade; se te parecer confiança excessiva, desculpa o effeito pondo os olhos na cauza, e dame a correção, que julgaes que toda hei de receber com estimação e rendim.^{to} («Estremoz 26 de Outubro de 1770).

Trata-se em todos os casos de mulheres da primeira nobreza, respectivamente¹⁸⁸:

- Margarida Delfim Teles da Silva (nascida em 1748), casada com o que chegaria a ser durante o reinado de D. Maria I o primeiro Marquês de Borba;
- Maria Leocádia de Assis Mascarenhas (1748), filha de Helena Josefa de Meneses e do 3.º Conde de Óbidos;
- Maria Teresa Josefa (1735), Teresa Joana (1740), Margarida (1742), Luisa (1745) e Domingas Rosa de Portugal (1750), filhas do 3.º Marquês de Valença e 9.º Conde de Vimioso (aparentado com a Condessa de Vimieiro);
- Luisa Josefa Maria Rita Antónia Fausta de Noronha (1748), filha do 3.º Marquês de Angeja e 6.^a Condessa de Valadares polo seu matrimónio;
- Domingas Manoel de Noronha (1753), 3.^a Marquesa de Tancos e esposa primeiro do 10.º Conde de Vimioso e depois do filho do 4.º Marquês de Marialva;
- Maria Roberta da Silva Telo de Menezes (1752), filha do 1º Marquês de Vagos e 6.º Conde de Aveiras e 2.^a Condessa de Povolide polo seu matrimónio;
- Maria Manoel (1735), 5.^a Marquesa de Niza polo seu casamento¹⁸⁹;
- Leonor de Almada e a sua filha Beatriz Leonor Margarida Rosa de Almada e Castro (1726)¹⁹⁰, e, finalmente,

¹⁸⁸Nom incluímos nesta breve relação de informações a Condessa da Gouveia nem a Senhora de Ficalho, respectivamente irmã e mãe de Mello Breyner, porque já tenham sido vistas ao longo deste trabalho informações ambas.

¹⁸⁹ A «estimável Niza» aludida no trecho citado, para além da própria Marquesa de Niza, poderá ser alguma filha da 4.^a Marquesa: Eugénia Francisca Xavier Baltazar da Gama, nascida em 1735. Descartamos a irmã mais velha desta última, Bárbara Josefa Maria Xavier da Gama, porque tinha morrido em 1753.

¹⁹⁰ Dada a idade da filha de Leonor de Almada, é provável que Vimieiro frequentasse também as filhas de Beatriz Leonor: Mariana Vitória (1745), Joana (1747), Josefa (1750), Leonor (1752), Antónia (1754), Ana Tomásia (1756), Maria Luciana (1758), Margarida (1763) e Margarida Joana de Castro e Sousa da Fonseca Coutinho (1764).

- Teresa Violante Eva Judite de Daun, nascida em Viena em 1746 e casada com António de São Paio Pina Melo e Castro Moniz Torres de Lusignan, 1.º Conde de São Paio.

Como veremos mais adiante ao falar dos adversários, para seleccionar as aliadas vemos que o elemento prioritário (ao menos dos explícitos) é a confiança, quer dizer, a capacidade das pessoas que formam a rede de manter a lealdade ao seu grupo em tempos politicamente difíceis; por isso as relações só se estabelecem quando existem garantias suficientes. Esta mesma prudência para seleccionar aquelas pessoas com quem se convive repete-se inclusive para a contratação de um músico para acompanhar a Condessa tocando o cravo. Durante o ano 1772, um músico, talvez italiano, chamado Miguel José trabalhou na casa dos Condes de Vimieiro, lugar ao que só pudo aceder depois de um cuidadoso processo de selecção por meio do qual a Condessa não só pretendia evitar a entrada no seu círculo de uma pessoa não “desejável”, mas também não provocar comentários na Corte:

Miguel Jozé he hum omem, q eu não conhece¹⁹¹, e de q.^m ninguem me dá novas, por mais q as tenho procurado. Eu não lhe mandei fallar; encarreguei ao tal Gonçalo de me procurar hum omem, q fosse capaz de me acompanhar; e de exercitar a m.^a voz; querendo igualm^{te}, que fosse digno de estar sentado a meo lado, e de entrar em m.^a caza com respeito: falou-me neste, mas diceme que tirasse eu informações do seo prestimo, e da sua capacid.^e Perguntei por elle a Valentins, a Bienchardis, a Pedro Ant.^o /e não sei se a mais algum/ e ninguem me soube dizer nada delle; porq ninguem o conhecia. Fez isto com que eu enfriasse nas perquizações; e por lhe não dar huma exclusiva, puz pedra em cima deste negocio. Agora que tu o proteges he outro o cazo; mas como tu bem sabes q neste ponto de receber peças començas, e domesticas he perçiza toda a madureza, diz-lhe /se te parecer/ q se faça conhecido do Bienchardi, a q.^m eu tinha tão bem encarregado a delig.^{cia} de procurar-me sut.^{to} capaz, p.^a o emprego, e sem dizer que me fallastes, podes aconselhar-lhe isto; porq tendo elle as circunstancias, que eu mesma já disse a Bienchardi, será preferido a todos, em obsequio da tua protecção e se tu absolutam.^{te} queres, que eu o mande hir, farei quanto quizeres. Se elle for capaz, e se ajustar, pode hir depois sem nenhum incomodo; porem humas das coizas, q eu dezejo he que elle saiba empenhar o cravo, porq lá não ha quem fassa isso apropozito; e o q eu lá tinha sempre o fez, e o afinava. («Minha Adorada Lilia, parto sem tornarte a ver»).

Parece claro que este cuidado extremo que põe a Condessa na contratação do seu acompanhante musical tem a ver, por um lado, com a já aludida necessidade de segredo e confiança que garanta determinadas estratégias de ocultação, e, por outro, com o conceito de família a que nos referimos acima no capítulo dedicado ao «Campo do

¹⁹¹ Por «conheço», mas a leitura parece clara.

poder na segunda metade do século XVIII», concretamente na epígrafe «Hierarquias e estratégias da nobreza portuguesa no último terço do século XVIII», onde definíamos o conceito de “família” entre a nobreza portuguesa coeva, que incluía, nom apenas as pessoas ligadas por laços de sangue, mas todas aquela que conviviam na mesma casa.

Depois de seguir o percurso indicado pola Condessa, finalmente Miguel José é contratado arredor da Páscoa de 1772, tal e como podemos verificar numha série de cartas que começam com a datada em «Estremoz 11 de Abril [de 1772]» e continua, por exemplo em «Vimº 30 d'Abril [de 1772]», onde lemos «eu não sei o que te digo por q escrevo a correr ouvindo o Mig^l Jozé afinar o cravo e tocar alguma coiza. Onte chegou a esta caza e p^a eu o estimar basta a tua recomendação...». Umha vez que entrou ao serviço da Condessa, o interesse por verificar as informações obtidas continua, como vemos no relatório feito por esta a Leonor de Almeida:

Vou a fallar de Miguel Jozé. Sabes que ainda não pude sondar a fundo aquelle vau? Não he o que parese, tem nascimento com destinação na sua terra: em muzica he curiozo bom [sic], porque entende, mas na pratica não corresponde por ora quanto promete a theoria. Comtudo vejolhe dezej os grangear o que lhe falta. Tem correspondencia com o genero umano, e intima comunicação com genio, q rezidem junto ao trono da sorte [sic]. No mais o que já te disse; quieto, civil, e prudente [p. 3] medindo os genios, contemplando os goztos; não se mostra ignorante; mas taõ bem não deixa ver em que consista a sua intrução Não sei se o contem a modestia, se a dessimulação; mas parese, que verdr.^a m.^{te} o prende alguma cobardia [sic] de genio, que não he culpavel. Falla em ti, e nos teos, nisso não me lizongea pouco («22 de Maio de 1772»).

Mas tanto a boa origem social do músico como a recomendação de Leonor de Almeida esclarece qualquer dúvida e este passa a ser incluído nos cumprimentos das cartas entre as duas amigas ao lado de Sancho de Faro e a enviar directamente cartas pessoais ao convento de Chelas: «Miguel Joze receitate ar da m.^a Comp.^a Alfido dezeja, que esse seja o remedio, e que se aplique sem demora» («Se ha erros que possaõ chamarse acertos»); «tive duvida aq Mig.^l Jozé metesse huma carta, que te dirige, neste maço; mas elle me firma [sic] q tivera já esta onra algumas vezes, e eu condescendo com protestarte q nada quero, nem posso querer q seja de menos resp.^{to} p.^a ti» («Onde, m.^a Lilia, te escondes»).

A correspondência de Mello Breyner nom dá mais informações respeito do tempo que durou este relacionamento nem as causas do seu acabamento, mas o que nos interessa é constatar o cuidado que se pom na selecção que qualquer tipo de amizade ou contacto social, actuando sempre em função de umha imagem pública que deve ser

impecável, mas também na capacidade de todas as pessoas próximas de manterem o segredo e a clandestinidade do grupo e de cada um dos seus membros. Estes mesmos princípios, como veremos a seguir, vigoram também para a “selecção” dos adversários.

II.4.3.3.6.2. Os adversários

Também em função da intenção de criar uma rede e de marcar claramente os limites desta, devemos interpretar aquelas referências negativas a determinados produtores como som, sobretudo, Joana Isabel de Lencastre Forjaz e, num segundo plano, o brasileiro José Basílio.

Joana Isabel de Lencastre Forjaz, nascida em 1745, manteve, segundo Francisco Topa (2002: 541), «um intenso convívio poético com autores importantes, como José Anastácio da Cunha e Nicolau Tolentino, os brasileiros Alvarenga Peixoto, Caldas Barbosa, Basílio da Gama e Silva Alvarenga». Como em muitos outros casos coevos (particularmente de mulheres, mas também de homens), Forjaz não publicou nada em vida com o seu próprio nome, mas os seus poemas eram conhecidos e circulavam tanto dentro do seu grupo como fora dele. Era a segunda esposa de Fernando Martins Freire de Andrade, «moço fidalgo com exercício na Casa Real, senhor dos morgados da Ribeira do Sado e do Bom Despacho» (Torres, 1904-1915: 646, II).

A primeira referência datada que encontramos é de 24 de Maio de 1771, numa carta em que se verifica a relutância da Condessa de Vimieiro a que esta mulher seja incorporada à roda das relações de Leonor de Almeida, por causa de uma suposta ambição e vontade de ostentação:

Eu tenho passado bem e recebi o corr.º passado a carta, que me faltava, emq falavas com J:I: logo satisfiz ao teu preceito, apesar de todas as m.^{as} repugnancias; mas quando tu ordenas, Tirse não sabe exitar [sic]. Pelo q me dizes, vejo que não errei na ideia, que tinha formado tanto da sua Poezia, como do seu caracter, o dez.º de impor; a natural ambição de brilhar, de adquirir hum nome menos vulgar; conduz a semelhantes desconcertos se se não corrige («Vimrº 24 de Maio de 1771»).

Menos de um mês depois a Condessa continua o seu ataque a Lencastre Forjaz, neste caso aludindo aos escassos dotes poéticos desta, e, o que é mais importante, às suas relações pouco adequadas:

Naõ posso deixar de dizerte que estimo o que te succede com J:I: eu dezejava que ella se desse a conhecer antes de te empenhares m.^{to} na sua amizade. Naõ me pareceo justo dizerte tanto quando ao principio fallavas nella: tu abonavas o seo character de que eu tenho levissimo conhecim.^{to}, tive escrupulo moral e politico de te dizer tudo; mas agora acho que ja te posso dizer, que dês por bem empregado o [arauto] e que naõ puches por huma amizade, que te naõ he m.^{to} conveniente. Naõ suponhas nestas m.^{as} palavras mais pezo, que o q significaõ ao pé da letra; mas na verd.^e de que serve incomparavel Lilia, que se gabe Aonia/e a q.^m / de que lhe deo hum mote, que lhe he difficil p.^a glozalo? Crême, que naõ te convem, e o tempo hira verificando esta m.^a prepoziçaõ O seo character p.^{lo} que se observa na contenda do soneto, e nessa palavra, que soltou, he de summa vaid.^e Eu bem sei que a tua amisade lhe deve escitar; mas o seo respeito, e a sua gratidaõ, devera contêla. Bem pode ser que ella tal naõ dissesse; mas basta que ella admita á sua convivencia, peçoas que saõ capazes de abusar da sua confiança, p.^a que a sua amizade seja de temer, nas perigozas maximas, que oje se seguem em Lisboa. Naõ me julgues malencolica porque discorro assim; fallo experimentada em cabeça alheia, e os estragos dos meos vizinhos me tem feito acautelar os proprios. Se falassemos, quantas mascaras tirariamos («Vimr.^o 14 de Junho de 1771»).

Chamamos a atençom para estes dous factos que nos parecem fulcrais: no primeiro caso porque vemos até que ponto a poesia podia ser importante como meio de relacionamento social e como veículo para estreitar laços ou, neste caso, rejeitar determinadas pessoas; no segundo porque, mais umha vez, encontramos um exemplo da importância concedida na altura à ideia de “rede”: as relações nom som procuradas ou evitadas com pessoas individuais, mas com os grupos em que se integram essas pessoas. A Condessa evidencia claramente que a pouca conveniência que ela acha no relacionamento com Lencastre Forjaz nom tem a ver exclusivamente com as melhores ou piores condições que esta mulher poda reunir para integrar-se no seu grupo, mas, sobretudo, com a pouca conveniência das suas relações.

Nom som muitas as informações de que dispomos para sabermos que elementos comporiam o grupo de Aónia (para além do matemático Anastácio da Cunha, referido por Maria Cristina Araújo, e o poeta brasileiro José Basílio, citado nesta carta) nem as causas polas quais som rejeitadas, embora talvez nom seja errado supor que a presença de determinados elementos da burguesia brasileira tenha algo a ver com isto. O poeta brasileiro José Basílio da Gama, nascido em Tiradentes em 1741, e falecido em Lisboa em 1795, era conhecido na Arcádia Romana como Termindo Sipilio. Tinha chegado a

Portugal em 1768 para estudar em Coimbra, «mas é preso em Lisboa, acusado de ser favorável aos jesuítas», congrega-se com a qual tinha feito os seus primeiros estudos no Brasil. Para sair da cadeia chegou-se aos sectores ideologicamente próximos de Pombal, escrevendo o poema *Uruguay*, dedicado à política pombalina. Para além deste texto, da Gama publicou também *Declamação Trágica: Poema dedicado às Belas-artes* (1772), um *Soneto ao Rei D. José/ no dia da inauguração da sua estátua eqüestre* (1775), *Os Campos Elísios* (1776), *Lenitivo de Saudade na Morte do Sereníssimo Senhor D. José Príncipe do Brasil; Quitúrbia*¹⁹².

Gama, para além de proceder da burguesia brasileira, dificilmente aceite entre a primeira nobreza de Corte, encontrava-se na órbita ideológica de Sebastião José de Carvalho e Mello. Não resulta estranho que uma pessoa com esta posição fosse rejeitada pelo círculo elitista de Mello Breyner, e que inclusive a sua presença fosse argumento suficiente para rejeitar Lencastre Forjaz, em cujo círculo, segundo o testemunho de Mello Breyner, se encontraria Gama.

Caetano Beirão (1934: 285) também se referiu ao papel de salonière desenvolvido por Joana Isabel de Lencastre Forjaz, citando o Palácio das Picoas «da família Freire de Andrade» como o lugar onde

uma vez por semana, se reunia tudo o que havia de marcante em Lisboa, num colorido em que sobressaíam a velha nobreza, a formosura das senhoras da corte, os poetas, os estadistas, os diplomatas, os magistrados e outras personagens do relêvo no último quartel do século XVIII

Beirão (1934: 285-291) situa numa destas reuniões realizadas em casa de Joana Isabel Forjaz Leonor de Almeida, Catarina de Sousa, Maria Lobo, Fr. Joaquim Forjaz, Monsenhor Correia de Sá, João Xavier de Matos, Nicolau Tolentino, Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral, António Ribeiro dos Santos, Teotónio Gomes de Carvalho, José Basílio da Gama, Francisco de Melo Franco, Fr. José Durão, António Dinis da Cruz e Silva, o padre Sousa Caldas, Domingos Maximiano Torres, João Baptista Gomes Gonzaga, Paulino Cabral, o abade Jazente, Lobo, José Anastácio da Cunha, Curvo Smedo, Pimentel Maldonado, João Evangelista Morais, Francisco Manuel do Nascimento, «os dois irmãos Malhão», o padre Braz da Costa, João Jacinto, Bocage, Silvestre Pinheiro Ferreira, os Duques de Lafões, o abade Correia da Silva, o Marquês de Marialva, o Conde de Lumiares, Sebastião José da Cruz Sobral, o Conde de São

¹⁹² www.vivabrazil.com/jose_basilio_gama.htm (09.01.2004).

Lourenço, José Maria de Melo, Silveira Preto, Teodoro de Almeida, o padre Pimentel, o Marquês de Castelo Melhor, o Marquês de Angeja e os seus irmaos, a Condessa da Caparica, a Condessa de Assumar, Maria Mendonça, os Condes de Pombeiro, a freira Maria do Monte, a Condessa de Soure, a Marquesa de Penalva, Maria de Noronha, a Condessa de Vimieiro e a sua mai a Condessa de Ficalho, Caetana Cardoso, a Viscondessa de Lourinhã, Miguel de Melo, o Conde de Resende, Luís de Vasconcelos, Rodrigo Meneses, Francisco Feliciano Velho, o arcebispo de Tessalónica, Martinho de Melo, Aires de Sá, o Visconde de Vilanova da Cerveira, José de Seabra da Silva, os poetas italianos Baldinotti e Talassi «e o corpo diplomático». Beirão segue aqui o dito polo Marquês de Resende (1868) na sua *Pintura de um outeiro nocturno e um sarao musical às portas de Lisboa no fim do seculo passado feita e lida no primeiro serão literario do gremio recreativo em 12 de Dezembro de 1867*, concedendo-lhe só umha relativa credibilidade à sua descriçom (Beirão, 1934: 286):

Filho do Marquês de Penalva [o Marquês de Resende], que freqüentava os *outeiros* nas Picôas, e tendo ainda êle próprio conhecido grande parte das pessoas a que se refere, dalgumas das quais era perente, torna-se êste seu testemunho valioso [...]. Deve, porém, ser considerado mais como síntese daquelas famosas reuniões do que pròpriamente como relato dum serão determinado. Algumas das personagens que nêle figuram não podiam encontrar-se simultâneamente em Lisboa. Deve situar-se êste sarau entre 1780 e 1788.

Embora a data da descriçom do Marquês de Resende fique por fora das balizas temporais deste capítulo, entendemos, igual que Caetano Beirão, que nom deve circunscrever-se este episódio a umha data concreta, pois, por exemplo, a alusom tanto à Condessa de Oyenhausen (que em 1780 se encontrava já em Viena) como à Condessa de Vimieiro, que, polo que temos podido comprovar, nom tinha já relaçom com Lencastre Forjaz depois de meados da década de setenta, situam-no num período anterior ao definido por Beirão.

Entendemos que, em qualquer caso, e apesar da falta de informaçons, as apreciaçons feitas por Teresa de Mello Breyner sobre Joana Isabel de Lencastre Forjaz e o seu grupo som importantes para perceber como se conformam os grupos que intervenhem no campo. A pròpria Condessa alude no trecho citado acima à importância da rede, em funçom, sobretudo, de uma certa clandestinidade em que se situa o seu grupo, colocado numha situaçom política adversa, o que situa as estratégias de ocultaçom, por um lado, e a “lealdade de grupo”, por outro, no primeiro plano.

Mui pouco tempo depois da redacção da carta citada acima a Condessa parece aceitar a relação de Leonor de Almeida com Joana Isabel de Lencastre, com afirmações como «agradeço os Sonetos de J:I: tem m.^{to} merecim.^{to}: a seo respeito disse o que podia se te falasse pode ser que dissesse mais» («Vimr.^o 28 de Junho de 1771») e «compadeço-me do trabalho de Aonia; coitadas, se lhe he caro o seo Sileno¹⁹³, quanto devo suppor, m.^{ta} compaxão me faz, e ja por esta parte me tem a seo favor; eu dezejo que as suas qualid.^{es} te satisfaçaõ justam.^{te}, para que tenhas mais esse dezafoço» («Vimr.^o 12 de Julho de 1771»), para, imediatamente, voltar a arremeter contra a nova amiga de Leonor de Almeida:

Observa tu [Márcia] os movim.^{tos} do seo coração [de Lília], as perturbaçoens do agradavel semblante. Huns olhos forcejando contra a sua viveza p.^a occultar os segredos do coração; hum sangue amotinado, que apparese nas faces de repente, e que de repente se precepita no coração. Hum surrizo que supre a falta da allegria, com que d'antes se festejava o nome de Tirse; huma aparente indeferença, dissimula o alvoroço ao preferir Aonia; huma impaciencia se tardaõ as suas noticias; hum fastio se as m.^{as} se multiplicaõ. Huma ambição de ler o que ella escreve; hum cansaço insupportavel, quando insta a civilid.^e porq me responda; em fim todo o pico da novid.^e, em opposição a insipidez do costume; veraz brilhar nas suas acçoens apezar da constancia de Tirse, que fiel ha de prezistir [sic] em amar a sua indiferença, tanto, quanto tem adorado o seo favor. [...]

Pelo q toca a J:I: o m.^{to} que ella se mostra instroido [sic] do q passa entre nós confeço q me aborrece. Que tem ella com q tu te previnas de Poezias p.^a m.^a chegada que lhe importa o q eu te hei de responder? q entereesse tem em averiguar o como te correspondo? Na verd.^e são impertinencias, q eu soffro a outras peçoas; mas são peçoas a q.^m pode desculpar ou a qualid.^e ou o parentesco ou a amizade. He certo que ella disse q tu tinhas f.^{to} não sei, q Poema á m.^a chegada: isto parece falço porq se o não fosse q razão haveria p.^a q tu me negasses esse favor q.^{do} me tens concd.^o tantos, dessa natureza? ora se isto he falço, parece q lhe não fica improprio o ditado *do Cestr.^o* e se ella destas falcid.^{es} paçar a dizer estas não poderá ser funesto a nossa amizade? A mim não me ocorre q ella tenha poder p.^a a destruir: eu sei o q tenho em mim; e persuadome de q avalio o q tenho em ti sem offença do teo merecim.^{to} mas tu não podes negar-lhe a possibilid.^e de disgostarnos e tendoa, não *pode ser funesto à nossa amizade?* Se tu chegastes a disgostarte ou a scandalizarte desta prepozição, não sinto otro remedio mais que o de pedirte perdaõ, e m.^{to} deveras to peço; mas ao concedermo observa se a propozição foi falça. He sem duvida q tu podes mostrar os teos versos a q.^m quizeres; eu nunca pretenderia pôr limites a tua liberd.^e; são totalm.^{te} alheios disso os meos dictames; q.^{do} te propuz, q não os vulgarizasses, deite as m.^{as} razoes; porem o meo juizo não he infalivel; e em tu faz.^{do} o q tua May julga prudente, a ninguem mais importaõ as tuas acçoens. («Esturil 17 de setembro de 1771», itálicos no original)

¹⁹³ Anciao sátiro filho de Pan e de unha Ninfa. Nome normalmente atribuído a todos os anciaos sátiros. In *Ars amandi*, p. 28.

Aqui parece evidenciar-se que, para além das suas “más” relações –consideradas do ponto de vista da Condessa-, um outro motivo, com o qual esta justifica o rejeitamento de Aónia é a sua suposta “indiscrição”. Este assunto, como vimos ao falar do carácter semi-público da correspondência, é da máxima importância para um grupo social que em boa parte vive da sua imagem pública (ou o que é o mesmo, da sua capacidade para pôr em valor as suas características identificativas) e que realiza boa parte dos seus movimentos tanto no campo intelectual como no campo do poder na clandestinidade. A importância das estratégias de ocultação apresentam-se não só como fundamentais à hora de fazerem efectivas as diferentes actuações no campo, mas também como critérios decisivos para relacionar-se com umas ou outras pessoas, com uns ou outros grupos, porque devemos insistir novamente em que, a imagem social das pessoas da primeira nobreza, a sua capacidade para actuarem com discrição, eram fundamentais à hora de trabalhar na Corte em favor das suas casas.

Finalmente, os argumentos da Condessa de Vimieiro acabam por resultar convincentes para Leonor de Almeida, que rompe a sua relação com Lencastre Forjaz: «vão tão bem as cantigas, que lembraraõ, e que eu não quiz cantar, porq já não vinhaõ a tempo: foraõ feitas quando Aonia te pertendia» («Que tristeza Amada Lilia»), verificando-se que os motivos de Leonor de Almeida são os mesmos expostos acima:

Acho graça em que nos conformemos tanto no juízo que fazemos de Aonia a ligeireza de carácter, e as companhias, com q se comunica ma fizeraõ suspeitoza; quando te disse alguma coisa a este respeito tinha estes fundam.¹⁹⁴ Ella ostenta alguma coisa; de ti não fallou senão como devia, e poderia eu sofrer-lhe o contrario? sempre te chamou *amavel senhora* Repetio versos teos, queixouse de não poder glozar a tua quadra, mostrando que se persuadia de que em ti fora experiencia menos sincera a isso respondi o que sabia e tu podias querer que dissesse. tão bem me repetio o soneto da Constancia, e o teo ao do Amor dizendo que tu o fizeras contra o seo¹⁹⁴; porem como eu não adiantava a predica antes a divertia; não disse mais Eu percebi que a tua, e a sua Muza estavaõ mal unidas; acheilhe razão p.^a invejarte e acho que ella tem genio e lição p.^a poetizar bem se quiser. Repetio algumas passagens de Poetas de boa nota, e em cuja escolha não pode forjar-se estilo máo; não sei quais admite desse bando de gralhas que se cevaõ nas curruçoens [sic] do Parnazo, e que tanto grasnaõ por Lisboa, sempre com discomodo dos ouvidos delicados, mas creio que Joze Bazilio he o seo Omero. Eu nada conheço desse eroe mais que uma viciada, e infeliz tradução da *Nice*; mas não lhe disputei o merecim.¹⁹⁵ porq a pobre [Bam]¹⁹⁵ da *Tarregella*¹⁹⁶ não pode avaliar o canto dos cisnes do Ca[y]stro¹⁹⁷. Eu fizlhe hum Madrigal, e huma pequena ode, não queria que ella visse isto por conta do caracacter mencionado, huma, e otra coisa e um sobre escritos de cartas

¹⁹⁴ Não temos podido, pelo momento, identificar o soneto referido nesta carta.

¹⁹⁵ A leitura é duvidosa.

¹⁹⁶ Bairro da Torregela, Évora.

¹⁹⁷ Leitura duvidosa.

me pilhou meo cunhado, e lhos levou. Ella com isso tornou [a] verme lizonguada, e lizonger.^a, e mandou do citio onde ficou essa noite pelos sold.^{os} q a acompanharaõ essa carta. («Lilia, Ex.^{ma} amiga do meo coração. Que diversos movim.^{tos}»)

Neste trecho temos umha prova evidente da importância da citação nom só como elemento para deitar luz sobre as tomadas de posição estéticas e ideológicas dum determinado agente do campo, mas também como prova de que o gosto por uns produtores ou outros é convertido em elemento decisório para a criação de umha rede. Mello Breyner desacredita Lencastre Forjaz nom apenas pola sua habilidade versificadora, mas polo “mau gosto” das suas escolhas literárias, ao qual ela responde com a exibição, através das suas próprias produções, do seu “bom gosto”.

Em carta datada em 24 de Abril de 1773 endereçada à Marquesa de Alorna, a Condessa dá por finalizada a relação entre Leonor de Almeida e Joana Isabel de Lencastre, pondo em destaque tanto a sua própria hostilidade como a da filha dos Marqueses de Alorna, com a antiga pretendente a entrar na sua rede:

me custou m.^{tas} oras de madorna profunda o pequeno esforço que fiz p.^a não tratar mal Joana Izabel que passou por aqui, e me irritou. Dize a Lilia, que achei verdr.^o o retrato que ella me fez desta moça o anno passado que ambas fallamos della, e nos seos versos e que partio livre de terriveis impreções que lhe tinhaõ dado a meo resp.^{to} Esperavame ferina achoume m.^{er}. sincera, e capaz de ser sencivel ao merecim.^{to} a amizade, à gratidão. Se eu podera escrever mais relatara a pratica, os versos, os assumptos, p.^a que ella se devirtisse [sic] na convalescença do maligno sarampo. («Estremoz 24 d'Abril de 1773»)

O que podemos concluir de todo este processo que se desenvolve entre os anos 1771 e 1773 é que se produz um confronto entre dous grupos, o de Mello Breyner e o de Lencastre Forjaz, por “captar” Leonor de Almeida. Esta tinha já naquela altura fama de mulher instruída, o que unido à sua pertença à família Távora e a sua posição como símbolo do ataque do governo de D. José e Pombal contra o poder de um determinado grupo da primeira nobreza, devia de fazer mui desejável a sua amizade para qualquer agente do campo intelectual.

II.4.3.4. Conclusions

A correspondência escrita pela Condessa de Vimieiro neste primeiro período estudado, que abrange o relacionamento com Leonor de Almeida desde 1770 até a libertação desta sete anos depois, está condicionada fundamentalmente por dous elementos relacionados entre si que nos parecem basilares: a censura e a ambigüidade entre a suposta privacidade da correspondência e a relativa publicidade que podemos deduzir dos textos. Esta ambigüidade provoca por parte das correspondentes umha utilização estratégica do que escrevem e enviam, servindo-se de diferentes canais para o envio das cartas em função do destino mais ou menos clandestino que pretendam para elas.

Entendemos que a ambigüidade referida se fai evidente no cultivo e utilização de determinados elementos de distinção como podem ser determinados valores que se esgrimem para nom publicar, como a modéstia ou, particularmente, o sentimentalismo, que ocupa umha parcela fundamental das cartas, e que, como vimos, em muitas occasions é explicitamente aludido como umha característica própria e exclusiva de umha determinada classe e, dentro desta, de um determinado grupo.

Umha outra funcionalidade da correspondência que temos podido comprovar é a de ajudar à criação ou consolidação de redes de relacionamento, através da circulação intensiva nas cartas de opiniões, julgamentos, textos, alusões, referências, citações, etc. de diferentes pessoas que se pretende atrair ou distanciar para a rede.

Finalmente, temos visto também como a correspondência é utilizada para distribuir em círculos restritos determinadas produções literárias, particularmente poéticas, que nom som destinadas pola sua autora ao prelo. Relacionando esta utilização da carta como meio para difundir determinados textos com a sempre presente ambigüidade entre o público e o privado que temos constatado, colocamos aqui a hipótese de que, em determinados casos, a “insegurança” do correio seja utilizada, precisamente, para chamar a atenção para determinados textos ou mesmo para dar a conhecer que se tem umha ampla produção, de cuja capacidade para ser publicada as autoras estão convitas mas que, no entanto, é a posse de um determinado sistema de valores próprio e a presença numha sociedade que nom permite a ostentação de talentos nas mulheres a que impede que esses textos sejam publicados e conhecidos.

II.4.4. Conclusões

O elemento que condiciona de maneira fundamental tanto a posição e função da Condessa de Vimieiro na Corte como a sua produção e as estratégias de ocultação desta é o deterioro das suas relações políticas. A falta de documentação suficiente impede-nos saber qual é a cronologia deste deterioro, pois sabemos que a posição de partida de Teresa de Mello Breyner desde o seu nascimento é de grande proximidade tanto da Rainha D. Mariana Vitória de Bourbon como da infanta e futura Rainha D. Maria. Talvez vinculado com o seu matrimónio com Sancho de Faro, talvez com o estreitamento das suas relações com os Alorna, o caso é que na década de 70 é evidente que os Condes, assim como outros elementos da sua rede neste período, não gozam do favor da Corte, o que os empurra para um evidente afastamento de Lisboa.

Igual que noutras ocasiões, a nossa fonte documental básica para a reconstrução destes anos são as cartas escritas por Teresa de Mello Breyner e conservadas no espólio da Casa da Fronteira e Alorna, através das quais conseguimos distinguir outros elementos que nos parecem importantes para compreender a tomada de posição da Condessa neste período e que se vinculam necessariamente com a sua separação da Corte. Trata-se particularmente da utilização estratégica dos mecanismos de controlo exercidos pela coroa para criar uma determinada imagem pública que ponha em valor aqueles elementos que são priorizados por um grupo de nobres ilustrados caracterizados pelo seu elevado capital cultural, a sua vocação intervencionista e o seu elitismo social.

Veremos no capítulo seguinte que com o ascenso de D. Maria I ao trono as coisas mudam substancialmente para este grupo, e que precisamente será essa imagem cultivada durante o reinado anterior a que possibilitará o seu retorno à Corte e o considerável aumento das suas possibilidades de intervenção.

PARTE III

III.1. Trajectória e intervenção de Teresa de Mello Breyner no sistema durante os primeiros anos do reinado de D. Maria I (1777-1788)

III.1.1. Objectivos

Como avançámos no capítulo anterior, depois da morte de D. José I a 24 de Fevereiro de 1777 e da conseqüente destituição do Marquês de Pombal como Primeiro Ministro, as cousas mudam substancialmente para os Condes de Vimieiro e o seu grupo. Com a ascensão ao trono de D. Maria I, os Condes regressam à Corte desde o seu retiro alentejano, a família dos Marquês de Alorna é posta em liberdade e os casamentos dos seus filhos (interditos até esta data) são agora autorizados, e o Duque de Lafões, dois anos depois, regressa a Portugal após mais de duas décadas de estadia em diferentes países da Europa.

O nosso objectivo neste capítulo será, fundamentalmente, definir o lugar ocupado por Teresa de Mello Breyner na nova conjuntura política, e compreender a sua trajectória social neste período. Se no capítulo anterior contávamos unicamente com a correspondência endereçada a Chelas como fonte de informação, neste período ocuparemos-nos novamente da correspondência endereçada à já Condessa de Oyenhause a Viena, mas para entender as tomadas de posição de Teresa de Mello Breyner neste período dispomos também de dois textos publicados –*Idéa de hum elogio* (1781) e *Osmia* (1788)–, para além de um maior grau de intervenção pública que veremos consolidar-se na Academia das Ciências de Lisboa (1779). Por isto prestaremos especial atenção tanto às circunstâncias de publicação dos textos como à hipótese de interpretar estes como “manuais” dirigidos à Rainha. Também focaremos o processo de formação da Academia das Ciências de Lisboa, o papel de Lafões e Vimieiro nesta e a protecção real que recebe a partir de 1783, todo à luz da vontade de promoção de modelos ilustrados e da vontade de intervenção no campo já demonstrada no período anterior por Teresa de Mello Breyner e outros membros do grupo de que fazia parte.

Como no capítulo anterior tentaremos, na medida do possível, desenhar a rede de relacionamentos em que se insere a Condessa de Vimieiro, atendendo à vinculação

destes elementos com o governo mariano. Veremos, para além disto, a evoluçom destas relaçons paralelamente ao processo polo qual acaba por ser tirado o poder das maos de D. Maria.

Ao contrário do que acontecia na correspondência do período 1770-1777, a partir desta data vamos encontrar nas cartas da Condessa de Vimieiro um maior grau de explicitaçom da sua ideologia política, com freqüentes alusons às diferentes formas de governo. Nestes sentido, veremos consolidar-se umha linha que já apontámos, qual é a forte presença e promoçom no seu discurso de um modelo austríaco para Portugal, tanto no político como no cultural.

Portanto, a análise do novo papel na Corte dos Condes de Vimieiro, as cotas de poder alcançadas polo seu grupo -particularmente através da Academia das Ciências de Lisboa (ACL)-, o estudo dos posicionamentos públicos da Condessa e a utilizaçom da correspondência para introduzir em Portugal e promover um modelo concreto de Ilustraçom serám as linhas mestras deste capítulo.

III.1.2. Dificuldades para a interpretaçom política do reinado de D. Maria I

Antes de procedermos à análise dos aspectos citados acima, devemos explicitar algumas dificuldades que coloca a análise deste período concreto da história portuguesa. Aos problemas gerais de estudo de umha época como o século XVIII –a perda e deterioro de documentaçom, dificuldades para reconstruir o campo político, social e intelectual, a confusom entre a reconstruçom historiográfica e a intervençom ideológica, etc.- devemos acrescentar aqui os escassos trabalhos sobre o reinado de D. Maria I. Ao falarmos do período pombalino já aludimos ao facto de que as tendências ideológicas dos investigadores condicionavam, de maneira geral, nom apenas a opiniom, mas também o estudo das actuaçons levadas a cabo tanto polo Rei D. José como do seu Primeiro Ministro. Pois bem, D. Maria funciona em quase todos estes casos como a antítese de Pombal, convertendo-se na representaçom do obscurantismo frente às Luzes ilustradas, chegando a ser denominado o seu reinado como *Viradeira*, identificando o seu ascenso ao trono com o final das reformas ilustradas em Portugal.

Esta ideia procede da atribuição da introdução em Portugal da Ilustração a D. João V e da sua culminação nas reformas pombalinas, identificando, neste segundo caso, Ilustração com burguesia ou classes médias¹⁹⁸, e desprezando, portanto, o importante papel desenvolvido na introdução e promoção de modelos ilustrados em Portugal de determinados sectores da nobreza. Assim, ao aceitar sem nenhum questionamento o conceito *Viradeira*, assume-se uma interpretação concreta da história das ideias ilustradas em Portugal vinculada com a interpretação que, a partir do século XIX, os grupos liberais burgueses fazem tanto do governo pombalino como do reinado de D. Maria I. Isto é assim, por exemplo em Júlio Dantas (1930: 16) que define desta forma a chegada do Abade Correia da Serra a Portugal:

era o abade Correia da Serra, pupilo e amigo do Duque de Lafões, que desde os seis anos vivera na Itália, que se doutorara em cânones pela Universidade romana, e que em 1777 -três anos antes- regressara a Portugal, trazendo para a Lisboa crepuscular de D. Maria I e do Arcebispo-confessor, adormecida no obscurantismo monárquico-religioso, uma viva e inquieta scintilha da cultura moderna e do espírito europeu.

E Augusto França (1980: 23) insiste na mesma ideia:

Ao rei sucedia a filha e não o neto, que, educado sob a vigilância do próprio Pombal, seria um D. José II talvez semelhante ao imperador "iluminado" da Áustria que o jovem príncipe tanto admirava. D. Maria I, "A Piedosa", era-o exageradamente, cheia de horrores de consciência perante a herética e dura acção do ministro-ditador que dominara todo o reinado paterno. Por detrás dela e do pobre marido e tio, o sorumbático rei-consorte, D. Pedro, a quem chamavam "O Capacidónio", definia-se o Governo, onde inimigos do cônsul caído, porta-vozes da velha nobreza que clamava vinganças, contrariavam a acção de um ou outro ministro ainda de escolha pombalina, num complexo jogo de influências e de interesses em que a Nação ia perdendo vivência europeia. [...] E rematando o edifício, tinha-se Pina Manique, que já fora cão-de-fila de Pombal e agora, feito intendente-geral da Polícia (Janeiro 1780), guardava a Corte lusitana contra os grandes ventos do século -soprados pelos "tais chamados filósofos modernos", pelos "malvados de Paris"...

E ainda continua (França, 1980: 25): «À beira duma Europa feliz, vivendo então no prazer de descobrir novos objectos que acrescentavam a sua comodidade, aguçando-lhe o espírito curioso, e no gosto de se debruçar sobre novas ideias, que despertavam o seu interesse e a sua crítica, Portugal fechava-se numa interminável e deleitosa

¹⁹⁸ Utilizamos este termo por oposição, por um lado, à primeira nobreza de Corte e, por outro, à camada definida pela realização de ofícios mecânicos. Estamos a falar, portanto, de um grupo social constituído basicamente pela nobreza provinciana, funcionários de Corte sem título, nobres sem grandeza nem ofícios de Corte, comerciantes, sectores intermédios do clero, professores, etc.

penitência, marcada por toiradas e gozos mais seráficos, entre procissões, óperas de "castratti" e representações de fantoches».

Como vemos, caracteriza-se o reinado de D. Maria I como retrógrado e obscuro, e atribui-se à Rainha umha religiosidade excessiva que contrastaria com as medidas de separação entre Igreja e Estado atribuídas a Pombal. Esta descrição nem sequer é ajustada em todos os seus aspectos à realidade histórica do período que começa a partir de 1777, e, em algum dos pormenores que oferece França, ajustaria-se mais ao reinado de D. José que ao da sua filha, a qual proibiu, por exemplo, as touradas no começo do seu reinado (Brito, 1989: 57). Da mesma maneira, as despesas em produções operáticas fôrom drasticamente reduzidas por D. Maria e nesta altura, as gestons para substituir Battistini, o famoso *prima donna* do período anterior, eram realmente dificultosas, já que os *castratti* quase tinham desaparecido em toda a Europa. Cria-se, portanto, umha imagem da governante e da sociedade da altura como dominada tanto pela Igreja como por umha nobreza atrasada e anti-ilustrada, culturalmente pobre e afastada das principais correntes de pensamento europeias. Sobre a construção desta imagem aponta Jorge Borges de Macedo (1951: 32):

na apreciação dos anos anteriores e seguintes, se pombalista, os reinados de D. João V e D. Maria I são as noites deprimentes e vãs para a história de Portugal, que se esbate até que em 1820 se continue a obra de Pombal (!). Se anti-pombalista é a época do Marquês a mancha na tradição realista portuguesa. Com estes altos e baixos, à procura de uma tradição, onde fica a continuidade histórica de Portugal? Que método, que critério científico pode ter orientado estes juízos? É tão difícil averiguar o método como justificar tais ideias.

Mas repare-se em que a identificação do período mariano com o obscurantismo religioso e com a reacção contra as Luzes nem sempre é coerente com a criação por parte da coroa de determinadas instituições de claro pendor ilustrado como a Academia Real da Marinha (1779), a Casa Pia (1780), a Academia das Guardas Marinhas (1782) e a Academia Real das Fortificações e Desenho (1790), todas elas destinadas à formação das futuras elites. Para além disto, a Rainha não só permitiu a criação da Academia das Ciências de Lisboa (1779), mas cedeu um local para as suas reuniões e exerceu a sua protecção sobre esta instituição de carácter científico, pedagógico e político.

Como indicávamos acima, na análise dos sucessivos reinados portugueses do período ilustrado, evidencia-se claramente de que maneira a vitória do liberalismo burguês no século XIX condiciona a elaboração de um discurso que justifique a actuação deste grupo e que coloque as origens da sua preponderância intelectual e

política num período anterior. No entanto, é evidente que com a aclamação de D. Maria se produz umha importante substituição entre os quadros dirigentes directamente ligada com o papel da nobreza. assim, Duarte de Almeida (1983: 7-8) indica que na aclamação da Rainha som escolhidas diversas pessoas para receberem novas mercês que foram «quase na sua totalidade, reconhecidos inimigos do marquês de Pombal». Entre eles cita:

D. João Carlos de Bragança recebeu o título de duque de Lafões; D. Miguel Caetano Pereira de Melo, o de duque de Cadaval; D. Antonio de Almeida, o de conde de Avintes; D. Pedro de Almeida, filho do conde [sic] de Alorna, o de conde de Assumar; a Salvador Correia de Sá deu o título de visconde de Asseca; a Francisco Solano de Mendoça Furtado, o de visconde de Barbacena; fez condes de S. Lourenço, de S. Miguel, de Resende, de Redondo e de Villa Flor aos filhos primogénitos desses titulares; nomeou gentis-homens da real câmara ao conde de Vila Verde e a Fernando José de Melo. Este último foi também nomeado monteiro-mor. A D. Filipe de Sousa Holstein, morgado de Calhariz, confiou o comando da guarda-real dos archeiros.

Para além de circunstâncias como as já indicadas, e tal e como aponta Caetano Beirão (1934: 40), a reconstrução da trajectória biográfica e política de D. Maria I nom é fácil, pois, ao contrário do que sucede com outros reis e Rainhas europeus da altura, que mantinham abundantes relações epistolares com nobres e intelectuais¹⁹⁹, «quási não se conhecem textos coevos da soberana que forneçam elementos sôbre os seus sentimentos em relação às pessoas do seu tempo ou aos factos nêle ocorridos, sôbre a sua vida de família, depois de rainha». Portanto, sem o necessário levantamento de documentação relativa à casa real portuguesa neste período é impossível identificar todos os agentes que desenvolvem algum papel no campo do poder e, dadas as circunstâncias do momento, também no campo intelectual.

Ligado ao anterior, entendemos, a partir de determinadas informações, particularmente de Caetano Beirão, que sem um estudo pormenorizado do processo de selecção do marido de D. Maria, dos grupos que apoiavam cada um dos candidatos e dos critérios finalmente sucedidos nom podemos concluir de forma definitiva quais os elementos da Corte que apoiavam o sector nobre e quais terám aderido a Pombal. Nem umha linha de investigação nem a outra som os objectivos deste trabalho, mas existem alguns indícios que nos podem ajudar a colocar algumha hipótese de interesse para entender o posicionamento dos grupos ilustrados a respeito dos sucessivos governos

¹⁹⁹ Podemos apontar neste sentido os casos do imperador austríaco (que se correspondia, por exemplo, com o Duque de Lafões quando este estava já de regresso em Portugal), Federico da Prússia ou Catarina da Rússia, cujos epistolários som conhecidos. Encontramos publicações parciais destes em Oudard (1934), Cotoni (1999) ou Mervaud (1985)

josefino e mariano e em relação com os candidatos a marido da Rainha. Em primeiro lugar, Teófilo Braga (1984: 250) informa que «nas cartas de D. Leonor de Almeida a seu pai, fala-lhe no único protector que a família Alorna tinha no *Infante D. Pedro*», o que poderá apontar para umha aliança de D. Maria e D. Pedro em favor das casas que sofrêrom o desfavor do Rei e o ministro do período anterior. Em relação com isto, é novamente Beirão (1934: 59) -autor condicionado polo seu intento de “limpar” o nome da Rainha, mas que, com certeza, é quem mais informações oferece- quem, citando Lúzio de Azevedo (in *O Marquês de Pombal e a sua época*), deita algo de luz. Segundo el, já na década de cinquenta, a Rainha-Mai D. Mariana Vitória de Bourbon, favorável a D. Pedro, tio de D. Maria, tinha um grande interesse por resolver rapidamente o casamento da herdeira, mas:

Carvalho começara a governar, avocando a si todos os poderes. A Rainha mãe, a quem devia o engrandecimento, argüia-o de deslealdade, queixava-se de que nem mesmo nas coisas do seu interesse dela, se lhe dava satisfação. Do casamento nem palavra. *Quando alguma vez falava em tal ao rei ou a Carvalho, nem sequer lhe respondiam*, dizia Stahremberg, com quem ela, despeitada, se abria em confidências.

No mesmo lugar indica Beirão, baseando-se num ofício do conde de Merle²⁰⁰, de 20 de Novembro de 1759, que tanto Carvalho e Melo como o Rei D. José se opunham a este casamento, precisamente porque

a nobreza procurava encontrar o seu ponto de resistência no infante D. Pedro. Não que êle revelasse disposições ou qualidades para chefe de partido, mas o seu nome serviria optimamente para bandeira da oposição. Isto chegou a fazer com que o ministro apontasse o perigo a D. José e lhe insinuasse paralelos com o caso de D. Afonso VI e D. Pedro II.

Caetano Beirão (1934: 60) refere ainda, como já indicamos acima, que Lúzio de Azevedo propom umha presumível candidatura do Duque de Lafões ao matrimónio com D. Maria, provavelmente também favorecida por aquel sector da nobreza prejudicado pola política pombalina, em relação com as ordens de Pombal para sair do país. Em

²⁰⁰O Conde de Merle foi embaixador de França em Portugal entre 1759 e 1760. Sobre o tempo de duração da sua embaixada di Serrão (1982: 56-57): «Entretanto, para evitar a nossa participação no conflito [na Guerra dos Sete Anos], a França enviou em 1759, como novo embaixador, o conde de Merle. Vinha com o objectivo de felicitar o Rei por ter escapado à conjura, mas com a missão concreta de assinar um tratado de comércio com Portugal, tomando por base o acordo de 1739. Quando as diligências tomavam boa feição, sucedeu em 17 de Agosto de 1759 a batalha naval em frente de Lagos entre 18 naus inglesas e 7 francesas. Aquelas infligiram um grosso revés à frota inimiga, cujas guarnições se salvaram em lanchas, com muitos feridos e mortos, tendo desembarcado nas praias do Algarve, de onde seguiram para aquela cidade. O almirante Boscawen não poupou os súbditos e os navios de França, o que levou o conde de Merle a fazer abusivas exigências, que D. José I não pode aceitar. Como reacção da sua Corte, abandonou Lisboa a 23 de Agosto do ano seguinte, o que contribuiu para Portugal abraçar a causa inglesa».

contra, tanto de D. Pedro como de Lafões, Pombal teria apresentado um outro candidato da sua preferência (Beirão, 1934: 60-61): «parece que [...] D. António, um dos *meninos de Palhavã*²⁰¹ que, ambicioso, se desvelava, nêsse tempo, em agradar o conde de Oeiras. Mas à gentil princesinha é que não agradava tal projecto. Preferia o infante D. Pedro».

É evidente, tratando-se do casamento de umha Princesa herdeira, que o enlace nom interessava exclusivamente em Portugal, e, de facto, existia toda umha série de filhos segundos das casas reinantes ou elementos da alta aristocracia europeia que se candidatava para ocupar como consorte o trono português (Beirão, 1934: 61):

A França recomendara, primeiro ao conde de Bachi, depois, ao conde de Merle, que não perdesse de vista o caso. Madrid, dentro do seu plano ibérico, oferecia um príncipe espanhol. Apresentava-se como pretendente o infante D. Luiz, irmão de Carlos III. Favorecia esta tentativa o ministro Diogo de Mendonça Côrte Real [...] Outro pretendente foi o duque de Cumberland, filho de Jorge II de Inglaterra. Mas logo se desfez êsse projecto, já por a êle se oporem os jesuítas, já por não agradar também à côrte de Madrid.

Finalmente, o casamento é resolvido em favor de um candidato português, o preferido de D. Maria e o preferido também da Rainha-Mai (Beirão, 1934: 62): «na primavera de 1760, os acontecimentos se precipitaram. Inesperadamente, o embaixador de Espanha apresentou, em nome de Carlos III, um pedido formal da mão da Princesa portuguesa para o infante D. Luiz. Convinha negar o pedido sem ofender o requerente. O meio era dar como assente o casamento de D. Maria com o tio». Como é bem sabido, D. Maria casou, finalmente, com D. Pedro III, e esta cedência do Marquês de Pombal e de D. José ante as preferências tanto da nubente e de sua mai como da nobreza é justificada por Beirão, no mesmo lugar, em funçom da repressom exercida contra a nobreza, pois «abatida a nobreza pelas execuções de 1758 e pelo avultado número de fidalgos encarcerados, expulsos os jesuítas em 1759, Oeiras já nada tinha a recear daquele enlace».

²⁰¹Os *meninos do Palhavã* eram dous filhos ilegítimos de D. João V que viviam com honras de Príncipes. No *Diário* de Beckford (Alexander, 1983: 43-44) encontramos umha descriçom destas duas personagens que esclarece qual era o lugar (marginal) ocupado no campo do poder durante o reinado de D. Maria: «viviam sequestrados do mundo, na obscuridade e no silêncio, odiando a familiaridades profanas e sem nunca porem os olhos em mulheres. Curioso de examinar a habitação destas sóbrias e reais personagens, penetrei no Palácio. Não zumbia nenhum insecto e nem o mais leve murmúrio se ouvia na dependência principal, e que era composta de uma série de altíssimos salões abobadados, e enormes proporções, e todos igualmente forrados de damasco carmesim escuríssimo. A parte superior de cada sala era assinalada por um pesado dossel de veludo lavrado. Para a direita e para a esquerda, fileiras de grandes cadeiras forradas do mesmo tecido. Nada de espelhos, nem de quadros, nem de dourados, nenhuma decoração além dos pesados panejamentos [...]. Dignidade sem poder é o mais pesado de todos os bordões. Um soberano pode decidir por si: tem a escolha do bem e do mal, mas príncipes como os de Palhavã, sem poder nem influência, sem nada que os mantenha além da imaginária grandeza, devem passar a vida a bocejar, acabando com o andar do tempo, tão formais e inanimados como as verdes pirâmides de enfezadas murtas que se vêem nos seus jardins»

A particular importância que tinha a escolha de um marido para D. Maria I é fácil de perceber se tivermos em conta, por umha parte, que se tratava da primeira mulher reinante na história de Portugal e, por outra, a adesão da ainda herdeira ao sector da nobreza oposto a Pombal, aspecto este que verificaremos em função de determinadas actuações que leva a cabo durante o seu reinado e do novo papel que a nobreza reprimida vai desenvolver na Corte no novo período. Umha das vantagens que oferecia o casamento com D. Pedro era que, ao ser este o irmão do Rei anterior, e, portanto, seguinte na linha sucessória depois da própria D. Maria, ficava desactivada umha possível impugnação da legitimidade da Rainha –similar à que se produziria pouco tempo depois na Espanha com a sucessão por parte de Isabel II de seu pai Fernando VII e o enfrentamento com o irmão deste, D. Carlos. Com este casamento, no entanto, a herdeira e o possível aspirante eram reunidos no trono. Se bem isto conferia umha maior legitimidade à Rainha, também reduzia a sua importância no trono, pois, como veremos, obrigava a partilhar o governo com o seu marido, o qual, repare-se, acompanhava o seu nome com o número de ordem correspondente, ao contrário do que sucede normalmente com os príncipes consortes.

Sempre segundo Caetano Beirão (1934: 33-34), a formação de D. Maria I²⁰² foi orientada pela Rainha sua mãe e bastante cuidada no intelectual e artístico²⁰³:

D. Mariana Vitória, desmentindo a acusação grosseira de incultura das princesas no século XVIII, contribuiu enormemente para o desenvolvimento das belas-artes em Portugal. Nascida naquele meio e filha de tão inteligente princesa, foi esmerada a educação de D. Maria Francisca, bem como de suas irmãs.

Tiveram como professores de música o padre José Gomes e o maestro David Peres. O paço era uma academia. No tempo de Rei D. José, o teatro e a ópera italiana em Lisboa era considerado o melhor da Europa. D. Mariana Vitória promovia concertos, na sua câmara, com os belos artistas que aqui se reuniam. Ela própria cantava e tocava no cravo [...]. Mr. de Saint-Priest e depois o marquês de Clermont e Montigny mais duma vez assistiram a festas em Queluz em que ouviram cantar a Rainha e as filhas, e nomeadamente a princesa do Brasil.

Foram seus professores [de D. Maria] de pintura e desenho Domingos da Rosa, seu filho José da Rosa, e também, segundo parece, o grande Domingos Antonio Sequeira.

²⁰² Sobre este assunto existe também a Tese de Mestrado de Maria do Céu Borrêcho (1993): *D. Maria I - a formação de uma Rainha*, que repete em grande medida as informações de Caetano Beirão e nomeadamente a nova documentação sobre o assunto.

²⁰³ As fontes citadas por Beirão para estas informações são: Ofícios: de Saint-Priest para o seu governo, de 3 de Julho de 1764, *Quad. Elem.*, VII, pág. 129-30; do marquês de Clermont, de 25 de Junho de 1771 e 10 de Junho de 1772, *ibid.*, VIII, 11 e 12; de Montigny, de 30 de Junho do mesmo ano, *ibid.*, 32 e 33.

Esta educação, no entanto, não se diferenciava substancialmente da oferecida às suas irmãs as infantas, sendo, portanto, pouco apropriada para a futura Rainha. Por isso Beirão (1934: 103) afirma que D. Maria era, quando subiu ao trono,

uma princesa sem a mínima preparação para tão espinhoso encargo. Pombal, tanto pelo seu temperamento autoritário, absorvente, como pela resistência que sabia encontrar nos príncipes do Brasil, como ainda pela ideia em que estava de conseguir que D. Maria Francisca fôsse excluída de suceder na coroa, nunca se preocupara com industriá-la na marcha dos negócios públicos. Não permitira, sequer, que ela ou o marido fizessem parte do conselho de Estado, o que era óbvio que sucedesse. Por consequência, a Rainha inaugurava o seu alto mester guiada apenas pelas luzes do seu entendimento e pelo conselho de pessoas que a rodeavam. Não admira, pois, que decorrido um mês do novo reinado, o embaixador de Carlos III informasse a seu governo de que "asi la Reyna como el Rey su Esposo han entrado con mui poco conocimiento de los negocios, y señaladamente la soberana"²⁰⁴.

Disto podemos concluir que o reinado de D. Maria não foi facilmente aceite no seu momento, e não podemos ignorar a existência de planos para evitar a sua presença na linha sucessória preparando um príncipe herdeiro em D. José, primogénito de D. Maria e D. Pedro, no qual abdicasse o seu avô chegado o momento oportuno. O próprio Beirão (1934: 66) especula com esta hipótese:

era preciso [para Pombal] impedir que D. Maria Francisca ocupasse o trono, e colocar no seu lugar quem continuasse dócil instrumento do fero ditador. Parece que o projecto vinha de longe, concertado secretamente entre o Rei e o marquês, e consistia em D. Maria renunciar seus direitos à corôa, os quais recairiam em seu filho, o príncipe D. José, em quem se esperava que o avô abdicasse. Ora o príncipe da Beira estava sendo educado por gente escolhida por Pombal, encontrava-se rodeado de pessoas da confiança do ministro, tinha, em 1774, 13 anos apenas; por consequência, colocado no trono, por morte do avô ou por abdicação, seria um símbolo à sombra do qual o valido de D. José continuaria a usar de toda a sua influência. Esmagaria a facção da Rainha viúva, do príncipe D. Pedro e dos áulicos que os rodeavam.

Existem vários indícios que confirmam a hipótese de que o reinado de D. Maria não era desejado e que desde a própria coroação existiam poucos apoios para a Rainha. Uma das melhores fontes para verificar esta ideia são os próprios textos laudatórios publicados com motivo da aclamação da Rainha. Em primeiro lugar, vemos que no *Auto do levantamento, e juramento, que os grandes, titulos seculares, ecclesiasticos, e mais pessoas, que se achão presentes, fizeram á muito alta, muito poderosa rainha fidelissima a senhora D. Maria I nossa senhora na coroa destes*

²⁰⁴ As fontes citadas por Caetano Beirão são: Ofício de Almodovar para Floridablanca, de 23 de Março de 1777. Archivo General de Simancas; legajo do Estado n.º 7312.

reinos, e senhorios de Portugal, sendo exaltada, e coroada sobre o regio throno juntamente com o senhor rei D. Pedro III na tarde do dia treze de maio, publicado por António Pedro Vergollino em 1780, se atribui um papel destacado ao seu consorte já no próprio título. A importância deste texto para a compreensão do reinado de D. Maria radica em que não é de um dos muitos elogios publicados com motivo da coroação da nova Rainha, se não que constitui uma espécie de acta oficial do acontecimento, o que nos está a indicar que desde a própria Corte se queria dar um destaque especial à figura de D. Pedro, fazendo-a equivaler à da sua esposa²⁰⁵.

No mesmo texto de Vergollino (1780: 50), continua o elogio do Rei consorte na fala do «Doutor José Ricalde Pereira de Castro, do Conselho de Sua Magestade, do Geral do Santo Officio, e Desembargador do Paço, a cujo cargo estava fazer a falla a Suas Magestades» quem começa o seu discurso afirmando: «Temos visto felizmente como elle [D. José I] tranquilizou os animos dos seus Vassallos com o casamento de hum Principe com hum Princeza, os quaes ambos fazem a gloria da nossa Monarquia».

Para além disto, o autor da “falla” oficial da coroação, vê-se na obrigação de lembrar neste acto a fonte da legitimidade de D. Maria I para ocupar o trono (Vergollino, 1780: 51-53):

foi V. Magestade chamada a esse Regio Throno por hum bem manifesta vocação do Altissimo; que para nos dar a gloriosissima certeza de que para elle a destinava, nunca permittio que do Regio Thalamo de seus Augustissimos Pais, e Senhores Nossos, houvesse quem lhe precedesse na Successão destes Reinos./ As Cortes de Lamego juradas solemnemente em duas successivas; aquellas Leis primeiras constitutivas, e fundamentaes desta Monarquia, tão sagradas, e inviolaveis, que até os mesmos Reis lhes devem render sujeição; aquellas authenticas Legislações formadas com toda a validade no Congresso do Povo, dos Grandes, e do Principe, forão as que declararão o inalteravel Direito, com que V. Magestade he chamada á Sucessão de Portugal!/ Todos sabemos que pelas mesmas Leis sempre inviolaveis, he hoje reinante a Real Casa de Bragança na Soberana Pessoa de V. Magestade, e dos Senhores Reis, seus Augustissimos Pai, e Avós. E quem póde ignorar que este incontestavel Direito se devolveo, e consolidou na Pessoa da Serenissima Senhora Dona Catharina no mesmo instante, em que falleceo o Senhor Cardaal Rei D. Henrique seu Tio? E teria feito aquella Senhora o primeiro exemplo de Rainha Soberana destes Reinos, se naquelles calamitosos tempos houvesse quem livremente lhe tivera feito justiça.

Por se o argumento das sempre invocadas Cortes de Lamego e do precedente de D. Catarina não som suficientes, Pereira de Castro procura ainda homologias com outras cortes europeias (Vergollino, 1780: 53):

²⁰⁵ Em contraposição com a alta qualidade desta fonte *oficial e contemporânea* da coroação da Rainha, o texto de Vergollino não é citado, até onde temos conseguido averiguar, nos estudos dedicados ao período de governação de D. Maria I.

Já muitos outros Reinos, que também sabiamente se governão, tem dado destes exemplos. Já os de Castella, e Inglaterra mettêrão o dourado Sceptro na dextra Mão das Isabeis. Já os de Polonia, e de Hungria cingirão a candida frente das Marias, de das Heduviges com a respeitavel Coroa do Reinado. Já os de Suecia, e Dinamarque vestirão com Regia Purpura as Marias de Volmar.

O mesmo orador encontra ainda outro argumento irrefutável, que é o desígnio divino que caracteriza, segundo el, os regimes hereditários (Vergollino, 1780: 54-55):

Foi verdadeiramente obra da mão de Deos a exaltação de V. Magestade ao Real Throno de Portugal. A santa Providencia, que lá de cima dos Tabernaculos eternos vigia sobre os Monarcas, e sobre as Monarquias; esta illuminada Providencia teve mais parte neste successo, do que a casualidade. Nos Imperios hereditarios, como este, he Deos o que faz a escolha da Familia, em que entra, e continúa o Sceptro do governo, transmittindo o Poder Real de geração em geração ao Primogenito, ou Primogenita daquela Familia escolhida. Cada hum dos que são chamados successivamente ao Throno, he instituido, e revestido por Deos dos mesmos Regios e supremos poderes dos Reis seus Antecessores. E huma Maria escolhida pelo Eterno para governar a terra, e para representar no Solio a Imagem do mesmo Deos; com que perfeições não sahiria das suas Mãos Omnipotentes?

Apesar de todos estes argumentos (a tradição portuguesa, a tradição europeia e a vontade divina), especifica-se que a Rainha vai estar acompanhada de um Rei que partilhe com ela o governo (Vergollino, 1780: 58-59):

[Deus] lhe tinha antes dado na Real Pessoa de ElRei Nosso Senhor hum Esposo bem conforme a seu coração, para com elle dividir os importantes cuidados da Monarquia. Hum Pedro para Vossa Magestade fundar sobre a solida, e incontrastavel firmeza de huma semelhante pedra as públicas felicidades do seu Imperio. Hum Rei, que não ama outra cousa mais que a Justiça, nem comhece mais que a verdade. Hum Rei, cujo discernimento póde fazer a primeira base nas decisões dos negocios mais arduos. Hum Rei o mais capaz de julgar os que julgão a terra, de conservar os Direitos dos Tribunaes, e de manter em todos os corpos aquella harmonia, boa ordem, e equilibrio, que fazem a força, e a utilidade dos Estatutos. Hum Rei tão cheio de luzes como de virtudes, depositario confidentissimo da parte mais sagrada do governo, e interprete infallivel dos ternissimos sentimentos de V. Magestade pela felicidade dos seus Póvos. Hum Rei, que completa, e felizmente comprehendendo a importantissima sciencia (que lhe he propria) de conhecer os homens, para empregar, e metter em valor respectivamente os seus merecimentos. Hum Rei, que estima menos este Nome, que o Titulo sempre Augusto de Protector da Igreja. Finalmente hum Anjo Tutelar, que collocado entre o Altar, e o Throno, Fidelissimo Á Religião, e á Monarquia, estará sempre em guarda para concordar, sem confundir o Sacerdocio com o Imperio; concordia, que se proporá sempre facil ás luzes de hum Principe, em cuja Real Pessoa por huma casualidade mysteriosa a vemos já verificada como Pedro, e como Rei! Deste modo veremos a mais concertada harmonia entre os dous Poderes, dando-se mutuamente as mãos para se rasgar,

para se despedaçar, e para se calcar baixo o pé Augusto o negro manto da hipocrisia, do fanatismo, e da infidelidade.

É construída umha imagem de D. Pedro III que o converte sucessivamente em aquel que partilha as tarefas de governo, na base sobre a qual construir este e, finalmente, na pessoa apropriada para desempenhar os mais importantes cometidos da monarquia -«o mais capaz de julgar os que julgão a terra...»-, apontando para umha possível repartição das tarefas de governo, na qual D. Pedro se encarregaria da administração de Justiça. Neste texto de carácter oficial está-se a convidar a Rainha, portanto, a descarregar o peso do trono no seu marido, que passa assim de ser consorte a ser Rei de pleno direito. Esta imagem é confirmada por alguns dos textos laudatórios como o que transcrevemos a seguir, onde se pondera mais a figura do Rei consorte que a da Rainha legítima (P. F. N. S., 1777: 6-7):

E Vós, CONSORTE AUGUSTO, REI Potente;/ Que hoje tambem fostes acclamado,/ Reinai por muitos annos felizmente,/ E seja Vosso Nome eternizado,/ Co'a AUGUSTA CONSORTE juntamente;/ E se á Fama escutais o doce brado,/ Sabereis que o mundo quazi inteiro/ Mil vivas dá ao REI PEDRO TERCEIRO[...]/ Por isso para o Ceo já inclinados/ Rogamos ao Deos Omnipotente/ Que prospere huns Monarcas taõ amados/ Em todo o Luzitano continente:/ Que sejaõ os seus annos dilatados/ Para gloria, e augmento de huma gente,/ Que só espera viver com alegria/ No governo dos REIS PEDRO, e MARIA./ E Vós, JOSEPH AUGUSTO, e SOBERANO,/ Que vistes Vossos PAIS hoje coroar,/ como PRINCIPE do Reino Luzitano,/ Mil vivas, vos pedimos, queirais dar./ Todo o povo vos acclama Pio, Humano;/ Prompto em conceder; facil em premiar:/ Esperamos continueis, para que elle diga/ *Viva o PRINCIPE herdeiro, viva, viva.*

Ainda noutro texto -*Vivas á felicissima acclamação do augusto e fidelissimo rei D. Pedro III. nosso senhor* (1777: 5-8)-, publicado de forma anónima em Lisboa, vamos encontrar esta mesma ideia levada até o extremo de só referir-se tanto no título como no conteúdo a D. Pedro como o Rei aclamado. D. Maria, por seu turno, fica aqui reduzida ao papel de “cara espoza”:

Reinai, AUGUSTO REI, REI SOBERANO,/ Quanto a fé nos obriga, Amor dezeja;/ O Povo Luzitano/ Feliz com vosco seja;/ Contento assim o espera,/ Sem lizonja, sem susto, e sem quiméra.[...]/ VIVEI, AUGUSTO REI, VIVEI contente,/ Gozando os Santos Dons da Cara ESPOZA,/ Que a Vossa Luza Gente,/ De feliz, de gostosa,/ Com voz alternativa,/ Repetem, sem cessar, mil vezes: VIVA.

Os inícios do reinado de D. Maria I venhem marcados, em nossa opiniom, por umha certa hostilidade de determinados grupos contra a nova Rainha, e umha certa

sensação, por um lado, de que deve ser D. Pedro quem governe, e por outra de transitoriedade deste governo em espera de que o príncipe herdeiro D. José alcance a idade necessária para fazer-se cargo do trono. Mas, de qualquer maneira, nalguns destes textos de circunstâncias publicados com motivo da aclamação também podemos encontrar outro dos traços que nos parecem significativos do reinado de D. Maria, e é este a esperança por parte de determinados sectores de que se exerça um certo papel reparador desde a Corte em favor dos grupos nobres prejudicados pelo governo anterior. assim aparece, por exemplo, no texto de Vergollino (1780: 56), que alude à libertação dos presos que se produz imediatamente a seguir à morte de D. José, e entre os quais se encontravam o Marquês de Alorna e outros dos nobres represados em 1758:

Os generosos effeitos da Regia Piedade de huma tal Rainha apparecem por toda a parte; mas muito particularmente na soltura de tantos prezos de hum, e outro foro, que gemião nas tenebrosas prizões, e nos tristes degredos [...] assim cumprio a sexta recommendação de seu grande Pai.

Ao lado deste testemunho temos outros em textos laudatórios publicados também com ocasiom da coroação, entre os quais pomos em destaque a *Collecção de odes, sonetos e outras obras escolhidas feitas por varios curiosos á feliz exaltação da rainha nossa senhora Dona Maria I. Ao throno da monarquia portugueza*, publicado pola Regia Officina Typografica, que inclui composições de Anacleto da Silva Moraes, Domingos Maximiano Torres, João Xavier da Costa Cardoso, Joaquim José Ferreira da Cunha, Gaspar Ferreira Lima Corte-Real, Antonio Alberto Paradís, Matias José Dias Azevedo, A.J.V.N., Claudius Menesius Castrius Cecinit. Entre os textos recolhidos neste volume aparece um "Soneto a Alcipe desculpando a Ode seguinte" e umha "Ode ao illustrissimo, e excellentissimo senhor D. João d'Almeida e Portugal, Marquez d'Alorna" do Bacharel Domingos Maximiano Torres. Citamos um trecho desta última porque nos parece que evidencia o papel simbólico que desempenham os Alornas neste momento:

Mas, que leio eu na fronte dos Destinos/ Escutai, pios Manes... do Ceu desce/
Ao Throno Lusitano a sã Verdade/ Co'a incorrupta Astréa/ Cahe o ferrolho do
profundo Carcer;/ Sahe, meu Filho, nos braços da Innocencia./ Olha, se pódes,
perfida Calumnia;/ Olha-o vil Monstro, e freme./ He este o Heróe, que denigrir
ousaste?/ Vê, que nova belleza, e esplendor novo/ Lhe orna a alma no crysol
purificada./ Dos indignos trabalhos./ Silencio, oh Lyra; que ardua empreza tento/
De sobre-humano espirito commenttenda:/ Já ouço resoar na Aonia tuba/ Um
nunca ouvido Canto/ Silencio! Alcipe, a Vate Alcippe a embocca/ Enfia Febo, e
attonitos os Deoses/ Se apinhão sobre a venturosa Elysia,/ Ermo o Olympico
Reino.

No mesmo volume aparece ainda o poema «O protheo», que, na mesma linha que o anterior, converte D. Maria na restauradora da justiça e da equidade:

Enchuga, ó Lysia, as lagrimas piedosas,/ Serena o afflicto rosto, e sacudindo/ Da augusta frente essas funéreas cinzas,/ Compõe leda, engrinalda os teus cabellos/ Co'amarantho immortal, e frescas rosas./ O Ceu compadecido de teus males/ Pelo Rei, que descança em paz eterna/ Sua angelica Filha eleva ao Throno/ Thesouro enexaurivel de virtudes [...]/ «Olhai junto a MARIA a austera Virgem/ De roçagante veste esscarlatina,/ E de vendados olhos: inflexivel/ As balanças iguaes sustem na esquerda,/ Onde os delictos, e as virtudes péza./ Co'a dextra empunha a espada fulminante,/ Cujo cego esplendor soffrer não podem/ Do embrutecido Vicio os piscos olhos;/ Com ella fere o sanguinoso crime,/ Mal a sagrada Lei lhe pede o golpe./ Salve, aurea Astrea, vem, ó suspirada/ Salutar primogenita de Jove;/ Córta com esse ferro as capciosas,/ Inextricaves redes, com que a Fraude/ Se atreve a usurpar teu nome augusto,/ Facil preza da perfida Violencia./ Rompe, honrado Colono, alegre o seio,/ Da Mãi commum com o fecundo arado,/ Do fruto gozarás de teus suores./ Tu, Cidadão activo, e industrioso,/ Exerce em paz a criadora mente,/ Em inventos subteis uteis á Patria;/ Os teus disvélos has de ver croados/ Com devido louvor, devido premio./ Não mais recêes, que a mirrada Inveja,/ Ou que a estygia Calumnia sanguinosa/ Dentre os braços da Esposa te arrebate/ Para enterrar-te em lugubre masmorra.

Chamamos a atenção à crítica velada que se pode apreciar nestes textos contra o Primeiro Ministro de D. José, o que, do nosso ponto de vista, evidencia, de um lado, até que ponto as medidas de Pombal e D. José contra a primeira nobreza fôrom impopulares, com a particularidade de que se verifica a tendência, que perviveu com força na historiografia posterior, de descarregar o Rei de qualquer responsabilidade em relação com as medidas mais polémicas do seu governo, exercendo todos os ataques e acusações contra o seu Primeiro Ministro Pombal. Por outro lado, repare-se também na rapidez com que os sectores partidários da primeira nobreza tomam as suas posições ante a perspectiva de um novo tempo político. O papel da nobreza como camada social fundamental para o desenvolvimento do estado vai ser ainda reclamado de maneira explícita por José Joaquim Motta Manço²⁰⁶ (1777: 12-13) noutro destes textos:

Em huma republica, depois do seu Soberano, he percizo que hajaõ gerarquias, he necessario que hajaõ grandes, e pequenos, nobres, e plebeos, pobres, e ricos; porque na dezigualdade consiste a armonia deste instromento, que ou consideremos como monarchico, ou como republicano; tocado pela mão de hum xefe sabio, e prudente, he suavissimo aos grandes, grato aos pequenos, e tulleravel a todos [...] A nobreza, e os grandes; ou a primeira nobreza; são as duas claces da republica, que sem injuria das outras, devem ser as mais estimaveis do Principe: Dellas se tiraõ os admiraveis politicos, e famosos guerreiros, com os quais em hum, e outro governo se acreditaõ, e fazem temidos

²⁰⁶ Nom temos conseguido nengumha informaçom para desenhar a sua posiçom e funçom no sistema. Aparece na Portbase como um dos autores recolhidos em *Collecção de sonetos dedicados ao Marquês de Pombal* (Lisboa: Of. Da Viúva de Inácio Nog. Xisto, 1775).

os Reys: E supposto que entre os plebeos se tenhaõ encontrado alguns homens, a quem o merecimento pessoal tem feito munto destintos, estes por milagre se contaõ.

Perante estes testemunhos, só podemos deduzir que era evidente e conhecida a inclinação da Rainha (ou talvez dos Reis) para a primeira nobreza que fora desfavorecida por seu pai, porque só assim se pode entender as explícitas tomadas de posição feitas por diferentes elementos do campo no preciso momento em que D. Maria toma posse do trono.

Em resumo, a análise historiográfica do reinado de D. Maria I tem dependido em grande parte, igual que a do período anterior, da elaboração de umha determinada imagem de sectores sociais como a burguesia e a nobreza, construída a partir do triunfo da burguesia liberal nos finais do antigo regime. Em nossa opinião, os intentos de D. Maria de favorecer desde o começo do seu reinado os sectores da primeira nobreza que a apoiavam, tem sido analisado nom em chave de luta entre grupos ideológicos, mas como um retrocesso na aplicação de elementos dos repertório ilustrado em Portugal, ideia esta que consideramos que nom pode sustentar-se se nos baseamos em factos concretos como a criação e promoção de determinadas instituições claramente vinculadas com a Ilustração, e até com a promoção de determinadas pessoas (como podem ser a própria Teresa de Mello Breyner, a Condessa de Oyenhausen, o Duque de Lafões e outras relacionadas com estas ou com a ACL) com umha trajetória ligada à fabricação de ideias ilustradas, assunto este que será objecto de análise nas páginas seguintes. Julgamos, portanto, que os testemunhos vistos nesta epígrafe podem ajudar a desenhar um perfil político da Rainha algo mais complexo do que habitualmente a reduz a umha mulher obcecada pola sua própria religiosidade, psicologicamente instável e finalmente incapaz para ocupar o trono, assunto este do qual também nos ocuparemos mais adiante.

Da mesma maneira, cremos que é importante destacar a pouca força política de D. Maria I, que, desde os primeiros momentos do seu reinado, é questionada na sua legitimidade, o que vemos claramente em textos de elogio que colocam D. Pedro, o Rei consorte, como figura política preeminente por cima da Rainha legítima. Neste sentido, ainda em 1787 lemos em carta de Teresa de Mello Breyner («Lx.^a 11 de Abril de 87»): «Da corte não tenho q dizer senaõ, que sua Mag.^{de} parese querer reassumir todos aquelles sinais externos de soberania de q se tinha despojado em obsequio do seu

marido». Repare-se, portanto que só dez anos volvidos desde a sua coroaçom, parece aceitar-se na Corte que D. Maria ostente o seu poder, que pode ser visto como ofensivo para a pessoa do seu marido, que ficaria desta maneira diminuído nas suas funçons de Rei e homem.

III.1.3. A Condessa de Vimieiro e a formaçom da Academia das Ciências de Lisboa

III.1.3.1. Objectivos

Dous anos depois da coroaçom de D. Maria I, cria-se em Lisboa umha instituiçom fundamental na fabricaçom e promoçom de ideias ilustradas em Portugal e ancilar também para compreender o funcionamento dos campos político e intelectual portugueses do último quartel do século XVIII, e em cuja fundaçom e promoçom vai estar directamente implicada a Condessa de Vimieiro.

Imediatamente antes, o Conde de Vimieiro, Sancho de Faro, esteve envolvido num projecto que nos parece de grande interesse polas coincidências programáticas e ideológicas que podem ser estabelecidas entre este e a Academia –a elaboraçom de um texto de tipo enciclopédico para a restauraçom da história e do prestígio dos portugueses.

Nesta epígrafe, pois, tentaremos:

- expor brevemente as circunstâncias do projecto de Sancho de Faro e precisar as homologias que encontramos entre este e o projecto finalmente desenvolvido por Lafões com ajuda dos próprios Condes de Vimieiro,

- esclarecer a funçom de Teresa de Mello Breyner na fundaçom da ACL e as relaçons desta instituiçom com o campo do poder, pois achamos que estas som fundamentais para entender todas as suas actuaçons. Interessa-nos conhecer as funçons que atingem, a Condessa e o Duque de Lafões e saber como som utilizados os contactos destes na Corte para promover a ACL e conseguir finalmente a protecçom Real.

- analisar as reacções que produz a fundação da Academia entre os diferentes sectores do campo político e intelectual português do fim de século, e, posteriormente, a evolução da posição tanto da ACL como dos seus membros à medida que avança a década de oitenta.

III.1.3.2. O Conde de Vimieiro como promotor cultural nas vésperas da fundação da ACL (1779)

Embora este trabalho não foque especificamente a trajectória e as actividades de Sancho de Faro encontramos entre o espólio de Manuel do Cenáculo²⁰⁷, entre outras cartas sem grande interesse para o nosso trabalho²⁰⁸, um programa para elaborar uma «Collecção das vidas dos portuguezes distinctos por merecimentoz, empregos, e dignidades; escritas em rezumo por ordem alfabetica por huma sociedade amante da patria» (BPE, Cód. CXXVII 1_6).

Com data de 4 de Novembro de 1779, Sancho de Faro envia ao Bispo de Beja uma carta que inclui a proposta de unir-se a uma sociedade que se encarregaria de produzir uma obra que teria como principal objectivo «restaurar a Memoria dos nossos bons patriotas, ignorada não só pelos Estrangeiroz; mas ate pelos nossos proprios Nacionaes». Trata-se de um texto de treze folhas -incluído em anexo- composto por uma carta endereçada a Manuel do Cenáculo oferecendo-lhe a participação no projecto, um resumo deste, o índice da obra, a relação dos sócios e, finalmente, o índice das matérias para distribuir entre os sócios.

Segundo temos podido verificar, não parece que esta obra chegasse a ter realização²⁰⁹, mas o maior interesse destas informações para o nosso trabalho reside

²⁰⁷ Referimo-nos ao espólio conservado na Biblioteca Pública de Évora, que contém, entre outros muitos documentos preciosos para o estudo do século XVIII em Portugal, várias cartas tanto do Conde como da Condessa de Vimieiro ao Bispo de Beja, como algumas respostas deste aos Condes. Neste espólio encontra-se, por exemplo, o último documento conhecido assinado por Teresa de Mello Breyner que tem servido até agora (e infelizmente ainda serve) para situar a provável data da sua morte em 1798.

²⁰⁸ Uma delas, datada em 1768, é uma expresso de agradecimento ao Bispo pela nomeação de dois pregadores para o Vimieiro, e a segunda, datada dez anos depois, é uma carta de cumprimentos.

²⁰⁹ De facto, não existem nem na Portbase nem nos arquivos da Real Mesa Censória indicações a respeito de alguma obra que pudesse ter um título similar a esta publicada no último quartel do século XVIII. É certo que ao longo deste trabalho temos aludido em numerosas ocasiões a que não era preciso nesta altura que uma obra tivesse versão impressa para poder circular, mas tanto as grandes dimensões de um projecto enciclopédico como o que nos ocupa, que dificultariam enormemente a sua cópia e distribuição

fundamentalmente no facto de evidenciar a existência de actividade de promoção cultural por parte de determinados elementos que constituirão pouco depois a Academia das Ciências de Lisboa, particularmente por parte de Sancho de Faro, de cujas implicações e das da sua esposa nesta instituição falaremos ao longo deste capítulo. Felizmente para os nossos objectivos, o programa conservado é extenso e pormenorizado, incluindo a relação dos sócios que fariam parte da sociedade que assinaria a obra, entre os quais encontramos alguns nomes procedentes da casa de Ficalho. Para além disto também daremos alguma atenção às ideias ilustradas coincidentes com as da Academia que encontramos neste programa.

III.1.3.2.1. Os sócios

Sancho de Faro oferece uma relação completa com indicação do nome e da ocupação de cada um dos membros da sociedade que realizará a *Collecção* no seu «Catalogo dos Socios», constituído da seguinte forma:

A***

O S.^r Antonio Alvares, Presbitero da Congreg.^{am} do Oratorio de Lisboa

O S.^r Antonio Henriquez da Silveira, Lente de Pr.^a de Canones na Univ.^{de} de Coimbra

O S.^r Antonio de Mello.....Senhor de Ficalho

O S.^r Antonio Pereira, Presbitero Secular, e Deput.^o Ordr.^o da Real Meza Censoria

O S.^r Antonio Ribr.^o dos S.^{tos} Subst.^o das Cad.^{ras} Sinthet.^{as} daz Decretaiz na d.^a Univ.^{de}

O S.^r Antonio Soarez Lobo..... Graduado em Medicina p.^{la} d.^a Univ.^{de}

O S.^r Diogo de Mello..... D.^{or} Canonista p.^{la} d.^a Univ.^{de}

O S.^r Gaspar Pinheiro da Cam.^a M.^{el}..... Coronel do Mar

O S.^r Ignacio de Oliveira

O S.^r D. João de Faro..... Thezour.^o Mor da Cap.^{la} Ducal de V.^a Viçosa

O S.^r João da Silva Zagallo.....Dez.^{or} da Rel.^{am} Eclez.^a de Evora

O S.^r Joaquim da Costa..... Presb.^o da d.^a Cong.^{am}

O S.^r Joaquim de Foyos.....Presb.^o da d.^a Cong.^{am}

manuscritas, como a vontade expressa por Sancho de Faro de imprimir os resultados, faz-nos duvidar de que fosse possível uma difusão diferente da convencional. Por outro lado, seria esperável que se esta obra se tivesse chegado a realizar, a Condessa de Vimieiro fizesse referência à sua existência em alguma das numerosas cartas enviadas a Leonor de Almeida nas quais dá, no entanto, abundante informação sobre as evoluções da Academia.

O S.^r Joaq.^m Jose Cord.^{ro}, Presb.^o Secular, e Grad.^o em Can.^{es} p.^{la} d.^a Univ.^{de}
 O S.^r Jose de Azevedo..... Presb.^o da d.^a Cong.^{am}
 O S.^r Jose Clemente..... Presb.^o da d.^a Cong.^{am}
 O S.^r Jose Regado..... Presb.^o da d.^a Cong.^{am}
 O S.^r Manoel Betancourt..... Presb.^o da Cong.^{am} do Oratorio
 O Ex.^{mo}, e R.^{mo} S.^r D. Fr. Manoel do Cenaculo, Bispo de Beja
 O S.^r Fr. M.^{el} do Sacram.^{to} Garação.. Monge de S. B.^{to}, e M.^e em Theol.^a
 Nicolao Pedro de Oliv.^{ra}, Preb.^o Secular, e D.^{or} Theol.^o p.^{la} d.^a Univ.^{de}
 O S.^r Pedro Joze da Fonseca.....Professor Regio de Eloq.^a em Lisboa
 O S.^r Pedro de Mello..... Grad.^o em Can.^{es} p.^{la} d.^a Univ.^{de}

A partir desta relação interessa-nos pôr em destaque alguns factos de particular relevância para o nosso estudo:

a) Estão presentes nesta lista três dos irmãos da Condessa de Vimieiro (António, Diogo e Pedro de Mello) e o quinto Conde de Vimieiro, irmão e herdeiro do promotor desta ideia (João), o que, unido à intervenção decisiva do quarto Conde e à mais que provável participação na sombra da Condessa. A presença certa de cinco elementos de uma mesma família –e a provável existência de um sexto elemento- numa relação de vinte-e-quatro, vem ao encontro da hipótese já exposta que vinculava ambas casas, a de Ficalho e a de Vimieiro, com uma estratégia de acumulação de capital cultural, (o seu principal capital e elemento definidor), e de intervenção no campo intelectual. Salientamos, igualmente, a escassíssima participação neste projecto da primeira nobreza, reduzida em exclusivo às casas de Ficalho e de Vimieiro que, como sabemos, têm as mesmas origens familiares, pois não só são irmãs a Senhora de Ficalho e a 3.^a Condessa do Vimieiro, mas todos eles procedem de ramos dos Távoras.

b) Dos 23 sócios propostos, sete são membros da Congregação do Oratório, enquanto aparece um único Beneditino e três altos cargos eclesiásticos, o qual, por um lado, evidencia que a presença da Igreja no campo intelectual continuava a ser forte, apesar de que tradicionalmente se tem considerado que o governo pombalino tinha reduzido o poder da Igreja em todos os campos. Se somarmos todos os religiosos da lista obteremos um resultado de onze de vinte-e-três, que supera o número de pessoas formadas ou vinculadas à universidade ou à docência. Ainda em relação com a presença de eclesiásticos, resulta evidente a importância dos Oratorianos como ordem privilegiada e favorecida pela expulsão dos jesuítas de Portugal.

c) Oito dos nomes que figuram nesta lista são de membros da Universidade (entre licenciados, doutores e professores), o que serve para assinalar a importância crescente de uma universidade que, se bem ainda não consegue superar a Igreja

quanto à sua presença no campo intelectual, vai ganhando postos tanto entre umhas classes médias que precisam dos títulos que esta emite para ascender na escala social, como entre umha nobreza que vê difícil a conservação de privilégios sem a obtenção deste capital simbólico. Neste mesmo sentido, devemos pôr em destaque que duas das pessoas formadas na Universidade som Diogo e Pedro de Mello, irmaos de Teresa de Mello Breyner, elementos, portanto, da primeira nobreza, que, como digemos noutro lugar deste trabalho, ponhem em evidência o esforço realizado por determinadas famílias por reconverter os seus capitais para adaptar-se a umha nova organização social derivada da Ilustração que exigia a homologação do capital cultural individual ou familiar por parte de umha instituição cuja legitimidade fosse reconhecida tanto pola primeira nobreza como pelas classes médias.

d) Num grupo como este a que nos referimos, que conta com algumas mulheres nom apenas de grande capital cultural e simbólico dentro do grupo (como pode ser a própria Mello Breyner ou inclusive a sua mai a Senhora de Ficalho, figura destacada na Corte e amiga de longa data do Duque de Lafões) é desde logo salientável que suceda exactamente o mesmo que no caso da ACL, em que nengumha dessas mulheres vai figurar na lista, mesmo tendo verificado que existe umha actividade real por parte delas na instituição académica. Neste sentido, chamamos a atenção para o enigmático A*** que encabeça a relação de sócios, o qual, embora nom podamos atribui-lo com um mínimo de seguridade, talvez pudesse pertencer à própria Condessa, ocultando novamente (e ambigualmente) a sua identidade em todas as intervenções públicas.

e) Chamamos a atenção, finalmente, para umha ausência importante: o Duque de Lafões. Estando implicados muitos dos que depois fôrom sócios da Academia, e umha das suas maiores amigas e aliadas ao lado de três dos seus irmaos, todos eles filhos de outro dos seus relacionamentos principais em Portugal, a Senhora de Ficalho, é obrigado fazer umha referência a esta ausência e indicar algum dos possíveis motivos dela. Em função das datas oferecidas acima ao falarmos do regresso de Lafões a Portugal, entendemos que o projecto do Conde de Vimieiro, embora quase coincidente cronologicamente com o da Academia, provavelmente tinha sido gestado com anterioridade ao regresso de Lafões a Portugal no mesmo ano 1779, e é possível que o insucesso do primeiro se devesse em boa medida à superposição de objectivos, pessoas e metodologia entre ambos.

III.1.3.2.2. Os objectivos da sociedade

Umha vez vista a relação de sócios, convém analisar as linhas ideológicas básicas sobre as quais se assenta este projecto do Conde de Vimieiro. Para isso, reproduzimos extractadamente o resumo que este envia a Frei Manuel do Cenáculo (itálicos nossos):

A pouca justiça, q^e as Naçoens estranhas fazem aos talentos dos Portuguezes/ ainda q^e, em parte, bem merecida pelo descuido dos nossos Escriitores, e por mil outras cauzas notorias aos q^e lamentamos estas sem razoes/ me obrigou a projectar hum meyo de fazer conhecidas no Mundo as Pessoas illustres de hum, e outro sexo, de q^e a Memoria he digna de honrar os nossos Fastos.

Este meyo he recolher em huma só Obra as *Acçoens recomendaveis das Pessoas illustres*, fazendo-se o Rezumo da Vida de cada huma por ordem Alfabetica, e da-lo ao Publico *em a nossa Lingoagem*.

Conhecendo porem, q^e o Projecto desta Obra, quanto mais tem de formozo, tanto mais tem de difficil; pois q^e nella se interessa não só a gloria dos mortos, mas a reputação dos q^e agora vivem: julguei q^e não podia conseguirse ve-lo verificado sem q^e o trabalho se reartisse por *huã sociedade de Homens amigos da Verdade, sequazes da Vertude, e prudentes indagadores do q^e merece escrever-se; isto he, a Verdade sem mistura de Lizonja, de Inveja, ou de Credulidade: Homens verdadeiramente Sabios, q^e. seraõ generozos Restauradores da Memoria de seus compatriotas*.

[...] Não me permittindo a minha Profissão, e molestias habituais huma applicação rigorosa, não posso comprazer-me de escrever o meu Nome entre os de tantos Sabios; mas querendo ter parte na honra, a q^e os conduz o seu proprio Merecimento, *offereço a minha Caza tanto nesta Provincia, como na da Estremadura para nella se fazerem as Sessoens precisas*.

Offereço-me a ser o Correspondente dos Socios para fazer cõmunicar de huns a outros as noticias q^e necessitarem de exame, combinação &^a e imprimir os Volumes, q^e por ordem Alfabetica forem sahindo das mãos dos Socios, logo q^e se julgarem correctos; dando a cada hũ por este modo o mais evidente testemunho de q^e dezejo ser agradecido ao seu trabalho, não tardando em dar a Luz q^e merece.

Se conseguir q^e este Projecto seja aceito aos Sogeitos, a quem o offereço, *terei a satisfação de fechar a bõca não só a mordacidade sattyrica dos Estrangeiros, mas tambem ás insulsas, e vergonhas Declamaçoens de certos Escriitores, q^e apregoando nos seus Folhetos com vos bastarda Zello da Patria, somente ultrajaõ a sua gloria em lugar de nos abrir o caminho para alcançarmos a q^e temos merecido*.

Prazan a Deuz q^e meu dezejo me não Lizongeie demaziadamente, e q^e o meu Projecto encontre taõ benigna aceitação nos Socios convidados, q^e ao ler o Cathalogo de seus distinctos Nomes, veja eu nos Amantes da Patria oz meus proprios, e mais prezados Amigos.

Assim mesmo devemos esperar q^e todo o Socio, q^e tiver Manuscrito, de q^e possa contestar-se melhor algum Facto, comunique o q^e delle for preciso para a Verdade da Historia.

O fundamento deste projecto é, igual que o será da ACL, a reivindicação de Portugal sustentada na existência no passado de figuras do campo intelectual que nom só demonstram que umha suposta “lenda negra” sobre Portugal e o seu atraso é falsa, mas que pode até servir de referente para a sociedade coeva. Evidentemente, esta reivindicação do passado pode ser lida também como umha reivindicação do próprio grupo que pom em marcha o projecto, pois desta maneira nom só se colocam como os herdeiros daqueles que eles estabelecem como figuras canónicas da cultura portuguesa, mas até se mostram como instituição legítima para definir os critérios que configuram o cânone, que neste caso seriam a virtude, a *ilustração* (no sentido de possuir a qualidade de *ilustre*) e a capacidade para servir de exemplo à sociedade ilustrada (neste caso aquela participante da ideologia da Ilustração).

Sancho de Faro propom um modelo de trabalho cooperativo e rigoroso que se converta em elemento que distinga esta obra “patriótica” de outras que, segundo ele, declamando «com vos bastarda Zello da Patria, somente ultrajaõ a sua gloria». Vemos que, tal e como sucederá com a ACL, também este grupo se posiciona abertamente como único legítimo e capaz de lograr os objectivos propostos de reivindicação nacional pois está integrado polos «Homens verdadeiramente Sabios, q^e. seraõ generozos Restauradores da Memoria de seuz compatriotas». Interessa-nos pôr isto em destaque nom apenas pola semelhança da posiçom do Conde de Vimieiro com a da ACL de que será sócio, mas também pola semelhança com a atitude elitista adoptada por Teresa de Mello Breyner, cuja confiança nos seus méritos individuais a fará afirmar «sou demasiadam.^{te} Portuguesa para viver entre irmãos bastardos» («Lx^a 21 de Dez^{bro} de 81»).

Igual que noutras occasions, Sancho de Faro assume um papel exclusivamente de mediador. Se na Academia participará como sócio mas nom temos constância de nengumha intervençom directa nem da elaboraçom de nengumha memória, aqui já se apresenta como simples patrocinador e mediador entre as diferentes pessoas que deverám compor a sociedade, oferecendo, por um lado, a sua casa (o que nos colocaria a possibilidade de que os diferentes palácios dos condes fossem lugares habituais de reunions e assembleias para discutir este projecto, já em 1779, como veremos que de facto som mais adiante), e, por outro, o financiamento necessário para a impressom dos

livros resultantes. No caso das obras da sua esposa, o Conde assumia este papel, patrocinando a publicação e difusão de *Idéa de hum elogio* e compilando os textos poéticos que aquela escrevia, talvez com a intenção de chegar a publicá-los ou ao menos a difundi-los.

III.1.3.2.3. Linhas ideológicas fundamentais

No desenvolvimento do índice do seu projecto, Sancho de Faro oferece informações que nos ajudam a concretizar os interesses ideológicos desta sociedade e colocá-los em relação com o que já conhecemos sobre a trajetória da Condessa de Vimieiro:

a) Inserida na ideologia ilustrada, esta obra prescreve, como é habitual, a verdade como princípio fundamental e os estilos simples e médio como modelos estéticos. A relação entre a verdade e a simplicidade é uma das bases da ideologia e da estética ilustradas, que promovia o modelo do “natural”²¹⁰ não apenas através dos conteúdos, mas também através dos modelos repertoriais formais. Através destes promove-se um modelo linguístico e um modelo ortográfico, mas também um modelo de elaboração do pensamento científico que, veremos mais adiante (§ III.1.4.2.5.), estabelece homologias com as tomadas de posição noutros campos como o intelectual, ou o do poder:

Sendo *a Verdade essencial á Historia*, as Couzas duvidozas contem-se como taes; e as certas, sem affectação; guardando-se o devido decore á Humanidade, e Religião, ainda quando se tratar de nossos Inimigos, ou de defeitos Caracteristicos de nossos Compatriotas, e citando os Autores de melhor nota.

O Estillo simples sem baixeza he na verdade o q^o compete a este genero de Obra; mas porq^o nem todos quereraõ sogeitar-se a elle, se permite, q^o seja o Estillo medio. A Lingoagem seja pura, e castigada, evitando-se Frazes, e Expressoens, q^o lhe saõ estranhas. [...]

Siga-se a Orthografia mais co~mu~mente recebida; isto he, a q^o se vê practicada nos Escritos de Brito, Souza, e Vieira.

²¹⁰ Para a noção de 'natural' vid. Pedro Calafate (1994: 13), já citado noutro lugar deste trabalho (§ I.4.2.).

Metodologicamente, a obra coloca-se na esteira do proposto de maneira geral pelas academias europeias, seguindo um dos preceitos que costumam aparecer em todas as instituições ilustradas (já sucedia também na Arcádia, por exemplo, e sucederá na Academia), que é a prescrição do trabalho corporativo. assim o explicita nas linhas que encabeçam o índice da *Collecção*:

naõ duvido achar em todos os q^e aceitarem o meu Convite; por dispozição necessaria a huma tal empresa a docilidade de Coração, e a rectidão de Juizo, para *serem alternativamente Censores, e Censurados* a fim de q^e possa apparecer sem vergonha *ao Publico instruido* esta Obra

b) No trecho citado encontramos outra das características que do nosso ponto de vista marcam a orientação da obra: a procura de um público formado. Igual que veremos ao analisarmos a tragédia *Osmia* da Condessa de Vimieiro, esta obra do Conde não procura uma grande divulgação, mas, bem ao contrário, é produzida pensando nos próprios pares do Conde e dos outros membros da sociedade. Não se trata, pois, de uma obra mais ou menos popular, como outras de que temos notícia através das páginas da *Gazeta de Lisboa*, que pretendiam preencher uma necessidade cada vez maior de aceder por parte das camadas mais baixas das classes médias a uma “cultura geral”, mas de uma obra de consulta destinada a circular entre os elementos do campo intelectual, reforçando a ideia, já exposta acima, de que este projecto procurava a consolidação de um determinado sector deste campo como o que detinha a legitimidade não só para estabelecer os critérios de formação do cânone, mas também para elaborar os textos científicos. Não seria talvez excessivo supor que mais uma vez nos encontramos frente aos intentos de um membro da primeira nobreza por reivindicar os seus capitais frente a instituições cada vez mais importantes na formação dos quadros mais altos tanto do campo intelectual como do campo do poder, como é, sobretudo, a Universidade.

c) Finalmente, parece-nos a característica fundamental não apenas desta obra, mas da actuação geral tanto do Conde como da Condessa e do resto do grupo que pouco depois fundará a Academia, a invocação do patriotismo como o guia das suas actuações, o que, em palavras de Sancho de Faro, lemos como «Devendo animar-nos o Zello, e o Amor da Patria». Esta ideia do patriotismo, constantemente repetida também nas cartas de Teresa de Mello Breyner, entendemos que tem a ver com os problemas identitários que ainda arrasta Portugal depois da restauração da casa de Bragança e da independência a respeito da Espanha, sobretudo, com o interesse da primeira nobreza

por mostrar que os seus interesses nom som de pura ambiçom pessoal, mas movidos polo que consideram um princípio ético inseparável da sua classe. Isto tem a ver, por suposto, com a sua própria reivindicaçom como elementos fundamentais para a estabilidade da monarquia, pois só um grupo que se move de forma desinteressada pode manter a lealdade à coroa em qualquer circunstância, o que se opom, evidentemente, aos que ainda se consideram interesses espúrios (ou seja, económicos) que supostamente movem as classes médias.

Em conclusom, a revisom deste texto de Sancho de Faro contribuirá para esclarecer tanto as actuaçons da Condessa de Vimieiro, como a orientaçom ideológica da Academia, de que falaremos nas seguintes linhas.

A ambigüidade do período político e social que se vive em Portugal no último quartel do século XVIII e que vive, mais concretamente a primeira nobreza, cujo papel na Corte e na governaçom do estado é redefinido por grupos alheios à sua própria classe, condicionam a pouca precisom com que, por vezes, conseguimos desenhar as linhas e os grupos ideológicos em confronto.

Sancho de Faro reivindica a sua própria classe social como legítima detentora de capital cultural e simbólico frente a outras instituiçons que cada vez com mais força se arrogam (porque lhes é reconhecido este direito por todos os sectores sociais em jogo) a capacidade de sancionar estes capitais, mas isto nom deve ser interpretado como um confronto directo da primeira nobreza contra a universidade ou contra as classes médias que beneficiam deste novo processo, bem ao contrário: as próprias casas que estão por trás do projecto de que falamos tentam homologar os seus capitais através da Universidade e, para além disto, vimos que o Conde de Vimieiro inclui umha boa percentagem de membros da Universidade na sua sociedade, colocando-os quantitativamente por cima dos procedentes da nobreza.

Assistimos a um processo (geral na Europa) polo qual o sistema de governo se redefine de forma rápida e inexorável, condicionando a perda por parte na primeira nobreza dos privilégios que lhe tinham correspondido durante o Antigo Regime. Ante esta situaçom, a burguesia (particularmente desde França) promove determinados repertórios que redundam no seu beneficio, mas que nom som vistos necessariamente a esta luz por todos os elementos do campo. Ideias como a educaçom popular, a igualaçom das pessoas através do reconhecimento objectivo dos seus merecimentos ou a reduçom dos privilégios som vistos como elementos de “modernidade” e determinada

nobreza ilustrada, que pretende colocar-se na vanguarda do campo intelectual, assume como próprios muitos destes elementos repertoriais, provocando as aparentes incoerências que assinalamos aqui e que assinalaremos mais adiante em relação com outros aspectos da trajectória e das intervenções no campo da Condessa de Vimieiro.

A seguir veremos as que nos parecem algumas das circunstâncias fundamentais da fundação da Academia das Ciências de Lisboa, e tentaremos precisar o papel que, em nossa opinião, deve ser atribuído a Teresa de Mello Breyner neste processo.

III.1.3.3. A fundação da ACL

Como é bem sabido, a ACL funda-se quando chega a Lisboa o Duque de Lafões, que durante o seu périplo europeu tinha chegado a fazer parte de instituições prestigiosas como a *Royal Society*, modelo que pretendia trasladar a Portugal. Ao lado de Lafões encontramos o Abade Correia da Serra, também formado na Europa, concretamente na Itália, onde tinha vivido «desde criança [...] e somente regressara a Portugal quase a par do duque de Lafões» (Carvalho, 1996: 439).

Em Dezembro de 1779 os Estatutos da Academia foram aprovados por D. Maria, ficando assim instituída a Academia das Ciências de Lisboa, e a 4 de Julho de 1780²¹¹ a instituição assume um carácter público ao anunciar-se a sua criação na *Gazeta de Lisboa*²¹². O primeiro objectivo da Academia era a promoção da

²¹¹ Esta data é fornecida por Domingues (1994: 130), segundo quem se dá «erradamente os dias 1 e 5 de Julho para a abertura [da ACL]. A data que indicamos é avalizada pelo livro das *Actas das assembleas*, fl. 8v, bem como pelo original manuscrito».

²¹² Oferecemos a seguir o texto publicado na *Gazeta de Lisboa* (n.º 5, 1 Fevereiro 1780, p. [4]; itálicos no original):

«Tendo convindo varias pessoas de letras na idéa de formarem huma Academia de Sciencias, como todas as outras Nações Europeas tem já feito, foi S. M. servida dar para hum fim tão util, o seu Real Beneplacito, por Aviso de 24 de Dezembro, S. M. se dignou ao mesmo tempo honrar a nova Academia, concedendolhe para o seu uso as casas, que, em outro tempo, tinham servido á Junta dos Tres Estados no Real Palacio das Necessidades.

Este novo Corpo literario, sendo unicamente dirigido ao adiantamento das Sciencias, e da Industria, não tem outra divisão de Socios, senão a que nasce dos deferentes grãos de trabalho, a que se obriga para o desempenho dos fins, que a Academia se propõe. Além de doze Personagens da maior consideração, que honrão a Academia, ajudando-a, e favorecendo os seus estudos, e que tem o titulo de Honorarios, he ella composta de Socios Effectivos, que se obrigão a hum trabalho constante, e regular: de Socios Supernumerarios, que se obrigão a ajudar os antecedentes: e Socios Livres, que não se sujeitando a

investigação científica, afastando-se, portanto, das academias literárias do século anterior, entre elas a Arcádia Lusitana. A diferença entre Arcádia e Academia estabelece-se já no próprio nome, pois como indica Massaud Moisés (1973: 37): «a Arcádia seria uma das suas modalidades [das agremiações literárias], identificada por seu carácter poético, ao passo que as academias se destinavam a discutir matéria historiográfica, científica, filosófica, além da literária».

Este pormenor está a indicar já umha diferença ideológica fundamental (o que nom significa que nom poda um mesmo produtor relacionar-se com umhas e com outras), já que, enquanto os árcades podiam associar-se esteticamente com um movimento poético concreto, os académicos exploram a filosofia ilustrada em todos os âmbitos: histórico, lingüístico, científico, educativo, etc. priorizando mesmo estes aspectos frente ao literário ou estético. Outra das diferenças estará na forte adesom, como vimos acima, da Arcádia ao modelo pombalino, enquanto a ACL nom pode ser entendida se nom é como um veículo para canalizar as propostas de um grupo próximo da Rainha para que estas cheguem à Corte.

Desde o momento da sua fundação a Academia das Ciências assumiu um programa integral fincado nos princípios do Racionalismo e das Luzes, com intençom de aplicá-lo em todos os campos da sociedade, incluída a ficçom literária, baseando-se no critério de utilidade pública. O seu lema, tirado de umha fábula de Fedro²¹³, era claro a este respeito: *nisi utile est quod facimus stulta est gloria*. O sentido desta divisa, ajudará também a compreender o posicionamento de alguns dos promotores da Academia, como Lafões ou Mello Breyner, que postergam a produçom e a participaçom mais visível no campo intelectual em favor do trabalho de criaçom de instituições, que

trabalho algum regular, communicaráo [sic] com tudo as suas luzes á Academia, e contribuiráo [sic] com hum leve somma para os indispensaveis gastos della. Vinte e quatro são os effectivos: quasi igual he o número dos Supernumerarios: e cem os Livres, que não serão os unicos que contriubirão, pois muitos das outras Classes por sua vontade se tem assignado para contribuir. Além destes a Academia admite ao seu corpo doze Estrangeiros insignes pela sua sabedoria: e terá no Reino, nas Conquistas, e nos Paizes estrangeiros varios correspondentes para a poderem informar das observações, e descubertas, que ses forem fazendo. Nos negocios literarios sómente votão os Effectivos: mas nas eleições do Presidente, e mais cargos, assim os Honorarios, como os Effectivos, Supernumerarios, e Livres, tem igual voto, e nos assentos não haverá a menor differença.

Os objectos, em que a nova Academia deve occupar-se, são, as Sciencias Fysicas, e Mathematicas, e sobre tudo a applicação destas á Agricultura, ás Artes, e á Industria popular: e ajuntará a estudos tão uteis o da nossa Lingua, da nossa Poesia, e da nossa Historia: para o que dará principio a huma Biblioteca, e Museu nacional.

As tres classes, de que a Academia se compõe, que são: 1.º a das Sciencias de Observação: 2.º Sciencias de Cálculo: 3.º Literatura *Portuguesa*, darão todos os annos premios para os pontos, que se julgarem mais proprios para o adiantamento das Sciencias, para despertar os engenhos, e corresponder ás beneficas intenções, com que a nossa Augusta Soberana se digna proteger as Sciencias, que farão o seu Reinado illustre na memoria de todos, e nos seculos vindouros».

²¹³Fedro, *Fabulas*, III, 12, 17.

depois se encarregarão da produção, publicação e divulgação de textos. A repararmos na relação de edições da Academia, não encontraremos um só título assinado pelo seu Presidente João Carlos de Bragança, o Conde ou a Condessa de Vimieiro ou inclusive Correia da Serra²¹⁴, o que indica que a “utilidade à república”, em forma, neste caso de fabricação e divulgação de ideias, é colocado por diante da promoção dos nomes concretos das pessoas que respaldam a ACL.

O projecto da Academia contemplava tanto a aplicação do racionalismo à agricultura ou à geografia, como a continuação do processo de regeneração do teatro português que começara mais de 20 anos atrás com a Arcádia Lusitana. Em palavras de Fidelino Figueiredo (1916: 102),

a Academia não se limitou a fazer progredir com activa diligencia os estudos intellectuaes, mas ainda, supprindo associações de agricultura e de fomento, de propaganda vulgarizadora e até de philantropia, pôs a concurso memorias sobre assumptos de immediata utilidade pratica, distribuiu sementes e instrucções aos lavradores, premiou os agricultores mais activos, promoveu no tempo de miseria e doença a assistencia medica²¹⁵.

Nos estatutos por que se rege a Academia de Ciências (1780: 3) que esta se fundou para «gloria e felicidade publica, para adiantamento de Instrução Nacional, perfeição das Sciencias e das Artes e augmento da industria popular». Para alcançar estes objectivos divide-se a Academia em duas classes. Os académicos da primeira «indaga[r]ão²¹⁶ a qualidade, leis, e propriedades dos corpos por meio da observação e analyse, os effeitos e novas propriedades que resultão da combinação de huns com outros, e o *como* e *porque* dos Fenomenos naturaes» (ACL, 1780: 3-4), e a ela pertence o estudo da meteorologia, a química, a anatomia, a botânica, e a história natural. Para a segunda classe «ficará [...] o *quanto* delles [dos fenómenos naturais], e as relações e propriedades da grandeza, tanto em geral como em particular». Pertencem a esta classe a Aritmética, a Álgebra, a Geometria, a Mecânica, a Astronomia, etc.» (ACL, 1780: 4). Finalmente, e sempre segundo os estatutos originaes (ACL, 1780: 4), «as Bellas Letras, por serem huma parte indispensável da Instrução Nacional, farão a terceira Classe, a qual se deverá applicar particularmente aos varios ramos da Literatura Portugueza».

²¹⁴ Como é sabido, a Academia publicou vários volumes sob a responsabilidade do Abade, mas tratava-se em todos os casos de edições de textos, como *Collecção de livros ineditos da historia portuguesa dos reinados de D. Affonso V, a D. João II...* (Lisboa : Academia Real das Sciencias, 1790-1793).

²¹⁵ Repare-se na similitude destas actividades da ACL com as que, como assinalamos acima, desenvolvia Sancho de Faro na sua jurisdição do Vimieiro.

²¹⁶ O texto original está ligeiramente deteriorado, o que impede a leitura exacta da palavra.

Chamamos a atenção para a intenção explícita de promover a «Instrução Nacional» e a «indústria popular», porque, implica um interesse por parte dos académicos que vai mui além da promoção de modelos científicos ilustrados, colocando entre os seus objectivos prioritários a criação de uma série de infraestruturas como a educativa ou a fabril que, neste momento, não eram necessariamente competência da coroa. A Academia, com esta iniciativa, pretende liderar um processo de modernização do país, sendo ela quem propunha os sectores estratégicos em que se deve actuar, e os modos de actuação necessários.

Nestes sectores, inclui-se também a “classe de Belas Letras”. Esta “terceira classe”, embora estivesse já indicada nos estatutos de 1780 e recolhida na nota publicada pela *Gazeta de Lisboa* em Fevereiro desse mesmo ano, não é definida com pormenor até 1792, data em que se publicam as primeiras *Memorias de litteratura*²¹⁷. Interessa-nos aqui ver a funcionalidade que os académicos atribuem aos estudos literários, que são expressamente destinados a “fomentar o amor da Patria” fazendo parte também daqueles âmbitos de actuação que a ACL define como prioritários para alcançar a «glória e a felicidade pública»²¹⁸ (ACL, 1792, vol. I: 8, itálicos nossos):

O muito, que materias tão nossas devem interessar-nos, o proveito, que da sua perfeição se nos segue, e o desejo de *fomentar o amor da Patria, que se a todas as nações he util, he na nossa pequenez necessario*, são as causas, que movêrão a Academia a colligir as Memorias sobre este assumpto, em hum corpo separado, a que este volume dá principio.

No *Plano de estatutos*, para além da felicidade pública, eram invocados (no mesmo lugar) o «zelo e Amor da Patria» como motores da criação desta nova instituição, o que indica que, do ponto de vista dos seus fundadores, eram a indústria, a educação, as ciências naturais, a matemática e aquelas disciplinas científicas com maior aplicação para o desenvolvimento tanto da navegação como da indústria (a Geometria, a Astronomia, a Geologia, etc.), as que deviam ser priorizadas para o desenvolvimento económico e social de Portugal; e, ao lado destas, coloca-se a literatura -por diante, por exemplo, das artes plásticas e figurativas ou da música- como elemento fundamental para a construção de uma identidade nacional portuguesa.

Para cobrirem as suas aspirações pedagógicas, os académicos oferecem a possibilidade (Aragão, 1822: 24) de receber como alunos alguns «moços nobres, de

²¹⁷ Remetemos para a epígrafe I.2.2.1. para maior pormenor a este respeito.

²¹⁸ ACL, 1780: 3.

doze annos para cima, cuja direcção nos Estudos haja de tomar com grande empenho à sua conta [a Academia], fazendo-os assistir para este fim ás Sessões que lhe parecer, e excitando entre elles a emulação e gosto para as Sciencias, e para o estudo». Com o mesmo fim fôrão-se formando umha comissom permanente de Indústria, um Museu de História Natural, um observatório astronómico, um laboratório químico e um gabinete de Física.

A Academia serviu-se da publicação de numerosos trabalhos –alguns, dos seus sócios ou correspondentes-²¹⁹ para estender as práticas científicas e, desde 1781, da convocatória periódica de prémios de investigação. As bases e objectivos destes prémios aparecem pormenorizadas nos estatutos no Título XXI «Das Memorias que concorrem aos Premios da Academia» (Aragão, 1822: 60): «O fim por que se estabelecêrão os premios não foi só para adquirir notícias, e adiantar as Sciencias pelo que pertence aos pontos propostos; mas tambem para excitar a emulação, e espertar os engenhos nacionaes para o estudo profundo das Sciencias uteis». Estes prémios estavam destinados a todas as pessoas «de qualquer condição, sexo, ou Nação», sempre e quando nom fossem sócios da Academia, e consistiam numha medalha de ouro de 50.000 réis (Aragão, 1822: 61). Repare-se em que, apesar de a Academia nom ter, oficialmente, sócias, nos seus estatutos está recolhido, de maneira expressa, um programa que reconhece a igualdade intelectual entre homens e mulheres, legitimando assim publicamente as atitudes de determinadas mulheres situadas no seu entorno, como a própria Condessa de Vimieiro.

As memórias deviam ser apresentadas de forma anónima e redigidas em português, latim «ou em qualquer das lingoas da Europa mais geralmente conhecidas, sendo os seus autores estrangeiros» (Aragão, 1822: 62), manifestando deste modo a ambição cosmopolita da Academia e dos seus sócios, profundamente ligada aos próprios alicerces ideológicos da Ilustração e às práticas sociais de ilustrados portugueses como Lafões, Leonor de Almeida ou Teresa de Mello Breyner.

As memórias deviam estar sujeitas aos princípios filosóficos da própria Academia por imposição nas bases da convocatória (Aragão, 1822: 63):

²¹⁹ Alguns destes trabalhos científicos aparecem nas recensões da *Gazeta de Lisboa* e do *Jornal Encyclopédico*. Entre eles podemos citar aqui os seguintes: José Maria Dantas (1789): *Ephemerides; Memorias d'Agricultura, premiadas pela Academia em 1787 e 1788*; Josepho Ferreira (1789): *Elementa juris emphytenta; Memorias economicas* no ano 1790; José Correa da Serra (1790): *Collecção de livros ineditos de historia portuguesa*; José Anastasio de Figueiredo (1791): *Synopsis Chronologica de Subsidios*; Dr. Vicente Coelho de Seabra Silva Telles (1792): *Memoria sobre o methodo de curar a ferrugem das Oliveiras*; Conde Leopold Brechtold (1792): *Ensaio de varios meios, com que se intenta salvar e conservar a vida dos homens*; Custodio Gomes de Villas-Boas (1792): *Efemerides nauticas [...] para o anno 1793*; *Diccionario da lingua portuguesa*, publicado em 1793

Como a verdade he o objecto principal dos trabalhos da Sociedade; as Memorias que pretenderem ser coroadas por ella, devem ter hum estilo e hum modo de pensar conveniente á sublime singeleza da mesma verdade; nenhuma exageração, nenhuma declamação, nenhuma hypotesi mal fundada ou discurso vago poderá em tempo algum ser bem acceito á Academia; antes esta pelo contrario estimará ver sempre a observação e a experiencia serem a base dos discursos sobre a Natureza, e os documentos e antiguidades serem o apoio das Dissertações Literarias.

Estas exigências conformam um autêntico programa para aplicar o Racionalismo e o método científico prescindindo daqueles juízos que nom pudessem ser confirmados pola ciência, levando isto mesmo à redacção dos trabalhos, que devia ser sóbria e clara.

A Academia chegou a alcançar umha posição de destaque no campo intelectual português das últimas décadas do século XVIII, e nom só dispunha de «a Officina Typografica, a Livraria, o Gabinete de Fysica, o Medalheiro, o Laboratorio, e o Museo» (Aragão, 1822: 34) na sua própria sede²²⁰, senom que ademais gozou da protecção da Rainha –daí o título de Real Academia desde 1783- e já em 1781 desfrutava de vários privilégios reais como a publicação do «Mappa Civil e Literario» ou *Almanaque*, a administração do Museu Mainense²²¹, a entrada livre na Torre do Tombo de todos os seus sócios (Aragão, 1822: 72-73), ou o financiamento, desde 1783, através da lotaria da Santa Casa da Misericórdia²²²

²²⁰ A Academia ao longo da sua história mudou até oito vezes de local até ocupar o actual do convento de Jesus, na Rua da Academia das Ciências. No momento da sua fundação, instalou-se nuns salons emprestados no Palácio das Necessidades, que fôrom abandonados em 1791 ou 92 para trasladar-se ao «antigo palácio situado na Rua do Poço dos negros com esquina para o Beco do Carrasco» (Carvalho, 1996: 454). Ao pouco tempo, e durante os anos 1795 a 1798, os académicos fôrom ocupando «o palácio de Alexandre de Sousa Holstein [...] situado na Calçada do Combro, com esquina para a Rua do Século, conhecido por palácio do monteiro-mór e também dos condes de Castro Marim» (Carvalho, 1996: 473), para acabarem o século (1800) no palácio dos Sobrais, no largo do Calhariz. Em 1823, a Academia foi transferida para o colégio da Estrela, pertencente aos beneditinos, e em 1832 «para o palácio dos Lumiares, sito no então existente Passeio Público, na zona da actual Praça dos Restauradores» (Carvalho, 1996: 478). No ano seguinte, depois dumha mudança frustrada ao mosteiro de S. Vicente, que nom chegou a ser ultimada, a Academia encontrou assento definitivo no convento de Jesus.

²²¹ José Mayne, franciscano da Congregação da Terceira Ordem da Penitência e sócio da Academia das Ciências de Lisboa, reuniu como Geral da Congregação (desde 1780) umha livraria e um museu dedicados ao estudo da Física, e chegou a abrir no convento umha cadeira de História Natural. À sua morte, em 1792, preocupado pola conservação da colecção, deixou a administração do seu legado em maos da Academia.

²²² Assim o recolhe José Silvestre Ribeiro (1871-1914: 57, vol. II) na sua *Historia dos estabelecimentos scientificos litterarios e artisticos de Portugal nos successivos reinados da monarchia*: «pelo decreto de 18 de novembro de 1783, foi concedida á Santa Casa da Misericordia de Lisboa a necessaria faculdade, para *celebrar em cada anno*, em quanto a soberana não mandasse o contrario, e a causa publica o permittisse, *uma loteria de capital de trezentos e sessenta mil cruzados*.

O acto do pagamento dos premios, devia abater-se doze por cento da sua importancia, e dividir-se este lucro em tres partes eguaes, das quaes, deduzidas as despesas, seria uma applicada para o Hospital Real de S. José da cidade de Lisboa; outra para a Real Casa dos Expostos da mesma cidade; e outra para as *despesas da Academia das Sciencias que se acha estabelecida na referida cidade de Lisboa*».

Segundo podemos saber através de diferentes testemunhos a fundação da ACL foi mui bem recebida em determinados sectores da Corte. Christovam Ayres publicou em 1927 um interessantíssimo volume intitulado *Para a história da Academia das Sciências de Lisboa* que recolhe, entre outra documentação umha «Collecção de Cartas do Ex.^{mo} Snr. Visconde de Barbacena e Snr. Ab. Corrêa da Serra dirigidas ao Snr. Domingos Vandelli» (Ayres, 1927: 50-94), onde podemos ler, numha carta escrita provavelmente em 1781 e dirigida polo Visconde a Vandelli, a afirmação do primeiro segundo a qual «a Corte está muito a nosso favor». Esta mesma ideia podemos-la recolher também em muitas ocasiões nas cartas de Teresa de Mello Breyner à Condessa de Oyenhausen.

O reinado de D. Maria, portanto, deveu de ser visto entre determinados sectores ilustrados como o momento propício para a criação de sociedades como a Academia, e assim o indica novamente o Visconde (Ayres, 1927: 51-52):

Srn. D.^{or} Vandelli.- Fallemos agora na nossa Sociedade, cujo projecto dezejo por em execução: tenho já convidado alguns Socios, e temos com que principiar, só não tenho assentado no modo, porque heide dar parte d'ella no Ministerio; no meio de minhas dilligencias soube, que o Corregidor de Vianna, e algumas Pessoas pincipaes d'esta Villa, intentão formar huma semelhante Sociedade; e tem já feito hum requerimento á Rainha pedindo o seu consentimento, e approvação o qual não despachou ainda e está encarregado a hum homem de negocio, que me dizem ser muito bem instruido, e que poderá melhor informar-me de tudo. &. [...] -Lx^a 20 de Março²²³.

A primeira referência à fundação da ACL nas cartas da Condessa de Vimieiro encontramos-na quase um ano depois da fundação desta em “Lx^a 19 de Novembro de 1780”. Neste texto encontramos vários elementos de grande interesse para compreender tanto a posição e a função da instituição e dos seus membros –particularmente dos Vimieiro- como as polémicas reacções que a sua fundação desencadeou.

Que la Patrie est douce pour une ame bien née! Tu o dizes, e eu aprovo, pois que o bem desta querida Patria, a gloria da bella soberanna q a domina, seria capaz de me fazer esquecer de mim, p.^a contribuir p.^a uma, e otra coiza, se de tanto fora capaz o meu talento. com tudo, se os meus negocios tomaram a boa face que a justissa lhes promete, serei eu, comeu [sic] conde q.^m com todas as nossas forças, procuremos a proveitar as Luzes, que a Nova Academia vai derramando, às mãos cheias sobre uma nação apta p.^a todo bem. O zelo incançavel do Nosso *Duque*, faz, comq de nada valhaõ os insulsos epigramas de certos ignorantes, que não tem força p.^a se levantarem do seu lodo, nem constancia p.^a ver caminhar por seguras veredas os seus compatriotas. E o benigno acolhimento, que todas as suas acções encontraõ em sua Mag.^{de}

²²³ A carta nom indica o ano da data, mas Ayres coloca-a precedendo outra datada a 27 de Março de 1779 em que se alude a algum dos assuntos tratados nesta outra de 20 de Março.

deformaõ as cabalas *Do Conde Bento Antonio com bigodes*²²⁴. Quarta feira se fez uma linda ceçaõ. A classe economica será certam.^{te} a que sobresaia, porq as indagações impor.^{tes} sobre o Reyno da Natureza nos vaõ descobrindo mil tesoiros, ou desconhecidos, ou desprezados ate agora; e que prosperaõ pelo meio da inndustria e a Epoca de Maria primr.^a, será certam.^{te} uma das brilhantes da nossa historia, se prosperar a Academia. Naõ he possivel que eu te fassa os extractos das memorias, tem paciencia até o fim do anno, e chegar-te ha tudo com as graças da novid.^{de} Na classe de Leteratura; naõ se dorme: ha huma deputação que trab.^a em um Dictionario [sic] de Lingoa, procurandosse nelle a precisaõ, a clareza, e verd.^e Figos, e Azevedos, tem dado duas lindas memorias sobre a Poezia. O Primeiro tratou da Bocolica; o segundo da Dythyrambica. Tu podes julgar se estas coizas me entereçaõ, sendo aquelas a que o meu genio / como eu dizia o otro dia a Duque [sic]/se tem volcado dez de os meus primr.^{os} annos. Vamos a fazer uma subsriçaõ de q elle he o motor p.^a se fundar uma escolla de dezenho, de pintura e de esculptura. Todas as Damas q manejamos o Lapis assignaremos; ao menos eu porei o meu nome ainda, que a mais fraca curioza desta arte Divina. O genio, e o zelo me valem por todo o otro merecim.^{to} o plano talvez se trasse sobre a minha menza; e os premios p.^a as obras que se coroarem he provavel que saiaõ da bolça de uma tua amiga emquanto a velhesse ou a morte lhe naõ tirar a faculd.^e de discorrer. Qu'il est agreable de se preter au bièn! Dos nossos socios ha algum que está já na letra *E* otros vaõ mais de vagar: he preciso sofrêlos; porq um particular naõ pode animar as coizas como um soberano. Fallamos, instamos; mas devemos esperar que o seu brio possa mais que a nossa persuaçaõ.

A Condessa parece confirmar com as suas palavras neste longo trecho seleccionado que o apoio a D. Maria é umha das chaves ideológicas e estratégicas da ACL, chegando a vincular de maneira explícita o sucesso da Rainha no governo com o sucesso da Academia –“a Epoca de Maria primr.^a, será certam.^{te} uma das brilhantes da nossa historia, se prosperar a Academia”. Por outro lado, a Condessa explicita também nom apenas que existe polémica pola fundaçom da Academia, mas também que esta polémica se traslada ao Paço, pondo determinados sectores em questom que a nova instituiçom goze da protecçom régia que alegam e ostentam os seus membros. Este trecho, ainda, insiste no alto conceito que o grupo responsável da Academia tem de si mesmo, o que, veremos mais adiante, contribui, em nossa opiniom, para aumentar a polémica sobre a sua posiçom e funçom. Finalmente, chamamos a atençom para um outro facto significativo que nos parece tem umha importância capital para entender o papel de Teresa de Mello Breyner e talvez de outras mulheres que nom temos podido

²²⁴ Lima, Alexandre António de (1752): *Bentêida, ou novo [sic] metamorfose: poema joco-heroico/ Andronio Meliante Laxaed*; Constantinopla: Off. Bigodina. 1 v.: Recordam-se nelle as acçoens do grande Bento Antonio em quanto homem offerecido a elle em quanto mulher, na pessoa da senhora Dona Benta assafata ad honorem noves fôra [sic] os bigodes.

Existe um Bento António de Sampaio (1730-1793), pai de José Joaquim Gerardo de Sampaio, que foi 1º Conde de Laborim, e um Bento António de Menezes de Saldanha e Sousa (n. 1738), casado com Leonor Josefa Francisca Antónia de Saldanha, 5ª Condessa da Ponte.

identificar, na fundação e posterior funcionamento da Academia, e é a referência ao papel das damas na organização de prémios e bolsas, pois, nom se perda de vista, a Academia, embora nom o proibisse explicitamente, nom admitia mulheres entre as suas sócias e, segundo as afirmações de Mello Breyner, até a presença destas nas sessões da ACL provocava polémicas em Lisboa.

A ACL tivo, portanto, os seus detractores, tal e como confirmam as cartas trocadas entre os sócios. assim, di Barbacena a Vandelli (Ayres, 1927: 52):

Tenho em meu poder algumas memorias, ou ensaios de algumas das Sociedades Espanholas, que me tem servido, e hão de servir de muito; e tenho, como dezeja V. S.^a alguns Socios tambem já de boa escolha, e assim todo o principal trabalho me parece estar prompto, porem confesso a V. S.^a que com tudo isto sinto dentro em mim huma tal frieza cauzada não sei se pelo estado das couzas, se pelas poucas luzes da Nação, sobre as materias, que fazem o nosso objecto, que me não tenho animado a por-lhe a ultima mão. Queira V. S.^a &.- Lx^a 27 de Março de 1779.

Mas apesar da oposição, os primeiros tempos da ACL, tal e como víamos no trecho da Condessa de Vimieiro citado acima, som de optimismo por parte dos sócios, tal e como revelam estas outras palavras de Barbacena a Vandelli (Ayres, 1927: 501):

Snr. D.^{or} Vandelli.- Tenho o gosto de dizer a V. S.^a q' tudo o q' pertendiamos p.^a a Academia está conseguido: A Rainha approvou o nosso projecto por hum Aviso do Secretario d'Estado, o q.^{al} se nos entregou já, e nos dá cazas no Palacio das Necessidades, com o q' estamos contentes. [...]. Amanhã nos ajuntaremos provavelm.^{te} em caza do Duque p.^a prepararmos e resolvermos particularm.^{te} os primeiros negocios, q' depois haõ de ser aprovados n'huã Assembleia particular de todos os Socios Actuaes; sendo o principal motivo a escolha de mais alguns socios [...] (1 Janeiro de 1780).- *Visconde de Barbacena*.

Na mesma linha de optimismo encontramos outros depoimentos da Condessa que anuncia com entusiasmo a Leonor de Almeida –e nom perdamos de vista as potencialidades “publicitárias” que estes anúncios tinham, pois as informações que chegavam a Viena por via epistolar eram compartidas ali pola Condessa de Oyenhausen com os diferentes elementos da sua roda de relações- as primeiras produções da ACL:

Na carta, que te acuzo assim, te dava novas do progresso da Academia; foi a provid.^{cia} que esquecesse dizerte que na ultima [conferencia]²²⁵ se tinha lido o plano p.^a uma historia politica da nossa Monarchia, o qual agradou m.^{to} aos intelligentes o que o propoem chamase Antonio Caetano²²⁶/ não me lembra o seu

²²⁵ Entre linhas.

²²⁶ António Caetano do Amaral (1747-1819) é autor das seguintes obras (indicamos o ano da edição ou edições que figuram no catálogo da Portbase) : *Para a história da legislação e costumes de Portugal* (1945), *Memórias para a história do veneravel Arcebispo de Braga D. Fr. Caetano Beirão* (1818, 1847-1867, 1867-68), *Observações sobre as principaes causas da decadência dos portuguezes na Ásia escritas por Diogo do Couto em forma de diálogo com o título de Soldado pratico* (1790), *A monarquia*

apellido/ he mosso de pocos annos; mas de bos estudos. Tem bom estillo excellente lingoagem, e parece q as suas ideias se arranjaõ com destribuiçaõ, e clareza. A classe Economica trabalha, como a de literatura, e o mano D.^{os227/} que tem feito nisto um grande estudo/ dará brevemente um uma memoria sobre a coltura dos pastos, e especialm.^{te} de uma planta de que offerece a semente, a qual poderá utilizar m.^{to} os creadores dos gados. No Dictionario trabalhase com grande activid.^e; assim como em dezenterrar manuscriptos preciozos p.^a se publicarem: teu Pay tem generozam.^{te} aberto o thezoiro dos seus, e na verd.^e dá gosto a consideraçaõ do m.^{to}, que se tem avançado em taõ pocos mezes. tanto he verd.^e que a Nossa Naçaõ naõ he imbecil; um leve impulso sem mais estimulo, que a gloria faz trabalhar gentes q aliaz teriaõ neccid.^e de gastar o tempo em ganhar os meios p.^a viver. Tudo isto clama por um modo mais expressivo, q os rogos, pela immediata Protecçaõ de sua Mag.^{de}, a qual naõ tardará em prestarse, pois q he taõ manifesta a utilid.^e deste estabelescim.^{to} («Lisboa 3 de Dezembro de 1780»)

A preocupação polo atraso é patente já em Dezembro de 1780, três anos antes da concessom à ACL do título de Real. E ainda neste mesmo sentido devemos interpretar as palavras do Abade Correia da Serra mais de um ano antes –a 6 de Maio de 1779- quando escreve a Vandelli (Ayres, 1927: 65): «cá o espero com todo o alvoroço para ver com os meus olhos a neonata Academia, que se tem achado ao seu entrar no mundo sem padrinhos; e sem ama, que lhe desse o leite».

Neste cenário de dúvidas entre o apoio de um sector da Corte e a oposiçom doutro, que nom conseguimos identificar, produz-se a inauguraçom oficial da nova instituiçom, que provoca umha nova polémica. Como prova dos enfrentamentos produzidos no campo intelectual com motivo da fundaçom da Academia devemos levar de conta a polémica suscitada pola oraçom inaugural lida polo Padre Teodoro de Almeida na primeira sessom da academia, e que foi objecto de dura crítica na «Carta que se escreveo ao P. Theodoro de Almeida, sobre a Oraçom que recitou na Abertura da Academia das Sciencias de Lisboa»²²⁸ (Ayres, 1927: 105, itálicos no original)

Eu o presenciei e bem a meu pesar, V. R. mesmo conhecerá a sinceridade com que lhe fallo, se comigo for seria e maduramente reflectindo no que disse. =Graças ao Ceo, que já resuscita Portugal do letargo da ignorancia em que jazia=. Com estas palavras principiou V. R. a sua Oraçom, e com ellas começou em os que lha ouvimos o escandalo, porque perguntavamos a nós mesmos: Que motivo tem agora Portugal para resuscitar do seu letargo? E não o podendo descobrir, nem havendo outro mais que o de ser V. R. a elle restituído do seu degredo e fallar-nos de alto, conhecemos claramente do nosso Orador a vã e

traduzida no original castelhano (1798). Em 1817 fijo parte da comissom nomeada pola Academia das Ciências de Lisboa para avaliar a ediçom de *Os lusíadas* de José Maria de Vasconcelos, também conhecido como o morgado Mateus.

²²⁷ Domingos.

²²⁸ Assinada por “O D.^r que nada lhe escapa”, o seu original, a partir do qual está feita a trascriçom de Cristovão Ayres, encontra-se na Biblioteca Nacional de Lisboa, cod. mss. 8058, fls. 31 a 35.

jactanciosa elevação. Esta nos ferio muito mais os olhos quando V. R. se declarou por testemunha auricular dos espantos que fazem os Estrangeiros quando em os seus Paizes encontram algum Portuguez dotado de luzes olhando para elle, como para hum phenomeno raro surgido do *centro da ignorancia* do Reino de Portugal, que V. R. igualou ao de Marrocos, por que os papeis literarios fazem de hum e outro igual menção.

Ora digame, miseravel e reverendo pecador, como pode articular diante de gente tão estolidado, e absurdo, ou antes petulantissimo desaforo, sem que o sangue, cobrindo-lhe as faces, lhe não soffocasse a voz dentro do peito? O certo he que V. R. ria pouco quando fugio do degredo, em que o poz quem o conhecia a fundo, peregrinou pela Byscaia, a escoria de toda a Espanha, onde o honrarão com a carta de Academico, de que tanto se vangloria; passou a Bayona, a escoria da França, e sómente celebre por ter sido a patria do Abbade de S. Ciran, nella encontrou V. R. hum Bispo, que o hospedou segundo o preceito de huma das Obras de Misericordia; mudou-se o Ministerio de Portugal, e V. R. volta a este Reino e entra nelle não só falto de vista, mas cego de todo. Está V. R. em Portugal e não o vê, cuida que he o mesmo donde sahio e engana-se de todo. Então fazia algum vulto a sua Recreação Filosofica, mas hoje lendo todos aquelles de quem V. R. foi Plagiario, e outros cursos filosoficos mais completos, quem olhará para semelhante obra?

Todas as informações nos conduzem a pensar que o bom acolhimento que as actividades académicas tiveram por parte da Rainha num primeiro momento som devidas às boas relações que esta mantinha com o seu tio Lafões, tal e como parece indicar o seguinte trecho de outra carta de Barbacena recolhida por Cristóvão Ayres (1927: 502):

Snr. D.^{or} Vandelli.- [...] Ahi vae a copia do avizo q' bem vê foi mesquinho, e se não deve mostrar; mas o vir elle assim foi a nossa saude, porq' o Duque tomou a couza a peito, e falou á Rainha q' mandou logo dar [sic] o apartamento do Palacio das Necessidades aonde tinha estado a junta dos tres estados, e hontem á tarde foi o S.^r Visconde de Ponte de Lima a pornos de posse²²⁹.

A visom sobre os anos de fundação da ACL que oferecem as cartas da Condessa de Vimieiro nom é mui diferente à que podemos encontrar nas cartas vistas acima de Correia da Serra e, sobretudo, do Visconde de Barbacena. Num primeiro momento é evidente o entusiasmo perante a ideia de dispor para o seu grupo de umha instituição bem relacionada com a Rainha, dirigida pelo Duque de Lafões e numha posição predominante do campo intelectual português, que tem como objectivo o desenho das políticas que deve seguir a coroa em âmbitos como a planificação da educação, da promoção científica, da dotação de infraestruturas ou das relações internacionais.

²²⁹ Sem data nem indicação por parte de Ayres.

A nossa hipótese -pouco fundamentada ainda pela falta de um trabalho suficientemente amplo e documentado sobre a história da ACL e a trajectória social e política dos seus membros fundadores, assim como das relações destes na Corte- é que a **Academia é criada por um grupo político apoiado em e por D. Maria I, que para além da promoção das ciências, da estética e dos valores da Ilustração, teria como objectivo fundamental a elaboração de propostas para a sua posterior aplicação por parte do governo mariano, quando não a dotação de bases científicas para as iniciativas governamentais**, num momento em que o Estado ainda não tem atribuídas funções de planificação cultural, educativa e de infraestruturas das que se vai ocupando progressivamente ao longo do século seguinte. Ao encontro desta hipótese vêm as palavras de Teresa de Mello Breyner que, em carta datada em « Lisboa 9 de março de 1784», afirma:

tomara ver cultivar o continente; estabelecer a marinha, e começar ao menos nos meus dias a predicar [??] o bellissimo projecto do canal des-[sic] o tejo té guadiana. Projecto calculado exactam.^{te} por deligencia da Academia, e feito com um trab.^o, e uma exactão digna dos talentos do M.^r de Vallare, que, como socio correspondente, tomou assi [sic] este precioso trab.^o Eu dizia ontem no canto do meu gabinete, que se fizesse uma companhia, e que eu entrava nella com o fundo das m.^{as} joyas. bem vez que não he o mesmo q fazer dos dentes mi trailho p.^a deffender Dio.

A criação de importantes infraestruturas de carácter público é decidida no “canto de um gabinete”, daí passa a ser proposta à Academia e a um engenheiro como Valleré, que realizou diferentes obras públicas para o governo mariano, como projecto para a construção da barra de Aveiro em 1788 (Amaral, 1968). Precisamente este projecto oferece-nos uma nova base sobre a qual alicerçar a nossa hipótese, já que em carta datada em Lisboa a 11 de Dezembro de 1780 oito anos antes da encomenda do projecto ao engenheiro francês, podemos ler:

Para a semana teremos ceção Academica; isso enteressame m.^{to}, e me dara materia p.^a te divertir notra carta. Cuidase de se dezentopir [sic] a barra d'Aveiro e dezalagar algumas das terras vizinhas ao rio, e acrescentar a navegação deste por meio de varias communicações. Eu me informarei m.^{or} p.^a to comunicar [o projecto] Eu tinha visto ha seis mezes o plano das difficul.^{es}, que se achavaõ p.^a esta operações, e cuidava q se tinha desvanecido o projecto; mas ontem me disse o Bisconde, q os omens tinhaõ partido a trabalhar, ou a dispôr o trab.^o os tais omens são venezianos, e chegaraõ mand.^{os} buscar pela corte, ainda tu estavas cá. Temos tanta neccid.^e desta qualid.^e d'operações, que não podemos ver com idiferença começas; é uma das razões, porq me aborrece [tardar] a concluzaõ do meu negocio, he porque tarda assim a execuçaõ de um projecto do conde p.^a facilitar alguns dos tranzitos da nossa Providencia: fariamos boas coizas,

dandose as mãos elle, e o Duque, ambos com as mesmas ideas, e com igual desenteresse, e amor ao Estado.

O projecto da barra de Aveiro posteriormente assumido pola Rainha e o seu governo é gestado na ACL e por parte de um pequeno grupo dos seus membros²³⁰ que pom em funcionamento as obras antes mesmo de serem encomendadas desde a Corte. Ainda mais, este papel da nobreza ilustrada como dinamizadora das obras públicas e das infraestruturas é assumido como perfeitamente natural, pois a Condessa se lamenta da falta de resolução dos seus assuntos económicos –provavelmente referidos ao dinheiro dos Condes de Vimieiro que estava em poder da coroa, aludido em muitas outras cartas-em funçom, precisamente, da necessidade de dinheiro líquido para assumir essas obras.

O papel fundamental da ACL seria, portanto, para além da promoçom científica e cultural, o suporte teórico (e, portanto, a legitimaçom) do reinado de D. Maria. Se repararmos com atençom nos casos de alguns sócios como o Marquês de Alorna, o Conde de Vimieiro ou o Duque de Lafões veremos que se trata de elementos da grandeza portuguesa reprimidos de diferentes formas polo governo josefino que se vam associar no começo do reinado seguinte com a intençom provável de recuperar o seu poder tanto no campo intelectual como no político. Pense-se que eram, nos três casos, figuras com um elevado capital cultural e, sobretudo nos casos de Lafões e Alorna, com um elevado capital simbólico entre determinados sectores da nobreza que, em certa maneira conseguírom durante o governo pombalino aglutinar ao seu redor a oposiçom a D. José e ao seu ministro.

Para avaliar a oposiçom denunciada polos académicos devemos considerar que, durante o período josefino, existe um amplo sector de ilustrados, que podemos representar na geraçom da Arcádia Lusitana, que pretende capitalizar a introduçom das Luzes em Portugal, utilizando como bandeiras da sua actuaçom a expulsom dos jesuítas, a reforma do ensino, a alegada limitaçom do poder da Igreja Católica, a centralizaçom do poder em maos do Rei, etc., todo isto simbolizado de maneira espectacular na reconstruçom da baixa lisboeta e no poder pombalino. Paralelamente, existe um outro grupo de ilustrados que, por diferentes motivos, som postos de parte durante o reinado de D. José, Alguns destes som, como já foi referido em anteriores occasions, os Vimieiro, os Alorna ou Lafões, entre outros, que criam o seu próprio grupo em torno a figuras de

²³⁰ Para nom perder de vista as estreitas relaçons entre todos os membros deste grupo, lembramos aqui que Louis Antoine de Valleré é o mesmo engenheiro que vários anos antes tinha desenhado o obelisco oferecido por Sancho de Faro à sua esposa.

forte poder simbólico como o Duque de Lafões, Leonor de Almeida, o futuro D. Pedro III ou a ainda naquela altura Princesa do Brasil. Este grupo, como já foi dito, caracteriza-se no político pela sua forte oposição a Pombal e ao seu intento de afastar a primeira nobreza de Corte dos assuntos do governo, e no intelectual pelo seu elitismo, condicionado pela sua formação excepcional dentro do conjunto da nobreza portuguesa setecentista e pelas suas relações com ilustrados europeus.

No momento em que D. Maria ascende ao poder (e não podemos perder de vista aqui o plano que existia para afastar a Rainha e D. Pedro III do trono por parte do grupo de afins a Pombal) o grupo que a apoiava “na oposição” encontra a sua oportunidade para ocupar o centro do sistema. Imediatamente, como vimos acima, regressa Lafões do seu exílio, incorpora-se também Correia da Serra, os Alorna e outros saem das prisões, e organiza-se rapidamente a fundação da ACL. Os promotores e membros da nova Academia colocam-se eles próprios como introdutores das Luzes em Portugal, sem reconhecerem –salvo excepções concretas já vistas– o papel da geração anterior, ou melhor dito, do grupo rival, desvirtuando e até rescrevendo –como veremos ao falar da *Osmia* de Mello Breyner– as obras dos Árcades. Se repararmos nos depoimentos dos académicos durante o período imediatamente anterior à fundação da instituição e até nos primeiros anos de funcionamento desta, veremos que falam de um Portugal abandonado à superstição e à ignorância, afastado da Europa e do grande movimento Ilustrado que se desenvolve noutros países, que só recebe as “Luzes da Ilustração” com a chegada de Lafões ao país e com a fundação da Academia e o desenvolvimento das suas actividades de pesquisa e edição de textos. É fácil perceber como esta atitude vai gerar polémica e oposição em torno da ACL, que é vista pelos partidários do governo anterior (também ilustrados e também preocupados com a regeneração da sociedade, as artes e as ciências em Portugal) como um veículo político para sustentar o governo mariano e como um meio de deslocá-los do centro do sistema.

Existe, portanto, uma luta aberta entre dois grupos políticos pelo centro do campo intelectual e do campo do poder, gerando-se uma explícita oposição à Academia e aos seus promotores por parte de determinados sectores –ainda com presença de alguns dos seus membros em postos de poder– que evidencia, por um lado, o apoio desta instituição à nova Rainha, e, por outro, a oposição de sectores intelectuais e políticos do período anterior aos novos ocupantes do centro do sistema. Para estudar esta hipótese até as suas últimas consequências, será necessário um estudo pormenorizado das trajectórias de todos os membros da ACL durante o período 1750-

1800, assim como dos agentes dos campos intelectual e político que ocupavam posições de destaque durante o reinado de D. José para o mesmo período. Só assim conseguiríamos contrastar as mudanças de posição de cada um destes agentes durante a segunda metade do século, mas nem este é o lugar oportuno, nem, cremos, a falta deste estudo prévio desvirtua as potencialidades de uma hipótese que, em nossa opinião, ajuda a superar os tópicos historiográficos maniqueus que reduzem e simplificam os acontecimentos políticos, sociais e literários dos reinados de D. José e da sua filha D. Maria.

Em relação com esta luta colocamos as dificuldades que se produzem durante os primeiros anos de funcionamento da ACL para chegar até a definitiva protecção real que só se faz efectiva em 1783. Como vimos acima, todo parece indicar que a ACL nasce como suporte ideológico do reinado de D. Maria, tal e como se manifesta em todas as intervenções públicas e privadas dos seus sócios que temos localizado até o momento, o qual, unido às trajetórias de alguns deles que veremos no capítulo a seguir, nos leva a afirmar que a Rainha apoiava, em reciprocidade, a fundação e o funcionamento da nova instituição. Sendo assim, o período de tempo decorrido entre o Natal de 1779 e 1783 apresenta-se como uma incógnita que deve ser despejada e que nos pode ajudar a compreender a função da irrupção da ACL no campo de lutas intelectuais e políticas do último quartel do século XVIII.

Augusto da Silva Carvalho (1948) coloca o conflito político entre Correia da Serra e sectores conservadores da Corte como uma das possíveis causas da má disposição contra a ACL. O que parece claro, à vista das cartas de Teresa de Mello Breyner, é que existem sectores que olham com desconfiança o possível posicionamento ideológico da Academia. Apesar da fuga de Correia da Serra em 1795, não há referências à sua ausência nas Actas da Academia, e as relações de Lafões com a família real não se vêm afectadas. Sugere Carvalho que a fuga pudo ser apoiada por Lafões em benefício da Academia, incluindo uma carta de Correia da Serra a Cenáculo (1782) onde afirma ter sofrido a impressão dos almanaques "surda intriga" (Carvalho, 1948: 20):

É certo que contando apenas com a protecção régia, que à nova instituição valera o título de Real, a licença para importar o papel que precisasse, livre de direitos, a declaração de protectora concedida pela Rainha, as ordens explícitas de abertura sem restrições dos arquivos e cartórios públicos e particulares, a nomeação do Duque para presidente perpétuo, os privilégios de impressão para os livros e a licença de exportá-los livremente para todas as nossas colónias, onde os privilégios valiam como no continente, e a autorização para tratar do

descobrimto das lápides e inscrições que existissem no Reino, com a faculdade de mandar fazer as escavações indispensáveis, e favor supremo, a isenção de censuras oficiais para todas as suas publicações e a concessão do subsídio anual de 4.800.000 réis.

Em definitivo, a Academia das Ciências aparece em 1780 no campo intelectual português promovida por um grupo que tinha sido deslocado da centralidade do campo durante o período anterior, e que, a partir de 1777, contando com o apoio da Rainha e doutros elementos da Corte, pretende não apenas recuperar a centralidade perdida, mas condicionar e dirigir a vida intelectual e política portuguesa. Os objectivos da Academia estão bem delimitados através da sua própria documentação (fundamentalmente o *Plano de estatutos*, a nota de imprensa publicada pela *Gazeta de Lisboa* e as *Memorias de litteratura*):

(a) converter-se na única instituição legítima e legitimadora do campo intelectual português do fim de século, impugnando, desde este lugar, o conceito tradicional de literatura, propondo um conceito completamente novo, e delimitando os âmbitos científicos da “modernidade”, e

(b) dotar de conteúdos o novo governo, tanto no que tem a ver com a planificação cultural como com o desenvolvimento de infraestruturas, terreno este que na altura ainda não era considerado como competência exclusiva da Corte.

As dificuldades de D. Maria para conseguir o reconhecimento da legitimidade do seu governo, colocou a Rainha numa posição de extrema fraqueza que impediu a consolidação de um grupo claramente dominante dentro da Corte. As lutas que isto originou provocaram que a Academia estivesse desde o mesmo momento da sua fundação numa posição difícil, contando com o apoio da Rainha, mas com a oposição de sectores, que não temos podido delimitar com precisão, que obstaculizaram todos os movimentos da nova instituição, desde a dotação de uma sede permanente até à consecução da protecção real.

Ainda assim, particularmente durante os seus primeiros anos de actividade, a ACL conseguiu condicionar a política mariana -embora sem chegar nunca aos extremos pretendidos- e dominar o campo intelectual português através das suas publicações -que não precisavam de censura prévia-, das suas assembleias públicas e das actividades públicas e privadas dos seus sócios, fossem estes de direito, como o Duque de Lafões ou o Conde de Vimieiro, ou “de facto” como a Condessa.

III.1.3.3.1. O papel da Condessa de Vimieiro na fundação e na promoção da ACL –Intervenção para a aceitação de Manuel do Cenáculo como membro da ACL (1781)

Na bibliografia consultada em relação com a ACL não aparece nunca o nome da Condessa de Vimieiro vinculado com a esta instituição, para além do dado conhecido da atribuição do já referido prémio para *Osmia*, mas a documentação por nós utilizada, particularmente a correspondência de Teresa de Mello Breyner tanto com Leonor de Almeida como com o Bispo de Beja Manuel do Cenáculo, oferece uma nova perspectiva que nos leva a redefinir o lugar ocupado por esta mulher em relação tanto com a fundação como com a promoção e o funcionamento da ACL nos seus primeiros anos.

A posição que Mello Breyner adopta nas primeiras cartas endereçadas a Leonor de Almeida imediatamente a seguir à fundação da Academia, colocam-na como uma das promotoras desta instituição. Em carta já citada, datada em Lisboa a 19 de Novembro de 1780, Vimieiro não só envia notícias entusiásticas e de primeira mão para a sua amiga em Viena, mas, como sublinhávamos acima, inclui-se numa primeira pessoa de plural como uma das pessoas que intervinham decisivamente na organização da recém-criada instituição, apontando claramente para a participação de outras «Damas» para além da própria Condessa:

Vamos a fazer uma subscrição de q elle he o motor p.^a se fundar uma escolla de dezenho, de pintura e de esculptura. Todas as Damas q manejamos o Lapis assignaremos; ao menos eu porei o meu nome ainda, que a mais fraca curioza desta arte Divina. O genio, e o zelo me valem por todo o otro merecim.^{to} o plano talvez se trasse sobre a minha menza; e os premios p.^a as obras que se coroarem he provavel que saiaõ da bolça de uma tua amiga enquanto a velhesse ou a morte lhe não tirar a faculd.^e de discorrer («Lx^a 19 de Novembro de 1780», itálicos nossos).

Neste mesmo sentido, interpretamos outro trecho tirado do mesmo lugar em que a Condessa afirma: «Dos *nossos* socios ha algum que está já na letra *E* otros vão mais de vagar: he preciso sofrêlos; porq um particular não pode animar as coizas como um soberano. *Fallamos, instamos*; mas *devemos* esperar que o seu brio possa mais que a *nossa* persuasão». É evidente nos dois fragmentos citados que Mello Breyner se coloca a si própria como um membro mais da instituição, e como uma das pessoas com capacidade de decisão dentro da Academia.

Por se estes indícios sobre a sua participação na fundação da Academia não forem suficientes, ao longo das cartas escritas nestes anos de euforia pela criação deste organismo, a Condessa assume uma posição de promotora dos seus trabalhos, aproveitando a repercussão que as informações enviadas a Leonor de Almeida podiam ter na Corte vienense. Assim, podemos ler inúmeras referências ao envio de informações, cópias de memórias, etc., das quais aqui só oferecemos algumas, nalgum caso já citadas:

«Não he possível que eu te faça os extractos das memórias, tem paciência até o fim do anno, e chegar-te ha tudo com as graças da novid.^{de} («Lx^a 19 de Novembro de 1780»)

Na carta, que te acuzo assim, te dava novas do progresso da Academia; foi a provid.^{cia} que esquecesse dizerte que na ultima [conferencia] se tinha lido o plano p.^a uma historia politica da nossa Monarchia, o qual agradou m.^{to} aos intelligentes o que o propoem chamase Antonio Caetano/ não me lembra o seu apellido/ he mosso de pocos annos; mas de bos estudos. Tem bom estillo excellente lingoagem, e parece q as suas ideias se arranjam com destribuição, e clareza. A classe Economica trabalha, como a de literatura, e o mano D [omingos]/ que tem feito nisto um grande estudo/ dará brevemente um memoria sobre a coltura dos pastos, e especialm.^{te} de uma planta de que offerece a semente, a qual poderá utilizar m.^{to} os creadores dos gados. No Dictionario trabalhase com grande activid.^e; assim como em dezenterrar manuscriptos preciosos p.^a se publicarem: teu Pay tem generozam.^{te} aberto o thezouro dos seus, e na verd.^e dá gosto a consideração do m.^{to}, que se tem avançado em tão pocos mezes. tanto he verd.^e que a Nossa Nação não he imbecil; um leve impulso sem mais estimulo, que a gloria faz trabalhar gentes q aliaz teriaõ nececid.^e de gastar o tempo em ganhar os meios p.^a viver. Tudo isto clama por um modo mais expressivo, q os rogos, pela immediata Protecção de sua Mag.^{de}, a qual não tardará em prestarse, pois q he tão manifesta a utilid.^e deste estabelescim.^{to} («Lisboa 3 de Dezembro de 1780»).

Para a semana teremos ceção Academica; isso enteressame m.^{to}, e me dara materia p.^a te divertir notra carta. Cuidase de se dezentopir [sic] a barra d'Aveiro e dezalagar algumas das terras vizinhas ao rio, e acrescentar a navegação deste por meio de varias communicações. Eu me informarei m.^{or} p.^a to comunicar [o projecto] («Lisboa 11 de Dezembro de 1780»)

A Condessa de Vimieiro assume também o papel de promotora no estrangeiro das actividades da Academia, enviando pontuais notícias sobre os progressos desta, os assuntos que se tratam, os seus objectivos, a opposição que sofre por parte de determinados sectores ou as possibilidades de protecção por parte da Rainha. Novamente, isto só nos pode levar a concluir que a sua intervenção na ACL era activa embora, não estivesse sancionada por um posto de sócia, pois como ela própria afirma ao desculpar a ausência da Condessa de Oyenhausen na Academia, esta opção não

seria bem recebida pola “sociedade”: «se os nossos costumes o permitissem tu certam.^{te} estavas na lista» («Lisboa 31 de Dezembro de 1780»).

Temos ainda um outro indício que aponta para esta intervençom activa de Mello Breyner no funcionamento da Academia: nom temos informaçons suficientes que nos permitam pormenorizar este processo de entrada de Manuel do Cenáculo na Academia em 1781, mas apesar disso, parece-nos que deve ser ao menos assinalado aqui que este foi aparentemente gerido pola sua amiga Teresa de Mello Breyner, tal e como parece desprender-se de umha carta assinada por esta em «Lisboa 26 de Junho de 1781». Neste texto lemos o que segue:

Eu me lizongeara muito de ter parte na Associação de V. Ex.^a se o seu alto Merecimento por si mesmo se não houvera indicado á Academia; porem quando V. Ex.^a assim representa tanto entre os maiorez Sabios, não se fazia preciso q.^e alguém lembrasse á mesma Academia o grande, e venerado Nome de V. Ex.^a; nem ella sem detrimento da sua utilidade, e da sua gloria podia esquecer-se dos sublimes talentos de V. Ex.^a

Esta pequena indicaçom –pois nom temos mensagens prévias nem resposta de Cenáculo a isto- servir-nos-há para indicar brevemente que o papel que a Condessa de Vimieiro devia de desempenhar na Academia tinha que ser com certeza de grande importância, pois é aparentemente a encarregada de gerir o ingresso nela de umha figura da relevância de Manuel do Cenáculo, figura fulcral nos campos intelectual e do poder da segunda metade do século XVIII, que, infelizmente, tem sido insuficientemente estudado no que tem a ver com as suas relaçons nestes dous campos, tendo em conta, sobretudo, o imenso espólio documental que se conserva na Biblioteca Pública de Évora.

III.1.3.3.2. Trajectória social, posiçom e funçom de alguns membros da ACL vinculados com os Condes de Vimieiro:

O conhecimento das trajectórias sociais de, ao menos, todos os sócios fundadores da ACL parece-nos fundamental, por um lado, para compreender a posiçom e a funçom desta nova instituiçom no momento da sua fundaçom e nos primeiros anos de actividade, e, por outro, para contribuir para o desenho dos diferentes grupos que protagonizam a luta nos campos intelectual e do poder no último quartel do século XVIII. Do nosso ponto de vista, este estudo deveria estender-se, ainda, a todos aqueles que fôrom membros até os começos do século XIX, assim como às suas esposas, dado

que temos verificado que, em casos como o dos Condes de Vimieiro, estas podem desenvolver um papel tam activo na Academia como o dos seus maridos. Evidentemente, este seria um estudo de enorme envergadura que nom podemos aspirar a desenvolver no quadro deste trabalho. No entanto, a falta de estudos individualizados ou de conjunto sobre estes agentes do campo levam-nos a fazer aqui umha breve aproximação às trajectórias de alguns deles, escolhidos em função da sua maior relação com Teresa de Mello Breyner.

III.1.3.3.2.1. O Duque de Lafões

Ao longo deste trabalho temo-nos referido ao Duque de Lafões em múltiplas ocasiões pelo papel fundamental desta figura para conhecer a trajectória social e as tomadas de posição da sua amiga Teresa de Mello Breyner. João Carlos de Bragança permanece fora de Portugal durante o governo do seu primo D. José I, e regressa imediatamente depois da morte deste e da consequente queda em desgraça do Primeiro Ministro Pombal²³¹. Já desde o mesmo momento do seu regresso estão em andamento as gestões para a criação da Academia, tal e como mostram as cartas entre o Visconde de Barbacena e o Abade Correia da Serra publicadas por Ayres Cristobam (1927), datadas algumas delas nos primeiros meses do ano 1779.

Tal e como avançámos na epígrafe anterior (III.1.3.3.), existem indícios suficientes para colocar a hipótese de que a Academia tinha como objectivo fundamental, para além da intervenção no campo intelectual, a intervenção directa no campo do poder, sustentando teoricamente ou até propondo as acções levadas a cabo pelo governo de D. Maria. Da nossa perspectiva, e tendo em conta diferentes testemunhos da altura, parece evidente que quem dirigia a orientação política da ACL era o próprio Lafões. As suas possibilidades de contacto directo tanto com D. Maria como com o que era ainda nesta altura o Príncipe do Brasil, D. José²³², são confirmadas

²³¹ As circunstâncias que podem justificar a demora de dous anos desde a morte de D. José até o regresso do Duque foram já expostas acima com algum pormenor.

²³² Nom devemos esquecer que D. José foi o herdeiro do trono português e, portanto, Príncipe do Brasil, até a sua morte em 1788, momento em que foi substituído no título e na linha sucessória por seu irmão, que seria finalmente coroado como D. João VI.

por diferentes depoimentos entre os que pomos em destaque os da Condessa de Vimieiro, do Marquês de Bombelles e de William Beckford.

Em múltiplas ocasiões ao longo da sua correspondência deste período, Teresa de Mello Breyner fai referência ao trato directo do Duque com a Rainha e elogia determinados gestos mais ou menos públicos desta polos quais parece favorecer a posiçom de Lafões:

Eu não posso ver inconveniente em que lhe escrevas [ao Duque], e m.^{to} mais depois de já o teres feito otras vezes. He certo que elle está vivendo m.^{to} retirado, e q mesmo aqui quazi não apparese já, senaõ de passagem. Este retiro he um effeito do seu genio applicado, e tanto mais Philozofico, quanto he bem tratado pelas Peçoas Reais, em cuja prezença sempre he bem vindo («Lisboa 29 de Oitubro de 1781»).

A Manhã são os annos de S. Mag.^{de}: á noite seraõ festejados na Q.^{ta} debaixo com uma serenata, composiçaõ de um dos Rapazes q ElRey defuncto mandou estudar a Italia, e chamado H.^{mo} com esta occasiaõ veste sua Mag.^{de} a pellica [sic], que lhe offereu o Nosso Duque, que he magnifica, e Sua Mag.^{de} fez della grande apreço («Lisboa 16 de De[z].^{bro}»)

Não te sei gabar assaz a falla do Duque, em que já te falei. Elle torna aos banhos: lê, lê, e torna a ler porque p.^a tudo tem tempo; hirá a Mafra não só pelo seu cuid.^o proprio; mas porque a Raynha com a sua costumada afabelid.^e [sic] lhe disse um dia destes fallando da jornada *O Duque não nos hade hir la ver?* («Ahinda jazemos em poder da Ipedemya»).

Ainda, Mello Breyner utiliza a posiçom de privilégio do Duque para defender também umha suposta posiçom de privilégio da instituiçom a que este preside:

O nosso Duque brilhou nesta ultima Academia: fallou do amor da Patria com uma energia, uma sollidez, uma verd.^e de principios que o comum da assembleia lhe deu lagrimas por louvor. Sahiaõlhe as Expreçoens de [sendo]²³³ d'alma: a simplicid.^e do Estillo, a grandeza da materia, a magestade das coizas, q tratou, lhe teve os coraçoens de todos fechados na mão, em q.^{to} recitou. Comque ternura fallou da familia Real, e mais ainda da Raynha! Eu não vi nunca um filho, que fallando de sua May, se mostrasse taõ capaz de ser /se não seu Pay/ ao menos o seu aproyo («Lisboa 6 de Agosto de 82»).

Nos trechos citados vemos como Teresa de Mello Breyner se esforça por transmitir à Condessa de Oyenhausen (e, através dela, às pessoas que com ela convivem em Viena, e ainda às pessoas que em Portugal podam interceptar a sua correspondência) a ideia de que Lafões ocupa desde a sua chegada a Portugal um papel central na vida da Corte. Mas noutros lugares podemos observar que esta imagem idealizada apresentada

²³³ A leitura «sendo» parece certa, mas o sentido deve ser “dentro”.

acima por Vimieiro nom se corresponde exactamente com o lugar real ocupado por Lafões:

Tornando ao Duque, porq serás m.^{tas} vezes perguntada por elle, podes dizer, que a Primr.^a vez q a R.^a o viu de farda disse diante de todos: *Naõ he possivel q se compr[enda o gosto que me dá] ver o Duque com este vestido* Elle queria vestilo no d[ia] dos annos da Inf.^{ta} por uma espece d'obsequio que era na verd.^e delicado, ouve porem motivo, que o fez adiantar, e sua A. a quem o disse da sua parte, me respondeu que o obsequio maior, daquelle genero lhe faria, era vestilo quanto antes. Continuum.^{te} nas m.^{as} cartas lhe está mandando onrad.^{mas} expreçoens; e da Princeza recebe iguais destínçoens. Foi às Caldas onde se acha ainda a R.^a May com a Inf.^{ta}, e o acolhim.^{to} foi excellente: acompanhou a Inf.^{ta} no passeio e a Igreja, e esta depois lhe mandou um onrad.^{mo} recado de desped.^a Isto fora daqui he o menos q fazem os Principes; mas entre nós he o mais que se tem feito, e o q he mais, he o carinho e satisfaçãõ, comq tudo isto se faz naturalm.^{te} Este poco basta p.^a inquietar almas pequenas o Duque generoso, e pollido affligese com isto, e quizera naõ trazer vestido q tanta g.^{te} assanha contra elle; mas naõ he possivel, e sobre este ponto lhe tem as duas Princezas mandado dizer por mim as coizas mais agradaveis, e polidas, que se podem imaginar («Lisboa 10 de Outubro de [1780]»)

A Condessa de Vimieiro tenta pôr em valor, o papel de privilégio que ocupa João Carlos de Bragança diante da família real, evidenciando um trato de favor tanto por parte da Rainha como por parte das infantas²³⁴, e também dá algum indício sobre a existência de vozes contrárias a tal posiçom, ideia esta que, como veremos, é recolhida por outros autores, conformando-se assim umha imagem do Duque de Lafões, e da própria Academia, como um elemento polémico dentro dos campos intelectual e do poder, longe da imagem repetida por determinados historiadores da ACL de absoluto consenso arredor da instituiçom e do seu presidente. A referida imagem polémica verifica-se noutros lugares da mesma correspondência:

O nosso Duque, cada vez mais digno de viver, vai convalescendo de vagar; porem mais depreça do q prometia o seu grande mal. Os seus livros e os seus amigos lhe fazem a vida goztoza: A familia Real sempre o destingue o Povo o adora, e só aquelles a q.^m a ignorancia faz atrevidos, ou a inveja atraíçoados deixaõ de seguir a torr.^{te} que o respt.^{ta} («Lisboa 9 de Junho de 1781»)

Esta percepçom da Condessa é confirmada por Augusto da Silva Carvalho (1948: 20), quem afirma que «pessoalmente, o Duque recebera as mais altas demonstraçoens do favor régio. Por decreto de 15 de Setembro de 1780, atendendo «à

²³⁴ As duas Infantas ou “Princesas”, como em várias occasions se refere a elas a Condessa, som Maria Francisca Benedita, irmã de D. Maria I e esposa de D. José, Príncipe do Brasil, e Mariana Vitoria Josefina, filha de D. Maria e D. Pedro. Em 1785 produz-se um casamento duplo dos infantes espanhóis e portugueses, polo qual Mariana Vitória Josefina vai para a Corte espanhola como esposa do Infante Gabriel e o seu lugar na Corte passa a ser ocupado pola Infanta Carlota Joaquina, esposa do futuro D. João VI.

qualidade, experiência e talento» (que muito raramente era invocado nas nomeações), foi nomeado Tenente General dos exércitos e membro do Conselho de Guerra.». Igualmente, Carvalho recolhe umha notícia publicada pola *Gazeta de Lisboa*, que informa de umha visita da família real à quinta do Grilo, em 1792, com motivo da maternidade da Duquesa de Lafões, mostrando que, apesar da divisom existente na Corte, a posiçom do Duque era ainda respeitada, ao menos formalmente (Carvalho, 1948: 22):

a 16 de Outubro de 1792 a Duquesa teve uma menina. D. Carlota Joaquina foi visitar a puérpera, indo de cadeirinha por estar grávida. O Príncipe D. João e a restante família foram embarcados pelo Tejo acima até à altura do Grilo, onde desembarcaram para uma ponte atapetada, feita expressamente, até à Quinta do Duque, onde se realizou o baptisado, seguido, depois da retirada da família real, dum lauto jantar dado a toda a nobreza presente e altos dignatários

A pesar da boa posiçom de Lafões perante a Rainha, três anos e meio depois da sua fundaçom, a ACL ainda nom gozava da protecçom real apesar de todos os esforços realizados polo Duque. O testemunho de Mello Breyner introduz algumas novidades de grande interesse para a nossa análise:

os semideuzes do nosso tempo não se deixaõ abrandar por todos os rogos: os meus sahem da boca da justissa, e isso me faz esperar, contra toda apparencia, que ainda seraõ attendidos. Temos a melhor soberanna do mundo: na verdade temos a melhor soberanna..... Não creyas já mais que o nosso bom Duque seja capaz de se esquecer dos seus amigos. Q não tem elle dito á R^a a respeito dessas infelices Sr.^{as} ? que esperanças agradaveis não tem concebido de as ver em desfago? mas... Que não tem elle feito ao filho? na sua perigosissima enfermidade assistiulhe como se fosse seu Pay: creados: medicos: remedios: desfastia tudo com generosidade, e tudo sem ostentaçãõ: mesmo a Sr^a D. Joanna²³⁵ cuidava delle. Ah ! tu não podes de fazer idea do Paiz que abitamos. O Duque he hum omem de bem; e os omens de bem não intrigaõ. Se não escreve, pobre Duque! he porque não tem um instante livre das impertinencias do seu Posto; digo impertinencias; porque até agora nada de novo ha nem haverá («Lisboa 13 de Mayo de 1783»).

Assinalamos três ideias fulcrais das recolhidas neste extracto pola Condessa de Vimieiro:

1- reconhece que as opinions e rogos do Duque nem sempre som atendidos na Corte,

²³⁵ A irmã do Duque de Lafões.

2- evidencia que a posiçom real de Lafões nom se corresponde com o esperado polos seus amigos e por el mesmo, porque quatro anos depois do seu regresso a Portugal ainda nom tem recebido as distinçons ambicionadas,

3- finalmente, a Condessa alude à estreita relaçom de Lafões com o herdeiro, o que, como veremos, dá umha nova perspectiva tanto à posiçom do Duque na Corte como à possibilidade de definir grupos políticos em luta na Corte de D. Maria I.

Já numha carta anterior, a Condessa de Vimieiro, ao lado de umha *laudatio* à família real, identificava a existência de determinados sectores na Corte que obstaculizavam as aççons do Duque de Lafões e, consqüentemente, a orientaçom das decisons da Rainha em funçom dos interesses do grupo da Academia:

Comtudo os presentes [príncipes portugueses] são onradores affaveis, e [omano] e tu sabes ate que ponto se familiarizaraõ as duas Princezas com aquellas pessoas, q temos a onra de falharlhe mas não podes fazer conceito da affabilid.^e, com que a R.^a no seu particular nos trata, e como suavem.^{te} entrom.^{te} [sic] nos enteresses de cada hum. Não obst.^e ao seu lado ha quem destrua os frutos desta excellente disposiçaõ, e o peor [sic] he q ainda quando o nosso D.²³⁶ seja chamado não fará mais doq proceder passivam.^{te} A violencia q se faz p.^a se sugeitar, e mil otras coizas, que uma carta e a distancia não permitem communicarte me faz assentar, q hei de morrer taõ molem.^{te}, como tenho vivido («Lisboa 10 de Outubro de [1780]»).

Em relaçom com todo o visto até aqui devemos colocar umha questom até o de agora pouco atendida polos historiadores: as relaçons de Lafões com o presuntivo herdeiro ao trono D. José. Já temos feito referêcia ao longo deste trabalho a determinadas hipóteses que afirmam a existência a um plano do Marquês de Pombal para formar D. José como herdeiro de seu avó, eludindo desta maneira D. Maria na linha sucessória. Por motivos que desconhecemos, este plano nunca se chegou a concretizar, e D. Maria I foi coroada em 1777, tendo o seu filho já dezasseis anos, idade mais que suficiente para poder subir ao trono segundo a tradiçom das monarquias europeias. A educaçom de D. José foi escrupulosamente preparada para que este pudesse ocupar o trono, sendo encomendada a (Ferro, 1989: 39):

D. Votória [sic] de Bourbom, marquesa-aia; D. Francisco Xavier de Menezes Breyner, encarregado da educaçom²³⁷; Fr. Manuel do Cenáculo, mestre; António Domingues do Paço, mestre; Dr. Miguel Franzini, mestre de matemática; Feliciano Marques Perdigão, mestre de escrita; Manuel Raimundo Nonato

²³⁶ O Duque de Lafões.

²³⁷ Francisco Xavier José de Menezes Breyner (28.07.1724-24.02.1807), irmao da Senhora de Ficalho e tio de Teresa de Mello Breyner.

Balester, mestre de Francês; João Cordeiro e João de Sousa Carvalho, mestres de música; e o sargento-mor António Ferreira-Monte, mestre de picaria.

E Cenáculo foi ainda, para além do seu mestre, o seu confessor desde 1768 até 1777 (Ferro, 1989: 39). Criado sob a influência de umha das figuras mais destacadas da Ilustração portuguesa, algumas informações parecem indicar que a partir de umha dada altura seria Lafões quem se converteria numha presença constante na formação do Príncipe do Brasil, verificando-se assim um desejo expressado pola Condessa:

hum destes dias, q eu estive no tempo de jantar, e que animei alguma coiza a conversação lhe disse [ao Príncipe] coizas pollid.^{mas} e por um modo tão natural q me dava gosto ouvi-lo. A Inf.^{ta} me sigurou q elle amava o Duque, e sera fortuna p.^a elle e p.^a nos se o amar de modo, q se familiarice com elle. («Lisboa 10 de Outubro de [1780]»).

A julgarmos polas informações que encontramos em Beckford, o Príncipe não só se familiarizou com Lafões, mas chegou a estabelecer com el umha intensa relação. Durante umha conversa privada do viajante inglês com o herdeiro à coroa portuguesa, datada a 19 de Outubro de 1787, este fala em várias ocasiões do Duque de Lafões (Beckford, 2003: 150-154):

A primeira pergunta com que Sua Alteza Real me honrou foi se eu tinha visitado o seu gabinete de física. Respondendo-lhe que sim, e que me tinham parecido extremamente perfeitas as máquinas e instrumentos, que achei numa ordem admirável, observou:

“-Estão decerto muito bem dispostos, porque foi um dos meus amigos particulares –homem de grande saber- quem me dirigiu esse trabalho, mas apesar do alto preço por que os paguei, os vossos Ramsdens e Dollonds foram mais generosos consigo do que comigo. Creio –continuou Sua Alteza Real-, segundo o que o duque de Lafões repetidas vezes me afirmou, que estou conversando com uma pessoa que não tem nenhum fraco e cego preconceito a favor do seu país, e que vê as coisas como elas são, e não como foram ou deviam ser. A avidez comercial, que os ingleses manifestam em todos os negócios, tem-nos custado cara em mais de uma circunstância.”

Lançou-se então no terreno que o marquês de Pombal tinha tantas vezes trilhado publicamente, tanto nos documentos oficiais como em várias obras que viram a luz durante a sua administração, e eu logo descobri de que escola Sua Alteza era discípulo.

[...]

“-Tenho a ventura –prosseguiu o príncipe- de me corresponder frequentemente com este ilustrado soberano [D. José II da Áustria]. O duque de Lafões, que também tem a vantagem de se comunicar com ele, não deixa nunca de me dar os pormenores destas salutares medidas. Quando teremos nós suficiente ombridade para as imitar?”

Ainda que me curvasse e sorrisse outra vez, não pude resistir a tomar a liberdade de observar que tão rápidas e vigorosas medidas, como aquelas a que Sua Majestade Imperial recorrera, eram mais para serem admiradas do que imitadas;

que os povos, que tinham estado por tanto tempo em trevas, sendo despertados por uma torrente de luz, era mais natural que ficassem cegos do que alumiados; e que os golpes despedidos ao acaso por pessoas com olhos fechados eram perigosos, e haviam de cair mais pesados talvez em direcções muito opostas àquelas a que eram dirigidos. Isto foi ousado de mais, e pareceu não agradar ao noviço em ousadias.

[...] Pôs-se o Sol, principiou a orvalhar, o príncipe retirou-se, Luís de Miranda seguiu-o, e eu tornei a montar a cavalo com uma indigestão de frases sonoras e a mais firme crença de que – a *Igreja estava em perigo*», pp. 150-154)

Colocamos aqui esta longa citação porque entendemos que, para além das duas referências explícitas ao Duque de Lafões, aparecem também alguns indicadores da ideologia do Príncipe do Brasil e da presença nela do modelo austríaco de despotismo ilustrado tão caro tanto a Lafões como ao resto do seu grupo, incluída a Condessa de Vimieiro.

Das poucas informações existentes, e da aparente confusão e contradição que se estabelece entre as diferentes fontes, pode-se inferir que Lafões e o seu grupo, do qual fariam parte outros agentes com papel destacado na Corte como a Condessa de Vimieiro, conformariam uma força ideologicamente coesa arredor de uma Ilustração colada ao modelo austríaco de Maria Teresa ou José II, representante de um partido que defende particularmente os interesses de uma primeira nobreza de Corte que, embora apoiando a autoridade absoluta do Rei ou da Rainha, não está disposta a renunciar aos seus privilégios nem a perder o seu importante papel secundário ao pé do monarca. Se desde o campo do poder aspiram a manter as distinções e os empregos mais altos da hierarquia política (Lafões pretende ocupar o topo do mando militar ou o lugar de favorito do Príncipe do Brasil, enquanto Teresa de Mello Breyner pretende conservar o poder que tradicionalmente tinham ostentado as mulheres Breyner como dama da Rainha ocupando-se das duas Infantas da Corte), desde o campo intelectual criam instituições que funcionem como “laboratórios de ideias”, se é que pode ser aceite aqui este anacronismo que cremos pode ter algum valor explicativo para a função da ACL²³⁸.

Mas, evidentemente, na ACL também existiam diferenças e enfrentamentos entre diferentes sectores, já que, seguindo o espírito ilustrado, esta reunia na sua sociedade elementos da primeira nobreza de Corte com agentes procedentes de camadas sociais mais baixas, como Dalla Bella ou Correia da Serra, que nem sempre podiam ser

²³⁸A única acepção registada por Bluteau (1712-1728, vol. 5, p. 11) para *laboratório* é «lugar em que trabalha [os químicos]». A edição de Morais da Silva, por seu turno, não acrescenta nada a esta definição.

coincidentes nas suas orientações ideológicas nem nos seus interesses. Nas páginas seguintes veremos com algum pormenor os casos de outros sócios cujo relacionamento com a Condessa de Vimieiro temos podido verificar.

III.1.3.3.2.2. Correia da Serra

O Abade Correia da Serra é, igual que o seu amigo e alegado protector João Carlos de Bragança, um dos agentes da Ilustração portuguesa que mereceriam um estudo pormenorizado da sua trajectória e das suas intervenções no campo, pois tanto as suas relações como as dúvidas a respeito de determinados incidentes e circunstâncias biográficas colocam dificuldades interessantes sobre a ligação entre Maçonaria e Ilustração em Portugal, ou sobre as relações entre determinados elementos da elite aristocrática com outros procedentes de camadas mais baixas da sociedade, assim como sobre o papel de D. Maria I e do seu Intendente Geral de Polícia, Diogo Inácio Pina Manique, na repressão ou promoção das ideias ilustradas. Este nom é o lugar apropriado para esse estudo pormenorizado, mas nas seguintes linhas tentaremos fazer um repasso da trajectória do Abade centrado na sua relação com os Condes de Vimieiro e sua função na fundação da ACL.

É bem sabido que Correia da Serra manteve uma estreita relação com o Duque de Lafões desde antes do regresso de ambos a Portugal após a morte de D. José I, e que ocupou um papel destacado na fundação e no desenvolvimento da ACL durante os primeiros anos desta. O que já está sujeito a maiores incertezas é a sua saída de Portugal na década de noventa, as suas relações posteriores com Lafões e outros membros da Academia, e o seu envolvimento com determinadas elites.

Segundo Júlio Dantas (1930: 16) a relação entre ambos tinha começado em Itália, onde o Abade, a quem qualifica de «pupilo e amigo do Duque de Lafões», tinha vivido desde os seis anos, e onde «se doutorara em cânones pela Universidade romana». Augusto da Silva Carvalho (1948), por seu turno, acrescenta a esta informação, num texto publicado nas *Memórias da ACL*, que a relação entre Lafões e Correia da Serra tinha a sua origem já em Portugal, e mais concretamente na Universidade de Coimbra,

onde o Duque tinha sido condiscípulo de Luís Dias Correia, pai do abade. Durante a sua estadia europeia, Lafões reencontra-se em Itália com o seu antigo colega, e começa a relação com o filho deste (Carvalho, 1948: 8).

Depois da morte D. José I ambos regressam a Portugal, momento em que começa a relação de Correia da Serra com Mello Breyner, tal e como ela própria indica em carta datada em «Lisboa 9 de março de 1784», ao falar a Leonor de Almeida do Abade nos seguintes termos: «lembrarte as de hum Abb.^e protegido do Duque, e que vivia m.^{to} em m.^a caza antes de elle chegar: este tem um irmão de m.^{to} merecime.^{to} a q.^m a R.^a fez agora Cap.^m Engenheiro. Lido has na Gazeta com o nome de Joaq.^m Correa da Serra». Esta relação entre a Condessa de Vimieiro e o Abade é ainda recolhida por Carvalho (1948: 10), que assegura que «Baltazar Osório, contou que o seu mestre Conde de Ficalho lhe dissera, que o Abade em Serpa frequentava a casa duma sua avó». Embora o próprio Carvalho sustente no mesmo lugar que o regresso de da Serra e de Lafões se produz de maneira independente, nom parece, à luz do afirmado pola Condessa, que podamos separar o acolhimento de Correia da Serra em casa desta da relação que a sua família (particularmente a sua mai) mantinha de longa data com João Carlos de Bragança.

Imediatamente a seguir ao regresso a Portugal, tanto o Duque como o Abade se empenham na fundação da ACL, da qual o segundo vai ser vice-secretário até que o Visconde de Barbacena saia de Portugal para ocupar o posto de Capitão Geral de Minas Gerais em 1788, ano em que o Abade passa a ocupar a secretaria. Desconhecemos quais podiam ser as relações entre Lafões e Barbacena antes da chegada do primeiro a Lisboa, mas o facto de que o seu estreito colaborador nom ocupasse o lugar de secretário no momento da fundação da ACL tem levantado algumas dúvidas, que costumam resolver-se aludindo a dificuldades políticas do Abade com o governo mariano (Carvalho, 1948: 20):

A nossa Academia das Ciências não teve na sua primeira infância clima propício, porque além de outras contrariedades, teve contra si os políticos das secretarias do Estado e os servidores do Paço, que consituíam o grupo anti-liberal desse tempo.

Logo de início essa má disposição deve ter sido a causa de que o Duque, que tão bem conhecia o valor do Abade e o chamara para junto de si para o ajudar na fundação da Academia, o não tivesse nomeado secretário. Correia da Serra retribuía essa guerra da parte dos dirigentes com a sua antipatia, que não escondeu aos íntimos.

Todo parece indicar que a função de Correia da Serra na fundação da Academia e na redacção dos seus estatutos foi fundamental, tal e como indicam diversas fontes, desde Júlio Dantas (1930: 16) até Rómulo de Carvalho. Devemos precisar, no entanto, que o primeiro afirma que foram Correia da Serra e o Visconde de Barbacena quem «delinearam as bases da nova corporação», tomando como base «o estatuto da "Sociedade Económica de Londres"»²³⁹. Rómulo Carvalho (1987: 47), por seu turno, só alude a Lafões e a Serra como responsáveis pela fundação da nova instituição ao afirmar:

quando, muitos anos decorridos, Lafões e Correia da Serra se reencontraram em Lisboa, tiveram ocasião de fortalecer a sua antiga amizade e de planearem, em conjunto, a criação de um grémio, análogo aos que existiam lá fora, onde as pessoas dadas aos estudos científicos, técnicos e literários, tivessem oportunidade de apresentar os seus trabalhos e de os discutirem entre si.

ou

Lafões e Correia da Serra não podiam eximir-se às suspeitas do intendente. Eram dois homens desempoeirados, vindos do estrangeiro onde tinham acamarado com pessoas nem sempre seguramente respeitadoras dos princípios que asseguravam a estabilidade dos tronos e dos altares, e a necessária segurança social.

O texto citado achega o que em nossa opinião é, seguramente, o assunto mais complexo e dificilmente resolúvel de quantos envolvem a fundação e funcionamento da ACL: a existência ou não de uma corrente ideológica homogénea definidora dos seus sócios e de todas as suas actuações e as consequentes relações com o campo do poder derivadas de este posicionamento ideológico. É evidente, como vimos ao falar da Academia, que existia uma aspiração à protecção real por parte dos académicos sustentada, por um lado, na estreita relação do Duque com D. Maria, e, por outra, no aparente apoio e sustento ideológico que a Academia prestava ao governo mariano. Mas, apesar disto e dos evidentes benefícios que a Academia conseguia da Rainha, não parece que o intendente geral da polícia ou outros agentes tanto do campo intelectual como do campo do poder (lembre-se aqui as afirmações postas por William Beckford em boca do Arcebispo de Tessalónica, confessor de D. Maria) vissem com os mesmos olhos as actividades da ACL. Se acreditarmos no dito por Augusto da Silva Carvalho

²³⁹ O alegado modelo inglês é contestado pelos próprios fundadores da Academia na correspondência trocada entre os futuros sócios da ACL no período da sua formação, e recolhida por Ayres Christobam (1927: 52). Assim, numa carta datada em Lisboa em 27 de Março de 1779 lemos: «Sr. D.^o Vandelli. [...] Tenho em meu poder algumas memorias, ou ensaios de algumas das *Sociedades Espanholas*, que me tem servido, e hão de servir de muito» (sublinhado nosso).

(1948: 22) foi Correia da Serra, pessoa dificilmente tolerada na Corte pola sua trajectória intelectual e política e polas suas relações fora de Portugal, um dos elementos que com mais força actuariam contra a aceitação da ACL entre determinados elementos próximos de D. Maria:

O Duque levava ao Paço os Académicos Pascoal José de Melo, Custódio Gomes Vilas Boas, Francisco António Ciera e Francisco Borja Stockler, que iam oferecer exemplares dos seus trabalhos, e mais tarde Domingos Vandelli, mas Correia da Serra mesmo depois de ser secretário, não foi.

Depois disto realizaram-se no Paço sessões públicas da Academia, mas destas provas de recuperação da benevolência régia, não participou, o que se explicava, porque as informações da Intendência da Polícia lhe eram o mais desfavoráveis, que era possível, acusando-o de ser um jacobino da pior espécie e estar associado a estrangeiros refugiados, que tinham trazido consigo as ideias da Revolução francesa e que pelas suas reuniões secretas demonstravam ter intuítos políticos muito perigosos, que era urgente anular.

Para Augusto Carvalho (1948: 24) som precisamente as acusações de manter relações com elementos da Revolução Francesa nos finais da década de oitenta e na primeira metade da década de noventa, e concretamente a acusação de ocultar um jacobino, as que acabam por forçar o Abade ao exílio:

A 6 de Novembro desse mesmo ano de 1794 Pina Manique informava o Ministro da sua chegada [de Pedro Maria Augusto Broussonet] e habitação, dizendo que ele fôra secretário de Necker e que na Convenção substituíra este num discurso, que não pudera continuar por ter um delíquio, e quando aquele fôra guilhotinado, fugira para a Península e se valera de Correia da Serra, que era pedreiro livre e amigo muito particular doutros jacobinos, que por cá estavam [...]. Na mesma informação lia-se a respeito de Broussonet "foi hospedado nas casas da Academia das Ciências, donde frequentava as casas do sobredito Duque e do Abade Correia", que é amigo muito particular do Ministro e Cônsul da América do Norte²⁴⁰ e dos mais jacobinos, e apoiado e anda com ele Correia da Serra em carruagem, foi introduzido em algumas partes, onde não devia entrar e está hospedado na Academia como irmão (maçónico).

Finalmente, e sempre segundo Carvalho (1948: 25),

quando se agravou a celeuma dos que consideravam a estada do emigrado francês hospedado na sede da Academia, não só pedra de escândalo, mas perigo eminente para a situação política do país, o terror apossou-se do Abade e do seu protegido e levou-os a fugir para o sul até ao Algarve, donde passaram à Andaluzia e dali Broussonet embarcou para Marrocos com o Embaixador dos Estados Unidos, na qualidade de seu médico, ao passo que Correia da Serra foi a Gibraltar, donde se dirigiu para Inglaterra, apesar de não levar passaporte, nem licença para sair do Reino.

²⁴⁰ Em nota de rodapé indica Carvalho que se trata de «D. Humphrys. Ministro residente. (Teixeira de Sampaio, *Arquivo Historico do Ministério dos Negócios Estrangeiros*, pág. 108)».

Com esta saída precipitada de Correia da Serra e de Broussonet do país, não só se evitava «a prisão do Abade», mas também ficava salva a imagem pública tanto da Academia como do Duque de Lafões, que contavam já com suficientes inimigos na Corte como para verem-se expostos a maiores críticas num momento em que tanto as casas reinantes como a primeira nobreza viam em sério perigo os seus privilégios históricos. Como indica da Silva Carvalho (1948: 30), era afastado da Academia

o que era considerado o seu membro mais indesejável e perigoso, que não entender da Polícia tornara mais que suspeita aquela instituição, que estivera em risco de ser detestada e temida como um foco de rebelião. Por isso é lícito supor que o seu benemérito fundador tivesse facilitado a fuga, financiando-a e mais tarde resolvesse cortar por completo as relações epistolares e outras com o homisiado.

Lemos no mesmo lugar, e podemos comprovar nas Actas da Academia, que nelas nunca se referiu este assunto nem se justificou a «ausência do Secretário». Desta maneira, o Duque conseguiu manter o seu posto de privilégio na Corte e ao lado da Rainha, vital para a conservação da Academia, figurando «a par da família real em todas as grandes festas e cerimónias da Corte e nos exercícios militares e paradas, que eram novidade nesse tempo. Continuava a gosar, não só da grandeza e lustre da sua casa, mas também da consideração geral pelo prestígio das honrarias, que continuava a receber como príncipe».

Seja como for, a relação de Correia da Serra com os Vimieiro continuou ao menos até a sua saída do país, tal e como o certifica o facto de ser o Abade o encarregado de redigir os elogios fúnebres tanto do Conde de Vimieiro como de José de Mello Breyner, irmão da Condessa, falecido em 1791²⁴¹. No primeiro destes elogios, ademais, Correia da Serra alude à sua amizade com o Conde e à protecção tanto económica como política que este exerceu sobre el: «honrounos com a sua pessoa desde o principio desta sociedade, ajudounos com dadivas, com pensamentos, *com a assistencia quando estava na Corte*, e abriu no leito da morte o exemplo de deixar a Academia legataria de parte do seu Muzeo.» (p. [7])

Igual que em muitos outros casos de ilustrados portugueses, algum deles já visto ao longo deste trabalho, a obra publicada de Correia da Serra é «efectivamente escassa», e, como indica António Faria (2001: 48) «a sua energia foi dissipada em movimentar a estrutura criada», ou o que é o mesmo, o interesse do Abade esteve mais centrado na

²⁴¹ IAN-TT, Manuscritos de Correia da Serra -Doc. escritos pela mão do abade -Elogios: nº 40 *Elogio do Sr. conde do vimieiro, 17 de Janeiro de 1791* (A-40) e Elogios: nº 44 *Elogio do Sr. Principal Mascarenhas e do Sr. Jozé de Mello Brainer* (A 44)

introdução e promoção de determinados elementos de repertório -no seu caso, provavelmente mais próximos do ideário revolucionário francês que da Ilustração elitista e aristocrata seguidora do modelo austríaco que defendiam os seus amigos e protectores- que na promoção individual da sua obra, o que nom significa necessariamente que nom tenha produzido alguns textos, cujo alcance, fora do estrito círculo da Academia, desconhecemos: «dos estudos produzidos em Portugal [por Correia da Serra] existe uma *Conta dos meus estudos e rezumo das memórias que tenho lido* perante a Academia Real das Ciências de Lisboa, referenciando oito memórias das quais nenhuma foi publicada» (Faria, 2001: 52)

Christobam Ayres (1927: 521-522) recolhe ainda no seu volume umha carta endereçada polo Visconde de Barbacena a Domingos Vandelli, que pode deitar algumha luz sobre a posição de Correia da Serra entre os próprios académicos:

Snr. D.^{or} Vandelli.- Ja p.^{lo} correio passado dice a V. S.^a, que eu de nenhuma forma tinha intervindo [sic] para a publicação das Instruções, q' V. S.^a tem visto impressas em nome da Academia; e não só eu, mas nem qualquer outro membro da Academia a execção [sic] do P.^e Correa e Fr. Joaq.^m de S.^{ta} Clara; nem na Academia se propos tal couza, em cujas Actas se não acha hum só palavra a este respeito. Suponho q' V. S.^a se lembrará de que quando metrouxe [sic] os cadernos q' tinha escrito p.^a este fim, eu me opuz a que se entregasse a revizão delles a Fr. Joaquim, sem serem primeiro appresentados na Academia, no cazo de haverem de ser publicados em nome della, á qual he que competia então nomear o Censor q' lhe parecesse: e quando houvesse de ser publicada em nome de V. S.^a, podia então V. S.^a dala [sic] a ver a quem lhe parecesse, porem devia então tornar á mão de V. S.^a p.^a lhe pôr a ultima mão. Porem como nada disto se fez, antes p.^{lo} contrario se me pedirão logo p.^a se entregarem a Fr. Joaq.^m, contra o meu parecer, e na Academia se não tratou nunca de tal couza, nem mesmo quando a quizerão mandar imprimir, fiz como se não soubesse nada, até q' o P.^e Correia me mandou a caza as primeiras provas, a q.^m as remetti logo outra vez, mandando lhe [sic] dizer que, como aquella obra parecia ser mandada fazer p.^{la} Academia, tocava rever a impressão aos mesmos, aos quaes ella tivesse incumbido a composição da obra. diceme depois q' ainda que tivesse faltado á solemnidade de ser appresentada antes, e dirigida p.^{la} Academia, ella a legitimaria depois; mas este mesmo intempestivo remedio não succedeo ainda.[...] Lx^a 10 de Março.

Do visto, parece poder inferir-se que as relações entre sócios já nom eram boas nos primeiros tempos da ACL (a carta citada é de 1781). Sem querermos arriscar aqui hipóteses dificilmente verificáveis no momento actual da pesquisa sobre a fundação da Academia e sobre as trajectórias sociais e políticas dos seus sócios, parece-nos, no entanto, verossímil que, nesta altura, dado o nível de concentração na nova instituição de elementos antipombalinos, já se estivessem a conformar (ou já estivessem

conformados) grupos com diferentes orientações políticas e ideológicas dentro da Academia, que oporiam um sector talvez mais elitista, como o representado pelo Visconde de Barbacena, e outro mais burguês, integrado, entre outros por, Correia da Serra. Seria fundamental para esclarecer este ponto conhecer exactamente o papel desenvolvido pelo Duque de Lafões, alegadamente maçom igual que da Serra²⁴², mas partidário de uma orientação mais elitista e aristocratizante da Ilustração, ou, o que é o mesmo, seguidor do modelo de despotismo ilustrado vienense, antes que do modelo revolucionário francês.

Em definitivo, há indícios para pensar que o papel de Correia da Serra nos primeiros anos da Academia foi complexo e difícil de precisar no estado actual da pesquisa. Se bem é evidente que contava com a protecção explícita de determinados elementos da primeira nobreza portuguesa com uma posição mais ou menos acomodada na Corte mariana (os Vimieiro ou Lafões, por exemplo), também parece evidente que as suas relações com agentes revolucionários franceses, e as suas posições ideológicas, que, seriam alegadamente mais “extremas” quanto às possibilidades de intervenção da burguesia na vida da Corte que as dos seus colegas da Academia, teriam provocado ao Abade sérios problemas com a Intendência Geral da Polícia e com a Corte que chegariam a pôr em perigo a situação do Duque de Lafões e da Academia.

Mas as dificuldades de Correia da Serra não parece que se possam limitar a Pina Manique e aos elementos mais “conservadores” da Corte mariana, mas, muito ao contrário, devêrão ser também grandes em relação com os outros académicos. Não podemos perder aqui de vista que muitos dos elementos que conformaram a ACL eram membros da primeira nobreza (como os Condes de Vimieiro ou o Duque de Lafões) que viram perder os seus privilégios no anterior reinado, e que, neste momento, pretendiam recuperar a sua capacidade de intervir no campo do poder. É verdade que os argumentos que se apresentavam (o merecimento académico, a excelência, a participação no progresso científico...) eram inovadores, mas a intenção última era recuperar para as suas casas o lugar que tradicionalmente tinham ostentado ao lado do monarca, e isto não condizia bem com ideias chegadas da França revolucionária ou pré-revolucionária,

²⁴² Oliveira Marques (1990: 145-146, vol. I) cita na sua *História da maçonaria em Portugal*, Correia da Serra e Lafões, junto com os diplomatas americanos David Humphreys e Thomas Hickling e o já referido jacobino francês Broussonet, entre os possíveis membros da «Sétima loja de Lisboa (Virtude I?)» fundada possivelmente em 1794 e extinta antes de 1797. Esta informação é recolhida ainda por Michael Teague (1997: 62-63) no *Catálogo do Espólio* do Abade depositado na Torre do Tombo.

na qual se esgrimiam argumentos que atacavam duramente tanto a monarquia como a nobreza que a sustentava e vivia resguardada sob o seu manto e dependente dos seus favores²⁴³.

III.1.4.Osmia e Elogio -modelos de actuaçom para D. Maria I

Durante o período em causa (1777-1788) encontramos as duas únicas obras publicadas por Teresa de Mello Breyner localizadas até o momento. Umha é a conhecida tragédia *Osmia* (1788), citada com relativa freqüência, tal e como vimos acima no estado da questom, como exemplo do intento de renovaçom do teatro português por parte de determinados sectores ilustrados; mas na leitura da correspondência endereçada por Teresa de Mello Breyner à sua amiga Leonor de Almeida encontramos diversos indícios que nos levárom à identificaçom de um novo texto para acrescentar ao número das suas publicaçoms. Trata-se da traduçom intitulada *Idéa de hum elogio histórico de Maria Theresa Archiduesca de Austria... escrita em francez por M.M*****, publicada em Lisboa na Officina de Francisco Luiz Ameno em 1781 a partir de um texto original editado em Bruxelas por J. Van den Berghen no mesmo ano com o título *Essai d'un éloge historique de Marie-Thérèse, archiduchesse d'Autriche, impératrice-douairière... par M. M*****. A existência deste *Elogio* entendemos que levanta algumas questons de relevo, como som a importância da traduçom no sistema literário português de finais do Setecentos ou as vias de circulaçom de repertórios. Igualmente, *Idéa de um elogio* (1781) e *Osmia* (1788) partilham determinadas características para as quais chamaremos a atençom nas seguintes páginas, particularmente no que tem a ver com a possibilidade de ler umha e outra como manuais

²⁴³ Norbert Elias (1969: 115) esclarece a complexa relaçom de dependência entre a nobreza e a coroa: «On serait tenté, après un premier examen de la question, d'expliquer l'étiquette par la dépendance de la noblesse par rapport au prince. A y regarder de plus près, on découvre une situation infiniment plus complexe. La volonté de la noblesse de former une élite dont la disparition équivaldrait à son autodestruction va au-devant des ambitions politiques du roi. Le désir de ségrégation des élites menacées est le point où le roi peut appliquer ses efforts pour plier la noblesse à sa volonté. La tendance à l'auto-affirmation de l'aristocratie et la domination du roi sont comme les maillons d'une seule et même chaîne [...]. Le roi était lui-même intéressé par le maintien de la noblesse comme couche distincte et séparée. Notons qu'il se considérait lui-même comme un "gentil-homme", comme "le premier aristocrate" [...]. En abolissant la noblesse le roi aurait miné aussi la noblesse de sa "maison"».

de actuação para a Rainha D. Maria I, mas sobre as quais precisaremos aqui alguns pormenores.

1- O facto de o *Elogio* ser umha tradução, nom nos leva a considerá-lo um elemento «menor» dentro da produção de Teresa de Mello Breyner, porque, do nosso ponto de vista, o objectivo nom é a identificação de elementos de singularidade na sua produção, mas tentar entender o papel que desenvolve no sistema e compreender as tomadas de posição adoptadas pola Condessa do Vimieiro, para o qual contribuem da mesma maneira umha obra «original» como *Osmia* e umha tradução como o *Elogio*. Neste sentido, nom devemos perder de vista que a originalidade é, em boa medida, um conceito romântico, que, retoricamente, coloca a individualidade do autor ou da autora por cima de qualquer outra consideração como o interesse, a utilidade, a adscrição a grupos ideológicos, etc. Esta ideia nom funciona da mesma maneira no período ilustrado, já que parece evidente que para os representantes deste movimento estético e ideológico a utilidade social (ou, dito em palavras setecentistas, a utilidade “para a república”) é um elemento nom só ideológico, mas também retórico com muita mais força que a ostentação individual, que ainda se coloca como um conceito dificilmente conjugável com a ética cristá ortodoxa.

2- A escolha da obra que vai ser traduzida, assim como as relações entre a autora e a tradutora, achega ao nosso estudo elementos fundamentais, nom só a respeito das informações necessárias para fazer progredir a pesquisa, mas também da metodologia, evidenciando a necessidade de aplicar as investigações de Itamar Even-Zohar neste campo ao caso concreto do sistema literário português do fim do século XVIII para definir qual a função concreta da tradução para os ilustrados portugueses. A este respeito, as palavras do professor da Universidade de Telaviv (Even-Zohar, 1990: 47) parecem-nos esclarecedoras:

when new literary models are emerging, translation is likely to become one of the means of elaborating the new repertoire. Through the foreign works, features both principles and elements, are introduced into the home literature which did not exist there before. These include possibly not only new models of reality to replace the old and established ones that are no longer effective, but a whole range of other features as well, such as a new (poetic) language, or compositional patterns and techniques. It is clear that the very principles of selecting the works to be translated are determined by the situation governing the (home) poly system: the texts are chosen according to their compatibility with the new approaches and the supposedly innovatory role they may assume within the target literature.

É precisamente a questom da introduçom de novos repertórios no sistema de destino a que nos parece mais importante, nom só para o nosso trabalho concreto, mas para entender a posiçom dos ilustrados portugueses, e, até certo ponto, também a desconsideraçom dos seus produtos pola crítica posterior. Se, de maneira geral, compartilhamos a perspectiva do já citado Even-Zohar (1999: 29) quando afirma que

se trata ante de todo de liberarse de la concepción de «la literatura» como sólo una colección de textos, sobre todo los «legitimizados». Si se acepta la idea de que podría servirnos mejor el tratamiento de «la literatura» como una red, un complejo de actividades, la distinción entre «bienes» y «herramientas» en esta red sería un paso adelante para liberar el análisis de la «literatura» del aislamiento que ha resultado de tratarla como un fenómeno sui generis,

entendemos que no caso particular que nos ocupa, esta perspectiva é especialmente frutífera, até porque os ilustrados (ou ao menos, o grupo de ilustrados portugueses que nós estudamos) tinham como prioridade a elaboraçom de repertórios, nom exclusivamente estéticos, mas, também políticos, sociais, comportamentais... Ainda neste sentido, lemos em Even-Zohar (1999: 32) que

los textos proponen no sólo cómo comportarse en casos particulares (por ejemplo, cómo comer o hablar, besar o reaccionar a un acontecimiento cualquiera), sino cómo organizarse la vida: si ejercitar o no, y de qué manera, diversas opciones. Por ejemplo, enamorarse, casarse, tener hijos, trabajar o evitar todo trabajo, sentirse feliz de morir por la patria... En resumen, se trata de un repertorio bastante restringido de modelos para su ejecución.

Por supuesto (tal vez tengo todavía que subrayarlo), no se trata sólo de textos, sino de la totalidad de las actividades involucradas en su producción, distribución, repetición y valoración. En resumen, de una red de papeles y posiciones, que constituyen juntos lo que hemos llegado a llamar «la literatura». Los modelos que los textos ofrecen necesitan la mediación de agentes para ser efectivos. Y -como he discutido en otros trabajos- se trata de un conjunto complejo de relaciones heterogéneas (brevemente, un «polisistema») entre varios factores socio-culturales.

As intervençoms da Condessa de Vimieiro no sistema (e nom só através de textos impressos) estão directamente vinculadas por umha ambiçom expressa de intervir no campo do poder, condicionando e até nalguns casos prescrevendo os que, em opiniom do grupo em que se integra, devem ser os comportamentos e actividades da Rainha.

Veremos a seguir, portanto, que as leituras tanto do *Elogio* como de *Osmia* nom podem ser realizadas simplesmente à luz de um determinado posicionamento estético em relaçom com os géneros literários coevos, mas devem ser analisados em funçom de

umha tomada de posição concreta, que pode ser verificada não apenas a partir destes textos, mas em relação com os depoimentos que a própria Mello Breyner faz ao longo da sua correspondência, outras actividades públicas ou privadas e até do entorno com o qual se relaciona.

III.1.4.1. *Idéa de hum elogio histórico de Maria Theresa Archiduquesa de Austria*

Como indicávamos acima, em 1781 é publicado em Lisboa, de maneira anónima, umha tradução de um *Elogio*, originalmente editado em francês na Bélgica²⁴⁴, dedicado à recentemente falecida Imperatriz austríaca. O enigma da autoria deste texto e da sua correspondente tradução portuguesa pode resolvê-lo umha carta de Teresa de Mello Breyner a Leonor de Almeida, datada em Lisboa em 19 de Agosto de 1781 (IAN-TT, Casa Fronteira-Alorna, n.º 223, sublinhado nosso), e na qual se dá notícia desta tradução ao anunciar a primeira o próximo envio de um texto à segunda:

P.^a o corr.º *te mandarei uma tradução do Elogio de M.^{le} Muray à Emperatriz: huma das tuas amigas o traduzio, e uma chocalhisse do Duque [de Lafões] o fez imprimir, mas esta tua amiga, que já mais quiz aparecer como letrada, não quiz pôr o seu nome na coiza mais insignificante, que tem sahido da sua pena. Quando eu poder mandarte a filha vallida, tu julgarás se he fraqueza, ou razaõ quem me faz fallar assim com a m.^a amiga, com quem seria ridiculo affectar modestia. O Elogio tem m.^{ta} coiza boa: na ordem não digo nada: tu tens olhos de ver tudo; e es capaz de julgar de tudo mas a bella Imperatriz mereceu ser amada, ainda depois da morte, e M.^{le} Muray ha m.^{to} que tu fezestes, q fosse m.^a valida: creio q estamos entradas em conrespond.^{cia} O Emperador²⁴⁵ esteve em sua caza, e sabendo q o Duque a frequentara, não se esqueceo de o obrigar falandolhe della²⁴⁶, e do nosso chevalier²⁴⁷ com destinação.*

²⁴⁴ Embora nesta altura não existisse o estado belga, tal e como hoje o conhecemos, si existia umha realidade social designada como *Bélgica*, e assim o recolhe Bluteau (1712-1728, vol. II, p. 89), quem recolhe a seguinte definição de *bélgico*: «cousa concernente aos Belgas, ou à Belgica a que hoje chamaõ *Flandres*».

²⁴⁵ D. José II de Áustria.

²⁴⁶ Embora a leitura não ofereça dúvidas, o significado da frase *não se esqueceo de o obrigar falandolhe della* é obscuro, porque o lógico seria *não se esqueceo de a obrigar falandolhe delle*, isto é, o Imperador obrigou M.^{le} Murray falando-lhe com distinção do seu amigo Lafões.

²⁴⁷ Não temos podido conferir a identidade deste «chevalier», mas colocamos como hipótese o científico João Chevalier, citado por Ana Cristina Araújo (2003: 44) como «um dos muitos portugueses [que] estiveram em contacto com figuras cimeiras da ciência e da filosofia europeias. Araújo (2003: 45) afirma ainda que se tratava de «um dos maiores astrónomos da Congregação do Oratório, com trabalhos

A autora, nomeada por Breyner só pelo apelido, é identificada no catálogo da Biblioteca Nacional Francesa como Marie-Caroline Murray, mas ainda não temos encontrado mais informações sobre esta mulher além das que nos fornece este texto, e a notícia de um outro elogio da sua autoria, publicado em Bruxelas em 1786: *Eloge et mémoire historique et politique sur la vie de Jean de Carondelet*²⁴⁸,... *qui a remporté le prix de l'Académie impériale et royale des sciences et belles lettres de Bruxelles en 1785*.

Lendo o trecho citado à luz das outras informações presentes na restante correspondência de Vimieiro, podemos desenhar três linhas de pesquisa para esclarecer a posição e a função deste texto no sistema cultural português do último quartel de Setecentos:

- 1- o facto de a autora e a tradutora apresentarem-se como anónimas, embora a primeira sob umas siglas, ao lado da posta em cena de uma evidente retórica de falsa modéstia,
- 2- o objecto escolhido para o *Elogio* -Maria Teresa de Áustria,
- 3- o eventual relacionamento Breyner-Murray, que pode ajudar a desenhar uma rede de relacionamento entre ilustrados, e particularmente ilustradas, de alcance europeu articulada através da comunicação Lisboa-Viena, seja através da correspondência de Vimieiro com Oyenhausen e de Thun, seja através da estabelecida por Lafões com D. José II de Áustria, o Príncipe Kaunitz ou outros.

A seguir veremos cada um destes três aspectos com maior pormenor.

publicados nas *Philosophical Transactions*, tornou-se assíduo correspondente de Delisle, foi admitido como membro correspondente da Academia das Ciências de Paris, em 1753, eleito sócio da Royal Society no ano seguinte e, mais tarde, nomeado secretário perpétuo da Academia de Bruxelas».

²⁴⁸ Carondelet (Dôle, 1469-Mechelen, 1545) foi dignitário eclesiástico e desempenhou um importante papel político nos Países Baixos. Desde 1497 foi membro do Grande Conselho para os assuntos da Justiça; em 1517 viajou a Espanha com Carlos V, e regressou com ele aos Países Baixos em 1519; em 1531 foi designado Presidente do Conselho Privado. Ocupou também numerosos postos eclesiásticos: em 1493 foi Arcebispo de Palermo e Primado de Sicily. Foi humanista e conheceu Erasmo, que lhe dedicou o seu *Santo Hilário* (in <http://gallery.euroweb.hu/html/g/gossaert/1/caronde.html>).

III.1.4.1.1. A ocultação

No século XVIII português, de maneira geral, é abundante a produção que se coloca no mercado de forma anónima, tanto no caso de homens como de mulheres. Desconhecemos os motivos concretos desta opção (ainda que podemos intuir hipotéticos conflitos políticos ou a perda de favores de protectores), mas podemos avaliar, no entanto, os motivos de Mello Breyner para não publicar com o seu nome, porque ela mesma os explicita na sua correspondência. Sabemos que uma das características da produção da Condessa é que sempre que esta circulou impressa o ficou sob o anonimato absoluto (nunca, pelo que sabemos até aqui, usou pseudónimos, acrónimos ou iniciais para publicar). Desconhecemos se foram publicados mais textos da sua autoria para além de *Osmia* e desta tradução, mas sabemos que escreveu muito mais, apesar de que a publicidade não foi para ela uma opção. A escolha do anonimato foi, portanto, algo consciente, devido ao interesse de Breyner por consolidar uma posição forte no campo do poder, que se podia ver afectada pela má reputação que, ao seu modo de ver, implicava para uma mulher o facto de escrever e de fazer circular a sua produção.

Vimos no trecho citado acima que não só podemos constatar a evidência de que a obra foi publicada de maneira anónima, mas que até para escrever à sua amiga Leonor de Almeida, a Condessa estende toda a retórica da falsa modéstia construída como tipicamente feminina. Assim, em primeiro lugar, não se apresenta directamente como a autora do texto, mas esconde a sua identidade no modesto “humas das tuas amigas”; a seguir afirma não ser ela a responsável pela decisão de imprimir e editar o texto, mas o Duque de Lafões, e que a tradução não é publicada pelo seu possível interesse, mas por “chocalhisse”; em terceiro lugar, a Condessa afirma não querer “aparecer como letrada”, ou o que é o mesmo, mostra a sua assunção da regra que impede as mulheres fazer ostentação pública dos seus conhecimentos; finalmente e como evidência da falsidade da modéstia alegada, Mello Breyner afirma que o facto de não ter colocado o seu nome na tradução tem a ver com a pouca qualidade da presente obra, em comparação com outras já escritas (e não sabemos se também publicadas anonimamente), ao afirmar que “esta tua amiga [...] não quis pôr o seu nome na coisa mais insignificante, que tem saído da sua pena”.

Para além do já dito, repare-se no facto de que Vimieiro não desaproveita a oportunidade de colocar na sua carta (e lembramos aqui o já visto acima em relação

com a ambigüidade público-privado que se verifica na correspondência desta altura) umha exhibiçom, para que assim conste publicamente, nom apenas das suas alegadas relaçons epistolares com a autora do texto original deste *Elogio* –com a qual afirma ter “entrado em correspondência”-, mas também da sua possível incorporaçom ao exclusivo grupo de relacionamentos do sucessor de Maria Teresa, o imperador José II. Ao encontro desta mesma ideia vai umha segunda referência à traduçom do *Elogio*, que pode deitar alguma luz sobre esta escolha do anonimato e sobre a questom da “modéstia feminina” que a Condessa pretende ostentar:

a m.^a traduçaõ tinha sido annunciada pelo Duque [de Lafões], quando respondendo uma carta de sua Mag.^{de}²⁴⁹ em que lhe fallava em M.^{le} Muray comq.^m tinha estado em Bruxelles, lhe dizera *que aquella m.^{er}, a q.^m sua Mag.^{de} tratava taõ benignam.^{te} acababa de escrever o Elogio da Imp.^z, o qual corria ja traduzido por uma das nossas Damas*. A traduçaõ será boa pois q tu lhe chamas linda, e p.^a Alemanha não tem mais merecim.^{to} que remover entre nós a memoria daquellas açoens emq fallará todo o mundo por longos seculos, o texto não se divulgou em Lisboa, mas a traduçaõ anda pelas mãos de todos, porq o Conde [de Vimieiro] o quiz assim: uns advinhaõ [sic], otros não, e eu calome, porq ate de taõ poco se tem às vezes emulaçaõ, e se eu podera explicarte as differenças, que observo em gentes depois disso, rerias [sic] como eu rio (IAN-TT, Casa Fronteira-Alorna, n.º 222, «Lisboa, 16 de Dec.^{bro}», itálicos nossos).

Mais umha vez, Mello Breyner nom perde a ocasiom de ostentar, aproveitando a suposta privacidade da carta pessoal endereçada à sua amiga, as suas relaçons com Lafões e, através del, com José II da Áustria e com Murray, manifestando que o imperador tem já conhecimento da sua traduçom. Da mesma maneira, pom em destaque o facto de esta correr já “pelas mãos de todos” em Lisboa, atribuindo assim ao seu texto umha grande repercussom no entorno letrado, e ainda propondo-se como exemplo de modéstia e situando-se por cima das opinions alheias e das críticas que insinua sofrer. Igualmente, dá a entender que o anonimato da publicaçom nom se corresponde com umha preservaçom da sua identidade, pois “uns advinhaõ [sic], otros não”. Esta ficçom complementa-se ainda com a alusom a que, como digemos, a publicaçom nom é propiciada por ela, que, como mulher, nom dispunha de legitimidade para promover a sua própria presença pública, mas por duas figuras masculinas: o seu marido o Conde de Vimieiro e o seu amigo o Duque de Lafões.

Estas evidências desarticulam, portanto, a ficçom criada pola tradutora em dous sentidos: a ocultaçom da sua identidade, e a modéstia que o teria provocado, mostrando claramente que nom se trata de umha simples assunçom da doxa que começa já a ser

²⁴⁹ Provavelmente D. José II de Áustria.

questionada na Europa por elementos ilustrados²⁵⁰, mas de umha utilizaçom estratégica desta. Explicaremos-nos com um exemplo mais facilmente compreensível: as cartas da Condessa de Vimieiro revelam a sua consciência de qual é o espaço de possíveis (Bourdieu: 1991) para umha mulher aristocrata portuguesa do fim do Setecentos. Em carta datada em «Lisboa a 28 de Janeiro de 1781» (IAN-TT-Casa Fronteira-Alorna, n.º 223, sublinhado nosso), em relaçom com a exclusom de Leonor de Almeida da lista dos académicos, afirma Vimieiro:

eu te agradeço por toda ella [a Academia das Ciências de Lisboa], o enteresse, que mostras pelo seu progresso, *e se os nossos costumes o permitissem* tu certam.^{te} estavas na lista; mas *as tuas Luzes são tais*, que podem ajudala m.^{to} comunicallas, que eu fico porq toda a boa gente que a compoem se te mostre agradecida.

É fácil observar aqui que nom estamos perante umhas mulheres que assumam como própria a ideia da inferioridade do seu género. Mui ao contrário, som numerosos os lugares em que Mello Breyner quebra a imagem de modéstia que supostamente pretende criar de si mesma. A opçom da Condessa de Vimieiro, partindo da base da igualdade entre homens e mulheres (que se evidencia, por exemplo na sua crítica a Rousseau, como vimos na segunda parte deste trabalho, ou no desenho da personagem de Osmia como veremos mais adiante), e defendendo o papel das mulheres na sociedade, assume a dificuldade para ir contra determinados usos sociais que censuram nas mulheres a vontade de ostentaçom e a ambiçom de glória. Visando a consecuçom de um projecto global de intervençom na vida pública (tanto no campo da cultura como no campo do poder) que se situa por cima do imediato reconhecimento individual, difícil de conseguir por umha mulher sem se ver obrigada a entrar em polémicas para defender a sua tomada de posiçom, e que, por isso mesmo, faria menos efectiva a sua intervençom, Mello Breyner aceita, aparente e estrategicamente, a dominaçom masculina, servindo-se dela para a defesa dos seus interesses, tanto “de casa” como “de grupo”, e até, em última instância, individuais, porque, em funçom dos critérios impostos socialmente, que ela conhece e domina, cria umha imagem de prestígio. A Condessa investe prioritariamente em determinados elementos de distinçom, até nalguns que lhe podem propiciar fortes críticas em determinados sectores, mas que a consagram como mulher excepcional entre determinadas elites. Como exemplo deste investimento,

²⁵⁰ Pense-se, por exemplo, em Olympe de Gouges e o seu famoso «La femme a le droit de monter sur l'échafaud; elle doit avoir également celui de monter à la Tribune» (Blanc 1993: 207-209), em que a ilustrada francesa questiona desde o racionalismo a ausência das mulheres na vida pública.

assinalamos umhas palavras de Mello Breyner que nos parecem definidoras e, ao tempo, esclarecedoras da sua atitude. Em carta datada em «Lx^a 19 de Junho de 1781» (IAN-TT, Casa Fronteira Alorna, n.º 224) afirma:

se eu viver eu te mandarei ainda a m.^a morgada mas como ainda se não desmamou não pode fazer viagem sem estar mais robusta. Se devo crer ao voto dos Amigos, *dou a Portugal uma coiza, q ainda não tem e q nem o feliz seculo de quinhentos produziu sem deffeitos*: serei eu capaz de tanto! *p.^a um omem não fora m.^{to}, porq trabalharia sobre os vestigios d'antiguid.^e*, com as Luzes do seculo prez.^{te} não he coiza que mereça hir ao Indez das coizas notaveis; *mas p.^a uma m.^{er} no Payz em que eu nasci, e onde talvez se armaõ contra mim porque leio e porq vou à Academia sim he Eroismo*; com tudo não terei valor p.^a que se imprima em m.^a vida, e como esta será /ao q promete/ de pouca duraçaõ vossês choraraõ dobradam.^{te} quando lerem o q lhe deixo escrito

A referência à literatura quinhentista fai-nos julgar que talvez se esteja a referir à sua tragédia *Osmia*, pois, como é bem sabido, os ilustrados portugueses tomavam só parcialmente como modelo a tragédia quinhentista, a que nom poupavam críticas racionalistas; mas, por cima de qualquer outra consideraçaom, chamamos a atençom para os argumentos da Condessa para defender tanto o valor da sua produçom -polo facto de ser obra dumha mulher- como a sua posiçom no campo -a participaçom activa na Academia-, e todo isto unido à ruptura da imagem de (falsa) modéstia que adopta noutros lugares da sua correspondência. Está presente nas suas palavras nom apenas a consciência, mas até a exhibiçom do que considera a sua própria excepionalidade no contexto de umha aristocracia portuguesa pouco formada e, concretamente entre mulheres, que possuíam em geral um grau de instruçom ainda menor que o dos homens. A aceitaçom de que circulem os seus textos, a participaçom activa e pública na ACL e a tomada de determinadas posiçons que podem ser vistas como radicais por alguns dos seus contemporâneos, entendemos que fai parte de umha determinada estratégia de acumulaçom de capital simbólico, por um certo “exotismo” das suas posiçons públicas, a cujo encontro vam alguns dos seus costumes mais ou menos privados, como a freqüentaçom da casa do Duque de Lafões enquanto este era ainda solteiro, tal e como nos informa Bombelles (Kant, 1979: 204), quando isto contrariava os bons costumes das fidalgas portuguesas:

La comtesse de Ficalho, son ancienne amie, vient de loin en loin chez lui [de Lafões] ainsi que la comtesse de Vimieiro mais M^{me} la comtesse das Galveias, fille et sœur de ces deux dames, trouve que sa famille se permet une chose fort indécente en allant familièrement chez un garçon de soixante-huit ans et le premier seigneur de leur pays. Lorsque ce duc qui fait réellement ce qu'il peut pur plaire et pour être recherché, a la goutte, M^{mes} de Tancos et de Barbacena

viennent aussi le visiter mais la majeure partie des dames fidalgues partagent la bégueulerie de M^{me} das Galveias, celle de n'aller dans une maison que lorsque son propriétaire ou locataire est marié. Vraisemblablement si M^{me} de Bombelles retournait à Versailles en me laissant ici, les mêmes femmes qui fréquentent mes assemblées et s'y rendent avec empressement, parce qu'elle n'ont rien de mieux à faire, n'y paraîtraient plus.

É evidente que, apesar de todo isto, umha aristocrata com interesses políticos e económicos na Corte nom poderia facilmente arriscar o seu crédito em grandes polémicas públicas. Conseqüentemente, a transgressom do papel tradicionalmente destinado para as mulheres opera-se de maneira ambígua, e sempre complementada por umha estratégica presunçom de ocultaçom e de modéstia. Assim, embora nas suas cartas revele que há pessoas que conhecem o nome que se oculta detrás do anonimato e nom demonstre umha grande preocupaçom por esta circunstância, a Condessa nunca tomou a decisom de publicar sob o seu próprio nome ou de reclamar a posteriori a “maternidade” das suas obras perante a discussom da sua autoria. Da mesma maneira, ostenta umha modéstia que nom condiz em absoluto com depoimentos como os citados acima; e, noutra ordem de cousas, Mello Breyner pretende ser mulher pouco propiciadora de críticas –com afirmaçons como “nunca estimei tanto terme abituado a achar dentro de m.^a caza o suplem.^{to} do mundo. Não tenho balaõ q me leve pelos ares fora della; mas taõ bem não dou espectaculos ao publico” («Lisboa 28 de Janr.^o de 8[2]»)- mas adopta comportamentos considerados “pouco decentes” pola sua própria irmã.

Nom podemos perder de vista ao analisar a trajectória e as tomadas de posiçom de determinadas mulheres ilustradas (e nom só, evidentemente), como é o caso da Condessa de Vimieiro, que a difícil definiçom do público e do privado dentro do âmbito da Corte, ao lado da redefiniçom do papel da mulher que se está levando a cabo na Europa através de um debate que se move entre os extremos da igualdade absoluta e da reubiquaçom da mulher no centro do lar (cada vez mais burguês), condiciona o aparecimento, particularmente numha sociedade como a portuguesa, na qual dificilmente se encontrarám na segunda metade do século XVIII reivindicaçons explícitas da igualdade entre os géneros, de toda umha série de estratégias desenvolvidas sobretudo por mulheres da nobreza que temhem o suficiente capital cultural como para, por um lado, conhecerem as formulaçons mais radicais que se temhem colocado na Europa, e para, por outro, serem conscientes da sua superioridade entre os seus pares, tanto mulheres como homens.

A questom da posiçom da Condessa do Vimieiro no campo do poder nom é desde logo menor para explicar esta “ficçom”, igual que foi útil para explicar com anterioridade, por exemplo, o retiro dos Condes às suas posses fora de Lisboa nos anos de reinado de D. José. Como é sabido, e como é referido pola própria Vimieiro nas suas cartas, som numerosos os «negócios» das famílias da primeira nobreza, que implicam interesses fundamentalmente económicos, mas também políticos, que dependiam da vontade real, e portanto requeriam umha boa posiçom na Corte. Só a existência de objectivos considerados superiores parece justificar este duplo jogo entre a expressa reivindicaçom individual na correspondência, e a deliberada ocultaçom da personalidade na obra impressa. Um exemplo destes “objectivos superiores” encontramos-lo no empenhamento (nom só ideológico, mas também económico) na promoçom das ideias ilustradas e de determinadas açons pedagógicas, sociais e culturais de largo alcance que parecem querer substituir a açom do próprio estado, quase inexistente nesta altura em Portugal, como evidenciam as palavras de Breyner, já vistas noutro lugar, que enfatizam a assunçom por parte do seu grupo desta classe de açons:

Eu tomara ver cultivar o continente; estabalescer [sic] a marinha, e começar ao menos nos meos dias [a predicar] o bellissimo projecto do canal des-[de] o tejo até guadiana. Projecto calculado exactam.^{te} por deligencia da Academia, e feito com um trab.^o, e uma exacção digna dos talentos do M.^r de Vallare, que, como socio correspondente, tomou assi [sic] este preciozo trab.^o Eu dizia ontem no canto do meu Gabinete, que se fizesse uma companhia, e que eu entrava nella com o fundo das m.^{as} joyas (IAN-TT, Casa Fronteira-Alorna, n.º 222, «Lisboa 9 de março de 1789»).

porem affirmote que o anthoseasmo [sic] proprio da Nação, está taõ vivo n'uma porção de omens que me parece se veriaõ oje, em a R.^a abrindo a boca d'um certo modo, milagres sem.^{es} àquelles deque a critica duvida nas nossas historias (IAN-TT, Casa Fronteira-Alorna, n.º 223, «Lisboa 28 de Janr.^o de 1781).

temos tanta nececid.^e desta qualid.^e d'operaçoes, que não podemos ver com idiferença começas; é uma das razoes, porq me aborrece [tardar] a concluzaõ do meu negocio, he porque tarda assim a execuçaõ de um projecto do Conde [de Vimieiro] p.^a facilitar alguns dos tranzitos da nossa Providencia: fariamos boas coizas, dandose as mãos elle, e o Duque [de Lafões], ambos com as mesmas ideias, e com igual desenteresse [sic], e amor ao Estado (IAN-TT, Casa Fronteira-Alorna, n.º 223, «Lisboa 11 de Dezembro de 1780»).

Ao lado do anonimato da tradutora, encontramos também o anonimato da autora do texto, que aparece identificada unicamente pelas siglas M. M****, que

ocultam tanto o seu nome como o facto de ser umha mulher quem assina o texto. No entanto, cinco anos mais tarde, a mesma mulher assina um outro *Éloge*, neste caso, e como o seria poucos anos mais tarde a sua amiga Vimieiro, premiado por umha academia. Já que no caso de Murray nom se trata dumha ocultação sistemática da sua identidade, deveríamos reparar nas evidentes implicações políticas do objecto do *Elogio* para encontrar algumha via certa para esclarecer este duplo anonimato, o que será objecto da nossa atenção nas seguintes páginas.

III.1.4.1.2. A Corte austríaca como referente ilustrado

Das estratégias diferentes adoptadas por Murray à hora de assinar as suas obras, devemos concluir que nom era o mesmo para umha mulher dos finais do século XVIII fazer-se responsável polo elogio de um dignitário eclesiástico quinhentista que polo de umha Rainha recém-falecida. Desconhecemos qual seria o impacto de um texto como este no sistema literário na Bélgica de 1781, mas dados os problemas de legitimidade de Maria Teresa da Áustria -que a levárom a entrar em guerra com diferentes reis seus contemporâneos- e dado o tipo concreto de aplicação da Ilustração ao Estado que propunha esta soberana, nom parece fora de lugar inferir que seriam as implicações políticas deste elogio as que o fariam “pouco recomendável” na pena de umha mulher. Mas se isto era assim na Bélgica, as cousas parecem ainda mais complexas em Portugal, durante o recém-estreado governo da primeira Rainha “reinante” da monarquia lusitana, assediada polo questionamento da sua legitimidade (vimo-lo nos textos que comemoravam a sua coroação), e rodeada de intrigas para tirar-lhe o poder.

Mais adiante ocuparemos-nos da importância da utilização da figura de Maria Teresa da Áustria e do seu funcionamento como modelo de Rainha europeia e ilustrada, mas, para já, chamamos a atenção, em primeiro lugar, para a distribuição tanto do texto original como da tradução em países estrangeiros à margem da importação regulada de livros, e isto em relação com o que já foi apontado ao longo deste trabalho sobre a circulação de textos fora dos limites normais de censura, edição e compra-venda. Como podemos deduzir das palavras da Condessa de Vimieiro, a tradução do

Elogio é enviada para Viena pela própria tradutora, para ser submetida ali à revisão da sua amiga, a qual, com toda a probabilidade, a daria a conhecer na sua assembleia. Ao lado deste, assinalamos outro facto que achamos fundamental: o anúncio de Lafões ao Imperador da existência desta tradução portuguesa do elogio à falecida Imperatriz, o que aumenta as possibilidades de ser conhecido tanto o nome como as produções de Mello Breyner em determinados círculos da Corte austríaca. Paralelamente, não temos constância de que a obra de Murray tivesse circulado em Portugal na sua edição original, pois não temos encontrado, nem nos arquivos da Real Mesa Censória, nem no catálogo Portbase, qualquer rasto da sua presença em Portugal. O dito pode apontar na direcção de que este livro fosse recebido por Teresa de Mello Breyner e/ou João Carlos de Bragança através da correspondência com a sua autora. Na mesma direcção de circulação semi-clandestina de livros aponta ainda a Condessa noutra carta (IAN-TT, Casa Fronteira-Alorna, n.º 223, «Lx.ª 21 de Dez.^{bro} de 81) em que anuncia o envio de um texto de Mickle –conhecido na altura pelas suas traduções de Camões para inglês- por meio do Duque de Lafões:

Amiga do meu coração Temo o expediente de te escrever por Londres porq não podendo ainda haver á mão nem o exemplar q me destinou Mickle mando pedir ao N. Duque te remeta com esta dois exemplares um p.ª ti, otro p.ª tu dares ao Principe de Kaunittz [sic] como quando o julgares apropiado. A remessa, que tu querias que eu te fizesse pelo mesmo M.º, não he de nenhuma sorte possível emq.^{to} predominarem no nosso clima as ideias presentes.

Vemos, pois, que a circulação de textos por meio da correspondência, tal e como sucede com a tradução do *Elogio*, e talvez com o próprio *Éloge* original, não é algo estranho, e que o envio, tanto de originais como de cópias, é uma forma útil de fazer circular os textos e as ideias não apenas não principalmente com o objectivo de contornar uma censura dificilmente contornável nas remessas internacionais, mas, sobretudo, para fazer circular de maneira rápida e eficaz determinados textos, que não só chegaram a outros países sem necessidade de que exista uma iniciativa prévia de um livreiro, mas que chegaram ao lugar certo para a sua distribuição e para a promoção das ideias recolhidas: um grupo homólogo noutra Corte europeia. Pense-se, pois, no elevado interesse que podiam ter tanto a autora da tradução como os promotores da sua edição em dar a conhecer de maneira imediata a existência e o conteúdo da tradução a Leonor de Almeida e, através desta, a um dos grupos mais estreitamente ligados com o imperador D. José II. Temos aqui, portanto, colocado um dos assuntos fulcrais, ao nosso

ver, para a análise e compreensão deste texto da Condessa de Vimieiro –a relação entre um determinado grupo de ilustrados portugueses e a Corte austríaca.

Ao lado da contínua referência por parte dos historiadores ao tam falado e discutido assunto do francesismo ou da influência italiana na Ilustração portuguesa, parece-nos que é interessante reparar na existência de um grupo, talvez reduzido, mas com fortes aspirações e importantes posições para actuar na Corte, que tinham como referente ideológico as duas cortes esclarecidas governadas por mulheres nesta altura: a russa²⁵¹ e a austríaca, mas com umha evidente inclinação por esta última, devida ao relacionamento directo, abundante e intenso com elementos desta Corte: temos o Duque de Lafões, residente em Viena durante anos em que cultivou umha estreita amizade com o imperador²⁵² e que continuou posteriormente com o Duque já de regresso em Portugal, a origem austríaca da família Breyner, a ligação da família real portuguesa com a Corte vienense através da Rainha Mariana de Áustria²⁵³, o matrimónio de Leonor de Almeida com o Conde de Oyenhausen e a sua posterior estadia em Áustria com missom diplomática, sem esquecer o segundo matrimónio de Pombal com «Leonor Daun, filha do famoso general conde de Daun²⁵⁴, futuro generalíssimo das tropas imperiais na Guerra dos Sete Anos e de fama europeia» (Macedo: 1982: 14), ou o papel na Corte vienense dos Condes de Tarouca.

²⁵¹ Como é bem sabido, Catarina II (1726-1796) foi Imperatriz de Rússia desde 1762, quando sucedeu no trono ao seu marido, derrocado pola Guarda Imperial. Relacionou-se com Voltaire e Diderot, a quem prestou ajuda económica, e encarregou a organização da sua biblioteca. Fundou as primeiras escolas femininas russas e o colégio de médicos, concedeu abundantes privilégios aos nobres e estendeu consideravelmente as fronteiras do império russo.

²⁵² Lafões também residiu durante quatro meses na Corte de Catarina, integrando-se nos salons da Rainha e da primeira nobreza russa, e, segundo Rómulo Carvalho (1987: 34-35) existem «referências ao duque em correspondência epistolar, não diplomática, de Catarina II, em anos subsequentes, em que o recorda sempre com palavras de muito apreço. Referimo-nos à volumosa correspondência da imperatriz (173 cartas e algumas delas com muitas folhas) dirigidas a Friedrich Melchior Grimm, um intelectual de origem alemã, residente em Paris, com boas relações entre os iluministas da época, homem ilustrado, esclarecido e de espírito polémico, correspondente epistolar de monarcas abertos ao modernismo de então como Frederico II da Prússia e Catarina II»

²⁵³ Foi Rainha de Portugal polo seu matrimónio em 1708 com D. João V. Era arquiduquesa de Áustria, e filha do imperador Leopoldo I e da imperatriz D. Leonor Madalena. Foi regente de Portugal em 1716 e novamente em 1749-1750.

²⁵⁴ Leopold Josef, Conde de Daun (ou Dhaun) (Viena, 1705-1766): Príncipe de Thiano e Marechal de Campo. Desfrutou dumha grande consideração por parte de Maria Teresa de Áustria, que o nomeou comandante de Vienna e cavaleiro do Toisom de Ouro, e em 1754 foi elevado ao rango de marechal de campo. Durante a paz que precedeu a Guerra dos Sete Anos foi o encarregado de reorganizar o exército Austríaco. Em 1757 chefiou o exército que se alçou para a libertação de Praga. Em 1757 Daun derrotou Frederico por primeira vez na batalha de Kolin. Em comemoração, a Rainha instituiu imediatamente umha ordem militar com o seu nome, da qual Daun recebeu a primeira grande cruz. Em 1762 foi designado presidente do Hofkriegsrath. Por ordem de Maria Teresa à sua morte foi erigido um monumento em sua memória na igreja dos Augustinianos (http://51.1911encyclopedia.org/D/DA/DAUN_COUNT_VON.htm)

Estes relacionamentos, que veremos com maior pormenor na epígrafe seguinte, facilitam a entrada em Portugal de elementos repertoriais (tanto culturais como políticos) importados directamente da Áustria, que jogam um papel fundamental no sistema português, pois os seus importadores se vão representar a si próprios como umha elite dentro da elite pelo seu acesso a estes elementos. O modelo austríaco, representado na correspondência de Teresa de Mello Breyner tanto por Maria Teresa de Áustria como pelo seu filho José II, vai marcar o que o grupo que gira em volta da Condessa de Vimieiro e do Duque de Lafões consideraram o paradigma político ilustrado que pretenderam fazer chegar até Maria I, por diferentes meios, desde o contacto directo com a Rainha, até a publicação de textos ou a promoção de determinadas ideias e comportamentos através da ACL. Na correspondência de Vimieiro, sobretudo nos anos em que Leonor de Almeida está em Viena, a sua admiração por Maria Teresa (1717-1780) primeiro, e pelo seu filho José II²⁵⁵ depois é evidente, e em numerosas ocasiões é colocada como o modelo necessário para Portugal:

A morte da Emperatriz temnos magoado: seu digno f.º, e successor, pode bem fazer emchugar [sic] as lagrimas dos seos Povos; mas se elles são tão sensiveis, como bem educados, a mesma mão consoladora lhes fará excitar a saud.ª, de q.ªm lhes preparou tão bom substituto no Trono (IAN-TT, Casa Fronteira-Alorna, n.º 222, «Lisboa 31 de Dezembro de 1780»).

Diz bem o Emp. a felicid.ª dos soberannos consiste unicam.ª na possibilid.ª de premeiar [sic] a virtude, e de primir [sic] o vicio: ditozos os que lhe são sug.ªs, se esta verd.ª tiver/ como he crível/ tanto poder p.ª derigir [sic] as acções desse illustrado soberano, como tem p.ª lhe convencer o entendim.ª se elle ainda vier a este canto da Europa, q lhe falta por ver, não perderá os passos. Os seus conhecim.ªs são tão vastos, que entre os nada que nos occupaõ, pela maior parte, encontrará moles imensas que nos podem occupar, e que apenas nos voltêmos p.ª ellas, nos podem fazer mais felices no nosso curto recinto, q outras vastissimas monarchias em toda a sua extençaõ. Talvez não tarde esta epoca feliz: os animos estão n'uma tal situaçaõ, que apenas fora percizo uma leve, mas prompta impulçaõ, p.ª tudo florecer (IAN-TT, Casa Fronteira-Alorna, n.º 223, «Lisboa 28 de Janr.º de 1781»).

O seu despotismo esclarecido, com umha monarquia forte, virada para as inovações tecnológicas, económicas e sociais da Ilustração, e, cremos, o facto de que a relação da coroa com os ilustrados seja bastante mais fluída que em Portugal²⁵⁶, onde a

²⁵⁵ D. José herda o trono depois da morte de sua mãe em 1780, mas desde 1765 tinha adquirido responsabilidades de governo.

²⁵⁶ Isto sucedia tanto nos casos de Catarina e Maria Teresa como numha outra Corte ilustrada, a de Frederico II de Prússia, que manteve durante anos umha frutífera relação com Voltaire, que foi encarregado de orientar a sua educação. Para Jochen Schlobach (1991: 34): «Le roi de Prusse était

assistência da família real a um jantar em casa de um «particular» provoca críticas e polémicas²⁵⁷, ademais da prosperidade e da importante posição política desta Corte na Europa contemporânea, funciona como um ideal de prosperidade e de refinamento nos costumes que o grupo que rodeia Breyner não consegue reproduzir em Portugal, embora o intente com ações como a fundação da Academia das Ciências de Lisboa ou a difusão dum texto de louvor à falecida imperatriz.

No caso português, houve um intento de criar um Rei ilustrado no herdeiro de D. Maria I, D. José (1761-1788), cuja educação foi encomendada a Frei Manuel do Cenáculo, mas esta aspiração não se consolidou, como é bem sabido, pelo falecimento do príncipe do Brasil.

Entendemos que com estas ações, este grupo tenta por uma parte influenciar a Rainha para atuar conforme aos interesses ideológicos dos seus incondicionais (porque esta adesão sem fissuras é constantemente lembrada, tanto numas cartas que são provavelmente abertas antes de chegarem ao seu destino, como em todas as ações da Academia), e, por outra, evidenciar a sua posição frente a sectores da Corte que pretendem recortar o poder da Rainha para conservar certos privilégios ganhos no reinado anterior²⁵⁸. Apesar da falta de informações certas sobre as facções políticas

nettement influencé par Voltaire dans sa volonté de réaliser en Allemagne un "grand" siècle, c'est-à-dire une apogée de la culture, en imitant le "siècle de Louis XIV". Déjà en 1739, dans son Avant-propos sur la Henriade [sic] Frédéric constate que le siècle d'Auguste et celui de Louis XIV ne connaissent pas de guerres de religion, ni de guerres séditieuses [...]. Et c'est "l'esprit philosophique" qui est responsable de la fin des guerres de religion en Europe»

E acrescenta (Schlobach, 1991: 45): «l'idéal du prince éclairé en Europe est d'abord marqué par le contact entre Frédéric et Voltaire vers 1740, mais il s'est formé de façon décisive entre 1750 et 1770, époque à laquelle les philosophes français et de nombreux princes allemands forment une alliance particulièrement active. Cette communauté cosmopolite des Lumières se base sur la conviction d'une perfectibilité de la société par une forme de gouvernement paternaliste, pour lequel les petits Etats allemands semblaient être bien appropriés. Les philosophes se considèrent avant tout comme les éducateurs des souverains. En effet, de nombreux princes et surtout princesses participent activement en Allemagne aux débats idéologiques de l'époque».

²⁵⁷ «Os dias passados Foi toda a familia Real comer a caça do Cantanhede em Cintra. Dizse q elle a soube entreter passando de uns a outros divertim.^{tos} até alta noite A Raynha pareceu estar contente, e isso nos deixa a todos satisf.^{tos}, e a Cantanhede pago de tudo mas como a malignid.^e tem por cá o seu domicilio, não falta quem cheio de fel, queira denigrir [sic] esta boa acção do Cantanhede: esta gente não deve de saber q a Raynha faz nisto m.^{to} menos, não só do que fazem os outros soberanos no dia de hoje, que não deixaria de comer com o dono da caça; mas o que consta das historias fazia os seus Avós até o principio deste seculo» (IAN-TT, Casa Fronteira-Alorna, n.º 223 «Estamos todos tristes»).

²⁵⁸ Esta «esquizofrenia» do reinado de D. Maria parece-nos que se evidencia também na posição de Leonor de Almeida, que, se bem foi libertada em 1777 junto com a sua família e outros presos que foram relacionados com o intento de magnicídio contra D. José I, vê-se impedida de regressar a Portugal, se acreditarmos nas palavras da sua amiga, que em várias ocasiões desaconselha essa viagem, sempre por motivos políticos, por exemplo em cartas datadas em «Lx.^a 9 de Julho de 1782» (IAN-TT, Casa Fronteira-Alorna, n.º 222), «Lisboa 20 de Maio de 1783» (IAN-TT, Casa Fronteira-Alorna, n.º 222), «Lisboa 20 de Março de 1787» (IAN-TT, Casa Fronteira-Alorna, n.º 223), ou «Lisboa 9 de Março de 1784» (IAN-TT, Casa Fronteira-Alorna, n.º 223): «estimo n'alma que estejas na resolução de não vir a Lisboa: certamente te não convinha por nenhum principio. Não to dizia eu, sem mo perguntas, mas uma vez, que te deliberastes, peço-te que te fortifiques nella, ate que mudadas as circunstancias, se apresente com pintura de ser favoravel o que agora só te seria prejudicial».

enfrentadas nesta altura, adivinhamos na documentação que manuseamos umha dura luta em volta de D. Maria I, que nunca proporcionou à elite aristocrata e ilustrada que tentamos caracterizar os frutos desejados, apesar das grandes esperanças que tinham depositado na herdeira de D. José.

Perante a impossibilidade de concretizar os seus objectivos (ao menos completamente) através da acção real, o grupo em que se integra Mello Breyner empreende acções colectivas ou individuais que tentam preencher o espaço que o Estado nom ocupa, dinamizando a vida cultural e científica da capital por meio da Academia, ou, como no caso dos Condes do Vimieiro, centrando a sua actividade na jurisdição senhorial de D. Sancho, que, como demonstra Teresa Fonseca (1998), aparece com significativas diferenças a respeito tanto dos seus antecessores no condado do Vimieiro como dos seus contemporâneos noutros senhorios.

Mas Viena e a sua Corte nom som apenas um modelo político mais ou menos distante, se nom que se constituirám, como veremos a seguir, num paradigma de comportamentos em todos os âmbitos, e também, e sobretudo, num elemento de distinção e de prestígio para um determinado sector da nobreza e da intelectualidade portuguesa do último quartel do século XVIII, que nom só está capacitado para estabelecer relações internacionais (ou o que é o mesmo, dispõem do capital económico suficiente como para sustentar umha correspondência periódica com outros países europeus, e, paralelamente, do capital cultural necessário para redigir cartas em francês ou ostentar o conhecimento das obras de produtores culturais europeus pouco conhecidos –será este o caso de Cristoph Willibald Gluck- ou as suas línguas originais apesar da vulgarização traduzida e adaptada em Portugal –Metastasio-), mas que tem um enorme interesse em mantê-las e ostentá-las publicamente perante os seus “pares” da primeira nobreza com a intenção última de converter-se na elite dentro da elite com maior capacidade de decisão na Corte.

III.1.4.1.3. Umha rede europeia

Nas cartas da Condessa de Vimieiro encontramos recolhida (e até exibida) umha circunstância que nom deve passar despercebida no estudo das redes de relacionamento e das estratégias de intervençom dos grupos ilustrados em Portugal. Em carta datada em «Lisboa 11 de Dezembro de 1780» encontramos a seguinte descriçom de umha assembleia em casa do Duque de Lafões:

quazi todos [os dias] vamos com o Duque a caza de Kaunitz, de Iterhazi; á tua &r.^a conversamos m.^{to} com M.^e de Thun, athe a faço acompanhar-me ao cravo, e figuramonos uma vida nada peor do que la a levarão. Só ha uma pequena diferença nisto, he que nasce todo o nosso prazer da illuzaõ, e p.^a V. Ex.^a da realid^e He uma pequena bacatella!

Trata-se, evidentemente e como reconhece a Condessa, de umha ficçom, mas de enorme importância para a nossa pesquisa porque baseada numha relaçom real entre um grupo de ilustrados portugueses (aqui citados, polo menos, os Condes de Vimieiro e o Duque de Lafões), e de ilustrados residentes na Corte vienense (o Príncipe Kaunitz, a Princesa de Esterhazy e a Condessa de Thun). Cria-se a ficçom de que todos convivem no mesmo espaço, e, até certo ponto, podemos acreditar nesta ficçom, porque a correspondência que os une deixa de ser um simples meio de comunicaçom para passar a ser um espaço de convívio social, um dos mais importantes polas evidentes dificuldades para o deslocaçom²⁵⁹.

Para conhecer as origens desta rede austro-portuguesa deveremos retroceder ao tempo do exílio de João Carlos de Bragança, e, concretamente, à sua estadia em Viena, o que, mais umha vez, coloca o Duque como um dos elementos chave para compreender a Ilustraçom portuguesa e, provavelmente, para compreender determinadas açoms e lutas que temhem lugar na Corte ao tempo de D. Maria I. O processo de constituiçom desta rede nom tem sido ainda suficientemente estudado, apesar de algumas indicaçoms oferecidas por Teófilo Braga em que relaciona João Carlos de Bragança com a elite intelectual vienense durante os seus anos de estadia nessa Corte, particularmente com Metastasio e Gluck²⁶⁰:

²⁵⁹ Como simples exemplo do que podia supor umha viagem em Portugal nesta altura, colocamos aqui um exemplo tirado da carta datada em 28 de Outubro de 1782, na qual a Condessa se refere às possibilidades de deslocamento entre Lisboa e Alcoentre (separados por umha distância de menos de 60 km.): «O citio he fresco saudavel, e frondo: he retalho de Cintra com menos névoas, e umidades e devera ser poco deficit a jornada de Lisboa p.^a aqui se ouvesse postas, em quatro oras, e tal vez menos se venceria o caminho; porem n'um dia se faz com m.^{to} comodo, e q.^{do} ha prevençaõ de boa maré em pocas oras estou em caza».

A preferência por Viena pode explicar-se cabalmente pelo encontro com Gluck, o grande reformador da música dramática, que, em 1754, fora a Roma, onde escreveu a *Clemenza di Tito* e *Antigono*. A amizade de Gluck e o duque de Lafões, a cuja vontade Costa não sabia resistir, e o antagonismo que Costa professava pelas doutrinas musicais de Rameau, como notou Burnay [...] e a convivência com o próprio Gluck na casa do embaixador inglês lord Stormont, são factos bem positivos para se inferir qual foi o impulso que levou, por fins de 1761, o pobre clérigo português para Viena (Braga, 1984: 75).

O duque de Lafões, D. João Carlos de Bragança, era uma das grandes figuras da sociedade de Viena, e desde 1767 a 1777 o seu palácio era o centro onde se encontravam os primeiros artistas do século, como Gluck, Metastasio, Hasse, Faustina Bordoni, Burnay, o célebre crítico inglês, Costa e o próprio Mozart, recebido nos seus salões aos doze anos de idade (Braga, 1984: 78).

As íntimas relações que o imperador tivera com o Duque de Lafões, que então se ocupava em Lisboa da fundação da *Academia das Ciências*, influíram nas manifestações de estima que prestou à Condessa de Oyenhausen dando-lhe a insígnia da Cruz estrelada. Vivia então em Viena o celebrado Abade António da Costa, o amigo de Gluck, e insigne violinista; em uma das suas belas Cartas fez uma preciosa referência à condessa, que merecera a distinção do velho poeta cesáreo Metastasio (Braga, 1984: 254).

Segundo Braga, a excelente posição de Leonor de Almeida no momento em que se instala em Viena e até as boas relações com D. José II da Áustria estariam directamente vinculadas à amizade que unia o Duque de Lafões com o imperador e com a Condessa de Oyenhausen. Esta boa posição é confirmada pelas cartas escritas por Teresa de Mello Breyner, que, desde os primeiros meses de estadia de Leonor de Almeida em Viena, faz referência aos convites realizados por D. José II para assistir a uma série de concertos, às benéficas influências de Metastasio para que Oyenhausen recupere a sua afeição a escrever, ou aos comentários positivos de que é objecto na sociedade de Corte vienense a nova embaixatriz portuguesa:

Estimo que te restabolescas [sic], e que sejas convid.^a p.^a aproveitar um dos doze concertos que o Emperador quer sempre na sua caça de campo. Tomara perguntar a q.^m condemna que cultivemos o nosso espirito se um M.^o de Portugal

²⁶⁰ No mesmo lugar, Braga (1984: 59) faz referência a um outro português que também teria residido em Viena, integrando-se nos círculos intelectuais desta capital: «nos escritos do célebre musicógrafo inglês Burnay, sobre o estado da música na Alemanha, depara-se a notícia de um português totalmente desconhecido entre nós, que era extraordinariamente admirado na alta sociedade de Viena em 1772 pelo carácter tão independente como o de Rousseau, e pela originalidade do seu génio artístico. O retrato de dele faz o erudito Burnay revelar um tipo notável, que honrou bastamente o nome português, e provoca um vivo desejo de conhecê-lo de mais perto; apenas se sabia que se chamava António da Costa, mas em Portugal nem o seu nome se conservava na tradição da arte nacional. Na Biblioteca de Lisboa encontrou o dr. Ribeiro Guimarães um manuscrito doado pelo antigo bibliotecário Doutor António Ribeiro dos Santos com o título: *Cartas curiosas que escreveu António da Costa de várias terras por onde andou a várias pessoas da cidade do Porto*». Sobre a relação deste António da Costa com o Duque de Lafões diz ainda Braga (1984: 75): «António da Costa partiu de Viena, não tendo querido aceitar do duque de Lafões uma carta de recomendação para o embaixador português em Paris».

cazado com uma das Matronas ignor.^{tes} que eu conheço seria tratado com essa consideração? Todo meresse a soberana a q.^m serve o Sr. Conde; m.^{to} merece elle mesmo per [sic] si só; mas a virtude unida obra mais fortem.^{te} dizem os Doutores d'oculos no nariz e de cordão levantado («Lx^a 25 de Junho [de 1780]»).

Quanto estimo que o bello espirito de Methasthazio te reconduza ao trilhado Caminho do Pindo: será esse mais um Titulo p.^a o respectar mas Fazeme participante do que elle t'inspirar, de tudo o q a tua imaginação he capaz de produzir sem socorro alheio. Lá não serão tão malquistas estas coizas como entre nós com tudo receio que te não falem invejas. Porem nestes cazos he que cada hum pode dizer afoito que mais vale cauzar inveja, q piedade. Estimo as novas que me dáz da minha Prima Breyner; fallame sempre desta boa gente e fallalhe tão bem de nós e de mim; que fora de boa vontade conhecelos, se podera ser companheira de viagem dos meus P.^{mos} M.^{es}²⁶¹ D.^s q.^{ra} que elles fação uma figura digna de todos os seus, e que a falta de experiencia e de mundo lhes não prejudique («Lx^a 19 de Novembro de 1780»).

A perspectiva brilhante, em que te considero, me lizongea summam.^{te}, e que seja *a voz publica de Viena*, sem q nem *as Damas se atrevaõ a contradizela*, que nós mandamos para lá uma verdr.^{qm}^{te} Encantadora Dama O ponto está em que o Estado da tua saude te dê liberd.^e, e forças para desfructares os gostos, q essa situação te apresenta («Lisboa 29 de Oitubro de 1780»).

Perante a falta ainda de provas concludentes neste sentido, manejamos a hipótese de que mui provavelmente nom só todo isto seja certo, mas que, inclusive, a Condessa de Oyenhausen se integrasse à sua chegada a Viena no antigo círculo de amizades que tinha deixado Lafões na capital austríaca, hipótese a cujo encontro venhem as palavras da Condessa de Vimieiro quando afirma («Lisboa 23 de Maio de 1784», itálicos no original):

Dize aos amigos do Duque que uma pessoa que o conhecesse lhe affirma que não he ingrato. Quantas vezes suspira elle por tornar a velos! quantas levado do mais vivo enthosiasmo paresse não ver no mundo mais que um só OMEM! Elle dará razão de si; mas agora está longe daqui *tendo* hido com a familia Real ao *Cabo* a huma festa de que eu certam.^{te} te não farei a relação. Desculpao, e continua a fazê-lo amar pois que elle o merece e que esse bem manejado por ti fará maior a sua filicid.^e

²⁶¹ Francisco Xavier de Menezes da Silveira e Castro, 1.^o Marquês de Valada (10.03.1754-20.07.1834) e a sua esposa Ana Teresa de Almeida (n. 26.07.1761). É filho de José de Menezes da Silveira de Castro e Távora, Senhor da Patameira e irmao de Isabel Josefa de Breyner Menezes. Estes «primos Menezes» som frequentemente aludidos na correspondência, particularmente em relação com o seu desempenho na sociedade europeia, que nom era aprovado pola Condessa de Vimieiro nem, aparentemente, pola de Oyenhausen: «pelo modo porque me fallas, creio q A: d'A te tem dado que fazer sempre o recceio porq hum Philosopho dizia q *sua May não podia fazer parir a quem não podera conceber*. Consolame, porem a consideração *de que todo el mundo es como la caza nuestra* e que ella não poderá fazer tanto mal no concerto das Naçoens, como tu nos tens feito bem». («Lisboa 29 de Oitubro de 1781», itálicos no original), ou «duas Portuguezas bonitas como V.^s são, unidas em maximas e modos, fazião nos bem por lá; mas esse despropozito de A d'A vai deitar a caçada a longe» («Lisboa 25 de Dez.^{bro} de 81»).

Leonor de Almeida continua assim a relação entre uma determinada elite lisboeta e um grupo estável austríaco, que estaria constituído por elementos do máximo prestígio e poder tanto no campo intelectual como no campo do poder cujas posição e função indicamos a seguir brevemente:

- D. José II, o imperador austríaco, filho de D. Maria Teresa de Áustria e o grande amigo do Duque de Lafões. A sua presença na correspondência da Condessa supom a confirmação do alto nível ao que estabelece as suas relações o grupo de Vimieiro/Lafões, que se relacionam com um dos modelos fundamentais de monarca ilustrado. A exibição reiterada desta relação por parte da Condessa, põe de relevo a importância concedida por este grupo em Lisboa a colocar como elemento definidor dos seus capitais a possibilidade e capacidade de manter uma relação estável, tanto pela via epistolar como pelo contacto directo de determinados elementos da rede, com um dos monarcas mais poderosos da Europa. Parece evidente que com esta relação se está a procurar o favor de D. Maria I, e a tentar colocar como modelo de comportamento para ela a disposição de D. José II para manter relações fluidas com elementos externos à sua Corte e aos seus conselheiros.

- o príncipe Wenzel Anton Kaunitz (citado, ao lado da sua esposa e dos seu filho, até 16 vezes) tinha sido um dos negociadores do tratado de Aix-la-Chapelle (1748) e desempenhou o cargo de embaixador em Paris (1750–53). Desde 1753 até a sua reforma em 1792 serviu os reis da casa de Habsburgo -Maria Teresa, José II e Leopoldo II- como chanceler e ministro dos negócios estrangeiros. Foi com Kaunitz que Áustria entrou na primeira partição de Polónia (1772), e ajudou José II a centralizar a administração. Na correspondência observamos que se converte em um elemento central para o envio de informações e de textos entre os elementos da rede, cujos membros portugueses são os encarregados de receber o seu filho, o Conde de Kaunitz, quando viaja a Lisboa em missão diplomática²⁶².

- a Condessa Maria Wilhelmine (citada até trinta e seis vezes na correspondência da Condessa de Vimieiro), casada com o Conde Franz de Paula Johann Joseph de Thun, uma das animadoras da vida cultural da capital austríaca. Sobre ela encontramos em http://www.schillerinstitute.org/fid_91-96/fid_924_shavin.html (28/11/03) informações que podem ajudar a desenhar a sua posição e a sua função no campo intelectual

²⁶² Lemos em carta datada em «Lisboa no 1 d'Abril de 83»: «temos aqui o Conde de Kaunitz Embaixador em Espanha e como esta novid.^e pode entereçar-te por te offerer uma occasião de fallar delle a seu Pay começo por aqui a m.^a carta. Foi sabado apresentado a Raynha a q.^m o Duque pedio liberd.^e p.^a oje o levar a ver o Principe no seu manejo de Picaria. sua Mag.^{de} ficou satisf.^{ta} do seu modo, e oiço que o gavara, elle não sei se o está de nós porque dizelo, não basta, p.^a ser crido um viajante».

vienense do final do século, e, através del, o grupo em que se integrou primeiro o Duque de Lafões e, posteriormente, Leonor de Almeida:

A typical evening at Countess Thun's might find Mozart's friend from Mannheim, Baron von Gemmingen, reciting from Lessing's play Nathan the Wise for Karl Lichnowsky, Joseph Sonnenfels, and Ignaz von Born. Sometimes the Chancellor, Prince Kaunitz, or even Emperor Joseph himself would attend. Georg Forster was another participant: the man who popularized the image of Benjamin Franklin for Europeans as the inventor who could bring "divine sparks" Götterfunken under control. Forster wrote the Countess: "Everything I experienced there now seems like a wonderful dream. Is it really true that I lived there among human beings--the kind of human beings about whom Nathan [the Wise] says it is enough for them to be human". The Countess Thun proved instrumental in arranging for the young talent, Ludwig van Beethoven, to come to Vienna in 1787 and meet with Mozart. Two of her sons-in-law, Prince Lichnowsky (the one from the Sunday seminar series), and Count Razumovsky, later became major supporters of the adult Beethoven.

- Pietro Metastasio (referido vinte e três vezes) apesar da sua nacionalidade italiana, a grande repercussão da sua obra em toda a Europa deve-se, em boa medida, ao seu enorme sucesso na Corte austríaca, aonde se traslada em 1730, depois do êxito do seu primeiro libreto *Didone abbandonata* (1724). Em Portugal, Metastasio supom o maior fenómeno literário-musical da segunda metade do século XVIII, pois o volume das traduções e adaptações dos seus textos supera a soma de todos os demais autores teatrais traduzidos para português no mesmo período, tal e como foi recentemente estudado por Antia Cortiças (2004), mas a particularidade da sua presença nas cartas da Condessa de Vimieiro deste período reside em que, superada a fase em que o italiano era umha simples referência literária (de grande importância, evidentemente, polos motivos vistos no seu momento, mas nada mais que umha citação de um autor mais ou menos na moda), Metastasio converte-se aqui, por mediação de Leonor de Almeida, num elemento mais da rede, sobre o qual se fazem comentários e para o qual se enviam recados.

Todos eles são citados com assiduidade por Mello Breyner na sua correspondência austríaca com Leonor de Almeida, mas todos eles são relacionados também com Lafões por Teófilo Braga (acima) ou, no seu defeito, são referidos pela Condessa de Vimieiro como velhos amigos de Lafões:

O Emp.^{or} lhe escreveu uma carta de Bruxelles por ocasião da sua molestia bem, bem onradora; mas quando eu a leio sempre me parece que o soberano estava mais ocupado da sua propria gloria que ainda da do seu amigo. Tu sabes o que eu quero dizer nisto pois as nossas almas ha tanto que se entendem. O certo he que o omem seja Principe ou particular nunca se mostra grande senão quando dá

testemunho de que o merecim.^{to} alheio lhe não faz sombra pois q o louve sem sossobra. M.^e de Kanitz [sic] tão bem escreve ao Duque uma bellissima carta cheia de Philosophia de Religião de saber de sentim^{to} e de tudo quanto he bom, e cabe num coração semsível. A pureza da linguagem a propried.^e das frases a dignid.^e com q se explica representa esta Dama uma Eroina. Tu, e a tua familia são o objecto desta carta. Eu espero mandarte a copia d'ambas p.^a que vejas o q deves a esta Sr.^a e p.^a q tenhas o gosto ver [sic] mais uma prova deq o teu marido assiste ao pe d'um gr.^{de} Principe: Oje he o Triunfo d'Academia ou dizendo m.^{or}, do seu Prezid.^{te} mas agora nada mais posso dizer («Lx.^a 30 de Julho de 1781»)

ou

Os enfados de seu amigo Kaunitz são mais uma prova do seu merecim.^{to} O que me refere o Duque deste grande Ministro, me faz amalo daquelle modo que he possivel [ate] pregarse este sentim.^{to} com objectos desconhecidos («Lisboa 3 de Dezembro de 1780»)

Noutro lugar vemos ainda verificada a ideia da permanência ao longo do tempo de umhas relações estáveis entre grupos ilustrados mais ou menos homólogos (ou que, em caso de nom sê-lo, aspiram, ao menos do lado português, a converter-se em homólogos) nas cortes vienense e lisboeta:

Dize tu com tudo a esse illustrado Principe, que o seu amigo sabe o que faz; que ama a sua Patria, mais do que a si, e que a vontade decidida da sua soberana obra sobre o seu coração generoso, por um modo suave, tudo aquillo de que he capaz a pollidez, independente da submissão, e o interesse. A gloria he o seu Numen o bem obrar toda a sua ambição. A minha carta lida por ti ganhará mil graças: eu fiquei contente de cahir em tão boas mãos. Tu terias gosto de mostrar a Sterhazi a tua amiga digna da tua escolha, e eu seria apresentada a essa respeitavel Dama por um modo digno da sua estimação. Este Duque tem a abilidad.^e de governar os corações alheios; e com este dom tem levado o meu a entereçarse por mil Damas, de q.^m me mostrou os retratos, e me deu a conhecer o merecim.^{to} Facilitou-me o viajar de imaginação, e assim do meu gabinete de sette rios estamos presentes ás grandes, e boas companhias de Vienna Vejo de quando, em quando a Condeça de Thun convertida n'uma amavel Portugueza, *cujos olhos não poderaõ já mais esquecer a um viag.^{te}* [sic], e na verd.^e tem razão p.^a isso, porque são bellos, como o fogo mais brilhante. Tu não percebes estas alluzoens, mas ella as entenderá e não deixará de encontrar nellas alguma coiza que a lizongee O Duque me disse, q se tinha remetido á carta, q te acuzo assim, querendo instruir esta Dama dos progressos da Academia. até avem com isso: fazeme fallar bem («Lisboa 3 de Dezembro de 1780», itálicos no original).

Umha vez esclarecido este ponto de convergência entre o entorno de Lafões e de Oyenhausen em Viena, o que nos interessa pôr em destaque é que a estreita relação com este grupo de ilustrados residentes em Viena funciona para o grupo de Vimieiro e Lafões como um fortíssimo elemento de distinção dentro da primeira nobreza portuguesa, com os correspondentes benefícios no aumento do seu capital simbólico

tanto no campo intelectual como no campo do poder, embora também granjeando poderosas indisposições em ambos os campos. assim era evidenciado, em trechos maiores já citados, pelas palavras de Mello Breyner que indicava «tomara perguntar a q.^m condemna que cultivemos o nosso espirito se um M.^o de Portugal cazado com uma das Matronas ignor.^{tes} que eu conheço seria tratado com essa consideração?» ou «Lá não serão tão malquistas estas coizas como entre nós com tudo receio que te não falem invejozas. Porem nestes cazos he que cada hum pode dizer afoito que mais vale cauzar inveja, q piedade», nos quais nom só punha de manifesto que a atitude de ambas as Condessas podia provocar, e de facto provocava, duras críticas, mas que supom umha premeditada ostentação tanto dos conhecimentos que as habilitam para relacionar-se com estrangeiros detentores do enorme prestígio que acompanhava todos os elementos procedentes da Corte austríaca, como das próprias críticas provocadas, atribuídas, sem afectação de falsa modéstia, à «inveja».

Repare-se, pois, em que as relações nom eram estabelecidas com um grupo mais ou menos marginal ou periférico do polissistema austríaco, mas com as mais altas instâncias do poder (o próprio imperador ou o seu ministro dos negócios estrangeiros, à vez um dos seus colaboradores mais estreitos) e da cultura (Metastasio, o grande referente da ópera europeia e o autor estrangeiro mais traduzido e reputado no Portugal setecentista, com enorme distância a respeito de qualquer outro), o que contribui, sem dúvida, para acrescentar o poder simbólico e prestigiador destas relações, sem comparação possível entre a nobreza portuguesa. Isto levará a Condessa de Vimieiro a colocar a situação do seu grupo mui por cima da que podia ostentar a família mais importante da nobreza portuguesa –a do Duque de Cadaval, menosprezando, precisamente, as escassas capacidades da Casa de Cadaval para relacionar-se com elementos estrangeiros, até da sua própria família, e justificando o desprezo com que os braços franceses da família actuam a respeito dos portugueses: «menos ainda me pasma a indolencia dos Cadavais p.^a com os parentes de França. Q.^m querias tu que escrevesse uma carta Franceza naquella caza? Os parentes [della] Portuguezes tem tido a fraqueza de os fazer soberbos» («Lx.^a 9 de Julho de 1782»). Repare-se ainda em que esta falta de entendimento pode ser contraposta ao reatamento das relações da Condessa de Vimieiro com alguns dos seus familiares Breüner ainda residentes na Áustria.

Mas, para além da utilização como elemento de distinção, para o grupo lisboeta as relações com os elementos vienenses do seu grupo tem ainda umha outra utilidade talvez mais importante, que é criar umha homologia suficientemente evidente aos olhos de

quem puder aceder aos conteúdos dessa correspondência, quer seja directamente, quer seja através de qualquer outro canal como as conversas em assembleias ou no Paço. Essas homologias som assim exploradas até o extremo, fazendo comparações, por exemplo, entre Mello Breyner e a Princesa de Esterhazy:

Tu sabes se eu me interessaria na scena, especialm.^{te} dizendo elle [o Duque de Lafões] e a sua familia que eu sou a Estarhazy de cá dos Alpes não tenho tanta vaid.^e que julgue a comparação feliz; e mesmo vejo que me falta a amizade da soberana, que pode produzir mais felizes effeitos a resp.^{to} de Portugal do que a da Princeza com a Emperatriz. Mas ella e eu alguma coiza obtivemos não sei se me percebes, nem eu me posso explicar («Lisboa 25 de Agosto»).

Da mesma maneira, o grupo aspira a conseguir para o Duque de Lafões a um posto similar ao ocupado por Kaunitz em Viena, ao afirmar que «todos os dias se espera que o nosso Duque seja encarregado de alguma repartição importante; mas ainda isto não rebentou, e nos tarda por q assaz o dezejaõ os amigos do citado» («Lisboa 30 de Setembro de 1780»).

Entendemos, pois, que **este contacto com ilustrados colocados na órbita primeiro de Maria Teresa de Áustria e depois de José II é assumido como o elemento diferenciador do grupo em Lisboa.** Até tal ponto é importante para o grupo de Vimieiro/Lafões a consolidação deste relacionamento que, aproveitando a ambigüidade público/privado que, segundo já temos referido, caracteriza o relacionamento epistolar, não se perde nenhuma oportunidade para fazer ostentação do contacto com D. José, Thun, Kaunitz, etc., não só enviando contínuos recados para uns e outros, mas até incluindo cópias ou comentários das cartas recebidas de cada um destes elementos por qualquer outro membro do grupo Lisboeta, procurando fazer evidente uma homologia entre ambos os grupos e entre as funções de uns e outros a respeito dos seus respectivos monarcas. Colocamos a seguir uma série de citações extraídas das cartas da Condessa de Vimieiro que, apesar do seu cumprimento, entendemos que podem ajudar a exemplificar o que levamos dito até aqui, e até mostrar o efeito da sua reiteração:

Os pobres Lebzeltens estão justam.^{te} penetrados da perda, e igualm.^{te} possuidos da confiança de continuarem nos seus soberanos os mesmos Paternais effeitos de generosid.^e, que acabaõ de perder na Emperatriz: não percas occasiaõ de fallar do merecim.^{to} deste onrado Ministro a todos os que poderem serlhe favoraveis; os seus lindos, e bem creados f.^{os} merecem uma benção do Emperador, a q.^m quizera agradecer o prazer, q me deu com o q escreve de ti ao nosso Duque: exaqui as suas palavras que eu tiro de toda a carta, de que eu mesma fiz a copia tendo a lido trez vezes a fio, sem saber a qual dos dois faz mais onra; se ao Particular, que merece a Amizade d'um tal Soberano, se o [sic] Soberano que he

capaz de estimar a correspondencia d'um tal omem. repara bem no que te pertence, e julga da m.^a satisfação, recordando todos os motivos que tem p.^a ella a ternura, com q te amo. Diz q espera que o Cavalheiro Horta²⁶³ lhe mandasse recados seus e depois acrescenta - De meme M.^{me} d'Oienhausen m'aurá voula, je espere, rapeller par fois dans votre souvenir, au moins linaije souvent prier. En verité vous n'etes pas aplaindre pour la societé, mon cher Duc si selon l'echantillon, que vous avez bien voulu nous envoyer en elle des Dames Portugaises si vous en avez beaucoup de si jolies, et d'ausi aimables, qu'elle. Elle reusit parfaitement yci, et je souhaite seulement que la difference de votre climat, et de nos usages lui convieniente egalement- Eu devo ao Duque não me retardar o gosto de ler isto, que me dá um gosto indizível; apesar de conhecer, q *o pano, q nos ficou, não tem m.^{tos} palmos como o da amostra*: com tudo o anno d'80 julgo que fará Época nos fastos da nossa historia («Lisboa 31 de Dezembro de 1780»).

se Methastazio sabe o meu nome saiba tão bem que eu sou uma m.^{er} que leio menos os seus Dramas que as suas otras Poezias, e que vou m.^{tas} vezes ao sepulcro de Virgilio meditar sobre tantas e tão pasmozas vizoens («Lx.^a 24 de Abril de 1781»).

Oje estou menos mal mas com m.^{ta} dor de cabeça por isso não escrevo á galant.^{ma} q.^{to} amavel M.^e de Thun Que não te devo, querida amiga, A estimação da gente de bem he o objecto da m.^a ambição, e lograla por tua deligencia he como dobrada felici.^e posto que eu veja, ou tema que as exageraçoes da tua amizade posão converter em favor o que eu quizera tem merecido por justissa seja como for: eu logro um bem, e este bem vemme d'uma tal maõ. Faze tu valer a m.^a gratidão p.^a com essa nova amiga dizelhe, q logo mandei a sua carta ao nosso Duque, e que elle me promete da sua lettra [q elle] [-----] Mandou tão bem dizer q o Principe de Kaunitz já a estas oras hade ter recebido uma desertação sobre a materia das borrachas que elle lhe remeteu. Não obst.^e eu farei as averiguaçoens necessarias p.^a o q tu queres²⁶⁴.

Kaunitz conhecerá a m.^a fizonomia pelo retrato que te vai assaz sem^e ao meu estado prez^{te}, pozto q alguma coiza mais avultado de feiçãoens²⁶⁵. O meu coração

²⁶³Colocamos como hipótese de Simão Aranha da Cotta Falcão de Sousa e Menezes Rebelo da Orta (1732-1811), Cavaleiro da Ordem de Cristo.

²⁶⁴Refere-se às informações sobre um sistema para impermeabilizar tecidos ou calçado por meio da aplicação de um tipo especial de borracha sobre o qual dá abundantes pormenores na carta citada. A aplicação principal do produto resultante era, polo que se desprende da carta de Mello Breyner, o apetrechamento militar, o que dá novos indícios sobre as prioridades deste grupo ilustrado, voltado principalmente para questões relativas à planificação das instituições públicas.

²⁶⁵Chamamos a atenção para a importância do retrato numha rede constituída por pessoas que, em muitos casos, nom chegavam a ter nengum contacto fisico. Nestas circunstâncias o seu intercâmbio convertia-se numha importante mostra de confiança, sobretudo, se tivermos em conta que possibilitava a ostentação de determinadas amizades num dos lugares principais de relacionamento e intercâmbio intelectual: o salom.

Como mostra do dito, citamos a referência que fai Mello Breyner à contemplação no seu salom dos retratos que o Duque de Lafões mostra das Damas com quem se relacionou durante a sua estadia europea: «Este Duque tem a abilidad.^e de governar os coraçãoens alheios; e com este dom tem levado o meu a entereçarse por mil Damas, de q.^m me mostrou os retratos, e me deu a conhecer o merecim.^{to} » («Lisboa 3 de Dezembro de 1780»).

Parece-nos pertinente, ainda, acrescentar que, a partir do ano 1782, a relação da Condessa com os Marqueses de Alorna sofre um grande deterioro, precisamente, por causa do envio desde Viena de um retrato de Leonor de Almeida como oferta, supostamente, para Mello Breyner, que esta nunca chegou a receber: «Heide queixar-me de teus Pays p.^a dar razão de mim, e segurote que entre tantos motivos de resentim.^{to} que me tem dado, este me tem feito uma chaga tal, que defícilm.^{te} sicatizará. Temme lá o teo

lhe pintarás tu com boas cores, e as qualid.^{es} do meo espirito tem recebido [basto] polimento do teo pareceraõ sempre melhor apresentadas por ti como coiza, que a amizade fez sua («Lisboa 11 de Setembro de 1781»).

P:S: Vai carta p.^a M.^e de Thun. Amanhã celebraremos os teos annos em caza d'Atallaya onde nos juntamos todas as quartas fr.^{as} ha muzica e dansa («Lisboa 29 de Outubro de 1781»).

*Micle*²⁶⁶, o celebre tradutor de Camoens, que esteve aqui o anno passado, acaba de imprimir uma epistola, a que poem por titulo o monde d'Almada. Eu farei forte delig.^{cia} por ta mandar: O Principe de Kaunittz terá gosto de ver o que elle diz do seu Amigo, e de nós, debaixo dos auspicios de uma soberana amavel: que digo eu o Principe de K? o mesmo Emperador o verá com gosto. Dizem que a Posta me manda uma a mim: vou mandar buscala, e pedir mais otra p.^a ver se te vai neste correio: («Lisboa 16 de De[z].^{bro}»).

Estimo m.^{to} a fortuna da Todi²⁶⁷ que eu conheço m.^{to} bem, selhe fallares, e ao [---] do marido dalhe recados meus, e dize ao marido que quero saber se tem achado a cabeça por esse mundo («Minha querida Oeyenhausen. Não te posso escrever m.^{to}»).

Agora não posso escrever mais recomendame a de Thun: quero bem *a esses olhos de Portugueza* e a essa alma livre de preocupações. Dame novas de Kaunittz e de Methastacio e da Todi e não te digo q mas des do gr.^{de} Jozé, porq temo pedir m.^{to} Das tuas porem não posso priscindir [sic] nem o meu Dono da Caza a D.^s («Lisboa 19 de Fevr.^o de 82»).

Entendemos, portanto, que a intensa correspondência trocada entre os diferentes elementos assinalados, e da qual, infelizmente, hoje só conservamos umha parte

retrato sem mo quererem dar, e sem terem comigo nenhum genero de contemplaçã. Até creio que me interceptaraõ a carta se alguma me escrevestes nessa occaziaõ, e toda a tua familia me guardou nisto hum segredo, que faz conhecer quão poco vale a amizade p.^a o commum das gentes. Tua Irmaã tarde e a mas oras depois de o mez, [disse] que seu Pay lho tinha levado &r.^a em fim eu estou sem elle; com pocas esperanças de o cobrar, e com toda a certeza de me por em tal distancia de q.^m assim me trata, que não tenha mais occaziaõ de perdoar, nem soffrer» («Lisboa 28 de Janr.^o de 8[2]»)

²⁶⁶William Julius Mickle, autor da tradução para inglês de *Os lusíadas* de Luís de Camões, que contava com duas edições (1776 e 1778) na altura da redacção desta carta. Em 1781 publicou a epístola dedicada ao monte de Almada a que se refere a Condessa.

²⁶⁷A actriz e cantora Luísa Rosa de Aguiar (1753-1833), conhecida como Luísa Todi depois do seu matrimónio com o músico Francisco Xavier Todi. Começou a sua carreira encenando comédias no bairro alto. A partir de 1769 «recebe lições de canto e técnica vocal com David Perez e reaparece no Teatro do Conde de Soure no Verão de 1770, para cantar a ópera "Il Viaggiatore Ridicolo" de Giuseppe Scolare [...]. Em 1771 canta o principal papel na ópera de Piccini, "L'Incognita Perseguita". Em 1772 parte para Londres com o marido, onde canta uma ópera sem grande êxito o que foi decisivo para a sua carreira. Resolve dedicar-se a partir daí à ópera-séria, abandonando as experiências da ópera-bufa». A partir deste ano começa a sua digressão por Europa, actuando em Londres, Madrid, Paris, Versailles, Turim, Viena, Berlim, S. Petersburgo «recomendada à czarina pelo escritor Grimm, que já a admirava desde Paris. Permanece dois anos na Rússia, faustuosamente, presentada pela imperatriz», Hanover, Bona, Itália..., regressando a Lisboa em 1793 (Correia: 2004, www.instituto-camoes.pt/cvc/bvc/revistacalp/musicdjoav.pdf, último acesso 19.01.04). Desconhecemos em que momento e em que contexto social puido estabelecerse a relação entre o matrimónio Todi e a Condessa de Vimieiro.

mínima²⁶⁸, demonstra a existência de umha rede de pessoas que compartilham umha determinada tendência da Ilustração (racionalista, elitista, monárquica) que tem como objectivo, particularmente em Portugal, a divulgação e promoção em determinados lugares dessa ideologia, e conseqüente implantação de uns modelos políticos e sociais que podem resultar altamente benéficos para o seu grupo. Portanto, esta correspondência, ao nosso ver, funciona como umha das vias de entrada de repertórios ilustrados em Portugal, que depois Breyner, Lafões ou outros difundem através das suas reuniões e das suas acções concretas.

Precisamente é através desta correspondência, particularmente com a Condessa de Oyenhausen, que Vimieiro entra em contacto com Murray, o que propicia a posterior tradução do *Elogio* e a recepção deste em Viena- unida aos argumentos antes explicitados, que entra na elite portuguesa umha certa visão da Corte vienense como ideal ilustrado, e da sua Rainha como incarnação destes ideais de despotismo iluminista que deveria imitar a Rainha portuguesa. Esta admiração pela família real austríaca, leva Breyner a sugerir a Oyenhausen que seria preferível os infantes portugueses estabelecerem as suas alianças matrimoniais com os infantes vienenses, em lugar das tradicionais (e finalmente realizadas) uniões com filhos do Rei de Espanha²⁶⁹:

O de que falla aqui todo o mundo; mas sem authorid.^e, porq não o diz a Corte, he dos cazam.^{tos} dos nossos Infantes a troco com os de Espanha. O Inf.^{te} D. Gabriel levará/ ao que diz o Povo/ a Infanta que nós queríamos ver Imperatriz; o Infante D. João receberá a Inf.^{ta} Carlota (IAN-TT, Casa Fronteira-Alorna, n.º 222, «Lisboa 6 de Abril de 1784»)

Quanto fora o meu gosto, se uma de duas Infantas, que temos ambas do mesmo nome, podesse proporsionar-se ás suas ideas [de D. José]! Nas oras vagas imagino o possível, e ate me figuro de te hir abraçar, como condutora. He um delirio; mas quando a imaginação se muda taõ agradavelm.^{te}, deixala vagar, he o memo que grangearme [sic] um prazer (IAN-TT, Casa Fronteira-Alorna, n.º 222, «Lisboa 31 de Dezembro de 1780»)

²⁶⁸ Através das cartas conservadas, averiguamos que a Condessa se correspondia ao mínimo com a Marquesa de Alorna, as Infantas, Maria e Leonor de Almeida, M.^{me} de Thun, Manuel do Cenáculo e, talvez, Marie-Caroline Murray e a inglesa Johnston, que nom conseguimos identificar, para além da sua própria família entre os quais identificamos o seu marido Sancho de Faro, a sua mãe Isabel Josefa Breyner Menezes (1719-1795) e os seus irmãos (entre os quais só conseguimos identificar José, almirante da armada da Rainha e membro da Academia das Ciências de Lisboa, e Pedro, estudante de Cânones em Coimbra junto com o *Pierio* de cartas e poemas, Pedro de Almeida, irmão de Maria e Leonor e filho dos Marqueses de Alorna). Com isto nom queremos indicar que todos estes nomes podam ser colocados dentro da rede de ilustrados, mas que a intensidade, a frequência e a abundância da correspondência, assim como os cruzamentos e relações entre os diferentes correspondentes som elementos que devem ser estudados com algumha atenção para a identificação de grupos e para o conhecimento das suas estratégias de intervenção.

²⁶⁹ Projecto já ideado por Pombal segundo Ferrão (1935: 174).

Parece-nos, portanto, que o facto de Breyner traduzir um *Elogio* precisamente a Maria Teresa de Áustria, o único, que saibamos, publicado em Portugal dedicado a esta Rainha²⁷⁰, fai parte dumha opçom ideológica e, até certo ponto, umha declaração de intençons dum grupo que, encabeçado por Lafões, promotor da publicação, acabava de fundar o seu órgão principal (a Academia), estava à espera de conseguir a protecçom real, e, sobretudo, tinha ainda intactas (a julgarmos pola evoluçom cronológica do pensamento de Vimieiro, visível na comunicaçom com a sua amiga Oyenhausen) as suas esperanças políticas no período que se abria.

Desconhecemos (pola falta de informaçons sobre outros elementos da rede que hipotetizamos, os poucos epistolários publicados, os escassos estudos pormenorizados sobre o papel dos diferentes integrantes do campo literário -editores, impressores, livreiros²⁷¹...-) até que ponto um texto como este podia ser identificado polos contemporâneos, mas polas suas palavras (citadas acima) parece evidente que havia pessoas capazes de reconhecer os elementos responsáveis por essa publicação, e que nem todas aceitavam esta intervençom no campo, embora nom saibamos, porque Breyner nom o explicita, se o rejeitamento é devido a serem mulheres a autora e a tradutora, à ideologia política inerente a esta publicação ou a ambos. Portanto, para o público alvo, que estaria dentro da própria classe social dos produtores e produtoras ou pouco afastado desta (nobres, funcionários de Corte, burguesia emergente...), dentro da Corte lisboeta, seria fácil identificar, se nom a pessoa concreta que se escondia por trás do anonimato, o grupo de procedência, e o conjunto dos elementos do grupo seria reconhecível por parte dos outros elementos inseridos na luta polo poder.

Segundo o que levamos visto, a possibilidade, à luz de nova documentação, de caracterizar um grupo de ilustrados portugueses e europeus que compartilham umhas bases ideológicas alicerçadas no optimismo iluminista, o racionalismo, o elitismo e o

²⁷⁰ Parece apropriado lembrar neste ponto umha informaçom já vista no estado da questom, quando anotávamos que o Marquês de Bombelles aludia a que a própria Condessa de Vimieiro tinha feito umha outra traduçom da oraçom fúnebre dedicada a Maria Teresa de Áustria nos seus funerais polo Bispo de Blois, a *Oraison funèbre de très haute, très puissante et très excellente princesse Marie Thèrese, archiduchesse d'Autriche, impératrice douairière, reine de Hongrie et de Bohême, &c. &c. Prononcée dans l'Elgise de Paris, le 30 Mai 1781, par messire Alexandre Amédée de Lauzière-Themines, évêque de Blois*, cuja existência nom temos podido verificar.

²⁷¹ Sobre os livreiros tenhem trabalhado Manuela D. Domingos (1990, 1991, 1992, 1994, 1995 e 1998) e Fernando Guedes (1993 e 1998), mas com umha perspectiva mais focada a desvendar as origens geográficas e relaçons empresariais e familiares entre as diferentes famílias de livreiros, que das suas actividades públicas em relaçom com o campo do poder ou das lutas do campo literário, exceptuando a obra de Guedes (1987): *O livro e a leitura em Portugal. Subsídios para a sua história. Séculos XVIII-XIX*.

monarquismo, vai tomando forma, com a importante virtualidade de superar os tradicionais estudos literários que reduzem a segunda metade do século XVIII português ao neoclassicismo e ao arcadismo. O esclarecimento do funcionamento desta rede permitirá-nos compreender umha das vias de entrada em Portugal (e de circulação na Europa) das ideias ilustradas e dos novos repertórios estéticos e ideológicos, colocando no seu lugar agentes do campo literário fundamentais para a introdução destes repertórios, e não atendidos por terem publicado pouca produção, ou bem por esta produção não se ajustar aos repertórios finalmente dominantes.

Umha vez estabelecida esta ideia da existência de umha rede de ilustrados que actuam a nível europeu, é fácil deduzir que umha tradução como a do *Elogio* não respondia ao simples acaso ou à particular preferência estética por um texto determinado, mas a umha estratégia de introdução de modelos através dessa rede. Assim, o grupo de Mello Breyner, num momento em que ainda tem grandes esperanças postas no reinado mariano, recém-criada a Academia, e regressando a postos de poder que tinham ocupado em períodos anteriores (regresso de Lafões a Portugal, de Vimieiro à Corte com acesso directo à Rainha e às infantas, e da família Alorna à vida política com a reabilitação da memória dos reprimidos em curso²⁷² e com a concessão ao matrimónio Oyenhausen da embaixada em Viena), coloca os seus esforços em elaborar um modelo de acção claro para a Rainha, mostrando quais deviam ser os seus referentes e quais os modos de acção.

Veremos a seguir, através do estudo do texto da tradução do *Elogio*, como se procura através del dar algumas instruções e parâmetros de acção para a Rainha portuguesa.

III.1.4.1.4. Normas de acção para umha Rainha Ilustrada

Já foi indicado que a tradução de um *Elogio* a Maria Teresa da Áustria tem, em nossa opinião, umha função bastante mais transcendente que a simples colocação no mercado de um livro com umha finalidade mais ou menos estética ou de lazer. Por isso,

²⁷² O processo culminou a 23 de Maio do ano seguinte com a absolvição dos Távoras, ficando a culpa do intento de regicídio limitada ao 1.º Duque de Aveiro, cujo título foi extinto.

a focalização do estudo do texto em relação com os três parâmetros alegados (ocultação da tradutora, existência de uma rede internacional de relacionamentos e importação para Portugal de um modelo de convívio modelado sobre o da Corte vienense) tem como principal objectivo mostrar como estes elementos se conjugam para conformar um “programa” de actuação para a Rainha portuguesa, que teria a sua base na homologia com a imperatriz austríaca D. Maria Teresa. A análise desta publicação como tal programa não só dá sentido a essa rede de relacionamentos com elementos europeus e, sobretudo, austríacos, mas também justifica as prevenções da Condessa de Vimieiro para manejar a questão da sua identidade como autora da tradução e, portanto, como promotora da introdução em Portugal de determinados elementos repertoriais.

Para além disto, de todo o visto até aqui (isto é, o empenhamento político da Condessa de Vimieiro, o seu forte apoio ao governo mariano, e o seu envolvimento com a ACL, que como vimos, era uma instituição com objectivos marcadamente políticos) inferimos facilmente que os posicionamentos (semi-)públicos da Condessa de Vimieiro não foram nunca “inocentes”, fosse através da Academia, da sua correspondência, de assembleias e salons ou, como neste caso, da publicação (anónima) de um texto; quer dizer-se que todas as suas intervenções podem ser interpretadas à luz de um programa de actuação na vida política e intelectual portuguesa visando a acumulação de capitais que permitam ao seu grupo alcançar uma posição dominante em ambos.

Para afirmar as hipóteses colocadas nas três epígrafes anteriores veremos agora o texto da tradução com algum pormenor tentando identificar algumas dessas normas ou modelos propostos para a actuação de D. Maria.

Do nosso ponto de vista, som quatro as **linhas ideológicas** que marcam o *Elogio*, **que podem e devem ser lidas à luz das chaves da política portuguesa** da segunda metade do século XVIII: **a defesa de uma forma de governo assimilável ao despotismo ilustrado, a legitimação de uma mulher no trono, a formação de um herdeiro e o reconhecimento da lealdade dos que defendêrom a legitimidade da Rainha.**

1. A defesa de uma forma de governo assimilável ao despotismo ilustrado:

A forma de governo proposta não supõe nenhuma inovação sobre o já conhecido em Portugal na altura, pois confirma a preferência por um modelo de monarca detentor de todo o poder, que deve ser exercido de maneira paternal/maternal, equiparando os vassallos a filhos dependentes do monarca e à espera das suas benesses,

utilizando, até, a conhecida metáfora do «Rei sol» de quem emanam nom apenas todas as decisons governamentais, mas também todas os comportamentos dos vassallos (Mello Breyner, 1781: 13):

Os bons, os grandes Reys, moldaõ sempre o character dos seus Vassallos. As suas Virtudes semelhantes aos raios benéficos do Sol que communicaõ a toda a Natureza o calor, e a vida; circulaõ em todo o corpo da Naçaõ, e excitaõ no coração dos Póvos (cuja felicidade estabelecem) o animo, e o valor; e aquella mesma multidaõ, que se faz inutil, e perigosa debaixo dos pés de hum Dispotico orgulhoso, converte-se em firme apoio do Throno, que adoraõ, quando dominada pelos Trajanos, pelos Henriques Quartos, pelas MARIAS THERESAS.

As virtudes concretas em que se traduz este princípio ideológico som aquelas que podem ser também defendidas para um pai ou umha mai de família do ponto de vista da Ilustraçom, e que som freqüentemente citadas em tratados pedagógicos: a compaixom, a justiça, a generosidade, a bondade, etc. som as pautas que devem guiar o exercício do governo, que se converte assim em algo similar à gestom de umha grande casa (Mello Breyner, 1781: 20):

MARIA THERESA, como Imagem da Divindade, naõ foi poderosa senaõ para ser Justa, Generosa, e Compassiva. Fora preciso escrever hum Diario da sua Vida; fora preciso recopilar as acções de todas as horas da sua existencia para poder numerar os beneficios, que derramou sobre a Humanidade, e os grandes exemplos, que deixou aos Reys.

Ao lado destas virtudes, é colocada também a necessidade de “Ilustraçom” da Rainha que a capacite para o estabelecimento das leis apropriadas ou para tomar as decisons necessárias tanto em tempos de guerra como em tempos de paz (Mello Breyner, 1781: 21, sublinhado nosso):

Novos meios de exercitar os seus talentos, fazendo brilhar a sua comprehensaõ, e manifestar a bondade, foraõ os resultados das commodidades da Paz. *Terna Mãi daquelles Povos, a quem devera a sua defesa; Reparadora de calamidades inseparaveis da Guerra; Soberana taõ illuminada, como Heroína illustre; todas as partes da sua Administração appareciaõ marcadas com o Sello do seo Genio, e das suas Virtudes.* Correi os seus Estados, vós que pertendeis conhecer quaes sejaõ os Monumentos mais Augustos da Grandeza dos Monarcas; e a cada passo ouvireis o Nome de MARIA THERESA repetido pela gratidaõ de seus Vassallos. Mil acções de Clemencia, de Bondade, de Generosidade haõ de encher-vos de continuo os ouvidos. As Provincias, que a Guerra devastara, haõ de mostrar-vos a Agricultura restabelescida, a Industria, o Commercio reanimados; e a Abundancia, e a Populaçaõ dando testemunhos da sua profunda Sabedoria, da sua Bondade creadora.

Até aqui nada difere substancialmente do que poderia ser, por exemplo, um elogio ao governos de D. José I e o Marquês de Pombal²⁷³, ou de qualquer outro Rei ou Rainha, sublinhando, sobretudo, as qualidades humanas (que neste período som equiparáveis às qualidades políticas) e o progresso dos povos derivado daquelas. A seguir veremos um dos traços distintivos deste elogio, que entra assim em confronto directo com determinados sectores da Corte portuguesa: a defesa da igualdade de capacidade entre homens e mulheres para exercerem o poder.

2. A legitimação de umha mulher no trono:

Referimos já várias vezes ao longo deste trabalho que o reinado de D. Maria, embora legitimado pola cortes de Lamego, foi posto em causa em várias ocasiões, e nem sequer a assunção do poder por parte da Rainha conseguiu enfrear as dúvidas sobre as suas capacidades, alegando-se para suster esta oposição a sua condição de mulher, a sua pouca preparação para o cargo (promovida por seu pai e por Pombal com a intenção de deixar o poder directamente em mãos do príncipe D. José) ou, finalmente, a sua instabilidade mental. Paralelamente, a legitimidade de D. Maria Teresa também tinha sido questionada apesar da existência de umha norma anterior que permitia que umha mulher exercesse labores de governo, e assim é explicitado no *Elogio* traduzido por Mello Breyner (1781: 6):

debalde a Herança da Archidukeza Rainha havia sido affiançada pela Pragmatica Sanção: debalde aquella Princeza regulada pela sua propria equidade, e pelo seu respeito á Religião do Juramento julgava poder-se abandonar a huma segurança fundada sobre as convenções mais authenticas, e sobre os mais bem estabelecidos Direitos; porque as reclamações multiplicadas, e as hostilidades, que as seguiraõ, em breve tempo lhe mostraraõ com evidencia, que a Ambição se

²⁷³ Como exemplo do indicado, colocamos aqui o epitáfio do Marquês de Pombal, recolhido por Franco e Rita (2004: 30-31, itálicos nossos), para cuja glorificação som utilizados argumentos mui semelhantes aos vistos para Maria Teresa: «Aqui jaz/ Sebastião José de Carvalho e Melo/ Marquês de Pombal/ Ministro e Secretário de Estado/ De D. José/ Rei de Portugal;/ O qual reedificou Lisboa,/ Animou a Agricultura,/ Estabeleceu fábricas,/ Restaurou as ciências,/ Estabeleceu as Leis,/ Reprimiu o vício,/ Desmascarou a hipocrisia,/ Desterrou o Fanatismo,/ Regulou o Tesouro Real,/ Fez respeitada a soberana autoridade,/ Cheio de glória,/ Coroadado de louros,/ Oprimido pela calúnia,/ Louvado pelas Nações Estrangeiras,/ Como Richelieu/ Sublime em projectos,/ Igual a Sully na vida e na morte:/ Grande na prosperidade,/ Superior na adversidade,/ Como filósofo,/ Como herói,/ Como cristão/, Passou à eternidade/ No ano de 1782/ Aos 83 da sua idade/ E no 27 da sua administração».

apodera de todos os pretextos, e desfaz os contractos mais sollemnes, e mais sagrados, logo que julga poder empregar a força impunemente.

Os intentos de deslegitimação de ambos os governos femininos, colocados sob o olhar de quem defende umha ideologia claramente marcada pola defesa da igualdade entre os géneros, serve à tradutora, como tinha servido já à autora do texto, para exaltar qualquer gesto e qualquer vitória de D. Maria Teresa como um duplo mérito, tanto polo próprio facto realizado como pola luta extra que supom ter sido executado por umha mulher (Mello Breyner, 1781: 5; itálicos nossos):

Henrique IV. conquistou a sua Herança assim como MARIA THERESA. Esta similhaça com hum Rey, a quem a França com tanta justiça dá os titulos suaves, e gloriosos de Bom, e de Grande, fez sempre impressão em todos os que fallaraõ desta Princeza, com quem a Posteridade ha de igualmente, comparar todos os Soberanos, cujas Virtudes, e gloria quizer exaltar. *Porém o Heróe da França era hum homem; e a vasta Herança da Casa de Austria foi defendida, e reconquistada por huma Mulher*²⁷⁴.

A argumentação do *Elogio* vai encaminhada a equiparar as capacidades para o governo de homens e mulheres e, portanto, funciona em Portugal com o objectivo de desactivar as críticas que se dirigem a D. Maria. Para reforçar esta ideia joga-se com as diferentes conotações que tenham as palavras *Rei* e *herói* frente a *Rainha* ou *heroína*, da mesma maneira em que também se colocam enfrentadas as características que, segundo a doxa, devem caracterizar umha mulher bem formada frente às que se exigem para um governante:

Contando apenas vinte e tres annos de idade era MARIA THERESA a Herdeira unica daquella Casa por taõ longo tempo formidavel; e esta Princeza, que depois se fez immortal, não era naquelle tempo conhecida senaõ pelo esplendor de huma Belleza Divina, e pelas virtudes suaves, e attractivas, proprias de hum sexo mais geralmente sensível, e tímido, que intrépido, e magnanimo; *mas o valor heroico, e superior talento, em que se fundava o seu character, mostraraõ em breve tempo a toda a Europa assombrada, que a mais bella Rainha do Mundo possuía todas as qualidades de hum grande Rey* (Mello Breyner, 1781: 6, sublinhado nosso).

outros soffreraõ a constreñação de encontrar n'uma Princeza de taõ poucos annos o espirito, e firmeza de hum *Heróe*.

²⁷⁴ Confronte-se ainda esta argumentação pola esgrimida pola Condessa de Vimieiro em defesa da sua própria obra, já vista acima: «dou a Portugal uma coiza, q ainda não tem e q nem o feliz seculo de quinhentos produziu sem deffeitos: serei eu capaz de tanto! p.^a um omem não fora m.^{to}, porq trabalharia sobre os vestigios d'antiguid.^e, com as Luzes do seculo prez.^{to}, não he coiza que mereça hir ao Indez das coizas notaveis; mas p.^a uma m.^{te} no Payz em que eu nasci, e onde talvez se armaõ contra mim porque leio e porq vou à Academia sim he Eroismo» (IAN-TT, Casa Fronteira Alorna, n.º 224, «Lxª 19 de Junho de 1781»; itálicos nossos).

Este titulo de Heróe, que a lizonja, ou o medo espediça tantas vezes, dando-o sem reparo aos mais culpaveis, favorecidos da Fortuna, pertence unicamente á *nobre*, e pessoal intrepidez, que defende *legitimos direitos*, supéra verdadeiros perigos, e finalmente triunfa por meio da Prudencia, e do Valor» (Mello Breyner, 1781: 7, sublinhado nosso).

extendendo ainda mais as possibilidades de estabelecer umha homologia entre os casos das Rainhas austríaca e portuguesa, coloca-se umha advertência sobre as novas capacidades adquiridas pola Rainha desde a sua ascensom ao trono, que pode ser interpretada como um recordatório para os opositores a D. Maria de que, apesar da pouca formaçom para o cargo que tinha recebido como presuntiva herdeira, a Rainha tinha conseguido formar-se umha vez no cargo (Mello Breyner, 1781: 14-15):

A Herdeira da Casa de Austria não era já aquella Princeza, a quem na flor dos annos o Mundo julgara sem defensa, e cuja Herança se intentara desmembrar; tinha-se feito huma Soberana illustre, que sabia transtornar as mais formidaveis medidas; a quem seus mesmos Inimigos admiravaõ combatendo-a; e que na idade de vinte e cinco annos tinha já merecido o respeito do Universo, e segurado o da Posteridade

Nom esqueçamos que este papel de “formadores” e “orientadores” da Rainha e do seu filho, pretendiam exercê-lo, segundo a nossa hipótese, os próprios membros da Academia, particularmente através da proximidade familiar do Duque de Lafões e da velha amizade e do papel na Corte da Condessa de Vimieiro, o que nos fai considerar que esta ideia do progresso na formaçom de D. Maria Teresa da Áustria e da possibilidade de que as pessoas fossem vítimas de engano ao considerá-la desvalida, tem como destinatários todos aqueles que utilizavam contra D. Maria o argumento tanto da sua suposta “brandura feminina” como da sua formaçom pouco cuidada para gerir um governo.

3. A formaçom de um herdeiro:

Apesar do evidente apoio que o grupo de Mello Breyner dá à Rainha D. Maria I, entendemos que existe a hipótese de que esse apoio estivesse condicionado ao exercício por parte do grupo, particularmente através do Duque de Lafões, de um labor de direcçom sobre o presuntivo herdeiro o príncipe D. José. As informaçoms a este respeito

som certamente contraditórias, tal e como vimos ao falar do Duque de Lafões, pois as versões oferecidas respectivamente por William Beckford e pelo Marquês de Bombelles não coincidem exactamente ao situar João Carlos de Bragança em relação com o príncipe do Brasil.

O *Elogio* contém uma invocação ao herdeiro de Maria Teresa da Áustria que nesta altura, com a Rainha D. Maria constantemente questionada em Portugal, pode ser interpretada como uma declaração de fidelidade ao príncipe D. José por parte do grupo que suportou a sua mãe e tentou (e ainda tenta) conservá-la no poder (Mello Breyner, 1781: 11-12, sublinhado nosso):

Vós, a quem Ella transmittio com o sangue as Virtudes, e os talentos, que fizeraõ tão amado, e tão glorioso o seu Poder; Augusto Herdeiro do seu Throno, e do nosso amor, a vossa Imagem nos arranca de huma tão funesta representação. Existem todavia as qualidades heroicas, e benéficas de MARIA THERESA; e o Reyno de Joseph será assinalado como o de sua Mãe pela felicidade, e absoluta sumissão de seus Vassallos.

É de todos conhecido que a Rainha austríaca coroou o seu filho em vida, compartilhando assim, de maneira formal, os labores de governo do império. Parece que o grupo da Academia talvez tivesse planos similares para o príncipe D. José, apostando no herdeiro perante a fraqueza da posição política da sua mãe, colocada sempre no meio de uma luta entre diferentes facções políticas que parece que nunca conseguiu acalmar.

Assim, em carta datada em «Lisboa 10 de Outubro de [1780]; itálicos nossos», a Condessa de Vimieiro dá algumas informações interessantes tanto em relação com a educação do Príncipe como com a necessidade de contar com o Duque de Lafões entre os seus instrutores ou conselheiros:

O Principe faz gosto das suas applicações. Franzini passa além das mathematicas, e cuida em lhe apresentar insensivelm.^{te} m.^{to} a face do Reyno, e o interior delle economicam.^{te} considerado. não sei se o methodo he bom nem tão bem se as dissipações frivolas, que sobreveem a estas conferencias [sic], lhe enfraquecem o fructo. A parada, q se faz todos os dias de baixo das suas janellas, lhe tem feito tomar algum enteresse pela tropa: conhecesse gr.^{de} parte dos seus defeitos apparentes, desconsolase por saber otros de mais consequencias e por não ter em nada disto intendencia: este Principe he raram.^{te} composto parecesse m.^{to} namorado da sua figura, e não faz cazo della, parecesse naturalm.^{te} inclinado á poltronisse, e ama os exercicios fortes: o jogo da espada dalhe tanto ou mais gosto, que o da picaria. Não gosta de dança nem de muzica p.^a se aplicar a ella, tendo alliaz um [sic] grande abilidad.^e p.^a o cravo, e facilid.^e p.^a tudo o q quer aprender Não gosta de ler, e está prompto a trabalhar nos calculos oras a fio sem se infartar. Tudo pergunta tudo o quer saber; colloca tudo na memoria por methodo poco ordinario, e perguntando com o maior ar de franqueza [es]cuta²⁷⁵,

²⁷⁵ Lacunas pelo mau estado do suporte.

e ouve com a maior reserva affectando mil vezes uma distração quazi stupida. Conservase namorad.^{mo} da princeza, e hum destes dias, q eu estive no tempo de jantar, e que animei alguma coiza a conversação lhe disse coizas pollid.^{mas} e por um modo tão natural q me dava gosto ouvi-lo. *A Inf.^{ia} me sigurou q elle amava o Duque, e sera fortuna p.^a elle e p.^a nos se o amar de modo, q se familiarice com elle.*

No entanto, as carências educativas do príncipe português som para a Condessa de Vimieiro, segundo coloca no mesmo lugar, evidentes em relação com a do seu homólogo austríaco:

a educação desses Principes he hoje tão differente da dos nossos, que parese q o resseso [sic?] da caza d'Austria veio de conserva p.^a as Espanhas, ficando por la o que unicamen.^{te} he saõ. Na verd.^e, em q.^{to} este sangue não entrou na familia Real Portugueza, ou pelas alianças de Espanha ou pelas imediatam.^{te} contrahidas com ella, os nossos Principes viviaõ melhor.

Ainda a seguir, Mello Breyner indica as suas dúvidas em relação com as pessoas que rodeiam e assessoram D. Maria e, sobretudo, com a demora em incorporar o Duque de Lafões a esse grupo:

Comtudo os presentes são onradores affaveis, e [omano] e tu sabes ate que ponto se familiarizaraõ as duas Princezas com aquellas pessoas, q temos a onra de falharlhe mas não podes fazer conceito da affabilid.^e, com que a R.^a no seu particular nos trata, e como suavem.^{te} entrom.^{te} [sic] nos enteresses de cada hum. Não obst.^e ao seu lado ha quem destrua os frutos desta excellente disposição, e o peor [sic] he q ainda quando o nosso D.[uque] seja chamado não fará mais doq proceder passivam.^{te} A violencia q se faz p.^a se sugeitar, e mil otras coizas, que uma carta e a distancia não permitem communicarte me faz assentar, q hei de morrer tão molem.^{te}, como tenho vivido.

Mas o modelo austríaco nom é imitado, e o presuntivo herdeiro nom se incorpora às tarefas de governo até 1787 (contando já 26 anos), quando, segundo a Condessa, «o Principe, que devia ha m.^{tos} annos ajudar sua May no trabalho de Reynar foi chamado no dia 21 p.^a hir ao despanho» («Lisboa 28 de Ag.^{to} de 1787»).

Em definitivo, queremos indicar aqui que entendemos que Mello Breyner e o seu grupo nom só apostou os seus capitais no governo de D. Maria I, mas que também tinha grandes esperanças na sucessom na pessoa do príncipe D. José, ou que, ao menos, começa a investir no herdeiro já desde os primeiros anos do reinado da sua mai, vista a fraqueza do seu governo. Nom nos alargamos mais neste assunto porque regressaremos a el mais adiante.

4. O reconhecimento da lealdade dos que defendêrom a legitimidade da Rainha:

Finalmente, a quarta linha ideológica que a nosso ver é de importância capital para perceber como se coloca este texto nos campos intelectual e do poder na data da sua publicação é a exortação constante ao reconhecimento da lealdade dos que defendêrom a legitimidade da Rainha para ocupar o trono.

Vimos anteriormente que vários elementos do grupo de Teresa de Mello Breyner tinham sido postos de parte durante o reinado anterior e que, conseqüentemente, tinham depositado as suas expectativas de recuperação de poder em D. Maria, também alheada pelo Marquês de Pombal. As esperanças da sua coroação iam sendo a pouco e pouco desiludidas, verificando-se que a legitimidade da Rainha não é reconhecida por todos. Ainda assim, em 1781, cinco anos depois do seu ascenso ao trono, e aproveitando as circunstâncias da morte de Arquiduquesa da Áustria, o grupo da Academia lança uma mensagem à Rainha lembrando quem é que está do seu lado (Mello Breyner, 1781: 9-10; itálicos nossos):

O Rey de Prussia, com tudo ganhava Batalhas; o Eleitor de Baviera havia tomado Lintz; o ajuntamento da primeira Divisão do Exercito Francez com o de Baviera estava feito, e Vienna ameaçada. *Tudo parecia encaminhar-se á total ruína de huma Princeza, a quem o Mundo julgava sem defesa. Mas que poderosos defensores não erão para Ella o seu Espirito, e a sua Constancia, o amor, e o esforço dos seus Vassallos!* Esta porém inimitavel constancia não lhe provinha de alheio socorro: o seu mesmo coração a produzia, e a sustentava. Sendo geral a consternação, *o desalento affrouxava até os mais acreditados Ministros; e tanto, que houve quem se atrevesse no Conselho a propôr a Cessão da Bohemia ao Eleitor de Baviera.*

[...] Mil ferros banhados em lagrimas se levantaõ n'um instante; e *o juramento mais verdadeiro da constancia, e da fidelidade se repete* por aclamação nestas energicas palavras: *Morramos todos por nosso Rey MARIA THERESA.*

A imediata conseqüência deste recordatório é a petição de compensações para quem perdeu oportunidades no anterior reinado e não consegue ver agora recompensados os alegados sacrifícios (Mello Breyner, 1781: 20-21; itálicos nossos):

Então as Nações nobremente vaidosas do seu valor, e do seu zelo haõ de indicar-vos os *Monumentos de Beneficencia da reconhecida Soberana para com os Defensores do seu Throno. Vós vereis o Direito, os Privilegios Nacionaes restabelescidos, e confirmados pela sua sempre justa Authoridade. Vereis todas as Virtudes recompensadas; toda a qualidade de merecimento protegido;* todas as Artes precisas, e agradaveis reanimadas, e diffundidas. Os Estabelecimentos mais uteis, as Leys mais sábias vos daraõ nos olhos. Então quereis que MARIA THERESA houvesse possuido o Imperio do Universo, e postrando-vos ante as

suas Imagens, a ternura, e as aclamações dos Póvos confirmaraõ o culto, que lhe renderdes.

A petiçom de reconhecimento da lealdade e concessom de benefícios traduz-se numha explícita exortaçom à abertura do Paço e da família real à vida social (Mello Breyner, 1781: 22-23; itálicos nossos):

qualquer se atrevia logo a distinguir na mais illustre das Soberanas huma Mulher adoravel, que *sobre o primeiro Throno do Mundo*, rodeada de todo o esplendor de sua Fama tinha dignaçã de mostrar-se como occupada do desejo de agradar, e de avisinhar-se ao mais resto dos Mortaes pelas graças do Entendimento, pelo amenidade, pela vivacidade, e pela polidez engenhosa da sua conversaçã. *Esta palavra conversaçã parece impropria fallando de huma Imperatriz; porém MARIA THERESA, FRANCISCO I, E JOSEPH II. superiores á triste austeridade, que cercava n'outro tempo a Ordem suprema, accrescentáraõ ás qualidades de seus Augustos Ascendentes o encantador attractivo de huma familiaridade, que lhe fornecia novos meios de manifestar as virtudes mais amaveis, e mais capazes de mover o coração.*

É bem sabido que um dos problemas a que se enfrentava a nobreza portuguesa era a falta de um lugar fixo de convívio e de relacionamento social, para além das casas de particulares portugueses (como podiam ser as dos próprios Condes de Vimieiro, da Condessa de Penalba, do Duque de Lafões ou de outros) ou de embaixadores estrangeiros como o Marquês de Bombelles ou o Barom Lebzeltern. O facto de o Paço estar reduzido a um lugar de representaçom política formal, a falta de um teatro da ópera homólogo dos existentes noutras capitais europeias, e, ainda, os costumes extremamente reservados da família real, dificultavam o convívio da nobreza com esta e entre os seus próprios elementos, o que se traduzia na pouca visibilidade das preferências dos diferentes membros da família real e na incapacidade de ostentaçom dos seus postos no Paço para as casas da primeira nobreza, assim como também umha dificuldade acrescentada para o estabelecimento e exhibiçom de capitais por parte das mesmas casas. Mais umha vez, a Condessa utiliza o exemplo oposto da Arquiduquesa asutríaca para provocar a emulaçom da Rainha portuguesa (Mello Breyner, 1781: 23; itálicos nossos):

A Amizade [...] não só achou entrada no coração de MARIA THERESA, mas até se accendeo muitas vezes no de seus Vassallos; os quaes sem receio de offender a Magestade, ousáraõ cultiva-la a seu respeito. Por este meio conseguiu a Imperatriz, que a sua Alma respeitando todos os direitos deste sentimento divino, desfrutasse as doçuras de hum bem, de que o commum dos Reys se priva por huma especie de condemnaçã. *Vivia no centro da Nobreza, dos Guerreiros, que a tinhaõ defendido, e dos Ministros, cujo talento, e zelo correspondia ás suas intenções benéficas, e illustradas, admittindo-os á sua meza, e aos seus divertimentos.* A Flor das Nações lhe trazia ao pé do Throno

hum tributo de admiração; e os Estrangeiros sempre tratados como Nacionaes, levavaõ em retorno para a sua Patria o reconhecimento, e o profundo apêgo aos interesses daquela Princeza, cuja affabilidade lho havia inspirado, e cuja Grandeza, e Gloria tinhaõ vindo admirar.

Como vemos tanto neste trecho como no anterior, Mello Breyner exalça a abertura ao convívio da Rainha sentada “no primeiro trono do mundo”, evidenciando o absurdo de que a família real portuguesa continue com umha tradição de austeridade que nom tem comparaçom nas grandes cortes europeias. A existência de umha vida social de Corte permitiria à primeira nobreza um acesso mais fácil e directo à Rainha e aos príncipes, e, conseqüentemente, acrescentaria a sua capacidade para aconselhar e influir nas decisons reais, contrarrestando a presença quase exclusiva de ministros e confessores em volta da Rainha, convertidos desta forma nos únicos elementos políticos com verdadeira capacidade de acesso às pessoas reais.

Quando Mello Breyner publica esta tradução, é evidente que está pretendendo introduzir e promover em Portugal nom apenas um determinado modelo político, mas também um modelo de Corte e de relacionamento entre a Coroa e a primeira nobreza. Para além disto, como vimos, procura estabelecer, igual que na sua correspondência, homologias entre ambos os campos do poder (o austríaco e o português) com o objectivo de colocar o seu grupo e colocar-se ela mesma em lugares de privilégio tanto no campo intelectual como no campo do poder.

III.1.4.2. *Osmia tragedia de assumpto portuguez em cinco actos*

III.1.4.2.1. *Objectivos*

Sete anos depois da publicação do *Elogio* (1781), sai da imprensa da Real Academia das Ciências de Lisboa umha nova obra da Condessa de Vimieiro, tal como a anterior, sem assinatura. A identificação desta obra, bastante mais antiga que a da tradução, foi feita, segundo o já visto acima, por Inocência da Silva em função do testemunho de um dos sobrinhos da Condessa, e é confirmada agora por diferentes

testemunhos já citados recolhidos nas cartas da sua autora. Esclarecido, pois, este ponto, devemos explicar a posição e a função do texto de Mello Breyner nos campos intelectual e do poder na altura da sua publicação, de tal maneira que nos ajude a compreender a trajetória da sua autora.

Segundo as diferentes versões que teve esta história²⁷⁶, Osmia foi uma personagem real, e portanto o argumento foi tirado da história portuguesa, seguindo as indicações de Aristóteles, que recomendava recorrer preferentemente a factos reais²⁷⁷. As desventuras da lusitana, pelo menos até os meados do século XIX, devêrão de ser tão populares como as de Inês de Castro, e igual que esta figura, a de Osmia também foi tomada como símbolo nacional num período em que Portugal, próximo ainda o tempo da monarquia dual, precisava desta classe de elementos para reafirmar a sua identidade colectiva; hoje, em troca, é praticamente impossível encontrar referências históricas a esta personagem. Temos localizado, no entanto, três fontes para esclarecer este assunto: a famosa *Monarquia lusitana* de Frei Bernardo de Brito (1597) e dois textos setecentistas que recolhem de maneira mais ou menos resumida o dito por Brito - *Portugal illustrado pelo sexo feminino* de Diogo Manoel Ayres de Azevedo (1734) e o *Theatro heroico* de Damião Froes Perim (1740)²⁷⁸.

Frei Bernardo de Brito (1597: f. 220 v) fala extensamente do sucedido a Osmia no quinto capítulo da sua obra histórica, dedicado a «Das valentias, que alguns Portugueses fizeram contra os Romanos, & do que Gayo Lelio fez contra Viriato, segundo reffere Cícero». Reproduzimos a seguir o texto completo, que será de grande utilidade para comparar a história recolhida na *Monarquia lusitana* com a que depois utilizará a Condessa de Vimieiro para a elaboração da sua tragédia:

²⁷⁶ O assunto teve quatro versões que conheçamos escritas entre 1773 e 1845. A primeira foi a de Manuel de Figueiredo, *Osmia*, escrita em 1773; a segunda, com título igual, é a da Condessa de Vimieiro (1788); em 1818 aparece uma nova versão, esta vez a *Nova Osmia* de Manuel Joaquim Borges de Paiva, e, finalmente, em 1845, *Osmia – Conto-histórico-lusitano em quatro quadros seguido de outras poesias* de José Osório de Castro Cabral de Albuquerque, escrita, segundo o autor, para depurar a história dos defeitos dos Ilustrados e volver-lhe, segundo el: «o espiritalismo que os materialistas do século 18º tentaram em vão aniquilar, começa a apparecer radiante; e á medida que a geração actual conhece os erros da passada, o imperio da razão cresce com elle tambem, a par dos affectos nobres da nossa alma» (Albuquerque, 1845: V).

²⁷⁷ «Mas na tragédia mantêm-se os nomes já existentes. A razão é a seguinte: o possível é algo em que se crê. Ora enquanto as coisas não acontecem, não estamos dispostos a acreditar que elas sejam possíveis, mas é claro que são possíveis aquelas que aconteceram, pois não teriam acontecido se não fossem possíveis» (Sousa, 1964: 117).

²⁷⁸ Aqui devemos agradecer, mais uma vez, à Doutora Vanda Anastácio a localização e envio desta referência.

outro caso conta o proprio author [Alladius]²⁷⁹ no tratado de sacrificijs, de certa molher Portuguesa, chamada Ormia, a qual sendo cattiva de certo soldado Romano, & goardada com muyta estima, por sua estremada fermosura, sintio em tanto extremo, verse deshonorada, & sojeita de hum Romano, que se quisesa matar com suas mãos, se lho não estorudara o proprio soldado: mas dissimullãodo sua dor, & fingindosse deploys esquecida de quanto passara, de tal modo descuydou o Romano, que ja tinha liberdade para andar fora de sua tãda, e passear a qualquer hora por onde tinha vontade: & achãdosse hũa noyte em modo, de por obra o que tezia no pensamento, vendo que o soldado preso de hum profundo sono, lhe cortou (como Iudith) a cabeça, com sua propria espada: & desmintindo as goardas do campo, fugio pera Portugal, levando a cabeça do adultero a seu marido, pera que visse, que se ouvera quẽ lhe pusesse maculla na honra, não aueria, quẽ lhe pudesse louuar de a ter posta. E não contente com a vingança, que mostraua do Romano, a quis tomar de si propria, mattandosse ante os olhos de seu marido, & parentes: pera tirar de todos a sospeyta, que podião ter, de auer nella algũa sombra de consentimento, no adulterio passado. Oo [sic] Romanos, roubadores da fama, & gloria estrangeyra, com que elloquencia, & figuras de Rethorica, exalçareys, & pusereys no ceo a façanha de Ormia, se como foy de Portugal, acertara de ser Romana? e quãdo de hũa Lucrecia não acabays de nos contar tão facil cousa: que fora desta famosa Portuguesa, a quem essa, & todas as mays ficão muy inferiores? Mas deumamos isto ao nosso Portugues Alladio, que com sua breuidade, & modo de fallar gothico, nolo ensina, cittando em seu fauor Marco Porcio Catão & dizẽdo, que delle o tira.

Azevedo (1734: 108-109), por seu turno ocupa-se da futura heroína de Teresa de Mello Breyner numha epígrafe intitulada «muitas heroínas Portuguezas que floreceraõ em armas»:

Ormia, insigne Portugueza no tempo dos Romanos, sendo cativada de hum Soldado, este se namorou taõ cegamente da sua rara belleza, que veyo ultimamente a violentalla.

²⁷⁹ A. A. Banha de Andrade e M. dos Santos (1973: 7), responsáveis pelas notas na edição facsimil do texto de Perim, afirmam que Pedro Aládio é «um dos autores conhecidos apenas por referência de Fr. Bernardo de Brito e por declaração das pessoas que, em 10 de Setembro de 1595, testemunharam a sua existência na biblioteca do Mosteiro de Alcobaça: o licenciado Jerónimo do Souto, ouvidor da comarca e correição dos coutos de Alcobaça, e o Doutor Fr. Francisco de Santa Clara, abade do Mosteiro. Barbosa Machado aceita a naturalidade portuguesa reivindicada por Brito e dá-o como tendo vivido no tempo em que os Godos dominavam a Península. Para título da obra, Barbosa aproveita as citações do texto (“no *Libro de Sacrificiis, Allad. Lide Sacri.*, Petr. Alladius, *de Lusit.*) e apresenta um *De Sacrificiis antiquitis lusitanorum*, reproduzindo também o *incipit* e o *explicit*, que se lêem nas aludidas citações. Nestas, porém, o livro é mencionado como muito antigo, mal encadernado e contendo “dous tratados de Pedro Alladio do modo de viver dos Portuguezes antigos”; e: “feito por Pedro Alladio e trata dos ritos e modos de viver em paz e guerra, dos Portuguezes antigos”. Noutro passo da *Monarquia*, Brito descreve-o desta forma: “Vai Pedro Aladio tão particular nestas povoações da Lusitania, e nas guerras antigas, que me faz sair ao campo com grande temor de ser notado entre gente que quebra de puro escrupulosa. Mas como em quase tudo o vejo conformar com outros autores estrangeiros nas cousas que eles alcançaram, não é muito que, como a natural, lhe demos autoridade nas que ele descobriu com sua diligência”. Apesar de tudo, não faltou quem pudesse em dúvida a autenticidade da obra e até a existência do autor, um dos motivos por que Fr. António Brandão confessa que já o não viu, por exemplo Nicolau António, não sem grande escândalo de Barbosa Machado, diga-se de passagem».

Sentio Ormia tão grandemente a offensa, que na mesma hora se quizera matar a não lho estorvarem. Com tudo dessimulando o caso, esperou occasião para a vingança. Teve-a ella opportuna a tempo, que colheo adormecido ao violador da sua honra; e revestindo-se então de hum varonil alento, cortou-lhe a cabeça, e fugindo se prezentou com ella a seu marido, a quem desejando certificar a violencia com que lhe quebrantára a lealdade, com valor mais heroico se tirou a si mesma a vida diante d'elle. Assim vingou Ormia a sua honestidade, e a não ser illicito o meyo, de que usou, não haveria elogio, que dignamente a engrandecesse. Não sey eu se se acharaõ muitas que saibaõ com tanto esforço defender a sua honestidade.

Finalmente, Damiaõ Froes Perim (1740: 299) di:

Ormia, matrona Portugueza, sendo prisioneira de guerra em huma batalha, que os Portuguezes deraõ aos Romanos; o soldado, que a rendera, como despojo de seu valor, se quiz gozar da joya de tanta fermosura, porque rendia de fermosa, mais que de valente. Como não aproveitavaõ rogos, nem promessas, appellou o Romano para as violencias, forçando a honrada Portugueza, que não podendo vingar logo a infamia do adulterio, dissimulou a paixão para respirar em mais violento castigo, heroico desafogo. Huma noite, que o soldado Romano descaçanva com mais profundo somno, o deixou dormindo para huma eternidade; e cortando-lhe a cabeça, valerosa, e fugitiva se escondeo ao perigo das guardas do exercito, entrando em Portugal com aquelle troféo da sua castidade. E referindo na presença dos parentes a infelice historia da sua desgraça, entregou ao marido a cabeça do soldado Romano; e puchando pelo instrumento, com que lhe dera merecido castigo, se atravessou pelo coração: dando mais esta prova da honra, que não pudera defender, e sabia ganhar, merecendo com esta acção particular memoria, perduravel fama.

As informaçons de todos eles podem sintetizar-se da seguinte forma: Osmia (ou *Ormia*, tal e como indicam os três) é umha mulher lusitana, da qual nom se especifica a sua funçom ou posto social, que é capturada por um soldado romano, do qual tampouco se esclarece o nome ou grau militar, e posteriormente violada por este. Em vingança polo assalto, a lusitana aproveita um despiste do soldado para matá-lo, e escapar do campo de prisioneiros com a cabeça deste como prova para mostrar ao seu marido que as relaçons sexuais com o romano fôrom produto da violência. Umha vez de regresso à sua casa, e para nom deixar nengumha dúvida sobre a sua “honra”, Osmia suicida-se diante do seu marido.

A posiçom e a funçom da tragédia *Osmia* (1788) no campo literário dos finais do século está condicionada por toda umha série de polémicas que atravessam a segunda metade do Setecentos português e que já temos tratado com algum pormenor noutro trabalho (Bello Vázquez, 2005): o debate pedagógico, a questom da igualdade entre os géneros, a concepçom e utilizaçom do teatro, o posicionamento ideológico em relaçom

com a Ilustração, com a identidade nacional e com a língua portuguesa, etc. A Condessa de Vimieiro posiciona-se em todas estas polémicas com a apresentação da obra *Osmia* ao prémio concedido pela Academia de Ciências de Lisboa e a sua posterior publicação.

O teatro, que era o principal meio de comunicação da altura, servia perfeitamente à vocação de intervenção que os ilustrados pretendiam para os seus escritos, tanto literários como teóricos²⁸⁰. Dentro do teatro, a Condessa opta pelo género mais prestigiado e, por isso, aristocratizante, para que se converta no estandarte não só de uma nova poética, mas também de uma nova sociedade, e dentro desta, da sua classe dominante. Assim aparece o interesse por recuperar a tragédia, que tinha vários componentes que a faziam perfeita para os interesses da nobreza ilustrada: a vinculação com a antiguidade greco-latina e com o Quinhentismo, o protagonismo dos seus pares, a lição moral que devia encerrar, e um claro **elitismo na selecção do público, pois a complexidade da codificação deste género e o modelo lingüístico escolhido limitavam o acesso aos grupos sociais que acudiam a outros espectáculos como a comédia portuguesa ou o teatro espanhol de 'capa e espada'**.

No campo teatral dos finais do século XVIII, passado o enorme sucesso do teatro espanhol entre as camadas mais altas da sociedade, tinha-se produzido uma identificação entre os repertórios seiscentistas e um público popular, e entre as óperas “ao gosto português”²⁸¹ e os interesses das classes médias, enquanto que os 'membros tipo' de uma instituição como a Academia de Ciências provinham, embora não fosse por imposição estatutária, da elite social e política. Portanto, a vinculação da classe social da autora e dela mesma e de outros membros da sua família (o seu marido Sancho de Faro e o seu irmão Pascoal José de Mello), assim como do seu círculo mais próximo (o Duque de Lafões, por exemplo) a uma das instituições que mais se tinha comprometido na promoção em Portugal de uns determinados modelos repertoriais ilustrados é decisiva à hora de apresentar uma obra como *Osmia*, que, será visto mais adiante, mostra uma posição muito clara no que diz respeito ao projecto de teatro nacional, de modelo de língua e de concepção da sociedade que persegue.

²⁸⁰ Separados estes dois conceitos, segundo vimos, por uma fronteira difícil de precisar.

²⁸¹ Lembramos aqui o já dito em páginas anteriores em relação com a enorme diferença que se estabelece entre uns leitores, um público ou até uns promotores que têm acesso aos textos originais italianos e aqueles que consomem uns textos não apenas traduzidos, mas modificados e acrescentados com determinados elementos próprios do teatro mais popular, que se identificam geralmente sob o rótulo “ao gosto português”.

A tragédia da Condessa do Vimieiro apresenta-se num volume de 71 páginas prologado por José Correia da Serra em qualidade de Secretário da Academia. A obra está estruturada em cinco actos, escrita em versos decassílabos brancos e desenvolve, como fio condutor da trama, a relação entre Osmia «descendente dos antigos Capitães da Lusitania, Princeza dos Turdetanos» (1788: [7])²⁸², casada por razões de estado com Rindaco «Capitão dos Vetoens», e Lélío, o «Pretor dos Romanos». Durante uma batalha entre os lusitanos e os romanos, a Princesa, juntamente com muitos outros lusitanos –entre eles a sua preceptora Elédia «mulher fatídica, confidente d’OSMIA» (Mello Breyner: 1788: [7])- é capturada. Ali conhece Lélío, que se apaixona por ela; o romano jura amor eterno e promete convertê-la na sua esposa (romana), mais ela sente-se dividida entre uns sentimentos, nunca esclarecidos totalmente, pelo pretor e a fidelidade ao seu povo –já que não ao seu homem, a quem considera morto durante a batalha.

O texto –tal e como tinha sugerido Bouterweck (1823)- deveu ter um relativo sucesso, se não entre os espectadores, pelo menos entre os leitores de teatro, já que conheceu duas edições em vida da autora e outra mais em 1835 –publicadas as três pela Academia das Ciências-, uma outra manuscrita –datada o 2 de Fevereiro de 1790- depositada na Biblioteca Nacional de Lisboa e que pertencia originariamente à colecção particular de António José de Oliveira²⁸³, e ainda uma tradução para espanhol em 1798²⁸⁴. Entre as três edições –1788, 1795 e 1835- não há nenhuma diferença nem no texto nem no prólogo, nenhuma das três está atribuída, e, tal como se explica nos seus encabeçamentos, são meras reimpressões.

A importância de *Osmia* no campo vem dada, do nosso ponto de vista,

(a) por somar-se a uma proposta claramente vinculada com a Ilustração, que estava marcada ideologicamente pelo nacionalismo e o elitismo das camadas altas da sociedade, que procuravam um repertório teatral próprio e diferenciado, e

(b) por mostrar-se mais uma vez e de forma evidente, como já sucedia com o *Elogio* publicado anteriormente, como uma apelação directa à Rainha D. Maria, muito próxima já de perder o poder a mãos do seu filho o príncipe D. João.

²⁸² Citamos em todos os casos pela primeira edição do texto.

²⁸³ Trata-se de uma cópia autógrafo do próprio Oliveira, que ocupa o volume 25 de uma colecção de textos teatrais formada por trinta e três mais.

²⁸⁴ Esta tradução encontra-se na Biblioteca do Seminário Diocesano de Burgo de Osma (Soria), e a sua consulta foi amavelmente facilitada por Julián Ortega.

Veremos a seguir com maior vagar algumas das características principais desta obra que nos podem ajudar a esclarecer tanto a posição e a função do texto como as da sua autora no momento em que o primeiro vê a lume.

III.1.4.2.2. Novamente a ocultação

No prólogo de José Correia da Serra, extraído das actas desta instituição de 12 de Agosto de 1788, indica-se que a obra foi premiada o dia 13 de Maio desse mesmo ano, e explicam-se as razões da atribuição do prémio e as circunstâncias que envolveram este (Mello Breyner, 1788: [5]):

Em 10 de Maio de 1785, propoz a Academia para hum dos assumptos, das composições que seriaõ premiadas a 13 de Maio de 1788, huma Tragedia Portugueza.

Tres Tragedias vieraõ a concurso; huma intitulada *D. Maria Telles*, a segunda *Lauso*, e a terceira esta, que se dá ao público. Depois de examinadas julgou a Academia dignas de louvor varias Scenas da segunda, e os rasgos poeticos, que de quando em quando nella se encontravaõ; mas que a terceira pela sua versificação mais igual, pela unidade da acção, e pelos caractêres das pessoas se conservarem fielmente até ao fim da catastrophe, levava ventagem ás outras, e merecia o premio.

Os critérios que levárom os académicos a premiar *Osmia* som, como se pode apreciar, mui similares aos que definiam umha boa tragédia no cânone aristotélico e neoclássico: respeita os padrons métricos —«a sua versificação mais igual»-, mantém a unidade de acção —verá-se mais adiante que nom só mantém a unidade de acção, mais também a de lugar e a de tempo-, e as personagens som verossímeis, já que mantem os seus caracteres «até ao fim da catastrophe».

Explica o secretário da Academia, para além do anterior, o porquê do anonimato da publicação, aludindo a umha nota que acompanhava o manuscrito e na qual se indicava, em lugar do nome da autora, umha petição para convocar um novo concurso para achar um remédio (em harmonia com os métodos científico e experimental, e que tivesse, sobretudo, umha utilidade prática real e aplicável sem demasiado esforço económico) para curar a ferrugem das oliveiras «fundado no conhecimento da natureza

do mal, confirmado pela experiência, e que seja ao mesmo tempo praticável sem grave despesa nem excessivos cuidados» (Mello Breyner, 1788: [5]).

A ambígua estratégia de ocultação da Condessa, já aludida noutros lugares deste trabalho, alcança aqui novos matizes. Como indicámos na epígrafe anterior, dedicada ao *Elogio* (1781), a própria Mello Breyner reconhecia em relação com o seu suposto anonimato que «uns advinhaõ [sic], otros naõ», quer dizer-se, que mesmo publicando sem assinar, no pequeno núcleo da Corte era relativamente fácil conhecer que grupos ou pessoas se encontravam por trás de cada publicação ou, de maneira geral, de cada intervenção semi-pública/semi-clandestina; e isto com maior razão quando estas intervenções tinham um carácter marcadamente político como o tinha aquela. Mas isto não é todo, porque no mesmo lugar Mello Breyner, como se lembrará, assegurava que «se eu podera explicarte as diferenças, que observo em gentes depois disso, rerias [sic] como eu rio». Isto é, a Condessa não só sabia que a sua autoria podia ser facilmente descoberta, mas até conhecia perfeitamente e pela sua própria experiência quais podiam ser as consequências de uma intervenção semelhante. Pois bem, longe de poder interpretar esta suposta “ocultação” como um signo de modéstia ou de ingenuidade (e lembre-se aqui o dito por Teresa Leitão de Barros (1924): «das tragédias que as fidalgas escreviam, tiravam, ao menos, as prestáveis oliveiras um proveito indiscutível»), mas como uma provocação e um desafio contra aquelas pessoas que se posicionavam contra a Academia e/ou contra a Condessa.

A Condessa é consciente, e assim o indicam cartas já citadas, de que a sua mão vai ser descoberta por trás da tragédia premiada tal e como já tinha sucedido na ocasião anterior e quem sabe se em alguma mais, mas aproveita essa circunstância para fazer uma nova demonstração tanto da sua posição política e ideológica como das suas capacidades, que ela considera muito superiores às dos seus contemporâneos e sobretudo contemporâneas.

Sem querermos entrar na pura especulação –objectivo absolutamente contrário a este trabalho–, parece que, das contínuas declarações da Condessa tanto nesta nota como em outros lugares já citados da sua correspondência, se pode inferir –pois infelizmente não temos podido localizar nenhum texto crítico contra Mello Breyner que verifique este extremo– que uma das principais acusações que deviam ser feitas contra ela era a vontade de ostentação e a ambição pessoal. Contra essas críticas, e estando consciente de que muitas pessoas saberiam quem estava por trás de *Osmia*, a Condessa decide fazer uma declaração de princípios ilustrados («fundado no conhecimento da natureza do

mal, confirmado pela experiencia [...]» etc.) e umha 'ostentaçom de modéstia' ocultando o seu nome e renunciando ao prémio. Repare-se em que quando a doxa exige de umha mulher a absoluta modéstia, submissom, ocultaçom e anulaçom da identidade e da individualidade –seguindo o modelo católico da Virgem Maria- a ambigüidade no seguimento desta doxa ou, o que é o mesmo, a sua manipulaçom, pode ser certamente mais provocador que a confrontaçom ou a ruptura. Já foi dito que esta última opçom nom era viável para quem detinha responsabilidades de representaçom de umha casa da primeira nobreza, e que dependia da sua imagem para trabalhar na Corte em favor dos membros da sua família e do prestígio e prosperidade da sua casa. Mas nom se nos pode escapar que, sem quebrantar a doxa, a Condessa de Vimieiro, igual que outras mulheres como, por exemplo Leonor de Almeida, utilizam em seu favor os tópicos femininos de modéstia, ocultaçom e inferioridade, e evidenciam as contradichons entre o seu papel 'de facto' (o seu enorme capital cultural e a sua actividade política) e as suas possibilidades de alcançar o reconhecimento público. Assim, no epistolário de Mello Breyner, a própria palavra ambiçom é utilizada de maneira ambígua, sendo censurada como ostentaçom para Lencastre Forjaz²⁸⁵, afirmando, no entanto, noutro lugar: «naõ te admiras de que eu dezeje que no coração de meu sobrinho se nutra uma certa ambição de gloria sem a qual jamais se fará coiza gr.^{de} a qual ambição condennaõ as gentes mal entedidas como soberba e eu chamo elevação d'alma capaz de nos levar a D.^s» («Lisboa 19 d'Agosto de 1783»).

Independentemente da colocaçom ou nom do nome da autora na capa do livro e independentemente da inclusom das Condessas de Vimieiro e de Oyenhausen na lista dos Académicos da ACL, as críticas vam existir desde o momento em que se exerce umha certa actividade pública. Contra esta crítica se coloca a Condessa desafiando com umha alegada e evidentemente falsa modéstia a quem a censura. Fai desta maneira umha dupla ostentaçom –de conhecimentos e capacidades (pois aparece como ganhadora de um prémio outorgado a umha obra realizada com os materiais repertoriais de maior prestígio) e de modéstia, porque *formalmente* nom pode ser censurada por umha pretensa *ambiçom de glória* nem de dinheiro.

Ainda, nom parece fora de lugar que esta declaraçom seja também a afirmaçom de umha pessoa que está por trás da formaçom, promoçom e funcionamento da ACL

²⁸⁵Lembramos aqui um trecho já citado, no qual a Condessa condena o que considera o principal defeito de Joana Isabel de Lencastre Forjaz: «o dez.º de impor; a natural ambição de brilhar, de adquirir hum nome menos vulgar; conduz a semelhantes desconcertos se se naõ corrige» («Vimrº 24 de Maio de 1771»).

desde quase nove anos antes da concessom do prémio, que, porém, nom só nom é reconhecida publicamente como sócia, mas que até, e segundo o seu próprio testemunho, «se armaõ contra mim porque leio *e porq vou à Academia*». Para além disto, repare-se em que a Condessa se permite com a sua nota orientar os prémios da instituio propondo a convocatória para umha linha concreta de pesquisa e reduzindo a importância dos prémios literários frente às investigaçoens científicas.

Com isto queremos indicar que tanto a apresentaçom da obra ao concurso por parte de umha pessoa estreitamente vinculada à estrutura da Academia, como a inclusom de umha nota de renúncia ao prémio construída com os elementos indicados, revelam, mais umha vez, e como já foi indicado, a necessidade que existe, em nossa opiniom, de reconduzir as apreciaçoens que normalmente se tenhem feito sobre a utilizaçoem do anonimato por parte das mulheres do século XVIII.

III.1.4.2.3. Os modelos repertoriais do teatro ilustrado e os materiais repertoriais em Osmia

Som muitas as escolhas que fijo a Condessa com esta obra e que podem ser interpretadas à luz das principais linhas de força que dominavam o campo literário português de finais de século. A Academia convocou um prémio, expressamente para umha «Tragedia Portuguesa», polo que nas próprias bases da convocatória está a fazer umha declaraçoem ideológica, que se relaciona com a sua vontade de regenerar o campo científico e cultural português, introduzindo nel as inovaçoens de todo o tipo que achegavam as Luzes, mas também o campo literário, e, em concreto, uns repertórios teatrais, que, desde os começos do século, só mudaram para introduzir a ópera com êxito cada vez maior, mas de umha forma adaptada e, de certa perspectiva, 'deturpada', que nom podia satisfazer as demandas de uns elementos da aristocracia ilustrada que procurava nas suas leituras e nos seus ócios elementos de distinçoem.

Do ponto de vista genérico, a autora escolhe a tragédia, com todas as suas implicaçoens. Sabemos já *a priori*, polo facto de pertencer a este género, que lugar está a ocupar a obra na polémica repertorial: opom-se às misturas genéricas dos seguidores de autores como *O Judeu* com as suas «óperas joco-sérias», às obras híbridas de Metastasio

adaptadas “ao gosto português”—que, do ponto de vista espectacular, misturavam texto, música e aparato cénico, e, do ponto de vista argumental, introduziam personagens nobres ao lado de burgueses e criados e tramas trágicas com desfechos felizes - ou às espanholas de capa e espada. A proposta da Academia é a única possível para umha instituição que tem como objectivo a difusão dos princípios racionalistas na ciência e a renovação dos repertórios literários à luz da Razão e para umha autora como a Condessa do Vimieiro que aderiu às propostas formais e ideológicas racionalistas.

É fundamental para interpretarmos o papel de *Osmia* no sistema entender a importância que tinha a tragédia como género da antiguidade clássica, prescrito por todas as poéticas como o género maior por excelência e como representação do contrário da estética teatral barroca, marcada pelo desrespeito —na teoria, mais na prática— à poética aristotélica. Os críticos racionalistas definem um género que se põe ao serviço da Razão e da pedagogia: lembramos Correia Garção e Manuel de Figueiredo a exaltarem as virtudes pedagógicas e doutrinárias do teatro, e, sobretudo, da tragédia; denunciando as faltas de verossimilhança, que atraíam o conteúdo em favor da espectacularidade ou do divertimento; explicando a possível utilidade à República de um teatro nacional, que recolhesse os valores intrinsecamente portugueses através das suas figuras históricas e dotasse as classes altas do seu próprio espectáculo e meio de comunicação.

Precisamente a Condessa, pela sua posição social, fazia parte deste público aristocrático que demandava um teatro feito à sua medida, afastado tanto formal como ideologicamente dos espectáculos preferidos das classes médias como a ópera “ao gosto português”. Este empenhamento da nobreza ilustrada portuguesa por construir um género próprio e bem diferenciado pode-se compreender à luz do conceito de *distinção*: com a defesa de um repertório elitista, exaustivamente definido e que ataca directamente o teatro burguês²⁸⁶, os aristocratas estão também a defender os seus privilégios de classe, mantendo a sua exclusividade no acesso a um espectáculo produzido por eles e pensado para eles²⁸⁷. A Ilustração, na sua própria essência anti-dogmática acarretava a desaparecimento destes privilégios, por isso os nobres ilustrados necessitam reelaborar os princípios teóricos e estéticos. Se a Razão dizia que todas as pessoas nasciam iguais, e, portanto, os privilégios da nobreza não eram sustentáveis por mais tempo, vezes

²⁸⁶ Importam um repertório que em França era próprio da burguesia revolucionária para defender em Portugal as ideias ilustradas, mas também os seus privilégios de classe, como faz Mello Breyner ao tomar como modelo Voltaire.

²⁸⁷ Pense-se no tipo de personagens, no registo linguístico, nas lições morais que se pretendiam ensinar, que já em Aristóteles estavam destinadas para as classes dirigentes.

aristocráticas invocavam essa mesma Razom para advertir do caos em que se converteria umha sociedade sem camadas trabalhadoras²⁸⁸. Da mesma forma, no campo cultural, a Razom abolia a aceitação cega do cânone, mas os críticos ilustrados aristocratizantes reivindicárom com aquela como bandeira o respeito das normas clássicas, que em sua opiniom garantiam a funçom intelectual e moral do teatro.

A tragédia de Tirse está inspirada na tragédia grega, no preceito aristotélico, e na reinterpretaçom que a teoria literária racionalista fijo de ambos. De facto, já os primeiros comentaristas de *Osmia*, destacárom como fonte fundamental da obra as adaptaçoms que os autores franceses, concretamente Voltaire, faziam das tragédias gregas. Isto explica-se por muitas razons: as obras e os autores franceses –como vimos– som traduzidos em quantidades importantes, as correntes racionalistas chegam a Portugal, em boa medida, ainda que nom exclusivamente²⁸⁹, desde a França –que nesse momento gozava de um enorme poder político e social, e também de França chegavam as traduçons dos próprios clássicos, pois em Portugal o grego era umha língua praticamente desconhecida que nom entrará a fazer parte dos planos de estudo até a segunda metade do século²⁹⁰. Mas Teresa de Mello Breyner nom se limita a esta escolha genérica, porque existiam diversas polémicas sobre o que era ou nom era lícito ou preferível, e de novo aqui a autora segue fielmente os mandados da *Poética* aristotélica e dos críticos mais radicais na defesa da «pureza» da tragédia –isto é, da sua nom hibridaçom e do esculpulozo respeito à Razom.

Para a análise dos modelos repertoriais de *Osmia* propomos a utilizaçom de dous textos que poderiam funcionar como possíveis modelos para tragédia de Tirse: *Atilio Régulo* (1740) de Metastasio (combinando umha traduçom de Bocage e o original italiano) e a traduçom portuguesa da *Zaira* de Voltaire, incluindo o contraponto de *Gricelda ou a rainha pastora*, umha traduçom metastasiana “ao gosto português”, para contarmos com os elementos repertoriais que funcionam com maior força no momento de publicaçom de *Osmia*:

²⁸⁸ Lembrem-se os argumentos de Ribeiro Sanches (1760: 111) para desaconselhar a extensom das habilidades de lecto-escritura: «que filho de Pastor quererá ter aquelle officio de seu pay, se á idade de doze annos soubesse ler e escrever? Que filhos de Jornaleyro, de Pescador, de Tambor, e outros officios vis e mui penozos, sem os quaes não pode subsistir a Republica, quererão ficar no officio de seos pais, se souberem ganhar a vida em outro mais honrado e menos trabalhoso?».

²⁸⁹ Neste sentido, foi comentada a influência do pensamento de John Locke no *Verdadeiro método de estudar*.

²⁹⁰ Propom a sua incorporaçom ao ensino Luís António de Verney, que denunciava precisamente a excessiva influência das línguas estrangeiras no português.

- *Zaira*, de Voltaire: trata-se de umha peça argumentalmente mui similar a *Osmia* e traduzida para português em 1783 por Pedro António. Bouterweck (1823) assinalou também as semelhanças entre a tragédia da Condessa e o teatro voltaireano.

- *Atílio Régulo* de Metastasio (1740), traduzida para português por Bocage²⁹¹. Metastasio é umha referência constante para Mello Breyner na sua correspondência, para além das similitudes argumentais e ainda a coincidência de alguns nomes como Públio e Mânlio. Tomamos como referente tanto o texto original como a tradução de Bocage porque esta nom pretende ser umha adaptação mas umha tradução «do italiano em versos portugueses», pola eventual coincidência temporal com a produção de *Osmia*. Para além disto, Bocage conheceu a Condessa de Vimieiro, com quem coincidiu na Nova Arcádia e participou igual que ela no movimento ilustrado português.

- *Gricelda ou a rainha pastora* de Metastasio (1802), mostra das adaptações do sucedido autor italiano “ao gosto português” (a edição consultada é de 1802, mas constatamos a existência de umha tradução contemporânea de Mello Breyner publicada em 1787) onde se entrecruzam as diferentes histórias da protagonista Gricelda, do seu marido Lotário, da nova esposa deste –Emirena- do amante de Gricelda, do amante de Emirena, etc.

Umha das semelhanças evidentes que guarda *Zaira* com *Osmia* está no argumento: em ambas as tragédias parte-se de umha protagonista prisioneira de um homem que se apaixona por ela e que está disposto a ir contra as leis e os costumes vigorantes para colocá-la na sua mesma posição; isto provoca nos dous casos umha traição –ainda que involuntária- por parte dela ao seu povo, ao seu cargo ou à sua religião, que acaba por ser castigada com a morte.

No caso do *Atílio Régulo*, parece-nos fundamental assinalar que mais que umha semelhança argumental, detectamos umha similitude entre o assunto tratado pelas duas obras, que é a luta entre as obrigações exigidas pelo estado a quem ocupa um lugar importante no governo e as inclinações pessoais ou os afectos. Régulo, que foi capturado pelos cartagineses, é conduzido a Roma pelo cônsul africano para negociar a paz condicionada a um intercâmbio de prisioneiros do qual depende a sua própria vida. A proposta do romano é que o seu filho e os seus amigos consigam a oposição do Senado a este intercâmbio por constituir umha afronta à honra romana e por

²⁹¹ Este texto parece que nom foi editado até a publicação em 1973 por parte de Hernâni Cidade da *Opera omnia* de Bocage, mas com certeza circulou manuscrito, pois na Biblioteca Nacional se conserva um manuscrito datado em 1832.

proporcionar a Cartago o regresso de bons guerreiros que tinham sido capturados pelo exército romano. Se em *Osmia* temos umha Princesa e um pretor romano divididos entre as suas obrigações como governantes e os afectos ou as obrigações particulares (a gratidão, por exemplo, no caso da Princesa lusitana), na obra de Metastasio encontramos o conflito que produz entre os membros do senado romano e da família de Régulo a incompatibilidade entre os interesses de Roma na sua guerra com Cartago e os interesses particulares ou os sentimentos que o exemplo ético do protagonista desperta entre todos os romanos. Este paralelismo entre Vimieiro e Metastasio interessa-nos particularmente porque, como veremos mais adiante, umha das principais chaves para a interpretação de *Osmia* é precisamente a exposição de umha nova ética nacional e a proposta de um modelo de governante para D. Maria. assim expõe este assunto o próprio Régulo na obra metastasiana (Cidade, 1973: 180-181)²⁹²:

Na Pátria pensa;/ Vê nela um todo de que somos partes./ Erro é no cidadão considerar-se/ Da Pátria separado; os bens e os males/ Que deve conhecer, são os proveitos/ Ou detrimentos dela, a quem de tudo/ É devedor. Quando o suor e o sangue/ Por ela espalha, nada seu despende:/ Quanto lhe deve, restitui à Pátria./ A Pátria deu-lhe o ser, deu-lhe a doutrina./ O alimento lhe deu. Co'as leis, co'as armas/ Dos insultos domésticos o escuda;/ Dos extremos o salva; ela lhe presta/ Nome, honra, grau, seus méritos premeia,/ Vinga os agravos seus. Mãe carinhosa/ Se esmera em lhe forjar prosperidade,/ Em fazê-lo feliz quanto é possível/ Ao destino dos homens ser ditoso./ É certo que estes dons lá tem seu peso:/ Quem o peso recusa, o jus deponha,/ Renuncie ao favor: mendigo, inútil,/ Os desertos inóspitos demande,/ E em ferinas envolto, hirsutas peles,/ Contento de um covil e agrestes frutos;/ Lá viva a seu labor, inerte e livre.²⁹³

Quanto aos traços fundamentais da tragédia ilustrada (tipo de personagens, respeito das três unidades, desfecho desgraçado, presença de elementos característicos como a anagnórise ou a *hibris*, violência no palco ou fora del...), a Condessa do Vimieiro começa por respeitar a escolha de personagens de condição social elevada, e coloca como protagonistas umha Princesa reinante, o comandante do exército vetom e a máxima autoridade romana em terras lusitanas. Isto tem a sua correspondência em

²⁹²Citamos pela edição da *Opera omnia* de Bocage a cargo de Hernâni Cidade (1973). Este nome indica a data da tradução desta tragédia, e nós não temos podido verificar se existiu alguma edição impressa anterior.

²⁹³Cfr. Com o original metastasiano: La patria è un tutto,/ di cui siam parti. Al cittadino è fallo/ considerar se stesso/ separato da lei. L'utile o il danno,/ ch'ei conoscer dee solo, è ciò che giova/ o nuoce alla sua patria, a cui di tutto/ è debitor. Quando i sudori e il sangue/ sparge per lei, nulla del proprio ei dona;/ rende sol ciò che n'ebbe. Essa il produsse,/ l'educò, la nudrì. Con le sue leggi/ dagl'insulti domestici il difende,/ dagli esterni con l'armi. Ella gli presta/ nome, grado ed onor: ne premia il merto;/ ne vendica le offese; e madre amante/ a fabbricar s'affanna/ la sua felicità, per quanto lice/ al destin de' mortali esser felice./ Han tanti doni, è vero,/ il peso lor. Chi ne ricusa il peso,/ rinunci al beneficio; a far sì vada/ d'inospite foreste/ mendico abitatore; e là, di poche/ misere ghiande e d'un covil contento,/ viva libero e solo a suo talento» (www.bibliotecaitaliana.it, último acesso 30.11.2004).

Zaira, onde Voltaire escolhe como protagonista o sultão e uma escrava que resulta ser também aristocrata, pois é filha de Luzignan, nobre francês que encabeça as Cruzadas. No *Atílio Régulo* repete-se o mesmo esquema, e novamente estamos perante uma série de personagens composta por Régulo, herói militar de Roma, e os seus filhos, o cônsul, um tribuno, o embaixador de Cartago, os Patrícios romanos e até uma escrava que é na realidade uma «nobre africana» (Cidade, 1973: 151). Para além disto, como assinalámos acima, a obra de Mestastasio não só comparte com a de Mello Breyner a ambientação romana, mas os nomes de duas personagens: o cônsul Mânlio e Públio, o filho varão de Régulo.

As unidades de tempo, espaço e acção mantêm-se estritamente: o **tempo** é uma única jornada em que se situa a **acção** que leva ao suicídio da Princesa turdetana pela trágica sucessão da notícia da morte do seu marido Rindaco, a cedência ante a insistência amorosa do pretor romano Lélio, o reaparecimento de Rindaco, as pressões de Elédia e os seus próprios remorsos. O **lugar** é o quartel geral dos romanos, um «Atrio com columnas» situado entre o acampamento romano e o campo dos prisioneiros turdetanos e diante do «bosque consagrado ao Deus Endovelico»²⁹⁴ (Mello Breyner, 1788: 1). As unidades de tempo e espaço têm uma função sobretudo prática, porque evitam os cuidados excessivos nas mudanças de cenário e de vestuário, ou os problemas de verossimilhança que pode causar a passagem de vários anos, mais parecem-nos especialmente importante a unidade de acção, que reduz o argumento da obra aos acontecimentos sofridos por uma só personagem. Isto, sem dúvida, contradiz as sucedidas comédias italianas (como a *Gricelda*), que costumavam enredar as histórias de vários pares de personagens, ou com o próprio *Atílio Régulo*, que não só coloca uma pequena história paralela (a que trata dos amores do cônsul africano com uma nobre cartaginesa escrava do filho de Régulo), mas que também coloca, como era característico da ópera metastasiana, uma grande quantidade de personagens no palco («o povo e os soldados abaixam as armas e abrem caminhos», in Cidade, 1973: 225), como correspondiam a uns textos feitos para a Corte e produzidos com generosidade de meios técnicos e económicos, bem ao contrário do que sucedia com a tragédia ilustrada

²⁹⁴ É uma «divindade do panteão indígena da Lusitânia, que foi depois romanizada como sucedeu com outras semelhantes como, p[or] ex[emplo], Ilurbeda. O seu culto está atestado por numerosas inscrições epigráficas votivas encontradas nas ruínas do outeiro de S. Miguel de Mota, perto de Terena, no conc[elho] de Androal (Alentejo). [...] Seria pois a divindade endovélica uma divindade boa. Entre os deuses ou divindades da Lusitânia pré-romana é E[ndovélico] o que deixou mais monumentos epigráficos [...]. A confirmar a localização do santuário está a descoberta de ex-votos. De entre estes sobressai o porco, seguramente, como hoje, uma das fontes de riqueza da época. O mais importante doc. [sic] da época é contudo, a lápida onde figura o hemipléxico [...] e que demonstra a devoção atribuída ao deus E[ndovélico]». (Ferreira, 1976-1795: 522-523, vol. 7).

em Portugal, que nom tinha desde o terramoto de 1755 um grande teatro para a sua encenação.

Mello Breyner, por seu turno, centra o peso dramático da obra numha única personagem, seguindo desta maneira o cânone ilustrado, igual que sucede na peça de Voltaire, e ainda com mais rigor que este, que introduz alguma história de personagens secundárias. A unidade de acção tenta garantir a efectividade ideológica da obra, porque o público, que nom se vê na necessidade de atender a umha história complicada, pode concentrar-se na mensagem com que o autor ou a autora o quer promover.

Para informar o receptor dos precedentes da trama, na primeira cena da obra o questor Mânlio resume brevemente o acontecido às personagens e, para além de colocar a acção no instante e no lugar em que assistimos ao desfecho do conflito, fai no seu parlamento a primeira caracterização das personagens (Mello Breyner, 1788: 1-2):

Nem veio Caio Lelio á Lusitania/ Para nella murchar, cortar d'hum golpe/ As palmas gloriosas, que regáraõ/ De sangue e de suor seus Ascendentes./ A constancia, o valor, a suavidade/ Seu character distinguem, fora injusto/ Suppór delle huma acção, que o deslustrasse./ Se Osmia com brandura tem tratado,/ Se a distingue com honras, se pertende/ Que á sua parte fique na partilha,/ Essa illustre mulher, honra dos Luzos;/ Se procura adoçar-lhe o rude pezo/ Do triste cativerio; nem por isso/ Vos deveis assustar. Nunca a dureza/ Foi propria dos Heróes.

Temos já os caracteres básicos do par protagonista, que se manterám até o fim da peça, circunstância esta apreciada polo júri que outorgou o prémio à Condessa, como vimos acima, e traço fundamental, como é sabido, para manter a unidade da obra: Lélío é um nobre romano descendente de militares laureados, fiel ao Império e à sua estirpe, um herói que trata com a honra esperável a máxima autoridade inimiga, e Osmia apresenta-se desde o começo como umha mulher excepcional, mesmo na definição do inimigo, ponto este que se vê confirmado e mesmo alargado ao conhecer as suas proezas militares. Para Shcherer (1983: 21-22), que estudou e catalogou os elementos repertoriais da tragédia clássica francesa, esta é umha característica fundamental do herói ou da heroína trágica

Les vertus militaires se communiquent même aux heroïnes: des femmes combattent effectivement, avec autant d'ardeur que la Clorinde du Tasse ou la Camille de Virgile, dans la *Généreuse Allemande* de Mareschal, dans la *Mort de Mithridate* de la Calprenède, dans la *Zénobie* de l'abbé d'Aubignac, dans la *Sémiramis* de Gilbert, et dans bien d'autres pièces. Déguisées en hommes, elles se battent en duel dans la *Sœur valeureuse* de Mareschal, dans la *Céliane* et la *Belle Alphrède* de Rotrou, etc...

A caracterização do marido de Osmia, Rindaco, «esse Vetão soberbo e duro» (Mello Breyner, 1788: 2), é bastante menos positiva, o que predispõe o público para uma maior identificação com a protagonista quando esta lamenta o seu matrimónio e abandone pelo pretor a memória de Rindaco (Mello Breyner, 1788: 43), numa velada confissão: «Cruel me chamas!... e cruel (com tudo)/ Não devéras chamar-me se souberas.../ (Onde me precepito!)», que provoca o entusiasmo de Lélío (Mello Breyner, 1788: 44): «[...] que bello fogo/ Chameava em seus olhos! Ah! vencemos, /Meu pobre coração, esperar podes».

Na mesma linha de respeito ao cânone dramático tipicamente ilustrado, a morte de Osmia não se produz no palco, mais oculta aos olhos do espectador, para evitar deste jeito mostrar uma violência excessiva. Para dar a conhecer a morte da protagonista, a Condessa utiliza várias estratégias. Em primeiro lugar, Osmia, no último diálogo que mantém com Lélío deixa entrever um suicídio -ideia esta que já sobrevoa a obra desde o diálogo entre Osmia e Rindaco (Mello Breyner, 1788: 51)- que tem a dupla utilidade de salvar a vida de Lélío e de expiar os seus erros (Mello Breyner, 1788: 63):

Naõ, Pretor, naõ deliro, só pertendo,/ Que o campo já levantes; que me deixes/
Exhalar meu espirito opprimido/ Em torno áquelas áras... Mais naõ tardes.../
Parte, parte daqui. He precioso/ O tempo que esperdiças: naõ te exponhas.../
Naõ posso dizer mais, em paz me deixa.

mais adiante, a autora recorre às didascálias –apresentadas como notas de rodapé- para narrar de forma indirecta e afastada do palco uma cena totalmente excessiva para um teatro tão pouco dado às expressões arrebatadas como a tragédia racionalista portuguesa. Osmia (Mello Breyner, 1788: 64) «faz uma acção de extrema angústia, e depois de um breve momento corre para o bosque» onde desaparece, mas regressa para continuar o seu diálogo («já do bosque volta, e no tom de clamor mais aspero diz»): «Acabo de viver, Pretor, oh Deuses!/ Ah! Salva-te, Pretor!». E, finalmente (Mello Breyner, 1788: 68), é Elédia, quem narra a morte da sua protegida e repete as suas últimas palavras:

veja/ A minha triste Osmia, sobre a terra/ Inclínada jaz, e quasi extinta./ Do
coração, ao vello, solto um grito,/ E ella do intimo d'alma a voz arranca/ Por
continuo soluço interrompida:/ «Meus excessos, amiga, tu desculpa./ «Ingrata,
naõ te sou. Lava o meu sangue/ «Delicto involuntario: atroz vingança/ «Me dá
morte; mas vil, naõ perco a vida./ Lelio profere, e Rindaco acabára,/ Mas
truncada a palavra pelo meio/ Co'a vida fica...²⁹⁵

²⁹⁵ Embora não tenhamos trabalhado suficientemente este assunto, colocamos como hipótese a possibilidade de que o que se esteja a ocultar não seja a morte, mas o suicídio, prática condenada com dureza pela Igreja católica. Como indício disto, podemos citar *Emilia Galotti* de Lessing, na qual só se

Neste caso, a autora portuguesa está mais colada à preceptiva aristotélica do que Voltaire (1783: 35, *itálicos no original*), quem *nom se importa* de mostrar ante o público as cenas violentas tanto na morte de Zaira: «Cahe a meus pés perjura. *Osman fere com o punhal a Zaira, que cahe morta*» como no suicídio de Osman (Voltaire 1783: 37, *itálico no original*): «*Osman se mata com o mesmo punhal*». *Nom* sucede da mesma maneira em *Atilio...*, onde Metastasio *nem sequer* coloca umha morte “narrada” como Mello Breyner, mas umha premoniçom da morte: Régulo, conseguindo impor o seu critério de honra, consegue que tanto o senado como o povo o deixem sair de Roma para umha morte segura em Cartago (Cidade, 1973: 224): «De que é mortal seu pai Roma se lembre,/ Lembre-se que do arnês já verga ao peso,/ Que áridas pouco a pouco as veias sente;/ Que já não pode, nem suor nem sangue,/ Por ela derramar; que só lhe resta/ Morrer como romano».

A tragédia deve ter necessariamente um desfecho desgraçado, e em reivindicar este ponto empenhárom-se os dramaturgos e teóricos ilustrados que tentavam acabar com a mistura de tragédia e comédia que imperava nos palcos. Este desfecho infeliz liga-se com um dos elementos fundamentais da tragédia, a *hibris*, que actua como desencadeante do desgraçado final dos protagonistas. Igual que sucedia às atribuladas personagens de *Édipo*, *Electra*, etc., Osmia comete umha falta tam grave que implica necessariamente um castigo, mas, como recomenda Aristóteles, esta falta *nom* deriva da maldade da protagonista, mas de um erro que *nom* está em sua mao controlar, e dessa forma a sua imagem *nom* resulta deteriorada perante o espectador, que é mais facilmente movido ao terror e à compaixom, e ainda o olhar sobre a protagonista é compreensivo (Mello Breyner, 1788: 16), condicionando a leitura para desculpar o comportamento de Osmia e engrandecê-la na sua morte: «Naõ he taõ facil, naõ, como tu julgas/ Sahir do labyrintho em que me vejo».

Como conseqüência da sua falta, para conseguir o desejado efeito didáctico e, para cumprir com o preceito aristotélico, Osmia deve morrer. Mas qual é a falta cometida pola turdetana? Ao nosso ver, a *hibris* em *Osmia* pode ser considerada num triplo nível: umha falta moral contra o matrimónio, umha falta contra a filosofia

ocultam os suicídios, frente à encenaçom livre de outras mortes. Confronte-se isto, ainda, com o escândalo provocado em toda a Europa pola publicaçom de *Werther*, onde Goethe narrava abertamente o suicídio do protagonista.

racionalista e umha outra falta de traiçom contra o seu povo e contra o seu cargo de máxima dirigente deste²⁹⁶.

A primeira –as outras duas tratam-se nas páginas seguintes- poderia ser considerada como a arquetípica da tragédia grega: Osmia rompe os votos do matrimónio –nom só rompe um juramento feito ao seu marido, mas aos deuses, polas implicações religiosas do casamento- de forma involuntária porque quando confessa, ou mais bem deixa adivinhar umha confissom do seu amor por Lélío, todos dam Rindaco por morto. Neste aspecto, o castigo é especialmente severo, porque a Princesa nom chega a cometer umha infidelidade, mas a autoconsciência do seu erro leva-a a “precipitar-se” no abismo (Mello Breyner, 1788: 43). Ainda que o castigo seja merecido e mesmo necessário polas razons apontadas, é preciso que Osmia conserve a dignidade para que o público poda identificar-se com ela e compreender as motivações da sua 'infidelidade de sentimento'. Por isso se nos apresenta um marido tosco e duro, definido em várias ocasiões (desde o *dramatis personae*) pola sua rudeza (Mello Breyner, 1788: 2, 14, 69, etc.), e a Princesa denuncia a severidade do trato que del recebe (Mello Breyner, 1788: 14):

(Qual outra Mãi prudente) [sic] me escolheste/ Rindaco por Esposo: respeitei-te/
Em taõ severa escolha; a maõ d’Esposa/ A Rindaco entreguei, sacrificando/ O
meu proprio socego ao desses Póvos./ Que meu consorcio unia. Começava/ Meu
brando coração a costumar-se/ Aos duros laços do consorte altivo./ E a benigna
virtude hum véo lançava/ Sobre tantas, e tantas asperezas/ Ao genio meu
contrarias.

O carácter violento e possessivo de Rindaco fica claramente exposto quando, antes de desvelar que ainda está vivo, imagina, preso dos ciúmes, que Osmia lhe foi infiel (Mello Breyner, 1788: 47-48):

Não he pouco s’Osmia ainda encontramos/ Ao Consorte leal. Só s’inquieta,/ Só
pergunta por elle. E que! não sabe/ Que não podéra Rindaco soffrer-lhe,/ Que
hum só momento se esquecesse delle?/[...] Tempo virá, nem tardará já muito,/
Em que Osmia conheça que devidas/ São as lagrimas suas ao Consorte./ Não,
não; de mais não faz se s’angustia./ De mais!... quanto inda deve?... e porque
tarda?/ Ah! que infiel talvez s’encontra Osmia!

e para nom desfazer esta imagem de Rindaco nem sequer no momento da morte, até a sua última palavra é pronunciada «com aspereza» (Mello Breyner, 1788: 69).

Ao lado desta infelicidade sentimental da protagonista, temos um pretor romano que trata com extraordinária delicadeza a sua inimiga, que lhe concede todos os desejos

²⁹⁶ Novamente Shcerer (1983: 32) deita luz sobre este assunto, confirmando tratar-se a luta interior de um tópico da tragédia classica quando é protagonizada por um Rei (neste caso Rainha): «Mais il arrive que le héros soit lui-même un roi ou un père. La lutte ne cesse pas pour autant entre les passions du héros et les exigences de la fonction royale ou paternelle. Mais elle deviente intérieure. Au lieu du choc de deux personnages, on aura le conflit, dans l’âme d’un seul, de deux passions inconciliables».

—consente em que se reúna com Elédia, busca Rindaco sem descanso- e mesmo está disposto a levá-la para Roma como a sua esposa, desafiando as leis e os costumes romanos, e provocando a indignação e um conato de levantamento dos oficiais do seu exército (Mello Breyner, 1788: 4-5):

Suspeitaõ já os Capitaens no campo/ Que tu amas Osmia, e que pertendes/ Pizar a seu favor Leis e costumes:/ Porém, Lelio, repara: se assim fosse,/ Manlio não soffreria que baixezas/ Seu amigo fizesse. O sangue, a vida/ Darei por te salvar d'huma ignominia.

Osmia nom é realmente culpável de um amor que reprime continuamente e só confessa (mais polos seus remorsos que polas palavras) quando a notícia da morte do seu marido é confirmada por um vetom, mas o facto de amar outro homem diferente de Rindaco —esse “precipitar-se” que teme a Princesa- fai necessário um castigo que sirva para reprovar publicamente o seu erro. Osmia, como protagonista da tragédia, paga com a vida os seus erros, e também Rindaco acaba morrendo para expiar a sua culpa na morte da sua mulher, mas Lelio (provavelmente porque, pola sua condiçom de romano, nom interessa como modelo de comportamento) é o único dos três culpáveis que fica sem purgar as suas faltas, pois el também é culpável de abandonar o seu dever como Pretor romano, e antepor os seus sentimentos por Osmia às obrigas militares até o extremo de prometer à turdetana devolver-lhe el mesmo o seu trono (Mello Breyner, 1788: 42):

Se pretendes reinar sobre teus Póvos,/ A reinar tornarás: serei eu mesmo/ Quem para o Throno o passo te franque-e/ [sic] [...] Se a partir te resolves desde logo,/ Pódes dispôr, Osmia, do resgate,/ Que por ti os Vetoens me offereciaõ./ O preço, Osmia, o preço do teu Sceptro/ Só póde ser a vida que me levas.

A Lelio nom só nom o espera morte, mas a glória que o questor Mânlio lhe promete em Roma (Mello Breyner, 1788: 70): «Se a virtude sevêra corta os dias,/ D'Osmia generosa tambem crêe/ Os esforços de Lelio. A Roma, a Roma».

Um outro elemento da tragédia canonizada presente em *Osmia* é a **anagnórise** ou reconhecimento, peripécia típica da tragédia grega, e que também foi recolhida polos teóricos ilustrados. Para Francisco José Freire (1748) a **agnitio** é umha das partes essenciais da que denomina «fabula *Implexa*» (Freire, 1748: 203), isto é, aquela em que se produz um enredo, em contraposição à «fábula simples, que principia e acaba do mesmo theor». A fábula implexa caracteriza-se por se produzirem nela grandes mudanças para as personagens, e é o tipo de argumento que o crítico prefere (Freire, 1748: 203): «Sempre saõ excellentes estas mudanças; mas, como testifica o Filosofo

[Aristóteles], quando são mais agradáveis, e fazem mayor effeito, he quando a mudança he grande, e repentina, nascendo de cousas antecedentes».

A agniçom é definida por (Freire, 1748: 203) como «o conhecimento de huma, ou muitas pessoas, que antes por largo tempo eraõ desconhecidas, e deste conhecimento se originou amizade, ou inimizade entre aquelles, que são felices, ou infelices [sic]». Precisa ainda mais as características da agniçom, que pode ser simples –umha personagem reconhece outra- ou composta –duas personagens reconhecem-se mutuamente. E hai ainda mais umha caracterizaçom, pois o reconhecimento pode ser de pessoas ou de cousas. A anagnórise e a *hbris* costumam ir de maos dadas na tragédia, porque o desconhecimento da relaçom entre personagens, das suas origens, das suas circunstâncias, etc., levam muitas vezes a cometer graves erros, e isto sucede com Osmia.

Neste caso, a anagnórise –simples e de pessoa, segundo os critérios de Freire- produz-se quando Osmia reconhece o seu marido Rindaco –até entom dado por morto- no mensageiro vetom enviado para negociar o seu resgate. A agniçom, como é de preceito, tem a funçom argumental de desencadear a tragédia, pois o aparecimento de Rindaco, o facto de continuar com vida, converte os sentimentos de Osmia por Lélío numha infidelidade, e provoca ainda o tremendo dilema que empurra Osmia ao suicídio: o seu marido ordena-lhe matar Lélío para demonstrar a sua fidelidade e inocência, mas Osmia nom pode matar um homem que ama e com que tem (e talvez isto é mais importante) umha obriga ética devido ao trato recebido durante o tempo de cativério.

Tanto a *hbris* como a anagnórise som constantes da tragédia incorporadas também por Voltaire, que coloca no primeiro destes procedimentos a causa das desgraças dos seus protagonistas: Zaira morre por ser infiel à sua religiom, e Osman morre por ter assassinado Zaira por um adultério que nom existia, mas estas faltas som cometidas, precisamente, por causas desconhecidas e depois reveladas: Zaira criou-se no Serralho sem conhecer os seus pais nem as suas origens, e Osman desconhece que o que el pensa ser o amante de Zaira é na realidade o irmao desta.

Estes elementos están presentes também noutros géneros nos quais som aproveitados como elementos do próprio enredo que permitem fazer o argumento da obra mais atractivo e o desfecho mais surpreendente como em *Gricelda*, onde se sucedem agniçons de forma inverossímil: o Rei Lotário repudia a sua esposa Gricelda depois de quinze anos de matrimónio porque a origem humilde dela começa a causar-lhe problemas de popularidade entre o seu povo; a mulher escolhida para ocupar o lugar

da antiga Rainha –Emirena- resulta ser a filha do matrimónio, que supostamente fora assassinada pelo seu pai ao nascer quinze anos atrás. O reconhecimento entre pai e filha não se produz pela existência de nenhum sinal, mas por intuição, confirmada depois pelo pai –ainda que não se explica por que queria casar com Emirena se sabia que era a sua filha. Paralelamente, também descobrimos que as iras populares contra o Rei não eram espontâneas, mas instigadas por Oton, irmão direito de Lotário e violento perseguidor de Gricelda, com intenção de desestabilizar o governo, conseguir o repúdio da Rainha e ter assim possibilidade de casar com ela. Todos estes descobrimentos não só não causam a desgraça de nenhuma personagem, mas, bem ao contrário, acabam sendo motivo de alegria, inclusive para Oton, que é perdoado pelo Rei e pela Rainha.

Para além do indicado, registam-se na comédia sucessivas e excessivas mudanças de fortuna. Para Freire (1748: 224), é fundamental que estas mudanças sejam coerentes com a trama anterior, e que não procurem a surpresa pagando o preço da verossimilhança e da coerência interna da história:

Tudo o que for grande, e deduzido do mesmo contexto da fábula, imaginando-se, que não poderá succeder o contrario por causa da estreitissima união, e apertando o enredo das cousas, causará admiração, vendo-se, que inopinadamente succede a tal cousa contraria, que não se podia esperar, como muitas vezes admiramos nas Tragedias, e Comedias por força de lances excellentes, e repentinos; e se nellas não houver estes, e outras cousas, que movão a admiração, perde a fábula huma das suas importantes condições.

Freire vai mais longe ao afirmar que a “catastrophe” não pode ser a conclusão da tragédia, porque deve estar implícita desde o começo. Em *Osmia*, por exemplo, o receptor sabe desde a apresentação da trama qual é o fim esperável para a protagonista, enquanto em *Gricelda*, a sucessão de factos e o desfecho destes não é em absoluto previsível em função das normas aristotélicas, não, obviamente, o pretende.

Há outros elementos, de menor importância que os anteriores, mas que também fazem parte do repertório trágico (número de actos, número de personagens no palco, o registo linguístico utilizado, a composição em prosa ou verso e o tipo de verso utilizado, a classe de decorados, a presença ou ausência de música...), que podem mostrar até que ponto a Condessa queria introduzir e promover em Portugal um modelo de teatro afastado dos tópicos seiscentistas.

A peça estrutura-se seguindo o padrom clássico, igual que *A Castro* de António Ferreira ou *Zaira* de Voltaire, em cinco actos. Em relação a isto, Cândido Lusitano (1748: 247) afirma não existir nenhum motivo racional para «os Actos serem nem mais, nem menos, que cinco», ainda que constata que:

a [doutrina] que modernamente se segue entre Hespanhoes, e Italianos he formarem os seus Dramas de tres Actos, que em Hespanha chamaõ *Jornadas*. Os Francezes ainda hoje usaõ do quarto, e quinto Acto, e o mesmo praticaõ outras naçoens: com que cada hum poderá seguir o gosto, e uso do seu paiz.

A Condessa de Vimieiro apresenta na sua obra um reduzido grupo de personagens²⁹⁷ –apenas sete– coerentemente com os argumentos expostos até aqui – verossimilhança, efectividade didáctica... A autora –como recomendava Manuel de Figueiredo– evita a presença no palco de grupos grandes, e embora fale em repetidas ocasiões (Mello Breyner, 1788: 9, 10, 16, etc.) dos lusitanos que fôrom feitos prisioneiros pelos romanos, em nenhum momento aparecem estas personagens na cena nem a acção se desloca para o campo onde estão retidos, apesar de estarem incluídos no *drammatis personae* (Mello Breyner, 1788: [7]) como «Captivos Vetoens»; o mesmo sucede com o *Sequito de Capitães Romanos* e as *Guardas Pretorianas*, que só aparecem no palco no começo do primeiro acto, quando Lélío dirige um discurso aos capitães romanos com intenção de tranquilizá-los («*MÂNLIO com séquito de Capitães Romanos*»; Mello Breyner, 1788: 1, itálicos no original).

Vimos acima que uma das prioridades dos ilustrados portugueses era a elaboração de um modelo lingüístico em consonância com a sua ideologia racionalista e com a busca de uma identidade nacional portuguesa claramente definida. O registo lingüístico empregado pela Condessa em *Osmia* destaca pelo tom solene e elevado – imprescindível para manter a verossimilhança, pois se trata de personagens de condição mui elevada, e acompanhado por latinismos ou cultismos pouco habituais²⁹⁸. Outra característica da língua utilizada por Mello Breyner é a simplicidade na construção sintáctica, sobretudo se a compararmos com a referida “adaptação” de Metastasio (1802: 3), onde, por exemplo, encontramos estes versos: «Gricelda, he de importancia esse cuidado,/ porque mandei chamar-te; quando apenas/ da noite as tristes sombras

²⁹⁷ O número reduzido de personagens é característica da tragédia clássica francesa, que renuncia à multiplicação dos secundários: «Il se contentera d'allusions à des personnages secondaires, sans croire utile de confier leur rôle à des acteurs. [...] Il en résulte une diminution du nombre des personnages secondaires, et par suite une diminution du nombre total des personnages de la pièce, qu'il est aisé de constater par des chiffres. Vossius ne voulait pas qu'une pièce comprît plus de quatorze personnages». (Scherer, 1983: 36). Cfr. com Racine (Scherer, 1983: 38), para quem «la moyenne du nombre de personnages de ses pièces de la *Thébaïde* à *Phèdre* est inférieure à huit».

²⁹⁸ Encontramos a utilização sistemática de *quasi*, ou formas como *humilhação*, *numisma*.

desmentindo/ o brilhante Planeta vem sahindo», que contrastam fortemente –mesmo sendo irónicos- com o tipo de língua que vimos em *Osmia*, livre de metáforas rebuscadas e obscuras, ou de hipérbatos que tanto desagradavam Verney. Isto é fundamental em Freire (1748: 231), que considera que «como [a tragedia] só admite pessoas illustres, e grandes deve usar de estylo alto, grave, e sentencioso». Só assim as personagens podem ser verossímeis, porque «entre todas as considerações mais principaes, e necessarias da Poesia, nenhuma he tão precisa como a perfeita imitação das acções, e palavras».

A proposta lingüística que encontramos em *Osmia* tem implicações na ortografia utilizada pela autora. Embora não haja umhas escolhas claras e sistemáticas –algo normal na escrita setecentista²⁹⁹-, constatamos umha maior regularidade e umha marcada tendência para a utilização de grafias próximas do latim ou do grego como as habituais *th*, *ph*, e os numerosos grupos cultos, que evidentemente não pretendem reflectir um estado de língua oral, mas fixar um modelo lingüístico. Se contrastarmos este modelo com o apresentado por Verney, veremos como se evidencia a feição aristocrática da ilustração de Mello Breyner, frente à tendência burguesa de umha ortografia simplificadora e arredada da etimologia como a verneiana.

A opção pela utilização do verso ou da prosa está também em relação com o dito sobre o registo lingüístico. Ainda que Verney que reivindicava a prosa como o melhor meio de expressar as ideias racionais –a libertação da escravatura da rima facilita a expressão das ideias, reivindicava o *Barbadinho*³⁰⁰-, os dramaturgos setecentistas apresentam-se ainda devedores da tradição de escrever o teatro em verso; mas os ilustrados prescindem da rima, à medida que avança o século XVIII. Assim,

²⁹⁹ Convém lembrar aqui que, ademais, e até onde temos podido saber, nenhuma edição foi revista pela autora, motivo pelo qual é difícil saber se devemos atribuir as vacilações à Condessa ou ao editor da Academia de Ciências.

³⁰⁰ Esta questão não se limita a umha escolha puramente estilística entre a expressão em prosa ou em verso, porque a procura da lógica racional não se limita à relação entre os conceitos, mais também implica o modo de expressá-los lingüisticamente, assunto este que Verney tratou com especial atenção na *Grammatica latina tratada por hum metodo novo claro e fácil* (1785). Segundo Calafate (2001: 233) «na sua essência e fundamento, a questão residia na defesa de uma conexão das palavras na frase, assente na relação de categorias lógicas universais, ordem que, por isso, merecia a qualificação de “natural”, sendo considerada pela *Gramática de Port-Royal* (1660) como a mais excelente forma de expressão, por conciliar o ideal de clareza e inteligibilidade universal com as exigências do estilo e da elegância da expressão lingüística». Noutro lugar, o próprio Verney (1747, I: 196), analisa o soneto de Frei António das Chagas «Instante de jazmin, concepto breve», dedicado ao pequeno pé de umha dama, concluindo que «é bem claro, que o que nada significa em prosa, muito menos significa no-verso». Podemos ainda confrontar o texto de Verney com um outro da *República* de Platão, onde é exprimida esta mesma ideia relativa à inutilidade do artifício poético: «Julgo que sabes como parecem as obras dos poetas, desnudadas do colorido musical, e ditas só por si [...]. Então parecem-se com o aspecto que tomam aqueles rostos que tiveram frescura, mas não beleza, quando a flor da juventude os abandonou» (Pereira, 1983: 464, ¶601b).

podemos ver que os modelos mais antigos como *A Castro* de António Ferreira empregam ainda as rimas consoantes mas nem Mello Breyner nem o tradutor de Voltaire utilizam já este tipo de verso. Em troca, a tradução de Metastasio não é só em verso rimado, mas inclusive com rimas consoantes.

Som também elementos importantes para caracterizar o lugar ocupado por *Osmia* no sistema literário português do fim de século o tipo de decorados propostos na obra e a presença ou ausência de música. Na obra da Condessa há um único decorado, simples, que não apresenta problemas para a encenação (Mello Breyner, 1788: 1): «Atrio com columnas, por entre as quaes se vê do lado direito o campo dos Romanos, e do esquerdo os corredores, que conduzem a habitação das Turdetanas. No fundo se vê o bosque consagrado ao Deos Endovelico com a sua Ara em forma de Anta». O adaptador de Metastasio (1802: 3), no entanto, apresenta vários e sumptuosos cenários carregados de personagens e ornamentos: «Gabinete Real com varandas rasgadas, pelas quaes se descobre toda a Cidade de Palermo, e se divisa o Sol que vem nascendo: na Scena duas cadeiras magestosas: Lotario no fundo da Scena: As Guardas occupando o lado esquerdo; e o direito os Principaes do Povo». E ainda (Metastasio, 1802: 28; *italico no original*)

Lugar magnifico para as Numpcias, apparecendo pelas rotas columnas do fundo da Scena, toda a Cidade illuminada.

[...] De repente se acaba de Illuminar toda a Scena, e sahe ao som de instrumentos Lotario, Rosmano, Clistenio, Oton, Emirea, Guardas, e Povo.

Em definitivo, Mello Breyner elabora uma peça muito próxima dos modelos teatrais franceses, mas não é unicamente seguidora deste teatro, porque incorpora também elementos do repertório defendido desde posicionamentos mais estritos, como os já vistos de Manuel de Figueiredo. A Condessa afasta-se do repertório metastasiano no referido à cenografia, em parte condicionada pela ausência em Portugal de um teatro de Corte como aqueles em que tinha trabalhado Metastasio. No entanto, aproxima-se do sucedido produtor italiano quanto aos conteúdos éticos e ideológicos dos textos, consolidando, por uma parte, a ideia de uma superioridade ética por parte das personagens ilustres (ou o que é o mesmo, dos membros da primeira nobreza) e colocando o confronto entre os interesses públicos e privados, que, como vimos e voltaremos encontrar mais adiante, é um dos problemas que fundamentalmente preocupa a Teresa de Mello Breyner.

III.1.4.2.4. As ideias ilustradas em *Osmia*

Teresa de Mello Breyner aproveita umha história do passado remoto de Portugal para introduzir certos assuntos que se estavam a debater no momento e fazer reflectir o público sobre eles, com o que garante a função doutrinal e formativa que, como foi visto acima, a Ilustração dava ao teatro; mas também o que é do nosso ponto de vista mais importante, contribui para promover determinados comportamentos e ideias ligados com a Ilustração.

Como é fácil supor, as questões que aparecem em *Osmia* são aquelas que preocupam os pensadores racionalistas, muitas das quais já foram comentadas: a igualdade entre os sexos e os seus papéis na sociedade, os matrimónios concertados, os debates pessoais de Osmia e Lélío entre o dever e os sentimentos, a fidelidade ao marido supostamente morto, ao seu povo e ao seu cargo e, sobretudo, a luta entre Razão e paixão. Estes temas colocados em boca de personagens do século II podem resultar, às vezes, como veremos a continuação, surpreendentes, levando de conta a preocupação por manter a verossimilhança, que noutros aspectos a levam a ser tam rigorosa, ocultando mortes, optando de forma estrita por um único cenário ou acumulando toda a intensidade da tragédia num único dia.

A questão dos matrimónios, ou, melhor, do conceito concreto de matrimónio e família, que está presente na obra através do enlace de Estado entre Osmia e Rindaco e o trato que este dá à Princesa, era umha polémica viva no setecentos. Ainda que não havia homogeneidade nas opiniões ilustradas (cfr., precisamente, com a outra *Osmia* ilustrada, a de Figueiredo), começa-se a colocar a possibilidade de que os filhos podam decidir com quem casam sem seguir necessariamente o critério do interesse da casa. A mudança de mentalidade deve-se fundamentalmente a umha outra mudança mais profunda que tem a ver com a estrutura da família. Para Cobo Bedia (1992: 184), num processo que vai desde os começos do século XVI até os finais do XVIII, a família, em primeiro lugar, expulsa alguns dos seus numerosos membros para ficar reduzida ao estrito núcleo familiar, e mudam paralelamente as relações entre os membros:

la transformación en la composición de la familia fue paralela a un cambio sustancial en el papel ejercido por el padre en el seno de dicha familia. Si a principios del siglo XVI, el jefe de la familia debía imponer su autoridad, incluso con violencia, a la mujer, a los hijos y a los domésticos, en el siglo XVIII en unos casos se limitan estos poderes y en otros se transforman.

A isto há que somar ainda umha crescente importância dos afectos, importada segundo a mesma Cobo Bedia (1992: 185) da Inglaterra, tanto entre os cônjuges como dos pais para os filhos. Este novo esquema familiar (Cobo, 1992: 122) recebeu o apoio dos filósofos ilustrados que, como Rousseau ou Locke, advogavam polo final do poder absoluto do pai sobre os filhos e em lugar da concepção medieval segundo a qual os filhos nascem sujeitos aos pais –mesmo politicamente–, defendem umha relação paterno-filial reduzida aos anos em que a debilidade dos filhos nom lhes permite subsistir sem ajuda. Finalizada esta etapa, os filhos tenham absoluta liberdade e independência.

Todo isto vai favorecer a discussão em torno a quem deve decidir o matrimónio dos filhos, ou quais devem ser os critérios que se imponham à hora de determinar esse matrimónio. De todas as formas isto nom é exactamente igual para as mulheres, pois como aponta Mary Wollstonecraft (1792: 358): «it is the irregular exercise of parental authority that first injures the mind, and to these irregularities girls are more subject than boys»; e ainda (1792: 354) «females, it is true, in all countries, are too much under the dominion of their parents; and few parents think of addressing their children in the following manner».

A Princesa Osmia casa com Rindaco por razões de Estado obedecendo as ordens da sua tutora Elédia. A Princesa nom se opom a esta decisão e casa com o guerreiro escolhido como mostra de obediência ao bom critério da sua conselheira, mas o trato a que a submete Rindaco é extremamente duro, e a turdetana percebe-o, sobretudo, ao desfrutar das atenções do Pretor romano (Mello Breyner, 1788: 14):

Tu foste aquella, que entre mil guerreiros/ (Qual outra May prudente) me escolheste/ Rindaco por Esposo: respeitei-te/ Em tão severa escolha; a mão d’Esposa/ A Rindaco entreguei, sacrificando/ O meu proprio socego ao desses Póvos,/ Que meu consorcio unia.

Ainda que o matrimónio concertado esteja na origem da infelicidade de Osmia e, conseqüentemente, do seu apaixonamento por Lélío, nom parece, em qualquer caso, que este seja o objecto da crítica. Desde posicionamentos ilustrados favoráveis às mulheres defendia-se a opção de escolher consorte segundo critérios racionais, sem deixar-se levar pola paixão ou os sentimentos. Nesta linha, podemos assinalar a tese de Mary Wollstonecraft (1792: 2), que considera a paixão amorosa umha debilidade propiciada nas mulheres por umha educação incorrecta: «[men consider] females rather as women

than human creatures, [...] more anxious to make them alluring mistresses than racional wives». E argumenta sobre os prejuízos tanto para o matrimónio (Wollstonecraft, 1792: 139) como para os filhos (Wollstonecraft, 1792: 58) de escolher cônjuge deixando-se levar pela paixão:

The sexual attention of man particularly acts on female sensibility, and this sympathy has been exercised from their youth, up. A husband cannot long pay those attentions with the passion necessary to excite lively emotions, and the heart, accustomed to lively emotions, turns to a new lover.

In order to fulfil the duties of life, and to be able to pursue with vigour the various employments which form the moral character, a master and mistress of family ought not to continue to love each other with passion.

A denúncia principal em *Osmia* centra-se na má escolha de um marido severo e violento, e, portanto, nas atitudes dos maridos a respeito das suas mulheres, que, em muitos casos, como o de Rindaco, contradiziam as ideias racionalistas mais avançadas em relação ao género feminino. A severidade de Rindaco e o seu comportamento irracional manifestam-se quando por fim se descobre que continua vivo e regressa para libertar Osmia. Encontrar a sua mulher vestida ao jeito das romanas desata a sua ira, e exige vingança para reparar a sua honra ao estilo do teatro calderoniano (Mello Breyner, 1788: 51): «Que huma occulta vingança... huma tal mancha/ Com sangue eu lavarei... mas sangue, Osmia,/Que toda a mancha lave». Esta reacção, tão afastada da racionalidade ilustrada, provoca a indignação da Princesa turdetana (Mello Breyner, 1788: 54): «Que preceito! que Lei! que atrocidade!!...». E ainda (Mello Breyner, 1788: 58): «Teus males s'amontoão. De que serve/ A grandeza, a virtude, a heroicidade,/ Se ao preceito cruel do Esposo insano/ Tudo deve ceder n'um só momento?/ Meu coração, minh'alma se rebella/ Contra a lei inhumana.».

O conflito entre Razão e paixão constitui-se, precisamente, num dos focos de atenção no referido às ideias racionalistas, e a transgressão dos princípios da primeira em benefício da segunda pode ser analisado como o segundo plano da *hbris* cometida por Osmia, a que vulnera o fundamento principal do pensamento ilustrado. Se a falta contra a moral da protagonista era amar Lélío, a falta contra as Luzes é deixar que o seu comportamento seja guiado pelo sentimento, sem analisar as causas e consequências que os seus actos podem ter: em primeiro lugar, o seu juízo indica-lhe que não deve amar Lélío e muito menos confessá-lo, mas a sua atitude acaba por delatá-la; não aceita, por tomar em consideração a oferta de Lélío, o vantajoso pacto oferecido pelo

romano, e, finalmente, decide acreditar na morte de Rindaco sem ter para isso nenhuma prova material.

E se aquela falta moral não impedia que Osmia fosse uma mulher virtuosa, esta nova falta não nega o comportamento racional que caracteriza a turdetana de modo geral. Assim, contra a visceralidade de Elédia, que invoca os ritos atávicos de iniciação num ódio irracional e místico contra os romanos (Mello Breyner, 1988: 32):

Nem ignoras qual ódio nos inspiraõ/ As Leis contra os Romanos desde o bérço./
Nossos Pais o juráraõ, e nós mesmas./ O cruento holocausto offerecendo/ As
mãos de teus maiores s'immergeraõ:/ As tuas s'ensopáraõ nas entranhas/
Palpitantes do misero Immolado./ Vejo aos Ceos inda os braços levantados,/ E
por debeis os teus sustento eu mesma.

impõe-se a racionalidade de Osmia, que argumenta em termos políticos o conflito entre lusitanos e romanos (Mello Breyner, 1988: 32-33): «De Galba foi a negra atrocidade/ Quem assim revoltou contra os Romanos/ Os miseráveis restos desses Póvos/ Que Viriáto unio. Desbaratados,/ Dispersos, e distantes de seus lares,/ Para chamallos á vingança justa/».

E também a Razão obriga-a a separar entre a pessoa de Lélis, a quem deve gratidão pelo trato mais que correcto que lhe dispensa durante o cativeiro, e o Pretor romano, a quem não duvidaria em matar no combate (Mello Breyner, 1988: 33):

Esse mesmo Pretor, se torno ao campo,/ E posso acommettello, será alvo/ De
meus peçados golpes: Levo em braços/ Da Patria a causa entãõ; porém agora/ Da
minha só se trata. A Lélis devo/ Quanto sabes, Eledia; beneficios/ Com odio não
se pagaõ: Que virtude/ Tal poderá inspirar?

Enquanto busca infrutuosamente motivos racionais para odiar Lélis: «tens visto,/ Amiga, no Pretor algum indício/ Que possa condemnallo? Os seus obsequios/ Vêm sempre de respeito acompanhados».

A protagonista não é a única personagem que deve enfrentar-se a esta luta entre a Razão e as paixões, e de facto é Lélis quem mais sofre por causa de uma fixação amorosa que se vê incapaz de controlar ainda que o leve a contradizer os usos morais e legais de Roma e a semear a dúvida e a incerteza no seu exército. Igual que Elédia actua em numerosas ocasiões de voz da consciência de Osmia, o Pretor tem como conselheiro o Questor Mânlio que desde a sua primeira intervenção, com que se levanta o pano, vaticina os perigos de uma debilidade que os romanos começam a perceber no seu dirigente. É o Questor (Mello Breyner, 1988: 36) quem faz ver a Lélis a sua imprudência: «Hum estragado amor vai despenhar-te». O Pretor, sofre o seu conflito

sabedor de que o seu amor impossível com Osmia desafia as leis da Razom, e assim o expressa neste monólogo (Mello Breyner, 1788: 20):

Oh! e quanto he verdade que fazemos/ Ceder tudo á paixão, que nos domina!/
[...]/ Ah! Lelio, Lelio! amar nesta incerteza/ Mais que paixão, parece já loucura./
Quebrems a cadeia; mas s'ao menos/ A certeza de Rindaco ser morto.../ Que
estranha confusaõ!... Ceos! que tumulto/ D'estragadas idéas m'atropella.../
Hum furor devorante me possue./ Oh! Patria... Oh! Roma... teu clamor
escuto.../ Meu pobre coração! ah! em que abismo/ Fluctuando te vês! E que?
meu nome/ Nas futuras idades proferido/ Com ludibrio será entre os
Romanos?.../ Sim, Lelio, torna em ti. Toma a coragem/ D'um severo Romano ao
peito chama.

Finalmente, Mânlio, trás a morte de Osmia, sentencia lapidarmente a obra lembrando a Lélío a causa de todos os males (Mello Breyner, 1788: 69): «Ah! Lelio, e quantos;/ Quantos males consigo traz a força/ D'uma paixão violenta».

As personagens do Pretor e o Questor introduzem nos seus diálogos algum outro assunto interessante em relação à presença de traços de umha ideologia ilustrada na peça, como as disputas arredor das leis e os costumes romanos e as leis naturais. Pode-se exemplificar o dito contrapondo umha intervençom de Mânlio (Mello Breyner, 1788: 3) em que diferencia entre as leis e os costumes a umha outra de Lélío em que reivindica os direitos naturais sobre as leis (Mello Breyner, 1788: 5):

Naõ, amigo, as Leis não to contrastaõ,/ Mas ha cousas que as Leis não tem
coartado,/ Que ao praticar-se, julgaõ-se indecentes/ Mas as Leis... e que Leis?
que extravagancias?/ Nacional, Estrangeira, escrava ou livre.../ Que póde isso
influir na Natureza.

Temos aqui, por um lado, o poder do preconceito tantas vezes criticado polos autores ilustrados, que consideravam que a liberdade só se obtinha quando a pessoa dependia unicamente da lei (Díaz, 1998: 56), mas obviamente estas leis deviam ser feitas conforme à Natureza, e este desequilíbrio é denunciado por Lélío.

Outro momento iluminador em relação à ideologia presente na obra é o diálogo em que é anunciada a Osmia a possibilidade de ser libertada por meio do resgate oferecido polos Vetons (Mello Breyner, 1788: 40), algo a que ela se nega talhantemente (Mello Breyner, 1788: 42): «Liberdade não quero; não desejo/ Mando, que pago seja por meus Póvos./ Se do Esposo esperar não pude auxilio;/ Naõ quero ir supportar a sorte ingrata/ De me ver a meus subditos vendida»³⁰¹.

³⁰¹ Cfr. com *Atilio Régulo* (Cidade, 1973: 212), onde Régulo rejeita a possibilidade de escapar do seu cativeiro que lhe é oferecida pelo cônsul cartaginês que quer desta maneira emular o exemplo ético dos romanos: «[Amílcar:] Minha piedade/ Desdenhas? [Régulo:] Não de ti me compadeço./ Virtude ignoras e

Nom parece que a Princesa turdetana esteja mui conforme com ver-se submetida à vontade popular, o que fai pensar mas num Iluminismo aristocrático que nas correntes mais radicais nos seus posicionamentos sobre a igualdade ou a democracia, como corresponde à aristocrática Osmia, que governa o seu povo como «descendente dos antigos Capitães da Lusitania» (Mello Breyner, 1788: [7]). Se seguirmos neste ponto Calafate (2001: 13-14) veremos que a feição católica e aristocrática da ilustração portuguesa relaciona-se também com a perseguição dos jesuítas, nom apenas como um conflito entre o poder eclesiástico e os poderes reais, mas também com umha preocupação por

estabelecer os fundamentos da monarquia absoluta, contra as teses da soberania inicial do povo, defendida pelos escolásticos, aspecto em que se destacaram António Pereira de Figueiredo no seu *De Suprema Regum* (1765), José Seabra da Silva, a quem se atribui a *Dedução Cronológica e Analítica* (1768), e António ribeiro dos Santos no *De Sacerdotio et Imperio* (1770).

Para Calafate (2001: 46-48) o posicionamento jesuítico firmava-se em S. Tomás de Aquino no direito romano, que justificava a consideração do poder como umha concessão divina, mas recebida de Deus de maneira indirecta através de umha cessão inicial da comunidade ao Rei. Por outra parte, esta teoria, foi amplamente aceite em Portugal, sobretudo por «dois acontecimentos em especial: a crise sucessória de 1383-85, que culminou na subida ao trono de D. João I, e a crise sucessória que se seguiu à morte de S. Sebastião, que culminou na invasão do país por Filipe II, e, sessenta anos depois, na aclamação de D. João IV»

As implicações de semelhantes pressupostos teóricos som de dous tipos: (a) a questão, já comentada, da superioridade do Papa sobre os diferentes reis, e (b) a possibilidade de nom se submeter a comunidade a um governo considerado tirânico:

Para os teóricos da Companhia de Jesus, ao transmitir o poder ao soberano, este fica superior à comunidade, e, portanto, em termos puramente temporais não reconhece superior na terra. No entanto, salvaguardava-se um conjunto de pressupostos, de obrigações e de deveres globalmente consignados na tese que defendia que *regnum non est propter regem, sed regem propter regnum* (o reino não existe para o rei, mas o rei para o reino). Associando esta tese ao facto de na

virtude ostentas:/ E ofendes a ti próprio, a mim e à Pátria./ [A.:] Eu! [R.:] Sim: como dispões da liberdade/ De Régulo? É teu servo ou de Cartago?/ [A.:] Não te cabe indagar se o beneficio.../ [R.:] O beneficio, na verdade, é grande!/ Tornar-me réu, tornar-me fraudulento, Prófugo, indigno...». E cfr. ainda noutro lugar na mesma peça (Cidade, 1973: 220): «[Licínio:] Sim, que Régulo parta impede Roma./ [Mânlio:] Pois de Roma também não somos parte/ Eu e o Senado? [L.:] A maior é o povo./ [M.:] Não a mais sã». Vemos no primeiro destes dous trechos que a honra se coloca por diante de qualquer expectativa de salvar a vida, e no segundo que se despreza o poder do povo para intervir numha decisão que por um lado é política, pois afecta ao estado, e que, por outro, depende do alto conceito da ética e da honra que se atribui unicamente às pessoas de origem ilustre.

natureza da constituição da comunidade política estar a submissão voluntária dos homens ao império vinculativo da lei e do direito, e considerando, de acordo com a tradição bíblica que mais devemos obedecer a Deus que aos homens, e que uma lei injusta não é lei e como tal não deve ser obedecida, postulava-se, a partir daqui, a difícil questão do direito de resistência passiva e activa e, como limite da resistência activa, a questão do tiranicídio e da destituição do titular do cargo régio, quando tirano, pela comunidade.

Neste ponto é evidente que não podemos obviar que trinta anos antes da publicação da *Osmia* –a 3 de Setembro de 1758- produzira-se uma tentativa de regicídio contra D. José I, que teve como consequência a imediata expulsão dos jesuítas do país –a 3 de Setembro de 1759- e um processo contra alguns representantes da alta nobreza que tinha por objecto evidenciar que o único posicionamento aceite seria a adesão ao Rei e ao seu governo.

Quando Teresa de Mello Breyner coloca esta questão está a alinhar com posicionamentos regalistas que podemos confirmar tanto pelas suas relações com Inácio Pina Manique, Intendente Geral da Polícia, a quem recebia na sua casa como padrinho da Nova Arcádia (Anastácio, 2000a: X-XI), como na sua correspondência com o P. Manuel do Cenáculo³⁰², na altura bispo de Beja, a quem mostra a sua profunda preocupação pelo estado de saúde da Rainha D. Maria e juntamente com quem, no ano imediatamente anterior à declaração oficial do príncipe D. João como regente, tinha tratado por todos os meios de conseguir a restituição da saúde da soberana. Colocamos aqui dois exemplos, o primeiro de 13 de Março de 1798 (Biblioteca Pública de Évora cxxvii-16): «Logo que li a primeira carta de V. Ex^a [...] dezejei desde logo procurar que a sua intercessão valesse a sua Mãe e nos alcançasse com a saúde da Soberana, todas as mais bençãos de Pax, e Religião, que nos são tão necessárias neste calamitoso tempo». O segundo em 3 de Abril do mesmo ano (Biblioteca Pública de Évora cxxvii-16):

Os tempos nunca foram, talvez, tão arriscados desde o princípio da Igreja. Nas outras perseguições lutava a tirania com a piedade nascente, e fervorosa: agora a impiedade e a Tirania devastam o rebanho de J.C. e a Insensibilidade lhes serve de Conductor.

Permitame V. Ex^a que eu chore este mais temível de todos os nossos inimigos, e desafogue a minha dor, com quem a participa e me dá a conhecer nas suas expressões.

³⁰² Cenáculo, precisamente, é oferecido por Calafate (2001: 50) como exemplo de teórico regalista do pombalismo, ambicionando «postular a supremacia do Estado em todo o temporal da Igreja –não esquecendo a candente questão dos impostos- em ordem a confinar a acção desta a uma esfera puramente espiritual, ao mesmo tempo que contribuía poderosamente para laicizar a sociedade».

Através destes dous trechos podemos ver que nenhuma das intervenções de Mello Breyner no campo literário é deixada ao acaso, e que mesmo desde o convento de Santos –lembre-se que tinha professado em 1794- continua a movimentar as suas influências no campo do poder.

III.1.4.2.5. Proposta de umha ética nacional ilustrada em Teresa de Mello Breyner

Os textos pedagógicos do século XVIII³⁰³ insistem na necessidade de ensinar correctamente e em primeiro lugar a língua portuguesa, em detrimento da posição de privilégio que até entom tivera o latim no curriculum dos estudantes e na vida cultural em toda a Europa. Este é um sintoma evidente do relevo que cobram as línguas vernáculas –particularmente as estatais- na Ilustração, motivado isto em parte pelo rejeitamento das autoridades clássica e eclesiástica simbolizadas no latim, em parte impulsado também pelo afã pragmático da nova filosofia³⁰⁴ –é mais fácil aprender na própria língua que em latim- e pelas necessidades das classes médias e da baixa nobreza, que pretendem incorporar-se ao topo da escala social, mas com carências evidentes no seu capital cultural. Esta razão de classe pode considerar-se mais que umha consequência das outras duas, a sua causa primeira, porque o ascenso da burguesia e da baixa nobreza –melhor haveria que dizer a *justificação* do seu ascenso- parece ser a origem da teorização dum certo tipo de Ilustração na filosofia (aquele que levou mais longe o conceito de igualdade individual) e nas artes. e do liberalismo na política e na economia. Como pano de fundo desta chamada ao racionalismo está o intento das classes sociais emergentes –que tinham em Portugal como máximo representante o Marquês de Pombal, procedente da baixa nobreza e nunca plenamente aceite pela mais alta aristocracia- de alcançarem o poder político por meio do seu poder económico, em contraposição com os privilégios de nascimento que ostentavam a alta

³⁰³ Tomamos como base a análise de *Apontamentos para a educação de hum menino nobre* de Martinho Mendonça Pina e Proença (1734), *Verdadeiro método de estudar* de Luís António de Verney (1746), *Cartas sobre a educação da mocidade* de António Nunes Ribeiro Sanches (1760) e *Tractado da educação física, e moral das crianças de ambos os sexos* de Luiz Carlos Moniz Barreto (1787).

³⁰⁴ Este afã pragmático reflecte-se também no impulso do ensino de línguas estrangeiras vivas, que som úteis para o comércio, quer dizer, para a burguesia mercantil.

nobreza e o alto clero, reflectidos num capital cultural baseado na tradição, na religião e na autoridade.

Em Portugal, esta preocupação por prestigiar as línguas vernáculas frente ao latim também nos usos mais altos ou mesmo litúrgicos, une-se à particular situação que vivia um país em plena regeneração depois dos anos de domínio espanhol, no período filipino. O conflito político afectara a própria imagem que os portugueses tinham de si, ao confrontarem a sua situação no momento com um passado —o das descobertas e a expansão ultramarina— que se tinha por glorioso³⁰⁵.

Mas a defesa do português não vai ser só 'contra' o latim ou o espanhol, mas também contra a crescente influência francesa, explicável por ser, em toda a Europa, a língua da diplomacia e «agente de cultura essencial». Ainda que os ilustrados portugueses não reneguem da sua filiação francesa no literário e no ideológico, vão mostrar a sua oposição à introdução maciça de galicismos (Ramos, 1994: 8)

daí que, constituindo o português setecentista um «língua literária», nem por isso o francês deixa de estar bastante difundido e funcione como agente de cultura, da língua e da moda, um pouco por causa dos franceses residentes em Portugal e muito por força de razões de origem histórica e cultural [...]. Mesmo os escritores amigos da França mostram evidente preferência pelo idioma de origem e atacam, às vezes com violência, a invasão dos galicismos.

E a Academia de Ciências em 1810 propõe mesmo (Ramos, 1994: 9)

a elaboração de um glossário das palavras e frases francesas que por descuido ou ignorância se introduziram na língua portuguesa [...] em virtude da leitura assídua de livros no idioma parisiense e da falta de um bom dicionário português-francês, factos que a Academia também sublinha

A reivindicação linguística está directamente vinculada à reivindicação da identidade nacional portuguesa, considerando-se (como em muitos outros processos similares) que um dos elementos fulcrais para a consolidação da nacionalidade é a literatura. Como apontam Américo António Lindeza Diogo e Osvaldo Manuel Silvestre (1996: 47) existe um interesse por sustentar um cânone vernáculo com base nos autores

³⁰⁵ López-Iglesias Samartim (2001: 110-111) relaciona precisamente a «exaltação nacionalista» das descobertas com a utilização simbólica da língua: «A primeira formulação que relaciona a elaboração linguística do português com a incipiente consciência “nacional” tem lugar no mesmo ano de 1536 [...] quando Fernão de Oliveira manda imprimir a sua *Gramática da Linguagem Portuguesa*; quatro anos mais tarde (em 1540) João de Barros levará ao prelo por sua parte outra *Gramática da Língua Portuguesa*, esta vez compreendendo um tratado *Da Ortografia* seguido por um *Diálogo em louvor da nossa linguagem*; e no mesmo lugar lemos que ambos os gramáticos «centraram sobretudo os seus estudos linguísticos na defesa do português face às duas línguas presentes no sistema cultural quinhentista, insurgem-se contra a hegemonia universal do latim e contra a supremacia cultural do castelhano e focam nas suas obras especialmente o perigo que supõem para a soberania linguística e cultural do reino a concorrência com a língua vizinha».

quinhentistas –Camões, Ferreira- porque é preciso legitimar a língua nom só com os usos actuais, mas com umha literatura nacional suficientemente representativa e com capacidade de constituir-se na tradiçom em que poder assentar a literatura moderna, sem necessidade de recorrer exclusivamente aos autores greco-latinos ou franceses, e porque estes autores som os representantes do passado expansionista do país, os símbolos de um estado e de umha economia com influência nas relaçons internacionais:

A emancipação do domínio do Génio das Bagatelas permite o acesso –entre outras coisas óbvias- à língua de Camões e Barros, lavada do mal gálico e das escrófulas seiscentistas. A língua portuguesa não é apenas uma bandeira política [«Oh clássicos do nosso augusto sé'clo [sic],/Que sempre fostes o patente molde/De elegante escritura genuína,/Oh quanto não deveis hoje, mais do que nunca,/Ser o que são bandeiras nas batalhas!» (Elísio, 1941: 3)] como Bourdieu nos lembraria. Aqui trata-se ainda de unificação do mercado da língua; trata-se mesmo de uma teoria linguística na justa medida em que é como todas assombrada pelo *comunismo linguístico*. Os quinhentistas representam o tesouro público da língua que 'todos' se achariam obrigados a preservar e defender, e para que 'todos' devem ser contribuintes; e a gramática, mormente se filosófica, é o melhor paradigma da unificação do mercado linguístico.

Segundo estes mesmos autores (1996: 44), outro dos motivos por que se recorre ao modelo quinhentista é que a poética renascentista pode simbolizar muito melhor as aspiraçons e a forma de expressom das classes médias que o modelo barroco ou seiscentista. O carácter pragmático desta classe fundamentada no sucesso económico nom pode legitimar umha literatura baseada, do seu ponto de vista, em frívolos jogos de palavras, na manipulaçom da língua e da expressom:

Deve fazer-se notar no Método [no *Verdadeiro método de estudar* de Luís António de Verney] as seguintes duas feições «burguesas»: (i) a subordinação do 'ornato' à 'propriedade', e (ii) a definição do 'bom gosto', *organon* universal das Luzes: trata-se sobretudo (ciências e artes) de ajuizar, para poder a gente progredir em perfeição.

A mudança dos Estudos é inseparável da proscriçom de outro vernáculo: a escrita barroca, *poética*.

Nesta campanha pola dignificaçom do português tivo umha importância decisiva a publicaçom do *Verdadeiro método de estudar* de Luís António de Verney (1747), que nom só reflecte sobre o papel que deve ocupar a língua vernácula no processo educativo, mas aborda o assunto lingüístico de muitas outras perspectivas, como a ortográfica e a poética. A respeito da ortografia, propom um sistema novo (e com pouco sucesso posterior), que se ajuste mais exacta e racionalmente à fonética do português; e em

relaçom à língua literária mostra-se, como se viu acima, partidário de umha gramática filosófica respeitosa com a ordem «natural» do pensamento.

Por isto, seguindo os princípios cartesianos de Port Royal, é proposto um novo tipo de gramática que privilegie a simplicidade na expresom e a clareza na elaboração conceptual, constituindo um ataque frontal ao discurso peripatético escolástico. Calafate (2001: 17) explicita esta relação língua-pedagogia-filosofia:

Tratava-se então de eleger uma ordem de exposição doutrinal [para a escola reformada] capaz de reunir os atributos da brevidade e da facilidade na transmissão do vastíssimo âmbito dos conhecimentos ou luzes dos modernos, um método compendiário que aproveitasse a certeza das demonstrações geométricas, traduzindo assim uma «episteme da brevidade e da clareza», identificado com a ordem sintética, entendida também como ordem natural da razão. Directamente relacionada com a ordem natural dos pensamentos está a ordem natural das palavras, [...]. A ambição das gramáticas cartesianas [...] era constituir um método de ensino das línguas, inclusive o latim, aproveitando a proclamada ordem natural das palavras na frase, a qual se baseava na relação das categorias lógicas universais.

A questom lingüística tem, pois, duas vertentes: umha é qual o código que deve ser privilegiado, e outra qual o modelo lingüístico proposto, e aqui cobra a maior importância o género clássico da retórica, assunto este que nom foi abordado apenas por intelectuais aderentes à filosofia iluminista, mas passou a ter consideração de questom de Estado e ser tratado em textos emanados do gabinete pombalino como o Alvará de 28 de Junho de 1759 que decreta a expulsom dos jesuítas de Portugal, em que se afirma nom haver «estudo mais útil que a retórica e a eloquência»³⁰⁶.

Evidentemente a apropriação dos conceitos clássicos de retórica e eloquência nom é umha novidade ou umha exclusiva da poética iluminista, pois autores do período barroco como o jesuíta António Vieira também tinham teorizado sobre a arte de falar e, sobretudo, persuadir –veja-se, por exemplo, o *Sermão da Sexagésima*. A diferença estabelece-se na prioridade que se concede –seguindo Port Royal- ao substrato lógico do discurso frente à ornamentação. Calafate (2001: 263), a quem seguimos mais umha vez, sintetiza as características da retórica setecentista:

Se quiséssemos circunscrever o núcleo deste ideal estético a respeito da argumentação e do discurso oral e escrito, teríamos: 1. É a arte de bem pensar que faz a arte de bem dizer, sublinhando-se, aqui, a primazia do fundo sobre a forma, da lógica sobre a retórica; 2. A frase perfeita é a que se compreende sem esforço, que nem é muito longa nem demasiado breve, que é purgada de toda a metáfora demasiado «pessoal», que é «normal» quanto à sua estrutura

³⁰⁶ Citado por Calafate (2001: 257), cfr. com Verney (1747): «Não há coisa mais útil que a retórica».

gramatical, ou seja, que não abusa da inversão ou hipérbato; 3. A concessão perante o ornamento e o figurativo, ou seja, a concessão que se faz à retórica é rigidamente controlada, à luz de um imperativo de moderação que apenas leva em consideração os afectos e as paixões «naturais», a fim de conciliar o assentimento com a persuasão.

Baseando-se precisamente na «naturalidade» deste tipo de discurso, aparentemente emanado da lógica e da Razom constitutiva da essência diferencial do ser humano (portanto a estrutura do discurso é idealmente a mesma em todas as línguas), o critério de beleza racionalista é convertido numa verdade «objectiva», e assim é interpretado Cândido Lusitano (1748: 45): «A belleza consiste naquella luz, com que a verdade apparece brilhante, e ornada; e esta luz não he outra cousa senão a brevidade, ou clareza, a energia, utilidade, e outras circunstâncias, que pôdem acompanhar, e fazer bella a verdade».

O cânone que legitimárom os autores iluministas do século XVIII está condicionado pola vindicaçom da língua portuguesa, pola elaboraçom de umha nova gramática pola recuperaçom dalguns dos valores –tanto políticos como literários- de Quinhentos e pola crescente importância dos géneros literários em prosa e do verso livre polos motivos já apontados acima (Cfr. Verney: 1747, por exemplo). Isto tem umha importância capital no que di respeito ao teatro, que conheceu os esforços de múltiplos teóricos e dramaturgos, apoiados por instituições como a Arcádia Lusitana e Academia das Ciências, por renovar as suas produçoms tanto na estética como nas ideias, tentando convertê-lo numa forma de expressom das ideias iluministas e num mecanismo de difusom da «nova» língua portuguesa e do conceito de Portugal que esta acompanha.

Algumhas das implicaçoms ideológicas que tinha a Ilustraçom portuguesa, em concreto as que dim respeito a um projecto de criaçom da identidade nacional. Paralelamente a esta preocupaçom pola identidade nacional que demonstram os ilustrados portugueses, por toda a Europa, os defensores das Luzes estão a procurar novos modelos de conduta e moralidade diferentes dos tradicionais católicos. Para M. Delon (1998: 42) existe

la convicción de la existencia de un modelo universal de hombre sensible y razonable, y por tanto moral, en función únicamente de sus cualidades y su naturaleza. [...] El fin del hombre no se encuentra ya más allá de la muerte, en un futuro trascendente, sino aquí y ahora, entre sus semejantes.

Nas páginas de *Osmia* vamos encontrar estes dous aspectos combinados: a preocupaçom pola identidade nacional portuguesa e o desenho de umhas novas pautas

de conduta moral ajustadas já nom às imposiçõs do dogma católico, mas aos desígnios da Razom e da natureza que se reúnem no rascunho de um possível modelo de «ética nacional ilustrada».

No literário, esta ética nacional liga-se à recuperaçom de modelos quinhentistas –é inevitável aparentar a tragédia de Mello Breyner com umha outra tragédia «histórica»: *A Castro* de António Ferreira, tanto polo tipo de personagem escolhida como por outros muitos elementos tanto argumentais (luta entre paixom e Razom, ambiente aristocrático...) como formais (utilizaçom do verso, cinco actos, unidade de tempo e lugar...)- polo que este representa no imaginário português da altura, e à criaçom de mitos nacionais que incarnem os novos valores que se proponhem desde as elites. Estes modelos nom os vai procurar a Condessa do Vimieiro no próprio século XVI, mas num período anterior à mesma existência histórica de Portugal, mas que polo recuado da sua ubiquaçom temporal contribui para criar a ideia de umha identidade portuguesa fortemente fixada independente das contingências históricas.

O momento histórico escolhido por Teresa de Mello Breyner é a romanizaçom, e a guerra que esta origina entre os habitantes originários do Ocidente peninsular e as forças do Império. Na peça aparecem três das tribos que habitavam a Hispânia pré-romana: os lusitanos, os vetons e os turdetanos. A escolha destas três tribos, e especificamente de turdetanos e vetons -a denominaçom *lusitanos* aparece utilizada mais no sentido genérico de antigos portugueses que no particular de umha determinada regiom ou grupo étnico- incarnam alguns dos traços próprios da ética defendida pola autora, definidos polo pretor romano Lélío, numha das suas primeiras intervençõs, onde se enfrenta à opiniom generalizada entre os romanos que considera os turdetanos uns simples bárbaros, mui inferiores à civilizaçom romana (Mello Breyner, 1788: 6):

Quaes tu julgas,/ Taõ barbaros não são os Turdetanos./ As Sciencias estimaõ;
Leis respeitaõ/ De longa antiguidade deduzidas/ A cultura, o Commercio os
enriquece;/ São sobrios, são guerreiros adestrados/ Nos jógos, nos combates:
quantas vezes / Roma, com proprio damno, o tem provado/ Sós estamos aqui:
posso affirmar-te/ Que nelles mil virtudes reconheço.

O povo turdetano caracteriza-se, na «anacrónica» –por ilustrada- opiniom de Lélío, polas melhores virtudes racionalistas: o domínio da ciência e da cultura, o mercantilismo como forma de organizaçom económica e a lei como única norma de comportamento³⁰⁷.

³⁰⁷ Vimos já que esta característica nom é própria de todos os turdetanos, porque Elédia ou Rindaco apresentam-se como personagens dependentes de ritos, ódios irracionais ou atitudes contrárias às leis da natureza.

Desenha-se umha sociedade onde as mulheres tenham um destaque especial, tanto por representarem a essência dos valores dos primitivos lusitanos, como pela enorme diferença entre a sua educação e forma de vida e as da generalidade das mulheres das elites sociais portuguesas e europeias do último quartel do século XVIII (equiparáveis às romanas na obra). Esta distância serve a Teresa de Mello Breyner para pôr de relevo e denunciar umha situação que considera injusta, e para subscrever umhas ideias mui próximas dos postulados dos autores e, especialmente, das autoras mais radicais nos seus posicionamentos sobre igualdade entre géneros que, como vimos (§I.3.2.), defendiam esta igualdade nom só no momento do nascimento, mas também nos usos sociais e em todos os ofícios. As lusitanas demonstram polos seus actos, tal e como indicavam determinados tratados pedagógicos setecentistas, nom só a sua igualdade intelectual com os homens, mas também a igualdade de capacidade física³⁰⁸ (Mello Breyner, 1788: 7): «Não zombo, amigo; as Lusitanas vejo/ Em valor, em destreza, em sofrimento/ Iguaes ao nosso sexo, sem que percaõ/ As delicadas graças do semblante».

Por se isto fosse pouco desempenham mesmo o ofício tradicionalmente considerado como exclusivo e mesmo definidor do género masculino: a guerra. Osmia é umha guerreira implacável no combate, a autêntica líder dos turdetanos, por cima do seu marido Rindaco (Mello Breyner, 1788: 7):

Disputou no combate, Osmia, o passo/ aos mais animosos dos Romanos./
Quantos victimas foraõ do seu braço!/ Na força do conflicto mais s'anima;/ E
quando os nossos, de tropel, a cercaraõ,/ Não volta contra si o mesmo ferro,/ Que
no sangue Romano se ensopára?/ Eu felizmente o golpe lhe desvio./ Relucta,
mas de balde: imperiosa/ Observa-me hum momento, e rende a espada./ Cêdo ao
destino (disse) porém treme.

Elédia nom é menos dura no campo de batalha e Osmia reconhece-a como o seu modelo (Mello Breyner, 1788: 15): «Eu de longe te vi fazer pasmosos/ Estragos no inimigo, e teus esforços/ D'Emulação, d'exemplo me serviraõ». O papel das mulheres, encabeçadas pela sua Princesa Osmia, é posto continuamente em destaque como umha

³⁰⁸ Neste mesmo sentido, encontramos as palavras de Moniz Barreto (1787: 4), que afirma a igualdade intelectual e física das mulheres, pois, igual que sucede com a inteligência, a fraqueza é devida exclusivamente à falta de hábito e de umha correcta educação, e censura o posicionamento dos autores clássicos: «O Sabio Naturalista póde demonstrar, que esta suposta fraquêza de organização das mulheres, não procede senão da falta daquelles saudaveis exercícios, que fazem forte, e robusta a dos homens. A delicadeza de constituição nas mulheres, não serve, como julga Aristoteles, senão de provar, que tendo menos materia, por isso mesmo ficão os seus órgãos habeis para penetrarem todas as Sciencias, aproveitarem nas Artes com menos trabalho, e menos tempo que os homens». Ainda, entusiasta desta ideia, no mesmo lugar, escreve: «Ilustrêmos a constituição fysica, e o juizo das mulheres, por meio de huma boa educação»

das essências do povo turdetano em contraposição com as romanas, que Lélío reconhece não terem comparação possível com as primeiras, já que são uns seres abrandados e degenerados pelos costumes sumptuosos do império³⁰⁹ (Mello Breyner, 1788: 7): «As nossas [mulheres] de prazeres/ E de fausto sómente s'alimentaõ». E a vantagem das turdetanas sobre as romanas reside, sobretudo, em que aquelas não têm a espartana educação destas. Em palavras de Elédia (Mello Breyner, 1788: 9): «Se um rígido costume des d'ó berço/ Nos-naõ tivera afeitas ao trabalho,/ Houveramos cedido ao duro pezo/ Da tua tirania».

Neste sentido, Osmia e Elédia respondem a um tipo de educação que se reclamava ainda de forma marginal para as mulheres, mais de que já encontramos mostras na França seiscentista num autor como François Poullain de la Barre, autor como é sabido, de *De l'Égalité des sexes. Discours physique et moral ou l'on voit l'importance de se défaire des préjugés* (1673), obra em que propunha, de uma perspectiva cartesiana, a abolição dos preconceitos sociais que diziam respeito às diferenças entre os sexos, defendendo, em palavras de Célia Amorós (1992: 92), «un programa igualitario de acceso de las mujeres a todos los empleos públicos y a todos los cargos, desde el sacerdocio hasta el generalato».

No século XVIII esta mesma linha ideológica terá uma das suas continuadoras em Olympe de Gouges³¹⁰, na *Declaration de droits de la femme e la citoyen* (1791). Entre as suas reivindicações para as mulheres estavam algumas das mais habituais: igualdade intelectual, igualdade de nascimento, maior liberdade para as mulheres, mas levava esta igualdade até os extremos últimos e reclamava não o reconhecimento de uma igualdade teórica, mas a igualdade de facto, também no que dizia respeito à ocupação de cargos públicos. Alguns dos artigos da sua *Declaration*, já citados, são esclarecedores (vid. Blanc, 1993: 207-209: «la loi doit être l'expression de la volonté générale...»).

³⁰⁹ Cfr. esta valoração da autora portuguesa com as críticas de Mary Wollstonecraft (1792: V-VI) às mulheres francesas, e em geral à cultura deste país que, em sua opinião, privilegiava a ostentação frente à rectitude moral: “Is very true [...] that in France the very essence of sensuality has been extracted to regale the voluptuary, and a kind of sentimental lust has prevailed, which, together with the system of duplicity that the whole tenour of their political and civil government taught, have given a sinister sort of sagacity to the French character, properly termed by finesse, and a polish of manners that injures the substance, by hunting sincerity out of society. —And, modesty, the fairest garb of virtue! has been more grossly insulted in France than even in England, till their women have treated as *prudish* that attention to decency, which brutes instinctively observe”.

³¹⁰ Definida por Alicia Puleo (1992: 216) como uma «dramaturga marginal», assim que encontramos mais uma semelhança com Teresa de Mello Breyner para além da ideológica. A sua radical intervenção no espaço público, segundo lemos no mesmo artigo de Alicia Puleo, custou a Olympe de Gouges a cabeça durante o governo jacobino.

Outra mulher setecentista contemporânea da Condessa do Vimieiro que podemos relacionar com Osmia é Théroigne de Méricourt³¹¹, personagem da revolução francesa que, segundo E. Castelló García (1992: 194) reclamou em 1792 «la constitución de falanges de amazonas que puedan combatir en el frente, y enfundada en su vestimenta de amazona, se lanza a arengar a las mujeres de los «faubourgs», convocándolas en el Champ-de-Mars para que se entrenen en el manejo de las armas».

Mello Breyner criou umha personagem mítica coerente com novas correntes de pensamento radicais na defesa das mulheres, promovendo um novo modelo de comportamento para as mulheres. Neste sentido, som esclarecedoras as palavras de Itamar Even-Zohar (2000: 43):

this engagement with the making of repertoire was launched in the context of an attempt made by the makers of these repertoires to break off from some contemporary circumstances and create new living conditions for the group of people they considered to be a legitimate target for these repertoires, thereby in fact either aspiring at, or in reality creating a new group for that repertoire

Mas também Osmia se converte em referente de um passado glorioso, que no caso das mulheres serve como prova de que a sujeição legal e social que suportam no século XVIII nom é derivada da lei natural, mas de usos e costumes contrários a ela e que nom sempre fôrom idênticos –porque nom se pode falar de lei natural quando nom estamos perante usos comuns a todos os tempos e todos os espaços. Esta situação ideal das lusitanas no passado remete-nos para umha forma literária freqüente na Ilustração europeu: a utopia³¹² localizada geralmente num lugar ou num tempo (neste caso pode ser denominada também *ucronia*) nom determinado ou na infância da humanidade –neste caso na infância de Portugal. De todas as formas, o passado lusitano nom pode considerar-se plenamente utópico polo comportamento de Rindaco no momento da sua reaparição, que revela umha situação bastante próxima da contemporaneidade da autora, com um marido que tem poder absoluto sobre a pessoa da sua mulher, que ainda sendo a Princesa tem que obedecer a ordem do marido, mesmo contradizendo alguns dos valores essenciais das turdetanas: «De que serve/ A grandeza, a virtude, a heroicidade,/ Se ao preceito cruel do Esposo insano,/ Tudo deve ceder n'um só momento».

³¹¹ Se Olympe de Gouges acabou guilhotinada, Théroigne de Méricourt terminou os seus dias no psiquiátrico.

³¹² J.F. Fuentes (1998: 132) menciona a defesa dos direitos das mulheres como um tema habitual da «literatura utopista» e cita algumas obras do género como *The Island of Content* (1709), *Les femmes militaires* (Saint-Jory, 1736) ou *Millennium Hall* (Sarah Scott, 1762).

O carácter austero é outro dos traços fundamentais da ética turdetana, e a sua máxima representante é Elédia. Ela define esta austeridade absolutamente contrária à decadente civilização romana (Mello Breyner, 1788: 28): «A ociosidade/ Os sumptuosos banhos, os banquetes/ Não amolecem, não, as Lusitanas».

Todos estes valores parecem unir-se nas roupas que veste Osmia, e precisamente o abandono do traje lusitano pelo romano causa as maiores preocupações da desgraçada protagonista e de Elédia, e transtorna Rindaco até ao ponto de precipitar o final da sua mulher. A claudicação de Osmia perante Lélío neste ponto converte-se na terceira transgressão cometida pela protagonista que provoca o seu trágico final, a maior que pode cometer da perspectiva dos valores «nacionais»: Osmia esquece os seus deveres como mandatária e como guerreira e deixa-se convencer pelas boas formas de Lélío e pela promessa de ter consigo a sua preceptora (Mello Breyner, 1788: 13-14): «O fausto, o traje,/ Que assaz me desagrada, e te horroriza,/ Hoje mesmo o vesti por vez primeira;/ A última será. Eu desta pena/ (Não leve) que m'oprime, hum nobre premio/ Esperei conseguir: de ti depende».

O abandono do traje turdetano, e com ele a fidelidade ao seu povo, acarreta a Osmia constantes preocupações, enfrentamentos, remorsos, e, finalmente, a morte. A primeira em censurar a mudança é a intransigente Elédia, que representa neste caso a consciência e a dignidade lusitanas. A sua reacção quando vê Osmia com roupas de matrona romana (Mello Breyner, 1788: 12) deixa ver a gravidade dos factos e, portanto, as desgraças que vão ocasionar à protagonista: «Quaes novas? Qual consorte?... que direito,/ Romana, podes ter para inquirir-me?». Como vemos, para Elédia a mudança de traje leva consigo um tão alto grau de traição, que Osmia não merece nem ser chamada turdetana, e nega à sua Princesa as virtudes que caracterizam o seu povo: «E que virtude/ He capaz d'influir huma baxeza?/ Quando em ferros curvadas se lastimaõ/ As tuas companheiras, tu t'empregas/ Em prender roupas, e estudar adornos». Mais adiante, Rindaco reagirá de uma forma similar, ao inferir do novo traje de Osmia uma infidelidade com Lélío, como vimos acima.

Osmia, pelo seu cargo, não é livre para decidir sobre o seu destino, e o facto de imaginar que podia sê-lo traz a desgraça à protagonista. A traição de Osmia ao seu povo por vestir-se de Romana e por considerar a possibilidade de, vendo-se viúva, ir com Lélío para Roma (a cidade do conquistador, do inimigo), é agravada pelo facto de ser Osmia a dirigente dos Turdetanos, a sua máxima representante. Dada a gravidade da ofensa cometida por Osmia, esta deve reconciliar-se com o seu povo e com os seus

deuses no sacrifício final, e suicida-se precisamente nas Aras aludidas no trecho citado acima consagradas à divindade Endovélico, que fora aludida no começo da obra como protectora da região em que se desenvolve a obra (Mello Breyner, 1788: 68):

De mil negros pressagios agitada/ O bosque penetra: lá do recinto/ Que às libações servia, enfraquecida,/ Rouca a voz vinha a mim: julguei chamar-me:/ Corro ao sítio (ai de mim!) e nelle vejo/ A minha triste Osmia, sobre a terra/ Inclinada a jazer, e quasi extinta.

Em definitivo, existe em *Osmia* uma grande quantidade de elementos simbólicos que podem ser interpretados à luz da informação que temos em relação à autora, às suas escolhas repertoriais, à ideologia da Academia, ao tipo de teatro que pretende privilegiar, etc. Não é difícil perceber que estes mesmos símbolos podiam ser perfeitamente decifrados pelos contemporâneos de Mello Breyner e contribuiriam para a concessão do prémio da Academia de Ciências de Lisboa, já que revelam um pensamento em perfeita consonância com os interesses defendidos por esta instituição.

Nesta sequência podem ser destacados vários aspectos da peça que a fazem relevante dentro do campo literário português do último quartel do século XVIII.

Em primeiro lugar, deve ser posta em destaque a adesão da autora, tanto no plano formal como no argumental, ao cânone da tragédia clássica e neoclássica, recuperando para os palcos portugueses, ao lado doutros autores setecentistas ilustrados, um género que era essencialmente elitista pela sua própria definição depois de dois séculos de ausência. Assim, a «questão formal» não é em absoluto irrelevante desde o momento em que os teóricos ilustrados do teatro pormenorizam nos seus tratados e poéticas todos aqueles elementos do repertório –tanto o género como elementos secundários como os registos linguísticos, o número de personagens, etc.- que são ou não aceitáveis no modelo de teatro proposto. Tudo isto tem, por suposto, mais implicações que as meramente textuais, porque a adesão a este repertório, pelos motivos vistos acima, implicava também certas escolhas e propostas ideológicas.

Em segundo lugar, convém lembrar a adesão da peça a um tipo de ilustração que comunga com os princípios do racionalismo, mas que se mostra elitista e conservadora quanto ao conceito de igualdade, e reduz a capacidade de governo às personagens aristocráticas, longe de formulações provenientes de âmbitos burgueses partidários de um alargamento dos direitos políticos em direcção descendente na pirâmide social. Estas questões ideológicas abordam-se através de personagens da antiguidade portuguesa, de que se serve a Condessa do Vimieiro para colocar as

preocupações características dos finais do século XVIII, sempre do ponto de vista da nobreza ilustrada.

E, finalmente, *Osmia* intervém no debate em relação à igualdade entre os géneros, e, ligado a isto, do modelo de educação das mulheres. Teresa de Mello Breyner apresenta uma tragédia protagonizada por uma mulher muito afastada das mulheres setecentistas, mas muito próxima do ideal feminista que desenham personagens como Poullain de la Barre (já no século XVII), Théroigne de Méricourt ou Olympe de Gouges: *Osmia* é uma mulher que não só ocupa o cargo de Princesa –algo relativamente habitual na Europa ilustrada e não só, pois Princesas, Rainhas e imperatrizes havia-as desde séculos atrás–, mas também o de militar, porque ela mesma conduz o seu exército ao lado do capitão Rindaco. Em *Osmia* estão representados os valores de um novo arquétipo de mulher liberada –ainda que não completamente, e aí está a causa da sua destruição– do tradicional ostracismo feminino pelas Luzes da Razão e por uma educação igualitária e em certa medida espartana, afastada da educação sobreprotectora de nobres e burguesas que denunciam os tratadistas e pedagogos ilustrados.

Em *Osmia* dá-se a conhecer as ideias de um grupo social em ascensão nos finais do século, o das mulheres aristocratas e intelectuais, desvendando uma reivindicação radical naquilo que tem a ver com as suas piores, mas conservadoras quanto à extensão do conceito de igualdade às demais camadas sociais.

III.1.4.2.6. As versões ilustradas de Osmia –dous modelos de mulher, dous modelos de sociedade –a Arcádia Vs. a Academia

A *Osmia* de Manuel de Figueiredo é, por motivos óbvios, a que levanta um maior interesse para o nosso estudo, não apenas por ser a versão temporalmente mais próxima e imediatamente anterior da escrita por Mello Breyner, mas também por tratar-se de um texto produzido por um agente do campo que participou na constituição de uma das instituições ilustradas que, junto com a ACL, definiu os modelos de Ilustração introduzidos em Portugal durante o século XVIII –a Arcádia Lusitana. Veremos que em função de determinados elementos a que não são alheias as relações

de ambas as instituições com o poder, poderemos estabelecer uma interessante oposição ideológica entre as duas *Osmias*.

As diferenças mais significativas que encontramos entre ambos os textos são especialmente destacáveis no que tem a ver com a caracterização das personagens femininas -e nomeadamente da protagonista-, o que se traduz na apresentação de dois modelos femininos diferentes, com toda uma série de implicações ético-sociais e mesmo políticas, que julgamos evidentes.

A escolha de uma mulher para protagonizar uma tragédia não é algo em absoluto estranho, quer à tradição dramática grega³¹³, quinhentista portuguesa³¹⁴, ou clássica francesa³¹⁵ quer à tragédia ilustrada, tanto francesa³¹⁶ como portuguesa³¹⁷, e, de facto, outra das peças apresentadas ao concurso convocado pela Academia das Ciências em 1785 e de que resultou ganhadora Teresa de Mello Breyner, foi *D. Maria Teles* de Luís Correia de França Amaral. Mas esta *Osmia* em particular tem elementos que a diferenciam doutras protagonistas trágicas, já que a sua importância, e a caracterização geral das personagens femininas da obra vai ligada à reivindicação de igualdade das mulheres.

Na obra de 1773 encontramos a dramatização do assunto da lusitana feita prisioneira pelo exército romano no decurso de uma batalha. O amor do Oficial romano pela escrava, as dúvidas sobre a morte do seu marido, e as circunstâncias em que este matrimónio foi realizado no passado desencadeiam uma situação insustentável para a protagonista, que acaba num inevitável (segundo as leis da tragédia) suicídio. Quinze anos depois, Mello Breyner utilizará estes mesmos materiais, mas com uns resultados muito diferentes.

As personagens das duas peças, tirando, evidentemente, a protagonista, não recebem os mesmos nomes. Desconhecemos se a obra de Figueiredo teria alguma difusão (bem via a encenação da peça, bem via a distribuição de cópias manuscritas) anterior à sua publicação em 1804 nas obras completas e póstumas do árcade, mas parece evidente que a origem de ambos os textos está nas fontes historiográficas comuns

³¹³ Podemos citar uma grande quantidade de exemplos, entre os quais *Electra* de Sófocles, *Ifigénia*, *Ifigénia em Áulide*, *Helena*, *As Troianas* e *Andrómaca* de Eurípides ou as versões de ambos de *Antígona* e *Medeia*.

³¹⁴ O exemplo típico é, como não, *A Castro* de Ferreira.

³¹⁵ *Andromaque*, *Iphigénie*, *Athalie* ou *Bérénice* de Racine; *Sophonisbe*, *Rodogune*, *princesse des Parthes*, *Théodore vierge et martyre* de Corneille.

³¹⁶ *Alzire ou les Américains*, *Mérope*, *Sémiramis*, *Sophonisbe*, *Zaïre* de Voltaire.

³¹⁷ *Ignês*, *As irmãs*, do próprio Manuel de Figueiredo; *D. Maria Telles* de Luiz José Corrêa de França Amaral; *Hermione* e *Castro* de Domingos dos Reis Quita; *Policena*, *tragedia portuguesa* e *Nova Castro* de Joaquim José Sabino; *Herminia* de Francisco Soares Franco.

nas bibliotecas de qualquer ilustrado português, que, como vimos acima, não incluíam pormenores sobre a acção concreta ou sobre os nomes das personagens. Assim, o Rindaco de Mello Breyner é para Figueiredo Ragúcio, Lélíio é chamado Lívio, Elédia é Erécia e os três oficiais romanos da Condessa (Mânlio, Lúcio e Probo) som em Figueiredo uma única personagem chamada Fábíio. Por outra parte, este utiliza mais duas personagens de que prescindirá aquela: Minuro, um lusitano traidor, e Tântalo, um antigo amante de Osmia. Da mesma maneira, enquanto Osmia será para a Condessa de Vimieiro a guerreira e herdeira do trono dos lusitanos, em Figueiredo é a esposa de um nobre endinheirado, casada contra a sua vontade por um pai despótico interessado nas riquezas do pretendente. Figueiredo, ademais, coloca um amor impossível entre Osmia e o seu anterior amante, Tântalo, que reaparecerá em pleno desfecho da tragédia para semear dúvidas sobre a honra da lusitana.

A Condessa de Vimieiro escolhe para a sua protagonista a mais alta classe social –é Princesa e governante–, enquanto a Osmia de 1773 é uma mulher procedente da primeira nobreza casada contra a sua vontade e contra o amor. Isto implica, como veremos mais adiante, uma escolha do público a que vai dirigida cada uma das peças: a primeira, evidentemente, procura os seus receptores entre a aristocracia, permitindo-se, como veremos, desenhar um modelo de Rainha. Figueiredo, por sua parte, aborda um assunto candente na altura, que é o dos matrimónios por conveniência.

Mas a diferença mais importante do nosso ponto de vista é a que se opera na personagem principal, carácter feminino mais ou menos tónico em Figueiredo, transformado por Mello Breyner, numa espécie de «contra-Sofia»³¹⁸, isto é, num novo modelo de mulher oferecido desde posicionamentos ilustrados, mas claramente enfrentados a modelos passivos como o rousseauiano. Como mostra deste contraste, propomos a contraposição das descrições da protagonista em ambas as peças a propósito do encontro entre Osmia e o pretor/oficial romano (Lélíio/Lívio) no campo de batalha. O Lívio de Figueiredo (1804: 366, *italicos nossos*) descreve desta maneira as causas do seu apaixonamento:

[...] ainda guardo/ Nestas veias, formosa Lusitana,/ O resto desse sangue, que perdi/ Para livrar-te a vida, porque corra/ Té á ultima gotta, derramado/ Para salvar-te a *honra*. Porém Osmia,/ *Teu semblante viçoso, tenra idade,/ A virginal garganta, castos olhos:/ Esse rubor, o pejo, esse continuo/ Sobresalto, e pavor,*

³¹⁸Como é bem sabido, Rousseau, no seu *Emílio*, propunha um modelo masculino educativo e de comportamento incarnado pelo seu protagonista, caracterizado pelo racionalismo e a autonomia. Por contra, o modelo feminino, representado por Sofia, era bem diferente: tratava-se de uma mulher premeditadamente fraca e submetida ao homem, sem mais ambição nem objectivo que agradar o seu companheiro, e o seu plano educativo devia ser orientado nesta direcção.

em ti descobrem,/ Mais que não de casada, alma innocente / De huma Donzella intacta...

Lélio (Mello Breyner, 1788: 7, itálicos nossos), porém, aprecia outros valores na sua amada:

Disputou no combarte, Osmia, o passo/ Aos mais animosos dos Romanos./ Quantos victimas foraõ de seu braço!/ Na força do conflito mais s'anima;/ e quando os nossos, de tropel, a cercaõ,/ não volta contra si o mesmo ferro,/ que no sangue Romano se ensopára?/ Eu felizmente o golpe lhe desvio./ Relucta, mas debalde: imperiosa/ observa-me hum momento, e rende a espada.

A caracterização que Figueiredo faz da sua heroína, mais colada às informações que vimos nas fontes historiográficas, centra-se quase exclusivamente na beleza física, acompanhada de outras características tipicamente associadas com a feminilidade como a castidade, a virgindade (mesmo sendo necessário o rodeio lingüístico e conceptual visto acima para justificar a impressom de virgindade numha mulher casada), a debilidade ou o temor, apreciadas numhas occasions por Lívio: «culpa a tua beleza: ella detem/ Seus mais nobres estimulos» ou «terror feminil, panico medo»; noutras por Erécia (Figueiredo, 1804: 378, itálicos nossos), que censura as ánsias guerreiras que parecem nascer em Osmia:

OSMIA: [...] estranha/ A guerreira caduca, o pezo ás armas;/ e mal diz a Noviça, o debil braço/ ver cruzados os meus, a ellas feitos; / e no vigor da idade he um tormento/ [...] / ERÉCIA: [...] / Perdoa-me, Senhora, *que o valor/ Não he virtude, não, do fraco sexo.* / OSMIA: *falla a necessidade*

e mesmo por Osmia (Figueiredo, 1804: 378), que assume o discurso da debilidade das mulheres: «Sacrosanta virtude, põe teus olhos/ Na casta Lusitana! anima o braço/ De huma fraca mulher. Salva-lhe a honra». ou «nós, coitadas!».

Esta classe de apreciações relativas às mulheres nom aparecem em nengum momento na *Osmia* de Mello Breyner, de que nom temos descrição física e mui escassas referências à sua beleza, geralmente acompanhadas doutra classe de cumprimentos como «as Lusitanas vejo/ em valor, em destreza, em *soffrimento/ iguaes ao nosso sexo*, sem que percaõ as delicadas graças do semblante» (Mello Breyner, 1788: 7, itálicos nossos), «tua/ Tão bella como rigida virtude» (p. 41), «bella fereza» (p. 41) e algum «bella Osmia» (pp. 43 e 62), preterido na maior parte dos casos por «cara Osmia» (pp. 5, 40, 44, 62). Para além disto, em todo o momento é definida com qualificativos ou frases assinalados na crítica tradicional como masculinos, relacionados com os

campos semânticos da honra, do valor, do poder ou da guerra: «illustre mulher, honra dos Luzos» (p. 1), «seu nome a par dos Numes se levanta», «fama», «proezas» (p. 4), «valor», «destreza», «valerosa» (p. 7), «sangue illustre» (p. 11), «teus brincos infantis fiz tantas vezes/ que ensaios fossem do futuro esforço...» (p. 12), «Eu!... que mandava,/ Eu!... que fui atégora obedecida» (p. 13), «poucos me seguem [no combate]» (p. 15), «ardor, esforço» (p. 17), «soberba», «os seus a respeitam» (p. 18), «furor» (p. 23), «leis d'Osmã».

É evidente que por trás desta mudança está um objectivo ideológico claro de reivindicação da igualdade de capacidades entre os géneros, enquanto em Figueiredo apreciamos a recuperação de umha figura da história portuguesa, que serve como vindicação nacional e umha crítica tipicamente ilustrada dos matrimónios concertados, perfeitamente rousseauiano no que diz respeito do papel da mulheres, que som apresentadas como sujeitos fracos, passivos e dominados polo destino e polos homens.

Para colocarmos o foco adequado sobre esta análise, nom podemos perder de vista vários elementos que, explicam as evidentes diferenças entre umha peça e outra. Manuel de Figueiredo é um autor, teórico e promotor do teatro e das ideias ilustradas vinculado com umha instituição como a Arcádia Lusitana que, como vimos, tinha fortes laços com o governo pombalino. O interesse fundamental de Figueiredo é, portanto, apresentar e dignificar um modelo de actuação que visa a questom, certamente mais debatida entre as classes médias que entre a primeira nobreza³¹⁹ da abertura nas estratégias matrimoniais. Vimos noutro lugar deste trabalho que a nobreza mantinha ainda nesta altura um férreo desenho das suas estratégias matrimoniais baseado em critérios de acumulação de diferentes capitais (segundo os momentos históricos ou até as famílias, podia ser primado o capital económico, o cultural, o político, etc.) sempre pensando no benefício da casa como objectivo último. Frente a este princípio, o amor-paixom à medida que avance o século XVIII, irá ganhando espaços, até ser convertido em elemento central polo romantismo no século seguinte, como critério superior para a decisom dos enlacs sobre os interesses “de casa”, beneficiando particularmente umhas classes médias que com estes novos argumentos conseguem romper as barreiras que as separavam da primeira nobreza. Logicamente, quem tirava um maior rendimento desta aparente “individualização” do amor nom

³¹⁹ Pense-se, por exemplo, nas medidas pombalinas contra a política matrimonial das casas puritanas ou nos intentos de fomentar matrimónios de elementos procedentes da baixa nobreza e da burguesia mercantil endinheirada com filhos e filhas da primeira nobreza através, entre outros, do Colégio de Nobres.

eram as casas nobres que, segundo o velho sistema ainda em vigor, nom ocultavam os interesses depositados nos intercâmbios matrimoniais, mas as classes emergentes, que convertiam em sentimentos individuais aspiraçõs de classe que lhe permitissem ocupar postos políticos e sociais até entom interditos, homólogos dos que já ocupavam na economia.

Por seu turno, a Condessa de Vimieiro, mostra-se na sua tragédia partidária de uns matrimónios decididos em funçom dos interesses de casa e avaliados segundo critérios racionais. O amor para ela nom deve ser umha paixom, mas um sentimento racional e fundamentado.

Vemos, portanto, que as diferenças entre ambas as tragédias estão sustentadas nas diferenças de grupo que podemos verificar entre Figueiredo e Vimieiro. O primeiro, membro da Arcádia Lusitana, promove, por um lado, um modelo claramente vinculado com as novas propostas de alianças matrimoniais apoiadas polo governo Pombalino e, por outro, defende um modelo de mulher similar ao rousseauniano que, como vimos noutro lugar deste trabalho, era de grande interesse para as classes médias emergentes, que, com a mulher reduzida a um papel secundário e doméstico, conseguiam consagrar unicamente o ascenso social, económico e político baseado unicamente no mérito académico frente a um sistema de casas que legitimava um certo papel político das mulheres na Corte.

A personagem antes referida de Tântalo e o passado amoroso de Osmia, fam inclinar a tragédia de Figueiredo para o enredo sentimental –apesar de este orgulhar-se noutro lugar de nom tratar nunca este assunto³²⁰–, com um marido, um velho amante, um aspirante a amante, e umha heroína incapaz de optar entre os afectos e as obrigas de esposa. Na *Osmia* de Mello Breyner, o assunto amoroso é na realidade um simples desencadeante doutros conflitos como a (in)justiça das éticas tradicionais lusitana e romana, o poder absoluto do homem sobre a sua esposa, ou a impossível liberdade de acçom de Osmia, que tenta inutilmente separar a sua vida pessoal das suas obrigas como governante.

É evidente que, embora Figueiredo nom entre nesta classe de conflitos, as suas escolhas tenhem umha importante carga ideológica porque imersas numha corrente europeia de reforma do papel feminino na sociedade e, com el, dos alicerces do matrimónio e das relaçons familiares. Este autor centra a acçom nos problemas afectivos

³²⁰ No prólogo a *As irmãs* (Figueiredo, 1804, vol. 6): «Dizem-me os homens que provém todo aquelle odio [o que lhe tenhem as mulheres] de eu desterrar o Amor do Theatro, onde nunca se fazia a festa sem elle; e onde constantemente as Damas viaõ celebrar com os daquela Divindade os seus triunfos».

e pessoais das personagens, ocupando-se sobretudo de denunciar os inconvenientes dos matrimónios concertados polos pais³²¹, que começam a ser durante o período ilustrado motivo de forte polémica, e que som gravemente censurados por Figueiredo, constituindo, em última instância, a causa da perdição da sua Osmia, enquanto para Mello Breyner a infelicidade da sua protagonista tem a ver com as circunstâncias políticas e, no plano sentimental, com o abuso de poder por parte dos maridos e com as desigualdades entre os géneros, mais do que com a existência de matrimónios concertados que som, afinal, percebidos como legítimos.

Em relação com isto, no interessante estudo feito por Isabel Morant e Mónica Bolufer (1998) sobre a “construcción histórica de la familia moderna” encontramos algumas informações e reflexões que ajudam a interpretar as diferenças entre os modelos de matrimónio e relação conjugal propostos respectivamente por Figueiredo e Mello Breyner. Como bem indicam as duas autoras (Morant/Bolufer, 1998: 84) em relação com a promulgação na Espanha da Pragmática de Carlos III que regulava o papel das famílias nos matrimónios dos filhos, a petição das próprias casas da primeira nobreza,

ni la pragmática del rey, ni los discursos reformistas de la época [...] son producto de la aparición de una nueva ideología que defiende la libertad de los individuos frente a la defensa a ultranza de lo que serían las viejas ideas de las familias. Las cosas no sucedieron así, sino de otro modo más complejo. Ello implica el modo en que aquella sociedad percibía sus conflictos y el modo en que establecía sus soluciones, en la construcción de un nuevo orden de vida de la sociedad y los individuos. Significó la construcción de un discurso ideológico sobre el amor y el matrimonio que vemos referirse en los textos del rey, como también en la literatura moral y política de la época. Del mismo modo que veremos expresarse el conflicto y la construcción del discurso ideológico en el teatro y en la novela que se representan como la literatura de las ideas modernas.

Como já referimos noutros lugares deste trabalho, no século XVIII assistimos em toda a Europa ao aparecimento e promoção das ideias sentimentais, que tinham uma das suas vias privilegiadas de expressão na literatura tanto doutrinal como de ficção. Esta reivindicação dos sentimentos e das novas relações pessoais que implicava, tem sido vista, como assinalam Morant e Bolufer, como o triunfo da liberdade individual frente a uma dura repressão exercida particularmente pelas famílias contra os filhos, mas, bem ao contrário, pode ser identificada como uma estratégia “de classe”

³²¹ Ainda nas primeiras décadas do século XIX, a Marquesa de Alorna defendia, segundo o seu neto (Andrada, 1926, ed.: 194), a concertação dos matrimónios por parte das famílias: «Minha Avó, a quem também me dirigi [com motivo do seu casamento], disse-me que o mundo andava às avessas, que os avós é que anunciavam os casamentos aos netos, e não os netos aos avós».

altamente sucedida. Embora esta questão do choque de classes não seja especialmente abordada pelas duas autoras espanholas, sim aparece apontada de forma sugestiva (Morant/Bolufer, 1998: 104-105) quando afirmam que o sentimento «constituía un código moral particularmente atractivo para quienes estaban fuera de los circuitos del privilegio pero querían marcar también las distancias con respecto a las clases populares».

Do nosso ponto de vista, o processo de reivindicação da família sentimental não pode ser separado de um outro processo a que já nos referimos ao longo deste trabalho e que tem a ver com a reconfiguração do papel da mulher na nova sociedade proposta pelos grupos sociais em ascensão. Referimos já a importância que tinha para as casas da primeira nobreza o estabelecimento de alianças matrimoniais vantajosas, já fosse no sentido de acumular capital económico, simbólico ou de qualquer outro tipo, e que com este objecto eram desenhadas complexas estratégias para pôr em valor os diferentes capitais que cada casa podia rentabilizar no mercado matrimonial. Nestas estratégias não se contemplava, em princípio, o sentimento como um valor, nem esta situação era enfrentada necessariamente pelos filhos de maneira traumática, pois era a *doxa* assumida que todos os elementos da casa trabalhavam em benefício desta. As classes médias emergentes não eram perspectivadas como passíveis de entrarem neste mercado, o que, apesar do poder económico que tinham adquirido em boa parte da Europa (e também, ainda que em menor medida, em Portugal), as excluía tanto de determinados centros de poder político e intelectual (particularmente embaixadas e ministérios), como lhes negava o ascensão até o topo da escala social. No caso português este tipo de matrimónios não se produzia dentro da alta nobreza portuguesa, tal como explica Monteiro (1998: 75):

desde 1650 mais de 90% dos primeiros casamentos dos sucessores se realizam com filhas de fidalgos da “primeira nobreza de corte”. O que significa que a quase totalidade dos que não se consorciaram com filhas de Grandes, fizeram-no com fidalgas nascidas em casas de linhagem conhecida, residentes em Lisboa, detentoras de bens da coroa e/ou comendas, ocupantes de lugares (ou hereditários) de cargos palatinos ou de ofícios superiores da monarquia, e que mantinham alianças frequentes com casas de Grandes.

A única possibilidade de ascensão da burguesia é, pois, desactivar a lógica das estratégias matrimoniais da primeira nobreza atacando os seus princípios em função dos valores ilustrados na moda. Desta maneira (Morant/Bolufer, 1998: 111),

los ilustrados desautorizaban como intereses “particulares” la política de las familias que buscaban afianzar o acrecentar sus bienes, su *status* y sus contactos sociales. Por contra, se erigían en representantes del interés “general” de la sociedad. Afirmaban que éste requería de las familias que educaran en la recta moral a los futuros ciudadanos, y que ello exigía parejas bien avenidas. Sólo los esposos que se unían sobre la base del amor y la virtud, sostenían, serían capaces de cumplir con las funciones que la sociedad asignaba a las familias, contribuyendo de ese modo al “bien común” a la vez que se aseguraban su propia felicidad.

El “amor” frente al “interés”, la “inclinación” contra la “conveniencia”, constituían, pues, en el discurso ilustrado una oposición que se esgrimía constantemente a la hora de definir los móviles del matrimonio.

Neste ponto queremos assinalar que entendemos que este discurso sentimental nom se origina numha oposiçom *ilustrados vs. aristocratas*, oposiçom que em algum momento utilizam Morant e Bolufer, mas numha outra entre *burgueses vs. aristocratas*, ilustrados ou nom tanto os uns como os outros. Precisamente o sucesso desta nova lógica matrimonial vêm dado, em nossa opiniom, polo facto de que um discurso claramente condicionado por interesses *de classe* conseguisse converter-se, através de umha forte campanha de promoçom por meio, tanto da literatura ficcional como de textos morais e até médicos, em identificativo de todo um movimento estético e ideológico muito mais complexo, chegando até o extremo de que grupos da nobreza caracterizados polo seu elitismo, como aquel em que se integra a Condessa de Vimieiro, assumissem determinados aspectos do discurso sentimental. Mello Breyner, como já tivemos ocasiom de ver, apropriou-se de um verniz sentimental, evidente na sua correspondência, tanto no que di respeito às relaçons de amizade como às conjugais ou parento-filiais, embora nunca questionasse a pertinência dos matrimónios concertados polas famílias, e até participasse, segundo o seu próprio testemunho, em negociaçons de alianças, como por exemplo aquela que pretendia unir Maria de Almeida, posteriormente Condessa da Ribeira Grande, com um dos filhos dos senhores de Ficalho.

Mello Breyner defende um modelo de matrimónio que, tendo em conta as inclinaçons dos indivíduos e aspirando mesmo ao amor sentimental entre os cônjuges, seja concertado em funçom de critérios racionais e objectivos (merecimento, origem, prestígio da casa) e tenha como principal objectivo os interesses gerais, sejam estes os da família ou os do reino³²². Portanto, na *Osmia* de 1788 nom som questionados os

³²² Convém nom esquecer que na tradicional retórica das casas nobres colocavam-se os interesses de classe como interesses nacionais, pois o reino precisava de umha nobreza forte para fazer frente aos seus problemas.

critérios polos quais se escolhe o marido de Osmia, mas o trato que, do seu ponto de vista, muitos homens dam às suas esposas. Figueiredo, por seu turno, focaliza a sua crítica precisamente nos matrimónios concertados, especificando que se trata de aqueles levados a cabo pola “primeira nobreza”, caracterizados, segundo el, pola voracidade económica dos pais (Figueiredo, 1804: 355): «a Lusitana Osmia, com quem a natureza largamente repartira dos bens da alma, e do corpo, foi pretendida por esposa de *alguns Lusitanos da primeira nobreza. Aconteceo-lhe neste caso, o que he ordinario, ser sacrificada ao interesse, e entregue ao mais rico*».

Evidentemente, estas duas perspectivas a respeito do matrimónio vam ser complementadas pola defesa de uns valores morais diferentes para Osmia, e, portanto, pola proposta de dous modelos de comportamento mui diferentes para as mulheres. Tal e como indicávamos noutro lugar deste trabalho, o processo geral na Europa de ascenso das camadas médias da sociedade implicou um novo reparto do poder que afectou as mulheres de forma especialmente intensa. Em contra da imagem tradicionalmente teleológica da reivindicaçom dos direitos das mulheres e da igualdade entre os géneros, entendemos que, com o final do Antigo Regime, se produz um importante recorte nas possibilidades das mulheres (de determinada *classe* de mulheres, logicamente) de acederem ao poder nos diferentes campos. A sociedade de Corte, embora nom sancionasse com empregos e distinçons o papel das mulheres no campo do poder nem promovesse a sua posiçom pública no campo intelectual, permitia a *excepçom* e nom impedia que determinadas mulheres, bem polo prestígio das suas famílias, bem pola sua formaçom acedessem a determinados lugares de poder em qualquer dos campos. Da mesma maneira, era permitida umha certa liberdade de movimentos às damas da Corte para negociarem empregos e distinçons em favor dos elementos masculinos das suas casas.

O ascenso da burguesia, sem possibilidades de entrar neste jogo, impom de maneira crescente a exigência de habilitaçons que vinhessem sancionadas por instituições à margem da Corte como som as universidades sem que se contemple a possibilidade de integrar as mulheres neste percurso, pois a tolerância da excepcionalidade por parte da sociedade de Corte nom implicava umha consideraçom igualitária de homens e mulheres. A participaçom das mulheres nos campos intelectual e do poder é, pois, questionada e censurada por aqueles que nom tenhem possibilidades de formar suficientemente as mulheres da sua classe para intervir em igualdade de condiçons e que tampouco poderiam ocupar nunca lugares hereditários e reservados

para a primeira nobreza como os de damas de Corte. Fai-se necessário, deste ponto de vista, desactivar a lógica que permite a intervençom das mulheres nos assuntos da república, e isto consegue-se promovendo um novo modelo moral assentado no matrimónio sentimental.

Na *Osmia* de 1773 encontramos, como foi dito, a presença de um antigo amante da protagonista, frente à ausência desta personagem na versom de 1788. Entendemos que esta personagem nom só contribui para focalizar o problema dos matrimónios sem amor ou *contra* o amor, mas também a perspectivar de maneira diferente em ambas as peças a questom da castidade da protagonista. Se na versom da Condessa de Vimieiro, esta está perspectivada como um elemento mais ou menos secundário em relação com questons como a submissom da mulher ao marido ou às obrigas da governante, e até substituída por um conceito de honra mais próximo do construído como masculino, caracterizado polo respeito à palavra dada ou pola obrigas éticas (lembre-se aqui que esta *Osmia* nunca confessa amor polo pretor, mas que as suas dúvidas venhem dadas polas exigências da justiça), na de Figueiredo o enredo principal centra-se nas ambigüidades de umha mulher casada contra a sua vontade, com um antigo amor ainda nom esquecido e apaixonada por um romano enquanto o seu marido ainda é vivo. Em vários momentos da peça de Figueiredo este elemento moral é colocado como prioritário: «Oh virtude! Sou *Osmia*. *Sou casada*./ Sou Lusitana» (Figueiredo, 1804: 465, *itálicos nossos*). Encontramos ainda mais significativos quanto ao contraste entre as duas versons os versos em que *Osmia* se nega a ser rescatada polo seu antigo amante: «Se Tântalo se atreve,/ (Tântalo que a conhece) a infamar *Osmia*:/ Que não diria o Mundo, se me visse/ De ti acompanhada? Sendo pública/ Tão famosa a paixão que nos unia?» (Figueiredo, 1804: 415). Repare-se em que se a *Osmia* da Condessa rejeitava o resgate oferecido polos seus povos, pois só o seu braço ou o dos seus exércitos podia libertá-la, em Figueiredo a negativa é devida ao princípio moral que impele a lusitana nom só a conservar a sua honra, mas a guardar a mesma aparência de mulher virtuosa.

Figueiredo nom apura até o extremo a sua proposta moral, e nom cria um exemplo de virtudes sentimentais do tipo da Pamela de Richardson ou da Sofia de Rousseau, dous dos modelos mais sucedidos na Europa ilustrada, mas, a falta de um estudo mais pormenorizado deste texto, entendemos que participa numha corrente europeia de pensamento que propom e promove um modelo feminino que tem as suas essências na virtude (ou, o que é o mesmo, na castidade), e na submissom ao marido, todo isto já nom argumentado em funçom de umha suposta inferioridade da mulher

frente ao homem (tal e como se fazia em anteriores polémicas entre géneros e das quais temos ainda alguma amostra no século XVIII português, como podem ser as *Cartas apologéticas* escritas em resposta ao *Espelho crítico* do Irmão Amador do Desengano³²³), mas alicerçado agora em princípios ilustrados que fizessem atractivo este papel para as mulheres. Em palavras, novamente, de Morant e Bolufer (1998: 188):

en ese discurso tradicional sobre la familia la mujer [...] era una figura secundaria y claramente subordinada, peldaño intermedio en la jerarquía familiar entre el padre y sus hijos y domésticos. Ahora, en cambio, en el nuevo elogio ilustrado de la familia la mujer pasa a ser protagonista. Los textos se refieren a ella con más frecuencia que a la figura que la acompaña, el esposo y padre doméstico y razonable, y lo hacen con palabras que expresan poder más que dependencia. Sin embargo, ese “poder” que el nuevo discurso sobre la familia ofrecía a las mujeres no era un poder formal, sino una autoridad moral. En ese espacio que se iba perfilando a lo largo del siglo XVIII, el de la privacidad como un reducto en el que no debían intervenir los poderes externos, como el territorio de los sentimientos y de la moral, se les prometía que su amor obligaría a sus hijos y sus esposos hacia ellas y su labor educativa revertiría en el bienestar de la sociedad. A los hombres, además del gobierno de lo público, las leyes les seguían reservando en el siglo XVIII también el mando en lo privado, la administración de los bienes comunes y la última palabra en aquellos asuntos que concernían a la familia. Pero los apologistas del nuevo modelo de maternidad y vida doméstica argumentaban que si de ellos era el *poder* legal en la familia y en la sociedad, a las mujeres les correspondía esa forma de poder indirecto que era la *influencia*. En contrapartida por ese dominio simbólico de lo privado, les parecía lógico que renunciaran a toda vida pública, a las diversiones o a cualquier pretensión intelectual. El verdadero poder de las mujeres, les advertían, radicaba en reconocer y aprovechar las cualidades que les concedía la naturaleza, la sensibilidad, la ternura, la capacidad para conocer el corazón humano, en lugar de pretender emular a los hombres en las actividades de exterior, que pasaban a considerarse, de forma más intensa que nunca, como su territorio.

Em definitivo, entendemos que as escolhas de diferentes modelos repertoriais por parte de cada um dos autores das duas versões da *Osmia* estão directamente vinculados com a promoção de modelos concretos de comportamento por parte das mulheres que não se limitam a uma simples questão de moral, mas que têm a ver com a existência de duas propostas de sociedade bem diferentes que, como vimos, têm parte das suas bases no papel atribuído às mulheres na sociedade. Uma proposta elitista como a de Mello Breyner, que acredita nos privilégios da nobreza e adere sem fissuras ao modelo de monarquia absoluta, precisa de umas estratégias matrimoniais claras quanto aos critérios de eleição, e confia nas vantagens que mulheres convenientemente formadas proporcionam às casas da primeira nobreza. A

³²³ Para maior informação sobre esta polémica ver: Torres Feijó 2005.

defesa das classes médias, por seu turno, não pode permitir que a situação de privilégio das famílias nobres seja consagrada e perpetuada, entre outros factores, por umhas mulheres com acesso à família real. Talvez em Portugal fossem poucas as mulheres com este poder, mas não devemos esquecer que as formulações sentimentais mais beligerantes contra as mulheres provinham da França, onde as mulheres da nobreza tinham um poder intelectual, político e social muito maior do que em Portugal.

Os dois textos publicados em vida (até onde nós conhecemos) pela Condessa de Vimieiro partilham uns mesmos objectivos, perfeitamente coerentes com a imagem que podemos tirar a partir da sua correspondência, e que nos apresentam uma mulher com grande vontade de intervir no campo intelectual, mas, sobretudo, no campo do poder. Encontramos na *Osmia* de Mello Breyner uma função similar à já indicada para o *Elogio*, embora na primeira essa leitura não seja tão evidente por não tratar-se de um texto especificamente político como é o segundo: a fabricação de um modelo ético, político e comportamental para D. Maria I. Conhecendo a trajetória social e política da Condessa de Vimieiro, a sua posição na Corte e o alheamento a que está submetida no momento de publicação de *Osmia*, não será certamente especulativo ver nesta tragédia de uma Rainha portuguesa primitiva um 'manual' para D. Maria I, num momento político em que as suas dificuldades para ocupar-se do poder estão já chegando ao extremo último de perder a sua posição política na Corte.

Assim, através da Princesa turdetana, Teresa de Mello Breyner cria um modelo de Rainha para Portugal, algo que já tinha tentado com o *Elogio* dedicado a Maria Teresa de Áustria, em que destaca, fundamentalmente, por um lado, a incorporação ao governo dos princípios ilustrados, e, por outro, a insistência da legitimidade e capacidade das mulheres para ocupar um posto dessa responsabilidade.

Uma das questões que, ao nosso ver, definem ideologicamente a tragédia de Tirse, é a definição de uma “ética nacional ilustrada”, que condiria perfeitamente com a ideologia exprimida pela autora na sua correspondência, e, até, com os motivos por ela esgrimidos para justificar a sua permanência ao lado da Rainha como conselheira, assessora e influência principal. Da mesma maneira, e como mostra de que os textos em muitas ocasiões não podem ser vistos como uma tomada de posição num único sentido, vemos que a Condessa fabrica através dos seus textos publicados uma série de ideias que têm a ver com quase todos os aspectos da vida e do comportamento social das pessoas. Assim encontramos desde recomendações especificamente pensadas para

umha dirigente política até umha proposta de moral para as mulheres que se insere claramente numha polémica geral na Europa a que Mello Breyner nom é alheia.

A seguir veremos que estas mesmas propostas som abordadas também nas sua correspondência neste período, embora com algumas diferenças que tentaremos focalizar e analisar.

III.1.5. O relacionamento com a Condessa de Oyenhausen

III.1.5.1. Objectivos

Durante o período 1777-1788 continua, embora com umha freqüência algo menor que no período anterior, o intenso relacionamento epistolar entre a Condessa de Vimieiro e a nova Condessa de Oyenhausen. Dada a dificuldade para localizar as cartas escritas durante o período 1777-1779, no qual praticamente só temos identificado as cartas dirigidas a Maria de Almeida, e às quais já nos temos referido na segunda parte deste trabalho, agora referiremo-nos exclusivamente àquelas datadas entre 1780 e 1788, endereçadas na maior parte dos casos a Viena, mas com algumas excepções que veremos a seguir.

Ao longo desta epígrafe trataremos de sintetizar as características fundamentais da correspondência deste período:

- O local de datação: das 87 cartas datadas deste período, todas estão assinadas em Lisboa, excepto oito que nom têm lugar expreso de datação, umha assinada nas Caldas e sete em Alcoentre (a que haveria que acrescentar umha outra sem local, mas colocada na sequência temporal de umha série de quatro cartas datadas em Alcoentre).
- O maior peso da política tanto portuguesa como europeia nos conteúdos das cartas.
- As referências constantes à Rainha D. Maria.
- A mudança significativa que se produz na utilização de citação literária

III.1.5.2. Lugares de datação, lugares de residência, lugares políticos

Já na segunda parte deste trabalho chamávamos a atenção para o facto de, durante o reinado de D. José I, as cartas da Condessa de Vimieiro estarem assinadas na sua imensa maioria fora de Lisboa, o que indicava, sem dúvida, um deslocamento dos Condes de Vimieiro para fora da capital, ou, o que é o mesmo, um deslocamento da Corte e umha evidente perda de peso político. No mesmo momento da morte do Rei, os Condes regressam, e vamos comprovar que, como indicávamos acima, a imensa maioria das cartas (até 83,90%) estão assinadas na Corte. Isto implica, como é fácil supor, um maior apegamento ao Paço, convertido, em princípio, num lugar menos hostil que durante o anterior reinado, mas também vai implicar, pelo mesmo motivo, um maior conhecimento da realidade política e social portuguesa que se encarrega de transmitir à sua amiga que nestes momentos reside no estrangeiro. Da mesma maneira, nestes anos produz-se a posta em andamento da ACL, o que exige umha maior presença dos Condes em Lisboa, e também, o regresso do Duque de Lafões, em 1779 a Portugal, o que contribui para constituir um pequeno grupo de pessoas vinculadas pelos mesmos interesses.

Neste sentido, e durante a correspondência deste período, vamos encontrar, por um lado, umha maior quantidade de informações sobre a Corte e sobre o próprio papel da Condessa no Paço, mas também, paralelamente, assistimos ao desenho de um novo projecto que se fai mais e mais presente à medida que avança o tempo e alguns dos projectos previstos pelo grupo da Condessa vam sendo incumpridos.

III.1.5.3. O papel da Condessa de Vimieiro na Corte de D. Maria I através da correspondência

III.1.5.3.1. Objectivos

É fácil perceber que na correspondência deste período a maior proximidade da Condessa de Vimieiro com a Corte vai ter a sua tradução num papel mais activo na mesma. Temos já referido que a correspondência alternava as características próprias de

um tipo de comunicação em princípio privada, com a sua utilização pública, o que vai ter as suas implicações numa certa exibição que Mello Breyner vai fazer nas cartas a Leonor de Almeida do seu papel no Paço e, veremos também nas páginas seguintes, que talvez se possa identificar em algumas referências à Rainha uma exortação directa à soberana o, noutras palavras, um intento de influir na governação por meio das mensagens enviadas à Condessa de Oyenhausen.

Por outro lado, veremos também alguns testemunhos recolhidos nas cartas que nos parecem importantes para identificar a posição concreta de D. Maria I na Corte e a posição que relativamente a ela e a outros membros do Paço ocupa o grupo de Teresa de Mello Breyner.

III.1.5.3.2. Ascenso social, problemas económicos

Uma das primeiras evidências que apresenta a correspondência Vimieiro-Oyenhausen deste período é a maior proximidade que se percebe entre Mello Breyner e a família real. Já nos referimos apenas à datação das cartas, tal e como indicámos acima, mas à abundância de expressões que nos só verificam esta proximidade, mas que até falam ostentação dela. A seguir indicamos alguns desses trechos:

tu sabes ate que ponto se familiarizaraõ as duas Princezas com *aquellas pessoas, q temos a onra de falharlhe* mas não podes fazer conceito da affabilid.^e, com que *a R.^a no seu particular nos trata*, e como suavem.^{te} entrom.^{te} [sic] nos enteresses de cada hum. [...] hum destes dias, q eu *estive no tempo de jantar*, e que *animei alguma coiza a conversação* lhe disse coizas pollid.^{mas} e por um modo taõ natural q me dava gosto ouvi-lo. *A Inf.^{ta} me sigurou q elle amava o Duque*, e sera fortuna p.^a elle e p.^a nos se o amar de modo, q se familiarice com elle («Lisboa 10 de Outubro de [1780]», itálicos nossos).

Nós estamos em paz; mas não tanto a nosso salvo, que não tivéssemos q temer uma gr.^{de} perda na vida da R.^a May [...] a q.^m sempre fui obrig.^{da} e a quem m.^a May esta devendo mil carinhos e onradoras provas de amizade. *A ultima vez que fallei a sua Mag.^{de} me linzongeu infinitam.^{te}*, e isso me fazia mais sensível a sua perda, assim como a toda a corte. Os teus obsequios a suas Altezas foraõ m.^{to} bem recebidos; eu to prometia com segurança na m.^a ultima carta, porq sei que lhes he m.^{to} agradavel a tua memoria; *mandame tu sempre algum capitulo*

destinado p.^a cada huma com o qual possa fallarlhe («Lisboa 31 de Dezembro de 1780», itálicos nossos)

na verd.^e me magoa a morte de m.^a Ama [a Rainha Mai], a q.^m *de prezente estava devendo carinhosas demonstrações/ talvez p.^a obrigar mais m.^a May/* («Lisboa 28 de Janr.^o de 1781», itálicos nossos)

Eu tive necessid.^e de fallar em negocio meu a esta amavel soberanna; *se viras o ar de benignid.^e, de candura e de soberança, comq me ouviu!* («Lx.^a 30 de Julho de 1781», itálicos nossos)

Ontem tive a onra de ver a familia Real no Conv.^{to} novo. A bella Raynha estava com umha benignid.^e que encantava. A Inf.^{ta} pareciome a imagem da sabedoria: como eu fujo de fazerme pezada a todos com a m.^a tristeza tenho hido pocas vezes ao Paço: Sua Alteza perguntou por mim a m.^a May, queixandose onrazam.^{te} [sic] de me não ver e dizendo, *eu ja lhe disse o otro dia que ella se matava, e tal vez por q.^m lho não mercia* [sic], *bem lhe instei, bem a persuadi.* Assim tinha sido; e eu julguei q' devia dar-me por sabedora do q' tinha passado com m.^a May. beijeilhe a mão, e diselhe a este resp.^{to} duas palavras do meu reconhecim.^{to}, então sua Alteza onroume de novo, e na Verd.^e parecia um Numem q' fallava; *para quando el dolor es de muerte, solo el morir es remedio /* diz o Castelhana/

Lisboa 23 de Junho. // [sic], resposta a carta de 19 de Maio.// [datada em 1782]

Estes som apenas alguns exemplos desta proximidade, que se verifica também com outros membros da casa de Ficalho como dous dos irmaos da Condessa de Vimieiro: Pedro, licenciado em cânones, José, chefe de umha esquadra da marinha portuguesa e António José, herdeiro do título de Senhor de Ficalho e por isso residente em Serpa até que recebe umha nomeação real:

Esqueciame dizerte, que D. Fernando de Portugal, e Valença, e meo Irmão Pedro fizeram no Passo os seus exames vagos, e dizem que o fizeram com gr.^{de} destinação. *E a Raynha teve a bond.^e deo dizer assim publicam.^{te} a meo Irmão na Audiencia. Ella assistio incognita com uma paciencia, e huma attenção pasmoza* como quem deveras se enteressava na materia («Lisboa 6 de Abril de 1784», itálicos nossos).

espero todos os dias os de Serpa, porq a R.^a *quiz que meu Irmão servisse na Junta e isto lhe faz mudar a rezid.^{cia} p.^a Lx.^a* («Alocoentre 23 de Oitubro de 1786», itálicos nossos).

24 Meu Ir' parte de novo a ferrolhar os Argelinos. A R.^a mostra querer uma Marinha porq *tem onrado de modo O Cheff [sic] desta expedição que faz nascer vontade de excedelo p.^a alcançar otra tanta* S. Mag.^{de} com toda a familia andou toda a tarde de ontem por mar rodeou toda a esquadra e depois voltou a nau comand.^{te} e sobio a camara fazendo com desta desuzada onra entre nós um [sic]

agradavel surpresa ao Cheff q não pode recebella senão como hum omem q tinha trabalhado todo o dia por bem servila («Lisboa 20 de Março de 1787», itálicos nossos).

Podemos verificar polas datas das cartas que se mantém ao longo de vários anos umha certa benevolência no trato da Rainha à casa de Ficalho, que chega até o ponto de pretender D. Maria I que seja a Senhora de Ficalho quem se encarregue da formaçom da futura esposa do príncipe D. José, a infanta espanhola D. Carlota Joaquina. Trata-se este de um episódio difícil de interpretar pola nossa parte, pois Isabel Josefa Breyner Menezes rejeita este posto alegando motivos económicos, numha negociaçom pouco sucedida que é recolhida pola sua filha:

Dirte ha talvez alguém que m.^a M s'escuzou de servir a Sr.^a Inf.^{ta} Carlota *Isto he uma bacatella de familia, q não merece ocupar lugar n'uma carta; com tudo a nossa gente dotada de imaginaçãõ viva dá corpo às coizas mais inanimadas.* Sua Mag.^{de} quiz destinar m.^a May p.^a acompanhar a Sr.^a Inf.^{ta} D.^a Carlota, não como creada da Inf.^{ta} /porq se lhe não poem caza/ mas como sua Dona [sic] d'onor . O recado que se deu a m.^a May foi revestido de circunstancias que minha may não podia deixar de entender que a escolhiaõ para Aya, pois se lhe disse que S. M. queria que minha May acabasse a educaçãõ de sua Nora, e queria saber se o estado da sua saude lho permitia: m.^a May respondeu, q ella consumiria o resto da sua vida com gosto servindo a rainha, mas que *tinha maior obstaculo que o da saude, que eraõ dividas, e nececid.^e de pagalas: o que se fazia impossivel indo p.^a um lugar publico, sem lhe crescer a renda: que removido por Sua M: o obstaculo, ella com grande gozto se empregaria em obedecerlhe &r.^a* Em consequencia, nomeouse a C.^{da} de Lumbres, que lá vai p.^a Villa Viçosa em qualid.^e de Dona de Onor p.^a acompanhar a sua Alteza. Toda esta terra vê um chuvr.^o de felicid.^e, a que minha May deo de maõ: as nossas vistas saõ mais curtas, e não vem outra felicid.^e real, se não de m.^a May não ter faltado a justissa, deixandonos mais um exemplo de rectidaõ e como S. Mag.^{de} se governa por este mesmo espirito, não nos fica, nem o receio que que minha May não fosse aprovada, que era o que uncam.^{te} poderiamos sentir. Do resto minha May está velha, e tu sabes quais saõ os riscos de sem.^{tes} lugares em taõ complicadas circunstancias: Sabes taõ bem q do modo, porq vai o mundo, só dinheiro, e mais dinheiro governa os omens, e m.^a May sem o ter de sobejo, não saberia ordenar aos que estaõ mal costumados a obedecer. A Camareira mor em lugar menos complicado, gasta da sua caza oito mil cruzados cada anno, e recebe 50 moedas d'ordenado. Tudo D.^s faz por melhor. Minha May vivirá [sic] mais tempo, e exaqui uma fortuna que se não troca por outra nenhuma p.^a os seus filhos. *Minha May acabará a sua vida respeitada, como o merecem as suas virtudes, exahi a onra que a gente de bem ambiciona com paixãõ* («Lisboa 12 Abril 1785», itálicos nossos).

Temos sublinhado alguns trechos desta longa citaçom porque nos parece digno de mençom que a Condessa recorra novamente a umha certa dissimulaçom para dar à sua amiga as explicaçõs pertinentes de um conflito como o que se deduz desta carta,

reduzindo a “bacatella de família” o que certamente é umha jogada arriscada de Isabel Josefa de Breyner, que renuncia a manter, depois da morte da Rainha-Mai de quem era dama, um papel de destaque dentro da Corte, com a resultante perda dos benefícios que isto podia trazer isto tanto para ela como para a sua casa. De qualquer maneira, a confiança de Mello Breyner na aprovação por parte da Rainha do gesto da mai daquela estava suficientemente justificada, pois Breyner Menezes viu recompensados os seus serviços na Corte a 25 de Abril de 1789 com a concessão do título de primeira Condessa de Ficalho.

Vemos na argumentação da Condessa de Vimieiro, por outro lado, a evidência da precaridade económica em que viviam algumas casas da primeira nobreza, que achegando dinheiro para os gastos da coroa, em determinadas ocasiões não conseguiam recuperá-lo. O caso que nos ocupa das casas de Vimieiro e Ficalho é especialmente significativo, porque há vários lugares em que a Condessa de Vimieiro se lamenta pelas suas dificuldades económicas:

Ontem recolhendome p.^a caza encontrei varios omens do campo dormindo com todo do socego ao pé dos seus bois que ceivavaõ: como reparte D.^{os} os comodos e os trab.^{os} entre os viventes disse eu comigo na m.^a cama esperaõme mil cuidados, e estes ao relento sobre a dureza desigual de uma calçada depoem q.^{to} os opprimiu no dia esperando a madrugada p.^a tornarem vigorozos ao seu trab.^o! que diferença! Mas elles não são invejados; ninguem interpreta mal as suas palavras. *Os principes não os conhecem; mas ninguem fará que elles os desestimem, ou tratem com indiferença os seus servissos 21 annos de expor a vida pela Patria não lhe serão desprezados como talvez succeda a uma das peçoas mais chegadas ao meu coração.* Ella comtudo tem um coração nobre, onrado, generoso, e sem vaid.^e, nem preocupação mais perde a Patria em esperdiçalo que o seu individuo em ficar livre p.^a voltar uncam.^{te} p.^a os seus proprios enteresses A vida he curta, e a Philozofia christam tem a arte de a fazer menos infeliz e até de a porlongar («Lisboa 9 de Junho de 1781», itálicos nossos).

Esta situação não é pontual, pois pouco mais de um ano depois vemos que as actividades da Condessa se tinham reduzido, segundo ela, praticamente em exclusiva às negociações na Corte da dívida que considera existe com a casa de Vimieiro:

Naõ presto ja p.^a nada m.^a Leonor nem da m.^a pena sahe ja otra coiza senaõ o Conde de Vimr.^o representa a V. Mag.^{de} &r.^a, espera o Conde de Vimr.^o que V. Mag.^{de} lhe faça justissa &r.^a e bem vez que o patrimonio dos que representaõ, e esperaõ, não he otro senaõ o da tristeza por preludio da desesperação, eu contudo forcejo contra estes males, porque a m.^a soberana tem um coração cappaz de dar lagrimas ás m.^{as} lagrimas. Amavel Princeza! quanto he digna de ser bem servida! («Lisboa 20 de Agosto de 1782»).

Finalmente, esta situação chega ao extremo quando a Condessa deixa de receber o seu ordenado, circunstância que aproveita para fazer umha nova reivindicação do dinheiro da casa de Vimieiro:

Tenho padecido m.^{to} e tenho estes dias tido ate o incomodo de me achar sem ter de que sustente porq individam.^{te} me fizeraõ um sequestro em tudo o q estava aplicado p.^a o meu sustento, e posto que me naõ da cuid.^o, porq justam.^{te} se desfaz o que indevidam.^{te} se fez sempre dezacomoda, e enfada, e porfim, contentaõ se estes Sr.^{es} Ministros com um perdoa *Vmr.^o que foi por engano*. Naõ toco como tu julgas, na missantropia.

Tua Irmaã achoume um dia destes de boa feição, e toda a com.^a me julgaria bem alegre, e era com tudo nesse momento, em que eu naõ sabia onde hiria dar com a cabeça p.^a ter dinheiro sem vergonha. Isto, m.^a Leonor, quando nos coffres de S. Mag.^{de} se achaõ mais de 500\$mil cruzados do meu omem, só dos cahidos, parece que he alguma coiza e o sequestro he f.^{to} pela crôa («Lisboa/ ou Guine/ em 7 de Julho d83 [sic]»).

Vemos, portanto, que o achegamento à Corte e a melhora da situação social das casas de Ficalho e de Vimieiro é evidente neste período, sendo freqüente a presença no Paço e o contacto directo com determinados elementos da família real, e, por consequência, sendo notável o ascenso dos elementos, particularmente da casa de Ficalho, que conseguem agora novos lugares e novas distinções, as quais, no entanto, nom revertem necessariamente numha melhora da sua situação económica, que já vinha alastrada do período anterior. Do nosso ponto de vista, esta ambigüidade, que vimos de forma evidente no rejeitamento por parte da Senhora de Ficalho do emprego de Dama de Honor da Infanta D. Carlota Joaquina, que fai com que as honras concedidas por um lado sejam cobradas por outro, indica umha luta entre os diferentes elementos que formam o “núcleo duro” da Corte, que se resolve em cada ocasiom em favor de um grupo diferente.

A seguir veremos como é perspectivado pola Condessa de Vimieiro esse enfrentamento.

III.1.5.3.3. Percepção de D. Maria e das suas actividades: entusiasmo e decepção

Tal e como víamos acima, e igual que assinalámos no seu momento ao falar da posição da Academia das Ciências em relação com o governo mariano, também na percepção que tem a Condessa de Vimieiro das actividades desenvolvidas pela Rainha, podemos apreciar uma certa decepção que se vai colocando de forma paralela ao entusiasmo que provoca a mudança de governo e a abertura de novas possibilidades de ascenso e de melhora particularmente no campo do poder. Veremos a seguir alguns lugares da correspondência onde isto se explicita.

Em carta redigida entre a saída da Condessa de Oyenhausen para Viena (1780) e a morte de Maria Teresa de Áustria (1781), encontramos um trecho de grande interesse no qual Mello Breyner contrapõe as alegadas qualidades de D. Maria –expostas com uma certa amplitude- à existência de determinados elementos negativos a que se refere sempre de forma metafórica e imprecisa, o que dificulta a identificação dos ditos elementos:

Que novas queres tu que te dê do nosso País? *A melhor Raynha do mundo, com talento superior a sua educação*, com as intenções mais rectas, com os mais vivos [dez.^{os}] da nossa felicidade; prompta p.^a se sacrificar [ao] bem dos seus Povos, feliz, e quasi illustrada nas decizaens, que toma por si mesma, *não basta a fazernos felices. O mal pode vir de nos; mas certam.^{te} não está em nos*. O tempo passa, e consigo precipita as coizas por um modo, que só posso darte uma idea [disso] dizendo que *tudo corre, porq se funde sem haver vasso que recolha a fundição para lhe dar uma nova forma*. Os pocos que amamos o Estado, mais que os nossos proprios enteresses, reconcentramonos nas nossas cazas; trabalhamos por fazer o bem, que podemos como particulares, e deixamos o mais de que não somos responsaveis, entregue á sorte dominante O momento com tudo tem sido o mais favoravel [o] estado presente da Europa; a disposição interna do Reino; o fervor da Nação q de um certo modo parece que se cança de tanta ociosid.^e; *o amor que os Povos tem á Soberana o seu agrado natural, que vencera delles tudo só com se mostrar prometiaõ mil coizas felices, se uma perita mão aplicada ao menivel fizesse rodar as machinas. Esta mão sempre governada pelas disposições da incomparavel Raynha não nos falta; mas não se emprega*. O retrato esta feito neste pequeno quadro, e he quanto basta p.^a te horizontares («Lisboa 17 de Maio de [--]», itálicos nossos).

Em primeiro lugar, chamamos a atenção para o facto de a Condessa dar a entender que, efectivamente e tal e como víamos acima no testemunho de determinados autores, a formação política da Rainha foi pouco apropriada, pois afirma serem os seus talentos para o governo superiores à sua educação. Noutra ordem de cousas, e em

relação com as referências que a autora da carta faz nas seguintes linhas à difícil concretização das possibilidades existentes no novo governo, a hipótese mais verossímil é que se trate de uma crítica às poucas mudanças introduzidas por D. Maria no seu gabinete a respeito do de seu pai. Assim, entre um e outro governo mantiveram-se nos seus respectivos lugares tanto Martinho de Melo e Castro, que era Secretário de Estado da Marinha já desde 1770 – lugar para o que tinha entrado da mão do Marquês de Pombal-, como Aires de Sá e Melo, nomeado Ministro por Pombal em Fevereiro de 1775 (Serrão, 1982: 76) e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra por D. Maria em Março de 1777 (Serrão, 1982: 299), posto que ocupou até a sua morte em 9 de Dezembro de 1785, momento em que o lugar foi preenchido interinamente pelo próprio Martinho de Melo e Castro³²⁴. As únicas novidades introduzidas por D. Maria no governo eram Tomás Xavier de Lima, 14º Visconde de Vila Nova da Cerveira, representante do bando da primeira nobreza contrária a Pombal, e «o antigo secretário de Estado doutor José Seabra da Silva, preso devido apenas a “falsas ou affectadas informações”³²⁵» o qual em 1778 «voltou do degredo em Angola e recuperou as antigas honras».

Mello Breyner expressa claramente a sua opinião de que som determinadas pessoas que rodeiam a Rainha, de quem, por suposto, não dá nomes, quem impedem a posta em prática dos projectos que ela e o seu grupo poderiam apoiar:

os [Príncipes] presentes são onradores affaveis, e [omanos] e [...]. Não obst.^e ao seu lado ha quem destrua os frutos desta excellente disposição, e o peor [sic] he q *ainda quando o nosso D seja chamado não fará mais doq proceder passivam.*^{te} A violencia q se faz p.^a se sugeitar, e mil otras coizas, que uma carta e a distancia não permitem communicarte me faz assentar, q hei de morrer tão molem.^{te}, como tenho vivido («Lisboa 10 de Outubro de [1780]», itálicos nossos).

³²⁴ Neste sentido, parece-nos significativa a ambigüidade e suficiência com que Mello Breyner define a personalidade política de Martinho de Melo, a quem, aliás, tinha criticado duramente durante o governo pombalino por causa da interceptação da sua correspondência: «Martinho de Melo altivo, ardente e zeloso, bem que assaz preocupado; terá sempre até o fim o justo premio que meresse o seu desenteresse e o seu affecto a Nação he lastima que falem a este Ministro, certas qualid.^{es} sem as quais brilha m.^{to} menos e chegaõ as vezes a parecer deffeitos aquelles movim.^{tos} da alma que ella quer produzir como virtudes» («Lisboa 13 de Mayo de 1783»). Ainda mais evidentes da desafeção que a Condessa de Vimieiro sente pelos ministros de D. Maria som as frias palavras com que dá à Condessa de Oyenhausen a notícia a morte de Aires de Sá: «a morte d'Aires de Sá deunos mais uma prova deque os m.^{os} de Estado tão bem morrem. Não he máo que a gente o saiba, e se convensa m.^{tas} vezes desta verd.^e porque nos não custará supollos tementes de hum juizo, onde seraõ julgados os que nos julgaõ» («[Alcoentre] 9 de Julho de 86»).

³²⁵ Apud. Serrão (1982: 297): Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, *Legislação portuguesa*, 23, n.º 135: Decreto de 21 de Outubro de 1778.

Repare-se em que, a questom do entorno de D. Maria I se complementa com as queixas polo que se entende como a “infrautilizaçom” do Duque de Lafões –a “maõ” que deve fazer “rodar as machinas”, aludida no trecho anteriormente citado-, assunto de que já falámos ao ocupar-nos do regresso do Duque a Portugal e do papel que passa a ocupar na Corte. A consequência lógica, do ponto de vista da Condessa, tanto da presença na Corte de pessoas pouco adequadas, como da pouca utilizaçom dos que considera os melhores activos do país é a inactividade:

Diz bem o Emp a felicit.^e dos soberannos consiste unicam.^{te} na possibilid.^e de premeiar [sic] a virtude, e de primir [sic] o vicio: ditoz os que lhe são sug.^{tos}, se esta verd.^e tiver/ como he crível/ tanto poder p.^a derigir as acçoens desse illustrado soberano, como tem p.^a lhe convencer o entendim.^{to} se elle ainda vier a este canto da Europa, q lhe falta por ver, não perderá os passos. Os seus conhecim.^{tos} são tão vastos, que *entre os nadas que nos occupaõ, pela maior parte, encontrará moles imensas que nos podem ocupar, e que apenas nos voltêmos p.^a ellas, nos podem fazer mais felices no nosso curto recinto, q outras vastissimas monarchias em toda a sua extençãõ*. Talvez não tarde esta epoca feliz: os animos estão n'uma tal situaçãõ, que *apenas fora percizo uma leve, mas prompta impulçãõ, p.^a tudo florecer*. Não sofre uma carta que correrá tantas maõs que eu te dê as provas do que persuado; porem affirmote que o anthoseasmo [sic] proprio da Naçaõ, está tão vivo n'uma porçaõ de omens que me parece *se veriaõ oje, em a R.^a abrindo a boca d'um certo modo, milagres sem.^{es} àquelles deque a critica duvida nas nossas historias* A R.^a he amada, por um modo extraordinario; e a sua gloria entereça a esta gente, de que fallo mais do que tudo: eu sei que ha propoziçoens, que publicadas fariaõ assombro aquelles, que só achaõ bom no servisso do Estado, o util dos empregos: desgraça será que se frustrem tão boas dispoziçoens, o que assaz receio! («Lisboa 28 de Janr.^o de 1781»).

Parece claro que a aposta da Condessa é clara num determinado grupo (provavelmente o da Academia, por razons que veremos a seguir) que afirma apoiar sem nengumha dúvida a Rainha e estar disposto a actuar no momento em que se sinta favorecido por esta. Introduzir esta reflexom com a alusom ao Imperador da Áustria, o grande amigo do Duque de Lafões, nom é umha casualidade, bem ao contrário, trata-se, mais umha vez, de colocar a Corte de Viena como o referente que deve seguir D. Maria, e a pessoa que melhor conhece essa Corte, João Carlos de Bragança, como o candidato ideal para ser o conselheiro da Rainha. Mas a proposta de Lafões nom fai com que a Condessa se auto-exclua, mas que aproveite as cartas para postular-se ela mesma para (re-)ocupar um lugar que, segundo vimos através do testemunho do Marquês de Bombelles, tinha já ocupado na sua juventude. assim, comentando com a Condessa de

Oyenhausem a reacção do Duque de Lafões ao conhecer a notícia da morte da Princesa de Esterhazy afirma:

Ja o corr.^o passado te fallei na Princeza de Sterhazy O Duque tem padecido m.^{to} com esta funesta noticia mas o tempo e a reflexão faraõ o resto. Tu sabes se eu me interessaria na scena, especialm.^{te} dizendo elle e a sua familia que eu sou a Estarhazy de cá dos Alpes não tenho tanta vaid.^e que julgue a comparação feliz; e mesmo vejo que *me falta a amizade da soberana, que pode produzir mais felizes effeitos a resp.^{to} de Portugal do que a da Princeza com a Emperatriz. Mas ella e eu alguma coiza obtivemos não sei se me percebes, nem eu me posso explicar* («Lisboa 25 de Agosto»).

Para além da evidência que supom este trecho da reivindicação que Mello Breyner fai de si própria e das suas capacidades para trabalhar ao lado da Rainha e ocupar talvez o posto de favorita que nessa altura detinha Mariana de Arriaga (seguindo umha tradição que tinha colocado a sua própria mãe como ajudante e confidente de D. Mariana Vitória de Bourbon), pomos em destaque a referência às dificuldades que o meio epistolar implica para explicar com pormenor alguns assuntos. Lembre-se, para além disto, que num trecho citado acima, a Condessa afirmava «não sofre uma carta que correrá tantas mãos que eu te dê as provas do que persuado». Tendo em conta isto, ao lado do já visto ao falar da duplicidade público-privado que implicava a comunicação epistolar, não será arriscado concluir que existem nos textos enviados a Leonor de Almeida determinadas mensagens que a Condessa de Vimieiro tem interesse em que transcendam além dos limites do papel e da conversa privada para que cheguem, inclusive, a ouvidos da própria Rainha. Este poderá ser o caso, por exemplo, dos dous trechos citados acima em relação com o papel que deveriam ocupar tanto ela como Lafões na trama da Corte.

Talvez a esta mesma luz deveremos ler o apoio sem fissuras que Mello Breyner oferece a D. Maria nas cartas, através, por exemplo da adesão a dous dos grandes símbolos do reinado mariano —a Casa Pia e a iluminação da cidade:

O estabelecim.^{to} dos pobres de Manique vai prosperando, e segurote que parece um milagre da activid.^e sei que os M.^{os} estranogr.^{os} que foraõ vèlos, não esperavaõ achar em taõ poco tempo tanta ordem, e tanto progresso. Saõ sustentados, e vestidos, e cada um recebe alem disto a 5.^a parte do seu trab.^o, p.^a dispor della livremente. A R.^a deu varios Theares, já se fazem alguns cazam.^{tos} com os mestres, e officiaes. Tecem groçarias d'algodão p.^a costa d'Africa, e fazem otras m.^{tas} manufacturas. Tem dois pratos ao jantar 10 g.^a de pão, e outra tanta porção a noite, com otro prato de arroz, ou farinha de pau. Não obs.^{te} ainda não está isto bem quieto, entre certos espiritos, q vem tudo sempre ás avessas. Começou a iluminação da cid.^e a R.^a faz as despesas das duas Praças, por ora, foi em

particular vêla, e dizem q ainda acha pocas luzes nas ditas praças. («Lisboa 31 de Dezembro de 1780»).

Da mesma maneira, e apesar das dúvidas expressadas em relação com a conservação dos bosques e dos lavradores, também se apoia o estabelecimento de novas indústrias e a promoção feita por parte da Rainha destas novas instalações, com ocasião da visita que esta faz a uma fábrica de vidro que, segundo a Condessa, tem acabado com a pobreza do lugar:

S. M. e Altezas foram a Alcobaça a Batalha, e à Fabrica do vidro, onde S. Mag.^{de} dizem que dera 20 moedas p.^a os pobres da freguezia, mas *felizmente não havia pobres na freguezia, porque onde se regula o trabalho não se conhece miséria*. Creio que a População tem ali dobrado há 15 annos: O Inglez tem dinheiro tem principios e destes dois materiais não podem senão seguirse boas coizas humas vez q se empregão a favor da umanid.^e Eu portanto filha, neta, Irmaã, e molher de lavradores, lamento os campos desertos, onde a lavoura esmorece de dia, a dia, com grande prejuizo dos particulares, e por consequencia do publico. Ontem casualmente querendo ver outra coisa, achei eu que a nossa ordenação prohibe cortar arvoredos dez legoas das margens do Tejo p.^a o certo: ninguem o creia ao pizar aquelles campos! Estas duas especes combinadas na m.^a cabeça produzirão esta reflexão =queimar páos p.^a ter vidro, compensarnos ha destas perdas?= Eu não sou calculista, *deixo a resposta p.^a os que tem a obrigação de bem servirem o Estado, e a soberana, a q.^m certamente não hade escapar nenhuma destas observaçoens. Se não dizeme tu p.^a que vai ella ver? p.^a se divertir? oh! quem tem a sua bondade natural, a sua vasta comprehensão, não se diverte como hum particular. Divertesse como supremmo Imperante, extendendo os olhos sobre os abusos para derramar sobre elles a reforma. Ao menos esta he a idea, que eu tenho da sempre Amavel Maria Pr.^a* («Alcoentre 23 de Outubro de 1786», itálicos nossos).

Outro dos apoios que se oferece à Rainha, e no qual está especialmente interessada tanto a Condessa de Vimieiro como todo o seu grupo, é o que tem a ver com o aumento da sociabilidade da família real que é promovido com entusiasmo nas suas cartas, tanto nos casos em que esta se produz com elementos da primeira nobreza como o Marquês da Fronteira:

Ontem veio toda a familia Real passar á Q.^{ta} do Marquez da Frontr.^a ainda não sei como se passou esta scena onradora p.^a aquelles fidalgos. Sei que a merenda não estava na Q.^{ta} e que subirão as cazas onde estava a menza [sic] na varanda que conheces. *Esta Q.^{ta} feita expressamente p.^a uma R.^a passear nella, he justo que continue a gozar das mesmas onras*. Os Poetas dirião que os Manes Reais fazendo ainda ali morada atrahião ao mesmo citio os successores do Throno. *Dame gozto ver q os nossos Principes começam a gostar destas coizas mas temo que a falta d'uzo em que estamos de os receber, faça com que não achem todo o gosto que poderaõ achar se nos dessemos outro modo de convivencia* («Lx.^a 30 de Julho de 1781», itálicos nossos).

como quando os protagonistas som famílias enriquecidas por meio dos negócios, como os Cantanhede:

Os dias passados Foi toda a familia Real comer a caza do Cantanhede em Cintra. Dizse q elle a soube entreter passou de uns a otros divertim.^{tos} até alta noite A Raynha pareceu estar contente, e isso nos deixa a todos satisf.^{tos}, e a Cantanhede pago de tudo mas como a malignid.^e tem por cá o seu domicilio, não falta quem cheio de fel, queira denigrir [sic] esta boa acção do Cantanhede: esta gente não deve de saber q a Raynha faz nisto m.^{to} menos, não só do que fazem os otros soberanos no dia de oje, que não deixariaõ de comer com o dono da caza; mas o que consta das historias faziaõ seus Avós até o principio deste seculo. A todos importa a receita, e despeza de cada hum; e sem saberem os fundos de que procedem as rendas, querendo adivinhalos sempre metem a mão em todo. Cantanhede comercia: abençoado seja; e quem faz negocio tem dinheiro, senaõ digao Anselmo da Cruz («Lisboa 1.º de Ag.^{to} de 84»).

E o próprio grupo de Mello Breyner, embora nom os Condes de Vimieiro particularmente, também beneficiou da maior sociabilidade que impunha D. Maria apesar das críticas que isto podia despertar entre determinados sectores. Tal e como recolhe Augusto da Silva Carvalho (1948: 22), citando notícias publicadas na Gazeta de Lisboa nos dias 16 e 30 de Outubro e 2 e 4 de Novembro de 1792, com ocasiom dum parto da Duquesa de Lafões,

D. Carlota Joaquina foi visitar a puérpera, indo de cadeirinha por estar grávida. O Príncipe D. João e a restante família foram embarcados pelo Tejo acima até à altura do Grilo, onde desembarcaram para uma ponte atapetada, feita expressamente, até à Quinta do Duque, onde se realizou o baptisado, seguido, depois da retirada da família real, dum lauto jantar dado a toda a nobreza presente e altos dignatários.

E esta sociabilidade, que se entende nom é suficiente, é reclamada desde a correspondência, procurando, mais umha vez as homologias como caso austríaco:

Quando tu fallares ao Emp. se este Principe se lembrar de o onrar com a sua memoria, dizelhe que sabes pelas tuas conrespond.^{tes} que elle he digno della, porq nos faz todos os dias invejar as companhias de Viena, onde se encontra um soberano despido de fastos, repartindo as suas luzes amigavelm.^{te} entre os q lhe são taõ inferiores na ordem, e que elle estima como iguais na natureza («Lisboa 28 de Janr.^o de 1781»).

Apesar de aplaudir aqueles gestos em que parece verificar-se um aumento da vida social portuguesa arredor da Rainha, a existência de falta de espaços de

sociabilidade diferentes das casas particulares onde se celebrem reuniões e assembleias, é posto de manifesto:

Naõ falta quem diga q a ociozid.^e do nosso povo, e a falta de divertim.^{tos} publicos, que distrahiaõ os omens das socied.^{es} particulares p.^a os unir em publico, concorre m.^{to} p.^a que abuzem da pied.^e da R.^a cada vez mais amavel e mais digna de ser servida... («Lx.^a 31 de Julho de 81»)

De maneira geral, portanto, podemos assinalar um certo pesimismo que se instala entre este grupo porque, apesar das boas condiçõs que prometia a mudança de governo, estas nom se cumprem completamente, dando assim ao governo de D. Maria I um perfil poucas vezes assinalado e bem contrário ao tópico da *Viradeira*. A correspondência de Teresa de Mello Breyner contribui para conformar a ideia da existência neste período de umha dura luta polo poder sem a existência de umha figura política com suficiente força (como teria sido Pombal no período anterior) como para definir os grupos vencedores e vencidos. Assim o reflecte em carta datada em «Lisboa 8 de Ag.^{to} [1784]»:

Alguns annos ha, disia *o sete estrello*/ creio q te lembraras deq assim se chamavaõ sete bonitas Irmans, q havia em Lisboa/ q os omens da era, naõ gostavaõ de boas caras: eu digo que *o gosto da prezente, ainda se naõ fixou. A formozura fere; mas naõ move. O talento assombra, mas naõ atrahe: a instrução admira, mas castiga assaz o amor proprio. A virtude, essa anda taõ carregada de coizas estranhas, q todos tem medo de enganar-se com ella, e nesta crise taõ funesta, que vez tu, que possa esperar?* Ora sabes tu a rayz de tudo isto/ q.^{to} a mim/ he a ociocid.^e naõ sabemos onde dar com a cabeça; nem divertim.^{to}, nem occupaçaõ: morremos de innacçaõ. Fallo daquelles, que naõ tem sobre os ombros o pezo da Monarchia, porq esses gemem supportandoo, e naõ podem divertir-se enquanto a consideraçaõ, como um carregio de tanta importancia.

É evidente no trecho citado que a Condessa nom vê reconhecido o que considera o esforço da maior elite intelectual portuguesa, ou o que é o mesmo, da ACL, depois, inclusive, de ser esta declarada Academia Real e de receber umha certa protecçom por parte da Corte. Da mesma maneira, e tendo em conta, para além deste, muitos outros depoimentos de Mello Breyner, devemos considerar que também se lamenta de nom ver reconhecidas as suas próprias actividades em favor da Rainha com um aumento de beneficios para a casa de Vimieiro. A falta de definiçom da posiçom ocupada no sistema polo seu grupo, leva a Condessa a lançar a mensagem de ser este o único capaz de pôr em marcha toda a energia que parece ter sido produzida entre os sectores opostos a

Pombal e D. José depois da sucessão ao trono. E desta maneira lembra à Rainha e às pessoas que a rodeiam:

He certo que *a maior parte da gente, com quem eu vivo, não presta p.^a nada; mas tão bem he certo que de um instante p.^a o outro prestarão p.^a tudo em a Rainha querendo*, que ella ha de querer isso he sem duvida, porque quer e quererá sempre o melhor Isto supposto bem vez que não posso aborrecer gente de quem a cada momento espero que se façaõ amar, exaqui otra prova de que não sou misantropo; porem a maior/ *seja dito em onra e gloria do Patriotismo/* he estar prompta p.^a emprestar todo ao bem daquelles mesmos, que me fazem mal com toda a vontade da sua alma e com a maior satisfação do seu coração. *Dentro das minhas paredes q.^{to} posso trabalho por satisfazer as condiçoens que me ligaõ à socied.^e Faço quanto posso por lhe ser util, não omito occasiaõ de fazer com q [ate] as m.^{as} despezas, mesmo as necessarias levem o sello do amor patriotico*, e lizongeome de que se estas virtudes não são as porq me haõ de canonizar, são ao menos as que me faraõ morrer sem gr.^{des} remorsos(«Lisboa/ ou Guine/ em 7 de Julho d83 [sic]»)

Mello Breyner fala em nome de todo o seu grupo, manifestando a disposição deste para actuar no momento em que seja requerido pola Rainha (quer dizer-se, no momento em que a Rainha escolha os conselheiros correctos e em que comece a conceder-lhes os beneficios requeridos), invocando para isto um patriotismo desinteressado. Neste mesmo sentido podemos ler umha das passagens mais obscuras que temos localizado na correspondência da Condessa de Vimieiro, porque une às dificuldades de interpretação a grande transcendência que poderám ter estas palavras para o desenho da sua trajectória intelectual e política e para o estudo das suas estratégias de intervenção no sistema. Em carta datada em «Lx.^a 30 de Julho de 1781» lemos:

Mas tu não podes fazer idea da penetração, e da Prudencia da R.^a! pobre Sr.^a a molestia de ElRey a consterna, he comtudo sua Mag.^{de} em Queluz não tem passado peor antes dia [sic] dos seus annos, pareceu mais vigorozo. [...]. Tomara vêla sempre servida como ella o merece; e apregoar pelo mundo todo e que esta sr.^a he, e pode ser. Tenho uma summa imp.^{cia} quando a vejo reduzida a hum vida privada, porq sem lizonja, o seu Reynado podia fazer uma Epoca glorioza p.^a os nossos bons Portuguezes; *D.^s me não mate sem haver [sic] fazer umas tantas coizas, que a deixaraõ imortal.*

Neste caso a leitura é clara, mas a frase contém um evidente erro gramatical que nom podemos solucionar. Umha opção seria ler «Deus me não mate sem a ver fazer umas tantas coisas que a deixarão imortal», o que introduziria as dúvidas sobre quais esses projectos que parece ter D. Maria e conhecer a Condessa que poderiam fazer do seu reinado “uma época gloriosa”.

Mas umha outra leitura, ainda mais interessante para o nosso trabalho, seria «Deus me não mate sem fazer umas tantas coizas que a deixarão imortal». Neste caso, *haver* seria um resto de umha outra frase que a Condessa tencionaria escrever mas que rectifica no momento de pô-la sobre o papel, umha incoerência própria deste tipo de escrita rápida e sem revisom, que aparece em muitos outros lugares desta correspondência. A interpretação desta outra leitura afundaria na ideia de que a planificação da publicação das duas obras de Teresa de Mello Breyner de que temos constância responde a umha finalidade política bem definida, que seria, por um lado, a consagração de D. Maria I como umha Rainha ilustrada à altura de Maria Teresa da Áustria e de Catarina da Rússia, e, por outro, o estabelecimento de uns parâmetros de comportamento e de actuação governativa para a Rainha.

Em linha com todo o dito até aqui, parece claro que qualquer das duas interpretações possíveis desta passagem implica umha directa interpelação da Condessa à Rainha (igual que outras já comentadas aqui) para que tenha em conta o papel que a primeira pode desenvolver na Corte em favor e em defesa do poder da segunda.

III.1.5.3.4. Os Condes de Vimieiro e o projecto em Alcoentre

Paralelamente ao processo visto acima de decepção com as possibilidades reais que Lafões e o seu grupo tem de intervir directamente na governação, vemos como os Condes de Vimieiro começam a projectar um novo retiro onde tenham a possibilidade de aplicar os seus pressupostos ideológicos, num lugar onde eles som os verdadeiros amos, sem ter que submeter-se a umha vida de Corte que, mais umha vez, começava a ser-lhes se nom directamente adversa, nom tam favorável como eles tinham aguardado do reinado de D. Maria.

Vimos já noutro lugar de este trabalho que a ideia do retiro como elemento de distinção já fora utilizada polos Vimieiro durante o período de ostracismo que se produz no reinado de D. José I, mas novamente resulta rendível nesta fase. assim, som numerosos os lugares da correspondência posterior a 1779 em que a Condessa fai alarde do seu pouco apego à vida palaciana:

Passo a minha vida entre a tristeza, que nasce da condição de dependente, e o gosto de ter uma alma libre abituada a meditar. Se a saude me dá forças, o meu lapis, e os meus livros, me servem de companhia; se não posso valerme deste socorro, então o meu discurso fazse meu algoz («Lisboa 11 de Dezembro de 1780»)

a melancolia não tem cura: e só a tivera se eu senhora da m.^a liberd.^e podesse dar uma volta ao manivel da m.^a machina [casr.^a]. Não he possivel, e o sistema que o Conde se tem proposto hade levarme mais sedo a sepultura; porem he precizo, q o pobre conde não o conheça, uma vez que o seu juizo se não convense do contrario («Lisboa 10 de Outubro de [1780]»).

É evidente, mais umha vez, que a Condessa utiliza esta estratégia para chamar a atençom para o que considera o seu pouco papel na Corte, como se mostra no seguinte trecho, em que se lamenta tanto da pouca presença que tem no Paço como do insucesso dos seus negócios, acabando por fazer umha *laudatio* da vida campestre em contraposiçom com a corrupçom da Corte («Lisboa 2[7] de Dezembro de 1780», itálicos nossos):

Eu m.^a amiga fallo tao bem poco, porque me retiro m.^{to} *naõ sendo peçoa ocupada no Passo, naõ tendo a prezunção de apresentarme lá, como uma pessoa bem vista, naõ tendo de que [estar] contente da p.^{te} dos meus negocios apezar da sua grande justissa, tratados com a maior indiferença*, tendo o partido de me consolar de tudo no ceio dos meus bosques ao lado de um omem em cujo coração se nutrem os sentim.^{tos} de um bom Portuguez.

Como prova de que se trata de umha estratégia para conseguir maiores beneficios da Rainha e da Corte, vemos que dous anos depois reitera a queixa, deixando à margem dos seus protestos a figura de D. Maria, a quem, como digemos, provavelmente aspirasse a fazer chegar o recado enviado desde Alcoentre («Alcoentre em 28 de Outubro de 1782»):

Agora respiro e começo a deitar a vista ao largo pois que nada tenho que ma fixe ao pé de mim, estando os meus negocios ainda na mesma ma figura em que a ignorancia os tem posto apezar de toda a bondade e rectissimas intençoens da Nossa bella Raynha, cada vez mais digna por ela mesma do amor de seus vassallos

Ainda em 1785 a Condessa continua lamentando-se dos problemas económicos que nom consegue resolver em Lisboa, alegando que o retiro pode ser útil: «brevem.^{te} vou p.^a Alcoentre desemjoarme das traquinadas da Corte» («Lisboa 12 Abril 1785»), e ainda /«Lisboa 20 de Novembro de 85»):

sou como uma m.^{er} que resuscitou num Payz estranho. Trato de hir para Alcoentre convalescer de varias fraquezas da bolsa, que são crueis doenças mas que por tanto tem remedio na moderação, e no retiro O meu Conde coservase bom, e mosso, o que são dois bens consideraveis O mesmo omem que tu deixaste, e conhecias fiel aos seus amigos, superior aos seus trabalhos, bom patriota, bom vassallo. Exaqui o capital da m.^a fortuna, e o quadro da m.^a situação. Amame do mesmo modo, querida amiga, pois que nada esperdiças, e sabe que, ou te escreva ou não, não tens mais constante amiga

Ainda um ano depois, também desde Alcoentre, a Condessa repete a sua queixa («Alcoentre 23 de Oitubro de 1786»):

seja estudo, seja nececid.^e, ou puro gosto, ignoro quanto succede no giro da corte e dos negocios: e porq não hei de ignoralos, se elles me não tocaõ nem podem tocar immediatam.^{te}

Para além das evidentes implicações que o retiro em Alcoentre tem para o acréscimo de um certo capital simbólico no sentido de que cria umha imagem dos Condes de desprendimento e falta de ambição no pessoal e no económico, entendemos que a aspiração ao retiro já manifestada no período anterior tem muito a ver também com umha determinada interpretação da Ilustração e do papel da nobreza ilustrada na planificação social num período em que as funções do Estado nom estavam claramente desenhadas. Neste sentido, em carta datada em «Lisboa/ ou Guine/ em 7 de Julho d83 [sic]» podemos ler:

p.^a o Algarve foi o Conde de Rezende. Quando eu tinha o sangue na Guelra [??] m.^{to} dezejei aquelle vice Reynato p.^a o Conde não por nos mas pelo q me parece q nós podíamos fazer de bem aquelle Estado. Oje o meu appetite he Alcoentre, onde taõ bem os meus bons Portugueses ficaraõ algum dia onrados, e d'onde será banida a inveja, a lizonja, o Enteresse incopetente [sic] companha do bom senhor daquelle castello.

E ainda noutro lugar já citado mas que consideramos oportuno repetir aqui: «Os pocos que *amamos o Estado, mais que os nossos proprios enteresses*, reconcentramonos nas nossas cazas; *trabalhamos por fazer o bem, que podemos como particulares*, e deixamos o mais de que não somos responsaveis, entregue á sorte dominante («Lisboa 17 de Maio de [--]»).

Na primeira parte deste trabalho aludimos ao papel de Sancho de Faro na sua jurisdição do Vimieiro, onde levou a cabo diferentes projectos já referidos que contrastavam de forma evidente, tal e como já demonstrou Teresa Fonseca (1998), com a intervenção *normal* por parte dos senhores da primeira nobreza. Vemos no primeiro

trecho citado acima que os Condes, e particularmente Sancho de Faro, tivérom sempre o objectivo de possuir o governo de umha terra em que poder aplicar de forma experimental os princípios ilustrados, tanto no que tem a ver com a cultura da terra, tal e como figérom no Vimieiro, como na ordenaçom social. No segundo, por seu turno, é fácil interpretar as palavras de Mello Breyner como umha declaraçom de intençons por parte de um sector da nobreza ilustrada que considera a intervençom no sistema e a assunçom de determinadas funçons do estado como umha obriga de classe. Nesta mesma linha encontramos ainda outros depoimentos, como o localizado em carta datada em «Lisboa 16 de De[z]^{bro} [1781], onde a Condessa expressa a ambiçom de vários “fidalgos” de contribuírem para os rendimentos da alfândegas, mantendo sempre o anonimato em mostra de que o procurado nom é apenas a ambiçom pessoal³²⁶:

as Alfândegas taõ bem tem rend.^o m.^{to}, e rendera m.^{to} mais se ouvesse mais armadores que navegassem p.^a o Norte. Ha varios Fidalgos, que debaixo d'otro nome tem navios &r.^a, e eu fora uma das que o tivera se o meu cabedal naõ andasse por mãos alheias. Das perdas dos Inglezes na America, saberás tu lá melhor.

O testemunho recolhido através da correspondência coloca a possibilidade de que o promotor tanto do retiro como destes “ensaios” fosse na maior parte das occasions o Conde, talvez mais interessado em desenvolver um papel de promotor da Ilustraçom nos pequenos lugares da sua jurisdiçom, deixando para a sua esposa um papel mais claramente político. Assim se expressa a Condessa em diferentes occasions: «O meu Conde taõ bem vive na sua Torrinha. Eu sahio, porq o estado de malencolia a que tenho chegado pede de mim este methodo, assaz insípido p.^a o meu modo de pensar («Lisboa 29 de Oitubro de 1781»), ou

quanto dera eu por viajar! quanto estimara ter gasto m.^{to} cabedal p.^a passar contigo os dias nessa amavel companhia! Eu te descansaria em gr.^{de} parte dos cuid.^{os} de May; e acariciar a tua filha, em quanto naõ fosse capaz de lhe ensinar a pronunciar o meu nome, seria p.^a mim um [...] que se naõ envergonha de trabalhar no seu ofício! Mas naõ posso lizongear-me de tal. O omem, que [me] coube por sorte naõ he susceptivel d'ambiçaõ. Achou o modo de se bastar a si mesmo, e com um socego inalteravel vê todas as coizas de longe e de perto, como em camera optica: naõ po[de]s crer o ponto de Filosofia, a q tem chegado («Lisboa 3 de Dezembro de 82»).

eu nada tinha que te dizer ainda que falhasse ao menos que te naõ fizesse huma descripçaõ [sic] Poetica da m.^a vida campestre. viver no campo a toda a ora

³²⁶ Conviria nom esquecer aqui que, para além da presunçom de modéstia que se assume, nesta altura nom era visto com bons olhos entre determinados sectores a dedicaçom a negócios lucrativos, actividade aparentemente contrária à “posse” de nobreza, tal e como a própria Mello Breyner indicava ao expor as críticas recebidas pola família real ao visitar o empresário Cantanhede, em trecho citado acima.

meditar em socego a simplicidade magnifica da natureza; abrir o coração aos gemidos dos miseraveis fazelo confidente de mil bacatellas, que tem por graves coizas os pocos individuos, que me rodeaõ, tem occupado estes dez dias que ha que vivo aqui («9 de Mayo de 88»).

Entre tanto a D.^s querida; espera por mim o nosso Conde p.^a passear, e chilrearmos, e pagarmos com uma pitada de rapé tudo o que o mundo nos apresenta de esquezito; e dezagradavel/ para nós ambos se entende/ e sabes que mais? não he poco, mas eu tenho tomado o partido que me promete mais dias de vida. Isto he gozar do que tenho, p.^a me não fazer tanta falta o que me negaõ. A D.^s outra vez conta, improviza escreve, ri, passeia mas de vista não percas a Thersea («9 de Mayo de 88»).

O meu modo de vida he o mais conforme á minha situaçaõ: activo sem impetuzidade, e o mais simples possivel, para melhor poder gozar dos momentos, que não ceçaõ de fugir. Tudo chega aqui morno, e ha m.^{tas} coizas, q ficaõ pelos lameiros do caminho por isso não te sei dizer nada a respeito dos novos Ministros senaõ o que dizia o Franciscano q.^{do} se lhe dava conta dos prelados que tinhaõ sahido: saõ esses? bem, eraõ os que eu queria he verd.^e que não os conhecia, mas como não pertendia poztos não se inquietava («Alcoentre 28 de Dezembro de 88»).

Todas estas citaçons venhem ao encontro doutros indícios que apontam para a utilizaçom do retiro no sentido que indicávamos acima, como umha relaçom de livros encomendados polo Conde de Vimieiro à recém-criada Biblioteca Nacional, orientados fundamentalmente para a applicaçom das últimas técnicas em agricultura e silvicultura³²⁷ ou outros depoimentos da Condessa no sentido de que o Conde procura informaçom pedagógica para formar as pessoas que estão sob a sua autoridade:

O Conde que tem alguns projectos patrioticos a resp.^{to} d'Alcoentre, e Vimr.^o quer que lhe mandes/ se os ha em Francez/ os estatutos das escollas e os livros deque ahi se servem p.^a educaçaõ popular, porq quer combinar esses com oq tem imaginado («Lisboa 8 de Ag.^{to} [1784]»)³²⁸.

Repare-se que, dentro de umha ética ilustrada tam bem definida como a que caracteriza os condes de Vimieiro, e apesar da defesa da posiçom social da sua classe que implica muitas das suas tomadas públicas de posiçom, a 'educaçom popular' e a melhora da qualidade de vida das pessoas ao seu cargo é entendida como um “dever patriótico”, preocupação esta que se percebe, como já foi visto, de maneira constante

³²⁷ Entre os *Livros remettidos p.^a Alcoentre ao S.^r Conde de Vimieiro a 26 de Julho de 1786* (Biblioteca Nacional, Arquivos da Biblioteca Nacional, CX. 31), encontramos: *L'art de cultiver les pommiers, L'art de former les jardins modernes, Cathecisme d'Agrigulture, Traité de la culture des pêcheurs*, etc.

³²⁸ No mesmo documento (*Livros remmetidos...*) encontram-se também as obras *Avis au peuple de la champagne touchant l'education* e *Avis au Peuple sur son premier besoin*.

em todas as cartas, constituindo-se como princípio ético principal e motor de todas as acções dos Condes, desde a defesa de umha guerra até a fundação da Academia:

A pax dizes tu he hum bem: que he um bem neste mundo? tu sabes que tudo he relativo. O certo he que eu como espoza, e como Irmaã, faço continuos vottos pela conservação do nosso socego e façoos porq se me mete na cabeça, q não hade durar m.¹⁰ *Como Portuguesa* se temos dinheiro, não me assusta a guerra e se ella hade vir daqui a dez annos, *dissera que não tardasse tanto; especialm.^{1e} se afastala pode custar trab.^o à Raynha ou vergonha à Nação*. Outra [sic] prova de que não sou misantropa: se a Raynha voltar uma vez os olhos favoraveis p.^a o uniforme, se consentir que se lhe restitua aquella [clivação], de q procede a energia, *se quizer persuadirse de que os Portugueses, ainda são luzitanos; tem a fortuna de achar uma nação inteira que vá com gosto arriscarse a morrer por ella*. Os pocos a q.^m a educação não suscitou destas ideas, serão levados pela torrente, e as mulheres mesmas somos capazes de os levar a rastos pelas orelhas, se elles fossem capazes de não hirem aos empurroens; mas tudo isto q está na m.^a imaginação na melhor luz possivel ainda por ora não está reduzido a quadro («Lisboa/ou Guiné/ em 7 de Julho d83 [sic]»).

Em qualquer caso, a posição do Conde vêm ainda confirmada, para além do testemunho da sua esposa, pelas palavras do Abade Correia da Serra no elogio fúnebre do primeiro, onde afirma:

O S.^r Conde decidiose pela vida do Campo, e as suas razões eraõ singelas mas fortes. O descanso hé maior, e o bem fazer mais barato. Assim o dezia [sic] e melhor o executava, os seus povos do Vimieiro e de Alcoentre tinham nelle hum remedio seguro, socorros, conselhos, tudo o q delle dependia, tudo o q podia fazer foi feito para favorecellos. No leito da morte hũ dos seus primeiros cuidados foi dictar duas cartas para as camaras e povos de Alcoentre e do Vimieiro, para darlhe conselhos sobre assumptos uteis q previa não poder já executar e despedirse delles com o mesmo amor e zelo q toda a vida lhe mostrara.// Os lugares de retiro do S.^r Conde não mostravaõ sómente o homem justo, mostravaõ taõ bem o homem de gosto. Huã consideravel livraria, e dos melhores livros, hum gabinete de hist. natural, jardĩs delicados com abundancia de plantas raras, huã ordem e aceio, em todas as suas couzas domesticas eraõ objectos dignos de tocar os q o vizitavaõ mas sobretudo o ar de serenidade, de paz, e de lizura, q revestia por assim dizer a pessoa do proprietario, e q elle tinha o dom de derramar sobre quanto o circundava. (Manuscritos de Correia da Serra, Elogios, n.º 40: p. [6]-[7])

Em suma, entendemos que este projecto, à falta de novas informações que podam deitar mais luz sobre os seus pormenores, constitui, por umha parte, um novo intento, na linha de outras intervenções no mesmo sentido, de acumular um maior capital simbólico criando umha imagem mui concreta de pessoas com umha sólida ética patriótica, desprendidos de qualquer ambição de glória, mas também deve ser visto à luz de umha ideologia ilustrada que se converte nom apenas numha opção ideológica

defendida com maior ou menor entusiasmo, mas numha forma de vida e numha maneira também de interpretar o que som as obrigações de classe, que neste caso estão directamente ligadas à planificação social e à substituição do Estado em determinados âmbitos como a educação ou a criação de determinadas estruturas. Por outra parte, esta perspectiva ética deve ligar-se à ambição de determinados sectores da primeira nobreza por conservar intacto o seu poder dentro das suas jurisdições, em contra da centralização de todo o poder em mãos do Rei, que claramente atacava os seus interesses. A esta luz, devemos entender que outro dos aspectos da adesão incondicional de Mello Breyner e o seu grupo à Rainha, o seu apoio económico e o seu sustento ideológico, pode ser visto como a contrapartida necessária para exigir uma certa liberdade de acção dentro dos seus territórios particulares.

III.1.5.3.5. Novas funções para a citação

Como apontámos no início desta epígrafe sobre a correspondência do período 1780-1788, produz-se em relação à citação uma mudança significativa que entendemos deve ser vista com algum pormenor pelas repercussões que pode ter quanto ao estabelecimento de uma rede de relacionamentos por parte da Condessa de Vimieiro.

Temos já referido em várias ocasiões que uma das aspirações que se pode constatar no grupo integrado entre outros por Teresa de Mello Breyner, João Carlos de Bragança e Leonor de Almeida é o estabelecimento de uma rede de relacionamentos cosmopolita integrada por diferentes elementos da Ilustração europeia, e assim o verificamos com ocasião da análise das circunstâncias que envolveram a publicação da *Idéa de hum elogio* em 1781. Agora veremos um outro aspecto deste desenho de uma rede europeia em relação com a utilização da citação na correspondência.

Como bem aponta a nossa colega Antia Cortiças Leira (2004) no seu artigo «A correspondência como meio de difusão do cânone: o caso de Metastasio e Gluck no epistolário Vimieiro-Oyenhhausen», onde estuda as presenças de ambos os compositores na correspondência de Teresa de Mello Breyner endereçada a Leonor de Almeida, é

facilmente perceptível uma mudança na função da citação, concretamente de Metastasio, a partir da fixação da Condessa de Oyenhausen em Viena e da sua introdução dentro do círculo de relacionamentos que tinha deixado ali o Duque de Lafões. Neste grupo encontrava-se Metastasio, o autor mais citado, com enorme diferença durante o primeiro período da correspondência de Mello Breyner. Mas se entre 1770 e 1778 a citação de Metastasio era utilizada como simples exibição de conhecimento do autor que ocupava sem dúvida o centro do sistema literário em Portugal e na Europa, a partir de 1780 (Cortiças Leira, 2004: 7):

as suas referências a Gluck e a Metastasio servem à Condessa de Vimieiro para evidenciar a sua pertença ao grupo intelectual da corte austríaca, com grande prestígio cultural em toda a Europa. Quer dizer, que a correspondência é utilizada como meio para situar-se dentro da rede de relações sociais contraídas entre um importante grupo de intelectuais, levando a termo um processo de retroalimentação entre ela e o resto do grupo, pelo qual ganham todos em prestígio, o que permite conseguir a legitimação necessária para colocar-se no centro do campo cultural e, portanto, demonstrar-se como grupo hegemónico intelectual, social e culturalmente.

As referências a Metastasio nas cartas deste período são bastante mais reduzidas que as do primeiro, mas para percebermos claramente as diferenças entre umas e outras analisaremos algumas delas com algum pormenor. A primeira alusão que encontramos ao produtor italiano produz-se ao pouco tempo de instalarem-se os Condes de Oyenhausen na capital austríaca, e tem como objectivo assinalar que a recuperação por parte de Leonor de Almeida da sua velha afeição à composição poética é devida à influência de Pietro Metastasio: «Quanto estimo que o bello espirito de Methastazio te reconduza ao trilhado Caminho do Pindo: será esse mais um Título p.^a o respectar mas Fazeme participante do que elle t'inspirar, de tudo o q a tua imaginação he capaz de produzir sem soccorro alheio» («Lx^a 19 de Novembro de 1780»).

Muito pouco tempo depois, encontramos que a Condessa de Vimieiro insiste na ideia de Metastasio como orientador dos novos escritos da sua amiga: «Que tem feito o Padre Methastazio?/ que vale o mesmo q o Pay Apollo/ a tua Muza não lhe resistiria uma vez que elle lhe extendia a mão, e de novo a convidava a soltar a voz» («Lisboa 3 de Dezembro de 1780»).

Já em 1781 vamos ver uma diferença na alusão a Metastasio, e é que agora vai aparecer não apenas em relação com Leonor de Almeida, mas também em relação com Teresa de Mello Breyner, que passa assim a integrá-lo no seu círculo, colocando ao

lado da citação dos seus versos umha pequena mensagem que envia através das cartas à sua amiga:

se Methastazio sabe o meu nome saiba tão bem que eu sou uma m.^{er} que leio menos os seus Dramas que as suas otras Poezias, e que vou m.^{tas} vezes ao sepulcro de Virgilio meditar sobre tantas e tão pasmozas vizoens/ Miraviglia, e timor tosto nel petto/ *Vengono* ad assalir l'alma marrita/ Una amirar si venerato ogetto/ L'altro afuggir de tanto orror m'invita/ Lungi dal sauro marmo el passo ofretto,/ Ma volgo la faccia sbigottita,/ Talché chiaro nei moti apar di fuore/ E la miraviglia, e il mio timore³²⁹ («Lx.^a 24 de Abril de 1781»).

Mais adiante, como mostra de que o processo de integração de Metastasio entre o círculo dos ilustrados portugueses progride, a Condessa coloca as referências a este ao lado dos recados para M.^{me} de Thun, com quem mantém umha relação epistolar paralela à que a liga a Leonor de Almeida: «Recomendame a nossa engraçada e amavel M.^{me} de Thun, e faze q Methastazio não desaprenda a lição que lhe destes» («Lx.^a 19 de Junho de 1781»); «tu não me fallas da Nossa M.^e de Thun, nem de Methastacio; nem da tua pintura nem das tuas muzas. Amiga, sem estas occupaçoens que são pasto d'alma, não se vive bem em parte nenhuma. Que seria de mim sem isso?» («Lisboa 16 de De[z].^{bro}»); «dame novas de Kaunittz e de Methastacio e da Todi e não te digo q mas des do gr.^{de} Jozé, porq temo pedir m.^{to}» («Lisboa 19 de Fevr.^o de 82»), acabando por afirmar, no ano da morte do dramaturgo e poeta, «Pobre Methastacio fazme falta» («Lisboa 18 de Junho de 1782»).

Resulta evidente, portanto, que com esta nova forma de citação o que se pretende é fazer evidente aos olhos tanto do próprio grupo que podia ler as cartas em reuniões e assembleias, como de outros elementos de fora do grupo que podiam conhecer os seus conteúdos por meios mais ou menos lícitos como a interceptação dos envios ou o acesso a cópias que circulassem na Corte ou nas assembleias, que o grupo de ilustrados em que Mello Breyner se insere nom acede aos elementos mais conhecidos do polissistema literário ou intelectual europeu (ou até do campo do poder em determinados casos) apenas por meio de leituras exclusivas, como podia suceder no período anterior, quando encontrávamos citações em italiano nas cartas da Condessa num momento em que Portugal abundavam as traduções e adaptações de Metastasio

³²⁹ «Meraviglia e timor tosto nel petto/ Venero ad assalir l'alma smarrita:/ Una a mirar sì venerato ogetto,/ L'altro a fuggir da tanto orror m'invita/ Lungi del sacro marmo il passo affretto,/ Ma volgo a lui la faccia sbigottita,/ Talché chiaro nei moti appar di fuore/ E la mia meraviglia e'l mio timore», Metastasio, *Rime, Epitalamii*, «Epitalamio III», n.º 6 www.bibliotecaitaliana.it/dynaweb/bibit/autori/m/metastasio/cantate/@Generic_BookView/6151;ts=toc.tv;pt=6151;lang=pt (última consulta 17.01.2004).

para português, mas que esse relacionamento é feito de maneira directa e pessoal através de contactos com agentes situados nos lugares mais preeminentes do sistema.

Com isto põe-se em destaque a que pretendem converter numha das características identificativas do grupo –o cosmopolitismo, apoiado noutros lugares com sentenças como «tudo isto me dá gosto ainda visto de longe; e por que? porque *a gente de bem he compatriota de todo o mundo*, e não pode deixar de se comprazer, quando vê, seja na china, seja na Russia seja na America, ou seja em Toscana» («Lisboa 6 de Agosto de 82, itálicos nossos» ou «consolame, porem a consideração *de que todo el mundo es como la caza nuestra* e que ella não poderá fazer tanto mal no concerto das Naçoens, como tu nos tens feito bem» («Lisboa 29 de Oitubro de 1781», itálicos no original).

Mas isto liga-se directamente com o que trataremos na epígrafe a seguir, que é a presença de outros assuntos de menor entidade (principalmente pola menor atenção dedicada nos textos conservados) presentes na correspondência e que contribuem também para desenhar a trajectória, as redes e as estratégias de Teresa de Mello Breyner no sistema.

III.1.5.3.6. Outras linhas ideológicas: maternidade, matrimónio e sentimentalismo

Alguns assuntos que evidenciam determinados aspectos da ideologia da Condessa de Vimieiro som, como dizíamos acima, tratados com menor pormenor e extensom nas cartas conservadas, mas, da mesma maneira, constituem umha importante fonte para identificar e analisar alguns dos posicionamentos tanto de Mello Breyner em particular como do seu grupo de maneira geral. Aqui falaremos de maneira breve do tratamento que a Condessa fai na correspondência deste período da maternidade, do matrimónio e do sentimentalismo, assuntos a que já temos feito referência ao longo deste trabalho e que aqui exemplificaremos com algumas citações que, do nosso ponto de vista, podem ter algum interesse.

O assunto da maternidade é tratado fundamentalmente em relação com duas circunstâncias: a residência de Leonor de Almeida fora de Portugal deixando umha filha, chamada também Leonor, ao cuidado da sua mãe, unido isto aos sucessivos partos da Condessa de Oyenhausen, e a própria incapacidade dos Condes de Vimieiro de terem descendência. A primeira destas circunstâncias motiva, por um lado, o envio de notícias sobre os progressos da menina, e, por outro, a presença nas cartas de conselhos para sobrelevar os inómodo da gravidez e do parto e criança dos filhos sobretudo nos primeiros meses em que são ameaçados por doenças infantis frequentes na altura. A segunda, motiva umha série de reflexões sobre as vantagens e os inconvenientes da maternidade.

As referências a Leonorita (como é designada nas cartas a pequena Oyenhausen), reflectem sem dúvida como o repertório sentimental em relação aos afectos parento-filiais se tem introduzido entre, pelo menos, este grupo da primeira nobreza, porque Mello Breyner faz questão, carta após carta, de pormenorizar qualquer jogo, qualquer gesto infantil, e, também, qualquer mostra de afecto da menina por seus pais ou avós:

Ontem fui visitar tua f.^a, que se conserva [bella]³³⁰ e todos os dias s'aperfeiçoa. Ahi te mando a medida da sua altura tomada na m.^a presença por tua Mãe, a q.^m a pedi: he fortissima, começa a fallar, e faz mil engraçadas bogiarias. Uma dellas he m.^{to} celebre. Não sei se já deixastes uma chamine Inglesa na caça gr.^{de} que tem porta na varanda: q.^{do} esta se accende, a chama fazlhe uma impreção, q se não distingue se he admiração, se temor, porq se poem n'uma determinada distancia [sic], arralhar [sic] m.^{to} e tudo o q tem lhe quer dar. Não parece, que o teme [o fogo]³³¹, porque lhe não foge; mas respeitao, porq não se avizinha, e tem alguma ideia de dependencia, porq quer obrigar com presentes como faz a toda a peça de q.^m quer conseguir alguma coisa. Com a chama da vela tem mais familiarid.^e fazlhe mil insultos, botalhe a lingua fora, e mil [p. 2] carantonhitas acompanhaõ estas animozid.^{es}: o Avó adora a tua Mãe não se falla: he m.^{to} alegre, não me estranhou e pedindolhe um abraço p.^a ti, deumo dizendo com um ar de satisfação *ahi está*. Bem te podes contentar, que não sahiste mal da empresa («Lisboa 28 de Janr.^o de 1781»).

Noutra ordem de cousas, este relato das actividades da menina serve também para dar a conhecer umha ideologia mui determinada no que diz respeito ao tipo de educação que se procura tanto em função da sua condição de membro da nobreza, como em função da sua condição de mulher:

Nesta pintura nem ha poesia nem encarecim.^{to} começa a querer fallar e fazlhe um desconforto engraçadissimo não saber ainda formar as palavras, porq são tais os sons q amontoa, e mistura que nos faz appetite de adivinhar os seus misterios;

³³⁰ Entre linhas.

³³¹ Entre linhas.

parecesse um genio, q vem do ceo anunciarnos coizas grandes q nós não somos ainda capa³³² tu serias certem.^{te} assim da sua suavidade. Com tudo as pocas palavras, que pronuncia são claras, com uma voz tão firme, q parecesse errou a Natureza em a fazer m.^{er}. *Tua may não a perde de vista p.^a educala d'um modo viril e pollido ao mesmo tempo.* Teu Pay revesse nella, e ella tratao com uma tal predilecção, que enternesse. He pena que a Natureza me não tenha querido fazer May de um filho que a podesse merecer; mas pelo que observo verificarseha a m.^a profecia, e tua f.^a virá a ser algum dia a tua cunhada³³³ («Lx^a 19 de Novembro de 1780»)

Ha m.^{to} q te disse que ella me parecia um genio, agora digote q tem todo o ar de uma Divnd.^e; mas *naõ uma divind.^e languida/ qual historias!/ uma Divind.^e suprema, imperioza, q de nada duvida e de quem todos tem que esperar.* A figura, a alma, tudo he grande; com uns olhos, de q.^m diz o Duque *velho como sou, namoraõme cada vez mais.* Naõ he carinhoza; mas he docil, sem fraqueza. A Prima he m.^{to} bonita, e vai tendo m.^{ta} graça nos modos, e feiçoens, que são mais perfeitinhas, que as da nossa; porem nella naõ vê a gente mais que uma mulher bonita, capaz de fazer o bem, que quizerem della; na tua porem ja a gente receia q ella queira de nós coizas más, porq se as quizer, tem todo o ar de mandar e conseguir («Lisboa/ ou Guine/ em 7 de Julho d83 [sic]»), itálicos nossos no primeiro caso e no original no segundo).

he percizo que tu saibas que ella *naõ tem nenhum ar affeminado, e que o seu coração parecesse mais capaz de dominar, que de ceder.* Daqui vem que *o seu carinho naõ tem um character de suavid.^e que ás vezes degenera em languidez.* A observa bem, dissesse que *a Natureza quiz encarcerar uma Alma viril, em um corpo de m.^{er} quando a formou.* Pelo contrario *a Prima hade ser talvez mais branda do que convenha á sua felid.^e* De tudo isto o que dezejo, que tires por consequencia, he que a tua f.^a naõ será carinhoza, mas será constantem.^{te} ligada ás suas obrigaçoens; e quando souber que a mais sagrada he o amor e a subjeição a seu Pay, correrá atraz della sem desfallecer («Lisboa 21 de Abril de 84»).

A educaçom escolhida polos Marqueses de Alorna para a sua neta é definida como “viril”, opçom referendada pola Condessa de Vimieiro que contrapom a formaçom de Leonorita à da sua prima, filha de Maria de Almeida, Condessa da Ribeira Grande. o que se pretende nom é formar umha “Sofia”, ou seja, umha menina lânguida, fraca e bonita, mas, bem ao contrário, a filha dos Condes de Oyenhausen é definida como umha “divinidade imperiosa”. Neste ponto, chamamos a atençom para o modelo

³³² Fim dumha página.

³³³ É evidente que o sentimentalismo nom colidia, do ponto de vista de Mello Breyner, com a existência de matrimónios concertados, que som vistos como a forma mais racional de decidir estas alianças. Em carta datada em Lisboa a 19 de Fevereiro de 1782, em relação com o recente matrimónio de Pedro de Almeida, afirma: «todos estão contentes teu Pay namorado, e eu dezejoza de que se faça logo ate p.^a que nasça depreça o Espozo da tua f.^a». Em realidade, os Condes de Assumar tiveram dous filhos João (1786-1805) e Miguel (1787-1806), mas nemgum deles casou com sua prima. A futura 5^a Marquesa de Alorna casou em 1799, no entanto, com o 6^o Marquês da Fronteira.

de mulher que Mello Breyner propunha na sua *Osmia*, que era definida por adjectivos similares a estes, em confrontação com a fraqueza das romanas. Tendo em conta que o modelo rousseauiano de mulher estava mui extendido entre os ilustrados europeus, e levando de conta também as discussões epistolares que este tinha provocado entre das duas Condessas quando a de Oyenhausen ainda estava presa no convento de Chelas, é fácil perceber que a de Vimieiro se coloca no extremo contrário mas tendo como referente o autor francês, pois faz questão especialmente de pôr em destaque aqueles aspectos que se podiam diferenciar mais daquele a quem ela denominava “herói desprezador de mulheres”. As características que fundamentalmente são salientadas em Leonorita não são as tipicamente femininas, e mesmo se explicita afirmando que não tem “ar efeminado”, e faz-se o maior elogio da menina atribuindo-lhe qualidades associadas com a masculinidade, chegando ao ponto de distanciá-la do modelo sentimental adjudicado às mulheres, que lhes atribuía uma maior capacidade para o sentimento, em função da constância e da lealdade.

Esta proposta de uma educação focada a formar mulheres fortes e autónomas não entra em conflito com a defesa de um modelo maternal que patenteia a criança directa dos filhos pela mãe, e assim o recomenda a Leonor de Almeida à medida que esta vai tendo novos filhos:

A tua carta de 14 de Abril, m.^a Cond.^a, me affligiria m.^{to} mais se não tivesse primeiro visto uma do Sr. Conde p.^a Lebzelter na qual elle lhe diz que começa a tranquilizar-se sobre o estado da tua saúde contentandose da de suas duas f.^{as}, o que me faz crer que ternura de May /de que hum homem nunca pode ter cabal ideia/ te faz avultar mais o perigo de Jullianita. Com tudo a tua carta ainda com estas quebras que lhe dou, me deixa cuidadosa, porq o uzagre sendo uma crise com q a Natureza procura depurar as creanças, he por isso mesmo arriscad.^{ma} animate porém a soffrê-la, e toma os conselhos de Fouxeros que te serão uteis. Leonor Ribeiro esteve ainda mais lastimosa do q tu pintas Julliana, e venceu; mas que paciência não mostrou em toda esta época trabalhou a Arnica? D.^s queira que tu tenhas hum peço sem.^e que te ajude, o que duvido, poisque o asco e máo cheiro da queixa, só o carinho de May parese que o pode fazer supportavel («Lisboa 23 de Maio de 1784»).

Por um lado, tal e como vemos no fragmento citado acima exalta-se a superioridade do carinho materno frente ao paterno, como algo intrínseco à natureza da mulher que gesta e cria os filhos, e ao encontro desta ideia da criança vai noutro lugar da sua correspondência quando imediatamente antes do nascimento da segunda filha dos Condes de Oyenhausen recomenda a Leonor de Almeida o aleitamento materno, indicando que a Condessa da Ribeiro também é seguidora desta prática: «tu estas p.^a ser

May ainda otra vez, e isso me inquieta. D.^s queira q te tires de empenho taõ felicm.^{te}, como tua Irmaã assim tu podess[es] como ella dar á tua creança o proprio leite!» («Lisboa 2[7] de Dezembro de 1780»).

Temos visto ao longo do trabalho lugares em que Mello Breyner exaltava a maternidade, já nom apenas em relação com a tradução do *Telemaque* citada acima, mas até em relação com a sua própria impossibilidade de ter filhos, o que supom para a Condessa umha importante fonte de infelicidade. Aqui encontramos umha das contradicões no pensamento da Condessa, pois, se bem é patente o seu rejeitamento do modelo rousseauiano e burguês de mulher, estas ideias, que conformam já na Europa o pensamento mais moderno dentro da Ilustração estão inevitavelmente presentes. O sucesso das ideias sentimentais que promoviam a maternidade como função primordial da mulher e o seguimento das novas indicações de médicos e tratadistas ilustrados no sentido de as mais aleitarem pessoalmente as suas crianças, é claro nom apenas nos conselhos enviados à sua amiga, mas também na sua percepção do facto de nom poder de gerar descendência, pois a maternidade é vista como a culminação do matrimónio («Alcoentre em 24 de Jan.º de 1789»):

Huma m.^{or} vida nos espera; e no trance arriscado da passagem p.^a ella as que não são mays, terão menos hum grilhaõ p.^a quebrar. Mas este grilhaõ, sempre a minha imaginação o tinha visto, como o mais brilhante ornato de uma Espoza. Quando eu esperava ser May, sempre que me via no leito da morte rodeada de filhos, dizia eu [riscado] comigo a dor de os deixar será compensa[p. 1]da pela sua ternura; elles me fecharão os olhos; e as lagrimas christans que derramarem sobre o meo tumulo, ainda no otro mundo hiraõ dar-me consolação

A infertilidade dos Condes, que é colocada como um problemas pessoal, supom, ao mesmo tempo, um problema político, pois implica o fracasso das estratégias matrimoniais das casas de Ficalho e de Vimieiro³³⁴. Esta duplicidade de funções da maternidade, julgamos que está por trás das contradicões que implica a própria produção de Mello Breyner, pois, apesar da importância concedida à maternidade na sua correspondência com Leonor de Almeida, particularmente nos anos em que esta passa por sucessivas gravidezes, nom se corresponde com o lugar concedido a este aspecto na elaboração do seu modelo feminino literário -Osmia. A Princesa turdetana nom tem filhos apesar de estar casada, e nom é caracterizada em nengum momento com os atributos construídos como tipicamente maternais, como a sensibilidade, a ternura, ou a submissão ao proteccionismo masculino. Isto pom de relevo, do nosso ponto de vista,

³³⁴ Neste mesmo sentido se exprimia a Condessa numha carta de escrita em 1776 («Sim, minha linda amiga »), onde afirmava: «os tristes restos de consolação p.^a a caza de Tancos encerraõ-se no ceio da Cond.^a de Vimieiro».

a existência de um modelo ético associado à ilustração, de grande sucesso em toda a Europa, que entra em contradição com a solvência da doxa que conforma o pensamento da primeira nobreza portuguesa, que continua a explicitar a sua consideração do matrimónio como um dos elementos privilegiados para a criação de redes e o estabelecimento de alianças estáveis.

Para além das referências ao amor maternal, encontramos também uma perspectiva em certo modo sentimental na concepção dos matrimónios, que, sem deixar de apoiar a conveniência da sua concertação, considera que devem ser presididos pelo afecto entre os cônjuges. Assim, encontramos, por exemplo, constantes recados dos dois condes através das cartas das suas esposas, que dão a impressão de uma proximidade afectiva entre os casais: «Mil recados ao Snr. Conde O meu está no vimieiro» («Lisboa 17 de Maio»); «Dezejo q o teu Conde esteja bom, o meu passa bem» («Lx.^a 18 de Julho de 1780»); «Recomendame ao teu homem aceita os obsequios do meu» («Lisboa 29 de Outubro de 1780»), e muitas outras. Da mesma maneira, são abundantes os testemunhos de amor pelo Conde de Vimieiro, baseados sempre na coincidência ideológica e de caracteres: «tendo o partido de me consolar de tudo no meio dos meus bosques ao lado de um homem em cujo coração se nutrem os sentimentos de um bom Português» («Lisboa 2[7] de Dezembro de 1780»); «aceita recados do meu Homem e o de ambos ao teu Aqui vivo o mais campestre.^{te} que he possível o paiz he proprio p.^a isso nelle trabalhamos pelo formozear, e por adoçar os costumes dos Povos («Alcoentre no 1.º de Outubro de 1783»), ou

O meu Conde conserve-se bom, e mosso, o que são dois bens consideráveis O mesmo homem que tu deixaste, e conhecias fiel aos seus amigos, superior aos seus trabalhos, bom patriota, bom vassallo. Exaqui o capital da m.^a fortuna, e o quadro da m.^a situação («Lisboa 20 de Novembro de 85»)

Esta mesma ideia da necessidade de afectos no matrimónio é expressada quando se denunciam determinadas alianças feitas sem ter em conta estes critérios:

estava ajustado o casamento.^{to} da m.^a parentinha Lumiares com M.^{el} da Cunha: fará uma caça avultada.^{ma} mas não sei se a paz será o maior bem do casal. Com tudo ha homens que gostam de ser *maridos*, e p.^a isso he bom crear uma criança a seu geito começo a consolarme de não ter f.^{os} quando me lembro que chegaria uma id.^e em que fora percizo [sic] entregar uma f.^a a um verdugo («Lx.^a 24 de Setembro de 1781»).

Nom estamos perante umha defesa do matrimónio por amor, mas de um tipo de enlace que, levando de conta critérios “de casa” como o capital económico ou o prestígio, nom esqueça outro tipo de valores como o bom trato entre os esposos (particularmente do marido sobre a mulher) ou a possibilidade de que a aliança seja estabelecida em termos mais amplos que a própria sociedade conjugal, como é o caso dos Condes de Vimieiro, que fam umha certa ostentaçom de que a sua colaboraçom se estende a outros ámbitos como a intervençom social. Precisamente a falta deste tipo de entendimento será a que censure a Condessa no matrimónio dos Condes da Ribeira Grande, dando freqüentes notícias a Leonor de Almeida da infelicidade da sua irmã devido ao mau comportamento do seu marido. Em carta datada em Lisboa 3 de Dezembro de 1780, Mello Breyner afirma: «tua Irmaã diz que não faz um verso: será verd.^o? temo o porq *toucinho* he capaz d'embotar as mais agudas pontas, e mais se he rançozo», aludindo a que o Conde da Ribeira Grande –a quem noutras occasions denomina como Conde Alma de Sebo, ou Grasso conde- nom promove a inclinaçom da sua mulher pola literatura; ou noutro lugar («Lisboa 11 de Dezembro de 1780») fai referênciã à pouca afeiçom que este tem polas amigas de Maria de Almeida: «o conde alma de sebo continua a mostrarse digno do juizo, que ambas fazemos delle e toma o agradavel partido de me não fallar, porq sou amiga de sua m.^{er}».

Para além disto, a Condessa ainda acusa o Conde da Ribeira, pouco antes da morte de Maria de Almeida em Novembro de 1786, de ser o responsável da pouca saúde da sua mulher polos requerimentos sexuais a que a submete independentemente do perigo que lhe ocasionam os seus freqüentes abortos («Alocoentre 23 de Oitubro de 1786»):

a repetiçã destas perdas que ella tem me mortifica e me faz dezejar q seu marido vá ver o mundo por um par de tempos. Não a deixa convalescer, e as consequencias assustaõ as suas amigas, mas talvez agora se consiga o que ate agora temos dezejado inutilm.^{te}

Ainda, imediatamente depois da morte de Maria de Almeida lemos em carta assinada em «Lisboa 20 de Março de 1787»: «Dizse/ e m.^{to}/ que teu cunhado trata de cazar: exaqui otra nova dor. Quem será a desesperada, que se dê áquelle omem?».

A Condessa de Vimieiro e o seu grupo, ainda mostrando-se partidários de que os matrimónios respondam a estratégias que procurem o interesse das casas, redefinem em certa medida os critérios que devem condicionar essas alianças, mostrando-se receptivos aos novos modelos de afectividade e de estrutura familiar que se promovem na Europa

ilustrada. Assim, considerará-se fundamental num homem que trate com respeito e carinho a sua esposa, mas também que ambos se convertam em colaboradores nas suas actividades públicas e privadas.

III.1.6. Relacionamento com Manuel do Cenáculo no período 1777-1788

A relação com Manuel do Cenáculo é uma das partes da biografia e trajectória de Teresa de Mello Breyner que temos investigado com menor sucesso. Assim como no caso da relação com Leonor de Almeida estava suficientemente ilustrada por uma correspondência abundante e extensa no tempo, o que contribuía decisivamente para deitar luz sobre as actividades e intervenções da Condessa de Vimieiro ao longo desses anos, o envolvimento com Cenáculo, que nos parece da máxima importância pelo papel que este ocupou no sistema ao longo de toda a segunda metade do século XVIII, ficou documentada apenas por um pequeno conjunto de cartas conservadas na Biblioteca Pública de Évora. Desconhecemos, portanto, a duração no tempo deste relacionamento (embora saibamos que ao menos em 1768 já existia comunicação epistolar entre o Bispo de Beja e o Conde de Vimieiro³³⁵, e que a correspondência com a Condessa se estendeu ao menos até 1798, data do último documento assinado por esta que foi endereçado a Cenáculo), com que intensidade se produziu e se colaboraram em mais projectos do que aqueles de que já nos temos ocupado (a *Collecção* promovida pelo Conde de Vimieiro e o ingresso do Bispo de Beja na Academia) ou daquele de que nos ocuparemos brevemente nesta epígrafe.

No que diz respeito ao período focado neste capítulo, os testemunhos directos reduzem-se a cinco cartas enviadas pela Condessa de Vimieiro a Manuel do Cenáculo, datadas entre 5 de Junho de 1780 e 24 de Agosto de 1784, e uma enviada pelo Bispo de Beja a Teresa de Mello Breyner datada a 1 de Agosto de 1779.

Nestas poucas cartas, o assunto que nos parece de maior relevo, para além dos já referidos noutros lugares deste trabalho, é a possível participação dos Condes de Vimieiro na fundação de um colégio para meninas, que não sabemos se se corresponde

³³⁵ Assim o demonstra uma das cartas localizadas no núcleo de documentação de Manuel do Cenáculo conservado em Évora.

com o da Visitação instituído três anos depois, segundo indicação da *Gazeta de Lisboa* (nº 15, 09/04/1782: p. [4]):

a mesma Senhora [D. Maria I] por Alvara de 30 de janeiro concedeo ao R. P. *Pedro de Carvalho*, da Congregação do Oratorio, licença para fundar hum Mosteiro de Religiosas da Ordem da Visitação de *Santa Maria*, em que se devem educar donzellas nobres, dando-lhe faculdade para adquirir os bens que forem necessarios para a dita fundação, não excedendo tres contos de reis de renda.

Manuel do Cenáculo fai referência a este assunto na já carta já referida datada a 1 de Agosto de 1779 (sublinhado nosso)³³⁶:

No Projecto das meninas dezamparadas está dado o passo de ter debaixo de vista, Caza apta, boa Regente, e outra instrutora de capacid^e [...] na orde dos costumes [...] exercicios de costura, bordar, e otros sem^{ts} Não tem havido o effeito, que eu ardentem.^{te} dezejo, porque me pareceu devia na orde dos [...] preceder a vizita da [...] que he muito dispendioza e m.^{to} [...] a instrucção dos rapazes da Serra, onde ha a ignorancia mais decidida. Fogem vendo gente: ignoram todos os elementos; sem Mestres, sem exemplares; sem conhecimentos, sem meios, nem uzo algum de ler, jazendo os [...] em hum pasmo perpetuo sobre doutrina, e qualquer outra cultura. Escolhi oito rapazes dos mais vivos, dos quais tenho ja quatro em Caza a instruir para que hum dia possam levar luz clara a semelhantes trevas, as quaes para aquelle efeito hei de patrimoniar depois de habilitado em corpo, e alma desde as primeiras necessidades de huma, e de outro. E como a estas, e outras despesas impreteriveis apenas pode chegar a renda d'Bispado, empregada, tambem em m.^{tos} outros ordenados, que pago para sem^{ts} fins, espero acabar a Vizita, que levo adiantada, para abrir o Recolhimento das meninas, que heide sustentar com decendia, depois de lhe adaptar a Caza com as devidas commodidades, para que já tenho junto algum material e p.^a todos estes expedientes achome só no campo. *Eisaquí a maneira, comque Eu me disponho a imitar o zelo christão, e patriotico de V. Ex^{ca}; do Sn^r Conde meo Sn^r na fundação de semelhantes Cazas de pied^{de}, e de instrucção de hum sexo, que em Portugal não tem devido as maiores considerações, mas que por todos os modos catholicos, e politicos as merece certam^{te}.*

Se nestas Disposições achar V. Ex^{ca} que se deva corrigir; e se as minhas intenções devem ter outra direcção, *V. Ex^{ca} tenha o arbitrio, na certa intelligencia de que a minha dozilidade compete com os meos dezejos de obrar acertadamente* e tanto mais quanto os inluxos nasceram da virtude, como eu sempre acreditarei serem os que V. Ex^{ca} for servida inspirar-me, e pelo que eu serei reconhecido a V. Ex^{ca} em todos os actos da minha possibilidade.

Desconhecemos se neste caso podemos chegar a afirmar que Cenáculo e os Condes de Vimieiro estão por trás da fundação por parte dos Oratorianos do Colégio

³³⁶ Devemos indicar aqui que o texto de Cenáculo é um rascunho e nom a carta realmente enviada, motivo polo qual tem numerosos trechos riscados ou escritos entre as linhas, o que, unido à dificuldade de perceber a letra do bispo de Beja, fai com que o fragmento citado nom esteja correctamente transcrito na sua totalidade. As reticências colocadas entre parênteses verticais estão a indicar neste caso lacunas na transcriçom, e nom a extractaçom do texto.

da Visitação, primeira instituição dedicada à educação de meninas, ou se, como sucedia no caso da *Collecção* impulsionada pelo Conde, e outros projectos referidos como a construção da barra de Aveiro, ou estamos perante a proposta e as primeiras negociações de um projecto que parte da iniciativa particular deste grupo de ilustrados para posteriormente ser incorporado ao programa de governo de D. Maria I. Em qualquer dos dous casos, encontramos que é da maior importância o facto de que os Condes se implicassem num projecto como este, que procurava a educação feminina porque deita luz, mais umha vez sobre um modelo concreto de Ilustração que ambos estão a promover com as suas intervenções no campo.

Temos já referido noutros lugares deste trabalho quais eram as ideias de Teresa de Mello Breyner em relação com a igualdade entre os géneros, e achamos que neste ponto deveremos fazer alguma referência aos posicionamentos pedagógicos particularmente do Conde de Vimieiro em relação com algumas das polémicas principais que se tinham desenvolvido em Portugal ao longo do século XVIII.

Como é bem sabido, a Ilustração, o Racionalismo e o Sentimentalismo produzem no século XVIII umha autêntica revolução no âmbito da pedagogia, que se vai reflectir não apenas num considerável aumento nas edições e na divulgação deste tipo de textos, mas também na extensão da preocupação pela educação dos filhos a camadas sociais, como a primeira nobreza, que não tinham mostrado em etapas anteriores um excessivo interesse neste sentido. Com isto não pretendemos indicar que a primeira nobreza não se preocupasse pela aquisição de conhecimentos por parte dos seus filhos e filhas, mas que a criação e a educação de uns e outras eram frequentemente encomendadas a terceiras pessoas que planificavam o desenvolvimento educativo dos futuros detentores dos títulos e dos seus irmãos e irmãs. As propostas racionalistas e ilustradas em torno à igualdade de nascimento entre as pessoas e às possibilidades da educação para melhorar as suas vidas, faz com que a pedagogia se converta numha autêntica moda que, unida à exaltação sentimental das relações parento-filiais, levará à generalização da educação doméstica regulamentada pelos pais ou mais, ou à proposta, em países como Portugal, onde a educação regulamentada dos meninos e particularmente das meninas da nobreza era especialmente deficitária, da criação de instituições com esta finalidade. A moda da pedagogia chega a todos os âmbitos e discutem-se todos os aspectos que têm que ver com a infância. Os meninos são considerados agora como pessoas com gostos e necessidades diferentes e vai ficando de parte aquela imagem de adultos pequenos e ligeiramente incapazes que

até entom se impugera³³⁷. Em palavras de Paul Hazard (1983: 191), que tem estudado amplamente as ideias ilustradas na Europa,

Não houve modernista que não fizesse votos pela educação progressiva; a questão do aleitamento das crianças de mama pelas mães, a de saber se deviam ou não ser enfaixadas, a de decidir se era preferível um preceptor privado ou o sistema de vida em comum nas escolas, a de saber como escolher um mestre responsável no caso de se optar por essa solução, a relativa à aprendizagem de um ofício natural, a do primado da educação sobre a instrução, todos constituiriam problemas muitas vezes abordados e tratados. De igual modo se tratara da educação das raparigas.

Neste sentido, e como causa deste aumento do interesse pela educação, não devemos perder de vista também as necessidades das classes médias emergentes que, dada a falta de possibilidades de receber nas suas casas uma educação tão cuidada como podia ser a que subministrava a primeira nobreza aos seus filhos e filhas, reclamava com força a difusão tanto de materiais educativos como de novas propostas pedagógicas. Assim, frente à procura da erudição característica da pedagogia escolástica, procurava-se uma educação focada para a utilidade pública; a influência da Igreja na formação da mocidade (polo menos da mocidade nobre) também se vê seriamente afectada, já que, desta perspectiva utilitarista, é considerada negativamente a presença das ordens religiosas na educação; o novo modelo de Estado que se propõe – uma monarquia absoluta, mas guiada pelos princípios do Racionalismo e da Ilustração – faz com que apareça uma preocupação cada vez maior por preparar convenientemente uma elite social que ocupe os quadros superiores do governo, uma nova nobreza mais ou menos intelectual que, por uma parte, assegure com os conhecimentos oportunos os seus privilégios herdados, e que, por outra, contribua para o desenvolvimento do Estado.

³³⁷ Frente a uma visão relativamente idílica da relação pedagogia-iluminismo temos a de Buenaventura Delgado (1995: 139) na sua *Historia de la infancia*, para quem a postura dos teóricos ilustrados a respeito da infância é bastante menos «sincera» ou bem intencionada. Para este autor não é que o objectivo principal dos ilustrados fossem os meninos e meninas *per se*, mais estes beneficiariam do aumento da higiene, da demografia e também duma filosofia preocupada fundamentalmente pelo benefício da República e o aumento da produtividade. Para lograr este propósito «políticos y pensadores admitieron el principio de *igualdad de educación*, principio que hay que entender en el sentido de “adecuado a cada clase social y en función de las necesidades e intereses del Estado”. Ingleses, franceses y españoles [portugueses também, claro está] coincidieron en reservar la educación superior a las clases económicamente fuertes, manteniendo al pueblo en la ignorancia. A los campesinos, mercaderes e industriales habría que darles la instrucción necesaria para que fuesen capaces de producir más y mejor, siempre en función de los intereses sociales. La crítica por parte de políticos y escritores afines a su ideología respecto a la escasez y mala calidad de las escuelas elementales no dejaba de ser un tópico de la retórica de la época y un modo de encubrir sus verdaderas intenciones».

Se bem, em geral, se aprecia umha certa unidade entre os produtores que escrevêrom sobre pedagogia em Portugal ao longo do século XVIII³³⁸, para censurar as instituições pedagógicas portuguesas, esta unidade é menos perceptível quanto ao papel que devem desempenhar as mulheres na sociedade ilustrada, já que, nem Martinho Proença nem Ribeiro Sanches dedicam a sua atenção à educação feminina. Parecem estar interessados só na formação de «cidadãos» de pleno direito, quer dizer-se, de membros políticos da sociedade, que vam desempenhar funções no governo, na milícia, no comércio. Polo contrário, Verney e Moniz Barreto, vem na educação das mulheres – para eles, das futuras mais- um passo fundamental para afastar a superstiçom e a ignorância da educação dos meninos, para criar cidadãos úteis iluminados pelas Luzes da Razom desde a primeira infância, evitando assim os maus hábitos que as mulheres ignorantes ensinam a seus filhos.

Como já foi dito, a preocupação cada vez maior pola educação das mulheres relaciona-se, em parte, com a preocupação de pais e pedagogos pola atracçom que a vida conventual exercia sobre as mulheres novas, que motivou o desenho de um novo tipo de educação que tinha por objectivo fazer desejável o papel de esposas e mais. O acesso à cultura e umha preparação física e intelectual sólidas só podiam contribuir, deste ponto de vista, para um melhor desenvolvimento do seu labor. A isto hai que acrescentar ainda a consolidação do núcleo familiar, construído arredor da mai-esposa, como base da sociedade, ideia que se fortalecerá com a progressiva ascensom da burguesia.

Mas para além disto, a proposta dos Condes de Vimieiro para criaçom de umha instituição educativa exclusivamente desenhada para as meninas tem a ver, também, igual que no caso dos homens, com umha necessidade cada vez maior de educar mulheres que provenhem de camadas sociais sem a capacidade suficiente para dar-lhes umha formação ampla, mas que aspiram a romper as barreiras que as separam da primeira nobreza por meio das alianças matrimoniais. No caso de Sancho de Faro e de Teresa de Mello Breyner, a proposta é feita, tal e como vimos noutras ocasiões, em nome dos interesses gerais do estado, conscientes dos beneficios que este tipo de política lhes podia proporcionar para consolidar a sua posiçom no campo intelectual, no

³³⁸ Temos consultado, particularmente, Martinho de Melo Pina e Proença, autor de *Apontamentos para a educação de hum menino nobre* (1734), Luís António de Verney e o seu famoso *Verdadeiro método de estudar* (1746), as *Cartas sobre a educação da mocidade* de António Nunes Ribeiro Sanches (1760) e o *Tractado da educação fysica, e moral das crianças de ambos os sexos* de Luíz Carlos Moniz Barreto (1787).

qual aspiram a ser vistos como os promotores das ideias mais avançadas que se propõem em Portugal.

III.1.7. Conclusões

Temos visto até aqui que o período analisado nestas páginas começa com importantes mudanças no plano político em Portugal que vão condicionar decisivamente as actuações de Teresa de Mello Breyner. Reestruturado o seu grupo com a saída de prisom dos Marqueses de Alorna e das suas filhas, e com o regresso a Portugal do Duque de Lafões, começa a pôr em prática algumas acções que tinham sido impossíveis durante o reinado anterior. O ascenso ao trono de D. Maria, apoiada pelo partido da primeira nobreza que vira os seus privilégios em perigo com D. José, cria umha grande esperança na Condessa de Vimieiro e nas pessoas que a rodeiam, que acreditam nos primeiros anos do governo daquela ter chegado o momento de ocuparem os principais postos nos campos intelectual e do poder. Esta ambição fai com que se multipliquem as intervenções públicas, principalmente por meio da fundação e actuação da Academia das Ciências, que, tal e como expugemos acima, acreditamos ter funcionado como 'laboratório de ideias' para o novo governo, indicando aquelas intervenções (tanto em infraestruturas como em ciência ou em cultura) que se consideram prioritárias, e desenvolvendo projectos com intenção de que estes sejam aplicados pola Rainha.

Também temos indicado que esta primeira 'energia' gerada entre um determinado sector da Ilustração portuguesa, pronto se vê sufocada por umha indefinição que marcará, do nosso ponto de vista, os anos de reinado de D. Maria. Apoiada por sectores da primeira nobreza ilustrada, mas dependente de elementos do anterior governo, a Rainha nunca consegue impor um grupo próprio e diferenciado do que tinham sustentado D. José e Pombal (os quais, por sua vez, tinham sido sustentados por esse grupo) que ocupe os postos fundamentais dos campos intelectual e do poder. Isto evidencia-se na falta de apoio decisivo à Academia (cede-se umha sede, mas nom se dá suficiente dinheiro, fai-se algum reconhecimento público, mas nom se segue

completamente o seu programa nem som promovidos da maneira esperada os seus membros) e ao seu presidente o Duque de Lafões, que aspirou sempre a ocupar um lugar de maior relevância que aqueles que chegou a ostentar. Da mesma maneira vemos a mesma decepção na Condessa de Vimieiro, hesitante entre umha presença contínua no Paço que nom lhe proporciona as vantagens esperadas (nem a coloca no posto de privilégio ao lado da Rainha que tinha ostentado, por exemplo, a sua mãe, ou ela mesma noutra tempo) e a fuga para um retiro que parece produzir-lhe maiores satisfações, contribuindo, por um lado, para fabricar a sua imagem de mulher intelectual desprendida dos assuntos mundanos, e, por outro, dando-lhe a oportunidade de pôr em prática, ao lado do seu marido projectos ilustrados irrealizáveis na capital.

De qualquer maneira, a melhora da situação tanto da Condessa como do seu grupo é evidente, proporcionando-lhe a ocasião de publicar duas obras sem assinar, mas, em nossa opinião, nom tam anónimas como a sua autora parece pretender. Estas, como foi dito, entendemos que se integram num programa mais amplo, do qual fai parte a já citada Academia, que pretende intervir decisivamente no governo, proporcionando, neste caso, guias de acção para umha Rainha pouco formada para o posto, questionada na sua legitimidade e na sua capacidade, e dividida, como digemos, por diferentes lealdades.

Em menor medida, temos tentado mostrar o grau de penetração dentro do discurso de Teresa de Mello Breyner de determinados repertórios importados da Ilustração europeia, como por exemplo o sentimentalismo, que som adoptados como elementos de distinção por um grupo da primeira nobreza que os assume como próprios embora pertençam originalmente a um programa de acção elaborado directamente contra os privilégios desta classe social.

Nas páginas seguintes aprofundaremos na consolidação de um ânimo desiludido a respeito das possibilidades de D. Maria para exercer o governo e ainda a respeito das possibilidades do grupo da Condessa e do Duque de Lafões para intervir decisivamente no campo do poder.

III.2. Trajectória e intervenção de Teresa de Mello Breyner nos últimos anos da sua vida (1789-1798)

III.2.1. Objectivos

No capítulo final deste trabalho analisaremos os últimos anos da biografia de Teresa de Mello Breyner, um período marcado pela decepção política e o definitivo retiro a Santos depois de enviuvar, e, para nós, pela dificuldade para verificar a existência de intervenções públicas da Condessa.

Para os dez anos que abrange este período dispomos de um total de apenas doze cartas, dirigidas a partes iguais à Condessa de Oyenhausen e ao Bispo de Beja e uma enviada a um dos seus irmãos com motivo da morte de Sancho de Faro. Portanto, a dificuldade para localizar documentação relativa a esta época provoca que determinadas actividades cuja existência conhecemos por determinados testemunhos não pudessem ser estudadas com a profundidade necessária, como sucede, por exemplo, com a participação da Condessa na Nova Arcádia Lusitana e o seu convívio com membros desta agremiação como Bocage ou Pina Manique, assunto este referido apenas por Francisco José Bingre, testemunho recolhido em primeiro lugar por Hernâni Cidade (1966) e posteriormente por Vanda Anastácio (2000) na sua edição das obras completas daquele.

Da mesma maneira, não temos conseguido averiguar praticamente nada das actividades de Mello Breyner a partir do momento do seu ingresso no mosteiro de Santos como comendadeira, período do qual apenas conservamos (até onde nós temos conseguido saber) três cartas endereçadas à Condessa de Oyenhausen entre 18 de Janeiro de 1794 e 16 de Abril de 1795 e seis dirigidas a Manuel do Cenáculo entre 14 de Janeiro e 16 de Abril de 1798.

É evidente que com estas fontes documentais o estudo do último período da vida da Condessa de Vimieiro não pode ser tão pormenorizado como temos tentado fazer até aqui desde o ano 1770 até 1788, motivo pelo qual nos limitaremos a expor as informações de que dispomos, tentando colocar algumas balizas que possam ser de utilidade para investigações posteriores que se possam realizar se se localizar um novo núcleo de documentação ou em relação com os estudos de outras figuras dos finais do século XVIII português.

Em primeiro lugar, nos ocuparemos do estudo do processo de afastamento de D. Maria I do poder e à morte do príncipe D. José, que, do nosso ponto de vista, acabaram por provocar a decepção definitiva do grupo de Mello Breyner e Lafões e a sua derrota dentro dos campos em luta.

III.2.2. Perda de poder de D. Maria -Conspiração contra D. José? -D. Maria «reduzida a uma vida privada»?

III.2.2.1. Objectivos

Como avançávamos acima, uma das circunstâncias que, em nossa opinião, vai marcar decisivamente a trajetória e as estratégias de intervenção de Teresa de Mello Breyner tanto no campo intelectual como no campo do poder durante o período final da sua vida será o definitivo afastamento de D. Maria I da governação, e a morte do seu presuntivo herdeiro o príncipe D. José.

Estudaremos a seguir uma série de indícios que apontam para uma forte implicação política do grupo de Mello Breyner e dos académicos não já com D. Maria (relações estas que ficaram, achamos, devidamente demonstradas no capítulo anterior) mas também com o príncipe D. José e com a esposa deste, a infanta D. Maria Francisca Benedita, irmã da Rainha. As nossas fontes fundamentais de informação para este assunto têm sido o Marquês de Bombelles e William Beckford.

III.2.2.2. Relaçõs entre o Duque de Lafões e o Príncipe D. José

Fôrom já colocadas no capítulo anterior as dificuldades da Rainha D. Maria, por um lado, para conseguir que o seu reinado fosse reconhecido como legítimo por todos os sectores políticos portugueses, e, por outro, para impor a sua autoridade como governante perante determinados grupos na Corte. Todas estas dificuldades vam desembocar num processo pelo qual a Rainha é afastada do seu posto por alegada loucura. Paralelamente a este processo a que já nos temos referido, entendemos que é importante colocar um outro que levanta sérias suspeitas em relação com os 'partidos' formados arredor dos dous príncipes, D. José e D. João, dos apoios de cada um e das vinculações do Duque de Lafões e o seu grupo particularmente com o presuntivo herdeiro.

Em toda umha série de informações datadas no ano de 1787 mas que recolhemos neste capítulo pelas implicações que tenham na trajetória e nas intervenções de Mello Breyner depois de 1788, localizadas, para além de nas cartas da Condessa, no diário do Marquês de Bombelles e no diário e nas cartas de William Beckford (referidos ambos a estadias realizadas no ano 1787)³³⁹, encontramos alguns indícios que coincidem em colocar como conflitivo o assunto das relações entre Lafões e D. José. Existem, no entanto, sérias contradições entre um e outro, para cuja interpretação deveremos levar de conta as grandes diferenças existentes entre a posição que ocupam um e outro na sociedade portuguesa, chegando Bombelles a Lisboa investido de todas as honras do embaixador do Rei de França, enquanto Beckford, apesar da sua origem nobre, estava inicialmente em Lisboa de passagem para as suas posses em Jamaica, fugindo de um escândalo sexual na Inglaterra. Para além disto, sabemos através do diário de Bombelles que, à sua chegada a Portugal, se integrou com relativa facilidade no grupo dos Condes de Vimieiro, com quem conviveu temporalmente no balneário das Caldas, e cuja casa frequentou. Estas visitas eram recíprocas e os Vimieiro figuram habitualmente nas listas de convidados à casa de França que coloca o embaixador no seu diário. Da mesma maneira, Bombelles também se relacionou intensamente, ainda que também

³³⁹ Referimo-nos por um lado a *Italy; with sketches of Spain and Portugal* (1834), traduzido em Portugal (a parte relativa à estadia em Lisboa) como *A Corte de D. Maria I* (editado em 1901 e reeditado em 2003), que foi publicado por Beckford em forma de cartas recolhendo parte das experiências vividas nas suas várias estadias lisboetas, algumas das quais estão incluídas no *Diário de William Beckford em Portugal e Espanha*, referido ao período compreendido entre 25 de Maio e 27 de Novembro de 1787, no que di respeito à parte portuguesa, e que só foi publicado no século XX na sua edição inglesa por Boyd Alexander.

conflitivamente, com o Duque de Lafões, a quem recebeu e visitou habitualmente no Palácio do Grilo.

Beckford, por seu turno, teve alguns problemas para adaptar-se à convivência com a nobreza portuguesa, dentro da qual os seus relacionamentos se reduziram exclusivamente aos Duques de Marialva, que o acolheram e protegeram durante a sua estadia Lisboa, e, nos últimos tempos da sua viagem, ao Confessor da Rainha, embora, como veremos na continuação, este último ponto seja certamente discutível. Beckford, com sérios problemas sociais no seu próprio país, nunca conseguiu ultrapassar, apesar das negociações levadas a cabo pelos seus amigos e protectores, a proibição de Walpole, embaixador do Rei Jorge em Portugal, para ser apresentado oficialmente perante a Corte de D. Maria I, incómoda posição política e social que o levou a abandonar Lisboa apesar dos esforços dos Marialva por retê-lo na capital portuguesa. Para situar apropriadamente as diferenças de acolhida e de perspectiva de um e outro, oferecemos a seguir os apontamentos de cada um dos dois em relação com duas assembleias em casa dos Marqueses de Penalva celebradas em 2 de Junho de 1787 a narrada por Beckford e em 28 de Dezembro de 1786 a anotada por Bombelles:

Ouvíamos, ao mesmo tempo, rir e falar baixinho nos aposentos sombrios e misteriosos, que davam para a sala onde estávamos almoçando. Este sussurro faziam-no as senhoras da família, que dificilmente poderiam viver em mais asiática reclusão se fossem naturais de Constantinopla ou de Bagdad. Foi-me concedido, todavia, cumprimentá-las no seu próprio *harém*, o que, segundo me deram a entender, eu devia considerar como a mais lisongeira prova de distinção (Beckford, 2003: 67-68, itálicos no original).

Le marquis de Penalva désirait depuis longtemps de nous témoigner sa reconnaissance de l'intérêt que nous avons pris à lui dans sa dernière maladie; en conséquence, *il a rassemblé aujourd'hui sa nombreuse famille pour nous la faire entièrement connaître et en recevoir des honnêtetés*. Le vicomte de Ponte de Lima, beau-frère du marquis de Penalva, s'y est trouvé ainsi que les marquis de Lavradio, de Castelo Melhor e le comte de Vimieiro; *chacun de ceux-ci était accompagné de sa femme et de ses enfants*, ce qui faisait dans l'ensemble une société brillante. *Il y a eu un fort où les comtesses de Redondo, d'Avintes et la marquise de Valença ont très bien chanté de beaux airs italiens*. (...) [sic] La musique de Gluck, de Piccini, de Sacchini, et de Grétry *chantée par M^{me} de Bombelles* fait grand plaisir aux Portugais; leurs accompagnateurs sont excellents et je n'ai entendu nulle part la musique concertante mieux exécutée qu'à Lisbonne (Kann, 1979: 72)

Esta simples contraposição entre a visão do inglês de uma sociabilidade exclusivamente masculina, onde o facto de ver as mulheres de uma família –que nom saem dos seus próprios aposentos durante a jornada- deve ser considerado como uma

grande honra, contrasta fortemente com a do Marquês de Bombelles, que, nom só aqui, mas em muitos outros lugares do seu diário, aponta para reuniões em que homens e mulheres partilham o convívio, a música e até os balneários sem que isto seja considerado como umha excepção ou particularidade³⁴⁰. Com isto, que nom tem mais valor aqui do que o anedótico, queremos pôr de manifesto que as diferenças de valorização e de apreciação dos movimentos políticos em volta do príncipe D. José por parte das duas fontes principais que consultámos devem ser vistas também em função dos diferentes lugares que ocupam no espaço social português e da bem diferente rede em que Beckford e Bombelles se integram.

Ficou claro no capítulo anterior, ao falarmos da posição de João Carlos de Bragança no campo do poder (§III.1.3.5.1.), que, segundo William Beckford, a relação entre aquel e o príncipe D. José nom só era estreita, mas até considerava o inglês, reproduzindo os argumentos do Arcebispo de Tessalónica com que alegadamente tinha umha excelente relação, que era perniciosa por contribuir para formar no príncipe herdeiro umha ideologia que considerava contrária à igreja e excessivamente colada ao reformismo ilustrado do imperador D. José da Áustria.

Bombelles, no entanto, nom tem a mesma impressão de proximidade entre Lafões e o príncipe e transmite a impressão, reproduzida neste caso a partir das opiniões de João Carlos de Bragança, de que as relações entre ambos nos começos do ano 1787 (a anotação corresponde-se com o dia 23 de Janeiro) estão num momento péssimo (Kann, 1979: 87):

J'ai dîné chez le duc de Lafões. Lorsqu'on a la patience de le suivre dans les écarts de sa conversation, lorsque plus difficilement encore on le ramène à son sujet, il est parfois possible d'en tirer parti. Détesté du prince du Brésil, il ne l'aime pas plus qu'il n'en est aimé; el se croit mieux dans les papiers du Confesseur; il souffre impatiemment de n'être pas à la tête d'un département; il pense que le Confesseur est au moment de sortir de son irrésolution pour faire confier les affaires étrangères à M. de Pinto, ministre de Portugal en Angleterre, que ce même Confesseur, en se servant souvent de M. de Seabra, connaît l'excessive ambition de ce personnage et s'en méfie trop pour l'exposer à abuser du pouvoir qu'il lui aurait fait confier.

Ainda em Abril de 1788 (anotação do dia 19, Kann, 1979: 309) indica Bombelles comentando os convites feitos polo Duque de Lafões com ocasião da toma

³⁴⁰ Bombelles só se refere ao convívio entre homens e mulheres como algo infrequente quando assinala, num lugar já citado noutro lugar deste trabalho, o mal vistas que som as visitas femininas a homens solteiros, salientando o comportamento da Senhora de Ficalho e da sua filha a Condessa de Vimieiro ao serem recebidas no Grilo polo Duque de Lafões.

de posse por parte da sua esposa das honras que acompanhavam o título que lhe correspondia pelo seu matrimónio:

Ces billets ont paru fort ridicules en ce que le mari nommant sa femme la duchesse de Lafões s’y nomme le duc Jean de Bragance tandis qu’il n’y a que l’héritier du trône qui puisse se qualifier de duc de Bragance. On se bornera à hausser les épaules sans la cour à qui cette impertinence déplaît ait le courage d’en faire signifier sa déprobation au de Lafões; de son côté il fera tant de sottises qu’à la fin elle forceront la Reine dans ses derniers retranchements, surtout si le prince du Brésil qui ne peut pas sentir le duc, venait à prendre un peu plus d’influence et de crédit sur sa mère.

Em contraposição com isto temos o trecho já citado em que Beckford colocava em boca do príncipe palavras de grande admiração tanto por D. José da Áustria como por João Carlos de Bragança, às quais devemos acrescentar ainda o suposto testemunho do Confessor da Rainha, o Arcebispo de Tessalónica (Alexander, 1983: 168, anotado no dia 25 de Novembro de 1787; *italicos nossos*):

Uma coisa tenho eu por certa, é que se aproxima alguma terrível desgraça; e, a não ser que a misericórdia divina se manifeste prontamente, não vejo fim a esta confusão, e desejo-me para fora daqui, seja onde for. *Estes melífluos palradores afrancesados, italianados, voltaireanos, e enciclopedistas, têm envenenado todas as sãs doutrinas.* Ai de mim! –continuou ele, levantando-se, com uma expressão de cólera e de indignação que eu nunca vira no seu rosto. –*Os ouvidos de alguém, que eu podia nomear, estão envenenados...*

Para esclarecer a ambigüidade deste parágrafo, Beckford coloca umha nota de rodapé do maior interesse em que podemos ler:

O personagem a que se alude pagou caro o ter dado ouvidos a maus conselheiros e despertado as suspeitas da Igreja. Um ano, pouco mais ou menos, depois desta conversação, um ataque de bexigas –que não foi combatido tão habilmente como deveria ser- arrebatou-o, e reduziu a sua voluntariosa viúva a um simples zero na política da corte, que ela principiara a agitar com grande êxito. Podemos datar deste período a alteração do espírito da rainha D. Maria I. É de supor com muito maior probabilidade que o que ocasionou a sua fatal loucura foi antes a luta entre a ternura maternal e o que ela considerava dever político, do que todos os escrúpulos da confiscação dos bens dos Aveiros e dos Távoras, despertados pelo fanático, e interessado padre, sucessor do meu excelente amigo.

Deixando momentaneamente de parte a questom do plano para 'nom salvar' D. José da doença que finalmente acabou com a sua vida, e outras ideias aqui apontadas de que nos ocuparemos mais adiante, esta nota nom deixa lugar a nengumha dúvida em relação com a identidade de quem ouve os conselhos de “voltaireanos” e

“enciclopedistas”, nem quem som, à luz do já visto, esses mesmos indivíduos, sempre segundo o Confessor da Rainha.

O testemunho de Teresa de Mello Breyner, já visto também, é, por seu turno, algo menos extremado que os dous que acabamos de ver, dando a entender em vários lugares que a própria Princesa do Brasil, com quem ela tem umha relação de relativa proximidade, que, ao menos noutro tempo, lhe tinha assegurado («Lisboa 10 de Outubro de [1780]») «elle [o príncipe D. José] amava o Duque, e sera fortuna p.^a elle e p.^a nos se o amar de modo, q se familiarice com elle».

Nom temos elementos para desconfiar da fiabilidade do texto de Bombelles, mas o que parece evidente, segundo demonstra o seu editor britânico, é que o de Beckford nom pretende ser um relato exacto dos factos, e que há determinados acontecimentos relatados nas cartas que nom se correspondem com os anotados no diário para os mesmos dias, facto que se justificaria em função das circunstâncias pessoais que envolviam Beckford no momento de publicar a primeira edição de *Italy; with sketches of Spain and Portugal* (Alexander, 1983: 26-27):

Este livro [os *sketches*] é constituído por uma cuidadosa série de extractos do presente *Diário*, a que o autor deu a forma de cartas, depois de lhe retirar todas as referências pessoais e os temas e intriga condutores; também lhe introduziu novos materiais. Quando resolveu publicar a obra, Beckford encontrou-se numa situação difícil: ainda não tinha perdido por completo a esperança de ser readmitido na sociedade e de conseguir o pariato, de que estivera tão perto em 1784. Além disso era sogro de um duque, a cuja família era sinceramente devotado, a despeito de alguns momentos de explosivo mau humor. Era, portanto, essencial para ele suprimir todas as referências à sua odiosa posição no estrangeiro e à sua disputa com Walpole, e, talvez ainda, esconder a sua simpatia pela igreja católica romana.

Ao encontro destas intenções de restaurar a sua imagem em Inglaterra, venhem alguns episódios, como o que a nós nos interessa aqui, que só aparecem em *A corte de D. Maria I* (referenciada neste trecho como *Portugal*), e sobre cuja autenticidade deita alguma luz Alexander (1983: 27):

como fora votado ao ostracismo pelos governantes de Inglaterra, [Beckford] procurou mostrar no seu livro, que tinha sido muito bem recebido pelos de Portugal. É isto que explica o aparecimento da maior parte do novo material de *Portugal*, que não figura em qualquer antiga versão dos manuscritos, como, por exemplo: a sua comparência num ensaio para uma reunião do Conselho de Estado (carta 21); o seu jantar com o arcebispo-confessor (carta 33, que pode ser comparada com a de segunda-feira, 8 de Outubro), e a sua entrevista com o príncipe do Brasil (carta 31 de 19 de Outubro). A última não é de todo improvável, pois o certo é que o próprio *Diário* demonstra que o príncipe estava

ansioso por conhecer Beckford e que tomou o seu partido (23 de Junho e 17 de Outubro), e que Beckford tinha certa intimidade com o coronel Luís de Miranda Henriques, um dos íntimos do príncipe, e em *Portugal* diz que foi ele quem lhe proporcionou o encontro. No entanto, tendo em vista outros acrescentamentos feitos no mesmo livro acerca do arcebispo, e desde que a entrevista com o príncipe do Brasil não é mencionada no *Diário* este facto é duvidoso.

Entendemos, segundo o que se desprende das palavras de Boyd Alexander, que existem indícios suficientes para duvidar de que existisse a entrevista relatada nas cartas, mas parece provável que, embora talvez em termos excessivos, recolhesse a sensibilidade que existia em determinados sectores da Corte em relação com a proximidade de Lafões com o Príncipe. Inclina-mo-nos a pensar, portanto, que é provável que nos começos do reinado de D. Maria houvesse um intento –nom sabemos até que ponto sucedido- por acercar o Duque ao herdeiro com o objectivo fazer deste um futuro Rei similar ao seu homónimo austríaco, mas a pugna por dirigir a educação do príncipe, igual que outras que se produzirom no interior da Corte, deveu de ser dura e acabar por produzir um certo distanciamento mal assimilado por Lafões, que provavelmente aspirasse a converter-se ele próprio no homólogo português do Príncipe Kaunitz, ministro e mao direita de D. José de Áustria. Entendemos que os depoimentos de Beckford e de Bombelles, se bem é possível que nom sejam exactos em todos os seus termos, podem, no entanto, estar a reproduzir os interesses desses dous grupos enfrentados a que figemos referência, uns colocando em Lafões a causa de todos os males e de todas as inclinações que censuravam no príncipe, os outros lamentando a falta de entendimento deste com o Duque, em quem vem, como ficou bem claro através da correspondência de Teresa de Mello Breyner, as soluções a todos os problemas de Portugal e a única via para equiparar-se com outras cortes europeias.

Voltando agora à alusom do inglês a umha possível negligência (mal) intencionada no tratamento da varíola que acabou com a vida do Príncipe D. José, sem atrevermo-nos a subscrever essa insinuação por falta de provas documentais que a verifiquem, pensamos que encerra umha interessante proposta a que encontramos umha maior coerência e maiores possibilidades de ser demonstrada: a existência de dous grupos em volta, respectivamente, dos Príncipes D. João e D. José, originados em boa medida pola falta de consolidação do governo de sua mãe.

Independentemente das relações de Lafões com D. José, hai na correspondência da Condessa de Vimieiro no período anterior umha referência ao desejo de que o príncipe D. José intervenha no governo em colaboração com D. Maria: «O Principe,

que devia ha m.^{tos} annos ajudar sua May no trabalho de Reynar foi chamado no dia 21 p.^a hir ao despacho» («Lisboa 28 de Ag.^{to} de 1787»). Isto, unido à ambigüidade assinalada no capítulo anterior entre as esperanças de lograr a vitória no campo do poder que se constata enquanto D. José está ainda vivo, que se converte em absoluta decepção e no abandono que qualquer expectativa depois da sua morte, dá algum indício do apoio que Mello Breyner e os elementos da sua rede podiam estar prestando ao príncipe, investindo os seus esforços nel com o objectivo de levar a cabo os planos que nom tinha sido possível desenvolver durante o reinado da sua mai («Alcoentre em 24 de Jan.^o de 1789», *itálicos nossos*):

Se os meus dias, querida Oeyenhaussen, fossem passados a par de ti, seriaõ certam.^{te} dignos de me fazer abençoar o prim.^o: a amizade acharia sempre novas flores p.^a coraolos, e o repartir as penas não seria o menor dos bens da nossa socied.^e pois q.^e a sorte não tem sido p.^a nós escaça destes fructos. *Mas otras foraõ as Leys, que á Providencia prescreveo p.^a a minha carr.^a*, e por fortuna, ao dictala, me deu huma alma capaz de achar a grandeza na mediocrid.^e, e de ver / sem sossobrar-me/ *em mãos alheas por uma mal entendida opiniaõ, o paõ que nos pertence e nas nossas seria aproveitado em [...] famintos Povos, que nos rodeaõ*. O tempo não pára. Elle levame este anno todas as esperanças lizongr.^{as}, e he bem triste a situação de huma pessoa, que sem fraqueza, busca na representaçõ do seu termo a fonte das suas consolaçoens³⁴¹.

A Condessa fala neste trecho em termos evidentemente políticos, quando alude à já assumida impossibilidade de recuperar o dinheiro da Casa de Vimieiro que permanecia em maos da coroa e que durante anos tinha tentado conseguir infrutuosamente. Para esclarecer o dito aqui, que pode ser susceptível de alguma ambigüidade, lemos em carta mui posterior dirigida a Manuel do Cenáculo: «dezejei desde logo procurar que a sua intercessaõ valesse a sua Mãe e nos alcançasse com a saude da soberana, todas as mais bençoõs de Pax, e Religiaõ, que nos são taõ necessarias neste calamitoso tempo» («Lisboa 13 de março de 1798»).

Nom deveria ser estranha à preferência por D. José como herdeiro ao trono a estreita relação que a Condessa mantinha com a Princesa do Brasil, irmã da Rainha. Som várias as cartas, já citadas no capítulo anterior, em que Mello Breyner fai referência a esta amizade, que procederia dos mesmos tempos em que, segundo Bombelles, teria estado também mui próxima de D. Maria. Se regressarmos à nota de rodapé de Beckford, antes citada, veremos que ali se coloca precisamente o facto de a morte de D. José tirar todo o poder que aparentemente detentava a D. Maria Francisca Benedita, à

³⁴¹ As reticências entre parênteses verticais indicam neste lugar uma lacuna no texto.

qual deveríamos considerar, portanto, umha peça importante dentro das lutas de poder dentro Corte portuguesa dos finais de Setecentos. Os possíveis benefícios que Mello Breyner e o seu grupo poderiam tirar deste relacionamento, ficavam totalmente desactivados no momento em que a infanta perdia as capacidades de actuação que lhe conferia ser a presuntiva futura Rainha de Portugal, pois para além de perder junto com o seu marido a possibilidade de subir ao trono, nom se deve esquecer que os príncipes do Brasil nom tinham conseguido engendrar um filho que lhe permitisse a D. Maria Francisca conservar um papel de relevo na Corte em função de Rainha-Mai.

Para reforçar ainda a existência de grupos enfrentados dentro da Corte, recolhemos o testemunho de José Norton (2004: 123)³⁴² que afirma, sem mencionar as fontes desta informação, ter-se devido a saída do governo do Ministro dos Negócios do Reino José Seabra da Silva à queda «em desgraça junto de D. João, por se opor à assunção da dita regência pelo príncipe, entendendo que se devia ouvir as cortes». Lembramos aqui, que, tal e como indicámos no capítulo anterior, Seabra da Silva tinha sido enviado por Pombal ao degredo em Angola, sendo 'resgatado' por D. Maria para o lugar de Secretário de Estado em 1778.

Em relação com isto, o viajante estrangeiro Carl Israel Ruders (Chaves, 2002: 72) afirma:

Em virtude da doença da sua majestade fidelíssima, era o ministério, conjuntamente com o príncipe do Brasil, quem governava em nome da rainha; mas no dia 19 de Julho do ano corrente [1799], aprouve ao príncipe declarar-se regente de Portugal e seus domínios. O ministro dos Negócios do Reino, José de Seabra e Silva, um discípulo de Pombal, foi, por essa ocasião, demitido, com ordem de se conservar a 12 milhas distante da capital.

No tempo do rei D. José era ele secretário, sob o governo de Pombal, mas perdeu a confiança do marquês por ter revelado um negócio importante, e foi degredado para uma das ilhas que Portugal possui na costa sudoeste de África [...] Depois da queda de Pombal, regressou ao reino e foi nomeado ministro. [...]. Segundo se afirma, houve muita corrupção e venalidade nos negócios do seu ministério. Foi, porém, outra a verdadeira causa da sua demissão, que eu omito aqui.

Com isto, portanto, colocamo-nos, depois de 1788, perante um cenário em que se vam destramando algumas das complexas relações e das lutas mais ou menos abertas ou soterradas que tinham lugar na Corte no período anterior. Para além disto,

³⁴²Embora se trate de um texto recente, falamos em testemunho porque nom podemos considerá-lo um trabalho de investigação. Norton, sem citar as fontes com precisão, elabora umha série de reflexões sobre o papel de Pina Manique nos campos intelectual e do poder em Portugal no final do século, incluindo algumas informações que nos parecem de interesse, mas que tratamos com as devidas cautelas.

Beckford enfrenta-nos com a possibilidade de considerar a infanta Maria Francisca Benedita como umha figura política importante a que nom se tem prestado a suficiente atençom por parte da historiografia portuguesa, tal e como vimos que sucedia com a sua mai a Rainha Mariana Vitória de Bourbon.

Polo que interessa para os objectivos deste trabalho, devemos levar de conta que, a partir, sobretudo, da década de noventa estas mudanças na cena política vam acarretar umha alteraçom mui significativa na possibilidades reais de intervençom nos diferentes campos tanto da Condessa de Vimieiro como do seu grupo, pois o papel de D. Maria é cada vez menor até chegar à definitiva cedência do poder em Fevereiro de 1792 e também desaparecer da Corte (ou ao menos como figura política relevante) a sua irmã a infanta, que, polo que temos podido comprovar na correspondência da Condessa, era umha das suas grandes valedoras.

Estando as cousas deste modo, o papel do Duque de Lafões na Corte é cada vez mais difuso, sem chegar a conseguir nunca o posto de privilégio ao qual aspirava e que resultava necessário para fazer triunfar nom apenas as pessoas mas também os materiais repertoriais defendidos e promovidos polo seu grupo e pola Academia. Paralelamente, já em 1787 o Conde de Vimieiro é novamente destinado como governador fora de Lisboa (neste caso ao forte de Santo António da Barra, em São João de Estoril), circunstância esta que nom se produzia desde 1779, data em que tinha finalizado o seu labor na praça militar de Estremoz, e que, do nosso ponto de vista, vem verificar um novo afastamento dos Condes e do seu grupo dos centros de poder. Se bem talvez neste caso nom podamos falar de umha queda em desgraça, pois nom dispomos de documentaçom nem de informaçom suficientes para confirmar este extremo, podemos afirmar, no entanto que a mudança política já desde antes da morte do príncipe do Brasil começa a colocá-los fora do núcleo da Corte, situaçom esta que piora consideravelmente no momento em que este morre e, posteriormente, quando a Rainha é afastada do seu posto.

Para sustentar com algo mais de força esta hipótese, veremos agora alguns dos nomes que conformam os grupo vencedor associado à ascensom ao trono do príncipe D. João.

III.2.2.3. A regência joanina e os novo grupos triunfantes –As grandes famílias de comerciantes como suporte de D. João: a fundação do Teatro da Ópera de São Carlos

O dito nas páginas anteriores leva-nos a supor a existência de um grupo concreto que apoiaria política e intelectualmente o Príncipe D. João diferente do que ocupava os lugares de privilégio com a sua mãe a Rainha D. Maria e diferente ainda do grupo que rodearia o Príncipe D. José. Através de um facto concreto como a construção e inauguração em 1793 do Teatro da Ópera de São Carlos em Lisboa, poderemos observar a configuração arredor do regente de uma nova camada dirigente, que não é, em absoluto, recém-chegada à política portuguesa e que até conseguirá, em última instância, manter as suas posições dominantes em períodos posteriores.

Em 1792, coincidindo com a assunção da regência por parte de D. João, começa uma série de movimentos que visam a criação de um novo teatro da ópera em Portugal, que se inaugurará finalmente em Lisboa em Junho de 1793 sob o nome de Teatro de São Carlos. Esta obra foi promovida e financiada por uma série de comerciantes que constituíam uma nova classe média emergente, que reclamava um lugar de sociabilidade diferente tanto da Corte como das assembleias (auspiciadas quase sempre por damas nobres) que se convertesse num espaço em que poderiam ser aceites pela primeira nobreza que, em boa medida, se negava a recebê-los nas suas casas. Ao encontro desta ideia vem Mário Vieira de Carvalho (1993: 45-46, *itálicos nossos*), que se ocupou deste assunto no seu livro *Pensar é morrer ou o teatro de São Carlos na mudança de sistemas sociocomunicativos desde fins do séc. XVIII aos nossos dias*, e onde põe em destaque precisamente os benefícios sociais (convertíveis em benefícios económicos) que os comerciantes da capital podiam tirar da presença de um teatro na cidade, reclamado já desde os tempos de Pombal:

o monopólio teatral da sociedade por acções [a Sociedade para a subsistência dos Theatros Publicos da Corte] não era considerado em si mesmo um negócio lucrativo, mas antes meio de assegurar a actividade dos teatros públicos em Lisboa, os quais após o terramoto só irregularmente se mantinham em funcionamento [...]. *O teatro era, pois, um investimento na sociabilidade. Esta é que devia ser lucrativa.*

Contodo, a necessidade de um teatro da ópera em Portugal tinha sido também apontada por elementos da primeira nobreza ilustrada –com intenções bem diferentes– como a própria Condessa de Vimieiro, que numha carta datada entre 1782 e 1783 («Ahinda jazemos em poder da Ipedemya») escrevia para Leonor de Almeida nestes termos:

As novas do Theatro Nacional, que o Emperador vai estabelecer me deraõ m^{to} gosto, e m^{to} mais ainda por elle ser conforme ao plano que tanto tempo antes tinha ouvido ao nosso Duque. Eu não sou Theologo, e cada hum diz da festa, como lhe vai nella. Como nunca me fez mal hir ao Theatro, e me tem feito m^{to} bem ler os comicos, *tomara, que taõ bem entre nós ouvesse um Theatro bem regulado, onde a Raynha sempre que quizesse achasse a mocid^e aos olhos de todo um Povo. Os costumes e a polidez tem perd^o alguma coiza com as partidas particulares, onde cada hum via á surdina.*

Esta reclamação apontava também, como no caso da burguesia, para a necessidade de um lugar de sociabilidade, mas neste caso o que pretendia a Condessa era um espaço onde a primeira nobreza pudesse relacionar-se com a Rainha e a Família Real, e exhibir-se, fazendo ostentação daqueles elementos que serviam de distinção a respeito doutras classes sociais.

É evidente que o novo teatro de S. Carlos supunha a demonstração pública da aceitação na sociedade de Corte de umha nova camada social, e José Augusto França quiço ver nesta obra a réplica burguesa e ilustrada à construção por parte de D. Maria da Basílica da Estrela, considerada por este investigador como umha espécie de monumento à reacção política (França, 1984: 22, *itálicos nossos*):

para a aferição dos valores desta sociedade devem usar-se as listas sucessivas dos principais accionistas das grandes companhias pombalinas desde 1753 (a do Comércio da Ásia) e, para mais significativo destaque o elenco dos provedores da Junta do Comércio, fundada em 1755. Depois, na época mariana, importava ver quais os capitalistas que edificaram o S. Carlos em 1792, oferecendo assim à cidade o teatro que lhe faltava e respondia, até (ou necessariamente) pelo estilo racional neoclássico, ao gosto ainda barroco da contemporânea basílica da Estrela, obra piedosa da Corte. *São eles os potentados pombalinos que fizeram a passagem -os Sobrais, os Quintelas, os Machados, os Caldas, os Bandeiras e já o Ferreira-Sola. E será preciso sobrepor essa lista, para boa verificação, à dos accionistas previstos para o primeiro banco português, cinco anos depois. São os mesmos (com duas excepções, por razões a saber)- e entre eles se encontram os sucessivos provedores da Junta do Comércio do consulado pombalino [...]. Todos eles foram barões, viscondes e mesmo condes.*

Sem subscrevermos, como foi já dito em vários lugares ao longo destas páginas, a ideia subjacente a este trecho de que o reinado mariano supujo um retrocesso na

promoção em Portugal das ideias ilustradas³⁴³, entendemos que este trecho é suficientemente esclarecedor dos aspectos fundamentais que condicionam as lutas políticas na Corte portuguesa do final do século XVIII, e uma das linhas principais do que, em nossa opinião, deveria constituir o estudo historiográfico dos séculos XVIII e XIX em Portugal: as ligações entre o governo pombalino e a regência joanina. Coloca França sobre a mesa a questão fundamental dos grupos que sustentam cada governo, apontando para a hipótese de que os antigos apoios de Pombal tivessem conseguido, por meio do seu neto D. João, não só afiançar-se no poder durante o período absolutista, mas colocar-se ainda numa posição ótima para enfrentar-se à mudança que suporá o triunfo liberal no século seguinte, e todo isto sancionado pela coroa, que concede títulos aos comerciantes que são assim legitimados pela máxima instituição política e social, e convertidos, ao menos formalmente, em pares da nobreza bragançina. Neste sentido, chamamos a atenção para a estratégia da burguesia, que só parcialmente aponta para a dissolução dos privilégios da nobreza, ou, dito doutro modo, que não ataca estes privilégios em si, mas a falta de permeabilidade de um grupo, que não lhes permite ascender até o topo da escala social.

³⁴³ Noutro lugar, o mesmo autor (França, 1978: 66) afirma ainda que a Basílica se constituía em um «programa áulico imediatamente posto em execução à sua queda [do Marquês de Pombal] e que pode ser visto como um *coroamento da campanha das igrejas da capital*, dando-lhe um sentido absurdo e como que fatal. Obra de arquitectos de segunda geração pombalina, Mateus Vicente e Reinaldo Manuel, ela *assume os seus próprios valores casando-os com outros, igualmente barrocos, desejados pela reacção de D. Maria I*, construtora da igreja em obediência a um voto doméstico, como outrora seu avô D. João V fizera Mafra.

Ainda em outro texto posterior, França (1987: 147) insiste na posta em destaque de valores supostamente retrógrados desta obra em confronto com os princípios ilustrados da arquitectura e da engenharia civil pombalinas: «então, abandonadas as obras da Praça do Comércio, como nota Costigan, "empregaram-se os pedreiros na edificação dispendiosa de um novo convento de grande extensão" -o Convento-Basílica da Estrela, grande preocupação da nova Rainha. Nela, já se afirmou (ou dizia-se na altura) que a "Viradeira" empregara dinheiros que o marquês reservava para a construção duma ponte monumental sobre o Tejo, entre Lisboa e Almada...».

No entanto, noutro lugar da mesma obra (França, 1987: 192-194) insere a Basílica na linha da reconstrução da capital que tinha começado José Sebastião Carvalho e Mello: «A basílica coroa, de certa maneira, o esforço da construção pombalina aplicada às igrejas da capital [...]. A edificação da igreja deve-se à princesa real, que tinha prometido mandá-la levantar, em 1760, se desse à luz um filho, e seu pai, D. José I, não poderia deixar de a aprovar, ele que só tinha tido filhas; tratava-se portanto de um negócio de Corte no qual Pombal não tinha papel a desempenhar. Além disso, foi o arquitecto da Casa do Infantado, isto é, de D. Pedro, príncipe consorte, quem recebeu o encargo de traçar os planos. No entanto, mesmo que a igreja não tivesse sido construída senão depois da queda de Pombal, mesmo que o ministro todo-poderoso não tivesse feito iniciar as obras, ele interessou-se provavelmente por este projecto que completava a sua obra de construtor e que, saído embora de uma tradição real (Mafra fora também o resultado de um voto semelhante de D. João V), não deixava de algo dever ao dinamismo da sua administração.

A Basílica da Estrela deve ser, por via de oposição, considerada como uma construção pombalina -não sem se deixar de ver nela uma reacção contra a simplicidade do estilo que a definiu. Ela é quase uma miniatura da Igreja de Mafra, com um espaço interior mais vivo, sob uma cúpula digna de admiração. Mas este paradoxo da ressurreição de um monumento vindo dum outro mundo, depois de tantas transformações, prova que havia um gosto que se desenvolvia paralelamente ao de Pombal e dos seus colaboradores -um gosto aristocrático, oposto a um gosto burguês».

Da visom de José Augusto França, para além do já visto, interessa-nos a ideia, repetida em vários lugares, do Teatro da Ópera como umha ruptura com a estética mariana e, portanto, como um enfrentamento contra o que se considera já um período político deixado atrás (França, 1978: 66):

Mas, ao mesmo tempo [que se inaugura a Basílica da Estrela], a burguesia pombalina afeita à nova situação política e dela tirando lucro, fornecia à capital um teatro de ópera, novo templo laico que foi outro coroamento da obra do "terrível marquês". O estilo deste monumento, em contradição com o da basílica, é, porém, neo-clássico típico, obra de um arquitecto novo, já alheio ao programa pombalino primário, e que se formara em Itália.

Ou ainda (França, 1987:199-200):

em 1792, quase no momento da consagração da Basílica da Estrela, colocava-se a primeira pedra de uma nova ópera em Lisboa. Este edifício, cujos planos foram traçados por Costa e Silva, arquitecto de formação bolonhesa, nada tem que ver com o barroco da primeira metade do século XVIII; o teatro lisboeta de S. Carlos, criação de um grupo de capitalistas nascidos sob Pombal (os Quintelas, os Cruz Sobrais, os Caldas), erguido no tempo incrível de seis meses, é um edifício exterior tipicamente neoclássico. E é ele que, finalmente, dá uma continuação lógica às obras pombalinas. Obra da burguesia e não da corte, pois a música tinha ganho entretanto uma nova camada social, este edifício sóbrio, de grande pórtico, está tão afastado da Ópera do Tejo, de Bibiena, como da Basílica da Estrela -e, com este último, ambos representam, simbolicamente, a dupla projecção da arquitectura formulada sob o consulado pombalino.

Duas questons som fundamentais para interpretar a coincidência temporal destas duas obras e compreender a que grupos está vinculada cada umha delas:

a) a Estrela era um projecto pessoal de D. Maria que procedia já dos tempos de governo de seu pai e, como bem afirma França, podia ser interpretado como um signo de ostentação por parte da primeira nobreza que se resistia a perder o poder, enquanto o teatro de S. Carlos, no seu próprio desenho, condizia mais com a funcionalidade própria das classes médias emergentes.

b) a Estrela é umha obra planeada e executada por parte da Corte e paga com os dinheiros da coroa, enquanto a construção do teatro foi sufragada por um grupo de particulares.

Mas quem é o promotor desta ideia de construir um palácio da Ópera, que já tinha sido reivindicado, por exemplo, pola Condessa de Vimieiro, e por que se constroi e inaugura coincidindo precisamente com o começo da regência de D. João? O musicólogo David Cranmer (1996), que estudou a produção e encenação de ópera em

Portugal na viragem do século na sua tese de doutoramento *Opera in Portugal 1793-1828: a study in repertoire and its spread*, indica que foi Pina Manique o encarregado de promover tanto a construção do teatro como a angariação dos fundos necessários sob pretexto de comemorar a gravidez da Princesa Carlota Joaquina, anunciada em 14 de Outubro de 1792 (Cranmer, 1996: 15, *italicos nossos*):

there were many suggestions as to how the forthcoming joyous event should be celebrated. Among these was one from the Intendent General of Police, Diogo Inácio de Pina Manique, that a theatre be built. It is unclear whether the idea in itself was his but it was primarily as a result of his initiative that the Teatro de S. Carlos came to be built [...]. Pina Manique had for a long time left he need to improve the facilities for theatre in Lisbon. He was very aware of the lack of a good theatre by comparison with other European capitals. Already in 1780s he had encouraged the use of the Rua dos Condes Theatre, not because it was good but because it was the less bad of the city's two rather mediocre theatres. A recent fire at the theatre in Saragossa, in which over six hundred people had died, made Pina Manique acutely aware of the danger of the existing theatres in Lisboa. All these factors made the building of a suitable theatre, particularly for the performance of opera, highly desirable.

O intendente geral da polícia acudiu imediatamente a quem podia disponibilizar de maneira imediata o dinheiro efectivo necessário para umha obra destas características, e dadas as dificuldades que tinham as famílias de comerciantes mais sucedidas para conseguir reconhecimento e aceitação na sociedade, Pina Manique conseguiu rapidamente o capital necessário:

Pina Manique had no difficulty in financing the project. Early in 1792 he had granted exclusive rights to deal in tobacco to a group of Lisbon capitalists headed by Joaquim Pedro Quintela and Anselmo José da Cruz Sobral. *At a time when the bourgeoisie was looking for ways to affirm its ever-increasing power, he found immediate support* not only from Quintela and Cruz Sobral, but also from their colleagues Jacinto Fernandes Bandeira, António Francisco machado, João Pereira Caldas, João Rodrigues Caldas, and António José Ferreira Sola.

A repararmos com atenção nos motivos que justificavam a construção deste teatro, veremos que se trata nada menos que da consagração da rama familiar de D. João como a legítima herdeira do trono português, nom apenas por ter morrido poucos anos antes o seu irmão e primogénito, mas por ter conseguido a sucessom necessária que D. José e D. Maria Francisca Benedita nom tinha conseguido gerar. Assim, esta celebração, do nosso ponto de vista, nom se limitava a comemorar o facto da pura sucessom dinástica (logicamente celebrado por este tipo de regimes em todas as circunstâncias), mas era também a exaltação da confirmação de que a escolha do

futuro D. João VI como Rei já não tinha volta atrás possível, ao que devemos acrescentar que esta obra era posta a andar precisamente em 1792, ano em que «decidiu substituir a progenitora, ainda que sem título de “Regente” e assinando os documentos oficiais em nome da rainha», situação confirmada por Decreto de 10 de Fevereiro de 1792 (Serrão, 1982: 314-315)

Em qualquer caso, o teatro foi inaugurado nos meados de 1793, quando a Rainha já tinha sido definitivamente afastada do governo, situação que se prolongaria até a sua morte no Brasil em 1816, e uma nova elite podia ser promovida sem obstáculos. Assim é referida por Cranmer (1996: 17) a inauguração de S. Carlos:

It was Sunday 30 June 1793. The impresarios had displayed bills announcing the opening of the new Real Teatro de São Carlos with an evening's entertainment that included Cimarosa's popular '*burlata*' (i.e. two-act *dramma giocoso*, *opera buffa* or comic opera) *La ballerina amante*.

Desde logo, e se levarmos de conta a descrição que oferece Cranmer (1996: 17) do novo teatro, veremos que este era bem diferente da suntuosidade que tinha caracterizado o Teatro da Ópera do Tejo na sua curta vida:

The stalls were laid out on a slight incline, descending from back to front, divided into four by means of three parallel gangways, and had a seating capacity of 800. They consisted of rows of benches with banks, one section of which, the *plateia dos nobres* (noblemen's stalls), was upholstered. No women were allowed in the stalls. The 122 boxes were divided into five levels, twenty-four on each except the last with twenty-six [...]. In the midst of the boxes, rising above the entrance at the back of the stalls was the Royal Box.

Afirmado Cranmer, ainda, noutro lugar, (1996: 20) que «the audience probably consisted chiefly of members of the merchant classes, including the capitalists who funded the building of the theatre, rather than the nobility. Joaquim Pedro Quintela is almost certain to have been present in his specially large box». Repare-se em que no trecho citado acima se indicava que os nobres não estavam instalados em camarotes, mas na plateia, e a única diferença de rango que se estabelecia entre os seus lugares e os comuns era que a “plateia dos nobres” estava estofada. Bem ao contrário, os sócios capitalistas, como Quintela, possuíam o seu próprio camarote.

Evidentemente, este teatro tinha já muito pouco que ver com o próprio conceito de teatro real que tinha condicionado para construção do teatro da ópera de 1755, a maior glória de D. José I. Agora o que se homenageava não era um Rei, mas a classe social que sustentava esse Rei e que iria protagonizar a mudança de sistema do absolutismo

monárquico para o liberalismo. Por isso mesmo, já não era a família real quem decidia quem assistia ao teatro ou quem condicionava a programação dos espectáculos (Cranmer, 1996: 22):

Although the T. de São Carlos was a public theatre at which royalty had a permanent invitation and place (the royal box), not a court theatre to which the monarch invited whoever he or she chose, royal birthdays and name-days were regularly celebrated, usually with a lavish new production and/or a specially composed ode (*elogio*) or cantata.

Falta-nos por saber que repertório punha em cena este teatro, para o qual continuaremos seguindo o trabalho de David Cranmer, autor que com maior atenção se tem dedicado ao estudo da ópera em Portugal durante este período³⁴⁴. Segundo o investigador britânico (Cranmer, 1996: 20), «following the tradition at the T. da Rua dos Condes, all the operas performed at the new theatre were comic works and all those that originally had three acts [...], given in two-act version», acrescentando ainda que «The most popular composers were Cimarosa, Paisiello and P.A. Guglielmi, in that order, but with significant contributions from Sarti, Martín i Soler, Anfossi, Gazzaniga, Salieri and P.C. Guglielmi» (p. 23). Em linhas gerais, podemos observar que:

a) o repertório dominante era a comédia, frente à reivindicação da tragédia como forma prioritária de intervenção no sistema defendida por sectores da nobreza ilustrada como o grupo de Teresa de Mello Breyner, e promovida por uma instituição como a Academia das Ciências de Lisboa,

b) continua o domínio italiano nos palcos portugueses, mas com uma importante diferença,

c) o desaparecimento de Metastasio, autor identificado em toda a Europa com o absolutismo e com o elitismo aristocrata, que perde agora o protagonismo de que tinha desfrutado em toda a segunda metade do século em Portugal.

Apesar de contar com o apoio dos grandes comerciantes portugueses do momento, o teatro não teve um grande sucesso, e os problemas económicos começaram antes do final do século. Os empresários que dirigiam o teatro, Francesco Antonio Lodi e André Lenzi³⁴⁵, decidiram em 1798 começar a pôr no palco óperas sérias, com o

³⁴⁴ Embora Mário Vieira de Carvalho também se ocupe da fundação do Teatro de S. Carlos no trabalho citado, faz-no com menos pormenor que Cranmer, pois o primeiro pretende ser um estudo histórico desta instituição, prestando maior atenção ao seu papel durante o século XIX.

³⁴⁵ «Lodi was already an experienced impresario, having managed the Rua dos Condes at least during the 1791/92 season, while Lenzi was a horn-player in the Court Orchestra. The musical director was to be António Leal Moreira, composer and court chapel master, who had been *maestro* at the Rua dos Condes since 1790» (Cranmer, 1996: 15-17)

incremento de gastos que isto supunha, ao exigir um maior investimento tanto nos decorados como nos trajes (Cranmer, 1996: 26):

To begin with [after Easter 1798], the management had decided to put on performances of *opera seria* for the first time. The importance of this decision cannot be overstated. No *opera seria* had been performed in Portugal since December 1791 (Robuschi's *Attalo re di Bitinia*, at the Ajuda theatre) and none in a public theatre since the collapse of the *Sociedade dos Teatros Públicos* in 1774. Without a royal subsidy and no longer receiving financial support from Pina Manique, it was a ruinously expensive undertaking. It seems likely, therefore, that the decision had considerable backing from the theatre's original backers, wishing to emulate both the court of earlier times and comparable theatres in other European capitals.

Como consequência desta decisão e, em geral, dos problemas económicos que o Teatro vinha arrastando desde a sua fundação (Cranmer, 1996: 27-28)

In October the impresarios, already feeling the massive financial burden of staging *opera seria*, put an announcement in the *Gazeta de Lisboa* advising the public of their intention to give up the management at the end of the season (Carnival 1799) and inviting offers to take over their assets and liabilities [...] [27]. Apparently no-one was forthcoming, and the end of the season saw not only the departure of the impresarios Lenzi and Lodi but also *maestro* Leal Moreira and the singer Lazzerini [...]. The repertoire continued to alternate between *opera seria* and *buffa*, and an announcement appeared in the *Gazeta* of 9 July that for the rest of Summer *opera seria* would be performed on Sundays with *opera buffa* on Wednesdays. Among the coposers represented in 1799 for the first time at the T. São Carlos was the Portuguese composer Marcos António Portugal [...], three of whose comic works were performed that year.

Finalmente, e para concluir este repasso por alguns factos relativos ao Teatro de São Carlos que achamos de importância para indicar as tomadas de posição da Corte e dos novos grupos que sustentavam o regente neste novo período, queremos assinalar uma pequena referência que Cranmer (1996: 32) faz de passagem a uma das pessoas relacionadas com a casa de Alorna: «with Caporalini's contract now at an end, he departed for Italy at the end of Carnival 1800. The management was assumed by Giuseppe Durelli, *on behalf of the Count of Ribeira Grande*, and Francesco Federrici was made officially *maestro*». O enfrentamento da Condessa de Vimieiro com o Conde da Ribeira Grande, quem tinha impedido o matrimónio de um dos irmãos Mello Breyner com Maria de Almeida, chegou a dificultar o relacionamento entre ambas as Condessas. Por cima deste desentendimento mais ou menos conjuntural, interessa-nos lembrar aqui as palavras que Mello Breyner lhe tinha dedicado ao Conde da Ribeira em comunicação com a futura esposa deste quando ainda tinha esperanças de evitar esta

aliança e realizar a que ela tinha prevista, porque, do nosso ponto de vista define com eficácia quem podiam ser os membros da nobreza que se embarcassem junto com os empresários já referidos num projecto das características do da fundação de um teatro de ópera quase quatro décadas depois do desaparecimento do grande teatro do Tejo («1º d'Ag.º [de 1777]»):

A nossa [família], que por tantas vezes se gloria de ter os Avós comuns contigo, não funda o seo merecim.¹⁰ nas riquezas; o servisso da patria pelo espaço de sento e vinte sete anos lhe tem consumido fundos q os Reys ou não querem, ou poderaõ até agora pagar, porem *mil acçoens gloriozas, praticadas á face da maior ingratitude, estão oje clamando a recompensa e /podes crerme/ só por amor de ti, se insta por um titulo, de q nós sempre zombamos*; quando não olhávamos p.^a um objecto taõ digno de se lhe sacrificar tudo, ou fossem caprichos, ou anthoziasmos [sic], ou sentim.^{10s} da antiguid.^e Portuguesa [...]. *O C. da Ribeira he um omem taõ illustre como nós sabemos. a felicit.^e dos seos cazam.^{10s} tem feito a sua familia, ou a sua arvore mais pompoza q otros troncos de antiguid.^e m.¹⁰ mais respeitavel. A industria, e a fortuna a tem feito crescer em riquezas, e se aquelles senhores soubessem avaliar o teo merecim.¹⁰, claro está que sahiraõ da ordem comum e meteraõ nas tuas maõs os seos tezoiros, para os verem frutificar virtuoizam.¹⁰ Estas ventagens não te podemos nos offerecer; opomoslhes otras que são um familia de caracter particular, estabelecido por modo de sistema, que he de preferir a onra, e a virtude a todo o enterece.*

As palavras de Mello Breyner colocam, nom apenas a oposiçom existente entre quem apoia o estabelecimento deste teatro e determinados elementos da primeira nobreza, mas exemplifica também os argumentos utilizados na luta entre dous grupos, o da nobreza que apoiava D. Maria e o das classes médias emergentes ou da nobreza sem grandes linhagens que vai conformar os apoios de D. João.

José Augusto França (1984), que se ocupou deste assunto no seu artigo: «Burguesia pombalina, nobreza mariana, fidalguia liberal», assinala precisamente a necessidade de estudar com atençom para este período os grupos que estão por trás de cada grande evento social, deitando alguma luz sobre os nossos objectivos de esclarecer os grupos concretos que apoiavam D. João.

Se atendermos a estas informaçons dispersas, e a falta de um maior levantamento documental que permita tirar conclusons definitivas, entendemos que deve ser contemplada a hipótese de que a luta polo controlo de D. Maria I que, a nosso ver, se produz nos aproximadamente quinze anos que dura o seu governo efectivo, se reproduz sobre os seus filhos D. José e D. João. Remontando-nos de novo ao período pombalino, sem o qual nom poderíamos entender o que sucede na década de noventa, o ministro de

D. José recorre para o sustento económico, político, ideológico e cultural do seu governo a um grupo social em ascenso que nom só dispunha de dinheiro efectivo para contribuir para a coroa, mas que tinha aspiraçons mais limitadas que a primeira nobreza, porque a sua situaçom social subalterna nom lhe permitia grandes exigências ao Rei. Carentes de linhagens exemplares ou de antepassados com importantes feitos, as classes economicamente emergentes estavam dispostas a apoiar qualquer iniciativa que lhes promettesse qualquer progresso social, que invocavam nom em funçom de supostos méritos familiares ou “de casa”, mas em funçom de merecimentos individuais e da posse de capital económico. E neste sentido, Pombal sabia ser generoso com os seus aliados (França, 1984: 23, *itálicos nossos*):

Uma nova classe assim se formava a que a contribuição para as grandes Companhias dava oficialmente foro de nobreza, garantindo também pela lei de 29 de Novembro de 1775, ao fim do governo pombalino, que permitia aos negociantes de grosso trato a vinculação nobilitante de propriedade em regime de morgadio.

As grandes famílias da primeira nobreza, exigiam o que entendiam que era seu em funçom de direitos adquiridos através de geraçons, motivo polo qual uns aliados uns aliados excessivamente exigentes para Pombal.

No momento em que D. Maria ocupa o poder, a primeira nobreza que tinha sido preterida no reinado anterior vê a sua oportunidade de regressar aos postos de poder, oferecendo-se à Rainha (independentemente das alianças que pudessem existir já antes da morte de D. José I) como sustento ideológico, político e cultural do seu governo. Neste contexto, aparece o Duque de Lafões investido de todas as honras e preparado para assumir o papel de conselheiro e *mao direita* de D. Maria. Mas a Rainha, desconhecemos por quê motivos, nunca consegue converter-se numha figura forte nem impor como verdadeiros vencedores os elementos do grupo que sustenta a sua imagem. assim, passa o tempo e nengum deles tira os frutos esperados, produzindo umha evidente decepçom, porque a sua Corte se converte no cenário de umha dura luta na qual se enfrentam elementos procedentes do governo anterior, que nunca som totalmente afastados das posiçons de poder, e aquelas figuras mais ou menos 'marginalizadas' por Pombal que pretendem agora recuperar as suas posiçons.

Aparentemente, o reinado de D. Maria nunca deve ser visto na Corte como duradoiro, e a luta se reproduz na pessoa dos seus filhos. D. José, segundo alguns testemunhos, estaria sob a influência do grupo dos académicos, enquanto D. João, se apoiaria nos mesmos elementos que tinham sustentado o reinado do seu avó, e isto

vamos verificá-lo fundamentalmente na construção do teatro de S. Carlos e no percurso posterior de algumas das figuras mais destacadas do grupo académico: Lafões, não só não consegue converter-se, como seria a sua aspiração, no Príncipe Kaunitz português, mas, bem ao contrário, acaba por ser despojado de prerrogativas, destituído do seu posto por D. João e publicamente humilhado na guerra 'das Laranjas'³⁴⁶.

Parece evidente, portanto, que a luta na segunda metade do século XVIII em Portugal não estaria, como se tem querido ver, entre mais e menos 'ilustrados', mas entre dois grupos enfrentados pela consecução do poder, o que não se traduz necessariamente em que uns sejam os 'ilustrados' e outros os 'ultramontanos', como se tem querido ver. A diferença fundamental, a que está por trás das diferentes escolhas repertoriais, é qual se considera que deve ser o grupo que sustente a coroa: a primeira nobreza em função do que consideram os seus legítimos direitos adquiridos (argumentados em função dos anos de serviços económicos ou doutro tipo prestados à coroa durante gerações), ou as classes emergentes, que se defendem com argumentos baseados no merecimento individual.

Com a consolidação ao longo da década de noventa do príncipe D. João como responsável pelos assuntos de governo, o grupo da Academia, do Duque de Lafões, dos Condes de Vimieiro, etc., resulta derrotado sem paliativos possíveis, ficando novamente

³⁴⁶ Em relação com este assunto, indica Ruders em carta datada em Lisboa a 18 de Junho de 1801 (Chaves, 2002: 192): «O octogenário duque de L. [sic], que por coisa nenhuma quis entregar o comando do exército ao conde de Goltz, tanta necessidade tinha de descansar dos trabalhos guerreiros que, logo ao primeiro revés, e no maior acesso da campanha, se retirou para Lisboa. A este respeito conta-se que, no dia imediato ao da sua partida, apareceu afixada uma proclamação do teor seguinte:

“Próximo da fronteira de Espanha, um ilustre oficial general com a precipitação, perdeu uma das suas botas de montar, de veludo preto com fivelas de ouro e esporas do mesmo metal. Roga-se a quem o encontrar o favor de a entregar no Grilo, pelo que receberá boas alviíssaras (Note bem: o duque que usa tais botas mora num sítio assim denominado”.

Os jornais ingleses trazem sempre notícias escandalosas de Lisboa, de maneira que quando uma começa a tornar-se velha aparece logo outra para animar as conversas. Assim, num outro jornal inglês, a propósito de certo conselho de guerra presidido pelo mesmo duque e composto de 16 generais, lia-se o seguinte: “Se o conselho de guerra não deu provas de heroísmo, mostrou-se, em compensação, muitíssimo prodente, o que não admira sabendo-se que a idade desses 16 cabos de guerra adicionada perfaz uma soma de 1200 anos”».

Este conflito enfrentou Portugal com França e Espanha, que pretendiam limitar a influência inglesa em Portugal, e foi definitivo para acabar com o prestígio do Duque de Lafões, que tinha sido «elevado a mordomo-mor da Casa Real e a ministro assistente ao Despacho do Gabinete» (Serrão, 1982: 324) quando contava já com 84 anos. Mais adiante foi ainda designado como general-chefe. O resultado para Portugal, segundo o primeiro tratado de paz assinado a 6 de Junho de 1801 foi «a) encerramento dos portos portugueses aos navios ingleses; b) indemnização de 20 milhões de libras tornezas [a Espanha e a França]; c) alargamento das fronteiras da Guiana até à foz do rio Arawari; d) admissão sem quaisquer restrições dos lanifícios franceses. Pelo tratado de 29 de Setembro a indemnização de guerra passava a ser de 25 milhões de libras tornezas, os limites da Guiana avançavam sobre um afluente do Amazonas; Olivença e os territórios até ao Guadiana ocupados pela Espanha; mantinham-se agravadas outras cláusulas» (Chaves, 2002: 361).

Lafões foi imediatamente objecto de numerosas sátiras, que vinham a acrescentar-se à notável perda de poder do seu grupo que já temos assinalado aqui.

relegados, como tinha sucedido no período josefino, mas agora definitivamente, nas questões de Estado. Só alguns destes elementos, reconvertidos na vanguarda política nos primeiros anos do século XIX, 'afrancesados' e líderes liberais (como por exemplo Pedro de Almeida e Pedro de Mello, irmãos respectivamente das Condessas de Oyenhausen e Vimieiro), conseguiram manter a presença das suas casas na política portuguesa, convertendo-se, como os Condes de Ficalho, em figuras decisivas do período liberal, mas isto é assunto para um novo trabalho, pois supera amplamente as balizas temporais que nos temos marcado nesta investigação.

Na continuação, veremos a última iniciativa pública da Condessa de Vimieiro de que temos constância, mas da qual quase nem temos informações: a fundação da Nova Arcádia e a possível colaboração com Diogo Inácio Pina Manique.

III.2.3. A Condessa de Vimieiro e a Nova Arcádia

Nos últimos anos da vida pública da Condessa de Vimieiro temos constância de que colaborou activamente com uma nova instituição cultural na qual, entre outros, participavam o Intendente Geral da Polícia Diogo Inácio Pina Manique e Manuel Maria Barbosa du Bocage.

Igual que sucede com outros episódios que tiveram lugar entre os finais da década de oitenta e os finais do decénio seguinte, as informações sobre este particular são praticamente inexistentes, e nem temos localizado na correspondência de Teresa de Mello Breyner nenhuma referência a esta participação.

Igual que sucede com outros episódios da vida e da trajectória intelectual e política de Teresa de Mello Breyner, este também é recolhido de forma obscura pela bibliografia existente. Em 1966 (51-52), Hernâni Cidade, em relação com a participação de Bocage na Nova Arcádia, afirmava:

Reunia a *Nova Arcádia*, de começo, em casos particulares, entre as quais a dos condes de Vimioso [sic], pois a condessa D. Teresa de Melo, interessava-se pelas letras, ao ponto de concorrer anonimamente, com a tragédia *Osmia*, a prémio estabelecido pela Academia Real das Ciências. E porque, nas quartas-feiras, as sessões se realizavam na casa do conde de Pombeiro, onde era generosamente

hospedado o Padre Caldas (*Lereno*), eram estas ironicamente designada as *Quartas Feiras de Lereno*».

Embora o trecho citado não coloque nenhuma dúvida a respeito da identidade da Condessa que recebia em sua casa os neo-arcades, pois dá suficientes dados biográficos para esclarecer de quem se trata, a confusão de Hernâni Cidade ao colocar Vimioso no lugar de Vimieiro, vai levar a que anos depois, João Palma-Ferreira (1982) na sua obra, frequentemente citada a posteriori, *Academias literárias dos séculos XVII e XVIII*, afirme, repetindo quase textualmente as palavras vistas acima, mas suprimindo informações fundamentais para o assunto que nos ocupa que:

a *Nova Arcádia*, muito dependente dos mecenas da época, reunia nos palácios do conde de Vimioso e do conde de Pombeiro, no último dos quais vivia Caldas Barbosa, o *Lereno* às quartas-feiras amenizava as reuniões com trechos de viola, muito populares na época.

O facto de essas primeiras reuniões se celebrarem no palácio dos Condes de Vimieiro e o nome de Vimioso fica esclarecido, como já apontamos no começo deste trabalho, pelo depoimento de Joaquim Bingre recolhido neste caso textualmente por Vanda Anastácio (2000: X-XI):

n'esta epoca me demorei em Lisboa, aonde, com alguns meus antigos amigos, demos principio à nossa *Arcadia*, sendo eu e Belchior Curvo de Semedo Torres de Sequeira e Joaquim Severino Ferraz de Campos, as pedras fundamentais d'ella; eu, primeiro socio, Belchior segundo, terceiro Joaquim Severino, que foi secretario da mesma Academia com o titulo de *Academia de Bellas Lettras de Lisboa*; e depois, vindo Bocage da India, tomou conhecimento de grande amizade commigo, e entrou para a nossa Academia, e muitos outros, fazendo as primeiras sessões em casas particulares; e algumas no palacio da Condessa de Vimieiro; e todas as quartas feiras nos juntavamos em casa do Conde de Pombeiro no quarto do Caldas, chamadas as *Quartas-feiras de Lereno*, onde depois de um bello almoço se tocavam alguns instrumentos de curiosos e improvisava o Caldas cantando, e se liam as obras que faziamos para serem lidas na Academia, que foi a rogos do Intendente da Policia, Manique, transferida para o Castelo de S. Jorge, onde celebrámos grandes sessões, e fomos convidados para uma extraordinario no Paço da Ajuda em obsequio do nascimento da Princeza senhora D. Maria Thereza, cuja oração da Presidencia foi feita pelo Doutor José Thomaz da Silva Costa Quintanilha, e a do fim por José Agostinho... Eis aqui a origem da nossa Academia...

A Nova Arcádia continuou as suas actividades até 1794, data em que se produziu uma ruptura pouco amistosa entre os membros desta agremiação (Palma-Ferreira, 1982: 101-102):

Naturalmente, a polémica entre os da *escola latina* e os da *escola francesa*, que já manchara a existência da *Arcádia Lisbonense*, acidulada por ódios e desavenças de toda a ordem, converteu a *Nova Arcádia* num pequeno cenáculo de intrigas e de cizânia [...]. A discórdia estalou entre José Agostinho de Macedo e Bocage e foram inúmeras as composições em que os dois poetas se mimosearam mutuamente de toda a casta de insultos. Bocage satirizou rudemente a *Nova Arcádia*, desacreditando-a completamente, e a polémica, em que intervieram muitos poetas do tempo, acabou por liquidar a pomposa Academia, que deixou de funcionar em 1794.

No entanto, a colaboração da Condessa de Mello Breyner deveu de estar reduzida a os primeiros momentos, e talvez vinculada à sua admiração por Pina Manique, que demonstra já na sua correspondência anterior. Os frutos desta colaboração fôrom alguns poemas dedicados por membros da Nova Arcádia a Teresa de Mello Breyner.

III.2.4. O retiro a Santos e a tradução de *Osmíia* para espanhol (1798)

Em 1794 a Condessa de Vimieiro, viúva desde quatro anos atrás, ingressa no convento de Santos como Comendadeira. Tratava-se na sua origem de um lugar de retiro para as filhas e esposas viúvas dos membros da ordem de Santiago da Espada e tinha sido criado em 1217. Depois de ocupar outros espaços, em 1629 as ocupantes som trasladadas para o que é conhecido como Convento de Santos-o-Novo, que é o lugar em que Teresa de Mello Breyner viveu, ao menos, os quatro últimos anos da sua vida. Trata-se de um lugar onde só ingressavam mulheres da mais alta nobreza, contando entre as suas habitantes setecentistas, por exemplo, com a Rainha D. Luisa de Gusmão.

A pouca correspondência conservada deste período dá a entender que, por um lado, a Condessa tinha renunciado ao seu labor literário e intelectual, e, por outro, que embora as preocupações de tipo religioso ganhassem maior espaço nas suas cartas, nem por isso tinha abandonado o seu papel político, tal e como se desprende dos seus intentos por interferir na recuperação da Rainha, que nesse momento já tinha sido afastada do governo.

Trata-se de umha estratégia que tem como objectivo incidir na saúde da Rainha por meios sobrenaturais, utilizando a oração e as relíquias de umha freira. Trata-se, como vemos, de um último intento, nom sabemos até que ponto político ou até que ponto religioso, por intervir no campo do poder, já sem nengumha opção, pois em 1798 os postos de poder estavam já ocupados por novos nomes, que substituíam os velhos actores do período mariano.

Das actuações deste mesmo período, e em relação com o seu estudo sobre *Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas évêque de Beja, archevêque d'Evora (1770-1814)*, ocupa-se Jacques Marcadé, que nos oferece algumas mostras de como a Condessa, ainda desde o seu retiro continuava fazendo valer as suas influências e participando na vida política com maior ou menor sucesso. A respeito de um incidente entre a Madre superiora do convento de Santa Clara de Beja e o médico que atendia umha das freiras escreve Marcadé (1978: 385):

Malgré la mise en demeure qui lui avait été communiquée par le curé de Vidigueira, elle a refusé l'entrée de l'établissement au médecin de famille. Cenáculo, de já irrité par la mauvaise tenue et la réputation déplorable du convent, en vient alors aux mesures radicales: la Supérieure est suspendue. Mais, dans cette affaire, elle n'a pas été la seule victime. Cardoso Meneses, le vicaire général, a dû aller à Lisbonne justifier son attitude. Malgré l'appui du Comte de São Miguel e de la comtesse de Vimieiro, il n'a été réintégré dans ses fonctions qu'en mais, et autorisé à regagner la diocèse en août.

Também Marcadé (1978: 416) nos informa do conteúdo de umha das cartas que citamos neste capítulo endereçadas por Mello Breyner a Cenáculo, acrescentando umha informação que achamos do maior interesse, porque contribui para deitar algumha luz sobre a desconhecida relação entre a Condessa e o Intendente Geral da Polícia Pina Manique:

À Pâques 1798, la comtesse de Vimieiro suggérait à Cenáculo que les curés, confesseurs et prédicateurs profitent de cette occasion pour ranimer la ferveur religieuse. *Diogo de Pina Manique* lui fait écho et, par deux fois, souligne, dans des lettres adressées à Cenáculo, le rôle important que doit jouer l'Eglise dans ce domaine.

Neste mesmo ano produz-se a última intervenção pública da Condessa por meio da tradução para espanhol da tragédia *Osmia*. Temos localizado diferentes exemplares deste texto em três bibliotecas espanholas: umha no Seminário Diocesano de Burgo de Osma, Biblioteca Pública de Toledo e na Biblioteca Nacional. A tradução nom achega

grandes novidades ao texto original da Condessa, mas na introdução aparece algum elemento interessante sobre a figura de Mello Breyner no campo intelectual da altura.

A tradução espanhola está recolhida, com o título *Osmía. Tragedia portuguesa en cinco actos, premiada por la Academia Real de las Ciencias de Lisboa, y traducida al castellano por I.M.R.L.* num volume miscelâneo, acompanhando outras duas tragédias: (1) *Sofonisma. Tragedia española* por Don Joseph Joaquin Mazuelo, en Madrid por Don Antonio de Sancha. Año de 1784 Se hallará en su Librería en la Aduana Vieja. Con las licencias necesarias e (2)- *El numa. Tragedia* por Don Juan Gonzalez del Castillo en Madrid en la Imprenta de Sancha año de 1799.

Até o momento nom temos podido identificar as siglas que ocultam o nome do tradutor ou tradutora da obra, mas, no entanto, o prólogo é mais claro em relação com outras circunstâncias que envolvem esta publicação de 1798 dedicada «a los excelentísimos señores Marqueses de Astorga, y Príncipe de Maserano, grandes de España de primera clase, &c. &c. &c. Señores Excmos.». Sabemos que a obra foi traduzida para ser representada por umha companhia de teatro espanhola, sendo ademais o primeiro dos textos impressos por iniciativa desta companhia pois assim o indica I.M.R.L num prólogo assinado a 4 de Dezembro, o que nos indica também, portanto, que a obra foi encenada em espanhol, ou ao menos foi traduzida para ser encenada, sem que tenhamos podido saber até o momento se essa encenação se chegou a produzir ou nom (1798: 3-6):

El nuevo establecimiento de la Compañía española del teatro de los Caños del Peral es uno de los mas claros testimonios del singular cuidado, y alto zelo con que VV.EE., como protectores de la empresa de dicho teatro, se interesan en la instruccion y deleyte del público. Este no ignora que VV.EE. no perdonaron diligencia, ni gasto para que aquella fuese mas arreglada, mas propia, mas efectiva, y para que este llegase á ser mas fino, y mas variado. Solo unos genios emprendedores y unas almas firmes en sus designios podrian reunir diariamente en la escena las voluntades y estudios de *tres Compañías formadas de individuos de naciones rivales por lo comun en el ejercicio de los espectáculos teatrales.*

¿Á quien, pues, como á VV. EE. debe dedicarse *la primera tragedia que se imprime para el referido teatro?* El interes y desvelo con que debo contribuir por mi parte á la reforma y adelantamientos de él, me hacen ver que la feliz eleccion de dramas es uno de los principios esenciales de dicha reforma. Creo que *en la publicacion del presente no corromperé el fino gusto de la parte de la parte delicada de nuestros espectadores*, como por desgracia lo hiciéron tantos poetas; bien que *no me prometo picar la curiosidad, y satisfacer los deseos de la muchedumbre mas atenta siempre á lo que sorprehende por lo maravilloso, y tal vez extravagante, que á lo que instruye y deleyta por lo simple y arreglado.*

Igual que sucedia para o caso português, esta “Osmia espanhola” também estava destinada a um público mais ou menos elitista, oposto a umha “muchedumbre” identificada pelo tradutor com outro tipo de repertório teatral, que seria provavelmente o espanhol seiscentista de 'capa e espada'.

Em relação com o tipo de público que podia acudir a esta possível encenação, devemos ter em conta o lugar para o qual estava destinada a tradução –o Teatro de los Caños del Peral. Trata-se do precedente imediato –situado exactamente no mesmo lugar- do Teatro Real de Madrid, e foi construído em 1708, como indica Turina Gómez (1997: 28) na sua *Historia del Teatro Real*, com a intenção de albergar a companhia de ópera italiana dirigida por Francesco Bartoli. Desde os seus começos, este teatro foi protegido pela coroa, pois o próprio Bartoli tinha chegado a Espanha por indicação de Filipe V. Como indica sempre Turina (1997: 31) o teatro continuou pondo no palco óperas italianas, com pequenas excepções, até a chegada ao trono de Fernando VI, quem ordena trasladar este tipo de espectáculo aos teatros de Los Reales Sitios del Buen Retiro, sob direcção de Farinelli e para exclusivo desfrute da Corte. assim, entre 1746 e 1766 o teatro permanece fechado, com a salvidade da abertura em 1743 para ser utilizado pelas companhias espanholas enquanto os seus respectivos teatros sofriam umha série de reformas. Em 1767 o teatro de Los Caños é reaberto pelo Conde de Aranda, mas a sua função já não é a de acolher óperas italianas, se não a celebração de bailados de máscaras (Turina, 1997: 35-36). Durante um breve período em 1776 o teatro abre novamente as suas portas para que a Compañía de Ópera de los Reales Sitios encene para o público as óperas já representadas para a Corte, mas no ano seguinte a companhia é dissolvida e o teatro novamente encerrado.

Nove anos depois (Turina, 1997: 37) concede-se a umha Junta dos hospitais a administração do teatro. Esta situação durará, ao menos, até a viragem do século com diferentes gerências, direcções e sociedades propiciadas pela Junta dos hospitais por causa das constantes dívidas que se iam acumulando na gestão do teatro. Umha destas sociedades, de facto, é estabelecida em 1795 com o Marquês de Astorga, a quem é dedicada a tradução.

Das informações oferecidas por Turina só se pode deduzir que durante este período só se encenam neste palco óperas, com a excepção de que a partir de 1797 se podem representar também, fora da sessão operística, comédias espanholas, o que nos coloca duas possibilidades a respeito da possível encenação de *Osmia*: ou bem que esta

fosse representada com música, ou bem que neste teatro também se levassem ao palco tragédias em língua espanhola (neste caso traduzida).

Em 1798 forma-se a primeira companhia espanhola dirigida por Francisco Castellanos que segundo Turina (1997: 42) «representaba las comedias españolas los días en que no actuaba en los Caños la compañía italiana». Desconhecemos, portanto, se esta é a referida no prólogo da tradução de *Osmia* como «la Compañía española del teatro de los Caños del Peral».

Para além desta dedicatória que serve como prólogo ao texto teatral, I.M.R.L. (1798: 8) coloca também umha «advertencia del traductor» que nos dá algumas informações de interesse, como o facto de o tradutor saber que a autora era umha mulher nobre, a quem define como «una Poetisa Lusitana no menos grande que por su ilustre cuna, por su vasta erudicion, y raros conocimientos».

Da mesma maneira, I.M.R.L. explica a sua intervenção no texto da Condessa especificando levou a cabo um trabalho de grande precisom para melhorar o texto original (o que acredita ter feito)³⁴⁷, facilitar o trabalho dos actores e obter como resultado um espanhol livre de influências estrangeiras (I.M.R.L, 1798: 8-10):

El traductor puede asegurar que de varios dramas originales y traducidos, en que se exercita su Musa de años á esta parte, ningun trabajo le costó el estudio y tiempo que el de la traduccion presente. En ella se procuró medir cada verso con la mas escrupulosa observancia de las leyes de la prosodia, lo que facilita á los actores en la escena la pronunciacion, el peso, las pausas, y el sentido que dan elegancia, dignidad, y armonía al diálogo.

No se cuidó menos de avivar las escenas, dexándolas con mas accion y movimiento que el que en el original se advierte. Los quadros y descripciones ganaron en la fuerza, sencilléz y propiedad de la composicion, y en la variedad y frescura del colorido, segun el dictámen de conocedores imparciales que hicieron un juicioso cotejo de la *Osmía* original con la traduzida. Y por último, se puede afirmar que el language de esta es tan natural y simple, que no tiene la menor mezcla, ó sabor, digámoslo así, de otros idiomas, vicio bastante comun en las mas de las traducciones.

Em definitivo, estamos novamente perante um episódio obscuro da trajectória de Teresa de Mello Breyner, do qual só podemos concluir que *Osmia* alcançou umha certa repercussom também fora das fronteiras portuguesas, mas desconhecemos

³⁴⁷ Entre as variações introduzidas por I.M.R.L. Está a utilização da rima (assonante), que nom existia no texto original: « [OSMÍA:] Desde léjos/ Te he visto que llevabas el espanto,/ La fuga, y el morir del enemigo/ Delante de tus ojos agitados./ Yo cerca del consorte convocaba/ Las furias del combate; mas notando/ Que los nuestros afloxaban de outra parte: / “Sosten, me dice Rindaco inflamado,/ Sosten la gente, que te dexo:” y luego/ Parte, vuela y se arroja, como rayo/ Que gruesas nubes, y altas torres hiende,/ Por medio de las filas del contrario».

completamente qual pode ter sido a via de “exportaçom” do texto da Condessa. As relaços do seu amigo Cenáculo com ilustrados espanhóis, entre os quais os irmaos Mohedano ou José Antonio Banqueri, por citarmos só alguns nomes, tenham sido freqüentemente citadas³⁴⁸, mas só um aprofundado estudo do enorme núcleo documental que constitui a correspondência de Manuel do Cenáculo poderia dar alguma informaçom a este respeito. De qualquer maneira, a circulaçom das companhias de teatro, particularmente das italianas, produzia-se a ambos lados da fronteira luso-espanhola, e, ainda, temos constância de que Luísa Todí, conhecida, como vimos acima, tanto de Leonor de Almeida como de Teresa de Mello Breyner, cantou no teatro de Los Caños del Peral em 1792 e foi contratada mais adiante para toda a época de 1794 (Turina, 1997: 40).

Ainda assim, o facto da traduçom interessa-nos porque, por um lado, evidencia, umha certa posiçom de Teresa de Mello Breyner no sistema literário da altura, no qual nom só consegue colocar duas ediçons da sua obra (lembre-se aqui que a terceira é de 1835), mas também umha traduçom feita ademais para ser encenada no principal teatro público da capital espanhola. Por outra parte, e como tivemos ocasiom de comprovar através das palavras do tradutor, a sua identidade, apesar do anonimato do texto, nom era totalmente desconhecida polo seu introdutor no sistema espanhol, porque, apesar de nom indicar o nome da autora, dá alguns dados em relaçom com a sua origem social ou com o facto de ser umha mulher que nom estavam presentes no prólogo das ediçons portuguesas.

III.2.5. Conclusons

Os últimos anos da biografia e da trajectória social e intelectual da Condessa de Vimieiro estão condicionados, do nosso ponto de vista, polo seu progressivo afastamento tanto do campo do poder como do campo intelectual. É evidente que este afastamento pudo estar condicionado polas suas próprias condiçons vitais, pois som anos em que progressivamente vai perdendo um irmao, o seu marido e finalmente a sua

³⁴⁸ Vid. Marie-Helene Piwnik (1977, 1984 e 1987) para o primeiro caso e Soto Pérez (1985), para o segundo.

mai, o qual poderia favorecer o seu retiro. Mas, para além destas circunstâncias, nom devemos perder de vista outras como o falecimento do herdeiro ao trono D. José e a posterior perda de poder de D. Maria, que contribui para precipitar umha mudança na substituiçom de determinados elementos, como o Duque de Lafões ou os próprios Condes de Vimieiro, que vem como perdem as suas posiçons em favor de alguns nomes já conhecidos no período pombalino.

Este progressivo retiro tem como conseqüência para a nossa investigaçom a falta de informaçons tanto directas como indirectas das possíveis actividades da Condessa, ainda daquelas das quais temos algumha constância de terem existido, como a sua colaboraçom com a Nova Arcádia, o que nom nos deve fazer pensar que Mello Breyner tenha renunciado completamente à sua intervençom nos diferentes campos, tal e como o demonstram as poucas cartas conservadas que dirigiu a Frei Manuel do Cenáculo, nas quais se evidencia umha vontade de, ainda desde o convento, continuar a participar desde a sua posiçom de dama da primeira nobreza nos assuntos tanto da Corte como da igreja.

IV. Síntese conclusiva e propostas finais

Ao longo deste trabalho temos tentado expor e analisar da maneira mais veraz e documentada possível as redes em que Teresa de Mello se integrou, a sua trajectória social, política e intelectual e as suas estratégias de intervenção nos diferentes campos em que interveio ao longo da sua vida em função sempre do estado concreto tanto do campo intelectual como do campo do poder, que, como vimos, experimentou mudanças importantes ao longo das quase três décadas analisadas.

Os evidentes desequilíbrios que se produzem entre os diferentes períodos estudados, justificam-se pela maior ou menor conservação (e capacidade de localização) de documentação, mas entendemos que também serve de medida do grau de participação da Condessa de Vimieiro no sistema em cada momento e em função, sobretudo, da situação política.

Nestas páginas temos verificado que a falta de presença de Teresa de Mello Breyner na bibliografia sobre literatura portuguesa do século XVIII não se corresponde em absoluto com a sua presença e intervenção reais no campo intelectual português da segunda metade de Setecentos, o que interpretamos como um erro fundamentado em três desajustes entre o objecto de estudo e os investigadores:

1) o preconceito que leva a inferir que a pouca presença pública das mulheres deve necessariamente corresponder-se com uma nula participação no sistema;

2) a assimilação por parte dos críticos e historiadores da literatura de um ideal de *autor* supostamente autónomo a respeito dos condicionantes políticos, económicos ou sociais, que se coloca nos antípodas de um outro modelo segundo o qual a intervenção política e social é prioritária sobre qualquer vocação autoral ou 'criativa' – conceito este que, inclusive, consideramos de duvidosa existência no período estudado-, e cujas publicações ou tomadas de posição por qualquer outro meio respondem a estratégias mais ou menos explícitas de intervenção;

3) a falta de correspondência de uma mulher aristocrata com o modelo de escritor antes mencionado, o qual supunha a consolidação da burguesia e particularmente dos homens burgueses como elemento central do campo intelectual.

Para chegarmos a constatar esta falta de correspondência entre o papel real da Condessa e o tem sido construído pela historiografia literária, temos feito um percurso

polas suas actividades, começando por um período, o que vai de 1770 a 1777 documentado fundamental e quase exclusivamente através das cartas enviadas a Leonor de Almeida, as quais revelam umha série de estratégias de acumulaçom de capitais e de estabelecimento de redes que som postas em marcha com o objectivo de tirar todo o seu rendimento no momento em que a situaçom política mudasse. Tivemos ocasiom de comprovar que estas estratégias nom eram absolutamente novidosas, e que procediam já de umha tradiçom familiar que ligava, entre outras, as casas de Ficalho, de Vimieiro, de Alorna, etc. Umha das estratégias utilizadas pola Condessa com maior profusom é, por um lado, a criaçom de umha imagem pública perfeitamente estudada de grande integridade ética e desprendimento polo fasto e o convívio da Corte ao lado de umha grande ambiçom/exibiçom de conhecimentos, que vimos concretizada na utilizaçom de citaçons literárias.

Fôrom analisadas também, neste sentido, as estritas pautas utilizadas para constituir umha rede convivencial num momento em que as circunstâncias nom som fáceis no âmbito político para determinadas casas que, aspirando a um lugar de privilégio na Corte que consideram lhes corresponde por direito, som postas de parte em favor de outras famílias com maiores recursos económicos mas com menor antigüidade no seu serviço à coroa. Como foi já referido e exemplificado através do caso concreto do rejeitamento de Joana Isabel de Lencastre Forjaz no círculo de amizades de Leonor de Almeida, a imagem social e o capital simbólico que um novo elemento é capaz de achegar à rede é a condiçom principal para a sua aceitaçom.

A rede configurada de maneira tam rigorosa vai funcionar com maior aproveitamento para os seus membros a partir da subida ao trono de D. Maria I, o que nom significa que desde 1777 se cumpram totalmente os objectivos de Teresa de Mello Breyner e do seu grupo. Como já assinalámos, a Rainha é questionada desde antes mesmo de assumir o governo, vendo-se sempre rodeada de intrigas e duras lutas polo poder, o que propiciará que, embora seja evidente umha melhora na situaçom dos Condes de Vimieiro, dos Marqueses de Alorna e das suas filhas ou do Duque de Lafões, as suas máximas aspiraçons nom vam chegar a ver-se realizadas, e cada prerrogativa concedida a eles individualmente ou à Academia das Ciências de Lisboa, como o seu órgão representativo, deva ser, aparentemente, negociada com dureza na Corte.

Neste período, a figura do Duque de Lafões converte-se no principal referente ético e ideológico para a Condessa de Vimieiro, que incorpora à sua ideologia todos os elementos importados da Áustria. Esta admiraçom polo modelo vienense –que também

poderia ser relacionado com as suas próprias origens familiares- vê-se ademais reforçado pelas notícias que som periodicamente enviadas desde ali por Leonor de Almeida, convertida agora em Condessa de Oyenhausen e em embaixatriz portuguesa na Corte de Maria Teresa e, posteriormente, de José II. Esta nova achega une-se às linhas ideológicas que já se faziam evidentes na correspondência do período anterior, no qual verificámos a existência de umha clara aposta pola Ilustração mais aristocratizante e sempre defensora do despotismo esclarecido, difundido, por exemplo, através das obras do seu admirado Metastasio. Da mesma maneira, temos feito referência às disputas estabelecidas com Leonor de Almeida a respeito de Rousseau, nas quais a Condessa fundamenta a sua crítica ao escritor francês não no desrespeito deste ao cânone católico (motivo frequentemente alegado pelos censores) mas ao modelo de mulher promovido por este, o que nos oferece já a possibilidade de perceber o lugar prioritário que Mello Breyner dará à defesa da igualdade de capacidades de homens e mulheres, ideia esta que se verificará sem nenhuma dúvida a partir da década de 80, quando publique as suas duas obras editadas conhecidas até agora.

Como bem vimos no seu lugar, em 1781, a Condessa publica anonimamente *Idéa de hum elogio* tradução de um texto escrito em francês por Marie-Caroline Murray que tinha por objecto lamentar a morte da Imperatriz Maria Teresa da Áustria e, no caso de Mello Breyner, traçar um caminho claro para a Rainha portuguesa que continuava a ser questionada e impedida para exercer o seu governo. Sete anos depois, a Condessa dá ao prelo, de novo sem assinar, a sua obra mais conhecida, *Osmia*, que novamente pode ser lida à luz das chaves do *Elogio*, ou seja, como um guia para D. Maria. Nesta nova publicação, para além do já visto, a autora opta também por tratar o assunto já referido da igualdade entre homens e mulheres e da situação de submetimento das mulheres aos seus maridos sob o amparo do contrato matrimonial.

Para além das obras publicadas, o principal interesse da Condessa de Vimieiro neste período, sobretudo nos primeiros anos da década de oitenta, será a posta em funcionamento da Academia das Ciências de Lisboa junto com o seu amigo João Carlos de Bragança, Duque de Lafões. Através desta instituição, o grupo liderado por Lafões pretende marcar as pautas da governação de D. Maria, dotando-a de conteúdos ideológicos, propondo projectos concretos e promovendo através das suas publicações e das suas assembleias públicas determinados valores e comportamentos, importados em boa medida da Corte vienense.

Este período de relativo favor real não durou muito e contamos com testemunhos, para além do oferecido pela própria Condessa, que apontam para um afastamento premeditado desta com respeito à Rainha, com a qual tinha tido uma intensa relação desde os seus primeiros anos, pois a Senhora de Ficalho, sua mãe, ocupava um lugar destacado entre as damas da Rainha Mariana Vitória de Bourbon.

Para a análise da posição e da função de Teresa de Mello Breyner neste período colocam-se-nos algumas dúvidas que não temos sabido esclarecer, em parte pela falta de estudos prévios neste sentido, em parte pela falta de tempo para consultarmos toda a documentação necessária e desenvolvermos uma investigação que, embora esteja vinculada com os nossos interesses, não fazia referência concretamente à Condessa de Vimieiro. Referimo-nos aos conflitos políticos que se desenvolvem no interior da Corte e aos partidos constituídos em volta de cada um dos agentes principais daquela: D. Maria, D. Pedro, D. José e D. João. A partir das informações obtidas parece claro que a debilidade da posição política da Rainha teria provocado o aparecimento de grupos ou facções cujos integrantes e atuações concretas infelizmente desconhecemos, embora tenhamos tentado mostrar aqui algumas das hipóteses que nos parecem de maior interesse.

Finalmente, e como vimos no último capítulo deste trabalho, o rasto da Condessa vai-se apagando pouco a pouco até o ponto de não termos podido localizar, entre a documentação procedente do convento de Santos-o-novo depositada na Torre do Tombo, a certidão do seu falecimento. Contamos, no entanto, com alguns indícios que nos indicam que a definitiva derrota do seu grupo na Corte, que não parecia contar já com apoios depois da morte do príncipe D. José –com a conseguinte anulação política da sua viúva- e do afastamento de D. Maria do trono, não significou um desaparecimento absoluto da vontade de intervenção política da Condessa, agora convertida em Comendadeira de Santos, que, desde a sua nova posição, continua a tentar, fundamentalmente através de Manuel do Cenáculo, permanecer ainda 'viva' na luta política.

Para a realização do nosso trabalho, optamos, tal e como explicitámos na primeira parte do mesmo por uma metodologia que priorizava o estudo do conceito de literatura como uma parte mais das actividades intelectuais, entendendo que através dela não se pretende transmitir única nem prioritariamente uma determinada estética ou ideia de beleza. De facto, do nosso ponto de vista, esta última está ao serviço da

difusom de outra classe de ideias como a promoçom de umha visom do mundo e de uns valores éticos e políticos (e também estéticos, logicamente) que se evidenciam de maneira mui clara nas produçoms de Teresa de Mello Breyner, e foi isso o que pretendemos priorizar na nossa análise por cima do estudo literário textocéntrico, entendendo que a análise das ideias contidas nos textos e a doxa que estes promoviam era muito mais reveladora já nom apenas quanto ao papel desenvolvido pola Condessa de Vimieiro no campo intelectual português dos fins de Setecentos, mas também quanto ao verdadeiro papel da literatura no sistema.

Esta perspectiva sobre os textos literários foi aplicada também a outros textos cujas fronteiras com o conceito de literatura nom som claras, e por isso demos um tratamento similar na nossa análise aos livros editados em vida pola autora – independentemente de que se tratassem de obras originais ou traduzidas- e à correspondência trocada fundamentalmente com Leonor de Almeida, obviando debates que achamos essencialistas e carentes de interesse para os nossos, objectivos como o de se a epistolografia privada pode ser ou nom considerada 'literária'.

O facto de ter obviado a tradicional perspectiva textocentrista, que confunde corpus e objecto de estudo, fiço que o nosso trabalho nos levasse por determinados caminhos relativamente afastados da nossa própria formaçom. O nosso interesse por perceber os pormenores da luta política particularmente na Corte de D. Maria supujo um obstáculo considerável para os objectivos marcados no começo deste trabalho, porque nom nos competiam a nós, nem era o nosso objectivo, nem o tempo o permitia estudar em profundidade, os governos portugueses da segunda metade do século XVIII, mas nom contávamos com a bibliografia necessária que esclarecesse aqueles pontos que considerávamos fundamentais para compreender os posicionamentos estéticos e ideológicos de Mello Breyner e do seu grupo e o lugar ocupado por umha e polos outros em cada momento. O resultado foi umha incursom pragmática e nom exaustiva neste campo e a apresentaçom de umha série de hipóteses que poderám ser facilmente verificadas ou rejeitadas por investigaçoms de tipo historiográfico que se debruçarem sobre o assunto, e que, para o objectivo deste trabalho, resultárom certamente produtivas.

Como adiantámos nas páginas introdutórias, este trabalho está mais marcado polas hipóteses que polas certezas, mas ainda assim, entendemos que podemos sintetizar as principais conclusons deste trabalho nas seguintes linhas:

1) O lugar ocupado pela Condessa de Vimieiro na historiografia literária não se corresponde com o papel desenvolvido no campo intelectual da época, participando em algumas das instituições culturais mais importantes do final de século, e promovendo desde elas, desde as suas obras publicadas e desde a sua correspondência, determinados repertórios estéticos e ideológicos fundamentais para entender não só a Ilustração portuguesa, mas também processos posteriores.

2) A posição e a função Teresa de Mello Breyner no campo intelectual e do poder em Portugal na segunda metade do século XVIII põem em questão a imagem que sobre as mulheres coevas se tem construído através da historiografia e da história da literatura, que tradicionalmente tem dado a entender que o papel destas tanto num campo como no outro podia ser reduzido ao meramente anecdótico. Temos podido verificar que não só a Condessa intervinha em ambos campos, mas que o papel das damas da Corte, por exemplo, deverá ser perspectivado como fundamental para entender os processos de governação no Antigo Regime, e que, da mesma maneira, o papel de determinadas mulheres, particularmente da nobreza, com obra publicada ou não –o qual em muitos casos nunca poderemos chegar a saber, dada a frequência da ocultação da identidade- é decisivo para entendermos as vias de introdução, difusão e promoção de ideias e repertórios.

3) As estratégias de ocultação das mulheres nem sempre têm sido bem interpretadas, entendendo, pela nossa parte, que, em determinados casos, como o de Teresa de Mello Breyner, embora isto talvez possa ser estendido a outras mulheres coevas como Leonor de Almeida, não tem tanto a ver com uma assunção cega da doxa como com uma utilização estratégica desta, servindo-se daqueles canais que consideravam mais seguros para a promoção das suas ideias, particularmente a correspondência privada, a assembleia e a publicação formalmente anónima, o que, como vimos, não tinha que corresponder necessariamente com uma verdadeira ocultação da identidade. Muito ao contrário, existe em Teresa de Mello Breyner uma explícita ambição de glória, que tem mais a ver com o reconhecimento dos pares, com a criação de uma imagem pública incontestável e com o triunfo de um grupo e de algumas propostas ideológicas que com a defesa da individualidade ou da originalidade autoral, vinculado todo isto a uma concepção aristocratizante do indivíduo e do grupo, pois temos visto como a doxa da primeira nobreza antepunha sempre a casa ao indivíduo na procura de benefícios tanto imediatos como a médio ou longo prazo.

4) Entendemos que a perspectiva dos estudos feministas nom tem sido em todas as occasions correcta nem útil para a análise da posiçom e da funçom de determinadas mulheres nos sistemas culturais nem para a reconstruçom veraz da história das mulheres, por dous motivos: o primeiro, porque em muitas occasions tem partido de umha perspectiva teleológica que implicava a existência de umha luta ao longo da história construída passo a passo em contínuo progresso, o que significaria que as mulheres do século XVIII estariam sempre em pior situaçom que as do XIX e assim sucessivamente; o segundo, porque levados precisamente por esta ideia dos fitos, temhem prestado atençom de forma quase exclusiva às mulheres transgressoras, obviando aquelas que beneficiárom da utilizaçom estratégica da doxa para promover determinadas ideias. Entendemos, portanto, que nom se tem prestado suficiente atençom, ao menos no âmbito dos estudos portugueses, à redefiniçom do papel da mulher que entranha o triunfo da ideologia burguesa pós-revolucionária, que nom só nom liberou as mulheres dos condicionantes socialmente impostos durante o Antigo Regime, mas ainda incorporou novos elementos de repertório de extraordinário sucesso que as reduzírom invariavelmente ao papel de esposas e mais.

5) O estudo do reinado de D. Maria, em nossa opiniom, deve ser refocado, pois entendemos que a sua característica principal nom é ser *viradeira* do anterior, mas a luta intestina que se produz no âmbito da Corte por dominar ou até substituir umha Rainha conscientemente enfraquecida. Analisando as informaçoms de que dispugemos, entendemos que este período está marcado, principalmente, pola indefiniçom de um único grupo dominante –bem ao contrário do que acontece com o reinado josefino ou posteriormente com o joanino-, pois o conflito entre facçoms só é resolvido quando morre o príncipe D. José e a Rainha é afastada do poder.

6) Para conseguir elaborar umha reconstruçom do sistema cultural e até político em Portugal na segunda metade do século XVIII deve, em nossa opiniom, dar-se umha maior atençom a determinadas instituiçoms e a determinadas figuras sem obra publicada conhecida, e por isso secundarizadas em grande medida, mas que ocupárom um lugar indiscutivelmente decisivo na introduçom, promoçom e difusom em Portugal de ideias e valores ilustrados, alguns deles posteriormente triunfantes através do liberalismo.

7) Deve em nossa opiniom recolocar-se também o estudo e a percepçom que nos estudos portugueses se tem sobre a literatura do período ilustrado, superando umha visom excessivamente canonizada dos estudos literários, focados quase exclusivamente para aqueles produtores que som colocados pola historiografia literária na posiçom

central do sistema (António José da Silva, Bocage, Filinto Elísio) e, dentro destes, unicamente nas produções publicadas, ignorando as relações dos seus escritos com outros elementos do campo intelectual, as redes que lhe davam o suporte necessário para escreverem e até as vias de introdução das ideias e dos modos por eles recolhidos e utilizados. Igualmente, entendemos que para superar a minusvaloração que a crítica e a historiografia literária tenham feito deste período deve ser repensada, em primeiro lugar, a definição de literatura que aplicamos a cada momento da história da literatura, e, posteriormente, submetermos a consideração se é intelectual e socialmente rendível o estudo isolado da literatura ou, o que realmente é feito, dos produtos literários publicados por produtores concretos, em lugar de abordarmos o estudo do campo intelectual no seu conjunto e das estreitas relações que este mantém com o campo do poder, o que nos ajudará a compreender melhor não apenas os produtos concretos que podemos submeter a análise, mas também a conhecer muitos dos elementos que hoje fazem parte da nossa doxa e que podemos observar como foram introduzidos no campo intelectual num momento particular por uma série de pessoas particulares respondendo a interesses particulares.

Bibliografia

Corpus

Academia das Sciencias de Lisboa (1780): *Plano de estatutos em que convieraõ os primeiros socios da Academia das Sciencias de Lisboa, com beneplacito de sua Magestade*; Lisboa: na Refia Officina Typografica. Com licença da Real Meza Censoria

Academia Real das Sciencias de Lisboa (1792): *Memorias de litteratura portugueza publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Lisboa: na officina da mesma Academia. Com licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros, Tomos I a III.

Biblioteca Pública de Évora: Códices CX_1-16, CXXVII_1-6 e CXXVII_2-9

Catálogo da biblioteca do Conde de Vimieiro (1769) (IAN-TT, Real Mesa Censória, 2476).

Correspondência dirigida à Condessa por D. Teresa de Melo Breyner “Tirce”, n.º 222, 223 e 224, Núcleo da Casa Fronteira-Alorna, IAN-TT.

Gazeta de Lisboa, Lisboa: na Regia Officina Typografica.

I.M.R.L. (1798): *Osmía. Tragedia portuguesa en cinco actos, premiada por la Academia Real de las Ciencias de Lisboa, y traducida al castellano por I. M. R. L.*; De la imprenta de la Viuda é Hijo de Marin.

Livros remetidos p^a Alcoentre ao S^r Conde de Vimieiro aos 26 de Julho de 1786: SR: 03/ Catálogos e Relações dos Livros remetidos de e para a BNL (Biblioteca Nacional: BN/AC03/Cx.01-Maço 01; C:115 E: 09 P: 01).

Mello Breyner, Teresa (1781): *Idéa de hum elogio historico de Maria Theresa archidukeza de Austria, imperatriz viuva, rainha apostolica de Hungria, e de Bohemia, princeza soberana dos Paizes Baixos. Escrita em francez por M.M*****; Lisboa: na Officina de Francisco Luiz Ameno. Com licença da Real Meza Censoria

Mello Breyner, Teresa de (1788): *Osmia*, Lisboa: Offic. da Academia Real das Sciencias.

Murray, Marie-Caroline (1781): *Essai d'un éloge historique de Marie-Thérèse, archiduchesse d'Autriche, impératrice-douairière, reine apostolique de Hongrie & de Bohême, princesse souveraine des Pays-Bas par M. M.******; à Bruxelles: Chez J. Vanden Berghen, imprimeur de fève Son Altesse Royale, rue de la Magdelaine.

Bibliografia metodológica

Bourdieu, Pierre (1979): *La distinction. Critique sociale du jugement*; Paris: Les Éditions de Minuit.

Bourdieu (1984): *Questions de sociologie*, Paris: Les éditions de Minuit.

Bourdieu, Pierre (1989): *La noblesse d'État. Grandes écoles et esprit de corps*; Paris, Éditions de Minuit.

Bourdieu, Pierre (1991): «Le champ littéraire: avant-propos», in *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n° 89, pp 4-46.

Bourdieu, Pierre (1992): *Les règles de l'art. Genèse et structure du champ littéraire*; Paris: Éditions du Seuil.

Bourdieu, Pierre (1994): *Raisons pratique. Sur la théorie de l'action*; Paris; Éditions du Seuil.

Bourdieu, Pierre (1998): *La domination masculine*; Saint-Amand-Montrod (Cher), Collection “Liber”: Éditions du Seuil.

Elias, Norbert (1969): *Die Hofische Gesellschaft*; Neuwied & Berlin: Hermann Luchterhand Verlag. Trad. francesa Pierre Kamnitzer (1974): *La société de cour*; Paris: Calmann-Lévy.

Even-Zohar, Itamar (1990): «Polysystem theory» in *Poetics Today*, 11: 1 (Spring), pp. 9-85.

Even-Zohar, Itamar (1997): «The Making of Culture Repertoire and the Role of Transfer.» *Target*, 9 (2), pp. 373-381.

Even-Zohar, Itamar (1997): «Culture as goods Vs. culture as tools», <http://www.tau.ac.il/~itamarez/papers/gds-tls.htm> (último acesso, 14.04.2004)

- Even-Zohar, Itamar (1999): «Factores y dependencies de la cultura. Una revisión de la teoría de los polisistemas» in Montserrat Iglesias Santos (ed. 1999): *Teoria de los polisistemas*; Madrid: Arco/Libros, pp. 23-52.
- Even-Zohar, Itamar (2000): «The Making of Repertoire, Survival and Success under Heterogeneity» in *Festschrift für die Wirklichkeit* [To Honor Sigfried J. Schmidt], Guido Zurstiege, ed. Darmstadt: Westdeutscher Verlag, pp. 41-51. Também acesível em <http://itamarez.tripod.com/papers/rep-exito.htm> (último acesso, 14.04.2004).
- Even-Zohar, Itamar (2001): «Laws of cultural interference (draft in work)» <http://www.tau.ac.il/~itamarez/culture-interference> (último acesso 10.03.2003)
- Machado, Álvaro Manuel/ Pageaux, Daniel-Henri (1981): *Literatura portuguesa, literatura comparada, teoria de la literatura*, Lisboa: Edições 70.
- Pageaux, Daniel-Henri (1994): *La littérature générale et comparée*; Paris: Armad Colin Editeur.

Bibliografia geral

- Abreu, Márcia (2002): «O leitor e a história literária», in: ANPOLL: GT História da literatura, <http://www.pucrs.br/fale/pos/historiadaliteratura/gt/abreu.htm>.
- Albuquerque, José Osório de Castro Cabral de (1845): *Osmia –Conto-histórico-luzitano em quatro quadros seguido de outras poesias*, Lisboa: Imprensa Nacional
- Alexander, Boyd (ed.: 1983): *Diário de William Beckford em Portugal e Espanha*, Lisboa: Biblioteca Nacional.
- Almeida, A. Duarte de (1983): *As invasões francesas: Reinado de D. Maria I -Regência do Príncipe D. João; 1777-1816*; Lisboa: João Romano Torres & C.^a Livraria Editora.
- Almeida, Nicolau Tolentino de (1801): *Obras poéticas*; Lisboa: Régia Offic. Typ., 1801.

- Alvim, Maria Helena Vilas Boas e (1985): “Subsídios para a história da mulher” em *A mulher na sociedade portuguesa –visão histórica e perspectivas actuais. Colóquio 20-22 de Março de 1985, Actas*, Coimbra: Instituto de História Económica e Social-Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 271-289
- Amaral, Diamantino Antunes (1968): «A laguna: vida, morte e ressurreição de Aveiro» in *Aveiro e o seu Distrito*, n.º 6, pp. 34-36, tirado de www.prof2000.pt/users/hjco/aveirria/Pg000520.htm (última consulta 17.01.2004).
- Amorós, Celia (1992, coord): *Actas del seminario permanente. Feminismo e Ilustración (1988-1992)*, Madrid: Instituto de Investigaciones Feministas –Universidad Complutense de Madrid/Dirección General de la Mujer de la Comunidad Autónoma de Madrid.
- Anastácio, Vanda (2000, ed.): *Obras de Francisco Joaquim Bingre* (1º volume) –Obras dramáticas, Lisboa: Lello Editores.
- Anastácio, Vanda (2000, ed.): *Obras de Francisco Joaquim Bingre* (2º volume) – Poemas heróicos, Lisboa: Lello Editores.
- Aragão, Francisco Manuel Trigozo d’ (1812): *Collecção systematica das leis e estatutos, por que se tem governado a Academia Real das Sciencias de Lisboa, desde o seu estabelecimento até o tempo presente*, Lisboa: Academia Real das Ciências
- Araújo, Ana Cristina (2000, coord.): *O marquês de Pombal e a Universidade*; Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Araújo, Ana Cristina (2003): *A cultura das Luzes em Portugal. Temas e problemas*; Lisboa: Livros Horizonte.
- Araújo, Athur (1912): «Cartas do abbade Corrêa da Serra ao Conde da Barca» in *Arquivos de história da Medicina Portuguesa*, nova serie 3.º ano; Porto: Lemos & C.^a, Suc.^{or}.
- Ariés, Philippe e Duby, Georges (1990): *História da vida privada –Do Renascimento ao Século das Luzes*. Trad. portuguesa com revisão científica de Armando Luís Carvalho Homem; Porto: Afrontamento, vol. 3.
- Atehortúa Atehortúa, Arbey (2000): «La figura femenina en la tragedia de Sófocles» in *Revista de Ciencias Humanas*, nº 24 in

- Ayres, Christovam (1927): *Para a história da Academia das Ciências de Lisboa*, Coimbra: Imprensa da Universidade; Academia das Ciências de Lisboa: separata do *Boletim da Segunda Classe*, volume XII.
- Azevedo, Diogo Manoel Ayres de (1734): *Portugal illustrado pelo sexo feminino. Noticia historica de muytas heroínas portuguesas*; Lisboa Occidental: na Officina de Pedro Ferreira.
- Azevedo, Francisco de Simas Alves de (1958): «Uma gravura que consagra dois intelectuais do século XVIII», in *Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris*, nº8 (Maio), pp. 22-25.
- Azevedo, Lúcio (1909): *O marquês de Pombal e a sua época*; Lisboa: Clássica Editora.
- Barata, José Oliveira (1991): *História do teatro português*, Lisboa: Universidade Aberta.
- Barreiros, António José (1974): *História da literatura portuguesa*, 8ª edição, Braga: Pax.
- Barreto, Luís Carlos Moniz (1787): *Tratado de educação fysica, e moral das crianças de ambos sexos*, [s.l.]: Sassetti.
- Barros, Thereza Leitão de (1924): *Escritoras de Portugal –Génio feminino revelado na literatura portuguesa*, Lisboa: [s.n.].
- Bastos, António de Sousa (1898): *Carteira do artista: apontamentos para a história do theatro portuguez acompanhados de notícias sobre os principaes artistas, escriptores dramaticos e compositores estrangeiros*, Lisboa: Antiga Casa Bertrand.
- Beaumont, Maria Alice (1968): *Cartas e Alvarás dos Faros da Casa Vimieiro (incluindo dezanove cartas do museu-biblioteca do paço ducal de Vila Viçosa)*, Cascais: Câmara Municipal de Cascais; Museu-Biblioteca Conde de Castro Guimarães.
- Beckford, William (1901): *A côrte da rainha D. Maria I. Correspondência de [...]*; Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão.
- Beckfor, William (2003): *A corte da rainha D. Maria I. Correspondência de [...] 1787. Conforme a tradução (anónima) da Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1901*; Lisboa: Frenesi.

- Beirão, Caetano (1934): *D. Maria I 1777-1792. Subsídios para a revisão da história do seu reinado* (com quatro heliogravuras, e fac-similes de várias cartas) 2.^a edição, corrigida e acrescentada; Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.
- Beirão, Caetano (1936): *Cartas da Rainha D. Mariana Vitória para a sua família de Espanha que se encontram nos Arquivos Histórico de Madrid e Geral de Simancas apresentadas e anotadas por [...] I (1721-1748) (com seis heliogravuras e alguns fac-similes de cartas)*; Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.
- Bell, F.G. Aubrey (1922): *Portuguese literature*, Oxford: Oxford University Press; trad. ao português de Agostinho de Campos e J.G. de Barros e Cunha (1971), Lisboa: Imprensa Nacional.
- Bello Vázquez, Raquel (2002): “Feminismo e aristocracia no projecto ilustrado de um teatro nacional – Teresa de Mello Breyner” comunicação apresentada no *VII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Brown University (Providence, Rhode Island), E.U.A., 1-6 de Julho de 2002 (no prelo).
- Bello Vázquez, Raquel (2004_a): «Luz no ângulo obscuro da cultura: revisom sistémica da historiografia literária», comunicação apresentada no *IX Congresso Internacional da Abralic*, Porto Alegre, 18-21 de Julho de 2004 (no prelo).
- Bello Vázquez, Raquel (2004_b): «Sociabilidade e aristocracia em Portugal no último quartel do século XVIII» comunicação apresentada no *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, Coimbra, 16-18 de Setembro de 2004 (no prelo).
- Bello Vázquez, Raquel (2004_c): «Privacidade e publicidade: a correspondência pessoal como forma de intervenção nos campos intelectual e do poder», comunicação apresentada no *Encontro Internacional Sobre Correspondência do Século XVIII*, Palácio da Fronteira, Lisboa, 12-14 de Outubro de 2004 (no prelo).
- Bello Vázquez, Raquel (2004_d): «Lisbon and Vienna: the correspondence of the Countess of Vimieiro and his circle» *Portuguese Studies*, volume 20, pp. 89-107.
- Bello Vázquez, Raquel (2004_e): “Dá uma risada quando ouvires...- transgressão e ocultamento em Teresa de Mello Breyner” in Ana Toscano & Shelley Godslan (2004): *Mujeres malas. Percepción y representación de la mujer transgresora en el mundo luso-hispánico*, Porto: Universidade Fernando Pessoa.

- Bello Vázquez, Raquel (2005): *Mulher, nobre, ilustrada, dramaturga. Teresa de Mello Breyner no sistema literário em Portugal (1788-1795)*; Santiago de Compostela: Laiovento (no prelo).
- Bessa-Luís, Agustina (2003): «Memórias pombalinas do Marquês de Bombelles» in *Camões. Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, n.º 15-16 (Janeiro-Junho) acessível em <http://www.instituto-camoes.pt/revista/revista15a.htm> (último acesso 16.04.04).
- Blanc, Olivier (1993): *Ecrits politiques (1788-1791). Olympe de Gouges*; Paris: Côté-femmes éditions.
- Bluteau, Raphael (1712-1728): *Vocabulario portuguez & latino; autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes e latinos*; Coimbra: no Collegio das Artes da Comanhia de Jesus. 8 vols. e 2 suplementos.
- Bluteau, Raphael (1789): *Dicionario composto pelo Padre Raphael Bluteau; reformado e acrescentado por Antonio Moraes da Silva*; Lisboa: na Officina de Simão Thadeo Ferreira. 2 vols.
- Bocage, António Maria Barbosa du: *Atilio Régulo* in Cidade, Hernâni (1973, ed.): *Opera omnia*; Venda Nova, Amadora: Livraria Bertrand, volume 5.
- Bolufer Peruga, Mónica (1998): *Mujeres e ilustración. La construcción de la feminidad en la España del siglo XVIII*; València: Diputació de València.
- Borrvalho, Maria Luísa Malato da Rosa (1987): *Manuel de Figueiredo -Uma perspectiva do neoclassicismo português (1745-1777)*, Tese de Mestrado em Literatura Comparada, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, elaborada sob orientação da Professora Doutora Ofélia Milheiro Caldas Paiva Monteiro; Coimbra: Universidade de Coimbra: Faculdade de Letras. Texto policopiado, 2 vol.
- Borrvalho, M. Luísa Malato (1995): “Balsemão, Viscondessa de” em *Biblos: enciclopédia Verbo das literaturas de língua portuguesa*, Lisboa: Verbo. pp. 514-515.
- Bouterweck, Frederick (1823): *History of Spanish and Portuguese literature*, London: Boosey & Sons.
- Braga, Teófilo (1984): *História da Literatura Portuguesa*, 4º vol. –*Os Arcades*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Braga, Theophilo (1870-1871): *Historia do theatro portuguez*, Porto: [s.n.], vol. 3 –A baixa comedia e a opera

- Braga, Theophilo (1904): «D. Theresa de Mello Breyner» in *Archivo de «Ex-libris» Portugueses*, nº 31 (Junho), pp. 95-97.
- Brasil, Reis (1963): *História da literatura portuguesa*; Lisboa: [s.n.]. 2ª edição revista e autorizada.
- Brito, António Ferreira de (1991): *Voltaire na cultura portuguesa. Os tempos e os modos*, Porto: Núcleo de Estudos Franceses da Universidade do Porto.
- Brito, António Ferreira de (1996_a): «Arcadismo» in Machado (1996), pp. 509-567.
- Brito, António Ferreira de (1996_b): «Iluminismo» in Machado (1996), p. 525.
- Brito, Frei Bernardo de (1597). *Monarquia lusitana* in A. da Silva Rego (1973-1988, ed.), reprodução facsimile das edições de 1597 e 1727; Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Brito, Manuel Carlos de (1989): *Opera in Portugal in the eighteenth century*; Cambridge: Cambridge University Press.
- Brito, Salustiano Lopes de (1998): *Inventário do arquivo histórico municipal de Faro*, Faro: Câmara Municipal de Faro.
- Buescu, Maria Leonor Carvalhão (1992): *Literatura portuguesa clássica*, Lisboa: Universidade Aberta.
- Calafate, Pedro (2001, dir.): *História do pensamento filosófico português –As Luzes*, Lisboa: Caminho, vol. III.
- Câmara, Maria Alexandra Trindade Gago da; Anastácio, Vanda (2004): *O teatro em Lisboa no tempo do Marquês de Pombal*; [s. l.]: IPM, Museu Nacional do Teatro.
- Carreira, Laureano (1988): *O teatro e a censura em Portugal na segunda metade do século XVIII*, [Lisboa]: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Carvalho, Augusto da Silva (1948): «O abade Correia da Serra» separata das *Memórias* -Classe de Ciências -tomo VI; Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.
- Carvalho, Mário Vieira de (1993): *Pensar é morrer ou o teatro de São Carlos na mudança de sistemas sociocomunicativos desde fins do séc. XVIII aos nossos dias*; Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Carvalho, Rómulo de (1987): «D. João Carlos de Bragança, 2º Duque de Lafões, fundador da Academia das Ciências de Lisboa» in *Publicações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa*, Lisboa.
- Castelló García, Elena (1992: 194) “Perfil y mito de la mujer revolucionaria: Théroigne de Méricourt” in Celia Amorós (1992), pp.191-200.

- Castro e Sola, Amadeu Teles da Silva de Afonseca Mesquita de Castro Pereira e Sola, 2º Conde de (1916): «Vimieiro (D. Sancho de Faro e Souza, 4º Conde de)» in *Revista de Ex-Libris Portuguezes*, nº 1 (Fevereiro), pp. 5-7.
- Castro, Aníbal de (1995): “Alorna, Marquesa de” em *Biblos: enciclopédia Verbo das literaturas de língua portuguesa*, Lisboa: Verbo.
- Castro, Francisco de Portugal e (1747): *Resposta do Marquez de Valença D. Francisco de Portugal e Castro aos reparos de um anônimo à crítica, que fez o mesmo Marquês à famosa tragédia do Cid*.
- Chagas, Pinheiro (1876-1886): *Dicionário popular, historico, geographico, mythologico, biographyco, artistico, bibliographyco e litterario*; Lisboa: Lallemon Freres.
- Chaves, Castello Branco (2002): *Viagem em Portugal (1798-1802). Carl Israel Ruders*; tradução de António Feijó; prefácio e notas de Castelo Branco Chaves; Lisboa: Série Portugal e os Estrangeiros -Biblioteca Nacional, 2 volumes.
- Cidade, Hernâni (1941): *Marquesa de Alorna. Inéditos. Cartas e outros escrito. Selecção, prefácio e notas do Prof. Hernâni Cidade*; Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- Cidade, Hernâni (1966): *Bocage a obra e o homem*; Lisboa: Arcádia. 4.^a ed. (1980).
- Cidade. Hernâni (1973): *Bocage. Opera Omnia*, vol. 5; Lisboa: Livraria Bertrand.
- Cidade, Hernâni(1974): *Cultura portuguesa*, vol. 12 [Lisboa]: Empresa Nacional de Publicidade.
- Cidade, Hernâni (1984): *Lições de cultura e literatura portuguesas*, vol.2 –*Da reacção contra o formalismo seiscentista ao advento do Romantismo*, 7.^a edição do *Ensaio sobre a crise mental do séc. XVIII* corrigida, actualizada e ampliada, Coimbra: Coimbra Editora.
- Cobo Bedia, Rosa (1992) “Influencia de Rousseau en las conceptualizaciones de la mujer en la Revolución Francesa” en Celia Amorós (1992: 183-190).
- Coelho, Jacinto do Prado (1987): *Dicionário de literatura –portuguesa, brasileira, galega, estilística literária*, 3.^a edição, Porto: [s.n.].
- Cortiças Leira, Antia (2004_a): *A tradução de textos teatrais para português durante o último quartel do século XVIII*. Trabalho Academicamente Dirigido sob orientação de Elias J. Torres Feijó. Departamento de Filologia Galega, Faculdade de Filologia, Universidade de Santiago de Compostela.

- Cortiças Leira, Antia (2004_b): «A correspondência como meio de difusão do cânone: o caso de Metastasio e Gluck no epistolário Vimieiro-Oyenhausen», *Encontro Internacional Sobre Correspondência do Século XVIII* (12, 13 e 14 de Outubro de 2004), Palácio da Fronteira, Lisboa.
- Costa, António da (1892): *A mulher em Portugal*, Lisboa: Typografia da Companhia Nacional.
- Cotoni, Marie-Hélène (1999): *Correspondance de Frédéric II avec Louise-Dorothée de Saxe-Gotha: (1740-1767). Édition critique avec introduction et notes par [...]*; Oxford: The Voltaire Foundation.
- Cranmer, David John (1996): *Opera in Portugal 1793-1828: a study in repertoire and its spread*; Dissertation submitted for the degree of Ph. D. (Music), 2 vol.
- Cristóvão, Fernando Alves (1982) “Presença de Fénelon no espaço literário luso-brasileiro”, in: *Les rapports culturels et littéraires entre le Portugal et la France*. Actes du colloque. Paris, 11-16 Octobre 1982, Braga: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984, pp. 135-150.
- Cruz, Duarte Ivo (2001): *História do teatro português*, Lisboa: Verbo.
- D'Alcochete, Nuno Daupias (1976): *Humanismo e diplomacia -correspondência literária de Francisco José Maria de Brito com Dom Frei Manuel do Cenáculo (1789-1804)*, Paris: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Dantas, Júlio (1930): *O duque de Lafões e a primeira sessão da Academia*; Lisboa: Portugal-Brasil.
- Delgado, Buenaventura (1995) *Historia de la infancia*, Barcelona: Ariel.
- Delon, Michel (1998): “Moral” in Vincenzo Ferrone e Daniel Roche (1998), pp. 41-47.
- Dezengano, Padre Amador do (1761): *Espelho critico no qual se vem alguns defeitos das mulheres*, Lisboa: Officina de António Vicente da Silva
- Dias, Luís Fernando de Carvalho (1975): «Algumas cartas do doutor António Ribeiro dos Santos aos seus contemporâneos» separata da *Revista Portuguesa de História*, tomo XIV, pp. 415-519.
- Díaz, Furio (1998): «Libertad» in Vincenzo Ferrone e Daniel Roche (1998), pp. 56-65.
- Diogo, Américo António Lindeza e Silvestre, Osvaldo Manuel (1996): *Rumo ao português legítimo. Língua e literatura (1750-1850)*, Braga/Coimbra: Angelus Novus.

- Domingos, Manuela D. (1990): «A caminho da Real Biblioteca Pública: dois documentos, 1775-1795», separata da *Revista da Biblioteca Nacional*, série 2, vol. 5 (1), pp. 139-160.
- Domingos, Manuela D. (1991): «*Colporteurs* ou livreiros? Acerca do comércio livreiro em Lisboa, 1727-1754», separata da *Revista da Biblioteca Nacional*, série 2, vol. 6 (1), pp. 109-142.
- Domingos, Manuela D. (1992_a): «Biblioteca Nacional -crónica de 200 anos», separata de *Tesouros da Biblioteca Nacional*, Lisboa: INAPA.
- Domingos, Manuela D. (1992_b): «Para a história da biblioteca da Real Mesa Censória», separata da *Revista da Biblioteca Nacional*, série 2, vol. 7 (1), pp. 137-158.
- Domingos, Manuela D. (1994_a): «A primeira biblioteca pública portuguesa, 1775-1795. Planos, projectos e primeiros fundos» separata de *Cadernos BAD*, nº1, pp., 59-70.
- Domingos, Manuela D. (1994_b): «Olhares de viajantes estrangeiros sobre a Real Biblioteca Pública da Corte (1796-1822)» separata de *Cadernos BAD*, nº2, pp., 105-113.
- Domingos, Manuela D. (1995): «Mercado livreiro no século XVIII: mecanismos e agentes» in *Barata*, nº 35 (Ago.-Set.-Out.), pp. 29-43.
- Domingos, Manuela D. (1998): *Livraria de Dom José da Silva Pessanha -Do coleccionador à Biblioteca Pública*, Lisboa: Biblioteca Nacional.
- Domingos, Manuela D.; Lopes, Inês; Oliveira, António Braz de (1994): *Biblioteca nacional de Portugal*; [s.l.]: a publicar pela ABINIA, Associação das Bibliotecas Nacionais Ibero-Americanas.
- Duby, Georges e Perrot, M. (1991): *História das mulheres –do Renascimento à Idade Moderna*, vol 3, sob a direcção de Natalie Zemon Davis e Arlette Farge, trad. de Alda Maria Duraes et alii, Porto: Aforntamento.
- Duchêne, Roger (1998): «Genre masculin, pratique féminine» in Planté, Christine (1998), pp. 27-50.
- Espanca, Túlio (1966): *Inventário artístico de Portugal. Concelho de Évora*; Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, I Volume, VII.
- Espanca, Túlio (1975): *Inventário artístico de Portugal. Concelhos de Arraiolos, Estremoz, Montemor-o-Novo, Mora e Vendas Novas*; Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, I Volume, VIII.

- Espanca, Túlio (1978): *Inventário artístico de Portugal. Concelhos de Alandroal, Borba, Mourão, Portel, Redondo, Reguengos de Mosaraz, Viana do Alentejo e Vila Viçosa*; Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, I Volume, IX.
- Faria, António (2001): *Concepção de história e prática política. O abade Correia da Serra (1751-1823)*; Serpa: Câmara Municipal.
- Faro, D. Joseph de (1753): *Elogio de Simão dos Santos, cavalheiro da Ordem de Christo, fidalgo da Casa de S. Magestade, sargento mór de batalha de seus exercitos, e governador da ppraça de Castello de Vide. Composto, e offerecido ao illustrissimo, e excellentissmio senhor D. Sancho de Faro e Sousa, Conde do Vimieiro, senhor da mesma villa, e da de alcoentre, Tagarro, e Quebradas, seus lugares annexos, e dos direitos reais de Rio Mayor, e Verdelho; commendador de N. Senhora da Graça, na Villa de Móra, e de Santo Ildefonso de Monte argil, na Ordem de Aviz, e de Santo André de Fiaens do Rio na de Crhisto; alcaide mór de Rio Mayor, de Móra, e de Vimieiro, do Conselho de S. Magestade. Por seu irmão [...]*; Lisboa: Na Officina de Francisco Luiz Ameno, Impressor da Congregação Cameraria da Santa Igreja de Lisboa.
- Feijó, Benito Jerónimo (1727): *Teatro crítico universal o discursos varios, de todo genero de materias, para desengano de errores comunes*, vol. I, 2ª reimpressom, Madrid: Imprenta de Lorenzo Francisco Mojados.
- Feijó, Benito Jerónimo (1742-1760): *Cartas eruditas y curiosas en que, por la mayor parte, se continúa el designio del Teatro Critico Universal, impugnando, o reduciendo a dudosas varias opiniones comunes*; Madrid: Imprenta de Francisco del Hierro. Acessível em www.filosofia.org/bjf/bjfc000.htm.
- Fenelon, Francisco de Salignac da Motha (1785): *Aventuras de Telemaco, filho de Ulysses, por [...] Arcebispo, e Duque de Cambraia, &c. traduzidas do francez em portuguez. Com hum discurso sobre a poesia épica, e excellencia do poema de Telemaco; e notas geográficas, e mythologicas para a intelligencia do mesmo poema*; Lisboa: na Typografia Rollandiana. Com licença da Real Meza Censoria.
- Fernández-Galiano, Manuel/ Cristóbal, Vicente (1990): *Horacio. Odas y epodos*; Madrid: Cátedra.
- Ferrão, António (1935): *O segundo Duque de Lafões e o Marquês de Pombal (subsídios para a biografia do fundador da Academia das Ciências)*; Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa -separata do «Boletim da Segunda Classe», volume XIX.

- Ferreira, Joaquim (1939): *História da literatura portuguesa*; 3.^a edição (1964), Porto: Domingos Pereira.
- Ferreira, O. de Veiga (1976-1995): «Endovélico» in *Verbo. Enciclopédia luso-brasileira da cultura*, Lisboa: Editorial: Verbo, volume 7 pp. 522-523.
- Ferro, João Pedro (1989): *Um príncipe iluminado português: D. José (1761-1788)*; Lisboa: Lucifer Edições.
- Ferrone, Vincenzo; Roche, Daniel (1988): *Diccionario histórico de la Ilustración*; Madrid: Alianza.
- Figueiredo, Fidelino (1927): *Historia de la literatura portuguesa*; Barcelona-Buenos Aires: Labor.
- Figueiredo, Fidenino (1916): *Historia da crítica litteraria em Portugal. Da renascença à actualidade*, 2.^a edição revista, Lisboa: Livraria Clássica Editora-A.M.Teixeira.
- Figueiredo, Manuel de (1804-1810): *Theatro*, Lisboa: Impressão Régia, 13 vols.
- Fonseca, Teresa (1998): *Administração senhorial e relações de poder no concelho do mimieiro (1750-1801)*; Câmara Municipal de Arraiolos.
- França, José Augusto (1978): *A reconstrução de Lisboa e a arquitectura pombalina*, Venda Nova-Amadora: Instituto de Cultura Portuguesa.
- França, José-Augusto (1980): *A arte em Portugal no século XIX*; Lisboa: Livraria Bertrand, volume I.
- França, José Augusto (1984): «Burguesia pombalina, nobreza mariana, fidalguia liberal», in Santos, Maria Helena Carvalho dos (1984), *Pombal revisitado. Comunicações ao colóquio internacional organizado pela Comissão das Comemorações do 2º Centenário da Morte do Marquês de Pombal*; Lisboa: Editorial Estampa 2 vols. pp. 19-33, vol. 1.
- França, José Augusto (1987): *Lisboa pombalina e o iluminismo*, Venda Nova: Bertrand Editora. Terceira edição revista e actualizada.
- Franco, José Eduardo; Rita, Anabela (2004): *O mito do Marquês de Pombal. A mitificação do primeiro-ministro de D. José I pela maçonaria*; Lisboa: Prefácio.
- Freire, Francisco José (1748_a): *Arte poetica ou regras da verdadeira poesia*, Lisboa: Off. de Francisco Luiz Ameno.
- Fuentes, Juan Francisco (1998): «Utopía» in Vincenzo Ferrone e Daniel Roche, *Diccionario histórico de la ilustración*; Madrid: Alianza; pp. 131-135.

- Gagé, Jean (1946): «Antonio de Araujo de Azevedo auteur d'«Osmia». Notes sur un petit problème d'histoire des lettres portugaises, d'après des documents inédits conservés aux Archives Nationales de Rio de Janeiro», tirage à part de *Bulletin des Etudes Portugaises*, Lisbonne: Coimbra Editora.
- Gavilanes, José Luis e Apolinário, António (eds.,2000): *Historia de la literatura portuguesa*, Madrid: Cátedra
- Gonçalves Rodrigues, A. A. (1992): *A tradução em Portugal. Tentativa de resenha cronológica das traduções impressas em língua portuguesa excluindo o Brasil de 1495 a 1950*; Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, vol. 1.
- Grand Dictionnaire des femmes de l'Ancienne France* in <http://siefar.org/DicoAc.html> (último acesso 08 Janeiro 2005).
- Guedes, Fernando (1987): *O livro e a leitura em Portugal. Subsídios para a sua história. Séculos XVIII-XIX*, Lisboa e São Paulo: Editorial Verbo.
- Guedes, Fernando (1993): *Os livreiros em Portugal e as suas associações desde o século XV até aos nossos dias*, [s.l.]: Verbo.
- Guedes, Fernando (1998): *Os livreiros franceses em Portugal no séc. XVIII. Tentativa de compreensão de um fenómeno migratório e mais alguma história, pelo académico correspondente...*, Lisboa: Academia Portuguesa da História.
- Gury, Jacqs (1989): *Journal de voyage en Grande Bretagne et en Irlande: 1784*; Oxford: The Voltaire Foundation.
- Gusmão, Armando Nobre de (1944): *Catálogo da correspondência dirigida a Fr. Manuel do Cenáculo Vilas-Boas*, Évora: Publicações da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, 6 vols.
- Hazard, Paul (1983): *O pensamento europeu no séc. XVIII: de Montesquieu a Lessing*, Lisboa: Presença.
- Jesus, Margarida Gertrudes de (1761_a): *Primeira carta apologética*, Lisboa: Of. de Francisco Borges de Sousa.
- Jesus, Margarida Gertrudes de (1761_b): *Segunda carta apologética*, Lisboa: Of. de Francisco Borges de Sousa.
- Junior, António Salgado (1949): *Verdadeiro método de estudar*, Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 5 vols.
- Kann, Roger (1979, ed.): *Marquis de Bombelles. Journal d'un ambassadeur de France au Portugal (1786-1788)* [...] edition établie, annotée e precedee d'une introduction par..., Paris: Presses Universitaires de France.

- Kant, I. (1784): «Respuesta a la pregunta: ¿A qué se llama ilustrar?», en I. Kant, «Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?», en *Berlinische Monatsschrift* 4 (1784), pp. 481-494. Trad. espanhola, Agapito Maestre (1989: 17-25).
- Kant, I. (1790): «Del *sensus communis* a la capacidad de juicio», en I. Kant, *Kritik der Urteilskraft* (1790), tomado de la edición de Reclam, Stuttgart, 1963, pp. 214-216. Trad. espanhola, Agapito Maestre (1989: 26-28).
- Kant, I. (1798): «Acerca de la Ilustración y la Revolución», en I. Kant, *Der Streit der Fakultäten* (1798), tomado de la edición de la Academia, VII, pp. 81 y ss. Trad. espanhola, Agapito Maestre (1989: 28-29).
- Lambert, José (1986): «Les relations littéraires internationales comme probleme de reception» in *Oeuvres & Critiques -Yves Chevrel: Méthodologie des études de reception: perspectives comparatistes*, n.º XI, 2; Tübingen: Gunter Narr Verlag/Paris: Jean-Michel Place.
- Lapa, Rodrigues (1958): *Poetas do Século XVIII (árcades e pré-românticos)*, Lisboa: Textos Literários
- Lisboa, Eugénio (1990-1998): *Dicionário cronológico de autores portugueses*, 2ª edição revista e ampliada, Mem Martins: Publicações Europa-América
- Lopes, Maria Antónia (1987): *Mulheres, espaço e sociabilidade. A transformação os papéis femininos à luz das fontes literárias (segunda metade do século XVIII)*, Coimbra: Dissertação de Mestrado em História Moderna Apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; texto policopiado
- Lopes, Óscar; Saraiva, António [s.d.]: *História da literatura portuguesa*; Porto: [s.d.].
- Macedo, Jorge de (1951): *A situação económica no tempo de Pombal. Alguns aspectos*; Porto: Livraria Portugália.
- Macedo, Jorge Borges de (1974): «"Estrangeirados", um conceito a rever» in *Actas do congresso "A arte em Portugal no séc. XVIII" de homenagem a André Soares (Bracara Augusta, tomo II, vol. 28, nº 65-66[77-78])* pp. 179-202.
- Macedo, Jorge Borges de (1982): *Problemas de história da indústria portuguesa no século XVIII*; Lisboa: Querco.
- Machado, Álvaro Manuel (1979): *As origens do romantismo em Portugal*, Amadora: Livraria Bertrand.
- Machado, Álvaro Manuel (1984): *O "Francesismo" na literatura portuguesa*, Lisboa: Instituto da Língua e da Cultura Portuguesa.

- Machado, Álvaro Manuel (1996, ed.): *Dicionário de literatura portuguesa*, Lisboa: Presença.
- Machado, José Pedro (1984): *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*, Lisboa: Horizonte/ Confluência; 2ª ed. 1993.
- Maestre, Agapito (1989): *J.B. Erhard, K.F. Freiherr von Moser, Ch. Garve, J.B. Geich, J.G. Hamann, J.G. Herder, I. Kant, G.E. Lessing, M. Mendelssohn, A. Riem, F. Shiller, Ch. M. Wieland, J.F. Zöllner. ¿Qué es Ilustración?*; Madrid: Tecnos, 2.ª ed. (1.ª ed. 1988).
- Maffre, Claude (1994): *L'oeuvre satirique de Nicolau Tolentino*, Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian.
- Maître, Myriam (1998): «Lettres de Sapho, lettres de Madeleine? Les lettres dans la Clélie et la correspondance de M^{lle} de Scudéry» in Planté (1998), pp. 51-66.
- Manço, José Joaquim Motta (1777): *Pela feliz aclamação da augustissima Rainha nossa senhora D. Maria I e a sua exlataçam ao throno com elrey D. Pedro III. nosso senhor oração panegirica escrita por Jozé Joaquim da Motta Manço*; Lisboa: na Offic. da Viuva de Ignacio Nogueira Xisto.
- Marcadé, J. (1978): *Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas évêque de Beja, archevêque d'Evora (1770-1814)*; Paris: Centro Cultural Português/Fundação Calouste Gulbenkian.
- Marcos, Ángel; Serra, Pedro (1999): *Historia de la literatura portuguesa*; Salamanca: Luso-española.
- Marques, A. H. de Oliveira (1990): *História da maçonaria em Portugal*, vol. I -*Das origens ao triunfo*.
- Marques, Maria Adelaide Salvador (1963): «A Real Mesa Censória e a cultura nacional -aspectos da geografia cultural portuguesa no século XVIII», separata do *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. XXVI; Coimbra.
- Marques, Maria Adelaide Salvador (1982): «Pombalismo e cultura média -meios para um diagnóstico através da Real Mesa Censória», Separata da revista *Brotéria*, vol. 115, nº 2-3-4 (Agosto-Setembro-Outubro), Lisboa, pp. 181-208.
- Matias, Elze Maria Henny Vonk Matias (1995): *Guia ilustrativo das academias literárias portuguesas dos seculos [sic] XVII e XVIII*, Lisboa, 3 vol.; texto policopiado.

- Maupoint (1733): *Bibliothèque des theatres*, acessível em <http://cesar.org.uk/cesar2/books/maupoint/display.php?index=151>) (último acesso 05 Janeiro 2004).
- Mello Breyner, Thomaz de (1930): *Memórias do professor Thomaz de Mello Breyner, 4º Conde de Maфра*, Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira; Livraria Editora, edição fac-símile (1997), Lisboa: Serviço de Dermatologia do Hospital do Desterro.
- Mendelssohn, M. (1784): «Acerca de la pregunta: ¿A qué se llama ilustrar?», em M. Mendelssohn, «Über die Frage: was heisst aufklären?», en *Berlinische Monatsschrift* 4 (1784), pp. 193-200. Trad. espanhola Agapito Maestre (1989: 11-15).
- Mendes, João (1978): *Literatura portuguesa*; Lisboa: Verbo.
- Meraud, Christiane (1985): *Voltaire et Frédéric II: une dramaturgie des lumières (1736-1778)*; Oxford: The Voltaire Foundation.
- Metastasio, Abbade (1802): *Comedia nova intitulada a Gricelda ou a rainha pastora do [...]*, Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira
- Metastasio (1740): *Attilio Regulo*, in Marco Fubini (1968, ed.), *Opere*, Milano, Napoli: Ricciardi, acessível em www.bibliotecaitaliana.it
- Miranda, José da Costa (1984): «Sul teatro di Metastasio nel settecento portoghese» in *Italianistica. Rivista di letteratura italiana*; anno XIII, n.º 1-2 (Gennaio/Agosto), pp. 223-227
- Moisés, Massaud (1960): *A literatura portuguesa*; São Paulo: Cultrix.
- Moisés, Massaud (1973): *Dicionário de termos literários*; São Paulo: Cultrix.
- Moisés, Massaud (2000): *As estéticas literárias em Portugal. Séculos XVIII e XIX*; Lisboa: Caminho.
- Monteiro, Nuno Gonçalo Freitas (1998): *O crepúsculo dos grandes (1750-1832)*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Monteiro, Nuno G. F. (2004): *Elites e poder*; Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Morant Deusa, Isabel; Bolufer Peruga, Mónica (1998): *Amor, matrimonio y familia. La construcción histórica de la familia moderna*; Madrid: Editorial Síntesis.
- Neves, José Cassiano (1957): *Lisboa e a tragédia dos Távoras*; Lisboa: edição do autor. Conferência na sede do Grupo «Amigos de Lisboa», Largo Trindade Coelho, 9=1.º andar, em 16 de Fevereiro de 1957.
- Norton, José (2004): *Pina Manique*; Lisboa: Bertrand.

- Oudard, Georges (1934): *Lettres d'amour de Catherine II à Potemkine: corresponance inédite publié avec une introduction et des notes par [...]*; Paris: Calmann-Lévy.
- P.F.N.S. (1777): *Applauzo universal das quatro partes do mundo na glorioza acclamação da Rainha nossa senhora*; Lisboa: na Officina de Caietano Ferreira da Costa.
- Palma-Ferreira, João (1982): *Academias literárias dos séculos XVII e XVIII*, Lisboa: Biblioteca Nacional.
- Paulo, M^aManuela Tavares (1994): *Aves ilustradas de sóror Maia do Céu: edição actualizada precedida de um comentário*, Lisboa [s.n.].
- Pereira, Esteves; Rodrigues, Guilherme (1904-1915): *Portugal - Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico*; Lisboa: João Romano Torres -Editor, 8 volumes; Edição electrónica: Manuel Amaral (2000-2001): www.arqnet.pt/dicionario/index.html.
- Pereira, José Esteves (1983): *O pensamento político em Portugal no século XVIII. António Ribeiro dos Santos*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Pereira, M. Helena da Rocha (1983, ed.): *A república –Platão. Introdução, tradução e notas de...*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 4^a edição.
- Perim, Damiaão Froes (1740): *Theatro heroico abcedario historico, e catalogo das mulheres illustres em armas, letras, acçoens heroicas, e artes liberaes. Offerecido á serenissima princeza do Brasil D. Mariana Victoria por Damiaão de Froes Perim. Tomo II*; Lisboa Occidental: Na Regia Officina Sylvana, e da Academia Real.
- Pimpão, Álvaro Júlio da Costa (1972): “ La querelle du théâtre espagnol et du théâtre fançais au Portugal dans la première moitié du XVIII^{ème} siècle” in *Escritos diversos*, Coimbra: Universidade.
- Piwnik, Marie-Helene (1977): «Une épisode des relations intellectuelles entre l'Espagne et le Portugal au XVIII^e siècle: la correspondance adressée par les Frères Mohedanos, provinciaux du Tiers-Ordre Régulier de Saint-François en Andalousie, à Manuel do Cenáculo, évêque de Beja. Essai d'une chronologie, principaux aspects» separata de *Arquivos do Centro Cultural Português*, XI; Paris: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Piwinik, Marie-Helene (1984): «La correspondance Mayáns-Cenáculo. Principaux aspects» separata de *Arquivos do Centro Cultural Português*, XX; Lisboa-Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 223-311.

- Piwnik, Marie-Helene (1987): *Echanges Erudits dans la Peninsule Iberique (1750-1767)*; Paris: Foundation Calouste Gulbenkian/Centre Culturel Portugais.
- Planté, Christine (1998): *L'Épistolaire, un genre féminin?. Études réunies et présentées par [...]*; Paris: Honoré Champion.
- Proença, Martinho de Mendonça Pina (1734): *Apontamentos para a educação de hum menino nobre*, Lisboa Occidental: Officina de Joseph Antonio da Sylva.
- Puleo, Alicia H. (1992): “Cartesianismo y moral estoico-epicurea en la reflexión de Madame Lambert” em Celia Amorós (1992: 113-118).
- Ramos, Feliciano (1950): *História da literatura portuguesa. Desde as origens até à atualidade*; Braga: Livraria Cruz.
- Ramos, Luís A. de Oliveira (1994): “Notas sobre o trajar dos portugueses à Revolução Francesa” separata da revista *Intercâmbio*, Universidade do Porto, nº 5, pp. 7-19.
- Rat, Maurice (1960, ed.): *Théâtre complet de Racine*; Paris: Éditions Garnier Frères.
- Rebello, Luiz Francisco [1978, dir.]: *Dicionário do teatro português*, Lisboa: Prelo Editora, vol. 1.
- Rector, Mónica (1999): *Mulher objecto e sujeito da literatura portuguesa*, Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Reim, A. (1777): «La Ilustración es una necesidad del entendimiento humano», en A. Riem, *Über Aufklärung. Ob sie dem Staate -der Religion- oder überhaupt gefährlich sei und sein könne? Ein Wort zur Beherzigung für Regenten, Staatsmänner und Priester*, tomado de la edición de Zwi Batscha, *Aufklärung und Gedankenfreiheit, Fünfzehn Anregungen, aus der Geschichte zu lernen*, Suhrkamp, Ffm. 1977, pp. 118, 119, 122, 124, 125 y ss. Trad. espanhola Agapito Maestre (1989: 51-59).
- Remédios, Mendes dos (1914): *Escritoras doutros tempos –extractos das obras de Violante do Ceo, Maria do Ceo e Madalena da Glória*, Coimbra: França Amado Editor.
- Remédios, Mendes dos (1905): *História da literatura portuguesa desde as origens ate a actualidade*; Coimbra: F. França Amado. Terceira edição refundida. Quinta edição (1921): Lisboa-Porto-Coimbra-Rio de Janeiro: Lumem Empresa Internacional
- Resende, Marquez de (1868): *Pintura de um outeiro nocturno e um sarao musical às portas de Lisboa no fim do seculo passado feita e lida no primeiro serão*

- literario do gremio recreativo em 12 de Dezembro de 1867 pelo...*, Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias.
- Ribeiro, José Silvestre (1871-1914): *Historia dos estabelecimentos scientificos litterarios e artisticos de Portugal nos successivos reinados da monarchia*; Lisboa : Academia Real das Sciências, 19 v.
- Ribeiro, José Silvestre (1914): *Apontamentos históricos sobre bibliotecas portuguesas*, Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Ribeiro Sanches, António Nunes (1760): *Cartas sôbre a educação da mocidade por A.N. Ribeiro Sanches. Nova edição revista e prefaciada por Maximiano Lemos* (ed. 1922); Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Rodrigues, A.A. Gonçalves (1992): *A tradução em Portugal –Tentativa de resenha cronológica das traduções impressas em língua portuguesa excluindo o Brasil de 1495 a 1950*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Samartim, Roberto López-Iglésias (2003): *A dona do tempo antigo. Mulher e campo literário no Renascimento português (1495-1557)*; Santiago de Compostela: Laiovento.
- Sampaio, Albino Forjaz de (1925): *História da literatura portuguesa ilustrada*, Porto: Livraria Fernando Machado, vol. 3.
- Santos, J.J. Carvalhão (1991): *Literatura e política. Pombalismo e antipombalismo*; Coimbra: Livraria Minerva.
- Santos, Maria Helena Carvalho dos (1991, coord.): *Comunicações apresentadas ao congresso internacional Portugal no Séc. XVIII de D. João V à Revolução Francesa*. Lisboa, Biblioteca Nacional 20 a 24 de Novembro de 1990; Lisboa: Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII/ Universitária Editora.
- Santos, Teresa; Pereira, Sara Marques (2001, coord.): *Leonor da Fonseca Pimentel, a portuguesa de Nápoles*, Lisboa: Livros Horizonte.
- Saraiva, Antonio José (1958): *Obras completas de Pedro António Correia Garção*, Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- Saraiva, António José (1954): *História ilustrada das grandes literaturas*, vol. VIII – Literatura portuguesa, 1º volume, Lisboa: Editorial Estúdios Cor.
- Scherer, Jacques (1983): *La dramaturgie classique en France*, Paris: Librairie Nizet.
- Schlobach, Jochen(1991): «L'image des princes éclairés au 18^e siècle [sic]» in Maria Helena Carvalho dos Santos (1991): *Comunicações apresentadas ao congresso internacional Portugal no Séc. XVIII de D. João V à Revolução Francesa*.

- Lisboa, *Biblioteca Nacional 20 a 24 de Novembro de 1990*; Lisboa: Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII/ Universitária Editora, pp. 31-47.
- Serrão, Joaquim Veríssimo (1982): *História de Portugal (1750-1807) –O despotismo iluminado* [Lisboa]: Verbo. Vol. 6 da *História de Portugal* (1977-1984).
- Serrão, Joel (1992): *Dicionário histórico de Portugal*; Porto: Livraria Figueirinhas.
- Silva, Inocêncio Francisco da (1858-1859): *Diccionario bibliografico portuguez: estudos applicaveis a Portugal e ao Brasil*, Lisboa: Imprensa Nacional.
- Silva, Maria Regina Tavares da; Vicente, Ana [1979]: «Mulheres portuguesas -Vidas e obras celebradas -Vidas e obras ignoradas» in *Ditos & Escritos*, nº 1, Lisboa: Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres; Presidência do Conselho de Ministros.
- Silva, Vítor Manuel de Aguiar e (1967): *Teoria da literatura*; Coimbra: Livraria Almedina (8.^a edição:1993).
- Silveira, Olga Moraes Sarmiento da (1907): *Mulheres illustres -A marquezia de Alorna (sua influencia na sociedade portugueza). 1750-1839*, Lisboa: Livraria Ferreira.
- Soto Pérez, José Luis (1985): *Arabismo e ilustración: correspondencia literaria (1791-1803) de Fr. Antonio Banqueri con Don Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas obispo de Beja y arzobispo de Évora*; Oviedo: Centro de Estudios del siglo XVIII.
- Sousa, Antonio Caetano de (1742): *Historia Genealogica da Casa Real que procedem dos Reys, e dos serenissimos Duques de Bragança. Justificada com instrumentos, e Escritores de inviolavel fé, offerecida a ElRey D. João V nosso senhor por [...], clérigo regular, e Academico do numero da Academia Real*; Lisboa: Na Regia Officina Sylvania, e da Academia Real, tomo IX in M. Lopes de Almeida e César Pegado (1951): *História genealógica da casa real portuguesa. Nova edição revista*, Coimbra: Atlântida-Livraria Editora, tomo IX.
- Sousa, Antonio Caetano de (1755): *Memorias historicas, e genealogicas dos Grandes de Portugal, que contém a origem, e antiguidade de suas familias: os estados, e os Nomes dos que actualmente vivem, suas Arvores de Costado, as allianças das Casas, e os Escudos de Armas, que lhes competem, até o anno de 1754. Offerecidas a ElRey fidelissimo D. João V nosso senhor por [...], C. R. Deputado da Junta da Bulla da cruzada. Segunda impressão, continuada até o -presente*; Lisboa: Na Regia Officina Sylvania, e da Academia Real.

- Sousa, Eudoro de (ed. e tradutor, 1964): *Poética. Tradução directa do grego, com introdução e índices por...*, Lisboa: Guimarães Editores.
- Tavares, Rui (1997): *O labirinto censório. A Real Mesa Censória sob Pombal (1768-1777)*; Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais: ICS/UL.
- Teague, Michael (1997): *Abade José Correia da Serra - Documentos do seu Arquivo [1751-1795]. Catálogo do Espólio*, Lisboa: Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento.
- Topa, Francisco (2000): *A musa trovadora – dispersos e inéditos de D. Joana Isabel de Lencastre Forjaz*; Porto: Edição do autor.
- Topa, Francisco (2002): «Dois sonetos inéditos de D. Joana Isabel de Lencastre Forjaz» in *Revista da Faculdade de Letras «Linguas e Literaturas»*, Porto, XIX (2002), pp. 541-544.
- Torres Feijó, Elias J. (2000): *Iluminismo, neoclassicismo, romantismo e a Marquesa de Alorna*, inédito, documento de trabalho do grupo Galabra.
- Torres Feijó, Elias J. (2004_a): «*Roma locuta causa finita?* Sobre docência e crítica da literatura e da cultura» in Aurora Marco, Pilar Couto Cantero, Elva Aradas Carollo, Fernando Vieito Liñares (eds.): *Actas del VII Congreso Internacional de la Sociedad Española de Didáctica de la Lengua y la Literatura*; A Corunha: Deputación Provincial, pp. 527-539.
- Torres Feijó, Elias J. (2004_b): «*Ad maiorem gloriam... feminae*: Enlightenment women and the introduction of models in Portugal during the second half of the eighteenth century», *Portuguese Studies*, volume 20, pp. 73-88.
- Torres Feijó, Elias J. (2004_c): «Sobre objectivos do ensino na investigação em literatura» in Carlos Mendes de Sousa e Rita Patrício (organizadores): *Largo mundo alumniado. Estudos em homenagem a Vítor Aguiar e Silva*; Braga: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, pp. 221-249, vol. I.
- Torres Feijó, Elias J. (2004_d): «Contributos sobre o objecto de estudo e metodologia sistémica. Sistemas literários e literaturas nacionais; Anxo Abuín González e Anxo Tarrío (2004): *Bases metodolóxicas para unha historia comparada das literaturas da Península Ibérica*; Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, pp. 419-440.
- Torres Feijó, Elias J. (2004_e): «Cartas públicas, cartas polemistas: *As cartas apologéticas* de Gertrudes Margarida de Jesus», comunicação apresentada no

- Encontro Internacional Sobre Correspondência do Século XVIII*, Palácio da Fronteira, Lisboa, 12-14 de Outubro de 2004 (no prelo).
- Turina Gómez, Joaquín (1997): *Historia del teatro real*; Madrid: Alianza Editorial.
- Urbano, Maria Luísa Malaquias (2000): *Obras de António Diniz da Cruz e Silva*; Lisboa: Colibri.
- Vergollino, António Pedro (1780): *Auto do levantamento, e juramento, que os grandes, titulos seculares, ecclesiasticos, e mais pessoas, que se acharão presentes, fizerão á muito alta, muito poderosa rainha fidelissima a senhora D. Maria I nossa senhora na coroa destes reinos, e senhorios de Portugal, sendo exaltada, e coroada sobre o regio throno juntamente com o senhor rei D. Pedro III na tarde do dia treze de maio. Anno de 1777*; Lisboa: na Regia Oficina Typografica.
- Verney, Luís António de (1747): *Verdadeiro método de estudar, para ser util á Republica, e á Igreja: proporcionado ao estilo, e necessidade de Portugal exposto em varias cartas, escritas polo R.P. *** Barbadinho da Congregasam de Italia ao R.P. *** Doutor da Universidade de Comimbra*, Valença: Officina de Antonio Balle.
- Vivas á felicissima acclamação do augusto e fidelissimo rei D. Pedro III. nosso senhor*; Lisboa: na Officina de Fancisco Sabino dos Santos, 1777.
- Voltaire (1783) *Zaira, tragedia de [...] traduzida por Pedro António*, Lisboa: Off. de Antonio Rodrigues Galhardo, Impressor da Real Meza Censoria.
- Wieland, Ch. M. (1789): «Seis perguntas sobre la Ilustración» en Ch. M. Wieland, «Ein paar Goldkörner aus-Maculatur oder Sechs Antworten auf sechs Fragen», en *Der Teutsche Merkur* won Jahre 1789, vol. 66, abril de 1789, pp. 97-105. Trad. espanhola Agapito Maestre (1989: 45-50).
- Wollstonecraft, Mary (1792): *A vindication of the rights of woman: with stictures on political and moral subjects*, London: printed by J. Johnson.

Manuscritos:

Collecção das Obras Poeticas, e algumas prosaicas de Nicoláo Tolentino De Almeida Manuscriptas no Anno M.DCC.XC.IX, (Biblioteca Nacional: Cod. 516).

Collecção de Poesias Varias Grande parte dellas dignas de toda a estima: assim pela sua raridade; como pelos seus Auctores, Tomo 2.º Anno 1792 J.B.d.C.d.Q., (Biblioteca Nacional: Cod. 6694).

Collecção Prozaica de varios discursos sobre diversas materias, conforme o Index formalizado no fim deste volume Tomo= 3.º Junto tudo, e destribuído na ordem em ^q. aqui se acha, e escripto Por Antonio Correya Vianna Lisboa: Anno 1784, (Biblioteca Nacional da Ajuda: Cota: 51-II-40).

Correia da Serra: Manuscritos -Doc. escritos pela mão do abade -Elogios: nº 40 *Elogio do Sr. conde do vimieiro, 17 de Janeiro de 1791* (IAN-TT: A-40).

Correia da Serra: Manuscritos -Doc. escritos pela mão do abade -Elogios: nº 44 *Elogio do Sr. Principal Mascarenhas e do Sr. Jozé de Mello Brainer* (IAN-TT: A 44).

Notas à crítica que o Snr. Marquês de Valença fez à tragédia do Cid composta por Monsieur Corneille. Escrita por um anônimo, 1947. Encadernado com Francisco de Portugal e Castro, Marquês de Valença (1747): *Crítica da famosa tragedia do Cid, composta por Pedro Cornelli e reparos feitos a ella* (Biblioteca Nacional: L.4598V).

Panfletos políticos ao Duque de Lafões (Biblioteca Nacional da Ajuda: 49-II-53^{5a-g})

Real Mesa Censória -Catálogos dos livros particulares recebidos pela Mesa em cumprimento do edital de 10 de Julho de 1769: AIN-TT:: caixa 131, nº 2476.

Relação dos livros que vierão da Academia Real das Sciencias; SR: Catálogos e Relações de Obras Adquiridas à Academia das Ciências (1812-1879) (IAN-TT: Cx-- C:115 E: 09 P: 01).

Relação dos livros, que da Bibliotheca Publica se entregam á Academia Real das Sciencias, em cumprimento do Aviso expedido pela Secretaria de Estado dos Negocios do Reyno, em data de 21 de Fevereiro do prezente anno de 1829, (Arquivo Histórico da Biblioteca Nacional de Lisboa Cx. 01, C: 115 E: 09 P: 01).

Páginas web:

<http://gallery.euroweb.hu/html/g/gossaert/1/caronde.html> (último acesso 4 Janeiro 2004).

<http://genealogia.sapo.pt> (último acesso 05 Janeiro 2005).

www.artnet.com/library/07/0754/T075426.asp (último acesso 05.01.05).

www.bibliotecaitaliana.it (último acesso 30 Novembro 2004).

www.bn.pt (último acesso 05 Janeiro 2005).

www.encyclopediacatolica.com (último acesso 08 Março 2004)

www.instituto-camoes.pt (último acesso 19 Janeiro 2004).

www.filosofia.org/bjf/bjft116.htm (último acesso 05 Janeiro 2004).

www.portbase.org (último acesso 05 Janeiro 2005).

www.scholarly-societies.org (último acesso 22 Maio 2002).

www.vivabrazil.com/jose_basilio_gama.htm (último acesso 09 Janeiro 2004).

Apêndice I: Catálogo dos livros que compoem a bibliotheca do Conde do Vimieyro (1769).....	iii
Apêndice II: Correspondência de Teresa de Mello Breyner conservada no IAN-TT.....	xliv
Índice cronológico.....	xlix
Índice por pastas.....	lvi
Pasta n.º 222.....	lvi
Pasta n.º 223.....	lviii
Pasta n.º 224.....	lxi
Apêndice III: Correspondência conservada na Biblioteca Pública de Évora.....	ccclxix
Apêndice IV: Textos poéticos.....	ccclxxxix
Apêndice V: Idéa de hum elogio historico de Maria Theresa Archiduqueza de Austria	cdxix
Apêndice VI: Osmia.....	cdxxxv

***Apêndice I: Catálogo dos livros que compoem a bibliotheca do
Conde do Vimieyro (1769)***

Este primeiro apêndice recolhe o *Catalogo da Bibliotheca dos Condes de Vimeiro*, enviado à Real Mesa Censória em 1770, com motivo da ordem emitida por esta em 1769, ano da sua fundação, para proceder ao exame de todos os livros guardados nas bibliotecas privadas de Portugal. Reproduzimos o mais fielmente possível o texto original, colocando entre parênteses rectos umha numeração que pretende ser de ajuda para localizar cada umha das referências. Acrescentámos, ademais, em nota de rodapé, o registo bibliográfico completo dos livros citados, para facilitar a sua identificação. Naqueles casos em que a consulta dos catálogos das Bibliotecas Nacionais portuguesa, espanhola, francesa, italiana, britânica, brasileira e alemá, ou dos catálogos colectivos de cada um desses países, quando existem, nom tenhem dado como resultado a localização exacta da referência recolhida no *Catálogo* dos Condes, indicámos as hipóteses que nos parecem mais prováveis, com as indicações oportunas.

[Nº]	Catálogo, de Livros	[ano]	[form ato]	Volu mes
[A]				
[1]	Abbenville/ M. Sanson d'/ Introduction a la geographie Edis de Paris de ¹	1693	12	1
[2]	Accademia Singular, e Universal Edis. de Lisboa de ²	1737	Fol.	1
[3]	[Les] Agremenes de La capagne, Edis de Par. de ³	1754	12	3
[4]	Ahlers/ Fran. ^{co} Henriques/ Instrução sobre os corpos Celestes Edis. de Lx. ^a de ⁴	1758	8.º	1
[5]	Alciati, Andreae, Emblemata Edis. de Antuérpia de ⁵	1692	16	1
[6]	Idem em Espanhól Edis. de Madrid de ⁶	1711	4.º	1
[7]	Allaei/ Francisco/ Astrologiae nova methodus Edis. não tem de ⁷	1654	Folio	1
[8]	Almeyda/ Dorotheu de/ Elogio da S. ^{ra} Condeça de Oriola Edis de Lx. ^a de ⁸		4.º	
[9]	Alstedio/ João Henriques/ Encyclopedia univesa Edis de Leaõ de ⁹	1649	Fol.	2
[10]	Ameyugo/ Fr. Francisco/ Maravillia [sic] de la gracia Edis de ¹⁰		4.º	
[11]	Annales Romaines, Edis Paris de ¹¹	1756	12	1
[12]	Assumsaõ/ Fr. Jozé/ Hymnologia sacra Edis de ¹²		4.º	3
[13]	Aventures Francois Edis de Amsterdam ¹³	1746	12	1
[14]	Avizos Melitares [sic] Edis de Lx. ^a de	1757	12	2
[15]	Id. Edis Palermo, e Florença de	1735	12	1

¹ Abbenville, Sanson d' (1689): Introduction à la geographie: prem partie, où sont indiqueés les sciences dont la géographie empreinte plusieurs principes, ..., par le Sr. Sanson d'Abbenville; Paris.

² Jesus Maria, José de (1737): *Academia singular, e universal, historica, moral, e ecclesiastica, scientifica, e chronologica*, Lisboa: na officina de Pedro Ferreira.

³ *Les agréments de la campagne, ou remarques particulières sur la construction des maisons de campagne plus ou mons magnifiques des jardins de Plaisance, etc.*; Paris, David de jeune: 1752.

⁴ Ahlers, Francisco Henrique (1758): *Instrução sobre os corpos celestes, principalmente sobre os cometas*; Lisboa: na officina de Miguel Manescal da Costa.

⁵ Alciati, Andrea (1692): *Emblemata: cum facili & compendiosa explicatione, qua obscura illustrantur, rubia que omnia Solvuntur/ per Claudium Minoem; eiusdem Alciati Vita*; Antuerpiae: apud Henricum & Cornelium Verdusem.

Na BN existe umha edição de 1600: *Emblemata*; Lugduni: apud haeredes Gulielmi Rovillii.

⁶ Alciati, Andrea (1733): *V. C. Andreae Alciati... emblemata cum explicatione, qua obscura illustrantur, dubiaque omnia salvuntur, per Claudium Minonem [seud.] divisionem. Euiusdem Alciati vita: editio novissima...*; Matriti: [Joseph de Horta]. «Ed. en la licencia -Clauium Minonem pseud. de Mignault, Claude».

⁷ *Astrologiae nova methodus Francisci Allaei, Arabis christiani (Yvonis Parisini). Fatum universi observatum à Francisco Allaeio, Arabe christiano*, Rhedonis: ex typis Juliani Herbert, 1654.

⁸ Almeida, Teodoro de (1758): *Elogio da illustrissima e excellentissim Senhora D. Anna Mascarenhas, Baroneza de Alvito, e Condessa de Oriola... por Dorotheo de Almeida*; Lisboa: na officina de Miguel Rodrigues.

⁹ Alstedius (1649): *Joannis Henrici Alstedii encyclopaedia*; Lugduni: apud Ant. Huguetan, 2 v.

Existe outra ed. de Lion do mesmo ano, mais num só volume.

¹⁰ Ameyugo, Francisco de (1677): *Nueva maravilla de la gracia, descubierta en la vida de la venerable madre sor Iuana de Iesus Maria, monja del gravissimo convento de Burgos*; em Madrid: por Iuan Garcia Infançon.

Existem também edições de 1679 e 1674.

¹¹ *Annales romaines*, Paris [s.n.]: 1756.

¹² Assunção, José da (1738-1744): *Hymnologia sacra... dedicada à Imperatriz do Ceo Maria Santissima... seu author Op. M. Fr. José da Assumpção*; Lisboa: [Na offic. da Congregação do Oratorio]; na Offic. Manescal da Costa, 2 v.

¹³ [Le] *voyage et les aventures de François Leguat dans l'Amérique et autres lieux*, Amsterdam: [s.n.], 1750.

[16]	Azevedo Fortes, Manoel de Enginheyro [sic] Portuguez Edis. de Lx. ^a de ¹	1728	4.º	1
[17]	Accademia dos Humildes, e Ignorantes Edis. de Lx. ^a de ²	1762	4.º	7
[18]	Anacreonte Poeta Grego Edis de Veniza de ³	1753	12	1
[19]	Art de Penser Edis de Paris de ⁴	1748	12	1
[20]	Ami des filles Ed. de Paris de ⁵	1762	12	1
[21]	Agustin/ Fr. Miguel/ Secretos de Agricultura Edis de Saragoça de ⁶	1695	4	1
[22]	Anacreontes Tetii antiquissimi poeta lyrici odae, ab Halia Andrea Latina factae Ed. Lutetiae de ⁷	1556	8	1
[23]	Azevedo/ Pedro de/ Carlos Reduzido Inglaterra Ilustrada Ed. de Lx. ^a de ⁸	1716	4.º	1
[24]	Adolphi Brachélii Historiarum nostri temporis Ed. de Amstelodami de ⁹	1655		
[25]	Anatómico joco Ed. de Lx. ^a de ¹⁰	1753	4.º	1
[26]	Ant. ^o de Figd. ^o principios de Mithologia Ed. de Lx. ^a de ¹¹	1761	12	1
[27]	Arcadia de Lope da Veyga não tem principio ¹²			
[28]	Arte de Conservar a vida dos Principes Ed. de Lx. ^a de ¹³	1753	4.º	1
[29]	Auroras de Diana Ed. de Lx. ^a de ¹⁴	1654	16	1
[30]	Anjos/ Fr. M. ^{el} dos/ Historia Universal Ed. de Lx. ^a de ¹⁵	1702	4.º	1

¹ Fortes, Manuel de Azevedo (1728-1729): *O engenheiro portuguez Manoel de Azevedo Fortes*; Lisboa: Of. Manoel Fernandes da Costa.

² Santa Rita, Joaquim de (1759-1762): *Academia dos humildes e ignorantes dialogo entre hum theologo hum filosofo hum ermitão e hum soldado no sitio de Nossa Senhora da Consolação... por D.J.C.D.S.R.B.H.*; Lisboa: na officina de Ignacio Nogueira Xisto.

³ Anacreonte (1753): *Anacreonte, poeta grego, tradetto in rime toscane, da Cidalmio Orio...*; Venezia: Pietro Valvasense.

⁴ [La] logique, ou l'art de penser; Paris: [s.n.], 1748.

⁵ Graville, Graillard (1762): *L'Ami des filles*; Paris: Dufour.

⁶ Agustí, Miquel [s.d.]: *Livro de los secretos de agricultura, casa de campo y pastoril traducido de lengua catalana en castellano por Fr. Miguel Agustín...*, del libro que el mesmo [sic] autor saco a la luz el año de 1617; y aora con addicion del quinto libro... y un vocabulario de seis lenguas..., con una Rueda perpetua para conocer los años abundantes y esteriles; En Zaragoza: por Pascual Bueno impressor de su Mag. del Reyno de Hospital Real y General de N. Señora de Gracia.

⁷ Anacreonte; Estienne, Robert (ed. com.); Morel, Guillaume (ed. com.); Andrea, Helia (trad.) (1556): *Anacreontis teii antiquissimi poetae lyrici Odae, ab Helia Andrea Latinae factae...*; Lutetiae: apud Rober Stephanum & Guil. Morelium.

⁸ Tojal, Pedro Azevedo (1716): *Carlos redusido: poema heroico*; Lisboa: Of. Antonio Pedroso Galram.

⁹ Brachelius, Adolphe (1650): *Adolphi Brachelii Historiarum nostri temporis. Editio ultima... adjuncti in fine articuli pacis inter Anglos et Belgas, cum iconibus praecipuorum Maris praefectorum*; Amstelodami: apud Jacobum Van Meurs.

¹⁰ Santa Catarina, Lucas de (1755-1758): *Anatomico jocoso que em diversas operações manifesta a ruindade do corpo humano, para emenda do vicioso.../ pelo padre Fr. Francisco Rey de Abreu Matta Zeferino*; Lisboa: Na officina do Doutor Manoel Alvarez Solano.

¹¹ Figueiredo, Antonio Pereira de (1761): *Principios de mythologia/ escritos e illustrados com breves notas por Antonio de Figueiredo...*; Lisboa: na Off. Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.

¹² Nom existem elementos para identificar a edição. Oferecemos várias hipóteses:

Vega, Lope de (1605): *Arcadia -prosas y versos*; Anvers: Martin Nuclo, 1 vol.

----- (1620): *Arcadia -prosas y versos*; Madrid: Fernando Correa de Montenegro, 1 vol.

----- (1629): *Arcadia -prosas y versos*; Segovia: Diego Flamenco, 2 vol.

----- (1653): *Arcadia -prosas y versos*; Madrid: Melchior Sanchez, 1 vol.

¹³ Ramazzini, Bernardino (1753): *Arte de conservar a saude dos principes e das pessoas da primeira qualidade, como também das nossas religiosas, e Elogios da vida sobria ou conselhos para viver largo tempo/ Composta por Bernardino Ramazino/ pelo famoso Luiz Cornaro...*; tudo traduzido na lingua portugueza, e offerecido a ElRei Nosso Senhor D. José o I, por Luiz Silva e Azevedo; Lisboa: Of. de Francisco da Silva.

¹⁴ Castro y Anaya, Pedro de (1654): *Auroras de Diana/ Por Don Pedro de Castro y Anaya...*; em Coimbra: na officina de Manoel Dias.

B				
[31]	Banier/ L'Abbe/ Explications Historiques des Fables Edis de Paris de ¹	1742	12	3
[32]	Barreto/ Joaõ Franco/ Ortografia Portuguesa Ed. de Lx. ^a de ²	1671	4.º	1
[33]	Barros/ o P. ^e André de/ vida do P. ^e Ant. ^o Vieyra Lx. ^{a3}	1746	Fol.	1
[34]	Bartoli/ o P. ^e Daniel/ El Hombre de Letras Ed. de Madrid de ⁴	1678	4.º	1
[35]	Becani/ Martine/ Manuale controverciarum Ed. de Padova de ⁵	1733	8.º	1
[36]	Belarino/ o P. ^e Joaõ/ Doctrina S.C. Tridentim Ed. de Rothomagi de ⁶	1618	12	1
[37]	Belegarde/ M./ Reflexions sub [sic] l'ellegance du Stille Ed. de Haye de ⁷	1715	16	1
[38]	Bem/ D. Thomás de/ Castreidos Poema Latino Edis de Lx. ^a de ⁸	1739	4.º	1
[39]	Bernardes/ Diogo/ O Lima Obras Poeticas Ed. de Lx. ^a de ⁹	1596	4.º	1
[40]	Idem Rimas ao bom Jezús Ed. de Lx. ^a de ¹⁰	1622	12	1
[41]	Bibliotheca Critica, Ed. de Lovaina de ¹¹	1704	Fol.	4
[42]	Blondel/ François/ Declaration des maisons de plaisance, Ed. de Paris de ¹²	1737	Fol.	2
[43]	Idem Comparation de Pindare et Horace Ed. de Paris de ¹³	1693	12	1
[44]	Bluteau/ Dom Rafael/ vocabulario Portuguêz Ed. de Coimbra de ¹⁴	1712	Fol.	8
[45]	Id. Suplemento Ed. de Lx. ^a de ¹⁵	1727	Fol.	2
[46]	Bombelles/ M./ Evolutions Militares [sic] Ed. de Paris de ¹⁶	1756	12	1

¹⁵ Anjos, Manuel dos (1702): *Historia universal...: copiado de diversos autores, chronistas approvados e authenticos geographos/ pelo Padre Frey Manoel dos Anjos*; Lisboa: Off. de Miguel Deslandes.

¹ Banier (1742): *Explication historique des fables*; Paris: chez Briasson, 3 vol.

² Barreto, João Franco; Leão, Duarte Nunes de (co-aut.) (1671): *Ortografia da lingua portugueza/ per Joam Franco Barretto*; em Lisboa: na Officina de Ioam da Costa.

«Obra oferecida ao Sr. Francisco de Mello».

³ Barros, André de (1746): *Vida do apostolico Padre Antonio Vieyra... chamado por antonomasia o grande.../ pelo P. André de Barros*; Lisboa: na Nova Off. Sylviana.

⁴ Bartoli, Daniello (1678): *El hombre de letras/ escrito en italiano por el padre Daniel Bartoli, de la Compañia de Iesus y traducido por diversos autores...; y ahora nuevamente en castellano por Gaspar Sanz...*; en Madrid: por Andres Garcia de la Iglesia: a costa de Iuan Martin Merinero.

⁵ Becani, Martini (1673): *Compendium manualis controversarium hupus temporis de fide ac religione*; Lugduni: [s.n.].

⁶ Bellarino, Joannes (1661?): *Doctrina S. Concilii Tridentim et catechisme romani, de symbolo apostolorum de Sacramentis...*/ R. D. Joannem Bellarinvm; Lvqdoni: Sumpt: Antonio Beaujollis.

⁷ Bellegarde, De (1715): *Réflexions sur l'élégance et la politesse du stile*; Paris: André Pralard.

Na BNL: Bellegarde (1700): *Reflexions sur l'elegance et la politesse du stile*; Trevoux: Chez André, 1 vol.

⁸ Bem, Thomas Caetano de (1739): *Castreidos*; Ulyssipone Occidentali: A. I: da Fonseca.

⁹ Bernardes, Diogo (1596): *O lyma de Diogo Bernardes em o qual se contem as suas eglogas & cartas...*; Lisboa: em casa de Simão Lopes

¹⁰ Bernardes, Diogo (1622): *Varias rimas ao Bom Jesus, e a Virgem gloriosa sua mãy & a sanctos particulares: com outras mais de honesta, & proveitosa lição/ por Diogo Bernardes...*; em Lisboa: por Antonio Alvarez, & à sua custa.

¹¹ *Bibliotheca sacra critica, circa omnes fere sacrorum librorum difficultates*; Lovani, 1704.

¹² Blondel, Jacques-François (1737): *De la distribution des maisons de plaisance*; [s.l.]: [s.n.].

¹³ Blondel (1686): *Comparaison de Pindare et d'Horace, par Mr. Blondel*; Amsterdam: Ab. Wolfgang.

¹⁴ Bluteau, Rafael (1712-1718): *Vocabulario portuguez e latino/ pelo padre D. Raphael Bluteau*; Coimbra: No Collegio das Artes da Companhia de Jesu [sic], 10 v.

¹⁵ Bluteau, Rafael (1712-1728): *Vocabulario portuguez e latino: autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos*; Coimbra: no Collegio da Artes da Companhia de Jesu [sic]; 8 v. + 2 suplementos. Vols. 5, 6, 7, 8, pub. Lisboa: na Officina de Pascoal Sylva; Sup. parte II: Lisboa: na Patriarcla officina de Muzica.

¹⁶ Bombelles, Cte. de (1754): *Traité des évolutions militaires*; Paris [s.n.]

[47]	Bonussi [sic]/ Antonio Maria, Epitome Chronologico Ed. de Lx. ^a de ¹	1706	4.º	1
[48]	Borrelli/ Joannis Alfonci/ Opera phicica Ed. de		4.º	1
[49]	Bottee/ M./ Etudes Militares [sic] Ed. de Paris de ²	1750	12	2
[50]	Braetai [??]/ Joannis/ Argenes, Ed. de Veneza de ³	1667	12	1
[51]	Bracleyus [sic]/ Addolphus/ Historiarum nostr. tempor. Ed. de ⁴		16	1
[52]	Brávo/ Fr. Niculáo/ Benedictina Poema Ed. de Salamanca de ⁵	1604	4.º	1
[53]	Briguet. Code Militaire Ed. de Paris de ⁶	1747	12	5
[54]	Bruyere/ M. de la/ Caracteres de Theofraste Ed. de Paris de ⁷		14	4
[55]	Briguet. Code Militaire L.º repetido ⁸	1735		
[56]	Bufier Histoire d'Espagne Ed. de Paris ⁹	1704	12	1
[57]	Bulloi/ Olivarii/ Methodus Hibraria Ed. de Ultrajecti de ¹⁰	1658	12	1
[58]	Bossuet/ Jacques Benigne/ Discours sur l'Histoire Univers. Ed. de Paris de ¹¹	1752	12	2
[59]	Boileau/ Oeuvres de/ Ed. de Paris de ¹²	1757	12	3
[60]	Beaumont/ Le P. de/ Education complete Ed. Alion [sic] de ¹³	1762	12	3
[61]	Bernardes/ Estimulos de Amor Devino/ do P.º M.º ^{el14}		16	1
[62]	Briguet/ Exercices de devotion Ed. de Bruxelles de ¹⁵	1716	12	1
[63]	Buffier/ Gramaire Francoise do P. Ed. ¹⁶		12	1
[64]	Bernardes/ Lus e calor do Padre/ Ed. de Lx. ^a , de ¹⁷	1758	4.º	1

¹ Bonucci, Anton Maria (1706): *Epitome chronologico genealogico & historico.../ composto pelo Pe. Antonio Maria Bonucci...*; Lisboa: na Off. de Antonio Pedrozo Galram

² Bottée (1750): *Etudes militaires contenant l'exercice de l'infanterie, avec des figures*; Paris: d'Espilly, 2 v.

³ Hipótese: Badi, Paolo Emili (1689): *L'Argene, trattenimento per musica da rappresentarsi nell'Academia a i Saloni l'anno 1689 dell'abate Paolo Emilio Badi. Dedicato all'illustrissimo signore il signor barone Gio. Martini [...]* [musica di Antonio Caldara]; Venezia: Gio. Maria Rossi.

⁴ Vid. 24.

⁵ Bravo, Nicolás (O. Cist.) (1604): *Benedictina/ de F. Nicolas Brauo, monge ciscerciense...; en que trata la milagrosa vida del glorioso S. Benito...; con vna breue recapitulacion de las religiones que le reconocen por Padre, assi monasticas como militares...*; En Salamanca: en la Imprenta de Artus Taberniel.

⁶ Briquet (1747): *Code militaire, ou compilation des ordonnances des rois de France, concernat les gens de guerr; par Briquet*; Paris: [s.n.]

⁷ La Bruyer, Jean de (1747): *Caractères de Théophraste avec les caractères ou les Moeurs de ce siècle par M. de la Bruyère: nouvelle édition augmentée de quelques notes sur ces deux ouvrages, & de la défense de La Bruyère & de ces caractères par M. Coste: tome quatrième*; Amasteredam: chez F. Changuion.

⁸ Briguet, de (1735): *Code militaire ou compilation des ordonnances des rois de France, concernant les gens de guerre*; Paris: Pierre Gandouin.

⁹ Buffier, Claude (1704): *Abragé de l'histoire d'Espagne par demandes et reponses*; Paris: Chez Jean Mariette.

¹⁰ Hipótese: Bronkhors, Everard van (1652): *Methodus feodorum, auctore Everardo Bronchorst... adjunctae sunt orationes duae: una de studio iuris recte instituendo; altera de laudibus iurisprudentiae: eodem auctores*; Ultrajecti: Officina Johanum van Waesberge.

¹¹ Bossuet, J. B., (1752): *Discours sur l'histoire universelle à monseigneur Le Dauphin*; Paris: Chez David.

¹² Boileau, Nicolas (1757): *Oeuvres, de M. Boileau-Despréaux*; Paris: David et Durand, 3 v.

¹³ Le Prince de Beaumont, Marie (Madame) (1762): *Education complète*; [s.l.]: [s.n.].

¹⁴ Nom coincide o autor. A única ref. que aparece na Portbase como o mesmo título é:

Boaventura, Santo (1550): *Liuro chamado Stimulo de amor diuino tirado do que fez Sam Bõaue[n]tura [sic], em latim*; Lixbõa: em casa de Germão Galharde, 15 Ianeiro 1550.

¹⁵ Briguet, Sébastien (1713): *La dévotion aux saints ages gardiens, avec les exercices et les prières convenables à ce sujet. Par M. l'abbé Briguet*; Paris: chez Simon Langlois.

¹⁶ Buffier, Claude (1711): *Grammaire française sur un plan nouveau pour en rendre les principes plus clairs & la pratique plussaisée.../ par le P. Buffier, de la Compagnie de Jésus*; Bruxelles: Jean Leonard.

[65]	Id. Exercícios Espirituais Ed. de Lx. ^{a1}	1758	4.º	2
[66]	Boyer/ Dictionario de/ Ed. de Amsterdam de ²	1727	4.º	2
[67]	Brevissima Parafrasi de' Salmi di David Edis de Veniza de ³	1727	12	1
[68]	Barreto/ João Franco/ Eneida portuguesa Ed. de Lx. ^a de ⁴	1763	12	2
[69]	Bermudes/ Francisco/ Arte legal Ed. Lx. ^a de ⁵	1737	4	1
[70]	Bento da Assensão Vida de S. ^{ta} quiteria Infanta de Portugal Ed. Lx. ^a de ⁶	1722	12	1
[71]	Bion/ Le Iricer/ Usage des globes, Ed. de Paris de ⁷	1728	4.º	1
[72]	Bernardes/ Manoel de/ Exercícios espirituais Ed. de Lx. ^a de ⁸	1758	4.º	2
C				
[73]	Caesaris, C. Julii, Commentaria de Bello Galico Edis de Valtalhe de		16	1
[74]	Id. Ed. Amstelodami de	1664	16	1
[75]	Caetano de Lima, Dom Luiz, Geografia Historica Ed. de Lx. ^a de ⁹	1734	Fol.	2
[76]	Idem Gramatica Franceza Ed. de Lx. ^{a10}	1710	16	1
[77]	Caetano de Souza/ Dom Antonio/ Memoria Historica dos Grandes de Portugal Ed. de Lx. ^a de ¹¹	1755	4.º	1
[78]	Id. Ortographia Portuguesa Ed. de Lx. ^a de ¹²	1736	12	1
[79]	Caetano/ Alexandre/ Lorena perseguida Ed. de ¹³		4.º	1

¹⁷ Bernardes, Manuel (1696): *Luz e calor obra espiritual para os que tratão do exercicio de virtudes, e caminho de perfeição : dividida em duas partes: Na primeira se procura comunicar ao entendimento luz de muitas verdades importantes, por meyo de doutrinas, sentenças, industrias e dictames espirituais: Na segunda se procura comunicar à vontade calor do amor de Deos, por meyo de exhortações, exemplos, meditações, colloquios, e jaculatórias escritas pelo P. Manoel Bernardes...*; Lisboa: Na Officina de Miguel Deslandes.

¹ Bernardes, Manuel (1758): *Exercícios espirituais e meditações da via purgativa sobre a malícia do pecado, vaidade do mundo, ... escrito pelo padre Manoel Bernardes...*; Lisboa: na Officina de Miguel Rodrigues, Impressos do Senhor Cardeal Patriarca, 2 v.

² Boyer, Abel (1752): *Dictionnaire royal, françois-anglois et anglois-françois. Nouvelle ed. revue. avec un dissertation sur la prosodie françoise par M. de la S. R.*; Amsterdam: Chez J. Wetstein.

³ Israel, Rei (1727): *Brevissima parafrasi de' Salmi di David*; Venezia: nella Stamperia Baglioni

⁴ Barreto, João Franco (1763): *Eneida portugueza Virgilio* (trad.) *João Franco Barreto; com os argumentos de Cosmo Ferreira Brum*; Lisboa: Off. Antonio Vicente da Silva, 2 v. Com o dicionario de nomes proprios.

⁵ Bermudes, Francisco; Jordão, Francisco de Almeida (trad.) (1737): *Art [sic] legal, para estudos a jurisprudência, com a exposição aos títulos da Instituta do Emperador Justiniano, pelo licenciado Francisco Bermudes de Pedraça, traduzida da lingua castellana na portugueza... Francisco de Almeida Jordam*; Lisboa: António Isidoro da Fonseca.

⁶ Ascensão, Bento da (1722): *Vida, e martyrio da insigne virgem, e martyr prodigioza Santa Quiteria, serenissima Infante de Portugal, no Monte de Pombeyro... Fr. Bento da Ascensam...*; Lisboa Occidental: na Off. Ferreyriana.

⁷ 2 hipóteses:

(a): *L'usages des globes celeste et terrestre et des spheres*; Paris: [s.n.], 1703.

(b): *L'usage des globes céleste et terrestre, et des spheres suivant les différents systèmes du monde*; Paris: Jacques Guerin, 1751.

⁸ Vid. 65.

⁹ Lima, Luís Caetano de (1734-1736): *Geografia histórica de todos os estados soberanos de Europa... composta por D. Luiz Caetano de Lima...*; Lisboa Occidental: na Off. de Joseph Antonio da Sylva, 2 v.

¹⁰ Lima, Luís Caetano de (1710): *Grammatica franceza, ou arte para aprender o francez por meio da lingua portugueza Luiz Caetano de Lima*; Lisboa: Offi. Real Deslnadense, 1 v.

¹¹ Sousa, António Caetano de (1755): *Memorias historicas, e genealogicas dos grandes de Portugal... por D. Antonio Caetano de Sousa*; Lisboa: na Regia Off. Sylviana.

¹² Lima, António Caetano de (1736): *Orthographia da lingua portugueza, por Luis Caetano de Lima*; Lisboa Occidental: Off. Antonio Isidoro.

Talvez o *idem* faga referência, por erro, ao anterior.

¹³ Flaviense, Alexandre Caetano Gomes (1749): *Lorena preseguida e exaltada... por Alexandre*

[80]	Campos/ o P. ^o / Ellementos de Geometria Ed. de Lx. ^a de ¹	1735	4.º	1
[81]	Camões/ Luis de/ Luziadas comentadas [sic] por Faria e Souza Ed. de Madride de ²	1639	Fol.	2
[82]	Id. Todas as Obras, Ed. de Lx. ^a de ³	1669	8.º	1
[83]	Id. Edis de Paris de ⁴	1759	6	3
[84]	Caraffa/ Thomazo/ Dicerie Poetiche Ed. de Veniza de ⁵	1690	12	1
[85]	Cardozo/ Joaõ/ Memorial Estorico Ed. de Lx. ^a de ⁶	1754	4.º	1
[86]	Cardozo/ o P. ^o Luis/ Diccionário Geografico Ed. de Lx. ^a de ⁷	1747	Fol.	2
[87]	Castro/ Gabriel Pereyra de/ Ulissea Poema Ed. de Lx. ^a de ⁸	1745	12	1
[88]	Castro/ Alonso Nunes/ Solo Madrid es Corte Ed. de Barcelona de ⁹	1698	4.º	1
[89]	Castilho/ Dom Juan del/ Historia dos Reys Godos Ed. de Madrid de ¹⁰	1624	Fol.	1
[90]	Carlencas/ M. de/ Histoire des Belles letres Ed. de Leaõ de ¹¹	1749	12	4
[91]	Clairaut. Ellemens de Geometrie Ed. de Paris de ¹²	1753	8.º	1
[92]	Clenardi/ Nicolai/ Tabula in Gramaticam Hebraicam Ed. de Colonia de ¹³	1557	12	1
[93]	Idem, Institutiones in Graecam linguam Ed. de Logduni de ¹⁴	1622	12	1
[94]	Id. Ed. Coloniae Agripinae de ¹⁵	1577	12	1
[95]	Coelho/ Luis/ Emprezas Militares dos Portuguezes Ed. de Lx. ^a de ¹⁶	1624	4.º	1

Caetano Gomes Flaviense; Lisboa: na officina de Bernardo Antonio.

¹ Capos, Manuel de (1735): *Ellementos de geometria plana e solida, segundo a ordem de Euclides príncipe dos geometras Pe. Manoel de Campos*; Lisboa: Of. Rita Cassiana.

² Camões, Luís de (1639): *Lusiadas de Luís de Camoens comentados por Manuel de Faria i Sousa*; Madrid: por Juan Sanchez: a costa de Pedro Coello.

³ Camões, Luís de & Barreto, João Franco (1669): *Obras de Luis de Camoës... Com os argumentos do lececeado João Franco Barreto & por elle emêndadas em esta nova impressão, que comprehende todas as obras, que deste insigne autor se achárão impressas, & manuscritas, com o index dos nomes proprios...*; Lisboa: por Antonio Craesbeeck d'Mello.

⁴ Camões, Luís de (1759): *Obras (poéticas). Nova edição*; Paris: [s.n.], 3 v.

⁵ Caraffa, Tomaso (1699): *Dicerie poetiche overo vaghissime descrittioni et discorsi academici*; Venetia: [s.n.].

⁶ Costa, João Cardoso da (1754): *Memorial historico da criação do mundo celeste e do mundo elemental em perguntas e respostas João Cardoso da Costa*; Lisboa: Off. Francisco Luiz Ameno.

⁷ Cardoso, Luís (1747-1751): *Diccionario geografico, ou noticia historica de todas as cidades, villas, lugares, e aldeas, rios, ribeiras, e serras dos reynos de Portugal e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontrão, assim antigas, como modernas*; Lisboa: Regia Offic. Silviana.

⁸ Castro, Gabriel Pereira de (1745): *Ulyssea, ou Lisboa edificada poema heroico Gabriel Pereira de Castro*; Lisboa: na Off. de Miguel Rodrigues.

⁹ Núñez de Castro, Alonso (1698): *Libro historico politico solo Madrid es corte, y el cortesano en Madrid/ por Don Alonso Núñez de Castro. Quarta impression, con diferentes adiciones, dividido en quatro libros...*; en Barcelona: por Vicente Suria... vendese en su casa.

¹⁰ Castillo, Julián del; Castro y Castillo, Geronimo de (1623): *Historia de los reyes godos que vinieron de la scythia de Europa contra el imperio romano, y a España con sucession dellos, hasta los Catolicos Reyes Don Fernando y Doña Isabel Iulian del Castillo proseguida desde su principio cõ adiciones... por el Maestro Fray Geronimo de Castro y Castillo*; en Madrid: por Luis Sanchez.

¹¹ Carlencas, Juvenel de (1749): *Essais sur l'histoire des belles lettres des sciences et des arts*; Lyon: Chez les Freres Duplain.

¹² Clairaut (1753): *Elémens de géométrie, par M. Clairaut*; Paris: David.

¹³ Clenardo, Nicolau (1564): *Tabula in grammaticen hebraeam*; Parisiis: apud Martinum Juvenem; outras edições de Paris em 1552, 1540 e 1550.

¹⁴ Clenardo, Nicolau (1548): *Institutiones absolutissimae in graecam linguam Nicolaus Clenardus*; Lugduni: apud Seb. Gryphium

¹⁵ Clenardo, Nicolau (1590): *Absolutissimae instituiones in linguam graecam, cum annotationibus ac interpretatione graecorum vocum Renati Guillonii his adjectae sun Meditationes in linguam graecam Nicolas Clenardus*; Coloniae Agripinae: Off. Birckmannica, 1 v.

[96]	Compendio Geografico, do Orbe da terra, com cartas 1. ^a e 2. ^a p. ^{te} Ed. de ¹			1
[97]	Comparation de Demosthene alcierom Ed. de Paris de ²	1676	12	1
[98]	Ciceronis/ M. Tulii/ Orationes ad usum Delfini Ed. de Paris de ³	1684	4. ^o	3
[99]	Considerations sur le stille epistulaire Ed. de Nancy de ⁴	1755	16	1
[100]	Considerations sur la grandeur des Romains Ed. de Paris de ⁵	1755	12	1
[101]	Consejo e consejeros de los Principes Ed. de Turino de ⁶	1589	4. ^o	1
[102]	Contes e Nouveles Ed. de Colgne de ⁷	1711	16	2
[103]	Coronel/ Dom Gracia/ Soledades de Gongora Comentadas Ed de naõ tem ⁸		4. ^o	1
[104]	Costa/ Ant. ^o Rois da/ Vita et Res gesta Donii Alcires Pereyra, Ed. de Lx. ^a de ⁹	1722	Fol.	1
[105]	Corografia das Provincias de Portugal em carta picours das bellas letras Ed. de Paris de	1753	12	4
[106]	Cousin/ Jean/ Art. de desiner fig. Ed. de Paris de ¹⁰	1750	4. ^o	1
[107]	Croiset, P. ^e , Epitome Mariano Ed. de ¹¹			
[108]	Comenio Janua Linguarum Ed. London de ¹²	1673	12	1

¹⁶ Barbuda, Luís Coelho de (1624): *Empresas militares de lusitanos escriptas por Luys Coello de Barbuda...*; em Lisboa: por Pedro Craesbeeck

¹ Costa, Antonio Carvalho da (1686): *Compendio geographico distribuido em tres tratados... composto pelo P. Antonio Carvalho da Costa*; Lisboa: na officina de Joaõ Galraõ.

O título nom aparece completol.

² Démosthène (1676): *[La] comparaison de Démosthène et de Ciceron*: 2.^e édit., rev. et corr. (par. le P. Rapin); Paris: Fr. Muquet.

³ Cícero, Marco Tulio (1784): *M[arci] T[ulii] Ciceronis orationes/ interpretatione & notis illustravit P. Cardus de Merouville, Societatis Jesu... ad usum... delphini*; Parisiis: Dionysius Thierry..., 3 v.

⁴ Le Gallois, Jean Léonor (1755): *Considerations sur le stile épistolaire et le cérémonial dans le commerce de lettres avec un discours très curieux sur ce qu'on appelle usage dans la langue françoise*; Nancy: Antoine, 1 v.

⁵ *Considérations sur les causes de la grandeur des romains et de leur décadence*; a Paris: chez Guillyn, 1755. Outra edição "a Paris: chez Durand" do mesmo ano.

⁶ Filipe, Bartolomeu; São Nicolau, Manuel, Frade; Manuel, Francisco de Melo (1584): *Tractado del conseo [sic] y de los consejeros delos principes compuesto por el doctor Bartolome Felipe...*; en Coimbra: en casa de Antomio de Mariz: a su costa

⁷ Boccaccio, Giovanni (1712): *Contes et nouvelles de Bocace, traduction libre avec fig. en taille douce gravées par Romain de Hooge*; Cologne: [s.n.].

⁸ Góngora y Argote, Luis de (1636): *Soledades/ de D. Luis de Goncora; comentadas por D. Garcia de Salzedo Coronel...*; em Madrid: en la Imprenta Real: a costa de Domingo Gonçalves.

⁹ Costa, Antonio Rodrigues (1723): *De vita et rebus gestis nonni alvaresii pyreriae, lusitaniae comitis stabilis duo/ auctore Antonio Roderico Costio*; Olissipone Occidentali: apud Pachalem A Sylva.

¹⁰ Cousin, Jean (1750): *[L]'art de dessiner, revu, corrigé et augmenté de plusieurs morceaux, d'après l'antique, avec leurs mesures et proportions, d'une description exacte des os et muscles du corps humain et de leurs offices et usages; avec une instruction facile pour apprendre à dessiner toutes ces figures selon les différents aspects qu'elles peuvent avoir*; Paris: François Chereau.

¹¹ Croiset, Jean (1760): *Epitome mariano de festas, e mysterios principaes de Maria Santissima... Padre João Croiset... trad. por D.M. de L.*; Lisboa: na Off. Patriarchal de Francisco Luiz Ameno.

¹² Aparecem duas referências na British Library:

J. A. Comenii, janua linguarum cum versione Anglicana... aucta... et cum aeneis typis illustrata; London, 1670

Janua linguarum reserata: sive, omnium scientiarum & linguarum seminarium... the gate of languages unlocked: or a seed-plot of all arts and tongues; containing a ready way to learn the Latine and English tongue. Formerly translated by Tho. Horn: afterwards much corrected and amended by Joh. Robotham: now carefully reviewed by W.D. [i. e. William Dugard] to which is premised a Portal. As also, there is now newly added the foundation to the Janua; containing all, or the chief primitives of the Latine tongue, drawn into sentences, in an alphabetical order, by G. P. Lat. & Eng.; London: printed by T. R. and N. T. for the Company Stationers, 1673.

Referência na Biblioteca Nacional do Brasil:

Comenius, Johann Amos (1661): *Janua linguarum reserata quinque linuis siue compendiosa methodus*

[109]	Cynosura neoconfesariorum Ed. de ¹		12	1
[110]	Couto, Diogo de, Vida de D. Paulo de Lima Ed. Lx. ^a de ²	1765	12	1
[111]	Chiabrera de/ Gabriel/ Opera ed. de Veneza de ³	1757	12	5
[112]	Castro/ Gabriel Pereyra de/ Ulissea Poema Ed. de Lx. ^a de ⁴	1745	12	1
[113]	Camões Edis de Paris: falta o 2.º tomo de ⁵	1750	12	2
[114]	Casa/ Giovani dela/ Galateo Ed. Veneza de ⁶	1754	12	1
[115]	Clede/ M. de la/ Histoire Generale de Portugal Ed. de Paris de ⁷	1735	12	8
[116]	Candido Luzitano/ Maximas sobre a Oratoria Ed. de Lx. ^a de ⁸	1759	8	1
[117]	Connaissance, et Amour de Jesus Christ par le R. P. Pallu [???] Ed. de Paris de ⁹	1737	12	1
[118]	Cartas q os R. P. da Comp. ^a do Japão e China escreverão aos da India, e Europa 1.º tomo. Ed. de Evora de ¹⁰	1598	Fol.	1
[119]	Croiset/ Retrait de/ Exercices Ed. de Leão de ¹¹	1764	12	2
[120]	Id. Ano Chritum [sic] Ed. Leão de ¹²	765 [sic]	12	18
[121]	Candido Luzitano/ Mundo enganado e dezenganado o original ¹³		4.º	2
[122]	Crusca/ Compendio del Vocabulario de/ Ed. Firenze de ¹⁴	1739	4.º	1
[123]	Candido Luzitano/ Arte poetica de Q. Horacio Flaco de/ Ed. de Lx. ^a de ¹⁵	1758	4.º	1
[124]	Cunha/ Joaõ Nunes da/ Panegirico ao Serenissimo D. Joaõ 4.º Ed. de ¹⁶		4.º	1

latinam, gallicam, italicam, hispanicam perdiscendi... cum quintuplici indice a Nathaniele Duesio... cum interpretatione hispanica G. R.; Amstelodami: apud Ludovicum & Daniele Elzenirios.

¹ Eufrate, Giovanni (1713): *Cynosura neoconfessariorum, seu Praxis rite excipiendae confessionis sacramentatis, quan presbyteris omnibus... publice explienit... Doctor Joannes Euphrates... Iphaculum theologico-morale...: nunc primun in lucem prodit... in tres partes divisum*; Venetiis: Nicolaus Pezzana.

² Couto, Diogo do (1765): *Vida de D. Paulo de Lima Pereira... o hercules portuguez Diogo do Couto*; Lisboa: Officina de José Filippe.

³ Chiabrera, Gabriello (1757): *Delle opere*; Venezia: Aug. Geremia.
⁴ vid. 87.

⁵ Nom há nengumha ed. de Paris em 1750. Vid. 83.

⁶ Casa, Giovanni della (1732): *O galateo ou o corteção Monsenhor João de La Casa trad. no idioma portuguez Francisco Xavier Pinto de Magalhães*; Lisboa: Off. da Musica.

⁷ La Clede (1735): *Histoire generale de Portugal par M. de la Clede*; a Paris: chez Theodore Le Gras, 8 v.

Hai outra edição de Paris do mesmo ano em 2 v.

⁸ Cândido Lusitano, pseud. (1759): *Maximas sobre a arte oratoria, extrahidas das doutrinas dos antigos mestres*; Lisboa: Offi. Patriarchal.

⁹ Pallu, Martin (1737): *De la connaissance et de l'amour de N. S. Jésus-Christ: nouv. éd., revue et corrigée*; Paris: M. Bordalet.

¹⁰ Lira, Manuel de (1598): *Cartas que os padres e irmãos da Companhia de Iesus escreuerão dos reynos de Iapão & China aos da mesma Companhia na India & Europa des do anno de 1549 até o de 1580 primeiro [-segundo] tomo... impressas por mandado do... padre dom Theotonio de Bragança, arcebispo d'Euora*; em Euora: por Manoel de Lyra

¹¹ Croiset, Jean (1759-1763): *Exercices de piété pour tous les jours de l'année... par le R. Pierre Jean Croiset*; a Lyon: chez Pierre Bruyset Ponthus, 12 v.

----- (1764): *Exercices de piété pour tout les dimanches et les fêtes mobiles...*; Lyon: J. M. Bruyset, 5 v.

¹² Croiset, Jean (le P.) (1849): *Année chrétienne, ou vies des saints et exercices de piété pour les dimanches, les fêtes et tout les jours de l'année*; Lyon: [s.n.], 9 v.

Deve de existir umha primeira edição do século XVIII.

¹³ Nom temos localizado nengumha edição deste livro.

¹⁴ Accademia della Crusca (1739): *Compendio del vocabolario degli Accademici della Crusca formato sulla edizione quarta del medesimo. Tomo primo (-quinto)*; in Firenze: Manni, Domenico Maria.

¹⁵ Horácio/ Lusitano, Cândido, pseud. (1758): *Arte poética de Q. Horacio Flacco trad. e ilustr. por Cândido Lusitano*; Lisboa: Francisco Luiz Ameno.

[125]	Conceils pour former une Bibliothéque Ed. de Berlin de ¹	1756	12	1
[126]	Chronica d'El Rey D. Pedro 1.º Ed. Lx. ^{a2}	1760	4.º	1
[127]	Carvalho/ P.º Ant.º Carv.º da Costa/ Compendio Geograficio Ed. de Lx. ^a de ³	1686	4.º	1
[128]	Caracteres de Theophraste Ed. Amsterdam de ⁴	1747	12	1
[129]	Correa/ Alfonso/ Prosodia de cantitate [sic] silaborum Ed. de Lx. ^a de ⁵	1635	12	1
[130]	Choronica de Prov. ^a da Pied. ^e Ed. Lx. ^a de ⁶	1751	F.	1
[131]	Cunha/ Fr. Fran. ^{co} da/ Oraçaõ academina [sic] Ed. de Lx. ^a de ⁷	1643	4.º	1
[132]	Carvalho/ Sebastião Jozé de/ Elogio do Conde da Ericeira, Lx. ^{a8}	1757	4.º	1
[133]	Crasset/ R.P.J./ Entretiens de devotion sur le Saint Sacrement Ed. de Paris de ⁹	1713	12	1
[134]	Cervantes/ Miguel da vida de D. Quixote. Ed. de Madrid de ¹⁰	1714	12	1
D				
[135]	Dacier/ Mad/ L'Illiade d'Homere traduite Ed. de Paris de ¹¹	1719	12	3
[136]	Id. L'Odissee d'Homere traduite Ed. de Paris de ¹²	1716	12	3
[137]	Danet/ Pierre/ Le grand dictionaire françois et latin Ed. Lyon de ¹³	1737	Fol.	1
[138]	Id. Dictionarium magnum latino galicum Ed. de Paris de ¹⁴	1740	Fol.	1

¹⁶ Cunha, João Nunes da (1666): *Panegirico ao serenissimo rey D João o IV restaurador do reyno lusitano... escrito por João Nunez da Cunha*; Lisboa: na officina de António Craesbeeck de Mello.

¹ Formey, M. (1756): *Conseils pour former une bibliothèque peu nombreuse, mais choisie [Jean Henri Samuel Formey]*; Berlin: chez Haude et Spener.

² Lopes, Fernão (1760): *Chronica del rey D. Pedro I deste nome, e dos de Portugal o oitavo cognominado o Justiceiro na forma em que a escreveo Fernão Lopes... copiada fielmente do seu original antigo... pelo padre Jozé Pereira Bayam...*; Lisboa: na Off. de Pedro Ferreira: à custa de João Freire Bello.

³ Costa, António Carvalho da (1686): *Compendio geographico distribuido em tres tratados... composto pelo P. Antonio Carvalho da Costa...*; Lisboa: na officina de João Galraõ.

⁴ La Bruyère, Jean de (1747): *Caractères de Théophraste avec les caractères ou les Mœurs de ce siècle par M. de la Bruyère: nouvelle édition augmentée de quelques notes sur ces deux ouvrages, & de la défense de La Bruyère & de ces caractères par M. Coste: tome quatrième*; Amsterdam: chez F. Changuion.

⁵ Correia, Afonso (1635): *Prosodia: de quantitate syllaborum, tam in primis, quam in valde... necessaria ex variis prosodiographorum scholis collecta/ a doctore Alphonso Correa...*; Ulyssipone: ex Officina Antonii Alvarez.

⁶ Monforte, Manuel de (1752): *Chronica da Provincia da Piedade, primeira capucha de toda a ordem... de nosso serafico padre S. Francisco [Frei Manoel de Monforte]*; [Lisboa: s.n.].

⁷ Cunha, Francisco da (1743): *Oraçam academica, panegyrica, historica, encomiastica, profana-sacra, consagra, tributa e oferece à mesma soberana e senhora D. Maria Thereza Augusta, Christina, Amélia Walburga de Austria O.M.Fr. Francisco da Cunha Agustiniano*; Lisboa: na Oficina Alvareense.

⁸ Pombal, Marquês de (1757): *Elogio de D. Luiz Carlos Ignacio Xavier de Menezes, quinto conde da Ericeira, primeiro marquez do Loureço... por Sebastião Joseph de Carvalho e Mello*; Lisboa: na Off. de Miguel Rodrigues.

⁹ Crasset, Jean (1713): *Entretiens de dévotion sur le S. Sacrement de l'autel, tirés des méditations et considérations du R. P. Jean Crasset...*; Paris: J.-B. Delespine.

¹⁰ Cervantes Saavedra, Miguel de (1714): *Vida, y hechos del ingenioso cavallero Don Quixote de la Mancha: parte II: nueva edición corregida y ilustrada con treinta y cinco láminas muy donosas y apropiadas a la materia*; Madrid: a costa de Francisco Laso.

¹¹ Homère (1711): *Illiade traduite en français avec des remarques par Mad. Dacier*; Paris: Rigaud, 3 v.

¹² Dacier, Anne (traducteur) (1766): *[L]'odyssée d'Homère*; a Paris: aux dépens de Rigaud, 3 v.

¹³ Danet, Pierre (1713): *Grand dictionnaire [sic] françois et latin, enrichi des meilleures façons de parler en l'une et l'autre langue: avec des notes de critique et de grammaire.../ par M^a [sic] l'Abbé Danet*; Lyon: Nicolas de Ville.

¹⁴ Danet, Pierre (1740): *Magnum dictionarium latinum et gallicum, ad pleniorum planioremque scriptorum latinorum intelligentiam. Collegit, digessit, ac nostro vernaculo reddidit... Petrus Danetius, ... ad usum serenissimi delphini*; Lugduni: apud fratres Deville.

[139]	Demonstraçãõ Critico Apologetica de sarmento Ed. de Madrid ¹	1735	4.º	1
[140]	Descripcion [sic] de la vile de lysbone Ed. de Paris de ²	1730	12	1
[141]	Descritio Galiae Ed. de lugduni ³	1629	16	1
[142]	Dictionaire de la Academie francaize. Ed. de Amsterdam de ⁴	1696	Fol.	2
[143]	Dictionaire militaire Ed. Paris de ⁵	1745	12	3
[144]	Dicionario Ingles Latino Ed. London ⁶	1707	8.º	1
[145]	Dicionario Gotico Latino Espanhol Ed. naõ tem principio de		4.º	1
[146]	Dicionário Portuguez Latino de Carlos Folgman Ed. de Lx. ^a de ⁷	1755	4.º	1
[147]	Dictionaire Portatif des beaux arts Ed. de Paris de ⁸	1755	8.º	1
[148]	Dictionaire Portatif des mots francais Ed. de Paris de ⁹	1750	8.º	1
[149]	Dictionaire Historique Portatif. Ed. de Paris de ¹⁰	1755	8.º	2
[150]	Dictionaire Geographique Portatif Ed. de Paris de ¹¹	1759	8.º	1
[151]	Discurso breve contra o judaismo 1. ^a e 2. ^a p. ^{te} Edis de foi p. ^a Lx. ^a de ¹²		4.º	2

¹ Sarmiento, Martín (1779): *Demonstración crítico-apologetica del Theatro crítico universal que dió a la luz el R.P.M.Fr. Benito Genonymo Fejoó/ hácela uno de los aprobantes el P. Fr. Martín Sarmiento*: 3.^a imp.; en Madrid: en la Imprenta Real de la Gazeta, 2. v.

² *Description de la ville de Lisbonne, où l'on traite de la cour de Portugal, de la langue portugaise et des moeurs des habitans, du gouvernement, des revenus du Roi et de ses forces par mer et par terre, des colonies portugaises te du commerce de cette capitale*; Amsterdam: F. Humbert, 1730.

³ César, Caius Julius Caesar (1572): *C. Julii Caesaris rerum ab se gestarum comentarii...* (*de bello gallico libri VIII, de bello civili libri III. Auli hirtii de bello Alexandrino liber I, de bello Africo liber I, de bello Hispaniae liber I. Pictura totius Galliae pontis in Rheno... per Jucundum Venonensem. Veterum Galliae locorum descriptio, authore Raimundo Marliano. Eutropii epitome lelli Gallici*; Lugduni: apud A. de Harsy.

----- (1614): *C. Julii Caesaris rerum ab se gestarum commentarii, hac postrema editione... repurgati...* (-A. Hirtii libri de bello Alexandrino, de bello Africano et de bello Hispaniensi. Raymundi Marlini Galliae descriptio. Fulvii Ursini emendationes in Caesaris commentaria. Galliae, Hispaniae, Avarici, Alexiae, Uxelloduni, Massiliae ac pontis in Rheno pictura et descriptio per Joannem Jucundum; Lugduni: apud J. Pillehotte.

----- (1519): *Commentaria Caesaris, nuperrime impressa, ab omnibus erratis accurate castigata, et in congruam formam redacta, quibus singula decenter adduntur cum figuris Galliae ac ponis et aliorum locorum, praeter haec etiam addita est Hispaniae descriptio. In his autem commentariis continentur: (C. Julii Caesaris) De bello Gallico libri VIII, de bello civili libri IV; (A. Hirtii) de bello Alexandrino liber I, de bello Africano liber I, de bello Hispaniensi liber I. Nomina locorum urbiumque et populorum Galliae... latinae et... gallice... Pictura totius Galliae... (cum figuris J. Jucundi. Index Raimundi Marliani)*; Lugduni: ex officina Guilhelmi Hoyon.

⁴ Artaud (1696): *Le dictionaire des halles ou extraits du dictionaire de l'Académie françois [par Artaud.]*; Bruxelles: F. Foppens.

⁵ Aubert de la Chesnaye des Bois, François-Alexandre (1758): *Dictionnaire militaire portatif contenant tous les termes propres à la guerre... par M.D.L.C.D.B. (de la Chesnay des Bois)*: 4^e ed.; Paris: chez Gisey et al., 2 v.

⁶ *Glossographia anglicana nova: or, a dictionary, interpreting such hard words of whatever language, as are at present used in the English tongue, with their etymologies, &c. Also, the terms of divinity, law, physick... and all others arts and sciences are herein explain'd, from the best modern authors, as Sir Isaac Newton, Dr. Harris, Dr. Gregory, Mr. Lock, Mr. Evelyn, Mr. Dryden, Mr. Blunt, etc.*; London: Dan. Brown, etc., 1707.

⁷ Folgman, Carlos (1755): *Diccionario portuguez e latino*; Lisboa: Miguel Manescal da Costa.

⁸ Lacombe, Jacques (1755): *Dictionnaire portatif des beaux-arts...: nouv. éd.*; Paris: J. Th. Hérissant (avocat).

⁹ Dyche, Thomas (1750): *Manuel lexique ou dictionnaire portatif des mots françois dont la signification n'est pas familière à tout le monde...*; Paris: chez Didot.

¹⁰ Lenglet du Fresnoy, Nicolas (1755-1760): *Dictionnaire historique-protatif, contenant l'histoire des patriarches, des princes, hebreux, des emprereurs, des rois e des grands capitaines: nouvelle éd.*; a Paris: chez Didot, 2 v.

¹¹ *Abrégé portatif du dictionnaire geographique de la Maritiniere*; Lyon: chez les Frères Duplain, 1759, 2 v.

Martiniere, Bruzen la (1726-1739): *Le grand dictionnaire géographique et critique*; a la Haye: chez P. Gosse, 10 v.

[152]	Doutrina cristan em grego Ed. de ... de		12	1
[153]	Du Hamel, Joannes Baptista, Biblia sacra Ed. de Veneza de ¹	1741	Fol.	2
[154]	Diccionario dale Favole Ed. de Turim de ²	1742	12	1
[155]	Diccionario Poetico. Edicaõ de Lx. ^a de ³	1765	8.º	2
[156]	Idem esta só hũ jogo Ed. a mesma pois foi o outro ⁴		8.º	2
[157]	Dizionario de la Favole in compendio Ed. Turin de ⁵	1742	16	1
[158]	Dolce/ L'Enea de M. Ludovico/ Ed. Veniza ⁶	1748	4.º	1
[159]	Diccionario Lusitano Latino Ed. de Lx. ^a de ⁷	1667	4.º	1
[160]	Derecho publico de la Europa Ed. de Madrid ⁸	1746	8.º	2
[161]	De la Clef [sic]/ M. de/ Histoire Generale de Portugal Ed. de Paris de ⁹	1735	8.º	8
[162]	Dictionnaire Universel de Agriculture Ed. de Paris de ¹⁰	1751	Fol.	2
[163]	Divirtimentos Militares Ed. de Lx. ^a de ¹¹	1762	4.º	1
[164]	Direccoens [sic] militares do Conde de lipe [?] ¹²	1767	12	1
[165]	Discurso dele Gugliemo [sic] Ed. Padova de ¹³	1558	12	1
[166]	Diffinições moraes Ed. Lx. ^a de ¹⁴	1685	12	1

¹² Matos, Vicente da Costa (1622): *Breve discurso contra a heretica perfidia do judaismo... por Vicente da Costa Mattos*; em Lisboa: por Pedro Craesbeeck.

¹ Du Hamel, Joanne Baptista (1741): *Biblia sacra vulgatae editionis, Sixti V & Clementis VIII pontif. max. auctoritate recognita, versiculis distincta una cum selectis annotationibus... auctore Jo: Baptista du Hamel...*; Venetiis: ex Typ. Balleoniana, 2 v.

² *Dizionario delle favole per uso delle scuole d'Italia ore compendiosamente descrivesi tutto cio che e necessario non solo alla intelligenza de'poeti; ma de'quadri ancora, e delle statue, i di cui soggetti sono cavati dalla storia poetica*; in Venetia: Noveli, Giambatista, 1761.

³ Cândido Lusitano, pseud. (1765): *Diccionario poetico, para uso dos que principiãõ a exercitarse na poesia portugueza obra igualmente util ao orador principiante seu author Candido Lusitano*; Lisboa: na Offic. Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 2 v.

⁴ Vid. 155.

⁵ Vid. 154.

⁶ Dolce, Lodovico (1568): *L'Enea di M. Lodovico Dolce tratto dall'Eneida di Virgilio,...*; in Venetia: per Giovanni Varisco & compagni.

⁷ Pedro de Poiares (1667): *Diccionario lusitanico latino de nomes proprios de regioens; reinos; provincias; cidades... por Frei Pedro de Poyares*; em Lisboa: na Off. de Ioam da Costa.

⁸ *Derecho público de la Europa, fundado en los tratados concluidos hasta el año de 1740/ Trad. del idioma frances al castellano por Don Joseph Antonio de Abreu y Bertodano*; Madrid: en la Oficina de la viuda de Diego de Peralta, MDCCXLVI.

⁹ La Clede de (1735): *Histoire générale de Portugal par M. de la Clede*; a Paris: chez Theodore le Gras.

¹⁰ Aubert de la Chesnaye des Bois, François Alexandre (1751): *Dictionnaire universel d'agriculture, de jardinage, de fauconnerie, chasse, pêche, cuisine et manège...*; Paris: David le Jeune.

¹¹ Pradt, Henrique de (1762): *Divertimentos militares obra agradável, e instructiva, utilissima para todos os militares [...] trad. feita, e acrescentadas por H., um amante, e zeloso da patria*; Lisboa: na Officina de Miguel Manescal da Costa.

¹² Lippe, Conde de (1761): *Instruções geraes relativas a varias aprtes essenciaes do serviço diario para o exercito de s. magestade fidelissima debaixo do mando do... conde reinante de Schaumbourg Lippe*; Lisboa: na officina de Miguel Rodrigues.

----- (1763): *Regulamento para o exercicio, e disciplina, dos regimentos de infantaria dos exercitos de sua magestade fidelissima feito por ordem do mesmo senhor por sua alteza o conde reynante de Schaumbourg Lippe*; [Lisboa]: impresso na Secretaria de Estado.

----- (1767): *Novo methodo para dispor hum corpo de infantaria... estabelecidas por ordem de sua magestade fidelissima, por sua alteza o conde reinante Schaumbourg Lippe trad. D. Joaquim de Noronha*; [Lisboa]: Imp. na Secretaria de Estado.

¹³ Du Choul, Guillaume (1558): *Discurso del S. Guglielmo Choul gentilhuomo lionese consigliere del re... sopra la castrametatione & bangi antichi de i greci & romani nuovamente reuisto & ricorretto dall'istesso auttore. Con l'aggiunta della figura del campo romano*; [Padova]: appresso Marc'Antonio Olmo.

¹⁴ Manero, Domingo; Aguirre, Cristobal; Santa Clara, Pedro de; Espírito Santo, José do; Araújo, António de (1685): *Definições moraes muy uteys e proveytosas para curas, confessores & penitentes*

[167]	Declaracion de la Doutrina Cristam [sic] do P. ^e Roberto Belarmino Ed. de Madrid ¹	1728	12	1
[168]	Deos/ Fr. Manoel de/ Catolico no templo Ed. de Lx. ^{a2}	1730	12	1
E				
[169]	Education Chretienne literaire Ed. de Paris. fálthalhe a 1. ^a folha de ³	1749	12	2
[170]	Eglogas e giorgicas [sic] de virgilio em Portugues Ed de ⁴	Id [?]	Fol.	1
[171]	Ellemens de commerce Ed. Aleyde [???] ⁵	1754	12	2
[172]	Ellementos de geometria de Euclides do P. ^e Dreza de Bruxelas de ⁶	1689	4. ^o	1
[173]	Ellogio do P. ^e Marcos do Lourizal, por Sebastiaõ Jozé de Carvalho Ed. Lx. ^a de ⁷		4. ^o	1
[174]	Esquilache, Principe de, Obras Poeticas Ed. de Anvers de ⁸	1663	4. ^o	1
[175]	Explicacion de hunas monedas Romanas Ed. de Madrid de ⁹	1620	4. ^o	1
[176]	Elogio de Fran. ^{co} X ^{er} Mas ^{cas} Ed.		Fol.	1
[177]	por Fran. ^{co} Jozé Fr. ^e de [sic] ¹⁰		4. ^o	1
[178]	Essai sur le bonheur Ed. de Berlim ¹¹	1758	12	1
[179]	Epistome Mariano Ed. de Lx. ^a de ¹²	1760	4. ^o	1

recopilado pelo lecionado Domingos Maneyro das obras do Doctor Christovam de Aguirre traduzido de castelhano em portuguez pelo P. Antonio de Araujo... acrescentado com todos os casos reservados aos bispados deste reyno de Portugal e com as proposições condenadas pelos Papas Alexandre VII e Innocencio XI...; Lisboa: na officina de Joaõ Galraõ.

¹ Roberto Bellarmino, Santo (1685): *Declaração copiosa da doutrina christam, composta... pelo padre Roberto Belarmino... tradusida da lingua italiana na castelhana por Luis de Vera. Com addições de exemplos no fim dos capitulos tirados de graves authores. Com a luta & combate espirital da alma & meditações das dores mentaes de Christo Nosso Senhor tradusida novamente no idioma portuguez Thomas Correa*; Lisboa: na officina de Joam Galram & à sua custa.

----- [1631?]: *Declaracion copiosa de la doctrina christiana compuesta... por el padre Roberto de Belarmino... traduzida de lengua italiana en castellana por Luis de Vera... y del propio añadida en esta ultima impresion una lucha o combate espirital del alma cõ sus afectos desordenados. Con adiciones de exe[m]plos al fin de los capitulos por el Maestro Sebastian de Lirio*; en Lisboa: por Mathias Rodrigues.

----- (1614): *Declaracion de la doctrina christiana... por el... Cardenal Roberto Belarmino... traduzida de latim en castellano por Luys de Vera...*; em Lisboa: por Antonio Alvarez.

² Deus, Manuel de (1743): *Peccador convertido ao caminho da verdade, ... dedicado ao rey da gloria, e redemptor do mundo Jesu Christo nosso senhor por Fr. Manoel de Deos*; Lisboa: Offic. de Jozé António Plates. Nom coincide o título nem o ano, mais si o autor e o tema.

³ Coustel, P. (1749): *Traité d'éducation chrétienne et littéraire, etc.*; Paris: Ch. J.-B. Delespine.

⁴ Virgílio (1624): *As eclogas, e georgicas de Vergilio, primeira parte das duas obras, traduzidas de latim, em verso solto portuguez. Com a explicação de todos os lugares escuros, historias, fabulas que o poeta tocou; & outras curiosidades muito dignas de se saberem. Author Leonel da Costa Lusitano*; em Lisboa: impresso por Geraldo da Vinha.

Virgílio (1761): *As ecolgas e georgicas de Virgilio: trad. por Leonel da Costa*; Lisboa: Officina de M. Manescal da Costa.

⁵ *Elemens du commerce*; Lyon et Paris, 1754.

⁶ Numerosas edições, mas nengumha coincide no ano e lugar.

⁷ Vid. 132.

⁸ Borja, Francisco de (1663): *Las obras en verso de Don Francisco de Borja, principe de Esquilache edicion postrera, reuista y muy añadida*; a Amberes: enla emprenta plantiniana de Balthasar Moreto.

⁹ Quiñones, Juan de (1620): *Explicacion de unas monedas de oro de emperadores romanos que se han hallado en el puerto de Guadarrama: donde se referem las vidas dellos y el origen dellas, con algunas advertencias politicas y otras cosas antiguas y curiosas/ lo uno y lo otro ofrece... el doctor Iuan de Quiñones...*; em Madrid: por Luis Sanchez.

¹⁰ Cândido Lusitano, pseud. (1742): *Elogio de D. Francisco Xavier de Mascarenhas, cavalleiro professo na Ordem de Christo: Francisco José Freire*; Lisboa: Off. de Antonio Izidoro da Fonseca.

¹¹ Beausobre, de (1758): *Essai sur le bonheur, ou réflexions philosophiques sur les biens et le maux de la vie humaine*; Berlin: A. Haude.

¹² Vid. 107.

[180]	Eusebio Nieremberg, Corona Virtuosa Ed. de Veneza de ¹	1672	16	1
F				
[181]	Faria e Souza/ M. ^{el} de/ Devinas y Humanas Flores Obras Poeticas Ed. de Madrid ²	1624	16	1
[182]	Id. Noches Claras Ed. de Lx. ^a de ³	1674	16	1
[183]	Feijo/ Fr. Bento Jeronimo/ Theatro Critico Universal Ed. de Madrid de ⁴	1753	4.º	9
[184]	Id. Cartas Eruditas Ed. de Madrid de ⁵	1754	4.º	5
[185]	Id. Ilustracion Apologetica Ed. Madrid ⁶	1754	4.º	1
[186]	Id. ----- Ed. de Madrid de ⁷	1757	4.º	1
[187]	Felis devecagarpio/ Domlope [sic]/ El Perigrino en su Patria Ed. de Madrid de ⁸	1733	4.º	1
[188]	Id. Ed. de Madrid falta de ⁹		12	1
[189]	Idem Obras Poeticas Ed. de Madrid de	1637	4.º	3
[190]	Id. Romancero Spiritual Ed. Madrid de ¹⁰	1720	12	1
[191]	Id. Dorothea em proza Ed. de Madrid de ¹¹	1736	16	2
[192]	Id. Rimas 3. ^a p. ^{te} Ed. de Madrid de ¹²	1602	16	1
[193]	Id. Jeruzalem Conquistada Ed. Madrid ¹	169 [sic]	4.º	1
[194]	Id. Izidoro Poema Ed. de madrid de ²	1599	12	1

¹ Nieremberg, Juan Eusebio (1672): *Corona virtuosa in cui si propongon li frutti della virtu in vn principe. Opera del padre Gio. Eusebio Nieremberg... tradotta dalla lingua spagnuola dal conte Oratio Corradini...*; in Venetia: presso Zaccaria Conzatti.

² Sousa, Manuel de Faria e (1624): *Divinas y humanas flores: primera y segunda parte/ por Manuel de Faria y Sousa...*; en Madrid: por Diego Flamenco y a su costa.

³ Sousa, Manuel de Faria e (1674): *Noches claras; divinas y humanas flores/ compuestas por Manuel de Faria y Sousa... y por el mismo añadidas y enmendadas en esta impression*; Lisboa: en la officina de Antonio Craesbeeck de Mello.

⁴ Feijoo y Montenegro, Benito Jeronimo (1739): *Thatro crítico universal o discursos varios de todo genero de materias, para desengaño de errores comunes/ escrito por el M.R.P. M. Fr. Benito Genonimo Feijoo: 2.ª impression*; en Madrid: en la imprenta de los herederos de Francisco del Hierro.

⁵ Feijoo y Montenegro, Benito Jeronimo (1753): *Cartas eruditas, y curiosas, en que, por la mayor parte, se continua el designio del Theatro critico universal, impugnando, o reduciendo a dudosas, varias opiniones comunies./ escrito por el muy ilustre señor Fray Benito Geronymo Feijoo*; en Madrid: en la imprenta de los herederos de Francisco del Hierro.

⁶ Feijoo y Montenegro, Benito Jeronimo (1734): *Ilustracion apologetica al primero y segundo tomo del Theatro critico, donde se notan mas de quatrocientos descuidos del Autor de el Anti-theatro, y de los setenta que este imputa al Autor de el Theatro critico, se rebajan los setenta y nueve y medio/ escrita por el M.R.P.M.Fr. Benito Feijoo Montenegro: tercera impression*; en Madrid: por los herederos de Francisco del Hierro.

⁷ Existe outra edição de 1769, e as duas som as únicas anteriores à data do catálogo.

⁸ Vega, Lope de (1618): *El peregrino en su patria/ de Lope de Vega Carpio...*; en Madrid: por la viuda de Alonso Martin: a costa de Alonso Perez.

⁹ Pode ser a mesma edição referida em (188).

¹⁰ Vega, Lope de (1684): *Romancero espiritual para recrearse el alma con Dios y redencion del genero humano: con las citaciones de la Via Crucis/ compuesto por Lope de Vega Carpio: hanse añadido en esta impresion tres estaciones y en cada una de las quinze quatro consideraciones muy devotas y las indulgencias mas principales que se ganan con el cordon de San Francisco*; en Valencia: por Vicente Cabrera... y a su costa.

¹¹ Vega, Lope de (1675): *La dorotea: accion en prosa/ de Fray Lope Felix de Vega Carpio...*; en Madrid: por Melchor Sánchez, y a su costa.

¹² Vega, Lope de (1621): *Rimas de Lope de Vega Carpio: aora de nuevo añadidas con el Nuevo arte de hazer comedias*; en Madrid: por la viuda de Alonso Martin: a costa de Alonso Pérez.

¹ Vega, Lope de (1950-51): *[Jerusalén conquistada] Jerusalén conquistada: epopeya trágica/ edición y estudio crítico de Joaquín de Entrambasaguas*; Madrid: Instituto Miguel de Cervantes, 3 v. Nom aparece nenhuma edição dos séculos XVII ou XVIII.

² Vega, Lope de (1602): *Isidro: poema castellano/ de Lope de Vega Carpio...*; em que se escriue la

[195]	Id. Soliloquios amorozos Ed. de Madrid ¹	1756	8.º	1
[196]	Fenellon/ Francois de Salignac/ Aventures de Telemaque Ed. de Paris de ²	1755	12	2
[197]	Fenis Renacida [sic]. Poezias Ed. de Lx. ^a de ³	1716	16	4
[198]	Fleury/ L'Abbé/ Cathecismo Historique Ed. de Paris de ⁴	1754	12	2
[199]	Faria/ M. ^{el} de Faria e Souza/ Asia Portuguesa Ed. faltalhe o principio, he só o 3.º tomo ⁵		Fol.	1
[200]	Francia enteressada com Portugal, por Antonio Munis Ed. de Paris de ⁶	1644	4.º	1
[201]	Fonseca Soares/ Ant.º/ Fylis Poema M.S. Manuscrito ⁷		4.º	1
[202]	Freyre/ Ant.º de Oliveyra/ Descripsaõ corografica Ed. de Portugal de Lx. ^a de ⁸	1755	4.º	1
[203]	Freyre/ Fran. ^{co} Joze/ Methodo p. ^a estudar a Estoria Portuguesa Ed. de Lx. ^a de ⁹	1748	4.º	1
[204]	Id. Epigramata Ed. de Lx. ^a de	1743	4.º	1
[205]	Freyre de And. ^a / Jacinto/ Vida de D. João de Castro Ed. de Paris de ¹⁰	1759	12	1
[206]	Fureterienne, ou les bons mots Ed. Paris ¹¹	1686	12	1
[207]	Fontaine/ M. de la/ Fables Choisies Ed. de Paris de ¹²	1752	16	1

vida del bienaventurado Isidro, labrador de Madrid y su patron diuino...; en Madrid: en casa de Pedro Madrigal: vendese en casa de Iuan de Montoya.

Deve de ser *Isidro*, porque nom temos localizado nengumha obra de Lope de Vega com o título *Isidoro*.

¹ Vega, Lope de (1627): *Soliloquios amorosos de un alma a Dios: escritos en lengua latina por... Gabriel Padecopeo/ y en la castellana por F. Lope Felix de Vega Carpio...*; en Madrid: por la viuda de Luis Sanche: a costa de Alonso Perez.

² Fénelon (1755): *Aventures de Telemaque, fils d'Ulysse*; Paris: frères Estienne, 2 v.

³ Correia, António Nunes; Ferreira, José Lopes; Pedroso, João Antunes (1716-1728): *A fenis renascida ou obras poeticas dos melhores engenhos portuguezes dedicadas ao Excelentissimo Senhor D. Francisco de Portugal, Marquez de Valença, Conde de Vimioso, etc.: publica-o Mathias Pereyra da Sylva*; Lisboa Occidental: na Officina de Antonio Pedrozo Galvão, 5 v.

⁴ Fleury, Claude (1740): *Catécisme historique, contenant en abégé l'histoire sainte et la doctrine chrétienne, par M. Fleury: nouvelle edition*; a Paris: chez Pierre Alexander Martin, 2 v.

⁵ Sousa, Manuel de Faria e (1666-1675): *Ásia portuguesa por Manuel Faria y Sousa*; en Lisboa: na Off. de António Craesbeeck de Melo: na Off. de Henrique Valente de Oliveira, 3 v. (1.º: 1666; 2.º: 1674; 3.º: 1675). Dedicado a «D. Pedro governador destes reynos de Portugal» e a «D. Alonso VI de Portugal».

----- (1703): *Asia portuguesa de Manuel Faria y Sousa...*; Lisboa: en la Off. de Bernardo da Costa Carvalho, 3 v. T. II e III: Lisboa: en la Off de Antonio Craesbeeck de Mello, 1674-1675.

----- (1640): *Asia manuscrito tres tomos divididos en diez partes por Manuel de Faria i Sousa cavallero de la Orden de Christo i de la Casa Real*. Dedicatória do aut. a Filipe III de Espanha (1641).

⁶ Carvalho, António Moniz de (1644): *Francia interessada con Portugal. En la separación de Castilla. Con noticias de los intereses comunes de los Principes, y estados de Europa...* Antonio Monis de Carvalho...; en Paris: en la officina de Miguel Blageart.

----- (1644): *Idem*; en Barcelona: en la emprenta administrada por Sebastian de Mercader, y à su costa

⁷ Nom consta que fosse publicado.

⁸ Freire, António de Oliveira (1755): *Descrição corográfica do reino de Portugal, que contém uma exacta relação de suas provincias Antonio de Oliveria Freire*; Lisboa: na Officina de Bernardo Anton. de Oliveira.

⁹ Cândido Lusitano, pseud. (1748): *Método breve e facil para estudar a historia portugueza Francisco Joseph Freire*; Lisboa: Francisco Luis Ameno.

¹⁰ Andrada, Jacinto Freire de (1759): *Vida de Dom João de Castro, quarto viso-rey da India por Jacinto Freire de Andrada: nova edição acrescentada da vida do autor*; Lisboa: Bonardel & Dubeux.

¹¹ Furetière, Antoine (MDCLXXXVI): *Furetiriana ou les bons mots et les remarques, histoire de morale, de critique, de plaisanterie et d'érudition, de M. Fruretière. [Mis au jour par Guy Marais]*; Paris: Thomas Guillain.

[208]	Fegejo/ Polesseno/ Opere Dramatiche Arcade Ed. de Veneza de ¹	1753	12	1
[209]	Id. Amor Contadino Drama Giocozo per musica Ed. de Lysbona de ²	1764	12	1
[210]	Id. Plausus Tagi, Ed. de Lx. ^a de ³	1739	4.º	1
[211]	Id. Epigrammata Ed. de ⁴	1743	4.º	1
[212]	Fegejo/ L'Amore Artigiano de Polisseno Ed de ⁵	1762	4.º	1
[213]	Faria/ M. ^{el} Severim de/ Noticias de Portugal Ed. de Lx. ^{a6}	1655	Fol.	1
[214]	Foresti/ P. ^e Ant. ^o de/ Mappamondo Istórico Ed. de Parma de ⁷	1690	4.º	1
[215]	França galante Ed. de ⁸	1688	12	1
[216]	Famiani Strada Romani, Proluviones Academica Ed. de Oxonia de ⁹	1631	12	1
[217]	Famiani Strada Romani de Belo Belgus Ed. de Roma de ¹⁰	1648	12	1
[218]	Freyre/ Fran. ^{co} Jozé/ Elogio de D. Francisco X. ^{er} Mas. ^{as} [?] Ed. de Lx. ^a de ¹¹	1742	4.º	1
[219]	Faria/ Leandro Corea [sic] Caceres/ Catastrophe de Portugal Ed. de Lx. ^a de ¹²	1669	4.º	1
[220]	Freyre/ Fran. ^{co} Jozé/ Plausus Tagi Ed. de Lx. ^a de ¹³	1739	4.º	1
[221]	Faria e Souza, M. ^{el} de, Europa Portuguesa Ed. de Lx. ^a de ¹⁴	1675	Fol.	1
[222]	Id. Africa Portuguesa Ed. de Lx. ^a de ¹⁵	1681	Fol.	1
[223]	Id. Asia Portuguesa Ed. de Lx. ^a de ¹⁶	1766	Fol.	3
G				

¹² La Fontaine, de (1752): *Fables choisies*; Paris: David.

¹ Nom localizámos nada que responda a esse título e ano.

² Goldoni, Carlo (1760): *Amor contadino, dramma giocoso per musica di Polisseno Fegejo P.A. da rappresentarsi nel Teatro di Sant'Angelo l'autunno dell'ano 1760/ [Musica di Giovanni Battista Lampugnani]*; Venezia: Apresso Modesto Fenzo.

³ Colocado aqui por erro? Vid. 220.

⁴ Idem. Vid. 204.

⁵ Goldoni, Carlo (1769): *L'amore artigiano, dramma giocoso per musica. Da rappresentarsi ne' teatri privilegiati di Vienn, l'autunno dell'anno 1769/ [la musica e composizione del sigr. Floriano Gassman]* 2. ed., *corretta com arie nuove et altre mutazioni*; Vienna: Stamperia di Ghelen

⁶ Faria, Manuel Severim de (1655): *Noticias de Portvgal... por Manoel Severim de Faria...*; Lisboa: na Officina Craesbeckiana.

⁷ Foresti, Antonio (1708-1722): *Mappamondo istorico cioe ordinata narrazione dei quattro somni imperi del mondo da Nino imperatore degli Assiri sino a Leopoldo austriaco e dalla monarchia di Cristo da S. Pietro I Papa sino ai nostri di/ opera del P. Antonio Foresti della Compagnia de Gesu*; Parma: per Giuseppe dall'Oglio.

⁸ Vid. 265.

⁹ Strada, Famiano (1651): *Famiani Stradae... de Bello Belgico decades duae ab excessu Caroli V imp. usque ad initium praefecturae Alexandri Farnesii...*; Francofurti: Sumptibus Johannis Beyerli.

¹⁰ Strada, Famiano (1637-1650): *Famiani Stradae romani e societate iesu de bello belgico*; Romae: typis Ludovici Grignani [poi] Dominici Manhelphij [sic], 2 v.

¹¹ Vid. 176-177.

¹² Lacerda, Fernando Correia de (1669): *Catastrophe de Portugal na deposição d'el-rei D. Affonso o Sexto e subrogação do principe D. Pedro o Unico, justificada nas calamidades publicas escrita para justificação dos portugueses, por Leandro Dorea Caceres e Faria*; em Lisboa: a custa de Miguel Manescal.

Leandro Dorea Caceres e Faria é o anagrama de Fernando Correia de Lacerda.

¹³ Cândido Lusitano, pseud. (1739): *Plausus Tagi... poetice descriptus a Francisco Josepho Freyre...*; Ulyssipone Occidentali: excudebat Antonius Isidorus da Fonseca.

¹⁴ Sousa, Manuel de Faria e (1678-1680): *Europa portuguesa por Manuel de Faria y Sousa: segunda edicion correcta, ilustrada...*; en Lisboa: a costa de Antonio Craesbeeck de Mello. Ded.: «D. Pedro regente e governador de Portugal».

¹⁵ Sousa, Manuel de Faria e (1681): *Africa portuguesa por su autor Manuel de Faria y Sousa... tomo unico*; Lisboa: a costa d'Antonio Craesbeeck de Mello.

¹⁶ vid. 199.

[224]	Galvão/ Duarte/ Chornica [sic] deEl Rey Dom Affonço Henriques Ed. de Lx. ^a de ¹	1727	Fol.	1
[225]	Goes/ Damiaão de/ Chrónica de ElRey Dom Manoel Ed. de Lx. ^a de ²	1749	Fol.	1
[226]	Id. Chronica deEl Rey Dom Joaão o 2.º Ed. de Lx. ^a de ³	1724	12	1
[227]	Goldoni/ Carlos/ Comedias Italianas Ed. de... de ⁴		12	
[228]	Id. Novo Theatro Comico Ed. de... de ⁵		12	
[229]	Gomes/ Bernardo/ Historia Tragico Maritima Ed. de Lx. ^a de ⁶	1735	4.º	2
[230]	Graciano/ Lourenço/ Obras varias Ed. de Barcelona, não tem ãno de Ed. de ⁷		4.º	1
[231]	Id. Obras varias Ed. de Barcelona de ⁸	1700	4.º	1
[232]	Granato/ Jacobo/ Liber singularis de conceptione ----- Ed. de Hyspali de	1617	4.º	1
[233]	Galia--o/ Conde/ Manejo e governo de gr. de cavr. ^a Ed. de Lx. ^a de ⁹	1710	12	1
[234]	Gyges Galus: Petro Firmiano Authore Ed. Midiolani de ¹⁰	1694	12	1
[235]	Guevara/ D Ant.º de/ Epystolas Familiares Ed. de Anveres de ¹¹	1648	8.º	1

¹ Galvão, Duarte; Ferreira, Miguel Lopes (1727): *Chronica do muito alto, e muito esclarecido principe D. Affonso Henriques primeiro rey de Portugal composta por Duarte Galvão fielmente copiada do seu original, que se conserva no Archivo Real da Torre do Tombo... por Miguel Lopes Ferreira*; Lisboa Occidental: na Officina Ferreyriana.

² Góis, Damião de (1749): *Chronica do serenissimo senhor rei D. Manoel/ escrita por Damião de Goes; e novamente dada a luz... por Reinerio Bocache*; Lisboa: na Off. de Miguel Manescal da Costa.

³ Góis, Damião de (1724): *Chronica do principe D. Joam: rey que foy destes reynos.../ composta por Damiam de Goes*; [Lisboa: s.n.].

⁴ Publicações com títulos semelhantes:

Goldoni, Carlo (1751-1757): *Le commedie del dottor Carlo Goldoni*; Venezia. Goldoni, Carlo (1753): *Le commedie del signor avvocato Carlo Goldoni veneziano fra gli arcadi Polisseno Fegejo a norma dell'edizione di Fierenze: Tomo primo*; en Bolongna: Corciolani, Gilolano & Colli eredi; Pissarri, Constantino & Primordi, Giacomo Filipo erederi.

Goldoni Carlo (1753-1755): *Le commedie del dottore Carlo Goldoni avvocato veneto, fra gli Arcadi Polisseno Fegejo*; Venezia.

Goldoni, Carlo (1756-1758): *Le commedie del dottore Carlo Goldoni avvocato veneziano: edizione giusta l'esemplare di Firenze: dall'autore corretta, riveduta, ed ampliata. Tomo primo [-tredicesimo]*; in Torino: Funtino, Rocco & Olzati, Agostino.

Goldoni, Carlo (1761): *Delle commedie di Carlo Goldoni avvocato veneto, tomo I*; in Venezia: Pasquali, Giambatista.

⁵ Goldoni, Carlo (1757-1763): *Nuovo teatro comico dell'avvocato Carlo Goldoni poeta di S.A.R. il serenissimo infante de Spagna Filippo...*; in Venezia: appresso Francesco Pitteri, 10 v.

⁶ Brito, Bernardo Gomes de (1735-1736): *Historia tragico-maritima: em que se escrevem chronologicamente os naufragios que tiverão as naos de Portugal, depois que se poz em exercicio a navegação da India: tomo primeiro [-segundo]/... por Beranrdo Gomes de Brito*; Lisboa Occidental: na Officina da Congregação do Oratorio, 2 v.

⁷ Gracián Baltasar (1683): *Obras de Lorenzo Gracián: tomo primero... última impression mas corregida, y enriquecida de tablas*; en Barcelona: por Antonio Lacavalleria.

----- (1700): *Obras de Lorenzo Gracian: tomo primero... ultima impresion mas corregida y enriquecida de tablas*; en Barcelona: a costa de Jayme Batlle y Jayme Surià.

⁸ Idem.

⁹ Nom temos localizado nengumha referência que se ajuste exactamente. Colocamos como hipótese: *Regimentos em que se dá nova forma à Cavalaria, e Infantaria, com augmento de soldos para todos os cabos, officiaes, e soldados, e disposição para o governo dos exercitos assim na campanha, como nas praças: em que se comprehendem tambem os exercicios uteis, com as suas vozes para todos os soldados, e granadeiros, serviço por brigada, modo de acampar, e tomar as guardas e ordens geraes para os sargentos mayores/ mandados imprimir pela Secretaria de Estado por ordem de S. Majestade*; Lisboa: na officina de António Pedrozo Galram, 1708.

¹⁰ Zacharie de Lisieux (1694): *Gyges Gallus. Firmiano authore. Accessere somnia sapientis, & saeculi genius*; Mediolani: ex typographia Caroli Iosephi Quinti in platea mercatorum.

¹¹ Guevara, Antonio de (1603): *Epistolas familiares/ de Don Antonio de Guevara...*; en las quales ay

[236]	Gomez/ Ant. ^o Henriques/ da Torre de Babilonia Ed. Ruan de ¹	1649	4. ^o	1
[237]	Gomes/ Alex. ^e Cast. ^o / Lorena perseguida Ed. de Lx. ^a de ²	1749	Fol.	1
[238]	Compendiaria graecae Ed. Patavii de ³	1722	12	1
[239]	Guillet/ M. de/ Les ars de de L'Home de Epe Ed. Haye de ⁴	1680	12	1
[240]	Gusmaõ/ Alex. ^e de/ Arte de crear bem os filhos Ed. de Lx. ^a de ⁵	1685	12	1
[241]	Garau/ Fran. ^{co} / El sabio instruido Ed. Barcelona de ⁶	1703	4	1
[242]	Goveia/ D. Caetano de, vida de huma snr. ^a suavem. ^{te} regulada Ed. de Lx. ^a de	1748	12	1
H				
[243]	Hainault, M., Histoire de la France Ed. de Paris de ⁷	1756	12	2
[244]	Henriqueada Poema do Conde da Eriseira Dom Fran. ^{co} X. ^{er} Ed. de Lx. ^a de ⁸	1741	4. ^o	2
[245]	Henrique de S. ^{to} Ant. ^o , P. ^e Fr., Choronica da serrad'ossa Ed. de Lx. ^a de ⁹	1752	Fol.	2
[246]	Historia da vida do Emperador Marco Aurelio em Italiano de ¹⁰		12	1
[247]	Historia da S. ^{ra} Raynha de Espãha D. Maria Luiza de Saboya Ed. de		4. ^o	1
[248]	Historia da deposição de El Rey D. Afonso 6. ^o Ed. de Lx. ^a de ¹¹		4. ^o	1

cosas notables y razonamientos muy altos y curiosos con exposiciones de figuras, autoridades, medallas, letreros, epithafios de sepulturas, leyes y costumbres antiguas, doctrinas y exemplos para todo estado de gente...; en Anueres: en casa de Martin Nucio, a las dos Cigueñas.

¹ Enríquez Gómez, Antonio (1649). *La torre de Babilonia: primera parte...*/ por Antonio Henriquez Gomez...; en Ruan: por Laurens Maurry.

² Flaviense, Alexandre Caetano Gomes (1749): *Lorena perseguida e exaltada: em que se escrevem as perseguições que exaltarão a serenissima casa de Lorena ao trono do império do mundo/ por Alexandre Caetano Gomes Flaviense*; Lisboa: na officina de Bernardo Antonio. Ded.: «D. Maria Margarida de Lorena, Marquesa de Abrantes e Fontes Condessa de Penaguião».

³ *Compendiaria graecae grammatices institutio*; Padoue, 1722.

⁴ Guillet de Sain-Georges, Georges (le sieur) (1695): *[Les] Arts de l'homme d'épée ou le dictionnaire du gentilhomme... par le sier Guillet*; a La Haye: chez A. Moetjens.

⁵ Gusmao, Alexandre de (1685): *Arte de crear bem os filhos na idade da puericia: dedicado ao minino de Belém Jesu Nazareno/ composta pelo P. Alexandre de Gvsmam*; Lisboa: off. Miguel Deslandes.

⁶ Garau, Francisco (1700): *Tercera parte del sabio instruido de la naturaleza con esfuerzos de la verdad, en el tribunal de la razon, alegados en quarenta y dos maximas, políticas y morales, ilustradas con todo género de erudición, sacra y humana contra las vanas ideas de la Politica de Machiavelo/ el P. Francisco Garau, de la Compañia de Iesus...*; Barcelona: en la imprenta de Cormellas, por Thomas Lorient.

⁷ Henault, Charles-Jean-François (Le Président) (1768): *Nouvel abrégé chronologique de l'histoire de France depuis Clovis jusqu'à la mort de Louis XIV, nouvel. edit. augmentée & ornée de vignettes & fleurons en taille douce, par le Prés. Hénault*; Paris: Prault.

⁸ Ericeira, 4.^o Conde da (1741): *Henriqueida, poema heroico com advertencias preliminares das regras da poesia epica, argumentos, e notas/ composto pelo Ill... Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes...*; Lisboa Occidental: na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca.

⁹ Santo Antonio, Henrique de (1745): *Chronica dos eremitas da Serra de Ossa...: tomo primeiro, que contém a historia anachoretica, e cenobitica dos primeiros cinco seculos do mundo christão.../ seu author o padre mestre fr. Henrique de Santo Antonio...*; Lisboa: na officina de Francisco da Sylva.

¹⁰ Guevara, Antonio de (1546): *Vita, gesti, costumi, discorsi, lettere di Marco Aurelio... con la gionta di molte cose, che nello spagnuolo non erano, e delle cose spagnuole, che mancauano nella tradottione italiana*; in Venegia [sic]: [Aldo Manuzio figli], (In Venegia: in casa de' figliuoli di Aldo).

No catálogo nom se indica o autor, o lugar ou o ano de edição, mais parece bastante provável que se trate da obra de Guevara pola coincidência do tema, a recorrência do mesmo autor, e ainda porque nom aparece outra obra assimilável ao título *Vida de Marco Aurélio* traduzida para italiano e anterior a 1769.

¹¹ Faria, Lenadro Dorea Caceres e (1669): *Catastrofe de Portugal na deposição d'El rei D. Afonso o sexto subrogação do principe D. Pedro o unico justificada nas calamidades públicas/ por Leandro Dorea Caceres e Faria*; Lisboa: [s.n.].

O mesmo que 219?

[249]	Historia das Ordens Monasticas Ed. Lx. ^{a1}	1739	Fol.	1
[250]	Historia das Antiguidades de Evora Ed. de ²		4.º	1
[251]	Histoire des Empereurs Romains en Abrege Chronologique Ed. de Paris de ³	1757	12	2
[252]	Histoire Ecclesiastique en Abrege chronologique Ed. de Paris de ⁴	1757	12	2
[253]	Histoire de Frederic Guillaume 1. ^{er} Roy de Prusse Ed. de Leipzic de ⁵	1741	12	1
[254]	Histoire de la Princesse de Clerey Ed. de Paris de ⁶	1752	12	1
[255]	Histoire du Duc de Guize surnome le Balafre Ed. de Paris de ⁷	1694	16	1
[256]	Historie du Ciel Ed. de Haya de ⁸	1742	12	2
[257]	Histoire de Charles 5. ^{ma} [sic] Ed. de Bruxeles ⁹	1663	12	2
[258]	Histoires Galantes de diverses persones Celebres Ed. de Amsterdaõ de ¹⁰	1709	12	1
[259]	Honorato Fabro/ P. ^o / Methaphisica Ed. de... de		4.º	1
[260]	Horatii/ Q./ Opera ad usum Delfini Ed. de Paris de ¹¹	1691	4.º	1
[261]	Histoire Ancienne, d'Hainault Ed. de Paris de ¹²	1757	12	1

¹ São Miguel, Jacinto de Jer. (1739): *Tratado histórico das ordens monásticas de S. Jerónimo e São Bento/ por Fr Jacinto de S. Miguel*; Lisboa :na officina da musica.

² Patrício Amador, pseud. (1739): *Historia das antiguidades de Evora: primeira parte repartida em dez livros, em que se relataõ as cousas, que acontecerã em Evora até ser tomada aos mouros por Giraldo... se poem no desta os reys de Portugal com suas geraçoens, e descendencias/ por Amador Patricio*; Evora: na Officina da Universidade: à custa de Francisco Mendez. Pseud. de Martim Cardoso de Azevedo.

³ Nom encontramos nengumha referênciã que se ajuste exactamente ao dito no catálogo. Colocamos duas hipóteses:

(a): Macquer, Ph. (1756): *Annales romaines ou abrégé de l'histoire romaine depuis la fondation de Rome jusqu'aux empereurs*; Paris: [s.n.].

(b): Serviez, Jacques Roergas de (1758): *[Les] impératrices romaines ou l'histoire de la vie et des intrigues secrètes des femmes des douze Césars, de celles des empereurs romains et des princesses de leur sang, etc.*; Paris: Damonnerville.

⁴ Nom encontramos nengumha referênciã que se ajuste exactamente ao dito no catálogo. Colocamos duas hipóteses:

(a): *Abrégé chronologique de l'histoire ecclésiastique, contenant l'histoire des églises d'Orient et d'Occident; les conciles généraux et particuliers; les auteurs ecclésiastiques, les schimes, les hérésies, les institutions des ordres monastiques, etc... [depuis l'an 33 de l'ère chrétienne jusqu'à l'année 1700]: nouvelle édition revue, corrigée et augmentée*; Paris: Jean-Thomas Hérisant, 1757, 2 v.

(b): Macquer (1757): *Abrégé chronologique de l'histoire ecclesiastique*; Paris: [s.n.], 2 v.

⁵ Mauvillon, Eléazar de (secrétaire du roi de Pologne) (1741): *Histoire de Frédéric Guillaume 1^{er}, roi de Prusse et électeur de Brandebourg, etc.*; Amsterdam, Leipzig: chez Arkstée et Merkus, 2 v.

⁶ Duvidoso: *Artémise princesse de Carie: histoire de ce temps*; Paris: P. Billaine, 1735, tome 1^{er} et 2^e.

⁷ Brye, De (1695): *Le duc de Guise, surnomé le Balafre (par De Brye): 2^e édition...*; Paris: M. Brunet.

⁸ Nom encontramos nengumha referênciã que se ajuste exactamente ao dito no catálogo. Colocamos duas hipóteses:

(a): *Histoire du ciel considéré selon les idées des poètes, des philosophes et de Moïse*; La Haye: Neaulme, 1740

(b): Pluche, Noël Antoine (1740): *Histoire du ciel, où l'on recherche l'origine de l'idolatrie et les méprises de la philosophie sur la formation et sur les influences des corps célestes*; a paris: chez la veuve Estienne, 2 v.

⁹ Vera, Don Juan Antonio de (1663): *Histoire de l'empereur Charles V trad. par Duperron le hayerk*; Bruxelles: Foppens.

¹⁰ *Histoires galantes de diverses personnes qui se sont illustrées par leur savoir ou leur bravoure*; Amsterdam: E. Roger, 1709.

¹¹ Horácio (1691): *Opera, ad usum Delphini*; [s.l.]: [s.d.].

¹² Lacombe, Jacques (auteur); Hénault, Charles-Jean-François (dédicataire) (1757): *Abrégé chronologique de l'histoire ancienne des empires et des républiques qui ont paru avant Jesus-Christ. Avec la notice des savans et illustres, & des remarques historiques sur le génie & les moeurs de ces anciens peuples: par M. Labombe, avocat*; a Paris: chez Jean-Thomas Herissant.

[262]	Hauteville/ par Euvo de/ Histoire de zenobie de Paris de ¹	1758	12	1
[263]	L'Histoire/ Abrege de/ Grecque Ed. de Paris de ²	1764	12	1
[264]	L'Histoire d'Alex. ^o Franeze [sic]Ed. de Amsterdam de ³	1692	12	1
[265]	Histoires amoureuses de la cour, Cologne de ⁴	1688	16	1
[266]	Histoire Lancasoya Zenobie par M. Eunoï Ed. de Paris de ⁵	1758	8. ^o	1
[267]	Historie ancienne des Empires en Abrege Chronologique de M. Lacombe Ed. de Paris de ⁶	1757	8	1
[268]	Historie de France Nouvelle Abrege Chronologique Ed. de Paris de ⁷	1756	8. ^o	2
[269]	Historia das Plantas por João Vrigas ⁸	1718	12	2
[270]	Hora de Recreio Ed. de Lx. ^a de ⁹	1756	12	1
[271]	Henrique de Noronha, Exemplar politico Ed. de Lx. ^a de ¹⁰	1723	8. ^o	1
[272]	Historia da Academia Real Portugueza Ed. de Lx. ^a de ¹¹	1727	Fol.	1
J				
[273]	Jardinier Francois Ed. de Lyon de ¹²	1698	12	1
[274]	Imagem da vida Cristam Ed. de ¹³		4. ^o	1

O catálogo da Biblioteca Nacional Francesa indica: «épître dédicatoire adressée par l'auteur au Président Hénault, qui publia, en 1744, un "Abrégé chronologique de l'histoire de France", très remarqué en son temps pour l'originalité et la qualité de la méthode utilisée».

¹ Hauteville, de (1758): *Histoire de Zenobie impératrice reine de Palmyre*; Paris: [s.n.].

² *Abrégé de l'histoire grecque, depuis les temps héroïques jusqu'à la réduction de la Grèce en province romaine. Ouvrage dans lequel on voit les guerres les plus célèbres de cette nation son esprit, et ses mœurs; les grands hommes qu'elle porta dans son sein; les législateurs, capitaines, philosophes, orateurs, poètes, historiens et artistes*; Paris: chez Nyon, 1764.

³ Bruslé, Jean de, sieur de Montpleinchamp (1692): *[L']Histoire d'Alexandre Farnèze, duc de Parme et de Plaisance, gouverneur de la Belgique (par Jean Bruslé, sieur de Montpleinchamp)*; Amsterdam: Ant. Michils.

⁴ *[La] France galante, ou histoires amoureuses de la cour. La France devenue italienne, avec les autres désordres de la cour*; Cologne: Pierre Marteau, 1688.

⁵ Hauteville, Euvoï de (1758): *Histoire de Zénobie, impératrice-reine de Palmyre par Euvoï de Hauteville* (c. -à-d. le P. Joseph Jouve); Paris: Estienne fr.

⁶ Lacombe (1757): *Abrégé chronologique de l'histoire ancienne des Empires et des Républiques par M. Lacombe*; Paris: J. Thomas Herissant.

⁷ Hénault, Charles-Jean-François (le Président) (1756): *Nouvel abrégé chronologique de l'histoire de France...*; Paris: Prault.

⁸ Vigier, João (1718): *Historia das plantas da Europa e das mais uzadas que vem de Asia, de Africa & de America/ João Vigier*; Lion: Of. Anisson, Possuel & Rigaud, 2 v.

⁹ Castro, João Baptista de (1742): *Hora de recreio: nas férias de mayores estudos, e oppressão de mayores cuidados/João Baptista de Castro*; Lisboa: Miguel Manescal da Costa.

¹⁰ Noronha, Henrique de O.C. (1723): *Exemplar politico, que nas acções do serenissimo rey D. Pedro, primeiro nome e oitavo dos reys de Portugal/ ideou... Fr. Henrique de Noronha; offerece... Diogo Bernardes de Sá*; Lisboa Occidental: na Off. de Pascoal da Sylva.

¹¹ Alegrete, Mauel Teles da Silva, 3.^o Marquês (1727): *Historia da Academia Real da Historia portuguesa/ composta por Manoel Telles da Sylva*; Lisboa Occidental: na officina de Joseph Antonio da Sylva. Dedicado a «El rey D. João o V nosso Senhor».

¹² Bonnefons, Nicolas de (1698): *[Le] Jardinier françois (par Nic. de Bonnefons)*; Lyon: Goy...

¹³ Pinto, Heitor (1563): *Imagem da vida christam ordenada per dialogos como membros de sua composiçam.../ compostos per frey Hector Pinto, frade Ieronimo*; em Coimbra: per João Barreira.

----- (1567): *Idem/... & por elle acrescentados nesta terceyra impressam*; Braga: per Antonio de Maris: a custa de Antonio Coruete, mercador de liuros.

----- (1572): *Idem/... & por elle acrescentados nesta quarta impressam*; em Lisboa: per João de Barreira: á custa de João de Espanha, mercador de libros.

----- (1580): *Idem/... & por elle acrescentados nesta vltima impressam*; em Lisboa: per Antonio Rebeyro: a custa de João de Espanha, mercador de libros.

----- (1585): *Idem*; Em Lisboa: por Andres Lobato.

----- (1591): *Idem*; Em Lisboa: por Antonio Aluares.

----- (1592): *Idem*; Em Lisboa: por Antonio Aluares: a custa de João Despanha.

----- (1572): *Segunda parte dos dialogos da imagem da vida christam.../ compostos per frey Hector*

[275]	Institutiones Grammaticae [sic] Graecae Ed. de Herbipoli de	1691	12	1
[276]	Instructions Militaires Ed. Paris de ¹	1753	8.º	1
[277]	Introductio in Graecam Linguam ex Institutionibus Clenardi Ed. de ²		12	1
[278]	Joanis Ravisii Textoris Officina Ed. de ³		4.º	1
[279]	Journal des Sçavans Ed. de Cologne ⁴	1766	16	5
[280]	Josephi/ Flavii/ Antiquitatum Judaicarum Libri viginti Ed. de Basiliae de ⁵	1535	Fol.	4
[281]	Instrução [sic] dos Principiantes Ed. Lx. ^a de	1750	8.º	1
[282]	Iconologie, ou Science des Emblemes dois tomos em hum volume Ed. ⁶		8.º	1
[283]	Idea y proceder de Francia desde las Pazes de Nimega hasta la Primavera del Anno de 1684. Ed. de Colonia de ⁷	1684	8.º	1
[284]	Joannis M. elii [??] Pub. Virgilii Ed. de Amsterdam de	1719	16	1
[285]	Isidro Poema, de lope de vega Ed. de Madrid esta na terra [?] de ⁸	1599	12	1
[286]	Instrução á mocid ^e do Pais Ed. de Evora de	1754	12	1
[287]	Joannis Ravisii Textoris Ed. de Bazilia de ⁹	1666	4.º	1
[288]	JESUS [sic], Soror Maria de, Mistica Ciudad de Dios Ed. de Madrid de ¹⁰	1744	12	8
[289]	Jozé Clemente/ P. ^e / Vida da Veneravel M. Thereza da Anunciada Ed. de Lx. ^a de ¹¹	1763	Fol.	1

Pinto, frade Ieronymo: agora nouamente saydos a luz; em Lisboa: per João de Barreira: a custa de João Despanha.

----- (1575): *Idem*/... nesta segunda impressão vistos & emendados pelo mesmo author; Lisboa. per Antonio Ribeyro: á custa de João d'Hespanha.

----- (1591): *Idem*/... agora nouamente impressos; Em Lisboa: per Bathesar Ribeyro: a custa de João Despanha.

----- (1603): *Idem*; em Evora: impresso por Manoel de Lyra.

¹ Spar, Joseph-Ignace-Magnus (le compte) (1753): *Instructions militaires (par le comte Joseph-Ignace-Magnus de Spar)*; Paris: Jombert.

² Clenardi, N. (1580): *Institutiones ac meditationes in graecam linguam N. Clenardo authore cum scholiis et praxi P. Antesignani Rasputagnensis*; Francofurti: apud Andream Wechelium.

³ Textor, Johannes Ravisius (1613): *Officinae Joannis Ravisii Textoris epitome... editio ultima: t. primus et secundus: [suivi de: cornucopiae Joannis Ravisii Textoris epitome... editio ultima]*.

Localizámo-la também com este título: *Cornucopiae Joannis Ravisii Textoris epitome quae res quibus orbis locis abunde proveniat alphabetico ordine complectens. editio ultima*; Lugduni: sumptibus Petri Rigaud.

⁴ Salon, Jean Denis de (1666): *Le journal de sçavans, par le sieur de Hédouville*; Cologne: P. Michel.

⁵ Flavii Josephi antiquitatum judaicarum libri XX, ad vetera exemplaris diligenter recogniti.- de bello judaico libri VII, ex collatione graecorum codicum castigatiores quam unquam ante redditi. Contra Appionem libri II, pro corruptis: antea iam ex graeco itidem non solum emendati, sed etiam suppleti. De imperio rationis sive de Machabaeis liber unus à Des. Erasmo Rot.; Lutetiae: apud J. Macaeum, 1535.

⁶ Jean Baudouin (1698): *Iconologie, ou la science des emblèmes, devises, etc., qui apprend à les dessigner, expliquer et inventer, ... par J. B. (Jean Baudouin)*; Amst.: Adr. Braakman, 2 v.

⁷ *Idea y proceder de Francia, desde las pazes de Nimega hasta la primavera del año MDCLXXXIV*; en Colonia: en la imprenta de Christian War-Sager, 1684. «Anot. ms. de J. P. de Guzman: el autor de este opúsculo fue don Manuel de Lira».

⁸ A edição mais antiga do catálogo da Biblioteca Nacional Espanhola é a de 1602 assinalada no n.º 194.

⁹ Vid. 278.

¹⁰ Ágreda, María de Jesús de: *Apología por la mística ciudad de Dios, de Maria de Jesús de Ágreda/ presentada al Supremo Consejo de la Inquisición de España por la religión de San Francisco*, 2 vol. Está catalogada como manuscrito, e, por tanto, sem lugar nem data de publicação. Com título parecido, e como obra publicada registamos: Alcántara, Domingo de San Pedro de (1743): *Palma victoriosa de la mística ciudad de Dios*; Salamanca: [s.n.].

¹¹ Clemente, José (1763): *Vida da veneravel Madre Teresa da Anunciada/ escrita... por Jozé*

L

[290]	Laboureur/ M/ Avantages de la langue françoize Ed. de Paris de ¹	1669	12	1
[291]	Lamas [??]/ M. ^{cl} Pr. ^a da S. ^a / Memorias p. ^a a Historia do Bispado da guarda Ed. Lx. ^{a2}	1729	Fol.	1
[292]	Liger/ M. de/ Theatre d'agriculture Ed. de Paris de ³	1723	4.º	1
[293]	Lucani/ M. Annei/ de Bello Civili Ed. de Lutetiae de ⁴	1545	12	1
[294]	Id. em Espanhol Ed. de Anvers de ⁵	1585	12	1
[295]	Luca/ Franciscus/ Concordatia Bibliae Ed. de Veneza de ⁶	1741	Fol.	1
[296]	Langlete/ L'Abbé/ Principes de la Histoire Ed. de Paris de ⁷	1750	12	6
[297]	Lobo/ Fran. ^{co} Roiz/ Obras Ed. Lx. ^a de ⁸	1670 ⁹	Fol.	1
[298]	Id. CortteAldeya [sic] Ed. Lx. ^a de ¹⁰	1670	4.º	1
[299]	Lemene/ Fran. ^{co} de/ Dio Soneti, Ed. Bologna de ¹¹	1694	18	1
[300]	Lemene/ Fran. ^{co} de/ Rozário Pectiche Ed. Lodi de ¹²	1691	4.º	1
[301]	Longino/ Tratado del sublime de/ Ed. Bologna ¹³	1748	8.º	1

Clemente; Lisboa: na Off. Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.

¹ Laboureur, Louis le (1669): *Avantages de la langue françoise sur la langue latine, per le Laboureur*; Paris: Guill. de Luyne.

² Leal, Manuel Pereira da Silva (1729): *Memorias para a historia ecclesiastica do bispado da Gurada/ escrita pelo Doutor Manoel Pereira da Sylva Leal*; Lisboa Occidental: na Off. de Josph Antonio da Sylva.

³ Liger, Louis (1713): *Le nouveau théâtre d'agriculture et Ménage des champs, contenant la manière de cultiver et faire valoir toutes sortes de biens à la campagne, avec une instruction générale sur les jardins... et sur le commerce de toutes les marchandises qui proviennent de l'agriculture; tout suivi d'un traité de la pêche et de la chasse... par le sieur Liger...*; Paris: D. Beugnié.

⁴ Lucain (1545): [*M. Annei Lucani*] *De bello civili libri decem. Eiusdem vita in fine operis. Ad vetustis: scripta exemplaria emendati quorum varias lectiones ad calm rejecimus*; Lutetiae: ex officina Rob. Stephani.

⁵ *C. Julii Caesaris commentarii de bello gallico et civili. Eiusdem librorum, qui desideratur, fragmenta. Omnia nunc opera et judico viri docti emendata et edita*; Antverpiae: ex officina Christoph. Plantini, 1585. Esta é a única versom de Antuérpia, 1585.

⁶ Saint Cher, Hugues de; Luca, Franciscus; Phalèse, Hubert (1741): *Sacrorum Bibliorum vulgatae editionis concordatiae Hugonis cardinalis ordinis praedicatorum... Biblis adhibitam recensitae, atque emendatae primum a Francisco Luca... nunc denuo variis locis expurgatae, ac locupletae cura, & studio V.D. Huberti Phalesii...*; Venetiis: apud Nicolaum Pezzana.

⁷ Nom encontramos nengumha referência que se ajuste exactamente ao dito no catálogo. Colocamos três hipóteses:

(a): Langlet du Fresnoy, l'abbé (1742): *Methode pour étudier la géographie... par l'abbé Langlet du Fresnoy*; Paris: Rolin et Debure

(b): Langlet du Fresnoy, Nicolas (Abbé) (1734): *De l'usage des romans, ou l'on fait voir leur utilité et leurs différens caractères: avec une bibliothèque des romans, accompagnée de remarques critiques sur leur choix et leurs éditions*; Amsterdam, Vve de Poilras, 2 v.

(c): Langlet du Fresnoy (1759): *Histoire de Jeanne d'Arc, dite la Pucelle d'Orléans par M. l'abbé Langlet du Fresnoy*; Amsterdam: La Compagnie.

Som as únicas três referências localizadas de Langlet du Fresnoy.

⁸ Nom encontramos nengumha referência que se ajuste exactamente ao dito no catálogo. Colocamos duas hipóteses:

(a): Lobo, Francisco Rodrigues (1723): *Obras politicas, moraes, e metricas do insigne portugûes/ Francisco Rodrigues Lobo*; Lisboa: Of. Frerreyriana.

(b): ----- (1654): *Primeira e segunda parte dos romances/ de Francisco Rôis Lobo...*; em Lisboa: por Manoel da Sylva: a custa de Felipe Jorge mercador de livros na Rua Nova.

⁹ Lacuna polo mau estado do suporte.

¹⁰ Lobo, Francisco Rodrigues (1695): *Corte na aldeia, e noytes e inverno/ de Francisco Rodriguez Lobo*; Lisboa: na officina de Antonio Pedrozo Galraão.

¹¹ Lemene, Francesco de [s.d.]: *Dio sonetti, ed inni di Francesco de Lemene, con aggiunta d'altre poesie Bologna...*; [s.l.]: [s.n.].

¹² Lemene, Francesco de (1692): *Rosario di Maria Vergine: meditazioni poetiche*; Milano: Quinto Carlo Giuseppe.

¹³ Pseudo-Longino (1748): *Trattado del sublime di Dionisio Longino tradotto del greco in toscado da Anton Francesco Gori: terza edizioni, di note accresciuta*; Bologna: nella stamperia di Lelio dalla

[302]	Letres de M. de Voiture Ed. de ¹⁴		12	1
[303]	Lobo/ Fran. ^{co} Roiz/ Cortena Aldeya de Lx. ^a de ¹	1619	4.º	1
[304]	Lima/ Luis de Torres de/ <i>Compendio das mais notáveis cousas q'. aconteceram no Rn.º de Portugal desde a queda de ElRey D. Seb.^{am} athé o anno de 1627. Ed. de Coimbra</i> ²	1654	8.º	1
[305]	Le chose maravigiose de Roma Ed. de Roma de ³	1724	12	1
[306]	Letres Edifiants de quelque Missionaires de la compagnie Ed. de Paris de ⁴	1730	12	1
[307]	Letres de M. de Voiture Ed. de Nimwege de ⁵	1660	15	1
[308]	Lope de Vega/ Romancero de/ Ed. de Madrid. está na letra de ⁶	1720	12	1
[309]	Lexion Latinum Faciolate Patescii	1752	Fol.	2
[310]	Lima/ Luis Caetano de/ Arte da Gramatica Italiana Ed. de Lx. ^{al}	1756	4.º	1
[311]	Leuthner/ Calistunus/ Coelum Christianum Ed. Augustae et. Herbipoli de ²	1749	12	1

Volpe.

- ¹⁴ Voiture (1709): *Lettres et autres oeuvres de Monsieur de Voiture: nouv. éd. plus complete que les précédentes et augm. de la suite et de la conclusion de l'histoire d'Alcidalis et de Zelide*; Amsterdam: chez Pierre Mortier.

Voiture (1657-59): *Les lettres (de Mr. de Voiture: a Amsterdam: chez Jean Ravesteyn.*

- ¹ Lobo, Francisco Rodrigues (1619): *Corte/ na aldeia, e/ noites de inverno/ de/ Francisco Rodriguez/ Lobo: offerecido ao senhor Dom Duarte/ Marques de Frenchilha, & da Malagaõ*; em Lisboa: por Pedro Craebecck.

- ² Lima, Luis de Torres (1654): *Compendio das mais notáveis cousas que no reyno de Portugal aconteceram desde a perda del-rey D. Sebastiam.../ por Luis de Torres de Lyma*; em Coimbra: na officina de Manuel Diaz.

- ³ Nom temos localizado a referência exacta. Com semelhante título, mas em espanhol, registamos: *Cosas maravillosas de la santa ciudad de Roma: en donde se trata de las yglesias, estaciones, reliquias, y cuerpos santos, que ay en ella...: com la guía romana...: de nuevo corregidas, ampliadas, y adornadas... a instancia de Pedro Leon...*; en Roma: por Zenobii, 1729.

Romano, Juan Baptista Vaccondio (1711): *Las cosas maravillosas de la santa ciudad de Roma; en donde se trata delas yglesias, estaciones, reliquias, y cuerpos santos, que ay en ella y de diversos caamientos de pobres donzellas, que se hazen: com la guía romana, que enseña facilmente a los estrangeros el modo de hallar las cosas mas raras de Roma: los nombres de los sumos pontifices, emperadores y reyes christianos, y otras cosas notables.../ por el doctor Juan Baptista Vaccondio Romano*; em Roma: por Roque Bernabó impressor.

Las cosas maravillosas de la Santa Ciudad de Roma, en donde se trata de las yglesias, estaciones, reliquias...; en Roma: por el Mascardi, 1678.

Em italiano,:

Le cose maravigliose dell'alma citta di Roma...; in Roma: presso à Guglielmo Faccioto, 1595.

Le cose maravigliose dell'alma citta di Roma... l'antichita di Roma di M. Andrea Palladio raccolta brevemente da gli antichi & moderni...; in Roma: per Giovanni Osmarino Gigliotto, 1582.

- ⁴ *Lettres édifiantes et curieuses écrites des missions étrangères par quelques missionnaires de la Compagnie de Jésus, IX*; Paris: chez Nicolas le Clerc: et d'autres éditeurs, 1730.

- ⁵ Voiture (1660): *[Les] lettres de Mr. de Voiture*; Nimwege: A. Hogenhuysen.

- ⁶ Embora nom coincida o lugar de impressom, registamos: Vega, Lope de: *Romancero espiritual, para recrearse el alma con Dios, y redempcion del genero humano: con las estaciones de la Via Crucis/ compuesto por Lope de Vega Carpio...*: hanse añadido en esta impression tres Estaciones y en cada vna de las quinze quantro consideraciones muy devotas, y el modo de examinar cada dia la conciencia; en Zaragoza: por los herederos de Diego Dormenr, [s.d.]: «fechas de la actividad conocida del imp., 1674-1724».

- ¹ Lima, Luis Caetano da (1756): *Grammatica italiana e arte para aprender a lingua italiana por meyo da lingua portugueza/ por D. Luis Caetano de Lima*; Lisboa: officina de Joseph da Costa Coimbra

- ² Shiller, Julius (1627): *Coelum stellatum christianum, ad majorem Dei omnipotentis, sactaeque ejus tam triumphantis quam militantis Ecclesiae gloriam, obductis gentilium simulacris, eidem Domino et creatori suo, postliminio quasi restitutum, humili conatu et voto Julii Schilleri, Augustani Vindelici; sociali opera Joannis Bayeri, uranomethian novam priorem accuratiorem, locupletiore suppeditantis Marthiae Kageri, picturam primo coneinnantis; scalpello, qu'a imagines, Lucae Kiliani qua stellas, Gasparis Schecksii; praelo Andreae Aperi; [Augsburg]: A Vindelicorum.*

[312]	Liger/ M. de/ Maison Mistique Ed. de Paris de ¹	1762	4.º	2
M				
[313]	Macedo/ Duarte Ribr.º de/ Discurs [sic] politicos Ed. de ²	1721	16	1
[314]	Macedo/ Ant.º de Souza de/ Dominio sobre a fortuna Ed. de Lx. ^a de ³	1682	4.º	1
[315]	Id. Ulyssipo Poema Ed. de Lx. ^a de ⁴	1640	12	1
[316]	Manoel/ D. Agostinho/ Vida do Conde de Vianna D. Duarte de Menezes Ed. Lx. ^{a5}	1627	4.º	1
[317]	Id. Carta de Guia de Cazados [sic] Lx. ^a de ⁶	1765	16	1
[318]	Manoel/ D. Fran. ^{co} / Cartas familiares Ed. de Lx. ^a de ⁷	1752	4.º	1
[319]	M. ^{el} / D. Juan/ Methodo Geographico Ed. de Paris de ⁸	1754	12	1
[320]	Manher/ D. Salvador Jozé/ Antheatro [sic] Critico Ed. de Madrid de ⁹	1735	4.º	3
[321]	Id. Replica satisfactoria Ed. de Madrid de ¹⁰	1729	4	3
[322]	Manulio/ Paulo/ Appotegmatum Collectis Ed. de Veneza de ¹¹	1590	16	1
[323]	Martirologio Romano Ed. de Lx. ^a de ¹²	1748	4.º	1

¹ Liger (1762): *[La] nouvelle maison rustique ou économie générale de tous les biens de campagne, la manière de les entretenir et de les multiplier; donnée ci-devant au public par le sieur Liger, 8^e édition... avec le vertu des simples, l'apothicairerie et les décisions du droit français sur les matières rurales*; Paris: Durand.

² Do mesmo autor: Macedo, Duarte Ribeiro de [17--]: *Discurso do doutor Ribeyro de Macedo sobre a introdução das artes no Reyno que escreueo sendo enviado na corte de Pariz no anno de 1675: Discurso de Macedo sobre a transplantação de frutos de India ao Braisl que escreueo sendo enviado na Corte de Pariz em 10 de Mayo de 1675* [Manuscrito].

³ Macedo, António de Sousa de (1682): *Dominio sobre a fortuna, e tribunal da razaõ: em que se examinam as felicidades, & se beatifica a vida a vida no patrocínio da Virgem mãy da graça, horoscopo da constellação melhor afortunada/ escrevia Antonio de Sousa Macedo &c*; Lisboa: na officina de Miguel Deslandes: a custa de Antonio Leite Pereira.

⁴ Macedo, António de Sousa de (1640): *Ulyssipo: poema heroico/ de Antonio de Sousa de Macedo*; em Lisboa: por Antonio Alvarez.

⁵ Vasconcelos, Agostinho Manuel de (1627): *Vida de Don Duarte de Meneses, terceiro conde de Viana, y sucessos notables de Portugal en su tiempo/ por Don Agustin Manuel, i Vasconcelos...*; en Lisboa: Pedro Craesbeeck.

⁶ Melo, Francisco Manuel de (1765): *Carta de guia de cazados, para que pelo caminho da prudencia se acerte com a casa do descanso/ a hum amigo por D. Francisco Manoel: setima impressaõ emendados muitos erros das passadas*; [Lisboa?]: Officina de António Rodrigues Galhardo.

«Id.» por gralha?

⁷ Azevedo, Antonio Luis de (padre) (1752): *Cartas familiares de D. Francisco Manoel escritas a varias pessoas sobre assuntos diversos/ Antonio Luis de Azevedo*; Lisboa: na officina dos herd. de Antonio Pedrozo Galram. Ded.: «offerecidas ao illust. e rev. senhor João de Melo e Sampayo do Conselho de sua Magestade, Fidalgo de sua casa beneficiado da Igreja de Santiago de Torres-Novas e prelado da Santa Igreja Patriarcal de Lisboa, &c.».

⁸ François, A. (1754): *Methodo geografico facil.../ compuesto en idioma frances por M. François: trad. en espanhol por el D. Juan Manuel Giron*; Madrid: Libr. de D. Juan Angel Corradi, 2 v.

⁹ Mañer, Salvador José (1989): *Anti-theatro crítico. tomo segundo, primera parte [microforma]: sobre el tomo tercero del "Theatro crítico", y réplica satisfactoria primera, y segunda parte, à la "Ilustracion apologética" del P. Feyjoõ, Benedictino: en que se le descubren, manifiestan, y señalan 998 errores, que podrán contarse por los márgenes/ su autor, Don Salvador Joseph Mañer*; Oviedo: Pentalfa Microediciones. «Reprod. de la ed. de Madrid: imp. de Juan Zúñiga, 1731».

¹⁰ Mañer, Salvador José (1989): *Réplica satisfactoria a la «Ilustración apologética» del Padre Feijó, benedictino. Tomo segundo, segunda parte [Microforma]/ su autor, Don Salvador Joseph Mañer*; Oviedo: Pentalfa Microediciones. «Reprod. de la ed. de Madrid: Imp. de Juan de Zúñiga, 1731».

¹¹ Alvares, Manuel (1590): *Emmanuelis Alvari, e societate Iesu, de institutione grammatica, libri tres, quorum secundus imper est ad vetesum fere grammaticorum rationem revocatus. Adiectis nunc compendiolo secundi & tertis libri, & communibus constructionis regulis, a Ludovico Carbone collectis, ortographiaeq. Aldi Mannucij, Pauli F. Aldi N. epitome, atque Graeco & Hebraeo alphabeto*; Venetiis: Muschio, Andrea.

¹² *Martyrologio romano acomodado a todos os dias do ano conforme a nova ordem do calendario*

[324]	Martinieri/ M de la/ Conseils pour une Bibliotheque Ed. de Paris de ¹		12	1
[325]	Martialis/ Valerii/ Opera Commentariis ----- Ed. da Ingolotadii de ²	1611	Fol.	1
[326]	Marville Histoire e literatur [sic] Ed. de Paris de ³	1725	12	4
[327]	Methastcio [sic], Pierre, Trageias Operas Ed. de Veneza de ⁴	1751	16	5
[328]	Menestrier Methode du Blason Ed. de Lyon de ⁵	1756	12	1
[329]	Menezes/ D. Manoel de/ Chronica deEl Rey D. Sebastiam Ed. de Lx. ^a de ⁶	1730	Fol.	1
[330]	Memoires de Brandebourg Ed. de Berlin ⁷	1751	12	1
[331]	Mercure Galant. Ed. de Paris de ⁸	1687	16	1
[332]	Miraviglie de Roma Ed. de ⁹		12	1
[333]	Molliere Poezias Comicas Ed. Paris de ¹⁰	1753	16	8
[334]	Montecuculli, Principe de, Arte de la guerra Ed. de Lx. ^a de ¹¹	1708	16	1
[335]	Monumento Sacro da Sagração da Igr. ^a de Mafra Ed. de Lx. ^a de ¹²	1751	Fol.	1
[336]	Moya/ Juan Peres de/ Filozofia Secreta Ed. de Madrid de ¹³	1673	4.º	1
[337]	Id. Geometria Pratica Ed. de Alcala ¹⁴	1573	Fol.	1

que se reformou por mandado do Papa Gregorio XIII/ tresladado de latim em portugues por algu[n]s padres da Companhia de Jesu; Coimbra: em casa de Antonio de Maris; 1591. Ded.: «Gregorio Papa XIII ad perpetuum rei memoriam...».

¹ A única publicação com título semelhante é de Ferney.

² Martialis, Marcus Valerius (1633): *M.V. Martialis epigrammatum libri, animadversi, emendati, et commentarialis luculenter explicati: Opera et studio T. Farnabii: secunda cura longe emendatior, etc.*; Londoni: Excudebat R. Junius, impressis P. Stephani et Christopheri Meredith.

³ Vigneul-Marville (1725): *Mélanges d'histoire et de littérature*; Paris: chez Claude Prudhome, 3 v.

⁴ Hipótese A: Metastasio, Pietro (1750-1751): *Opere drammatiche del signor abate Pietro Metastasio poeta cesareo: volume primo-terzo*; Picacenza: Salvoni, Luigi Bernardo.

Hipótese B: Metastasio, Pietro (1750): *Quatre tragedies-opera, de l'abbe Metastasio: traduites en françois: premiere partie [-seconde]*; a Vienna.

⁵ Menestrier, Claude-François (1754): *[La] nouvelle méthode raisonnée du blason, pour l'apprendre d'une manière aisée: réduite en leçons, par demandes & par réponses: nouvelle édition, revue, corrigée & augmentée*; Lyon: chez Pierre Bruyset Ponthus.

⁶ Menezes, Manoel de (1730): *Chronica do muito alto, e muito esclarecido principe D. Sebastião decimo sexto rey de Portugal composta por D. Manuel de Menezes chronista mor do reyno, e general da Armada Real, &c...*; Lisboa: na Off. Ferreyriana.

⁷ Frédéric II (M.DCC.LI): *Mémoires pour servir à l'histoire de la maison de Brandebourg (par Frédéric II)... enrichis de cartes et de tables géographiques et généalogiques: nouvelle edition...*; a Berlin, à la Haye: chez Jean Néaulme.

⁸ *Le mercure galant dédié a Monseigneur le Dauphin. Février 1687*; a Paris, au Palais: [s.n.], 1687.

Le mercure galant: défaites des armées othomanes par les armées chrestiennes en Hongrie et dans la Morée...; [s.l.]: [s.n.], Septembre 1687.

⁹ vid. 305.

¹⁰ Molière (1753): *Oeuvres*; Paris: Bordolet, 8 v.

¹¹ Montecucoli, Raimundo, Conde de (1708): *Arte universal de la guerra [Manuscrito]/ del principe Raymundo Montecucoli...*; trad... por Don Bartolomé Chafrión...; Lisboa: en la Impr. de Miguel Manescal.

¹² Prado, João de São José O.F.M. (1751): *Monumento sacro da fabrica, e solemmissima sagração da Santa Basilica do Real Convento, que junto à villa de Mafra dedicou a N. Senhora, e Santo António a magestade augusta do maximo rey D. João V/ escrito por Fr. Joaõ de S. Josph do Prado*; Lisboa: na Officina de Miguel Rodrigues. Ded.: «Senhor. Com os eclipses, que finalmente vieraõ a extinguir a luz da vida ao fidelissimo rey D. João V de gloriosa memoria, pay de V. Magestade...».

¹³ Pérez de Moya, Juan (1673): *Filosofia secreta donde debajo de historias fabulosas se contiene mucha doctrina provechosa a todos estudios: con el origen de los idolos, ò dioses de la gentilidad. Es materia muy necessaria para entender poetas, y historiadores/ ordenado por el bachiller Juan Perez de Moya*; Madrid: por Andres Garcia de la Iglesia: a costa de Francisco Serrano...

¹⁴ Pérez de Moya, Juan (1573): *Tratado de geometria pratica, y especulativa*; en Alcalá : por Juan Gracian.

[338]	Murganti/ Bento/ Reflexoens sobre a vida Iquinomica [sic] Ed. Lx. ^a de		12	1
[339]	Mello/ Julio de/ Historia do Conde Denis e Mello Ed. de Lx. ^a de ¹	1744	4.º	1
[340]	Musantio/ Tabulae Chronologica Ed. de Roma de ²	1751	8.º	1
[341]	Methode abrege, e facile pour apprendre la geografie, Ed. Paris de ³	1751	8.º	1
[342]	Mausillon toda a sua Obra Ed. Paris	1758	12	13
[343]	Manier de Bien Penser Ed. Lyon de ⁴	1691	12	1
[344]	Mayns [sic] Cartas Morales Madrid de ⁵	1756	12	2
[345]	Id. Retorica Ed. Valencia de ⁶	1757	8.º	2
[346]	Methodo Geografico facil traduzido de Francez em Espanhol Ed. Paris de ⁷	1754	8.º	2
[347]	Manoel Ant.º Montr.º Restauração de Portugal Ed. de Lx. ^a de ⁸	1753	4.º	1
[348]	Marci Aurelii vita Ed. de Veneza de ⁹	1646	12	1
[349]	Macarronea Latino Portugueza Ed. de Lx. ^a de ¹⁰	1765	12	1
[350]	Molina, Ant.º de, Exercicios espirituais Ed. Burgos de ¹¹	1615	4.º	1
[351]	Maestro di Casa/ Dialogo/ Ed. Roma de	1598	12	1

¹ Castro, Júlio de Melo de (1744): *Historia panegyrica da vida de Dinis de Mello de Castro, primeiro conde de Galveas.../ escrita por Julio de Mello de Castro*; Lisboa: na officina de Antonio Duarte Pimenta. Ded.: «Offerecida a El-Rey Nosso Senhor D. Joam».

² Musanti, Giovanni Domenico (1750): *Tabulae chronologicae Jo: Dominici Musanti... quae sacra, politica, bellica, fortuita, literas, et artes ad omnigenam historiam complectuntur...*; Romae: Joannes Generosus Salomoni.

³ Nom encontramos nengumha referência que se ajuste exactamente ao dito no catálogo. Colocamos como hipótese: Robbe, Jacques (1679): *Méthode pour apprendre facilement la géographie... par le sieur Robbe...* O catálogo da Biblioteca Nacional Francesa indica: «autre(s) titre(s): *abregé de la navigation dans lequel une personne qui veut servir sur mer peut apprendre facilement & en peu de tems, tout ce qu'il doit sçavoir* [sic], *pour la conduite des vaisseaux par le sieur Robbe...*»

Méthode pour apprendre facilement la geografie contenant un abrégé de la sphère. La division de la terre en ses continens empires, royaumes, etats, république, provinces, etc.: avec les tables des villes les plus notables de chaque province et un petit traité de navigation divisée en deux tomes; Paris: Dezallier»

E ainda «le faux-titre porte: *Méthode pour apprendre facilement la geografie contenant un abrégé de la sphère. La division de la terre en ses continens empires, royaumes, etats, républiques, provinces, etc. avec les tables des villes les plus notables de chaque province et un petit traité de navigation divisée en deux tomes.*

Le deuxième opuscul porte: *abregé de la navigation dans lequel une personne qui veut servir sur mer peut apprendre facilement & en peu de tems, tout ce qu'il doit sçavoir, pour la conduite des vaisseaux par le sieur Robbe...*».

⁴ Bouhours (1691): *[La] manière de bien penser dans les ouvrages d'esprit*; Lyon: H. Molin.

⁵ Mayáns y Siscar, Gregorio (1756): *Cartas morales, militares, civiles, i literarias, de varios autores españoles/ recogidas, i publicadas por Don Gregorio Mayans i Siscar*; Madrid: Francisco Asensio, 2 v.

⁶ Mayáns y Siscar, Gregorio (1757): *Rhetorica de Don Gregorio Mayáns y Siscar*; Valencia: Geronimo Conejos, 2 v.

⁷ Vid. 319.

⁸ Almeida, Gregorio (1753): *Restauração de Portugal prodigiosa/ pello Doutor Gregorio de Almeida.../ exposto ao publico por... Manoel Antonio Monteiro de Campos e à sua custa impressa*; Lisboa: na Off. de Manoel Soares Vivas.

⁹ Vid. 246.

¹⁰ Ameno, Francisco Luís (1765): *Macarronea latino-portugueza...*; Lisboa: Off. de Francisco Luis Ameno.

¹¹ Molina, Antonio de (O. Cart.) (1615): *Exercicios espirituales de las excelencias, provecho, y necesidad de la oraciona mental, reduzidas a doctrina y meditaciones: sacados de los Santos Padres y Doctores de la Iglesia: primera y sengunda parte.../ por el Padre don Antonio de Molina, monge de la Cartuja de Miraflores...*; en Burgos: por Iuan Baptista Varessio: acosta de Gaspar Cubero y Pedro Gomes de Balduielso...

[352]	Meditações de Fr. Luis de Granada Ed. Anvers ¹	1558	12	1
[353]	Maximas de Salomão, anonimo, Ed. Lx. ^{a2}	1762	4.º	1
[354]	Montesquieu/ M. de/ Esprit des Lois Ed. de Amsterdaõ de ³	1758	8.º	3
N				
[355]	Nikotis [sic] Avantages e desvantages de la grande Bertagne [sic] Ed. de Aleyde de ⁴	1754	12	1
[356]	Noticia da doença, morte e funeral de ElRey D. Pedro 2.º Ed. de Lx. ^a de ⁵	1707	4.º	1
[357]	Nyeremberg/ O P. ^e / Virtú Coronata Ed. de ⁶			
[358]	Noronha/ Fr. Henrique de/ Exemplar politico Ed. de Lx. ^a de ⁷		8.º	1
[359]	Nantes/ Bernardo de/ Katecismo Indico Ed. de Lx. ^a de ⁸	1709	12	1
O				
[360]	Observations sur les poemes d'Homere et Virgile Ed. de Paris de ⁹	1669	12	1
[361]	Olmo/ Vicente del/ Descricion del Orbe de la terra [sic] Ed. de Veneza de ¹⁰	1681	Fol.	1
[362]	Origem antiga da física moderna Ed. de Lx. ^a de ¹¹	1753	4.º	1
[363]	Ossat/ Cardinal d'/ Letres Ed. de Amsterdam de ¹²	1732	12	5

¹ Granada, Luis de (1557): *Meditações sobre a oração do Pater noster*; em Lixboa: em casa de Ioannes Blauio de Colonia.

² *Maximas de Salomão commentadas por hum anonymo na lingua franceza, e traduzidas no idioma portuguez por huma curiosa*; Lisboa: na Off. Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1762.

³ Montesquieu, Charles de Secondat (1758): *De l'esprit des loix [Charles de Secondat de Montesquieu]: nouvelle édition, revue, corrigée et augmentée par auteur*; Amsteram: La Compagnie, 3 v.

⁴ Nickolles, John (1754): *Remarques sur les avantages et les desavantages de la France et de la Gr. Bretagne, par rapport au commerce et aux autres sources e la puissance des etats trad. John Nickolls: nouvelle éd. revue et corrigée*; a Amsterdam: chez François Changuion.

⁵ Nom encontramos nengumha referência que se ajuste exactamente ao dito no catálogo. Colocamos três hipóteses:

(a): Santo Tomás, Francisco de (1707): *Oração funebre na luctuosa morte del-rey Dom Pedro II... screveu-a o P.M. Francisco de Santo Thomas*; Lisboa: na Off. de Manoel & Joseph Lopes Ferreyra.

(b): *Funeral que se celebrou na Real Igreja de Santo Antonio da nação portuguesa em Roma, pela morte do serenissimo rey de Portugal Dom Pedro II aos 13 de Setembro de 1707*; Roma: Off. de Antonio de Rossi, 1707.

(c): Tojal, Pedro de Azevedo (1707): *Portugal luctuoso chorando solitario... deploravel morte do augustissimo senhor D. Pedro II... por Pedro de Azevedo Tojal*; Lisboa: na Off. de Miguel Manescal.

⁶ Vid. 180.

⁷ Noronha, Henrique de (1723): *Exemplar politico, que nas acçoens do serenissimo rey D. Pedro, primeiro do nome e oitavo dos reys de Portugal ideou... Fr. Henrique de Noronha... e offerece... Diogo Bernardes de Sá*; Lisboa Occidental: na Off. de Pascoal da Sylva

⁸ Nantes, Bernardo de (1709): *Katecismo indico da lingva kariris, acrescentado de varias praticas doutrinaes & moraes... pelo padre Fr. Bernardo de Nantes, capuchinho...*; Lisboa: na Officina de Valentim da Costa Deslandes.

⁹ Casaubon (1669): *Observations sur les poèmes d'Homère et de Virgilie*; Paris: Jolly

¹⁰ Vicente del Olmo, Joseph (1681): *Nueva descripcion del orbe de la tierra...*; Valencia: Ioan Lorenço Cabrera.

¹¹ Regnault, Noel (1753): *Origem antiga da fysica moderna em que se vê pelos discursos de diversas cartas o que a fysica moderna tem de comum com a antiga; o gráo de perfeição da fysica moderna sobre a antiga; e os meios, que tem levado a fysica a este gráo de perfeição pelo padre Noel Regnault*; Lisboa: na Officina de Miguel Manescal da Costa, impressor do Santo Officio. Ded. a: «Ao illustr.^{mo} e Excele.^{mo} Senhor Sebastião José de Carvalho e Mello, do Conselho de S. Magestade, e Secretario de Estado dos negocios Estrangeiros, e Guerra».

¹² Ossat, Arnaud d' (1714): *Lettres du cardinal d'Ossat, avec des notes... de M. Amelot de la Houssaie: nouvelle éditon corrigée sur le manuscrit original... enrichie de nouvelles notes de M. Amelot de la Houssaie que ne se trouvent poit dnas la dernière édition... de 1697 Arnaud d'Ossat*; Amsterdam: chez Pierre Humbert, 5 v.

[364]	Ovidii Nasonis/ Publii/ Opera illustrata ad usum Delfini Ed. de Lugduni ³	1689	4.º	4
[365]	Oeuvre/ M. del'/ Analogies de la langue latine Ed. de Amsterdam de ⁴	1700	12	1
[366]	O lima de Diogo Bernardes obras opeticas de ⁵		4.º	1
[367]	Oxenstirn/ Pensees de M. le Comte de Ed. de Haye de ⁶	1762	12	1
[368]	Obradas, Juan, Agudezas d' Ed. Madrid ⁷	1682	4.º	2
[369]	Ocios morales de Felix de Lucio Ed. de Saragoça de ⁸	1693	4.º	1
[370]	Observations sur l'esprit des Loix par M. ^{er} L'Abbé D.L.P./ Ed. de Amsterdaõ ⁹	1751	12	1
P				
[371]	Pasini/ Itatii/ Opera Poetica Ed. de Lugduniae	1559	16	1
[372]	Passini/ Josephi/ Institutio Linguae Sanctae Ed. de Patavii de ¹⁰	1724	12	1
[373]	Pacheco/ Fr. Joaõ/ Divertimento Erudito Ed. Lx. ^{a11}	1738	Fol.	4
[374]	Pensees Ingenieuses des Anciens Modernes Ed. de Paris de ¹²	1734	12	1
[375]	Pequenos na Terra Memorias Estorias dos Franciscanos Ed. de Lx. ^a de ¹³	1732	Fol.	1

³ Ovídio (1689): *Pub. Ovidii Nasonis operum interpretatione et notis illustravit Daniel Crispinus, Helvetius, Jussu Christianissimi Regis...*; Lugduni: apud Anissonios, Joannem Posuel, et Claudium Rigaud, 4 v.

⁴ L'Oeuvre, Jacques de (1700): *Les analogies de la langue latine...*; Amsterdam: [s.n.].

⁵ Bernardes, Diogo (1633): *O lyma de Diogo Bernardes...*; em Lisboa: por Lourenço Crasbeeck.

⁶ Oxenstierna, Gabriel Thureson (1749): *Pensées de Monsieur le comte d'Oxenstirn sur divers sujets...*: nouv. éd. rev. et corr... par Monsieur D.L.M.; La Haye: J. Van Duren, 2 t. em 1 v.

Oxenstirn, Gabriel Thureson (comte de) (1750): *Pensées sur divers sujets avec les réflexions morales du même auteur: nouvelle édition, par M.D.L.M. (Bruzen de la Martinière)*; La Haye: Van Duren, 2 v.

⁷ Owen, John (1682): *Agudezas de Iuan Owen/ traduzidas en verso castellano, ilustradas con adiciones y notas por don Francisco de la Torre...*; obra posthuma que recogio, saca a luz... Don Joseph Carlos Garcez Boil y de la Sierra...; segunda parte que contiene el libro llamado vno con los disticos morales y politicos de Miguel Verino, que se traducen proseguidamente todos en un romance; en Madrid: por Antonio González de Reyes.

⁸ Lucio Espinosa y Malo, Félix de [1693]: *Ocios morales: divididos en descripciones symbolicas y declamaciones heroycas/ que escrivia don Felx Lucio Espinosa y Malo...*: tercera impression...; en Zaragoza: por Francisco Moreno, impressor... y se venden en su misma casa.

⁹ La Porte, Joseph de (1751): *Obsrvations sur l'Esprit des loix, ou l'art de lire ce livre, de l'entendre et d'en juger: par M. l'abbé D.L.P.: seconde édition*; a Amsterdam: chez Pierre Mortier.

¹⁰ Pasino, Giuseppe (1721): *Grammatica lingae sanctae institutio, cum vorum ominum anomalarum indice, & explicatione, auctore Josepho Pasino... accedit ejusdem oratio habita, cum publicum docendi munus auspicetur, a. 1720*; Patavii typis seminarii.

¹¹ Existem na Portbase duas obras de Pacheco datadas arredor do ano 1738:

Arbiol, Antonio O.F.M.; Pacheco, João (trad.): *Desenganos mysticos para as almas detidas, ou enganadas no caminho da perfeição discorrem-se as mais principaes causas, ou razoes, porque sendo tantas as pessoas, que exercitam, e frequentão a oração mental, são taõ poucas as que chegaõ a ser perfeitas: manifestaõ-se os damnos, e se applicaõ remedios convenientes... seu author na lingua hespanhola o R.P. Fr. Antonio Arbiol... traductor na lingua portugueza Fr. Joaõ Pacheco...*: nesta setima impressaõ; Lisboa Occidental: custa de Antonio Nunes Correa...: na Officina de Antonio Pedrozo Galram.

Larraga, Francisco O.P.; Pacheco, João (trad.) (1739): *Promptuario de thologia moral, muito util e proveitoso para todos os que se quizerem expor para confesores, e para a devida administração do Santo Sacramento da penitencia composto pelo muito reverendo padre Fr. Francisco Larraga*; Lisboa Occidental: na Officina de Gabriel Soares: na Officina de Antonio de Sousa da Sylva.

¹² Bouhours, Dominique (le P.) (S.J.) (1734): *Pensées ingénieuses des anciens et des modernes: nouv. éd. augm.*; Paris: Jve Delaulne.

¹³ Conceição, Apolinário da O.F.M. (1732-1754): *Pequenos na terra, grandes no ceo memorias historicas dos religiosos da ordem serafica... escritas por Fr. Apollinario da Conceição*; Lisboa.

v.1: Lisboa Occidental: na Officina da Musica, 1732.

v. 2: Lisboa Occidental: na Officina da Musica, 1735.

v. 3: Lisboa Occidental: na Officina da Musica de Theotónio Antunes Lima..., 1738.

[376]	Pereyra Bayaõ/ Jozé/ Chronica de El Rey D. Pedro 1.º Ed. de ¹		4.º	1
[377]	Id. Portugal glorioso Ed. de Lx. ^a de ²	1727	4.º	1
[378]	Petavii/ Dionisii/ Rationarium temporum Ed. de Veniza de ³	1722	8.º	2
[379]	Philosofe de Sans Souci Ed. de Sans souci de ⁴	1760	12	2
[380]	Pina e Mello/ Fran. ^{co} de/ Balansa intellectual Ed. de Lx. ^a de ⁵	1752	4.º	1
[381]	Pitaval/ M. de/ Esprit des Conversations Ed. de Paris de ⁶	1731	12	3
[382]	Plaute/ M Actii/ Comedia Viginti Ed. de Leaõ de ⁷	1540	8.º	1
[383]	Id. Comedia ex Recognitione Andini Ed. de Lutetia Parisiorum de ⁸	1658	8.º	1

v.4: Lisboa: na Officna de Jozé Antonio Plates, 1744.

v. 5: Lisboa: na Officina do doutor Manoel Alvarez Sollano, 1754.

¹ Lopes, Fernão; Baião, José Pereira (1760): *Chronica delRey D. Pedro I deste nome, e dos de Portugal o oitavo cognominado o Justiceiro na forma em que a escreveo Fernão Lopes... copiada fielmente do seu original antigo, dada à luz, e accrescentada... pelo padre Jozé Pereira Bayam*; Lisboa: na Officina de Pedro Ferreira...; impressa à custa de Joaõ Freire Bello.

----- (1735): *Idem*; Lisboa Occidental: na Officina de Manoel Fernades Costa.

² Lopes, Fernão; Baião, José Pereira (1727): *Portugal glorioso e illustrado com a vida, e virtudes das bemaventuradas rainhas sanctas Sancha, Theresa, e Joana: breve noticia dos seus milagres...*; Lisboa Occidental: na Officina de Pedro Ferreyra.

³ Petau, Denis (1720-1721): *Dionysii Petavii Aurelianensis e societ. Iesu rationarum temporum: editio novissima, cui accesserunt, praeter dissertationes & tabulas chronologicas antea editas, appendix historicus usque ad annum 1718; et notae in antiquam historiam, praecipua illius capita illustrantes. Tomus primus-tertius*; Venetiis: apud Bartolomeum Maccarium sub signo auctoritatis, 3 v.

⁴ Le Grand, Frédéric, Roi de Prusse (1760): *Poésies du philosophe de Sans-Souci: nouvelle éd.*; a Sans-Souci: [s.n.].

⁵ Melo, Francisco de Pina e de (1752): *Balança intellectual em que se pezava o merecimento do verdadeiro methodo de estudar... Francisco de Pina e de Mello*; Lisboa: na Off. de Manoel da Silva.

⁶ Pitaval, M. Gayot (1731): *Esprit des conversations agreables ou nouveau melange de pensées choisies par M. Gayot de Pitaval*; Paris: [s.n.], 3 v.

v.1: chez la veuve Delaulne.

v.2. chez Theodore Legres.

v.3. chez Theodore Legres.

⁷ Plauto (1540): *Comoediae viginti*; Lugduni: apud. Seb. Gryphium.

⁸ Plaute (1658): *Comediae*; Paris.

[384]	Plinii/ Cay/ Hystoria naturalis nottes ad usum Delfini Ed. de Paris de ¹	1723	Fol.	3
[385]	Poezias de Ulloa Ed. de Madrid de ²	1674	4.º	1
[386]	Poezias de Salvador Jacinto Ed. de Saragoça ³	1670	4.º	1
[387]	Poezias de Juan Ouen em Espanhol Ed. de ⁴		4.º	2
[388]	Poezias das tres Muzas Ed. de Lx. ^a de ⁵	1649	4.º	1
[389]	Poezias de Soror Juana de La Crus Ed. de Barcelona de ⁶	1691	4.º	3
[390]	Poezias de D. Eugenio Gerardo Lobo Ed. de Pamplona de ⁷	1729	4.º	1
[391]	Poezias de D. Antonio de Mendonsa Ed. de Lx. ^a de	1690	4.º	1
[392]	Poezias de Borguilhos Ed. de Madrid de ⁸	1674	4.º	1
[393]	Poezias de Tomás Pinto Ed. de Lx. ^a de ⁹	1753	4.º	1
[394]	Prontuario Mural [sic] Ed. de Lx. ^a de ¹⁰	1676	12	1
[395]	Id. Ed. Cuimbra [sic] de ¹¹	1675		
[396]	Prontuario de Difiniçoẽs Indicas de Leonardo Pais Ed. de Lx. ^a e ¹²	1713	4.º	1
[397]	Progresos [sic] Academicos dos Anonimos de L. ^a Ed. de Lx. ^a de ¹³		4.º	1
[398]	Proverbios Murales [sic] Ed. de Madrid de ¹⁴	1733	4.º	1

¹ Pline l'Ancien (1723): *Historia naturalis*; Paris: [s.n.], 3 v.

² Ulloa Pereira, Luis de (1674): *Obras de don Luis de Vlloa Pereira: prosas y versos/ añadidas en esta vltima impression, recogidas y dadas a la estampa por D. Iuan Antonio de Vlloa Pereira*; en Madrid: por Francisco Sanz, en la Imprenta del reyno: a costa de Gabriel de Leon... vendese en su casa.

³ Polo de Medina, Salvador Jacinto (1670): *Obras en prosa y verso de Salvador Jacinto Polo de Medina.../ recogidas por aficionado suyo...*; en Zaragoza: por Diego Dormer...: a costa de Iuan Martin Merinero... vive en la Puerta del Sol.

⁴ Owen, John (1682): *Agudezas de Iuan Owen/ traducidas en verso castellano, ilustradas con adiciones y notas por don Francisco de la Torre...*; obra postuma que recogio, saca a la luz... Don Ioseph Carlos Garcez Boil y de la Siera...; segunda parte que contien el libro llamado vno con los disticos morales y politicos de Miguel Verino, que se traducen proseguidamente todos en un romance; en Madrid: por Antonio Gonçalez de Reyes.

⁵ Oliveira, Henrique Valente de (1649): *Las tres musas del Melodino halladas por Don Francisco Manuel que por su industria recogio y publica, Henrique Valente de Olivera*; Lisboa: en la officina craesbeeckiniana: por Henrique Valente de Olivera y a su costa.

⁶ Cruz, Juana Inés de la (Jer.) (1691): *Poemas de la unica poetisa americana... sosor Juana Ines de la Cruz, religiosa professa en el monastrio de San Geronimo... de Mexico.../ sacolos a luz Don Juan Camacho Gayna...*; tercera edicion corregida y añadida por su authora; Impresso en Barcelona: por Ioseph Llopis y a su costa.

⁷ Lobo, Eugenio Gerardo [s.d.]: *Obras poéticas*; [s.l.]: [s.n.].

⁸ Vega, Lope de (1674): *Rimas humanas y diuinas del licenciado Tome de Burguillos: no sacadas de biblioteca ninguna (que en castellano se llama libreria) sino de papeles de amigos y borradores suyos.../ por.../ Lope Felix de Vega Carpio*; en Madrid: en la Imprenta Real: a costa de Mateo de la Batida...vendese en su casa...

O catálogo a Biblioteca Nacional Espanhola indica: «licenciado Tomé de Burguillos es seud. de Lope de Vega».

⁹ Brandão, Tomás Pinto (1753): *Pinto renascido, empenado e desempenado primeiro vôo...*; verso Tomás Pinto Brandão; Lisboa: Of. de Pedro Ferreira.

¹⁰ Nom aparece na Portbase nengumha ed. de 1676 nem de Lisboa.

¹¹ Noydens, Benito Remigio (1675): *Promptuario moral de questoens praticas e casos repentino em a theologia moral... composto antes em castelhano pelo P. Bento Remigio Noydence... e de novo tradusido & emendado em esta duodesima impressão pelo licenciado Manoel de Faria... acrescentado com as diffiniçoens dos sacramentos*; em Coimbra: na impressão da viuva de Manoel de Carvalho: a custa de Joam Antunes.

¹² Pais, Leonardo (1713): *Promptuario das diffiniçoens indicas deduzidas de varios cronistas da India... pelo Licenciado Leonardo Paes*; Lisboa: na Off. de Antonio Pedrozo Galram.

¹³ *Progresso academios dos anonymos de Lisboa primeira parte: offerecidos ao senhor Antonio Galvão & Castelo Branco*; Lisboa: Of. de José Lopes Ferreira, 1718, 1 v.

¹⁴ Perez de Herrera, Cristobal (1618): *Proverbios morales, y conseios christianos y enigmas filosoficas, naturales y morales, con su comentarios... por Christoval Perez de Herrera...*; en Madrid: por Luis

[399]	Prozodia Invocabularium bilingue Ed. Evora de ¹	1697	Fol.	1
[400]	Principes de la langue Francoize [sic] Ed. Paris ²	1689	12	1
[401]	Pope. Oeuvres diverses Ed. de Amsterdaõ de ³	1759	16	1
[402]	Portugal/ D. Fran. ^{co} de/ Arte de Galantr. ^a Ed. de Lx. ^a de ⁴	1682	16	1
[403]	Pereyra/ Antonio/ Arymethica [sic], e Algebra Ed. de Lx. ^a de ⁵	1713	4.º	1
[404]	Puysegur/ Marechal du/ Art de la guerre Ed. de Paris de ⁶	1749	4.º	2
[405]	Politique Danois. Ed. de Coppenhague de ⁷	1756	12	1
[406]	Principios de Mythologia Ed. de Lx. ^a de ⁸	1761	12	1
[407]	Petrarca/ Francisco de/ Rime Ed. Veniza ⁹	1751	12	1
[408]	Picciol Reno/ Minto del/ Cento Soneti Ed. de Veneza de ¹⁰	1733	8.º	1
[409]	Penseer de le Comte Oxentirn Ed. de ¹¹		8.º	1
[410]	Pereyra/ Novi methodo de gramatica latina do P. ^e Ant. ^o de ¹²	1759	8.º	1
[411]	Id. Elogio do P. ^e Fran. ^{co} M. ^{el} hum caderno avulço ¹³			
[412]	Penseer enginieuses Ed. de Paris de ¹⁴	1734	8.º	1
[413]	Pline le Jeune/ Panegyrique de Trajan Ed. de Paris de ¹⁵	1745	12	1
[414]	Perim/ Theatro Heroino de/ Ed. Lx. ^a de ¹⁶	1736	4.º	2
[415]	Paggi/ Carlo Ant. ^o de/ Poema Eroico de Luigi de Camões Ed. de Lx. ^a de ¹⁷	1658	16	1
[416]	Pacheco/ Arte de Retorica de/ Ed. de Lx. ^a de	1750	8.º	1
[417]	Preces choivies de M. Le Pays Ed. de Haya de	1683		
[418]	Pereyra/ P. ^e Ant. ^o Tentativa Theologica Ed. de Lx. ^a de ¹⁸	1766	4.º	1
[419]	Phedre Les fables Ed. de Troyes de ¹⁹	1702	12	1
[420]	Pereyra/ P. ^e Ant. ^o / Observações sobre a lingoa, e ortografia latina Ed. Lx. ^a de ²⁰	1765	4.º	1
Q				
[421]	Quevedo/ D. Fran. ^{co} de/ Parnazo Espnahol Ed. de Lx. ^a de ²¹	1652	4.º	1

Sanchez.

- ¹ Pereira, Bento (1697): *Prosodia in vocabularium bilingue, latinum, et lusitanum digesta... auctore doctore P. Benedicto Pereyra...: septima editio auctior, et locupletior ab Academia Eborensi...*: Eborae: ex Typographia Academiae.
- ² Chifflet, Laurent (le père) (S.J.) (1689): *[Les] véritables principes de la langue française pour le savoir écrire et parler en peu de temps, où par une courte lecture on acquerra solidement ce qu'on n'apprendra jamais qu'imparfaitement par le seul usage: 2^e éd., revue, corrigée et augmentée de remarques sur la grammaire française, du P. Chifflet. En faveur des étrangers*; Paris: [s.n.].
- ³ Pope, Alexander (1758): *Oeuvres diverses de Pope, traduites de l'anglais (par divers et recueillies par Elie de Joncourt): nouv. éd. augm. de plusieurs pièces et de la vie de l'auteur*; Amsterdam, Leipzig: chez Arkstée et Merkus, 7 v.
- ⁴ Portugal, Francisco de (1682): *Arte de galanteria escriviõ la D. Francisco de Portugal...*; En Lisboa: en la emprenta de Antonio Craesbeeck de Mello.
- ⁵ Pereira, António (congregado de S. Filipe Nery) (1713): *Tratado de arithmetica, e algebra em o qual com muyta claresa se explica tudo o que pertence a esta arte, e se descrevem as regras principaes da geometria... author Antonio Pereyra*; Lisboa: na officina de Joseph Lopes Ferreyra. Ded.: «... D. Filipe de Souza, capitão da Gurada alemã de Sua Majestade...».
- ⁶ Puysegur (1749): *Art de la guerre par principes et par règles*; Paris: Jombert.
- ⁷ [Hubner, Martin] (1756): *[Le] politique danois, ou l'ambition des anglois démasquée par leurs pirateries, etc. (par Martin Hubner)*; a Coppenhague: chez Frédéric Mons.
- ⁸ Figueiredo, António Pereira de (1761): *Principios de mythologia escritos e illustrados com breves notas por Antonio de Figueiredo...*; Lisboa: na Off. Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.
- ⁹ Petrarca, Francesco (1739): *Le rime riscontrate con ottimi esemplari stampati, e con somma diligenza corrette*; Venezia [sic]: Giuseppe Bortoli, 1 v.
- ¹⁰ Monti, Giovanni Battista (1733): *Cento sonetti e cento brindisi di Minto del Picciol Reno*; in Venezia: presso Antonio Bortoli.
- ¹¹ Vid. 367.
- ¹² Figueiredo, António Pereira de (1759): *Novo methodo da grammatica latina, reduzido a compendio P.^e António Pereira de Figueiredo*; Lisboa: Offi. Patr. de Francisco Luiz Ameno.

[422]	Quevedo/ Vasco Martinho de/ Triumpho del Munarcha [sic] Ed. de Lx. ^a de ¹	1619	8.º	1
[423]	Id. Afõnço africano Poema Heroyco Ed. de Lx. ^a de ²	1611	8.º	1
R				
[424]	Racine Tragedies Ed. de Paris Amsterdam ³	1754	12	3
[425]	Recueil de curiosites Ed. de Leyde de ⁴	1688	12	1
[426]	Recueil de l'Histoire de France Ed. de Paris de	1638	16	1
[427]	Reflexions sur la Poetique de'Arystote Ed. de Paris de ⁵	1674	12	1
[428]	Relfexoens Apologeticas sobre o verdadr. ^o Methodo destudar [sic] Ed. de Valença de ⁶	1748	4.º	1
[429]	Regimentos Militares 1. ^a e 2. ^a p. ^{te} Ed. de Lx. ^a de ⁷	1753	12	1
[430]	Regimento p. ^a o Serv. ^o dos Granadr. ^{os} Lx. ^a de ⁸	1710	16	1

¹³ Pereira, António (1764): *Elogio do Padre Francisco Manoel... escrito por Antonio Pereira*; Lisboa: na Offic. de Miguel Rodrigues.

¹⁴ Bonhours, Dominique (le P.) (S.J.) (1734): *Pensées ingénieuses des anciens et des modernes: nouv. éd. augm.*; Paris: Jve Delaulne.

¹⁵ Plínio, o Moço (1745): *Panegyrique de Trafan [??] Paris: chez Jacques Rollin.*

¹⁶ *Theatro heroino abecedario historico e catalogo das mulheres illustres em sciencias e artes liberaes... por Damião de Froes Perym*, Lisboa Occidental, 1736-1740, 2 v.

v.1: na Officina de Musica de Theotónio Antunes Lima, 1736.

v. 2: na Regia Officina Sylviana, 1740.

¹⁷ Camões, Luís de; Paggi, Carlo Antonio (1658): *Lusiada italiana di Carlo Antonio Paggi... poema eroico del grande Luigi de Camões*; Lisboa: per Henrico Valente de Oliveira.

¹⁸ Pereira, António (1766): *Tentativa theologica em que se pretende mostrar, que impedido o recurso à sé apostolica se devolve aos senhores bispos a faculdade de dispensar nos impedimentos publicos do matrimonio, e prover espiritualmente em todos os mais cazos reservados ao Papa Antonio Pereira*; Lisboa: na Officina de Miguel Rodrigues.

¹⁹ Phedre; Prevost, René (trad.) (1702): *Les fables de Phèdre...*; Paris: [s.n.].

²⁰ Figueiredo, António Pereira de (1765): *Observações sobre a lingua e orthografia latina, tiradas dos marmores, bronzes, e medalhas dos antigos Cezares, principalmente desde Augusto até aos Antoninos: por António Pereira de Figueiredo...*; Lisboa: na Off. Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.

²¹ Quevedo y Villegas, Francisco de (1652): *El parnasso espanhol, monte en dos cumbres dividido. Con las nueve musas castellanas. Donde se contienen poesias de D. Francisco de Quevedo Villegas... ilustradas por Don Joseph Antonio Gonzalez de Salas...*; En Lisboa: en la imprenta de Pablo Craesbeck.

¹ Castelo Branco, Vasco Mousinho de Quevedo (1619): *Triumpho del monarcha Philipppo tercero en la felicissima entrada de Lisboa... author Vasco Mousino de Quevedo*; impresso en Lisboa: por Jorje Rodrigues.

² Castelo Branco, Vasco Mousinho de Quevedo (1611): *Affonso Africano poema heroyco da presa d'Arzille & Tanger... author Vasco Mausinho de Quebedo [sic]...*; en Lisboa: por Antonio Alvares (em Lisboa: por Antonio Alvarez, a cindo do mes de Junho anno 1611).

³ Racine, Jean (1754): *Oeuvres*; Amsterdam: la Compagnie, 3 v.

⁴ Nom temos localizado nengumha edição que se ajuste exactamente. Colocamos como hipótese: *Recueil de curiosités rares et nouvelles des plus admirables effets de la nature et de l'art, par le Sr. d'Hemery*; Paris: [s.n.], 1686.

⁵ Rapin, René (1674): *Réflexions sur la poétique d'Aristote et sur les ouvrages des poètes anciens et modernes, par le P. René Rapin, jésuite*; Paris: Fr. Muguet.

⁶ Araújo, José (1748): *Reflexoens/ apologeticas/ à obra intitulada/ Verdadeiro/ metodo de estudar/ dirigida a persuadir hum novo/ metodo para em Portugal se ensinarem, e aprenderem as sciencias,/ e refutar o que neste reino se pratica;/ expendidas para desaggravo/ dos portuguezes em huma carta, que em resposta de/ outra escreveo da cidade de Lisboa para a de/ Coimbra/ o P. Frey Arsenio da Piedade... e offerecidas ao... Senhor D. João Joseph Amberto de Noronha... por Niculao [sic] Francez Siom*; Valença: na officina de Antonio Balle. Na Portbase, indica-se: «segundo bibliogr., Arsénio da Piedade é pseud. de José de Araújo segundo Inocêncio, nome do ed. é anagrama de Francisco Luís Ameno Pé de impr. encobre carácter fraudulento da impr., porquanto não há registos de que o impr. valenciano Antonio Balle estivesse ainda em actividade nesta data».

⁷ Rodrigues, Miguel (1753): *Regimentos militares*; Lisboa: na offic. de Miguel Rodrigues, 2 v.

⁸ *Regimentos em que se dá nova forma à cavalaria, e infantaria, com augmento de soldos para todos*

[431]	Remaques sur la langue Francoize não tem Edis de ¹	1641	16	1
[432]	Rezende/ André de/ Antiquitates Lucitaniae Ed. de ²		Fol.	1
[433]	Rois/ Fr. Fran. ^{co} / Anatomico Jocosio Ed. Amsterdam ³	1754	12	3
[434]	Rue Novo methodo p. ^a aprender a lingua Franceza de M. de la ⁴		8. ^o	1
[435]	Regnaul/ Entretiens Physiques de/ Ed. de Paris de ⁵	1737	12	5
[436]	Ramazino/ Arte de conservar a saude Ed. de Lx. ^a =está lançado no A.= de ⁶	1753	4. ^o	1
[437]	Rengifo/ Arte Poetica de Joaõ Dias Ed. de Barcelona de ⁷	1703	4. ^o	1
[438]	Reglamens Por [sic] l'infanterie Prousiene Ed. de Berlim de ⁸	1757	12	2
[439]	Recueil de Bons mots Ed. Amsterdaõ ⁹	1706	12	1
[440]	Reflexões sobre a vida economica de Bento Morgante Lx. ^a de ¹⁰	1758	12	1

os cabos, officiaes, e soldados, e disposição para o governo dos exercitos assim na campanha, como nas praças em que se comprehendem tambem os exercicios uteis, com as suas vozes para todos os soldados, e granadeiros, serviço por Brigada, modo de acampar, e tomar as guardas e ordens gerais para os sargentos mayores mandados imprimir pela Secretaria de Estado por ordem de S. Majestade; Lisboa: na officina de António Pedrozo Galram, 1708.

¹ Bouhours, Dominique (1676): *Remarques nouvelles sur la langue françois: 2^{ème} éd.*; Bruxelles: Lambert Merchant, 1 v.

Vaugelas, Claude Favre de (1687): *Remarques sur la langue fraçoise: nouvelle éd.*; Paris: Théodore Girard, 2 v.

----- (1690): *Idem: avec observations de M...*; Paris: Guillaume Deprez, 1 v.

----- (1693): *Idem*; Paris: George & Louis Josse, 1 v.

----- (1698): *Idem*; Paris: Nicolas Gosselin, 2 v.

² Resende, André de (1593): *Libri quatuor de antiquitatibus Lusitaniae accessit liber quintus de antiquitate municipij Eborensis á Lucio Andrea Resendio olim inchoati & Iacobo Menoetio Vasconcello recogniti atq[ue] absoluti.../ ab eodem Vasconcello coscriptus...*; Eborae: excudebat Martinus Burgensis.

----- (1597): *De antiquitatibus Lusitaniae libri quatuor*; Romae: apud Bernardum Basam.

³ Vid. 25: o mesmo título, dif. autor, local e data de ed.

⁴ La Rue, de (1756): *Novo methodo de grammatica para aprender com perfeiçam e ainda sem uso de mestre, a lingua farnceza e de algum modo a portuguesa pelo Doutor Mr. de la Rue*; Lisboa: na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.

⁵ Regnault (le P. de la Comp. de Jesus) (1737, 1750): *[Les] entretiens phisiques d'Ariste et d'Eudoxe, ou physique nouvelle en dialogues, qui renferme precisemet ce qui s'est découvert de plus curieux et de plus utile dans la nature par le P.^e Regnault de la compagnie de Jesus: 3^e édition revue et corrigée (pour les 4 premiers tomes)*; Paris: Thiboust pere et fils: Paris: G. F. Quillau pere, 5 v. O catálogo da Bilblioteca Nacional Francesa indica: «les 4 premiers vol.: Paris Thiboust pere et fils 1737 et le dernier vol. intitulé, tome 5, sur les découvertes récentes et pour servir de supplément aux 4 vol. de la 7^e édition, Paris G.F. Quillau pere 1750».

⁶ Ramazzini, Bernardino (1753): *Arte de conservar a saude dos principios e das pessoas da primeira qualidade, como também das nossas religiosas e elogios da vida sobria ou conselhos para viver largo tempo composta por Bernardino Ramazino.../ pelo famoso Luiz Cornaro... tudo traduzido na lingua portugueza, e offerecido a ElRei Nosso Senhor D. José o I, por Luis da Silva e Azeveso*; Lisboa: Of. Francisco da Silva.

⁷ Dias Rengifo, Juan (1703): *Arte poetica española, con una fertilissima sylva de consonantes comunes, propios, esdruxulos y reflexos, y un divino estimulo del amor de Dios: augmentada en esta ultima impression con dos tratados de avisos y reglas,... con quarenta y ocho capitulos, con un compendio de toda el arte poetica*; Barcelona: imp. de Joseph Texidó.

⁸ Gourlay de Keralio (1757): *Règlement pour l'infanterie prussienne. Traduit de l'Allemand*; Berlin: [s.n.].

⁹ Nom temos localizado um registo que se ajuste exactamente. Colocamos duas hipóteses:

(a): *Recueil des bons mots des anciens et des moderns*; Paris: M. Brunet, 1706.

(b): *Gasconiana, ou recueil des bons mots, des pensées les plus plaisantes et des rencontres les plus vives des Gascons*; Amsterdam: F. L'Honoré, suivant la copie de Paris, 1708.

Existem outras referências posteriores com o mesmo título.

¹⁰ Referências localizadas de Morgantini: Morganti, Bento (1737): *Nummismalogia ou breve recopilção de algumas medalhas dos emperadores romanos, de ouro, prata, e cobre, que estão no museu de Lourenço Morganti... Bento Morganti*; Lisboa: Joseph António da Sylva.

----- (1742): *Dissertação historica e critica sobre a inscripção que existe no campo de Santa Anna da*

[441]	Real [sic], M., Science du Guverneman Ed. de Paris de ¹	1761	4.º	8
[442]	Repulsa Critica Apologetica Ed. Lx. ^{a2}	1764	4.º	1
S				
[443]	Sá de Menzes [sic]/ Fran. ^{co} / Malaca Conquistada Poema Ed. de Lx. ^a de ³	1658	4.º	1
[444]	Sala/ D. Fr. Benito/ El sabio instruido Ed. de ⁴		4.º	1
[445]	Scrivolii/ Corneli/ Lexicon Latinum graecum Ed. de Padova de ⁵	1730	Fol.	1
[446]	Seneca ilustrado por D. Juan de Banhos Ed. de Madrid de ⁶	1670	4.º	1
[447]	Sevigne/ Mad. de/ Lettres Ed. Amsterdaõ ⁷	1756	12	8
[448]	Sobrino/ Fran. ^{co} / Dictionario [sic] Nuevo Espanhol y Frances Ed. de Brussellas [sic] de ⁸	1705	4.º	2

Cidade de Braga... dada à luz pelo doutor Mathias Pinheiro de Azevedo escrita pelo... Bento Morganti; Lisboa: na reg. offic. Sylviana.

----- (1750): *Descrição funebre das exequias, que a basilica patriarchal de S. Maria dedicou à memoria do... rey D. João V escrita, e delineada por Bento Morganti...*; Lisboa: na Off. de Francisco da Silva.

----- (1752-1754): *O anonymo repartido pelas semanas para divertimento e utilidade do publico*; Lisboa: na officina de Pedro Ferreira.

----- (1756): *Sustos da vida nos perigos da cura, ou carta, que hum amigo escreveo a outro, estando convalescendo, depois de huma enfermidade José Acúrsio Tavares*; Lisboa: Of. Miguel Manescal da Costa.

----- (1756): *Verdade vindicada ou resposta a huma carta escrita de Coimbra, em que se dá noticia do lamentavel successo de Lisboa no dia 1 de Novembro de 1755 escrita por José Acursio de Tavares...*; Lisboa: na Officina de Miguel Manescal da Costa.

----- (1757): *Carta em resposta ao discurso sobre os cometas escrita por Jozé Acursio de Tavares...*; Lisboa: na Off. de Francisco Borges de Sousa.

----- (1757): *Breve discurso sobre os cometas, em que se mostra a sua natireza, sua duração, seu movimento, sua influencia, e a sua região &c. escrito por B.M.*; Lisboa: na Officina de Francisco Borges de Sousa.

----- (1758): *Relação panegyrica das exequias que a irmandade de N. Senhora Mãe dos homens, sita no convento de S. Francisco de Xabregas fez ao seu instituidor, e director o M.R. Padre Fr. João de N. Senhra... escripta por Bento Morganti...*; Lisboa: [s.n.].

----- (1758): *Idem*; Lisboa: na Off. de Antonio Vicente da Silva.

----- (1765): *Afforismos moraes, e instructivos, uteis a, todo o genero de pessoas; nos quaes se achão documentos necessários para a boa instrucção mayor facilidade convidarem à sua lição... por Bento Morganti*; Lisboa: Of. Manoel Coelho Amado.

¹ Réal, de (1761-1765): *[La] Science du gouvernement, ouvrage de morale, de droit et de politique par M. de Real*; Aix la Chapelle, Paris: Desaint, 8 v.

² Melo, José Jacinto Nunes de (1764): *Repulsa critica, e apologetica de um livro intitulado «Critica da critica, e defesa: ... que escreveo um anonimo com o nome deD. Joaquim Velho do Canto... P.º José Jachinto [sic] Nunes de Mello*; Lisboa: Off. de Antonio Rodrigues Galhardo.

³ Meneses, Francisco de Sá de (1658): *Malaca conquistada poema heroico por Francisco de Saa de Menezes: antigamente impresso: agora reformado...*; em Lisboa: por Paulo Craesbeeck.

⁴ Sala é o dedicatário, nom o autor. Garau, Francisco S.J. (1703): *El sabio instruido de la gracia en varias maximas, o ideas evangelicas, politicas, y morales: añadidas en esta ultima impression por el mismo autor, è illustradas con figuras, y lemas, con sus indices muy copiosos... por el P. Francisco Garau...*; Barcelona: por Joseph Llopis: a costa de Juan Pifarrer..., 2 v. Ded. a: «Ilustrissimo, y Reverendissimo Señor Don Fr. Benito Sala y Caramany, por la gracia de Dios, y de la Santa Sede Apostolica, Obispo de Barcelona, y del Consejo de su Magestad, &c.».

⁵ Schrevel, Kornelis (1730): *Cornelii Schrevelii Lexicon manuale Graeco-Latinum et Latino Graecum, utrumque hac ultima editione multo auctius, praesertim quod ad dialectos, & etymologicas thematum investigationes attinet;... ad calcem adjecta sunt, sententiae Graeco-Latinae,...*; Patavii: Typis Seminarii: apud Joannem Manfre.

⁶ Baños de Velasco, Juan (1670): *L. Anneo Seneca ilustrado en blasones politicos, y morales, y su impugnador impugnado de si mesmo... por Iuan de Baños de Velasco y Azebedo*; en Madrid: por Mateo de Espinosa y Arteaga.

⁷ Sévigné, La Marquise de (1756): *Lettres à Mme. de Grignon*; Amsterdam: [s.n.], 7 v.

⁸ Sobrino, Francisco (1745): *Gramatica nueva española y francesa, corrigida y aumentada de um pequeno dicionario español y frances, frances y español*; Brussellas: Francisco Foppens, 1 v.

[449]	Solis/ D. Ant.º de/ historia da conquista do Mexico Ed. de Barcelona de ¹	1711	Fol.	1
[450]	Id. Poezias varias Ed. de Madrid de ²	1682	4.º	1
[451]	Soutos Marne, Fr. Fran.º, Reflexões criticas das Obras de Feijó Ed. de Salamanca	1748	4.º	2
[452]	Spectacle de la nature Ed. de Paris de ³	1754	12	9
[453]	Spinola/ D. Feles Luis/ Ocios morales Ed. de ⁴		4.º	1
[454]	Strada/ Famiani, de Bello Belguio Decada Ed. de ⁵		16	1
[455]	Suetonii. Opera Ed. de Haya comittum ⁶			
[456]	Id. Ed. de Paris de ⁷	1617	16	1
[457]	Sannazario [sic]/ Jacopo/ Arcadia. Ed. Veneza ⁸	1596	12	1
[458]	Suite des Reflexions d'Euthime et Theagene Ed. de Paris de ⁹	1688	12	1
[459]	Suplemento Chronologico da historia dos Pápas [sic]. Ed. de Lx. ^a de ¹⁰	1741	16	2
[460]	Suares/ Jozé/ Diario Metrico Ed. Lx. ^a ¹¹	1717	4.º	1
[461]	Sannazario [sic]/ Jacopo/ Opere Vulgari Ed. de Veneza de ¹²	1741	12	2
[462]	Serviez/ M. de/ Les Imperatrices Romanes Ed. de Paris de ¹³	1758	12	3
[463]	Sobrinho/ Fran.º/ Dictionario [sic] Nuevo Espanhol y Franses Ed. não há já de ¹⁴		4.º	2
[464]	Soares da Silva/ Jozé/ Memórias p. ^a a Historia de Portugal Ed. de Lx. ^a de ¹⁵	1730	Fol.	1
[465]	Salazar/ D. Agustin de/ varias poezias Ed. de Madrid de ¹⁶	1681	4.º	1

¹ Solís, Antonio de (1711): *Historia de la conquista de Mexico*; Barcelona: por Joseph Llopis.

² Solís, Antonio de (1692): *Varias poesias sagradas y profanas...*; Madrid: imp. Antonio Roman, 1 v.

³ Pluche, Antoine (1754): *Le spectacle de la nature, ou entretiens sur les particularités de l'histoire naturelle: suivi de l'histoire du ciel (par l'abbé Pluche)*; Paris, 11 vol.

⁴ Lucio Espinosa y Malo, Félix de (1691): *Ocios morales que escrivia D. Felix de Lucio Espinosa y Malo...*; Mazzarino: por Juan Vanberge, Flamengo.
⁵ vid. 217

⁶ Suetonius Caius Tranquillus (1690): *Suetonius Caius Tranquillus opera et in illa commentarius sammalis pitisci*; Trajecti: [s.n.] (Nom coincide o local de edição)

⁷ Nom temos localizado nenhuma referência em que coincidam o lugar e o ano de edição.

⁸ Sannazzaro, Iacopo (1596): *Arcadia di M. Iacopo Sannazaro nuouamente corretta, et ornata d'alcune annotazioni da Thomaso Porcacchi. Con la vita dell'auttore, descritta dal medesimo, & con la dichiarazione di tutte le uoci oscure, che son nell'opera*; in Venetia: appresso Nicolo Moretti.

⁹ *Suite des reflexions d'Euthyme et de Théagene sur des matieres de morale par M (l'abbé de Bellegarde)*; Paris: Anroul Seneuze. 1688.

¹⁰ Sá Gelásio António de, pseud. (1741): *Suplemento da historia chronologica dos papas, emperadores, e reys, que tem reynado na Europa do nascimento de Christo até o fim do anno de 1730: daõ-se nelle noticias muito curiosas para todo o genero de pessoas, e o offerece à curiosidade publica: parte I, que contém o suplemento da Historia Chronologica dos papas/ seu author Gelasio Antonio de Sa*; Lisboa Occidental: na officina de Miguel Manescal da Costa..., 2 v. Indica-se na Portbase: «nome do autor é anagrama de João Evangelista (O.S.A., 1685-1748)».

¹¹ Silva, José Soares da (1717): *Diario metrico para todo el año/ y compuesto por Joseph Soares da Silva*; Lisboa Occidental: en la emprenta de Pascoal de Silva...

¹² Sannazzaro, Iacopo (1741): *Opere volgari di m. Jacopo Sanazzaro cavaliere napoletano alla sua vera lezione restituite, divise in due tomi*; in Venezia: presso Giuseppe Bortoli, 2 v.

¹³ Serviez, de (1758): *[Les] impératrices romaines ou histoire de la vie et des intrigues secrètes des femmes des douze Césars, de celles des empereurs romains, et des princesses de leur sang, par M. de Serviez*; Paris: Despillly, 3 v.

¹⁴ vid. 448.

¹⁵ Silva, José Soares da (1730-1734): *Memórias para a história de Portugal que comprehendem o governo del rey D. João o I: do anno de mil e trezentos e oitenta e tres, até o anno de mil e quatrocentos e trinta e tres... Joseph Soares da Silva*; Lisboa: Occidental: Officina de Joseph António da Sylva, 4 v.

Ded.: «a el rey D. João V, Nosso Senhor».

¹⁶ Salazar y Torres, Agustín (1681): *Cythara de Apolo: varias poesias divinas, y hvmanas, (loas y*

[466]	Sage/ M. Le./Diable Bortoux Ed. Amsterdam de ¹	1747	16	1
[467]	Souza/ D. Antonio Caetano de/ Memorias dos Grandes de Portugal Ed. Lx. ^a de ²	1755	4.º	1
[468]	Soares/ EmManuel [sic] Laurencius/ Principia seu deffinitionis totiis Theologiae morales Ed. de Lx. ^a de ³	1639	12	1
[469]	Soneri/ Pabulo/ [sic] Christiano instruido Ed. de Saragoça de ⁴	1699	4.º	1
T				
[470]	Terentii/ P./ Comedia nottis Donati et. alliorum Ed. de Amsterdam et. Lugduni Batavi de ⁵	1680	8.º	1
[471]	Id. Espanhol e Latino por Pedro Simão Ed. de Alcala de	1583	12	1
[472]	Thezoiro Singular de Fr. Diogo de Gusmao Ed. de ⁶		Fol.	1
[473]	Theatro dos Diozes por Fr. B. ^{ar} da vittoria Ed. Madrid ⁷	1676	4.º	1
[474]	Tojal/ P. ^o D. M. ^{el} / Sermões Ed. de Lx. ^a de ⁸	1738	4.º	1
[475]	Tasso/ Torquato di/ L'Aminta Ed. Veneza de ⁹	1730	8.º	1
[476]	Tito Livii Patavini Historiae Romana Ed. Patavii ¹⁰	1694	12	5
[477]	Traité de la Cour. Ed. Paris de ¹¹	1636	12	1
[478]	Traité d'Education Ed. Paris de ¹²	1749	12	2
[479]	Traité de la culture de deferentes fleurs Ed. de Paris de ¹³	1765	12	1
[480]	Teatro Comico Portuguese [sic]/ anonimo/ Ed. Lx. ^a de ¹⁴	1759	12	2
[V]				
[481]	Valerii Maximi Opera Ed. faltalhe de ¹⁵		16	1

comedias diferentes)/ que saca á luz D. Jvan de Vera y Tasis y Villareal; [s.l.: s.n.] [Madrid: Francisco Sanz], 2 v.

¹ Lesage, Alain-René (1747): *[Le] diable boiteux par M. Le Sage: nouvelle éd. corrigée refondue et ornée de figures...*; Amsterdam: P. Mortier, 1 v.

² Sousa, António Caetano de (1755): *Memorias historicas, e genealogicas dos grandes de Portugal.../ por D. Antonio Caetano de Sousa...: 2.ª impressão, continuada até o presente*; Lisboa: na Regia Off. Sylviana.

³ Soares, Manuel Lourenço (1668): *Principios e definiçoens de toda a theologia moral.../ autor... Manoel Lourenço Soares...*; em Lisboa: acusta de Miguel Luis mercador de livros.

----- (1691): *Idem*; Lisboa: Off. de Manoel Lopes Ferreyra.

----- (1642): *Idem*; Lisboa: em Lisbaio [sic]: por Antonio Alvarez.

⁴ Segneri, Paolo [s.d.]: *El christiano instruido en su ley*; Barcelona: [s.n.].

⁵ Terentii, Publ. (1644): *Comoediae sex... accedunt Aelii Donati commentarium*; Ludg. Batav.: [s.n.].

⁶ Guzmán, Diego de; Viçoso, Antonio Baptista (trad.) (1731): *Thesouro singular, e admiravel da excellencia do sacrossanto sacrificio da ley euangelica, dividido em três partes...*; Lisboa: na officina de Manoel Fernances da Costa.

⁷ Vitoria, Baltasar de (O.F.M.) (1673): *Primera [-segunda] parte del teatro de los dioses de la gentilidad*; en Madrid: en la imprenta Real, 2 v.

⁸ Tojal, Manuel do C.R. (1738): *Sermões do P. D. Manoel do Tojal...*; Lisboa Occidental: na Officina de Joseph Antonio da Sylva.

Ded. a: «Ao Excellentissimo Senhor D. Rodrigo Xavier Telles Castro e Sylveira, Conde de Unhão, &c.».

⁹ Tasso, Troquato (1736): *Aminta favola boscareccia*; Venezia: presso Gio. Battista Pasquali.

¹⁰ Nom coincidem local nem ano de ediçom: Livio, Tito (1573): *Titi Livii Patavani historiae romanae ab urbe condita, libri XLV quotquot ad nostram aetatem peruerunt*; Lvtetiae Prisiorm: apud Gulielmum Iulianum, sub signo Amicitiae.

¹¹ Refuge, Eustache de (1658): *Traicté de la cour: ou instruction des courtisans: derniere edition: reveue & augmentée suivant la coppie de l'auteur...* O catálogo da Biblioteca Nacional Francesa indica: «autre(s) titre(s): Instruction des cortisans». Nom se indica local nem ano de ediçom.

¹² Coustel, P. (1749): *Traité d'éducation chrétienne et littéraire, etc. (par P. Coustel)*; Paris: Ch.-J.-B. Delespine, 2 v.

¹³ Guerineau de Saint-Peravi, J-N. M. (1765): *Traité de la culture de différentes fleurs*; Paris: Saugrain.

¹⁴ *Theatro comico portuguez, ou collecção das operas portuguesas, que se representaraõ na Casa do Theatro publico do Bairro Alto de Lisboa...: quarta impressão*; Lisboa: na Of. Patriarcal de Franc. Luiz Ameno, 1759-1761, 4 v.

¹⁵ Nom temos localizado nengum registo que se ajuste exactamente. Colocamos como hipótese: Valério Máximo (1534): *Dictorum factorumque memorabilium exempla*; Lugduni: apud Seb. Gryphium.

[482]	Vauban/ M. de/ Architecture Militaire Ed. Haya de ¹	1741	Fol.	1
[483]	Valemont/ M. L'Abbe de/ Curiosites de la nature Ed. de Paris de ²	1753	12	2
[484]	Veneroni Dictionaire Italiene Francois Ed. de Paris de ³	1723	Fol.	1
[485]	Idem augmenté par Placardi Ed. Paris de ⁴	1749	Fol.	2
[486]	Id. Dictionaire Ed. de Paris de ⁵	1695	4.º	2
[487]	Id. Maitre Italien Ed. de Amsterdam de ⁶	1694	12	1
[488]	Vernei/ Luis Ant.º/ Orthographia linguae latinae Ed. de Valença de	1747	8.º	1
[489]	Verdadr.º Metudo [sic] de estudar Ed. Valença de ⁷	1747	4.º	2
[490]	Vertot/ L'Abbe/ Revolutions de Portugal Ed. de Paris de ⁸	1730	12	1
[491]	Viagen del Mundo de Descartes Ed. de Salamanca de ⁹	1742	4.º	1
[491]	Victoria/ Fran.º/ Relationes Theologiae Ed. Leão	1586	12	1
[492]	Vieyra/ P.º Ant.º/ Cartas Ed. Lx.ª de ¹⁰	1735	4.º	2
[493]	Idem. Arte de furtar Ed. Amsterdam de ¹¹	1744	4.º	1
[494]	Id. Historia do Futuro Ed. de Lx.ª de ¹²	1755	4.º	1

¹ Nom temos localizado nengum registo que se ajuste exactamente. Colocamos como hipótese:

(a): Bardet de Villeneuve (1741): *Traité de l'architecture militaire par Mr. Bardet de Villeneuve*; La Haye: J. Vanduren.

(b): Cormontaigne (auteur douteux) (1741): *Architecture militaire ou l'art de fortifier par un officier de distinction sous le règne de Louis XIV*; La Haye: J. Neaulme et Ad. Moetjens. (pequenas variações de título ou na informação relativa ao autor em algumas ref.).

² Valemont, Abbé de (1705): *Curiosités de la nature et de l'art sur la végétation; ou l'agriculture et le jardinage dans leur perfection, par l'abbé De Vallemont*; Paris: [s.n.].

³ Veneroni, Jean Vegneron dit (1723): *Dictionnaire italien et françois [et françois et italien]*; Paris: David., 1 v.

⁴ Placardi, Charles; Veneroni, Jean (M.DCC.XLIX): *Dictionnaire italien et françois (et françois-italien), par le sieur Veneroni: nouvelle edition, revue et corrigé sur le Dictionnaire de la Crusca, et augmentée de quantité de mots de tous les arts et sciences... par Charles Placardi*; Paris: par la Compagnie des Libraires, 2 v.

⁵ Veneroni, Jean Vignerón dit (1695): *Dictionnaire italien et françois, à l'usage de Mgr. le dauphin par le Sr. (Jean Vignerón, dit) Veneroni: nouv. éd., rev., corr. te. augm., etc. Tome I^{er}*; Paris: chez Est. Loyson.

⁶ Nom coincide o ano; duas edições possíveis:

(a): Veneroni, Giovanni (1691): *Maitre italien, contenant tout ce qui est nécessaire pour apprendre facilement et en peu de tems à parler, lire et écrire en italien...: nouvelle édition, revue corrigée, et augmentée... avec... un abrégé... de la prononciation française pour les étrangers. Par le sieur de Veneroni...*; Amsterdam: P. Brunel

(b): ----- (1699): *Idem*; *Idem*: *Idem*.

⁷ Verney, Luís António (1747): *Verdadeiro metodo de estudar para ser util á Republica, e á Igreja: proporcionado ao estilo, e necessidade de Portugal exposto em varias cartas, escritas polo R.P. *** Barbadinho da Congregasam da Italila, ao R. P. *** Doutor da Universidade de Coimbra Tomo primeiro [segundo]*; Valença [Lisboa]: na oficina de Antonio Balle [no convento de Sto. Elói], 2 v.

⁸ Vertot, René Aubert (1730): *Histoire des revolutions de Portugal par M. l'abbé de Vertot*; á Londres: chez Abraham Vandenhoeck.

⁹ Gabriel Daniel S. J., Padre; Baptista de Ybarra, Juan (trad.) [17--]: *Viage de el mundo de Des-Cartes escrito en frances por el P. Gabriel Daniel de la Companhia de Jesus traducido por Don Juan Baptista de Ybarra: segunda edition*; Madrid: en la imprenta del reyno.

¹⁰ Vieira, Antonio (1735): *Cartas do P. António Vieyra, da Companhia de Jesu...*; Lisboa Occidental: na officina da congregação do Oratório, 2 v.

¹¹ Costa, Manuel da; Vieira, Antonio (1744): *Arte de furtar, espelho de enganos, theatro de verdades, mostrador de horas minguidas, gazua geral dos Reynos de Portugal: offerecida a elRey nosso senhor D. João IV, para que a emende: composta no anno de 1652 pelo Padre Antonio Vieyra Zelozo da Patria: correcta, e emendda de muitos erros; e assim tambem a verà o curioso leytor com as palavras, e regras que por inadvertencia faltaraõ na passada impressaõ*; Amsterdam [?]: na officina de Martinho Schagen. Na Portbase indica-se «autoria atribuída a Manuel daCosta, António Vieira, Tomé Pinheiro da Veiga, António de Sousa de Macedo, entre outros».

¹² Vieira, António (1755): *História do futuro livro anteprimeiro, prologomeno a toda a história do futuro, em que se declara o fim e se provão os fundamentos della...: materia, verdade e utilidade*

[495]	Id. Sermoẽns Ed. de Lx. ^a de ¹	1748	4.º	1
[496]	Virgilii Opera ad usum Delfinii nottis Ruaei Ed. de Paris de ²	1722	4.º	1
[497]	Idem Nottis multorum. ----- Ed. de Amsterdam de ³	1646	4.º	1
[498]	Id. Cum nona Min ellis [??] Ed. Amsterdaõ de	1719	16	4
[499]	Id. Commentariis Servii, Honorati ----- Tabulis Ed. de Veneza de ⁴	1536	Fol.	1
[500]	Vilasboas/ Ant.º de/ Nobiliarchia Portugueza Ed. de Lx. ^a de ⁵	1727	4.º	1
[501]	Viages de Italia par Miximiliem [sic] Maisson Ed. de Amsterdam de	1743	12	4
[502]	Villacastin/ Manual de Exercicios de/ Ed. Lx. ^a de ⁶	1739	8.º	1
[503]	Vallemont/ Elementi de la Storia/ del sig [sic] Ed. de Veneza de ⁷	1700	12	1
[504]	Vida y Virtudes de la serenissima Snr. ^a D. MariaAnna Reyna de Portugal Por el P. ^e Guerra de la Comp. ^a Ed. de Madrid de	1757	4.º	1
[505]	Vasconcello/ Libri quatecor de Antiquitatibus Lusitania Ed. de Ebora de ⁸	1523	Fol.	1
[506]	Vocabulario de las dos langues [sic] Toscana, e Castelhana Ed. de Sevilha de ⁹	1750 ¹⁰	4.º	1
[507]	Vida e Excelencias do Patriarca S. Joze Ed. de Lx. ^a de ¹¹	1611	12	1
[508]	Ville/ Ant.º de/ G. ^{or} de Prasas Ed. Lx. ^a de ¹²	1708	12	1
[509]	Valasco, D. Pedro Andre de, Prodigioza vida de S. Joaõ Nepomuceno Ed. Lx. ^a de ¹³	1747	4.º	1

Vieira; Lisboa: na officina de Domingos Rodrigues: á custa de Luiz de Moraes e Castro, contratador de livros...

¹ Vieira, António (1748): *Sermões varios e tratados ainda não impressos Padre Antonio Vieyra*; Lisboa: Officina de Manoel da Sylva. Na Portbase indica-se «offerecidos á Majestade del Rey D. João V nosso senhor pelo P. André de Barros da Companhia de Jesus».

² Publius Virgilius Maro (1722): *Cum interpret. et notis Car. Ruaei, ad usum delphini*; Paris.

³ Nom temos localizado nengumha referência que coincida exactamente. Colocamos duas hipóteses:

(a) :Publius Virgilius Maro (1646): *Opera, cum notis Thomae Farnabii*; Amstelodami: Janssonius.

(b): ----- (1646): *P. Virgilii Maronis cum veterum omnium commentariis et selectis recentiorum notis nova editio*; [Amstelodami]: Abraham Commlius.

⁴ Nengum coincide exactamente. A referência mais aproximada é: Vergilius Maro, Publius (1537): *P. Virgilii Maronis poetarum principiis opera accuratissime castigata cum il. acerrimi iudicii virorum commentariis Servio praesertim atque Donato nunc primum ad suam integritatem restitutus excusa*; Venetia: Lucae Antonii Iuntae (Venetiis: in officina Lucaeantonii Iuntae Florentini, 1536 mense Ianuario).

⁵ Sampaio, António de Vilas Boas e (1727): *Nobiliarchia portugueza tratado da nobreza hereditaria, e politica: autor Antonio de Villas Boas e Sampayo...*; Lisboa Occidental: na Off. Ferreyriana.

⁶ Villacastin, Tomás de (1737): *Manual de exercicios espirituales, para tener oración mental/ compuesto por el Padre Thomas de Villacastin...*; en Salamanca: [s.n].

⁷ Le Lorrain de Vallemont, Pierre (1700): *Gli elementi della storia. Ovvero cio che bisogna sapere della cronologia, della geografia, del blasone, della storia universale, delle monarchie antiche, e delle monarchie novelle. Prima di legger la storia particolare del sig. Di Vallemont P. e D. in teolo*; in Venezia: presso Girolamo Albrizzi, 2 v.

⁸ Resende, André de; Manuel, Francisco de Melo; Cabral, Manuel, Doutor; Cunha, Rodrigo da; (1593): *Libri quatuor de antiquitatibus Lusitaniae Accedit liber quintus de antiquitate municipij Eborensis á Lucio Andrea Resendio olim inchoati & Iacobo Monoetio Vasconcello recogniti atq[ue] absoluti.../ ab eodem Vasconcello conscriptus...*; Ebora: excudebat Martinus Burgensis.

⁹ Casas, Cristobal de las (1570): *Vocabulario de las dos lenguas tos[ca]na y castellana Christoval de las Casas*; Sevilla: [s.n.].

¹⁰ Erro por 1570?

¹¹ Valdivielso, José de (1611): *Vida excelencias e muerte del gloriosissimo patriarcha y exposo de N. Señora San Joseph...*; en Lisboa: por Pedro Crasbeeck.

¹² Tolozano, Antonio de Ville (1708): *O governador de praças Antonio de Ville Tolozano*; Lisboa: na Officina de Antonio Pedrozo Galram.

¹³ Valasco, Pedro André (1747): *Prodigiosa vida, heroicas virtudes e portentosas maravilhas do taumaturgo da Bohemia... São Soam Nepomuceno... .. compiladas em castelhano por D. Pedro*

[510]	Vallemont/ M. ^r de/ Elementos de historia Ed. de Lx. ^a de ¹⁴	1764	4.º	5
Z				
[511]	Zabarela/ D. Juan de/ Obras Historicas Ed. de Barcelona de	1704	4.º	1
[512]	Zappi/ Giovam Battista Rime Ed. Veneza de ⁸	1752	16	2
[513]	Zanotti/ Giampietro Cavazzoni de/ Poezia Bologna ⁹	1745	12	1
[514]	Zavaleta/ D. Joaõ de/ Errores soletrados de antiguid. ^e de ¹⁰	1665	12	1

Estremoz 5 de Janeyro de 1770

Conde do Vimieyro

Andre de Valasco, e... em portuguez..., fazendo-as imprimir Manoel da Silva Velho...; Lisboa: na officina de Francisco da Silva.

¹⁴ Vallemont, Abbé (1766-1767): *Elementos da historia, ou o que he necessario saber-se da chronologia, da geografia, do brazão, da historia universal, da igreja do testamento velho, das monarchias antigas... antes de ler a historia particular pelo Abbade de Vallemont trad. Pedro de Sousa de Castello Branco*; Lisboa: na off. de Antonio Vicente daSilva, 5 v.

----- (1729): *Les elemens de l'histoire...*: 5^{ème} éd.; a Paris: chez Gabriel Martin, 4 v.

⁸ *Rime aggiunte a quelle dell'avvocato Giovambattista Felice Zappi, scielte da piu celebri autori dell'Arcadia di Roma. Parte second* [sic]: quinta edizione; in Venezia: presso Francesco Storti in merceria, all'insegna della fortezza, 1752. O catálogo da Biblioteca Nacional Italiana indica: «Fa parte di: Rime dell'avvocato Giovam Battista Felice Zappi, e di Fasutina Maratti sua consorte».

⁹ Zanotti, Giampietro (1741-1745): *Poesie di Giampietro Cavazzoni Zanotti. Prte prime [-terza]...*; Bologna: Dalla-Valpe, Lelio.

¹⁰ Zabaleta, Juan de (1954): *Errores celebrados*/ edición, Riquer, Martín de (ed.) prólogo y notas por Martín Riquer; Barcelona: [s. n.]. Zabaleta, Juan de (ca. 1600- ca. 1667).

***Apêndice II: Correspondência de Teresa de Mello Breyner
conservada no IAN-TT***

Incluimos neste apêndice todas as cartas de Teresa de Mello Breyner conservadas no Núcleo Casa da Fronteira-Alorna do Instituto dos Arquivos Nacionais-Torre do Tombo (sob as cotas 222, 223 e 224). A transcrição tenta ser o mais fiel possível ao original, e a disposição que aqui apresentamos é cronológica, independentemente da destinatária de cada epístola. As cartas redigidas no período 1770-1777 estão endereçadas a Leonor de Almeida, Maria de Almeida e à Marquesa de Alorna, mai de ambas, e, em determinados casos às três de forma colectiva. Em muitos casos as cartas nom estão datadas, motivo polo qual a ordem de colocação responde a umha hipótese fundamentada em referências datáveis recolhidas nos documentos, ou bem, na própria cronologia interna das cartas. Em todos os casos, indicamos quais som os alicerces da nossa proposta.

Incluimos nas cartas dous tipos de notas de rodapé: umhas som referidas ao estado do suporte e às dificuldades de leitura, as outras pretendem esclarecer pontos obscuros no conteúdo dos documentos, particularmente no que tem a ver com a utilização de nomes e pseudónimos, a inclusom de citações literárias, etc. A anotação dos textos nom é tam exhaustiva como desejávamos, por limitações de tempo, de acessibilidade de alguns materiais e de dificuldades para identificar alguns dos nomes ou das citações incluídos.

Para facilitar a localização daquelas cartas citadas ao longo do trabalho, incluimos na continuação dous índices: um cronológico e outro que reproduze a disposição dos manuscritos originais nas três pastas em que se conservam na Torre do Tombo.

Índice cronológico

1. Vimr.º 3 de Ag.to de 1770
2. Estremoz 18 de Ag.º de 1770
3. Estremoz 14 de Setembro de 1770
4. Estremoz 22 de Setembro de 1770
5. V. Ex.^a aos pés de sua Irmaã
6. Estremoz 5 de Outubro de 1770
7. Estremoz 11 de Outubro de 70
8. Estremoz 20 de Outubro de 1770
9. Estremoz 22 de Outubro de 1770
10. Estremoz 26 de Outubro de 1770
11. Estremoz 9 de Nov.bro de 1770
12. Estremoz 16 de Nov.bro de 1770
13. Estremoz 27 de Novembro de 1770
14. Estremoz 11 de Janr.º de 1771
15. Estremoz 18 de Janr.º de 1771
16. Estremoz 26 de Janr.º de 1771
17. Estremoz 31 de Janr.º de 1771
18. Estremoz 14 de Fevr.º de 1771
19. Estremoz 28 de Fevr.º de 1771
20. Estremoz [--] de Fevr.º de 1771
21. Estremoz 8 de Março de 1771
22. Estremoz 16 de Março de 1771
23. Estremoz 21 de Março de 71
24. Estremoz 2 de Abril de 1771
25. Estremoz 5 de Abril de 1771
26. Vimr.º 19 de Abril de 1771
27. Vimr.º 25 de Abril de 1771
28. Vimr.º 2 de Maio de 1771
29. Vimr.º 24 de Maio de 1771
30. Vimr.º 14 de Junho de 1771
31. Vimr.º 28 de Junho de 1771
32. Vimr.º 12 de Julho de 1771
33. Amada Lilia e m.^a sr.^a
34. Vimr.º 1.º de Agt.º de 1771
35. Estremoz 22 de Agt.º de 1771
36. Estremoz 29 de Ag.º de 1771
37. Eu m.^a Lilia passei bem
38. M Lilia estou com cuid.º
39. Esturil 17 de Setembro de 1771
40. Esturil 28 de Setembro de 1771
41. Esturil 1º d'Oitubro de 771
42. Esturil 21 de Oitubro [de 1771] perto da meia noite
43. Esturil 24 de Oitubro [de 1771]
44. [Depois de 26 de Novembro de 1771]
45. Estremoz 1º de Fevr.º de 1772
46. Estremoz 7 de Fevr.º de 1772

47. Estremoz 28 de Fevr.º de 1772
48. Estremoz 6 de Março de 1772
49. Estremoz 14 de Março de 1772
50. Minha Adorada Lilia, parto sem tornarte a ver
51. Estremoz 11 de Abril [de 1772]
52. Vimr.º 30 d'Abril [de 1772]
53. Vimr.º 7 de Mayo de 1772
54. 22 de Maio de 1772
55. Vimr.º 25 de Maio de 1772
56. De partida p.^a Estremoz em 3 de Julho [de 1772]
57. Estremoz 9 de Julho de 1772
58. Estremoz 23 de Julho de 1772
59. Estremoz 31 de Julho de 1772
60. Estremoz 21 de Ag.º de 1772
61. Estremoz 22 de Agosto de 1772
62. Q.ta de São João nas vizinhanças de Estremoz em 27 d'Agosto de 1772
63. Estremoz 5 de Setembro de 1772
64. Q.ta de São João 11 de Set.bro [de 1772]
65. Estremoz 19 de Setembro de 1772
66. Estremoz 3 de Oitubro de 1772
67. Q.ta de São João 9 de Oitubro [de 1772]
68. Se ha erros que possaõ chamar-se certos
69. Onde, m.^a Lilia, te escondes
70. Vimr.º 23 de Oitubro de 1772
71. Estremoz 19 de Novembro de 1772
72. [8 de Dezembro de 1772]
73. Estremoz 27 de Dezembro de 1772
74. Estremoz [1]0 de 1772
75. Vimr.º 15 de Janr.º de 1773
76. Vimr.º 5 de Fev.º de 1773
77. Vimr.º 19 de Fevr.º de 1773
78. Vimr.º 5 de Março de 1773
79. Vimr.º 19 de Março de 1773
80. Estremoz 29 de Março de 1773
81. Estremoz 24 d'Abril de 1773
82. Estremoz 24 de Maio de 1773
83. Estremoz 28 de Maio de 1773
84. Estremoz 4 de Junho de 1773
85. A pezar, m.^a Lilia, dos estragos
86. Caldas 7 de Oitubro de 1713 [sic]
87. Caldas em 17 de Oitubro de 1773
88. Caldas da R.^a em 26 de Outubro de 1773
89. Caldas 9 de Novembro
90. Estremoz 30 de Dezembro de 1773
91. Amiga do meo coração. Tu bem sabes que eu sou sencível
92. Minha Amada Sr.^a eu taõ bem não pude
93. Estremoz no ultimo dia do anno de 73
94. Como os cachorros saõ simbolos de fidelid.e
95. Minha Bella Marcia
96. Estremoz 3 de Janr.º de 74
97. Estremoz 14 de Janr.º de 1774

98. Estremoz 21 de Janr.º de 1774
99. Estremoz 4 de Fevr.º de 1774
100. Estremoz 10 de Fevr.º de 1774
101. Vimr.º [11] de Março de 1774
102. Estremoz 27 de Março de 1774
103. Vimr.º 8 de Abril de 1774
104. Vimr.º 13 de Maio de 1774
105. Se tardaõ as cartas de Tersea
106. Vimr.º 3 de Junho de 1774
107. Eu bugiar! com estas cans!
108. Seria na verd.e eterna a m.^a carta
109. Vimr.º 10 de Junho de 74
110. 24 de Junho de 74
111. Vimr.º 21 de Abril
112. Sim, minha linda amiga
113. Estremoz 6 de Julho de 1776
114. Sinto no meu coração que a m.^a carta
115. Aldeia Galega em 26 às 8 da noite
116. Amiga do meu coração quis ontem saber de tua May
117. Estremoz 18 de Abril
118. Estremoz 29 de Março
119. Amiga do meo coração. O meo esta trespaçado
120. Amiga do meo coração. eu não posso
121. Linda menina, como estás?
122. Linda, e querida Neta do meo coração
123. Vimr.º 26 de Fevr.º
124. M Querida Amiga, julguei que não devia
125. Minha Querida Amiga. Eu tenho estado
126. Minha Adorada Rapariga
127. Em qualq.r lugar q a tua amizade me coloque
128. Meo Coração. Apesar do meo gozto
129. Com Tirses como Tirse
130. Estremoz 5 de Oitubro
131. Vimr.º 26 de Julho
132. Pur ti compreendo, oh cara
133. Tu sabes, querida Marcia, se me fazem falta
134. Minha Querida Marcia, manda dizer
135. Os preceitos da vossa traquinisse
136. Como estas galante, Marcia Buginica
137. Minha Marqueza a preça não me deixa
138. A Snr.^a D. Thereza
139. Minha Marq.za emquanto eu tenho
140. Estremoz 27 de Maio
141. Quanto he doce um bejo teu!
142. Estremoz 27 de Novembro
143. Delirio saudoso
144. Quantas injurias me fizeste Domingo!
145. Ainda antes de partir te escrevo
146. 26 às 11 da manhã
147. As tribulaçoens da m.^a familia
148. Lx.^a em Seg.da Fr.^a

149. Amiga do meu coração. Amanhã parto
150. Estremos 16 de Outubro [...]
151. Como passaste amada Lilia?
152. Estou-me vestindo
153. Estou com o maior cuid.º em ti
154. Estremoz 14 de Fevr.º de 17[...]
155. Ja m.ª Amada Sr.ª te dei novas
156. He verd.e Sr.ª D. Lilia que não tenho escrito
157. Fez annos tua May, e tu...
158. Lilia do meo coração o peito não me permite
159. Lilia, Amabelissima Snr.ª do meo coração
160. Com que o meo defluxo fazte mal
161. M. Snr.ª e amada Lilia
162. Lilia do meo coração. Recebi o teo escrito
163. M. Querida Sr.ª esta tarde tenho grade
164. M. Adorada Lilia ontem não me foi
165. Minha Excelente Sr.ª estou com tal perturbação
166. Que tristeza Amada Lilia, que tristeza
167. Cara Tirse assim vereis
168. Sempre que me faltaõ novas tuas
169. Vimr.º 21 de Junho
170. Chamas-me Fada e não queres que falle em Cans?
171. 7 de Novembro em Estremos
172. Lilia, Ex.ma amiga do coração
173. Lilia dos meos tristes olhos
174. Estremoz no 1º de Dezembro
175. Estremoz 9 de Dez.bro
176. Estremoz 23 d'Abril d'['----]
177. Estremoz 14 de Novembro
178. Não he isto huma tollisse bem gr.de!
179. Vimr.º 26 de Junho
180. Sabado 21
181. Vimr.º 25 de Maio às 10 da noite
182. Vimr.º 1 de Junho ás 9 da noite
183. Vimr.º em 31 d'oitubro
184. Me encanta a condescendencia
185. Amiga do coração tu sabes
186. Ando sintindo as dores
187. E falta de substancia
188. Estremoz 12 de Dezembro
189. Estremoz 26 de Março
190. Minha querida amiga/ ja mais te chamarei d'outro modo/
191. Não, Lilia adorada
192. Oje que eu necessitava de m.to tempo p.ª te escrever
193. Minha Amada Lilia ontem r[e]cebi o teo favor
194. Eu acordo rabujenta
195. Estremoz 21 de Janr.º
196. Tu bem podes julgar amada Lilia
197. Minha amada Sr.ª tu me fazes estimar
198. Amigas do meu lacerado coração
199. Raparigas de meos olhos

200. Quem me pode fazer feliz, que tu não sejas
201. Ontem me regalei d'ouvir dizer
202. Minhas queridas amigas como posso deixar
203. Minhas bellas pequerruxas
204. A pezar do meo dezejo
205. Minha amada Lilia. Eu não sei
206. Minha querida Lilia. Logo que cheguei
207. Lx.^a 17 de Abril [1777]
208. Lisboa 20 de Abril de 1777
209. Lx.^a 26 de Abril de 1777
210. Lisboa 17 de Mayo de 1777
211. 1º d'Ag.^o [de 1777]
212. 5 de Ag.^o [de 1777]
213. 8 de Janr.^o de 78
214. Estremoz 9 de Janr.^o de 78
215. Estremoz 5 de Fevr.^o de 1778
216. Estremoz 12 de Fevr.^o de 78
217. Estremoz 28 de Fevr.^o de 1778
218. Vimr.^o 27 de Março de 1778
219. Vimr.^o 29 de Março de 1778
220. Vimr.^o 1º de Maio de 1778
221. Vimr.^o 8 de Maio de 1778
222. Vimr.^o 12 de Mayo de 1778
223. Vimr.^o 14 de Mayo de 1778
224. Vimr.^o 22 de Mayo de 1778
225. Serpa 27 de Julho de 1778
226. Serpa 6 de Ag.to de 1778
227. Serpa 23 de Setembro de 1778
228. Estremoz 24 de Oitubro de 1778
229. Estremoz 7 de Ag.to de 79
230. Querida amiga da m.^a alma
231. Lisboa 4 de Abril de 1780
232. Lisboa 17 de Maio de [80]
233. Lx.^a 25 Junho [de 1780]
234. Lx.^a 18 de Julho de 1780
235. Lisboa 30 de Setembro de 1780
236. Lisboa 10 de Outubro de [1780]
237. Lisboa 29 de Oitubro de 1780
238. Lx.^a 19 de Novembro de 1780
239. Lisboa 3 de Dezembro de 1780
240. Lisboa 11 de Dezembro de 1780
241. Lisboa 27 de Dezembro de 1780
242. Lisboa 31 de Dezembro de 1780
243. 5 a meia noite
244. Lisboa 28 de Janr.^o de 1781
245. Lisboa le 3 Mars de 1781
246. Lx.^a 24 de Abril de 1781
247. Lx.^a 20 de Maio de 1781
248. Lisboa 9 de Junho de 1781
249. Lx.^a 19 de Junho de 1781
250. Lx.^a 30 de Julho de 1781

251. Lisboa [--] Julho de 1781
252. Lx.^a 31 de Julho de 1781
253. Lisboa 19 de Agosto de 1781
254. Lisboa 28 d'Agosto de 1781
255. Lisboa 11 de Setembro de 1781
256. Lx.^a 24 de Setembro de 1781
257. Lisboa 2 d'Oitubro de 1781
258. Lx.^a 9 de Oitubro de 1781
259. Lisboa 29 de Oitubro de 1781
260. Lx.^a 3 Novembro de 81
261. Lisboa 3 de Dezembro de 81
262. Lisboa 16 de Dez.bro [de 1781]
263. Lx.^a 21 de Dez.bro de 81
264. Lisboa 25 de Dez.bro de 81
265. Minha querida Oeyenhausen.
266. Lisboa 8 de Janr.^o de 1782
267. Lisboa 28 de Janr.^o [de 1782]
268. Lisboa 19 de Fevr.^o de 82
269. Lisboa 26 de Fevr.^o de 1782
270. Lisboa 4 de Março de 1782
271. Lisboa 27 de Abril de 1782
272. Ahinda jazemos em poder da Ipedemya
273. Lisboa 18 de Junho de 1782
274. Lisboa 23 de Junho [de 1782]
275. Lx.^a 9 de Julho de 1782
276. Lisboa 6 de Agosto de 82
277. Lisboa 20 de Agosto de 1782
278. Alcoentre em 28 de Outubro de 1782
279. Lisboa 3 de Dezembro de 82
280. Lisboa 9 de Dezembro de 1782
281. Lisboa 3 de Março de 1783
282. Lisboa 12 de Março de 1783
283. Lisboa 18 de Março de 1783
284. Lisboa no 1 d'Abril de 83
285. Lisboa 26 de Abril de 83
286. Lisboa 13 de Mayo de 1783
287. Lisboa 20 de Mayo de 1783
288. Lisboa 2 de Junho de 1783
289. Lisboa /ou Guiné/ em 7 de Julho de 83
290. Lisboa 26 de Julho de 83
291. Lisboa 19 d'Agosto de 1783
292. Alcoentre no 1^o de Outubro de 1783
293. Lisboa 3 de Oitubro de 1783
294. Querida amiga escrevete duas regras
295. Alcoentre 7 de Novembro
296. Lisboa 25 de Agosto
297. Lisboa 9 de Março de 1784
298. Lisboa 6 de Abril de 1784
299. Lisboa 21 de Abril de 84
300. Lisboa 23 de Maio de 1784
301. Lisboa 1^o de Ag.to de 84

- 302. Lisboa 8 de Ag.to [de 1784]
- 303. Lisboa no 1º de Setembro d84
- 304. Lisboa 12 Abril 1785
- 305. Lisboa 20 de Novembro de 85
- 306. Lisboa 20 de Dezembro de 85
- 307. [Alcoentre] 9 de Julho de 86
- 308. Alcoentre 23 de Outubro de 1786
- 309. Domingo 2 de Dezembro [de 1786]
- 310. Alc.^{tre} 10 de Dezembro de 86
- 311. Lisboa 20 de Março de 1787
- 312. Lx.^a 11 de Abril de 87
- 313. Lisboa 28 de Ag.to de 1787
- 314. 29 de Abril de 88
- 315. 9 de Mayo de 88
- 316. Caldas em 31 de Agosto de 1788
- 317. Alcoentre 28 de Dezembro de 88
- 318. Alcoentre em 24 de Janr.º de 1789
- 319. Lisboa 9 de Dezembro de 1789
- 320. Minha querida amiga. Escrevite o corr.º
- 321. Lisboa 1º de Novembro [de 1790]
- 322. Em 18 de Janr.º de 1794
- 323. Cond.^a quero novas tuas
- 324. Em 16 de Abril de 1795
- 325. Amiga do meo coração. Não te agradei o teu avizo
- 326. Eu tenho estado doente de cama
- 327. Em 5ª fr.^a 4 de Ag.to Vimr.º
- 328. He percizo, condeça
- 329. Amiga do meo coração. Faça este com cuid.º
- 330. Que mon imagination

Índice por pastas

Pasta n.º 222

- 1.1. A Snr.^a D. Thereza
- 1.2. Com Tirses como Tirse
- 1.3. Meo coração, apesar do meo gosto
- 1.4. Ando sintindo as dores
- 1.5. Amiga do meo coração tu sabes que os movimentos
- 1.6. Eu acordo rabujenta
- 1.7. Lx.^a 17 de Abril
- 1.8. Amiga do meo coração eu não posso
- 1.9. 1.º d'Ag.º
- 1.10. O Correa ainda não chegou
- 1.11. Vimr.º 22 de maio de 1778
- 1.12. Vimr.º 1.º de maio de 1778
- 1.13. Amigas do meo lacerado coração
- 1.14. Estremoz 9 de Nov.bro de 1770
- 1.15. Estremoz 22 de Setembro de 1770
- 1.16. Estremoz 22 de Outubro de 1770
- 1.17. Me encanta a condescendencia
- 1.18. Lisboa 12 de Março de 1783
- 1.19. Lisboa 6 de Abril de 1784
- 1.20. Lisboa 23 de Maio de 1784
- 1.21. Estremoz 14 de Setembro de 1770
- 1.22. Lisboa 21 de Abril de 84
- 1.23. Querida amiga escrevete duas regras
- 1.24. Lisboa 9 de Março de 1784
- 1.25. Estremoz no ultimo dia do anno 73
- 1.26. Vimieiro em 31 d'Oitubro
- 1.27. Vimr.º 15 de Janeiro de 1773
- 1.28. Sim, minha linda amiga
- 1.29. Se ha erros que possam chamarse acertos
- 1.30. Estremoz 24 de Maio de 1773
- 1.31. E falta de substancia
- 1.32. Estremoz 26 de Março
- 1.33. Minha querida amiga jamais te chamarei d'outro modo
- 1.34. Lisboa 10 de Outubro de
- 1.35. Lisboa 26 d'Abril de 83
- 1.36. Lisboa 2 de Junho de 1783
- 1.37. Vimr.º 1 de Junho ás 9 da noite
- 1.38. Vimr.º 24 de Maio de 1771
- 1.39. Vimr.º 25 de Maio ás 10 da noite
- 1.40. Vimr.º 2 de Mayo de 1771
- 1.41. Não, Lilia adorada
- 1.42. Estremoz 5 de Abril de 1771
- 1.43. Vimr.º 25 de Abril de 1771

- 1.44. Vimr.º 19 de Abril de 1771
- 1.45. Oje que eu nececitava de m.to tempo
- 1.46. Estremoz 21 de Março de 71
- 1.47. Estremoz 16 de Março de 1771
- 1.48. Estremoz 8 de Março de 1771
- 1.49. Estremoz 29 de Março
- 1.50. Estremoz 28 de Fevr.º 1771
- 1.51. Estremoz 30 de Junho de 1771
- 1.52. Estremoz 14 de Fevr.º de 1771
- 1.53. Estremoz [---] de Fevr.º de 1771
- 1.54. Estremoz 31 de Janr.º de 1771
- 1.55. Estremoz 26 de Janr.º de 1771
- 1.56. Estremoz 11 de Janr.º de 1771
- 1.57. Estremoz 18 de Janr.º de 1771
- 1.58. Vimr.º 3 de Ag.º de 1770
- 1.59. Estremoz 11 de Outubro de 70
- 1.60. Estremoz 22 de Outubro de 1770
- 1.61. Estremoz 28 de Ag.º de 1770
- 1.62. Estremoz 5 de Oububro de 1770
- 1.63. Estremoz 4 de Junho de 1773
- 1.64. Lisboa 26 de Julho de 83
- 1.65. Estremoz 27 de Novembro de 1770
- 1.66. Estremoz 16 de Nov.bro de 1770
- 1.67. Caldas em 17 de Outubr0 de 11773
- 1.68. Minha Amada Lilia ontem recebi o teo favor
- 1.69. Lisboa no 1.º de Abril de 83
- 1.70. Lisboa 23 de Agosto de 82
- 1.71. Lisboa 20 de maio de 1783
- 1.72. Alcoentre 7 de Novembro
- 1.73. Lisboa 3 de Dezembro de 82
- 1.74. Lisboa 20 de Agosto de 1782
- 1.75. Lisboa 6 de Agosto de 82
- 1.76. Lisboa 11 de Setembro de 1781
- 1.77. Lx.^a 9 de Julho de 1782
- 1.78. Lx.^a 30 de Julho de 1781
- 1.79. Lx.^a 3 de Novembro de 81
- 1.80. Lx.^a 29 de Oitubro de 17811
- 1.81. Lisboa le 30 Novembre 1741 [sic]2
- 1.82. Lisboa 16 de De[z].bro
- 1.83. Lisboa 25 de Agosto
- 1.84. Lx.^a 3 de Março de 17813
- 1.85. Lisboa 31 de Dezembro de 1780
- 1.86. Estremoz 24 de Oitubro de 1778
- 1.87. Minha querida amiga. Escrevite o corr.º passado
- 1.88. Estremoz 18 d'Abril
- 1.89. Quem quer novas de Tancredo
- 1.90. Estremoz 28 de Fer.º de 1778
- 1.91. Vimr.º 27 de Março de 1778
- 1.92. Estremoz 12 de Dezembro
- 1.93. Vimr.º 30 d'Abril
- 1.94. Estremoz 21 de Janr.º

- 1.95. Vimr.º 8 de Maio
- 1.96. Vimr.º 7 de Mayo de 1772
- 1.97. Sabado 21
- 1.98. Estoril 24 de Oibubro
- 1.99. Caldas da R.^a em 26 de Outubro de 1773
- 1.100. Alcoentre em 28 de Outubro de 82
- 1.101. Lisboa /ou Guiné/ em Julho de 83
- 1.102. Lisboa 9 de Dezembro 1782
- 1.103. Em 18 de Janr.º de 1794
- 1.104. Estremoz 5 de Fevr.º de 1778
- 1.105. Lisboa 13 de Mayo de 1783
- 1.106. Alcoentre no 1.º de Outubro de 1783
- 1.107. Lisboa 18 de Março de 1783
- 1.108. Lisboa 19 de Agosto de 1783
- 1.109. M. Lilia estou com cuid.º

Pasta n.º 223

- 2.1. Vimr.º 14 de Junho de 1771
- 2.2. [Alcoentre] 9 de Julho de 86
- 2.3. Vimr.º 21 de Junho
- 2.4. Vimr.º 28 de Junho de 1771
- 2.5. Vimr.º 12 de Julho de 1771
- 2.6. 24 de Junho de 74
- 2.7. Vimr.º 13 de Maio de 1774
- 2.8. Amada Lilia e m.^a sr.^a
- 2.9. Estremoz 29 de Ag.to de 1771
- 2.10. Vimr.º 26 de Julho
- 2.11. Vimr.º 1.º de Ag.to de 1771
- 2.12. Estremoz 22 de Ag.º de 1771
- 2.13. Estremoz 21 de Janr.º de 1774
- 2.14. Lisboa 17 de Maio de 80
- 2.15. Lisboa 29 de Outubro de 1780
- 2.16. Lisboa 26 de Fevr.º de 1782
- 2.17. Ahinda jazemos em poder da Ipedemya
- 2.18. Minha bella Marcia
- 2.19. Sempre que me faltaõ novas tuas
- 2.20. Cara Tirse assim vereis
- 2.21. Estremoz 7 de Ag.to de 79
- 2.22. Domingo 2 de Dezembro
- 2.23. Minha querida Oeyenhausen
- 2.24. Lisboa 18 de Junho de 1782
- 2.25. Lisboa 19 de Fevr.º de 82
- 2.26. Lx.^a 21 de Dez. bro de 81
- 2.27. Lx.^a 25 de Junho
- 2.28. Lisboa 25 de Dez.bro de 81
- 2.29. Lx^a 20 de Maio de 1781
- 2.30. Lisboa 27 de Abril de 1786
- 2.31. Lisboa 8 de Janr.º de 178[2]
- 2.32. Serpa 27 de Julho de 1778

- 2.33. Vimr.º 29 de Março de 1778
- 2.34. Estremoz 12 de Fevr.º de 78
- 2.35. 8 de Janr.º de 78
- 2.36. Com q o meo defluxo fazte mal
- 2.37. Lilia dos meos tristes olhos
- 2.38. V. Ex.^a aos pés de sua Irmaã
- 2.39. Serpa 6 de Ag.to de 1778
- 2.40. Linda, e querida Neta do meo coração
- 2.41. Lx.^a 26 de Abril de 1777
- 2.42. [5] de Ag.º
- 2.43. Vimr.º 14 de Mayo de 1778
- 2.44. Lisboa 20 de Abril de 1777
- 2.45. Estremoz 14 de Novembro
- 2.46. Lisboa 17 de Mayo de 1777
- 2.47. Estremoz 5 de Oitubro.
- 2.48. Linda menina, como estás?
- 2.49. Estremoz 6 de Julho de 1776
- 2.50. Serpa 23 de Setembro de 1778
- 2.51. Lisboa 30 de Setembro de 17804
- 2.52. Vimr.º 5 de Março de 1773
- 2.53. Onde, m.^a Lilia, te escondes
- 2.54. Lx.^a 24 de Abril de 1781
- 2.55. Lisboa 4 de Abril de 17805
- 2.56. Lx.^a 19 de Novembro de 1780
- 2.57. Que mon imagination me fournit du plaisir, cher Amie!
- 2.58. Lisboa 11 de Dezembro de 1780
- 2.59. Lilia, Ex.ma amiga do meo coração
- 2.60. Caldas 9 de Novembro
- 2.61. Lisboa 3 de Dezembro de 1780
- 2.62. Lisboa 28 de Janr.º de 1781
- 2.63. Eu tenho estado doente de cama
- 2.64. Amiga do meo coração. Tu bem sabes que eu sou sencivel
- 2.65. Q.ta de S. João 11 de Setembro [de 1772]
- 2.66. Estremoz 7 de Fevr.º de 1772
- 2.67. Estremoz 4 de Fevr.º de 1774
- 2.68. Estremoz 21 de Ag.º de 1772
- 2.69. De partida p.^a Estremoz em 3 de Julho
- 2.70. Estremoz 28 de Maio de 1773
- 2.71. He percizo, condeça, estar bem segura
- 2.72. Estremoz 23 d'Abril
- 2.73. Lisboa 28 de Ag.to de 1787
- 2.74. Lisboa 9 de Dezembro de 1789
- 2.75. Estremoz 27 de Dezembro de 1772
- 2.76. 29 de Abril de 88
- 2.77. Estremoz 19 de Novembro de 1772
- 2.78. 22 de Maio de 1772
- 2.79. A pezar do meo dezejo
- 2.80. Estremoz [1]0 de 1772
- 2.81. Lisboa 20 de Março de 1787
- 2.82. Lisboa 3 de Oitubro de 1783
- 2.83. Lx.^a 11 de Abril de 87

- 2.84. Lisboa 27 de Dezembro de 1784
- 2.85. Vimr.º 5 de Fev.º de 1773
- 2.86. Lisboa no 1.º de Setembro d 84
- 2.87. Alcoentre em 24 de Janr.º de 1789
- 2.88. Lisboa 20 de Novembro de 85
- 2.89. 9 de Maio de 88
- 2.90. Alc.tre 10 de Dez.bro de 8[7]
- 2.91. Cond.ª quero novas tuas
- 2.92. 20 de Dezembro de 85
- 2.93. Lisboa 12 de Abril de 1785
- 2.94. Alcoentre 23 de Oitubro de 1786
- 2.95. Lisboa 8 de Ag.to
- 2.96. Lisboa 1.º de Ag.to de 84
- 2.97. Quem pode fazerme feliz, que tu não sejas
- 2.98. Alcoentre 28 de Dezembro de 88
- 2.99. Aldeia Galega em 26 ás 8 da noite
- 2.100 .Pur ti compendo, oh cara
- 2.101. Amiga do meo coração quiz ontem saber de tua May
- 2.102. Vimr.º 26 de Junho
- 2.103. Minha Marqueza a preça não me deixa
- 2.104. Q.ta de Saõ Joaõ 9 de Oitubro
- 2.105. Eu bugiar! com estas cans!
- 2.106. Estremoz 5 de Setembro de 1772
- 2.107. Estremoz 14 de Março de 1772
- 2.108. Caldas em 31 de Agozto de 1788
- 2.109. 5.ª fr.ª 4 de Ag.to Vimr.º
- 2.110. [8 de Dezembro de 1772]
- 2.111. Vimr.º 23 de Oitubro de 1772
- 2.112. Estremoz 29 de Março de 1773
- 2.113. Vimr.º 8 de Abril de 1774
- 2.114. Lisboa 19 de Agosto de 1781
- 2.115. Q.ta de Saõ Joaõ nas vizinhanças de Estremoz em 27 d'Agozto de 1772
- 2.116. Vimr.º 11 de Março de 1774
- 2.117. Estremoz 9 de Dez.bro
- 2.118. Estremoz no 1.º de Dezembro
- 2.119. Amiga do meo coração. Não te agradecei o teo avizo
- 2.120. Vimr.º 19 de Fevr.º de 1773
- 2.121. Estremoz 30 de Dezembro de 1773
- 2.122. Estremoz 24 d'Abril de 1773
- 2.123. Lisboa 28 de Janr.º de 8[8]
- 2.124. Não he isto huma tollisse bem gr.de!
- 2.125. Vimr.º 26 de Fevr.º
- 2.126. Estremoz 3 de Janr.º de 74
- 2.127. Vimr.º 3 de Junho de 1774
- 2.128. Estremoz 10 de Fever.º de 1774
- 2.129. 7 de Novembro em Estremos
- 2.130. Chamas-me Fada, e não queres que falle em Cans?
- 2.131. Estremoz 2 de Abril de 177[1]
- 2.132. Vimr.º 19 de março de 1773

Pasta n.º 224

- 3.1. Deli rio Saudozo a Lilia -Ode Anacreontica
- 3.2. Testemunho de gratidão -Idílio a Lilia
- 3.3. Antuziasmo da amizade Sextinas Destinadas a celebrar o feliz dia dos annos da Ill.ma e Ex.ma Fromozicima Discreticima e Amanticima Lilia de Tirce
- 3.4. Vizaõ Poetica -no dia dos annos d'Alfido -Soneto6
- 3.5. Querida amiga da m.^a alma
- 3.6. Minha Marq.za
- 3.7. Lx.^a 24 de Setembro de 1781
- 3.8. Lx.^a 19 de Junho de 1781
- 3.9. Lx.^a 31 de Julho de 81
- 3.10. Lisboa 23 de Junho
- 3.11. Lisboa 28 d'Agozto de 1781
- 3.12. Lisboa Julho 1781
- 3.13. Lisboa 3 de Dezembro de 81
- 3.14. Lisboa 9 de Junho de 1781
- 3.15. Estremoz 9 de Janr.^o de 78
- 3.16. Minhas queridas amigas, como posso
- 3.17. Estou-me vestindo
- 3.18. 26 às 11 da manhã
- 3.19. Lisboa 2 d'Oitubro de 1781
- 3.20. Lx.^a 9 de Oitubro de 1781
- 3.21. Lisboa 1.^o de Novembro
- 3.22. Caldas 7 de Oitubro de 1773
- 3.23. Lilia do meo coração o peito não me permite
- 3.24. Como passaste amada Lilia?
- 3.25. As tribulaçoens da m.^a familia
- 3.26. Eu m.^a Lilia passei bem
- 3.27. Minha Excelente Sr.^a eu estou com tal perturbação
- 3.28. Esturil 21 de Oitubro perto da meia noite
- 3.29. Sinto no meo coração que a m.^a carta
- 3.30. Ainda antes de partir te escrevo
- 3.31. Minha amada Sr.^a tu me fazes estimar
- 3.32. He verd.e Sr.^a D. Lilia
- 3.33. Com razão Amada Lilia
- 3.34. Em qualq.r lugar q a tua amizade me coloque
- 3.35. Estremoz 27 de maio
- 3.36. M. Querida Sr.^a esta tarde tenho grade
- 3.37. Quantas injurias me fizeste Domingo!
- 3.38. Ontem me regalei d'ouvir dizer
- 3.39. M. Snr.^a e amada Lilia
- 3.40. 5 a meia noite
- 3.41. Vimr.^o 12 de Mayo de 1778
- 3.42. Raparigas dos meos olhos traquinentos
- 3.43. Minha Amada Sr.^a eu tão bem não pude
- 3.44. Amiga do meo coração Faço este com cuid.^o
- 3.45. Minha, Querida Marcia, manda dizer
- 3.46. Minha amada Lilia eu não sei
- 3.47. Amiga do meo coração. Amanhã parto
- 3.48. Amiga do meo coração. O meo está trespaçado
- 3.49. Os preceitos da vossa traquinisse

- 3.50. Se tardaõ as cartas de Tersea
- 3.51. Minhas bellas pequerruxas
- 3.52. Minha Adorada rapariga
- 3.53. Tu sabes, querida Maricia, se me fazem falta
- 3.54. Como cachorros saó simbolos de fidelid.e
- 3.55. Minha Querida amiga. Eu tenho estado
- 3.56. Lisboa 4 de Março de 1782
- 3.57. Esturil 1.º d'oitubro de 771
- 3.58. Lx.^a 18 de Julho de 1780
- 3.59. Tu bem podes julgar amada Lilia
- 3.60. Estremoz 27 de Março de 1774
- 3.61. Em 16 de Abril de 1795
- 3.62. Seria na verd.e eterna a m.^a carta
- 3.63. Estremoz 31 de Julho de 1772
- 3.64. Vimr.º 10 de Junho de 74
- 3.65. Estremoz 16 de Oitubro
- 3.66. Esteremoz 9 de Julho de 1772
- 3.67. Estremoz 11 de Abril
- 3.68. Estremoz 23 de Julho de 1772
- 3.69. Estremoz 19 de Setembro de 1772
- 3.70. Estremoz 14 de Fevr.º de 17[...]
- 3.71. Estremoz 6 de Março de 1772
- 3.72. Estremoz 22 de Agosto de 1772
- 3.73. Estremoz 28 de Fevr.º de 1772
- 3.74. Estou com o maior cuid.º em ti
- 3.75. Minha querida Lilia. Logo que cheguei
- 3.76. Ja m.^a Amada Snr.^a te dei novas
- 3.77. Estremoz 3 de Oitubro de 1772
- 3.78. Vimr.º 25 de Maio de 1772
- 3.79. Estremoz 1.º de Fevr.º de 1772
- 3.80. Fez annos tua May, e tu...
- 3.81. M. Adorada Lilia ontem não me foi
- 3.82. Que tristeza Amada Lilia, que tristeza
- 3.83. Lilia do meo coração. Recebi o teo escrito
- 3.84. Apezar, m.^a Lilia, dos estragos
- 3.85. Lx.^a em seg.da fr.^a
- 3.86. Q.to melhor fora se trocasse o conv.º!
- 3.87. Estremoz 14 de Janr.º de 1774
- 3.88. Minha Adorada Lilia, parto sem tornarte a ver
- 3.89. M. Querida Amiga, julguei que não devia
- 3.90. Lilia, Amabelissima Snr.^a do meo coração
- 3.91. Estremoz 27 de Novembro
- 3.92. Estremoz 26 de Outubro de 1770
- 3.93. Lisboa 3 de Março de 83
- 3.94. Vimr.º 21 de Abril
- 3.95. Esturil 17 de Setembro de 1771
- 3.96. Como estas galante, Marcia buginica
- 3.97. Esturil 28 de setembro de 1771
- 3.98. Quanto he doce um bejo teo!

[1.] Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Sr.^a

Se V. Ex.^a, m.^a Ex.^{ma} Snr.^a, fizera justiça aos verdadeiros protestos do resp.^{to}, e summa estimação, comque recebo o seo favor, não me dilatara tanto o gosto de receber as suaves expreçoens da sua amizade, e os valentes rasgos da sua Poezia. He verd.^e que estes dons como são Divinos, não devem dispenderse sem grande economîa, e he percizo que o coração, à força de suspiralos, dê provas de benemerito para consegui-los; mas tão bem he certo que este merecim.^{to} não pode ser duvidoso em quem/ como eu/ teve a fortuna de conhecer a V. Ex.^a, e de provar huma vez a doce consolação de comunica-la.

Naõ posso queixar-me da injustiça, porq do tribunal, em que V. Ex.^a me condena, não ha p.^a onde apelle a m.^a razaõ; devo só consolar-me de que a pena /posto que fosse tão grave/ a moderasse, não sei se a compaxaõ, se outro motivo ainda mais agradavel a hum coração, que idolatra a V. Ex.^a; e sem investigar a cauza, toda possuida do agradecim.^{to} que o efeito deve pruduzir [sic].

«A bella mão, que m'onra atenta bejo
«Se a tanto aspirar pode o meo dezejo.¹

Se eu tivera, como V. Ex.^a, bebido no berço, por ministerio das Muzas, as afluencias d'Ipocrene, que não dicera ao ver o tezoiro de bellezas poeticas, q V. Ex.^a me retardou, e cuja posse agora me facilita? porem comigo/ V. Ex.^a o sabe/ não foi Apollo tão liberal. Os meos cuid.^{os}, e otras perturbaçoens, q apesar *desta paz, q hoje logra o coração*² vem perseguirme ainda no centro do meo retiro, afastaõ de mim aquelle estro que V. Ex.^a me suppoem, ou dizendo melhor que V.Ex.^a m'inspira. V. Ex.^a me offerece o sacro licor disfarçado no Idilio, comq me lizongeia; pertender tragalo derepente seria talvez o mesmo que intentar recolher o mar em pequena concha, e eu p.^a conservar alguma parte da sua afluencia, heide poco a poco hir gostando as suas suavid.^{es}; se ellas a seo tempo chegarem a nutrir o meo debil espirito entaõ procurarei mostrar, que não debalde se empenha V. Ex.^a em m'instruir.

Eu sou a que recebo toda a utilid.^e desta agradavel correspondencia; sendo V. Ex.^a q.^m me conduz á corõa do Parnaso, assim como a Aguia leva os tenros filhos a observar o sol de mais perto. Q frutos tão deleitaveis me não entrega V. Ex.^a colhidos naquella habitação das muzas, ou seja em premio de seguila, ou como estimulo p.^a imitala! Hum delles he o presente Idilio, em q só descubro o defeito de buscar por argum.^{to} de tão sublimes pençam.^{tos} hum objecto em q.^m falta tudo o que pode faze-lo digno delles. Nestas circunstancias foi prudencia não o mostrar, porq se he vicio, seg.^{do} dôtrina d'Oracio, escrever de materia superior ás nossas forças; não o será menor tractar com sublime estilo assunto, a q não convem fraze tão nobre.

Devo supor a V. Ex.^a, disposta a favorecer-me em tudo, por isso me atrevo a rogarlhe queira agradecer a sua May e Irmaã a grande m.^{ce} q me fazem, e grangear-me a onra de servi-las, poisq sou tão feliz, que posso nomear-me

Cap.^{ta} de V. Ex.^a

T

Vimr.^o 3 de Ag.^o de 1770

¹ Nom está nos Idílios de Alorna (1844).

² Idem.

Depois, m.^a Sr.^a, q tive a onra de agradecer a V. Ex.^a as destintas expreçoens, comq me favoreceo, fui acometida de terriveis accid.^{tes} Esthericos, cujas frequentes repetiçoens me privaraõ do uzo dos sentidos por m.^{tos} dias.

Ontem apenas tive tempo de respirar busquei em V. Ex.^a o meo dezafogo, lamentando o trabalho, com q.^m he Snr.^a de communicarme alivio. Quiz por este modo dar a V. Ex.^a huma prova deq estudo os preceitos, q V. Ex.^a me propoem nas suas excelentes Poezias; naõ sei se o consegui; mas se naõ logrei alcançalo, ao menos tenho na vaid.^e de emprehendo hum titulo digno da compachaõ de V. Ex.^a Os meos frequentes delirios me naõ deixaõ dilatar nesta escrita, nem permitem q da m.^a letra possa mandar a V. Ex.^a esse arremedo de Idilio: V. Ex.^a se digne de o receber como hum tributo devido ao sublime genio q governa a V. Ex.^a e lhe inspira os meios de onrar esta

Cap.^{ta} de V. Ex.^a a mais fiel

T

Estremoz 18 de Ag.^o de 1770

[3.] Estremoz 14 de Setembro de 1770

Naõ devo minha Ex.^{ma} e sobre Adoravel Senhora, disputar com V. Ex.^a hum titulo, q me onra toda¹ aquelle que procede do generoso coração de V. Ex.^a, traz hum caracter de destinação tal q naõ pode deixar de produzir no meo o agradecim.^{to} [mais] vivo; eu dizendo melhor/ se tanto me he licito/ e mais verdar.^o amor. Se na m.^a carta mostrei a V. Ex.^a as razoes q [me]² persuadem a naõ confundir a V. Ex.^a com outras, [isso]³ foi obsequio indispensavel [sic] do meo resp.^{to} devendo com elle satisfazer ao preparo de V. Ex.^a em q.^m p.^acomigo naõ militaõ as mesmas regras pelo q fica dito, e assim /torno a dizer/ de qualquer modo que V. Ex.^a me onre sempre conhecerá a estimação com que recebo o seo favor.

V. Ex.^a sabe m.^{to} bem que naõ he infallivel a opiniaõ de q consiste a duração da nossa vida puram.^{te} no coração; e se nisto pode haver falibilid.^e m.^{to} mais a ha em q seja principio della o q naõ passa de [p. 1] hum mero e instantaneo receptaculo dos nossos espiritos. Sendo isto assim em q obrigação me naõ constitue V. Ex.^a provandome com as suas expreçoens q.^{to} a sua imaginação se ocupa em me favorecer se ella me propoem ao seo entendim.^{to}, como Senhora do *principio da sua vida* bem mostra, q se preocupa a meo favor, e a m.^a alma querendo lizongear a m.^a paxaõ começa a persuadir-me =che é verace quel amore, =che confondi gli senso intorno al core= Naõ sei se o Poeta me explicou; o respeito quizera deixar a V. Ex.^a alguma coiza q adivinhar na mesma confuzaõ, comq se explica, mas a vaid.^e com impulso desmed.^o rompe os reparos, e clamando em alta voz me diz

«Naõ tens que dividir:

«Lilia, oh Tirse, por ti arde d'amor.

«Repara n'expreção;

«Observa o vivo ardor. [p. 2]

¹ Papel deteriorado nas beiras.

² Entre linhas.

³ Entre linhas.

«Que em seo peito começa a fumegar.
«Se lhe offusca a razaõ,
«*Naõ tens, que duvidar,*
«Tudo he fructo feliz dessa paxaõ:
«Depoem, Tirse, o temor,
«*Lilia, crê-me, por ti arde d'amor.*

E que responde V. Ex.^a ás suberbas persuaçoens da m.^a vaid.^o? mas eu temo/ a pezar de q.^{to} me [---] o o [sic] enterece, o dezejo, a ambiçaõ/ eu temo q o castigo de exceder os limites da moderação, q o respeito prescreveo, custe caro á m.^a fiel amizade. Comtudo, tal a condiçaõ, q a governa, q naõ pode sofrer duvidas, huma vez, q se declara, e ou hade beber o veneno todo, ou hade sigurar por huma vez a preza em q estriba o seo Thezouro. Porem naõ he [p. 3] justo, q a m.^a felicid.^e dê q sentir ao meo cuid.^o; e p.^a q este se naõ queixe, me basta hum *sim* q me segure, sem q este se acompanhe de escripta q me descosole pelo recei de q prejudique a huma vida, de cuja coservação pende o socego de

Thereza fiel Cap.^{ta} de V. Ex.^a

P:S:

P.^a sua may, e Irmaã invente V. Ex.^a as expreçoens, q lhe parecerem proprias do meo agradecim.^{to}, porq nem com ellas...

[4.] Estremoz 22 de setembro de 1770.

A carta de V. Ex.^a m.^{to}Amabillissima, fez me [tremar]¹ e ainda agora fazme quazi delirar. Ao vêla, ignorando a sentença, que nella decidiria da m.^a fortuna, estremeci: talvez occupou o arrependim.^{to} todo o lugar, q a soberba tinha enchido, quando me a[----] escrever aquellas altivas pertençaens do meo enteresse: trocouse em susto o costumado alvoroço, e com pallido semblante, com duvidoza vista, palpitando o coração por estranho modo estendi a temeroza, e trememente maõ p.^a recebela. Mas/ oh milagres d'amor/ ao abrila, de um golpe cahio a vista sobre aquelle felicissimo, e honrozo *sim*, capaz de socegar os meos temores, e de safisfazer [---] a m.^a ambiçaõ. Entaõ foraõ diversos os effeitos eu queria/ mas naõ podia ser/ eu queria vencer de hum golpe de vista o q naõ podia compreender sem [---]ceber sucessivam.^{te} as imagens, q representavaõ a m.^a fortuna, cada palavra, q me [p. 1] [me] lizongeara, me fazia correr com impaciencia a buscar as q se lhe seguiaõ: talvez trunquei periodos, por me parecer q mais longe tinha ainda maior tezouro q descobrir: e que he isto senaõ hum principio de dilirar? Porem este delirio, que quer dizer? [---] Lilia tu o sabes, poisq es tu quem despertas, quem fomentas no meo coração estes incognitos tumultos. Mas q [---] [e] screvo eu? ja lá vai o respeito? Sim, q naõ soffre prizoens hum amor, q se declara, e q no seo primeiro impeto todo he fogo, todo violencia, todo... [naõ] sei q [---], porq nada corresponde á abundancia [de]² que transborda o coração Justo he contudo que este impeto se mos[tre] p.^a dar lugar a satisfazerte, Amada m.^a Tu arguis [---] deq *duvido do que te devo*: mas naõ reflete[---] a traça, com q duvido p.^a grangear hum prazer, q me occultava naõ sei se a m.^a moderação, se a tua Prudencia. Sirvate de resposta a do grande Metastazio em semelhante cazo.

«Non dubito, ben mio

¹ Várias lacunas ao longo do texto polo mau estado do suporte..

² Entre linhas.

«Ma daquel dolce labro
«/Cara, sofrilo in pace/
«Sentirlo relicar tropo mi piache¹

Persuad.^a desta fiel travessura não tornes a dizerme que me *julgas penoza l[--]õ das tuas cartas*; repara na injustiça, e pagame a injuria como te merece a

Tua fiel
T.

[5.] V. Ex.^a aos pés de sua Irmaã², e May, e perdoe a dilação da carta, q procede da nececid.^e de responder a duas. Agradeço a V. Ex.^a os parabens q me dá pela melhoria da Tia M.^{na} q me deo m.^{to} cuid.^o, e a q.^m sou obrig.^{ma} por me grangear esta esimavel correspondencia. Por ella bejo as mãos de V. Ex.^a, e busco aos seos pés aquelle lugar a q aspira

Thereza fiel cap.^{ta} de V. Ex.^a

[6.] Estremoz 5 de Outubro de 1770

Naõ m.^a. Adorada Lilia, naõ me julgues taõ barbaram^{te}. revestida das groçarias deste Pays, que chegue a confundir o teo favor, com os effeitos criminozos, que em ti naõ podem descobrir-se; e se tu naõ podes errar como poderia a tua reconhecida, e respeitoza Tirse atreverse a castigarte, sem horror da razaõ, da Justiça, e do amor q p.^a. ti conduz todos os seos pençam^{tos}.? A sustou-se [sic] este com as expreçoens da tua carta / fatais expreçoens!/ *naõ esperes ver mais letras m.^{as}. presentem^{te}. porq huma penoza molestia &r.^a /assim dizia o seg^{do}. paragrafo della/ e de tal sorte me confundio a ideia de q padecias a incerteza do q tinhas, que sem atender ao adverbio q me tirava a duvida, ou dandolhe huma significação mais extença, me persuadi de q a m.^a desgraça te fazia padecer e que a tua molestia necessitava de q lhe naõ ajudasses as forças com a tua applicação. nestas circunstancias tristissimas a q.^m podia eu recorrer se naõ a tua Bella [p. 1] May? de q.^m fiar melhor o meo cuid.^o e os ardentes efeitos da m.^a ternura se naõ daquella =*che pietoza seconda i nostri amori*? Exaqui, m.^a. Amada, a cauza da diferença, que experimentastes o corr.^o. passado, se errei naõ será imperdoavel o meo delicto se he verd.^e. que =*uma colpa innocente he lieve errore*= mas ainda quando fosse grave, a cauza o disculpara, e me faria conhecer que *un bel perdono, è di clemenza segno*= e tu sabes mostrar com provas exuberantes que =*L'anime grandian generoso il core*=*

¹ «Oh Dio! non dubito, ben mio; lo so che m'ani:/ ma da quel dolce labbro/ troppo (soffrilo in pace)/ sentirlo replicar troponi piacce./ Ed il picciolo Olinto, il caro pegno/ de' nostri casti amori./ che fa? Cresce in bellezza?/ A qual di noi somiglia?». Pietro Metastasio, *Demofonte*, Cena II parlamento di Timante a Dircea (www.bibliotecaitaliana.it/dynaweb/bibit/autori/m/metastasio/demofonte/@Generic_Book Edizione di riferimento: *Opere*, Marco Fubini (ac. di), Ricardi, Milano, Napoli, 1968.

² É o fim dumha carta. Colocamos este texto antes da carta datada a 5 de Outubro de 1770, porque, apartir desta data, em todas as cartas dirigidas a Leonor o tratamento empregado é sistematicamente *tu*, acompanhado de epítitos como «amada Lília», «querida Lília», etc.

Esta generosid^e. de coração he percizo q se exercite taõ bem a teo favor, p^a. que não cedas à força do pezar, com prejuizo da tua saude. Conservate, querida, p^a. o bom tempo, aquelle tempo, q se apreça em chegar, e q só tarda, por q se espera. Enche o teo coração das agradaveis imagens daquelle dia feliz em q... Entaõ p^a. q seja maior o gosto de huma reuniaõ em q se entereça o amor, e a natureza, procura aumentar os Thezouros da tua instruaõ, ella mesma te ensinará a fazerte superior aos teos pezares: e que seria da Pobre May, se a tua saude extenuada pela viveza dos teo sentim^{to}. [sic] apuzesse no susto de perderte? que seria se teo Pay ao tornar, não podesse completar a sua allegria vendo em ti a copia das suas virtudes? Ah conservate, conservate p^a. a gloria daquelles dias ditosissimos.

Tu me occultas o q tua May me revella, occultasme o q devo ao teo sublime genio de Poezia tua May diz-me q taõ bem em Francez o exercitas p^a. onrarme: e q^m. me impede o gosto de aprender nella o modo de louvarte? será isso travessura da tua bella Irmaã? se for, dizelhe que não seja contra mim Que eu me não esqueço dos suaves ecos da sua doce voz; nem do bellissimo esplendor da sua formozura que se Lilia não fora, talvez ella cauzaria no meo coração hum semelhante tumulto, ao q por ti experim^{to}., dize-lhe que he tirania oporse ao q amor determina que... mas nada lhe digas p^a. q se não equivoque o sentido das m^{as}. expeçoens, que todas se derigem a teo obsequio. Procura tu, por compachaõ do meo cuid^o., livrarte da molestia, q te opprime q eu incessantem^{te}. repito a Estrofe, comq M^r. Thomaz¹ acaba a sua excellente ode *sur le temps* dezejando q *em ti se verifique* o q elle p^a. si despreça.

"O temps suspend ton vol, respect sa jeunesse;

"Que sá mere long-tems temoin de sá tendresse,

"Recoive ses tributs de respect, et d'amour.

"Et vous Gloire, Vertu, Déesses immortelles

"Que vos brillantes ailes

"Sur ses *cheveux blanchis* se repount un jour.

Naõ quiz trocar a fraze do author, porq sei que não podē asustar [sic] a tua formozura os termos, com que elle pertende explicar hum [sic] larga id^e. que se dezeja

Suposta a licença que me mandas, se copeará o Idilio; mas não serei eu quem o dê, à tua precioza mãõ tornará, e tu o darás a S: Anna Mauricia que he quem o pedio. Assim procura mostrar a sua fidelidade a

tua
T

P.S:

Chega o Idilio a tempo de o remeter

Eu não teria a confiança de emendalo;

mas julgo, q q^{do}. escrevestes com a preça não advertistes que nestes versos =Que ligue a mãõ das Parcas, q não *stejaõ sugeitos* ás suas Leis, aos seos favores, =o *preciozo fio* d'uns tais dias=² &r^a. não reparastes q ficava o verbo no plural [sic], estando no singular o *preciozo fio* com q^m. deve concordar. A copia foi fielm^{te}. feita, e como no original foi certam^{te}. *lapsus pæmæ* a ti e a mais nenguem toca a correcçaõ. Perdõa, Amada Lilia, se abuzo do teo soffrim^{to}.; mas o character da m^a. amizade he d'extrema lizura. Se posso pedirte hum favor rogote, que essas trovas, que te tenho mandado só passem da tua mãõ p^a. o fogo: o meo costume foi sempre este, e o poco, q se conserva para satisfaçaõ d'Alfido, creme q se não comunica [??]. Tu fostes talvez a unica a q^m. sem reparo entreguei o q sempre procurei occultar; se quizeres examinalo, m^a. mesma

¹ «Ode sur le temps» de Antoine-Léonard Thomas (1732-1785): «O temps suspend ton vol, respect sa jeneuse;/ Que sá mere long-tems temoin de sá tendresse,/ Reçoive ses tributs de respect, et d'amour,/ Et vous Gloire, Vertu, Déesses inmortelles,/ Que vos brillantes ailes/ Sur ses *cheveux blanchis* se repount un jour».

² Nom está em Alorna (1844).

Irmaã poderá servir de testemunha, e prova, pois nem ella vio a maior parte do que tenho escrito. Não pertendo avultar a finura, pertendo sim abonar o escrupulo com o antigo costume de observalo, e espero que a fidelid^e. com que conservo as tuas excellentes obras me sirva de merecim^{to}. p.^a. q. occultes as m.^{as}. Defeituozas.

[7.] Estremoz 11 de Outubro de 70

Sinto, m.^a Amada Lilia que a m.^a carta avivasse os teos pezares, e m.^{to} mais não depender de mim o completo alivio delles; e por não te arriscar ao mesmo effeito, não digo neste particular mais nada. Na m.^a compaichaõ [sic] nada tens, q. agradecer-me; a umanid.^e a produziu antes que a amizade a fizesse perciza, e se esta agora se esforça em nutrilha, tudo de ti procede, por q. es o agradável movel dos affectos do meo coração. Podes crer que as lagrimas deraõ provas disto, quando li o ultimo paragrafo da tua carta; e posto, q. me console com q. tua Estimavel [M.^a]¹ achasse na m.^a algum dezafoço, sempre me enterneceo a concideraçãõ, de q. a devesse a q.^m talvez lhe não occoreo que podesse ministrar-lho. He terrivel que se não descubra o meio de padeceres menos molestia, e como os remedios da medecina [sic] só podem moderar os effeitos, confeço que estremeço ao considerar o debil estado da tua saude. Com tudo eu persuadome, q. a tua christandade te fará achar na meditação do evangelio vasto campo p.^a conseguires assaz, de que necessitas. *Bem aventurados os que pcedem persiguição* [sic] *por cauza da Justiça, porq* [p. 1] *delles he o Reyno dos ceos*. Para quem tem fé, não pode haver prepozição mais cheia de consolação, que esta, quando se vê em semelhantes circunstancias. Huma prova, hum testemunho taõ pôco ecquivoco da predestinação, faria inveja aos felices do seculo, se elles não tivecem o coração corrupto, pela mesma felici^d.^e, que os allucina, quando os não embriaga. *Bem aventurados os que choraõ, porque elles seraõ consolados*. E quem o affirma? ninguem menos que a Verdade eterna: hum Deos compadecido das suas creaturas, e que só quer que o seo melhor bem, esse he quem lhe ministra estes principios de consolação, e quem empenha a sua plavra, em abono delles. Elle conhecendo as repugnancias da nossa carne/ porque se sujeitou a soffrer as nossas misérias e amarguras/ não ceça de animarnos, e de estimular a nossa fraqueza a levarse superior aos estimulos da carne, e sangue. Elle persuade esta vida de cruz, como o seguro meio de chegar a elle, e p.^a q. o omem nada tenha, q. oppor á sua doutrina, não lhe [p. 2] manda q. tome a cruz p.^a o seguir, dizlhe sim q. para *seguilo he persizo fazer o que elle faz*; dizlhe q. *o character dos seos escolhidos he o que lhe imprime a perseguição do seculo*, e para fazer palpavel esta dotrina conclue porq. *se vos fosseis o mundo, o mundo vos amaria*. Ah m.^a Amada; como he certo que a nossa Religião he hum tezouro magnifico e superabundante p.^a quem a medita! Assustasse a alma, que não padesse, quando pondera estas verd.^{es}, e acha neste sancto temor hum prezervativo contra a currupção [sic] da felici^d.^e temporal; consolase a que está atribulada, e nellas acha o balsamo salutifero, que unicam.^{te} pode curar as chagas, q. lhe abrião no coração as farpas da desgraça. Tu melhor do que eu as ponderarás, e certa estou, de q. hasde achar nellas ainda maiores suavid.^{es} que as amarguras, q. padeces. Entaõ as lagrimas, q. correrem, seraõ torrentes de Mizericordia [p. 3] p.^a fazer frutificar em breve as sementes de consolação que no teo coração tiverem lançado estas salutiferas reflexoens.

¹ A leitura nom é segura.

Faço esta com má pena, e poco tempo, por isso acabo pedindote, q te animes e que me ponhas aos pes de tua May e Irmaã grangeandome a fortuna de servilas, e permitindome a de obedecerte

Tua fiel, e am.^{te}

T

[8.] P.^a ler as tuas cartas e receber o teo favor, sempre, m.^a Lilia, estou de boa feição, porq sempre ao recebelas me acho prevenida d'um alegre alforço que me annuncia agradavelm.^{te} quanto nellas me onras e favoreces. No meo coração onde te collocou o teo merecim.^{to}, e aonde o meo amor, cuidozo [sic] te conserva, te bejo mil vezes a Linda maõ que tanto me destingue, ou seja com as expreçoens de ternura, que me lizonjeaõ, ou com a participação de *noticias* q tanto me entereçaõ. Facilitarse a restauração da tua precioza saude! meo D.^{os} que gosto! mas como? eu não alcanço os meios, e posto que os dez.^o de todo o meo coração tanto me entereça tudo oq te pertence, que no meio deste prazer me assusto e em quanto não souber como se prepara o remedio viverei [sic] vacilante¹ lutando com o receio deq te não perjudique, ou se não consiga a composição delle. Do meu silencio podes estar segura porem pede a m.^a fidelid.^e q te diga q este corr.^o com a mesma confuzaõ me deo outra peçoa essa noticia, e assim se se espalhar, sabe q Tirse he fiel. [p. 1]

A tua carta pede resposta mais larga eu conheço em mim huma difuzaõ de estilo q he inevitavel quando fallo com tigo, porq acha a m.^a alma tanto gosto em comunicarte, q não se atreve a rezumir periodos, nem a estudar laconismos: toda dezeja derramarse no teo coração e por isso ainda a pesar do q as vezes padece a saude são taõ longas as m.^{as} cartas. Oje me custaõ estas regras. m.^{tas} dores de cabeça; porq a occorrença de m.^{tas} cartas de negocio a q devia reponder de maõ propria me tem despertado huma convulção que [me]² aflige; porem não te assustes, q hum poco de descanso remedeia este incomodo, e me deixará capaz de escreverte de tarde, ou à manhaã p.^a satisfazer ao q me propoens na tua carta. Não dilato p.^a entaõ o pedirte o novo Idilio, e os seis sonetos, não podendo servir de obstacolo [sic] p.^a mandarmos, nem ainda, o não ter eu feito os seis poemas que elles valeraõ; m.^{to} menos deve privarme de recebelloos haver em ti a mesma falta [p. 2] daquella composição, porq não es tu quem has de pagalos. Taõ bem não quero retardar a tua Ir' o concurso, q presta p.^a o meo alivio; poemme aos seos pés, e aos de tua May, e não separe[s] dos teos o coração fiel da

Tua

T.

Estremos 20 de outubro de 1770

¹ A leitura do -c- nom é segura.

² Entre linhas.

[9.] Onte prometi ao meo coração escreverte hoje, m.^a Lilia, mais largam^{te}, prometi, e apesar da m.^a fiel palavra, hia faltando a promeça, por culpa da inconstante saude da m.^a debil cabeça. Tu me prohibes escreverte nestas circunstancias; o teo preceito, apesar do meo alivio devera ser exactam.^{te} observado; porem tal força traz comsigo a sugestão do meo dezejo, q despreza a molestia, furtase ao precito, e obrigame a procurar na tua comunicação aquelle unico dezafogo que p.^a enganno da saud.^e inventou a distancia. Se a culpa se faz no effeito imperdoavel, na cauza he taõ meritoria, que em lugar de arrepender-me, confeçote, q me lizongea o cometela, queira amor q tu discorras com os mesmos fund.^{tos} p.^a q te não offenda o meo obsequio, e possa obrigarte a m.^a verdadeira amizade!

Mas que digo? offenderte o meo obsequio?, não, não he possivel; tu mesma o dezafias dizendo que eu só com as m.^{as} empreçoens enontrei o modo de suavizar os teos pezadissimos disgostos: tu o dizes; eu devo acreditalo; e se o creio, poderei privarte d'um alivio, p.^a pouparme hum incomodo?

«Ah julgame por ti Lilia adorada,

«E profere a sentença suspirada.

Tanto, tanto me entereça esta agradavel correspondencia, que a porporção que vou dilatando a carta, vou perdendo a molestia, que me oprimia: será milagre do teo poderoso nome, se não he effeito da paixaõ, que me preocupa, quando me emprego em contemplarte. Cece pois o teo receio, e sabe, que estou melhor, porq' te escrevo.

Já ontem procurei persuadirte a senrazaõ que me fazes em privar-me de ver as tuas excelentes Poezias, se ainda assim rezistires ficaõme suspeitosas as persuaçoens, que me fazes p.^a dezafiar as minhas. Estas em nada podem utilizar o publico; porq' nem instruem, nem entretém: Eu vivi sempre na Corte aprendendo nos outros aquilo, de que devia acautellarme, e tanto me servio isso, que pelo silencio, a que condenei as m.^{as} trovas, consegui não perder o conceito de peçoas serias, a quem ouvi algumas vezes: *p.^a mim, mulher que faz versos tem perdido tudo¹*. Vê tu que consolação p.^a a infeliz muza que me inspirava! Crême, m.^a Lilia, não convem que o mundo saiba plenam^{te} o que de nós confiou a nutreza [sic]. O modo de fazer valer estes tezouros ou talentos, he fazendoos dezejar sem nunca deixar possuilos; tu por economia o farias, se tivesses vivido fora desse retiro, eu façoo por nececid^e, porq' me convem mais o duvidozo conceito q' de mim fazem, que o que fariaõ, se me conhecessem no que escrevo. Por isso rogote que nada do que te escrever mostres a ninguem; se algum dia concluir huma tradução q' emprendi em oras vagas, e se ficar de modo que tu a aprovezes entaõ darei a mocid^e Portugueza hum socorro de boas maximas p.^a a sua educaçaõ²; porem está taõ distante do seo fim, e eu taõ adiantada na cont.^a de meos dias, e taõ opprimida de cuidados mais importantes, q' prudentem^{te} receio fique incompleta a obra. Tu que podes, e te animas de mais sublimes pençamentos satisfaze por mim ás obrigaçoens de patricia, que eu certa fico de que a patria se contente do troco, e que será quando te conhecer de todo?

Mas de que modo ha de ella conseguir essa fortuna? se podes tirarme da confuzaõ, já que não posso participar da felid^e que prometes a m.^a May, e Irmaã permiteme a de servirte e poem-me aos pés das tuas pois de todas he

Fiel cap.^{ta} a tua T

Estremoz 22 de Outubro de 1770

¹ «Guarda-te do homem que não fala, da mulher que faz versos, e do cão que ladra», provérbio.

² Refere-se com toda provabilidade à tradução do *Telemaque* de Fénelon que é mencionada expressamente em cartas posteriores, e que nom temos certeza de que chegasse a ser publicada.

Chegou o tempo, m.^a Lilia, de me ser penoza esta vida: tu sabes a cauza, pois me declaras o enigma, q me deixou suspença o corr.^o passado. He possivel que não possa a tua Tirse comunicarte, quando outras, q te não conhecem, e que talvez nunca saibaõ avaliarte haõ de lograr essa fortuna! he possivel, que não possa dartte nesta occaziaõ, as evidentes provas da amisade; aquella amizade, que não acharás em nenhuma, posto que m.^{tas} a prometaõ semelhante, e que algumas a finjaõ igual? aquella amizade, que nunca te seria mais util, ou /sofre q assim o diga/ nunca mais necessaria? Oh durissima condiçaõ da vida umana! cruel percizaõ de pagar o maior gosto, sempre com dobrado pezar! Sim minha Adorada Lilia, as tuas criticas sir[p. 1]cunstancias, e a corrupçaõ, que tem consumido na Corte a pura semente da amizade, necessitavaõ de que a tua fiel Tirse, ou fosse a feliz depositaria da tua Amavel Peçoa, ou ao menos conseguisse ser inseparavel do teo Lado, em quanto as Luzes do teo grande talento te não descobrissem tudo o que [---]taõ¹ as diferentes mascaras, com que hoje se rebuçaõ todas as personagens da nossa infeliz condiaçaõ. A tua prudente May m.^{to} te poderã dizer do que já havia, quando a sua desgraça a separou de nós; mas se eu lhe disser que ha razãõ de sospirar por esse tempo; que entãõ o mais que fazia a fal[-]idade, era encobrir hum brinco, occultar um enfeite &r.^a, e que agora o *sagrado nome das nossas Divind.^{es}* he profanado a qualquer leve acçaõ, que se faça; que todos tomaõ o direito d'interpetrala [sic] [p. 2] e a authorid.^e de punila com a mais picante, e atrevida critica, pasmara! mas conhecera q nada lhe encareço, se tivesse observado de perto como eu, ate que ponto tem chegado a depravaçaõ do nosso seculo. Tu es m.^{to} amavel, p.^a não atrahires a attençaõ de todos; e as nossas damas soffrem mal tudo, o que lhe faz sombra; perdo-a me, e cre-me, que te fallo com a experiencia, se os teos raros talentos se mostrarem em toda a sua Luz, se tu não occultares /ao menos da maior parte/ os mimos, q te fazem as muzas; se nos teos mesmos vestidos se não der a conhecer alguma parte do que padece o teo coraçãõ, não serás feliz. Afirmoto, como quem com toda a alma te dezeja ver adorada por todos, respetada como [-]nica e feliz como ninguem. [p. 3]

As tuas mais proximas parentas, não saõ as mais seguras p.^a a confiança; eu não sei onde te leva o teo destino; mas se fores p.^a o fatal sitio da Junqr.^a, acautelate das B:B: Em fim entre todas as Snr.^{as} da tua id.^e, com q.^m podes concorrer, nenhuma julgo propria p.^a a tua confiança a não ser a f.^a mais velha da Penalva; nenhuma mais agradavel p.^a huma conversaçãõ instruida q a f.^a mais velha da Obidos. Saõ galantes, e agradaveis as Valenças, Angeja, Tancos, Aveiras e outras que has de conhecer, e de q.^m has de gostar, mas... Das q saõ de outra id.^e, inculcote a m.^a Estimavel Niza, as duas Mg.^{nas} tuas parentas, e m.^{as}, e não te inculcu m.^a boa May, e infeliz irmã, por não parecer suspeitoza a inculca; poco mais do que isto te posso inculcar, posto, que ha outras, como saõ a Excellente Leo[p. 4]nor d'Almada, sua filha, e outras; mas com estas não será taõ facil a comunicaçaõ. Se podesses procura atrahir a Cond.^a de Sam Payo: he melhor do que se cuida: tem m.^{ta} virtude, certa amizade bem aproveitada, poderá servirte m.^{to}, que o sei eu. as Irmaãs não tem as mesmas qualid.^{es}.

Isto he, m.^a Querida Lilia, o que pode dizer de taõ longe a m.^a amizade; se te parecer confiança excessiva, desculpa o effeito pondo os olhos na cauza, e dame a correcaõ, que julgares que toda hei de receber com estimaçaõ e rendim.^{to}

Naõ devo encobrirte que a noticia desta novid.^e foi mandada desse convento; peçote que nunca comunique a ninguem as destinaçoens de peçoas, q te faço nesta, porq bem sabes que sãõ odiozas, e que só o enteresse, q me debes [p. 5] as desculpa [sic].

Por ultimo devo agradecer-te o cuid.^o que tens em mim: eu fico boa, e te peço q

¹ Lacunas polo mau estado do suporte.

aceites o dezejo que tenho de servirte. Oh se eu podera fazer a toda a ora! Poem aos mês de tua May, e Irmaã o meo resp.^{to}, e faze q ninguem afaste dos teos, o coração da tua fiel

T

[11.] A viveza do meo pezar, não quer oje /m.^a Lilia/ ceder ao enterece da m.^a amizade: tem-se apoderado do coração, onde suprime todo, o que se oppem¹ á sua violencia. Sofrelhe por esta vez a groçaria, que p.^a o correio he provavel que esteja menos rebelde, por isso mesmo, que não modera a sua tirania. Offerece a tua May, e Irmaã os devidos agradecim.^{tos} que merece o favor, comque me onraõ e livrate desses impertinentes ataques ate p.^a não acrescentar a afflição da tua fiel

T

Estremoz 9 de Nov.^{bro} de 1770

[12.] Estremoz 16 de Nov.^{bro} de 1770

Sim, m.^a Lilia Adorada *as agradaveis esperanças que a Religiaõ nos persuade* as serias reflexoens que a razaõ nos fornece sobre a mizeria, que occupa esta infeliz regiaõ de pranto, capazes são de moderar a viveza do meo pezar, de extingui-lo não, porque isso he officio, que só pertence ao tempo, e este consumidor de todas as couzas, por voraz que seja, respeita desta vez a umanid.^e, e deixalhe satisfazer a todas as suas obrigaçoens. *Que il est beau de pleurer quand'on regrette les exemples d'un ami vertues* dizia Madame de Sévigné. eu dicera antes que *il est juste de pleurer, quand on perd'une veritable amie*, quando on regrette, sans ressourse, les exemples d'une verteuse Dame, e se as lagrimas se não haõ de conseder à compachaõ, inutilm^{te} depositou a natureza em nossos coraçãoes o manancial, de que procedem. Com tudo como tu o mandas, eu procurarei serenarme [p. 1] e á força de reflexoens farei voar a m.^a alma aos citios onde te concidero, p.^a occupar toda a m.^a imaginação na contemplação das tuas virtudes, e belleza; porem se ella ás vezes se rebellar não a crimines, compadecete sim de q seja tão volubil, que não possa fixar-se onde tem a sua maior fortuna. Sinto que a repetição da tua molestia acrecente o meo cuid.^o e me prive do alivio, q me daõ as tuas cartas, ou seja dificultando-lhe a extenção, ou representando-me que ainda com esta pequena applicação se agravará a tua molestia. Contempla os meios de vencê-la p.^a felici.^e m.^a e consolação de tua May e Irmaã a q.^m beja as maõs

a tua fiel

T

¹ Talvez por *oppoem*.

Triste socorro m.^a Lilia, he o da imaginação p.^a quem vive distante! occupada sempre em contemplarte, meço o tempo, conto os dias, que tardarão as m.^{as} cartas em chegarem a tua mão; talvez me lizongei de que te saõ agradaveis, talvez te vejo pegar na penna p.^a responderme deixar por este exercicio outros mais dignos de devirtir-te [sic]: parece-me às vezes que amor te guia mão [sic] para me favoreceres, que elle dita as expreçoens, comque me onras, e emq.^{to} nisto me entretenho, tu nem recebes carta m.^a nem discorres, que haveria dilação na remeça, e affligeste porque me supoens doente, cedendo á força da m.^a dor. que triste socorro/ torno a dizer/ he o da imaginação p.^a quem vive auz.^{te} ! A incerteza, em que estou ainda sobre a entrega da m.^a carta, e a impossibilid.^e que tive o corr.^o passado p.^a escreverte/ nascida de huma improvisada jornada q fui obrig.^{da} a fazer/ me tem consternada, não sabendo o que discorra a teo resp.^{to} e tomando as sentenças do teo juizo, por isso mesmo que tem corrido a cauza à reveria¹; mas se tu me conheces, Querida, não terás feito injuria [p. 1] ao meu car.^o, menos ainda duvidarás da m.^a amizade a qual por hum milagrozo effeito do teo merecim.^{to}, fortificasse no meo coração, aprezar da auzencia, q costuma destroila. Mas que digo? apezar da auzencia? ella he quem me favorece os meios, ella quem lhe sustenta o imperio que lhe confiou a razaõ, por q com a mortificação de me ver longe de ti, de tal sorte se avivão as ideas das tuas virtudes, dos teos dotes, que a cada instante me [namoro]² [renamoro]³ de ti, me satisfaço da m.^a escolha, e me sinto enternecer como se junto de mim estivesse. Ah se me visses q.^{do} isto escrevo! como me julgaras digna da p.^{te} que me dás na tua estimação! não he soberba, Lilia, he conhecim.^{to} do que vale hum verdr.^o amor, filho da justiça, nutrido pela razaõ, e ligado pela virtude, que o defende da inconstancia, e q o abona contra o tempo, o tempo consumidor de tudo. Mas eu devo sahir destes protestos; reeitalos [sic] seria fazelos suspeitosos; com tudo sente a alma tal prazer em repetilos, que se offerece á penna de os julgares impertinentes, p.^a não perder o gosto, que tem em proferilos: castigame se quizeres, determina o limite das m.^{as} [p. 2] expreçoens, que eu/ se poder/ serei mais prud.^{te} p.^a o futuro. Porem tu, m.^a Amada, que me dizes de ti? estás livre dessa impertin.^{te} queixa, que te affligia? q.^{do} se verifica a tua mudança? tudo dezejo saber, com a suas circunstancias, que seg.^{do} *M.^a de Sevigné* todas entereção, todas se dezejaõ, quando se ama com ternura huma peçoa taõ amavel como tu. De mim poço dizerte que paço melhor; mas que não vivo allegre, temse habituado o coração a padecer, e q.^{do} se reveste de allegria, sempre esta mascara lhe fica como vestido construido p.^a corpo alheio. Com tudo estou capaz de servirte, e será isso o que melhor se acomode com os projectos, que formo da m.^a felid.^e Bejo as mãos a tua May, e Irmaõ; e em q.^{to} não chega o corr.^o deixote entregue á tua gentil applicação, que eu dezejo dezafiar, e promover: oh se estivesse em mim!

Acabo de receber a tua carta; oh quanto te devo nella! Sim, m.^a Lilia, eu me consolarei, e p.^a fazelo m.^{to} conduzem os teos concelhos as tuas reflexoens, e como vem envoltas na suave harmonia da tua Lyra facilm.^{te} se entranhaõ no coração. A occorrença de cartas de negocio me difficultaõ dizerte agora o que penço da tua poezia para o correio o farei e responderei ao que [p. 3] me perguntas da tradução. Tirei da m.^a gaveta onde estavaõ fazendo quarentena p.^a entre tanto se lhe hir castigando a peste, esses desconcertados delirios; ninguem [sic] melhor que tudo [sic] pode curalos; remedeia-lhe as chagas, que vão apontadas; descubrelhe sem compachaõ, as que estão occultas; e mandame tudo, o mais despreça, que poderes, sem que outros nenhuns [sic] olhos o vejaõ. Os teos, cheios de graça, deramala [sic] haõ por todas as estancias que correrem;

¹ O m. q. *revesio*?

² Riscado.

³ Entre linhas.

os alheios menos peidozos, ou beberaõ o veneno, ou lhe acrescentaraõ a malignid.^e. Fio de ti, que me serás fiel, pois to merece assas a candida amizade da tua

Amoroza

T

Naõ me fica outra copia, o que me faz ser percizo q volte essa.

[14.] Estremoz 11 de Janr.^o de 1771

Ontem, m.^a sr.^a, recebi tres cartas da tua letra precioza todas tres me onraõ, todas lizongeaõ a m.^a amizade e por consequencia todas provocaõ a m.^a gratidaõ. O dia d'ontem sempre malencolico p.^a quem ha de pagar o desperdicio dos annos que nelle conta, naõ me deixou a cabeça em estado de poder ao menos começar os meos agradecim.^{tos}, antes que elle se acabasse; o de oje começa cauzandome terriveis ancias, suponho que saõ effeito de ter perd.^o o sonno esta noite discorrendo em ti. Nada deve darte cuid.^o por que tudo cura, ou tudo extingue *o tempo que naõ cança*. Naõ posso nem devo, disgostar-me de que me troques pelos exercicios da tua virtude: ella me edifica, e quando a considero, a resp.^{to} como a maior onra da m.^a amizade, e o principal objecto do amor que te consagro. Sinto naõ saber mais sedo da molestia dessa infeliz, porque talvez a remedara com huma facilima receita, comque tenho dado a vida a outros em iguais circunstancias; o ponto he que tu estejas recobrada do trab.^o de Enfermr.^a, p.^a que te considero poco robusta. Os teos versos m.^a Lilia onravaõ demaziadam.^{te} o dia do meo nascim.^{to} justo foi que naõ fizeses crescer tanto a m.^a vaid.^e por que te obrigavas a pena de ser occasiaõ do meo pecado [p. 1]

Com tudo como dizes que escrevestes, he razaõ, que eu espere, q algum dia me contentes com a posse desses tezouroz, a que já tenho direito. Entre tanto dizeme se a ode he Pindarica, se Epodica, se Anacreontica?

Naõ posso cabalm.^{te} agradecerte a remeça da tua Epistola; eu darei razaõ de mim p.^a o corr.^o, se as m.^{as} mazelas o permitirem: agora remeto o soneto mal copiado, por que naõ tenho hum bom amanuence, a Elegia com a resposta da Poeta que consultei, e della veras, q lhe naõ foi [no]¹ meo nome, e q ignora cuja seja. Creio q taõ bem remeterei o teo idilio com os meos reparos, e no fim hum remedo da Anacreonte [sic], que tu me inspiraste, com a troca da Liberd.^e. &r.^a Naõ defendo a Elegia contra o teo reparo no ponto de *emudecida* porque fora isso *travailler des riens* Se tu julgas, q fica emudecida duas vezes pelo modo, porque me explico, e duas vezes significaõ mais do que huma, isso he o que eu dedezejei pintar naõ qualquer mudez, naõ qualquer silencio, mas hum silencio eterno, hum silencio forçado, hum silencio que por mais q se encareça poco se exprime. Naõ só naõ offendestes com este reparo, mas antes me obrigastes infinitam.^{te} tenho hum [p. 2] coraçãõ sincero; o character da lizura he o que mais o lizongea; alem dequê com o teo reparo destesme huma occasiaõ de instuirme, porq me estimulaste a folhear os meos Bartolos, que estavaõ ha m.^{to} em socego. O sugeito de quem me fallas, que se te offereceo p.^a me trazer huma carta tua; aqui estive no penultimo dia do anno. Faloume de ti conhecendo, que me lizongea; mostrou que tinha visto alguma das Epistolas, comque me tens onrado. Eu esgotei a fonte quanto pude, sem deixar nada a rever; depois q supuz a torrente exausta, disselhe com huma seried.^e, que dizem me he natural: que era verd.^e. que tu me tinhas favorecido por m.^{tos} modos, e hum delles era confiandome os teos versos, os quais, como eu os reputava

¹ A leitura nom é segura.

hum tezoiro, q a amizade me tinha confiado, os conservava com o respeitozo recato, que se devia á sagrada mão que os escrevera.

Mostrou que se agradava da lição, dezejando q todos fossem animados pelo espirito, que me governava; pude conhecer que os teos versos se tem vulgarizado m.^{to}, e isso me fez uzar de algumas cautellas com quem escreveo a carta, que te remeto, o qual pernoitou nesta caza ha pocos dias de passagem p.^a Lisboa. Foraõ estas pintar-lhe o reprehendivel indecoro, comque oje se trata em Lisboa [p. 3] o respeitozo nome de pessoas p.^a q.^m se deve sempre olhar como p.^a hum misterio da veneração. Que eu sabia, que algumas peçoas abuzando da confiança q se lhe tinha feito dos versos de huma snr.^a m.^a Amiga /logo te nomeou/ tinhaõ espalhado alguns, que tu escrevias p.^a divertirte, e não p.^a os ostentar, e que como tinhas hum gr.^{de} talento, e cada dia cobravas novas Luzes na tua applicação justam^{te}. te desgostavas de que se tivessem vulgarizado os brincos da tua penna, ou os desafogos da tua malencolia. Deilhe por este modo a correcção, que me pareceo necessaria, não p.^a elle mas p.^a aquelles a quem certam.^{te} ha de comunicala, e convem que a comunique. Isto faz huma verdr.^a amiga que por tal bem te merece as promeças da tua constancia e os protestos da tua fidelid.^e Tens razão de temer tudo, a tua sorte faz necessario este temor, e a m.^a amizade precisa toda a cautella. Eu me aproveitarei de Dionizia Thereza do Canto; mas se ella vive nesse Convento, sempre debaixo de seo nome dirigirei a m.^a carta ao de tua May e com outra letra por evitar suspeitas e desconfianças, e pela antiga via continuaraõ as cartas que não importarem se bem que eu julgo que não ha infedilid.^e [sic] nas remeças. Dizemme q aprendes, e falas Inglez; estimo, que nisso te divirtas, mas não aprendas só essa lingoa, que poderá taõ bem haver motivo p.^a algum misterio; a latina merece a tua applicação, e com ella ceçará o misterio, que poderia achar-se na Ingleza. He tempo de acabar. A D.^{os} amada m.^a /se o permites/ abraça por mim tua May e tua Irmaõ não me negues aos teos pés o trono da tua T

[15.] Estremoz 18 de Janr.^o de 1771

Vejo na tua carta, m.^a Excellente Sr.^a, que te empenhastes fazer festivo o dia dos meos annos; e do q me escreve m.^a Tia, o excesso com que me onrastes; buscando adornada da mais *agradavel formozura*/ como ella mesma se explica/ Cruel! estando longe de mim, para que fizeste[s]¹ tanto? Não sabes que sou inveja das q te viraõ, não posso considerarte formozissima? Quanto deve n'otras occazioens a m.^a imaginação, me fica agora compensado² com a impaciencia, que [me]³ cauza a scena; que ella me representa. Eu te vejo; mas de q modo? parecesme huma Divindade prezindo as coreas⁴ das tuas Ninfas: Ninfas mais felices, que eu, vós a vistes, e podiais bejar a linda mão, adorar o terno semblante, e eu, eu com tantas legoas de distancia, se a favor da fantezia vos acompanho, oh e q.^{ta} dor me custaõ, quando se desvanessem, as images aerias, q me lizongearaõ. A fingida pena de Tantalo, não seria taõ cruel como esta m.^a verdar.^a ancia da unirme com o chaõ, que pizas, p.^a q exprimisse a mudez da minha boca gravada nelle, quanto não sabe exprimir a voz do agradecim.^{to}, que inunda o meo coração. Estou

¹ Riscado.

² Leitura pouco segura: mancha de tinta.

³ Entre linhas.

⁴ Coreia: «Rubrica: dança. Diacronismo: arqueologia verbal. Na Grécia antiga, dança acompanhada de cantos».

na verd.^e malencolica pelo mesmo que devera alegrarme: as evidentes provas do que te devo /quem tal dessera?/ são as que me malencolizaõ: não julgo que te admirarás desta contradição; mas se te fixer novid.^e, consultas amor neste ponto, q elle responderá por mim. Eu não sei o que te dizia o correio passado, m.^{to} [--][p. 1]nos¹ ainda [me lembro]² do que escrevi ha tantos corr.^{os} Escrevo como se te fallara; o coração poem na penna, o que derramara nas pallavras, se estivesse contigo; porem as desconfianças de que me fallas, não podiaõ serte injurias, sendo fundadas no conhecim.^{to} de mim mesma: lembrome que te pedi/ não sei por q termos/ que se algum dia mudasses d'opiniaõ, ou se a civilid.^e te [-----] fazia equivocar os termos com os d'amizade, e eu os bebia com a suavid.^e d'amor, não sendo mais que meros effeitos de uma urbanid.^e onradora, me não deenganasses; isso ainda o digo, mas repara como o digo que he dado o cazo, e não conced.^o Digote que não sou capaz de soffrerte infeliz, isto quer dizer; que te amo m.^{to} deveras, e quem ha que deva queixarse de que adorem? Porem se isso succedesse, está certa de que não havias aborrecer as m.^{as} queixas, por que o meo sistema nesse ponto, he hum poco afastado do comum: emfim não percamos o tempo em figurar cazos, q podemos empregalo em provas reais da reciproca amizade, que nos liga. Não he pequena a que recebo nas liras, que me ministras nos Poetas que me apontas; eu os lerei nas pocas oras vagas, que os meos cuid.^{os} me permitem. Eu ja te disse, que oje não tenho/ nem posso ter/ applicação regular. [A]lgum dia li, e o que li deixou-me occupada a fantezia das [p. 2] imagens, que tu me tens excitado com a tua correspondencia. Serviome m.^{to} p.^a entender os Poetas, e os preceitos d'Oracio, hum bom Mestre, que tive; depois facilitouse-me esta intelligencia com a filiz tradução do chamado Cand.^o Luzitano, as suas notas abrião me os olhos, fizeraõ me correr os Poeta, e procurar ouvir de palavra este sabio tradutor. elle formou commigo esse estilo, de que te não desgostas, elle me obrigou /p.^a instruir-me/ a fazer por escrito o meo juizo sobre qualquer obra, que lia fazendome dar razão do meo dito, corroborada com os preceitos da arte: elle me confiou excellentes manuscriptos, onde bebi o melhor q podia observar em todos os Poetas gregos, e latinos: e se a m.^a saude se não oppozera [sic] aos progredos, q podia pazer a m.^a applicação, com hum tal socorro, estaria oje em estado de poder trabalhar p.^a os otros; porem a impossibilid.^e de regular as oras p.^a o estudo, huma vaidosa ambição de o não largar, me poz em circunstances de o perder de todo. Perdi em gr.^{de} parte a vista, desordenouse-me o estomago, enfraqueceose-me a cabeça, e puz-me em estado, que disse a D.^{os} a tudo o q podia fazer-me oje mais digna da estimação com q me onras. Convalescí, mas não tornei a ser quem d'antes era; cazei e foi percizo voltar a alma p.^a as varias obrigaçoens, q me representaraõ as meditaçoens de quatro annos, q estive p--[p. 3]ta³ a cazar. Agora mostrame o *tempo q não ceça*, e mostras-me tu com a tua Epistola *que sou mortal*, e q.^m deve morrer... quem deve ajustar huma conta de 32 annos, huma conta, q se engrossa cada dia, pela abundancia da receita, e pelo abuzo della, não pode empregarse m.^{to} tempo em coizas, que não contribuaõ /posto que não impeçaõ/ p.^a esse ajuste. Exaqui m.^a snr.^a a historia dos meos cançados estudos, exaqui as cauzas das incoherencias, que observarás nas reflexoes que fiz ao teo Idilio, as quais mandei com tal precipitação, q nem este titulo lhe puz, á m.^a ode falta m.^{to} p.^a não ser má: sahio da pena, sem jazer os dias do costume sugeita às mutilaçoens, que lhe farei se de huns desconcertados borroens, q me ficaraõ poder ainda arranjala. Corrigea tu, e será mais feliz. Agradeço m.^{to} deveras o favor, q teo irmão queria fazer-me no cazo, q não tivesse recebido as tuas cartas. Eu deixo huma copia da Epistola, e restituo o Exemplar q me mandaste. Nelle vão apontados alguns versos com estas letras C-L- medeos, acharás

¹ Lacunas polo mau estado do suporte.

² Entre linhas.

³ As beiras do papel estão deterioradas. Refere-se provavelmente, ao processo de petição de licença para casar que se demorou durante anos.

o que ellas significão. Creio que na maior parte foi erro da penna, porq he natural, q tu ditasses este verso =Fazendo ecco em nossos coraçõens= assim como taõ bem estes =Huns estintos de todo, outros mui raros= Aqui/ junta a Tiranna/= [riscado] = &r.^a com estas pequenas mudanças, e outras q tu farás julgo q darás licença q m.^a May a veja, a m.^a Elegia ainda lhe não foi, porq eu sou fiel no que prometo. A tua May bejo mil vezes as mãos pelo favor, comq me destingue, e o mesmo digo a resp.^{to} de tua bella Irmaã: Quero q me digas se *a terna Marcia* de q.^m me fallas se entende della, ou da Sr.^a Marqueza. De todas V. Ex.^{as} dezejo boas novas eu de mim não as darei más se bem, q a molestia de m.^a May me tem cuidadoza, e por consequencia pôco boa se bem que [sic] sempre capaz de servirte como

Fiel cap.^{ta} tua T

[16.] Estremoz 26 de Janr.^o de 1771

Este corr.^o fiquei m.^a Sr.^a sem carta de q.^m me remete as tuas; tiralhe a consequencia, e verás q.^{to} me seria sencivel a falta. Não sei como estas; ignoro o estado da m.^a filicid.^e [sic]/ isto he/ da tua conservaçaõ; e posto que as dezordens do correio/ que taõ bem me deixou sem outras cartas/ me animaõ a suppor tudo, o q me he favoravel julgando, e a a elle só [favorável]¹ culpado sempre a incerteza me afflige, e martiriza Eu fico, de saúde boa, de animo m.^{to} mal, porq estou malencollica, e não viestes allegarme, como costumás; mas de qualquer modo estou prompta p.^a obedecerte: assim to jura

T

P:S: Ache a perd.^a epistola:

alvoraceime [sic] como se não tivera copia. Poemme aos pés de May, e Irmaã a q.^m protesto a confirmaçaõ do meo obsequio.

[17.] Estremoz 31 de Janr.^o de 1771

Não m.^a sr.^a, não pode ser trocarse a *Fidelissima Lilia* he impossivel, nem ainda pela *terna, delicada piedoza Marcia*. Il cor, che ti donai se non mel rendi oh Dio! = Non può cangiar de fio, = non può mancar di fé². Sigurame [sic] tu, na suave prizaõ da tua amizade, se receias, que elle se rebelle contra a sua fortuna, e podes estar certa de q eu direi como Metastazio = Se per tutti ordine amore =cosi amabili catore, =é bem misero quel core, =che non vive in servitu

Não quero fallar na tua modestia, não só porq me convem supola extinta, mas por que receio que as minhas expreçoens te declarem, que falto ao preceito, que me

¹ Riscado.

² Pode ser umha variaçom sobre: «Tuto, per pena mia, tutto rammento./ Che non mi disse un di!/ Quai numi no giurò!/ E come, oh Dio! si può,/ Come se può cosi/ mancar di fede?», Metastasio, *L'Olimpiade*, atto II, scena IV in http://www.bibliotecaitaliana.it/dynaweb/bibit/autori/m/metastasio/olimpiade/@Generic_BookView: (23/12/03).

puzestes de me não afligir com ella: duro preceito o que me tem feito lutar com a m.^a pretenção, e nessa luta acrescentado o trab.^o de limitar a tua molestia, sem dar ao coração a liberdade de se derramar pelos olhos, quando parece que já não cabe no peito. Tua Irmaã achou o meio de consolarme /quanto he amavel a terna Marcia/ mas eu não sei os termos, porque possa agradecerlhe o que lhe devo nesta piedosa lembrança, tu por mim lhe beja a linda mão, e ao bejar-lha, pensa até, pensa [p. 1] che sei =Il più dolce piacer di giorni miei¹.

Este correio recebi tres cartas da tua letra; esta repetição sempre me lizongeia; a mais antiga deixame consternada, e se te não explicas fazesme sentir tudo o q a m.^a imaginação me pode figurar; e deste modo, querendo pouparme huma angustia, me fazes suportar mil.

Explicae porq.^m es, e se as m.^{as} cartas tem despertado em ti alguma preocupação malencolica; adverte que ellas se dirigem a acautelar o futuro, e não a martirizar pelo paçado. Não sabia que tinha chegado a tanto a prevaricação da nossa corte, que se atrevia a fabricar tamanhas imposturas; mas se he tal o seo excesso verás que não eraõ imprud.^{tes} os meos receios, e que não foi temeraria a m.^a propozição, quando supunha mais culpadas as insolencias dos nossos *tollos que as tontisses dos nossos velhos*. O misterio da lingoa ingleza, não deve confiarse de huma carta, cujo destino he incerto. não he preciso que deixes a applicação, e he excellente a rezolução de aprender latim com o mesmo Mestre; talvez isso basta. Minha Lilia, tu es m.^{to} amavel quem recebeo este dom da Providencia atrahe sobre si os olhos de todos: os invejoso, observaõ, interpre[p. 2]taõ, inventaõ, e como estes saõ os mais, toda a cautella he pouca p.^a evitar as suas malignas attençoens. Algum dia o sagrado das peçoas era hum fortissimo escudo contra estes golpes; oje, depois q se perdeu o *respeito ás Divind.^{es}*, nada ha siguro. Contra as imposturas ninguem se pode accautellar, mas pode evitar as apparencias, que as confirmam. Não se pode embaraçar, q hum omem de inferior condição tire d'algibr.^a hum soneto, e que to atribua; mas se tu fizeres estabellescer a doutrina de q não confias os teos versos, e os fizeras caros, com huma especie de escrupulo, não se hade crer o impostor. Alem de q eu me persuado /he discurso/ que esta devacidaõ tem procd.^o de que algumas fr.^{as} tenhaõ dado copias; destas tiraõ-se outras, e exahi vulgarizado hum brinco, q m.^{tas} vezes senaõ fez p.^a apparecer. Dado que este tenha succ.^o q lhe has de tu já agora fazer? debes mostrar que sabendo que algumas peçoas abuzaraõ da tua confiança, te não queres expor a segundo abuzo: faze estabelescer esta doutrina, ainda entre as peçoas como nos não faltará occasiaõ, em q fique natural, e como, tu mostres que não aprovas a devacidaõ, quazi que não importa, q a ouvesse, abonando a differença p.^a o futuro, que reprova o effeito involuntario da tua confiança. Dilata o [p. 3] coração, na certeza de que a m.^a Amizade não he ma p.^a isto: eu espalharei as doutrinas, fazendo conduzir as couzas de modo q chegue a ser arguida de não mostrar as tuas composiçoens; para poder entaõ dizer o que julgo quererás que eu diga nesta materia. Em fim, m.^a sr.^a, he percizo que te dezafoques, e que tomes por Protector s: Joaõ Nepomuceno: he devoção que dezejo inculcar a toda peçoas, especialm.^{te} da nossa qualid.^e: fazelhe algum particular obsequio todos os dias; entregalhe todos os teos cuid.^{os}, en conservação do teo preciozo bom nome; e descansa que não ha de ser bald.^a a tua fê. Eu tenho experimentado taes favores de baixo desta Protecção, que saõ inexplicaveis, e digo q quem dizer se me engano, que procure ter experiencia propria. Conservate p.^a o tempo feliz; entre tanto aproveita o tempo desse

¹ «Non v'insulto, o compagne: anzi alla vostra/ Negligenza degg'io tutto il più caro/ Fruto de'miei sudori,/ Ch'è il piacer di giorni: O me felice! Se l'istesso amor mio, che or vi difende,/ Pròvvide ancora in avvenir vi rende», Metastasio, *Cantate e altre poesie*, Cantate XXXIV «L'inverno ovvero la provvida pastorella» in http://www.bibliotecaitaliana.it/dynaweb/bibit/autori/m/metastasio/olimpiade/@Generic_BookView: (23/12/03).

retiro, p.^a conseguires huma sollida e verdr.^a instrução: divertete com as muzas; porem menos com ellas que com os que insinaõ a tratalas. Ha m.^{tos} tratados de Eloquencia; os preceitos desta arte são absolutam.^{te} necessarios p.^a toda a composiçaõ. sem rethorica não ha poesia. A falta de methodo na liçaõ, faz utilizar poco, ainda que se leia m.^{to} Tu es Sr.^a de todas as tuas oras, repartes de modo, q cada qualid.^e de applicaçaõ [p. 4] tenha seo tempo determinado. Eu te aconselho o q não faço; mas não o faço porq não posso e porq nunca apude. Isso me faz ter uma grande falta mas se eu tivesse filhos, o meo prejuizo me faria acautelar os seos nesta p.^{te}

Eu quando escrevo sempre me dilato, porq me parece, q te fallo que [me]¹ escutas; e ás vezes fico como esperando as tuas respostas; mas logo me dezengana a certeza de que hei de esperar oito dias por ellas. Ah! e como viraõ que me dirá o futuro corr.^o de ti, de tua saude, da nossa amizade, da m.^a fortuna? Desta vez posso dizer como a Sevigné pensies ne sout ici pas tout -afait noires, elles sont tout au moin gris brun= A esperança me sustenta contra o temor de que não estejas restabelecida; e esta [riscado] [fiel]² companheira, ultima em deixarnos quando padecemos, he meo socorro, tanto confio nella que atrevo a prometer a certeza de que estas boa; mas que sera de mim se me enganar? Dizeme sinceram.^{te} q te pareceo a gloza do soneto do Garçaõ achas que ha illustraçaõ do texto? que esta conforme no estudo com elle? q vai coherente na fraze? que te parece a gloza do verço *estremeceo tentando levantar*³ [p. 5] parecete mais natural a cauza que lhe dou p.^a o estremecim.^{to} que a que o Autor lhe finge no soneto? Dizeme sinceram.^{te}, o que julgas: este modo de obrar verso alheio, creme, q ensina m.^{to} a governar no proprio: fogese do máo, imitase o bom. Do que he meo, tens que tirar o primr.^o fruto do q for aheio ambas procuraremos o seg.^{do} Dezejo q me corrijas em tudo; por isso não posso consentir em q me peças licença p.^a responder as m.^{as} reflexoens sobre o teo Idilio castiga o q quizeres, que ambas nos utilizamos tu no que estabelesces, eu no que aprender de ti. Mandasme q te informe do estado da m.^a saude: quiz D.^{os} que te podesse dizer, que estou livre de huma esquinencia, q me ameaçou quarta fr.^a: por beneficio seo, passou a inchaçaõ interna p.^a o exterior, e hoje posto q ainda conservo aspereza na garg.^{ta} estou capaz de satisfazer aos preceitos que a Igreja impoz neste dia. Das muzas não te posso dar novas: eu não corro atraz dellas, acolhoas quando ellas me vem buscar, se estou de vez desfruto-lhe o prestimo; se tenho q fazer em occupaçaõ mais seria contentome com as receber sem as des[p. 6]prezar. Comecei ha dias, huma ode Pyndarrica, parou na 3.^a ou quarta estancia, porq sobreviraõ coizas de cuidado, e opressão, que fizeraõ cortar o fio; quando serenar o tempo veremos se pode ligarse de modo, q se não perceba a quebra. Está de ferias o bom Telemaco esperando q o socego do Vimieiro me leve outra vez a Ilha de Calipso onde o deixei, p.^a continuar a sua traduçaõ em verso.

Foi hum projecto, q me occorreo o anno passado pode ser que se não continue, porq eu tenho poco tempo, e ainda menos paciencia, e como a vida he curta, e a morte se apreça he provavel que toda esta papelada informe fique p.^a acender o fogo dos que ficarem. Se assim for daõ nos a luz q merecem. A D.^{os} m.^a Sr.^a M.^e de Sevigné fazia escarneo no seo tempo das cartas que acabavaõ faites moi la justice de croire que je suis &r.^a e que diria de acabarem as nossas sempre pelo cumprim.^{to} de estou pr.^{ta} p.^a servirvos? M.^{to} ha que tenho m.^a teima com esta impertinencia as vezes bem mentiroza,

¹ Entre linhas.

² Idem.

³ Refere-se ao soneto «Numa Galé mourisca aferrolhado» (soneto XXVII das *Obras poéticas* de Garçaõ; 1778: 27), reproduzido junto com a glosa de Mello Breyner por Francisco Topa (2000: 65-71). Segundo Topa, a glosa aparece em dous manuscritos, um da BNL (Cota 8610, pp. 139-147), atribuído a Joana Isabel de Lencastre Forjaz, e outro da Biblioteca do Arquivo Distrital de Évora (Fondo Manisola, 106 [f. 52r-55r]), atribuído neste caso a Teresa de Mello Breyner. O conteúdo desta carta esclarece que a segunda atribuição é a correcta.

eu a tenho desterrada nas m.^{as} cartas de confiança, e nestas q te escreve a [p. 7] m.^a amizade ainda lhe acho menos lugar. Aseverarte [sic] m.^{tas} vezes que dezejo servirte não fora mostrar que ainda não fui capaz de te persuadir huma? he certo, e a m.^a vaidade não se acomoda com semelhantes humiliaçoens. Se queres confundila teima como atéagora em negarme os teos preceitos mas se queres lizongearme ah não me dilates, querida Lilia, a prova mais ardente de que he

tua cap.^{ta} a fiel
Estremos o 1º de Fervr.º de 1771

T

[18.] Estrenoz 14 de Fervr.º de 1771

Como tu m.^a Estimadissima Srn.^a estas livre da molestia que te oprimio e que tanto cuidado me custou não devo perder tempo em disputar se as m.^{as} expreçoens podiaõ produzir o milagrozo effeito quando so me devo empregar no gosto de o festejar seja qual for a cauza a que se deva atribuir. Eu fico boa, mas não bem porque minha May teve hum forte insulto de erisipella, e posto que está melhor o meo coração me pode socegar-se em quanto [naõ]¹ recebe a certeza de q está cabalm.^{te} restituida.

Estimo que a cauza da tua malencolia seja daquellas que o tempo dessipa; elle se apreça tanto na sua carreira, que não tardara em trazerte o socego nem [----] estimar tudo o q he capaz de satisfazerte. M.^{to} ha que guardar as tuas cartas, e o combinallas; me dá ás vezes mais gosto quem tal dissera? que o recebêlas se um pudera unilas com as m.^{as} respostas saberia se tinha adiantado, ou não no meu discurso no que tenho escrito a respeito de algumas porem como nem as especes me ficaõ de que escrevi deixo ao cuid.º do celebrado tempoa explicação dos misterios q por ora encobre.

Naõ pertendo que te conformes com as minhas ideias em coiza alguma. As grandes conversaçõens que tenho com a m.^a alma no centro desta sollidoens, tem me dado a conhecer, que não devo ter apego as m.^{as} propoziçoens menos [p. 1] ainda a imaginada formozura dos meos pençam.^{tos} Fora impertinencia apresentar as razõens; tu as compreenderás sem isso. As m.^{as} reflexõens ao teo Idilio foraõ informe parte da m.^a obediencia ao teo preceito: foraõ menos impertinentes, se aqueles fossem menos reciterados [sic]². Se os verso [sic] liricos, ou Eroicos, saõ destintivos [sic] dos Poemas ou não isso, os mestres o dizem, eu como nem discipula sou, não defendo a questaõ; agora que posso dizer, ainda ignorando tudo, he q a dignid.^e da frase, a regulari.^{de} do metro, em cada huma das suas especies, e a clareza dos pençam.^{tos} saõ absolutam.^{te} necessaria p.^a constituirem o perfeito [e pratico]³ Poeta isso sem estas p.^{tes} todo o corpo da Poezia, por precioza que fosse seria taõ inerte como huma formozas Dama, balbuciente nas palavras, e de entorpecidas aççoens. Como tu aprendes latim ja o entenderás /se não perceberes quanto he percizo o teo M.^e que te explique/ a 25.^a estancia da Poetica de Oracio, especialmente desde o verso

Non quivis videt immodulata poemata index, et data⁴ responda por mim, e taõ bem as antecedentes; mas he verd.^e que o author não [sic] he moderno. Com tudo p.^a

¹ Entre linhas.

² Talvez por *reiterados*?

³ Entre linhas, a leitura nom é segura.

⁴ *Ars poetica*, 263-264.

suprir esta falta, estão as notas do expozitor portuguez as quais porq confutaõ, e combinaõ, todas as mais q se tem feito, tem mereci[p. 2]do a attençaõ ate dos Estrangr.^{os}

Eu contentarame de q me não achasses erro nos meos versos. Taõ impossivel discorro que lhe aches bellezas! e porque a isto estou persuad.^a, e medito continuam.^{te} esta entença do mesmo Oracio

...mediocribus esse Poetis

Non homines, non Di, non concessere columnae¹

Me confirmo mais, e mais em que os meos versos não devem aparecer; a resp.^{to} dos teos milita outra regra, nem eu pertenderia equivocalos com os meos, quando te persuadi que os fizesses raros p.^a o publico: os fundam.^{tos} já tu os sabes; nisto nem tenho mais que dizer, nem tu de mim que reear, pois q nunca intentarei por limite as tuas acçoens, de qualquer modo respeitaveis p.^a quem te estima como

Cap.^{ta}, e assaz fiel

T

P.S.

Bejo as mãos a tua May

e Irmaã pela m.^{ce} q me fazem

A m.^a carta da semana passa

da ja te seria entregue

[19.] Estremoz 28 de Fevr.^o de 1771

Lilia invomparavel; adorada Lilia, e Sr.^a do meo coração. Quero responder a tres cartas, que recebo tuas; mas que posso dizerte no tumulto de affectos, que a m.^a [alma]² está produzindo, ja de ternura, já de sentim.^{to}, já de gratidaõ? cada qual quizera tomar o primr.^o lugar nesta carta; a luta he forte por todos os lados; parece q vence a ternura; porem apezar dos seos esforços, a gratidaõ se lhe oppoem: ella rege a penna, ella quer explicarse com tigo; mas de que sorte, Querida, poderá exprimirte os effeitos, que produzio em mim a tua carta de 26? Dizerte que o coração quiz disfeito em lagrimas bejar o papel, em que taõ suavem.^{te} te explicas a meo favor, fora pouco p.^a o que senti [sic], e talvez parecera suspeitoza a frase, a qual eu sempre dezejo, q seja natural Asseita, m.^a Sr.^a, esta mesma impossibilid.^e de explicarme como a mais evid.^{te} prova de que te não sou ingrata por vontade, e desta aparente, e quazi precisa ingratidaõ, argum.^{ta} a viveza do meo sentim.^{to} por terte magoado com as m.^{as} expreçoens. não pretendo darte maior prova da m.^a ternura, que essas mesmas expreçoens que te feriraõ; a m.^a penna nunca soube escrevellas p.^a outrem nem eu conservo mais cartas, que as tuas, cuja combinaçaõ me satisfaça. eu vou explicarme sobre o que te deve cuid.^o e feita a conficçaõ impoem a penitencia com tanto que logo me absolvas

A tua carta de [--]³ de Janr.^o deicho [me]⁴ afflicta por q diz [p. 1] recebi a tua carta com as tuas obras &r.^a e a pezar do que m'inspiraõ, não pude ainda pegar na penna p.^a [dezaforçar]⁵ [madurar]⁶ contigo as m.^{as} magoas. Não te posso dizer o que me afflige, porq tu te afligirias comigo, so te figuro q por mais dilig.^{cias}, que tenho feito p.^a fazermes

¹ *Ars poetica*, 372-373.

² Entre linhas.

³ Manchas.

⁴ Entre linhas.

⁵ Riscado.

⁶ Entre linhas.

superior ás *maquinas de certos individuos*, cedem todos os mos esforços *ao poder de quatro, ou cinco peçoas ociozas*. E depois quanto [obrase]¹ a meo resp.^{to} sobre os meos versos, &r.^a... *temo mais que se espalhem os que faço, que os que se me atribuem &r.^a*

A esta carta respondi o que tu sabes, e como te considerava afflicta, não podia deixar de assustar pela causa, qual quer q fosse e pelos effeitos quais quer que podessem ser: pedia te q te explicasses, e que se eu com as m.^{as} cartas tinha carta [sic] tinha dado ocazião a tua melancolia devias reparar no espirito que as governava &r.^a

A tua resposta de 12 deste vinha na verd.^e vinha [sic] concebido num estillo assas [riscado] diverso. Copeala p.^a mim fora gosto, p.^a ti podera parecer perluxid.^e: pareceume pelo modo, porq respondias, que não gostavas de que o meo estilo fosse tão franco p.^a contigo receei terte desgostado, e estimei conservar as tuas cartas por que seria maior a m.^a afflicção se eu não vira, que tudo quanto dizia na m.^a carta a q esta servia de resposta tinha por funam.^{to} os capitulos que cito da tua, e como esta combinação me tirava grande p.^{te} do meo pezar ficava p.^a mim duvidoso, se era maior o alvoroço de recebellas se o gosto de combinalas. Que era diverso o estilo, e que delle se inferia o q digo, não o posso julgar preocupação; porque mais alguém do [p. 2] q eu discorreio assim. Não te assustes: tu tens hum Irmaão digno da tua confiança, a q.^m tens confiado os desconcertos das m.^{as} cartas eu tenho hum Alfido q sabe respeitarte, porq sabe ha m.^{to} tempo entereçarse deveras pela tua familila: tem gosto especial em participar o nexo da nossa correspondencia, e porq lho negaria sabendo, que elle he digno de avaliar o favor q me fazes? este pois lendo a tua carta sem prevenção discorreio o mesmo q eu julgue e me confirmou que devia satisfazerte pelo q tocava a cinderid.^e das m.^{as} reflexoens ao teo idilio, e restrigir o meo estilo aquelles termos que te fossem agradaveis, ou ao menos indeferentes [sic]

Se as tuas cartas; não digo bem se a tua carta de 17 tivesse chegado ella me desvaneceria os meos receios; mas por desgraça foi a pr.^a vez que totalm.^{te} me faltaraõ novas tuas escreveo o mencagr.^o [sic] e nada fallava a este resp.^{to}; este silencio e aquella falta não me pareceraõ sem misterio. Olhei p.^a mim e achei-me qual sou; vi que não era impossivel perderes a preocupação comq até agora me tens favorecido; e julguei q não devia serte importuna; mas que importava igualm.^{te} ao meo coração não te parecer ingrata, e por isso te pedia a decizaõ, e sabe amor, com que susto a esperava: chegou mas nella q.^{to} devo á tua bond.^e! tu me satisfazes, e me argues sem queixarte do meo precipitado juizo com huma energia tal que não posso ler as expreçoens desta ultima carta sem provar os mais senciveis effeitos da ternura: nella falla o coração; não teve p.^{ta} na produção daquellas expreçoens hum estudado dezejo de satisfazerme; explicasse a natureza sem injuria d'amizade q acha [p. 3] toda a sua maior ventagem [sic] neste modo de fazerse conhecer; que digas *Candida Lilia*? não he assim quando podera? pois se he se conheço [sic] o que isto vale, argum.^{ta} quais seraõ os estimulos q experim.^{te} hum coração cuja paxaõ domin.^{te} he o agradecim.^{to}?

Posso affirmarte que não me passa pelo pençam.^{to} scandalizarme que me não confies quanto te pertence; huma carta não he seguro canal de hum segredo, alem de que ninguem [sic] me constituiu tiranna dos coraçoes das m.^{as} amigas, basta que sejaõ verdr.^{as} as provas da sua amizade a sua qualid.^e hade ficar-lhe livre: obrigas-me se me julgas capaz de saber o que encobres d'outros mas naó me scandalizas se me não disseres o que a ninguem revelas. Julgasme com justiça se crês que julgo como proprios os teos interesses; e por ser assim quando vi que estavas afflita, não podendo soffrer a tristissima representação, de q haveria algum novo desgosto contra a tua aflita familia levei o meo discurso p.^a aquella p.^{te} contigo espero, que não *seraõ confund.^{as} as nossas esperanças, porq vizinho está o Senhor dos que tem atribulado o coração; e hade salvar aos humildes, que nelle confiaõ*. Quando virmos completo esse gosto com jubilo

¹ A leitura nom é segura.

poderemos recitar o salmo xxxiii? Lêo, que te has de consolar ainda mais; e nessa lição não se aprende poca poezia; eu sempre q tomo na mão o *Psalterio*, me sinto encantar observando a magnificencia daq.^{las} imagens, quasi inimitaveis, e soberanam.^{te} Poeticas ainda algum dia se eu viver te heide dezafiar p.^a algum estudo sobre isto. Incencivelm.^{te} vim a cahir no q faz o objecto da tua carta [p. 4] de 17, e p.^a responder a ella digo ingenuam.^{te} que não mereço o q dizes de mim, e das m.^{as} obras: certam.^{te} digo q lhe não acho merecim.^{to} digno de reparo, e julgoa naquella mediania, q oracio não quer permitir aos Poetas, quando permite ás outras sciencias; de que nececita a socied.^e Parecem-me naturaes e o meo dezejo he de conseguir hum estilo facil, em tudo o que escrevo pode ser que por isso seja algumas vezes pedante; souvent le peur d'un mal nous conduit dans unpire. O certo he q Tout doit tendre au bon sensi mais pour y parvenir= Le chamin est glissant, et penible a tenir= Este conhecim.^{to} que Boileau me deo, me faz aprovar m.^{to} o pençam.^{to} em que estás de te entregar este anno a meditação sobre os bons Poetas. Tu dissesses maravilhas da Poetica de Marmontel; eu não a conheço, posto q a espero; mas parece-me q deficilm.^{te} podera exceder esta de Despreaux; porem ainda que exceda governate m.^{to} por esta, ao menos p.^a as combinaçoens. Nós temos hum Portugueza do Cand.^o, que taõ bem he m.^{to} boa, e he como huma recopilação do q se tem dito bom; as doutrinas são provadas com passagens dos authores de melhor nota e o estillo não enfastia. O estudo do latim hade darte hum summa facilid.^e p.^a tudo, porq ainda q oje as traduçoens Francezas parece q tem feito desneçario [sic] o conhecim.^{to} destalingua, sem a qual não podia n'outro tempo vadearse o delitado [sic] pego das sciencias; eu sempre discorro que elle he de hum grande socorro p.^a tudo; e a lição da Bucolica de Virgilio, he absolutam.^{te} neçaria p.^a formar o verdr.^o gosto pastoril q não consiste em fallar no rafr.^o, q se espreguica [sic], na [p. 5] choça q s'abrio tr.^a Elle certam.^{te} não disse nunca

«Purifcase o ar de luz brilhante"/ he do Matos/ mas o acomodo a singeleza do estilo com o character da peçoa, sem que se corrompa a frase, nem se envileção os pensam.^{tos}; porq estes são f.^{os} de hum espirito igualm.^{te} nobre no Pastor, que no Rey. As diversas ideias, q hum, e outro tem pintadas na fatezia [sic], he q fazem ser mais ou menos pompozos os conceitos; mas a nobreza q participaõ da alma não a perdem no omem, q a natureza formou bem, ou seja gr.^{de}, ou pequeno. Isto he o q eu acho dos versos de matos, que são demaziadam.^{te} abatidos na frase, pelo que toca aos seos antigos Pastores, e m.^{to} faltos de varied.^e; os mais modernos, especialm.^{te} a sua Beliza, são fructos colhidos em melhor estação, e tirados de melhor ramo. Elle bebe em Camoens, e com felcid.^e o imita; não conheço a tradução da Penelope; tinha ouvido que elle compunha huma tragedia; mas já vejo q era a tal tradução. O Quita na Poezia Dramatica não deixa de agradarme. A tragedia da Ermione, e a sua Pastoral achoas m.^{to} bem conduzidas se a morte o não talhasse, creio que neste genero seria feliz com o uzo, estudo, e meditação Do Brasileiro, em que me fallas, nada conheço posto que já tive na mão as suas obras apenas li algumas cançonetas, e como a impreção he má e eu tenho a vista debil, não forcejei, o que não socederia se gostasse. Taõ bem ouvi gabar m.^{to} essa Poesia do tal Jozé como quer que se chama [sic]; mas taõ bem nada posso di[p. 6]zer delle, porq o não li. Posmarte ha a m.^a indolencia a resp.^{to} da lição de tantos poetas, com que me fallas e de q te não sei dar razaõ: creio que assaz te tenho ja dito,; e apello p.^a q.^{do} tu fores Sr.^a de huma feliz caza; porq só entaõ saberás o tempo q leva o cuidado do socego, da educaçaõ, e da conservaçaõ de huma familia, de que te considerarás May por m.^{tos} titulos.

O Telemaco dizem que está misseravelm.^{te} estropeado nessa traducção; a m.^a começou com alguma felid.^e, porem eu ainda estou na perplexid.^e de a continuar rimada, ou em verso solto. Este tem por si m.^{tos} votos; e a liberd.^e em que poem o traductor p.^a exprimir o texto, me faz hum grande pezo. Por outra parte a candencia da rima, faz mais recomendaveis a memoria as estancias; e como o fim q pertendo na traducção /se

conseguir/ he pôr aquelles excellentes docum^{tos} de tal modo recomendaveis, que se decorem por gosto, e tenhaõ os meos f^{os} /se D^{os} quizer darmos/ ao menos o costume de os repetir, se não tiverem a felici^d de os praticar, pareceme que o verso solto, não he p^a isto taõ proprio. Dizeme o teo parecer, q he p^a mim m^{to} atendivel. Tu farias grande onra a m.^a May se quizesse saber della: eu tive ontem gr.^{de} susto, porq q.^{do} esperava a certeza de já sahir fora, tive a de ficar com seg.^{do} ataque; porem este corr.^o me siguraõ que fica restituída D.^{os} a conserve p.^o eu poder conservarme. Outro tanto dezejo á tua, e como sei o que he ter boa May, ainda me entereço mais, porq consigas a felici^d.^e de ver a tua emq.^{to} viveres. A ella [p. 7] e a terna Marcia bejo as mãos, e tu mandame em testemunho de que não desprezas as escravidão de

T

Sabado 2 pela manhaã

Bom jour ma tres cher coment vous portez vous? moi, je suis toute pleine de votre amitie toute occupée de votre souvenir; craignant toujours pour votre santé soupirant par votre presence oh mon Dieu! quand joirais je de cette aimable prezença? Dilles moi un peu si vous voulez que je adresse mes letres a une autre dans ce couvent; mais pour ne point faicher ma Tente; je enverrai toujours un petit billet sous son dessout. Pardonnez moi cette chienne d'ecriture, je voulu un peu jargonner, e se l'ai lacisse couvrir la bride au cou.

[20.] Estremoz [---]¹ de Fevr.^o de 1771

Recebo, Lilia adorada, quatro linhas da tua mão não te sei agradecer este favor; mas se tu ditasses podera eu ter o gosto de saber com mais miudeza de ti; e do estado da tua saude. Não ha razaõ q eu arrisque huma convalescença de q tanto depende o meo cuid.^o e o meo socego, por isso acabo pedindote me ponhas aos pés de tua May, e da terna Marcia, e que fiques persiad.^a da fidelid.^e, comq te ama a tua

Cap.^{ta}

T

[21.] Estremoz 8 de Março de 1771

= Le fer ravage enfin ce quie par grele tems
= Il frappe les humains, abbat leurs monumens
= Ne t'etonne done plus o Nynphe inconsolable!
= S'il soumet des cheveux a sa force indomptable²

Naõ Lilia não te admires se tua May sugeita ao rigor do ferro a formozura dos

¹ Mancha de tinta.

² Tradução francesa de *Elegy to the memory of an unfortunate lady*. Entre 1728 e 1766 registamos 20 traduções para francês deste poema de Pope. Pensamos que a fonte para esta citação pode ser a edição de 1758 localizada na biblioteca da Condessa: *Oeuvres diverses de Pope, traduites de l'anglais (par divers et recueillies par Elie de Joncourt): nouv. éd. augm. de plusieurs pièces et de la vie de l'auteur*; Amsterdam, Leipzig: chez Arkstée et Merkus, 7 v.

seos preciosos cabellos, as suas reflexoens lhe diriaõ talvez

Que sont a la Beuté ce culte imaginaire?

E quem he que pode resistir a hum impulso de tristeza quando o authoriza a
razaõ?

= Pour foi, dont cette perte eccute les douleurs

= Cesse, jeune Beauté, de repondre des pleurs.

Ce que reste a ces ieux, a son sprit charment

C'est beaucoup pour ta gloire encor plus pour tes sons

Facilm.^{te} adivinharás quem he a muza, que te consola nessa perda lamentavel na verd.^e, p.^a quem conhece a formosura do que se perdeo, e quem pondera a funesta raiz desta malencolica execuçaõ. Quando o coração está ferido, tudo molesta se o teo não estivesse taõ justam.^{te} penetrado, pode ser que huma moda, huma comod.^e te fizesse pertender o mesmo, que agora lamentas. Funesta condiçaõ da umana gente! Tu poderias fazer lindissimos Poemas a este assumpto, e m.^{to} melhor q Pope porque nelle te não governaria o espirito da Sitira [sic] que o rege¹ [p. 1] no poema que acuzas delle. Fazendolhe a justiça que merece digo que se não teve a gloria de ser primeiro que o de Lutrin², tirou a este a onra de ser unico; e bem ponderados ambos será difficil de dizidir sobre a melhoria. Esta combinaçaõ seria um bem digno objecto dos teos estudos poéticos. A descripçaõ do jogo he dos mais lindos epizodios que se pode considerar, e suporta a esterilid.^e do assumpto. Nós as mulheres, ou lhe devemos m.^{to} pela liberd.^e com q corrige a nossa vaid.^e, ou lhe somos acreedoras da nossa reputaçãõ, pelo excesso, a que leva os nossos defeitos, os omens não lhe saõ m.^{to} mais obrigados; mas entre todas as suas pinturas as da Malignid.^e e da Affectaçãõ, saõ verdr.^am.^{te} Poeticas. Que mais se pode dizer p.^a dar a conhecer a pr.^a em dizendo

"Les yeux pleins de douceur, le cour rempli de feil

"Dechirant les humains, elle tinit le ciel

"Et flatant aven ont. Le merit modeste

"A ses embrassemens mete um poison funeste

Mas que tais ficamos nos com que se segue, não na orde da composiçaõ mas no tumulto da m.^a memoria

"Nom, lor ne pousse point des eris si douloureux,

"Lorsque la pale mort de ses voiles a ffreux

"D'un epoux, ou d'un chien --- couvrir la paupeire,

"Ou qu'une porcelaine est reduite en papiere [p. 2]

os maridos Inglezes devem ser bem diversos dos nossos o susto de perdelos nos custa lagrimas sem clamores, o desgosto da sua separaçãõ pagaõno até os innocentes cabellos. Se as M.^{des} de Londres fossem animadas pelos nossos sentimentos, ou se os seos Lords fossem amaveis como nós julgamos os que nos pertencem, seria justa a comparaçaõ?

A grande satira de Boileau não sei se disse tanto, como este poco. Porem como a *mulher pedente* [sic] he huma das que elle retrata na sua satira, eu talvez o sou assaz, largo o discurso por te não enfatiar; e torno ao principio da tua carta, pois que comecei a responderte pelo q mais me entereçava.

Se mai piu saró gel...³ não não devo chamarme tal. Essa abominavel paxaõ nunca teve entrada no meo coração. Não posso prometerme huma emenda a qual tu quizeras assum.^{to} das minhas desconfianças; como estas saõ o fruto das meditaçoens que faço sobre mim, he difficil de corrigir hum defeito, q se equivoca com a virtude. Conhecerme indigna de teo favor, julgarte superior a q.^{to} pode imaginarse amavel será

¹ A leitura nom é segura.

² *Le lutrin* -poème héroïco-comic de Nicolas Boileau.

³ *Alessandro nell'Indie*: «se mai più saró geloso».

defeito? estremecer com o susto de dezagradar-te [sic] será crime? Tu o considera, e se me achas culpavel, impom a penna, verás como sei obedecerte mas ao cominala, mede as forças com o pezo, consulta a possibilid.^e, e depois decide. Tu fazes injuria ás tuas car [p. 3]tas perguntandome se deves apurar o estilo pelo receio de que as veja Alfido. Naõ, minha Sr.^a, não deves apuralo, vejaas quem as vir a emenda, neste cazo, fora erro capital. Esse estilo *si negligé* que tu lhe achas, he q constitui o caracter das tuas correspondencias queres tu saber o que ellas valem? pois sofre q conte huma groçaria. Podem valer-me [sic] o disgosto [sic] de as perder: esta foi a sentencia, quando eu *disse que havia hum preceito p.^a não confiar as tuas cartas*. Vê tu se será percizo apurarte, ou se se conhece bem o seo preço neste impulso de sentim.^{to} ao considerar perd.^a a sua lição.

Eu julgo, q me não deves pôr limitaçoens, pois tu conheces bem, que o meo genio neste particular he assaz acautellado. Pelo que respeita ás m.^{as}, não sei que diga: julgo de ti o mesmo; não suponho, q me faraz a injuria de mostrar os lugares, que me foram desventajozos sempre te rogo que ainda quando fizeres alguma destas confianças, ponhas cuidado em que tornem p.^a a tua mão, se acazo sahirem della. Não offenda esta cautella o talento, e capacid.^e de teo Irmaõ; a sua carta não degeneraria numa copia tão digna de seos maiores; mas hum papel desta natureza, só se faz recomendavel p.^a aq.^{la} peço a q.^m se dirige; se vem a perderse, e a lerse, sem comento fica [p. 4] m.^{tas} vezes arriscado, e se alguem interprende fazerlhe Analizes entãõ vai tudo perd.^o Pelo que toca as m.^{as} miseraveis reflexoens sobre o teo idilio, e às mudanças q lhe fiz /naõ lhe chames emendas/ tu mesta quando te não conformas com elles, lhe daz a sentença d'indignas: como poderia ser bom o que tu não aprovasses? e sendo más he carid.^e encobrir¹ os defeitos do proximo, a q.^m devemos amar como a nós mesmos. Quantos extremos uniramos, se nos vissemos, q parecem agora irreconciliaveis! Nesta distancia em dependencia em que estamos da regularid.^e dos correos mil coizas se perdem na imaginação, que facil.^{te} se acharãõ ao discorrer; mas nem eu posso dar hum passo para me avizinhar de ti nem tu romper huma porta p.^a te unires a mim. Cruel situação! As vezes discorro que o mais preciozo dom da Providencia, sendo como he o mais formoso ornato da socied.^e, e a mais segura baze do Universo, se tem convertido pelo abuzo dos omens; no mais formidavel tiranno dos pocos coraçõens em que rezide. Que não soffremos nós por culpa da amizade que nos liga? se eu te amasse menos, nem os teos males me penetraraõ, nem a tua separação me tiranizara o coração, mas qu'importa mon cœur si je fais mon devoir? [p. 5]

Ora eu certam.^{te} abuzo da tua paciencia com a dilação das m.^{as}. cartas; eu bem o conheço; mas o que não sei he o meio de as fazer pequenas, em fallando com tigo. Ha peçoas a quem não sei, quando lhe escrevo acrescentar huma regra a duas; e com tigo, escrevo cartas que são capazes [de lhe chamar *cartorios* certa peço a Sabes q.^m he? teo Irmaõ te dirá, se ainda ignoras esta fraze]² Para aquelas he q sempre esta prompto o celebre *fim das cartas*, mas não he sem orror da m.^a sincerid.^e com tudo este *fim*, la se acomoda mais, porq a carid.^e, e outros m.^{tos} motivos, a podem justificar; mas hum principio *de m.^a vida* dito a q.^m he talvez a cauza da m.^a morte com as suas perluxid.^{es}, isso he couza que a m.^a pena não sabe escrever. Já basta de carta p.^a quem tem estado de cama com defluxo; mas como, como se terminará esta conversação, que tanto me entereça? ha de ser eu acabo p.^a não ser teo verdugo

questo occultto pezzi core,

[riscado?] mi sento nel petto a tute l'ore

Quero dizer esta comizaõ de fallar com tigo³

¹ No fim da linha entre -co- e -brir, riscado.

² Riscado.

³ Aqui, ou forma parte do P.S.?

a tua
T

sabado pela manhaã

Eu escreverei p.^a o correio de baixo do nome que me indicas. Ainda tenho m^{to}.
defluxo e por isso não [p. 6] posso coçar a comichaõ de q ontem me queixei

P.S.

a passagem riscada é galante
mas não sei se ella quereria q se vice

[22.] Estremoz 15 de Março de 1771

Este correio, amada Lilia, não tive novas tuas: e por mais, q me ponho a favor do meo cuid.^o, querendo julgar culpados os medianr.^{os} da nossa correspond.^{cia}, sempre temo q a tua delicada saude esteja atacada de alguma molestia, e isso me faz insuportavel esta falta D.^s queira q se desvanesça o meo susto com a certeza deq estas boa; porq sem ella mas se acomoda o meo coração. Eu ainda conservo restos do defluxo, e tenho bem fund.^o receio de q ultimam.^{te} se declare reumatico; das de qualq.^r modo sempre me sinto animada do dezejo de obedecerte, e ainda mas de te ser util, mas isso não fiou a Provid.^{cia} da tua

Fiel
T

Bejo as mãos a tua Irmaã
e a tua May.

[23.] Estremoz 21 de Março de 71

Este correio recebo a carta que me faltou no passado nella te vejo mortificada, e posto que não posso perceber os factos, discorroos, por serem faceis de presumir. Esses *astutos genios* que voaõ a roda do *meo espirito*, nada me comunicaõ e elle, he taõ pacifico, ou taõ moderado, que taõ bem nada me da a conhecer do que elles podem soprarlhes: com tudo em [sic]¹ me acautelarei, e farei quando poder por seguir o teo dictame. São fantasmas, que a Prudencia pode afastar, mas que não devem combaterse, por não esgrimir com figuras aerias.

As outras duas cartas, que pertencem a este corr.^o me obrigaõ infinitam.^{te}. Nada duvido do teo favor tudo temo da m.^a incapacid.^e Não me julgo digna de ti; por mais que mo persuadas; e este juizo como o não pronuncia o amor proprio, não tem raiz, que o faça sospeitozo. Tu mesma não podes descobrirlhe motivo, porque te seja imperiozo,

¹ Provavelmente por *eu*.

pois que ainda quando fosse errado pelo que me respeita era assaz justo [pelo q te]¹ pertence; e que ideia não forma do teo merecim.^{to} quem/ sendo como tu me pintas/ se confeça indigna de merecerte? Não he umild.^e; não confundamos [p. 1] as cauzas, [com os] effeitos. A razão, aquelle interno lume que em nos rezide, e que se não extingue, ainda quando a paxaõ o soffoque essa he quem decide perante a m.^a Alorna, do meo verdr.^o merecim.^{to} Este consiste/ segundo o seo ditame/ em reconhecerte hum objecto amavel por todos os lados; em saber contemplarte de taõ longe, melhor ainda, doq os que te observaõ de perto. Não te confundo quando te contemplo: a tua formozura, e todas aquellas preciozas dadivas, deq foi prodiga contigo a nutereza [sic], tudo se peza, tudo se examina; mas a Alma, *a officina dos nobres pencam*.^{tos} [sic]/ lembraste?/ quem he que se atreve, ou que se ocupa em esquadrinhar os misterios de perfeçoens, que nella depositou o todo Poderozo? Huma propençaõ para a virtude, capaz de suprimir quanto selhe oponha: huma docilid.^e atractiva de tudo, quanto pertende resistirlhe: hum dom de persuadir; huma facilid.^e em comprehender; em fim se eu pertendesse dizer q.^{to} te observo, talvez diminuiria aquella mesma ideia, q de ti formo, taõ porporcionada a sublimid.^e do teo espirito á grandeza do teo merecim.^{to} Nisto consiste o meo; e por esta parte, a mesma razão me lizongea, quando me persuade, que acerto; porem quando se fia de mim p.^a que me examine, quando me mostra em todo o resplendor da sua luz os meos de[p. 2]feitos, que posso dizer, se não tirar a concluzaõ, nunca assaz repetida deque *naõ sou digna de ti*? Comtudo pede a m.^a conveniencia, que me não esforce em persuadirte; se o tempo não correr o veo, serei feliz, emquanto me não vires sem [sic] elle se correr de modo, que me conheças,/ que angustia!/ não condenarei que te emendes, ainda quando pague taõ caro o teo acerto.

De tudo isto, vê se podes inferir o meo sentim.^{to} p.^{la} molestia, que padeces, e o meo dezejo deque o balsamo aproveite? Não te suponho malencolica, julgote triste; e isso me faz mais custozo o teo trab.^o, por ver dependente da cruel sorte, o teo remedio. Mas se ella quizesse que tu soffreces hum daquelles *impertinentes*, que tu comparas na importancia *com hum caõ*, ou foras menos triste, ou talvez mudaras de opiniaõ. Perguntas a tua May: mas não lho perguntes: Os seos cabellos te respondem, sem ser preciso que as suas lagrimas to provem. Oh se eu fora taõ feliz, que de ti mesma ouvisse *errei, ma pur mi pento &r.*^a! Não te apliques, não me escrevas, se te perjudica esse exercicio: a terna Marcia sabe m.^{to} bem o modo de socegar o meo cuid.^o; ella pode aliviarte, onrarme, e satisfazernos. Tu voltas galantem.^{te} a frase chula dos francezes, quando chamas a tua letra *écriture de chiene*. Se eu te fallasse eu te provaria *a sentença*; mas de [p. 3] longe não pode ser pois que la porte est veritablement une *chiene de porte*. A present je [-----] voir une foule de misentropes, qui sont le cerele de ma societe, plaingniez moi, de la *chiene de compagnie*: Adieu ma tres chere e tres belle Lilie; croiez vouz que je suis la fidele Tirsis?

Creio que percebes o sentido, em que digo que provaria que era verdr.^o o remate da tua carta.

Naõ me resolvo arescar [sic] seg.^{da} carta pelo corr.^o dirigida a D.^a Dionizia &r.^a sem saber se foi entregue a pr.^a Perdoa o desconcerto desta carta mas já não posso reger a penna nem firmar a vista tanto me custa escrever!

¹ Leitura difficil: manchas de tinta.

[24.] Estremoz 2 de Abril de 177[1]¹

Se tuas cartas, m.^a Excelente Amiga, não te custassem o prejuizo que te faz a escrita se ellas não fossem como presagio de que tuas f.^{as} padecem, dirtehia, que nunca me deixasses sem ellas. Na verd.^e ellas podem servir de exemplar a q.^m quizer escrever com verdr.^o, e natural estilo familiar; tanto o julgo assim, q ha poco tempo mandei huma dellas a minha May, a qual concordou comigo neste ponto, e me dizia de novo, *que estava prompta p.^a te servir em tudo; por ti, q o mereces; e por mim, q o estimo.*

Se tu deixas a m.^a ponderação o *aperto do teo animo*, nas criticas circunstancias, emq te achas eu confio ao teo discurço o juizo do que padeço considerando [me]² inutil p.^a o que mais te convem. Soframos ambas confiadas em D.^s, que não deampara aos que nelle esperaõ.

Lembrou-me agora que tu po[p. 1]dias escrever á m.^a Amiga estrangr.^a com o estilo patetico de huma May afflicta, narrandolhe o estado, em que tuas f.^{as} se achaõ; o grave prejuizo, q lhe faz o citio; a funesta experiencia de quanto he danno, a q.^m padesse de peito, comprovada por tantos factos; a maior despeza, q disto procede, e que tudo redunda em danno de teo f.^o, e que tudo isto podia talvez remediarse com a mudança, indo tu viver com teos filhos em alguma das cazas de campo &r.^a Trazer á memoria aquelle antigo recado, de que essa assistencia era interina, por custodia da tua decencia, e estribar nisto a esperança de poder ser atend.^aa supplica da mundança, emque esperas que ellas se entresse, porque sendo May &r.^a Esta carta devera ser levada por teo filho, a oras de jantar, ou em dia d'assembleia; mas indo mais cedo, p.^a que ella não tenha desculpa de não ler a carta; pedir [p. 2] que lhe dê licença p.^a lhe lembrar a resposta ou o que melhor se julgar neste ponto. Nisto não se arrisca nada; pode ser que taõ bem nada se lucre, porem he mais huma deligencia, q ao menos intrem [sic] a espereança em quanto dura.

Não sirva a m.^a sencibilid.^e já mais [dimpedir]³ de dezafoego, á tua ternura: este character fazme onra, ainda que me custe caro o conservalo: dezafogate, Amiga, que o meo coração te sede desse mesmo veneno, q o martiriza, e só a perderá quando tu não tiveres amarguras, q comunicar. O meu defluxo ainda me não larga de todo; goztou do apozento, e mostra querer prezistir nelle; mas estou melhor de modo que posso sem danno escrever. Este corr.^o recebi a carta da m.^a Lilia, que correspondia ao passado; diselhe que se não mortifique com o successo das decimas; porq ainda que se perdessem nada importava; que se conserve, e que se dis[p. 3]ponha a ter comigo huma conversação de allegria quando a revolução dos tempos nos trouser hum ditozo dia. Dezejo fazer m.^{tos} mimos a bell.^{ma} Marcia; mas não sei se ella gozará ate de q eu tenha estes desejos. Eu persuadome a que a sua dor no peito com o triste effeito do sangue he tudo pura convulção, e por isso bem que seja de m.^{to} cuid.^o, não deve cauzar tanto susto. Eu ja chorei sangue de puro aperto de convulção, e este exemplo paresseme, que pode dezafogar.

O meo San...⁴ por todos os titulos, ate para aquelle comq mais o onras, te beja reverente os pés: oh, quem me dera que já me mandasses recados do teo J...⁵! Sempre dezeja a tua felid.^e sempre sospira pela tua saude a

tua fiel
T

¹ A leitura nom é clara: reescrito.

² Entre linhas.

³ Entre linhas.

⁴ Sancho de Faro e Sousa, Conde de Vimieiro e marido de Teresa de Mello Breyner.

⁵ João de Almeida, Marquês de Alorna, marido de Leonor de Lorena, preso no cárcere da Junqueira.

[25.] Lilia do meo coração p.^a q te não falte carta este corr.^o faço esta antes de receber a tua, a qual deicho ao partir p.^a o Vimr.^o D.^s queira que me venhaõ dali as novas q dezejo p.^a q possa ter o q merece e nececita o coração saudozo da tua

T

Estremoz 5 de Abril
de 1771

[26.] Vimr.^o 19 de Abril de 1771¹

Naõ me rezolvi, Amada Lilia minha, a escreverte de maõ propria o correio passado; porque te suppuz doente, e não queria obrigarte a ler huma carta m.^a, que nunca pode ser laconica, em fallando contigo, por mais que intento rezumir o estilo e abreviar a escrita. Este correio recibo tres cartas da tua precioza letra; mas com que sustos e temores não paga o meo coração o gosto de as ler? crê minha Lilia, que esta multiplicid.^e de escrita *me faz mal ao teo peito delicado* aquele preciozo cofre da mais exellente amizade, e que eu não posso julgar offendido sem que o meo padeça m.^{to} A Terna Marcia he bem capaz de suavizarte nesse incomodo, e de onrarme poupandote a escrita. Eu sei que ella se entereça na tua conservaçãõ, eu sei que ella se compadece do meo cuid.^o que falta p.^a que tu possas ditar, e ella comunicar-me pelo piedozo officio da sua escrita quanto quer dizer-me o teo coração? Eu bem sei que falta o meo merecim.^{to}; mas se a Justiça não governar a penna, seja a compachãõ quem a reja, e tudo fica dignam.^{te} regulado.

Que posso eu dizer-te do teo soneto se não que me enternesce e que me afflige? não me escolhas p.^a sençora de semelhantes Poezias porq não pode o animo ter o socego q nececita p.^a julgalas quando [p. 1] se perturba com a dor, que lhe cauza o lelas. Ah! não te entregues a taõ funestas comtemplaçoens: eu bem o creio que a tua virtude te faz adquirir o habito de olhar serena p.^a o termo, q nos abre o cam.^o p.^a gozar de D.^s sem o susto de perdêlo; mas não convem ao estado da tua saude essas frequentes representaçoens.

Por mais que a charid.^e nos obrigue a sospirar por aquella posse nunca nos absolverá da culpa de adianta-la com a nossa delig.^{cia} ou umiçaõ. Conservate no infeliz estado em que te consideras, procurando nelle o teo alivio; e livrate de fomentar a tua destroicaõ. Q.^m sabe? teo Irmaõ deve tornar a pertender huma licença, que se lhe facilitou; a nova cauza corrobora a primr.^a; quem sabe? pode ser que se conciga agora o q entãõ se não alcançou. E um fim eu quero que a tua constancia seja o teo remedio ella hade fazerte superior ao trab.^o; ella hade mostrarte talvez não longe hum dia feliz p.^a que te debes conservar; ella deve ministrarte os remedios estabelescer o methodo, regular os divertim.^{tos}, e se ella te governar q feliz successo não pode esperar o meo cuid.^o?

A muza de quem me falas² já me era conhecida p.^{la} [p. 2] voz da fama. Sei que tem genio; sei q a Apollo não he escaço a seo respeito; porem nada conheço dos mimos que o D.^s lhe faz. Tive ha poco tempo noticia de hum soneto seo, q foi objecto de huma incosiderada, e pôco respeitosa satira. Sei igualm.^{te} que ella tomou o dezafogo de

¹ Esta é a carta perdida a que se fai referêcia na datada no Vimieiro a 25 de Abril de 1771.

² Refere-se provavelmente a Joana Isabel de Lencastre Forjaz, identificada nas cartas como Aónia ou J.I.: É nomeada de maneira expressa pela primeira vez em «Vimr.^o 2 de Mayo 1771». Francisco Topa (2000 e 2002) identifica-a com o pseudónimo Jónia, mas a leitura nas cartas de Mello Breyner nom oferece dúvida.

queixarse m.^{to} vivam.^{te} deste insulto. Se heide dizer tudo, se ver o soneto, e sem conhecer a satira, fiz poco conceito do seo espirito. Olha como sou má. Porem vê se me fundo bem. Se a satira não he critica, devera desprezala com generosa superiorid.^e; e se não he satira, mas critica, deve agradecer a pied.^e de quem a ensina. Se merece a correção deve estimala, se a não merece deve gloriarse de que se voltem as setas contra o contendor, e o meio seria, copear hum, e outro soneto, e fazêlos correr, huma vez que não tem duvida e mostrar como versos seos, os desafogos da sua penna saudoza. Eu quiz fallarte nisto, e perguntar-te se sabias alguma coiza a este resp.^{to} preveniome a tua amizade com os offerecim.^{tos} que me fazes de ver obras suas: eu os aceito, os estimo e os agradeço porem m.^{to} mais q lhe não tenhas confiado as m.^{as} ignorancias/ perdoa [p. 3] a groçaria de lhe chamar tais quando tu as aprovas/ Não te admires da m.^a austerid.^e, e p.^a que a não julgues tinhoquisse/ que eu abomino/ quero dizerte que eu sube [sic] tudo o q te refiri [sic] em miudo detaille [sic] por hum omem, que me não conhecia, e que sem saber se eu era capaz da sua confiança me contou o que huma Irmaã da tua nova Muza lhe tinha confiado. Que posso daqui inferir, se não que a má escolha dos sugeitos he cauza de m.^{ta} estorinnha; nas quais/ perdoame/ não quero que entre o meo nome. Eu me contento com a tua aprovação: ella vale p.^a mim mais q todos os elogios, que pode grangearme a tua amizade; e tanto me satisfação dos, q te devo, q nenhuns outros dez.^o

Estou sangrada seis vezes; mas não dou esta noticia a ninguem p.^a, q ella não acrescenta a molestia da m.^a boa May que tem padecido novo insulto. Todo este inverno rezei a este remedio; mas a nimia viscozid.^e do meo sangue, e a groçura, a q chegou me obrigou a diminuir-lhe a quantid.^e p.^a depois tratar de lhe emendar o vicio. Não tenho tido aballo posto que nestes dias se renova a terrivel scena da perda de hum Pay q amava m.^{to} a tua fiel T. e a que ella não sabe costumarse

[27.] Amada m.^a; estou sem carta tua, e tu taõ bem ficastes /provavelm^{te}/ sem a que te escrevi o corr.^o passado, porq ma remeteraõ debaixo de sobre escrito p.^a m.^a Tia mas solta no correio, onde receio q se tenha perd.^o Manda procurala porq não julgo d'outrem que tenha esse interesse.

Nella te respondia a tres cartas que recebi tuas. Agora fico cheia de cuid.^o pelo receio deque a falta que experim.^{to} proceda [riscado de [que tu]]¹ padeças maior molestia. D.^s me preserve desse disgosto, e te conserve, p.^a q se sustente o meo coração, sempre fiel, e digno da tua

Cap.^{ta}
T:

Vimr.^o 25 de Abril
de 1771

P:S: Perdoa o desconcerto desta carta: fico boa e p.^a maio he que hirei a m.^a digreção. A tua May e Irmaõ bem sabes o que debes dizer-lhe da m.^a p.^{te}

¹ Riscado.

Estive, m.^a Amada, estudanto até agora a Primavera a pompa, com que havia aparecer neste citio; não sei quem a aconcelhou, nem de donde lhe veio tanta riqueza; sei que de repente se apresentou neste campo com tão magnifico ornato de cheirozissimas flores, e com tão abundante cortejo de suavissimos rouchinois, e solitarios /alem d'outros passaros de ordem inferior/ que me tem feito discomodo a sua agradável ostentação. He tal o cheiro dos azereiros, da flor da laranja, das cravinas, e goivos, da madre silva e de mil outras, que estou sem poder reger a cabeça, não osbst.^e ser este agradável misto hum dos atractivos, que tems p.^a me lizongear, esta sollidaão ando buscando as cazas mais opostas ao vento p.^a ver se consigo algum instante de menos perturbação p.^a escreverte; mas difficilm.^{te} o conseguirei, porq.^e *o tempo he critico*, e por toda a parte penetra o agradável inimigo. Contudo, apesar do que me custa este exercicio, hei de pôparte á sensaboria de leres *hum escrito derecado* [??], d'ordinario cheio d'incoherencias; mas dizia huma peço, de q.^m tua May se lembrará, que *naõ importava que se dissem em nome dos amos, por q.^e nunca se julgavaõ f.^{os} legitimos* [p. 1] *do talento de seos Pays, e sempre se culpava na sua desordem apenas q.^e os fazia bastardos*. He certo que este meio he de grande socorro, q.^{do} se derige a outro objecto que tu não sejas; mas p.^a ti / creme/ que não uzo delle se não quando receio o teo prejuizo. Eu, se tu sempre confiares da terna Marcia o cuid.^o de dar-me novas tuas, terei que sentir a demora do seo descanço se redundar em prejuizo meo, mas nunca experimentarei que effeito faz a *sensaboria d'um escrito derecado*. Tão bem ella se digna de fazer onra ao Parnazo? ah! e porq.^e não a sua bella Alma faria huma injustiça as Muzas se não quizesse ella mesma afinarlhe os instromentos, com que animaõ aquelles que estão /como eu/ tão longe de lhes imitar o som. Que de coizas me ocorrerão se podessemos vernos, sem os embaraços de huma grade impertinente? D.^{os} me dê esse gosto, e me ponha em sircunstancias de não depender p.^a comunicarte da delig.^{cia} dos correios, e da civilid.^e das pessoas porq.^{em} corre a nossa correspondencia! Ellas me fazem cada dia novos protestos do gosto, com que nos servem, e eu que sou sincera, julgo por mim os mais, quando me fazem tais protestos. Não terei paciencia p.^a que se perca a m.^a carta [p. 2] que te escrevi ha quinze dias, estando sangrada. Que figura pode fazer aos olhos de gentes groceiras a ternura do meo coração p.^a contigo? alem disso, eu te fallava largam.^{te} a resp.^{to} de Joanna Izab.¹ posto que não pelo so nome, e seria máo q.^e se percebesse o que eu te dizia; sem q.^e me digas se mandastes, ou não buscar a carta ao corr.^o não me atrevo a dizerte mais nada. Não conheço as suas obras; hei de estimar vê-las, mas se essa confiança depende de ser paga com outra igual, então cedo do gosto de as ver por não passar pela confuzaão, de que ella leia as m.^{as}. Eu bem sei q.^e tu dezaprovas talvez esta m.^a tenacid.^e aparente: mas sabes por mais violencia que me faço não pôde ainda a m.^a razão mudar de sistema e sabes que não mandei a m.^a Tia Eligia? e que apenas a mandei a m.^a May com a tua? contame que ella a mostrou ao P. Ant.^o Jozé /alias o Conego [-----] mas eu de sangue frio mandar huma obra m.^a, isso he mais difficil, que avançar huma brexa com a espada na mão. Eu não sei se isto he virtude ou vicio; o que sei he que tu me debes alguma coiza se venço esta repugnancia a teo resp.^{to} Mas basta [p. 3] de fallar de mim, ando mais intereçante assumpto a q.^e responda. Sabes que me faz m.^{to} mal aspecto a continuação da molestia, que padece o teo? He terrivel a m.^a apreheensão, mas he mais terrivel ainda a falta de meios p.^a se acabar esta molestia! mandei fallar nella a huma peço q.^e se comunica com *a sorte*, não sei se a sua Nigromancia produzirá agum effeito; eu o receio, porq.^e hum coração, como o de Tirse, facil a sacrificarse pelo enterese das suas amigas, não he mercadoria, que se ache sem Trab.^o no tempo d'oje. Se eu estivesse em Lisboa, por amor de ti havia cultivar huma

amizade, que tenho evitado, e que ha dois anos me [----] [-]m[--]tave huma amiga, a qual se me respondera as cartas, que lhe escrevo, podia grangearte alguma liberd.^e mas esta he estrang.^a; e ainda que quando ha de falar de mim, tem a lingoagem da amizade; quando deve escrever perde o uzo de q.^e aprendeo, e não acaba de provar com expreçoens da sua pena, o q.^e publica em todas as occasioens a sua voz. Não quiz a Provid.^{cia} fixar a m.^a vivenda em parte, onde te fosse util: isso he só o que me desconçola no meio da paz, q.^e [p. 4] me grangeia o silencio deste retiro. Não posso dizerte, que elle me desagrada acomodasse com o meo genio, inimigo de barulho; a minha imaginaçã acha nestes bosques, que principiaõ, huma liberdade de discorrer, de se aproveitar do que le q.^e me lisongeia, e m.^{to} mais quanto cuido em ti: tu es o meo *genio favoravel*, as vezes me fallas; outras te respondo; e sempre acabo agradecida á m.^a imaginaçã pelo que me representa, ainda que me custe taõ caro, pagando com saud.^{es} a suavid.^e destas locuçoens. Não faças cazo de quanto te digo p.^a me responderes: saõ coizas que não merecem, mais estimaçã, que aquella, que ja lhe concedestes: se fallo tanto, todo o interesse he meo. Percizo he q.^eacabe p.^a te não cançar e tu m.^a Lilia afastate por hum pôco; mas não taõ longe, que não oiças o que diz a tua fiel

Tirce

á tua e m.^a Ex.^{ma} Marcia

Eu, Marcia, o que te devo não ignoro.

Pode Amor explicarte
Se a minha gratidaõ passa d'amarte...
Mas que, Lilia asustou-se?
Idem, Marcia gentil; não, não t'adoro.
Não, Lilia, não te assustes, quanto digo,
Tudo [??] falla contigo.
E como poderia
Rezistir a adorar em Marcia bella
Huma copia de ti, que encontro nella?
Tu riz? oh que alvorosso!
Ah! Marcia ella fingia;
Pois bem sabe a *Maligna*, que não posso
Ofendela em quererte
Que he justiça em amor corresponderte.

Mas quem me disse a mim, que V. Ex.^a tinha justiça p.^a eu lhe dever esta correspond.^{cia}? Se as suas expreçoens mo não explicaõ, a m.^a vaid.^e mo persuade, e o favor q.^e recebo de de m.^a Lilia paresse, q.^e mo promete. O que he indubitavel he a onra, que recebo com a merce [??] que V. Ex.^a me facilita nas estimaveis regras q.^e a sua mãõ escreveo, e que o novo comercio q.^e V. Ex.^a tem com as Muzas /que me dezamparaõ por seguir

Quella dolce copia unita,
Alle Muze, agli Dei cosi gradita

Poem a V. Ex.^a em circunstancias de corrigirme. Tu o sabes m.^a Lilia, pois que la as tens prezas ha tanto tempo. Mandame, sim, e mandamas por ellas as tuas glozas, e os tenros frutos desse novo ornam.^{to} do Parnaso. Eu me previno p.^a recebellas sabes como? emudecendo [??], p.^a que não fujaõ de mim

Ouvindo a rouca voz desconcertada
Da Lyra envelhecida, e desprazada

Tua May conserva na minha memoria hum destinto lugar. Ah! e qual será o meio de esquecerme de quem padesse o q.^e eu sei avaliar?

Ao rever esta carta /que he feita ouvindo hum coro de vozes infernais q.^e se divertem a m.^a costa/ vejo que está mal escrita, e q.^e com a precipitação com q.^e escrevo deichava incompleta huma propozição. Tu me desculpa com a tua irmã de concluir na interlinha, porq.^e não estou capaz de escrever mais

Quem quer novas de Tancredo
Venha comigo fallar;
Que eu sei, eu posso-lhas dar
Sem offença do segredo.

Gloze Senhora Marcia, e veja, que ja agora está dependente de mim p.^a tudo. Não tenho segredo, que me ligue; devi ao discurso o que me recuzou a amizade, e tenho quem amiudo penetre os orrores que cercaõ o Eroo, quem me diga que o gentil, o guapo, o constante, o prudente Tancredo, he superior aos seus males; e do fundo de hum coração generoso sabe tirar as doçuras de uma paz inalteravel, comque abranda a dureza dos seus ferros. Tancredo o mais querido amigo dos Irmaõs, *irmaõs*, de Tirse. Tancredo, cuja familia tem encontrado na m.^a todas, todas as ternas, as fortes provas da mais sollida amizade. Mais pudera dizer se desse liberd.^e á penna, mas eu a cohibo p.^a que a voz tenha, que fazer quando nos encontrarmos. Eu dezejei hir peçoalmt.^e contar a historia da m.^a adivinhação; mas impedemo hum convite que oje tenho, otro que àmanhaã me prende, e o de Mafra, que leva p.^a lá 3 Fr.^a

Minha Marqueza m.^{to} galante he G.^e [??] M.^e [??] Frey P.^o / m.^a Lilia Almeno¹ taõ bem deo penada na historia?. Saõ bons vizinhos; não deixaraõ de empregar a charid.^e a favor de q.^m a necesita. Ora tratem de se alegrarem de se poparem m.^{to} p.^a quando chegar o tempo de andar *dal monte al prato, má com Alceste al lato*². Quero dizerte huma coiza, que me deve m.^{ta} curiozid.^e e talvez, q.^e q.^{do} for outra vez a Arrabida, e veja porque ando agora vendo as obras perf.^{tas} dos nossos contr.^{os} He isto huma Diana que está sobre huma chaminé na [--.]^{ta} de Calhariz: sempre ouvi gabala aos meos; e nunca os manos lá vão me não fallem nella. Tenho razaõ de ter curiozid.^e ora respondeãme todas, e vejaõ que eu sou eu.

Juntesse o terno, e leiasse
entaõ

[29.] Vimr^o 24 de Maio de 1771

Sim m.^a Sr.^a importa menos a m.^a mortificação que o teo comodo; e ainda quando esta mereça attenção o verdadr.^o modo de pouparme, he procurar os meios de conservarte, de restabelescerte. He verd.^e que o alvoroço com que espero as tuas cartas fica assaz surprezo, quando as encontra tais, como as duas, que recebi estes corr.^{os} mas

¹ Fr. José do Coração de Jesus.

² «Andrò del monte al prato, / ma con Alceste al lato», Metastasio, *Demetrio*, Atto III, Scena II in www.bibliotecaitaliana.it/dynaweb/bibit/autori/m/metastasio/demetrio/@Generic_BookView;lang=pt

logo a m.^a amizade me soccorre e me aconselha, q me contente, porque tu cuidas em poupar-me o susto de considerarte em pior estado. Tu podes discorrer quanto me he servível a scena, que me representas nesta ultima carta, mas que convulção he esta que persegue a terna Marcia? estou vendo que o meo *tu* arremeçado de tão longe lhe fez mal; que effeitos faria de perto? mandammo pr.^a cá otra vez, que eu o castigarei como elle merece, já que não sabe ser comed.^o Eu tenho passado bem e recebi o corr.^o passado a carta, que me faltava, emq falavas com J:I:¹ logo satisfiz ao teo preceito, apesar de todas as m.^{as} repugnancias; mas quando tu ordenas, Tirse não sabe exitar [sic]. Pelo q me dizes, vejo que não erre na ideia, que tinha formado tanto da sua Poezia, como do seo character, o dez.^o [p. 1] de impor; a natural ambição de brilhar, de adquirir hum nome menos vulgar; conduz a semelhantes desconcertos se se não corrige. Maldito Amor proprio quantas qualid.^{es} boas corrompes! Amavel Moderação deq perigos nos salvas! Saberás como a nossa correspondencia tem dado aquelle brado, que eu queria soffocar por evitarme o incomodo de pagar a despeza das conversações do publico. Dizem que te escrevo todos os corr.^{os} cadernos de papel: Coitada de ti se isto assim fosse. Não sei se he inveja. Se critica; pelo que me toca fazemme onra, pelo que te respeita, estimara, que não tivessem o atrevim^{to} de pronunciar o teo respeitavel nome. O tempo me faz estremecer por tudo o que te pertence; porem as nossas Damas, querem conversar, e onde hiraõ ellas buscar a materia, se lha não fornecer a vida alheia? que remedio senão soffrêlas? Sei que tens escrito á f.^a mais velha da Penalva²; dizeme, que te parece? O seo character não he comprehensivel, com hum trato superficial; e os seos accidentes dezanimaõ q.^{do} o g.^{to} [p. 2] pertende comprehender as riquezas do seo espirito; porem se se preziste [sic] na impreza, o successo paga o trab.^o He sincera, judicioza, prudente, applicada e virtuozza; tudo tem seo meio, se fora menor a sua modestia, seria mais agradavel o seo trato e mais patente o seo merecim.^{to} Dizeme francam.^{te} o que julgas que gosto de te ver discorrer em materia, que he tão importante p.^a quem hade viver no mundo. Sem conhecim.^{to} de character, m.^{to} se arrisca, quem se adianta.

Naõ quero fazer verdr.^a a vos dessas Ps.^{as} a quem dá tanto cuid.^o a nossa comrespond.^{cia} por isso acabo antes de encher tres laudas; mas se eu não corrigira a ambição de communicarte, não só as faria verdr.^{as} mas diminutas. Poemme aos pes de tua May e Marcia que se não assute, q não chego lá, que p.^a satisfazer-me cá tenho a sua imagem no meo coração, onde á vontade me entretenho com ella sem receio de q se enfastie de mim, e tu sabes

Ch'io per virtù d'Amore
Parlando col'mio core [sic]
Raggioneró conté?³

[30.] Vimr.^o 14 de Junho de 1771:

Este corr.^o pagoume com juro as perdas do passado: recebi tres cartas em que leio as tuas expreçoens , vê se tenho motivo p.^a estar soberbam.^{te} satisfeita? Nellas me dizes que estas melhor do peito; porem mal de espirito. Querida Lilia, *a lua, não se afasta do seo cam.^o, porque os caens ladraõ à sua sombra.* Estimo, agradeço e

¹ Joana Isabel de Lencastre Forjaz.

² Margarida Delfina Teles da Silva.

³ «Ch'io per virtù d'amore/ parlando col mio core/ ragionerò conte» Metastasio, *Artaserse* (Torino, Reale, 1757) Atto I, Scena I, v. 102-104, in <http://157.138.65.54:8080/metastasio/testi/artasers/reale1-1.jsp> «Pietro Metastasio, Drami per musica» (23/12/03).

confundeme a onra que fazes a m.^a Tia. Conheço, que a sua bond.^e te meresse tudo; mas não te consternes com as quimeras, que a cercaõ. Eu nada sei; será bom que me informes, porq quando o peça a prud.^{cia} será conveniente não me achar ignorante, mas entretanto dilata o animo e fazete superior a rabujes, que se vencem ás vezes afectando que se não percebe. Eu bem sei que tudo te desperta as funestas ideias, que te contristaõ, mas o tempo, e a sua diaria revolução traz m.^{ta} couza comsigo. Se eu julgar o novo secretario pela doutrina ordinaria, nada te prometo da sua elevação D'ordinario tontea a cabeça a q.^m sobe m.^{to} alto; porem não ha regra sem excepção, e como não conheço o seo character, não quero injurialo num arriscar-me [p. 1] a perder o tempo em esperar. Bom he que teo Irmaõ tivesse amizade com elle antes disto, porque lhe fica natural, o cultivala, e quando não sirva p.^a o que mais importa á tua familia servirá p.^a o que mais convem á tua saude, que se não deve perder de vista. Tu obrigas-me, e m.^{to}, em confiases da m.^a amizade o teo dezafoço; seria huma injustiça se o não fizesses, e o modo de suavizar[me]¹ a amargura, que procede da tua infelid.^e, he mostrar que recibes com alivio em repartir comigo os teos pezares. Eu sou m.^a sr.^a naturalmente compassiva, e este character unido ao da amizade, q te consagro me faz digna de quanto me comunicas. Não posso deixar de dizerte que estimo o que te sucede com J: I:² eu dezeitava que ella se desse a conhecer antes de te empenhares m.^{to} na sua amizade. Não me pareceo justo dizerte tanto quando ao principio fallavas nella: tu abonavas o seo character de que eu tenho levissimo conhecim.^{to}, tive escrupulo moral e politico de te dizer tudo; mas agora acho que ja te posso dizer, que dês por bem empregado o [aruto]³ e que não puches por huma amizade, que te não he m.^{to} conveniente. Não suponhas nestas m.^{as} palavras mais pezo, que o q significação ao pé da letra; mas na verd.^e de que serve incomparavel Lilia, que se gabe Aonia⁴/e a q.^m / [p. 2] de que lhe deo hum mote, que lhe he difficil p.^a glozalo? Crême, que não te convem, e o tempo hira verificando esta m.^a prepozição O seo character p.^{lo} que se observa na contenda do soneto, e nessa palavra, que soltou, he de summa vaid.^e Eu bem sei que a tua amisade lhe deve escitar; mas o seo respeito, e a sua gratidaõ, devera contêla. Bem pode ser que ella tal não dissesse; mas basta que ella admita á sua convivencia, peçoas que são capazes de abuzar da sua confiança, p.^a que a sua amizade seja de temer, nas perigozas maximas, que oje se seguem em Lisboa. Não me julgues malencolica porque discorro assim; fallo experimentada em cabeça alheia, e os estragos dos meos vizinhos me tem feito acautelar os proprios. Se falassemos, quantas mascaras tirariamos. Dizia a Mad.^{me} de Sevigné, que a gente não era feliz porque no jogo deste mundo nunca via a pintura das cartas alheias; a sim he; o q está nas mãos aos olhos dos parceiros he cand.^o he simples, mas o que se volta p.^a o jogador quantas surpresas envolve? Eu estou boa, e como sei que has de estimalo, to digo: assim eu podera ouvir outro tanto da tua saude precioza, e da que entra a padecer em prejuizo da terna Marcia!

Tua May julgo que passa bem ao menos eu assim o dezeit: ella nada tem que agradecerme [p. 3] no que me deve he hum tributo que eu rendera á umanid.^e quando não devesse consagralo ao seo merecim.^{to} alem de que esse poco que me deve, não pode confiar-se de carta. Tenho dezeitado, que me digas se tens novas de sacavem, q tudo o que pode intereçarte, me toca de perto. agora m.^a sr.^a, ainda que tu sejas um preço impreciaavel deixa que eu mostre á terna Marcia, que não esperdiça o tezouro das suas graças na tua amante fiel, e agradecida

T

Naõ, Marcia Amabelissima, a todo o tempo, e de todo o modo que me

¹ Entre linhas.

² Joana Isabel de Lencastre Forjaz.

³ A leitura é duvidosa.

⁴ Pseudónimo de Joana Isabel de Lencastre Forjaz. É um dos lugares habitados pelas musas (o mesmo que Beócia) in *Ars amandi*, p. 27.

favoreças me onras e gravas no meo coração hum sêlo de agradecida que nunca já mais [sic] se apagará. Que tenho eu q perdoarte? Será acazo perderes o natural orror q te faria huma diferença de idade, que quazi me degradaria da fortuna, que me permites na tua correspondencia, se tu não puchasses pela estimação, que me debes p.^a cobrir os orrores da velhisse q ja podiaõ assustarte em mim? Ah não, não me afastes outra vez com esses perdoens, que eu fico entendendo que não sube [sic] explicarme, e que tive alguma rabuge impertin.^{te}, com que me fiz impropria do teo favor. Lilia costumouse a olhar p.^a mim mais sedo; mas quando me lembro de a ver poco maior do que tu, e ambas capazes de eu as tomar ao colo, e q [discorro no favor, que]¹ [p. 4] ambas me fazem oje admiro a sua bond.^e a sua paciencia, e estou tremendo de que o tempo me faça insupportavel as mais amaveis creaturas que respeita e adora a

tua respeitoza

T

P:S: Remeto Lilia as tuas glozas de que deixo copia; e julgo que as emendas que fazes à 8.^a-4.^a decima são melhores que o que estava feito antes

[31.] Vimr.^o 28 de Junho de 1771

He certo m.^a Lilia, que tudo, o que te mortifica me lastima, mas nem por isso debes privarte do dezafoço de comunicar-me o que t'afflige. Sinto que não passes como eu dezejo, e estimo, que não perturbasses o sonno de Marcia, no qual lhe roubaras talvez m.^{tos} instantes d'alivio. Eu fico opprimida de m.^{to} defluxo, e como tenho m.^{to} calor na cabeça e a garganta scandalizada, não posso dilatar-me neste exercicio, de que me privo bem apaezar da m.^a amizade. Agradeço os Sonetos de J:I:² tem m.^{to} merecim.^{to}: a seo respeito disse o que podei se te falasse pode ser que dissesse mais

Basta cosi; m'intendi:
Gia m'ó spiegato apieno;
E assai direi di meno
Se ti decesse piu.

A D.^s amada Lilia, vai despertar Marcia cantandolhe a *Nineta accio non dorma piu*³

[32.] Vimr.^o 12 de Julho de 1771

Creio m.^a Lilia, que receberias a m.^a carta posto q o estado em que te achavas com o cuid.^o de tua May te faria insipido tudo o que te dizia nella levada do espirito de brinco, p.^a te fazer menos penoza a m.^a inutil correspond.^{cia} Estas são as incoherencias enevitaveis [sic] da distancia, que d'ordinario faz comq as cartas cheguem improprias ao

¹ Escrito na marge.

² Joana Isabel de Lencastre Forjaz.

³ «Tre giorni son che Nina in letto se ne sta./ Pifferi, timpani, cembali, svegliate mia Ninetta,/ Acciò non dorma più svegliate mia Ninetta», Legrenzio Vincenzo Ciampi (1719-?), «Nina» in <http://ipasource.com/Documents/ArtSong/Art%20song%20> (23/12/03).

tempo, em que se recebem. Eu espero que a Marqueza esteja restituída, e por isso deixame fallar com ella p.^a me queixar das suas devoçoens. Sim, m.^a Marqueza, apezar do silencio de tuas f.^{as} eu sei, que tu te afastas da sua communicação, não [sei]¹ porq frenezim de pied.^e Isto m.^a Sr.^a he m.^{to} arriscado na tua constituição: se to aconselha alguem, he imprud.^{te}, se o fazes sem concelho/ perdoame/ és temeraria. Que podes esperar da tua sensibilid.^e se não o que te succedeo? a tua imaginação perciza de distraçoens, não de meditaçoens. São estas uteis, são necessarias; mas com prudencia, com moderação, se [p. 1] reduzires ao miseravel estado em que ja estivestes que consolação restará a tuas pobres filhas? repara, m.^a Sr.^a, nas amarguras, que lhe preparas com o teu retiro, e reflecte, que as obrigaçoens de May, te fazem talvez illicito, o que fora louvavel se o não fosses. Porem onde me leva a m.^a amizade? perdoa outra vez, m.^a Marqueza, e se te parecer excessivo o meu zelo, desculpa com a cauza, este indiscreto effeito da m.^a verdr.^a amizade. Torno a fallar contigo Lilia adorada, p.^a te agradecer quanto me dizes a respeito da amiga em que me fallas. Eu quiz saber se tinhas novas suas, porque se não as tivesses queria eu ter o gosto de tas dar. Estou certa de que ella não lamenta o meu esquecim.^{to} ao menos nessa parte tenho aliviado o pezo do seo trab.^o Não to vendo por fineza, porque entes [sic]² de communicarte sabia ella que meu coração se pega menos aos felices que aos desgraçados e disso rezultame tal consolação, que ella só me paga o valor que possam ter as m.^{as} acçoens neste modo de proceder. He [p. 2] certo que estimo poder lizongear-te nisto; não me importa tao [sic] pouco a fortuna de agradecerte, p.^a que [me]³ seja indifferente; mas quero persuadirte, de que o meu coração nunca foi mercenario, nem ainda quando o premio hé tao nobre como a tua correspond.^{cia}: independente della obrarei p.^a o futuro, como tenho obrado ate agora; mas com ella ficará a m.^a satisfação mais completa. Compadeço-me do trabalho de Aonia; coitadas, se lhe he caro o seo Sileno⁴, quando devo suppor, m.^{ta} compaxão me faz, e ja por esta parte me tem a seo favor; eu dezejo que as suas qualid.^{es} te satisfaçaõ fustam.^{te}, para que tenhas mais esse dezafoço. Nada me dizes de Marcia: será porq ella se esquecesse da

tua f.^{ma}
T?

P:S:
Eu estou boa;
e tu?

[33.] Amada Lilia e m.^a Sr.^{a5} ainda q estou fraca oprimida e doente não quero deixar de agradecer-te por este modo o favor q me permites, e as consolaçoens que me procuras. Os meus trabalhinhos tem sido mais importunos do q tu discorres porq eu tenho querido pouparte a mortificação de [me]⁶ considerar cercada de tao funebres imagens. Chamolhe trabalhinhos, porq só acho grandes aquelles em que a tua familia

¹ Entre linhas.

² Talvez por *antes*

³ Entre linhas.

⁴ Anciano sátiro filho de Pan e dunha Ninfa. Nome normalmente attribuído a todos os ancianos sátiros. In *Ars amandi*, p. 28.

⁵ Datamo-la em funçom da série de cartas que começam a 01.08.1771, com o anúncio da viagem para Estoril, e continua com 7 textos datados neste lugar em datas semelhantes.

⁶ Entre linhas.

labora antes desses serem conhecidos costumava a gente espantarse d'outros. Em fim depois de m.^{ta} coiza q não he p.^a carta adoeceome com sezoens quazi toda a familia: não foi exceptuado meo cunhado posto que este as tem levado em pé, eu cheia d'opreção carregada de cuidados, opprimida de desgostos, depois de sofrer em pé dez [p. 1] dias de febres erradas, com m.^{tas} convulções vim p.^a esta Praça¹ a meterme na cama onde fico livre de febre sem mais remedio que procurar adquirir descanso e tomar m.^{tos} remedios frescos. Em podendo logo parto p.^a Lx.^a p.^a tomar os banhos do Esturil, e talvez hir depois a Punhete². Agora não posso escrever mais perdoame se t'afflijo e dizeme se estás boa p.^a m.^a consolação Poemme aos pés de tua May e da nossa Marcia e conhece q deveras depende da tua a felid.^e de

T

Recebi m.^{to} retard.^a a carta de q me falas e q não trazia direcção no sobre escrito p.^a terra nenhuma.

[34.] Vimr.^o 1.^o de Agt.^o de 1771

Minhas Excell.^{tes} Snr.^{as} O meo afflicto coração quizera explicar os seos sentim.^{tos}, mas não pode por mais que o pertenda na prez.^{te} occasião, em que fico com m.^{to} cuid.^o em ti Amada Lilia, pelo que me dizes, e em m.^{tos} dos meos porq padecem: neste numero entra hum Irmao a quem amo mais q a todos os otros e a q.^m não posso assistir estando longe de mim e com gr.^{des} sezoens. Eu não tenho dia certo ainda p.^a a jornada, mas como vou tomar banho ao Esturil por todo este mez heide hir p.^a Lisboa p.^a dahi partir Perdoa m.^a Sr.^a se não digo mais, desculpame comq o q experim.^{tas} se te parecer que sou m.^{ta} Irmaã. Marcia dos meos olhos não te vingues de mim com me julgares inumana, conheceme q sou tua cap.^{ta} sem dextar [sic] de ser Tirse de Lilia

[35.] Estremoz 22 de Ag.^o de 1771

No dia em que te escrevi Amada Lilia tive huma sezaõ formal, porem benigna no seguinte acauteleime com a quina e ella me tem livrado deque as refregas sejaõ sezoens. Oje me faltou de todo; mas como tenho ainda m.^{tos} doentes, não posso dizer quando partirei³ o que eu m.^{to} dezejo até p.^a me grangear a fortuna dete ver q devendo ser o primr.^o objecto, nas circunstancias prez.^{tes} lembrome da m.^a saude primr.^o, porq taõ bem nisso te contemplo. Bejo as mãos a tua May e Irmaã pela m.^{ce} que me faze, e eu lhe mereço. Na carta, que podia perderse arriscavase a perda da galantissima resposta de Marcia ao que eu lhe recomendei na carta das surriadas o q tu queres dizer supponho q he das tres amigas: tudo está seguro em meo poder. As novid.^{es} das sortes são funestas p.^a

¹ Provavelmente se refere a Estremoz.

² Actual Constância: «povoação portuguesa do distrito da diocese de Portalegre e Castelo Branco e comarca de Abrantes, com 909 habitantes (dados de 1987). Sede do Concelho. Até 7-2-1836 teve o nome de Punhete. Está situado em anfiteatro, na confluência entre o Zézere e o Tejo» in www.ribatejo.com/ecos/constancia/cnhistoria.html (09.01.2004).

³ Talvez se refira à estadia no Estoril entre 17 de Setembro e 24 de Outubro desse ano.

quem arriscou nellas com taõ pôca segurança; saõ contratos em q s'arrisca m.^{to} cabedal, e em que d'ordinario se perde. Perdoa [p. 1] se me naõ demoro mas nisso mesmo te obedeço porq naõ estou ainda capaz de continuar e acabo protestando q te he fiel a tua

T

[36.] Cara Lilia perdoa sete naõ digo mais que fico boa, e q p.^{to} seg.^{da} fr.^a p.^a essa corte sinto no meo coração tudo o q te afflige, e nelle te agradeço quanto te devo. Poemme aos pés de tua May e Irmaõ e naõ separe de ti a

Fiel

T

Estremoz 29 de Ag.^o de 1771

[37.] Eu m.^a Lilia passei bem¹; o remedio he m.^{to} benigno e igualm.^{te} efficaz; mas o teo cuidado ainda he mais p.^a me restabalescer, concorrendo p.^a a m.^a completa satisfaçaõ. Sinto que me naõ dez novas tuas, porque o meo coração as dezeja, e a m.^a saud.^e as necessita; mas espero q p.^a as otras vezes emendes este descuido, pois conheces quanto me entereça a emenda. As lindas duas cartas que ontem recebi tuas obrigaraõ [me]² quanto deviaõ; a tua resposta he linda, e mais linda a tua primr.^a carta/ a de que se fallou na grade ainda me naõ veio à maõ/. Naõ posso antes do Esturil ter o gozto de te ver parto seg.^{da} fr.^a, e necessito fazer algumas delig.^{cias}, que dependem de mim; mas p.^a o futuro convidame q.^{do} quizeres, que sempre hirei com gozto. Sendo a grade de tua May naõ posso, nem debo chamar p.^a ella, senaõ quando ella quizer, que venha gente de fora: farei o mesmo a resp.^{to} m.^a Tia, q fazia n'otro tempo q.^{do} me onravas menos³, q te procurava depois de estar com ella algum tempo, e como isto se pode praticar nas suas p.^a que naõ tenha acçaõ de queixarse assim q o meo [...] de conseguir o q dezejamos sem desconfianças &r.^acom[...] dissestes que tinhas quanto eu te tenho escrito entrou m.^a May no apetite de o ver ; eu dezejei destruirlo; mas ella, naõ se mostrou satisf.^{ta} que queres q lhe faça! he m.^a May, e bem boa, se naõ tiveres duvida mandame esses borroens, e nelles porei as emendas que te dizia. A resp.^{to} disto me lembra hum coiza que poderia fazer hum longa conversação entre nós: naõ posso dizer tudo; mas convem fallar em p.^{te} O Primo Luiz de Vasconcellos⁵ naõ he boa comp.^a p.^a a peçoia com q.^m hia terça fr.^a; guardame segredo porq.^m es mas dize a tua May, que ponha as precisas e prud.^{tes} cautellas p.^a o desvio. Porem [p. 1] seja de modo, q nunca perceba o *teo* de donde [sic] nasce a deferença [sic]. Tenho bastantes motivos p.^a crer q a amizade he cavilozia; naõ por aleivozia; mas por hum caracter de leveza que lhe he inato, e que pode ser prejudicial as peçoas com q.^m trata m.^{to} familiarm.^{te}

Vê tu por q via tem elle visto os versos q te tenho mandado e por que meio

¹ Dataçom possível entre 29 de Agosto e 17 de Setembro, altura em que começa umha série de cinco cartas (até 24 de Outubro) datada em Estoril.

² Entre linhas.

³ Refere-se a um tempo anterior ao estabelecimento da correspondência?

⁴ Lacunas pelo mau estado do suporte.

⁵ Nom temos conseguido identificá-lo com seguridade.

consequio mostralos à Marq.^{za} de Louriçal¹. O gr.^{de} J:[C]²: ainda temo q seja funesto á nossa amizade. Tenho averiguado certo ponto em q te fallei ha tempos a resp.^{to} de se mostrarem versos teos por peçoas de inferior qualid.^e e de pessimo character; sei, que os mostra hum f.^o de Estevão Pinto, a q.^m os dá hum celebrado Monstr.^o /que eu julgo não será admitido por V. Ex.^{as}, porq certam.^{te} o não meresse/ mas q tem comunicação nesse Conv.^{to} comq.^m quer q for, e por ahi navega dando p.^a fora intellig.^{cias} mais sublimes Eu sinto minha Sr.^a fallarte nesta materia; mas eu q te amo não me atrevo a ver sacrificar o teo sagrado nome proferido por sacrilegos profanadores delle. Daõ me preça p.^a q acabe por isso corto o fio protestandote q te será fiel

T

[38.] M Lilia estou com cuid.^{o3} na peçoa doente dezejando saber como vai com os seos remedios de prevençãõ. D.^s queira que fosse bem succed.^a para q quando entrar na cura radical possa tirar della a utilid.^e que necessita. Taõ bem bem [sic] o tenho em ti e na molestia da tua boa May, avizame de tudo o que te pertence com miudeza porque tudo estimo, tudo dezejo, e nececito. Ja sabes que Marcia não fica de fora, e que a sua saude he p.^a mim igualm.^{te} precioza. Bejote as maõs pela memoria do dia de S.^{ta} Thereza; eu o passei bem amargurado em S: Joaq.^{m4}, porque fui chorar onde tantas n'ontro tempo foraõ rir: naquelle dia apenas estivemos treze, ---⁵ daquellas, que se não confundem com o comum. Vê se digo bem, que dezenganaõ mais os vivos, que os mortos? Não sei quem foram as que tiveraõ [a fortuna]⁶ de te ver nesse dia, e q tiveraõ a ociozid.^e de te fallar emmim: suponho que foraõ Penalvas, e julgo que a May e a f.^a mais velha saõ na verd.^e m.^{as} amigas. Eu parto esta madrugada p.^a o Esturil onde me demorarei não sei ate quando mas sei que sempre e em toda a p.^{te} he tua Cap.^{ta}

T

Minha triste May te beja as maõs, e á tua não ficando Marcia com as suas de voluto.

[39.] Esturil 17 de setembro de 1771

Suspirando por ti a toda a ora, clamando em vaõ pelo suave nome da Bellissima Lilia, q me encanta, passo os dias neste dezerto o mais agreste, o mais dezabrido sitio, q tenho habitado em m.^a vida. Tomei já tres banhos sem abalo o q me faz esperar, q posso continuar a cura a dois e dois banhos cada dia, eu m.^{to} dezejo p.^a me grangear [sic] a felicit.^e de te ver, e de te ouvir em dezafoço, o q eu m.^{to} dezejo, portudo quanto tu podes discurrir sempre que me fizeres justiça. Tenho que agradeçerte a paciencia, comq não só

¹ D. Maria da Glória da Cunha e Menezes (04.11.1748-11.1825), casada com D. Henrique de Menezes, 3.^o Marquês de Louriçal (05.01.1727-?)

² A leitura nom é segura.

³ Datamo-la em funçom da série de cartas datadas em Estoril.

⁴ 26 de Julho.

⁵ O papel está roto.

⁶ Entre linhas.

tens soffrido a m.^a correspondencia; mas guard.^o os meos insipidos escritos: tu lhe chamas preciosos /que bem soão esses termos aos ouvidos da vaid.^e/ eu não quero negarlhe apreço attend.^o á amizade, q os ditou, e deixo a tua bond.^e o gosto de confundirme com as tuas exprobações. Minha May ainda não chegou, eu satisfarei á sua curiosid.^e com a moderação, q pede a m.^a delicada amizade p.^a contigo; cuja felicid.^e, cujo socego, cuja conservação, me occupaõ sempre todo o coração. D.^{os} abençoe os meos deignios, D.^{os} guie as m.^{as} palavras, D.^{os} governe os meos passos e prospere os meos projectos, p.^a q se me não frustre a esperanaça de te ser util.

Tinha escrito atequi quando recebi as [p. 1] tuas cartas; ao fim da tua seg.^{da} podia responderte com o mesmo Autor, na mesma canção. Io fra remonte sponde = Mesto volgendo i ssassi = Andró chiedendo ai sassi= La Ninfa mia, dov'e?= Dall'uma all'altra aurora = ti andró chiamando agnora, e tu che sá se mai = ti d.....¹

Naõ m.^a Sr.^a não duvido de ti; sei que me onras mil vezes o tenho protestado; sei q me soffres agora acabo de receber novas provas desta verd.^e, mereço que me estimes, e serão irrefragaveis os testemunhos q disso te dará sempre a m.^a amizade. Bejote as mãos pelas satisfações sinceras, q queres dar-me; mas he percizo que saibas, q eu não tenho a confiança de te arguir se deste modo interpretaste os meos avizos, ou eu me expliquei mal nelles, ou tu te preocupaste, q.^{do} os leste Pelo que te resp.^{ta} não me atrevo a duvidar: huma palavra tua me bastou ha m.^{to} tempo p.^a não esitar; e porq de ti não duvidava; me occorreo, q os meios por onde podia o Lourçal² ter visto os meos versos, eraõ [-----que te aponte]³. Eu nenhuma duvida tenho de a [p. 2] confiar de ti as m.^{as} razões; mas de papel não julgo prudente fialas. Estimo que seja falço q.^{to} me disseraõ; nada dezejo tanto como a felicidad.^e do q te pertence he certo com tudo que o character do P.^{mo} L.⁴: he, e tem sempre sido julgado pelos que o conhecem como to pinte; mas isso não obsta p.^a q o seo merecim.^{to} seja diverso do juizo, q se faz delle. Se os dois Irmaõs tem otro nome, e não creio q dem passo sem segurança, e brio; ao menos esta he a voz do Povo a seo favor. Se allem delles, tem VEx.^a do terceiro igual experiencia, aprovo estimo e aconselhara a conservação da amizade. O meo animo não he destruir o bom; he dezejar apartar o mal e verdar.^o mal [sic]. Tu bem sabes q a mim não me toca emendarte /nem tens de que/ m.^{to} menos depende tua May da m.^a aprovação p.^a o acerto das suas acções; porem o officio da m.^a amizade sincera, he propor /seg.^{do} o q oiço ou observo/ os inconvenientes q a meo juizo encontra; porem estes sempre vão revestidos daquele character, q possa obrigar-te, e nunca animados de espirito, q te offenda. Huma pratica sem testemunhas, desvanecia todos estes inconvenientes da escrita.

Pelo que toca ao Monstr.^o, he certo q eu [p. 3] nunca lhe falei; mas ha m.^{to}. tempo que tenho largas noticias do seo character, e das suas opinions Poeticas, &r.^a Ha m.^{tos} mezes me pedio huma peça, q se entereça deveras por VEx.^{as}, que te avizasse de q não convinha, q o tal sug.^{to} fosse admitido por VEx.^{as}; *eu lhe respondi, q não faria tal, porq sendo o seo character tal como eu sabia, e a peça me pintava; era infallivel, q VEx.^{as}. o não admittiriaõ. Instaraõ-me* que elle hia a esse convento, e se jactava de ser corrector dos teos versos; coninuei dizendo *q seriaõ as suas daquellas jactancias perigozas e faças, de q.^{tas}. vezes não podiamos livrarnos, por mais q fizessesmos.* Huma peça q foi de Lisboa me disse, q a Loiriçal lhe tinha fallado nos meos versos, e deo sinaes certos como ja te disse: confeço q p.^a. ver por onde lhe teriaõ chegado, e

¹ «Sempre vel tuo cammino,/ Sempre m'avrai vicino;/ te tu, chi sa se mai/ ti sovverai di me!/ Io fra remonte sponde/ nesto valendo i passi,/ andrò chiedendo ai sassi,/ la ninfa mia dov'è?/ Dall'una all'altra aurora/ te andrò chiamando agnora,/ e tu, chi sa se mai/ ti sovverai di me!», Metastasio (1746), *Canzonetti*, «La partenza» in <http://www.liberliber.it/biblioteca/m/metastasio/arie/html/canzonet.htm> (23.12.2003).

² O Marquês de Lourçal.

³ Deteriorado o extremo da folha.

⁴ O Marquês de Lourçal.

averiguar se era falço o q me deziaõ [sic], aponteí entre varios sug.^{tos} o Monstr.^o o proferir o seo nome espantouse a peçoã e respondeome *Eu pasmo de q VEx.^a se lembre desse sug.^{to} pois a Sr.^a Marq.^{za} havia admitir hum homem taõ indigno?* Exaqui m.^a Sr.^a algumas das coizas que posso dizerte a seo resp.^{to} otras [p. 4] ja tas disse e a este resp.^{to} não tenho, ou não devo dizer mais, porq tu sabes o q basta quando taõ bem seja falço o que lhe imputaõ/ de q não duvido porq ha m.^{to} q.^m minta/ não arrisquei nos avizos q te fiz mais q aparecerte nimiam.^{te} escupuloza a m.^a amizade; deste defeito não sei, se tu quererás que eu me reforme. Pelo q toca a J:I.¹ o m.^{to} que ella se mostra instroido [sic] do q passa entre nós confeço q me aborrece. Que tem ella com q tu te previnas de Poezias p.^a m.^a chegada que lhe importa o q eu te hei de responder? q enteresse tem em averiguar o como te correspondo? Na verd.^e saõ impertinencias, q eu soffro a outras peçoas; mas saõ peçoas a q.^m pode desculpar ou a qualid.^e ou o parentesco ou a amizade. He certo que ella disse q tu tinhas f.^{to} não sei, q Poema á m.^a chegada: isto parece falço porq se o não fosse q razaõ haveria p.^a q tu me negasses esse favor q.^{do} me tens concd.^o tantos, dessa natureza? ora se isto he falço, parece q lhe não fica improprio o ditado *do Cestr.^o* e se ella destas falcid.^{es}. paçar a dizer estas não poderá ser funesto a nossa amizade? A mim não me ocorre q ella tenha poder p.^a a destruir: eu sei o q tenho [p. 5] em mim; e persuadome de q avalio o q tenho em ti sem offença do teo merecim.^{to} mas tu não podes negar-lhe a possibilid.^e de disgostarnos e tendoa, não *pode ser funesto à nossa amizade?* Se tu chegastes a disgostarte ou a scandalizarte desta prepozição, não sinto otro remedio mais que o de pedirte perdaõ, e m.^{to} deveras to peço; mas ao concedermo observa se a propozição foi falça. He sem duvida q tu podes mostrar os teos versos a q.^m quizeres; eu nunca pretenderia pôr limites a tua liberd.^e; saõ totalm.^{te} alheios disso os meos dictames; q.^{do} te propuz, q não os vulgarizasses, deite as m.^{as} razoens; porem o meo juizo não he infalivel; e em tu faz.^{do} o q tua May julga prudente, a ninguem mais importaõ as tuas acçoens. Da capacid.^e de teo galante Irmaõ nada duvido, mas tu bem sabes, que a sua tenra idade, hade pintarlhe m.^{tas} couzas com diversas cores; ao menos isto he o q costuma socceder: eu te agradeço vivam.^{te} a reserva que tens feito dos meos versos, e escritos: a meo resp.^{to} militaõ diversas regras; eu tremo de q se mostre hum papel meo; porem eu tenho assaz razaõ p.^a isso. [p. 6]

Depois de tudo o q fica dito dizeme se ainda fazes grande sacrificio a nossa amizade em não desconfiar, por Tirse *admitir huma possibilid.^e. funesta a nossa amizade?* Se o fazes eu to mereço; mas se me conheces como dizes, estou certa de que o não faras. Eu sou m.^{to} pôco humilde, e quando fosse seguir as regras, q tu guardas poderia inspirarme soberba; porem nunca umiliação: eu não sei se as m.^{as} ideyas se conformaõ com as tuas, sei q ainda que defiraõ, não te saõ injurias; e que vivem, como se só p.^a ti nascesse [sic], não posso obrigar dictame, nem forjar pençam.^{to}, que não seja encaminhado a obzequiarte se o conseguir nada terá q dezejar a sempre

Fiel

T

Snr.^a Marcia Ex.^{ma}; de tantas coizas, que tens q me dizer, não podestes escreverme huma só? Não te conjures contra mim olha q sou fiel, agradecida, sincera, persistente, e exacta, em comresponder a q.^m me obriga. Sejame testemunha a Nossa Lilia; mas porq se intitula ella a *triste Lilia?* donde procede essa novid.^e? Marcia, por q.^m es dizeme tudo, e poeme aos pés de tua May

¹ Joana Isabel Lencastre Forjaz.

[40.] Esturil 28 de Setembro de 1771

Naõ me tem sido possível, m.^a sr.^a e amada Lilia escreverte estes dias. Tenho tido gente q me embarçou este suave exercicio, e tenho huma amavel May, q faminta de fallar comigo procura reçarcar a perda de dois ano.^s nestes pocos dias. Naõ posso igualm.^{te} mandarte os teos sonetos: Saõ m.^{to} bonitos p.^a eu ficar sem elles nececito copialos, e naõ tenho tido tempo, mas se tu absolutam.^{te} o mandares hiraõ com os mais papeis q tu queres. Eu espero deixar de tomar banhos brevem.^{te}, e hir p.^a Lisboa estar esse par de dias, emq me der a perguiça de os tomar, entaõ hirei aos teos pés como, e quando tu quizeres; mas sempre quero pedirte, que me naõ trates como estranha aquella mesma menza com que teo Irmaõ se regala me sobeja a mim p.^a esse dia, porq a m.^a maior satisfaçaõ será verte e ouvirte. Percebo o que queres saber: taõ bem eu nececito da conferencia p.^a saber o como me heide haver. Tu sabes q *meo Primo* está m.^{to} vizinho da *sorte*, mas naõ sabes, quanto me attende, e quanto procura obzequi[p. 1]arme; tenho aceitado, e correspond.^o a estes obzequios só por amor de ti, naõ porq elle possa vencer o Fado mas, porq me pode servir de movel p.^a as Nigromancias. Por ora naõ faço mais q explorar os câpos [sic] obzervar a qualid.^e de semente que convem a cada terreno, p.^a depois em sabendo de ti, qual he a que mais te agrada lançar maõ da lavoira [sic]. Tudo isto pode ser que seja infructifero, porq a terra ingrata ha m.^{to} que naõ corresponde ao suor de quem a cultiva; mas ao menos poderei dizer algum [dia]¹ *fiz quanto pude/ apesar das mundanas fantasmas/ por satisfazer a m.^a amizade*; e ao menos *se naõ consegui o que dezejava livreime do remorso da inaçaõ*. Exaqui hum prologo p.^a a nossa conferencia agora nada mais posso dizer porque ja esta perto a huma da noite, e tu naõ queres que eu te escreva a esta ora Digo do Montr.^o o mesmo que te disse do Pr.^o Luis² &r.^a se a aperiencia [sic] te segura, naõ [ha]³ mais que dezejar quem me avizou nem he como elle, nem lhe tem [p. 2] inveja nem depende delle. tua May he q.^m te governa, eu satisfaço à m.^a Amizade em propor como ja te disse tu farás o q julgares; mais conveniente, porq esse juizo naõ me pertence. Tenho receio deque te fizesse mal a trevoada cá foi mais ligr.^a mas sempre nos assustou. A D.^s Lilia de q.^m he, e sera

Cap.^{ta} fiel

T

Minha May te b.^a as maõs, e ambas nos offerecemos aos pés da tua, e da terna Marcia: das tres amigas tenho melhores novas.

[41.] Esturil 1º d'oitubro d 1771 [sic]

Amada minha, remeto os teos sonetos copeados por mim querendo que me ficasse o teo original; mas reparando em que me ordenas positivam.^{te}, que tos mande o faço deixando copia p.^a naõ perder coiza, q tanto me lizongeia. Ontem que fiquei só fiz os que te remeto. p.^a me entreter contigo agora, que chega m.^a May despacho esta, e te peço o gosto de boas novas tuas, e de tudo o que te pertence. A D.^{os} senhora de Tirse: eu fico boa e fiel como sempre aos pés de tua May, e Irmaã.

¹ Entre linhas.

² O primo Luiz de Vasconcellos citado em «Eu m.^a Lilia passi bem».

³ Entre linhas.

[42.] Minha adorada Lillia, não sei dizer o cuid.^o, que me deve tua May por conta das sua inchação; consulta o teo Medico sobre o uzo d'agoa cozida com a raiz da Abutua ou Parreira brava, e vê se queres que mande consultar Frary em Estremos, que tem sido feliz nestas curas. Estimo que a tua doente tome os remedios sem enjoo; estes achaques como se não curaõ de repente trazem com sigo a inperitencia de nessecitarem [sic] o uzo frequente dos remedios applicados bom he que a estrangeira moztre geito p.^a tratar a enferma, e melhor ainda, que esta procure grangear a amizade daquella, porque pode ter com ella os seos dezafeitos; e o lamentar a dor q se padece, parese as vezes que a modifica. Ontem fui a Oeiras ver a nova fr.^a, que ha naquelle citio; e nelle se conserva ate D.^{mo} O concurso foi m.^{to} numerozo, achei que era proprio devertim.^{to} para gente mossã; lá estavaõ m.^{as} P.^{mas}, e a m.^a Marqueza de Pombal¹, a quem sou m.^{to} obrigada: tem excelente coração, he amiga de quem se fia della; posto que se não possa esp[erar]² della nem huma regra em resposta de hum escrito. Creio que voltaraõ varias vezes àquelle citio neste oitavario, especialm.^{te} no D.^{mo}, em que he natural q concorra m.^{ta} gente, e pode ser que taõ bem eu vá. Eu vou tomando os meos banhos, sem abalo, e se tu quizeres paresseme q será melhor, e a todas luzes mais comodo, transferir a comemoração de S. Quintino, p.^a dia de S. Florencio; eu não levo de fora ninguem mais, que o Conde, se for percizo p.^a entreter alguem e não acho peor a grade de baixo, porque fico mais perto de ti, porq he mais facil, faz menos bulha, e he mais propria, p.^a evi[p. 1] tar desconfianças, passando p.^a a vizinhança sem preparo quem necessitar de ser entretida. Faze o que quizeres; mas avizame de que determinas, e poeme aos pés da tua May e Irmaã a minha está em Lisboa, e aos teos fica

T

Esturil 21 de Oitubro³
perto da meia noite

[43.] Esturil 24 de Oitubro⁴

Amada Lilia do meo coração Tu podes discorrer a qualid.^o do meo cuid.^o em tua boa May p.^a me livrar delle faço estas regras D.^s me dê a consolação de saber q estás livre de susto.

Acho q a doente não tarde em fallar ao medico; sabado pela manhã era bom dia de o consultar, porq costuma nesse dia ter ao seo lado hum amigo intellig.^{te}, e que, pode explicarlhe bem a queixa, se a doente não tiver termos proprios p.^a s'explicar.

O dezamparo das duas pobres a ruina dos seus dotes, e tudo o mais desta natureza deve fazer com q se enterece o seo procurador, em alivialas, e que uze dos termos pateticos, e naturaes p.^a mover o Juiz a centenciar a cauza a seo favor. Eu te peço q te entereces nisto por me fazer favor, e q me dez emque te sirva p.^a o quê me tens prompta pois [sabes que o não peço por cumprim.^{to}. Poimme [sic] aos pés de tua May e Irmaã a q.^m a m.^a se recomd.^a A D.^s

tua T.]⁵

¹ Leonor Daun, austríaca, filha do General de Daun, e em boas relações com a aristocracia contrária ao seu marido.

² A folha está rota.

³ Datamo-la em 1771, seguindo a sequência das outras cartas datadas no Estoril.

⁴ Datamo-la em 1771 seguindo a sequência das outras cartas datadas em Estoril.

⁵ Na margem.

[44.] [Depois de 26 Novembro 1771]¹

Com razão Amada Lilia te compadeces de mim perdi hum aTia que era hum parecida copia de meo Pay: com esta perda renovaraõse todas as chagas antigas, e o meo facil compadecer dos estranhos naõ sabe conterse a vista de hum lastimoza f.^a q chora sem remedio a perda de May, d'uma companheira, d'uma amiga, d'uma S.^{ta} Louvado seja D.^s por tudo!

Eu senti naõ poder hir ontem naõ só p.^{lo} gozto de te ver mas porq eu queria huma conferencia de tua May com o conego na m.^a prez.^{ca} talvez eu a manegei; mas a provid.^{cia} frustrou ella sabe o porque. Naõ sei se fariaõ hum escrito em q eu te dizia a razãõ de te naõ hir buscar, mas como o encarreguei a huma creada naõ sei se faria o que lhe disse, porq ainda a naõ vi.

Bejo as maõs a tua May, e Irmaõ p.^{la} m.^{ce} q me facem, e fico dezejando a certeza de q a nacida naõ he de cuid.^o: perdoa se te deixo mas he indispensavel fazelo, porq vem gente de cumprim.^{to} A m.^a felicid.^e consiste em protestar q he

tua fiel
T:

[45.] Estremoz 1.^o de Fevr.^o de 1772

Que prez.^{tes}? que prohibiçoens de os fazer eu naõ te intendo [sic]; e farei a este respeito o que julgar a m.^a amizade mais conforme com o seo gozto. Taõ bem isto leva algum ar de inigma, ora eu me explico Ha coiza mais natural que querer q tu proves daquilo que me sabe bem? pois isto he o que te hade succeder sempre que eu tiver alguma coiza de que gozte; e como tu/ ainda mal/ nenhuma tens de gozto, naõ tens q pertendas mandarme em retorno, e por consequencia nenhum presente podes fazerme, q seja digno da m.^a ternura, senaõ a remeça das tuas novas dos teos versos e dos de Maricia &r.^a As groçarias que eu posso mandarte nada as levara que naõ seja amor: sempre ouvi por cá dizer, que q.^m quer bem na boca o sente e por isso [se]² chegarem a tempo huns tordos que mandei oje vir do Vimr.^o te hiraõ seguros no corr.^o senaõ [sic] chegarem terei paciencia, e sentirei que tu os naõ possas comer porq saõ bem bons. Ora basta de cozinha

Estou morrendo de saud.^{es} tuas. Escrevite dos silvr.^{as} [sic] ja quazi entrando n'um accid.^{te} estherico [sic] q me durou largas oras, e que repetio pela manhaã ao tempo da funesta separaçãõ de m.^a May: todas as [p. 1] chagas se removeraõ, e a Natureza faltandolhe o freio da razãõ fez q.^{to} era proprio p.^a se quechar [sic] da dor que sentia. Cheguei a Vimr.^o com menos opreçaõ ahi me detive hum dia porq as cheas me imperdiraõ a paçagem p.^a esta Praça aonde cheguei quinta fr.^a quazi a nado, e me conservo duvidoza sobre se pertenco a familia de Noé, porq o diluvio he tal que todos estamos metidos n'arca sem saber quando ceçará. Tenho tido alguma dor de cabeça, e tal abatim.^{to} de Espiritos, que ate este goztozo exercicio parece que me oprime./ assaz me explico!/ Naõ he m.^{to} que assim succeda sendo isto huma evid.^{te} prova de que estou longe de ti: Mandame, m.^{tas} miudas novas da tua saude, e da tua May e Irmaõ dizeme se produziu alguma coiza a m.^a carta p.^a o conego, se estas entregue das miz...? o mais que depende desta Provincia, entendo que sahira tudo em boa conta? A D.^s m.^a consolaçaõ. Oh se fora possivel que tu viesses fazer feliz a tua

T!

¹ Data da morte de Violante Maria Josefa de Mello, única irmã casada de Francisco José de Mello, pai da Condessa de Vimieiro.

² Mancha de tinta.

[46.] Estremoz 7 de Fevr.º de 1772

Minha Adorada Lilia estou in[-----]¹ escrever m.^{to} os meos olhos andão m.^{to} choroens e a cabeça m.^{to} delirante tudo são effeitos da luctoza separação de huma May q me adora e d'umas amigas porq.^m suspiro Facil te será adivinhar q.^m sejaõ. *Marcia olhará p.^a ti, tu p.^a ella e p.^a tua May, e todas diraõ; he verd.^e somos nos o objecto da sua saud.^e Tirse he fiel, não se muda com a distancia: não pode vernos; não consegue utilizarnos tudo a contrista, tudo a faz merecedora da nossa amizade, da nossa compaxaõ.* Vaõ duas duzias de tordos, que faraõ huma gostosa seia p.^a as m.^{as} solitarias, se a sua cuzinheira os souber fazer com arroz. Já oje se compraraõ os porcos p.^a a chacina, q julgo sahirá m.^{to} acomodada, e por hum almocreve que ade partir p.^a a semana mandarei as cabeças feitas em achar². as maõs, e pés em figura de porem [sic]³ guizarse otras miudezas taõ bem capazes de se meterem na olha⁴ e servirem p.^a a familia, pode ser q taõ bem vaõ os choriços de sangue, que são bons, e quando V. Ex.^{as} não goztem [p. 1] [-----]⁵ são estimados em Lx.^a pode pagar alguma pequena obrigaçaõ. Tua May que descanse que ja tenho hum caderno com o titulo de contas da Marqueza d'Alorna. O toucinho, e mais a carne não pode hir senaõ p.^a a Pascoa depois de curada mas se o neecitarem, posso eu mandarlhe do meu agora, e descontarseha depois no que lhe deve hir

Q.^m falla com esta confiança merece outra tanta.

A D.^s q quer partir o corr.º Conservate e vive p.^a felicid.º de

T

[47.] Estremoz 28 de Fevr.º de 1772

Que tarde! que noite! que manhaa [sic]! que amarguradas oras passei amiga da m.^a alma depois que recebi a tua carta de 18 ate que recebi pelo alcance [sic] a tua carta de 25! Eu ainda quizesse [sic] não podia explicarte o que tenho padecido. Os estragos tem sido grandes; mas como ja tenho motivo p.^a me alegrar, começo a dizer q estou boa bem q os ossos de toda a cabeça me estaõ doendo fortem.^{te} Foi Provid.^{cia} que se delatasse [sic] a carta ate ontem porq se isso não fosse que seria de mim estando tantos dias no martirio em q estive estas oras? graças a D.^s! Logo lhas dei, e q.^{to} tinha mandado fazer de devoçoens p.^a alcançar a melhoria mando continuar por agradecim.^{to} de a conseguir-mos. Agora o que importa, e o cuid.º da convalescença; e o teo socego: eu quizera dizer mais, mas a cabeça os olhos, e o mesmo coraçã [p. 1] não podem condescender com os dez.^{os} da v.^{te} A D.^s m.^a Marq.^{za} huma e mil vezes abraça por mim a resçuscitada [sic]: dizelhe q ja lhe não sei escrever, e que o não farei em q.^{to} ella não estiver capaz de ler: dizelhe que aquelle funesto papel me estará sempre na lembrança se ate agora p.^a atormentarme, daqui p.^a diante p.^a segurança do q lhe devo Taõ bem quero mil car.^{os} p.^a a pobre Marcia. Coitadinha quanto me lastimava o seo susto o seo trab.º a sua qx.^a Ainda me estaõ cahindo as lagrimas recordando todas as m.^{as} tristes ideias os funestos sonhos dos breves inst.^{es} que dormi A D.^s m.^a amiga não pode mais a tua fiel

¹ Talvez «icapaz de». Leitura pouco clara polo mau estado do suporte.

² «Espécie de picles confeccionado com diversos frutos ou raízes em vinagre ou salmoura e especiarias».

³ Talvez por *poderem*.

⁴ «Guisado feito com carnes variadas e legumes».

⁵ O papel está roto.

Sofre q te diga q o meo
Soneto provou m.^{to} da amargura do meo torm.^{to}

[48.] Estremoz 6 de Março de 1772

Bejo mil vezes a mão, que me alivia do pezo do meo cuid.^o oh se eu podera na realid.^e verificar esta expreção q o costume desculpa a favor de huma amizade verdr.^a! Em fim compadeceo-se D.^s dos nossos rogos? Lovado [sic] seja, por nos conservar huma vida, que faz a tua consolação, minha Marqueza, e que faz as m.^{as} delicias! O susto, que me cauzou a funesta nova, deome que sofrer até 3.^a fr.^a tive sabado huma tão violenta dor de cabeça, q cheguei a pedir a D.^s me não matasse com ella pois nem poderia fazer hum acto de contrição. Oje porem estou boa e cheia de confusão pelos excecivos agradecim.^{tos}, comque retribues huma pequena prova da m.^a amizade se me fora possivel praticar quanto ella me inspira, então sim tinhas bem que agradecer, não quer D.^s que me devas a tua felicid.^e, se o quizesse, isso he o que só me satisfaria: o mais, tu o sabes, são humas consequencias [p. 1] necessarias da amizade, que tu/ perdoame o reparo/ *bem podias esperar* de mim. O que sinto he que não quizesse servirte de todo o pequeno soccorro que te mandei; não me fazia falta; eu to protestei sinceram.^{te}; e como era m.^{to} meo, podias sem escrupulo gastalo como teo. Porem não me formalizo; agradeçote essa prova de que me conheces, servindote ao menos dessa pequena parte; Mas dispoemte a contar comigo para as tuas vexações, querellas vierem [sic] em occasião critica, eu heide fallarte com amizade, e tu conhecerás se eu faltar em alguma, que o pecado não he grave, porq só a impossibilid.^e mo fará cometer. Eu não suponho que te mandaria nada que não fosse da tua fazenda porque ainda, que hia com otra da mesma qualid.^e a tua hia atada com sinco molhos, p.^a se distinguir; e suponho que assim ta remeteria. O que estimo he que chegasse a tempo de te ser util; o mais que renderão os dois defuntos estasse curando. Não te aflijas com o rol [p. 2] porque mo não has de pagar, senão distribuido pelas mezadas do anno, que vem: no fim deste, se eu viver, to mandarei: se achares que te servi bem, continuarmehas a onra de tua mordoma; se julgares que te não fui util, reprehenderás o que for digno de correcção, e emendarmehei. Cuida tu em ver se por este modo se diminue o excesso dos teos rois, q os meos ficam assim m.^{to} bem arranjados; procedendo com a certeza de que a m.^a morte não hade descobrir o meo pequeno servisso, ainda que seja inesperada: tomara eu fazerto sem que tu mesma conhecesses, que mo devias, para te poupar aos estimulos da tua generozid.^e; mas como isso não pode ser, debes tu soportar com paciencia tudo o custo de depender de huma amiga fiel, q.^{do} a sorte te poz em sircunstancias de depender de hum Ad...¹ indolente. Mas que disse eu? tu não dependes de mim, não, minha querida, a amiza[p. 3]de nos identifica, e destroe por este modo o pezado horror da dependencia. Estas forças rezoens te devem mover a fazerme o favor de queimares a m.^a carta: se as estranhezas, que experimentas nos otros, te fazem avultar mais ou as minhas obras, ou as minhas expreções não he isto bast.^e titulo p.^a me destinares hum tão improporcionado premio: alem de quê esse papel fôra das tuas mãos, perde quanto as sircunstancias lhe grangearão de merecm.^{to} Queimesse a carta e fique ignorado por todos hum obsequio de cuja pequenez eu envergonho. Tenho horror a ser Hipocrita, e por isso te digo que a

¹ Administrador.

assistencia, que nella te prometia fazer, ficou frustrada pela m.^a qx.^a: novo titulo p.^a a queima. Mas ja basta de fallar em coizas velhas; dame novas da tua saude e da melhoria da nossa Lilia da conservaçaõ da pobre Marcia, e de tudo quanto pode entereçar-te. Dalhe por mim hum, e m.^{tos} abraços; mas prohibelhe [p. 4] que me escrevaõ, emquanto não estiverem convallescidas; eu rezisto a tentação de o fazer por lhe não abrir cam.^o a huma applicaçã, que lhe prejudique; e tu mesma debes pouparte a este trab.^o; mandame escrever por orem, que tudo fica remediado. Estimo que tivesses o gozto de ver m.^{to} bom o teo Estimavel Pedro. D.^s to conserve, e defenda dos contagios da Corte! Sabes q.^m mo gabou m.^{to}? a Val doz Reys may¹ disseme, que goztava m.^{to} delle, e que estimava, e dezejara, que elle frequentasse a sua caza/ onde não ha o *risco das janellas verdes*²/ Faz-seme percizo q me mandes a collecção das minhas trovas: podem vir seguras no corr.^o, para virem com mais brevid.^e; e como te não podem ser uteis para nada, por isso te peço positivam.^{te} q mas mandes. Agora ficate com D.^s consente, q te offereça o respeitozo obzequio do meo S: qui dans ses reves, parte toujours avec M.^r le Marquiz. A D.^s amada Sr.^a da fiel

T

[49.] Não m.^a Lillia, não te f[-----]³ porq as pago m.^{to} caras com [-----] o receio de que te prejudiquem. Eu [-----com]valescida molestia da cabeça por [-----con]tinuar com esta applicação que deixo bem a meo pezar; mas ja sinto prizaõ na nuca certo corr.^e dador q me persegue. Recebi os versos e todas as cartas, q me tens dirigido sinto a molestia de tua May p.^a [-----] e p.^a Marcia quero q.^{to} podes discorrer da m.^a ternura A D.^s amiga do fiel coração de

T

Estremoz 14 de
Março de 1772

Marcia quando nasceo?

[50.] Minha Adorada Lilia, parto sem tornarte a ver⁴. tanta he a enfadonha e pezadissima lida desta trabalhoza retirada. Tenho m.^{to} que te dizer e tudo será dito com as lagrimas nos olhos, porq não tenho certeza de q.^{do} tornarei a lograr a consolação de te ver. Paciencia se se pode dar em tanta angustia. Levo o teo rol e farei a seo resp.^{to} o que entender que mais convem á boa economia: ja escrevi ao Conego; mas ainda não tive resposta o effeito mostrará se aproveita a delig.^{cia} Não debes affligirte, nem tua may, de que eu adiante algumas coizas por que [sic]; mas hirá pagando pelos mezes, em que as

¹ D. Joana Francisca de Noronha, casada com Lourenço Filipe Nery de Mendonça e Moura, 5º Cone do Vale de Reis. O seu filho é D. Nuno José Fulgêncio Agostinho João Nepomuceno de Mendonça e Moura, 6º Conde de Vale dos Reis (16.05.1733-04.06.1799), casado com D. Ana José Monica de Menezes e Noronha (04.05.1748-03.12.1811).

² Palácio do Presidente do Senado de Lisboa, irmao de Sebastião Carvalho Melo, posteriormente herdado polo Marquês.

³ Lacunas polo mau estado do suporte.

⁴ Situamos esta carta antes da datada em 11 de Abril de 1772 porque a referência a Miguel José parece ser imediatamente anterior no tempo.

consumir; e deste modo não lhe pode a ella fazer mortificação alguma, e se eu tiver a fortuna de lhe fazer algum pequeno avanço podem applicalo a outra divida. Agora [q]¹ sei que chegaraõ duas náos do Pará pode ser que venha caffè barato, e o Administrador pode fazer, comq te largem pela arrematação algum, emq.¹⁰ não podes ter o q elle pode mandarte vir de lá. As galinhas não posso mandalas em tempo certo, nem porção determinada; mas já deixei prevenida m.^a May, para que quando lhe vierem de Abrantes em boa conta, te largue sempre algumas, e podes admitirlhe o servisso, porq o sabe fazer com tanta amizade como eu: ella mandará as miserias, q já ficaõ encomendadas, e como taõ bem as tem p.^a familia, não lhe faz espanto se com as latas q tem dentro se não derem bem, humas boias de cortiça f.^{tas} pelo mesmo feitio, fazem melhor ef.¹⁰; em fim eu farei q.¹⁰ puder por servir ás m.^{as} boas amigas, e Excell.^{as} Snr.^{as} A q.^m peço me desculpem a confiança de lhe oferecer esse queijo; se for bom, ao comelo faze por avivar a memoria da tua fiel Tirse; se não prestar, pode aproveitalo o rapaz nos al[p. 1]moços, e a m.^a Sr.^{a?} nas merendas, perdoame: não te enfades q se he groçaria he taõ bem sincerid.^e; e esta pode començar aquela.

Miguel Jozé he hum omem, q eu não conhece², e que q.^m ninguem me dá novas, por mais q as tenho procurado. Eu não lhe mandei fallar; encarreguei ao tal Gonçalo de me procurar hum omem, q fosse capaz de me acompanhar; e de exercitar a m.^a voz; querendo igualm^{te}, que fosse digno de estar sentado a meo lado, e de entrar em m.^a caza com respeito: falou-me neste, mas diceme que tirasse eu informações do seo prestimo, e da sua capacid.^e Perguntei por elle a Valentins, a Bienchardis, a Pedro Ant.^o /e não sei se a mais algum/ e ninguem me soube dizer nada delle; porq ninguem o conhecia. Fez isto com que eu enfriasse nas perquizições; e por lhe não dar huma excluziva, puz pedra em cima deste negocio. Agora que tu o proteges he outro o cazo; mas como tu bem sabes q neste ponto de receber peçoas començas, e domesticas he perciza toda a madureza, dizelhe /se te parecer/ q se faça conhecido do Bienchardi, a q.^m eu tinha taõ bem encarregado a delig.^{cia} de procurar-me sut.¹⁰ capaz, p.^a o emprego, e sem dizer que me fallastes, podes aconselhar-lhe isto; porq tendo elle as sircunstancias, que eu mesma ja disse a Bienchardi, será preferido a todos, em obsequio da tua protecção e se tu absolutam.^{te} queres, que eu o mende hir, farei quanto quizeres. Se elle for capaz, e se ajustar, pode hir depois sem, nenhum incomodo; porem humas das coizas, q eu dezejo he que elle saiba empenhar o cravo, porq lá não ha quem fassa isso a proposito; e o q eu lá tinha sempre o fez, e o afinava. Neste particular he q.¹⁰ posso dizerte; e que em todos dezejo mostrarte a m.^a fidelid.^e Quero novas de Marcia, e de tua May; dezejoas logo p.^a ver se as conseguir antes de embarcar, o q farei as tres da tarde se te não servem os meos versos mandamos, se não queres mandarmos, lembrete o m.¹⁰ q me debes dos teos, dos da tua Irmã porq.^m sospirará sempre saudoza

T

[51.] Estremoz 11 de Abril [de 1772]³

Lilia dos meos olhos eu queri[a...]⁴ largam.^{te} á tua carta, mas não [...] capaz tenho padecido m.¹⁰, estes dias, de [...]xa esterica e isso me priva do meo maior dezafoço, sinto que não passes como eu dezejo e tudo o q dificulta o teo remedio O

¹ A leitura nom é clara.

² Talvez por *conheço*. A leitura parece clara.

³ Datamos em funçom da coerência entre umha sequência de cartas em que se fala de Miguel José.

⁴ Lacunas polo mau estado do suporte.

terremoto foi cá m.^{to} sencivel; mas não fez ruina tem havido varias repetiçoens que sempre malencolizaõ [sic], mas q remedio? A novid.^e q me daz he p.^a mim bem nova; queira D.^s que se verifique, e que traga por consequencias os effeitos de que te lembras p.^a que eu apezar da m.^a saud.^e concorrera de boa vontade. A D.^s querida Amiga abraça tua May, e Irmaã, e dizeme, como vai Pierio p.^a Coimbra de q.^m nasceo essa revolução &r.^a porq a mim fizeraõme essa propozta; mas eu creio que nunca te fallei tem tal, e tenho curiozid.^e de saber como isso se manejou! Miguel Joze vem depois da Pascoa porque assim mo pedio eu darei conta do que perg.^{te} [p. 1] [...]mpre procuro obedecerte com[...] cap.^{ta}

T

[52.] Lilia do meo coração¹. Pagoume este correio, quanto me deviaõ os passados não sei se ouve dique na passagem sei q o meo nome faz curiozid.^e e he percizo mostrar a q.^m quer que a tem que poco lucra em satisfazela. Sinto que não recebesses as m.^a [sic] carta, porq dependia alguma coiza da tua resposta ou da de tua May p.^a governo da sua despença. E minha querida amiga tenho padecido m.^{to} Toda a familia me tem adoecido, e eu tenho sido obrigada a facer[me]² particip.^{te} dos seos trab.^{os} tomando á m.^a conta alguns dos seos officios. Até hum a peço a da nossa estimaçaõ, que me vizitou me adoeceo, e me deo gr.^{de} susto; mas o meo S.³/ que oje faz os seos annos/ compensame com a sua saude o cuid.^o que me daõ os otros. Q.^{to} me lasti[p.1]maõ as saud.^{es} q custará o Excel.^{te} Pierio! porem que remedio senaõ fazer da nececid.^e virtude? mostrase elle em toda p.^{te} digno sucessor dos talentos da sua familia, e da estimaçaõ dos seos apaixonados, fará mais patente assim a tirania da sorte, e a justiça dos q se entereçaõ pela sua felicid.^e Eu estimara m.^{to} poder recebelo em minha caza, e poder em toda a sua jornada concorrer, p.^a o descanso de tua May cuidando do seo comodo; porem sendo isto [im]possivel⁴ a hum a tia velha, só lhe fica o recurso de dezejar, que os votos, que faço p.^{la} sua fortuna, se vejaõ premiados com o suspirado termo daquelles trabalhos que parece tem embalsamado a m.^{or} porçaõ dos seus annos. Expliccalhe tu/pois que lês no meo coração quanto eu não posso explicar/ expliccalhe o character da m.^a grati[p. 2]daõ, e já que onras o meo S.⁵ com taõ destintas m.^{es} toma por tua conta porlhe a coroa, fazendo que teu Irmaõ se persuada da sua verdr.^a, const.^e e apaxonada amizade. Agradeço te as noticias da conferencia: que falta fizeraõ ahi as m.^{as} lagrimas! misturadas com as da m.^a amiga dariaõ calor ás m.^{as} espreçoens: eu sei o que me faria dizer a m.^a amizade, a m.^a ternura? Per che, barbari Dei, per che farmi Pastore? Eu não sei o que te digo por q escrevo a correr ouvindo o Mig^l Jozé afinar o cravo e tocar alguma coiza. Onte chegou a esta caza e p.^a eu o estimar basta a tua recomendaçaõ... Vou ao doente q he percizo. A deos amiga e Sr.^a do coração de

T

Vimº 30 d'Abril [de 1772]

[p. 3] Marcia do meo coração não ha duvida q he carid.^e o enteresse q tenho por ti mas he daquellas q D.^s não leva em conta, porque se converte toda em amor da creatura. Amote como o meo coração aquelle coração em que Lilia domina, e que por isso te não pode ser dezagradavel. Coservate p.^a a felicid.^e d'ambas nós e p.^a dares

¹ Datada em relação com a sequência de cartas em que se fala de Miguel José.

² Entre linhas.

³ Sancho de Faro.

⁴ Entre linhas.

⁵ Sancho de Faro.

exercício a fidelid.^e da tua

Fiel

T

Os annos do meo bem

estreado núnca foraõ

mais felices q quando tu e a bella Lilia os onraõ com a sua memoria.

[53.] Vimrº 7 de Mayo de 1772

Faltavaõ ao meo triste coração estes dezencontros das nossas cartas para ser completo o Martirio da separação, que nos poem em tormento! Eu nem me posso esquecer de ti nem sei como haja [cazo]¹ em que isso me succeda: procuro as tuas novas, Lilia do meo coração, mais por interece proprio, que por obzequio teu se faltaõ, humas e outras he porque as nossas cartas achaõ reprezalia; seja qual for o motivo, seja quem quer que for o curiozo. Tomara estar em circunstancias de lhe pedir, que nos dissesse o seo juizo por escrito p^a vermos se devemos mudar de estilo, e quais são os defeitos que devemos corrigir nas nossas cartas. Se os cuidados que me oprimem de continuo, lhe fizessem a corte, estou certa de que lhe havia passar a curiozid^e, assim como a mim me passa de todas essa importantes bacatellas em que se entereção taõ deve [p. 1]ras se entereção [sic] os nossos famosos cortezaõs. A conservação de hum marido q nada se paresse com elles, a vida de huma boa May a q^m devo quanto naõ sei explicar; a felid^e das m^{as} Amigas, entre as quais, *tu sei la prima* e pur sarai, l'ultima oh chara [??] ch'adoreró/ em fim a paz da m^a familia, os entereces da m^a caza são os moveis dos meos dezejões os pontos a que se encaminhaõ todos os meos cuidados, tudo o mais he p^a mim como se naõ fosse, quando a umanid^e ou a Religiaõ me naõ faz tomar parte no mal alheio. Se isto he capaz de fazer curiozid^e eu mandarei gravar em q^{tos} marmores tenho por este passeio, e até nas esquinas de Lisboa se lá o quizerem ler. Mas estou impertinentissima com este dezafoço da m^a rabuge ainda bem que se lerem esta haõ de passar por todas estas insipidezes. Eu as deixo p.^a fallar. [p. 2] Mas que posso eu dizerte, se nem tu me informas do estado da tua saude, nem eu posso dar razaõ do que passa por mim a teo resp.^{to}? se podera virias [sic] a mais delicada amizade, jactandose de ter chegado aos limites, que lhe prescreve a virtude; sustentandoa neste sublime ponto o teo merecim.^{to} unido à tua correspond.^{cia} Queres saber de mim, bem o sei, queres saber como estou de cuidado, de saude, e de dezafoço? eu te satisfaço. Os doentes começaõ a estar saõs a minha molestia reduzse já oje a huma pequena inflamação de garganta a opeção do meo espirito, enganasse com varias sortidas ao campo, onde me offerece a natureza hum ar puro, hum recreio inocente, huma abundancia moderada. Á noite supre a Muzica o q me naõ pode dar a lição; porque os olhos cançãose de ler; e a cabeça naõ sofre applicação, [p. 3] e deste modo vou rezistindo a força do inimigo opondo ao seo poder estratagemas. Este ano ficamos sem primavera; se eu estivera menos aborrida, eu te mostrava que se afogou a semente nas torrentes do Inverno. Quizera conversar m^{to} contigo, com Marcia, com tua May, e naõ faria ella melhor em se entreter comigo que em aturar os tabaq^{tos} vapores desse official de confiçãoens², q por nome naõ perca? Eu naõ a posso absolver, mas taõ bem sei rezolver meos carinhos safados, e ás vezes mais alguma coiza, e como naõ *pertenço a ninguem*, estou habil p^a o intento Ora dizelhe, q

¹ Entre linhas.

² Talvez se refira ao Arcebispo de Lacedemónia, encarregado da custódia das presas de Chelas.

sem se enfadar, me mande as suas ordens por mão alheia, p.^a eu saber como devo servila. Aqui não entra o celebrado fim das cartas, entra hum sincero desejo de lhe ser qual me persuade o caracter da fiel

T

Desperta oh Marcia, Não durmas tanto =Ah do meo pranto= tem compachaõ. Por ti sospiro, gemo, e deliro; Mas se te escondes, se não respondes Repara o Marcia , na sem razaõ. Ordena [p. 4] lá essa trova, que foi cahindo da pena em figura d'Aria Italiana. [Miguel Jozé¹ , ainda não deo a conhecer mais q a pr^a sala do seo Palacio interno eu verei, e direi sinceram^{te} o que julgar]²

[54.] 22 de Maio de 1772

Lasciarla, che si diverta, poverella! Assim disse Peres³ quando lhe deraõ a noticia de que huma travessa macaca lhe estava rasgando em miudos pedaços huma armação de papeis. Eu taõ bem digo otro tanto a quem quer que nos faz m.^{ce} divertindose com as nossas cartas. Não suponho que sejaõ *omens*, que esses não s'occupaõ de bacatellas, julgo que seraõ arremedos de gente, e esses como não entendem mais, que injuria nos fazem? *Lasciarli, che si devertano, poverelli!*

Isto de viver a sombra das faias, e freixos das ribeiras tras huma tal frescura com sigo que deixa em mim por fructo hum [sic] friald.^e de sangue maravilhoza. Em toda a redondeza do mundo ha bem pocos, poquissimos individuos que me tirem do gelo; pozto que não haverá nenhum que não excite quando a umanid.^e fallar por elles. Tu que nunca me podes ser indifferente debes compadecerte do meo cuidado [p. 1] e fazer deligencia por não teres dores desesperadas, *que me fazem mal aos teos lindos dentes* Marcia taõ bem não quer ter dó de que me *faz mal ao seo peito*: he demaziada tirania para quem como eu se tem transformado em tudo quanto a amizade tem de mais exprecivo p.^a persuadir hum verdr.^o apego. Que tal, meos snr.^{es}, la pelas grades das freiras ou vem destas? não respondem? já sei he porq não entemdem: pois jejuem, que eu não estou para fazer exposições ao texto. Lilia, não te paresse isto divertido? por certo que estou gozando de conversar com estes imaginados entes. Tu que me percebes melhor do que elles sobe, sobre o Parnazo, e faze queixa ao D.^s que em giros desti[n]gue⁴ os dias: argueo de [sic] aproveite taõ mal os seos influxos nas presentes eras fazendo brotar a Natureza em sevandijas, quanto devera produzir em omens [p. 2]

M.^{to} bonitas coizas me estaõ balhando⁵ na fantezia [sic]; mas se as escrever com fortuna de as não entenderem os nossos revizores terei a desgraça de que elles as queiraõ interpretar e que tal fica nesse cazo a minha rethorica? Assim m.^a Ex.^{ma} Lilia, deixemos p.^a melhor occaziaõ as scenas que nos offrece [sic] a nossa frantezia com as da nossa

¹ Como se verifica máis adiante na correspondência, trata-se dum intérprete de cravo que entra ao serviço da Condessa do Vimieiro por recommendação de Leonor de Almeida.

² Nas margens da p. 1.

³ David Perez, compositor italiano contratado por D. José I e responsável pola música de múltiplas óperas encenadas no Paço da Ribeira desde 1752, e de *Alessandro nell'Indie*, ópera com libreto de Metastásio escolhida para a inauguração da Casa da Ópera do Tejo em 1755.

⁴ Entre linhas.

⁵ Arcaico; o m. q. *Bailando*. Esta, como todas as demais definições indicadas aqui remetem para o *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*; Rio de Janeiro: Editora Objetiva Limitada, 2002.

amizade.

Vou a fallar de Miguel Jozé. Sabes que ainda não pude sondar a fundo aquelle vou? Não he o que parese, tem nascimento com destinação na sua terra: em muzica he curiozo bom [sic], porque entende, mas na pratica não corresponde por ora quanto promete a theoria. Comtudo vejolhe dezejões de grangear o que lhe falta. Tem correspondencia com o genero humano, e intima comunicação com genio, q rezidem junto ao trono da sorte [sic]. No mais o que já te disse; quieto, civil, e prudente [p. 3] medindo os genios, contemplando os gozto; não se mostra ignorante; mas taõ bem não deixa ver em que consista a sua intrução Não sei se o contem a modestia, se a dessimulação; mas parese, que verdr.^a m.^{te} o prende alguma cobardia [sic] de genio, que não he culpavel. Falla em ti, e nos teos, nisso não me lizongia pouco.

Cap.^o de economia

Snr.^a Marq.^{za} digame se ha de querer sera p.^a as suas devoçoens &r.^a e quanto coztuma gastar por anno: porque o melhor provim.^{to} he comprala em bruto na fr.^a de S. João e mandala lavar por conta do comprador e a sera d'Evora he a que em Portual arremeda mais à de França. Saiba taõ bem V. Ex.^a que quem se governa bem, queima este anno a sera que comprou o passado lance as suas contas fazendoa sempre comigo porq so assim lhe sahiraõ as provas certas. A D.^s carissimas: pedem novas de todo esse bellissimo terno. Adivinha q.^m será? consolate, mas não mo digas

[55.] Vimr^o 25 de Maio de 1772

Minha Lilia, escrevete por este portador, p.^a o fazer com mais liberd.^e que pelo corr.^o, e poder prevenir algumas coizas. Eu não tenho certeza deque me abraõ as cartas; tenho prezunção de que isso succeda, talvez por ordem de Mart.^o de Mello¹, cujo character he mil vezes mais tremendo, que o da sorte. A razão da curiozid.^e pode ser hum de duas, ou a infelid.^e de m.^a Irmã, ou a desgraça de sua cunhada; porem ambas lhe ficaõ frustradas, porq eu sei mais do que elle cuida; e ou a religião, ou a politica, me faz guardar *un morne silence* em tudo aquillo a q não posso dar remedio. A nosso respeito, tive q.^m me avizasse em Lx.^a, de que nem dissessemos palavras equivocadas, porq o sistema do presente governo, era sigurar-se por este meio do character das peço[p. 1] as, dos seos dictames &r.^a isto suposto he percizo que as nossas cartas tomem hum ar de singeleza, que faça perder a curiozid.^e lembrame mais, que se teo Irmaõ ainda se conserva na boa morte, vaõ as m.^{as} cartas de baixo do sobreescrito p.^a D. Dionizia, e as tuas p.^a D. Joanna da Silva, que he a m.^a Aya; mas este seg.^{do} sobre escrito, ha de ser depois de eu estar em Estremoz, porq não convem a direcção p.^a aqui. Quando houver coiza, que seja percizo communicarse, manda a carta a m.^a May, que ella ma remeterá por Almocreve, assim como agora vai esta, e q.^{do} estou em Estremoz todas as semanas pode haver este soccorro. Eu estou agora com m.^{ta} dor de cabeça, por isso escrevo esta com tanto desconcerto; sempre te quero dizer que as minhas tres amigas, a quem chamaremos as *incognitas* passaõ agora bem, q a mais velha [p. 2] [das tres]² tem chorado m.^{to} por ti, e de compachão de tua May; que pede novas com a maior ancia; em fim neste particular tudo o que pode enternecer, e obrigar: *ma, sempre nom é secun*

¹ É um dos dous ministros (o outro foi Aires de Sá e Melo, ministro dos Negócios estrangeiros e da Guerra) que passou do Gabinete de D. José ao de D. Maria. Entre 1764 e 1765 foi embaixador em Madrid.

² Na margem.

andarme alui dizia Dircea. Dame novas de tua May, de Marcia, de Piero, de tudo o que te pertence, porq tudo me entereça; e perdoa que te entreguem com esta mais huns queijos das m.^{as} ovelhas; p.^a as merendas da Ingleza, que p.^a as tuas creio que ja não seraõ capazes, porq a demora do portador, os tem feito endurecer. Eraõ bons, antes disso; agora se o não forem não he culpa do meo dezejo. Não te enfades destas groçarias; do ceio da tua amizade tira as razoes p.^a me desculpares assim como eu na m.^a tenho o fundam.^{to} p.^a me atrever. Q.^m podera amigas do meo coração, quem podera ter a toda ora *o tempero da sua boa comp.^a*, p.^a me saber melhor o q a Provid.^{cia} me concede! paciencia. Quando eu tiver melhor cabeça heide te man[p. 3]dar alguns farrapos das muzas, que me tem dado este anno; mas não sei se será logo, porq me custa m.^{to} escrever: Aceiteilhos p.^a ver se me cortaõ de vestir p.^a Telemaco, com quem faço tenção de entrar a contas. Custame m.^{to} separarme de ti ainda estando taõ longe porem a cabeça está rebelde ao coração, q.^{to} a sua incomparavel Lilia he

Fiel a tua
T

[56.] De partida p.^a Estremoz em 3 de Julho [de 1772]¹

Lilia do meo coração se tu sospiras por novas m.^{as}, que faria eu pelas tuas? Faltaõ pelas contas trez cartas, mas eu julgo que huma destas he a que recebi por m.^a May. A essa te respondi logo, e puz sobre escrito p.^a ti que mandei serrar dentro d'otro derigido [sic] nesta forma Ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.' D. P.^o d'Almeida Portugal &r.^a Lx.^a Tres cartas successivas te tenho remetido assim e algumas feitas com bem custo, porq huma era na vespõra [sic] ou dia de me sangrar, outra com dor de dentes. Esta he poco menos, porq ainda oje tenho receio de sezaõ, sendo ontem o primeiro em q me faltaraõ. Minha May as ignora e todos os mais em Lisboa e a ti te sucederia o mesmo se não fosse persizo darte huma cabal razaõ de te não [p. 1] responder a tudo o que queres de mim pozto q já o fiz a hum ponto de mudança achando q a teo Irmaõ esta bem pretender q.^{to} neceitas; mas a occasiaõ me pairesse imtempestiva [sic] p.^a tudo, porq disgostos de familia absorvem todo e qualquer otro negocio, com tudo eu estou de longe, e ha tempos que não vejo tanto, pozto q vejo o que basta p.^a não perder o tempo em esperar. Dize a tua May q tem comprada a sua sera e que he preciso me mande logo p.^a se lavrar meio arratel d'algodaõ fiado m.^{to} fino, e p.^a hum tres quartos, o que parece lhe pode facilitar o Adm. ou de França ou do sobral, que igualm.^{te} me mande a declaração de como a quer lavrada. Se a quer toda em bogias², ou alguma em velas de quarta, ou meio arr.^{el}, poque me lembra que a dos S.^{tos} faz mais conta ser [p. 2] deste modo. Todas estas perguntas levavaõ as cartas perdid.^{as}, esta agora não pode continuar porq estou m.^{to} [fra]ca³. As sezoens não foraõ perigozas mas as q bastaraõ p.^a me derrotar m.^{to} Efeito dos 33 que debes esconder de Marcia, para q não tenha medo de mim. A D.^s m.^a Lilila nem ja vejo o que te escrevo mas sou e serei

Fiel
T

¹ Refere-se ao seu 33º aniversário.

² Bugia: «vela delgada de cera».

³ Entre linhas.

[57.] Estremoz 9 de Julho de 1772

Amiga do meo coração, que [...]çamentos¹ taõ agradaveis me comuni[...] distancia nos separa na occaziaõ[...] apresenta Eu me quero lembrar da [...], q tive contigo na grade nova, mas tenho tais confuzoens de especes, que me naõ sei determinar p.^a um de dois partidos se he o que eu dezejo, nada convem tanto; pois que até vejo ao longe naõ sei o quê [sic], que me persuade poder trazer comsigo p.^a o futuro o remate da tua felicit.^e Toda a novid.^e, que corrobora a nossa esperanaça, me entereça; dizeme tudo, certa de que eu estalando por fallar nisso ao meo S..., nem a elle o faço: tanto respeito as sagradas leis do segredo. Mas quem promove a pratica? quem maneja este delicado, e importante negocio? D.^s o conduza debaixo das azas da sua efficaz protecçaõ; Os meos votos ja oje se encaminharãõ p.^a o Ceo. S. Rafael² admiravel guia; concelheiro incomparavel nesta qualid.^e de negocios será perseguido, e instado, para que se entresse nelle, e de toda a p.^{te} que eu possa te procurarei soccorros [p. 1] [...]m esperanças taõ lizongr.^{as} [...]m ellas, e me moderaõ os res[...]m que fico mas ja naõ te [...]ze a tuas f.^{as} que pelo corr.^o lhe [...]a]gora naõ faço porq me naõ he po[...] mandarei lavar a sera como me dizes, e sempre procurarei servirte como

Amiga fiel

T

o sobre escrito hirá

D. Dionizia

[58.] Estremoz 23 de Julho de 1772

A pezar das continuadas tribulaço[ens]s[...]³, de q a Providencia me cerca, achaõ m.^a Lilia os teos interesses no meo coração aquelle destinto lugar que sempre lhe defende, e conserva a m.^a verdr.^a amizade. Eu, ainda mal convalescida, estou sendo enfermr.^a do meo Sancho, a q.^m atacaraõ as sezoens, ainda com maior força que a mim. O dia d'ontem foi trabalhozo, o de oje he descanso mas que descanso? O susto do que virá, a nececid.^e dos remedios p.^a atalharem o ataque, faz com que este descanso, seja verdr.^o trab.^o Eu como, e durmo; mas tudo em pequeno gráo; o sust.^o por economia da saude; e o sonno, porque o naõ [o]⁴ sofre o cuid.^o: deitome; mas como feixo [sic] os olhos sem socego, abro-os [sic] com sobresalto, e isso me transtorna assaz, e faz lamentar o tempo, em que [era eu q.^m]⁵ padecia, como melhor, que o presente; pois que entãõ padecia o corpo deixando em liberd.^e o espirito; e agora tudo junto tem assaz deque [sic] se queixe comtudo as cartas de tua May modeficaõ [sic] tanta amargura: ellas me fomentaõ humas esperanças [p. 1] que ha m[...] no meo coração se o fructo corresponder eu me julgarei feliz. Tomara entrar no teo coração, esquadrihar esse laberinto [sic], em que te suponho, decipar [sic] os nevoeiros, que nelle se levantaõ, e

¹ Lacunas polo mau estado do suporte.

² «Tem como sua principal característica ajudar na cura dos dentes e, por isso, é o guardiaõ da saúde» in www.ositedossantos.hpg.ig.com.br/arcanjorafael.html (26.12.2003).

³ Lacunas polo mau estado do suporte.

⁴ Entre linhas.

⁵ Entre linhas.

fazer brilhar nelle hum dia sereno, tal qual já to anunciei em Novembro Algum dia com a mesma palavra se explicavaõ Poetas, e Profetas, se em mim se verificar o seg.^{do} sentido, eu me darei por contente. Agora he percizo cuid.^o com esse delicado peito: se o banho não pezar sobre elle poderaõ encherse as suas tençoens, conservarte e consolarte p.^a me dizeres algum dia se *he couza impertinente a ternura de huma Esp...* Mil coizas queria dizerte a este respeito; mas nem o tempo, nem as circunstancias o soffrem. Recebi este correio a carta, que me remetestes por m.^a May, e otra da tua, que pertence ao prezente. Dizelhe qual he o trab.^o, em q me vejo, p.^a q ella me perdoe não lhe escrever; q lhe agradeço as novas, q me comunica, e que dezejo q o Dez.^{or} dê boa conta da cauza, em que se fez procurador; dizelhe que [p. 2] tenho dezejo de saber seo [...] ereça na demanda, e que não he sem fundam.^{to} esta m.^a pergunta, pois que ha mezes fallamos ambos nisto, pelo modo que eu podia, e devia fallar, e as suas respostas me deraõ uma aragem favoravel, que agora comprehenderia, se não entrasse na duvida de quem será o advogado da cauza. Eu hei de começar dia de S.^{ta} Anna huma novena a S. Rafael, e heide fazer que nella me acompanhem m.^{tas} e boas almas, que ha nesta terra. Este S.^{to} Anjo deo m.^{to} boa conta do negocio, que Tobias lhe encarregou, e fez ainda m.^{to} mais do que se lhe pedio, assim espero que seja agora; e como elle se mostrou taõ bom medico, acho que o invoques tu p.^a q te cure de todas as tuas infermid.^{es} [sic] Marcia, digna Irmaõ de Lilia, persuadete que me debes o mesmo enteresse, o mesmo carinho a mesma ternura, que tua bella Irmaõ; sem mais diferença, que ser ella a pr.^a que gravou estes affectos no meo coraçãõ; mas ao gravalos pareseme, que taõ bem tu cooperaste na empreza [p. 3] se eu p[...]plicara os meos sentimentos a teo respeito; mas tu me observas, em q.^{to} guardas silencio; e á tua penetraçãõ talvez nada se esconda de quanto quizera dizerte. A D.^s amabellissimo terno dos objectos mais agradaveis. Sobre vós [sic] choravaõ as bençaõs do ceo: aquellas bençaõs, que sejaõ digno premio de tantos trab.^{os}, aquellas mesmas, que eu dezejara se verificassem em tudo meo. O meo doente dorme agora, q saõ sinco da tarde do dia 23 e dorme com socego; o ponto he o dia d'amanhaã. Minha Marqueza, posso eu dezejar ás tuas f.^{as} huns maridos, que se não excederem ao meo em qualid.^{es} ao menos o igualement? posso porq lhe dezejo huma felid.^e real; mas permita D.^{os} que tendoos, nunca lhe vejaõ sezoens; nunca tenhaõ motivo p.^a conhecer nos seos delirios, quanta he a ternura do seo coraçãõ, quais saõ os habitos das suas virtudes: he este hum tormento, querida amiga, que ainda agora tira lagrimas do coraçãõ da

Tua fiel
T

[59.] Estremoz 31 de Julho de 1772

Eu minha belliss.^{ma} amiga nao [...] ¹ cerme tanto, me fizesse mal [----] se he verdade que *o meo carinho te cura*, [---] que elle, se não pode crescer por ter chegado ao seo ponto, não deixa de s'avivar quando o cazo o pede, e dá m.^{to} boas provas de que se não estingue, nem com as *lavagens* do coraçãõ de certa peço. Sabes tu q sempre eu julguei assim? deixa correr o tempo e verás que não só a diferença dos tôcados nos ha de instruir das novidades; espreitalhe os olhos, verás de quanto t'informaõ. Se ella te ouve ler isto, olha de repente para ella, vêla has mudada de cor, e capaz delhe darem huma boa surriada Ainda assim não lha dez por ora, não a ponhamos em cautella, e

¹ Lacunas polo mau estado do suporte.

como ella diz que marcha pela escura estrada, que a sorte lhe apresenta /que sencirid.^o de espreção [sic]!/ segue tu com a luz da tua penetração para que não dê alguma cabeçada nesse escuro cam.^o onde costuma um certo rapaz traquinas jogar as escondidas, e fazer das suas. Não se arrufe senhora N. que estes são os [preuapros] do officio: logo lhe fala [p. 1] [-----] deixenos cá fazer a nossa a [-----]. Eu minha Marcia de boa vontade te ouvira quanto tens que me dizer, mas por mais que o meo espirito ande invizível ao pé de ti nada me diz do que eu quizera saber. Quizera eu que tu sentisses bejarte as lindas mãos, que escreveraõ expreçoens tão compacivas do meu cuid.^o, e que este obzequio se repetisse ate chegar quazi a serte importuno.

Inda assim s'algumas vezes
Brando sopro te cercar,
Cara Marcia, não desprezes
Esse doce movimento,
Que por mim te vai buscar.

*

Naõ he de Zefiro alento,
Que te vá lizongear:
He de Tirse hum pençamento
Que d'eterna gratidaõ
Testemunhos te vai dar. [p. 2]

*

Mas s'abranda vir [---]
Do Zefiro, hade en[contrar]
Em ti grata aceitaç[aõ]
Querida Marcia, otro tanto
Naõ pode Tirse esperar?

*

Qh! e quanto espera! e quanto!
Possa o Zefiro voar
Junto a ti; agite o manto
Que o lindo peito amorozo
Te costuma resguardar;

*

Que por mais que buliçozo,
To chegue, Marcia, a tocar,
Naõ será tão venturozo
Que possa¹ em teo coração
Como Tirse a penetrar.

Forte prezunção he a de Tirse! dirá a Snr.^a Marcia: diga embora, que eu tão bem digo com o meu Tio Tarouca² *Poeta velho he Pilatos*= o que [p. 3] [-----]³. Eu devia dizerte mil couzas [---] meo doente, já quazi q tinha aberto [a boca] p.^a proferir as palavras vaise naõ quando deome hum sopapo a fantasma do respeito, e eu fiquei sem saber onde me meta foi se naõ for aos teos pés como escrava que se naõ quer forrar, onde poderá acharse

T?⁴

¹ Por baixo está riscado *chegue* o que justifica a preposição que antecede a *penetrar*.

² Manuel Teles da Silva, 6.^o Conde de Vilar Maior (23.02.1727-25-02.1789), casado com Eugénia de Menezes da Silva, 2.^a Marquesa de Penalva e 6.^a Condessa de Tarouca.

³ Lacunas pelo mau estado do papel.

⁴ Toda a frase é confusa no significado e na redacção, mas bastante clara na leitura.

P.^a Marcia silencioza¹
[60.] Estremoz 21 de Ag.^o de 1772

Por este correio recebo quantas cartas, me faltaraõ nos passados: nellas vejo, querida Lilia, que fazias justiça ao meo cuidado, e q este cruel dezencontro, se por uma p.^{te} me poupa as funestas noticias de tua Irmaõ, por otra me faz crescer o receio a resp.^{to} de todas tres. He verdade que neste ponto quazi nunca socega porq quazi sempre me mostra a experiencia, q naõ erro no q receio. A respeito da doente, faço o mesmo juizo, q tu formas, e como ella naõ he docil às persuaçoens do que pode serlhe util neste cazo, naõ lhe digas nada de mim, que he capaz de aborrecer-me, porq talvez penetro a origem do seo mal. Dame sim novas suas e se algum intervalo benigno lhe descobrires dizelhe que quem lhe quer [bem]² lhe roga, que se naõ faça mal. De ti bem creio que em chegando a *fresca primavera*, tornaras a ser quem d'antes eras; e por que naõ? nada he mais natural; por isso eu suspiro porq ella venha, e depreças. Entaõ me inspiraraõ as Muzas otro canto mais suave; eu tecerei as capellas, eu formarei os festoens p.^a celebrar huma estaçaõ que será a epoca da nossa [p. 1] alegria; já a mim me occorreo procurar algum meio de peitar³ Amor, p.^a que entaõ seja do meo partido, e faca [sic] tudo o que eu dezejo em obzequio teo: creio que me naõ hade faltar, especialm.^{te} se a peita for de achar bom quartel nos teos olhos, e agazalho no teo p.^{to}: promete[me]⁴ isto que eu te prometo milagres sem seo nome. Dessespera[me]⁵ toda esta distancia, q [me]⁶ afazta de ti; pois que hum certo espirito buliçoso me está fervendo no coração, e como he percizo lançarlhe agoa na fervura/ por conta dos macacos racionais/ dezesperase, e ora me sobe em fumos a cabeça, ora me faz comixaõ na lingua, por naõ poder dezafofarse tete, a tete/ sem prejuizo dos novissimos toucados [sic]/

Mudando d'assunto p.^a que a fervura naõ escume; vou queixarme d'uma injuria, que me fazes e d'uma injustiça, a que te condenas. He possivel q p.^a eu te dar versos teos, seja percizo pactear condiçoens! Taõ bem esta novid.^e vem anexa á dos tocados [sic]? por certo que esta he novid.^e de novid.^{es} Mas dizeme meresse Tirse que zombes della? podes sem horror do teo merecim.^{to}, escrever *Lillia* [p. 2] *sugeitará á tua critica os pobres fructos das suas applicaçoens*? Ah! Marcia, quanto mal fazes em estar doente! eu clamaria pelo teo soccorro p.^a me vingar da cruel, que já me desconhece; já m'insulta á zomba da m.^a singeleza, e fiada em si, naõ duvida, p.^a me confundir, de tratar mal o seo merecim.^{to} Ah! esforçate, e castiga nella huma tirania, que lhe [naõ]⁷ merece a fiel Tirse. Estou taõ mal contigo por este capitulo, que se podera escrever mais, mandavate humas pocas de semsaborias m.^{as}, com a pezada obrigaçaõ de as leres; pois q só assim, soberba Lilia, ficará bem castigada a tua desmedida sem razaõ. Comtudo se me durar a mesma colera, eu me vingarei de ti p.^a o correio; agora se me passar, naõ sei o que será.

Estimo como devo a memoria obsequioza de Pierio; Alfido, naõ discorda nestes sentim.^{tos}, antes pondo amar no filho a semelhança do Pay tanto se emprega nella q no dezejo talvez =*Se stringe al petto, el genitor nel figlio*=⁸ Ja me esquecia dizer-te q estou boa, que tenho dó dessa pobre sanguinaria, e que a [p. 3] pezar de

¹ No sobrescrito.

² Entre linhas.

³ «Dar uma coisa (bem, valia, dinheiro etc.) para que se faça outra, ilícita; subornar com peita(s); corromper com dádivas etc».

⁴ Entre linhas.

⁵ Entre linhas.

⁶ Entre linhas.

⁷ Entre linhas.

⁸ «Oh quante volte,/ credula troppo al dolce error del ciglio,/ mi stringi al petto il genitor nel figlio!», Metastasio, *Demofonte*, atto I, scena I in www.bibliotecaitaliana.it/dynaweb/bibit/genere/letteratura_teatrale_metastasio/demofonte/@Generic_BookView/151 (26.12.2003).

quanto prova o contrario sou capaz de te servir, porque o foi de te amar (que he mais alguma coiza) [sic] o fiel coração da escarnecida

Tirse de Lilia

[61.] Estremoz 22 de Agosto de 1772

Que dizes m.^a Marqueza ao inflamado coração da nossa Lilia? he tal o ardor que lhe cauza a presente estação, que não duvida de escrever-me, que *vae vivendo esperando pela fresca Primavera*. Eu tão bem suspiro por ella, porq como ainda temos hum mez de Estio com a incerteza de quando cahirá o Inverno, suspiro, porq a bella estação s'avizinhe, p.^a que ella se dezafoque e respire um ar mais saudavel. Eu me remeto á sua carta, que bem sei hade ser comum de tres. Sinto no meo coração os teos repetidos cuid.^{os}; mas espero q S. M.^a senão pegar á cama, e se fizer delig.^{cia} por distrahir os seos pençam.^{tos} p.^a coizas agradaveis, pederá todo o aparato, q nos assusta. Bejote as mãos pela ultima noticia q me daz; se eu não podia pertender esta como me lembraria investigar mais? podes estar certa, q a m.^a amizade a guarda, e recebe no coração com todas as solenid.^{es} que lhe são devidas. Eu farei delig.^{cia} por haver o algudaõ d'otra parte, e por servirte em tudo se bem me lembro ha de lavrarse meia arroba em [p. 1] vellas de meio arratel, e o resto em bugias. Se meti equivocação desfazema p.^{lo} corr.^o Ja estou lamentando as tuas saud.^{es} D.^s te livre de todas q [sic] padeces, e te dê quanto de dezeja a tua

Verdr.^a amiga

T

O meo S: vai bem com a convales

cença, e melhor com o excesso de onras, comq nos favoresses

[62.] A quantas incoherencias, amada Lilia, nos expõem a distancia? Eu me rio quando tu choras e choro q.^{do} talvez ja te riz A minha carta do corr.^o passado/ e [de]¹ que ja te julgo entregue/ não esperava achar-te ainda tão consternada; e [como]² eu dezejo excitarte ideias de alegria lhe tinha semeado hum estilo menos malencolico; agora ainda q queira, não posso alegrarme Temo tudo por ti, por Marcia, por tua May; e bem que espero se tenha mitigado a cauza do trab.^o, em q.^{to} espero a noticia, converto em temor toda a esperança. Consolome de q aches dezafoego em comunicar-me os teos pezares; e estimo q o Ad. procurasse suavizar o trab.^o concorrendo p.^a o remedio. He certo que este he hum dos capitulos, que sempre me deve cuid.^o; eu te agradeço, conheceres ate que ponto chega a m.^a amizade p.^a contigo: com otras não me importaõ estas bacatellas [p. 1] mas contigo até os *adereços sem guarnição* me lembraõ. Quizesse D.^s que a distancia me não impedira os meios de buscar por todos os modos o teo alivio. Eu estou melhor de saude; o C.^{de} com a mudança que fizemos p.^a esta Q.^{ta} tão bem conhece grande beneficio; e ambos nós dezejaremos poder arrebatat desse vale de lagrimas esses espiritos assaz dignos de viverem bem aventurados. Poem[me]³ aos pés de tua May, abraça por mim a pobre Marcia; se ao fazelo te cahirem as lagrimas, dizelhe q ou são m.^{as} ou copias das q me cuzta o seo trab.^o Ah Lilia não sei se fora melhor, que a m.^a fidelid.^e fosse menos: ella talvez faz importuna a ternura da

Const.^e

T

Q.^{ta} de São Joaõ nas

¹ Entre linhas.

² Idem.

³ Idem.

vizinhanças de Estremoz em 27 d'Agozto de
1772

[63.] Á propoção, que crescem os teos cuid.^{os}, se aumentaõ, adorada Lilia, o [sic] meos receios. Bem sei que quando a queixa naõ ameaça perigo he mais suportavel o cuidado; mas he taõ facil o passar a esse fatal ponto, que eu apenas me dezafoego quando recebo as tuas cartas D.^s te dê forças p.^a o trab.^o de enfermr.^a, pois que se tu cederes a ella, será inexplicavel a m.^a afflicçaõ, naõ te podendo ser util de algum modo nesta distancia. Eu estou boa e o Conde algum alivio experimenta com a mudança de citio¹, elle com o mais reverente respeito se poem aos teos pes e de tua May, e Irmaõs, e eu por te naõ cançar mais acabo com o costumado titulo de

tua Cap.^{ta} fiel
T

Estremoz 5 de Setembro
de 1772

[64.] Q.^{ta} de S. Joaõ 11 de Set^{bro} [1772]²

Que saudoza memoria me excitaõ estas datas! O anno paçado já m.^a Lilia tinha logrado neste tempo a fortuna de te ver; o gozto de te ouvir; e cada vez que me separava de ti, ja punha os olhos no ditozo inst.^e, em q tornaria a verte; oje nem ter-mo [sic] nem esperança de remedio posso dar á m.^a saud.^e A tua imagem sim occupa os meos pensam.^{tos}; mas este *alivio de tristes*³ bem poco me pode dezafogar, pois q já mais te posso figurar sem te ver rodeada d'amargura. Tudo, na verd.^e, contribue p.^a aumentar a m.^a ternura, porque a compaxaõ corrobora a amizade, e a saud.^e acrescenta o dezejo dete ver feliz; mas tudo igualm.^{te} fortifica este espirito choraõ, que me persegue e m'afflige. Exaqui, amiga do meo coração, o que me succede ao receber as tuas cartas, quando ellas vem acompanhadas das tristes noticias que me dás das nossas duas febricitantes p.^a quem quero quanto te será facil advinhar [sic], pois que me conheces. Eu tive estes dias huma constipação, hoje estou quazi boa, e só conservo huma grande frouxidaõ de espiritos, e m.^{to} ardor nos olhos de modo que me custa assaz escrever [p. 1] te. Eu bem quizeria satisfazerte em tudo, mas a terrivel falta d'amanuense que tu experimentas, taõ bem aqui me faz mal. Naõ ha aqui um unico omem que escreva certo, exceptuando hum clerigo, que tem boa letra e antes de ser Director de fr.^{as} estava prompto p.^a me escrever quanto eu quizesse; porem depois q as Reverendas M.^{es} tomaraõ posse do seo prestimo espiritual, naõ lhe deixaõ tempo p.^a nada, e o peor he que o fazem martir e tinhoco sem elle saber. Miguel Jozé que tem boa letra nas copias de muzica he huma lastima nas de escrita, e p.^a copear media folha que se possa ler borra tres e quatro. Eu poco te posso mandar de novo porq se algum tempo me resta dezejo que o leve o Telemaco, mas tenho hum Dialogo pastoril, que naõ pode chamarse Egloga por estar compozto em gozto Dragmatico [que talvez naõ t'aborreça]⁴, Pediraõ mo humas amigas que taõ bem o saõ tuas; isto he, que lhe ficasse alguma coiza que ellas podessem comodam^{te} representar em obzequio da Prelada que acabava; mas com tantas condiçoens, que julguei naõ daria

¹ Refere-se, provavelmente, à Quinta de São João.

² Datada na sequência doutras cartas datadas no mesmo lugar em época semelhante.

³ Ribeiro, Mateus (1648): *Alivio de tristes, e consolaçam de queixosos primeira parte composta pello Padre Matheus Rybeiro*; em Lisboa: por Manoel da Sylva: impresso à custa de Rodrigo Meas. Existem máis edições de 1672, 1688, 1734, 1754, 1764.

⁴ Entre linhas.

conta da Empreza Huma dellas era não se fallar em amor sem ser Divino [p. 2] otra ter coizas, que fizessem rir; por ser percizo acomodar ao gosto da comp^a, e a este rep^{to} dizia coizas tão galantes a principal amiga, que me fizeraõ rir estando tão longe della. Eu que tenho m^{to} medo em fallar de D^{os} e com D^{os} e que nenhum geito descubro em mim/ bem a meo pezar/p^a dizer uma graça; fiquei atrapalhada com a com^{da} mas fãla, e a satisfação da dona da festa, q ma encomendou. Isto sim tivera gozto que o visses não porq tenha merecim.^{to}, porque pedindoseme huma loa; não lhe podia dar regularid.^e de Dragma [sic], mas não havendo otro que se lhe seguisse, ficava tão bem impropria sendo loa, em fim lá lhe foi, e teve a fortuna de se acomodar tanto ao character das representantes, que dizia a m.^a Amiga parecia, q me eraõ familiares: divertiraõse as mais raparigas, e estavaõ/ coitadinhas/ doidas de gozto, aassim como eu contentissima de lho dar. Eu trabalharei pela fazer copiar, e ta mandarei. Mandame tu pela pr.^a occasiaõ as estancias q fiz o anno paçado aos teos annos, porq se me sumio o borraõ, e certa peçoa a q.^m eu chamo Alfido tem a fraqueza de não querer ficar sem estas coizas.[p. 3] Perdoame estas impertinencias conhece quais são os sentim.^{tos} do coração de

T

Q.^{ta} de S. Joãõ 12 de Set.^{bro}
de 1772

[65.] Lilia do meo coração compadeçom[e d]¹as t[ua]s saud.^{es}; sinto o teo cuidado, e padesso contigo a tua molestia: tudo isto são effeitos sabidos da amizade; mas nem sempre são experimentados por esses mesmos, q ostentaõ sabellos. Se te doi o mal do meo coração, trabalha por me poderes dar boas, e verdr.^{as} novas das nossas doentes, da [tua]² saude, e do teo estimavel auz.^{te} Outras mais quizera que me desses; boas, e verdr.^{as}; bem me entendes, se tens cabedal p.^a tanto, consolame com ellas. Eu oje estou quazi boa de hum defluxo, que tenho tido, com onras de Rheumatismo: alojouseme na cabeça, e fez tanto espalhafato, que antes de tempo me deixou a caveira carunchoza: mas o peor bicho roedor, que me devora, he aquelle de que as tuas cartas ha tempos lançaõ as sementes no coração. Acaba m.^a Lilia de [me]³ fazer feliz com a tua felid.^e, e di[p. 1]ze aos te[...o]bjectos do teo cuid.^o, que o são tambem dos sinceros votos de

T

Estremoz 19 de
Setembro de 1772

Ao Ex.^{mo} Pierio dezejaõ Tirse e Alfido as felid.^{es} que merece.

[66.] Estremoz 3 de Oitubro de 1772

Se me serve o teo coração? e pois que me hade servir se elle não for? Por certo,

¹ Lacunas polo mau estado do suporte.

² Entre linhas.

³ Entre linhas.

senhora Lilia, que não me parecia aduzida filha do seo entendim.¹⁰, e da larga experiencia, q a fiel Tirse tem offerecido, de q otro nenhum objecto mais a entereça, q a posse do teo coração. E não queres tu que eu discorra que o teo entendim.¹⁰ anda empregado em esquadrinhar [sic] os gabinetes do coração em que Amor te quer esconder? Contentate se te não digo q o teo he q.^m agazalha... o q? as agradaveis ideias da felicid.^e alheia. Mas este espirito de follia não convem as tristes circunstancias em que [me]¹ acho a teo resp.¹⁰: tu padeces, Marcia não melhora, tua May dezafogase, e Pierio... Pierio segue os rumos da sorte, sem esperança de melhor fado. Tudo isto são motivos p.^a m.^a malencolia se exaltar, e p.^a se avivar de tal modo o meo sentim.¹⁰, q me tira o gozto de tudo mais. Estimo que goztes da canzoneta, tenho otra Cavatina² que taõ bem te mandarei m.¹⁰ propria p.^a Marcia se eu podera ouvir ambas! não quer a sorte; sorte cruel! implacavel! aborrecivel! Entremece a mão, a mão [sic], e só po[p. 1]de apezar, de hum formigueiro, q a corre toda, pedirte que passes bem p.^a não passar mal

T

Marcia, e tua May façaõ
otro tanto se entereçaõ [sic] pela m.^a saude.

O q me perguntas de Miguel Jozé merecia mais larga resp.^{1a} mas a mão não quer escrever.

[67.] Q.^{ta} de Saõ Joaõ 9 de Oitubro [de 1772]³

De mais, a mais descobristeme olhos de gato? travêssa Lilia, mil graças te achei n'*Etericia dos meos olhos*: assim será, ficame taõ bem a queixa, que me não quero [---] rar⁴ della E como m'impoens silencio, eu me calare[i -----] que chegue um dia, em q se te não vir [de perto]⁵ te espreite de [-----]; e daqui ate entaõ, de quando [em q.^{do}]⁶ farei esta deprecação de Zappi⁷

Vieni ad udirla a Amor, in qual bel giorno,
Qualque nuovo sospir imparenai.

Eu, minha Incomparavel Snr.^a, dezejo ser qual tu me pintas até por credito das tuas expreçoens; mais [sic] por mais q forceje sempre me acho taõ distante, que me he perciza toda a fê da tua amizade p.^a não crer que zombas de mim quando me supoens ingrediente percizo [sic] p.^a a belleza do mundo. Se tu me visses oje não o disseras assim: estou rabugenta, doente, cançada e fastidioza a todas as Luzes, eu mesma me não posso soportar. Os nos: P:P:⁸ lá estaõ onde as Muzas devem prezidir, cada qual seg.^{do} os tallentos, que lhe tocaõ: do meo já tive novas duas vezes mas não mas dava do teo, talvez porq apenas fallava de si. Quanto [sinto]⁹ que as tuas saud.^{es} se não moderem, e q a bellissima Marcia não melhore! faze tu que ella [p. 1] saiba os meos sentimentos, e que tua May nunca se esqueça da tua... Tirse hia a dizer; mas se todas as coiza[s] [---p]

¹ Entre linhas.

² «Pequena ária para solista, com seção única, sem repetição».

³ Datada na sequência dumha série de cartas datadas no mesmo lugar em épocas similares.

⁴ Lacunas polo mau estado do suporte.

⁵ Entre linhas.

⁶ Entre linhas.

⁷ Giambattista Zappi (1667-1719).

⁸ Os nossos Pedros. Fai referência aos seus irmaos respectivos, Pedro de Mello Breyner e Pedro de Almeida, ambos estudantes na Universidade de Coimbra nessa altura.

⁹ Entre linhas.

aressem com os seos Donos sendote eu taõ disforme [-----]usto, que tenha a vaidade de chamarme tua.

[68.] Se ha erros que possam chamarse acertos¹, he um delles o que escrevi, quando deixei incompleto o epiteto, q a m.^a ternura dava ao teo nome adorado.

Se Lilia he m.^a Snr.^a, como errei em lhe chamar m.^a Ama? mas eu não defendo equivocação; não me sinto com forças p.^a essa rançoza contenda; nem tu, menina dos meos olhos, estás p.^a soffreres tinhoquices. He verd.^e ando estonteada; não cuido senão em ti e na tua familia; cuido que todos sabem o mesmo, q eu sinto; e fazme novid.^e quando me fallaõ d'otros assuntos. Cosolaõme as tuas expreçoens obrigaõ-me os teos esforços; mas tu sabes se eu posso querelos, no estado, emque te considero.

Para que vivas, quero que te poupes. Eu estou costumada a fazer combinaçoens economicas, e sei salvar 20inte [sic] p.^a ganhar quarenta. Quero ainda receber longas paginas escritas pela tua mão, e acho [p. 1] que fico m.^{to} mal compençada recebendo estas cartinhas no risco de perder as que me podes mandar se agora te abstiveres d'exercicio taõ contrario ao que tu padeces. Eu sei m.^{to} bem o como estás, porq mandei dizer a Ant.^o Soares², que me informasse por miudo de tudo; dizeme que a tua queixa he vencivel se se fizer o que se vencio na junta; se não se fizer tudo faça-se p.^{te}, e esperemos em meo Sr. dos Passos, a q.^m pedem com efficacia m.^{tas} peçoas de virtude, tudo o que já sabes. Eu estou taõ persuad.^a de que hade ser despachada a supplica que he essa a unica consolação, que me sustenta. sem ella, querida amiga, não podia rezistir a ideia de te ser inutil. Ora basta não qr.^o que olhes mais p.^a mim, que estou magra, descorada, e abatida; mas não tenho molestia q me [p. 2] embarasse o dezejo de ser inseparavel do teo leito.

Miguel Joze receitate ar da m.^a Comp.^a Alfido dezeja, que esse seja o remedio, e que se aplique sem demora, quais seraõ os dezejos de

T?

[69.] Onde, m.^a Lilia, te escondes³, onde podes contentar-te, sem responder ao meo cuid.^o, que te busca? levoute Pierio comsigo? ou escondeote amor no coração d'alguem? Dame, dame novas tuas, e dos amaveis objectos do teo cuid.^o que taõ bem saõ do meo. Eu fico boa se pode chamarse tal q.^m tem no coração saud.^{es}, cuid.^o, amargura, terrireis de huma auzencia, que de ti separa a tua mais verdr.^a

Amiga e fiel cap.^{ta}

T

Se acazo podes cantar, se amor como eu discorro anda a roda de ti, e de Marcia, bem q doente, toma os concelhos desa cavatina⁴, cuja muzica, e letra eu n acho bem galante. Tive duvida aq Mig.¹ Jozé metesse huma carta, que te dirige, neste maço; mas elle me firma [sic] q tivera já esta onra algumas vezes, e eu condescendo com protestarte q nada quero, nem posso querer q seja de menos resp.^{to} p.^a ti.

¹ É provável que forme parte do conjunto de cartas escritas arredor da Páscoa de 1772, durante a estadia de Miguel José em casa dos Condes de Vimieiro.

² Existe na Portbase um António Soares de Azevedo que em 1794 publicou *Poemas*; Coimbra: Real Imprensa da Universidade.

³ Embora nom podamos precisar umha data concreta, colocamos esta carta em relação com as outras em que se alude ao músico Miguel José.

⁴ «Pequena ária para solista, com seção única, sem repetição».

[70.] Vimr.º 23 de Oitubro de 1772

Que genio malfazejo será este, que disturba a nossa correspondencia? todos os correios te escrevo, e oje o faço cuztando não poco trabalho ao meo peito, q sem me doer, me poem n'uma tal impossibilid.^e de escrever, como se tivera m.^{ta} queixa nelle. Sinto humo tal debilid.^e, que depois q principiei esta ja descancei duas vezes. Eu julgo q he convulção; mas o meo omem está armado contra o meo gozto de ler; vê tu que será de mim, se me privarem do divertimento, que uncam.^{te} me entrem? As tuas cartas tão bem se dezencontraõ; a que recebi ontem traz data de catorze; he a q me faltou o corr.^o paçado sempre me consola; mas não sei, q fastio me cauzaõ estas dezordens do corr.^o, que me parece não obra em mim humo carta retardada o mesmo effeito, que uma do tempo justo. Tenho m.^{tas} saud.^{es} tuas; e estes tem sido fortissimas; eu te direi a cauza p.^a semana/ se acazo, se não quebrar o fio da vida entre tanto/ sinto no meo coração a teimoza duração dos teos males; se humo esperança não viesse lizongearme de quando em [p. 1] quando, não sei qual seria o meo socorro quando me aparecem mais de perto os teos trabalhos. Eu sim digo com Metastacio, que talvez me apparese em volta em [mil]¹ enganos mas eu sei que della depende a conservação dos infelices Só che sognata ancora -gl'affanni mi[--] ristora -la sola ideia gradita -del sospirato bem². Marcia me deve grande cuidado, e não menos tua May: por que razão nos ligaria tão estreitam.^{te} a amizade, se o Destino tinha dispozto a nossa violenta separação? Esta carta vai tão deatada, que bem mostra o estado da m.^a saude, ou dizendo melhor, o poco lugar q deixa o coração ao entendim.^{to}, quando fallo contigo. Paresseme que te não injuria esta ambição da m.^a ternura: ella procede de tão nobre principio! dirigida a tão delicado fim! Querida amiga, eu não posso viver sem ti, e com tigo, quando mo promete a esperança, então mo dificulta mais a sorte. Fiz ha dias humas cansonetas que explicavaõ bem este pençam.^{to}; ficaraõ em Estremoz e agora ainda que dezejo recordalas, não posso escrevelas p.^a tas mandar [p. 2] contudo quero q as vejas, porq o que não merecem pela arte, valemno pela natureza e pela verdade que incluem. Eu vim estar aqui huns dias *perche Alceste, vecol andar dal monte al prato*³ &r.^a torno brevemente p.^a Estremoz; *ma qua lunge mi volga sempre mi veggo intorno* -argumenti di pianto,- imagini de dolor; *poi che nom veggio mai, -cara Lilia, Abellame, - de tuoi vezzosi rai* A deos querida do meo coração tu sabes se te he fiel

T

P.S:

As novas de Pierio entereção me q.^{to} o podes discorrer, dizelhe q Alfido e Tirse são os mesmos nas amizades, nos dezejos, nos enteresses, que eraõ quando elle começou a conhecelos.

Paresseme que me faz bem o peito escreverte, se não ha Mazaõ d'Amor, que agradavel medecina [sic]!

¹ Entre linhas.

² «So che sognata ancora/ gli affanni altrui ristora/ la sola idea gradita/ del sospirato ben» Metastasio, Arie, XLIV in www.liberliber.it/biblioteca/m/metastasio/arie/html/arie.htm (26.12.2003).

³ «Andrò dal monte al prato,/ ma con Alceste al lato», Metastasio, *Demetrio*, atto 3, scena III in www.bibliotecaitaliana.it/dynaweb/bibit/genere/letteratureteatrale/metastasio/demetrio/@Generic_BookTextView4447 (26.12.2003).

[71.] Estremoz 19 de Novembro de 1772

Com que nem huma letra quer V. Ex.^a que lhe escreva? forte cruel.^e com quem só quando lhe escreve m.^{tas} he que se dá bem! O Corr.^o passado fiz, m.^a Lilia, a vontade aos Galenos; quanto me arrependi depois de te não ter escrito! pazei peor; e como eu já apprehendi em q me faz bem ao peito escrever-te, será difficil, que mo tornem a prohibir. Agora acaba de ralhar comigo a m.^a D. Joana/ que tem onras de D. Dionizia/ eu disselhe, que se não affligisse, porq poco a pôco [sic] hia fazendo este remedio, deq espero gr.^{de} beneficio; depois disto serás de Theologia taõ estragada, que me prohibas o q a carid.^e me ensina? Isto he: que cuide de conservar a saude? julgo que não, porq [me]¹ de me dizeres *que tens dois dedos de inclinação à Mistica* Isto supposto descance, m.^a Ex.^{ma} Sr.^a, que me ei de curar *com os cabellos do mesmo caõ* [p. 1]

Naõ te pegues tanto á assistencia do meo leito q he melancolica: elle dame m.^{to} bom comodo até ás dez oras/ depois q estou doente/ a essas oras trocoo, por uma pellica q me agalha [sic] m.^{to} bem, e entro a viver como d'antes; sem mais differença, que de fazer até agora huma vida activa, e agora toda contemplativa; mas como esta senaõ acomoda ao meo character, p.^a consiliar as opiniones da ociozid.^e, com a precisa occupaçaõ, que me entretenha; sahio p.^a o campo todas as tardes, e com isto me etretenho Humas vezes levo comigo pencam.^{tos} [sic] de ciprezte, outras d'oliver.^a, outras de murta e madre silva, em fim entre a tristeza e alegria divido as oras, que voaõ p.^a mim, e deixandome de passagem naõ poca rabugem no coração, e muitissima velhisce no semblante.

Oje estou melhor; tratase de flato a m.^a molestia e eu me acomodo a esse sistema, porque ella tem [p. 2] todas as onras deste character: uma beata de contas groças, P. 18: *altos*, cabeça torta, olhos em alvo &r.^a naõ arrota mais [sub]poder² do seo Diabo, do que eu á sombra deste demo arrumadisso do meo flato. Naõ obst.^e esta tormenta propria p.^a sustentar a Authorid.^e d'um Provincial de Capuchos; como, durmo, e escrevo com gozto; antes he tanto, o q tenho de te escrever, que isso me faz tê-lo de tudo o mais, q pode contribuir p.^a este fim.

Agora vai de Poezia. Na verd.^e goztastes da m.^a ode? Saõ as tuas expreçoens f.^{as} da tua candura, ou procedem da tua generozid.^e? Se na verd.^e goztastes della naõ haverá, q.^m calle de oje em diante; agora vai a canzoneta q te prometi: ja tem m.^{tos} mezes de id.^e; mas eu ainda lhe naõ conto hum dia de mercim.^{to} excepto, o que lhe provem da verdade q nella se incluye, e porq ella he a sua baze, assim como o teo nome [p. 3] o seo ornam.^{to} por isso ta mando.

Cap.^o d'economia como estamos de toicinho? haverá bastante ate chegar á Pascoa? Ja lá chegou a sera? a cançada sera? Ora digaõme tudo como q.^m fala com o seo comprador; mais [sic] primr.^o q tudo dame, Lilia toda do meo coração, dame novas tuas, de tua May, de Marcia, de Pierio, e daquelle, a q.^m tu daz mais gloria, q todos teos Avós. O meo Alfido³ he cruel mandame, q acabe mas quer q VEx.^{as} reconheçaõ o seo resp.^{to} &r.^a A D.^{os} Lilia senhora de T

Este corr.^o recebi as duas cartas
(21 pela manhaã)

Fico sem novid.^e p.^a peor; mas a melhoria naõ se tem adiantado m.^{to} Restabalesça-se [sic] a linda Marcia, aindaque Tirse naõ melhore. Amem, Amem,

¹ Entre linhas.

² A leitura nom é segura.

³ Um dos pseudónimos de D. Sancho de Faro e Sousa, Conde de Vimieiro.

Amem.

Naõ me queres mandar nada teo? nem as estancias que pedio o meo S¹:?

[72.] [8 de Dezembro de 1772]²

Sejaõme parabem, e m.¹⁰ parabem os teos 21 seculos de merecim.¹⁰ 21 instantes de formozura; 21 dias da m.^a felicit.^e, 21 annos de gloria p.^a tua Patria, d'onra p.^a tua familia, e de esperanças p.^a todas as alheias! Sejaõme parabem, e m.¹⁰ parabem!

Marcia, tu bem sabes que debes fazer este cumprim.¹⁰ em meo nome, e depois de escolheres o lugar mais proprio para estampares as provas da m.^a gratidaõ, do meo respeito, deixa em liberd.^e o carinho p.^a q satisfaça a ternura por onde [bem]³ lhe parecer. Depois de jantar lêlhe essa arenga que te remeto; mas tem cuid.^o em que naõ falte esta circunstancia, porque em jejum e primeiro jejum naõ se poderia suportar huma tal impurração [sic]. Tens-me entend.^o? ora pois previnete p.^a me dares a mão a bejar brevem.^{1e}, que heide fazer por isso todo o esforço em agradecim.¹⁰ de todas estas comiçoens.

Sr.^a Lilia de Tirse como está linda [p. 1] apenas acaba de nascer? mais formozza naõ vem amanhã fria; =allegrar em Abril rizonha o prado,= de mil, e mil boninas adornado. Ora vamos, que he tempo de compençar a bella May quanto lhe tem custado huma tal filha, com os delicados mimos da ternura. Vamos dizelhe quando a abraçares *comigo te abraça a m.^a Tirse conhecendo quanto deve em possuir a m.^a amizade á ternura do teo coração*. Ella quizera pagarte a obra... Ah! Marqueza entendeme ás escond.^{as} de Lilia, e aceita quanto podes imaginar da ternura, d'amizade, de enteresse, de estimação, de dezejo, em fim de gratidaõ por colgadura ja que naõ posso darte em Agrario⁴, o que [unicamente]⁵ faria maior este dia. Nelle naõ se deve fallar de pranto d'amargura &r.^a tenho hum vestido novo feito p.^a oje mas naõ quero q s'equivoque vermohas [p. 2] Amada Lilia, quando for vizitar os S.^{10s} Martires a tua fiel

T

[73.] Estremoz 27 de Dezembro de 1772

Queira D.^s, m.^a Lilia, que o novo traga comsigo todas as felicit.^{es} que a tua fiel Tirse te dezeja! Com que gozto te contemplara feliz, quem te adora desgraçada? tu o sabes pois que penetras os sentim.^{10s} do meo coração, conformes sempre ao q tu mereces, porq saõ iguais ao q te devo. Parte o Almocreve q leva o que te anunciei pelo correio se q.^{do} receberes esta ainda naõ tiveres remetido a m.^a May o escrito, e a carta em q me podes avizar de tudo previnete p.^a otro Almocreve, e manda com anticipação [sic] a carta a m.^a May p.^a que ma remeta em occaziaõ oportuna. Vaõ as contas que tua May quer ver: naõ saõ contas que eu faça examinar por othem; mas podem levar erro, e conta errada, naõ val nada examinem a m.¹⁰ bem e depois façã o que quizerem. Se lhe ficar conta a paga [sic] pelas mezadas podem mandar entregar 2400 cada [p. 1] mez ao P.^e Fran.^{co} Jozé Freyre da Congregaçaõ dizendo que eu lho mando, e o resto como he despeza p.^a o anno que entra pagarse ha no de 74. Isto he dado o cazo de tua May querer

¹ D. Sancho de Faro e Sousa.

² Datada pola referência ao 21º aniversário de Maria de Almeida, nascida a 08.12.1751.

³ Entre linhas.

⁴ D. João de Almeida, 2º Marquês de Alorna.

⁵ Entre linhas.

absolutam^{te} não dever coiza alguma a esta cap^{ta}, porq como ja disse e mil vezes [o direi]¹ tu sabes qual seria o meo gozto.

A sera sahe como eu dizia [sic] a menos de 340 poq não chega bem a 330 talvez chegará a este preço seg.^{do} com a despeza do Algodaõ q não pude lançala, porq a não acho, mas no anno prezente preceme, q faz conta: a meia arroba p.^a os S.^{tos} ouve hum engano com ella, e por isso não foi lembrome de fazer huma coiza que poderá ceder a bem da economia, e hei deixar aqui orde a peçoa particular p.^a q compre as vellas q daõ aos clerigos nas funçoens do seo ministerio, que d'ordinario em se acendendo lhas não pagaõ por mais de 120 as de meio arratel, 240 as de arr.^e, e que em tendo a quantia que tua queria [sic] as remeta [p. 2] em caixote feixado [sic] ao mano Joaõ p.^a que lhas derija a sua Ex.^a porem como ignoro se tua May aprovará estas nimias economias, a q nos obrigaõ as difficilimas cobranças, não a ponho em pratica em q.^{to} não recebo avizo p.^a isso. Taõ bem quero que me mande dizer com anticipação [sic] se hade querer alguns cobertores de lam a q chamaõ *racha* porq feitos depropozito sahem em melhor conta, em fim quanto imaginar que lhe pode ser util, e possivel à m.^a delig.^{cia}, será tirania não mo diz[er -----]² toda a connfiança que he propria [-----] Eu estou melhor com ouro [-----] de frango, e alguns, que tenho [-----] com cágados me tem feito de[-----]eficio, estimarei melhorar a [-----] mais fiel amiga das que [-----] Não sei se te agradecia destinta onra q fazias ao meo Alfido, eu julgo que elle pode e deve saber quanto deve ao teo sublime coração. [-----] he que pode fazer onra ao [p. 3] merecim.^{to}, se não foces tu, que o sabes destinguir? Poupa os teos lindos olhos pois sabes quantos dependem da sua conservaçaõ os meos pacerdiaõ m.^{to} se os teos não melhorassem. Abraça por mim a terna Marcia de q.^m eu sou ge[nti]l amiga assim como do invomparavel terno. Sinto q Pierio não mande de si as novas que [eu] dezejo: eu posso dizerte q o Reitor [do collegio]³ tem [p]ozto limites ás madrugadas, e que lhe não consente mais de huma ora de estudo antes de hirem [-----] os gerais persuad.^o de que sinco [-----] tres de estudo à noite, huma [-----], além das explicaçoens [-----] que bast.^e p.^a darem conta de si, e que tudo [-----] este plano seria de grave prejuiz [o -----]de dos seos Porcionistas que [-----] seja o omem do mais exotico character, que se conhece o coração he Angelico, e seos [-----] o não mudaraõ he dos mais onrados [-----] que tem o Collegio A D.^s amiga do meo coração não de esqueças de recomendarnos ao Ex.^{mo} Pierio nem de quanto te estima a tua

T

[74.] Estremoz [1]0⁴ de 1772

M. Sr.^a tu bem sabes que es continuo objecto do meo cuid.^o a tua saude e tudo o teo me estaõ sempre atrahindo por isso não he m.^{to} que aproveite ainda q de passagem as occazioens de procurar novas tuas. Mandamas pois sabes q as nececito e de tuas f.^{as} pois sabes, q saõ delicadas porçoens tuas; mas poderosas senhoras do meo coração. O portador deste entregará huma pequena parte dos teos bens: vai só o quejo porq ao mais

¹ Entre linhas.

² Possivelmente «com». Lacunas polo mau estado do suporte.

³ Entre linhas.

⁴ A leitura nom é segura.

mandei dar sahida, e as murcelas¹ ainda não estão capazes de fazer jornada. Sinto q o Q: não faça o q deve, e estimo q teo filho tenha alcançado as onras que merece, D.^{os} permita que selhe siga tudo o q pode concorrer p.^a a tua felicit.^e, de q a m.^a por virtude da amizade está oje dependente: se o permites dá licença q se ponhão aos teos pés as peçoas cujos nomes marca esta cifra

T²

Amada Lilia, não [p. 1] posso acabar sem fallar contigo só por só mas ah q saud.^{es} me faz aquelle instante da porta! as grades insoportaveis parecem-me de longe hum lugar de delicias Pobre Tirse sem te ver!

Dame conta dos meos versos e dos da Maligna Marcia venhão huns e outros, e ella a cruel q nem huma palavra me diz, que saiba, que taõ bem me aflige não a ver, q tenho suad.^{es} suas e q espero, que ella me mande os versos q tu me negas isto he aquella semsabor miscellania [sic] q te mandei, porq os de q fallo assima são os q te inspira Apollo, e q Amor faz q sejaõ meos. AD.^s

[75.] Vimr.^o 15 de Janr.^o de 1773

Já sei minha Excellente Lilia, que no teo coração me observas, quando me escreves, quando me encareces. Só recolhido nesse cofre de preciozid.^{es} pode equivocar-se com o diamante preciozo o calhao groceiro; o ferro mal limado com o oiro bem pullido. A preocupação [sic] nos illude ainda mesmo quando nos previnimos [sic] contra ella Eu a abenção pelo que te faz dizer a meo favor! Eu lhe fizera continuos votos, p.^a q te não afastasse ja mais dos olhos o doirado veio, por que me observas, se pertender tanta ventura, não fosse injuriozo ao teo discernim.^{to} Eu sei, querida amiga q.^{tos} milagres pode produzir a verdr.^a amizade; mas nunca esperei que ella tivesse forças p.^a me confundir tanto com tigo, que te fizesse dizer de mim, o q as Muzas só destinaraõ p.^a ti, que és, e seraz sempre o objecto mais digno, mais grato, e mais sagrado de todas as suas cançoens. A que me remetes p.^a onrarme espero eu decorar á força de repetila p.^a m.^a instrução; mas sofre que ao repetila lhe faça uma precisa emenda p.^a ficar regular, e completam.^{te} perfeita. Permita que sempre profira [p. 1] Lilia, onde encontre o nome de Tirse. Entaõ, cara amiga, *Lilia Lilia mil vezes nomeando, Que impreção taõ suave irei provando?* Marcia não me achas razão nesta precisa emenda? Eu apello p.^a o teo dezapachonado tribunal, e bem que pertendas persuadir-me que o teo coração imita o de Lilia na teimoza e benigna empreza de me onrar, eu não sei que espirito de indiferença te descubro a meo respeito, que te acho propriissima p.^a o lugar de Juiza, em que quero collocarte. Espera não [sic] dez a sentença; deixa primr.^o provarte q a ingraticidão não he a que arrezoa³ preztem.^{te}, he hum delicado apreço que faço das tuas expreçoens o q me inspira q.^{to} digo no ponto. Eu as respeito, eu quero introduzilas no coração; mas ellas olhando p.^a a amavel officina de que partiraõ me deixaõ perceber que não [sic] foraõ forjadas p.^a mim. Trabalho por misturalas com as de Lilia confundemse com ellas, mas na força que fazem por se dezunir me daõ a conhecer a vio[p. 2]lencia, com q me penetraõ. Se insto p.^a as gravar com as de Lilia no fiel depozito da amizade, parece-me que oiço huma oculta voz que me dissuade, e me faz reparar em mil contradicções, que

¹ Por «morcelas».

² S enlaçado na filigrana.

³ Provavelmente por *arrazoa*.

a serie dos sucessos deste anno tem marcado; entã me suspendo, e banhandoas de ternura lhe digo

Doces termos agradaveis
se violentos me buscais,
o bem que em mim não lograis
Tornai; hide gozalo em Marcia bella.
Empregaivos nella
Termos adoraveis
Frazes deleitaveis
Voai; que em Marcia bem vos empregais.

Torno a ti Lilia adorada p.^a me queixar do meo Tirano p.^{to} elle me priva de escrever mais, renovandose de tal modo a debilid^e que posso dizer que escrevo estas ultimas regras com lagrimas d'afflicção A D^{os} Mio bem ricordati - s'avviem [p. 3]ch'io mora- quanto quest'alma- fedel t'amo¹

A D^{os}. Lilia de

T

Abraça por mim tua May. Oh se a minha pudesse conduzir-me esse amavel terno?

Estou tal, que fazia ao meo Sancho huma formal injuria, sepultando no silencio a sua respeitoza gratidão, pelo favor com q tua May o onra. Elle sabe conhecê-lo, isto basta p.^a persuadirte que sabe respeitá-lo. E Pierio? permita D.^{os} que os seus anos respeitá-lo no centro das felicid.^s Que saud.^s me esta faz.^{do} o precioso jantar do anno paçado, naquella gr.^{de} dia. A D.^{os} o peito d'acordo com o coração me estão martirizando.

[76.] Vimr.^o 5 de Fev.^o de 1773

Lilia do meo coração he quazi meia [noite]² q.^{do} acabo de ler o corr.^o, e faço estas regras p.^a acompanharem a que leva o almocreve que he hum caixote com a sera, huma canastrinha com lingoissas³ e chorisios⁴ p.^a entrudarem as tuas creadas, e dois sacos com o arroz creio que tudo isto tem despacho, excepto o caixote, e tudo leva sobre escrito p.^a tua May Eu quizera dizerte m.^{ta} coiza da m.^a e da tua amizade mas não me possível [sic] tenho oje chorado m.^{to} porq a m.^a incomparavel D. Joana tem estado m.^{to} mal, e dispondose p.^a morrer como huma santa, o que faz mais sencivel a sua falta: tem algum alivio e creio q ainda nosso Sr. ma dará por mais tempo. Se te não escrever p.^a corr.^o não tennhas susto, eu não estou peor porem não poderei talvez fazelo. A D.^s amiga do meu coração conservate, vive p.^a consolação de uma fiel amiga, poupame os teos olhos se queres q seja feliz a tua

T

¹ «Mio ben ricordati,/ Se avvien, ch'io mora:/ Quanto quest'alma/ Fedel t'amò/ E se pur amano/ Le fredde ceneri;/ Nell'urna ancora/ T'adorerò», Metastasio in www.recmusic.org/lieder/m/metastasio/d668.4.html (29.12.2003).

² Entre linhas.

³ O m. q. *linguiça*: «tripa recheada com toucinho e carne crua (esp. de porco), temperada e cortada em pedaços miúdos».

⁴ Provavelmente o m. q. *chouriços*.

[77.] Vimr.º 19 de Fevr.º de 1773

Queridas Amigas do meo Coração a todas tres respondo agradecida, e com todas fallo saudoza. A todas quizera levar aquellas sementes de allegria que só podem fazer brotar a saud^e nesse amavel terno. O rigor da sorte ainda o não permite, e a extravagancia do meo destino pode ser, que taõ bem me negasse esta consolação, ainda quando não impedisse o logro da sospirada paz, que tanto se dilata: *mas aq se retarda não se nega*; diz [hum]¹ antigo proverbio.

Tu me agradeces, m.^a Marq.^{za}, mil coizas, como se te mandasse algum presente; não he bom sistema esse de illudir as dividas, que eu espero cobrar em juro a seo tempo. Não te dou nada, e fiquemos nisto. O que eu quero saber livre de comprim.^{tos} he se goztas do arroz, e se achas boa a economia da sera; porem não quero, que o dizermo te custe o tremor da mão, q o escrever. Eu sou do tempo, emq se aprendia a ler por sentenças, vê se entenderei bem a letra das tuas [p. 1] creadas, passando d'oito annos p.^a o latim com melhor letra do que agora faço? Minha May te fica obrig.^{ma} pelo favor, que me fazes, e pelas lizonjas que lhe dizes ao meo respeito; ella conhece que o saõ; mas todos saõ doidos com as suas creanças, e esta a quem ella deo o leite seo, ainda a faz sentir mais todas as ternuras da Maternid.^e A sua comp.^a me consola m.^{to} ainda, que a consideração deque não pode ser duravel este gozto, assaz mo contrapeza. Eu tenho passado alguns dias com gr.^{de} melhora, mas n'otros sinto os mesmos effeitos. Todos dizem que a molestia he externa, e no musculo peitoral; por isso, e com razaõ, se reputa menos perigoza. O remedio dos caracois he suave; aconselhado porq.^m/ como tu/ tem padecido em si, e em duas galantes filhas, [e]² tem experimentado; q.^{do} me mandou a receita, diziam, que dezejava m.^{to} que tu a soubesses p.^a uzares della, e as tuas f.^{as}, porq a experiencia, e a semelhança lhe fazia esperar tudo daquelle remedio. [p. 2] Eu não a mandei entaõ, porque Leonor me dizia que o Capilaire a tinha restaurado; mas como agora torna a padecer me rezolvo a mandala; eu a conferi com varios excellentes Medicos, e todos a provarão. D.^s queira que nella encontre a saude de que tanto depende a m.^a Eu não lhe quero derigir [sic] nen uma regra p.^a que não incline os olhos, nem magõe o p.^{to}

Vem tu, Querida Marcia, e nos meos braços recebe, sem offença do respeito, quanto pode expreçarte o meo carinhozoz agradecim.^{to} Venturozas duvidas que tantas seguranças me rendem da tua preciozissima amizade, mas *cara, soffrilo in pace, sentir le reprlicar troppo in piace*³. Torna, m.^a Engraçada amiga, torna a dizer *que me estimas, que me amas, como a ninguem*. Se o devo crer de justiça, posso pertender, q mo repitas por pied.^e Figurate a m.^a gratidaõ occupada em recolher, e em gravar no depozito d'alma as ternissimas expreçoens que me diriges, verás entaõ q.^{to} merece a tua Tirse [p. 3] fiel, que os olhos poem em Lilia enternecidos.

Em vez de vozes, solta mil gemidos.

Torno a fallar com tigo m.^a Marqueza p.^a te agradecer em nome do meo Sancho

¹ Entre linhas.

² Entre linhas.

³ «Oh Dio! Non dubito, ben mio ilo so che m'ami:/ Ma da quel dolce labbro/ Troppo (soffrilo in pace)/ Sentirlo replicar troppo mi piace./ Ed il picciolo Olinto, il caro pegno/ De'nostri casti amori,/ Che fa? Cresce in bellezza?/ A qual di noi somiglia?», Metastasio, *Demofonte*, atto I, scena I in www.bibliotecaitaliana.it/dynaweb/bibit/genere/letteratura_teatrale/metastasio/demofonte/@Generic_BookTextView/151 (29.12.2003).

a onra, que lhe fazes, e pedirte que em q.^{to} não podes fazerme conhecer pelo teo J...¹ me
faças lembrada ao teo Porcionista², cujas novas dezejo que te consolem das saud.^{es} que
sentiraz em tal auz.^{cia} A D.^s m.^a Sr.^a do modo que pode assiste aos teos pés T
[78.] Vimr.^o 5 de Março de 1773

Hoje m.^a Lilia enfeiteime em corpo e alma p.^a dar a m.^a May os parabens do[s]
an]nos³ d'uma galante f.^a, que lhe ficou em [-----] Imagina como estarei cançada: o
corpo e[s]tranhando tudo o q não he baeta; e a alma forcejando em vão por despir os
mãos [sic] abitos, e buscar nas fontes das graças, o sollido ornado da virtude. Isto me
sirva de desculpa [sic] p.^a te escrever poco ainda q tenho tanto, e tanto, que te agradecer
no cuid.^o q tens em m.^a May e ate na m.^a D. Joana. esta vai m.^{or} mas paresseme, que está
m.^{to} proxima a entontecer, oq me faz hum dó, e huma tristeza indezível: sua Ex.^a fica
com m.^{to} defluxo; mas está m.^{to} mais viva, e allegre do que quando veio

Teve a semana passada huns formigr.^{os} em um braço/ bem sabes q.^{to} deve isto
assustar/ mas por ora não querem os seos, e os meos Medicos q faça remedio, e lhe não
julgaõ coiza q assuste. Ella te beja as mão e ambas sentimos o trab.^o de Marcia [p. 1] e
nos pomos aos pés de tua May de q.^m he, como tua

[C]ap.^{ta} fiel

T

Que novas ha de
Coimbra⁴?

[79.] Amiga do meo coração se eu podera largar esta vivenda crês tu, q fora a
m.^a saude quem me levasse aos teos pés? A minha amizade he mais poderosa em mim
que o amor da vida; verte servirte, ser como tu dizes a tua consolação são bem mais
fortes atractivos, que a melhoria de saude que me podia rezultar desta mudança. O
Destino quando tirou da urna a m.^a sorte lançoua neste retiro, e tu sabes que os grilhoens
do fado são indisolluveis. Com tudo, como stiges não foi garante deste arrojo, pode ser
que ainda a fortuna me dê hum sopro favoravel, e entaõ levando a m.^a sorte a melhor
terreno habitarei contigo, os campos que occupares, e talvez me converta por imitação,
e apego, em sombra da tua amavel figura. Eu continuo a padecer; mas nem sempre com
o maior excesso. Oje devendo passar peor, por ser dia de gr.^{des5} Misticas, estou menos
abatida, talvez me paga o S.^{to} do dia os pequenos obzequios q lhe fiz, com o que menos
importa q he a m.^a melhoria. A tua e a conservação dos teos me entereção m.^{to}, e não só
a mim: ha huma peçoa que inceçantem.^{te} me pede novas das suas amadas incognitas
intereçasse até pelas figuras, e quer que de tudo lhe dê miudas noticias tenho dezejado
mandarlhe a tua letra confiandolhe alguma das m.^{as} cartas; mas como este passo poderia
ser contrario, a algum dictame particular de tua May, não o tenho feito Respondeme
nisto dizendome [p. 1] sim, ou nom, mas se me disseres sim dizemo na linguagem das
Muzas, porq se entende a sua fraze naquelles cazos de tristeza ainda que os suspiros que
delles sahem, não sejaõ regulados pelos seos numeros. Minha May está m.^{to} melhor,
supulho [sic] que bafos de filha, e genro são taõ proveitozos ao seo animo, como

¹ Refere-se provavelmente a João de Almeida, 2º Marquês de Alorna.

² Pedro de Almeida, na altura estudante em Coimbra.

³ Lacunas polo mau estado do suporte.

⁴ Refere-se provavelmente ao irmao de Leonor de Almeida.

⁵ Grades?

goztozo a Pierio o tempero de May e Irmans. Ella te beja as mãos pelo cuid.^o comq a onras, e ambas abraçamos de coração o amavel terno das tres mais lindas amigas de

T

Vimr.^o 19 de março de 1773

[80.] Minha Linda Snr.^a a cabo de ter hum accid.^{te} estherico e pego na pena p.^a fallar comtigo se dicer [sic] dezacertos É culpa del fabo mia culpa noné. Serve esta de [aconhar]¹ o mal acabado jardo: tenho vergonha de o mandar porq mo não fizeraõ como eu o dispuz: não he digno de ti; mas não faltara um pobre a q.^m o dez de esmolla, ficando por este modo menos improporcionada a remeça. Mandame novas de Lilia de tua May de Pierio, e tuas; as m.^{as} são as mesmas do corr.^o; m.^a May sangrouse bem e eu sou, e serei tua fiel amiga

T

Estremoz 29 de Março
de 1773

[81.] Amiga do meo coração os teos cuidadosos trabalhos são verdugos² da m.^a fiel amizade: que posso dizerte alem disto q.^{do} te concidero debil enfermr.^a d'uma f.^a q faz a tua e a m.^a consolação. Espero com ancia a certeza do seo alivio e com susto as noticias da Excellente Marcia, porq me figura a m.^a tristeza não sei que funestas imagens assaltando a sua precioza saude. Huma e outra f.^a quero, q abrace em meo nome, e q o *amavel terno* receba de m.^a May tudo quanto inspira huma Const.^e amizade. Eu sangreime oito vezes o sangue era taõ máo como eu toda mandaõ-me p.^a as caldas, e deste incomodo esperaõ q eu tire saude e fecundidade. Talvez que tu percebas das [p. 1] m.^{as} cartas o gráo do meo abatim.^{to} se o não perceberes argumentao sabendo que me custou m.^{tas} oras de madorna³ profunda o pequeno esforço que fiz p.^a não tratar mal Joana Izabel que passou por aqui, e me irritou. Dize a Lilia, que achei verdr.^o o retrato que ella me fez desta moça o anno passado que ambas fallamos della, e nos seos versos e que partio livre de terriveis impreçoens que lhe tinhaõ dado a meo resp.^{to} Esperavame ferina achoume m.^{er}. sincera, e capaz de ser sencivel ao merecim.^{to} a amizade, à gratidaõ. Se eu podera escrever mais relatara a pratica, os versos, os assumptos, p.^a que ella se devirtisse [sic] na convalescença do maligno sarampo; mas se eu melhorar tudo farei. Estimo que recebesses as encom.^{das} queira D.^{os} que fiques bem servida se não acontecer assim, não he culpa do meo zelo, he desgraça da m.^a [p. 2] delig.^{cia} [sic]. Não te aflija a satisfaçãõ, mil vezes te disse já que do meo podes dispor sem reparo, porq a amizade o fez teo. Amanhaã parto p.^a o Vimr.^o onde está o meo Sancho com seo Tio⁴: eu fiquei por estar ainda na cama; mas como não posso convalescer privada do q mais amo, vou e em toda p.^{te} me acharás como

Fiel cap.^{ta}

T

Estremoz 24

¹ A leitura nom é clara.

² leitura difficil.

³ 'O m. q. modorra'

⁴ Monsenhor D. João de Faro, tutor de D. Sancho desde a morte de seu pai em 1742, e encarregado da jurisdiçom do Vimieiro em nome do Conde de Vimieiro até 1750, data em que «o jovem donatário, então com quinze anos, passou a exercer directamente as suas competências senhoriais» (Fonseca, 1998: 23).

d'Abril de 1773

[82.] Amiga do meo coração não quero deixar de te dizer que continuo a passar melhor posto q ainda me conservo com abalo no pulço q se aviva de tarde e cresce p.^a a noite. Lizongeiome com a esperança dete ver, e a tua May e Irmaã a q.^m vejo as maõs. Da m.^a tive boas novas e porq vacilla a cabeça acabo esta protestando que te he fiel

T

Estremoz 24 de
Maio de 1773

[83.] Estremoz 28 de Maio de 1773

Lilia do meo coração. Eu bem sei que a suavidade do teo trato, e a doçura da [tua]¹ vista podem decipar todas as tormentas do meo espirito, assim como a branda aragem do norte poco a poco desfaz os mais groceiros nublados. Sei que os teos talentos são capazes de compreenderem os mais occultos segredos da medecina; porem que podem estes conhecim.^{tos} onde falta a observação da experiencia? Perdoame, m.^a Linda Esculapia, creio na tua Fizica; mas nada na tua medicina. Divertiome a tua carta, porq taõ bem a mim me preseguem as mesmas tentações pareceme, que o costume d'observar a natureza supre a falta de sciencia, e os meus remedios applicados aos pobres fazem taõ bem [sic] [p. 1] effeito que [me]² vejo perseguida de toda a p.^{te} p.^{las} minhas mechidas Pharmacas/ a este resp.^{to} contartehei coizas m.^{to} galantes/ Tornando ao p.^{to} peçote licença p.^a não crer nos Medicos de Lisboa; alguns ha que eu suponho capazes de serem bons; mas coitados q.^m lhe [deo]³ a elles tempo p.^a trabalharem na sua profiçaõ? Cá o meo Medico he o meo Enfermr.^o elle observa á m.^a cabeceira os fenomenos do meo temperam.^{to} elle revolve os livros, porq os de lá mostraõ, que lem; e sobre as doitrinas dos grandes Allemaens dos bons Inglezes, d'alguns Italianos e do Patriarcha Hipocrates com as Luzes da observação, com o soccorro da anatomia, com os principios da logica forma os seos discursos, e estabelece o seo sistema. Chamase Jozé Henriques [p. 2] foi primr.^o sirurgiaõ, como tal passou à America e voltou a Portugal; passou a Espanha, e na Universid.^e de Salamanca se formou depois de deixar nella um nome bem estabelescido. Otro ha nesta terra ainda mais applicado; mas taõ confuzo na expozição das suas ideias, que por isso o não preferi na direcção da m.^a cura. Ninguem me sangra por gozto; mas quando hum garrotilho⁴ arma o seo laço, que pode fazerse se não cortarlho ainda q a espada se ensanguente? Este foi o risco em que me vi: foi hum ataque accidental que não faz mais que dar a conhecer as terriveis dispozições do meo sangue. Quais ellas sejaõ te não quero eu dizer, porq sei quanto deve Tirse a ternura da sua amavel Lilia; basta que saibas [p. 3] que eu estou constante trabalhando por emendar e reduzir a rebeldia de um inimigo intrinseco; mas q talvez seraõ bald.^{as} as delig.^{cias} porq são innatas as dispozições. Chamaõ malencolia á boa feiçaõ com que eu

¹ Entre linhas.

² Entre linhas.

³ A leitura nom é clara.

⁴ O m. q. *crupe*: «obstrução aguda da laringe devida a infecção, alergia, corpo estranho ou tumor, que provoca tosse, rouquidão e pode levar à asfixia».

fallo nestas coizas, que poco me conhece q.^m assim discorre! mas assim mesmo me terá ja pintado meo cunhado na face de todos os q lhe perguntarem por mim. Basta de historia Medica, o que eu dezejo he verte feliz isso basta p.^a que eu viva contente. Tua May me deve igual enterece, e Marcia com q.^m debes repartir o dominio do meo coração pode igualm.^{te} concorrer p.^a a conservação da m.^a vida com a felici.^e da sua Minha May está em Serpa p.^a onde foi do Vimr.^o e se conserva naquella villa ate sete ou oito de Junho; eu lhe farei constar o teo favor, e tu sabe, q nunca deixará de amarte

T

[84.] A dilação das m.^{as} cartas quando se dirigem a ti, querida Lilia, não me canza, [con]solame¹ e suavizame a pezada amargura q [me c]auza a distancia, em que te considero. Sou sencível ao teo favor, quanto fiel a tua amizade; destes principios que pode nascer senão for o gosto de mostrarme digna de ti pelos effeitos da m.^a gratidão? Creio que os teos dezejos, os teos raros talentos, e mais que tudo a efficacia do teo carinho podem conduzir a medecina [sic] até a raiz oculta do que padeço, se te dever mais esse beneficio poderei dizer q es o principio da m.^a vida, ou a columna [sic] da m.^a subsist.^{cia} [...] Oje está [sic] m.^{to} malencolica; não posso fallar contigo sem derramar no teo coração o veneno q me martiriza, por isso largo a penna pedindote q abrace por mim tua May e Ir[p. 1]maã, e que ao Estimavel Pierio protestes a [est]imação de

T

Estremoz 4 de
Junho de 1773.

[85.] A pezar, m.^a Lilia, dos estragos², que restaõ do cançado dia d'ontem pego na penna p.^a consolar da separação em que vivemos, e da distancia que entra a separar-nos. Por este modo supro os meios de fallar contigo, que tanto se me dificultação, e me grangeio o gozto das tuas noticias, porq suspira o meo cuidado. Ja sabes quais são, as que me entereção, e como as dezejo p.^a que me satisfação; mas se te esqueceo a m.^a recomendação, lembrete de que me *faz mal ao teo peito*, qualquer applicação que faças.

Remeto os retratos, e o que delles diz m.^a Irmaã, cujo escrito queimaras por que não convem que se conserve. Ella não esperava ter o gosto de os ver, porque eu não lho quiz annunciar com anticipação p.^a lho [sic] fazer consolação com a surpresa. Tu, ou tua May responderás ao que ella pergunta p.^a lhe deixar a resposta feita. Dize a tua May que a doente se levanta, mas que não anda: que ha cuidado nos seos, mas que este, ou se encontre, ou não chega ao grão que merece a queixa que a chaga se vai fechando por si mesma, mas que o todo se abate, e que o natural se altera: bebe m.^{ta} agoa não se modera em comida, e tudo he p.^a temer em tais annos. Nas presentes circunstances heque huma generozid.^e christam tem campo largo de obrigar a D.^s Eu tive ontem grande dor de cabeça, e oje restame tanto que fazer, que não sei como poderei desembaraçarme p.^a

¹ Lacunas polo mau estado do suporte.

² Datamos esta carta, onde se anuncia umha viagem às Caldas, entre 4 de Junho (última carta datada anterior) e 7 de Outubro de 1773, data em que dá início umha série de quatro cartas consecutivas datadas neste lugar.

partir ás duas da noite p.^a o sobral, dahi p.^a as Lapas, e depois p.^a as Caldas, onde pelo corr.^o posso receber novas tuas pelo correio da Beira. *A D.^s querida amiga o Ceo te guarde*

Minha Mariquinha, minha perra, minha caxorra, minha... minha galante Tan... saberás compadecerte das m.^{as} saud.^{es}? poderás sacudir a perguiça p.^a em alguns instantes me dares novas do amavel terno que ha tanto tempo joga a arrenegada? damas o [sic] menos por compachaõ, e sabe que eu taõ bem gozto dos jogos do quarto, e quinto; e como julgo que tu es Mestra em manejar os naipes dezejo que me informes da fortuna dos jogadores. Eu sei quem ganha de presente mas sempre quero me informes pelo correio do merecim.^{to}, e estado de cada jogador, advertindo, que p.^a q.^m se enterece nisto com uma espece [sic] de tafularia, até os nadas, lhe avultaõ como as grandes coizas. A D.^s engraçada creatura, trata bem os movim.^{tos} do meo coração, porque saõ delicados, e merecem que os naõ arrisquem.

sou de todas vosses a mais [p. 1] fiel amiga que tiveraõ, tem, e haõ de ter, e má grado a quem lhe pezar.

Amem, Amem, Amem, Amem, Amem por Amem naõ perca

[86.] Caldas 7 de Oitubro de 1713¹ [sic]

Oje chegamos a esta villa, depois de nos delatarmos [sic] quazi dois dias; nas lapas onde [se]² fallou m.^{to} em ti. Podes crer [m.]^{a3} querida Lilia, que nada me consola tanto, e que igualm.^{te} me entristesse naõ poder gastar contigo sem.^{es} oras em iguais sircunstancias. Em toda esta digreção tenho passado bem se pode asseverearse tanto, tendo m.^{tas} saud.^{es} tuas m.^{to} cuid.^o na tua saude; m.^{to} dezejo de saber dos jogadores, em fim de tudo quanto pode enterece a m.^a Amizade. Já oje me mandou vizitar M.^r le pareb [...] hum sobrinho seo em nome do Tio, porque tomando [...beça] huma poca d'agoa de Inglaterra naõ lhe fez bem [...] tem coiza de cuidado. Tenho procurado m.^{tas} oraçoens pelo negocio, a que já depuz os primeiros ataques. D.^s abençoe tudo, e conclua este ponto com [sic] nos dezejamos. Minha May quer mil recados p.^a ti e p.^a tua May, e Marcia: o mesmo/ porem com mais resp.^{to} protesta de Alfido, e eu acabo, segundo o meu costume, afirmando que he fiel a tua

T

[87.] Amiga do meo coração quero dizerte que vou bem com os meos remedi [os.]⁴ tenho tres banhos, e quatro dias de toma[r] a agoa vou continuando uma e otra coiza com esperanza de melhora, porq naõ obst.^e as tristes scenas, que temos prezenceado em Caza do tio Rodrigo/ que entendo naõ reziste nem por isso/ me tem f.^{to} abalo. O ouriço está m.^{to} meo amigo; mas naõ se tem declarado, com tudo já prometeo dar-me conta do seo cazm.^{to} em se ajustando ainda que para isso seja prezizo escrever-me

¹ Evidentemente, é 1773.

² Entre linhas.

³ Lacunas polo mau estado do suporte.

⁴ Lacunas polo mau estado do suporte.

em direitura agora espero ter brevem.^{te} uma ceção com elle em q lhe diga couza que obrigue a tomar o seo partido. Se pode ser mandemme dizer quem tem fallado por elle, e fiemse de mim que vai, e hirá sempre salvo o decoro. A D.^s recados a Marcia carinhos a May e amor p.^a

T

Caldas em 17 de Oitubro de 1773

[88.] Caldas da R.^a em 26 de Outubro de 1773

Que he isto, Amiga do meo coração? que espece [sic] de loucura agita a tua Linda [-----]?¹ Tirse he mais sincera que generosa; amote deveras, e tanto mais, quanto conheço que apezar dos meos defeitos, me estimas como se fosse um composto perfeito. Será possível que eu tenha dado a entender otra coiza nas m.^{as} cartas? Se assim for, gr.^{de} paciencia necessitas para soffreres tonta [---] uma idade, em que ainda os meos dias prometem duração! Quem me dera estar em parte, onde te metesse m.^{to} a bulha por conta das lamurias, que me escreves nesta carta! podes estar certa de que eu digo de ti, com mais razão que Metastacio

«Quel labro adorato.
«M'è grato, m'accende,
«se vita mi rende
«se morte mi dà²

Eu cantarei sempre esta aria em obsequio teo, e com todos os sentim.^{tos} da mais viva ternura a teo resp.^{to} se isto não basta, dize o mais que queres; tudo farei por consolarte; e que facil coiza he ser generosa, quando a amizade toma por sua conta esta empreza? crême, Lilia dos meos olhos, que o meo coração he, e será sempre para ti como se fosse formado a teo geito: como se podesse contemplarse na fôrma, o teo appetite, a tua satisfação, o teo interesse, e até as tuas extravagancias

Marica engraçadissima, cachorra de profiçaõ, dizeme descaradam.^{te}, fica satisf.^{ta} a snr.^a Lilia? se o fica dame [p. 1] os parabens; se ainda não consegui essa fortuna, ensiname a arte de persuadir-lhe, que lhe quero bem por inclinação, por escolha, por ternura, [e ate]³ por conveniencia do meo Ill.^{mo} amor proprio, que tanto me domina a pezar dos espantozos sobr'olhos do meo confeçor: Taõ bem pelo mesmo motivo fica desne[ce]çaria a recomendação que me fazes, de q me lembre de ti; Bem sabes que a tua linda figura recreia a m.^a imaginação, as [tuas]⁴ galantarias divertem o meo juizo; seria eu taõ contraria de mim mesma, que me afastasse destes objectos, p.^a me occupar das monstrozid.^{es} do seculo presente? Não por certo Ex.^{ma} bugia, gosto m.^{to} de ti; o teo character lizongea as m.^{as} ideias, e em tudo te julgo capaz de seres huma felississima Tancreda⁵, por isso me lembro, e sempre lembrarei da tua Amabelid.^e [sic] certa desta

¹ Lacunas polo mau estado do suporte.

² «T'ingani. Io Voglio/ Tutto soffrir. Surà, qualunque sia./ Bella, se vien da lei, la sorte mia./ Qual labbro adorato/ Mi è grato, m'accende./ Se vita mi rende/ Se morte mi dà./ Non ama de vero/ Quell'ama, che ingrata/ Non serve all'impero/ D'amata beltà», Metastasio, *Demetrio*, atto III, scena IV in www.bibliotecaitaliana.it/dynaweb/bibit/genere/letteratureteatrale/metastasio/demetrio@GEnericBookTextView/4447 (29.12.2003).

³ Entre linhas.

⁴ Entre linhas.

⁵ Refere-se ao compromisso matrimonial existente entre Maria de Almeida e o Marquês da Gouveia, que recebia a alcunha de Tancredo, e que nunca se chegou a realizar.

verd.^e voltemos p.^a menina, que *casca e grunha* fazendo o mal, e a caramunha. Sim Senhora torne a fallar comigo, q lho mereço pelo m.^{to}, q gosto de sua m.^{ce} levante o dedo p.^a o ar, e digame se hade tornar mais a fallar no tempo paçado? as meninas bonitas, não são teimozas, e menos ainda rabujentas Pois entaõ hade tornar?... olhe que a Maizinha está perto e que lhe hade dar açotes se estiver sempre a carpir: Bonita, que ja se ri! ora agora quero lhe dizer, que quem tem tanto propozito que faz o que lhe dizem p.^a seo bem merece viver m.^{tos} annos. Por isso eu m.^a menina heide enfiar [p. 2] tanto D.^{mo}, que hade ser uma maravilha. Oche [sic] tenho hum capa nova por dentro, e por fora, e *pelo enchemez/* são frases de cá/ Mandeia fazer *depozitadam.*^{te} p.^a este dia. He de liz cor de ceo, forrada de liz cor de perola, guarnecida de penicos de dois verdes; taõ bem tenho um *chambre* das mesmas cores, e sedas, e se teiver tempo seo *guardimpé* pelo mesmo *exordio* Que lhe parece, estarei *chibanta!* Suponho que o meo bem estr--do¹ me deitará cada Luzio, assim como verbigratia... esta feito, cá nos entendemos; mas os annos da menina ainda mereciaõ mais: eu bem o sei; mas por ora não ha *possilid.*^{es} [sic] p.^a mais, e todas estas coizas vem *deposilitadas* [sic] dos infortunios do tempo. Se me entendes, Lilia, digote que es boa entendedora. Agora vamos a fallar dos oirços. Primr.^{am.}^{te} castanhas por cá não se apanhaõ, por mais diligencias, que se façaõ. São taõ fechados, que nem força nem geito pode nada com elles. Passando p.^a outra coiza saberás, que a peçoa se vai brevem.^{te} as praticas, que tenho tido com ella creio que o persuadem a tomar o seo partido, que em nada cuirdará taõ seriam.^{te} são já outras as suas reflexoens; mas ao que posso julgar não poem o termo m.^{to} proximo; eu persuadio m.^{to} a hir passar esta Primavera a Estremoz pelo julgar assim util á sua [p. 3] saude; creio que hirá, e posto que me não prometo m.^{to} melhor effeito, que sei eu? tudo pode esperarse de um merecim.^{to}, como o t... Disseme já, que tinha sido rogado, e engeitado p.^a entrar em *comercio* eu instei como curioza, por saber, quem eraõ os socios, que o consideraõ, disseme, e taõ bem, quem o tinha engeitado. Respirei: prosegui que eu nada tinha que offerecerlhe, nem remoquearlhe, e por isso fallava com tanta franqueza; que eu se tivesse joya que entregarlhe lha daria com m.^{to} gosto se elle ma pedisse, mas que nunca lhe entenderia remoques, por mais claros, que fossem, e nunca lhos daria, por maior que fosse o meo interesse, que procedendo nesta clareza, podia francam.^{te} dizerlhe que elle nao devia defferir a deliberação sobre um negocio de tanta importancia; que lançasse os olhos p.^a o que havia, e que onde achasse formozura talentos virtude, e circunstancias, que lhe promettessem paz, não arriscasse a sua segurança. Deilhe concelhos de christiand.^e a este respeito, que elle abraçou; propuzlhe p.^a especial advogado S. Rafael, e creio que o tomou, entendeme o que eu quizera dizerte, e senaõ le a historia de tobias e vê quanto valeo a oração de duas peçoas distantes, e desconhecida uma da otra. Eu não sei se tu compreenderás; quanto envolvo nesta; quem fia tais materias de cartas necessita de m.^{ta} segurança por isso me não [p. 4] explico mais. E guardo p.^a um dia em que te veja tudo o mais que não digo aqui. Restame segurarte, q q^{to} faço, e farei neste particular he guiado pelo carinho, e a amizade que me une a ti ha perto de sinco annos². Em agradecim.^{to} quero que [o] dia dos teos anos dês a tua May, e a Marcia os parabens da sua, e m.^[a] felid.^e e como suponho, que hasde jogar nesse dia dezejo q ganhes de modo, que se equivoque o ganho com a colgadura. Alfido aposta sempre pela tua vida e desse modo pela felid.^e dos teos. Eu tenho tomado seis banhos, e bebido varias canadas d'agoa, com m.^{to} bom effeito, não obstante os contratempos da assistencia d'Obidos, que tem sido a mais lastimoza q pode considerarse; vendo estolhar³ no ceio da desgraça um omem benemerito, e innocente/ seg.^{do} elle protesta na ora, em q senaõ finge/ ainda vive

¹ Lacunas polo mau estado do suporte.

² Esta indicação ajuda-nos a datar o começo da relação entre Teresa de Mello Breyner e Leonor de Almeida entre os finais de 1768 e os começos do ano seguinte, embora a carta máis antiga conservada seja de 3 de Agosto de 1770.

³ A leitura nom é segura.

mas a sua vida não passa de duraçãõ. Agora não quer o peito que eu escreva mais; perdoa as ridicularias desta carta, e desculpaas com a poca id.^e do rapaz que anda voando por ella; elle me ordena que seja perpetuum.^{te}

Amiga e Cap.^{ta} tua

T

P:S: 2.^a pela manhaan.

Ontem me veio trazer o sug.^{to} novas do doente q ficava [p. 5] melhor, e por isso se rezolvia elle a partir talvez 6.^a fr.^a Naturalm.^{te} cahio a pratica a fallar em versos meos; eu queria mostrarlhe os teos, e com esse pé fallar de ti aproveitaõ [sic] a occaziaõ de lhe fazer uma fineza, e mostrarlhe algumas das m.^{as} semsaborias p.^a depois vir cahir nos versos da nossa primr.^a correspondencia. Escolhi destes os que me paresseraõ [m]ais¹ capazes de o entereçar: enterneceose por vezes exclamou contra a barbarid.^e de quem... e depois de entrar em discurso serio acrescentei eu que sendo grand.^{mo} o teo engenho p.^a tudo era nada em comparaçãõ da sollidez do teo character: a este resp.^{to} disse o que tu mereces detendome naquellas virtudes que são mais conformes ao seo genio. Lamentouse a impossibilid.^e de vosses se estabelescerem ao que respondi que se eu tivesse hum f.^o p.^a quem te pertendesse² não me embaraçariaõ as circunstancias prez.^{tes} p.^a te sigurar e que eu sabia que a resp.^{to} de M.³ q.^m o tinha f.^{to} a isto respondeo, *ai que guardem um inviolavel segredo porq senaõ virá o raio sobre elles*: desselhe [sic] que se guardava e que elle o devia guardar, [porq]⁴ sabelo eu era justiça que se fazia a m.^a amizade na qual tinhaõ vossés grande fê. A isto respondeo: *ainda bem que tem essa consolaçãõ! e esta correspondencia pode entreter, e consolar essas snr.^{as} Porque eu não digo, que andem mostrando a todos os seos versos, porque não vivemos em terra que o sofre; mas a huma peçoa como V. Ex.^a mostremnos; façaõnos e entretenhaõse coitadinhas* Isto alludia a outra passagem que eu tive com [p. 6] elle, emque lhe disse o mesmo a resp.^{to} da m.^a amizade e da fê, que esta meresse a V. Ex.^{as}: respondeome a isso: *pois de quem haõde fazer fê, dos S: Migueis, que as persuadem em fazer versos, e depois as criticaõ por isso mesmo?* sirva esta noticia de cautella, e de prova a algumas coizas que eu te escrevi no principio. Emfim o ataque d'ontem foi o mais forte, e mais delicadam.^{te} disposto, que podia ser: a P[rov]idencia⁵ o conduzio, eu não fiz mais que estar pr.^{te} para lançar maõ da gadelha, que me offerecia a occaziaõ. Alfido ficou longo tempo rindose do successo chamandome diabolica, e dando graças a D.^s de que me desse para bem o artificio.

[89.] Caldas 9 de Novembro [1773]⁶

Amiga do meo coração. Hum dia de m.^{ta} chuva nas caldas, sem comp.^a, só escrevendote se pode tolerar. Os teos lindissimos olhos [me]⁷ interessaõ desde que achei a tirania, que estivessem *cerrados tantos annos*. Vê se estará crescido este enterece, e capaz de brotar um vivo cuid.^o, q.^{do} elles padecem por tantos modos? D.^s queira trazerme melhores novas tuas, e consolar-me com outras, que tão bem me entereçaõ, porq te

¹ O papel está roto.

² Pode ser umha referência à negociação com um pretendente de Leonor de Almeida.

³ Refere-se provavelmente a Maria de Almeida e ao seu compromisso com o Marquês da Gouveia.

⁴ Riscado, e por cima *porem*.

⁵ O papel está roto.

⁶ Datamo-la na sequência de outras cartas assinadas nas Caldas em datas similares.

⁷ Entre linhas.

respeitaõ. Eu não posso afaztar a ideia dos oiriços, porq te convem aquelle genero; mas por ora, devemos esperar o effeito dos meos artificios, que continuaõ, ainda de longe, trabalhando por conservar huma amizade, que pode utilizarte. Eu passo bem, e como tenho manuscritos, que entregarte, não quero deixar de fazer esta entrega peçoalm.^{te}, mas hei de estar taõ poco tempo em Lisboa, que não terei mais, que hum dia p.^a te fallar, porq a m.^a caza está em dezarranjo, e Alfido sospira pelo seo socego. Marcia não me achou digna d'uma letra sua forte taful de jogo se tem feito! mas vosses não dizem se ganhaõ o [sic] se andaõ de mediana fortuna isto para quem tem parte no ganho não he gr.^{de} coiza. Esti[p. 1]mo que Almeno te podesse servir de amanuense não tanto por este pequeno alivio, que poderias conseguir d'otra maõ, quanto pelos que a sua conversação te grangearia dos quais neceitas ate p.^a melhorar das mazelas corporais. Sinto que tua May se deixe arrastar das preocupaçoens vulgares. O seo talento superior a m.^{tas} outras devera governala a respeito d'agoa das caldas. Eu não quero deixar delhe dizer que pessoas que deitaõ sangue pela boca, q tem febre continua, e que vem sentenciadas a huma Thizica/ que as vezes se julga já conformida/ estão bebendo a agoa com excellente effeito. O Oct¹ segue q a agoa bebida he mais util que o banho. A nimia sensibilid.^e dos meos nervos a indizivel mobilid.^e da m.^a fibra fazia resp.^{to} a quem me aconselhava este remedio: uma e otra coiza se tem regulado com elle. He certo que não totalm.^{te}; mas o tempo e as circunstancias podem ser os culpados, alem de que o effeito deste remedio não costuma ser prezentaneo. Em fim eu não persuado; mas taõ [bem]² não quero ter omiçaõ em dar estas noticias, que podem utilizarte Taõ bem quero dizerte que uma Irmaõ d'Alberto de [p. 2] Azevedo curou por ordem sua huma terrivel obstruccção que padecia, e sem mais remedio que beber a agoa e tomar os banhos das Alcacarias [sic]. Depois destas noticias seja a prudencia, quem decida a favor da tua saude que he todo o meo interesse. Basta de Medecina eu fico boa, e escuzo dizerte o mais p.^a que fico prompta pois que tu sabes q

T he fiel cap.^{ta} da Sr.^a Lilia

[90.] Estremoz 30 de Dezembro de 1773

Linda Marcia, querida amiga da fiel Thersea; he possivel que a m.^a auzencia te umedesse [sic] os olhos? que lindo pranto! que delicado effeito d'uma amizade verdr.^a! Não posso dizer que ponho em depozito no meo coração esses tezoiros de ternura; quando fallo contigo não gozto de empregar pençam.^{tos}, que necessitem d'apollogia p.^a se julgarem verdadeiros; mas digote, que toda eu me enterneço, q.^{do} suponho que roubas ás saud.^{es} de um Pay adoravel, essas lagrimas, que derramas por uma sincera amiga.

Comtudo, apesar da suavidad.^e, que encontro nas tuas expreçoens *melifluas*, quero que não abatas a tua boa feiçaõ, e que não des licença aos teos bellos olhos p.^a mudarem de côr. Esperaõ pelos seos movim.^{tos} otros, q se copearaõ [sic] nos teos; e he percizo, que não arrisques nestes a viveza nesseçaria p.^a estes suaves officios da ternura &r.^a Já sabes que a m.^a jornada foi arrebatada, e feliz; encontrei Alfido vigorozo, vigilante, e quazi certo da m.^a vinda por [um]³ occulto precentim.^{to}, que lhe tinha despertado, não sei qual dos nossos amores. Frustrouse a falla de Sblektofel; mas suprio-a o gozto de uma

¹ A leitura nom é segura.

² Entre linhas.

³ Entre linhas.

entrada em silencio, aparecendo de repente aquella figura, que ainda esperada alvoroçou como se surpreendera. Estes são [p. 1] os misterios, que não comprehende o vulgo; mas que hum Agrario não desconhece, e que algum dia te fará perceber um T¹. Eu te agradeço/ e bem de coração/ o bonito, que me queres mostrar; será lindo; ja eu de cá o considero tal, e bem q sem fructo, estendo os olhos por cima das asperas Montanhas; por entre as rugadas faces do rabujento Tejo; quazi toco nesses ferros; ainda ás vezes os penetro; lá vão encontrarse com os teos, os raios da m.^a vista; mas que importa? tudo he imaginação; nem te vejo, nem percebo o galante *bonito* que lá tens, e que talvez he meo, porq quem o fez mo dirigio. Ora guardamo p.^a seo tempo, e ja que es *caxorra* mostra na fidelid.^e desta guarda, que te não erra o nome quem to chamou a primr.^a vez. Agora afastate por um poco, que quero fallar com tua May; mas não seja para tão longe que não possas entre tanto fazerlhe daquelles mimos, q ella acha saborozos.

O premio que tu daz ao meo Sancho pela sua fidelid.^e tem seos quêz do cento por um, comq D.^s paga os nossos quazi nenhuns serviços. Tu m.^a Marq.^{za}, que es na formozu [sic] [p. 2] e talentos uma prova da sua omnipotencia queres ser nas compençaoens uma imitação da sua grandeza. Eu aceito, e agradeço os merecim.^{tos} da tua devoção, espero que por elles nos dê o Snr' um anno feliz: será tal se [forma]² mais otra fortuna, virmos o termo ás desgraças, que te cercaõ. Bem sabes que a saude de Leonor he um dos pontos do meo maior interesse, e até por conta do seo restabalescim.^{to} [sic] dezejo o aum.^{to} das mezadas, emque não deicharei de escrever ao Conego &r.^a Estimo a boa fortuna com que jogas, e como este divertimento contribue tanto p.^a a tua conservação, não te distrahas delle, p.^a me escrever. Tu bem conheces quanto he percizo p.^a o teo socego ocupar a imaginação d'objectos agradaveis, por isso não debes levantar mão do jogo em tendo socied.^e que te facilite este divertim.^{to} Deixate levar dos seos preceitos, e não me estragues essa perciza vida com jejuns, e penitencias totalm.^{te} opoztas á charid.^e sollida, que te manda zellar a tua saude com escrupuloza vigilancia. Bem podes tomar o meo concelho pois que tens observado q não sou laxista, e os sobrolhos espantozos da m.^a *Peçoa*; não soffrem relachaçoens, com tudo estas são as maximas, que vomita quando eu lhe meto pelos ou[p. 3]vidos semelhantes arengas àquellas, comque confundes o teo S.^{to} &r.^a Estimo as novas de Coimbra³, e dezejo que sempre as tenhas de modo que te conselhem por todos os titulos: o meo Sancho he assim mesmo como eu sou a resp.^{to} de tudo o teo, e diz que a falta de arrecadação, que devia acompanhar a cera pode supri-se com um escrito jurado por ti de que p.^a gasto da tua caza mandaste vir de Evora uma arroba de sera lavrada. Agora da licença p.^a que Marcia descance do carinhoso exercicio emq tem estado, se he que cumprio o meo preceito, e uma e otra suponhaõ que as abraça com uma ternura quazi semelhante a do S⁴: esta

Verdr.^a e terna amiga
T

[91.] Amiga do meo coração. Tu bem sabes se eu sou sencivel ao que padeces, e quanto eu posso dizer neste ponto he menos que o que debes imaginar. Estimo a boa fortuna, com que jogas, e dezejo, que neste divertim.^{to} te empregues amiudo, porq desse

¹ Tancredo.

² A leitura nom é segura.

³ Novas de Pedro de Almeida.

⁴ Sancho de Faro.

modo se entretem tristezas, q por [otro]¹ se não podem remedear [sic] Agradeço a tua May a economia, q tem p.^a te facilitar, e a ella, este divertim.^{to}, em que eu tenho gr.^{de} interesse pelo m.^{to}, V. Ex.^{as} [di]ceraõ² neste passatempo. Eu tenho sido bem succed.^a com o remedio apezar de mil contradicoens, que a efficacia do meo genio me facilita. Minha May parte p.^a Lisboa apreçadam.^{te} p.^a assistir a minha Avó³ q esta com huma erizipella em sima de noventa annos e m.^{tas} queixas: eu fico sem ella, e vendo a lastimoza familia do Tio Rodrigo a quem está ameaçando o ultimo estrago. A unica consolação q me resta são os meios que se me facilitaõ de te ser util: eu tive/ não sei se ja disse isto/ tive modo de poder dizer natural que M. tinha premio nas sortes, e que tu a poderias ter do mesmo modo Asustouse o dono dellas; mas ouve quem enterrompe[p. 1] sse a pratica que ficou aqui. Só isto tenho dito seriam.^{te} tudo mais são graças capazes de se dizerem diante de todos, e que com effeito, eu digo nessas sircunstancias em ordem a que se não julgue particular empenho. Tenho descoberto, que elle não hade bater na porta, q lhe queria abrir a Tia Val de Reys. Pen... não fazem guerra, e por consequencia as Primas Livres; não digo otro das Irmans folhas do *primr.º morto* mas he porque não pude ainda sondar este véo. Disseme ontem que se lembrava de mandar buscar comiçaõ p.^a que o Nuncio podesse dispençar em qualq.^r impedim.^{to} porq elle não queria demoras; que tinha o pé pezado p.^a assistencias, e que o seo dictame era dito e feito disselhe eu que achava bem aquella maxima; mas que tinha suas contradicoens; mas para livrar de desajustes era m.^{or} Respondeome com summa promptidaõ: *por isso não, m.^a Sr.^a, porque nesse contrato deve a palavra valer tanto como nos otros e mais ainda.* Misturou nisto a graça de dizer que trabalhava p.^a o Irmaõ, ao que lhe respondi que não [p. 2] estava pelo sistema até porq a ley mental excluia as transversais. a isso respondeome *essa he verd.^e e he o diaxo⁴ essa historia de ley mental ded q meo [Bis]Avou⁵ [sic] me podia ter livrado.* Isto he o que temos passado mais substancial, porq eu não tenho feito mais, que persuadido a cazar em geral. ontem q fomos a Obidos, disse ao Conde m.^{tas} coizas de Pierio, e concluiu qqe elle estimava que J:C: lhe tivesse dado aquelle conhecim.^{to} porque gostava de chegarse aos infelices. Neste pondo he da m.^a Laia: tem feito maravilhas a resp.^{to} do Tio Rodrigo. Em fim pelas observaçoens que tenho feito he digno da fortuna que lhe dezejo Tem m.^{ta} graça, sem nenhuma affectação. M.^{ta} generozid.^e Ama a Muzica; gozta de Poezia, e as extravagancias, q são fructo da educação, ou de genio facilm.^{te} as emendará uma comp.^a que saiva ceder p.^a vencer. Eu não tenho dezafoço p.^a responder á tua indiferença: D.^s te conserve emq.^{to} não ouver certeza, que havendo certa estou de q he verd.^e [p. 3] o que diz a Snr.^a D. Ill.^a Tancreda Receba ella esta por sua e os parabens dos baralhos de cartas, q lhe mandaraõ de prez.^{te} p.^a continuar o seo jogo: Alfido, que sempre ganha em todo aquelle [sic], emque V. Ex.^{as} o admitem, bem pode ser objecto das lembranças, e cuid.^{os} de Snr.^{as} ainda que as Damisses rançosas mandassem o contrario. Elle he escravo da Snr.^a D. Marcia &r.^a e eu sem sabor e desconsolada cap.^{ta} de todas V. Ex.^{as} mas fiel como sempre, e verdr.^a

T

Naõ tenho mais remedio que querer os vidrilhos como quer q aparecerem, porque os devo a q.^m fez o rol. Ontem te escrevia in cluza [sic] entendendo, que hiria por um creado que o C.^{de} da Calheta⁶ mandava a Lisboa, mas como o tal creado p.^{te} á manhaã por elle tornarei a petiscarte no ferrolho.

¹ Entre linhas.

² A leitura nom é segura.

³ Teresa Josefa de Távora de Mello, 2ª Senhora de Vila Verde de Ficalho (06.04.1683). A referência aos seus 90 anos, leva-nos a datar a carta em 1773.

⁴ Por «diacho».

⁵ Entre linhas.

⁶ António José de Vasconcelos e Sousa Câmara Caminha Faro e Veiga, 2º Marquês de Castelo Melhor, Conde da Calheta (Lisboa, São José 15.02.1738-06.06.1801).

[92.] Minha Amada Sr.^a eu taõ bem não pude ontem mandar saber de tua May: a m.^a jornada, a molestia de m.^a Avó¹, q se agravou, e do Tio Jozé², q me deo cuid.^o; tudo isto me impedio. Estou quazi boa do defluxo, e prompta p.^a te servir em tudo. Fico entregue do abito; sinto que me não ligas em q.^{to} o estima tua May, mas mandarei fazer avaliação, e veremos o q se faz. Eu quizeria 4 arrobas de caffè mas como não sei o como vossês poderaõ fazer isso, selhe der discomodo, dem por não feita a encomd.^a; paresseme, q talvez se venderá o abito melhor na Provincia. Mandarei buscar novas de tua May e desejo q a tua assistencia te não faça dan[o]³ A dio [??] as cantigas não vieraõ, e eu não as q.^r perder. A D.^s abraço Marcia recomendame aos ocultos, sou

Tua fiel

T

[93.] Estremoz no ultimo dia do anno de 73

As tuas saud.^{es}, querida amiga, avivaõ as que me debes. Crême, que no ceio do meo contentam.^{to} me faz falta a tua felici.^e Julga a gente, que em Lisboa me vê gaitera, que he invompativel com o meo genio esta sollidaõ, a que me conduzio a fortuna, q^{do} me unio ao bom Alfido; enganase uma doce paz se derrama nos meos prazeres innocentes; e se lhe não faltara o gosto de te conciderar, e aos teos em igual socego, tinha m.^{to} de felici.^e p.^a se possuir neste valle de mizerias. Consolome de que o jogo te entretenha: tu sabes a m.^a devoçaõ p.^a o S⁴: e isso basta p.^a q te capacites da fé, que tenho nos seos milagres. Eide receber com veneraçãõ as reliquias, q me mandares, praticarei as obras pias, que me aconselhas, e sempre que vir o sinal da *cruz*, farei os exercicios que estaõ aprovados pelos bons Misticos. Mortificame infinitam.^{te} a teima das tuas molestias; queira D.^{os} que tua May se deixe persuadir pelas razoes dos Medicos a respt.^{to} das agoas das Caldas: tu tens obstrucçaõ indivitavel em quanto os vazos inferiores se não razerarem⁵, quanto devem p.^a acodir a natureza às suas funçoens, haõ de durar os effeitos que experimentas, e D.^{os} queira, que se não façaõ irremediaveis. Eu tenho uma rapariga, que deita sangue pola boca, sem dor nem excesso curouse disto, [p. 1] e este veraõ esvaisse em sangue pelo nariz; tem catorze anos sem deixar de ser creança. Fiz o meo discurso medico, que propuz, e que se abraçou pelos medicos, e resultou seguirse o methodo de cura, que eu aponte: Pode ser que te seja applicavel, por isso a repito: toma banhos de meio corpo de um cozim.^{to} fresco, e moliente; e estes á noite p.^a se recolher logo, q sahir delles; pela manhaã fomentasse com um unguento dezobstruente; passeia, e toma uma porçaõ de cozim.^{to} aperitivo, uzando por bebida ordinaria agoa cozida com

¹ A dataçom é duvidosa: colocamo-la em relaçom com a doença de Teresa Josefa de Távora e Mello aludida na carta anterior.

² José de Menezes da Silveira de Castro e Távora, senhor da Patameira (Lisboa, Sta. Catarina, 09.12.1713-12.05.1780), irmao de Isabel Josefa de Breyner Menezes, 1^a Condessa de Ficalho e mai de Teresa de Mello Breyner.

³ Mancha.

⁴ Santo?

⁵ A leitura parece clara.

lemalhas de ferro; e tomará purgantes brandos a miudo, até, que o tempo dê lugar a beber a agoa das Caldas. Se o effeito corresponder ao que se espera, digo, que faraz mal de não adoptar, em todo ou em p.^{te} este methodo, porque a rapariga tem m.^{tas} coizas analogas com as que tu padeces. Não zombes das m.^{as} medicinas, todas se fundão na observação da natureza e posto que não tenhaõ mais socorro, que o de uma lógica natural, assim mesmo as abona a experiencia, com grande utilid.^e dos pobres, que de mim dependem. Já me alegrei com tua May pelas boas novas de Coimbra; taõ bem eu lá tenho um Pedro¹ a q.^m não escrevo por não acrescentarlhe a fadiga: coitados trabalhão por dar conta de si, e cada [p. 2] [vez]² os gravaõ mais de forma, que parece o trabaho superior as forças de um rapaz, o que he ainda mais admiravel he que perdendo noites, e fazendo excessos p.^a dezempenharem a onra, com que nasceraõ, nem uma palavra profiraõ, com que dem mostras delhe parecer insoportavel a vida. A das innocentes abitadoras da Quinta das virtudes he toda separada das lizongr.^{as} ideas d'um mundo enganozo. A sua governanta tem um especial cuid.^o em lhe afastar da imaginação tudo o q por ora he impossivel ao seo alcance; para que o tormento do dezejo não acrescente a amargura do que se não consegue. Ella guarda no seo coração com escrupolozza reserva todas as suas esperanças; contribue q.^{to} pode para os innocentes divertimentos, que não destroem a paz, fundalhe todo [sic] a felicidade no desprezo do mesmo que se não pode conceguir, e com artificio filho de um grande talento lhe ensina a dezemvolver [riscado] o preciozo da virtude entre as sombras do abatim.^{to} e a corrupta maça, que encobrem as brilhantes galas da fortuna mundana. Com tudo nada contribue p.^a uma dicizaõ de partido; antes pelo contrario longos annos [p. 3] de trabalho tem feito examinar os fins porque se escolhe o presente, e procurado separar o preciozo do falço. Convencida finalm.^{te} permite e contribue com a sua deligencia p.^a o que se pertende, e sabese que pocos mezes antes de nascer a menina sua May pedio a hum gr.^{de} servo de D.^{os} que a vizitou rogasse ao Snr que se fosse f.^a lhe disse [sic] vocação de ser Fr.^a capuxa. Daqui podes fazer juizo sobre o ponto, e formar as tuas reflexoens Philozoficas.

A resp.^{to} dos teos negocios não tenho que dizerte se não que não ceçarei de recomendarlos, p.^a que se não afastem do coração; mas os negocios daquella natureza não se costumam conseguir logo, dependem de occaziaõ e d'otra coiza que nem todos tem. Os meos versos não podem estar em gaveta q' mais os onre, mas eu tenho dono, que não se acomoda a ficar sem elles/saõ fraquezas, que se devem desculpar/ mandamos com as redes seguras pelo Crr.^o e te mandarei copias q.^{do} o queiras assim. taõ bem entaõ te mandarei a egloga que te não restitui agora doeme a cabeça porq escrevo m.^{to} ficate com D.^{os}, elle te manda q.^{to} precisas neste novo anno q amanhã entra. Assim to dezeja

T

[94.] Como os *cachorros* são simbolos de fidelidad^e não ha nome que melhor me fique. eu sou caxora de V.m.^{ce} serei tudo o mais de que tiver gosto a sabia Lilia. Não te escrevi porq *tudo aqui vem* parar menos um *terno* porq.^m sospira este *duo*. Que querias que fizesse? Era uma função publica, emq eu figurava por otreu que inteiram.^{te} se confiava em mim, por não não [sic] querer que se faltasse nada. Para satisfazela fui Archeteta³ fui Sachristam, fui Mestra de serimonias, fui Armadora; e fui m.^{to} traquinas, porq arrangei de modo a meo jogo que todos me fizessem vaza sem eu jogar carta p.^a

¹ O seu irmao Pedro de Mello Breyner, estudante em Coimbra.

² Entre linhas.

³ Por architecta.

isso. Hia m^{lo} bugia na função; suponho que se alegraraõ os Luzios de Alfido fezse tudo com seo arremedo de pompa Real, e consegui que uma pobre senhora que nunca vestio donaire [sic], fizesse toda a sua função como se fosse creada nos jardins da Corte, e não entre as carquejas da caparica. Tenho prégado de mim agora vou dizer del[la]⁴ que he um diam.^{te} em bruto pelo descuido de seo Pay: tem juizo sollido character; tem m.^{ta} suavid.^e de genio; he umilde, candida, e devota; mas tudo isto está taõ apertada mente [sic] enfachado num groceiro exterior, que não he possivel aparecer, nem dezenvolverse [sic] sem q o trabalho alheio lhe solte as ligaduras. Não lhas tirei de todo; mas hiaõ já bastantem.^{te} largas, e poco a poco lhe vaõ escorregando. Ficou satisfeita, e fez toda a sua função excellentem.^{te} se tu viesses occupar o camarim que ella deixou até de noite estarias ao pé de mim. Estimo as esperanças de sahir de Xellas. Eu poco sei ainda do meo destino; mas sei que a Lisboa não vou ainda que vá as caldas : ha certas razoes politico-criticas que me detem [riscado]

nos campos innocentes
onde dizem que as ultimas pizadas
a fugitiva Autrea [??] cá deixou
Quando os omens de todo abandonou.[p. 1]

Se tu tivesses a vocação que eu tenho p.^a a vida sollitaria, nada te custaria viver nos ermos d'Almada, huma vez que he indispençavel separar de huma tal May p.^a conservar a vida. Deos te previna lá a saude; mas eu quizerate... não sei donde: a Providencia te guie, e te conserve. Ate aqui tenho respond.^o a carta deste correio agora pego na otra p.^a me regalar com os teos dezejos a bem da m.^a felicit.^e. He certo que a vida do meo bom Sancho, he o oiro, que me enriquecesse, a viveza dos teos favoraveis sentim.^{tos} o esmalte, que faz mais precioza a m.^a fortuna. Conservamos porque se se esfollarem não haverá maõ que os possa remedar, pois que Marcia he a mesma contigo

Nos gostos, nos pezares, na ternura,
E nas graças gentiz da formozura.

Tudo o mais que me escreves a respt.^o dos Autores, que estimas, produz em mim todos os sentim.^{tos}, que devo ao teo merecim^{to}; a respeito delles nada innova, porque eu já te disse que os não leio, e não os lendo não posso decidir sobre o ponto. Merecesme m.^{ta} fé ; sei que ha m.^{tas} preoccupaçoes; mas sei igualm.^{te} que são prohibidos aqueles livros, e que ao inferior a Ley não pertence decidir na justiça da mesma Ley: se eu viver ate que os Authores, por si ou por outrem se justifiquem de modo que as prohibiçoes se levante, entãõ os lerei, por ora faço este sacrificio sem custo, porque leio poco, e ainda que queira ler m.^{to} não tenho tempo. Neste ponto dobro folha, e tremo de entrar nella. Se eu estivera contigo eu te dissera o porque, por escrito não posso. A viveza da m.^a imaginação he o verdugo, comq D.^{os} castiga o meo entendim.^{to} Eu conheço que se a soltar, hade voar sem limite, e que erros não cometerá á força de indagar o que he inexcrutavel a capacid.^e umana? contentome de adorar um Deos incomprehencivel; umilhome no centro da m.^a ignorancia; dezejo chorar o pecado, que a produzio, e tremendo de que se me seque a maõ, quando temerariam^{te} for tocar na trea¹, deixo p.^a os Ministros da Lei, o officio de correr os veos, que nos occultaõ algumas verdades/ou dizendo [p. 2] melhor/ no las escurecem. Tempo virá em que ao omem ignorante se patenteem os segredos da Divind.^e, entãõ os que se julgaõ formados p.^a taõ alto fim apenas o conseguiraõ; os que fizeram a gloria de achar na Natureza tudo o que pode safisfazelos, aclamaraõ nós insensati &r.^{a2} valhame D.^{os} ate onde cheguei! quizera que me não lesses mas eu não posso escrever otra carta. Tenho odio a tudo o que leva ar d'affectação; não sei se esta Carta lida porq.^m não a escreve mostrará um espirito que

⁴ A leitura nom é segura.

¹ A leitura é clara.

² «Nos insensati vitam illorum aestimabamus insaniam» *Livro da Sabiduria*, cap. 5.

sertam.^{te} a não dictou. Creme que estou aflicta, e que dezeja a tua felicit.^e

T

O Telemaco parou com a vinda da Freyra, estava o terceiro livro quazi acabado; e agora se acabará. Estes intervalos que me interrompem o fio da tradução, ate receio que se conheçaõ na metrificaçãõ. Q.^{do} a mãõ está feita á Liras, nada custa tirar della vozes armoniozas. Tenho m.^{ta} falta de hum bom amanuense, e ainda mais de um corrector dezapachonado. Morreo o Candido!¹ e tu! estas m.^{to} doente.

Marcia dos meos olhos bugios: não imputes a tua preguiça á sofreguidãõ de Lilia. Furta alguns instantes ao estudo das frases Aziaticas p.^a consolares a tua verdr.^a amiga com expreçoens, que só entende quem sabe a lingoagem da amizade.

E tu m.^a Marqueza, que podes esperar de mim em agradecim.^{to} dos parabens q me deste? quizera-te por ao lado um sabio, que eu estimo, e entregarlhe a m.^a cauza p.^a que advogasse comtigo. Elle te poderia compençar, quanto te fico devendo, e q.^{to} Alfido reverente sabe merecer pelo const.^e affecto, comq resp.^{ta} a tua familia.

Torno a falar com tigo, minha amada Lilia, p.^a te responder [p. 3] ao que me dizes da adopçaõ do teo lindo pençam.^{to} não o fiz, porq respeito o que he teo e as m.^{as} expreçoens profanariaõ por improprias a divina sublimid.^e que tu derramastes nas tuas, se quizessem alteralas. Tenho feito uma praga de cantigas por contentar a m.^a ospeda: umas soltas otras ligadas destas ligadas te mandarei uma copia, porq Alfido diz que pertencem a classe dos Idilios e eu p.^a incorporalas quero o teo voto, e os teos riscos.

[95.] Minha Bella Marcia quando eu te não devesse otra obrigaçaõ, bastava o poupareisme o peito da m.^a Lilia p.^a eu me confeçar eternam.^{te} obrigada á tua amizade, e ternura. Tu me confundes com os agradecim.^{tos} que me dá pela groceira lam dos meos cordr.^{os} e só a tua aceitaçaõ pode fazelo menos indigno de ti. Eu tenho paçado cum summo cuid.^o em ti, e em tudo o teo pela falta de novas, q tive o corr.^o passado e agora não fica menos a cuidadoza, porq Lilia padece, porq tu sofres o susto, e o receito, que trazem com sigo estes trabalhos porq tua May os prezenciaia [sic], e porq eu não posso remedialos. A m.^a saude ainda não quer enrijar-se agora tenho um cruel defluxo, e de mais a mais m.^{to} cuid.^o no Tio Joaõ², que passa mal, e apprehende, q morre [p. 1] ve tu que ideias estas p.^a a gratidaõ de Tirse que respeita naquelle Parente hum tutor do seu Alfido hum redemptor da sua Caza e hum feliz mentor do marido que adora? Bemdito D.^s por tudo. Dize a Lilia que as m.^{as} amigas pedem novas suas e igualm.^{te} de ti de tua Mary Sr.^a que passaõ agora bem q a primeira das duas he vivissima a seg.^{da} virtuoziissima, e ambas parecidas com o q he bom. A D.^{os} m.^{as} amigas por q.^m sospira a fiel Tirse.

Minha May sempre quer ser nomeada ella recebeo gr.^{de} beneficio com as sangrias

[96.] Estremoz 3 de Janr.^o de 74

¹ A carta tem que ser posterior a 1773, data da morte de Francisco José Freire, Cândido Lusitano.

² Monsenhor D. João de Faro, morto em 1774. A carta, portanto, é anterior a esta data.

Escrevete, minha Lilia, assim mesmo como todos dizem p.^a *alivio das m.^{as} saud.^{es}* Na verd.^e tenhoas bem gr.^{des} de ti, de tua May, e da nossa Linda cachorra, e ate/ com licença de tua May/ as tenho do J¹ Fazme falta a conversação d'uma peçoia entend.^a, a quem eu meteria a bulha por diversos modos, p.^a me vingar das suas injustiças. Tenho m.^{as} tentações de lhe contradizer tudo, fazelo arrenegar, e depois dizerlhe, que discorro do mesmo modo que sou m.^{to} amiga das suas pequenas, e que... &r.^a Nada disto posso fazer metendose tanta terra, e mar de permeio [sic]; paciencia; lá vira a fresca primavera, e então verei s'elle he quem d'antes era. Eu continuo a passar bem, e o Sancho com cada luzio, que paresse... não quero dizer o que p.^a vossez se não rirem de mim. Faz m.^{to} frio, e tanto que tenho as mãos encarangadas, e os miolos gelados; que frios pençam.^{tos} sairão desta officina! justo será que os deixemos tomar calor p.^a te não fazer mal tanto regelo junto eu acabo perguntando por *Saturno*! pelas *Muzas*?... por *Oracio*?... e por todas as etimologias das antigas palavras. Cachorrissima Sr.^a Marcia, com razão me estaz de la piscando os olhos nós á [p. 1] sombra da sabixona não fazemos mais figura, que a de formigas providentes aproveitando nos dos seus desperdícios, mas ay!... forte susto tive agora, ouvi um estrondo espantoso, cuidei que era *Saturno* engastado com as pedras que devorou, ex cenaõ quando² era hum flato discreto, dos que escolhem melhor cam.^o p.^a sahir a campo; eu me explico era hum arroto do senhor meo omem. Coizas estreves tu! diz elle agora. A D.^s amigas que [vou]³ brigar com elle a respeito do que escrevi

Inda cá torno mandame a collecção dos versos de Garçaõ, que os quer ver
Thersea Marcelina de Lilia

[97.] Estremoz 14 de Janr.^o de 1774

Valhanos Deos! que sangue intempestivo! que esquecito sistema d'attender ao effeito sem cuidar da cauza! isto he o que me dá em ti mais cuidado. ha provas indubitaveis d'uma obstrucção uterina, e não se attende a destroila! e queres tu que eu não tenha cuidado! não pode ser. Tomarate da condição das m.^{as} pobres p.^a te curar e depois restituirte ao maior esplendor [sic] da tua familia. Nada/ certam.^{te}/ me assusta o sangue pela boca; em mulheres não dá isto o mesmo cuid.^o; que em omens, mas a obstrucção que obriga a esta regorgitação, essa sim por q.^m es pela vida do S⁴..., pela conservação de tua May pela nossa amizade, pelo carinho de Marcia, e ate pela boa colheita dos oiríços não deixes passar esta Primavera sem cuidar seriam.^{te} na applicação dos remedios proprios p.^a destruir os encalhes, que são origem do que padeces. Seja esta a colgadura, que me dez, e seraõ m.^{to} mais estimaveis os parabens que me envias dos m.^{tos} annos, a q.^m a tua memoria faz felices. Eu tenho tido dor de cabeça, e isso me faz não poder dilatar-me nesta carta; mas sempre quero pedirte [p. 1] que quando Marcia estiver em braços do seo genio galante; lhe não disturbances a paz, que disso lhe rezulta, pois que chegaõ tão longe os effeitos desse espalhafato. Escreva à parte, e deixaa dizer-me o que lhe inspira isso que quer que he, q tem a meo respeito, o q eu chamo boa

¹ João de Almeida, 2º Marquês de Alorna.

² O m. q. *eis senão quando*: «de modo súbito; inesperadamente».

³ Entre linhas.

⁴ Sancho?

affeição e ella amizade. Agora m.^a Sr.^a vá conversar com f.^{as} de *Saturno* em quanto eu me volto p.^a a m.^a linda cachorreta.

Tó, tó, Marcia, vem cá fazerme festa; que linda, que estas! vem cá, que te quero abraçar, e fazerte mil carinhos, pelo que me dizes nas duas cartas, que recebo este corr.^o depois de me custar gr.^{de} cuid.^o a falta de uma dellas no paçado. Os *vizitadores* de quem te queixas, tocaraõ viola sofrivelm.^{te}, e fizeraõ umas provas de memoria local a respeito de cartas, que eu nunca vi, e ate me fazia afflicção a ideia das bacatellas, comque se cançava aquella imaginação, com effeito he admiravel naquelle genero o Snr' D.^{or}, e eu não explico o seo prestimo, porque gasta m.^{to} tempo, e eu não estou capaz de escrever m.^{to} Dezejo que a sorte [p. 2] do jogo se voltasse a teo favor, porq será o ganho m.^{to} maior depois dessa perda, que tens soffrido coitadinha m.^{to} dó tenho de ti! Recomendame a tua May cuja saude me interessa m.^{to}, e todas V. Ex.^{as} aceite [sic] de Alfido e Tersea mil efficaes dezejos de as servir. Perdoa borraõ, e ficate fazendo [festa a]¹ nossa Lilia dalhe em meo nome mil provas da Amizade de

T com todos os seos sobrenomes

[98.]

Linda Marcia

Nunca eu me enganei contigo, perrissima, e adorada cachorra dos meos olhos; sempre te julguei assim mesmo como esformada [sic] p.^a derramar o prazer nos coraçoes, que te amaõ. Sem o milagre da transformação es adorada, tu o sabes e tua fiel Capta [sic] Thersea to affirma com indelevel juram.^{to} se tanto se faz percizo p.^a que tu conheças o que tens em ti, e nos otros. continua a escrever neste inimitavel estillo, pois que com elle lizongeias as peçoas que melhor te conhecem ainda q.^{do} te envolvem em misterios cachorreiros. Vê se podes introduzir em Lilia algum desses espiritos já brincadores ja, pacatos, p.^a que se diminua essa amargura abitual, que tanto a prejudica. Eu quizera o dom de dizer, que faz taõ agradaveis as tuas cartas p.^a que as m.^{as} suavisassem as tristes oras que se passaõ nesse vale; porem isso [he]² *rara avis in terra* &r.^{a3} Estimo que o jogo te dê tanto lucro eu divido se uzas d'algum delicado encanto, que te grangeia sem violencia todo o cabedal alheio. O meo Alfido tanto se embe[p. 1] beo dos favores de V. Ex.^a que esquecida a natureza do cuid.^o, que devia por na sua conservação, lhe deixou indigesto o alim.^{to} destes dias, o que lhe tem oje dado um gr.^{de} trab.^o, mas no meio de tudo isto se lembra do dezejo de ser util a huma familia adoravel a q.^m consagra a mais efficaz amizade. A molestia, que elle tem padecido me tem a mim estontado, se achares nesta carta desconcertos desculpaos attendento a justa cauza que perturba o meo animo, e agora da lugar a que tua May dê ouvidos do que lhe responde a tua verdr.^a amiga

T

Amada Marq.^{za}

As tuas formozas letras sempre me anunciaõ as fortunas, que as tuas suaves expreçoens envolvem: basta vellas, p.^a que a m.^a amizade se alvorosse com as ventagens q lhe prometem. Mas eu tremo de que este esforço te prejudique. A applicação ao jogo,

¹ A leitura nom é clara.

² Entre linhas.

³ «Rara avis in terris nigroque simillina sygno», Juvenal, *Sátiras*, VI, v. 165 in [www.wordofquotes.com/author/Juvenal-\(Decimus-Junius-Juvenal\)/1/](http://www.wordofquotes.com/author/Juvenal-(Decimus-Junius-Juvenal)/1/) (29.12.2003).

que te he taõ perciza p.^a o teo divertim.^{to}, hade [p. 2] cançarte a cabeça, e pôr-te inhabil p.^a otro qualquer exercicio; por isso he justo que te poupes em escritas desneceçarias, que te cançãõ a mãõ, e fatigaõ a cabeça. As nossas contas haõ de ajustarse miudam.^{te}, quando se verique qualquer dos reciprocos convites, p.^a que estamos ajustadas; entãõ haõ de vir á balha tantas miudezas, que será percizo termos com nosco um bom *Mathemathico* p.^a rezolver as nossas questoens, pois que não bastaria qualquer arismethica [sic] para descidilas [sic]

Tu conheces comque gosto se aceita uma amizade, que he preciza correspond.^{cia} de otras que ha m.^{to} se caracteriza com todas as provas de verdr.^a Todos os enteresses, que nos podem rezultar dos teos contratos he justo que nos os percebamos; mas pelo correio pagaõse m.^{to} estas remeças; he melhor que que venhaõ por [letra]¹ e como m.^a May sabe dos portadores, e breve[m.^{te}] vai hum, podes mandar entregarlhe a pr.^a [p. 3] recomendandolhe a segurança da remeça. Esta carta tem sido feita a pedaços; a assitencia do Conde a tem interrompido; quando te encomendares a S. *Joaõ* dizelhe m.^{tas} coizas a resp.^{to} do meo Sancho: estou certa de que tu não has dizer *aquelle da testa gr.^{de}, da cara vermelha*, como certa beata, que pedindo [a D.^s]² por uma rapariga dizia, senhor lembraivos de [----] *a do jubaõ amarelo*. Eu duvido se tu percebes o que te digo nesta carta, taõ cunfuza como está a m.^a cabeça, ouvindo dobrar sinos, garalhar raparigas, chorar creanças, cantar lacaiois, e gemer doentes. Vê se pode haver mais cruel disonancia. A D.^{os} He tua fiel amiga

T

Estremoz 21 de Janr.^o de 1774

[99.] Q^{to} melhor fora se trocasse o conv.^o!³ nada me consolou nesse senaõ encontrar a querida mai: ver uma Irmaõ inocente mas doentissima, e encontrarme com otra de bem boa feiçaõ Que mais querias? dirás tu, e eu respondo verte, abraçarte, estar contigo, porq esse gosto he cumplem.^{to} de todas as m.^{as} felid.^e Não tenho forças p.^a soportar face a face a grade de S.M. He demaziado esplendor p.^a a debilid.^e do meo ser. Coitadas de V: se este Anjo levar os seos diabos. Quarta fr.^a saõ os annos da Vimiozo de q.^m sou Madrinha seg.^{da} vez e tenho uma grade no sacram.^{to} onde he percizo hir p.^a consolar a m.^a pobre *Cand.*^{aa} Estimo que tua May se rezolva a fazer remedios; se eu não temera o senhor *Divino* havia lembrar a ágoa cozida com a raiz da abutua; mas quem será taõ atrevida que levante os olhos diante da sua mercê? estremeço de que [me]⁵ lance nelles o seo *gluten estomachal*/ quero dizer, quem me cuspa [groço]⁶ na cara/. Ora menina supoztos estes dezencontros 6.^a fr.^a nos veremos; antes disso não lhe vejo geito. A m.^a doente precisa de assistencia oje sahio, à manhaã fico; depois d'amanhaã torno a sahir p.^a ficar na 5.^a fr.^a, e com esta alternativa me conservarei em q.^{to} D.^s for servido.

¹ Lacunas polo mau estado do suporte.

² Entre linhas.

³ Datamos esta carta como posterior a 20 de Janeiro de 1774 em funçom da referência à ode escrita por António Dinis em honra do Morgado de Oliveira, lida em sessom pública da Arcádia Lusitana nessa data (Urbano, 2000: 12).

⁴ É a «primma Antonia Candida» de que se fai mençom na carta de Leonor de Almeida -a que esta responde- encabeçada «Querida amiga do meu coração. O meo alvoroço» (IAN-TT, Casa Fronteira-Alorna, n.º 177).

⁵ Entre linhas.

⁶ Entre linhas.

Nós somos uns p.^a os outros dia pela tu [...] ¹ a boca, quem quer que he, eu que gozto m.^{to} desta [...] posso abandonar quem vem buscar a saude no meio da m.^[a] familia. A ode ao morgado d'Olivr.^a a metamorfose, a epistola ao Macedo são d'Antonio Deniz² He sem duvida, que ha nestas poezias aquelle fundo de [p. 1] materia, de q só s'alimenta o lume poetico; mas eu não estou tão mal, como tu contra o desgraçado elogiador da rude Tirse. Elle merece repreensão em buscar um tal assunto: eu não sei se uzara d'umas tantas liberd.^{es}, que vejo nelle; mas igualm.^{te} praticadas por otros, porem no corpo da obra acho m.^{ta} coiza bonita. Gosto daquella inclinação dos montes; elles tem a mesma dificuldade p.^a se moverem, que p.^a se inclinarem; e se a poezia pode fazer um milagre, não lhe he difficil otro. Gosto da reticencia da ultima estancia, e acho que depois della, tem tanta valentia *o nós ficamos* como a desped.^a de Berenice de Racine³. Em fim eu não sei se o merecimt.^o do P.^e Niceno, que tem arrancado do teo tezouro poetico as coroas, que fazem siumes a q^m [---]⁴ Tirce alguma coiza na sentença que destes contra o pobre Macedo. Temos m.^{to} que nos arrenegar por conta destes partidos; mas o P.^e quer dizer missa e eu não gosto de fazer esperar a ninguem. Antes que me vá te baccio mille volte, e otras tantas quizera fazelo a m.^a querida Maricia; porem ella quer em folha... A D.^{os} amigas do meo coração. Dezeja boas novas dos auzentes a

F.⁵

T

Abraçame, Marq.^{za} m.^a, que sou m.^{to} tua amiga

Estremoz 4 de Fevr.^o de 1774

Lilia do meo coração. Os teos trab.^{os}, e as tuas molestias martirizaõ o meo espirito; mas não são ellas agora, quem me adoceraõ. Tenho tido m.^{to} defluxo assim como succede a quazi toda a peçoa; fico m.^{or} e o peito bom, e forte por beneficio da agoa das Caldas. O meo Alfido esteve sangrado, porque o sangue se engroçou de modo, que foi percizo diminuir-lhe a quantid.^e está bom depois, que fez este remedio, e capaz de executar os preceitos de V. Ex.^{as} como criado onrado, ou escravo que se não q.^r forrar. Ontem partio daqui um Almocreve que leva a pr.^a porção de chacina. Vossês não coztumaõ goztar desta, mas eu acho que lhe serve p.^a o Tagmanini⁶, e p.^a o celebrado M.^e de Latim cujas glozas remeto supondo que vieraõ cá por engano; que hiria em seo lugar p.^a otra p.^{te}? Espero com alvoroço as cartas que me hade trazer [p. 1] o Portador, porq.^m minha May as hade mandar sinto n'alma a molestia de Marcia, coitadinha! sem poder jogar com liberd.^e, e arriscando p.^a o fazer a sua saude: Dalhe um abraço da m.^a p.^{te} mandame dizer se ganhas, [ou]⁷ perdes Este segundo partido não quizera eu; mas temo-o pelo que tua May dizia na ultima que recebi sua. Remeto a carta, que tive este corr.^o p.^a que vejas que eu me não descuido; mas pode mais que a m.^a delig.^{cia} a tua disgraça: eu tinha feito jogar uma machina, que me prometia vencer em pocas oras o que se não tem conseguido ha mezes; porem ate agora não surtio effeito vou agora

¹ Lacunas polo mau estado do suporte.

² Na carta citada acima de Leonor de Almeida a Teresa de Mello Breyner lemos a este respeito: «Eu sponho [sic] que os versos que me mandaste pertencem em parte ao teu Antonio Denis; [Por q^e] gostei m^{to} da metamorphosi e da epistola ao macedo assim como não gostei quase nada da epistola que me pareceu do Macedo p^a elle, e dos versos que profanaõ o mais belo [p. 1] dos assuntos».

³ «Adieu. Servons tous trois d'exemple à l'univers/ De l'amour la plus tendre et la plus malheureuse/ Dont il puisse garder l'histoire douloureuse./ Tout et prêt. On m'attend. Ne suivez point mes pas.» Parte dos últimos versos de *Bérénice* de Racine (Rat, 1960: 350).

⁴ Mancha.

⁵ Fiel.

⁶ Doutor Ignácio Tagmanini, também referido com a alcunha «Alceste».

⁷ Entre linhas.

cuidar d'agazalhar o Alfido que he o pr.^o dia que se levanta, e está com m.^{to} frio. Conservate, querida amiga, que to pede a

fiel
T

[100.] Estremoz 10 de Fever.^o de 1774¹

Lilia do meo coração á manhaã vou p.^a o Vimr.^o onde o Sancho quer prevenir ospedagem a certa comp.^a de bom gozto, que me promete gastar comigo alguns dias. O fado dilata a vinda destes bellos dias consagrados á mais verdr.^a amizade; mas o fado mesmo os trará: He notavel o dezembaraço com q fallaõ as gentes d'oje! pasmo do que te dizem. O omem ignorava que havia neste mundo uma *eu* por isso entrou em duvidas de q.^m seria a que quizesse ser depozitaria de um taõ preciozo tezoiro. Sinto os descontos do jogo, que me daõ cuid.^o por ignorar se a perda he consideravel, e se esta procede de falcidade no contrador [sic] das cartas, ou de pôca intellig.^{cia} dos jogadores D.^s te de o que eu te dezejo, e a tua May, e a Irmaã a q.^m não posso escrever, porq faço esta a noite m.^{to} tarde, e tendo ainda m.^{to} q fazer

A D.^s amiga do coração de T

[101.] Vimr.^o 11 de Março de 1774

Senaõ me animara a confiança que tenho em meu senhor dos Passos, desfallecia cada vez que tivesse de abrir as tuas cartas. Eu sinto uns movim.^{tos} tais que me parecem maiores que as m.^{as} forças; mas a esperança me sustem, e na multidaõ de almas justas que a estas oras estaõ pedindo uniformes por ti afianço a certeza de abrandarmos a ira de D.^s, e movermos a sua mizericordia.

Bom he q comece a respirar uma aragem de favor: atraz della vira o mais, e por um Almocreve que partio D.^{mo} e terá chegado m.^{to} ha a Lx.^a espero a certeza da mudança. Para esta quizera eu pôrte tudo prompto; mas não o consente a m.^a mesquinha sorte. Não nos querem pagar tenças não se concluem execuçoens de rendeiros, que nos devem; e por ultimo manda El Rey tirar o soldo [sic] aos officiais que tiverem licenças, em q.^{to} uzarem dellas. todas estas coizas me impossibilitaõ, e me fazem ceder do meo obzequio de q.^m tanto mo merece, e se consterna pelos mesmos principios q [p. 1] me afligem; comtudo eu não ceço nas delig.^{cias} por te ser util, e por conseguir que tenhas 150\$ por mez. Sinto no meo coração que te vejas reduzida a despojarte do teo preciozo [sic], e se eu posso aconselharte peçote que reserves o lindo toucador, e que antes vendas joyas, ou prata se ainda a tens do que te desfaças daquella preciozid.^e que eu receio te não paguem, porque oje ha mui poco q.^m saiba dar valor ás coizas e todos abuzaõ da neccid.^e alheia, por isso julgava melhor vender coiza de valor intresuo [sic], ou quazi tal até pela razão de q prata e joyas a todo o tempo q ha dinheiro, ha modo de se terem, e mais conformes à moda mas uma tal preciozid.^e, não se acha m.^{tas} vezes ainda q.^{do} sobeje o dinheiro. Porem se te rezolvez afinal nesta venda, não te metas com An.^{to} Soares, que

¹ No sobreescrito: «Hontem sahia de Caza p.^a ir vezetar [sic] as lindas Nettas mas fiquei no Caminho porq a caroagem [sic] me embaraçou a jornada dezejo q ambas tenhaõ tanto alivio q poçaõ [roto] do mais completo adetosa ellas por [roto] tuas f.^{as} eu lhe bejo as m.^s a todas ofrecendome no seu serv.^{cio}» O papel está roto, a letra é diferente e a leitura nom é clara.

naõ he capaz de tratar coiza alguma com onra: naõ te scandalize a m.^a proposiçaõ por absoluta; menos catholica esta [sic] he a voz publica comprovada com factos, emq nós [p. 2] temos tido graves prejuizos. Mandame tu o rol das peças, e o preço ultimo que queres por tudo, porq eu verei se no Paço o querem, ou se Gil de Mestre o compra, e esta delig.^{cia} será feita pelo Tio Jozé, e por mim em ordem a que naõ fique nada pelas maõs dos corruptores. Eu sei quem queria dar um prez.^{te} ao Nuncio, que acaba e queria hum traste da India, que lhe custasse até doze moedas: se tu tiveres alguma coiza que queiras largar por este preço, verbigratia um jogo de mangas, fora do comum: ou um escritorio de charaõ bom; ou um boiombro [sic]; mandao mostrar a m.^a May; mas ha de ser logo, porq se ella se contentar p.^a a encomenda, que tem, pode fazerte esse serviço, e se naõ agradar torna a remeterto. Naõ quero fazer mais estença esta carta por te naõ obrigar a ler mais Aceita os meos dezejõs na falta dos meos serviços, e trab.^a por viver p.^a consolares a tua

fiel amiga
T

O Conde com o maior resp.^{to}
se poem aos teos pés.

[102.] Minha Querida amiga. Quero saber de ti e de tuas f.^{as} naõ me respondas da tua letra q o tempo he occupado mas naõ sei acomodar [me]¹ a perder esta occasiaõ de saber de ti. A D.^s meo coração que vou p.^a a Igreja sou

Tua amiga verdr.^a
T

Estremoz 27 de
Março de 1774

[103.] Vimr.^o 8 de Abril de 1774

Eu dei tantos *sins* á tua carta, que se tu me ouvisses, Amada Lilia, podias responder, *nem tanto Amem, q se danne a Missa*. Comtudo quero repetilos, porq pode isso entreterte. O pr.^o foi em confirmaçaõ de que o meo coração he o trono, o teo a almofada, emq fez assento a amizade mais sollida. Marcia lhe entrega o scetro, tua May lhe poem a crôa. A m.^a he a guarda de todos estes tezoiros, e Alfido, q.^m franqueia, ou serra a passagem p.^a o templo desta Divind.^e incognita ao resto dos mais omens. Sim queremos que penetre este lugar innacessivel o merecimento do Tagmanini: e por que naõ? aconcelhamos a gratidaõ, pedeo a justiça, e tu o mandas. Sim tu mereces o meo carinho a m.^a ternura, e a minha naõ se lhe chame idolatria Tu es um [p. 1] objecto adoravel a todas as luzes, mas como naõ [sic] perfeiçaõ fora de D.^s que naõ seja manchada, tens tu a fraqueza de te deixar transportada a meo respeito, sem atençaõ a sollidez comq costuma a justiça pezar o merecim.^{to} dos omens. Naõ te equivoques; os cristais brilhaõ mas naõ saõ diam.^{tes} A amizade sim he parto da virtude, mas quantas

¹ Entre linhas.

vezes foge do seio q a produziu, tu o sabes. A nossa não o tem abandonado, mas q.^{do} rezida em mim não prova que eu seja virtuosa, prova q tu o es tanto que a produziste no meo p.^{to} exaqui, m.^a querida amiga, como somos capazes de enganarnos ainda quando com as luzes da Philozophia corremos atraz da verd.^e P.^a que tocaste estes pontos em que não posso concordar com tigo? Sou nececitada a dizerte não [p. 2] em lugar de repetir os sins que me lizongeavaõ Taõ bem não gosto de que um sabio examine os meos erros. Amiga, os meos deffeitos ja lhe são patentes; he crueld.^e amontoar provas que [me]¹ arriscaõ a uma funesta sentença. Os meos escritos só a ti se derigem [sic]; a nada mais aspiraõ que a promoverte uma distração das ideias tristes, que te rodeiaõ pintandoas por otro modo. Deixame sepultar o nome q não merece proferirse, e que só se contenta de ser caro a Lilia. Quando eu poder heide mandar uma historia dos caprixos, comq o meo Sancho me recomenda à posterid.^e Tenho pena da logração q prega aos vindoiros e da pena q teraõ de me não conhecerem se me julgarem taõ galantinha. Nada he neste mundo o que pairesse: forte dezengano [p. 3] Este padraõ do meo suposto merecim.^{to} faz [me]² tratar de bacatella toda a historia, que não he fundada na fé Divina; a umana costuma estribarse nas medalhas, nos monum.^{tos} &r.^a e q.^m me diz a mim que elles não são f.^{tos} com a mesma preocupação, que o prez.^{te}? Estava agora com appetite de seguir esta mania; mas tocaõ à missa; vou pedir a D.^s a tua conservação, para aprender de ti o modo de fazer verdar.^o o obelisco. A D.^s Marcia adorada a D.^s Lilia de

T

A D.^s Marq.^{za} do meo coração agora recebi as cartas de M.^a Fr.^{ca} que remeto. Alfido respectozo recebe o favor do amavel *terno*

[104.] Vimr.^o 13 de Maio de 1774

Minha Amada Lilia, estou m.^{to} rabugenta, e incapaz de falar com tigo, que neceitas de q te façaõ feita, ainda q seja com guizos, *saltando por El Rey de França*³ sabes por que? por q se achaõ as m.^{as} entranhas feitas um covil de bichos, e eu nutrindo com a m.^a substancia esta má comp.^a Ha consequencias de morte mais antecipadas? isto he paradoxo, mas hé [sic] fruto da rabugem, em q nos tem posto esta descoberta de lombrigas. Com effeito he coiza pasmoza a imensid.^e, que tenho arrojado por beneficio de um remedio, q tomo: os movim.^{tos} por ora são fortes, mas vai-se dezalojando este exercito de insectos destroidores da vida. Faziaõme suas m.^{les} dores de estomago violentissimas, tosse convulsiva, faltas na respiração, prizaõ no peito, e mil otros fenomenos, q não podiaõ combinar-se; uma debilid.^e continua, e de tudo tenho melhoria Tenho visto ate lançar sangue pela boca, e curarse com remedios desta qualid.^e; que fazem sahir dos seos ninhos estas feras. Lembra isto ao Tagmanini, p.^a ver se acha alguma indicação em ti desta molestia, e a troco de que faça uma descoberta, q te utilize, bem me podes perdoar uma pagina de rabugem.

Eu saudo o amavel coro, q te cerca, e que recebe de ti as Luzes, comq brilha. Não me rio de que te chamem Mestra, choro não poder partilhar com ellas, e polir o meo talento, por beneficio da tua maõ perita. Mas ellas são *raparigas*, e eu... não quero dizer o que sou, porq te não enfades. Não sei q.^m he a *Galantissima Philis* Tu sabes que

¹ Entre linhas.

² Idem.

³ «Saltando por El-Rey de França como cão de cepo, que é cão de Cupido todo o faceira», Frei Lucas de Sta. Catarina (1660-1740), *Tarina quotidiana*, cap. 3 «Outavário de ociosos» in www.lpn.pt/opsis/litera/flucas.htm (29.12.2003).

o interesse, que me leva a Chellas, he o gosto de gastar algumas oras com o precioso terno, que me onra com a sua amizade; quando vou lá sempre nos falta o tempo, no fim da noite, p.^a conferirmos tudo, o que nos interessa: ninguém tem aparecido nas grades fora da *Polifema* e sua Irmaã e a m.^a boa Tia, Barbara, e a f.^a, se esta tua Philis, he só a que conheço e p.^a que melhor me orizonte mandame os nomes, e alcunhas p.^a que a m.^a imaginação [sic] os arrange quando me quizer fazer presente o Theatro das sciencias. Podes sem escrupulo dizerlhe que Tersea não costuma roubar a ninguém o lugar, que o merecim.¹⁰ lhe grangeou; que se julga feliz de que o seo nome se misture com os dessa tropa gentil, e que se onra e lizongeia com os eccos das vozes, que repetem os saudozos suspiros, que lhe custa a separação de Lilia. O meo desconsolado Barqueiro muda de fortuna, quando o teo coro [p. 2] se encarrega de espalhar as suas queixas; mas deve tão bem mudar d'officio, porq as sereas invejzas das Ninfas de Chellas, faraõ que a barca se estrague, e que o Barquei[ro]¹ se afogue, se não tiver cuidado de se por em seguro.

Alfido respeita as decizoens da sabedoria. tu estas fazendo a sua figura, como poderá rezistirte? elle fundavasse no dictame de que a metrificação não decide o character da Poezia; e se há quem ponha na classe Lirica os Poemas Epicos rimados em estrofes determinadas, sem perder a natureza de poema lirico podia arranjar-se entre os idilios as qx.^{as} do Barq.¹⁰ Isto he o que diz o Marte de Tersea, que nunca quiz /bem a meo pezar/ alistarse entre os sequazes d'Apollo. Eu não decido nem pró nem contra; porq acho que não merece a questaõ o assunto que a faz. Daqui p.^a Estremos fui cantando aquellas trovas p.^a entreter a m.^a Pupilla, q gostava destas bacatellas: ficaraõme na memoria escrevias e acho que não merecem otra destinação que a das xacaras Castelhanas. Pode se ter medo das m.^{as} imprecaçoens. Depois q te mandei a Ode tem succed.^o tudo á risca: tempestades, chuvas de pedra orroroza, trevoens repetidos vendos pezadissimos; tudo vaõ destroindo. A Pobre Primavera [p. 3] ficou este anno preza no ceio do mais carrancudo Inverno. As Ninfas tomaraõ o meo concelho e assentaraõ que flores de nada serviaõ, não se cançaraõ em rasgarlhe os botoens, nos annos passados devia eu neste tempo gr.^{des} obrigaçoens ás Driades² dos meos azereiros: o tocado o³ o [sic] enfeite do vestido todo [sic] corria por sua conta. Ofereciaõ me umas vezes nichos, outras doceis todos ornados com penhaxos delicadissimos que ellas mesmas distribuiaõ com uma agradavel dezordem, agora nada disto aparece, se estranho a novidade, percebo, q me dizem que em lizonja da m.^a saudoza tristeza se conservaõ ociozas. Na verd.^e como *eu não posso estar sem ti*; nada disto me contenta; e tudo me obece [sic]⁴ á risca. Certo dia mudou o vento, e soprou uma branda aragem. Cantei eu esta cantiga

Brando Zefiro amorozo
Que ligeiro me rodeas,
Se por Lilia não sospiras,
De balde me lizongeias.

Isto⁵ bastou p.^a lhe abater as azas: no mesmo ponto veyo um companheiro de Noto e trazia um bozina [sic] rouquenha por onde assoprava com tal força, que nada mais se percebia, e o [?] pequeno Zefiro esmoreceo de susto; eu tive do d'elle, que era galante mas [p. 4] quem o meteo a elle no empenho de bricar a roda de mim quando eu estava chorando por ti? Comque menina dos meos olhos ou vem consolarme, ou se não vens despedete das pinturas da Primavera; porq eu não o convido mais p.^a estas dezertas campinas. Não percas tempo em olhar p.^a as m.^{as} obras que não merecem esse sacrificio: le as epistola do sabio consolate com ellas, e não escrevas cartas q te façaõ adoecer. Telemaco vai caminhando p.^a Chipre; se não foraõ as intercadencias deste anno ficava

¹ Fim de linha.

² Ninfas.

³ Fim de linha.

⁴ Talvaz por obedece

⁵ Leitura difficil.

m.^{to} adiantado o primr.^o tomo; mas eu q tenho grande duvida a q elle appareça em publico; porq abomino ostentaçoens, e lá me tem seo ar de bazofia o imprimilo não me dou m.^{ta} preça p.^a que possa esfrear o apetite de q.^m olha p.^a mim por entre a doirada venda do amor: [tu]do⁶ lhe parece brilhante em mim, e com tudo nem sempre aq.^{la} luz he oiro. Tomara que tivesses um Alfido como este, ainda q te custasse amoderar nelle, como a mim me custa, o dezejo de me fazer recomendavel à posterid.^e Ora basta de carta escrita com dor de cabeça, com uma debil, e cançada mão, que tem escrito palavras com ar de misterio. Se me não entenderes interpretame e ficarei melhor. a D.^{os} [p. 5] Senhora Mestra até d'oje em oito dias. Nem por isto deixo-te de hir vizitar a miudo; mas tu não me percebes, e mais chegote mil vezes com a boca aos pés, ás mãos que me onraõ, ao peito q me ama á testa em que retratas, mas tu não sentes a triste

T

Marcia cachorra: e hei de sofrer á calada que me não escreas? ora calome p.^a te não morder de raiva.

Marqueza he percizo que empenhes a tua authorid.^e p.^a q Marcia me não abandone; eu gosto m.^{to} della, q he m.^{to} galante, e bonita Rapariga; mas se dá em se lhe não dar do mal proximo estou bem airada. Dizemlhe que eu encomendo a D.^{os} os triunfos de Tancr...¹ e que ate por isso me deve de q.^{do} em q.^{do} um ar da sua graça

[105.] Se tardaõ as cartas de Tersea², não tarda a sua pena em escrevelas. Roubo ao sonno o tempo, q gasto nesta, p.^a te agradecer os esforços, que fazes por me contentar mas o teo peito... tu sabes, amiga do meo coração, q me faz mal q.^{to} te prejudica; depois disto se me queres sadia, conservate sem molestia. Já li duas vezes a tua carta; logo quiz dar o teo recado aos delicados botoens³ [sic]; mas a chuva afogoume os dezejos, e a nececid.^e de partir precipitadam.^{te} p.^a Estremoz faz com q nem possa com a virtude, que me comunicas fazer os milagres, que queres. Tudo aqui vem parar. So tu... mas que promeças onradoras! que esperanças derramas no meo abatido coração! Vive, querida Lilia, e se eu conseguir abraçarte em plena liberd.^e entaõ veras derramar o meo coração no teo ceio; pode ser que Amor tenha alguma coiza que aprender da m.^a ternura; ao menos eu me persuado; que ella não comunica a todos os segredos, q de mim confia. Torno a saudar o entendido coro das sciencias⁴, e a pedir que me soffraõ em espirito no congreço, fazendo figura de *suplantaõ* [sic]. Não entendes? taõ bem eu não percebia; mas o marido de uma tua amiga diz que val o mesmo, q figura muda. Ora a Deus m.^a sapient.^{ma} Sr.^a sou com [p. 1] sonno, e sem elle groceira mais [sic] fiel amiga tua e chamome

Tersea por alcunha

⁶ Mancha de tinta.

¹ Tancredo, o Marquês da Gouveia.

² Esta carta é resposta a outra de Leonor de Almeida datada a «17 de Maio de 1774» que começa: «ja tinha dito m.^{tas} vezes q.^{to} tardaõ as cartas de Tersea!».

³ Na dita carta de Leonor de Almeida aparece os seguintes versos de Lilia: «Suplica aos tenros botoẽs/ Que rásquem seu veio ligeiro/ Que nos ares q.^e respiras/ Derramem suave cheiro.....».

⁴ Referência à enumeraçom e descriçom que Leonor de Almeida fai na carta citada das mulheres que fam parte do cenáculo poético que se nuclea arredor dela no convento de Chelas.

[106.] Vimr.º 3 de Junho de 1774

He verd.º querida amiga, são bem faceis de montar as raías, que dividem o mal do bem; quem chegou a tocalas, já se pode chamar feliz; mas que aspero he o cam.º que conduz a este suave termo! Tantos annos de trabalhos fazem [me]¹ ver proximo o teo descanso; se a m.ª impaciencia não fora uma consequencia necessaria do enteresse, q me deves, julgaria que não tardava um mez; porem eu não posso acomodarme a tanta demora, e senão fora o resp.^{to} que me devem as tuas mesmas desgraças, teria praticado mil ideas, que me tem occorrido, e que eu mesma condeno de extravag.^{tes} quando se corre o veio que mas figura asertadas. Se sahires desse vale de miserias, se melhorares, poderei eu queixarme do Destino, ainda que te não veja melhorar? Mas se eu te abraçar em liberd.º, se eu gozar a felicit.º de ver fortificarse a tua melhora, se eu poder contribuir p.ª q a saude se aloge no peito; terei um dom correspond.^{te} que pendure no Templo da Fortuna? Querida Lilia, não sei se o meo coração terá bastante força p.ª soportar o pezo de tanta allegria. Coztumado a gemer contigo estranhará ser obrigado a alojar [-----]² o prazer que lhe foge depois q tu padeces tanto: Fazes bem em conformarte com o que dispoem a Providencia; um modo de vencer os trab.^{os} he desprezalos. O estoicismo não sei se o consegue; eu ha tempos, que estou mal com estes omens, que fazem consistir a felicit.º na degradação dos sentim.^{tos} da umanid.º O triunfo das paxoens, he a gloria do christianismo: só este as pode reduzir aos limites, em que podem fazer feliz aquelle mesmo omem q era seo escravo, em q.^{to} as contemplou. Mas o Christianismo não as extirpou do coração omano [sic]: que monstuo seria o [p. 1] omem sem paxoens? regulalhe os movim.^{tos} e contentase de as conservar na escravidão. O teo Zeno³ bellas coizas dictou. he certo q o omem amigo da virtude pode ser feliz no meio da desgraça; mas será isso, porq não sinta a dureza dos males que o opprimem? Eu que não soffro simulaçoens, não quero seguir o teo modelo; porq ainda me não pude persuadir de que ninguem soffresse com indifferença a contradição da vontade, que será a desgraça das peçoas que se amão? Não, m.ª Lilia, não te pegues a esses fingim.^{tos}; tu compadeceste da m.ª ternura, soffres no teo coração tudo q.^{to} a mim me contrista; porq hades [sic] acrescentar a esse primr.º trab.º o seg.^{do} de te forçares a mostrarte indifferente. Não cuides por isto que te quero carpidr.^a: não por certo; ainda me affligem, a maneira de gemidos de noxo, os eccos, que deichou no meo coração a passagr.^a lição, q tive de Young/ he assim q se escreve Sr.ª Mestra! querote revestida da serenid.º de q.^m pergunta a razão, porq não havemos de receber com paciencia os males, q nos vem da mesma mão que nos envia os bens? mas isto he o mesmo que tu dizes, que dezejas, e que eu creio q praticas, pois q tens juizo sobejo para goztares do que he bom. Depois desta reflexão, fica escuzado todo este aranzel de despropozitos, que te tenho escrito. He certo; mas a Srn.ª D. Marcia diz que eu te devo escrever cartas grandes; e eu achome cada vez mais romba p.ª inventar caraminholas, que te divirtaõ. Não me lembra quem diz, q d'uma certa idade p.ª diante, não se devem fazer versos, por que o fogo da mente, se sepulta no gelo das cans: Eu acholhe razão, fundada na experiencia propria: tudo q.^{to} escrevo, e digo me parece coberto de pó de caruncho, e o peor he q me não larga, por mais q o sacudo. Dame de lá um sopro, a ver se afug.^{tas} a carepa dos 35; p.ª 23 vão doze

¹ Entre linhas.

² Riscado? Reescrito?

³ Apostolo Zeno.

de diferença. Oh meo D.^s! não fujas de mim, e sabe que ainda ha poco joguei *a cabra sega, o jogo do y*, e otros sem.^{es} bacatellas p.^a q as m.^{as} raparigas vejaõ em mim alguma coiza mais agradável, que o aspecto da May de familias. Como vai Filis¹ com as suas liçoens? e Simplicia² com os seos phosphoros de espirito? a toda a sapientissima assemblea saudo reverente, e a ti m.^a Linda Lilia abraço de Coração. Como está o nosso sabio? Coitado, q sustos terá sofrido! A D.^s he tua Cap.^{ta} T mas/ ainda mal/ nenhum gesto leva p.^a Sancta, como lhe chamas [para confuzaõ minha, e não sei se para desconfiança da tua sincerid.^e De labia estou bem mas nada mais; e o peor he que até o Sancho se desconsola do meo poco aproveitam.^{to} supponho que tem nececid.^e de milagres, e como vê que não tenho prestimo p.^a isso, toma o partido verdr.^o, q he não crer na m.^a virtude]³

[107.] Eu bugiar! com estas cans! com estes delicados traços, que a velhice tem espalhado pelo meo rosto? não ha maior dezaforo; Assim se manda bugiar huma mulher de propozito? e donde, e com q.^m ira bugiar, se não pode estar ao pé de ti, fervilhando á roda de tua cadr.^a, do teo leito, e fazendote arrenegar q.^{do} em q.^{do} com a mesma execuçaõ do teo preceito? Ora senhora jubilada nas doctrinas [sic] de R.⁴ abaxe de tom e falle apropozito com a gente sezuda. Mas ay q ahi me affoga em sentenças do seo Heroe... Marq.^{za} se me não bates nas cartas, fico mal; porq eu não as posso tragar; ella quermas embutir. Se tu me não acodes engasgome ou fico embuchada. *Nós somos uns p.^a os otros*: concedo. *Nós somos uns p.^a os otros tudo q.^{to}. he percizo p.^a estarmos contentes, e concordarmos*, nego, fundada naquella ley impreterivel, que nos tem sempre sospirantes por mais alguma coiza que o que possuimos! Mas deixemos M.^r R. de Geneve⁵ [p. 1] porque não o conhecendo mais que pelo nome, e por algumas passagens consultadas não devo esquentar o meo figado em contradizer as suas maximas tu as lez p.^a teo divertim.^{to}, não deixarás de zombar da pôca onra que elle faz ao nosso sexo. A certo mancebo criado com o seu de L'Emilie [sic] respondi eu uma vez ouvindolhe perguntar p.^a q serviaõ mulheres [sic]? que para conceber ingratos. Não sei se o espantou se o confundio a m.^a resposta sei que ella o fez entrar em bem diversos sentim.^{tos} comprehendendo que mulheres de q.^m nascem omens saõ individuos intereçantes p.^a a socied.^e que a sua educaçaõ merece ser tratada com atençaõ, e que por consequencia a sua religiaõ não he ponto de taõ poco memento [sic?] que possa alterar-se com os diversos estudos. Tu queres que os meos tristes versos sejaõ vistos estás em tal estado de queixa que o contradizerte fora culpa: com tudo [p. 2] por ti, por nós, e pelo sabio acautella nestas remeças. Tu me assustas com me dizer, que os sabios padecem; tenho

¹ «A galante Philis não déve náda á fortuna, e á natureza uã cara ordinaria mas ce qu'on asyalent picante, uã alma a mais sencivel uã percepçaõ facil, e uã abilidad^e rara Achasse na idade de 14 e meio, sabendo bem Musica Francez, com bastantes luzes de logica, e com a liçaõ de varios livros de historia, e moral é docil, e candida. Não é filha de Barbara, mas [seu Pai] é um omem de bem, mais virtuoso que destinto» in «17 de Maio de 1774» carta de Leonor de Almeida a Teresa de Mello Breyner, IAN-TT, Núcleo Casa da Fronteira-Alorna, n.º 177.

² «Uã a que chamamos simplicia, por q^e apezár de uã espertesa aparente q^e indica m^{to} é rudicima, e não sabe se não Musica tem linda vós, mas exceciva preguiça, e bastante fealdáde» in «17 de Maio de 1774» carta de Leonor de Almeida a Teresa de Mello Breyner, IAN-TT, Núcleo Casa da Fronteira-Alorna, n.º 177.

³ Na margem da 1.º pág.

⁴ Jean-Jacques Rousseau.

⁵ Jean-Jacques Rousseau.

um interesse na vida deste [sic] qualid.^e de sug.^{tos} que a [sic] suas molestias d'alguma sorte offenem a m.^a saude. Dizeme se melhora, mas dizemo sem me custar o receio de que a maior frequencia dos teos desmaios proceda da extenção das tuas cartas. Eu gosto de te ouvir quando te leio mas ao mesmo tempo que te oiço proferir *o vai bugiar*, te ouço dar um suspiro por q te fatigou a rizada, com que acompanhastes o preceito, e os meos ouvidos não podem soportar [sic] a muzica dos teos gemidos: conservate, e verificame as esperanças de vida, que consebes e me comunicas. Lembrome de que um sabio dizia que ninguem como tu sabia revestir com as graças da novid.^e um pençam.^{to} vulgar. Assim he que coiza mais sabida que fas[p. 3]tidioza, e insoportavel demora, com que passa o tempo p.^a os infelizes, e incomprehensivel velocid.^e com que voa p.^a os contentes; Mas que modo de explicar este sabido pençam.^{to} mais sublime, mais vivo, mais energico que a imagem que tu empregas nesta carta? Ella vale bem um Poema: D.^{os} queira que eu resista a tentação de adoptala /o perigo he proximo porq eu a repito tantas vezes que me ficará de memoria, e talvez sem o perceber a profira por costume. Quero mandarte o risco da obra, em que fica á posterid.^e um Tersea de Pedra¹, e então iraõ as Inscriptoens e Epigraphes que a ornaõ.

Naõ sei qual he a carta que te mostrou o conego: se he a ultima que lhe escrevi com umas cantigas, q te diziaõ resp.^{to} não te faltava q ver nella se a leste ate o fim. Acabasse o papel a maõ cansada de escrever, persuademe q acabe a carta, mas eu não quero acabala sem dar um abraço [em quem me não manda bugiar, isto he na m.^a linda Marcia não faz cazo de Tercea Marcelina de Lilia. T]²

[108.] Seria na verd.^e eterna a m.^a carta se eu te explicasse nella os meos sentim.^{tos} a este resp.^{to}, e o peor he que morro de abafõ neste cazo; por eu querendo explicarme, não me deixaõ, e daõ n'otra peor³ por ser perfeito anagrama. Tenho uzado d'otros m.^{tos} nomes quando não queria q me conhecessem Firminia foi um delles; ouve q.^m chamou Lindea. eu sempre regeitei este nome por impropr [...] De novo me sobe a cor ao rosto, se me visses agora não me havias achar feia porq estou sintindo tal quentura por fruto da vergonha que suponho estarei com boa cor. Ora levai p.^a confuzaõ m.^a o que esta na quarta medalha// Memoriae aeterna// D. Teresia a Mello Breyner femina// Natalibus, ingenio, // Moribus clarissime// D. Sanctius de Faro Sousa// IV Vimieiriensis Comes// Conjugi Suavissima// Et de Se// B: M:// P: anno (1) DCC.LXXIV// Tudo o que vez [...] sobre tres ordens de conchas com tal declive que apenas bate nellas salpica tudo corre em figura de cascata. as pedras saõ magnificas, e estaõ bem trabalhadas. o Lago he redondo no meio tem uma penha sobre a qual esta o tal obelisco cuja altura podes medir na escala que tem pelas coztas. A obra era digna de empregarse em melhor objecto ingenuam.^{te} te confeço que me entristesse vela obrigame a ternura d'um marido, que pro [...] a eternizar a m.^a memoria; mas quando [...] diz de mim naquelle padraõ da sua [...] amizade fazme o feito q [...] se depois de observar uma campa [...]ssasse e examinar as cinzas q [...] Tomara q tentasses este cam.^o Dirás que he pequena esta carta? Tens razaõ p.^a a achares importuna: o risco do obelisco he de Valleré⁴ as inscriptoens saõ d'Antonio Deniz, e a escolha do Epigrafe, excepto o que

¹ Fai referênciã ao obelisco levantado por Sancho de Faro no seu palácio de Vimieiro em homenagem à sua esposa em 1774, o que serve para datar esta carta neste ano, e na sequência dumha série de cartas em que se dam diferentes informaçõs sobre esta obra.

² Na margem.

³ Lacunas polo mau estado do suporte: falta um pedaço de papel que ocupa 13 médias linhas.

⁴ Lous Antoine de Valleré foi comandante do regimento de artilharia nº 3 do Alentejo entre 1762 e

illustra o trofeo q foi elleição do Sr' meo Alfido cap.^{to} de V. Ex.^a assim como T
[109.] Vimr^o 10 de Junho de 74

Se eu m.^a Querida Lilia te escrevi um sermaõ, como tu dizes, es tu taõ sancta, q me soffres sem me dar uma apupada. Eu não sei o que te dizia mas estou com medo de mim. Se tomo o character de Izabel Bicha, nas eras d'oje, brevemente me poem á sombra. O certo he que eu não devo pegar em pena senão p.^a *pedir novas vossas p.^a alivio das m.^{as} saud.^{es}* pois que d'otro modo faço tantos dezacertos como tu observas. Toda via eu sempre acho que Marcia te retratou bem q.^{do} te pintou de microscopio na mão observando cada garatuja da m.^a carta. Só por malignid.^e deste instrumento te pareceria sermaõ um discurzo, que era percizo, a eu não responder á tua carta com um amen m.^{to} comprido. A fallar a verd.^e tu cuidas que os groços sobrolhos de certa peça me rodeaõ sempre, e que eu por entre aquella espeça [p. 1] gadilheira he que olho p.^a os objectos q se me apresentaõ. não he assim? pois saiba Sr.^a Mestra, que se engana Vm.^{ce} Os tais sobre olhos fazem-me estremecer no conficionario, mas cá fora não ajudo a missa, porq não sei. Temos nossas questoes na assembleia, em q m.^{tas} vezes tomo a parte contraria; e quanto ao que as m.^{as} curtas Luzes podem comprehender; elle, e eu, livres de preoccupaçoens, trilhamos um caminho, escabrozo na verd.^e, como he todo o que conduz á salvaçaõ, mas descoberto pelas luzes evangelicas, onde se não encontraõ fantasmas misticas. He verd.^e que eu sempre, que me fica a geito, dou uma escapada p.^a as vizinhanças, onde oiço as vozes de um mundo encantador, posto q menos corrupto, que esse q se crõa de rozas á vista da perdiçaõ; mas se eu fora s.^{ta} nem fazia destas, nem te deixava estar dependente das extrava[p. 2]gancias d'um fado taõ enfadonho como carrancudo sempre andariaõ a ferver milagres á roda de ti, e que milagres! Porem ate agora ainda cá não chegou esse presente da omnipotencia, pois faziam bem conta, ate p.^a converter em rios as carrancas do novo obelisco, q me parece será menos abundante d'agoa que d'artificio. Ahi te mando o risco; não faças cazo das letras das medalhas, que nada dizem. Por elle veras que saõ quatro em uma está o meo busto com bastante semelhansa: o tocado he neglig.^{te}, e tem no mesmo ar um ramo de loiro; os epigrafes q lhe correspondem saõ, á roda,

cui laurus æternus honoris /orat : ode 1^a l^o 2

Por baixo /com vergonha escrevo esta mentira/

Insigne maestis prosidium/ mesma ode¹

Esta medalha olha p.^a o jardim q fica ao lado [p. 3] da caza, por ora, e a seu tempo crescerá esta otro tanto, e ficará p.^a a entrada principal da mesma caza, jardim &r.^a Na medalha oposta, q diz p.^a o bosque, tem um trofeo de muzica, e poezia, e os epigrafes desta saõ á roda,

omne tullit punctum.

No livro q tem aberto

Commiscuit utile dulci /Ora. Poetica

Por baixo... superbo

Nom humilis mulier triumpho/ Oratio: od: 37 [L.: 1^o]²

Em uma das otras medalhas que diz p.^a o jardim oculto tem esta inscripçaõ

Nais

Hujus sacri custodia laceis,

Quisquis es,

1789 e comandante do regimento de artilharia n^o 1 da Corte entre 1789 e 1791. Entre as suas obras de engenharia militar pode-se citar o Forte do Bom Sucesso, das civis interessa-nos o risco deste obelisco dedicado por Sancho de Faro a Teresa de Mello Breyner, obra que lhe foi encomendada devido à estreita relação que mantinha com os Condes.

¹ A leitura é difícil porque a escrita está superposta.

² Entre linhas.

Hoc tibi edico hospes
Bibequesce,
sub tanto et nominis umbra,
urbanas expellito curas.

[110.] 24 de Junho de 74

Minha Querida Marcia, escrevete esta que remito p.^{la} tia M.^{na} com recomendação deque ta dê sem q tua Irmaã a possa ver p.^a me lamentar contigo do q me comunicas na tua carta oculta. forte tirania! Não sabes o horror que me faz aquella resposta! exali uma consequencia de costumar os olhos a ver derramar sangue com idiferença: pode ser superflua a vida d'um innocente se he questaõ bem justa m.^{to} debatida, [se]¹ ainda a dos malvados deve pouparse?

«Tantos Caens, que pedaços d'oiro comem

«Quando os omens de fome estão morrendo!

«Quem taõ poco os estima, sera omem?

Perdoame, que me lembre desta passagem da m.^a epistola ao Candido. O certo he que ignora apreço de uma vida virtuozza, quem tanto a baratea. Eu com tudo espereio da tua Providencia a sua conservação: não sei se espero milagres; mas não he temerid.^e esperalos a favor da innocencia Dize a tua May q não perca o animo, e que sempre se forme na confiança deque D.^s prova os que estima; e pede de nós sacrificios cruentos não p.^a q se executem mas [p. 1] p.^a que a obediencia a resignação se justifiquem Quem diria ao ver Abraõ levantar o braço, que delle não cahiria o fatal golpe sobre o caro f.^o! e com tudo D.^s lho suspendeo, e Izac foi Pay de uma geração sem numero. Estes lances da Providencia são mais freq.^{tes} do que nós imaginamos. Lancemonos nos seos seguros ceios, e alarguemos os coraçoes apertados com tanta angustia. Tu não sabes a força que [me]² faço p.^a dar um ar menos triste as m.^{as} cartas p.^a Leonor. Bem apreceberás nesta, que lhe escrevo p.^a entreter a sua esperança, lhe falo daquelle modo; mas pode ella enganars e m.^{to} tempo? em fim D.^s e só D.^s, cujas promeças são firmes, pode consolar os afflictos, que os Omens, depois que o são podia dizer delles

Ja são enganadoras

Dos omens as promeças

E ja firme não he ; não he estavel

A fé devida ás Sumas Divind.^{es}

A D.^{o.s} m.^a doce amiga, tu sabes que do coracem [sic] vem a boca estas palavras guardaas no teo q to merece

T

[111.] Vimr.^o 21 de Abril [de 1775]³

Este correi recebi as cartas correspond.^{tes} aos dois ultimos; e quiz a Provid.^{cia} ,

¹ A leitura nom é clara.

² Entre linhas.

³ A carta de Leonor de Almeida a Teresa de Mello Breyner datada a 25 de Abril de 1775 é resposta a esta: «aceita os parabens dos Anos de Mr. de L.R. [La Rochefoucauld, pseudónimo de Sancho de Faro] que vem (...) tão bem. Que boa gente são V.Ex^{as} todos!... Dize-lhe que com os versos d'António Deniz irão os meus que têm sido demorados por que não eram dirigidos a Tirse amabilissima» (transcriçom de Vanda Anastácio).

que eu visse primr.^o a deste, porq sem esta cazualid.^e, que susto me faria saber q dás agora em Turca, pelo affecto ao opio? Lilia, he percizo que a tua Philozofia te ensine, que não es immortal; custa a [vez]¹ a quem te considera, sem os olhos da Religiaõ; mas em fim és sug.^{ta} as mizerias da vida, como o mais resto dos omanos [sic]; e para que não passes mais cedo pelo fatal corte, he percizo q te não arrojes com temerid.^e Quazi estive p.^a me enraivecer, e p.^a me voltar p.^a Marcia pacifica; mas não me servio isso de nada, por q á maneira de q.^m faz *traz ás creanças*, acheito no seu peito, e fiquei morrendo por ambas; e raivoza [p. 1] só contra mim, porq não posso livralas de tanta perseguiçaõ. Recebi os livros, e os rasgos do teo lapis, são os toques que mos fazem preciosos. Assim eu podera ler alguma das notas! mas não me fas D.^{os} mercê de encadear aq.^{le} rancho de formigas ruivais. Mas em fim eu porei oculos para isso, e serei mais feliz que ate agora. Nada recio da puzilanimid.^e de Anna Lima², sendo tu quem a governas; mas a não ser isso, temeria tudo desse character, q reduz a m.^{ta} ridicularia, a que se deixa possuir delle, e he occasiaõ funesta de mt.^{as} baxezas Porem tu es mestra no officio, e ella será feliz, ficando na mediania propria á delicadeza do nosso [p. 2] sexo. Se as Cosquilhas de nossa terra se rirem de nós, proq nos não riremos nós do que ellas se riaõ? He mais digno objecto de uma mulher seria, meditar nos meios de fazer feliz uma creança, do que combinar as partes, com que ficara mais novo um tocado. O mao que isto tem, he q eu cada vez me acho menos capaz de dar conta da encomd.^a, e de q.^{do} em q.^{do} estremeço no receio de desperdiçar os thezoiros, q D.^{os} me mete nas mãos.

Porem como por mal que os aproveite, sempre os meos pupilos ficaraõ melhor educados, do q os seriaõ expostos a corrupçaõ do seculo, consolome e vou trabalhando, por arrancar espinhos, q brotaõ cada dia neste inculto terreno.[p. 3] Nao podes crer os mimos [q me faz]³, e o carinho, q me tem o bom do Gregorio⁴, a pezar do severid.^e, com que o castigo m.^{tas} vezes, obrigada do violento impeto da sua vontade, irritada, m.^{tas} vezes com imprudencia pelas otras peçoas, com quem vive! Mas como he percizo que se costume a não ser molesto à socied.^e e como ainda não pode fazer do bem todo o apreço, que algum dia será capaz de o conter, que remedio ha se não uzar da vilencia, em q.^{to} outra idade me não offereça meios mais suaves? Não obst.^{te} em estando comigo, oras se entretem depend.^o da m.^a licença p.^a pegar n'um papel, e fazendo gosto dessa mesma dependencia [p. 4]. Isto me faz persuadir que o castigo não he prejudicial, mas sim a injustiça; e q nós não somos guias dos nossos pupilos, sim directoras; pois q elles são os q nos apontaõ o caminho, que devemos seguir; e nós nada mais podemos fazer que sostentalos, arrancarlhe os abrolhos desviarlhe os tropeços, e fazer que por qualquer caminho, que o seo genio nos offereça, procurem o unico e verdr.^o objecto, que devem amar. Eu gozto de comunicarte os meos pençamen.^{tos}, porq das tuas respostas, tiro novas luzes p.^a firmar as m.^{as} doutrinas, e por isso não tenho duvida a que tu leias os delirios meos a troco de eu me segurar a imitaçaõ [p. 5] do teo acerto. Minha Marcia, coitadinha! q.^{to} dó me fazes! se te verei?... dizes bem: se eu não poder [sic] verte não chorarás, por eu estar em Lisboa sem te falar. Eu não sei que abelid.^e [sic] ten, que cada dia sou mais tua amiga: pareciam impossivel, mas he [certo]⁵ por fructo de uma virtude creadora de novas graças, que em ti resplandesse e nunca seça de obrar. Q.^{to} feliz me está parecendo o desgraçado T. Que ditozos Pays! quantas consolaçoens lhe produz a tua amabelid.^e! Ca torna Lilia a dizer *traz...* sim minha menina taõ bem fallo com tigo; mas p.^a ti sinto uma amizade viva, cujos mo[p. 6]vim.^{tos} são sem.^{es} aos de uma paixãõ arrog.^{te}, impetuoza; p.^a Marcia sinto uma ternura suave, q me obriga a tratála como se fosse um amorinho daquelles, q a Poezia Alemam debuxa em miniatura. Eu não sei qual fica de

¹ Leitura pouco clara.

² Discípula de Leonor de Almeida no Convento de Chelas.

³ Entre linhas.

⁴ Discípulo de Teresa de Mello Breyner.

⁵ Entre linhas.

melhor partido; o q sei he q gozto m.¹⁰ de vossês, e q depois de seos Pays, não cedo a T:s¹ nem P:s² Agora não sejaõ mexiriqueira, que eu não quero que se abraze Troia. E tua May, que diz a tudo isto? não gozta de mim? pois gozto [eu]³ bem della, ate como May, e tutora de tais f.^{as} A D.^s buginicas do coração de T.

La R: F:⁴ diz [p. 7] q ja que tu es taõ cruel que me não mandas versos teos, não fiques lá com os de Ant.^o Diniz: eu te mandarei os de Garção⁵

[112.] Sim, minha linda amiga, os teos concelhos, as tuas reflexoes, e tudo o que tu queres inspirarme obraõ milagres no meo coração. Tu sabes que os coraçãoes de carne são sugeitos as impreçoens da ternura, e da compachaõ; mas estas impreçoens não se gravaõ se profundas⁶ feridas. Em quanto não fazem calo ora se agravaõ, ora se moderaõ, e a Religiaõ, he o unico balsamo, que as dulcifica sem as cerrar. Que infelicidade seria não chorar com os que choraõ? Se isto se negasse a umanid.^e, seriamos peores q feras He verdade que eu conheço coraçãoes de taõ aspera tempera, que não ha golpe que os penetre; mas nestes, certam.^{te}, errou a natureza, quando divertia a materia, que devia formar uma rocha, p.^a a confundir com a que organizava um omem. Os tristes restos de consolação p.^a a caza de Tancos encerraõ-se no ceio da Cond.^a de Vimieiro; m.^a Lilia, e que funestas bodas seraõ as que come[p. 1]çaõ pela perda de um Irmaõ, e que p.^a chegar a ellas he preciso pizar as cinzas d'um marido⁷? Exaqui os cuid.^{os} que agitaõ o meo espirito quando aparece na m.^a imaginação aquella 1 cena; mas tu, m.^a amada, fazes m.^{tas} vezes descer o panno que a oculta, e em seo lugar aparece a esperança do teo alivio, e tudo quanto delle me podem prometer os meos agradaveis desejos conduzidos p.^{la} amizade mais terna. A vinda de teo Irmaõ me lizongea com agradaveis auspicios consolate com as suas vizitas em quanto não logras os fructos da liberd.^e prometida. Eu estou boa apezar de tantos males; dezapareceo com as lombrigas a queixa dos nervos, e vou engordando demaziadam.^{te} Quem podera introduzirte a saude com a mesma suavidade! Tudo se conseguiria se o dia de oje fosse festejado em plena liberd.^e gozando por fructo d'amizade gozassemos aquelles prazeres [p. 2] que ignoraõ os *Eroes do nosso seculo*, e que não são capazes de recolher as praças, os Theatros dos espectaculos mais rizonhos. A proposito de Praças sabes tu que tenho horror a q.^m faz divertim.¹⁰ de ver derramar sangue? não sei se ja te comuniquei esta estravagancia? quizera achar em ti iguais sentim.^{tos}, não sei se p.^a evitar a nota de singular, se para me autorizar com um exemplo agradável a todas as Luzes. Tirar a vida a uns animais proficuos ao estado, sem mais objecto que o gosto de os ver cahir ao golpe de um omem, pode ser objecto que contente o coração? que me dizes? Ver esse mesmo omem em risco de lhe ser inutil a arte, e de perder a vida arrancada pelo mesmo bruto, a quem

¹ «Tancredos».

² «Pierios».

³ Entre linhas.

⁴ La Rochefoucauld, pseudónimo de Sancho de Faro.

⁵ Correia Garção.

⁶ Verbo ou adjectivo?

⁷ O Conde de Tancos era naquel momento D. Duarte, pai de Domingas Manoel de Noronha, que seria posteriormente a 3.^a Marquesa, e para a qual tinha casado em primeiras núpcias com o 10.^o Conde de Vimioso, de quem nom tivo sucesom, e, posteriormente, com António Luís de Menezes. Entendemos que na carta fai-se referência a este segundo matrimónio, do qual desconhecemos a data, mas, dado que o primeiro filho nasceu em 1775, colocamos esta data como limite para a redacção desta carta.

intentava dar a morte não assusta a umanid.^e? Andar uma tarde inteira a morte a levarse diante dos [p. 3] olhos dos mortais, não horroriza a Natureza? e são estes os divertim.^{tos} que os omens compraõ p.^{lo} seo dinheiro! Chamelhe o mundo innocetes, a Politica necessarios, o luxo vistozos, mas a m.^a razaõ chamalhe abominal teatro, onde se ensaia a crueld.^e, e forja onde se fundem coraçõens de bronze. Marcia taõ bem quero ouvir o teo parecer; teimemos um poco p.^a não acabar logo a conversaçãõ, e para q tua May não ralhe da nossa garalhada, dizelhe que já mandei comprar as duas arrobas de sera do costume, q em estando lavrada hirá com sobre escrito p.^a ella. Q.^m me dera vela oje com os seos quatro póz, e darlhe um abraço bem bem apertado. Estimarei que a partida se ajuste p.^a o jogo de D.^{mo} que gosto se Vosses ganharem! A Niza me escreve duas regras lastimozas mas nellas me pede agradeça a compachaõ de tua May a D.^{os} amigas de

T.

que estima e retribue o obsequio de Pierio, e que procura ao seo Alfido a onra de bejar os pés de q.^m? adivinhem V. Ex.^{as} este enigma; q não não [sic]¹ he defícil.

[113.] Estremoz 6 de Julho de 1776

Minha Querida amiga, daqui parte o *Conde alma viva*², e deixame saud.^{es} porq he uma parte de ti: Esta mesma ideia me fez parecer m.^{tas} vezes q te ouvia falar pela sua boca. Agora q estava p.^a me consolar falando contigo; me chega uma vizita q me impede continuar. Abraçote de todo o meu coraçãõ, e mandote mil protestaçoens d'Alfido e do P.^e Alvares q está aqui. A D.^s Linda menina a q.^m de todo o coraçãõ ama

T

[A Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Snr. D.^a Maria d'Almeida m.^a Sr.^a]³

[114.] Sinto no meo coraçãõ que a m.^a carta desse motivo a tua inquietaçãõ; mas eu não deixo de estimar a respozta porq com ella satisfaço a m.^{tas} impugnaçoens: he bem verd.^e que sinto me nomees q.^{do} fallas em sertas bacatellas; mas em fim p.^a tudo haverá remedio. O Conego está no sobral não sei q.^{do} lhe fallarei rezolvome a escreverlhe veremos o que daqui se tira. Tu debes crer, que nunca me cança o gosto de servirte, e que sou p.^a com tigo qual podes querer que seja. Eu ando fatifd.^a desta cançada vida de Corte. Sabado me offerece grade a Tia M.^{ma}⁴ que eu não aceito por ter nesse dia um convite indispençavel. Tenho otro p.^a quarta fr.^a otro p.^a D.^{mo} só quinta poderei deitar a esses bairros onde fora por gosto todos os dias; mais ainda isto he incerto.

Poem me aos pés de tua May e de Marcia e recebe aos teos a fiel

T

¹ Continua na primeira página.

² Pedro de Almeida, Conde de Assumar. O Conde Almaviva é o protagonista de *O barbeiro de Sevilha* de Pierre Agustin Beaumarchais (1775).

³ No sobrescrito.

⁴ As referências ao convento colocam esta carta antes de 1778.

Deraõ ao teo

Moço a respozta da tia M.^{na} esta vai pelo seo della. Eu mandarei a epistola mas agora não posso.

[115.] M. Amada Lilia e S.^{ra} do meo coração. Se a memoria, que me debes podesse servir p.^a moderar as nossas saud.^{es} teria na queixa que me afflige a mais segura proção de remedio p.^a o nosso mal. Cheguei, m.^a sr.^a, a esta Aldeia, q he villa por milagre, tendo gasto ora, e meia na passagem do rio. Respeitou o Tejo o objecto do teo cuidado socegou o tumulto, figurouseme q a tua virtude tinha posto freio as ondas, tinha aprizionado os ventos, encantado tudo q.^{to} podia assustarme. A tua formozura andava prezente aos meos olhos, por todo o vastissimo pego: Não minto, as margens do montijo revestidas do mais allegre verde, compençavaõ a perda da suberba vista dos Navios q bordaõ o nosso porto: e este agradavel objecto parecia, q me dizia *Lilia nos empresta a formozura, q te agrada* e q mais me diziaõ? eu não sei se referirto, sem q tu julgues, q sonho, ou invento. Marcia não fazia menos milagres, sempre te sopus acompanhada da sua amavel ternura, da sua Malignid.^e travessa; a ambas se emcam.^a o meo affecto, a ambas faço o q Marcia reg.^{ta}, e recebe a piedoza Lilia, a ambas dezeja servir a sua mais fiel Cap.^{ta} Minha Marq.^{za} consolate, e conservate p.^a felicit.^e de tuas filhas, e de Tirse, q taõ bem te adora. A D.^s m.^{as} Amabelissimas [sic], a D.^s até, q a fortuna me grangeie o q a razaõ agora me rõba. A D.^s

Aldeia Galega em 26 ás 8 da noite

[116.] Amiga do meo coração Quiz ontem saber de tua May, mas não me foi possivel, porq nem sempre se pode o que se quer. Tenho cuid.^o n'ella, em ti, e até em Marcia T., porq receio q as saud.^{es} de Pierio tenhaõ destroido as graças da alegria, que brincavaõ certo dia no seo lindo rozto. Eu não sei p.^a que D.^s me deo hum coração aberto por todos os lados p.^a a compachaõ e p.^a amizade? senaõ he p.^a martirio meo, não descubro utilid.^e neste fenomeno taõ raro nos nossos tempos, e taõ contrario ao meo socego, e por consequencia á m.^a saúde [sic]. Tenho lido parte dos papeis, que me mandaste: se eu podera pintarte os effeitos, que produz em mim esta liçaõ, ficava certa de ser mais elegante, que *o recomendado Fenelon*, taõ celebre na suavid.^e das expreçoens, como na viveza das pinturas; porem não he possivel, q te explique o pasmo, a ternura, a compachaõ; os dezejões de franquear os laços, que detem o vôo da felicit.^e; que te espera; em fim a resp.^{to} de seo Author posso dizerte, que eu o acho superior a todos os do seo tempo; que o meo Sancho mo persuadia assim; mas eu/ confeço a culpa/ supunha, que algum tanto de pachaõ o fazia parcial; comtudo agora digo eu *este he o sabio; os otros estudiosos*, se isto não explica o meo conceito, ministrame tu alguma coiza melhor p.^a eu escrever pelas esquinas q.^{do} for tempo de nos alegrarnos. Conservese taõ preciozo peculio p.^a dezagravo de uma Naçaõ infeliz, p.^a confuzaõ d'uma sorte cruel, e consolaçaõ de uma familia digna de toda a estimaçaõ. O portador não tem espera ou não pode esperar; eu pode ser que mude a m.^a vizita p.^a Q.^a fr.^a Quando escreveres fala d'Alfido contra q.^m não valem sombras da morte &r.^a A D.^s morro por passear em boa comp.^a: quando chegará o felliz tempo de o conseguir!

[117.] Lilia dos meus olhos fiquei sem novas tuas: argum.^{ta} o meo cuid.^o e o estado infeliz da tua

Fiel
T

Estremoz 18 d'Abril¹
dia em q perdi hum
Pay q me adorava.

[118.] Estremoz 29 de Março

Lilia do meo coração. O dia em que faço esta não me permite dilatarme nem o cuid.^o em que me tem posto a queixa de huma peça porq.^m m.^{to} me entereço me da lugar a dizerte o que dezejo. Não te scandalizes se sou sencível a males, que não tem por dezafoço as tuas queixas: Dezejo ser util aos que são meos proximos, que será aos que a amizade fez intimos? esta peça lança algum sangue pela boca, e posto que espero lhe seja util o uzo de meio quartilho d'agoa rozada batida com huma gema d'ovo fresco/ comq tenho visto milagres sem ser preciso repetilo m.^{tas} vezes/ sempre em q.^{to} a não vejo boa, não me livro de susto. Conservate tu m.^a adorada Sr.^a e livrate deq te cometa molestia alguma, porq para soportar essa ideia não tem valor a tua

Amante Cap.^{ta} T.

Poemme aos pés de tua May e Irmaã
e siguralhe, que lhe dezeja huma fezta cabalm.^{te} feliz sim receio da sorte; e que deves tu argumentar doq te dezejo?

[119.] Amiga do meo coração. O meo esta trespçado com o receio deq te prejudicasse o meo avizo nada sei q te possa prejudicar; mas sei q o manique² tem feito buscar na vizinhança p.^a ver se pilha certos contrabandistas, q julga pelo Citio: nesta conjuntura pareceome conveniente dizerte, q não mandasses João, porq ainda q não leva nada de contrabando, poderia ser prezo p.^a o examinarem e vossês ficarem sem ter quem as servisse. Emfim ja agora está lançada a sorsite. D.^{os} tomará conta do dezamparo em q vossês se achão e eu nelle confio. passemos a otro capitulo, com q vosses podem divertir o enfado d'ontem cauzado p.^{la} M.^e Priora. Disseme meo cunhado q ella escrevera a tua May, e como eu estava prevenida pelo q passamos em uma das grades, tomei a resolução de hir oje vizitar a m.^a s.^{ta} e simples Tia p.^a conversar com a tua, e sem ella perceber o fino da m.^a vizita desvanecerlhe todas as suas ideias, e ver se conseguia que ella fizesse confiança de mim p.^a hir à raiz destas coizas. Riaõse raparigas, q eu mesma

¹ Pai morto antes de 1771. Refere-se, provavelmente, a um aniversário.

² Diogo Inácio Pina Manique, entre outros postos, desde 1764 ocupava o de corregedor do crime do bairro de Alfama, ao que se acumulava o de «superintendente-geral do Contrabando e Descaminhos» (Norton, 2004: 16).

me achei galante e sentenciei esta lembrança por original. Fui em tão boa ora, que estão vossês em termos de serem canonizadas tudo fica p.^a a vista, e sua s.^a m.^{to} linda nada tola e menos sem sabor disseme mil coizas da obrigação em q me ficava por lhe tirar aquellas ideias, em que ella não consintira, nem fallara a sua cunhada senão p.^a lhe dar uma prova da sua fidelid.^e, e que o seo escrito fora acompanhado de tantas lagrimas quanta era a consolação em q ficava vendo desvanecido tanto testemu[p. 1]nho. Isto supozto se tua May não respondeo ainda parecemq q o não faça com m.^{ta} aspereza. Que lhe agradeça o zelo mas, que lhe mostre a poca nececid.^e delle Que allegue se quizer com a m.^a amizade, mas que nunca mostre que eu sabia do escrito, porq eu não me dei por entend.^a delle, e isso foi o meio de produzir mais eff.^{to} a m.^a delig.^{cia} Espero q fique tapado este canal de consumição p.^a vossês; assim em [sic] podera abri-lhe todos aquelles, de que lhe pode proceder o seo alivio. Coroggio a Dio. He na verd.^e unica p.^a vossês a

Fiel T

[120.] Amiga do meo coração. Eu não posso com a ideia da tua amargura. Se te prohibem q me fales ou escrevas cede ao resp.^{to} q debes aos authores de uma vida q me sustenta mas se não he esta prohibição toma um dos dois expedientes, e fia de mim q quando te não salve ao menos te socorra. Declaramo se podes ou nom ter comigo a antiga liberd.^e não temas q em qualquer mudança q encontre nos sistemas de teos Pays me esqueça do q são p.^a ti, p.^a respeitar o seo nome em todas as m.^{as} reflexões. A tua Tirse tem menos fogo, ou mais moderação, q a amiga de Clarissa¹: Animo joya m.^a; animo explicate, e serás socorrida em q.^{to} me durar o ultimo alento. Não cantes, come, faze por socegar; e nada me ocultes de q.^{to} poderes dizerme

[121.] Linda menina, como estás? tenho m.^{to} cuid.^o em ti, e suspiro por te ver contente. Tão bem quero novas de tua M. e Irmaã; mas não me escrevas, se te custa; porq a pesar de toda a sua satisfação, quer a tua paz, a tua plena felid.^e, uma amiga governada pelos mais delicados sentim.^{tos} da ternura. Por estes [sinaes]² reconheces tu que te falla a tua

T?

[122.] Linda, e querida Neta³ do meu coração: de poco de D.^s a enriquecer [sic] Com mão tão larga, nada necessita V. de adorno p.^a parecer bem, nem eu me podia

¹ Samuel Richardson (1747-8): *Clarissa, or the history of a young lady*.

² Entre linhas.

³ Mello Breyner nom tem filhos nem, obviamente, netos, mas, ainda que a letra esteja deformada parece da sua mão, e a assinatura é o habitual T com filigranas. Pola despedida poderia ser um jogo com Lilia ou Marcia. Este jogo aparece também em «Estremoz 10 de Fevr.^o de 1774».

persoadir [sic] a q lhe faria falta, o q eu tenha na m.^a mão, antecepeyo¹ p.^a q V. Conhecesse o g.^o comq a sirvo, e p.^a lhe poupar o trab.^o de cuidar em o mandar boscar [sic]; isto q poderia merecer agradecim.^{to} p.^a outra peçoa, p.^a mim he bem desnecessario, por q o carinho, q me deve fas comq eu seja q.^m lhe agradeça dar-me V. a ocazião de poder mostrarlho. Fico entregue do denhr.^o dos leques, e taõ bem compralos lhe agradeço, porq com isso me ajuda V. a sustentar perto de quarenta em silencio, e não lhe rispindi [sic] logo pello seu criado por estar com Joaq.^a de Nor.^a Ponhame aos pez de sua Irmaa e May e lembrece deq p.^a serv.^a nenguem esta pr.^o q

Sua cap.^{ta} Avo e am.^a

T

[123.] Vimr.^o 26 de Fevr.^o

Naõ, Adorada amiga, do meo coração; naõ se haõ de verificar as funestas ameaças do cruel Fado. hum presesntim.^{to} occulto mo segura, e um discurso prudente me corrobora esta esperança. Mas se contra toda a prudencia succeder o que se teme, *ayez, ma chere, un cœr plus grand que tous les ---- que vous me nacent. Avant que de se jeter dans le péril, il faut le prévoir le craindres mais quand on y est, il ne reste plus que de la me priser*². Tu sabes de donde estas maximas saõ tiradas: quem as escreveo, meditouas, como q.^m queria formar um Principe: com segurança posso eu repetilas? Sim, m.^a Querida, o que mais te prejudica [sic] he o teu abatim.^{to}: ha m.^{tos} an.^{os} que tu por m.^{tos} modos, conduzes o punhal, que te acomete a vida: dilata o coração; espera na Providencia e se em fim che fexarem os ceos, se a tempestade crescer ao ponto ultimo, entaõ he que debes ter mais esperança de que se acabe. Mas p.^a que me estou eu fatigando [sic] em te animar? a estas oras está decd.^o o teo destino, q he /quanto a mim/ o de ficares como estavas. He máo; mas como naõ pode esperarse o que convinha, do mal sempre se escolhe o me[nos]³ [p. 1]

Ora depois de ser este o partido, em que te suponho. Peçote que recordes quanto te tenho dito neste ponto. Se tens quem se alegre do teo mal; vingate naõ lhe dando o gosto de padecer. Ha m.^{tos} males que consistem mais na nossa imaginação; a tua saude está m.^{to}, e m.^{to} atacada; o citio he terrivel p.^a a convalescença; mas a comp.^a de huma taõ amavel May, as ventagens, que se seguem ao S: de que tu vivas com ella, tudo saõ correctivos da amargura, que cauza o naõ poder mudar d'ares. Eu creio que se tu quizeres pôr de parte umas tantas ideas/ por exemplo/ naõ olhes como p.^a coiza possivel o sahir de Chellas; ao menos na presente Providencia: afastando os olhos desse ponto vamos a buscar o teo alivio dentro dos Circulos, que descreveo a Providencia se o teo remedio principal estivesse no centro do Japaõ, se para conseguilo fosse percizo que só fizesses aquella vastissima viagem, seria prudente abandonar-te a tristeza, à afflicção ao abatim.^{to} porque, naõ ficava possivel ao teo alcance aquelle remedio p.^a a tua saude? naõ por certo; ora pois faze o mesmo na presente conjunctura. Afasta os olhos dessaslizongr.^{as} esperanças de sahir de Chellas [p. 2] e se te occorrem tais pençam.^{tos} escondeos no ceio da Providencia, o mesmo Rey que levantou diabra o condenou; o mesmo Ministro que lhe deo a mão p.^a exaltalo, lhe entregou, o instrum.^{to} da sua

¹ Por «anticipei-o».

² «Avant que de se jeter dans le péril, il faut le prévoir et le claindre; mais, quand on y est, il ne reste plus qu'à le mépriser. S'avez donc le digne fils d'Ulysse; montrez un coeur plus grand que tous tes maux qui vous menacent», Fénelon, *Telemaque*, livro 1.^o

³ Fim de página.

disgraça. A roda que leva a todos os omens, q.^{do} se revolve torna a levantar os mesmos q abateo sem q seja percizo encontrar nova mã p.^a voltala. Entre tanto tira todo o partido da tua disgraça; ate p.^a que chegues a ver a mudança de fortuna porq sospiras. ha motivos mais Christaõs que te podem socorrer, m.^{to} melhor do que tudo o q fica dito, mas eu faria injuria a tua pied.^e, se julgasse que era percizo lembrarte, que os que padecem com X.^{to} triunfaraõ com elle: antes só esses teraõ p.^{te} no seo triunfo. Se eu podesse hir a Lisboa na conjuntura prez.^{te} requereria um plano de vida bem diferente daquelle que tu tens praticado a té o prez.^{te} A tua vida importa mais, que as tuas sciencias. Fizeste ate agora q.^{to} pudeste por dar aos teos talentos todo aquelle lustre, de q elles saõ capazes: faze de conta que naõ tens mais, q saber, e como por m.^{tos} grãos de sabedoria que adquiras sempre ha de ser mais o q ignores, q o saibas [sic] assenta contigo que a resp.^{to} dessa imensid.^e, que te resta tens feito, o mesmo q fize[raõ]¹ [p. 3] os mais sabios que he chegar até donde puderaõ. Tu tens obrigação de viver, e de viver p.^a guardar a lei de D.^{os}, cuja observancia he a verdr.^a, e unica felicit.^e do omem. Se por alcançar mais alguns conhecim.^{tos} faltas a charid.^e que D.^{os} te manda ter contigo em lugar da onra, que pertendes abraças o mal q te afasta de D.^{os}, e que nos poem ás que por ti nos entereçamos, no triste receio de te perder. Contentate comq oje sabes, q assim mesmo podes dar m.^{tos} quinãos aos sabixoens da nossa terra, e trata só de saber curarte, de saber vencerte. Esta sciencia he a unica, q prezentem.^{te} te convem. Mas tu, estas arrebrandando; por me mandar bugiar? manda q tens razaõ, que he demaziado abuzo da tua paciencia tanta pregaçaõ. com tudo, se desta arengada tamanha achas, q te pode servir alguma coiza, naõ faças como eu faço a resp.^{to} do meo espirito. isto he convencerme cada vez mais da neccid.^e que tenho de mudar de vida, de me despegar de [sic] mundo, e de mim mesma; achar q he tollisse, naõ fazer oje o que posso, e o que amanhaã, naõ poderei, inda [sic] que queira, e com todos estes bellissimos discursos, ser cada vez peor [sic] e deixar correr o tempo sem aplicar nenhum daquelles meios, q tantas vezes me tenho proposto p.^a a m.^a emenda!²

[124.] M. Querida Amiga, julguei que naõ devia hir oje a grade p.^a que naõ fui convid.^a e pareceome q era improprio hir p.^a otra; á manhaã sem falta te hirei ver e fallaremos à vontade, sem q nos embarasse comtemplaçaõ alguma. Se fiz mal em tomar esta rezoluçaõ tu me castigarás, e eu sempre te mostrarei q sou

Fiel Cap.^{ta} tua
T:

[125.] Minha Querida amiga. Eu tenho estado como tu podes suppor, e a maior prova da m.^a afflicçaõ he ter faltado em te agradecer o teo favor, e em derramar no teo coração as m.^{as} angustias. Bejote as mãos pelos soccorros, q prestas a m.^a pobre Tia; mas tu es m.^{to} precioza p.^a a m.^a amizade p.^a que eu queira que te arrisques. Deixaa aquellas oras, q saõ precisas p.^a o teo socego, e p.^a o teo dezafogo, e basta que a consolles algum tempo. Eu naõ posso hir a esse conv.^{to} antes de acabar os dias do nojo tu podes crer se eu

¹ Idem.

² Nom tem despedida nem assinatura.

dezejarei consolar-me com a tua comp.^a Poemme aos pés de tua May, e Irmaã, e recebe o respeito agradecim.^{to} do Conde. Eu estou boa, e não he pouco favor de D.^s, e fico capaz de servir, e sou, como tu sabes

Fiel Cap.^{ta} tua
T

[126.] Minha Adorada rapariga tenho m.^{to} cuid.^o em ti e na m.^a amada bugia mandame dizer como estás e previnete com grade p.^a a manhã quarta fr.^a porq ten[...]¹ m.^{to} que fallar comtigo. La vai o testam.^{to} com uma marotisse capaz de me caracterizar em bregr.^a porq lhe mando dizer, que me mande copeada [sic] da sua letra a verba em q falla nella &r.^a por ser assim percizo [sic] p.^a uma justificaçãõ. Tomara eu ver o concelho Mauriciano, e os oculos da m.^a Tia cahindo [ora]² por carpidr.^a ora por pasmo. A D.^s Alfido taõ bem vai

F³
T

[127.] Em qualq.^r lugar q a tua amizade me coloque⁴ recebo mais onra, que a q posso merecer. Eu, m.^a cara amiga, estou livre do receio, q teve de maior molestia; mas achome tal, q não sei como te faço bem. O mano tem conseguido alivio com as sangrias, e m.^a May te beja as mãos pela m.^{ce}, q ontem lhe fizestes. Foi terrivel o dezencontro da grade de ontem, porq d'oje até quarta fr.^a não tenho dia livre. Estimo a boa sorte do jogo, e dez.^o q a fortuna se acrecente cada dia, e com gr.^{de} gozto receberei a p.^{te} q me toca, até pelas mãos de q.^m vem. Alegrome com o intervalo, que daõ á nossa doente as suas morrinhas, e espero consolar-me de a ver sam: nestes dezejões me acompanha o Sancho q he fiel cap.^{to} de V. Ex.^a e eu emq.^{to} quarta fr.^a te não abraço com a maior ternura protesto q te adora

T

[128.] Meo Coraçãõ. Apesar do meo gozto não aproveito a grade de oje; porem o mano An.^{to5} um irmão irmão de Tirse q tem no p.^{to} um coração semelhante está sangrado no braço. Não tem coiza de cuid.^o p.^a os q derigem a cura; mas p.^a mim tem o que basta p.^a me obrigar a assistrilhe. Mandame dizer como estás, e dame novas de tudo o q te pertence começando pela adorada Lilia a q.^m não quero escrever por q não acaba de sarar. Eu ontem cuidei q adoecia. tive m.^{tas} ancias, m.^{tos} vomitos, m.^{ta} dor de garganta;

¹ Papel deteriorado nas beiras.

² Entre linhas.

³ Provavelmente *fiel*.

⁴ Dirigida a «A Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Sr.^a D. M.^a d'Almd.^a m.^a Sr.^a».

⁵ António José de Mello, 4º Senhor de Vilaverde de Ficalho (07.04.11734-06.08.1790), casado em 1780 com Maria Margarida Josefa Xavier de Lima (15.07.1757-20.11.1820), filha do 1º Marquês de Ponte de Lima.

mas oje de tudo estou melhor. conservate cachorrissima Sr.^a e sabe q te adora

T

Quero q vejas o meo presente p.^a M.^a da Cunha¹ mas mandamo por este portador q se não pode demorar.

[129.] Com Tirses como Tirse sempre as Marcias como Marcia poderaõ falar em tudo: Eu amigas do meu coração ouvi as sinco da manhã ainda acord.^a e es-² noite pela huma ora parto p.^a Mafra não ob.^{te} esta dezordem, quiz hir consolarme com vossez; mas a m.^a saude não me deixou. Seja q.^m for o Ex.^{mo} T.³ já tem parte na camera [sic] dos escolhidos eu me explicarei melhor q.^{do} voltar. Direi quais foraõ os meos pr.^{os} pençam.^{tos}, direi quais foraõ os motivos de se registarem e estimarei, que se verifiquem os dezejões que sempre me fizeraõ dezejar o melhor p.^a fazer feliz esse amavel terno: por não delatar o portador acabo dizendo a D.^s queridas amigas da fiel

T

[130.] Mariquita dos meos olhos; estavas certam.^{te} galante bugia q.^{do} me escrevestes: eu morro por fallar contigo; mas nem por este modo o posso conseguir por q se me estontea a cabeça: não sei se terei algum Alfidito, que me faça estas travessuras; mas vossês saõ exceção da regra. Menina, se eu fico profeta! se este anno he o termo das nossas angustias! q bellas romarias faremos! Adio, carina, sarate de preça por amor de T⁴ que dias! a D.^{os} sou tua

amiga de coração

T

Estremoz 5 de Oitubro

[131.] Vimr.^o 26 de Julho

Naõ me *saõ* tristes *as tuas cartas* Marcia Gentilissima, se bem que tu lhe tenhas dado a condição dos antigos cometas. O que ellas me anunciaõ, e o que nellas me

¹ Embora existam várias mulheres da nobreza portuguesa do mesmo nome, parece-nos verossímil a hipótese de ser Maria Teresa Rita da Cunha (29.08.1732-15-11-1814), filha do 5º Conde de São Vicente e casada com Luís de Almeida Soares Portugal, 2º Marquês de Lavradio, 5º Conde de Avintes, nom só pola relativa proximidade na idade, mais também porque, através do matrimónio de Pedro de Almeida, a família dos Marquesses de Alorna emparentou com a dos Condes de São Vicente.

² Fim de linha, nom continua na seguinte.

³ Tancredo.

⁴ Tancredo.

afflige, não diminue o merecim.¹⁰, que mas faz agradaveis antes a funesta circunstancia que as acompanha, lhe acrescenta o valor, fazendoas recomendaveis até p.^a o meo cuid.^o A que excesso não chegaria este se tu não poupasses á martirizada Lilia, o risco delhe crescerem as dores, por não querer deixarme sem carta sua? que afflicção seria a m.^a se de todo me faltassem as suas novas! Tu o pondera e depois vê se ainda podes dizer sem injustiça [q me]¹ *serão tristes as tuas cartas?*

Sim m.^a Lastimada Lilia, eu só quero de ti favores que te não arrisquem, porq [p. 1] como eres mia= quiero, que dures. Marcia faz m.¹⁰ bem o teo papel desempenha a procuração as mil maravilhas, so o que não percebo he porque razaõ se apellida *terna*, se confeça q a sua Alma não sabe sentir, nem a sua mão escrever ternuras, que tu me mandas se eu não estivera sintindo que *me faz mal aos teos preciosos dentes* esse defluxo que os atorm.^{1a} m.¹⁰ dicara a resp.¹⁰ da affectada ignorancia da *ternissima* por alcunho, mas não pode ser, considerarte afflita e ter animo de brincar. Dizes que os meos versos perturbaõ o teo socego: não o faraõ outra vez que já quebrei a desafinada sanfona que taõ mal os entoava; não, não me tentará outra vez o espirito de follia a semelhantes travessuras ou se me tentar verá nos desprezados fra[p. 2]gm.^{10s} do quebrado instrum.¹⁰, que debalde me tenta. Hum delles he esse que te mando ficou mais inteiro; mas taõ desfigurado, q apenas pode servirte de satisfação o meo crime.

Delle verás, Marcia, que não he verdr.^o o poder que sobre as Muzas me suppoens; escreve o que ellas te ditarem, e comunicame o q te inspiraraõ p.^a m.^a instrucção Estimo no meo coração a melhora de tua Excelente May: se eu contribui p.^a o seo alivio, ainda mais o estimo, oh quem podera fazer em tudo felices, esses tres compendios das mais escolhidas perfeiçoiens!

Naõ me sofre o coração occultarte que brevem.^{1e} espero verte, será sim de passagem; mas sempre procurará satisfazer os saudozos olhos em ti Amada Lilia a tua

fiel

T

[132.]

Pur ti comprendo, oh cara,
Già ti spiegasti apieno;
E mi diresti meno,
Se mi dicessi più

Em tal qual Portuguese, quer isto dizer, Marcia traquinas, que o *entendes?* foi demais. Tenho mil vezes penetrado o teo coração, e sei que a seo tempo há de meter n'um chichello, aquelles, que se arreganhaõ quando lhe fallaõ nos Agrarios e Alfidos: *Lembraste?* Naõ te posso sofrer, q me revistas, com as fanfarronadas d'obsequio a tua refinad.^{ma} preguiça. Eu /com licença dos auz.^{tes}/ querote bem a valer. sou sencera [sic]; sou eficaz, gosto de ti; e aborresseme de morte, q me não escrevas. Lembrome m.¹⁰ bem do Morgado de Chellas; não me esquecem os obzequios, q me fez q.^{do} cazei; ainda vejo empolladas as boxechas do amor afadigado p.^a accender a fogueira, em q nos queria abraçar. Ainda nas oras malencolicas leio as cartas do P.^e Frey Hilario do Dezerto, e do seo confeçado: ainda me não esqueesse que *ser Bispo de Tagaste*², e Mestre de *campo*,

¹ A leitura nom é clara por umha mancha de tinta.

² «Tagaste, una sede titular de Numidia, constituía una municipalidad más o menos importante. Es mencionada por Plinio (V, VI, 4) y por el "Itinerarium Antonionum" (44), pero no se sabe nada de su historia. Es famosa por haber sido la cuna de San Agustín, quien nació allí en 354. [...] Únicamente se conocen tres obispos de Tagaste: San Firme (fim del siglo III), mencionado en el Martirologio Romano el 31 de Julio; San Alipio, nacido en Tagaste, amigo de San Agustín, y cuya fiesta se celebra

he o mesmo. Taõ bem me lembro de que elle vio e ouvio as pestillentes trovas da m.^a mocid.^e, se a Doutora Maxima, d'accordo com a tua traquinisse, julgar que pode ouvir algum desses despropozitos, que latem, o tom suave em que ella o repetir, a virtude Delfica, que ella derrama de seos labios, foraõ menos dezagradaveis os groceiros fructos das m.^{as} Cans Que mais tenho que te dizer?... ah! sim: tenho m.^{tas}, m.^{tas} cartas de Lilia; conservoas por gosto, por consolação e por testemunho de seos raros talentos; mas não tenho todas, porq aquelas em q podia [p. 1] perigar... achei prud.^{te} que o gosto cedesse á cautella; e uma morte, que tem andado m.^{to} perto de mim, me tem feito por em seguro papeis, q nem todos podem ver. Esta cautella parecerá nimia, taõ bem eu me arguo della; mas contudo, avizos de uma peçoa que nos ama, e que sabe que a nossa correspondencia he objecto p.^a que se olha com curiozid.^e, ou sossobro, me tem dado as forças que me faltariaõ, sem estes principios Ora ficate com D.^{os} Marcia Tancre... saõ perto das duas da noite, tenho ospedes em caza e vou de madrugada p.^a Estremoz prevenirme p.^a a passagem do Cardeal Conti. Coitadinha de mim, sem ti, e com tudo isto deixando cá um par de dias o meo alfidio. sou

Tua fiel amiga
T

Dá um abraço, e mais alguma coiza, em tua May dizelhe, que he um prez.^{te} que lhe manda o meo Cas.^o e que só lhe pode ser agradável, por q.^m lho entrega¹

[133.] Tu sabes, querida Marcia, se me fazem falta as tuas novas cresces cada dia em tudo o q te faz amavel, e a m.^a ternura acha em ti a cada inst.^e umas graças exquizitas por onde me parece q nada tenho feito ate agora em te dar no meo coração um lugar... q dirá Lilia? diga o q disser junto della sem preferencia de nenhuma. Sospiro por te abraçar, e por ver se tornaõ a levantar-se aquelles espiritos q vi amortecidos 3.^a fr.^a [com]² a nossa doente isso procurarei quarta fr.^a e p.^a isso dezavizo varias peçoas, q me queriaõ buscar. Remetote esses papeis q has de ler e queimar, e agora depois de abraçar Lilia e tua May ficate com D.^s q a calma insoportavel me separa de ti

sou a
Fiel T

[134.] Minha, Querida Marcia, manda dizer á soire q vâ, porq he razaõ aproveitar o poco dezafoço q te concede a sorte. Eu hirei otro dia, porq como vai B.^{ta} não quero q me levantem que vou a huma grade de muzica q.^{do} me acho em taõ funestas circunstancias. Mandame tu dizer q.^{do} me daz grade p.^a eu me governar. Tenho m.^{to} defluxo, e como fico certa em não hir à manhaã faço os meos avizos neceçarios p.^a as

el 15 de Agosto, y Januario, enviado por Hunerico al destierro, donde murió por la fe. La sede de Tagaste aún existían en el año 600» in www.enciclopediacatolica.com/t/tagaste.htm (02.01.2004).

¹ No sobrescrito.

² A leitura nom é clara.

peçoas a q.^m tinha dito não ficava em caza sinto q não dez novas de L¹, e de tua May e sou tua

fiel Cap.^{ta}
T

[135.] Os preceitos da vossa traquinisse, minha precioza cachorra, são respeitados como leys que obrigaõ em toda a sua extençaõ. Mandasteme que escrevesse uma carta comprida [sic] a Lilia; ella ahi vai com seos vizos de eterna, porque une o fim com o principio. Será possivel, que ella gozte de ler essa letra desconcertada? Fallando serio eu não sei que lhe possa escrever, que a allegre se fallo della tenho medo de blasfemar contra... Se mudo d'assunto ás duas por trez, nada sei dizer De lisboa tenho a maior carencia de noticias, que he possivel. Por M.^{na} Izabel² sube [sic] que tinha cazado Luiza de Nor.^{a3}, e ate prez.^{te} por mais ninguem. De cá? que desgraça [sic] seria dar novas de que caza um coxo paralitico, hipiletico, cheio de chagas, e fontes; com obstruçoens no cerebro, que o fazem quazi pateta; e com quem? com uma rapariga de dezoito annos, fidalga, bonita, bem creada, e m.^{to} allegre da sua pestillente sorte. Vê tu se estava ou não de má catadura o Destino, quando lha tirou da urna? Se eu estivera [sic] mais chegada aos meos lindos treze; alguma traquinisse sahia a campo; mas agora, idoza, achacada, rabugenta, e com saud.^{es} tuas; estallando por te perguntar, *q tal he um T^d. ao lado de Marcia?* arrenegada porq não [derrisso]⁵ em ti estando adornada com a banha do Hym... morrendo por convidar um cego, que eu conheço, e que pelo tino atica bem a faxa do irmaõ. p.^a hir com elle bugiar arroda [sic] de ti; que queres que diga senaõ, que não posso aturar *ver todos comendo paõ = quando [...] sabio come em vaõ?* Veio a ponto o proverbio, e eu taõ bem [...] q vem a tempo recolherme ao vestuario A D.^s Sr.^a Mar[...] Tenho medo de dar os teos recados ao Alfido, porque se po[...] com elles, que não ha q.^m ature; e não quer crer [p. 1] que estas fortunas lhe tocaõ por tablilha: eu tenho a culpa porque tanto lhe tenho dado a conhecer o que vale que ja agora deficit [sic] deixar de olhar p.^a si. Ainda assim não quero dezacreditalo, elle não he pedante, e se se estima he depois que reconhece a honra, comq V. Ex.^{as} o distinguem [sic] da qual o faz digno o resp.^{to}, com que a recebe. Dize à tua May, que eu em paga do recado chamo nosso a certo parceiro do jogo, com quem ella ganha, e a pezar das agoas turvas, querolhe bem, com sua licença. E tu, cachorra, a quem queres bem? a mim? não! pois olha bem to merecia

T

[136.] Como estas galante, Marcia Buginica, acabada de nascer cheia de formozura, e capaz de te deitarem os luzios mais traveços, e namor...? Oje quero falar

¹ Lília.

² Nom aparece nengumha irmã Isabel.

³ Umha filha do 3º Marquês de Angeja do mesmo nome casa em 1774, mais polas datas de nascimento dela e do marido, nom parece existir tal diferença de idade.

⁴ Tancredo.

⁵ Lacunas polo mau estado do suporte.

comtigo, e má grado a q.^m lhe pezar. Estou contentissima, porq naceste, e m.^{to} tua amiga porq vives, crescendo em formozura, e perfeiçoens todos os dias. Queria oje darte uma colgadura, que o fado te preparou já por modo estranho, mas não tem o Amor de Thersea forças, nem geito p.^a tanto. Conservate p.^a os bons dias e faz a tua May, e a D. Lilia mil macaquisses em sinal do meo contentam.^{to} e em agradecim.^{to} de te offerecerem aos meos olhos tão galante como es Dize a Lilia que a encomenda será entregue brevem.^{te} mas que he preciso guardar varias medidas não tratar de parentescos não nomear peçoas determinadas &r.^a vou me enfeitar p.^a os parabens do dia de oje, e de oje a oito hirei ganhar a essa grade as indulg.^{cias} do oitavario e A D.^s, bem boa rapariga, de quem he verdr.^a amiga

Tersea tal, e qual

[137.] Minha Marqueza a preça não me deixa dizer mais q vou esperando em meo Sr' dos Passos nos hade acodir manda tu despachar essa chacina de q falla o bilhete, e como esta não entra nas nossas contas podes jurar que te vai de prez.^{te} p.^a não pagares dir.^{tos} Hum abraço a m.^a amada Ama, Sr.^a. Lilia do meo coração. A D.^s quero otro tanto p.^a Maricia a D.^s

Tua Cap.^{ta}

T

[138.] A Srn.^a D. Thereza¹ he uma molher insociavel não pode costumarse a estar com sua Madrinha com sentinellas á vista. Veio estallando de tristeza p.^a caza; e esteve lá tão oprimida, que por poco não dezatou n'um berr.^o M.^{to} galantes são vossês minhas meninas: cantaraõ como uns Anjos, mas eu quando as oiço, e quando as vejo, fazme uma tal falta p.^a o meo divertim.^{to}, ver um sabio d'olhos fitos nas santas veronicas, tomando tabaco por distração, com o dedo index espetado em quanto o immediato une o rapé ao polgar [sic], que me não posso costumar a sua falta e *the dair oncle*² /he assim q se escreve? bugia?/ forte falta me fez p.^a lhe ouvir non, non, non largierò. Em fim eu gosto de vossês demaziadam.^{te} p.^a me achar naquellas funçoens. Paresseme que Q.^a fr.^{a3} se me espera otro dia d'amargura; emfim eu procurarei uma ora de entornar o meo coração no seo de vossês, vossês faraõ otro tanto no meo, e só estas baldeaçãos bastaõ; antes só ellas são capazes p.^a contentarme. Dizeme tu qualquer que sejas, se esperas gente seg.^{da} fr.^a: não despeças ninguem, mas avizame p.^a meo governo. Remeto esses trez ancis são bentos com a benção de santo Uberto, e os Alemanos [sic] os trazem com gr.^{de} fe p.^a escaparem dos estragos de danados. Ontem me deraõ um e eu pedi os trez p.^a vossês. Se Rousseau der licença tragão com sigo esta defença contra tanta gente danada q as rodeia. Eu sou o que vossês sabem, e chamome
a Sr.^a D. Thereza

¹ Endereço: «Á Ill.^{ma} e Exc.^{ma} Snr.^a Marqueza d'Alorna m.^a Pr.^a e m.^a Sr.^a»

² Talvez por *the dear uncle*.

³ Pode ser quarta ou quinta feira.

[139.] Minha Marq.^{za} enquanto eu tenho que te offerecer não hasde tu poupar despesa deque rezulte utilid.^e a Leonor. Manda chamar o Payzinha, e o Huet¹, e podes te servir doq te leva esse portador para q se não retarde a junta; mas m.^a Marq.^{za} sonda o vão em [...]²: quero uma poca de critica p.^a combinar as contradicoens, e as machinas. Quinta fr.^a te hei de hir fallar eu me explicarei mais entaõ. Minha May sangrase quarta fr.^a mas eu sempre ou de manhaã ou de tarde te hirei fallar p.^a me explicar m.^{or} Entaõ direi, o que agora não posso porq vou p.^a Belem, sempre te digo/ o q tu faraz certam.^{te}/ q he não dar palavra do domicilio sem a ultima nececid.^e. Eu não sei o q te escrevo, porq mil couzas juntas me vem a cabeça e fica a Penelope p.^a te entregar 5.^a fr.^a A D.^s T. A.

T

Ti bacio, cara amica, e ti ribacio
Marcia não fujas de mim A D.^s

[140.] Estremoz 27 de maio

Agradeçote, m.^a Marq.^{za}, prohibires [sic] a Lilia q me escreva; eu tremo do seo genio, das suas applicoens, e ate da m.^a amizade, q tem virtude p.^a fazer infelices. Não quero que tu taõ bem me respondas; volto me p.^a o lado da preguiça, e vou falar com M.^a

Minha traquinas, eu não posso alegrarme q.^{do} a pobre Lilia se desmaia. Dezejo comtudo segurarte que Alfido será ignorante das lamurias do teo coração, sempre, q tu quizeres confialos do meo silencio. Tendo eu sempre dezejo de q as m.^{as} cartas se queimem, estimaria que a do corr.^o passado descesse intacta aos *abismos* p.^a q um T.^{o3} a q.^m ha tantos anos está dando a agoa pela barba experimentasse algum refrigerio com as m.^{as} profecias. Tu terás um gr.^{de} trabalho p.^a ler estas garabujas, mas taõ bem eu não tenho poco em escrevelas depois de seia, com m.^{to} defluxo, m.^{ta} rabugem e m.^{to} canção. Se estiveres em ora de preguiça, dize a B.⁴ que me mande novas de Lilia, tuas, e de tua May: abraça as duas p.^{tes} do terno em meo nome, e ellas que te paguem p.^a eu não ficar empenhada a D.^s amiga da T

¹ Nom coseguimos localizar nengumha personagem contemporânea com o nome Payzinha. Em troca, identificamos, ao menos, dous autores chamados Huet: o primeiro é Pierre-Daniel Hueta (1630-1721), que publicou em 1670 o *Traité de l'Origine des Romans*; o segundo, Lourenço Huet Bacelar de Sotomaior e Pinto, que, segundo www.genealogiportuguesa.com/users/linkgeneais/obras_autores.html (02.01.2004), «escreveu, além doutras obras, Genealogias em 5 volumes, que estão na Torre do Tombo». Para além destes dous, na Portbase aparece um Huet (sem especificar o nome) autor de *Histoire du commerce et de la navegation des anciens*; Paris: Chez Antoine-Urbain Coustelier, 1727. Nengumha destas referências parece absolutamente coerente com o dito na carta, polo que colocamos a hipótese de tratar-se de dous comerciantes, prestamistas, ou médicos com os quais Teresa de Mello Breyner lhe proponha algum tipo de negócio à Marquesa de Alorna.

² Leitura pouco segura.

³ Tancredo.

⁴ Bárbara?

[141.]

Quanto he doce um *bejo* teu!
Torna a bejar-me, Querida,
Que Amor, que este recebeu
Por otro quer dar a vida

Torna que eu ao abrir a carta sinto toda a suavidade que traz com sigo este terno presente do teu carinho. Por um que recebo te quizeras dar mil sem destinação de lugar, e quando escrevo isto ferve-me o coração no peito. Ignoro se este fervor nasce da impaciência com que soffro não te ver aqui, se do desejo de estar comtigo, o que sei he que esta *bugia do teu coração*, não se dá bem sem estar preza no lugar, onde a amizade, a gratidão, e a justiça lhe tecerão os doirados grilhões, com que se enfeita. Essas cantigas fazem a prova; cantigas não como todas, porque lhe meto umas repetições, que lhe ficam bem quiz mandarte a solfa; mas vejo agora que Miguel me fez uma tal embrulhada ao meter da letra, que não presta p.^a nada verei se se emenda a tempo de te mandar p.^a rires de que eu não, não, não, não possa estar sem ti. Tu fazes um Elogio ao meu Sancho capaz de o fazer pôr em bicos de pez; mas cá a peça, fica a perder de vista. O certo he que nada neste mundo he o que parecesse. Eu não te quero chamar mentiroza, porque as meninas bonitas [p. 1] e bem creadas, não dizem mentiras; porem estas tão allucinadas, que he um riso ver o que dizes de mim, e olhar p.^a o que eu sou. Tu he que has de hir bugiar mil vezes por dizeres que chora por mim um mundo farto de contemplar molheres illustres, ou seja na tua prez.^{te} familia, ou estenda os olhos por toda a tua Ascendência. Não leio Montesquieu¹. Já folheei por elle; mas... quero te dizer tudo: a minha Theologia faz-me observar todas as Leis, que estão em seu vigor. Em sahindo um edital sensorio com a voz d'El Rey entrega-se quantos livros elle me prohiu: a minha delicadeza faz-me separar de todas as lições, em que eu descubro alguma coisa que possa enredar a m.^a cabeça. Isto nasce mais da fraqueza do meu juizo, que da delicadeza da m.^a consciencia / que assaz he grosseira/ porem eu conheço-me: sou facil em me preocupar do erro em elle vindo pelleado, e se o propoem author, que me agrada, hei de radicalo no coração. A falta de principio, e de Luzes capazes de me fazerem penetrar a mascara, em que se envolve a falsa doutrina he a base do meu receio; e em materia tão melindrosa, não me convem vacilar. Quem tiver o que a mim me falta, saberá fundarse melhor; e fará aquilo p.^a que tiver concelho. Algumas peças julga q certa peça [p. 2] de groços sobrolhos he summ.^{te} rigorista: não he laxista certam.^{te}; mas nenhum aperto tem, que degenera eu quando leio o Evangelio, quando o medito, acho largo tudo quanto o mundo julga apertado. Acho um homem que era D.^{os}, sug.^{to} as Leys do imperio, e fazendo milagres para não faltar a ellas, em fim são materias m.^{to} sublimes p.^a cahirem da minha fraca pena.

A sentença, que tu daz ao Eróe desprezador das mulheres², horrorizame, quanto a sua proposição: este moço não me he indifferente: choro nelle uns excellentes principios estragados pela lição de máos livros /perdoame/ são desses que tu aprovas.

¹ Apesar desta afirmação, os Condes de Vimieiro tinham na sua biblioteca, segundo o catálogo depositado na Real Mesa Censória em 1769 (IAN-TT, Real Mesa Censória 2476) a edição de 1758 de *De l'esprit des loix [Charles de Secondat de Montesquieu]: nouvelle édition, revue, corrigée et augmentée par l'auteur*; Amsteram: La Compagnie, 3 v. Para além disto, no mesmo núcleo da Real Mesa Censória (Cx. 12) encontramos uma solicitude na qual «Diz o Conde de Vimieiro, que na livreria da sua casa tem alguns livros dos prohibidos pelos Editaes desta Real Mêsza, os quaes deseja conservar, e ler para sua maior instrucção, e porque o não pode fazer sem licença de S. Mag.^o Pede a V. Mag.^o seja servido conceder-lhe a licença, de que necessita». Isto indica que, se bem não podemos saber se a Condessa lia ou não esses livros, é evidente que estavam ao seu dispor na sua própria casa, o que faz que as afirmações que faz a seguir em relação ao seu rejeitamento dos textos prohibidos deva ser considerada com cautela.

² Rousseau, cfr. com as observações sobre este autor em «Eu bugiar, com estas cans».

Tem um juízo vivo, e um coração que se esforça a ser cons.^{te} pela estrada da tenacid.^e; tinha mil dispoziçoens p.^a a virtude, que uma infeliz mão quiz cultivar nelle; mas as conveniencias de um estabescim.^{to} percizo, arrancaõ as tenras plantas daquella nova terra: ventos estranhos trocero p.^a ali groceiras sementes, cobriose o terreno de espinhas, e se alguém quer tocá-lhe, só com lagrimas e sangue o pode regar. Não discorras em quem seja o prototipo deste infeliz retrato; applica por elle alguma p.^{te} dos teos trab.^{os}, e ajudame a chorar a desgraça de uma Mai que inculpavelm.^{te} cooperou p.^a esta cruel transformaçãõ: eu sou sua amiga os seos trab.^{os} tocao me no coração sei os segredos da sua familia; mas nada posso fazer [p. 3] senão clamar a D.^{os} por ella. Esta parenta que tenho comigo, e que me faz crescer a pena de estar sem ti: diz q tudo aqui vem parar; que o comum das gentes se entereça pela sua familia julga que faz m.^{to}, mas que eu sem cuidar das do genero humano, me julgo inutil. Ora tem razãõ, porq eu taõ bem por *sublime christianismo* julgo q *nós somos uns p.^a os outros*, e que he maior mal q ser desgraçado, ser inutil p.^a o remedio alheio: quizesse D.^{os} que esta maxima fosse conduzida pela Charid.^e Christam, assim como procede de huma reflexãõ madura /mas o amor proprio, que envenena a maior p.^{te} das nossas obras, que misturas faz nas minhas? Estimo a saude de q.^m tanto a nececita, e des.^o que a tua se corrobore. A m.^a Digna Mae, diz-me q tu nada mostras no semblante o que tens padecido. Quem te podera ver! o meo Arborista¹, que tem a travessa petolancia de me perguntar *como está a nossa Lilia?* acrescentando *mandalhe recados meos, cheios de gosto p.^{la} sua melhoria*, tem a austera Philosophia, que o pega a sua tina, e eu a fraq.^{ma} condiçãõ de não poder viver sem elle. que remedio? Marcia nada me dizes a [sic] seculos; já te passaraõ as dores de dentes? D.^{os} queira que eu veja um delicado *sim* sahindo a surto dessa preguiçosa e gentil mãõ, que dezeja bejar com a mais viva ternura a fiel Tersea creada da Marqueza m.^a Ex.^a

[142.] Estremoz 27 de Novembro

Nem o furor da inveja, nem o fumo da Lizonja tiveraõ ja mais entrada no coração de Tirse. Isto suposto, Ex.^{ma} Lilia, diz a m.^a Theologia que a carid.^e he irmaã da justiça, e que assim como aquella me manda conservarme, esta me ordena que dê o seo a seo dono, sem excesso nem diminuiçãõ. Isto he o q.^e faõ q.^{do} te escrevo p.^a remedio de meo cançado peito e quando publico as tuas virtudes tais quais eu as reconheço se não digo tudo, he culpa involuntaria do meo entendim.^{to}; se imaginas que digo mais, do que devo, nisso mesmo me dá a tua umild.^e exuberante da verd.^e de m.^{as} expreçoens. Calarme neste particular, se não fosse obra de inveja, era certam.^{te} effeito, ou prova de pouco discernim.^{to}; e achas me tu com virtude capaz de querer passar por pateta? Eu espero salvarme; mas se D.^{os} me concedesse o bem infinito da sua posse, á custa desta umiliaçãõ; teria m.^{to} que vencer em mim p.^a alcançar o fim, por q.^e suspiro: e com isto concluo q.^e te louvo por justiça /ás vezes taõ bem por vaid.^e de te conhecer/, e que te escrevo p.^a remedio da m.^a saud.^e, e p.^a dezafoego d'uma amiza[p. 1]de verdr.^a e ternissima. He certo que a applicaçãõ me perjudica, mas temperasse este damno com os otros bens que recebo; e como estes saõ maiores fica verificada a m.^a propoziçãõ. Tenho tido um grd.^{mo} defluxo; estive na cama tres dias; começa a ceder, e inimigo q.^e foge não assusta. Eu tenho toda a certeza de q.^e me prometestes a remeça das estancias, e q.^e me dizias as mandavas por caza de m.^a May p.^a virem mais seguras; he crível que sua Ex.^a tenha m.^{to} bem guard.^a a carta, e que por tontisse da sua memoria me faça neste

¹ Sancho de Faro.

particular como ás vezes me faz n'otros; temos nossas brigas; ambas achamos que nos parecemos huma com a otra em ponto d'esquecim.^{tos}, e fica tudo como d'antes. Eu o averiguarei este corr.^o, e darei p.^a o q.^e vem, razão de tudo. Mal sabes o que fizeste em escreveres as duas regrinhas depois de dobrada a carta? puzesteme n'um farnezim inexplicavel, fallaõ me em diversas coizas, e a mim só me lembra querer ver esses m.^{tos} versos teos q.^e me prometes; no meio deste farnezim me ocorre o q.^e vou escrever, como sahe do coração merece desculpa [p. 2]

Venhaõ, venhaõ; ah desçaõ do Parnazo
Os fructos prometidos!
Venhaõ, chovaõ depreça, que m'abrazo
Numa cede voraz de beber nelles
Mil tragos escolhidos.
Tu Lilia sobreomana, que m'impelles
No peito um tal dezejo,
Corre, vem saciarme:
Umilde, o bravo Tejo
O pezo hade sofrer: por apreçarme
A vinda apreciavel,
A fresca viraçaõ
Benigna favoravel
As azas baterá:
O sol deipará
Os denços nevoeiros, e a prizaõ
Das congeladas agoas soltará.
Ah Lilia, cara Lilia, não retardes
Os dons, que prometeste!
As noites, as manhans, as breves tardes
Sospirando por elles gatzarei [p. 3]
Só nelles, cara Lilia, cuidarei.
Da cede que accendeste,
Ao menos por acazo,
Não sentirás no peito compachaõ?
Ah! demse a meos gemidos
Os fructos prometidos;
Venhaõ, desçaõ de preça do Parnazo
A saciar a cede, em que m'abrazo.

Dar de beber a q.^m tem cede he obra de misericordia; por ao menos por Carid.^e não tardes em mardarme o q me dizes. Espero que o teo silencio no ponto da saude do amavel *terno* seja umha tacita certeza da sua bond.^e. Praza D.^{os} que me não engane o meo dezejo! A D.^s querida amiga já me rodea D. Joanna, e ja me escarra otra peçoa ambas querem que cece de falar contigo: sera isto possivel? possivel he q te não escreva mas que não va p.^a ti de continuo o Coração de

Tirce isso não

Estremoz 28 de Novembro

[143.]

Delirio saudoso
A Lilia
Ode Anacreóntica

Porque? porque meo dezejo,
Se me leva alem do Tejo;
Se nesse valle me lança,
Onde entre as graças descança
Essa Nynfa delicada;
Por quem d'amor inflamada
Trago a mente em vivo ardor,
Porque não vence d'Amor
Que seos milagres ostente,
Transformando-se em Virente
Laurea rama destinada
A ornar de Lilia a fronte sublimada?

Ah! porque me não converte
Em vistoza branda fita
Que a bella trança lhe aperte?
Por que, se em meo peito grita
D'abraçala um vaõ dezejo,
Por que em vèo me não transforma,
Conque serve ao casto pejo,
Quando o lindo peito adorna?

Se o terno canto lhe inspira,
Porque em doce, eburnea Lyra
Me não manda transformar,
Em que possa Lilia achar,
Fiel, constante armonia?
Ah! que então Lilia faria,
Quando os dedos delicados,
Pelos pontos regulados
Agitasse com destreza,
Que se abrandasse a aspereza
Desta voz enrouquecida,
Que de clamar por Lilia, está perdida.

Porque em branda, fresca relva,
Onde Lilia peregrina,
Nessa oculta verde selva,
Pela sesta se reclina,
Me não tem ja transformado?
Ou em Zefiro amorozo,
Que vizinho ao rosto amado,
Brando gira bulliçoso?

Porque em vaso cristalino

Circulado d'oiro fino,
Em que a liquida frescura
Lilia rouba à fronte pura,
Quando à boca quer chegar,
Me não deixa transmutar?
Mas que digo? eu não mereço
Isto mesmo que apeteço

Ah! que Amor de mim zombava
C'os dezechos que inspirava!
Cara Lilia, não te enfade
O delirio da minha saudade.

Tu disseste ja que depois de m.^{tos} verzos era impied.^e escrever huma gr.^{de} carta.

Esta escandaloza proposição a teo resp.^{to} só por mim se deve entender e assim, m.^a Lilia ja que me sofres poetizando, será justo q me não sofras arengando. Este corr.^o faltaraõ as tuas novas, mas m.^a May supriu a falta dizendome que D.^{mo} te vira boa q inveja me fazem os seos olhos! oh! se amor me tivesse, escond.^o nesses p.^a ao menos te ver ja que não podia fallar, servirte, abraçarte. Eu não sei quando partirá o almocreve, mas ja agora levará sobre escrito p.^a tua May, tudo o que for: queira D.^{os} não dezechaminhe, e que a jornada de m.^a seja feliz. Eu ainda padeço do mesmo modo, o meo alivio tem sido fallar de ti e contigo, e persigo tanto este dezafoego, que toda a meditação destes dias, estando rezando com a m.^a familia, foi idear esse soneto. Desculpao, e sabe que me faz conta fazer valer a cord'amor; eu não sou branca, ainda que tenho olhos azuis; se tiver alguma coiza em que pareça contigo poderei chamarme... o q? formosa? mas assim ser cap.^{ta} tua, he o q onra a T

[144.] Quantas injurias me fizeste Domingo! estou bem com as da tua Filozofia; poco me scandalizaõ; com as de teo coração não pode acomodar-se a m.^a amizade. *Naõ pode ser mais tua L¹*. he dezengano, ou sentença? explicate, e com clareza; porq.^e supostas as tuas observaçoens estou contada no numero infinito dos estultos. Marcia, que me dizes as Lindas finezas de tua Irmaõ? eu tenho m.^{to} bem formada cabeça, e m.^a May que nunca fez elogios á m.^a cara sempre os fez a m.^a cabeça, chamandolhe *Linda, ayroza*, e não sei se a onrava com titulos de mais grave coturno agora sahe a Sr.^a Filosofa com esta observação de que não cabe o juizo em cabeças bem formadas, e fazme nascer o dezechos de transformarme no custodio do Primo Rodrigo. Argumentalhe com a tua, com a de tua May, e dizelhe, que proposiçoens absolutas saõ deficeis de sustentar. Dizelhe que ja que não pode ser minha, não se de a q.^m não a merece; que escolha entre os Filozofos algum menos porcalhaõ, porque p.^a mim isto de *dornas, e frangalhos* he coiza que de ordinario pertence menos a virtude, que ao *seo arremedo*, e de virtude entuvalhada /perdoeme Deos/ sempre tive m.^{to} nojo. Depois disto, descorre, qual seria o meo trabalho deitandome no lugar, q.^e tua May beja, um monco desmarcado &r.^a cuja cabeça he percizo anatomizar. ainda me arrepio: e como não esta feita a conferencia sobre a organização dos cascos de sua &r.^a; não sei quando

¹ Lília.

será a feliz occasiaõ de consagrar a Vesta aquella delicada vitima. Oje não tenho eu do de q.^m não pode ser minha. Purio, e o P.^{mo} Ar... Me vão fazer comanhia, e paraque seja completa a funçaõ la vai o P.^e Niceno estendido na sua Ode, e ja certo [p. 1] da sua predestinaçaõ. Eu m.^a rica Snr.^a conforme com a perfeiçaõ da m.^a cabeça, ainda que desconfiada pela inferencia de ser ôca, digo q.^e não gosto dos versos que remeto, e se o Autor he q.^m prezide na Assembleia, em q.^e se *jubila em Poezia*; pareceme hade ser facil em conseder os grãos. Por partes acholhe coizas bonitas; mas no todo, pareceme a pipa de Diogenes, quando elle estava dentro dellas. Que arcos escabrozos são alguns dos versos! até me parece q.^e ouço as malhoadas do Tanocino q.^{do} repito *um arremedo teo, que te tem odio*. A seg.^{da} estrofe e m.^{to} bonita mas taõ bem esta tem máo o ultimo verso, em q.^e acho languidez pela conjunçaõ e assento q.^e foi erro da copia porq.^e sem elle fica bem bom. A combinaçaõ de Palas não te parece que vem na 3.^a estrofe p.^a callafetar aquella junta? ora eu devo callar-me porq.^e não sabendo de arte não devo notar defeitos: não he poco achar gostozo fructo dentro da groceira casca, e se eu conseguisse tanto nos meos borroens devera estimalos mais que os pulidos talcos, com q.^e m.^{ta} gente grilha. Queria juntar contigo 5.^a fr.^a pode ser? Tudo isto he com Marcia que ainda não declarou q.^e não pode ser mais de

T

Forte feira de borroens! Devera copiar esta carta, mas q.^e trabalho p.^a q.^m acaba de escrever um correio!

[145.] Ainda antes de partir te escrevo otra vez p.^a te pedir perdaõ de huma dezordem q me faz não huma velha mas huma rapariga tonta O quejo de que falava he o q agora vai o outro foi por enganno perdoa que te restitua o primr.^o, porq ssuponho que será melhor que o que te foi podendo ficar ambos p.^a os almoços do rapaz. A D.^s m.^a Amada Sr.^a de

T

[146.] Minha Lilia, e m.^a Sr.^a sinto o teo cuid.^o como podes supor da m.^a amizade; mas dezafogome com a febre de tua May, porq he sintoma, que as hidropEZIAS não trazem, e por consequencia, fica a inchaçaõ menos perigoza. Eu não posso hir jantar no dia de S. Florencio, porq taõ bem cá fora ha neceçarias contemporizaçoens; mas faço tençaõ d'almoçar groço e sahir sedo p.^a fazer a tarde maior. Se teo Irmaõ vir à fr.^a não mostre especial conhecim.^{to}, e a tua carta, mande entregala ao meo escudr.^o Joaõ de Paiva, porque não convem, q se perceba [...]icaçaõ¹, em ordem as inspiraçoens: tudo são olhos [...] até a m.^a amiga, me falla nelle com soçobro. Ag[...] com D.^s que he percizo despachar o portador. A D.^s

26 às 11 da manhaã

¹ Lacunas polo mau estado do suporte.

[147.] As tribulaçoens da m.^a familia me fizeraõ ficar ontem sem novas da tua saude, podes crer o meo cuid.^o, e em recompensa mandarme miudas novas de todos vossês, pois q a sua saude, e o seo dezafoço me compença a paz q me falta, e que me foge q.^{do} a tenho quazi nas maõs. Comtudo as coizas ganhaõ por um lado tanto, quanto perdem pelo otro; e como a virtude he quem promove este lucro, suportaõ-se as perdas com mais [...]¹ Eu m.^a Leonor estou m.^{to} abatida; tenho chor[...^{to}] ora de ternura, ora d'afflicção tenho visto correr m.^{ta} lagrima, que dezafoço [sic] as m.^{as}, e tudo isto me embaraça responder as criticas do author, que me mostrastes, e a q.^m ainda não sei o nome; se eu lhe fallasse dir-lhe hia que eu ainda não sube [sic], que coiza era *deitar pó nos olhos de ninguem*, e que unicam.^{te} tenho prestimo p.^a tirar argr.^{os} q o vento introduz nelles. Ahi te mando p.^a te entreteres essa vizaõ: não te quero dizer o meo parecer, nem o Author p.^a que leias sem preocupação. Comtudo sempre digo que he desgraça de escolha, escrever de tal assunto pois, q os mais delicados talentos faz groceiros a falta de materia, em se [--]ercitem. Dize a tua May que as satiras vieraõ por engano, e q amanhã procurarei fallar ao ourives. Que me diga ella se lhe faz conta vender alguns dos robins, porq como ha falta delles poderá com o dinheiro, q lhe derem por elles comprar diam.^{tes} p.^a a mistura: taõ bem me lembra que poderia mandarse fazer alguma joya de gozto novo p.^a aproveitra esta occaziaõ; porq assim se reputaõ melhor. Em fim digame ella [...] parece p.^a eu sa[p. 1]ber emq heide rezolverme. Minha querida Marcia, apezar da tua rezistencia eu quizera apertarte e unirte ao meo p.^{to} com o mais carinhoso abraço: M.^r de la Roche Foucault² cada vez me pairesse mais sollido nas suas maximas Des houlieries³ cada vez mais terna p.^a com as suas amizades. A D.^{os} As muzas fogem de mim =Phebo de mim ja se esqueceu quem me chega a ver assim = com razaõ me desconhece.

¹ Lacunas polo mau estado do suporte.

² M. de la Rochefoucault (1665): *Maximes*.

³ Di Feijó no *Teatro crítico*: «Antonieta de la Guardia, noble Francesa, hermosa de apuesto cuerpo, y alma; pues por ella se dijo, que la naturaleza había tenido el gustazo de juntar todas las gracias de el espíritu, y de el cuerpo en una mujer; fue tan eminente en la Poesía, que en un tiempo en que este Arte era muy cultivado, y estimado en Francia, no hubo en todo aquel dilatado Reino hombre alguno que le pusiese el pie delante. Sus obras se recogieron en dos volúmenes, que no he visto. Murió el año de 1694 dejando una hija heredera de su ingenio, y numen, que ganó el premio de la Poesía en la Academia Francesa» (tomo I, discurso XVI, pp. 375-376 in www.filosofia.org/bjf/bjft116.htm) (05.01.2004).

O mesmo Feijó tamém se refere M. Desouliers nas *Cartas eruditas y curiosas*: «me han parecido dignas de imprimirse en la memoria de todos los hombres las tres siguientes sentencias de la célebre Poetisa Madama des Houlieries sobre el juego. *Un jugador de oficio, nada tiene de humano, sino la apariencia. No es tan fácil, como se piensa, ser hombre de bien, y jugar grueso. Los que se dan al juego, empiezan siendo engañados, y acaban engañando.* (De Madama des Houlieries se da noticia en el primer Tomo del Teatro Crítico, Disc. XVI, num. 121, debajo del nombre de Antonieta de la Guardia, que son sus propios nombre, y apellido, pues Madama *des Houlieries* se dice, siguiendo el estilo Francés en orden a las mujeres casadas, porque su marido era Señor *des Houlieries*» (tomo segundo, carta séptima «Dichos y hechos graciosos de la Menagiana», p. 59 in www.filosofia.org/bjf/bjfc207.htm) (05.01.2004).

Para além disto, Madame Deshoulieries é também citada por Maupoint (1733) na sua *Bibliothèque des theatres* na epigrafe «Gensenic Roy des Vandales»: «Tragedie de Madame Deshoulieries, jouée en 1680 par la Troupe Royale de l'Hôtel de Bourgogne. Cette Dame Deshoulieries qui se nommoit Antoinette du Ligier de la Garde, étoit femme de Guillaume de Lafond sier de Deshoulieries. Elle étoit de l'Academie d'Arles & mourut le 17 Fevrier 1694. Ses poësies sont très belles, surtout ses stances morales. L'ouvrage où l'on trouve qu'elle a les moins réussi, est cette Tragedie de Gensenic» (p. 151 in <http://cesar.org.uk/cesar2/books/maupoint/display.php?index=151>) (05.01.2004).

He humda da noite; pocos instantes restaõ p.^a estar em Lisboa antes de começar a m.^a peregrinação. A estas horas talvez sonhas comigo, amada Lilia /*Se he que posso crer quanto me dizes ao pé da letra*/ eu acordada discorro comtigo, fallo de ti, e de continuo mando os meos pençam.^{tos} ao citio, onde descanças. Mil ternuras te invio por elles; entregolhe mil segredos, paraq.^e os derramem no teo coração, e como se fossem capazes de penetrarlo, digolhe, que não misturem os affectos de ternura com os d'allegria para que esta reine sem susto, e faça que o teo animo triunfe da tristeza. Comque gosto participo das fortunas de q.^m joga com acerto! eu me consolo bem com os teos louros, e me lizongeio de que uns chamem por otros até que finalm.^{te} se croem com o principal que mais te entereça. Sinto no meo coração a molestia de q.^e te queixas; que seria o que te sobreveio? não posso imaginálo sem susto e com tudo parto p.^a as Caldas onde tarde saberei de ti. Mas que queres tu dezerme q.^{do} me chamas tua *Mestra*? quando fallas *d'imprudenzia*? de *nimia confiança*? *Tua Mestra*! he nome que nunca imaginei que se me participa; graças a D.^{os} nunca me veio essa loucura ao pençam.^{to} Se reprovas em ti a confiança que fizestes dos teos papeis, podes estar certa de que o erro estará no arrependim.^{to} Tu mostrastes que me conhecias agora melhor, do que ao principio; isso he o que costuma succeder com o trato. Ainda bem que te enganaste; ainda bem q.^e hum sabio se enganou, pois que medes assim o clariaõ a meditar sobre verd.^{es} que até agora não tinha aprofund.^o bem os meos defeitos são me tão familiares, que não posso estranhar que os descubra, q.^m me observa, seja qual for o motivo: he certo que me obriga mais quem tem valor de mos dizer cara a cara e não he percizo ser Anjo p.^a sacrificar [p. 1] à Amizade, toda a caramunha do Amor proprio: basta p.^a isso ter hum coração sincero e incapaz de supor dos otros o que seria orror se o concebesse. Não, Lilia, não seria possivel, q.^e Tirce, cheia da maior vaidade, devorada pela raivoza inveja, que os teus sublimes dotes podem cauzar a todos, não seria possivel, que, assim mesmo tivesse atrevim.^{to} p.^a *lançarte pó nos olhos*. Dura expreção na verdade p.^a hum coração como o meo! mas por mais dura que seja esse tem fundo p.^a a recolher sem prejuizo da mesma amizade que predomina. Que injuria meter o pobre retirado, que me não conhecia, mais que *pelas cabedellas*? as minhas reflexoens pareceraõlhe indiscretas, eu nunca tomarei a tua defença pois que eu sou a primr.^a que condeno de irregular de caçado &r.^a tudo o que escrevo. Depois de as julgar assim, que m.^{to} que se preocupasse contra o meo character? Nas mulheres he communissimo o vicio da ostentação: eu tenho trabalhado toda a m.^a vida por fugir desse erro comum; talvez me acometeria a vaidade de o ter conseguido, e para me corrigir ainda mais deste defeito vejo apropozito a tua confiança. Foi Providencia o que tu chamas inconsideração, e o tempo te mostrará que he o unico efeito que produzirá em mim a tua confiança. Oje tens mais razaõ p.^a me conheceres e p.^a não entras em dúvida sobre a ingenuid.^e comq.^e te fallo. Conservate, divertete, e como pelos mesmos passos tenho comprehendido o que se premeditava a teo respeito, crême que hei de trabalhar por te ver feliz. Ora AD.^s amiga do meo coração deixote entregue ao suavissimo prazer de uma agradavel correspondencia. D.^{os} permita que encontres nella todo o alivio que te dezejo e tu neceeitas. Alfido alvoroçase comigo, e eu protesto: com elle que emq.^{to} nos durar a vida respiraremos os mesmos sentim.^{tos} Eu suponho que o meo retrato acompanhará este papel, se deres novas delle [p. 2] dize, atesta, jura, que eu me oppuz ao Livro que tem na maõ. Eu respeito as sciencias, e he toda a vaid.^e que me rezulta de ter ouvido fallar nellas dezde os meos primr.^{os} annos: dize; que a affectação me não tenta, e se aparece nas m.^{as} [cartas]¹ he desgraça, que

¹ Entre linhas.

procede de escrever sem considerar. Ora basta de recados, que talvez não devaõ darse; este será sempre o meo voto; pode triste affligir-se, por isso mesmo q.^e me não conhece, e ignora que tenho sangue [sic] frio. A D.^{os} querida Amiga; *nom dir' mai più h'infada, e che spergiura io sono.*

Sim, Minha Marq.^{za}, eu sei q.^{to} custa aos teos lindos olhos o esforço da escrita; não era percizo, q.^e a tua maõ se empenhasse em me declarar as tuas ordens. La tens uma *caxorra* em caza, que podia poparte esse trab.^o, se tem preguissa, que aprenda a virtude contraria; p.^a consolar o seo proximo.

Ouves tu, Marcia Tan...? vê lá o que fazes daqui p.^a diante, olha que May, e Irmaã com com [sic] saõ as que te deo a natureza não se achaõ a cada canto; poupalas bem, he o remedio melhor p.^a as conservar; mas se o teo lindo peito se der mal com tanta escrita seja Barbara q.^m de de novas da arrenegada.

[149.] Amiga do meu coração. Amanhaã parto p.^a a m.^a Provincia o amor que me leva me dá forças p.^a vencer os obstaculos que se me apresentaõ. Parto saudoza de ti dos teos, e da m.^a triste May, que paga as minhas consolaçoens com as suas lagrimas cheias de ternura; ella te envia essa carta que oje recebeo, e eu estimo ter dado esta consolação aos dois partidos. Agora vamos a tratar dos teos negocios, que tanto me entereção como proprios.

Primr.^amemte [sic] dificulta o Administrador o sustento do cavallo por insinuação do Siabra, e eu não insisti, porq creio que será util cortar por este divertim.^{to} para evitar alguns riscos de coiza maior. Os collegiais, quando sahem a cavalo vaõ sós, e de ordinario não se recolhem no mesmo dia p.^a provarem que foraõ fora da terra Tua May ponderará isto, e estudará os meios d'adoçar esta repulça. Seguese o capitulo das mezadas. Assinte o Conego que não he de fiar o q diz S: a este resp.^{to}; que por isso ajustou com J:P: que fosse fallarlhe; se o tal S: tomasse assi este negocio independ.^{te} do M: se procurasse o acrescentam.^{to} e se fizesse delig.^{cia} por que ficassem em 150\$000; mas que se quizesse comunicar ao M: esta depend.^{cia} entaõ lhe pedisse suspendesse a pratica pela não por em peor estado. Ajustei que nestas sircunstancias se intentasse entaõ a cobrança da mezada de tua May; mas que em quanto não tivessemos certeza de se não aumentarem as mezadas ordinarias, se não tocasse neste ponto; p.^a nos ficar este corpo de reserva p.^a novos ataques os quais eu espero reforçar até ver se as ponho a vossés com 200\$ cada mez. Instei porque me dessem agora 100\$000 p.^a as bacatellas que necessitas a isso não tive decizaõ pró; nem contra Tudo isto tratei oje, e se me esqueceo ajustar dia em q vá o Administrador com o Conego conferir o modo de salvar os direitos da caza, contra as pertençoens de M.^a do Rozario, mas eu farei ainda esta delig.^{cia} Dize a tua May, que o *saraiva* he m.^{to} bom letrado, que foi elle quem fez o testam.^{to} do meo cunhado, e que o Marq.^z de Pombal o gavou dizendo q aquelle omem sabia entender as Leis; mas que saiba, que se costuma pagar m.^{to} Remeto o teo livro por não faltar as tuas ordens, e essa carta p.^a cumprir a palavra que dei a Marcia verá ella porq razão vamos saltando p.^a os Alfidos, e verá tua May que a sera terá chegado, que he percizo mandala buscar à ribeira procurando Almocreves d'Evora que tragaõ carta ou encom.^{da} p.^a ella.

Ora a d.^{os} [sic] amiga do meu coração Conservate p.^a consolação a tua

Fiel Amiga
T

A pastoral em que te fallaõ as meninas he uma ridicularia que eu lhe fiz com m.^{ta} preça, supondo, que não paçaria dellas, e como julgava que ellas não eraõ intellig.^{tes} deixei passar m.^{ta} coiza, que eu tenho reprovado q comecei a emendar; mas que não acabei. A D.^{os} que não sei o que escrevo.

[150.] Estremoz 16 de Oitubro [...] ¹

Lilia do meo coração não tenho no[vas] tuas este correio; e esta falta immediata a hum susto que teve por conta do teo nome me tem feito m.^{ta} impreção. Acabava de fallar em ti: Li uma carta, emque me diziaõ q tinha fallecido Leonor d'Almada, Li Almeida; esfriei de repente, e pusme em sicunstancias de não poder rezistir, se ao lançar os olhos mais para baxo não visse *Lagares*: isto me animou a ler o mais, e confeço, q custandome ja oje m.^{to} a perda daquella boa parenta, e melhor amiga, entãõ respirei, e pareceme, q dei graças a D.^{os} Se te faz conta a m.^a vida trata de passar bem, ou faze delig.^{cia} por te fingires menos amavel, pois que em quanto eu te cosiderar como es, o mais grato objecto da m.^a amizade, não poderei suportar coiza alguma q te arrisque. Dame novas de Marcia, de tua May, de Pierio; mas com todas ellas venhaõ as tuas sem o que não pode ser feliz [p. 1] a tua T.

[151.] Como passaste amada Lilia? eu sospirando pela agradavel comp.^a que larguei a meo pezar. Dame novas da tua dor da tua febre, do teo socego, pois q tudo me entereça em grao igual. Fallame de Marcia, de tua excellente May mandame versos teos, mandame, os q me nega a terna e maligna companheira dos teos estudos, e se podes onrame ainda por modos mais delicados, que tudo te merece o inflamado coração da tua saudoza Tirse [...] ² mando o que tenho cá, e te pertence, porq esta [...] tas q.^e arriba a Moçambique p.^a chegar a Goa. [...] milia do doente e vivo nos dezertos da Libia. Queria mandarte por me livrar de copias, hum borrador em que estaõ os sonetos que tu queres mas tenho dois embarços; o primeiro he a poca segurança do mensageiro o sengundo estarem nelle algumas coizas, de q se não offende a decencia, mas que poderaõ disgoztar a modestia de quem acha sem sabor a comp.^a d'um... Eu trabalharei por salvar este inconveniente, e te darei huma prova de que te he fiel

T

¹ Lacunas polo mau estado do suporte.

² Lacunas polo mau estado do suporte.

[152.] Estou-me vestindo p.^a hir p.^a as Nececid.^{es} assistir a nossa festa das escravas, por isso não posso responder aos galantísimos escritos de V. M^{es}: eu irei terça fr.^a dar os parabens dos annos da May, e da f.^a, e não vou na seg.^{da} porque quero estar só com as f^{as} do S. A Snr.^a Lilia deo ontem [...] ¹ --ova de que o arrendim^{to} era sincero; se [...] --cella nota, não hiaõ oje estes sonetos que não [...] --tar copeando: em os lendo torna a mandarmos [...] e derramar o verniz das suas, emendas. Só então ficaraõ dignos de estimarse. A grata Avó abraça as suas lindas Netas de todo o coração, e eu digo a tua May que *poz, cor, e enfeites*, saõ demais na formozura: he

Cap.^{ta} de V. Ex.^a

Thersea Marcelina de Lilia

P:S:

Estou boa, e a molestia que tive hontem he taõ grocr.^a como *um não quero que não se escreve*.

[153.] Estou com o maior cuid.^o em ti pelas novas q ontem me deo a Penalva. Disseme/ ve que susto m.^a Adorada Lilia/ q os teos bell.^{mos} olhos tinhaõ padecido huma terrível convulçaõ. Estremeço só em consideralo. Disseme, que tinha morrido hum creado antigo cujas confrontaçoes, me fazem crer q será o Diocletiano [sic] da tua familia; mas se este não foi e te faz falta bem podes julgar quais seraõ os meos sentim.^{tos} Li a tua Egloga e a relerei mil vezes sempre com o mesmo gozto: duvido se hirei na 5.^a se na 6.^a, porq a C.^{da} d'Aveiras² me pedio q a levasse ao Paço, em hum destes dias se me ficar livre a 5.^a não te farei avizo algum, porq he sinal de q vou, se ouver de hir na 6.^a eu te avizarei na quinta a oras de te não incomodares. Dame novas da Marcia e da tua May a q.^m a m.^a b.^a as maõs. Ella fica com m.^{to} defluxo, e eu taõ bem o tenho de modo que não posso continuar A D.^s m.^a Sr.^a e m.^{to} m.^a Lilia a T.

[154.] Estremoz 14 de Fevr.^o de 1[7--]³

Naõ, minha, Linda M[arci]a [...] lances os teos formossimos olhos p[...] o meo triste coração: o receio de que lhe prejudique este excesso faz crescer a angustia em que o deixa submergido a noticia da molestia da nossa cara Lilia. Ah! Lilia adorada, que poco vale huma amiga, pois não consegue pouparte nenhuma das tuas afflicções! Triste condição da fraqueza humana! não bastava a m.^a amizade o golpe da separação; era percizo taõ bem o martirio de hum cuid.^o para que fosse completa a m.^a amargura. D.^s faça, comq tenhaõ ceçado essas impertinentes sezoens! D.^s fortifique as duas delicadas

¹ Lacunas polo mau estado do suporte.

² Leonor Maria Gonçalves Zarco da Câmara (n. 1749), casada com Nuno da Silva Telo e Menezes Côrte-Real, 2º Marquês de Vagos, 7º Conde de Aveiras (1746-1813).

³ Lacunas polo mau estado do suporte.

Enfermeiras para que não cedam ao trabalho, e me dem a consolação de saber, que estão restabalecidas [sic]: Estes, m.^a Marcia, são os votos q de prez.^{te} faz a fiel Tirse, e aquella mesma ancea q a faz suspirar pelas tuas novas [-- o]briga [p. 1] a por ter[...]nta não querendo obrigarte a [...]aiaor [...]tura. A D.^s m.^a S.^{ra} beja a mão a tua May dalhe por mim hum abraço, e ficarás paga do que te faz sofrer a

Fiel Saudoza

T

P:S:

Naõ escrevo a D.

Dionizia.

[155.] Ja m.^a Amada Sr.^a te dei novas minhas, não pude conseguilas tuas, porq sem depender da sorte tenho razão p.^a me queixar dos Fados. Bejote mil vezes as mãos, com q me favoresses, e o excesso a q obrigaste teo Irmaõ; elle me lizongeu com as provas do q te devo, e eu confeçarei sempre q.^{to} me obrigas. E tu Marcia adorada q me dezafias pergunta a Lila q.^{do} me verás; o máo he q huma grade nos separe, e q tantos mirones [sic] nos observem. Pomme m.^a Sr.^a aos pés de tua May em q.^{to} no meo coração rendo mil agradecidos protestos a [sic] bellissima Lilia de q.^m he

T

Disculpa [sic] se achares
erros.

[156.] He verd.^e Sr.^a D. Lilia que não tenho escrito mas [naõ]¹ he certo que não queira verte, queroo e previniame [sic] p.^a ter esse gozto quarta feira/ antes he impossivel/ mas se te não tenho escrito não tenho perd.^o occasiaõ de procurar servirte. Seg.^{da} fr.^a gastei a tarde fallando em ti, piangi, m'affligii; ma niente ottencor mi é [----]. Não posso dizer mais; teo Irmaõ tem tido m.^{to} defluxo, se de mistura ha mais alguma coiza poder[iaõ] ser consequencias da liberd.^e; mas eu ignoro e me siguraõ, que oje te hia ver. Tu me dissestes o que pad[e]ceo Marcia coitada tudo me doe. Eu tenho tido m.^{ta} molestia, e agora não faço esta sem dor de cabeça. Não digas que voiu quarta fr.^a se eu poder de repente apparecerei e amtaõ [sic] direi o que agora cala a tua fiel

T

[157.] Fez annos tua May, e tu... cruel intendeme, e satisfazeme. Eu não ando boa, mas saio fora por q assim he percizo; hei de hirte ver porq me he necessario. Abraça tua May a q.^m não dou os parabens porq tu não queres nem a Marcia porq taõ bem não quiz. A D.^s Lilia da

Fiel

¹ Lacunas polo mau estado do suporte.

Assim como no inverno regeládo¹
 As marítimas Ninphas tiritando
 Estaõ Padre Oceano [estaõ cercando]² rodando [sic]
 [Lá]³ no fundo [la]⁴ do már [triste]⁵ frio e salgado

E nem o pescador lasso e forçado
 Que as praias cuidadozo anda cercando
 se apercebe do [ma]⁶ como estaõ paçando
 As nereidas do Pego/Centro⁷ prateado

[Assi]⁸ [Tais saõ]⁹ tres coraçõs [q]¹⁰ somergidos
 Das angustias crueis, no grau supremo,
 Solução sofucados, [oprimidos]¹¹ e esquecidos

Ah quanto dura sorte, quanto temo
 Que o som dos sentidicimos gemidos
 Nem já fira os ouvidos de Palêmo

[158.] Lilia do meo coração o peito não me permite a unica consolação q
 consintia o destino q.^{do} me separa de ti. Não posso escrever: isto faz comq apenas forme
 estas regras. Não tenho tomado o capillaer¹², porque tomo hum remedio feito com
 caracoes; se o tempo mostrar que este me não livra lançarei maõ desse a q.^m o teo cuid.^o
 comunicará toda a virtude. Diz a tua May que se não fatigue por exceço de gratidaõ e a
 Marcia q me ame, ainda que eu não mereça que me estime: forte propozição! mas eu
 acho em bons autores *ch'e giustizia in amore il riamare*. Minha May chegou bõa Graças
 a D.^s ella se poem aos teos pés tr.^a O P.^e das mezadas [...] ¹³, Lx.^a creio eu A D.^s que não
 he possivel escre[ver...] sou, e serei

Tirse fiel Cap^[ta] de Lilia

¹ No sobrescrito; nom parece a letra de Tirse.

² Riscado.

³ Idem.

⁴ Entre linhas.

⁵ Riscado.

⁶ Idem.

⁷ Pego escrito sobre Cetro.

⁸ Riscado.

⁹ Entre linhas.

¹⁰ Vários riscos, entre linhas.

¹¹ Riscado.

¹² Em carta de Leonor de Almeida a Teresa de Mello Breyner («2 de Fevereiro») lê-se claramente Capilaire: «dize-me que usáste do Capilaire que certam^{te} he prodigiôso»

¹³ Lacunas polo mau estado do suporte.

[159.] Lillia, Amabelissima Snr.^a do meo coração: quando me gabas as m.^{as} trovas persuad.^a de que valem alguma coiza /pois q tu as lovas/ dame appetite de encorporar-me com os sectarios das Muzas, e de gritar com elles apezar do receio de arrebenatar. Comtudo agora está a vêa entupida com mil ideias funestas, que a morte anda semeando a roda de nós; por isso te não mando algumas redicularias, que teria posto em verso pelo gosto da fabula, que te mandei: se o tempo melhorar, e o espirito convalescer, aproveitarei as ideias de brinquedo, que ás escond.^{as} da Reverenda velhisse, inda me vem à cabeça. O defluxo vai de vencida; mas ainda ás vezes me persegue, por q o rigor do tempo nada concorre p.^a o alivio. O que eu tenho na communicacão de pessoas instruidas não he pequeno soccorro. Huma mulher ignorante que não tem os teos talentos p.^a estudar, instruesse melhor ouvindo, e discorrendo. Por cá não ha m.^{to} quem conhe[p. 1]ça a fundo a pura linguagem do Parnazo /excepto An.^{to} Diniz quando por cá apparese/ com tudo ha quem a respeite. Ate o meo confeçandr.^o lhe he afeiçoado, e não obst.^e ser o omem mais capaz de fazer medo ás creanças; quando lhe chega a sua vez de Poeta, não he de desprezar. O tal *soeiro*¹ a quem se dirigia a Epistola aremeçasse; tem suas luzes de critica; faltalhe m.^{to} da Natureza, e como se satisfaz m.^{to} de si, não supre a arte esta falta, com tudo tenholhe visto hums sonetos sofriveis, e otras coizas desta natureza. Aqui está agora n'uma delig.^{cia} de servisso o Corregedor d'Elvas, que nos faz exellente comp.^a; o máo he q elle vaisse, p.^a o seo destrito, e nos p.^a o nosso retiro do Vimr.^o até 6 de novo Anno². Tu sabes que o ar da Provincia não me he contrario; se eu podera ter comigo hum terno de tristes amiga, e m.^a May, crême q nada me faria suspirar por Lisboa; porq ainda q deva m.^{to} a outras, e que as m.^{as} parentas mostraõ q me dezejaõ, eu sei que lhe não faço verdr.^a falta. O mais que costuma lizongear nas Cortes não me [p. 2] faz a mim appetite. A socied.^e he oje taõ pencionada, e esses pocos talentos, q D.^{os} fiou de mim valem taõ poco vulto onde todos querem brilhar, que nada me lizongeaõ os votos dos cortezaõs sempre suspeitosos aos que se coztumaõ a singeleza do campo. Agora pelo que toca a M: confeço a m.^a inspia [sic] declarando que fiquei em jejum. Tanta coiza me figurou, q sem saber o que escolha reg.^{to} tudo até ver o partido que me convem abraçar. Ja te suponho entregue do grande rol, e não escrevo a este resp.^{to} em carta separada a tua May, por contemplar a sua difficuld.^e nestes escritos. Não posso deixar de sentir, que ella, e taõ bem tu imaginem que eu lhe dou presentes; hum retalho de pano, q nem parese fino, porq o pizaõ, o não quiz deixar fazer a sua figura: perduto [sic] de lam de tres ovelhas, a q eu chamo minhas, por serem as unicas q ha no rebanho daquella cor, não merece a alcunha de presente. Sabes tu o que merece q se gostares te servas [sic] delle se não gostares francam.^{te} o dez a alguma das tuas creadas. o retalho q he menor lembra[p. 3]vame que tua May o adoptaria pela cor, o que se está fazendo he cor de canella, e verde claro, em ricas como cordaõ supostas estas noticias governate como quizeres. A resp.^{to} da consignaçaõ que tua May quer fazer ja disse pelo almocreve o q entendia, faça ella o que quizer e como quizer certa de q nada me he mais util que servila, e que se ella quer conhecer esta verd.^e p.^a me não tornar a injuriar q se ponha no meo lugar, e q me julgue por si. Estou escrevendo com m.^{to} má pena, e peor tinta; destes picipios nasce a indecencia desta carta que tu desculparás, pois que sabes quanto he penozo copear. A D.^{os} amiga do meo coração, se Marcia se não lembra de mim saiba ao menos que eu lhe sou fiel, que me entereça o seo socego, porq he igualm.^{te} a sua felicid.^e

¹ Nom localizamos nengum *Soeiro* no século XVIII, mais si um *Sueiro* Alvares Fernandes, promotor da Publicaçom de Jerónimo Contador de Argote (1742): *Parecer anatomico historico, critico, e juridico sobre a dissertaçam historica, e critica de huma inscripçam que existe no Campo de Santa Anna na Cidade de Braga... pelo Dr. Eligio Albornos de Macedo dado à luz por Sueiro Alvares Fernandes*; Lisboa: na Officina de Miguel Rodrigues.

² Entre linhas: «o meio bordear».

o objecto dos vottos da sincera

Tirse de Lilia

[160.] Com que o *meo defluxo fazte mal ao meo peito?* agora conheço, amada Lilia, que as m^{as}. expreçoens tem algum valor, pois que tu as adoptas p^a. favorecerme, a dois carrilhos. Estou, m^a Sr^a. sem defluxo; mas tão penetrada pelas pocas esperanças de vida, com que ficava a Tia Luiza¹, que passo as noites sem socego, e os dias com afflicção. Ella tinha virtudes, que eu respeitava; e algumas qualid.^{es}, a que o meo coração não reziste, quando as descobre; seo marido adoreme, e talvez tenhaõ suas f^{as}. que invejar no carinho, comq sempre me tratou: ella sempre pagou, os effeitos da m^a. amizade com huma estimação, que se equivocava com respeito; e por ultimo, agonizando, se lembrou de mandar-nos agradecer, com huma presença de espirito, que me desfaz o coração de pena de nao poder assistirlhe até o ultimo suspiro. Por otra p^{te}. vejo o Tio Marquez de Tancos em estado de não prometer duraçãõ, seo f^o. arriscado, a sua caza em trab^o., e toda aquella familia /que eu não separo da m^a. pela grande amizade de que em todo o tempo tive [p. 1] com a m^a. Excelente Marq^{za}. de Niza/ he hum novo estimulo de mortificação p^a. mim Se olho p^a. ti em quem contemplo hum objecto capaz de satisfazerme, vejote cercada de tudo, o que dificulta [sic] a tua felicid^e.; em fim este dom preciozo da amizade, que tão raras vezes concede D^{os}. ás gentes d'oje, este caracter, que me faz onra, he o meo fagello e ha de ser a m^a. destroiçãõ. Eu não posso viver vendo infelices [sic] aquelles, porquem o meo coração se entereça; a maça da natureza cede á agitação do espirito; e não he possivel que rezista m^{to}. tempo, se esta agitação se reduzir a motu continuo², como vai succedendo pelas frequentes occazioens de pezar, que D^o. nos manda. Mas eu abuzo da tua paciencia, com o meo dezafoço; passemos a outra coiza.

Agradeço-te as noticias, que me das de J:I: tão bem para ella sou eu pedra d'escandalo? tem razão: a tua amizade he mui precioza; e se ella se persuade de que eu a logro, justam^{te}. me inveje. Mas pelo que eu vejo da tua carta, cedo estará em sircun[p. 2] stancias de insultarme na gloria do seo triunfo. Se conservas o meo Idilio dos *Delirios*³ guarda-o, ate que J:I: me justifique as expreçoens e talvez as profecias que encerra. Que te parece Marcia da nossa Lilia? olha como insensivelm^{te}. vai abrindo o coração á nova amizade; ella não a conhece, cuida, que he brinco, mas eu sei q *fingindo l'incomincia, e vedrá por quanto e breve il sentiero che del finto in amor conduce al vero*⁴. Não temas, não, que te dificulte o comunicarme

"Otros seraõ daqui para diante

"Os cuidados de Lilia vacilante.

Observa tu os movim^{tos}. do seo coração, as perturbaçoens do agradavel semblante. Huns olhos forcejando contra a sua viveza p^a. occultar os segredos do coração; hum sangue amotinado, que apparese nas faces de repente, e que de repente se precepita no coração. Hum surrizo [sic] que supre a falta da allegria, com que d'antes se festejava o nome de [p. 3] Tirse; huma aparente indeferença, que dissimula o alvoroço ao preferir d'Aonia; huma impaciencia se tardaõ as suas noticias; hum fastio se as m^{as}. se multiplicaõ. Huma ambição de ler o que ella escreve; hum cansaço insoportavel, quando insta a civilid^e. porq me responda; em fim todo o pico⁵ da novid^e., em opposição a insipidez do costume; veraz brilhar nas suas acçoens apezar da constancia de Tirse, que fiel ha de prezistir [sic] em amar a sua indiferença, tanto, quanto tem adorado o seo favor.

¹ Luisa Josefa de Mello, tia paterna de Teresa de Mello Breyner, freira no Convento do Sacramento (n. 23.04.1712)???

² 'Movimento de um mecanismo que, após incidido, continuaria indefinidamente'.

³ Refere-se provavelmente ao «Delirio saudoso. A Lilia. Ode Anacreóntica»

⁴ Metastasio.

⁵ 'Grande agitação ou tumulto'.

Naõ te enfureças, Lilia belissima, que eu naõ tenho culpa de saber conhecerte; eu já te disse q amor sabe esquadriñar com arte hum coração, e como elle anda comigo, avizame de tudo o que te resp^{ta}.

Marcia naõ tenho razão? Ay que se enfada certa peçoal surriada; que desconfiou! surriada que naõ percebeo a m^a. travessura! Ora venha cá m^a. querida Lilia, venha cá, faça-mos as pazes; [p. 4]¹ quanto disse foi brincando; e como posso eu duvidar do que te devo, se cada dia me lizongeias de novo com as evidentes provas da tua ternura. Parece-me bem que te divirtas; e se o tempo te mostrar q *Aonia* he digna do teo amor, naõ lhe sejas injusta concedendolhe só estimação. O meo sistema, nesta parte, he singular; e quando eu vivia com a m^a. boa May, defendia-o com tal ardor, pelo gozto de a ver contrariá-lo, que ella chegava a enraiveser-se; e eu taõ má que gostava. Com tudo, naõ te deixes allucinar, *pela sincerd^e*, *que inculca*, naõ lha disputo; antes o seo excesso he que lhe condeno, porque com elle, a degrada da ordem das virtudes. E entaõ, ainda estas mal comigo? Marcia vem em meo socorro; sentaa no teo collo; encostalhe no teo peito esse raivozo semblante; comunicalhe a tua ternura; e de que modo? tu o sabes, e eu naõ posso diselo porq vou p^a. a missa a D^{os}. adoradas Meninas dos tristes [p. 5] olhos de

T

[161.] M. Snr.^a e amada Lilila a tua dor he a q me dóe mais, presentem.^{te}, a m.^a tem se extinguido e so me resta o cuid.^o q te mortifica. Estimava q a medecina aproveite acho q se deve tomar duas vezes na semana seg.^{da} e quinta fr.^a, porq se o seo uzo dispozer a natureza rebelde podera depois passar desta ordem a outra, ou mais util ou mais neceçaria: na inculca nada tem a doente q me agradeça assaz me satisfaço de merecer huma condescendencia, isso me basta. Agora naõ he possivel dizerte mais. A P.^{ma} Mag.^{na} de Lencastre² está m.^{to} mal. A D.^s A Mae e mana &r.^a

[162.] Lilia do meo coração. Recebi o teo escrito hindo p.^a caza de Joana de Mello³ a q.^m ha m.^{to} devia visitar; e com mortificação m.^a tenho deixado de buscar novas tuas; porem nem tudo o q o pairesse he possivel, e estes crueis banhos p.^a tudo me servem de embarasso. Agora escrevete q.^{do} os otros dormem; porq amanha he percizo hir a Belem e gastar por lá todo o dia. No seg.^{te} sou obrig.^{da} a ficar em caza, porq me querem vizitar varias peçoas; quarta fr.^a saõ os anos do meo Tio Breyner⁴, e na quinta tinhanos elle convid.^o p.^a hirmos a Queluz; naõ sei, se este convite terá effeito, se o naõ tiver hirei aproveitarme do gosto de te ver, e ouvir, mas se o naõ conseguir nesse dia, naõ pode ser antes de sabado, porq me querem obrigar a tomar remedio, que me prende em caza. Naõ tenho cá o detyrambo d'Antonio Deniz, tenho alguns Idilios, que levarei quando for verte, para satisfazer á promeça de os naõ largar da m.^a maõ mas nem estes saõ os melhores, posto q imitaõ os de Theocrito: eu farei delig.^{cia} por haver delle mais alguma coiza p.^a satisfazerte. Minha Irmaõ mais velha quer novas tuas e a seo resp.^{to} tenho que dizer alguma coiza a tua may, a q.^m bejo as maõs, e taõ bem a Marcia: fico entregue das rendas, de que darei conta; e da de dois tostoens heide querer mais varas, e seraõ percizas oito. A resp.^{to} das Muzas nada tenho que te dizer de novo. Dormem p.^a mim, já me naõ vizitaõ; tem f.^{to} de [ti] seo idolo, e zombaõ da tua

¹ Desordenadas na cópia em microfilme: as pp. 1-4 nas imagens 38-40, e as pp. 5 e 6 nas imagens 32 e 33.

² Colocamos como hipótese Teresa Madalena de Lancastre (n. 1701), irmã de Maria Josefa de Nazaré de Lancastre.

³ Resultou-nos impossível verificar a identidade desta Joana de Mello, sem máis informaços, já que se trata dum nome mui comum entre a nobreza portuguesa da altura.

⁴ Teresa de Mello Breyner tem dous tios maternos: José de Menezes da Silveira de Castro e Távora, Senhor de Patameira (1713-1780) e Francisco Xavier José de Menezes Breyner (28.07.1724-24.02.1807)

Fiel
T

[163.] M. Querida Sr.^a esta tarde tenho grade offerecida pela Tia M.^{na}, entãõ espero verte; governate a este respeito, seg.^{do} te parecer prudente supoztas as doutrinaes freiraticas; mas se me tardares logo te mando chamar. Entãõ direi de mim o q agora nãõ posso porque vou comungar, e pedir a q.^m pode felicitrte, q nãõ tarde em despachar os rogos da tua

T

Abraça por mim tua May e Irmaõ

[164.] M. Adorada Lilia ontem nãõ me foi possivel procurar o gozto das tuas noticias agora o faço sospirando por te ver. Quarta fr.^a dezejei de balde hir aturar a dureza desses ferros p.^a me grangear a consolação de te ver, mas nem isso foi permetido o [sic] meo saudozo coração, que nãõ tem otro partido mais que o d'egemer [sic], de baixo do pezo desta cruel separação. Dizemo [sic] como passas, e tua May; nãõ deixes de me fallar de Marcia que he, como tu sabes objecto m.^{to} intereçante p.^a a nossa amizade. Eu passei estes dias com m.^{to} aperto de garg.^{ta} creio que foi convulção oje estou boa e he provid.^{cia} por conta da jornada. Fozte m.^{to} pontual em mandar o dinheiro dos panos; eu nãõ te quero servir p.^a te vexar; toda a peçoa estimará fazerte o poco p.^a que eu me offereço, a deferença [sic] devia consistir em terem V. Ex.^{as} comigo menos nececid.^e dessa promptidaõ; este anno heide mandar saber de Salvaterra como foi a colheita, e se foi boa de modo q fassa conta mando logo vir as 24 arrobas, em sacos q suponho podem ter serventia na caza e q.^{do} nãõ tiverem outra coiza p.^a q lhe seja percizo o dinheiro entãõ mo pagaraõ. A D.^s m.^a Amada vou jantar com m.^a May nãõ sei se p.^a lhe deminuir [sic], se p.^a [...acr]escentar¹ as saud.^{es} A D.^s Lilia de

T.

[165.] Minha Excelente Sr.^a eu estou com tal perturbação de cabeça, q nãõ sei o q escrevo nem como escrevo: o frio costuma fazerme este effeito. A tua molestia faz crescer a m.^a; nãõ me dizes o q tens e eu tudo receio quando te queixas. Nãõ posso darte dia p.^a te ver; porq successivam.^{te} vãõ embarcados [sic] até oito mas se eu poder a sete apparecerei nesse triste vale onde a sorte me tem cap.^{ta} a mais dilicada porção do meo mais vivo interesse. Nãõ posso persuadirme que te agradacem os meus antigos versos tens m.^{to} bom gozto p.^a adoptar friolr.^{as}; he certo que teo Irmaõ nos fez m.^{ce} e q nos nãõ podemos aproveitarnos do seo favor porq tinhamos sahido todos; ate estes dezencontros sãõ contrarios aos meos projectos. A D.^s m.^a Amada. Recomendame a tua boa May, e sustentame no favor de Marcia, ate porq sou

Cap.^{ta} tua

¹ Falta um pedaço de papel.

[166.] Que tristeza Amada Lilia, que tristeza cobre o meo coração depois que te não vi? quero confeçar tudo: q tristeza toda alma [sic] me occupa, desde que cheguei a por em ti meos olhos? não te assustes; não me julgues groceira, não condenes hum delicado movim.^{to} da m.^a ternura p.^a contigo. Fezse me insoportavel o citio a grade, a companhia: aborrecime de mim porq não posso vencer a dura sorte, em fim por mais que diga não te sei explicar o danno que me fez verte, e não t'abraçar: ouvirte e não poder imprimir em tuas delicadas mãos/ tremo de subir mais alto/ os mais ardentes testemunhos da m.^a gratidaõ. Tua May, amavel May! a terna Marcia, maligna mais que nunca e sempre bella! ambas longe de mim! ambas amaveis, ambas dignas copias de ti, e ao mesmo tempo, impossiveis dezafeitos a m.^a saud.^e á m.^a ternura! Dura sorte, o fado de [sic] destrua, ou te mude de todo a natureza! Eu cheguei com [sic] podes julgar, depois disto, que te digo; e agora estou aborrecida de tudo quen não he fallar de ti ou contigo. Não me sinto boa mas como não tenho sezaõ tudo o mais será menos. Os que me acompanharaõ dezejaõ reverentes protestar que te conserves, q vivas, e q me compences quando [sic] por ti soffro procurando pouparme ao disgozto de passares mal. Tanto espera de ti a tua

Fiel T

Marcia tudo fala contigo quanto neste digo a tua excellente Irmaã, tudo m.^a Marq.^{za} igualm.^{te} te pertence: eu me enteneço, e por tal modo q não sei continuar. Lilia se quizeres passa os olhos sobre essas rimas que meditei quando hia buscar o gozto de te ver. Aqueles tristissimos genios tudo embaraçaraõ, e querias tu q eu cantasse? Vaõ taõ bem as cantiga, que lembraraõ, e que eu não quiz cantar, porq já não vinhaõ a tempo: foraõ feitas quando Aonia te pertendia. Tenho varias emendas q te [p. 1] mandar p.^a q as acomodes nos lugares dos dezacertos dos meos chamados versos; mas não pode ser agora poq me está arrepelando m.^{to} huma creada apesar do poco q eu gozto de q mexaõ em mim A D.^s

Ainda não recebi
a tua carta

[167.] *cara Tirse assim vereis*¹. Sabes igualm.^{te} que a concorrência de duas vogais huma no fim da palavra, e otra no principio da seguinte fazem sinalefa, e por consequencia huma só silaba/ excepto q.^{do} he aguda a ultima silaba da palavra anteced.^{te}/ Isto supposto [naõ]² está certo o verso= *caer do alto assento sublimado* pela mesma razãõ fica comprido ao que dia *Saõ so os que não vem isto indifferentes*, porque o monosilabo só por ser agudo não admite sinalefa, nem *vem* porq o *m* não se perde nas dissoens portuguezas, como nas latinas, e se Camões uza em algumas p.^{tes} dessa liberd.^e, taõ bem uza d'outras, q hoje estaõ proscritas, e que so se permitiraõ a hum Epico de pr.^a classe Estes e outros descuidos, como saõ ficarem os toantes junto dos consoantes nestes quatro versos

«Que o rico descuidado

¹ Carta em mau estado; falta polo menos a primeira página.

² Entre linhas.

«Naó lhe lembra o futuro nem passado

«Allegre vive quando

«Mil, e mil coraçoens vão sospirando

São descuidos que facilm.^{te} a reflexão corrige mas que não desculpaõ os que não tem a amizade, porq nem todos tem o juizo de Oracio q não se *offende daquellas faltas q procedem do descuido, especialm.^{te} quando vê brilhar no corpo da Obra m.^{tas} bellezas poeticas*, com tudo elle mesmo diz pôco depois, q se *indigna q.^{do} dormita o bom Omero ainda que em obra taõ dilatada se possa desculpar o não estar sempre allerta*

Estes e alguns reparos mais que o tempo me não deixa apontar, me embaraçaraõ pedirte licença p.^a mandar a m.^a Tia a tal Epistola, na qual ja sei que lhe fallaras, e como não mando a tua taõ bem não quero mandar a m.^a na qual em varias estrofas/ q hiaõ apontadas/ hiaõ defeitos dos toantes, em q não adverti, q.^{do} a compoz, mas sim quando a reli p.^a ta mandar; quis dever [p. 1] emenda ao teo sublime engenho, mas como não queres emendarme desse modo, e vai ja passando o tempo, em que devia aparecer, mandame quando quizeres, e emenda a taõ bem; Não me estranhes a amizade com que te fallo, antes conhece, que nasse da mais nobre raiz o enteresse q me enlaça com tigo. O Idilio sem excitação julgo que a melhor produção que tenho visto das tuas¹; he natural tem m.^{ta} formozura, e parece como por Boileau/ cujos versos agora me não lembraõ/ *Pastora p.^a festas enfeitada= de mil, e mil boninas adornada*, Eu direi p.^a o corr.^o sobre [elle]² mais alguma couza, se me der lugar hum ospede de authorid.^e que espero. Sinto que te prejudique o escreverme, porq me deve cuid.^o a tua saude; e posto que não seja agourenta este testam.^{to} Poetico magooume. Sim m.^a Sr.^a, Lilia adorada, eu espero

«Que possa a [----] de Tirse ainda algum dia

«Ao querido Pastor, ao Pay amado

«Com os dotes amaveis de tal filha

«Compençarlhe os sospiros que oje exala!

Eu o espero, e porq o espero te quero pedir, q tomes por especial Patrono p.^a o altar de D.^s o gloriozo S: Leonardo o Solitario, e confeçor. A sua vida q o P.^e Croiset³ traz a 6 de Novembro mostra a efficacia da sua valia a favor dos prizionr.^{os} Tenho dezejado inculcar a tua May esta devoção, mas as vezes me esquecia, outras me intimidava, com o receio de lhe parecer importuna. Vive m.^a Lilia, conservate defendete, e gardate p.^a seres senhora de alguma feliz caza, q espere a felici.^e de ser tua. Oh se eu fora May de hum f.^o digno de ti! Perdoa este excesso da m.^a ternura: fallou a boca do q abunda o coração sempre temi que se não verificassem as tuas esperanças, porq conheço quem as dava: D.^s pode mudar n'um instante, quanto fabricaõ os omens n'um seculo, *e se elle não guarda a cid.^e debalde vigiaõ os q a defendem*⁴. Eu tenho tido m.^{to} defluxo, mas fico m.^{or} e a bexigoza vai bem: bejote as maos pelo [p. 2] enteresse que tomas em

¹ Sem verbo.

² Entrelinhas.

³ Este devia de ser um autor moi seguido por Teresa de Mello Breyner, já que no catálogo da sua biblioteca encontramos três referências:

Croiset, Jean (1760): *Epitome mariano de festas, e mysterios principaes de Maria Santissima... Padre João Croiset... trad. por D.M. de L.*; Lisboa: na Off. Patriarchal de Francisco Luiz Ameno.

_____ (1759-1763): *Exercices de piété pour tous les jours de l'année... par le R. Pierre Jean Croiset*; a Lyon: chez Pierre Bruyset Ponthus, 12 v.

_____ : *Année chrétienne, ou vies des saints et exercices de piété pour les dimanches, les fêtes et tout les jours de l'année*; Lyon: [s.n.], 9 v.

⁴ «Esto es, hijas, de lo que hemos de andar temerosas y lo que hemos de pedir a Dios en nuestras oraciones; porque si El no guarda la ciudad, en vano no trabajaremos, pues somos de la misma vanidad» in Teresa de Jesús, *Las moradas*, «Moradas primeras», cap. 2 ¶5 (www.xs4all.nl/~trinidad/teresa/mprimeras2.html) (09.01.04).

tudo o que me pe[rtence]¹ e te [a]firmo f q procuro pagarte bem cabalm.^{1c} Poemme aos pes de tua May e Irmaã e não afastes dos teos o coração da sempre am.^{1c} e sempre fiel

T.

[Legi sotto voce]²

[168.] Sempre que me faltaõ novas tuas, me sinto ten[ta]da³ por Amor a chamarte nomes injuriosos á [---] amizade; prece [me]⁴ que tens a culpa; olho p.^a mim vejo, que não mereço huma tal perda; e tudo fora numa poeira, se me não dissera a razaõ, q a m.^a amavel Lilia, bem que otros cuid.^{os} a transtornem não pode esquecerse da fiel Tirse. Pode ser q venha o tempo em q esta lembrança lhe seja importuna; mas perdêla, por certo que não hade [sic]. A m.^a ternura, a m.^a efficacia/ bem que inutil/ a m.^a fidelid.^e sem medida, graváraõ no seo coração imagens profundas; poderaõ otras querêlas apagar; mas por mais que as destruaõ, sempre haõ de ficar os vestígios. Isto me consola; mas q.^m poderia socegar o meo cuid.^o? Tremo por tudo; tudo receio, e só tu, dizendome que estás boa, e tudo o que te pertence, por qualquer titulo que seja, me livraraz de susto. Eu estou menos mal mas sempre com bast.^{es} motivos p.^a gemer. Abraça tua May, e Marcia se ella quizer sofrer tan[p. 1]to a huma amiga que a adora. S'ella duvida [---] de quem seja, juralhe q he

T

[169.] Vimr.^o 21 de Junho

Carta comum de duas

Que te parece Lilia a nossa Marcia? vistes as ternuras com que m'escreve? Sabes quanto lhe devo, quanto me lizongei? Se o sabes por mi lho agradece, por mim lhe beja as lindas maõs, com que me favorece por mim lhe afirma que o meo coração he sencivel a sua ternura e que as rugas da m.^a velhisse, vaõ tomando o partido de se desfazerem, p.^a lhe não fazer orror, e p.^a sempre lhe merecer que me não confunda com as *Irmans das almas*⁵ Ah Marcia, não estás contente da m.^a gratidaõ? quando Lilia aplica o adorado labio á tua cand.^a maõ, não sentes o coração banhado na mais suave ternura? quem melhor podia satisfazer as m.^{as} dividas, que aquella que tu julgas transformada em mim? Mas não a consideres assim antes pelo contrario imagina, que eu

¹ Lacunas polo mau estado do suporte.

² No sobrescrito.

³ Lacunas polo mau estado do suporte.

⁴ Entre linhas.

⁵ Franciscanas de Ingolstadt: «a Congregação [...] foi fundada à beira do Rio Danúbio, em Ingolstadt, Estado de Baviera, Alemanha, no ano de 1276. Então, ouvindo as menasgens evangélicas dos Frades Menores, as jovens Diemutth Thrailacher e Margaretha von Punch deixaram as suas famílias e riquezas e foram se dedicar aos pobres e moribundos junto aos muros da cidade [...]. Estas jovens [...] se tornaram conhecidas como Beguinhas ou Irmãs das Almas e tiveram seguidoras. Mais tarde (1468...) começaram a viver conforme a Regra Franciscana, tornando-se propriamente Franciscanas e, dois séculos depois, passaram a ser Monjas (1627)» in www.fb.org.br/sav-fem-ingolstadt.html (09.01.2004).

me revesti da sua amabild.^e, e apertandoa contigo receba [p. 1] eu nella o que não merecera, sem este engano da fantazia. Lilia, quanto debes se te grangeio assim mais hum carinho da terna Marcia! mas eu triste, longe de ti, quando tudo isto disponho, fabrico a m.^a amargura, o meo tormento. Este mesmo artificio da m.^a agradecida amizade me dá a conhecer, que me são impossiveis os meios de satisfazela realm.^{te} *cruel sorte que assim nos devides quando terminarás o teo furor?* sabes que as lagrimas acompanhaõ estas expreçoens? e que estrados deixaõ na m.^a alma estes movim.^{tos}! Não me mortifica menos o cuid.^o, que me dá a tua saude, e a impaciencia de esperar oito dias por hum carta, comq me onravas/ seg.^{do} dizes nesta q me escreves/ se murmuravas, fizeste bem de a não mandar; mas o que eu duvido he que murmurasses: as dos P.N¹: altos, são mais freq.^{tes} estes crimes que as que rezaõ com menos bulha [p. 2] não digo bem Marcia? Lilia não abriga no seo coração esse monstro devorador da fama alheia, a sua pied.^e, neste cazo, talvez que fique ocioza, pois basta p.^a isto o generozo espirito, deque se anima. Caras amigas, se conversacemos, que poco teriaõ que rechar das nossas praticas aq.^{las} mesmas, a quem devora a inveja da nossa correspondencia! Eu não cuidava que hum Alentejaã groceira, separada totalm.^{te} do espirito da Corte/ e separada de tudo/ podia fazer tanto siume a quem tem tanto, com que se entretenha, será possivel que todo o tempo que a mim me falta lhes sobeje [a ellas]² p.^a se empregarem nestas pedantes bacatellas? que lastima. Eu estou boa, e cada vez mais persuad.^a deq a terna Marcia, de que a constante Lilia, sabem, que não he percizo p.^a conhecerem a m.^a fidelid.^e a m.^a escravidão, uzar do celebrado [p. 3] fim das cartas. Faze tu, m.^a Lilia, que Marcia conheça disto hum evid.^{te} prova; comunicame o que queres a resp.^{to} da tua May, e dizelhe *que por ella se interessa a sua fiel*

T

[170.] Chamas-me *Fada*, e não queres que falle em Cans? a minha Aya/ q foi mais Sr.^a, que instruida/ dizia-me q *fadas* eraõ umas mulheres velhas, que por arte magica pareciaõ moças, e davaõ varinhas de condaõ [e]³ comunicavaõ a feald.^e, e a formozura como premio, ou castigo. Eu com os olhos arregalados p.^a ella ouvia isto sem pestanejar; depois ficava recordando aquellas arengas, e morrendo porq taõ bem a m.^a aya fosse fada Ora se esta definição he verdr.^a eu sou a *fada*, e tu a encantadora. Tu he que [dermas]⁴ no meo semblante esse ar de mocid.^e q ainda não destroiraõ as m.^{as} morrinhas de espirito, tu he que me infundes esse espirito de *follia* que as vezes salta pelas m.^{as} cartas, e não se afasta m.^{to} das m.^{as} conversaçõens; mas Lilia com as suas molestias anda continuam.^{te} envol[p. 1]vendo estes bonecos em veos de luto, e taõ infamados ficaõ, que metem medo, em lugar de promoverem rizo. Tu he que sabes como ninguem a arte de converter nadas, em coizas, e coizas q tocaõ na'alma [sic]. Ao ler uma carta das tuas, quem pode conter o rizo, e suspender a admiração dos dons que te concedeo a natureza? Com que graça manejas as bacatellas mais triviais, e que ao cairem d'otra pena fariaõ enjoo á vontade mais apetitoza? Incomparavel bogia [sic], fazes bem de dizer a todos, que te quero bem, e se for percizo polo pelas esquinas mandame os cartazes, que os quero assignar. Mas de que te serve este meo bem querer? Coitadinha! para nada te presto, nem p.^a te facilitar o jogo: não podes crer o cuid.^o, que

¹ Padres Nossos.

² Riscado.

³ Mancha de tinta.

⁴ Por *derramas*? A palavra está dividida entre duas linhas.

me tem dado a novid.^o: dizeme se o compadre se cança de hir ao estanque buscar as cartas, ou se o sollezio [sic], tem difficul[p. 2]dade p.^a as pintar, ou se vem falcificadas: em fim tudo importa saber, a quem por tudo se entereça deveras. M.^{to} me divertem as questoens dos sollitarios: coitados ainda bem que comungaraõ [quejo] [sic] eu tenho tanta devoçaõ aquelles Eremitas, que ate espero milagres das suas penitencias. Como eu leio no teo coração sem solletrar conheci, que he tanta a força que faz por occupar o primr.^o lugar a peçoa, a q.^m consedes o seg.^{do}, que tu achas perciza a declaração deq ainda o não goza. Coitadinha q.^{to} fatigada estas da luta! não trabalhes mais deixao tomar assento onde, bem lhe parecer q sempre ficaõ bem o primr.^o, e o seg.^{do}, ainda q passem pela alternativa. Seja bem vindo Pierio, assim com elle venha a saude p.^a Lilia! Eu não sei q he o que ella quer que lhe eu mande de *ideias extravag.^{tes}*! confeço que me não lembra o q lhe escrevi. Se são presentes das Muzas, nem ellas, nem eu andamos de paxorra p.^a nos aturarmos. Ja [p. 3] o Sr' Alfido tem ralhado comigo a este resp.^{to} mas sem fais fructo que o de esquentar o seo figado.

Confeço, que me não lembro desse Romance, emq falla Frey Hilario; se elle mo deo tenho em Estremoz com as coizas desse bom tempo: bem, bem nos divertimos, e eu sempre tenho saud.^{es} da Tragedia. Em hindo p.^a a m.^a Praça te mandarei as cartas do tal capuxo, e do confeçado, comque me parece que hasde rir. Esse *official d'alcunhas* [G. P.]¹ não he semsabor, e quando falla na mulher hedas scenas mais divertidas, que se podem considerar.

Eu estou picada de que Lilia lhe mostrasse a m.^a primr.^a epistola: ella já lhe fez a critica de affectada, e mostra? Marcia, não me achas razaõ! quero murmurar della contigo; mas isso não pode ser, porq ambas nós lhe queremos bem, e será tanto o escrupulo, que nos venha sobre esta materia, q ás duas por trez ficamos de boca aberta [olhando p.^a ella, como p.^a o painel do S.^{to} milagre. Nome de D.^s tudo isto te tenho escrito! he forte fome de conversar contigo! A D.^s m.^a querida menina. Elle te faça taõ feliz como mereces e te dezeja ver T. Alfido não hade ler o que tu dizes elle, contentesse de mo ouvir coitadinha de mim; o q lhe soffreria de arrotos!]²

[171.] 7 de Novembro em Estremos

Tu sabes Amada Lilia, se deve enterece ao meo coração este dia, em que te escrevo, se o dezejo festejar completam.^{te} e q.^{to} poderei querer dizerte a este resp.^{to}; mas não querem os Galenos que escreva, e p.^a fazer estas regras me ponho quazi d'olhos fechados Dura a convulçaõ, e oje a tromenta [--]m.^{te} huma indigestaõ comq estou vomitando m.^{to} Ja p.^a fazer larguei a pena e agora não a posso reger. Marcia tua May e o teo estimavel Irmaõ tudo me entereça; os que estaõ dist.^{es} taõ bem tem parte na m.^a amizade não sei se me entendes a D.^s amada Sr.^a de

T

[172.] Lilia, Ex.^{ma} amiga do meo coração. Que diversos movim.^{tos} desperta no

¹ Na margem, a leitura nom é clara.

² Nas margens da última e da primeira folhas.

meo coração a tua carta! o gozto de ver as tuas letras misturado com o susto de que te prejudique a applicação o alivio de saber que convalesces ligado com o temor de que recaias; o cuid.^o em Marcia, a compachão de tua May, tudo, querida amiga, me divide o coração, me faz tremer, temendo ao mesmo tempo quanto se pode recear de terrível, sem me atrever a esperar q.^{to} me promete o meo desejo. Esta triste situação do meo animo, pelo lado da amizade; não he mais feliz pelo partido do parentesco. Hum Irmaão que me adora, e hum tenra [sic] May que não pode viver sem mim, ambos partiraõ, ambos levarão consigo o contagio das saud.^{es} q me deixaraõ, e q me martirizaõ. A m.^a saude poco robusta, sofre mal estes incomodos do animo, mas vai a medicina esforçandose por me restabelescer, e afiança grandes esperanças em me aproximar de ti. [p. 1] Não sengana [sic]: o gozto de te ver, de te abraçar, he capaz de restaurarme de todos os males q padeço; asism eu podera logralo, sem mil funestos contrapezos! P.^a o mez que vem, passado o Corpo de D.^s faço tenção de partir daqui p.^a hir tomar os banhos das alcaçarias, e depois destes os das Caldas. Este he todo o plano da m.^a cura da boa, ou má applicação destes remedios poderá depender toda a felici.^e que me prometem se se frustrarem as delig.^{cias} poco se perde n'uma vid, que p.^a ninguem pode ser util.

A do meo Alfido peza diversamente na m.^a balança. Estandome vestindo lhe fiz esse comprim.^{to} d'annos; tu dirás se tem novid.^e q eu não me atrevo a tanto. Tudo o q escrevo me pareasse rançozo, e ás vezes nem os teos louvores me dissuadem esta apreheção, porq te suponho juiza apaxonada.

Acho graça emque nos conformemos tanto no juizo que fazemos de Aonia a ligeireza de character, e as companhias, com q se comu[p. 2]nica ma fizeraõ suspeitoza; quando te disse alguma coiza a este respeito tinha estes fundam.^{tos} Ella ostenta alguma coiza; de ti não fallou senão como devia, e poderia eu sofrer-lhe o contrario? sempre te chamou *amavel senhora* Repetio versos teos, queixouse de não poder glozar a tua quadra, mostrando que se persuadia de que em ti fora experiencia menos ssincera a isso respondi o que sabia e tu podias querer que dissesse. tão bem me repetio o soneto da Constancia, e o teo ao do Amor dizendo que tu o fizeras contra o seo; porem como eu não adiantava a predica antes a divertia; não disse mais Eu percebi que a tua, e a sua Muza estavaõ mal unidas; acheilhe razão p.^a invejarte e acho que ella tem genio e lição p.^a poetizar bem se quiser. Repetio algumas passagens de Poetas de boa nota, e em cuja escolla [p. 3] não pode forjar-se estilo máo; não sei quais admite desse bando de gralhas que se cevaõ nas curruçoens [sic] do Parnazo, e que tanto grasnaõ por Lisboa, sempre com discomodo dos ouvidos delicados, mas creio que Joze Bazilio¹ he o seo

¹ «José Basílio da Gama, cujo nome na Arcádia Romana foi Termindo Sipilio, nasceu em Tiradentes, então São José dei [sic] Rei, em 8.4.1741, e morreu em Lisboa em 31 de Julho de 1795. Estudou com os jesuítas no Rio de Janeiro e já era noviço na Companhia quando o Colégio foi fechado pelo governo de Gomes Freire. Em 1768 embarca, no Rio de Janeiro, para Portugal a fim de estudar em Coimbra, mas é preso em Lisboa, acusado de ser favorável aos jesuítas. E [sic] libertado com o compromisso de ir para Angola. Aproxima-se do poderoso Pombal, oferecendo um Epitalâmio à filha do Marquês, através do qual pede-lhe que o livre do degredo. Atendido em seu pedido, começa a compor o *Uruguay*, um canto de louvor à política pombalina. Além do *Uruguay*, publicou ainda: *Declamação Trágica: Poema dedicado às Belas-artes* -1772; *Soneto ao Rei D. José/ no dia da inauguração da sua estátua eqüestre* -1775; *Os Campos Elísios* -1776; *Lenitivo de Saudade na Morte do Serenissimo Senhor D. José Príncipe do Brasil; Quitúrbia* -1791, um canto de louvor a um régulo negro» in www.vivabrazil.com/jose_basilio_gama.htm (09.01.2004).

Para além destas obras, na Portbase encontramos:

Gama, José Basílio de (1744-1780): *Cartas officiais e particulares, bulas, escrituras, expulsão dos jesuítas* [Manuscrito]

----- (1769): *Epithalamio da Excelentissima Senhora D. Maria Amalia*

----- (1769): *Uruguay*

----- (1775): [Sonetos]

----- (1777-1800): [*Textos predominantemente satíricos e jocosos, contra o Marquês de Pombal e a sua política*] [Manuscrito].

Omero. Eu nada conheço desse eroe mais que uma viciada, e infeliz tradução da *Nice*; mas não lhe disputei o merecim.¹⁰ porq a pobre [Bam]¹ da *Tarregella*² não pode avaliar o canto dos cisntes do Ca[y]stro³.

Eu fizlhe hum Madrigal, e huma prequena ode, não queria que ella visse isto por conta do caracacter mencionado, huma, e otra coiza e um sobre escritos de cartas me pilhou meo cunhado, e lhos levou. Ella com isso tornou [a]⁴ verme lizongeadá, e lizonger.^a, e mandou do citio onde ficou essa noite pelos sold.^{os} q a acompanharaõ essa carta. Respondilhe glozando o primr.^o verso n'um soneto/ taõ bem me não ficou copia/ e se bem me lembro dizialhe que o⁵

[173.] Lilia dos meos tristes olhos. Estes não estão oje capazes de soffrerem applicação, nem eu posso pertender o dezafoego de comunicarte o q me afflige, porq fora dobrarme a amargura magoando o teo amavel e delicado coração p.^a o corr.^o talvez estarei menos opprimida e mais capaz d'aproveitar o teo favor. O meo doente Irmaõ esta longe de mim dezoito legoas; de Lisboa perto de 30 porem não osbst.^e esta distancia sei q estão sem sezaõ D.^s mo conserve. Amem! Desculpame com Marcia e com tua May e consolame comas tuas noticias pois q dellas depende p.^a ser feliz a tua

T

P: S: Será verd.^e que Agrario⁶ esteja bom, const.^e, nutrido, e capaz de esperar que atraz do tempo, venha otro tempo?

[174.] Estremoz no 1.^o de Dezembro

Naõ he verd.^e, m.^a Lilia, que o Conde de S. Vc.^{te7} tenha incorrido no crime, que lhe suppoem: não vem de gente, q se manchasse com o sangue alheio. Eu suponholhe um genio colerico, e conhecolhe um caracter exquizado; mas nunca me constaraõ vilezas suas, e os omens não são pesimos de rep.^{te} A pezar dessa barbara plebe, apparecerá clara a innocencia do infeliz Conde; os seos amigos só tardaraõ em fazela p.^{te}, aquelle tempo necessario p.^a q o verdr.^o cumplice de um taõ abominavel assassinato, estivesse em salvo do furor das Leis. A estas oras terseha proced.^o a nova devaça, e as mesmas Leys, q fulminaõ o delig.^{te}; salvaõ o justo, a pezar das impozturas d'um Pais aluccinado saberá a justiça apurar a verd.^e e defender a innocencia. Esta consolação me tem f.^{to} um gr.^{de} beneficio, nesta occasiaõ; se me faltasse este socorro teria padecido infinitam.^{te} a m.^a sencibilid.^e, vendo padecer no vivo da sua onra uma familia destinta, e enlaçada com as

¹ A leitura é duvidosa.

² Bairro da Torregela, Évora.

³ Leitura duvidosa.

⁴ Entrelinhas.

⁵ Falta o fim da carta.

⁶ João de Almeida, 2.^o Marquês de Alorna.

⁷ Refere-se a Manuel Carlos da Cunha e Távora (1930-1795) 6.^o Conde de S. Vicente: «casou com a filha do 3.^o duque de Cadaval, e, por isso, era cunhado do “jovem” Marialva. Conselheiro militar, presidente do Tribunal do Almirantado e inspector-geral da Marinha. Em 1774 foi acusado de ter assassinado o coronel J. L. Teixeira Homem, seu rival nos amores com certa *comédiene*, a Francisquinha, filha de um esteiro» (Alexander, 1998: 186, n. 223).

nossas por tantos modos. Em fim afastemos a vis[p. 1]ta de tanto horror, a q não pode costumarse o nosso delicado modo de julgar os omens. He verd.^e q a pô-la no leito da tua May recebo novas impreçoens d'amargura; mas ao menos a virtude não está nella entre sombras: a mão de D.^s a fere assim como costuma ferir o justo a q.^m ama, e da que procedem tantas consolaçoens, e tão fortes, que ellas bastaõ p.^a coner os sabios das nossas eras nos limites da moderação. Poupa tu o teu dolorido peito p.^a contares da batalha q.^{do} de todo triunfares das tuas queixas. Nada me dizes da joya p.^a M.^a do Rozario será porq não correspondeo ao que tua May queria? dizeme a verd.^e que eu não sou parenta do *Poulet*. Lastimome da delicadeza de Anna Lina havendo de passar pelo castigo; mas abençoo as mãos que lhe deraõ; supondo, que a prud.^{cia} e não a paxaõ as governou. Peçote na sua educação te armes de paciencia, e que não queiras medir os progredos pelos dias mas igualm.^{te} te rogo, que por uma falça compachaõ não a deixes fortificar na propria vontade. Os meos raciocinios, nem sempre se acomodão com as tuas ideias [p. 2] Philozoficas, e a m.^a experiencia poco te pode servir pois q nas leys de educação não ha ponto certo, senaõ q ella deve variar a porporçaõ [sic] q variaõ os sug.^{tos} e as circunstancias em cada individuo. Comtudo a razaõ pede, que aprendendo nós do mais resto das creaturas, as quais dezde que nascem tendem p.^a o fim p.^a que foraõ destinadas, e satisfazem a Ley que lhe impoz o Author da Natureza, procuramos, que omem [sic] assim mesmo envolto na ignorancia comece a dar onra a D.^s He verd.^e elle ignora o que faz; porem nós não ignoramos q vamos imprimindo naquella cera, quasi fluente uns debeis traços da dependencia q a creatura tem do seo creador. Oje se apaga o que ontem se lavrou, não importa; o renovaõ a diligencia atrahirá do ceo o orvalho que a faça precistente [sic]: O ponto q.^{to} a mim consiste no modo. Obrigar uma creança de dois annos a q decore, he por aquelles orgaõs em risco de se obstruïrem mas repetirlhe todos os dias que foi creada p.^a amar, servir a D.^s &r.^a nem a afflige nem arruina, e facilitame depois a persudirlhe que as boas obras se premeaõ [sic] com a posse do mesmo D.^s [p. 3] em fim se os omens não são pessimos de rep.^{te} tão bem não podem ser bons se não por grãos. Paciencia; observaçaõ continua, e vigilancia exacta em não fazer, nem dizer coiza culpavel diante delles, contribuem p.^a a sua perfeiçaõ infinitam.^{te} Tu sabes isto melhor do que eu; quiz dizerte o meo parecer por encher esta carta de alguma coiza seria. Tu dizes que goztas de cartas gr.^{des} e as que eu te posso escrever daqui todas seriaõ bacatellas, pois nada ha q enteresse neste citio. LaR¹: consolame com a sollidez das suas maximas, e os meos cuidados multiplicados pela Providencia, achaõ nellas um bem gr.^{de} soccorro.

A mão comq escrevo esta dormente, e o braço m.^{to} frio: nelle tenho tido m.^{tas} dores, estes dias estou melhor; mas não boa, e peço a Marcia, q aja esta por sua, e q saiba, q nem por isso lhe quero menos. Ella he tão galante cachorra tão fagr.^a, tão delicada, tão marota q eu morro por lhe dar aquillo q ella não q.^r receber se não de ti. Faze as m.^{as} vezes e a D.^s sou

tua fiel T

[175.] Estremoz 9 de Dez.^{bro}

Quanto estou longe de Lisboa? e que poco podemos julgar as coizas que não examinarmos por nós? Lilia, e es tu quem produzes tais reflexoens? que mal estavamos, todos, se não valessem indicios, contra indicios; e se as acerçoens dos omens cordatos

¹ La Rochefoucauld.

não meressecem a nossa fé. Por ventura os Ministros, que haõ de julgar o Conde de S. Vicente, elles mesmos lhe viraõ insopar a espada no sangue do infeliz assassinado? De que servira o trabalho dos Historiadores, se depois de elles apurarem os factos, que nos referem ficassem p.^a nós, no caio da incredulid.^e? Naõ minha querida amiga, o Conde está inocente aprezar de todos, os que parece se lizongeaõ de verem denegrido o seo nome. Nenhuma injuria faço nisto ás Leys; ellas ainda o não condenaraõ. Se elle for taõ infeliz, que experim.^{te} o seo rigor, respeitarei as decizoens; mas conserva[p. 1]rei no coração todos os sentim.^{tos}, que a umanid.^e produz, e que a Religiaõ aperfeiçõa. Ainda me tem feito uma coiza mais horror, que o dezastr, que deo motivo a estes nossos discursos; he haver sug.^{tos}, que supondo Reo o Conde, se não alvoroçaõ com as primr.^{as} apparencias da sua innocencia. Tu não es deste numero: tiveste huma educaçaõ diversa; e deote a Providencia uma alma capaz de avaliar o preço da virtude; mas/ ainda mal!/ quantos teraz ouvido desses, q vivem no coração de Lisboa; desses que prezumem de julgadores, arqueando os sobrolhos, dizendo meias palavras; ignorando tudo, e querendo affectarse scientes até das futuras decizoens, asseverar o crime, refutarlhe as escuzas, e terminar tudo com huma laztime sahida das entranhas de lucifer, [dizendo]¹ *coitado! eu tenho m.^{ta} pena, porq era seo amigo; mas não o posso desculpar: fazemme dó aquellas* [p. 2] *tristes Sr.^{as}, mas queixamse de seo marido e f.^o a q.^m nem seo Tio perdoa.* Porem se a scena mudar, se o Conde provar a sua quartada [sic], se algum dia for favorecido, tu o veras convertido em Eroe e aclamado por esses mesmos que agora o infamaõ. Quanto serve estar longe de Lisboa! Se me não fosse mais deficit procurar o teo alivio, se me não costasse tanto passar mezes, e talvez annos, sem te ver, nada acharia melhor, q a distancia de uma corte invenenada; mas tu es uma precioza porçaõ do meo enteresse: tu rezides distante, e rezides cheia de cuidado em tua Bella May, e isto bem sabes se he cap.^o intereçante para mim. D.^s se compadeça de nós e a conserve, quanto he preciso p.^a consolaçaõ de *todos*. Toma tu por tua conta darlhe os parabens não só no dia de ontem; mas do dos seos annos, que eu dezejo multiplicados [p. 3] pelas taboadas de S., e T.; eu cada qual pela parte, que lhe cabe destes dias faço os meos devidos cumprim.^{tos} E tu Marcia da m.^a alma aceitame de colgadura o dezejo de te entregar aquillo, que tu escrevias em Inglez, p.^a experimentar os progressos da tua sciencia Vive até que estejas de posse dos teos bens, e depois de os possuires, vive ainda m.^{to} mais p.^a os desfructares no ceio de uma paz delicioza. Tornando a ti, Lilia sabichona, digo que não só estou contente da fortuna de Anna Lina; mas que dezejo aprender de ti o methodo de uma feliz educaçaõ; o Gregorio está mal com ella por lhe dizerem q ella cazava com otro menino, e p.^a logo se despicou dizendo, que cá estava a Camila; mas sempre se recente de que o engeite a sua escolhida. Naõ lhe deixes ainda assim abrandar demaziadam.^{te} o coração: olha que a nimia [ternura pode ter funestas consequencias; e pozto que seja dosse derramar o pranto devido aos infelices, he de grande prejuizo p.^a a vida uma compachaõ excessiva. Os meos defeitos [que]² e as penas q soffro p.^a os corrigir me insinaõ [sic] mais que os Doutoracos, q. daõ leis neste ponto a D.^s querida amiga de T só aqui teve oje lugar Alfido]³

¹ Entre linhas.

² Riscado?

³ Nas margens da última e da primeira folhas.

[176.] Estremoz 23 d'Abril d[----]⁴

Lilia dos meos ol[ho]s dois ----- carta que me livre de cuid.
[-----] sinal de que vives, he torm.[^{to} -----] el eu sempre tenho
escrito ou por mim ou por orem, ou doente, ou sam sempre busco na tua communicacão a
m.^a felicid.^e; mas a pezar da m.^a delig.^{cia} não consigo o q pertendo ha dois correios. Não
sei que meio busque p.^a que as m.^{as} cartas te vaõ seguras ou as tuas se não percaõ. Meo
cunhado escreveo, e mandou carta da Tia M.^{na} mas a tua não vinha se foi esquecim.^{to} de
quem fexou a carta será menos máo, que proceder d'otro qualquer motivo que te aflija, e
me consterne. Eu vou amanhã p.^a o Vimr.^o la receberei a respozta desta D.^s disponha
que seja qual necesito.

Dize a tua May que suponho receberia ja o rezto da chacina; não lhe quiz [p. 1]
----- toucin[ho]s porque como a re----- arrobas p.^a cada semestre
par----- ficaria inutil m.^{ta} parte delle, por isso mandei sinco arrobas p.^a todo o
anno esperando a sua rezolução ultima; porque se lhe não for percizo mais, o resto
largase pelo preço corrente, e serve p.^a abater a despeza que já está feita, e sendo lhe
necessario cá fica rezervado p.^a selhe remeter quando lhe for percizo. Tenho tanto q
expedir qu[e n]aõ he possivel determe abraça por [mim]² a terna Marcia, e a Cara May,
e lembrate de que sospira pelas tuas novas

T

[177.] Estremoz 14 de Novembro

Lilia não sera possivel que cuides mais de ti? que funesta distracção podia ser
esta! Lembrate deq Tirse não tem forças p.^a perder uma amiga, tal amiga, e em tais
circunstancias. Quizera voar p.^a servirte, mas [as]³ azas do meo dezejo, por mais q a
[sic] estenda a imaginacão, nada vencem. Com tudo poco tardarei; se mo permitirem, ou
dizendo melhor, se mo facilitarem certas med.^{as} que a Prudencia quer guardar em todos
os cazos. O prazo não dista se devemos dar fe ao q te augurou a tua amiga no primr.^o dia
deste anno; em fim que pode dizer nesta distancia, quem ignora q.^{to} succede em Lisboa,
e não recebe mais q uns eccos vagos, proferidos por bocas groceiras, que sempre
estrugem? alem de que eu ando com odio a escrever, porque acho q padesse tanto a
pobre alma nas dependencias, q tem p.^a explicar na distancia, q apenas descubro
paciencia p.^a soportar o perpetuo empacho, emq fica o meo espirito, depois de me
fatigar em o fazer voar por meia folha de papel. Tenho dó de ti: coitadinha; tu que tens
uma viveza sem igual, entre um circulo de estatuas! Se ao menos a escultura lhes desse
merecim.^{to}! mas pobres cepos, apenas desbastados. Fizesteme rir com o *Demo* do
Evangelio. Es galante, com tudo o surdo he bom filho, e será... Mas por ora conduz a
mais seguro Porto. Tomara eu q tu tivesses saude, porq cada infermid.^e tua me assusta po
dobrados motivos, Lilia, adoravel a tua Tirse cada dia conhece q te ama com maior
ternura. A D.^s m.^a joya, conservate viva [p. 2] p.^a q.^m te adora

⁴ Lacunas polo mau estado do suporte.

² Entre linhas.

³ Entre linhas.

[178.] Não he isto huma tollisse bem gr.^{de1} he por certo Pois tu minha Linda Lilia, que tanto me excedes em tudo, não me imites nesta indolencia a presp.^{to} da tua apreciavel saude. Tomarate fazer m.^{tos} mimos, que me está parecendo que os nececitas. Com que gozto te applicaria os remedios se me fosse possivel ser eu a depozitaria de tão amavel Peçoa?

Mandame, que te vá buscar, que eu voo a conduzirte. Mas cuidas tu que eu te sofreria [as]² [ma]drugadas, que fazes em Chellas, não minha menina havia Vm.^{ce} dormir a manhã na cama, e depois havia a sua Thersea levarlhe a ella o almoço, temperado pela sua maõ. Thersea no banho, no toucador, na menza [sic], não cedia a groceiras creadas os officios de verdr.^a amiga. E cuidas tu, que isto não pode ainda succeder? ora pode ser que ainda succeda; entre tanto procura dezafogarte, mas se ouiver novid.^e queima todos os meos escritos, e todos os que te podem pezar na algibeira olha, que he melhor perder letras q sabios. A D.^s querida Lilia que vou agora verrar com tua May. Divertete com Marcia que linda [sic] como mil oiros. O meo Alfido que se recolhe agora do jardim, diz q tudo saõ carrancas de papaõ, e o mesmo assente

T

[179.] Vimr.^o 26 de Junho

Torna a faltarme a tua carta³, e a crescer o meo cuid.^o na tua molestia. Escrevi o correio paçado, se Pierio não manda ao Correio, torno á estrada antiga, porq nada vencemos por este atalho. Avizame Lilia de tudo, e compadecete da m.^a saud.^e O anno passado não havia estas dezordens, deque procedem este anno? Eu estou m.^{to} melancolica doemme os dentes, e estou tão tolla que occorrendome a este respeito galantes coizas de M.^r de la Pais⁴ não tenho animo p.^a as escrever.

Dize a tua May que ja fiz a sua encom.^{da} da sera que me mande dizer se a quer lavrada toda em bugias ou se que [sic] he p.^a os s.^{tos} a quer lavrada em quarta ou em meio arratel, porque tem alguma diferença p.^a a economia. Tenho meo receio de que Vossés por estas miudezas me julguem miseravel: afirmolhe, que o não sou; mas q tudo isto ensina huma caza pequena, e a vontade de não dever. Mandame novas tuas de Marcia, e de tua May e sabe q te he fiel

T

¹ No sobreescrito: «P.^a Leonor que só deve ler da carta de sua May o que ella lhe mostrar».

² Na margem entre *ma-* (fim de linha e riscado) e *-drugadas* (começo da seguinte).

³ Riscados os plurais: «tornaõ a faltarme as tuas cartas».

⁴ Nom localizamos nengum autor desse nome. Colocamos duas hipóteses: La Paix de Lizancou ou Guillaume Plantavit de La Pause. O primeiro publicou em 1716 *Le prétendant, ou Perkin, faux duc d'York sous Henri VII, roi d'Anglaterre, nouvelle historique, par le Sr. La Paix de Lizancour*; Cologne: J. et P. Marteau. O segundo é autor das seguintes obras:

La Pause, Abbé de (1728): *Panégryrique de Saint Louis, roi de France*[...]; Paris: Impr. de J-B Coignard
----- (1718): *Lettres de Monsieur Filtz-Maritz, sur les affaires du temps*; Roterdavi: Chez les heritiers de Leers

----- (1724): *Première séance des états calotins contenant l'oraison funèbre de feu Philippes-Emanuel de Torsac, generalissime du régiment de la Calote*; a Babylone: chez Pierre de La Lune

----- (1736): *Mémoires du Duc de Villars, pair de France, maréchal-général des armées de S. M. très chrétienne*; La Haye: P. Gosse

----- (1742): *Memoires du maréchal de Tourville*; Amsterdam: F. Girardi

----- (1752-54): *Memoires pour servir à l'histoire de la calotte*; ceux Etats Calotins: Imprimiere Calotine.

[180.] Lilia dos meus olhos; como posso eu ler sem susto as tuas cartas em q.^{to} dura a tua molestia, e o risco de que repita? e se o primeiro insulto me custou tanto que ainda estou pagando o cabedal, que empenhei, que será se ouber sengundo [sic] p.^a que eu lhe dê/ bem q involuntario/ concurso? Eu não tenho menos interesse na sua lição do que tu podes ter na sua escrita; as rezoens, mil vezes as temos ponderado; mas que enteresse pode compençar-me o danno, q me faz o teo prejuizo? Ceça, ceça por pied.^e da m.^a ternura, ceça de ser favoravel ao meo gosto, de lizongear o meo amor. Conservate com aquelle cuid.^o, comq conservaras o meo maior bem, se nas tuas maos o depositasse, contemplame em todos os teos movim.^{tos}, em todas as tuas acçoens: a fiel Tirse meresse esta contemporizaçã. Poupate, restaurete, e torna a ornar a tua formuzura [sic] de todas aquellas graças, comq a enriqueesse huma saude perfeita, prepara aos meos olhos aquelle agradavel objecto, que elles tinhaõ cuidado de conduzir ao coração. Quantas vezes dezejava, que não fallasses, p.^a me não perturbares o gosto de verte quantas me impacientava o teo silencio; porq a alma não se contentava só de te ver? q.^{do} tornarei ao feliz ponto da m.^a consolação? quando? Amada Lilia eu estou oje m.^{to} perto de ti; vejote falote, ate me parece que oiço as suaves respos[p. 1]tas, que te bejo a linda mã, comq me onras, que deixo hir no teo regaço as lagrimas que custas, que Marcia se compadece, q todos nos entretemos, mas por ultimo correse o véu, e nada vejo q não reprezente aos meos olhos o verdugo de huma separação espantosa sem termo prefixo, sem alivio nem ainda imaginado. A D.^s amiga do meo coração, não posso soportar estas ideias. Largo a penna, e vou ver se acho alguma coiza que me separe ainda mais de ti. Levame em conta esta deligencia, que não he das que te prova menos a fidelid.^e da tua

T

Sabado 21

Torno querida a fallar contigo mas por poco tempo. peçote novas de tua May, e de tua Irmaã mas por mã alheia todas me devem cuid.^o e todas dezejo poupar: eu estou melhor; mas cançada de escrever. A D.^s

[181.] Vimr^o 25 de Maio às 10 da noite

Cara Lilia escrever p.^a esse citio, sem te petiscar no ferrolho, he impossivel. se me julgares importuna

Di me non ti lagnar;
Ma lagnati d'amore
Che acorda aqui del core
Il motte della man...¹

Naõ posso esperar novas tuas; porq este portador não passa a Lisboa; mas posso segurar-te da m.^a escravidão se ainda este protesto se faz percizo; e a Ex.^{ma} Marcia, como esta da sua convulsão? ouve sem susto o nome de

T?

P:S:Estou boa; e dezejo offerecer-me aos pés da tua May

¹ Ária de Handel (1685-1759) intitulada «Di me non ti lagnar» e pertencente a *Ricardo I, Re d'Inghilterra* (1727). O Libretto é de Paolo Antonio Rolli, adaptado à sua vez de *Isacio Tiranno* de Francesco Biani (<http://ingopuq.uquebeq.ca/~uss1010/catal/handel/hangfcatal.html> 09.01.2004). A ópera foi estreada em Londres, no King's Theatre o 11 de Novembro de 1727 ([www.naxos.com/NewDoing/fintro/bintro.files/operas/Ricardo_Primo\(Richard_the_First\).htm](http://www.naxos.com/NewDoing/fintro/bintro.files/operas/Ricardo_Primo(Richard_the_First).htm), 09.01.2004).

[182.] Vimr.^o 1 de Junho¹ ás 9 da noite

Crerás m.^a Amada Lilia, q não tenhinho pa[sic]² roubar ás m.^{as} ocupaçoens alguns inst.^{es} p.[^a] escreverte? crerás que eu mereço q não duv[i]des do gosto, comq me emprego em comunic[ar]te Este correio tocou-me a fortuna de sospirar por cartas das tres graças, q me favorem [sic], que será de mim se esta desgraça continua? Não pude taõ bem copiar as tuas glozas, e as conservo em quanto me não faço esta lizonja: eu quiz aproveitar a fortuna que esperdiçou J:I: perdoa se me atrevi a tanto. Se gostares, não quero melhor premio; engeito as eras; desprezo os louros, que me pode offerecer Apollo se não gostares queimas o papel em que vaõ escritas as glozas e dalas has a aquella luz q só merecem. /Perdoe o equivoco/ Eu estou boa apesar de tudo o que podia fazer passar mal. Calmas ardentes; cheiros de flores a que não posso fugir; trabalhos indispen[p. 1] [sa]veis, ou dezendo melhor inseparaveis de [q]^m governa huma caza, huma familia tudo se tem conspirado contra mim. Porem tu me socorres, a m.^a imaginação te procura nos passeios deste jardim *antes que o sol se mostre no horizonte//* [sic] *e depois de se esconder n'outro defronte*. Entaõ me esqueço de tudo o que me oprime e só comtigo me entretenho. Agora he persizo acabar p.^a que possa chegar a tempo o correio; mas primeiro, Marcia adorada, corre com tua amavel May, unete á cara Lilia; oh bellissimas! quem podera observar de perto esse triple encanto de formuzura! Vôa, meo coração, vai poizar no centro de tudo, o que o mundo conserva mais digno d'amore [sic] lá, palpitando, faze conhecer a m.^a Lilia, que es o fiel coração da tua

T.

[183.] Vimieiro em 31 d'oitubro

Chegou, minha querida Lilia, o adoravel dia de teus Illustres ãnos, dia, em que as tuas virtudes sempre te coroaõ d'um novo merecimento. Praça a D.^s, que neste comece a raiar a tua felici^d.^e, para que a serie dos que vierem, satisfaça aos meos dezej^{os}!

Não sei que rançozo costume dezencantou a Poezia para fazer figura em semelhantes occasiones; sei que ella se tem sempre deixado arrastrar, cedendo mil vezes do seo decoro, para condescender com o bom, ou mau gosto de q.^m a faz servir ao fim de seos obsequios.

Esta sua boa feição lhe tem feito estragar as melhores galas do seo tezoiro, de sorte, que ao convidala agora p.^a p.^a [sic]³ te hir vezitar [sic] em meo nome tivemos grande difficuld.^e na escolha do trage, em que e havia apparecer. Todo m'aprezentou taõ ensuvalhado⁴, taõ envelhecido, e taõ dezengraçado, que eu estive p.^a quebrar com ella detodo, mendando [sic] desterrada p.^a as assembleias dos Peraltas, glozar cantigas ás delicadas Ninfas que as animaõ.

Ella talvez percebeo estas más inteçoens, e p.^a se livrar [p. 1] da umiliação, que lhe estava eminente me disse; [sic] que me afastasse do gosto ordinario, que ella me forneceria, comque me dezempinhar [sic]: que ella tinha hum trage /antigo sim/ por que já Pindaro o tinha uzado/ mas m.^{to} magestozo, e digno pela sua magnificencia d'aparecer

¹ A leitura da data nom é segura.

² Lacunas polo mau estado do suporte.

³ Coincide na mudança de linha.

⁴ Talvaz por *enxovalhado*.

em qualquer função: que a difficuld.^e consistia em lhe saber ajustar o modo, que huma agradável, e meditada dezordem fizesse a principal belleza do seo ornato. Com effeito appareceo-me na pompoza figura d'uma ode persuadindome q ta'inviassse neste caracter, p.^a satisfazern ao obsequio, q a m.^a amizade te destinava.

Rezolvime a aceitar-lhe a inspiração; mas se dezempenhei as condições so tu o podes dizer; pois q ningem conhece melhor o caracter das Muzas, e ninguem como tu pode aviliar [sic] o que com ti unio a arte a Natureza, o Ceo. Fallei de ti e dos teos; dizer tudo era impossivel; *superabunda a materia* as minhas forças: Nem o Poema o permitia; nam a prudencia mo aconselhara, pois q sempre me está clamando, *que igual tome a materia, ás forcas* [sic] *q me deo a natureza*. Toquei levem.^{te} a raiz desse elevado monte que sobe [p. 2] a tua gloria, pelos degraos, que teos Avos traçaraõ p.^a ti; e nesta breve escalla meça cada qual o que lhe resta por saber.

Naõ fallei só de ti, por o merecim.^{to} bastava p.^a engrandecer o dia; porq o preceito do poema me fiz voar a regioens estranhas bem q concirn^{tes} a fonte deq procede q.^{to} te digo bem podes absorver, os m.^{tos} defeitos desta obra, e que naõ deixaraõ de ser descubertos pelo teo gr.^{de} talento; comtudo a ambição de melhorar, p.^a te louvar mais dignam.^{te} p.^a o anno, faz q te peça q me naõ poupes. Risca, transverte, e emenda dá a tudo huma forma conveniente a sublimid.^e do assunto, e será esse o mais agradável premio do meo obsequio.

Eu naõ me sinto capaz de responder a tua carta deste corr.^o; que agora recebo nem de continuar esta: creio q he convulção o q sinto no p.^{to}, mas he capaz de pôr vizinha [?] daquelle termo em que naõ queres q te falle. [p. 3]

Aplica pela soltura de teo Pay hum jantar q mando oje aos prezos p.^{la} saude de tua May e da nossa querida Marcia varias otras esmolos que mando repartir por este Povo, e pela felici.^e do teo estabelescim.^{to} o enchoval de huma orfaã que naõ cazaria se eu naõ a socorresse: Perdoame naõ me enfeitar: longe de ti, com cuid.^o em Marcia he me m.^{to} dificultozo achei q as m.^{as} galas te naõ saõ uteis, e q o poderaõ ser, applicadas por ti, estas pequenas esmolos. Verás da Ode e das suas notas se tenho razãõ p.^a ter saud.^{es} tuas A D.^{os} Amada do meo coração. por ti por tua May e Irmaã sospira

T

Ellas devem receber como parabens do dia q.^{to} te escrevo. fizerao d'otro modo se o peito me deixara.

[184.] me *encanta* a condescendencia com q¹ me prometes [os]² teus versos, que preocupada do maior agradecim.^{to}, conservarei esta obrigação indelevel apezar do tempo &r.^a Naõ te mentira se o dissesse, mas a amisade assustasse com tanta bulha, e distingue as suas do seo merecim.^{to} o que he paga de que he favor. Contentese dete dizer simplesm.^{te} que *te merece essa confiança e que estima e te agradece a conrespondencia, que acha em ti* A rezerva dos mais versos, que [naõ]³ *tiveraõ Tirse por objecto*, naõ saõ paga, dos q se consagraraõ ao obzequio da sabia Lilia; por isso tu os naõ inclues na promeça, que me franqueas p.^a q.^{do} as *muzas quizerem* que se cumpra. Sou ás vezes deficit em perceber e huma dellas foi quando depois de ler na tua carta *e naõ te fiquem suspeitas*, vi os pontos de sospenção que se seguem a estas palavras. Confeço que naõ perço: de ti nada suspeito, q te naõ seja ventajoço; e he q.^{to} pode respondera m.^a

¹ Falta(m) a(s) primeira(s) página(s).

² Suporte em mau estado.

³ Entre linhas.

rudeza.

M.^{to} mal estás tu com [p. 1] os *nossos velhos*! Velhos veneraveis se elles excistissem [sic] não tivemosos razaõ de queixarnos dos *nossos tollos* Tu sabes, m.^a Lilia, que o meio mais seguro de destruir huma Naçaõ he abolirlhe os costumes: elles saõ os alicerces, em q' se funda a baze da sua conservaçaõ: alterados que sejaõ, pôco a pôco s'arruina o edificio, porq' lentam.^{te} se lhe vaõ diluindo os fundam.^{tos}

Quando teos Tios, teos Avós, e outros/ que ou os igualavaõ ou pertendiaõ essa onra/ se juntavaõ, eraõ sempre, a favor da mocid.^e as suas conferencias. Os mossos, que os attendiaõ, forcejavaõ p.^a q' o estudo lhe desse nas suas conversaçõens aquelle lugar, q' a id.^e lhe recuzava: nesse tempo, foraõ tuas Tias /humas, e outras/ instruidas; antes dellas, tua Bis-Avó deo motivo da mais profunda veneraçãõ com as cartas que dirigia a seos f.^{os}, quando foraõ a univerzid.^e, e entre os sabios, ouvesse o seo nome com resp.^{to}

Se sobimos ao doirado seculo de 500, achamos o quarto da sabia Infanta D. Maria convertido [p. 2] em theatro das sciencias. O conhecim.^{to} das linguas Grega, Latina &r.^a deo valim.^{to} desta Princeza as duas Sigeias; e ellas em retribuiçaõ fizeraõ lhe conhecer os tezouros, q' estas lingoas em si ocultaõ. Não foraõ só estas as m.^{res} illustres daquella excellente assembleia: a Princeza tinha Caza, e tantas eraõ as suas Damas, e creadas, quantas as peçoas instruidas; se hoje não experimentamos a mesma felid.^e, os mossos, e não os velhos tem a culpa.

Os mossos, q' se não applicaõ, mais q' a ler novelas e burletas; e que se passaõ disso, lançaõ os olhos sobre a Poezia, não p.^a lhe tirar o fruto, mas p.^a lhe desfolhar as flores; esses, com falço zelo, lamentaõ a pôca libertad.^e, que as Sr.^{as} tem p.^a instruir-se; como se p.^a ellas saberem mais, do que elles, fosse preciso q' elles fossem directores dos seos estudos ou testemunhas, e senhores das suas obras. Se alguma não satisfaz á sua curiosid.^e, essa he huma Dama [p. 3] insociavel; que pretende fazer-se respectar como hum misterio da Filozofia austera; inimiga do prazer, e muda senhora das galantarias da moda. Se outra mais sincera, se deixa persuadir de lizonjas, e entrega aos olhos de algum o que escreve no seo gabinete de estudo Oh meo D.^{os}, que desgraça! as interpetraçoens [sic] saõ tantas como as palavras; se a obra he boa, foi socorro de *Abbade assist.*^{e/} seg.^{do} o costume das francezas/ se tem defeitos, com que impied.^e se sentenciaõ! e queres tu que eu me exponha, sem precizaõ, nem utilid.^e a passar por semelhantes provas? Não m.^a Lilia, não pode tanto a vaid.^e comigo.

A patria nada depende dos meos escritos, menos ainda dos meos versos: estes, se tem algum merecim.^{to}, he só quando conseguem imitar o estillo de algum bom mestre. O meo dizignio em forjalos, he provar se entendo as mudas liçoens, que os bos poetas me daõ nos seos; numa [p. 4] palavra, eu q' necesito d'instruirme, não sou capaz de instroir.

Eu não digo, que a *inveja* ha de ser mais poderosa, que a razão: eu devo obrar bem ainda que a emulaçaõ sofra mal; porem a prudencia he o sal das virtudes. Dizistir da applicaçãõ porq' ha quem zomba, de que me aplique, fora locura; nesse caso riome de q.^m se ri e fico paga. Mas ostentar esses tais, quais tu tens, com q' a applicaçãõ me enriquece, sem que p.^a isso haja mais fim, que o de buscar o meo louvor, não, q' a Grande Madame d'Assier¹, quando ouve de assignar o seu nome entre os de m.^{tos} omens

¹ Anne Dacier (1651-1720): foi conhecida e reputada especialmente como tradutora dos clássicos. Publicou *Poésies de Callimaque* (1674), *Florus* (1674), *Aurelius victor* (1681), *Poésies d'Anacréon et de Sapho* (1681), *Eutrope* (1683), *L'Amphytrion*, le *Rudens*, ou *l'Heureux naufrage*, et *l'Épidicus*, (1683, comédias de Plauto), *Le Plutus e les Nuées*, (1684, comédias de Aristófanes, o que a converte na primeira tradutora deste autor para francês), *Dictys cretensis* (1684), *Les six comédies de Térence*, *La Vie de Térence*, e *Des Remarques* (1688), *Réflexions morales de l'empereur Marc-Antonin* (1691), *OEdipe e Électre* (1692, tragédias de Sófocles), *Six Vies des Hommes illustres* (1694, de Plutarco, duas traduzidas por ela e quatro pelo seu marido), *Iliade* de Homero (1711), *Des Causes de la corruption du goût* (1714), *Odyssée* de Homero (1716), *Homère défendu contre l'apologie du R.P.*

doctos do seo seculo; devendo, como elles, juntarlhe huma sentença, escreveo esta / creio q' de Sofocles/ *o silencio he o ornato das mulheres*¹.

Para escrever p.^a o Publico, he percizo , q' o Publico [p. 5], se utilize do que se escreve; e quando assim se conseguir, direy como o gr.^{de} *Fenelon* citado pelo meo incomparavel *Caraccioli*² =*L'estime d'un seul homme de bien, me venge sur abondamment de la haine, ou du me pres des libertins, et des muchans.*

He bem, advertida a raridade que observas entre as mulheres, que rezão o Padre N.^o He certo que poucas ha que o saibaõ em Latim: mas he ainda mais admiravel, que não sejaõ mais as que o entendem em Portuguez! Se o entendessem diriaõ como tu observas *santoficado*? Mas q' hade ser se as nossas Mays entregaõ ás nossas Ayas o

Hardouin, ou Suite des causes de la corruption du goût (1716). Por encomenda do Duque de Montausier traduziu os clássicos latinos «pour l'usage du dauphin, dont il était gouverneur». Alcançou um grande prestígio entre os seus contemporâneos, como mostram as palavras de Bayle, que nas suas *Nouvelles de la république des lettres* (Outubro 1684): afirma «La plupart de ceux qui avaient été chargés de donner ces commentaires n'ont fourni leur tâche, que lorsqu'il n'a été plus tems de l'employer à ce à quoi on la destinait; mais Mademoiselle Le Fèvre surpassa tous les autres en diligence, et gagna le pas à je ne sais combien d'hommes qui tendaient au même but.». Num jornal de 1682 pode-se ler: «Comme la Grèce n'a jamais rien eu de plus galant ni de plus poli que les poésies de Sapho et d'Anacréon, nous pouvons dire que la France n'a guères vu rien de plus juste que cette traduction, tant par la délicatesse avec laquelle Mademoiselle Le Fèvre a imité dans cette copie la naïveté presque inimitable de l'original, que par le secret qu'elle a su trouver, la première, de faire passer dans une prose fidelle toutes les grâces que l'on trouve dans les vers grecs.» E Boileau afirmou «que personne ne devait entreprendre de traduire le Chantre de Théos, pas même en vers, après Madame Dacier», in *Grand Dictionnaire des femmes de l'Ancienne France*, SIEFAR (<http://siefar.femmes.free.fr/DictionnaireFB/FBDacier.htm>) (08.03.2004). Em relação com a frase que Teresa de Mello Breyner atribui a Dacier, lemos na *Enciclopédia católica* (<http://www.encyclopediacatolica.com/a/annedacier.htm>) (08.03.2004), ao lado dos elogios que dela fixo Voltaire («Madame Dacier es uno de los prodigios del Siglo de Luis XIV»), «sin embargo, ella no era una pedante y rehusó dar su opinión en debates académicos, conviniendo con Sófocles que "el silencio es el ornamento de las mujeres"». Crió admiravelmente a sus tres hijos.

¹ «Ajax enuncia lo que debe ser el ideal de la mujer que concuerda perfectamente con el de Pericles enunciado en el mismo siglo V a.C.: "Mujer, para las mujeres el silencio un adorno supone" (Ayax, 1997, 67)» Arbey Atehortúa Atehortúa (2000): «La figura femenina en la tragedia de Sófocles» in *Revista de Ciencias Humanas*, n.º 24 in www.utp.edu.co/~chumanas/revistas/revista/rev24/atehortua.htm última actualización Dezembro de 2000 (09.01. 2004).

² L.-A. Caraccioli (1719-1803), aluno dos Oratorianos, viajou por Itália e Polónia «grâce à son nom et à ses liens familiaux, il a pu pénétrer les milieux de la curie romaine». As suas obras mais conhecidas som *Le Voyage de la Raison en Europe* (1772) e *Lettres intéressantes du pape Clément XIV* (1776, com enorme difusom em Portugal). Entenderemos melhor a devoção da Condessa por este autor ao lermos as seguintes palavras: «Dans son analyse du fonctionnement du pays et dans sa description de ses mœurs, mais surtout dans le regard positif qu'il porte sur l'Italie contemporaine et sur son peuple, Caraccioli fait plutôt figure d'exception. En effet, la plupart des voyageurs français du XVIIIe siècle (dont Sade déjà évoqué serait un assez bon exemple) ont tendance à dévaloriser systématiquement la culture italienne qu'ils rencontrent et surtout celles des Etats Pontificaux au profit de l'exaltation de la Rome antique ou artistique. On constatera que, dans tous les cas, il s'agit d'un regard davantage déterminé par les idéologies dont sont porteurs les voyageurs que par les lieux rencontrés. L'auteur, fervent catholique proche des milieux curiaux, est évidemment porté à l'indulgence, même s'il reprend à son compte un certain nombre de critiques formulées par les tenants des Lumières». Foi autor de: *Le Vritable Mentor ou l'éducation de la noblesse, par le Marquis Caraccioli, Colonel au service du Roi de Pologne, Electeur de Saxe* (1759), *Le Cri de la Vérité contre la séduction du Siècle, par l'auteur de la Conversation avec soi-même* (1765), *Eloge historique de Benoît XIV* (1766), *Lettres récréatives et morales sur les mœurs du temps à M. le Comte de ...*, par l'Auteur de *La Conversation avec soi-même* (1767), *Dictionnaire critique, pittoresque et sentencieux propre à faire connoître les usages du Siècle ainsi que ses bizarreries, par l'Auteur de la Conversation avec soi-même* (1768), *Le Voyage de la Raison en Europe* (1772), *Lettres intéressantes du pape Clément XIV* (Ganganelli) (1776), *La Vie du Pape Benoît XIV* (1783), in *Encyclopedie du Voyage*, Centre de Recherche sur la littérature des voyages, Université de Paris-Sorbonne-Paris IV, www.crlv.org/outlis/encyclopedie/afficher.php?encyclopedie_id=202 (08.03.2004).

cuidado de nos ensinarem, o [sic] mais poderosa oração e a mais respeitada da nossa Religião? e se estas de ordinario mal instroidas, e carregadas de m.^{tas} obrigações, o tempo, que escolhem p.^a este respeitavel emprego, he aquelle, em que nos peiteaõ? Entaõ hu[p. 6]ma creança q' não sabe, que utilidade tem em saber quem he Deos, e que este Deos he aquelle P.^e N a quem louva, e a q.^m vai pedir o que nececita sentindose arepelar, e querendo livrar-se daquella mistificação, repete/ se o repete/ hum P.^e N.^o misturado com hum *ay que m'arrepella! deixeme hir bricar &r.^a* Daqui vem que se reza sem devoção, e sem affecto p.^a o futuro, o que não succedera, se desde o berço nossas Mays nos sustentassem as mãos, que devemos erguer p.^a o Ceo, e nos ensinassem a repetir com respeito, com atençaõ, e intelligencia aquellas orações, que ellas deveraõ só ensinarnos, p.^a que o seo exemplo sustentasse a nossa fraqueza, e ligeireza natural. Ditozas nós, que devêmos a D.^{os} Mays que se não injuriaõ de o parecer, e de nos educar!

Tãbem he falta de educação o officio de gazeteira das novas particulares; não sei por donde [sic] se dimanaõ p.^a o publico; mas he certo que as nove[p. 7]las não correm só no Conv.^{to} algumas vem p.^a o publico, que eu sinto; porque nem todos lhe darão o valor, que merecem.

Tenho respond.^o ás tuas cartas, e feito não huma carta, mas hum cartaz: devo perdirtes perdaõ; porem o q de mim não fio, he a firmeza da emenda. Conheço que devo pouparte e o cuid.^o da tua saude me fará p.^a o corr.^o mais *Laconica*

D.^s te livre da molestia do peito, e dê a tua May e Irmaõ consolação de [te]¹ verem boa, eu lha dezejo, e tu debes segurar-lho, assim como os dezejos que tenho de servilas. Para contigo, que que debes tu soppor, neste ponto da tua fiel

T?

[185.] Amiga do meo coração tu sabes que os movim.^{tos} deste são acordes com os do teo; que m.^{to} se hache a m.^a ternura em campo, quando a tua afflicção te combate com tanta crueld.^e? O alivio de tua May me dá esperanças da sua convalescença, assim em [sic]² a podesse formar da sua prudencia em pontos mysticos! Seg.^{da} fr.^a farei delig.^{cia} por hir jantar contigo, mas heide sahir mais sedo do costume. Não quero que mandes fazer nada de mais; eu levarei alguma coiza que possamos comer sem incomodo teo; mas sempre acho percizo prevenir as coizas de modo que nem tenhamos testemunhos, nem haja desconfianças Tu me diraz como me heide haver, e eu sempre procurarei darte gozto e a Marcia de T. Poemme aos pés da tua May; a m.^a se te recomenda e eu dezejo saber se o teo retrato, e o de Marcia estão com vidro de sorte, que possaõ mandarse, sem risco, onde esteve Diana. Será isto hum gosto inexplicavel p.^a q.^m faz bem bem agoa de Murta, e p.^a [nem]³ o de fazer conhecer esses amaveis objectos do carinho de

T

Se os retratos poderem vir aõ de ca estar
ao menos seg.^{da} fr.^a taõ bem quero o de Pierio p.^a o mesmo fim.

¹ Entre linhas.

² Talvez por eu.

³ A leitura nom é segura.

[186.] Ando sintindo as dores, que te atormentaõ; a cada instante, me persuade amor, que melhoraste; mas he taõ poco efficaz a sua eloquencia, nesta parte, que naõ chego a crer o mesmo que estou dezejando. Amanhaã he provavel, que te vá ver, e suavizar desse modo a mortificação que me custa estar longe de ti. Dize a Marcia que naõ cesso de ler o seo lindo soneto, q naõ seja avara comigo, porq eu sou prodiga do meu carinho p.^a com ella. Tenho oje alguma dor de cabeça e isso me impede escrever mais; em meo nome abraça tua linda May, e lembrate de que te he fiel

T

[187.]

E falta de substancia
Vem cair no estado da ignorancia.

De minhas reflexoens preocupada,
Assim, querida Lilia, entaõ dizia;
Mas sabe Amor, que naõ te compreendia,
Na espece, que deixei moralizada.
Teus versos m'arrebataõ;
E mais, quando retrataõ
A bella perfeiçaõ
Na moderada tua locuçaõ.

Quando dizes, que *só entre Pastores*
A voz podes soltar: digo eu que sim:
Mas teus Pastores saõ, que quanto a mim
Bem podiaõ chamar-se Graõ-senhores.
Phebo sendo Pastor,
Naõ foi peor cantor.
Bem podes tu cantar
Onde Phebo te pode acompanhar. [p. 1]

Mas tu nessa umildade, comque intentas
Encobrir teo saber e perfeiçoens,
Me daz materia a novas reflexoens,
Comque o respeito em mim mais acrescentas.
Trousestem'a memoria
A já narrada historia
Da curvada romeira,
Com bem melhor dotrina, q^e a primeira.

A grandeza do teo merecimento
Te encurva p.^a a terra por saber
Que o mais firme edificio, esse ha de ser
Que mais profundo tenha afundam^{to}.
Mas nella se descansas
Hum novo esforço alcánças,

Qual a antiga nação
De Gigantesca, falça geração.

Canta, Lilia adorada a voz levanta
Em onrada virtude altos louvores
Bem podes entoar entre Pastores [p. 2]
Qu'os eccos retumbaraõ na Siaõ santa
Mas nunca empregues mal
Esse estro sem igual
Assaz Tirse conhece
Que taõ divino canto não meresse.

Estas trovas so pelo lado da moralidad.^e te poderaõ agradar; eu quero aprender de ti, mas o teo suavissimo estilo he inimitavel. A maior onra que me fazes na tua carta he lembraresme q.^e m.^a May, e a tua partem do mesmo principio¹; esta verd.^e que ninguem disputa consolame infinitame.^{te}; vejo que eu participo em parte das glorias da tua família, e que por este lado sou digna do favor que me fazes. Se fosse verd.^e que a m.^a virtude me fizesse melhor do que esses que me prenderaõ, guardaria a tua carta p.^a a deixar ao Pregador as m.^{as} exequias aconcelhandolhe que se servisse dos teus termos, porque até agora ninguem pregou melhor de mim.

O meo peito opoemse a consolação do meo espirito, não quiz a sua groçaria continuar a provar que lhe fazia bem escrever-te: he material isto basta, p.^a não correspon [p. 3]der aos intentos d'uma amizade toda fund.^a em virtude

A D.^{os} Lilia Amabilissima rendati il cielo ancora più infelice di me... Com dor largo apenas, porque em quanto escrevo, não sei que suave encanto me faz Lilia presente aos olhos da

Fiel

T

Gli astri, gli Dei,

si congiurano tutti a danni miei! Assim me sucede q.^{do} tu padeces q.^{do} os teos lindissimos versos se me retardaõ e q.^{do} a distancia me impossibilita para trabalhar no dezafoço dos mais ternos objectos da m.^a Amizade. P.^a o corr.^o direi Amavel Lilia quanto me enternesse o teo Lind.^{mo} Idilio que recebi este corr.^o, mas os teos olhos poderaõ sopportar a lição dos meos desconcertos? ah! querida, não arrisques esses depozitos de formozura! os meos olhos dos teos andaõ pendentes, se choras chorarei, se rires eu rirei; Dos teos, não saõ meos olhos diferentes. Minha Marqueza em que posso servirte? falla eu sou fiel: a distancia não diminue a amizade, antes acrescentanto a magoa da auzencia aviva o dezejo de te ser util. Torno a pedirte que te não²

[188.] Estremoz 12 de Dezembro

Seg.^{do} corr.^o sem ter novas de ti, pode soffrerse sem imaciencia? nem Dona Dionizia me pode dizer se vives? nem ao menos na carta da Tia M.^{na} hum sinal de que tens saude? não sei a que atribu este dezencontro? O silencio da Tia a teo respeito, em

¹ Refere-se ao parentesco com os Távora da sua mai.

² Fim da página. Nom tem continuação.

poem no tormento de esperar e temer ao mesmo [tempo]¹ tudo o q me entereça, e o que me afflige. Compadecete, m.^a Lilia, de q.^m te acompanha fiel em todos os movim.^{tos} que te inspirará o dia d'amanha eu estou tocindo m.^{to} por isso acabo esta tornando a pedirte que me consoles com as tuas noticias, que assaz as merece a fiel

T

[189.] Estremoz 26 de Março

Se podes, sem danno da tua melhoria derramar a ternura nas cartas, que me deriges, escreve-me querida amiga, compença a m.^a dor com tão suave premio. Mas se o debil peito não pode com tais esforços, contempla a m.^a afflicção, e não me ponhas no tristissimo, e violento estado de te chorar perdida. Que posso fazer p.^a persuadirte? Olho que um sabio depende da tua comunicação; merece, nessecita, devemselhe os esforços que para mim são excessivos, e que a razão lhe destina. Tenho tanto medo da tua melhoria como da tua queixa [sic]; antes /se pode ser/ mais; porq tu a unica coiza, que ignoras, he o modo de agradecer este precizo dom da Providencia. Tal abuzo faraz dos teos alivios, que elles nos rendaõ dobradas amarguras. He indizivel a inquietação, em que isto me poem, comtudo Barbora [sic] diz que tu te entre[p. 1]tens com as m.^{as} cartas, e isso me faz dezejar escrevêlas dilatadas. Quizera enchellas de imagens allegres; mas ainda não posso, costumada a temer ainda me não posso alegrar, com o que me promete a tua melhoria no principio d'uma estação mais favoravel. Aqui cheguei a esta Praça² 5.^a fr.^a trusse comigo a Filha de Jozé Feliz, que vem ser Freira neste conv.^{to} He feia não tem instrução, não foi educada entre os seos; contempla, que comp.^a p.^a quem sospira pela tua! Aqui estarei até a Pascoa; tornarei p.^a o meo retiro³, cuja sollidaõ he grata ás muzas, quando estou menos cercada de cuidados afflictivos

Hum destes disa, em que me deixei levar da desconsoação de te não ter comigo, n'um citio proprio p.^a a tua convalescença, escrevi essa trovas, que te remeto para te ajudar a gastar alguns instantes. Tu sabes que em nada estimo [p. 2] o que escrevo, e que so o fim de te procurar uma distração me inspirou o pençam.^{to} de mandarte esta bacatella. Agora vou escrever a tua Irmaã, a quem dezejo fazer mil carinhos, pelos que reparte comtigo. Recebe, querida Lilia, o dezejo, que tem d'abraçarte a tua

Fiel

T

Alfido dezeja a tua conservação
até por segurar a m.^a

[190.] Minha querida amiga /já mais te chamarei d'otro modo/. A tua saude, e a tua felici.^{d.} são os pontos , em q se resolve de continuo a m.^a imaginação. O meo cuid.^o me faz suporte ainda mais doente do que talvez estas, o meo dezejo me faz esperar que

¹ Entre linhas.

² Estremoz.

³ Refere-se, provavelmente ao Vimieiro ou a Alcoentre.

chegarei a conseguir boas novas tuas, e talvez me promete mais alguma coisa a resp.¹⁰ do teo estabescim.¹⁰ Mas isto he crepusculo da madrugada, que apenas começa a raiar entre a escuridão de uma noite revestida de espessissimas trevas. Tal he o caracter do perguizo: a quem tenho atrahido com tudo quanto o pode fazer inseparavel desta caza: com effeito entra nella a toda a ora, e se eu não tivesse comp.^a, a q.^m não devo comunicar os meos projectos, que he viva p.^a os penetrar, e que não posso separar de mim por varias razoes, q tu conheces, creio, que já se teria rasgado os veos, que por ora nos impedem a penetração do interior da creatura.[p. 1] Permite que o compare a hum ouriço; apenas se lhe toca nos espinhos logo se fecha; mas que importa? eu aprendi em pequena a correr a mão por cima delles sem me picar, e tive arte p.^a lhe embarçar q se ffechassem ainda pegandolhe eu.

Do mesmo modo me tem succed.^o com este ouriço racional, porque com arte o fiz assustar pela saude enferma das m.^{as} amigas. Com arte lhe fiz dizer que da m.^a *maõ esperava a sua sorte* e ainda que isto admite outro sentido literal as circunstancias, a enfase da pronuncia a destreza das m.^{as} respostas, as quais nada menos indicavaõ, que ter percebido o tiro, me fazem persuadir de que os intentos são verdr.^{os} e que poderá tratar-se comigo a negociação Alfidio está disposto a manejar este negocio por um modo esquizito e bem a propósito em fim este par unido nos desejos de ser util a fami[p. 2]lia do sabio, não perderá occasião de o conseguir. O ponto he que tu acabes de persuadirte a que se necessita m.¹⁰ de que te conserves saã p.^a que tudo tenha bom effeito. Tu trabalhas por morrer como deveras fazer por viver; mas que posso eu conseguir de ti se os cuidados de huma May, não te obrigaõ a que te poupes, e te sugeitos a uma innação de que depende o teo restabescim.¹⁰, assim como do alim.¹⁰ a conservação da vida? não quero que me escrevas, e isto ha de se fazer como eu o digo, que sou mais velha, e sou tua Tia¹; guarda esses esforços p.^a quem os necessita como unico refugio da sua triste vida. Eu largo agora esta carta por não poder continualla tornarei depois a escrever p.^a responder ao que me dizes do teu coração &r.^a

Agora torno a escrever mas pouco me poderei dilatar, porq chegou a Penalva com a Nora e f.^{as} e ainda que não estão em m.^a caza estão paredes meias sendo percizo assistirlhe com m.¹⁰ [p. 3] maior trabalho. Tu me dizes mil coisas com que pertendes satisfazer-me das queixas que eu não formo. bejote as lindas mãos, que escreverão tão excellentes expreçoens, as quais eu não recebo com indiferença; mas como estão dadas as que bastaõ, e m.^{tas} mais das que eraõ precisas, não ha p.^a que fallar mais em tal.

Não te digo que o meo coração passou insencivel por aquellas provas: que sei eu? vi naquella resposta qual tinha sido a tua carta; huma falta de lizura em Lilia, he um terrivel ataque p.^a o coração de Tirse; mil reflexoens; mil desfallecim.^{tos}; mil coisas tristes me trousseraõ aos olhos /não te nego a m.^a fraqueza/ lagrimas, que sahiaõ do coração apezar de todo o esforço contrário: huma dor de cabeça violentissima foi o fructo desta luta cruel; mas no meio deste tumulto triunfava de tudo a amizade, sem sosobra [sic]. Ella julgavate culpada naquelle tempo; mas advogava a tua cauza no presente. O modo, porq vinhaõ [p. 4] a minha noticia aquellas coisas era o balsamo especifico, com que se mitigava tudo, em fim eu sou tua amiga verdr.^a, e huma vez que conheces que eu não sou qual me julgaraõ, isso me basta p.^a me contentar, e me fazer esquecer da ferida, que me abriu a tal carta, a qual desejo que não tornes a ler, e para isso estimara deixala na m.^a maõ. Pelo que toca ao que ella diz dos meus defeitos, já te disse, que nada me scandalizava porque ainda eu me julgo peor do que me pinta o sabio/ isto he pelo que respeita a cultura do meo entendim.¹⁰/ diz elle, e diz m.¹⁰ bem, que

¹ A relação familiar entre Teresa de Mello Breyner e Leonor de Almeida é remota, e reduz-se ao facto de terem as mais das duas -em diferentes lugares da sua genealogia- sangue Távora. Achamos que a utilização do apelativo *tia* -igual que, noutros lugares, os de *prima*, *neta*, *sobrinha* ou mesmo *madrinha*- com as relações de solidariedade e amizade entre as duas famílias que com um verdadeiro parentesco de sangue.

huma letra não ficaria em pé nas m.^{as} composições, se se examinassem sem pied.^e Se dissesse o contrario fallando contigo em confiança, mostrava, ou ignorancia, ou paixão; e nenhuma destas coizas costuma preocupar aos q tem o seo caracter de sciencias; emfim nesta borbulha não ha mais que coçar; só o que resta que dizer he que me arrependo, e deveras, de ter mostrado que li a tal carta, porq o que eu devia fazer, em agradecim.^{to} da confiança, que [p. 5] de mim fizeste, era lêla, e suprimila na m.^a gaveta; he verd.^e que te fazia um robo; mas era p.^a te poupar uma confusão. Não me occoreo, porque nem sempre lembra o melhor; por isso fiz o que era menos bom, e foi dar-me por entend.^a quando me tocaste na tecla. Perdoa esta incivild.^e e nunca mais duvides da tua verdr.^a amiga, e fiel

T

Linda Marcia, as tuas letras consolaõme, divertem-me, e lizongeaõme. Tu sabes que deveras me entereça tudo, o que se forja no teo lindo entendim.^{to}, e como o sabes, debes condescender com a m.^a ternura, continuandome o teo favor. sinto a molestia de tua May: dalhe hum abraço de m.^a p.^{te}, e quando jogares não te esqueça marcar as apostas de Alfido, porque talvez que aja quem se lhe não dê de emparelhar com elle ao menos por comrrespondencia [sic] de amizade. Nós temos bebido a agoa dois dias: não temos tido abalo, e sabado entraremos no banho¹. m.^a May está boa, e se [p. 6] poem aos pez de VEx.^{as} de q.^m he /certam.^{te}/ perdoa os borroens Fiel e constante amiga

T

[191.] Não, Lilia adorada, não te escrevo dos Elizios; duvido se o faço das margens dos Estiges. Tanto mo perduade o orrendo, e ronco som, comq as arrans e outras asquerozas sevandijas, celebraõ as exequias da m.^a formosa Primavera, que até eu me suponho quazi pronta a naufragar neste diluvio, em que ella s'afogou. Que Lastima! apenas se mostrou, apenas começava a alegrarnos, acabou, não pelas fadigas do Estio, se não pelo furor do cridelissimo, e chuvozo Noto². Estou desconfiada de veras; e nem ao espelho me vejo, pelo receio de que elle me acabe de persuadir, que sou da familia de Noé, em cuja Arca me imagino, sem esperanças de por o pé fora della. Fora desgraças não ha mais espantoso Inverno, q o que estamos supportando ha sinco dias; mas não obstante o seo rigor, estou boa, e com esta confiação tenho satisf.^{to} ao capitulo da saude seg.^{do} as ordens de V. Ex.^a.

He certo que no dia 25 de Abril, em que devia ter carta da m.^a Lilia, não estive: se na m.^a me não queixava da falta, não sei o porq o não fiz, creio q [p. 1] te havia de sigurar o cuid.^o, q sempre me debes, e como independente dessa falta sempre o tenho em ti; pode ser que por essa razão não fizesse especial menção della; a m.^a carta hade ser de vinte e sinco ou vinte e seis. A dois de Mayo recebi a q tu escrevestes a 29 d'Abril; e a essa respondi no mesmo dia dois: pelas contas, a que me falta he a que corresponde aos dias 29, e 30 d'Abril, na qual, pode ser, que te lembrasses de me onrar com mais especialid.^e. Se assim foi, serei inconsolavel nessa perda, e tu me desenganarás.

Tu m.^a Sr.^a es quem dás ás m.^{as} cartas o merecim.^{to}, e a viveza que lhes falta, quando sahem da m.^a mão: a preça, com que são feitas, e a dezordem/ que se conhece até na escrita/ a dezordem [sic], que se espalha por todas ellas, as faria talvez indignas de chegarem a tua presença, porem os milagres do teo merecim.^{to}, ou da tua bond.^e tudo podem conseguir; eu que não quero dezagradarte, não tenho empenho em provarte, q te

¹ Caldas? Estoril?

² «Entre os antigos, vento proveniente do sul».

enganas no q dizes dellas. Estimo que te não aborreção, e estimara ainda mais, q divertissem, porq eraõ dobrados os entereces. [p. 2]

Estimo que recebesses as m.^{as} cartas, especialm.^{te} aq.^{la} em que te falava de J:I: tu me prometes m.^{to} a este resp.^{to}, e eu em quanto não vejo, o que me prometes, nada mais posso dires a elle. Se te visse, sem o impertin.^{te} embarasso de uma grade /como eu dizia a semana passada/ m.^{to} podera comunicarte o meo coração. Não te posso negar que os sentim.^{tos}, que delle nascem, são pôco vulgares; dizia huma peçoa, que fez alguma experiencia delles, que D.^{os} tinha *quebrado a forma quando o acabara de formar*/ não te conhecia; se tivesse essa fortuna, sô de ti o desserá com razão/

O certo he que a corrupção do seculo, em que vivemos, faz comque em mim seja de notar huma qualid.^e, que devera ser inata a toda a peçoa de bem. Não consiste o merecim.^{to} na m.^a virtude; procede da perversidade alheia. O que eu sinto, amada Lilia, he que valhaõ taõ poco os meos esforços: a peça respondeo, *que a sua compaxão era igual á m.^a* enganase/ *mas que era percizo que as occasiones se presentassem, o que talvez não succederia em m.^{to} tempos* mas teo Irmaõ pode buscalas, semque lhe fique mal [p. 3] e como se acrescentaõ os motivos, esses mesmos desculpariaõ a dilig.^{cia}, ainda quando fosse culpavel. Entre tanto poupate, quanto poderes; mas não deixes de me dizer tudo, o que sentes, porq este *mal, que faz ao meo peito a molestia do teo*, he hum mal, que consiste na apreenção, e que explica a intimid.^e do carinho, q me une contigo. Eu quero antes sentir hum mal, q temer m.^{tos}; fixase a minha imaginação n'um só objecto e poupome ao trab.^o de andar errante, entre o horror de tudo o que posso recear, e tirando por fructo de cada receio huma angustia.

Estabelescida assim esta doutrina, venha a juizo *a terna Marcia*; porem antes q chegue dizeme; na verd.^e, heide lhe fallar por tu? Se ella o quera, porq mo não mandou taõ descaradam.^{te} como eu to fiz? á viveza, e suma graça, com que tu¹ me ordenas, que lhe mande *um tu q esta morrendo por elle* ninguem pode rezistir. Eu ainda me estou rindo da engraçadissima sahida do teo travesso espirito, e morrendo de saudades desses dois amabilissimos objectos da m.^a ternura. Ora vá, mas eu tenho vergonha: dalhe tu, esse *tu* que ella dez.^a [p. 4] p.^a que ella mo mande p.^a o corr.^o enlaçado nesses ramalhetes, que anda furtando as muzas p.^a me fazer negaças. Eu taõ bem, se vai a falar verd.^e, cá estou com m.^a comição do tal *tu*; e posto que o meo ditame era esperar pelo correio, não me posso conter, sem dizer, *terna Marcia*, que te estimo no meo coração, onde já a *Maligna Lilia* tinha colocado junto a si a tua imagem: Nelle, ora n'uma, ora n'outra faca, anda amor fazendo travessuras galantissimas; e eu q gosto m.^{to} do que elle faz, estendo-lhe os braços, e com elles ligo taõ fortem.^{te} a ambas, que ficaõ ja agora indiviziveis. Oh quem podera fazer que estas imaginadas satisfaçoens da m.^a ternura, fossem reais premios da m.^a amizade! Querias tu, Lilia, que assim fosse? e tu, Marcia, gostarás, q o fisesse?

Perdôe V. Ex.^a, S.^a Marqueza, estas confianças, q tomo com as suas Galantissimas f.^{as} Ellas sim mas daõ [p. 5] mas eu divido se abuzo. Se assim for, V. Ex.^a, q está dezapaxonada, corrija-me; porem não me negue o gosto de servila, porq nisso cortaria a m.^a felici.^e Eu dezejo a de V. Ex.^a m.^{to} deveras; e q p.^a as suas Amaveis filhas não enrole á [sic] Parca fio, q não seja d'oiro; mas oiro que rezista ao ferro, e que não ceda ás fatais disposiçoens da cruel sorte. Estes saõ os sinceros dezejos, porq faz continuos votos a

Fiel
Tirse.

¹ Riscado?

[192.] Oje que eu necessitava de m^{to}. tempo p^a. te escrever me vejo impossibilitada p^a. isso; porq me avizaõ de que talvez querem sorprehendernos os Ministros de França na sua retirada, e pelas confuzas noticias ignoro se chegaraõ D.^{mo} Esta caza sim está decente p^a. receber ospedes Portuguezes, mas gentes, que nunca me haõ de tornar a ver, precisaõ de mais alguma coiza: isso faz com que eu naõ possa dizerte quanto dezejo á tua galante carta; mas eu o farei p^a. o corr^o., e segurote que o gosto que tenho de fallar comtigo me fará aproveitar todo o tempo p^a. o empregar neste gostozo exercicio. As tuas glozas são lindas o talento d'Aonia vai pelo que me dizes correspond^o. ás minhas ideias: naõ terá nunca o trab^o. de soffrer-me, porq a pequenez [sic] do meo espirito não [sic] p^a. [he tanto]¹ espalhafato. Naõ posso acomodarme ao ajuste que me propoens: o primeiro interesse que levo nas tuas cartas he saber de ti contendo estas noticias, posto q as de oje o coração cedeas em obsequio da tua precioza conservaçãõ. Naõ sei nada [p. 1] do Conde de Villa Nova², algumas peçoas se referem ao q eu saberei a este resp^{to}. e socede que fico ignorando tudo, por isso mesmo q me supoem sciente de tudo. Eu estou boa e he q^{to}. posso dizer de mim naõ o tomes no sentido moral p^a. te naõ enganares naõ sei se a grande calma que oje faz me fará à tarde mentiroza no que digo de manhaã mas sei que sempre estou prompta p^a obedecerte, e que agora naõ he possivel dilatar-se neste exercicio a tua

T

Duas palavras á intruza Marcia

Naõ sabes, lindissima Sr^a., que estas em um sitio onde se sabe Avegatinhar? [sic] Se o ignoras tens desculpa em deixar migalhas do teo coração, expostas a algum rombo sacrilego, mas se o sabes, como me vendes por fineza, ou milagrozo effeito do meu *tu*, o derreterse *quazi todo*? Lilia ou finge melhor, ou sente mais, porq naõ faz rezer [p. 2]va. Naõ julgues que isto seja arguirte, de nenhum modo conheço que se fosse o *quaze nada*, e tudo me desses, sempre era mais do que eu mereço; mas he dizerte a justiça com que Lilia pretende [sic] justificar o seo direito a primazia sem ser preciso recorrer ao *Rol dos grãos*. Mas tu dizes que ella *tem siumes*! travêssa! e podes supporlhe huma paixãõ taõ indigna da sublimid^e. do seo espirito? siumes! que horror! porque pode ella ignorar que as faculd^{es}. da alma tem a sua mesma natureza? se podem ser eternas, porque haõ de ser limitadas? naõ Marcia Adorada, naõ te alucines com os *quatintes* [sic] desse Citio. Se eu fui na verd^e. a prim^a. que pude abrandar o teo *rispido* coração, devo dizerte que amor naõ he taõ groceiro, como o fazem esses sordidos escravos das paxoens: elle ama comunicarse, elle pode darse a muntos³ sem prejuizo de nenhum, e q outro amor poderaõ produzir as tuas sublimes virtudes? pode Lillia disgostarse de que adore em ti o mesmo que nella idolatro? naõ por certo. Eu assim o discorro, e confiada nisso taõ bem tu m^a Marqueza, acharás sempre na constan[p. 3]te e fiel Tirse, aquella sincera amizade que tanto te agrada em mim. Se eu fora de allegar servissos talvez te provara, q ainda antes de saber, q me havias de ser agradecida, me deveste bast^e. com que podesses obrigarte. Entaõ obrava por satisfazerme, agora obrara p^a. contentarme fazendote feliz oh quem o conseguira!

Lilia perdoa, eu torno a ti se he que pode tornar, quem naõ sabe separarse. Que te parece a travessa Marcia? siumes tu? ah naõ pode ser, e se me enganno tu me desenganna. A D^{os}.

Perdoa as incivilid^{es}. desta carta, e naõ falles a ninguem no q digo dos Francezes

¹ Mancha de tinta. Parece que a orde está alterada.

² Polas datas poderia ser tanto José Maria de Lencastre e Távora, 6º Conde de Vila Nova de Portimão (13.02.1742-23.05.1771), como o seu filho Pedro de Lencastre da Silveira de Castelo-Branco Sá e Menezes, 5º Marquês de Abrantes, 7º Conde de Vila Nova de Portimão (28.07.1762-25.03.1828).

³ Gralha ou arcaísmo?

[193.] Minha Amada Lilia ontem r[e]cebi¹ o teu favor já de noite e agora ----- p.^a despachar este portador com fadiga porque não ouvi missa e he tarde. Sinto q tua Irmaã não esteja boa como eu dezejo eu não sei ainda q.^{do} poderei verte; mas verei se posso atrahir o C: e hir lá na mesma Q.^{ta} fr.^a em que vai o administrador. O C: disse-me q estivesse eu certa de q tudo se havia fazer como eu dezejava por isso proponha tua May francam.^{te} e q.^{do} for o conego perguntelhe em confiança aconcelhandose com elle se seria util escrever ella ao M: pedindolhe a mudança, ponderando as razoes p.^a ella sendo a mais forte o inconveniente de hum f.^o ao dezamparo &r.^a e faça o q elle lhe disser a D.^s Não digas q vou a ninguem

[194.] Eu acordo rabujenta, e indigna de ler um teu escrito, e mando abrir a janella, forcejo por me revestir de boa feição mas nada basta, por q nada consegui do que tinha projectado a favor dos teos passeios, e porq me dizes q a m.^a adorada Bugia fica p.^a se sangrar. Eu sou agora a q.^m parece insoportavel esta abitação não posso estar com vosses q.^{do} quero isso me enraivesse q.^{to} não sei explicarto. Quando cheguei D.^{mo} ao Passo tinha partido o Patriarcha: heide fazer deligencia pelo encontrar la a trez do mez que vem e so tu me podes levar áquelle lugar naquella dia. Tive o gosto de fallar m.^{to} de vosseêz ás duas Inf.^{as2} essa pratica fica p.^a grade. Aquelles bellissimos corações não custaõ a render p.^{lo} lado da compaixão, e da justiça se delles dependesse... Eu farei o q tua May dezeja a resp.^{to} da Penalva, e agora querida amiga, não te arruines com a essistencia³ de Marcia. Abraçaa ternam.^{te} da m.^a p.^{te}, e conserva essa terna, e onradora lembrança da tua

T

O meo sancho ainda dorme, ficará bem vaidoso q.^{do} eu lhe disser o que deve á tua memoria. A D.^{os} Agora me diz Amador q M. se sangra oje no pé, e no braço fico doida de cuid.^{o4} em q.^{to} não sei o que tem

[195.] Estremoz 21 de Janr.^o

Lilia bella

Estimo no meo coração que esteja decidido o methodo p.^a tua cura; D.^{os} o abençoe e permita, que delle se siga o dezejado effeito! Destroida a obstrucção, tu veraz que haõ de ceçar o insultos do sangue pela boca. Saõ faceis de sicatrizar os vazos, que agora se rompem; em se abrindo a passagem à circulação e em se facilitando os meios da natureza se desonerar. Socego, bom alim.^{to}, remedios corroborantes, e nenhuma applicação, haõ de ser os meos de convalescer, depois de vencido o primr.^o [passo]⁵

¹ Lacunas polo mau estado do suporte.

² Refere-se também à futura rainha D. Maria I?

³ Ou assistencia.

⁴ Leitura difficil.

⁵ Na margem.

vizitas da Cond.^a de Soire¹ acompanhada de Batistina de Perilla, e otros, devem suprir as assembleias de *Saturno*. Quatro vôos ao Parnazo por entre murtas, e loireiros, he a applicação que te permite a m.^a medicina: mas guardate de seguires os geneios² malencolicos, que giraõ nas frematas³ dos Ciprestes. Se parares, seja nas margens de Hipocrene; nunca no ardor da fervida estação; mas só quando, uma Prima[p. 1] vera benigna te saudar com os gorgeios de Filomena⁴. Entaõ podes tecer grinaldas de frescas rozas, comque premeies os carinhos de Marcia: as palmas, que destinares p.^a onrar um sabio podem ser entrelaçadas com cadeias de raiados goivos, de cand.^{os} Narcissos⁵ Naõ haja emprego, que naõ traga com sigo as delicias de uma paz serena; o mesmo sonno, deve ser fomentado pelas suaves cançoens de Marcia, e se a a pobre Tersea nas azas de Morfeo te aparecer saudoza, naõ creias que as lagrimas lhe correm sem que as derrame a ternura. Quanto he doce despertar de um sonno socegado no ceio de uma carinhoza May! os braços se enlaçaõ reciprocamente, unemse as faces, derramase nos coraçons uma suavidade inexplicavel; até os olhos pairesse que se brocaõ, querendo os da cada uma penetrar ao centro em que rezide o amor. Goza m.^a Lilia, goza [p. 2] destas doçuras, que saõ bem mais sollidas que os deleites pompozos, comque se embriagaõ o comum dos omens. Virá tempo em q a sorte te fará provar otras delicias; agora he melhor figuralas em perspectiva, p.^a variar de ideias, e hir aproveitando das reais a fim de aproveitar o tempo. Eu cheia de cuid.^o no meo Alfido, cercada de mil otras coizas, que me inquietaõ, te escrevo todos estes bons conselhos; merece ao menos a situação, em q me acho, que tu os pratiques. Estou entregue do livro do Garçaõ. Gosto m.^{to} do seo modo de poetizar: eu o restituirei. Naõ te esqueças de mandarme a Epistola, e sonetos, que lá tens, pedeos quem tem direito ao que he meo. Naõ sei que mais tinha que dizerte? O Conego diz-me este correio =Ign.^{cio} P.^o supponho que se tem havido com mais comizeraçaõ, pela qual sempre trabalharei= saõ as suas palavras a que eu respondo como tu pod[p. 3]es supor. Dizeme se o Compadre quererá entregar, quando for aos prezos, algumas camizas p.^{los} mais neceditados; q ha q.^m queira fazer essa esmolla, mas naõ as quer dar, se naõ a peçoa zeloza que as dê com fedilidade [sic] aos pobres, que as nececitaõ, e ficate com D.^{os}, que ja naõ pode mais a m.^a cançada maõ. He fiel a tua amizade

T

[196.] Tu bem podes julgar amada Lilia, que nem o tempo nem a distancia me impediria [sic] buscar o alivio de te ver. Tenho tido huma impertinente molestia que me obriga a estar em caza depois de me ter feito recear coiza de cuid.^o. Por esta razãõ naõ fui verte ontem nem tenho pod.^o ver quem eu queria q lá fosse ontem; mandame novas tuas de tua May e de Marcia porq de todas as dezeja a

fiel

T.

¹ D. Antónia Maria de Rohan, filha de D. José Rodriguo da Câmara, 2º Conde da Ribeira Grande (antepassado do 6º Conde da Ribeira, futuro marido de Maria de Almeida) e mai de José António Francisco da Costa, 6º Conde de Soure (Évora, Santiago, 03.05.1726-Lisboa, 24.01.1806). Descartamos a mulher deste, Maria Delfina José de Melo, pola sua data de nascimento: 26.11.1777.

² Leitura mui clara -por «genios»??

³ Por «fermata», em it. 'sinal que indica sustentação indetermina da nota ou pausa sobre ou sob a qual se encontra'??

⁴ Nos *Lusiadas* é a «filha de Pandion rei de Atenas. Foi metamorfoseada em rouxinol depois de ter sido violentada por seu cunhado Tereu (V. Ov., *M*, VI 412-674)», Canto IX, v. 2. A mesma história é também referida no Canto 3, 32.1

⁵ O m. q. «narciso»; cultismo.

[197.] Minha amada Sr.^a tu me fazes estimar a mim por amor de ti, quando me julgas perciza p.^a o teo dezafoço, ou util á tua conveniencia, então me parece precioza a m.^a vida, então dezejo ser inseparavel do officina [sic], onde se fabrica a tua fortuna. Ontem dezejei executar o que me ordenavas; mas não me foi possível, por varios embarços: oje escrevo ao Conego p.^a que me falle segunda fr.^a, e ajustarei com elle o que se pode fazer; se bem que delle p.^a com o Quentella, não sei se posso esperar alguma coiza, porque já me disse, que o rendim.^{to} que ficava p.^a a administração era m.^{to} pouco, tirados os bens da croa [sic], e das ordens; e que como elle não tinha ordem p.^a dar mais q a mezada, tudo o que desse de mais, se arriscava a não lho levarem em conta. O Administrador diz, ou lhe dizem, que he excessiva a despeza que V. Ex.^{as} faze; isto não sei se tem principio em enfeites, e não sei por que caminho vai. Mandame tu dizer quanto he o partido do Medico, e como se lhe faz o seo pagam.^{to}; se he a quarteis, ou no fim do anno, porq todas estas clarezas me são precisas. Sinto no meo coração, que dure a tua molestia, e que a da tua [M:]¹ prezista poemme aos seos pés e ao [sic] de Marcia. Minha May te beja as mãos Alfido o chaõ q V.Ex.^{as} pizaõ, e que fará
T?

Vai a ode.

[198.] Amigas do meu lacerado coração assim he, não estou capaz de nada. A vinda de Pierio consolame na esperança de que Leonor possa buscar na sua comp.^a melhor ar; mas não obst.^e serem estes sentimentos proced.^{es} do fundo do coração, estou tão abatida, q ate me parece q o mundo todo me he indifferente. Eu conheço que esta allusinação he effeito da minha dor, a qual prova bem q não sou de pedra. Eu devo áquella desconsolada familia um carinho inexplicavel: o Conde idolatravame, e supunha que a Pr.^a Vimieiro era capaz de contribuir p.^a a sua felid.^e, á custa das maiores provas: querianos vir vizitar, logo q chegou de França: era amavel, apezar dos q diziaõ o contrario; en fim era um genro de appetite, como não seria um f.^o de gozto, d'adoração, e de tudo o q pode inspirar a ternura Paterna. Costança era galante, entend.^a, e capaz de ser instruida, porq tinha m.^{to} juizo, e gostava de ler; ambos souberaõ suportar const.^{es} o fatal golpe: ditozos se a sua sorte foi igual aoq as suas disposições nos prometem! Mas os pobres Pais! Coitados, tiroulhe Deos em flor as esperanças de tantos annos. Aquelle f.^o foi sospirado, e chorado por todos os modos; mas tinha direitos mais fortes sobre elle: executouos: louvado seja p.^a sempre! Minha Marq.^{za} que triste coiza he ser May, ainda de bons f.^{os}! minha querida amiga, eu quazi me acho feliz na m.^a esterilid.^e Mas D.^s sabe melhor o q me convem, e a Religião me ensina a querer o que elle quizer. Oh! se m.^a resignação [sic] fosse meritoria! Eu ja copeei [sic] o paragrafo da tua carta, na que escrevo aqueles sr.^{es} os quais não podem deixar de afirmar a m.^{tos} ²a tua compachaõ. Não os defendo da falta de recado mas sei q a tua infeliz irmam lhe deve m.^{to} D.^s queira, m.^a Lilia, q a tua saude se restabelesca até p.^a onreres o teo Cap.^{to} Alfido que cheio de resp.^{to} recebe o teo favor, mas nenhum de nós sabe oje dizer nada. Elle com mais constancia que eu faz recolher as lagrimas, q lhe estão vindo aos olhos de continuo ambos olhamos p.^a aquella caza como unida a esta D.^s abençoe a Vimiozo³ e a faça May

¹ Entre linhas; «mai».

² A leitura da frase nom é clara.

³ A leitura nom é clara. Maria Teresa Teles da Silva (02.09.1758-27.11.1804), casada com Afonso Miguel de Portugal e Castro, 4º Marquês de Valença e 11º Conde de Vimioso (08.05.1748-22.12.1802). Tivérom três filhos: José Bernardino (1780), Maria Francisca (1782) e Manuel Francisco (1787).

d'uma descendencia feliz, naqual se perpetue a onrada memoria de seos Avós. A D.^{os} m.^a
Marcia sollezio [sic] he um objecto de compachão p.^a mim A D.^s a fiel

T

[199.] Raparigas de meos olhos traquinentos¹ Mal sabem vossês como estou arrenegada pela importação que ontem nos embaraçou palmicar á nossa vontade. Não, não se pode com aquelle demo arrumadisso das nossas grades: e de mais a mais temse feito semsabor depois que deo em nos perseguir. Se não tivera medo *da algalia do burel* mascaravame em Frade q.^e fosse a chellas a ver se me deixavam estar com vosses com dezafofo. Que de cozas me ficaraõ por dezer! e o peor he q.^e me não lembraõ p.^a as por por pena, a tinta consomiose inutilm.^{te} o espirito de brinquedo e oje estou peor q.^e [F:]² Oracio, a q.^m certa peçoa /porq.^e não conhece, nem ainda pela pinta/ o equivoca com o *celeste venozino*. Taõ bem estou arrenegada com vossês, porq.^e entregaõ as m.^{as} bugiarias sem declaração doq.^e as pode fazer menos insulças. Tenhome persuad.^o de que diz bem o *Caracioli*, quando prohihe que se prepitaõ ditos engraçados, porque de ordinario perdem a galantaria fora do cazo em que se diceraõ. Assim succede no cazo prez.^{te}, em que o merecim.^{to} do meo escrito todo se fundava na conversação da grade antecend.^{te} [sic] Paciencia se o Snr Ex.^{mo} sabio me condena, o respeitozo T. me defenderá, e como está mais nosso, e bem creado, suponho que os golpes q.^e der em m.^a defença, haõ de dezarmar a maõ que quer incençar o idolo, que detesta. Ainda bem que se arrenega: sempre tive gosto dessas travessuras: e umas vezes por vingança, otras por divertim.^{to} [sube] manejar bem essas armas arrenegativas, e ainda assim sempre lhe direi, que se um bom soneto vale um g.^{de} Poema como não conseguirá uma excellente ode as onras d'uma Epopeia? Quero consolalo dizendo que eu taõ bem gozto de rima, assim como gozto dos vidrilhos, comq.^e vossês me enfeitaõ, porq.^e ainda quando me arranhaõ, me adornaõ; mas não seria improprio improprio ornato este p.^a ser madrinha d'uma noiva? Hum donaire tamanho como a legoa³ da Pov[--]⁴, um vestido coberto de rendas bord.^{as} /assim he o meo p.^a o cazam.^{to} da Vimiozo/ um tocado em toda a pompa [p. 1] e no meio de tudo isto prizaõ de vidrilhos p.^a aqui, borla de velorios p.^a acolá; aqui se dezata a seda e por isso fica desmanchada a rede ali me pica a ponta que ficou mal arrematade, e eu a trocerme [sic] e os *olhos a vestiremse de velhisse!* /aqui jejua sua m.^{ce}/ não seria isto uma coiza redicula capaz de sahir do *concelho mauriciano*? ora pois assim mesmo acho impropria a rima em toda a ode que não for concebida no gozto Anacreontico. Não podera negarme o sabio contendor, que a travação dos consoantes he o mais groceiro esmalte que a Poezia emprega nos seos trabalhos, e que lho aplica do mesmo modo que os pintores manejaõ as sombras só a fim de realçar a pintura. Elle acuda agora que lhe meto nas maõs um *perte* [?]/perdoa senhora Lilia a expreção por ser uma prova deq.^e me vou mascarar em frade/ mas enganasse. Este esmalte por mais preciozo que seja fica improprio de se applicar a perolas, que saõ preciozas por si mesmas, e querem ser vistas por todos os lados, sem embaraço que lhe faça sombra. Assim mesmo as odes amaõ a liberdade devem voar arrebatadas e com incerto giro. Quanto mais despegado paresse o estilo tanto mais se avizinha do bom gosto, mas esta mesma liberdade hade ser regulada por um fio d'oiro delicad.^{mo} que a sugeite q.^{do} for

¹ Datamos esta carta em funçom da referência ao casamento «da Vimiozo», que se celebrou a 20 de Junho de 1778.

² A leitura nom é segura.

³ Ou lagoa

⁴ Mancha

tempo mas que de nenhuma sorte lhe peze, nem a moleste ora como podem satisfazerse estes preceitos, com a pezada escravidão da rima sobre as obras da fantasia? he quasi impossível, eu bem sei que

Lors qu'à la bien chercher d'abord on s'avertue
L'esprit a la trouver aisément s'habitue.¹

Antonio Deniz, de quem não gozta D. Lilia me faz uma boa prova nas suas odes Pindaricas tão felizm.^{te} dezempanhadas, e disto concluo, que não devemos brigar por seguirmos diversos rumos, pois q.^e ambos os lados temos, cada qual m.^{to} que alegar em nosso favor. Em lembrandome do mesmo [p. 2] Boileau, comq.^e me amedrentou V. E. me ocorre que elle acabando de fallar na ode diz *chez elle un beau désordre est un effet de l'art = loin ces rimeurs craintifs, dont l'esprit phlegmatique = garde dans ces fureurs un ordre didactique* [sic]... *Apollon de son feu leur fut toujours avare*². Depois diz que para castigalos, inventou as leis do soneto; e sem me pôr na precizaõ de escrever tudo, gozto de copiar estes dois versos. *Il veut qu'en doux quatrains de mufare parille = la rime avec deux sons frappe huit fois l'écrit*³. Basta de conversaçã, e para desculpar a dezordem da escrita offereço os repelloens, que me esta danto, quem me desembaraça a gadelheira conservada a onra, e louvor do *bem aventurado Alfido*. Ambos nos prevenimos p.^a largas conversaçõens, e p.^a registrar incenços que sempre fazem mal á cabeça. A amizade faz menos despezas em drogas dessa qualid.^e: guardemos a sciencia de Mariquita p.^a quando formos vizitar os lugares santos, e observar de perto os triunfos de Tancredo. Entãõ necessitaremos de q.^e ella interprete a lingoagem dos nossos coraçõens e a explique a q.^m não tem tanto uso de nos comunicar. Sempre quero, D. Lilia encanudada, que faças os meos cumprim.^{tos} de modo que me não pintes capaz de meter medo às creanças, e que agora bejes tua May onde tem um sinal p.^a isso tão bem marcia merece un [---- baiset]⁴ entre os lindos olhos, onde estão ralhando os sobre olhos porq.^e não fazer cazo delles: ella hade desdenhalo, mas tal vez que seja por imitar Iriz = *qui mollement résiste, et par un doux caprice quelquefois se refuse, à fin qu'on le ravisse*⁵. He preciso dizer alguma coiza da m.^a saude; não digo bom della porq.^e me doe a cabeça, e estou agoniada assaz, mas sempre capaz de afirmar que sou a fiel

T

¹ «Lors qu'à la bien chercher d'abord on s'évertue,/ L'esprit à la trouver aisément s'habitue», Boileau, *Poétique*, Chant I, vv. 31-32.

² «Chez elle un beau désordre est un effet de l'art./ Loin ces rimeurs craintifs dont l'esprit phlegmatique./ Garde dans ses fureurs un ordre didactique,/ [...] Apollon de son feu leur fut toujours avare» Boileau, *Poétique*, Chant II, vv. 72-81.

³ «On dit, à cet propos, qu'un jour ce dieu bizarre,/ voulant pousser à bout les rimeurs françois,/ intenta du Sonnet les rigoureuses lois;/ voulut qu'en deux quatrains, de mesure pareille,/ La rime, avec deux sons, frappât huit fois l'oreille», Boileau, *Poétique*, Chant II, vv. 81-86.

⁴ Entre linhas.

⁵ «Vante un baiser cruelli sur les lèvres d'Iris,/ Qui mollement résiste, et, par un doux caprice,/ Quelquefois le refuse afin qu'on le ravisse», Boileau, *Poétique*, Chant II, vv. 68-70. Todas as citações tiradas de www.chass.utoronto.ca/french/as-sa/editors/pgm/pleiade/html/artpoetique.html; última consulta: 12.01.2004.

[200.] Quem pode fazer feliz, que tu não sejas?¹ Oje chorei vezinha [sic] de ti o mal que tenho vivido, mas não pude hirme allegrar com tigo porq mo impede o meo fado. Ate me embaraça poder consolar-me com as dösses expreçoens da tua muza. Vizitas impertinentes me [embaraço]² de te dizer quanto dezejo, eu me explicarei melhor quando me for possível. Quinta fr.^a hirei verte; mas por pied.^e do meo triste coração, não acrescentes a tua amabilid.^e Q.^m hade separarse de ti brevem.^{te} quizera acharte menos amavel, se pode ser, q se deminua a mortificação de serpararme de ti. Minha May te beja as mãos e ambas nós te pedimos que agradeças a tua May quanto lhe devemos. Que he de Marcia? Se me escreveo onde ficou a sua carta? A D.^s que estou com m.^{ta} dor de estomago, e não posso dizer mais.

[201.] Ontem me regalei d'ouvir dizer bem das m.^{as} bellas amigas. Soubeme taõ bem q.^{to} ouvi, que por tornalo a escutar não perderei deligencia. *Maria he um sol Leonor he galantissima: pois a May? cheia de trab.^{os} ainda conserva a formozura.* Se andassem entre nós *quantas seriaõ as invejozas?* Todas louvavaõ a m.^a escolha todas cediaõ a preferencia da m.^a amizade p.^a taõ dignos objectos, em fim, as pobres raparigas vieraõ encantadas daquellas prefeiçoens, que me ganharaõ o coração ha tanto tempo Os cabellos de Lilia mais bellos que ório [sic] fugitivo coberto de cheirozas flores [de]³ que os zefiros despojaõ as arvores em seo obzequio, vieraõ a balha; Pierio longe da patria longe dos parentes fez figura; taõ bem a querida Avó entrou na goztoza conversação, e Teresa recebeu os mais bellos presentes da amizade. Saõ estas novid.^{es} que enteressem? Vossés [sic] o julguem m.^{as} lindas amigas, e me mandem m.^{to} boas novas suas p.^a alivio da saud.^e, que me custa a sua separação. Veja Lilia se se contenta com o soneto mudado por este modo: não me lembrou cumprir o seu preceito senaõ ontem, por isso vai oje o tema p.^a a Mestra de novo o emedar. Vaõ taõ bem os velorios e miçangas, quero humas redes p.^a pulceiras quero cornetas e o mais que vosses quizerem sem preça nem prejuizo do jogo. Não vai o soneto porq me deo agora huma molestia q me impede escrever; mas não he de cuidado: mudei pos dois versos por este modo

Já pelas roncas frautas a assobia
O coro dos Faunos rusticos groceiro;
As Ninfas nadaõ já pelos ribeiros &r.^a

[202.] Minhas queridas amigas, como posso deixar de ficar noites levantada se isso he percizo p.^a a conservação de q.^m me deo o ser? Esta melhor he certo; mas entre as duas Irmans se divide o trab.^o da assistencia, e como em leite, e caldo se sustenta p.^a q às determinadas não falte [he]⁴ perciza a nossa assistencia. Est[ou...]⁵ estonteada e por isso devem vossez desculpar [...rito] vamos aos negocios. Levou oje o ourives t[...] am.^{tes} e os rubins q lhe pareceraõ necessarios, e como [...] no de pluma ha de ser de diam.^{tes} veja a Sr.^a Marq.^{za} se tem mais alguns em ordem a não gastar dinheiro; veja taõ

¹ A Leonor d'Almd.^a e Lorena.

² Riscado.

³ Entre linhas.

⁴ Entre linhas.

⁵ Lacunas polo mau estado do suporte.

bem se tem algumas perolinhas p.^a a orladura do laço; e mandeme tudo, ou o dezengano deq o não ha p.^a se cuidar do mais. Diz o omem q nos robins [sic] que restaõ ha m.^{to} pocos q mereçaõ a despeza e q nem p.^a obra nem p.^a se reputare te convem a despeza de os mandar lavar. Lembreime de os empregar assim mesmo brutos fazendo um adereço d'arrecados &r.^a cujo feitio fosse hum ramo de romeira com as romans abertas agradoulhe a ideia ficou de fazer o debuxo e sobre elle o seo calculo p.^a nos vermos se nos faz conta. Isto he no cazo de tu queres dar sahida a este genero: a joya diz elle q não pode estar f.^{ta} antes de vinte dias por conta dos moldes q ainda se haõ de fazer. Disse q entre as safiras vinhaõ m.^{tos} vidros lavrados, que separou, e q.^{do} [p. 1] eu tos entregar veras se he assim. O meo Sancho recebe reverente o teo favor, e eu não posso escrever mais sou

Tua amiga fiel
T

[203.] Minhas bellas pequerruxas. Eu estou na cama com m.^{to}, m.^{to} defluxo no p.^{to} mas não tenho febre, e quero com este abafo pouparme p.^a ver a V m.^{ces} de q.^m tenho m.^{tas} saud.^{es} e dos seos auz.^{tes}/ se he licito dizelo/ Fallei com o A¹: prometeome fazer q.^{to} podesse pelas indemnizar dessas arpias. Não me deo más esperanças da chave e prometeome hir de propozito fallar a essas Matronas e fazelas capacitar de qual seja o animo de S. Em.^{cia} Eu fiz todo o cazo meo : disse q me não queixava; e q p.^a mim nenhuma satisfação queria; mas sim tudo o q redundasse em maio dezafoego das m.^{as} pequenas Deitei incenço no Turibulo² a valer, e não obst.^e o espeço fumo não fez mal a creatura: disselle mil coizas do q vossês me confiavaõ a seo resp.^{to} e foi saltando de contente. Agora fiquemse com D.^s q se [esq.^{ta}]³, e se aflige o p.^{to} da fiel

T

[204.] A pezar do meo dezejo, contra o que unicam.^{te} consola o meo coração, sou obrigada, queridas amigas da fiel Tirse, a escrever poco e incluir em pocas regras sentim.^{tos} que encheriaõ longas paginas. Q.^m assim me quarta [sic] he um cruel defluxo, que tem tomado mais formas que Protheo, e cada qual mais afflictiva. oje estou tocindo sem intermição e com a tosse padesse o peito, e a cabeça. Os dias paçados tive a garganta m.^{to} inflamada, e tanto que o sustento era o meo maior flagello, amanhã será otra coiza: e sempre seja o que D.^s quizer. As tuas contas m.^a Marqueza hiraõ p.^a o correio agora não me he possivel cuidar nisso: e podes sem reparo servirte de mim porq eu hei de servirte como tu quizeres, que o faça. O meo ditame era q pellas meçadas do anno que vem [p. 1] me pagasses as despezas deste que acaba, e se ainda isto te dezarranjar seja quando tu tiveres algum sobreceleste⁴, em fim em tudo e por tudo estou pelo que disseres s'umas tais bacatellas merecem a tua aceitação esse fora o meo maior gozto; porem eu ainda que te amo, respeito em ti a tua grandeza, e a tua generozid.^e

¹ O Administrador.

² Incensário. do lat. turibulum ou thuribulum, i 'vaso em que se queima incenso, turíbulo, incensório'; f.hist. sXIV toribolos, sXIV tribolos, sXIV turibulo, sXV thuribulo.

³ A leitura nom é segura.

⁴ O m.q. *sobresselente* ou *sobressalente*.

Como sabes que na[õ]¹ recebi a carta o corr.^o passado conheces que he impossivel satisfazer a encomenda de porco porque não cabe no tempo nem este anno faria m.^{to} conta a remessa. Logo cuido em mandar comprar 3 arrobas de toucinho, que te remeterei pelo primeiro almocreve fazendo avizo pelo correio p.^a o mandares despachar, porque m.^a May está a partir p.^a esta Provincia, e por isso não poderá continuar em servirte Creio q a sera te não chega a 340 o arratel mas como não [p. 2] tenho a conta á vista não posso determinarme: este genero tem encarecido ha annos [e e]ste² ouve m.^{to} pôca na fr.^a Não te fallo em arroz, proq se de salvaterra ou Palma o poderes haver, te será mais comodo por conta dos carretos. O que julgo que te fará conta pela sua bond.^e e porq o acrescimo da med.^a paga a carreto, he azeite do vimr.^o, e quando o possas ter mais barato p.^a as luzes se alguma vez te serves dezte genero p.^a o prato não podes ter melhor em Portugal porem agora me lembra que a Administraçãõ te provê dezte genero. Tenho grande mortificaçãõ de que se não acabasse ainda hum retalho de pano jardo que eu deztinava p.^a successora da celebre capa a q.^m s'anunciava hum tenña em premio de servissos a todo o tempo q se acabe te peño lic.^a p.^a te remeter com otras gedelhas de lam do meo pegulhal. que rusticos prez.^{tes}! mas que [p. 3] saõ senceros [sic] e a amezade que os tece os desculpa. Não consistas q Lilia me escreva, seria crueld.^e arriscar huns olhos de que pendem tantas vidas. A m.^a deve ser menos contemplada; mas a tua a de Marcia! a de ... Não não me escreva nem tu taõ bem te arrisques D. Dionizia, a Tia M.^{na} que me dê novas tuas e dellas que eu compençarei com a ideia do teo e seo alivio a *Incipidez* &r.^a A D.^s queridas amigas a cabeça o peito a tosse tudo conspira contra o meo dezafoço, mas a fiel Tirse sempre affirmará que he

Cap.^{ta} de V. Ex.^a

[205.] Minha amada Lilia³ eu não sei se te chegou hum escrito em que te dizia q dia de S.^{ta} Th.^{a4}, estou ja no esturil p.^a onde vou com m.^a May à manhã porq não está boa das suas costumadas mazelas, e nececita m.^{to} deste remedio como ella vai p.^a m.^a caza bem sabes, que não he justo deixala; eu não posso deidir [sic]⁵ a respeito do dia, a grade he p.^a mim indifferente em qualquer parte onde esteja contigo estou bem, e peço m.^{to} m.^{to} que por conta disto não faças especial esforço; eu sei o q saõ as fr.^{as} e q V. Ex.^{as} nececitaõ m.^{to} de contemporizalas [Vou]⁶ p.^a o Laus perene q está nesta Ermida por isso nada mais pode dizerte a tua

T

[206.] Minha querida Lilia. Logo que cheguei a caza fiz o escrito, que te remeto p.^a veres a resposta do teo Medico, e p.^a q se vendesse a sua hida com mais brevid.^e, mandei ja segurar uma seje, p.^a q ao romper da manhã o vá buscar, e o leve p.^a acodir a tua May; e como esta seje he de freguez meo, não he percizo que Vossez a pague, e

¹ No fim da linha.

² A leitura nom é clara.

³ Datamo-la em funçom da série de cartas datadas no Estoril em datas semelhantes.

⁴ O dia de Santa Teresa celebra-se o 15 de Outubro.

⁵ Talvez por *decidir*.

⁶ A leitura nom é segura.

pode rezervarse essa despeza p.^a a primr.^a recovagem./ que compaxão me faz isto! não cuides que abuzo da tua confiança; eu respeito até as margens dos livros, mas a m.^a amizade tem o character de entrar por todos os escaninhos, e meresse que não a fustiguê [sic] ainda, quando quando [sic] toma o ar de miudeira/ Mandame pelo mosso, que acompanha seja [sic] miudas novas de tua May, em q.^m tenho um cuid.^o quasi igual ao teo. D.^s queira q a demora, não faça maior o seo risco, e que o Medico chegue a tempo de fazer valer as suas Luzes: dize a [sic] doente que eu lhe peço pela conservação de Agrario¹, que se sujeite aos remedios, e que regeite pela prudencia os exercicios das suas virtudes. Dizelhe que as penitencias, que D.^s nos manda são melhores, que as que nós elegemos; que ella assaz tem q offerecer a hum Deos, que não quer a morte do pecador, mas sim que se converta, e viva. Dizelhe que ella não he senhora da sua saude, nem da sua vida p.^a esperdiçala, que ha terceiros m.^{to} prejudicados, e que entre elles clamará sempre contra a sua cruel virtude a m.^a fiel, e const.^e ternura. A D.^s Querida amiga. Abraça por mim tua Irmaã [e faz por avaliar a gratidaõ quasi imponderavel da tua obrig.^{ma} T]²

[207] Lx.^a 17 de Abril [1777]³

Que bella coiza he acordar carinhosame^{te} arguida por uma rapariga amada a q mil graças rodeaõ? Mas os meos olhos estaõ tais q estivéraõ em risco de não te ver por mais, q olhavaõ p.^a o papel, em q vinhas embrulhada. Ag[o]ra⁴ p.^a te escrever fecho os olhos no principio da regra, e vou pelo tino sem soltar a pena em q.^{to} posso porq de otro modo nem tres nem quatro regras escreveria. Tenho medo de q se isto durar perca o gosto de te ver; vê q perda p.^a q.^m te conhece. Isso faz com q não podendo escrever senaõ de maõ alheia, se me seque a proza, e quando escreva da m.^a he com tanto trabalho como podes discurrir do modo porq faço esta. Contudo não sei, m.^a linda menina, como ouve carta, em q não fallasse em ti, sendo tu de continuo o objecto dos meos pencam.^{tos} [sic] e o suplicante não menos. Ontem me disse um bom amigo q' os negocios de teu Pay hiaõ bem; não posso explicar as circunstancias desta noticia porq' ma disseraõ em segredo, e dize a teo Pay q' se espera a decizaõ de seo requerim^{to} p.^a se ver o modo p.^r q' tua Tia ha de requerer p.^a fazer as suas provas intentando uma revista do proceço. Eu dezejo talvez mais do que tu verte e abraçarte mas não quero hir com mau tempo nem com maus olhos porq' não quero acrescentarte cuid.^{os} Nada me dizes de T.⁵, e o q me dizes de teo Pay me deixa com susto. Quero saber se está m.^{or} e como passa tua May e Irmãos [...] Eu julgava q o mano Joaõ⁶ já ahi estivesse por q me dizia q seg.^{da} fr.^a partia p.^a esse sitio [...] Em todo o segredo te dou p.^{te} de q está justo o Conde da Calheta⁷. Vê tu se eu me affligia com razãõ.

¹ João de Almeida, 2º Marquês de Alorna.

² Na margem.

³ Datamos a carta entre a libertaçom da família Alorna (em Março de 1777) e o casamento de Maria de Almeida com o Conde da Ribeira (1778).

⁴ A leitura nom é segura.

⁵ Tancredo.

⁶ Nom localizamos nengum irmao de Teresa de Mello Breyner com este nome.

⁷ É provável que se refira ao ajuste do casamento de António José de Vasconcelos e Sousa Câmara Caminha Faro e Veiga, 2º Marquês de Castelo Melhor e 6º Conde da Calheta (15.02.1738-06.06.1801) com Mariana de Assis Mascarenhas (n. 14.12.1737), celebrado em 1777.

Dizeme como esta a Doente daquella chaga incuravel. Não me deixes a perder o Paiva com a demaziada onra q lhe fazes: daqui a dois dias não quer nada comigo, nem com seo amo muda de caza p.^a Almeirim, e eu fico, não sei se presumida, se raivoza de q elle te sirva melhor do q eu. Na verd.^e he bom creado, e tem procurado dezempenhar as maximas de onra q seo Amo lhe inspira. Não está em caza porq eu dezejo pôlo em circunstancias, de não pedir esmola se nós lhe faltarmos, e foi negociar umas certidoens q lhe são precisas. O P.^e Fra.^{co} Duarte pede sempre novas de VEx.^{as} todas: não sabes q estranheza me fazem todos os q foraõ prezos. Ainda bem que teo Pay não está assim¹: todos me parecem fora de si; com grande disposiçaõ p.^a a loucura, e faz lastima consideralos assim. Não tenho agora fallado poco contigo; mas he preciso acabar pedindote q abraçes, e bejes tua May; q faças um mizura à surdina ao senhor teo Pay, e uma cortezia de maõ bejada ao Marquezito², e mil civil.^{es} a Pierio³. A Lilia escrevo quantro linhas, e a ti abençoa a Avó, e recom--ob-a [??] Alfido. A D.^s m.^a menina de q.^m he m.^{to} m.^{to} m.^{to} m.^{to} fiel amiga

T

[208] Lisboa 20 de Abril de 1777

Tendo taõ bom coração, m.^a Mariquita, não debes dar confiança a q negros vapores te fendaõ a cabeça. Vê como hasde temperar esses neg.^{os} de sorte q nunca, nunca estejas doente. Eu estou velha, não posso ser tua Enfermeira, e o Proximo ainda está longe p.^a se encarregar deste officio. Tenho pouca paciencia p.^a tardar em te ver; mas q queres tu? Rabuges de saude, dependencias de Ministros, e ferrugem de certas chaves, q.^e deveraõ não ser pêrras, me fazem não poder desamparar esta terrivel habitaçaõ. He indizibel a sensaboria emq se vive; quazi não ha materia p.^a as conversaçoes, porq nellas não tem lugar q.^m não faz a questaõ principal dos enfeites p.^a a aclamaçaõ, ou das crueld.^{es} do Forte; e tu sabes q ambos estes capitulos, são mais p.^a a m.^a meditaçaõ, q p.^a a m.^a pratica. Acresce a [p. 1] isto a total impossibilid.^e de applicarme. Não posso cantar, não posso ler, e por consq.^a estou convertida em massa inerte, q p.^a nada serve. Quizera q me dessez novaz dos meus, e dos teus interessez; porem conheço q não podes ter tempo p.^a isso, e rezervo-me p.^a meia hora de mexericoz. Em q.^{to} esta fortuna se dilata, compadecete de mim, q estou longe das amigas q mais amo, e q.^e sou cada vez mais digna de me chamares a

Tua saudoza

T

¹ A carta é posterior à liberaçom dos presos, e, portanto, ao ascenso ao trono de D. Maria I.

² O marquês da Gouveia, Tancredo.

³ «Morrendo D. José, em 24 de Fevereiro de 1777, D. Maria I subiu ao trono, e os prisioneiros do Estado foram logo postos em liberdade. Alguns, porém, e entre eles o Marquez de Alorna, não quiseram gozar dessa liberdade sem que a sua inocência fosse bem reconhecida e proclamada. A rainha acedeu àquele desejo, e numa portaria, com a data de 7 de Março do referido ano de 1777, determinou que os presos saíssem dos cárceres e fossem residir a vinte léguas da corte até alcançarem a reabilitação desejada. O Marquez retirou-se para a sua quinta de Vale de Nabais, próximo de Almeirim, com sua mulher e filhas, levando também consigo o filho do duque de Aveiro» (Torres, 1904-1915, vol. 1: 323-324).

Engraçada rapariga do meo coração; querote dizer uma coiza em confirmação de m.^{tas} que te haõ de ter dito os amores, q voaõ a roda do teo lindo semblante; *naõ hã coiza q mais arrenegue uma alma q te conhece, do que estar longe de ti, sem poder voar p.^a ti*: exaqui a grande verdade q me despertou esta manhã, e que me consome todo o dia. Cada dia crescem novos enbaraços p.^a a m.^a jornada oje se sangra m.^a May que estes dias me tem dado m.^{to} cuid.^o pelo gr.^{de} pezo de cabeça, que tem tido, com gr.^{de} estranheza do seo modo natural. Ate o Sancho naõ quiz que eu fosse antes da Aclamação¹: diz que eu naõ lhe sei rezistir a V.^e e q se la vou, lá fico, sem me lembrar de q tenho, q fazer. Gosto tanto desta fraqueza, q me lizongei o delicto q.^{to} me dezagrada a cautella. Tenho tido m.^{to} cuid.^o em teo Pay; este sabixaõ merece q tu ralhes com elle: dizelhe q naõ he contra o eroismo responder a huma m.^{er} de propozito, convenceo disto, ate q chegue a pegar na pena; mas em pegando nella tirar [p. 1] lha da maõ, e em obzequio do seo restabelescim.^{to} toma tu o trab.^o q lhe poderia prejudicar a elle. Taõ bem me affligem as novas de Leonor: he forte a impertin.^{cia} de convulsoens! entre Pays, e Irmaõs parece q naõ devia aver moloestias; mas ainda mal q vemos todos os dias destas incoherencias funestas ao carinho, e amizade Eu ainda estou com m.^{to} maus olhos, e ja perco as esperanças de os ver claros. Naõ sei por q a velhice se naõ apoderou prim.^o d'otras officinas menos preziozas; o certo he, q me faz um gr.^{de} discomodo esta rabugenta inflamação, porq nem ler nem escrever posso sem gr.^{de} trabalho. Trago na algibeira um tratado a favor do Marquezito, q se me confiou debaixo do mais rigurozo segredo², com o fim de me fazerem capaz de cortar objecções, e naõ posso de modo nenhum ler por elle; q pena! Todos se inclinaõ a seo favor; mas eu naõ sei por q mandinga está dormitando Omero. O Bisconde naõ se vê e dizem as más lingoas q esta pupillo de Ang.^{as} Triste condição a nossa! Naõ posso soportar q os omens [p. 2] andem sempre sonhando com a liberd.^e, e que quando estão em estado de uzar della se captivem m.^{to} por sua vontade ou/ o que ainda he peor/ se deixem ligar sem o perceber. Agora q está cá o Irmaõ de Tirse espero adquirir por elle mais algum conhecim.^{to} do interior do negocio; mas tudo inutil, e naõ me parece mal antes o acho proprio, q o Snr. D. Pedro torne a vir grunhir, e ainda a fallar em voz clara, porq por mais q me digaõ estes aprendizes do seo officio naõ pode haver razão sollida q obrigue a dilatar os meio de satisfazer ao fino, porq os separaõ da corte. Os prejuizos que disto se seguem saõ tais, q eu naõ sei como se naõ faz refelxaõ nelles. Vossês teraõ talvez melhores novas pelos Vasconcellos; e por isso estarei eu talvez fazendo discursos arios, com cuja escrita se enfrontaõ os meos olhos; recomentame a toda a tua g.^{te} recebe mil solliloquios d'Alfido, e os reverentes, e atrapalhados comprim.^{tos} do Paiva⁴, q assim mesmo azafamado sabe conhecer quanto deve a taõ onradora lembrança. Eu fico presumida de lhe ter grangeado tamanha fortuna, e com inveja de todos os q te ser[p. 3] vem, e te rodeaõ, naõ cedendo a ninguem no conhecim.^{to} do mereces [sic]. A D.^{os} querida amiga de

T

¹ A Aclamação da Rainha D. Maria I tivo lugar a 29 de Junho de 1777.

² Chamamos aqui a atençom para a evidência da existência de circuitos clandestinos de distribuiçom de textos provavelmente manuscritos. Neste caso, o motivo da clandestinidade é a pouca seguridade que existia ainda nos primeiros momentos do reinado de D. Maria I sobre qual seria o resultado dos processos de exoneração dos condenados polo intento de regicídio de 1758.

³ Angeja?

⁴ Criado dos Condes de Vimieiro aludido em «Lx.^a 17 de Abril [de 1777]».

[210] Lisboa 17 de Mayo de 1777

Escrevo-te por mãõ alheia, querida am.^a do meu coração, porq.^e hũ gr.^{de} defluxo me prende na cama, e priva desta suave comunicação. A tua carta q.^e veio pelo Grilo¹ trazia certam.^{te} o sello da amiz.^e, e por isso produzio no meu coração todoz oz movim.^{tos} q.^e teu lhe quieriaz dar. Estimo q.^e aprovasse a m.^a idea resp.^{to} das mentiraz publicas, e não foi pequena fortuna frustrar-se o projecto, q. poderia ter consequencias pouco agradaveiz. As novid.^{es} publicas te dará teu Irmaõ: não falta assumpto p.^a conversarmoz ambas debaixo de algum choupo sem mais test.^{as} q.^e o silencio. O Laço em q.^e me falas, na verd.^e me parece improprio p.^a o gosto da pessoa: he rico, e preznetem.^{te} lhe deu seu dono hũ grande pulimento; maz he a fabrica de m.^{to} máo gosto, e posto q.^e a [p. 1] primr.^a dona sempre uzou delle em ventagem, despois q.^e esta morreo, os herdr.^{os} trataram-no mal, e parece maiz obra de filagrana [sic] q.^e de cravação precioza. Com tudo como he m.^{to} leve, pode ser q. por isso não dezagrade a q.^m o pertende comprar na esperanza de o manejar a seu geito. Eu já sabia q.^e se tratava esta venda; mas q.^{do} te escrevi, ainda o ignorava; e foi m.^{to} celebre o modo porq.^e me veio esta not.^a cahir em caza. Eu fazia tenção de partir daqui 4.^a fr.^a p.^a me hir consolar contigo de mil semsaborias q. me enjoaõ o esp.^o; mas este impertinente defluxo me não deixa fazer contaz p.^a o futuro; e assim q.^{do} eu for, sempre heide achar lugar, sem ser precisa prevenção. Minha May dis q.^e se confunde com az tuaz finezaz; porq. se acha [p. 2] velha p.^a ser o bi-----² tem medo d-----

a ordi-----

id.^e -----

[...]

ficarei eu q.^{do} me dizes q. se faz presumida o maor q.^e me tenz. Depois q. te ouço estaz coizas cuido q.^e valho m.^{to} e padeço terriveis humiliaçoens q.^{do} encontro gentes q.^e não saõ do teu voto. No Capitulo da insensibilid.^e fora de dezejar q. te fortificasses nella; mas eu sei! Tens hum coração taõ bem formado, e huã alma taõ sublime, q.^e me não podem podem deiar esta felis esperanza. Passa m.^{to} bem, e consola-me com az tuas novaz, e q.^{to} [p. 3] -----a tua compa

[...] fiel

¹ Palácio do Duque de Lafões. João Carlos de Bragança (05.03.1719-10.11.1806) era tio da Rainha D. Maria I, filho do infante D. Miguel, à sua vez filho legitimado do Rei D. Pedro II. Durante o reinado de D. José viajou por Europa, fazendo estadias em Rússia e, principalmente, em Viena, onde o contacto com o herdeiro de Maria Teresa de Áustria e futuro José II, se converteu numha estreita relação prolongada epistolarmente ao longo dos anos. Já em Portugal, foi um dos amigos máis próximos da Condessa do Vimieiro e ocupou, provavelmente, um dos lugares máis centrais no sistema cultural português; a sua actividade, fundamentalmente de mediação, foi desenvolvida através da Academia das Ciências de Lisboa, instituição de que foi o principal promotor e primeiro presidente, fundada em Lisboa em 1779 com a activa participação de Teresa de Mello Breyner.

Estivo ausente de Portugal entre 1761 e 1779, polo que provavelmente quem faga chegar a carta a que se alude no texto seja a sua irmã.

² Lacunas polo mau estado do suporte.

Amiga do meo coração eu devera escreverte logo, mas nem o desconcerto do meo espirito mo tem soffrido, nem um grande defluxo com que estou, por fruto de uma constipação, me consente applicação continuada. Na verd.^e, querida amiga os esforços da virtude lacerao um coração sensivel, e eu soffro prezenem.^{te} uma umiliação capaz de me aniquilar, á vista do trabalho, que padece esta pobre maquina p.^a corresponder as impreçoens da justiça, q uma dobrada amizade pertende equivocar. He tal o tumulto de ideas q me affectaõ, que eu não sei por onde comece p.^a te ser menos penoza a lição desta carta, mas como o assumpto della he importantissimo /podendo talvez ser a ultima vez q se trate delle/ he necessario não guardar nada, e tu concederás á m.^a amizade toda a paciencia, q empregares n'uma tal leitura.

Desde q eu pude observarte de mais perto, sempre dezejei q a caza que me tinha dado o ser, recebesse das tuas virtudes um novo lustre, q nos conservasse dignos da estimação dos bons; mas o ajuste que me tinha confiado tua May, soffocava estes dezejos, e tu sabes se eu advoguei a cauza do Marq.²², em q.^{to} o julgava digno de ti, pelas relações q viamos de seo merecim.^{to}; tu sabes que eu te aconselhei, q sustentasses [sic] a palavra de teos pais dada a um infeliz, não obst.^e conhecer as difficuld.^{es}, q tinha p.^a se effectuar aq.^{le} desgraçado contrato. Mudouse a scena; a tua justa repugnancia fez d'un golpe crescer as m.^{as} esperanças; a tua vista, o teo amavel character fez brotar outras, q o resp.^{to} a decencia, e sollidez com q a nossa famillia dezeja tratar as coizas, só podia occultar entre nós cresceraõ dos teos trab.^{os}, e a tua afflicção desconcertou os projectos do meo silencio; quizte dar uma segurança de q não perdias uma caza, q.^{do} regeitavas um partido taõ fantastico como, dezagradavel aos teos olhos; mas p.^a te não ver em um novo emba[p. 1]raço quando os nossos dezejos se explicassem, deite uma prova /talvez nunca vista/ da mais delicada, e generosa amizade. Empenhei m.^a palavra em dessuadir [sic] as mesmas esperanças, que eu fomentei apenas as vi brotar; e que se reforçaraõ m.^{to} mais, do q eu oje quizerá, nos coraçãoens da melhor May do melhor Irmaõ, /ambos partes do meo ser, da m.^a consolação/. Se o seo character depois de observado te dezagradasse. Não fora isto percizo, se a amizade que nos liga não fosse taõ estreita; mas eu que conheço o pezo q te faria o rezistirnos, quiz que esta mesma amizade, em q otros fundariaõ todas as suas esperanças, fosse contada por nada, e absolverte com o meo sacrificio de tudo aquilo a q a generozid.^e da tua gratidaõ, te figurasse obrigada. Agora querida Amiga, está chegado o prazo p.^a esta decizaõ. Dizes tu que o C. da Ribr.^a te pertende, e por contrarias, q sejaõ, ou possaõ ainda ser as m.^{as} observassoens a esta pertençaõ eu devo julgar feita, e pelo modo porq se costuma fazer entre nós, sendo sua May a principal empenhada em te conseguir. Sendo assim, Amavel creatura, tu só podes ser a arbitra da tua segurança e da fortuna das duas familias. A nossa, que por tantas vezes se gloria de ter os Avós comuns contigo, não funda o seo merecim.^{to} nas riquezas; o servisso da patria pelo espaço de sento e vinte sete anos lhe tem consumido fundos q os Reys ou não querem, ou poderaõ até agora pagar, porem mil acçoens gloriozas, praticadas á face da maior ingratitude, estaõ oje clamando a recompensa e /podes crerme/ só por amor de ti, se insta por um titulo³, de q nós sempre zombamos; quando não olhavamos p.^a um

³ Esta carta forma parte da negociação para concertar o matrimónio de Maria de Almeida imediatamente a seguir à sua saída de Chelas. Teresa de Mello Breyner representa neste caso o interesse do seu irmao -em realidade de toda a sua família- em contra da opção finalmente escolhida do Conde da Ribeira. É fácil calcular que umha aliança matrimonial com algumha das duas libertadas de Chelas era de grande interesse tanto para as famílias anti-pombalinas -polo que a família Alorna tinha de símbolo desta facção- como entre as enriquecidas durante o regime anterior, que se veriam legitimadas diante da nova Rainha.

² O marquês da Gouveia, prometido de Maria de Almeida enquanto durou a prisom de ambos.

³ Refere-se ao título de Condessa de Ficalho, que foi só concedido pola rainha D. Maria à mai de

objecto tão digno de se lhe sacrificar tudo, ou fossem caprichos, ou anthoziasmos [sic], ou sentim.^{tos} da antiguid.^e Portugueza. Se se pode crer ao q dizem os que governão este reque[p. 2]rim.^{to} tem contradichoens; mas nós que negociamos sem q elles saibaõ como temos as mais bem fundadas esperanças de o conseguir. Isto era só o que m.^a May esperava p.^a se declarar com a tua e lhe mostrar, q não obst.^e as revoluções, q tem padecido a nossa caza, está oje em circunstancia de poder outra vez fazer aquella figura igual, e decente que he mais sollidam.^{te} magnifica, que a de um esplendor momentaneo. O C. da Ribeira he um omem tão illustre como nós sabemos. a felid.^e dos seos cazam.^{tos} tem feito a sua familia, ou a sua arvore mais pompoza q otros troncos de antiguid.^e m.^{to} mais respeitavel. A industria, e a fortuna a tem feito crescer em riquezas, e se aquelles senhores soubessem avaliar o teo merecim.^{to}, claro está que sahiraõ da ordem comum e meteraõ nas tuas maõs os seos tezoiros, para os verem frutificar virtuoizam.^{te} Estas ventagens não te podemos nos offerecer; opomoslhes otras que saõ um familia de character particular, estabelecido por modo de sistema, que he de preferir a onra, e a virtude a todo o enterece. Huma carta de teo Pay, que eu conservo, faria a pintura do Principal entereçado, em que eu não devo fallar, porq seria abatelo em lugar de o anivelar no seo verdr.^o plano. Isto suposto Amiga do meo coração: decide, e ordena, se queres q se destruaõ todas as nossas esperanças declarete, porq he percizo não as deixar engroçar em prejuizo de duas vidas, que lhe saõ preciosas, e das quais uma começa a soportar [sic] as mais terribes concuções [sic], depois que as m.^{as} imprudentes lagrimas lhe declararaõ quanto eu pertendo encobrir: á outra tudo se occulta emq.^{to} não sei o que tu decides. Tem menos forças he percizo poupala com maior melindre. D.^{os} he testemunha de q eu não quero roubar a teos Pays o coração de uma tal filha; seria impossivel q eu achasse consolação em um ajuste dessa natureza, por isso eu não quero um sim q não venha da sua boca delles, e q.^{do} eu fora capaz de o pertender contra todas as leys da razaõ e da civilid.^e, estou certa de não o conseguir de ti [p. 3] se não por uns orgaõs [sic] tão dignos de serem interpretes da tua vontade, comtudo espero que me digas uma de tres coizas, e saõ ou de soffocar de todo esta pratica, ou de propola já, ou de reservala p.^a melhor tempo, certa de q p.^a conseguirte nada se faz dificultozo, a q.^m sem isso se não pode julgar feliz.

Se esta liberd.^e que uma amizade intima assaz desculpa, e authoriza, te dezagrada seja o teo perdaõ toda a recompença dos esforços q faço em teo obsequio: não te apresses na resposta. [es]creveme poco cada dia, e sem afflicção de espirito; mas como esta novid.^e me tem alterado m.^{to} os espiritos, e fico na cama, pareceme, q a jornada projectada p.^a a semana não podera verificarse especialm.^{te} se a decizaõ for contraria ao meo dezejo porq nesse cazo nececito tempo p.^a que se socegue o motim, a q não pode succeder a vista da perda fatal q nos amiaça a D.^{os} minha joya reputa mais que nunca a tua fiel amiga

T

A m.^a M, a m.^a querida amiga, já mais pode serme indiferente. Parti sem me despedir, porq me não achei com forças de o fazer serena, e não quiz dar um espectáculo da curiozid.^e aos sircunstantes. Se tu soubesses avaliar o abismo d'amarguras, em q me vi e vejo sepultada, conhecerias bem, que a deligencia, q faço por te afastar as ideas desta afflicção, he não pequena prova, de q eu sou preço ao teo merecim.^{to}. Na verd.^e, m.^a suspirada consolação, na verd.^e os esforços da virtude lacerao um coração fraco como o meo. Eu to dizia assim em uma longa carta², q te escrevi, e que teve a desgraça de se perder no cam.^o de Cintra levava sobre escrito p.^a Leonor, e hia com otras m.^{tas} em um maço: espantouse o cavalo ao mosso, e diz elle q nesta occasiaõ entende q lhe saltou a carta fora d'Algibr.^a, a qual só em Cintra achou menos. Todo o dia de ontem levou em procurala, e ainda oje ignoro se aproveitaraõ as delig.^{cias} Não te dizia coiz, q fosse indigna da nossa amizade, e da tua reputabel virtude, mas explicavame largam.^{te} sobre o objecto das m.^{as} lagrimas, em q acho perciza uma decizaõ; e por isso farei deligencia por copear nesta poco mais, ou menos o q dezia a otra [até]³ p.^a q no cazo q appareça em otras mãos, tu saibas o q continha.

Depois que te conheci de mais perto/ dizia eu/ sempre dezejei q a tua virtude desse a nossa familia um novo lustre q a fizesse mais, e mais respeitavel entre os bons. O ajuste, q tua May me confiou, me figurou sempre impossivel este dezejo; e governada pelos dictames da justiça, e da fidelid.^e, tu sabes quantas vezes advoguei a cauza do Marq.^z, e chegando a persuadirte, a q devias sustentar a palavra de teos Pays, dada a um infeliz Mudouse a scena, e o conhecim.^{to} do seo character excitando a tua justa repugnancia, pozme da parte da tua repulça, não podendo acomodarte a verte empenhar em um abismo de infeligid.^{es}. Cresceraõ os teos trab.^{os}, e receando verte ceder a elles, quizte dar uma ideia de que não perdias uma caza conservandote na rezistencia; mas p.^a qua a m.^a amizade não sobornasse a tua liberd.^e, nem a tua generosa gratidaõ te pozese em novo combate, deite a m.^a palavra/ prova talvez nunca vista/ [p. 1] de afastar/ se te dezagradasse/ a pratica de um negocio, em q eu [via]⁴ entereçados com a maior efficacia os coraçoens da melhor Maym, e do melhor Irmaõ; ambos p.^{tes} do meo ser, e da m.^a consolação.

Eu esperava a tua decizaõ, sem querer apreçala, p.^a que tu podesses conhecer plenam.^{te} o character que regeitasses, ou admitisses, em pleno silencio, porq a delicadeza da m.^a amizade assim o aconselhava. via cada dia crescer a ideia do teo merecim.^{to}, e lizongeavame de ver baixo dos meos [olhos]⁵ a cultura da tua feligid.^e, mas como esta paz era maior q o meo rerecim.^{to}, fui perdela a Cintra, q.^{do} esperava encontrar mais um motivo de me satisfazer. Dizes tu que o C. deR. te pertende; e por contrarias q sejaõ e possaõ ainda ser as m.^{as} indagadoras observaçoens, eu devo acreditar esta pertençaõ e feita por sua May como parte principal nesta negociação. A nossa familia, que em diversas idades conta repetidas vezes os Avós comuns contigo, não tem, não tem o merecim.^{to} das riquezas. Cento e vinte sete annos de servissos continuados á Patria lhe destroiraõ fundos, q os Reys até agora não poderaõ, ou não quizeraõ pagar. Com tudo, mil generozas acçoens feitas à faca da maior ingraticidaõ, glamaõ oje pela recompença, e por teo resp.^{to}/ podes crerme/ se insta por um titulo, q foi m.^{tas} vezes ojecto do nosso rizo, em q.^{to} o consideravamos idolo daquelles, p.^a q.^m he fantasma a virtude. Pondo porem os olhos em ti, tudo nos parece podo; e queremos em teo obzequio sacraficar [sic] q.^{tos} sentim.^{tos} nos restassem da antiguid.^e Portugueza. Este requerim.^{to} foi m.^{to} bem

¹ Mancha de tinta, mais a leitura é clara.

² Refere-se à carta anterior datada a 1º de Agosto.

³ Entre linhas.

⁴ Idem.

⁵ Idem.

aceito da R., que deo ordens a nosso favor, contra a innacção de certa peçoa No ministerio talvez ha contrario, mas nós negociamos por estrada coberta, q elles ignoraõ, e ate agora tudo nos vai favoravel. A concluaõ deste negocio he o prazo, que m.^a May espera p.^a se declarar com a tua, e lhe mostrar ao mesmo tempo, q a sua caza [p. 2] apezar dos contratempos que tem tido, se acha em sircunstancias de poder sustentar aquella igual decencia, q he mais sollidam.^{te} magnifica, q um explendor [sic] momentanio. O C. da R. he um omem taõ illustre, como nós sabemos e a fortuna dos seos cazam.^{tos} q tem posto em figura taõ brilhante, como aquelles cujos tronos tem uma antiguid.^e m.^{to} mais respeitavel. A industria tem engroçado os seos bens, e se aquelles senhores souberem dar preço do teo merecim.^{to}, claro está, que sahindo da ordem comum, naõ trataraõ de mezadas &r.^a mas que te entregaraõ os seos tezoiros, sem reserva p.^a os ver frutificar virtuoizam.^{te} nas tuas maõs. A estass ventagens, minha querida amiga, naõ temos q oppor se naõ o character de uma familia, estabelescido por modo de sistema em preferir a gloria, á grandeza, a onra, e a virtude, á pompa, e ao interesse. Por esta razao eu fui senhora da caza de Vimr.^o, e deixei de ser escrava em outras mais oppulentas. Eu conservo uma carta de teo Pay, que faz mais onra ao principal entereçado, do q eu lhe faria, ainda que podesse ou fosse decente descrevel. Isto supposto, adoravel cratura, tu só podes decidir a tua segurança, e fazer tombar a sorte p.^a o lado mais feliz. A ternura da nossa amizade/ em q otros fundariaõ todas as suas esperanças/ deve porse taõ distante, q de nenhuma sorte apareça; e se alguma vez escutares o seo confuzo clamor, eu te digo, que ella nada pede com mais efficacia, q a tua plena satisfaçaõ. D.^s he estemunha de q eu naõ pertendo roubar a teos Pays o coraçao de uma tal filha.

Um sim, q naõ venha da boca de teos Pays, he um som, q já mais caberia na tua, e que nunca poderia pertenderse por q.^m sabe respeitar as leys da civilid.^e, e da justiça. Com tudo a intima amizade, que nos lliga, authoriza mil liberd.^{es}, que sem [p. 3] ella naõ teriaõ lugar entre nós [por isso]¹ posso sem offença da decencia e do respeito, que devo á confiança de teos Pays, pretender de ti q me digas se queres, que esta materia se envolva em perpetuo silencio, ou se podendo conservarse as nossas esperanças, devemos declararnos já, ou esperear melhor conjuntura. Esta decizaõ, querida amiga, he perciza p.^a naõ deixar engroçar esperanças, q eu mesma fomentei, e cujo augm.^{to} pode ser funesto a duas vidas que me saõ preciosas, e das quais uma tem já soffrido as mais terroiveis conuçoens depois, e a imprudencia das m.^{as} lagrimas lhe tem dito, quanto eu pertendo encobrirlhe. Custozos, custozos saõ os triunfos da virtude! eu me sinto em um tal desconcerto, que me naõ julgo capaz de hir p.^a cintra, como tinhamos ajustado: veio a propozito uma gr.^{de} constipação pilhada na volta de cintra, esta pretextará a m.^a demora; mas nem ella me servira de embaraço se um raio de esperanza luzir entre tamanha borrasca. Nada disto atribuas a menos delicadeza d'amizade; seja qual for a tua deciza tu serás sempre p.^a mim aquella Amavel peçoa, em q.^m eu amo a virtude, os talentos, as graças, a ternura, ainda os mais leves gestos, e porq.^m farei continuos votos, ainda q outra familia mais venturoza seja a depozitaria de tamanho bem a D.^s naõ posso mais.

[213] Minha incomparavel amiga, querida do meo coraçao. Perdõa se exponho aos teos olhos as groceiras letras, com que me explica a sua triste condiçaõ, um gemo afflito. Quando recebi a tua carta estava um criado q vinha buscar as novas do seo

¹ Entre linhas.

enteresse; pedia-me que lhas desse sem reserva, e tu mandavasme q te fizesse ver na tua verd.^{ra} luz: eu não sou capaz de tanto, ou intente retratarte, ou tu que eu te deslustre: mandei a tua carta certa do que avia produzir; porem julgando tu percizo um golpe a mão de Tirse he capaz de o dar em si p.^a te satisfazer. Eu não pertendo que os males de teos Pays se augmentem se estes verdugos indolentes, que nos consomem com uma lenta morte dilatarem o despacho, porq se insta com a maior viveza, se entretanto a peçoa mais feliz se declarar e conseguir um sim, q te não seja repugnante, eu m.^a suspirada amiga, não posso pertender que tu rezistas ao que o teo coração aprovar, e a tua virtude persuadir. Se esta cruelissima [sic] sorte me couber, nem uma palavra, um suspiro que inquiete a tua paz chegará aos teos ouvidos. Respeitarei sempre a tua virtude; farei q a authorid.^e que o carinho me dá sobre um coração bem formado se exercite em [p. 1] distrahir da tua vista tudo o que possa representar uma familia onesta de mãos dadas em sirculo de um unico objecto aq aspiraõ eq fazem centro dos seos interesses. Hum especie de morte anticipada derramará um inalteravel silencio sobre as funestas sinzas. Em quanto porem não chega este infeliz prazo soffre que eu te ponhadiante dos olhos um coração sem reserva As bacatellas cazr.^{as}, em que me falla daõ bem a conhecer, que nada menos se imaginava deq oq eu me determino a fazer, paraq vejas q não debes mandar impossiveis. AD.^s m.^a joya vive feliz, e compensame com isso o q me custas a D.^s queima a carta q te mando p.^a não [sic] cahia em mãos sosp.^{tas} sou e serei sempre com a maior fidelid.^e

Tua ternissima amiga

T

8 de Janr.^o de 78

[214] Estremoz 9 de Janr.^o de 78

Amiga da m.^a alma, estremeço de te escrever; querendo poupar o teo coração, respeitar a tua gloria, e salvar a m.^a virtude. São estes os objectos taõ importantes p.^a mim: sintome taõ fraca p.^a os esforços que necessito, que por não arriscar a tua preciosissima saude, quazi que me rezolvi a não te escrever; porem que julgarias tu da tua fiel amiga, se em tais sircunstancias te faltasse a m.^a correspondencia? Não seja assim! não haja instante, emq a m.^a infelid.^e me pinte aos teos olhos menos digna da tua conrespondencia [sic]; e não podendo de longe medir o tempo, nem regular a occasiaõ de poder sem indececia, entregarte uma carta, em q te dava conta dos meios, que tinha buscado p.^a cumprir o q me ordenavas na carta de vinte, e tres, e te mandava a respozta q tinha recebido, mando a dita carta a João de Paiva que está em Lisboa, p.^a que a leve, com ordem de não a entregar sem tu lhe perguntares se leva carta minha. Se achandote só, tu lhe não fizeres esta perg.^{ta} tornará a remetela, conservandoa em seu poder, só no cazo de te encontrar com g.^{te}, p.^a tornar a procurar-te. D.^s me livre, querida amiga, de ver misturar as tuas lagrimas com as m.^{as}, se importar á tua gloria q estas corraõ, não te porei na durissima situaçaõ de as veres correr. Tu [p. 1] não podes fazer cabal conceito, de quanto eu resp.^{to} a tua virtude. Nenhuma felid.^e me parecera completa, se p.^a alcançala me fosse percizo intuzirte o mais ligr.^o passo, q offendesse os direitos, que preferes justam.^{te} ás *leis do teo coração*. Não te contristes, m.^a joya, o partido dos bons, he o das desgraças e quem tem Religiaõ não deixa de lhe achar conta no ceio das maiores amarguras. Mas p.^a te diser tudo , m.^a joya, eu ainda conservo um rayo de esperança. Se *estes crueis oraculos dos fados*, se deixarem excitar, dos esforços

de m.^a May, se otro negocio, se não adiantar, o dia de S. Sebastião¹, pode trazer p.^a nós os meios de sermos ditozo. Huma personagem, q nasceo nesse dia, e que dá a m.^a May continuas provas de estimação, que lhe pergunta m.^{to} por meudo pelos *seos bons* filhos, que lhe tem dito que *nada estimará tanto como fazerlhe o gozto, tomando a D.^{as} por testemunha desta verd.^e* ha de ser implorada, p.^a que proteja os nossos deznios. Se a Irmaã se não opozer a isto, creio que não deixará de o fazer, e se o fizer deixaraõ de ferver as agoas mornas? Deixaraõ; e entaõ cederemos á desgraça que nos opprime, pois que nenhum dos que se entereçaõ [p. 2] no ponto principal querem fazer uma proposta, q não mostre a todas as luzes a idea, q se faz do sublime objecto que se pertende. Melhora do peito, querida menina, q me [sic] isso m.^{to} perssizo p.^a a vida q tu me dezejas. Eu não posso ainda bem e oje tenho m.^{ta} dor de cabeça; porq tem sido percizo escrever m.^{to} p.^a Espanha, e p.^a outra parte; sendo neçassario [sic] mostrarme forte com os desanimados, e consolar o coração de uma tristem.^{te} May taõ constantem.^{te} atormentado. O P.^e Correa² não está aqui mandei a serpa o teo recado, com que tanto o [... de vir a]³ resposta mas pode ser q ven [...] doa/ adorate, a Avó sospir [...]

[215] Estremoz 5 de Fervr.^o de 1778

Amiga do meo coração, chegou a tua carta com data tres, e esta carta taõ esperada, e taõ temida faz todo o seo effeito: A m.^a virtude me impoz uma daquellas Leys Romanescas, q fazem [os]⁴ milagres deq não saõ capazes os que zombaõ dellas, e esta ley nada mais determina q hum profundo silencio. Sigate a fortuna a toda a p.^{te}, porem eu, a q.^m a Providencia prescreveo o destino de acompanhar os desgraçados, devo ficar com elles, até q huma melhor sorte os ponha na feliz situação delhe ser desnecessaria

a fiel
T

P.S:

Correa lembrase tanto de ti que será percizo recomendarlhe, q amortença a viveza da sua memoria, o meo omem he igual [p. 1] a mim nos sentim.^{tos} de resp.^{to} e estimação comq te conresponde. Minha May passa bem devendo continuos favores aquelles, Principes, e recomendandose ás suas Netas.

[216] Estremoz 12 de Fevr.^o de 78

Chega o correio, querida amiga, busco com ancia a tua letra achoa, esfrio toda, mas assim mesmo abro a carta quero lela d'golpe, e depois... louvado seja D.^s por tudo! se estas palavras sahem do coração, com a pureza comque eu as quero proferir, q abalo

¹ 20 de Janeiro.

² Correia da Serra.

³ Lacunas polo mau estado do suporte.

⁴ Entre linhas.

naõ faraõ no Trono do Omnipotente! ha oito dias que as repito; o como naõ devo explicarto; por isso tomo o partido do silencio. De que te posso eu servir em Almeirim? Tu julgasme mais forte do q eu sou: e teos Pays, creme, naõ me querem ao pé de ti Tua May apezar de todo o que a tem transformado sabe m.^{to} bem que a presença de uma amiga, que ainda naõ falhou, faz pezo sobre o seo coração preocupado de ideias, [as]¹ quais/ D.^s queira q naõ sejaõ o seo flagello p.^a o futuro/ todas contrarias aos dezejõs q me prezume². Eu tenho procurado poupar o teo coração a mil golpes sensiveis; e como a gente onrada nunca negocia com prejuizo dos seos rivais calome, choro, e louvo a D.^s pela pezada maõ com q nos fere. Ao menos, querida amiga, concedame o Ceo a consolação de saber, q es feliz Naõ digo que terei forsa bastante p.^a a testemunhar; mas na m.^a afflicção será essa certeza um balsamo q me suavize [p. 1] as chagas incuraveis, que me trespaaõ a alma. Quem dissera que p.^a uma caza se fazer feliz entregandose à peçoa mais amavel, q o ceo cobre, era necessario empregar estranhos p.^a capacitarem os entereçados dos seos verdr.^{os} interessess neste ponto? e que isto se... basta se D.^s o quer: façase a sua vontade. Naõ obstante se tu julgas q huma m.^{er} que naõ pode enchugar as lagrimas em pondo diante dos olhos a sua perda he propria p.^a te dar alivio falla querida amiga, q eu veri ate que ponto podem chegar os esforsos do coração da tua

verdr.^a amiga

T

P.S. Acabo de ler a tua carta de tres. ah! querida amiga, q mal nos faz q.^m separa a gente mais capaz de viver unida!

Esta he a carta que eu soppunha [sic] perd.^a A Marq.^{za} de Niza me deu novas de V. Ex.^a D.^s queira q todos os seos dezejõs se cumpraõ felizm.^{te}

[217] Naõ cuidava eu, minha M, que taõ tarde te chegasse o conhecim.^{to} de que o meo coração naõ perciza de mais vinculos p.^a estar unido ao teo? A que vinculos podia eu aspirar , quando te supunha comprometida e apaxonada por Tancrede? Ah! m.^a querida amiga, q.^{to} he certo, q as felicid.^{es} apagaõ, e destroem em nós mil ideias, que pareciaõ em otro tempo ideleveis. O meo silencio he mais profundo do q tu poderias nunca imaginar; e porq as m.^{as} lagrimas estregaõ os segredos do meo coração, por isso he que naõ quero, nem devo aparecer em citios onde...

Tu ignoras d'onde provem essa interna opreação: eu naõ: os effeitos, consolate, hade destroilos o tempo em ti; a cauza, q está em mim, hade acabar com a minha vida.

Lastimame a morte do Conde dos Arcos, de modo, q passo m.^{to} peor depois do seo desastre; conto en[p. 1]tre os meos deffeitos este excesso de sencibilid.^e, que tanto me arruina. Tomara achar o balsamo, comq os coraçãoes se endurecem; naõ deve de ser raro, porq o effeito he commum; mas eu naõ o descubro. O Conde naõ passa bem; mas dá todo o apreço ao teo favor, assim como eu a teo socego, por isso acab o segurandote q he

tua fiel amiga

T

Estremoz 28

de Fevr.^o de 1778

Como se acaba a jornada de Salvaterra mandarei as m.^{as} cartas por caza da Biscond.^a

¹ Entre linhas.

² Provavelmente a destinatária desta carta é Maria de Almeida, que chama a Condessa a seu lado no momento em que está a decidir a orientação do seu matrimónio.

[218] Vimr.º 27 de Março de 1778

Amiga da m.^a alma, as tuas afflicções saõ, e seraõ sempre as m.^{as}: todos os membros da tua affligida familia, me devem a mais viva comapaixaõ, e como se naõ tivera eu mesma bastantes amarguras ao pé de mim sintome repassar de dor na cosideração das, q te cercaõ. Que remedio? Deos Deos [sic] he quem nos opprime D.^s seja q.^m nos conforte, e nos anime, a seguir virtuozam.^{te} a carr.^a asperissima, que a sua Provid.^{cia} nos prescreveo. Eu naõ sei se te consolo, se te aflijo: sei que dezejo aliviarte, e que se julgas, q posso servirte ou queres de mim alguma nova prova de q te amo um teo aceno basta a governar a tua

Fiel
T

Perdoame se deixo hir esta
carta asism; mas ando taõ falta

de forças que naõ posso escrever otra. Agradeço [p.1] a teo Pay os recados q me mandou pelo Cap.^m mór mas naõ sei quais saõ os negocios do nosso interesse que lhe impedem vir cá. Suponho q serãõ os de sua familia, e como tais estimo que elle se empregue em conseguilos.

[219] Querida amiga, com quanta razaõ queria eu receber da tua Maõ a taça mortifera! Sim minha joya deste o golpe no vivo do coração; mas a virtuoza maõ ainda quando fere consola. Naõ deixes de me escrever tudo o que tens, q me dizer; nunca, nunca me foraõ mais precisas as tuas palavras. As tuas cartas saõ lidas uma duas, tres vezes a fio: guarda-se, e pocas oras depois como se fossem novas, tornaõ-se a ler, e a meditar, e tu ganhas sempre em cada novo exame. Anjo do Ceo, D.^s te faça feliz! e se nos ceios da Providencia resta p.^a nós algum destino de paz, elle nos venha todo pela tua maõ! Como está a tua saude, que he o que tens? e que novas afflicções saõ as que temes venhaõ cahir na tua familia? Ja te disse, que todas me tocaõ, e que todas quero partipar¹, porq nada quero deixar de ter comum com [p. 1] os sentim.^{tos} da tua alma. O portador desta pode remeterme as tuas cartas elle as hirá buscar: quanto me disse de ti! Cada dia me pareces mais digna da m.^a ternura; sem q a regularid.^e das tuas feições acrescente nem diminua a viveza destes sentim.^{tos} e posso affirmarte, que entre nós quasi que dezaparece a tua formozura otros, e bem otros saõ os moveis da nossa machina. Com tudo até este ultimo dotte dezejo conservado em ti com a mesma perfeição, comq o possues, porq tudo o que te pode afiançar a felici.^d futura he o objecto do meo interesse soffre porem q eu te ffaça uma perg.^{ta}: por que se tarda na concluzaõ deste negocio? se hade ser, porq naõ he já? de q serve esta demora? Se della he q o tempo me pode [p. 2] *fazer nascer gr.^{des} coizas*, D.^s corte as azas ao tempo, p.^a que com o seo vagar me faça feliz mas se deste vagar nada pode rezultar que me console; võe tudo; o que deve contribuir p.^a que se contente o espirito que rege as tuas acções. A secura deste ar tem me feito benefico; estou menos debil; e começo a sentirme com forças p.^a tudo q.^{to} quizeres de mim, porque p.^a te dar gosto so a morte pode embaraçarme O Conde he o q tu sabes a respeito do teo merecim.^{to} e eu sou a tua

Verdar.^a amiga
T

Vimr.º 29 de Março de 1778

¹ Por *participar*?

[220] Virmr.º 1.º de Maio de 1778

Querida amiga: não me posso costumar à falta de novas tuas, por isso as pertendo bastame ver da tua letra *estou boa e sou feliz*: nada mais dezeja a tua

Fiel Amiga
T.

[221] Vimr.º 8 de Maio de 1778

Querida amiga, passar um mez sem ver uma so letra tua, he huma cazualid.^e revestida de todas as amarguras da desgraça. Emquanto não perder o abito de dezejalas, não poderei deixar de importunarte. O coração, governado pela amizade, está costumado a este alim.^{to} perdelo de repente, não pode deixar de lhe fazer grande danno. Comtudo o teo comodo, e a tua paz estaõ primr.º que tudo, e se ellas s'oppoem a continuação da nossa conrespond.^{cia}, seja a ultima prova de confiança, q te mereço, dizeresme, que he percizo acabala. Eu buscarei otro modos de saber de ti [...]¹

Eu passei mal os dias passados; mas voume [p. 1] restaurando m.^{to}, e pondome capaz de te servir como

Verdr.^a amiga tua
T

[Á Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria d'Almeida minha Sr.^aLisboa]²

[222] Vimr.º 12 de Mayo de 1778³

As dores que padeces, m.^a querida amiga, penetraõme n'alma. D.^s queira que tires por fructo de tanto trab.º a saude que te dezejo. Eu receio perder com a força da dor tres dentes de diante, um especialm.^{te} pareceume q não rezistia, mas quiz D.^s livrar-me ainda do disgosto de me avelhentar mais cedo, p.^a o q na verd.^e, não estava bem dispozta. A m.^a companhia vai padecendo e trabalhando por convalescer; mas Alvares oje está com huma excessiva dor de peito, que me dá cuid.º, em q.^{to} não vemos se passa como convulção. Todos te respeitaõ, como tu mereces, e eu te bejo as mãos com q traçastes as palavras dirigidas a consolar um tirste. A vida que tu invejas sim me paresse que era conforme ao character do teo coração, e por isso mil vezes me separo da comp.^a p.^a dar liberd.^e aos sentim.^{tos}, que me excita a ideia de que tu não has de nun[p. 1]ca dar aos nossos passeios aquella graça que só de ti procede. As cartas do Proprio trazem uma contradizção terrivel. Tua May dá o cazo por decidido, e o mais favoravelm.^{te} que se podia imaginar tua Irmaã suppoem tudo na mesma innacção. Tua May quer que eu persuada a Leonor a moderação; Leonor que se lhe dê movim.^{to}, e que posso eu fazer? Minha M.^a, quanto he terrivel soltar a redea a paixoens ainda justificadas! Tenho o

¹ Lacunas polo mau estado do suporte.

² No sobrescrito.

³ «Á Ill.^{ma}, e Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria d'Almeida m.^a Sr.^a Lisboa».

animo confiad.^{mo} p.^a tudo, e uma repugnancia cruel a persuadir o que eu não faria em iguais circunstancias. Tomara ver acabado este negocio, e D.^{os} queira q se não verifique o que eu prognostiquei um dia destes ao P.^e Alvares, o qual não deixou de me achar razão no receio. Os meos dentes ainda são contrarios ao meo gozto, e por [isso]¹ sou obrigada a separarme deste agradável exercicio. Recebe do Conde mil respeitosos obsequios, e o dez.^o que tem de te ver feliz [p. 2] a tua

T

[223] Continuo a buscar novas tuas², minha querida amiga e pode ser que com a desgraça de continuar a padecer a falta dellas. Nada mais tenho que te dizer a este resp.^{to}, que te não dissesse já, e só me falta segurarte de novo, q se não estingue a fidelid.^e de

T

Vimr.^o 14 de Mayo de 1778

[224] Vimr.^o 22 de maio de 1778

Minha querida amiga, q.^{to} sou infeliz se a m.^a amizade acrescenta as tuas morificaçoens! mil vezes bejo as tuas cartas, tanto a do postilhaõ como esta ultima; mas cheia d'afflicção o faço, porq me traspassa a certeza, q me diz de que nem *passas bem nem es feliz*. O testam.^{to} precioso, q me mandas rasgame o coração; e este faz huma³ bulha infinita para, q eu tambem, me explique comtigo em coizas da mesma natureza, porem o respeito q a tua virtude me impoem o faz callar, e procurando adorar a Providencia pelo q nos afflige, passo a pedirte q afastes da memoria toda a ideia dos meos taõ justos, como infelices⁴ [sic] dezejões. A tua virtude, minha joya, os fez nascer; não ouve, nem na peçoa mais intereçada um unico movim.^{to} que não tivesse esta nobre origem, por isso tem custado tanto a murchar as esperanças q delles brotaraõ. D.^{os} o quer assim, ou para nos umilhar, ou p.^a nos corrigir, seja feita a sua vontade santissima, e receba o todo Poderozo toda a gloria que quer tirar das nossas amarguras! Entre tanto recebe tu com antecipado premio, a certeza de q duas palavras tuas assim como te faraõ adoravel p.^a sempre, assim bastaraõ para fazer conversação de um omem. *Dizeme q trabalha por adquirir mais uma virtude*. A força destas palavras, o fez⁵, e faraõ milagres, he verdade que olhos penetraõ como a espada de dois gumes; mas a Religiaõ faz todo o esforço, porq as chagas se curem, e D.^{os} por sua Mizericordia fará o resto. Depois de eu não poder ser feliz, e de justam.^{te} recear q tu não o ffesses, como eu o imaginava /pois q me asseveras q te não satisfazias/ tenho otro officio q fazer p.^a o qual me darás licença, e he advogar a cauza do Conde da Ribr.^{a6}. Este mosso, seg.^{do} o votto

¹ Entre linhas.

² No sobrescrito: Á Ill.ma, e Ex.ma Snr.^a D. Maria d'Almeida m.^a Sr.^a

³ A leitura nom é clara

⁴ Cultismo?

⁵ Ou «os fez» [milagres]

⁶ Cfr. com «1.^o de Ag.^o [de 1777]: chamamos a atençom para a mudança nos argumentos de Teresa de Mello Breyner em relação com o Conde da Ribeira umha vez que é tomada a decisom de realizar o casamento com este e nom com o irmao da Condessa.

da tua Irmãa, tem mais falta de educação, q de talento e onde ha juizo, e amor, q cultura não podes tu fazer? Aquella gente toda tem uma bondade natural, que caracteriza a familia; daõ prezem.^{te} todas as provas de que reconhecem o teo merecim.^{to}, e o estimaõ como he justo; isto promete mais fortuna, q desgraça, especialm.^{te} sendo offerecida a peço a q comtanto juizo e tanta virtude sabe tirar partido de tudo. Tu sugeitaste a uma cruz pesadissima, mas q.^m ta poem nos ombros saõ aquelles q neste mundo fazem as vezes de teo Deos: elles imaginaõ q trabalhaõ por te fazer feliz; tu respeitas as suas afflicçoens, e dezempenhas o caracter q te imprime a Religiaõ pois que sacrificas o teo gosto arriscas a tua vida por adoçar as amarguras e compassar os trabalhos de teos proximos; mas que proximos? Voltate p.^a este lado, e veraz quantas consolaçoens brotaõ no teo coração. Não imagines a tua morte taõ vizinha; he um meio p.^a viver não carregar a imaginação de representaçoens funestas. D.^{os} quer de ti grandes exemplos p.^a aquelles com q.^m vives, e p.^a q.^m ha de viver, e huma das tuas obrigaçoens he procurar conservarte, e fazerte capaz destas grandes coizas. A tua amiga nececita m.^{to} de ti p.^a se consolar com tigo p.^a se animar com o teo exemplo e soportar mil afflicçoens, e p.^{a1} a tua conv.^{te} amizade lhe sirva d'abono em todos os seculos. Não arrende as cazas das Larang.^{as} [sic] porq aquelle ospicio me he sempre necessario. Não te nego, que ao pôr aos [sic] pés em Lisboa, me tremerá o coração, e a primr.^a vez que nos avistarmos será percizo que não tenhamos espectadores, mas depois q nos costumarmos a vermonos naquella figura em que nos quiz a Providencia seremos inseparaveis, D.^{os} queira, q a amizade q espero formar com os teos novos parentes possaõ [sic] contribuir p.^a a tua felid.^e Queres mais de mim? Se queres se imaginas q posso podes estar certa de a [sic] tua fidelid.^e he e será sempre compençada. Tenho passado mal estes dias com febre e otros incomodos por isso não posso escrever m.^{to} Descança q as tuas cartas não saõ vistas depois da faltal epoca. Trabalha por ser feliz q he o meio de me contentar; fazete por te enganar... não posso mais. Chegou o estimavel confidente das nossas affliçoens². Pocas oras se tem passado sem fallarmos em vossês. temos ambos chorado e agora me pede o ponha na tua memoria. A D.^{os} m.^a vida, sou a tua fiel

T

[225] Serpa 27 de Julho de 1778

Hoje faz um anno querida amiga que o negocio, q te afflige me fez chorar as primr.^{as} lagrimas³: quem dissera que eu teria, que as chorar prezem.^{te} pelo mesmo, q entaõ me teria poupado aquellas⁴? A tua carta de 14 dirigida a Virmr.^o chegou ontem á m.^a maõ: estou com o coração taõ debil que não pude lêla sem imaciencia e sem compachaõ. Pozme o destino em circunstances de te não poder dizer nada; he verd.^e que tu nada persizas das m.^{as} reflexoens p.^a te dirigires pelo cam.^o da virtude. Tu sabes melhor as forças do teu coração, e medindoas conhecerás o de que es capaz p.^a o futuro. O q he certo q.^{to} a mim he q tu debes procurar amar o objecto q te apresentaõ as peçoas de [p. 1] maior authorid.^e p.^a ti. Os motivos da tua aceitação saõ legitimos filhos da virtude, he persizo que os fins não degenerem. Hum fingim.^{to}, m.^a querida amiga não

¹ Sic, sem *que*

² Provavelmente Sancho de Faro.

³ A primeira carta sobre este particular que temos localizado está datada a 1 de Agosto de 1777.

⁴ Parece deduzir-se daqui que a escolha de Maria de Almeida era o irmao da Condessa de Vimieiro, o que explicaria as alusões posteriores à infelicidade do matrimónio e as críticas ao Conde da Ribeira.

pode produzir mais do que a tua completa desgraça. Em q.^{to} não amares, não te liguês; e p.^a amar aproveitate de todas as coizas por minimas, q sejaõ p.^a as fazer valer. He persizo q tu te persuadas, a que um coração capaz de te dar o devido preço, não he coiza que a natureza forme mais de uma vez. Está cançada, e não se atreve a produzir m.^{tas} obras destas, até por não passar pela vergonha de as ver desprezadas. Com tudo o Conde da R.¹. buscate com preferencia, e este acerto, não pode nascer de uma alma inerte. Percizará de que tu [p. 2] a despertes; na tua mão melhor, que ninguem tens o manivel destas machinas. Eu sei qual he o poder das tuas palavras: poem condiçoens a todos os teus favores, e ainda mesmo á conclusão do negocio faze dezejada por mais nobre fim, que o do appetite, e como a virtude pode tudo em todos, em ti linda agradavel, por mil modos, he impossivel, que enfraqueça as suas forças em ti que as recolhes todas na tua alma bellissima. A afflicção d'animo nada remedeia mas a applicação da alma a descobrir meios para se lizongear, he utilissima; mas se nada bastar a reduzirte aquella dispozição sem a qual será certa a tua infelici.^e, quem te poderá aconselhar, q metas no ceio o aspide [p. 3] D.^s pode fazer milagres; mas nós não devemos dezafigalos... Que podia dizerte de mim o Conde *Alma viva*²? oh se elle he perspicaz; não deixaria de penetrar o tumulto do meu coração nos prim.^{os} instantes delle fallar. Estimalo, he necessario; não he elle Irmaõ das m.^{as} amigas? tratalo bem era indispensavel; não he elle o Conde d'Assumar q demorou a sua jornada por me vizitar? Sintir [sic], q se fosse isso na verd.^e devia obrigalo porq lho disse, e não costumo fingirme. viate nelle fazias me falta, e uma falta que não he supriavel basta querida amiga p.^a q.^m escreve em serpa cercada de continuos cuid.^{os} Serei sempre a mesma

T

[226] Serpa 6 de Ag.^{to} de 1778

Minha querida M. daz-me um cuidado taõ vivo, que não posso deixar de interromper o teu lethargo/ quem podera chamarlhe socego/ Dizeme se convaleceste da molestia, e se o teu animo participa da tua melhoria: essa he a maior consolação a que a m.^a amizade aspira e se me for conced.^a não me julgarei infeliz totalm.^{te} Eu interrompi os banhos por ceder a huma constipação estou melhor, e tronarei elles [sic] brevem.^{te} Dizeme se recebeste umas cornetas³, que teu Irmaõ me entregou p.^a te remeter e que eu te derigi [sic] por um Almocreve de Estremoz; estimarei q não tivessem descam.^o, e que dez o gosto de servir pois q he

tua cap.^{ta}
[T]⁴

¹ Ribeira Grande.

² O Conde de Assumar, Pedro de Almeida.

³ «Substantivo feminino plural: utensilio em forma de semicirculo, feito de tecido consistente, outrora us. em penteados femininos».

⁴ Mancha de tinta.

[227] Tu não podes imaginar, minha querida amiga¹ a impreção, que me fez a tua carta de oito do cor.^{te} Não tenho forças p.^a choques tão fortes. Cedi, e passei quatro dias terrívelm.^{te} entre mil tumultuosos pensam.^{tos}, todos funestos. Chegou o proprio, e serenouse a torm.^{ta} com a certeza deq melhoras, e como atraz de uma melhoria, espero q venhaõ as mais, começo a alentarme pondo diante dos olhos os dias em que espero verte feliz Agradeçote a memoria, que tens de m.^a May. Graças a D.^s passa com saude, e a sua virtude a faz levar tudo; por um modo tal q inspira e fortifica o amor d Religiaõ: O meu Omem merece a onra com q o tratas, e eu sou como tu sabes a mais verdr.^a amiga q te resp.^{ta}

T

Serpa 23 de Setembro
de 1778

[228] Não tenho novas tuas, minha linda amiga², e eu não quero saber só pela boca do vulgo que tu estás melhor. A tua saude he uma espece de balsamo, q fortifica a m.^a, vê se terei enterece, emq o Povo falle verd.^e! Entre tanto não devo abuzar da tua melhoria obrigandote a maior applicação, mas não quero acabar esta, sem te dizer, q a Avó conserva de ti mil ternas memorias, e que sempre será fiel

T

Estremoz 24 de Oitubro
de 1778

[229] Estremoz 7 de Ag.^{to} de 79

Querida amiga tornaõ a faltar-me as tuas cartas e eu continuo regularm.^{te} em procuralas. Esta distração de correspondencia ate estereliza as ideias: quazi q não sei o que te heide escrever. Do Publio³ fallaõ as gazetas; do particular, nada ha q seja interessante. De mim, fora repetir o escholio da amizade, q tu ja sabes de cor, q remedio? não osei [sic] se não reduzirme a dierte, q estou boa, e o Conde, que dez.^a ao teu igual felicit.^e; que espero com ancia as tuas novas, e q he

Tua Verdr.^a amiga

T

¹ No sobrescrito: «A Ill.ma e Ex.ma Snr. D.^a M.^a d'Alm.da m.^a Sr.^a».

² No sobrescrito: Endereço: «A Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Snr.^a Maria d'Almeida m.^a sr.^a».

³ Talvez por público.

[230] Querida amiga da m.^a alma⁴ Não tenho constancia p.^a te dar um AD.^s quazi perpetuo! se sou tão fraca condena a amizade, q me faz incapaz de tamanho esforço. Eu paguei bem caros os momentos, q ontem te vi: a companhia percebeu assaz o q sentia o coração, e mais nem uma só palavra me sahio da boca. Faze feliz jornada em Estremoz, manda logo recado ao Tenente H.^{mo} de Andrade Barreto p.^a q te mande abrir as cazas; elle mora no rocio, e a gente da estalagem logo ensina a sua caza. He omem de bem, e digno de estimaçãõ; mas não te venha à cabeça fazer mais nada q mostrarlhe m.^{to} bom modo. Quizera eu hir servirte, e só assim me poderia vencer a verte partir; mas não me he possivel, e só me resta o dezejo de q chegues felizm.^{te} a madrid, onde ja terça fr.^a derigirei a m.^a carta. Recomendame ao Sr. Conde [p. 1] a q.^m diraz q o meu não foi oje receber as suas ultimas ordens por ser obrigado a tomar [oje]⁵ um remedio q o prende em caza. A D.^s querida Oeyenhauzen. D.^s te prospere como tanto dezeja a tua

Saudodzissima

T

[231]

Lisboa 4 de Abril de 1780

Eu ate agora, querida amiga, cuidava, que as minhas cartas não eraõ peixe, nem carne; porem agora estou na certeza deq saõ huma, e outra coiza, porque do carnal, e de quaresma ficaõ algum tempo de escabeche, para chegarem lá com todos os temperos, que as façãõ mais goztozas. Se o tal escabeche não for tão forte, que as reduza a porem, lá te haõ de chegar p.^{lo} menos tres successivas, e n'uma dellas incluzas as respostas para M.^e de Thun, e p.^a teu Marido =Mais ecrivons en François: c'est le moyen de me former dans ce genre de ecriture; et tant mieu [sic] pour moi si tu te donnes la peine de m'en corriger. Je ne suis pas aise de scavoir [sic] que ta santé ne souffre, que par ta faute, car je ai [sic] lieu de craindre que questo subito subito t'amene a dieciedoto [sic] per agni volta. Que mon amie est folle /diras tu en lisant cecy [sic]/ oui, ma, chere, je le suis, et je le serois, jusques [sic] au dernier moment, si ma gayeté [sic] naturelle arrivoit une fois a se soubstraire a la tyrannie de tant d'enemis, que la genent par ci, par lá. Aujourdui [sic] meme, je me suis levée d'un ci mauvaise humeur, que toutes mes pensées etaient aussi sombres, que la nuit - voilá un jour bien affreux pour moi /me desoilée [leitura difícil]/ que ce lui e vient de paroître [sic]! Mais quois me laisserois je mourir, avant de [-----] tant de chose que je n'ai pas encore eu le loisir de comencer? Non, non je ne veu pas finir de sitot. On se moqueroit [sic] de moi; je ne reverois [sic] plus mes amis, et par un eternal oubli, je serois [sic] effaice de leur memoires. Cette refflextion [sic] en me donnant une terrible secousse [sic] le resultat a etoit [sic] tout au profit de mes jours. Je me mets tout d'un coup abarbuiller du papier et peu de tans [sic] apres je me sans en etat de chanter toute la soiré. Je dois peut etre ce changement, ou cet effort [p. 1] a mes longes courses a cheval, pour ne pas les apeller promenades. La Nature reproduit ses charmes sur nos cateaux [sic], et sur nos plaines: c'est le Printems [sic] le plus delicieux, qui em bellit tous ces tableaux variés. J'ai veu de já il ya plus d'un moins des cerises collorées; ou vend du marché des abricots: c'est pour la seconde fois que je vois renouveler les arbres, apres que mes affaires se trouvent ensevelis, sans qu'on puisse

⁴ Datamos esta carta em 1780, imediamente antes da partida de Leonor de Almeida para Viena acompanhando o seu marido, que nesse mesmo ano foi designado por D. Maria I, e graças às gestões de Leonor em Salvaterra, Ministro plenipotenciário de Portugal na corte austriaca.

⁵ Riscado.

pas meme se livrer a le espoir [sic] de les voir eclore [sic]. Peut etre qu'ils s'engraissent pour s'epanuire avec beaucoup plus de beauté mais laissons ce propos. Cependant de quoi t'entretenir? De la mort [sic] de la Reyne Mere! Mon Dieu! Souvient toi chere amie, ue le role de Didon ne te convienne [sic] pas, de meme q celui du fils d'Anchisse ne me revient nullement C'est un duleur [sic] trop amere pour etre retraice un seconde fois: le metier du medecin est aussi un peu aplaindre, sour tout [sic] quand il a soin de la sante des Rois, puis que ces Personages scrées s'imaginant aux decisions des enfants d'Apollon, et le pauvre Esculape a toujours tout . Notre Aimable Souveraine nous allarmá aussi dan [sic] cette occasion: car son extreme tendresse ne peuvent s'acostumer a la perte d'un mere qu'elle aimoit, autant qu'Elle la respectoit sa sante precieuse començoit [sic] a s'affaiblir. Mais /Dieu merci! [sic]/ Elle est parfaitement [bien] [entrelinhas] restablie, et nos vœux pour la durée de ses jours, ne laisseront pas d'etre exaucés [sic] Je fais toujours ta cour au pres. de Leurs [p. 2], Altesses, avec la satisfaction de voir que te respects sont reçus de la maniere la plus gracieuse. A present nous avons yci autant de Thebaydes, que de maesons [sic]. Notre Duc fait aussi de solitaire dans la sienne du Grilo, mais tojours [sic] gai autant que judicieux, il sort chaque journée pour revoir ses bons amis d'allentour, et moi y toute pas moins solitaire, que les autres; mais pour faire la cour a la famille Royale /a la quelle il est cher paz plus d'une raison/ il y va de temps en temps, et il retourne dans sa sollitude [sic] que n'est par autre chose que le plus agreable sejour de la sagesse. Il y est entouré de tout ce que les siecles anciens, et modernes ont produit de mieux. L'elite des Poetes, des Philosophes, des Historiens, et des beaux arts, qui ne se occupent paz moins que les sciences; et come [sic] personne n'entend mieu [sic] que lui le langage de ces Heureux [morteaux] [leitura nom é clara] qu'on vecú pour eclairer, et pour soutenir l'umanité son Academie, et nos compatriotes gagnent toujours a sa retraite; et voici come [sic] le sage trouve par tout la route du plaisir, et du bonheur. Je suis redevuble [leitura nom é segura] d'une nouvelle grace puis qu'il m'a confié ta lettre jolie, et sensée; qui porte l'emprente de ton genie charmant. On se souvient de toi, chere amie, plus d'une foi par jour a Sete Rios, mais on s'aplaudit en meme temps de ce que tu n'es pas yci. /soit dit sans te blesser/

Ta seur te donnerá des nouvelles de notre Academie Le tems [sic] viendrat que je t'eparle aussi; mais d'une façon [p. 3] toute affait [sic] defferente [sic]; car si je suis folle avec toi, je ne [-----] pas de ces genie badin, qui preside a toutes ses pensées indifferemment. Rejouis toi, elle est heureuse, M.r d'Oeyenhausen [trema] l'avoit [sic] diviné et moi je rens temoignage, a son Esprit Profetique. Voicy une lettre de ma mere, que m'epargne un detail sur son compte. A Dieu, ma chere; mes compliments a M.r le Comte de meme que a M.e de Thun, en cas qu'une Portugaise inconnue ait le pouvoir de l'arracher un moment a ce Mouscuvite a gros surceils, et plus encore aux affaires importans d'une Nation orgueilleuse que se croit la Maitresse des flots. A Dieu encore une foi daigne [a leitura nom é segura] ma cher Lelie, recevoir les omages [sic] du gros compte Alfido, et les assurances de la tendre amitié

de ta
Vimr.º

Amiga do Coração

Para te poder escrever com mais liberd.^e mando esta carta por Londres: a bella Jonston ta fará receber. Que novas queres tu que te dê do nosso Pais? A melhor Raynha do mundo, com talento superior a sua educação, com as intençoens mais rectas, com os mais vivos [dez.^{os}] da nossa felid.^e; prompta p.^a se sacrificar [ao] bem dos seus Povos, feliz, e quazi illustrada nas decizoens, que toma por si mesma, não basta a fazernos felices. O mal pode vir de nos; mas certam.^{te} não está em nos. O tempo passa, e consigo precipita as coizas por um modo, que só posso darte uma idea [disso]² dizendo que tudo corre, porq se funde sem haver vasso que recolha a fundição para lhe dar uma nova forma. Os pocos que amamos o Estado, mais que os nossos proprios enteresses, reconcentramonos nas nossas cazas; trabalhamos por fazer o bem, que podemos como particulares, e deixamos o mais de que não somos responsaveis, entregue á sorte dominante O momento com tudo tem sido o mais favoravel [p. 1] [o] estado prezente da Europa; a dispozição interna do Reino; o fervor da Nação q de um certo modo parece que se cança de tanta ociocid.^e; o amor que os Povos tem á Soberana o seu agrado natural, que vencera delles tudo só com se mostrar prometiaõ mil coizas felices, se uma perita maõ applicada ao menivel fizesse rodar as machinas. Esta maõ sempre governada pelas dispoziçoens da incomparavel Raynha não nos falta; mas não se emprega. O retrato esta feito neste pequeno quadro, e he quanto basta p.^a te orizontares. Pelo que toca á tua f.^a, como tua May está melhor, não insta tanto a nececid.^e de tomar uma rezolução: a peçoa de q.^m te lembras p.^a a proteger devera poder tudo; mas não sei, se pode quanto devera alem de que *eu e mais eu* [m.^o]³ *e depois eu e sempre eu*, he o seo principal axioma: com tudo em cazo de consternação paresseme que imediatam.^{te} lhe dirijas as tuas pertençoens= A bella Armonia = tem o favor= por ella as graças= corremos melhor. A otra peçoa de q.^m me fallas não se adianta em belleza. Tem comprehensão mas está taõ obstrui[p. 2]da como se estivesse em chellas. Comtudo [-]a mudança d'ar, levando comsigo bom medico, e boa enfermr.^a, poderia tirar grande vantagem, porq a idade ainda promete alguma coiza. Eu te responderei a isto pelo modo ordinario, e como estou certa deque tudo se lê por isso tenho neccidade de responder, fazendo prologo p.^a q.^m ler. Agora ficate com D.^s eu passo melhor, e quizera estar em estado de te ser util p.^a alguma coiza mas p.^a nada presta esta

Fiel amiga tua

T

Mil recados ao Snr. Conde
O meu está no vimieiro [p. 3]

A. S. E.
Mad.^e La Contesse
d'Oeÿenhausen
a Vienne

¹ Lacunas polo mau estado do suporte.

² Entre linhas.

³ Entre linhas, a leitura nom é clara.

[233] Lx^a 25 de Junho [de 1780]⁴

Minha Cond.^a soffre que te escreva oje uma cartinha pois que a m.^a cabeça me não permite maior applicaçãõ, e que a tua amizade se inquieta com o meu silencio. Estimo que te restabolescas [sic], e que sejas convid.^a p.^a aproveitar um dos doze concertos que o Emperador quer sempre na sua caza de campo. Tomara perguntar a q.^m condemna que cultivemos o nosso espirito se um M.^o de Portugal cazado com uma das Ma[p. 1]tronas ignor.^{tes} que eu conheço seria tratado com essa consideraçãõ? Todo meresse a soberana a q.^m serve o Sr. Conde; m.^{to} merece elle mesmo per [sic] si só; mas a virtude unida obra mais fortem.^{te} dizem os Doutores d'oculos no nariz e de cordão levantado. Divertete m.^a amiga e não te lembres de vir convalescer a Portugal. Salvo se tens m.^{to} dinheiro p.^a estabelecer uma caza a teu modo. Senaõ/ crême [p. 2] que te fallo como amiga/ nos dois dias esmoreces. Ha por cá este anno m.^{ta} febre bilioza de q se morre com a maior presteza e otras bacatellas mais com q se despacha bast.^e gente p.^a a Eternid.^e Não se falla agora aqui mais de Rodney, e de Grau. Quem vê poco para som.^{te} na gloria do primr.^o q.^m ve mais alguma coiza talvez imagina, q este passo, franqueia a otros a entra[p. 3]da na mesma Carr.^a A D.^s De Thun não me esquece e a sua pobre f.^a vive? Recados ao Sr. Conde, e tu m.^a amiga sabe que o meu Silencio não he estupidez.

T

estou certa de que o nosso Duque hade lembrar nos jantares mencionados Elle foi oje p.^a Torre Bella, e pairesse q ficou Lisboa dezerta ao menos p.^a a gente de bom gosto

[234] Lx.^a 18 de Julho de 1780

Amiga do meu coração tenho novas tuas por mil partes, menos por ti: mas como tenho a satisfação de todos me darem os parabens da boa figura q fazes em toda a p.^{te} tenho assaz de q me contente. Não te tenho escrito, porq padeci mezes successivos de seroens, e otros mazelas; agora q me restabelesço vou buscarte onde q.^r q estejas. Sinto n'alma q a dor da ilharga te incomode, *ces M.^{rs} de Paris, ne soient pas si prevenants, q leux de Madrid*. Em Viena acharás, mais polidez, e menos escravidão aos costumes, e á moda. Dezejo q o teu Conde esteja bom, o meu passa bem; e deste ponto do globo te daraõ novas mil [p.1] gentes. Do meu coração te digo q se conserva fiel e proprio dos sentim.^{tos} da tua amiga

Vimr^o

⁴ Posterior à saída de Leonor de Almeida para Viena em 1780 e anterior à morte de de Maria Teresa de Áustria em 1781.

[235] Lisboa 30 de Setembro de 1780

Amiga do meu coração recebo com gosto, e alvoroço a tua carta pela serteza de q chegastes a essa corte onde te suponho mais satisf.^{ta}, que em Pariz Em descansando da tua jornada espero me dez miudas novas de tudo como já te pedi o corr.^o passado. Agora nada ha q te diga de novo; a m.^a saude he delicada, e estou summ.^{te} magra a resp.^{to} do q fui, e com m.^{to} má côr. Todos os dias se espera que o nosso Duque seja encarregado de alguma repartição importante¹; mas ainda isto não rebentou, e nos tarda por q assaz o dezejaõ os amigos do citado. Elle entra agora, e eu rezervo p.^a melhor occasiaõ o escreverte mais largam.^{te} Recebe delle e do Conde mil obzequios e depois disto me dá a ler a tua carta, e a do Sr. Conde. Estimo ver nella a justeça, q lhe [p. 1] faz essa boa gente. A D.^s m.^a amiga do meu coração sou e serei a tua fiel amiga

T

[236] Lisboa 10 de Outubro de [1780]²

Minha Oeyenhausen comq gosto te contemplo satisfeita! não me faz espece [??] o teu bom acolhim.^{to} na corte, tu o meresses mas alem do teu merecim.^{to} a educaçaõ desses Principes he hoje taõ differente da dos nossos, que pairesse q o resseso[sic??] da caza d'Austria veio de conserva p.^{as} Espanhas, ficando por la o que unicamen.^{te} he saõ. Na verd.^e, em q.^{to} este sangue não entrou na falmlia Real Portugueza, ou pelas alianças de Espanha ou pelas immediatam.^{te} contrahidas com ella, os nossos Principes viviaõ melhor. Comtudo os presentes saõ onradores affaveis, e [omanos]³ e tu sabes ate que ponto se familiarizaraõ as duas Princezas com aquellas pessoas, q temos a onra de falharlhe mas não podes fazer conceito da affabilid.^e, com que a R.^a no seu particular nos trata, e como suavem.^{te} entrom.^{te} [sic] nos enteresses de cada hum. Não obst.^e ao seu lado ha quem destrua os frutos desta excellente disposiçaõ, e o peor [sic] he q ainda quando o nosso D.⁴ seja chamado não fará mais doq proceder passivam.^{te} A violencia q se faz p.^a se sugeitar, e mil otras coizas, que uma carta e a distancia não permitem communicarte me faz assentar, q hei de morrer taõ molem.^{te}, como tenho vivido.

Mandei a tua mesma carta p.^a Torre Bella ao Duque, onde foi passar estes dias com teus Pays [-----] [p.1] Jozé e D.^{mos} Estes estaõ plena[m.^{te}] contentes, e me dizem q unicam.^{te} lhes falta ali uma coiza, que he o tempo, porq foge sem q se perceba. Teu Pay esteve nas Caldas onde tua May se conserva, e a Ribr.^a com esperanças de ser May novam.^{te} Isso a consolará da perda do seu Guido; que eu nunca julguei vividoiro. A tua será hum a bem agradável gigante. Agradeçote com todo o coração o interesse q tomas p.^{la} minha familia. Tanto a mana como o mano estaõ cazados, e até o presente reciprocam.^{te} satisf.^{tos} Minha Irmãa cazou em Junho meu Irmaõ a 24 de Setembro. Minha

¹ Quando João Carlos de Bragança regressou a Portugal em 1779 «recebeu o título de Lafões, que lhe fora negado [em 1761 quando a morte do irmao], sendo-lhe então restituídas as comendas de que fora privado, com os seus atrasados rendimentos, por alvarás de mercê; nos anos de 1777 e 1778 e as custas no de 1781. Por carta de 11 de Abril de 1780 se lhe fez assentamento de mais 250\$000 réis do título de duque [...]. Por decreto de 15 de Setembro do mesmo ano teve a nomeação de conselheiro de guerra» in www.arqnet.pt/dicionario/lafoes2d.html (13.01.04).

² Lacunas polo mau estado do suporte. Datamos em funçom da coerência com a carta anterior e pola referência à gravidez da Condessa da Ribeira, que foi mai da sua filha Leonor a 20 de Maio de 1781.

³ A leitura nom é segura.

⁴ O Duque de Lafões.

Irmãa ate ao prezente não promete f.^{os}; m.^a cunhada tem umas pequenas incomid.^{es}, que talvez os anunciaõ mas he taõ poco o tempo que tudo he incerteza. O mano diz-me que achou um coração sensível franco, e docil sem frouxidão. Que tem juizo, e não tendo instrução, por força de talento, falla nas coizas sem preocupação, e discorre ao nosso modo. Ella julgase mais feliz que todas suas Irmans, e acrescenta que a ninguem tem inveja. O ponto he que esta satisfação prezista [sic], e que se não murche com o tempo, o que he sempre de temer. He bem verd.^e que a formuzura não he em nenhum delles a baze desta satisfação.

Tornando ao Duque, porq serás m.^{tas} vezes perguntada por elle, podes dizer, que a Primr.^a vez q a R.^a o viu de farda disse diante de todos: *Naõ he possivel q se compr [enda o gosto que me dá] ver o Duque com este* [p. 2] vestido Elle queria vestilo no d [ia] dos annos da Inf.^{ta} por uma espece d'obsequio quer era na verd.^e delicado, ouve porem motivo, que o fez adiantar, e sua A. a quem o disse da sua parte, me respondeu que o obsequio maior, daquelle genero lhe faria, era vestilo quanto antes. Continuum.^{te} nas m.^{as} cartas lhe está mandando onrad.^{mas} expreçoens; e da Princeza recebe iguais destiñoens. Foi às Caldas onde se acha ainda a R.^a May com a Inf.^{ta}, e o acolhim.^{to} foi excellente: acompanhou a Inf.^{ta} no passeio e a Igreja, e esta depois lhe mandou um onrad.^{mo} recado de desped.^a Isto fora daqui he o menos q fazem os Principes; mas entre nós he o mais que se tem feito, e o q he mais, he o carinho e satisfação, comq tudo isto se faz naturalm.^{te} Este poco basta p.^a inquietar almas pequenas o Duque generoso, e pollido affligese com isto, e quizera não trazer vestido q tanta g.^{te} assanha contra elle; mas não he possivel, e sobre este ponto lhe tem as duas Princezas mandado dizer por mim as coizas mais agradaveis, e polidas, que se podem imaginar. ElRey continua os seus banhos, mas eu não sei se delles tira aquelle beneficio, q necessita. O Principe faz gosto das suas applicaçõens. Franzini passa alem das mathematicas, e cuida em lhe apresentar insensivelm.^{te} m.^{to} a face do Reyno, e o interior d'elle economicam.^{te} considerado. não sei se o methodo he bom nem taõ bem se as dissipaçõens frivolas, que sobrevem a estas comferencias [sic], lhe enfraquecem o fructo. A parada, q se faz todos os dias de baixo das suas janellas, lhe tem feito tomar algum enteresse pela tropa: conheste gr.^{de} parte dos seus defeitos apparentes, desconsolase por saber [p. 3] otros de mais consequencias e por não ter em nada disto intendencia: este Principe he raram.^{te} composto paresse m.^{to} namorado da sua figura, e não faz cazo della, paresse naturalm.^{te} inclinado á poltronisse, e ama os exercicios fortes: o jogo da espada dalhe tanto ou mais gosto, que o da picaria. Não gosta de dança nem de muzica p.^a se aplicar a ella, tendo alliaz um [sic] grande abilidad.^e p.^a o cravo, e facilid.^e p.^a tudo o q quer aprender Naõ gosta de ler, e está prompto a trabalhar nos calculos oras a fio sem se infartar. Tudo pergunta tudo o quer saber; colloca tudo na memoria por methodo poco ordinario, e perguntando com o maior ar de franqueza [es]cuta¹, e ouve com a maior rezerva affectando mil vezes uma distração quazi stupida. Conservase namorad.^{mo} da princeza, e hum destes dias, q eu estive no tempo de jantar, e que animei alguma coiza a conversação lhe disse coizas pollid.^{mas} e por um modo taõ natural q me dava gosto ouvi-lo. A Inf.^{ta} me sigurou q elle amava o Duque, e sera fortuna p.^a elle e p.^a nos se o amar de modo, q se familiarice com elle.

Tenhote dado bast.^{es} novas, e nenhuma novid.^e bem sabes tu que o nosso gabinete não he de fermentaçõens. O terramoto o deixou taõ [riscado] vizinho à que ainda senaõ pode livrar dos formigr.^{os} que nelle se entranharaõ. Estaõ sempre a entrar e a sahir as formigas carregadas, mas como levaõ p.^a si o estudo ainda não se percebeu fructo desta cautelozza providencia por lhe não dar otro epiteto q começasse por a. [p. 4] Faltame falar-te de mim, e do meo Conde. Este está bom eu passo sempre mal, e pior porq a melancolia não tem cura: e só a tivera se eu senhora da m.^a liberd.^e podesse dar

¹ Lacunas polo mau estado do suporte.

uma volta ao manivel da m.^a machina [casr.^a]¹. Não he possível, e o sistema que o Conde se tem proposto hade levarme mais sedo a sepultura; porem he precizo, q o pobre conde não o conheça, uma vez que o seu juizo se não convense do contrario. Não sei quem he essa Amavel Staramberg² de q.^m me fallas ignoro se elle he Breyner, e obrigame que elle tome tanto interesse pela morte de meu Tio³, que tem sido p.^a nós dos mais sensiveis golpes. Taõ bem perdi hum mez ha a m.^a Tia Redondo⁴. Amavel matrona, que naq.^{le} leito nos deu exemplos da maior paciencia, e constancia. Saõ tristissimas as scenas que ali testemunhei, mas de igual edificaçaõ. A nora⁵ perdeu m.^{to}, a familia infini [sic]⁶ e podese dizer que todo o bairro a q.^m ella socorria. Repartio pela sua maõ o resto das suas joyas Doou à neta⁷ hum grande laço de Diam.^{tes} m.^{to} rico, e de bom gosto e aos dois Netos⁸ aneis grandes de diam.^{tes}. A nora uma boa peça de cabeça á filha⁹ as perolas dos braços que eraõ m.^{to} boas. A toda a familia deu ella mesma os seus legados, e deixou prompto todo o dinheiro necessario p.^a o seu funeral. Não se sabe o como isto era feito por q o seu genio era larg.^{mo} estava continuam.^{te} dando presentes e repartindo esmollas desde deq [sic] entrou em agonia q durou perto de 15 dias não fez mais que dar q.^{to} possuia p.^{lo} [p. 5] amor de D.^s de modo que chegou a morrer pobre mas ----- summa discriçaõ porq deixou intactas as legitimas dos [f.^{os}]¹⁰ e a cada um delles legados importantes. Taõ bem morreu de sobre parto a m.^{er} de Luis de Miranda, e exaqui as scenas agradaveis que me tem dado a nossa Capital, onde todos passamos na maior insipidez. E hei de eu morrer aqui! Oh D.^{os} paciencia! Recomendame ao teu Conde e aceita do meu mil respeitozos obsequios. Mandame novas miudas de tudo de tudo, e a D.^{os} querida amiga de

T.

Se não destes o meu recado á Dama da Arquiduqueza não lhe dêz porq sobe [sic] depois algumas coizas, q me fariaõ cahir n'uma imprudencia com elle [sic]; e se lho destes deixao esquecer.

[237] Lisboa 29 de Oitubro de 1780

Amiga do meu coração contemplo o trab.^o que te daraõ os corr.^{os} e isso faz, comq eu te poupe alguns o trab.^o de ler carta m.^a As novas, que pelos otros me chegaõ de ti, saõ as que pode dezejar a m.^a amizade. A perspectiva brilhante, em que te considero, me lizongea summam.^{te}, e que seja *a voz publica de Viena*, sem q nem as

¹ Leitura duvidosa.

² Localizamos na árbore genealógica da Condessa de Vimieiro Ana Dorothea Starhemberg (1607-1636), avó de Maria Isabel Judite Von Breyner-Asparn, mai de Maria Barbara Josefa de Breyner, avó da Condessa e primeira Breyner em instalar-se em Portugal.

³ José de Menezes da Silveira de Castro e Távora, senhor da Patameira (1713-1780), irmao de isabel Josefa de Breyner Menezes.

⁴ Maria Antónia da Conceição Breyner de Menezes (1719-1780), casada com Fernando de Sousa Coutinho, 12º Conde de Redondo (1716-1781).

⁵ Margarida Delfina Teles da Silva, segunda esposa de Tomé Xavier de Sousa Coutinho de Castelo-Branco e Menezes, 1º Marquês de Borba.

⁶ Fim de linha.

⁷ Maria Eugénia de Sousa Coutinho (24.04.1778-24.11.1824).

⁸ Só identificamos Fernando Maria de Sousa Coutinho, 2º Marquês de Borba (25.10.1776-05.03.1834).

⁹ Domingas Inês Josefa de Sousa (n. 02.05.1750).

¹⁰ Lacunas polo mau estado do suporte.

Damas se atrevaõ a contradizela, que nós mandamos para lá uma verdr.^am.^{te}
*Encantadora Dama*¹ O ponto está em que o Estado da tua saude te dê liberd.^e, e forças para desfructares os gostos, q essa situação te apresenta M.^{to} me tem obrigado o q me dizes da m.^a Tia Staramberg; mandei logo perguntar a m.^a May por ella, e me disse q nada menos he q sua Prima com Irmaã, filha do meu Tio Ernesto, que não sei se ainda vive, e foi Presidente de Justissas, como o Nosso Regedor. Perguntei por ella ao Duque, e pintouma de modo, que morro pela conhecer, e porq ella me conheça, e quando for o meu retrato, mostrame a esse resto de boa gente, q la tenho. O teu omem, diz que eu tenho ar da familia de Breyner; e o Duque diz o mesmo, e acrescenta, que somos sem.^{es} no character, e no modo de nos conduzir, sem pertençoens de ministerio, e sempre promptos p.^a o bem do Estado. Disse q a tal minha Tia tinha sido m.^{to} bella, e que quando elle chegara a Alemanha ainda era Linda. Disse que as *Colloredos* taõ bem saõ Breyners, e que todas saõ amaveis; em fim mil coizas agradaveis, q me fizeraõ dezejar viver com ellas. Elle aconselhavame que lhe [p. 1] escrevese, posto que eu podia aparecer segura com o seu concelho, não quero dar este passo, sem que tu primr.^o lhe digas mil coizas pollidas da m.^a parte, e da estimação que fazemos dos sentim.^{tos} da sua amizade, pela morte de meu Tio, e do sentim.^{to} que eu especialm.^{te} tenho de não poder comunicar uma peçoa taõ amavel, cujas informaçoens, me fazem dezejar imitala. A tua gente, vemse recolhendo das Caldas e m.^a May taõ bem a manhã virá com a R.^a, mas eu que comecei esta carta ontem, e que fui obrigada a enterrompela [sic] oje estou com m.^{ta} dor de cabeça e por isso não posso continuála. Recomendame ao teu omem aceita os obzequios do meu, reputame sempre pela tua

verdr.^a, e fiel amiga

T

30 de novembro²

[238] Lx^a 19 de Novembro de 1780

Vou começar a m.^a carta querida amiga por uma coiza, que te dara gozto: vi ontem a tua filha: bella creança! uma gigante robusta; vivissima engraçada, que promete uma figura grega, e elegante. O cabelo escuro cahialhe sobre a testa que he espassoza, e bem formada. Os olhos cheios de fogo, de graça , estaõ lindam.^{te} guarnecidos de peztanas quazi negras, e d'uns sobrolhos a q nada falta p.^a serem perfeitos. O nariz promete occupar o seu lugar sem excesso nem deminuição; mas ainda he alguma coiza quebrada entre os olhos. A boca: não ha nada mais lindo sempre cheia de rizo deixa ver os dentes, que mostraõ não querer tardar em a guarnecer engraçadam.^{te} e na barba ha uma coiza taõ profunda; q não deixaraõ os Poetas daqui a pocos annos de chamarlhe o berço dos amores. Bella garganta, braços roliços, tudo proporcionado, e um ar interessante que sem se assemelhar a ti nas feiçoens te traz a memoria sem difficuld.^e

Nesta pintura nem ha poezia nem encarecim.^{to} começa a querer fallar e fazlhe um discomodo engraçadissimo não saber ainda formar as palavras, porq saõ tais os sons q amontoa, e mistura que nos faz appetite de adivinhar os seus misterios; parese um

¹ Sintacticamente incoerente.

² 29-30 de Outubro ou de Novembro?

genio, q vem do ceo anunciarnos coizas [grandes]¹ q nós não somos ainda capa[p. 1]² tu serias certem.^{te} assim da sua suavidade. Com tudo as pocas palavras, que pronuncia são claras, com uma voz tão firme, q parecesse errou a Natureza em a fazer m.^{er}. Tua may não a perde de vista p.^a educala d'um modo viril e pollido ao mesmo tempo. Teu Pay revesse nella, e ella tratao com uma tal predilecção, que enternesce. He pena que a Natureza me não tenha querido fazer May de um filho que a podesse merecer; mas pelo que observo verificarseha a m.^a profecia, e tua f.^a virá a ser algum dia a tua cunhada.

A cazualid.^e trouxe tua Irmaã ao mesmo tempo a scena representativa le plus doux menage du monde. O grasso conde³, como eu era de partida teve a pollidez de não querer entrar, e a sua auzencia nos fez um prazer delicado, e um comodo infinito. Fallámos de ti: eu repeti, quanto vejo nas cartas do Duque a teu respeito; e certam.^{te} a distancia não impediu, que tu fosses da comp.^a Tu me conduziste àquella caza: o gozto de fallar da tua familia, me fazia observar tudo, e me chamava ao coração todos os sentim.^{tos} d'amizade que as pezadas grossarias de q.^m tu sabes, não tem pod.^o, arrasar nelle. Deste modo vez bem, que não te fico a dever no carinho, q me protestas; eu fui feita p.^a sentir [sic] por isso dou preço a quanto dizes, achando na tua carta mais sentim.^{tos} que frases. *Que la Patrie est douce pour une ame bien née!* Tu o dizes, e eu aprovo, pois que o bem desta querida Patria, a gloria da bella soberanna q a domina, seria capaz de me fazer esquecer de mim, p.^a contribuir p.^a uma, e otra coiza, se de tanto fora capaz o meu talento. com tudo, se os meus negocios tomaram a boa face que a justissa lhes promete, serei eu, comeu conde q.^m [p. 2] com todas as nossas forças, procuremos a proveitar as Luzes, que a Nova Academia vai derramando, às maõs cheias sobre uma nação apta p.^a todo bem. O zelo incançavel do Nosso *Duque*, faz, comq de nada valhaõ os insulsos epigramas de certos ignorantes, que não tem força p.^a se levantarem do seu lodo, nem constancia p.^a ver caminhar por seguras veredas os seus compatriotas. E o benigno acolhimento, que todas as suas acçoens encontraõ em sua Mag.^{de} deformaõ as cabalas *Do Conde Bento Antonio com bigodes*⁴. Quarta feira se fez uma linda ceção. A classe economica será certam.^{te} a que sobresaia, porq as indagações impor.^{tes} sobre o Reyno da Natureza nos vaõ descobrindo mil tesoiros, ou desconhecidos, ou desprezados ate agora; e que prosperaõ pelo meio da industria e a Epoca de Maria primr.^a, será certam.^{te} uma das brilhantes da nossa historia, se prosperar a Academia. Não he possivel que eu te fassa os extractos das memorias, tem paciencia até o fim do anno, e chegar-te ha tudo com as graças da novid.^{de} Na classe de Leteratura; não se dorme: ha huma deputação que trab.^a em um Dictionario [sic] de Lingoa, procurandosse nelle a precizaõ, a clareza, e verd.^e Figos, e Azevedos, tem dado duas lindas memorias sobre a Poezia. O Primeiro tratou da Bocolica; o segundo da Dythyrambica. Tu podes julgar se estas coizas me entereção, sendo aquelas a que o meu genio /como eu dizia o otro dia a Duque [sic]/se tem volcado dez de os meus primr.^{os} annos. Vamos a fazer uma subsrição de q elle he o motor p.^a se fundar uma escolla de dezenho, de pintura e de esculptura. Todas as Damas q manejamos o Lapis assignaremos; ao menos eu porei o meu nome ainda, que a mais fraca curioza desta arte Divina. O genio, e o zelo me valem por todo o otro merecim.^{to} o plano talvez se trasse

¹ Entre linhas.

² Nom acaba a palavra na página seguinte, a a frase parece ter pouco sentido.

³ O Conde da Ribeira.

⁴ Lima, Alexandre António de (1752): *Bentêida, ou novo [sic] metamorfose: poema joco-heroico/ Andronio Meliante Laxaed*; Constantinopla: Off. Bigodina. 1 v.: Recordam-se nelle as acçoens do grande Bento Antonio em quanto homem offerecido a elle em quanto mulher, na pessoa da senhora Dona Benta assafata ad honorem nove fôra [sic] os bigodes.

Existe um Bento António de Sampaio (1730-1793), pai de José Joaquim Gerardo de Sampaio, que foi 1º Conde de Laborim, e um Bento António de Menezes de Saldanha e Sousa (n. 1738), casado com Leonor Josefa Francisca Antónia de Saldanha, 5ª Condessa da Ponte.

sobre a minha menza; e os [p. 3] premios p.^a as obras que se coroarem he provavel que saiaõ da bolça de uma tua amiga emquanto a velhesse ou a morte lhe não tirar a faculd.^e de discurrir. Qu'il est agreable de se preter au bien! Dos nossos socios ha algum que está já na letra E otros vão mais de vagar: he preciso sofrêlos; porq um particular não pode animar as coizas como um soberano. Fallamos, instamos; mas devemos esperar que o seu brio possa mais que a nossa persuasão. O Manique Intendente da Policia tem feito um estabelescim.^{to} aos mendicantes a q.^m prohibiu pedir pela cid.^e. No Castello¹ havia uns quarteis arruinados, que se não occupavaõ. Reedificouos, e nelle fez acomodaçoens separadas p.^a omens m.^{es} e creanças, onde estas se insinaõ a ler e escrever e desenho, e a fiar, e tecer drogas [sic] de linho, e algodaõ. Quando foraõ p.^a o seu novo alojam.^{to}, foi grande parte da nobreza vizitalos e nessa noite lhe serviraõ a ceia. Eu já vi o fiado. O de linho promete m.^{to} boa cambraia: lá vou um destes dias e p.^a lá faço conduzir da m.^a Provincia alguns engeitados porque o projecto vai mais adiante. Os dotes que a Intend.^{cia} reparte, seraõ dados a estas f.^{as} da caza, p.^a cazarem com algum dos artifices creados taõ bem nella, e estes cazaes hiraõ estabelescerse nas Provincias, deq forem naturaes. Mil annos viva a Imperatriz da Russia, que nos seus bellos Estatutos², e planos nos apontou estas ideas. Illuminesse a Cid.^e por deligencia do tal Maniq. este omem merece q a Naçaõ o destingue e dá uma prova de que a activid.^e he sempre o manivel importante de todas as machinas, pois sendo esta a sua principal qualid.^e, parece q supre com ella a menor dosis de talento, que se lhe suppunha. Quanto estimo que o bello espirito de Methasthazio te reconduza ao trilhado Camininho [p. 4] do Pindo: será esse mais um Titulo p.^a o respectar mas Fazeme participante do que elle t'inspirar, de tudo o q a tua imaginação he capaz de produzir sem soccorro alheio. Lá não seraõ taõ malquistas estas coizas como entre nós com tudo receio que te não falem invejozas. Porem nestes cazos heque cada hum pode dizer afoito que mais vale cauzar inveja, q piedade. Estimo as novas que me dáz da minha Prima Breyner; fallame sempre desta boa gente e fallalhe taõ bem de nós e de mim; que fora de boa vontade conhecelos, se podera ser companheira de viagem dos meus P.^{mos} M.^{es} D.^s q.^{ra} que elles façaõ uma figura digna de todos os seus, e que a falta de experiencia e de mundo lhes não perjudique

Tu não me fallas da tua saude e ella me interessa m.^{to} p.^a te esqueceres deste capitulo: a m.^a he bem má, e o peor mal que m'afflige he o pezo de malencolia extremo, a q estou reduzida O Conde está bom, e do mesmo modo dezejo q se conserve o teu. Minha May está em Serpa, onde lhe mandarei o o teu recado: ella ja te escreveu, e sempre, que lhe fizeres esta m.^{ce} fará della o apreço que meresse. Restame dizerte que eu estou como tu inibida p.^a fallar à Peçoa a q.^m queres que comende o Lobo. Huma estranha groçaria, ou friald.^e, me fez assentar comigo de já mais a importunar. Assim o tenho cumprido, e ha mais, m.^{to} mais d'um mez que não vem a m.^a caza, onde eu vivo quazi sempre só com os meus livros algum de meus Irmaõs, e o Duque q aguns mom.^{tos}

¹ De São Jorge.

² Em 1766, Catarina da Rússia escreveu a sua *Instrução*, «compuesta de 20 capítulos y 526 párrafos, verdadera obra legislativa donde se recogen determinados postulados ilustrados de Montesquieu, Diderot, Voltaire y Beccaria. A p pesar de afirmarse como principios básicos del derecho la tolerancia, la suavización de las penas (acolición de la pena capital), la necesidad de educar a la sociedad y la búsqueda del progreso, se reafirma también el absolutismo de la Corona y su papel rector en la tarea educadora. Un año más tarde, Calatina invita a todos los grupos sociales, a excepción de campesinos y siervos, a participar en una Comisión legislativa donde se conocería la realidad de la nación a nivel económico, jurídico y social. Las tensiones existentes entre los diversos grupos de la nobleza, sus enfrentamientos con la burocracia o la burguesía, las pretensiones nacionalistas de los cosacos y el rechazo de la nobleza báltica a la rusificación la hicieron inoperante, y a finales de 1768 fue disuelta, sin volver a reunirse nunca más» in www.artehistoria.com/frames.htm?http://www.artehistoria.com/historia/contextos/2104.htm (14.01.04).

³ Meneses.

aqui passa he verd.^e que elles valem por todos os que podiaõ vir atormentar [p. 5] nos e opprimirnos com turbilhoens de nadas. Naõ te escadalize a fraze mas se ainda naõ perdestes o orizonte has de ver q explica A D.^s m.^a querida amiga de q.^m

serei sempre a fiel

T

[239] Lisboa 3 de Dezembro de 1780

Acabo de receber a tua carta com data de de [sic] setembro e apenas lida, lá vai p.^a o Nosso Duque, porq.^m estou esperando p.^a hir passar a uma das quintas da nossa vizinhança. Sua Irmaã¹ e a tua Tia Atouguia² saõ de partida: elles me vem buscar; porq á falta de qualid.^{es} agradaveis, achaõ em mim aquelle sentim.^{to} precioso, q he mais forte que o amor, porq dura mais, e rezide m.^{or} seg.^{do} as tuas doutrinas. Tua Tia acaba de ter uma ventagem nas suas dependencias: ainda naõ sei o que he mas creio, q será o embolço do seu dotte, e arras. Do mais que pertence à cauza comum te informaraõ m.^{or} os teus. Eu tenho algum raio de melhoria, e começo a ser menos opprimida da excessiva malencolia. Á proporçaõ, vou recobrando a cor perd.^a, e senaõ vier algum novo choque, poderei restabelecerme de todo. Estive p.^a ficar no estado de infelid.^e extrema: oje faz oito dias o meu Conde deu uma queda de um cavallo e rebollou por uma ladeira algum tempo; mas felizm.^{te} naõ se fez mal sendo o risco evidente. O pobre Duque o tinha convid.^o p.^a hir passar com elle dois dias em Alpriate; julga tua qual seria a sua mortificaçaõ, o que certam.^{te} fazia crescer a m.^a, nos momentos primr.^{os}, em que ainda eraõ duvidozas as consequencias; mas está bom, e convalescido das pocas sangrias, que levou.

4- de Dezembro pela manhaã.

Passei ontem uma tarde agradavel na comp.^a que te digo [p. 1] á noite viemos p.^a aqui. tua May, e Irmaã appareceraõ como duas exalaçoens; bellas, brilhantes, mas de poquissima duraçaõ. O Bisconde³ veio, e dilatouse; e elle nos certificou de que se amiudavaõ as conferencias dos M.^{os}, sobre o prosseço dos teus, e nossos sacrificados; e que todos os dias se conhecia mais que o animo d'El Rey defuncto nunca fora de cometer uma injustissa de tal natureza, e de taõ graves consequencias. A gravid.^e da materia, e a madureza, comque a nossa bella soberana quer que se proceda nella, faz que no exame do prosseço se vã com a devida atençaõ, e por isso hade tardar mais a concluaõ das juntas presentes, do que tardou o barbaro effeito delle. Toda a Naçaõ possuida da ideia da innocencia que padeceu, espera com alvorosso o termo destes exames; mas ninguem deixa de horrorizarse, vendo ate que ponto pode chegar a mald.^e do coração omano, quando se deixa dominar pelo furor de certas paixoens. A scena he triste, passemos a otra menos malencolica.

Ha dois corr.^{os} te mandei um verdr.^o retrato da tua Leonor naõ a tornei a ver; mas sei que se cria bem posto, q sugeita aquellas molestiaszinhas [sic] accidentais, a que está sujeita aquella idade mas q nenhuma otra: um defluxo, uma inchaçaã de gengive p.^a nascerem os dentes &r.^a mas he naturalm.^{te} robusta e promete m.^{ta} formuzura.

¹ Joana Francisca Antónia Perpétua de Bragança (11.11.1715), casada em 1738 com Luís José de Castro Noronha Ataíde e Sousa, 4º Marquês de Cascais.

² Mariana Bernarda de Távora (n. 24.09.1722), viúva de Jerónimo de Ataíde, 11º Conde de Atouguia (14.07.1721-13.01.1759). Ela é a irmã mais velha de Leonor de Lorena e Távora, e el foi executado no processo seguido contra os Távoras.

³ Refere-se provavelmente ao Visconde de Barbacena, sócio fundador e primeiro secretário da Academia das Ciências de Lisboa.

Contenta tanto se o que está p.^a vir ao mun[p. 2]do tiver tão bom talhe. Eu ignorava, que estivesse nesse estado, e enquanto te não livras, sempre me darás cuid.^o Espero com alvoroço o teu retrato, e oje mando suspender a copia do q ficou, dezejeando verte como és, e não como te imaginao o meu tão bem não está ainda feito, e talvez espera ver [sic] o que faz um Inglez, que chegou à pôco e dequem me affirmao ser excellente; porq sendo, e convindome procurarei, q me reprezente assim mesmo com os estragos q a idade, e a tristeza, e as molestias me tem feito. Os retratos, que o Nosso Duque manda fazer, não tem nada com os teus: elle teve razão que o obrigou a isso, e de lá veio dos teus, cuida teu Pay; e não sei a altura emque estaõ. Hum destes dias hirei ao Passo, e farei os teus cumprimentos que sempre seraõ bem recebidos.

Na carta, que te acuzo assim, te dava novas do progresso da Academia; foi a provid.^{cia} que esquecesse dizerte que na ultima [conferencia]¹ se tinha lido o plano p.^a uma historia politica da nossa Monarchia, o qual agradou m.^{to} aos intelligentes o que o propoem chamase Antonio Caetano²/ não me lembra o seu apellido/ he mosso de pocos annos; mas de bos estudos. Tem bom estillo excellente lingoagem, e parece q as suas ideias se arranjaõ com destribuiçaõ, e clareza. A classe Economica trabalha, como a de literatura, e o mano D.^{os3}/ que tem feito nisto um grande estudo/ dará brevemente um [p. 3] uma memoria sobre a coltura dos pastos, e especialm.^{te} de uma planta de que offerece a semente, a qual poderá utilizar m.^{to} os creadores dos gados. No Dictionario trabalhase com grande activid.^e; assim como em dezenterrar manuscriptos preciozos p.^a se publicarem: teu Pay tem generozam.^{te} aberto o thezoiro dos seus, e na verd.^e dá gosto a consideração do m.^{to}, que se tem avançado em tão pocos mezes. tanto he verd.^e que a Nossa Naçaõ não he imbecil; um leve impulço sem mais estimulo, que a gloria faz trabalhar gentes q aliaz teriaõ nececid.^e de gastar o tempo em ganhar os meios p.^a viver. Tudo isto clama por um modo mais expressivo, q os rogos, pela imediata Protecção de sua Mag.^{de}, a qual não tardará em prestarse, pois q he tão manifesta a utilid.^e deste estabelescim.^{to}

Se aos particulares tanto nos lizongea o ver crescer as luzes entre os nossos compatriotas, qual será o gosto, que receba o motor de tanto bem? Este exellente Portuguez, a q.^m a nossa fortuna fez instrohir pelo modo mais proveitozo⁴; posto que o menos proporcionado ao seu merecim.^{to} está no meio de tudo isto como esquecido deq he elle quem vivifica o corpo, de q se fez espirito. Os seus amigos a nenhuma sorte pagaõ a sua applicação ao bem do estado. Allegre, condescendente, sem fasto, sem misterios, se apresenta nas comp.^{as} este omem verdadeiro amigo dos omens, e quernos Deos consolar dos pas[p. 4]sados males conservandolhe a rebustez, e a saude, fructo da sua activid.^e; assim a sua filozophia do gosto, não o o fizesse selibatorio⁵! Este cap.^o enteressame, e contoõ p.^a me não acumentar o disgosto de ver uma caza tal no seu ultimo possouidor. Os enfados de seu amigo Kaunitz⁶ saõ mais uma prova do seu

¹ Entre linhas.

² António Caetano do Amaral (1747-1819) é autor das seguintes obras (indicamos o ano da edição ou edições que figuram no catálogo da Portbase) : *Para a história da legislação e costumes de Portugal* (1945), *Memórias para a história do veneravel Arcebispo de Braga D. Fr. Caetano Beirão* (1818, 1847-1867, 1867-68), *Observações sobre as principaes causas da decadência dos portuguezes na Ásia escritas por Diogo do Couto em forma de diálogo com o título de Soldado pratico* (1790), *A monarquia traduzida no original castelhano* (1798). Em 1817 formou parte da comissom nomeada pola Academia das Ciências de Lisboa para avaliar a edição de *Os lusitadas* de José Maria de Vasconcelos, também conhecido como o morgado Mateus.

³ Domingos.

⁴ O Duque de Lafões.

⁵ Lafões acabou por casar a 29 de Janeiro de 1788 com Henriqueta Júlia de Lorena e Menezes (n. 10.04. 1772).

⁶ Wenzel Anton Kaunitz (1711-1794): foi um dos negociadores do tratado de Aix-la-Chapelle (1748) e desempenhou o cargo de embaixador em Paris (1750-53). Desde 1753 até a sua reforma em 1792

merecim.¹⁰ O que me refere o Duque deste grande Ministro, me faz amalo daquelle modo que he possivel [ate]¹ pregarse este sentim.¹⁰ com objectos desconhecidos. A ti não te pode fazer novid.^e esta especie; se letembrares² do que nos divertia a m.^a amizade com os entes possiveis. O gosto das abstracçoens ainda me não passou; e por Providencia he morto Boileau, e não me conheceu Gresset³: se não coitadas das m.^{as} abstracçoens que teriaõ de fazer figura nos seus versos. Dize tu com tudo a esse illustrado Principe, que o seu amigo sabe o que faz; que ama a sua Patria, mais do que a si, e que a vontade decidida da sua soberana obra sobre o seu coração generoso, por um modo suave, tudo aquillo de que he capaz a pollidez, independente da submissaõ, e o interesse. A gloria he o seu Numen o bem obrar toda a sua ambição. A minha carta Lida por ti ganharaá mil graças: eu fiquei contente de cahir em taõ boas mãos. Tu terias gosto de mostrar a Sterhazi a tua amiga digna da tua escolha, e eu seria apresentada [p. 5] a essa respeitavel Dama por um modo digno da sua estimação. Este Duque tem a abilidad.^e de governar os coraçõens alheios; e com este dom tem levado o meu a entereçarse por mil Damas, de q.^m me mostrou os retratos, e me deu a conhecer o merecim.¹⁰ Facilitoume o viajar de imaginação, e assim do meu gabinete de sette rios estamos presentes ás grandes, e boas companhias de Vienna Vejo de quando, em quando a Condeça de Thun convertida n'uma amavel Portugueza, *cujos olhos não poderaõ já mais esquecer a um viag.^{te}* [sic], e na verd.^e tem razãõ p.^a isso, porque saõ bellos, como o fogo mais brilhante. Tu não percebes estas alluzoens, mas ella as entenderá e não deixará de encontrar nellas alguma coiza que a lizongei O Duque me disse, q se tinha remetido á carta, q te acuzo assim, querendo instruir esta Dama dos progressos da Academia. até avem com isso: fazeme fallar bem

O meu Primo Menezes, e a sua espoza⁴ partiu ha oito dias. Tu pedes novas de bacatellas, eu não sei mais que desta, e he q esta jornada q só enteressa aquelle cazal se tem feito o assumpto das conversaçõens ordinarias. Todos criticaõ; mas sem saber, por quê, e assim continuará o calvario, emq.¹⁰ não apparecer na Praça algum *burro verde* O cazamento de teu Irmaõ⁵, nunca será reputado como [p. 6] bacatella; mas por isso mesmo q he taõ grave a materia não oiço fallar nella: Villa Nova⁶ já tu sabes que cazou. A noiva está m.¹⁰ contente: não fallo nos seus porq desse não podia duvidarse . O seu coração adopta certamente as doutrinas da tua carta; que na verd.^e não deixaraõ deme consolar, e tanto mais quanto tu queres que eu te conheça e perceba. Creio que tenho respond^o a tudo; mandame tu reciprocam.¹⁰ as novas que me prometes dessa corte, e consolate das saud.^{es} da Patria com a certeza de que ella sem terramoto, não muda de

serviu os reis da casa de Hapsburgo -Maria Teresa, José II e Leopoldo II- como chanceler e ministro dos negócios estrangeiros. Contrariando 300 anos de diplomacia, Kaunitz reconheceu que era Prússia, por cima de França, o principal inimigo da Áustria e foi responsável pela coaligação que liderou a guerra dos Sete Anos. Foi também com Kaunitz que Áustria entrou na primeira partição de Polónia (1772), e ajudou José II a centralizar a administração (in <http://www.bartleby.com/65/ka/Kaunitz.html>).

¹ A leitura nom é segura.

² Por te lembrares?

³ Jean Baptiste Gresset (1709-1777): membro da Academia de Berlim e da Academie Française, autor de *Varivert* (1734), *La chartreuse* (1735), *Sidney* (1745), *Le méchant* (1747).

⁴ Francisco Xavier de Menezes da Silveira e Castro, 1º Marquês de Valada (10.03.1754-20.07.1834) e a sua esposa Ana Teresa de Almeida (n. 26.07.1761). É filho de José de Menezes da Silveira de Castro e Távora, Senhor da Patameira e irmão de Isabel Josefa de Breyner Menezes. Estes «primos Menezes» som frequentemente aludidos em cartas posteriores, particularmente em relação com o seu desempenho na sociedade europeia.

⁵ Pedro de Almeida casou a 19 de Fevereiro de 1782 com Henriqueta Júlia Gabriela da Cunha, filha do Conde de São Vicente. As circunstâncias do casamento e dos primeiros anos do matrimónio som referidas em cartas posteriores.

⁶ Pedro de Lencastre da Silveira Castelo Branco Sá e Menezes, 5º Marquês de Abrantes, 7º Conde de Vila Nova de Portimão, casado a 6 de Novembro de 1780 com Maria Joana Xavier de Lima.

lugar, e de sistema, será sempre p.^a m.^o pois temos sobre o trono uma M.^{er}, q quer de todo o seu coração encher as funções de Rainha. Recomendame ao teu conde, e recebe do meu mil rend.^{os} agradecim.^{tos} se souberas como elle dorme á ora, em q escrevo esta? A D.^{os} querida Oyenhauzen: será sempre fiel á tua amizade

T

P:S:

O Duque foi um destes dias convid.^o p.^a assistir ás lições de Espada, e Picaria do Principe. Veio contente de o ver; mas contentissimo; e me disse anda a cavallo como hum de nós, q he mestre, e q tem desembaraço. Não teme e conhece as delicadezas da arte, e alem disso tem m.^{ta} [p. 7] pollidez, porq não só a teve comigo, mas ainda aten com os seus mestres, mostrandolhe uma certa attenção com a q.¹ sem deiminuir a authorid.^e de Principe, lhes cede a superiorid.^e sciencia.

Que tem feito o Padre Methastazio?/ que vale o mesmo q o Pay Apollo/ a tua Muza não lhe rezistiria uma vez que ellhe lhe estendia a mão, e de novo a convidava a soltar a voz Por ca vaise atento com isso. Ainda não as queremos pintar velhas; por isso não perdem a condição de timidas. Tua Irmaã diz que não faz um verso: será verd.^e? temo o porq *toucinho*¹ he capaz d'embotar as mais agudas pontas, e mais se he rançozo.

[240] Lisboa 11 de Dezembro de 1780

Querida amiga, como estás? o teu novo f.^o incomodate menos? eu padeço sempre sem que mo compense a consolação de ser May. Toda a gente se queixa de defluxo; e eu estou escrava de um ha mais de oito dias, não tenho sahido, e poca gente tenho visto. A tua f.^a criase bem; tua Irmaã sangrouse por incomodos da prenhez; tua May reziste ás suas enferm.^{es}, e teu Pay está cheio de rebustez. O Conde alma viva² ha seculos que não aparece; o conde alma de sebo³ continua a mostrarse digno do juizo, que ambas fazemos delle e toma o agradável partido de me não fallar, porq sou amiga de sua m.^{er}; eu riome, e não vou lá. Passo a minha vida entre a tristeza, que nasce da condição de dependente, e o gosto de ter uma alma libre abituada a meditar. Se a saude me dá forças, o meu lapis, e os meus livros, me servem de companhia; se não posso valerme deste soccorro, então o meu discurso fazse meu algoz⁴. Já não lembra a jornada de Fran.^{co} de Menezes: otra minha parenta entrou na scena, a fazer uma figura brilhante. Oje faz oito dias, que a R.^a fez a onra de conduzir ás grilas a m.^a Pr.^a Marg.^{da} de Souza [p. 1] Esta Sr.^a declarou dia de S. Carlos a Sua Mag.^{de} que pertendia recolherse à quelle convento, e que esta rezolução era tomada com maduro concelho, havendo mais de tres annos, que se examinava sobre o ponto. Huma Dama da Corte, estimada nella, regeitando cazam.^{tos}, e deixando tudo p.^a se sepultar viva, he um objecto de edificação publica. Com tudo os espiritos contemplativos não gostão de a ver hir p.^a aquelle convento, sendo grilo⁵ o seu confeçor, e conciliandose p.^a a comunid.^e conviniencias

¹ O Conde da Ribeira Grande.

² O Conde de Assumar, Pedro de Almeida.

³ O Conde da Ribeira Grande.

⁴ Carrasco, executor da pena de morte ou de outras penas corporais (como tormentos, açoites etc.); Derivação: sentido figurado: individuo cruel, de maus instintos; atormentador, assassino; Derivação: sentido figurado: aquilo que aflige ou atormenta

⁵ Freire agostinho: «Em 1662, a rainha D. Luisa de Gusmão retirou-se para uma quinta entre Xabregas e Marvila [...] num lugar chamado Grilo. Ali fundou um convento de religiosas Agostinhas Descalças (no local da actual Manutenção Militar) e quase em frente outro convento para os Agostinhos

[sic] extraordinarias, com detirm.^{to} da caza de seu Pay; e ficando segura nos duz.^{tos} mil reis de tença, que desmenbro p.^a o conv.^{to} dos 500 do seu despacho/ em quanto durarem as suas vidas/, uma tença p.^a sua R.^{ma}, de 40\$000 r.^s Acrescentase, q S. Mag.^{de} em contemplaçã de m.^a Pr.^a, insinuou, q o queria aqui conservado, e que esta he a tercr.^a, ou quarta confeçada, a q.^m tem descoberto a vocaçã de grila. Esperase mais otra do mesmo vir.^o, e dizse que he a nossa amiga Arriaga¹, q taõ bem bebe na mesma fonte as doutrinas p.^a a sua regularid.^e Poderosa he a mãõ de D.^s p.^a fazer mudanças mais maravilhozas; mas com essa espero rir um destes dias, e naõ terei duvida a dizer-lhe o q naõ [p. 2] disse a m.^a Pr.^a Bem vêz que o gazetr.^o tem que dizer pois que te entretenho uma pagina freiraticam.^{te} Espero m.^a May de volta de Serpa um destes dias, e em quazi todos vamos com o Duque a caza de Kaunitz, de Iterhazi; á tua &r.^a conversamos m.^{to} com M.^e de Thun, athe a faço a acompanharme ao cravo, e figuramonos uma vida nada peor do que la a levarãõ. Só ha uma pequena diferença nisto, he que nasce todo o nosso prazer da illuzaõ, e p.^a V. Ex.^a da realid.^e He uma pequena bacatella! Este bom Duque, o melhor amigo dos seus amigos, tem me dado cuid.^o, porq desprezando um grande defluxo, q lhe acometeu o peito, conserva uma dor entre as costellas, aguda q.^{do} tosse, e viva ainda sem isso. Naõ quer cuidar de si, mas como naõ tem febre, procuro lizongearme deq naõ terá conseq.^{cias} Oje deveriamos hir jantar com elle e com o Irmaõ² a sua caza do Grilo; mas um pequeno incidente nos dezarranjou a partida. Para a semana teremos ceçaõ Academica; isso enteressame m.^{to}, e me dara materia p.^a te divertir notra carta. Cuidase de se dezentopir [sic] a barra d'Aveiro³ e dezalagar algumas das terras vizinhas ao rio, e acrescentar a navegaçaõ deste por meio de varias comunicaçoens. Eu me informarei m.^{or} [p. 3] p.^a to comunicar [o projecto]⁴ Eu tinha visto ha seis mezes o plano das difficuld.^{es}, que se achavaõ p.^a esta operaçoens, e cuidava q se tinha desvanecido o projecto; mas ontem me disse o Bisconde, q os omens tinhaõ partido a trabalhar, ou a dispôr o trab.^o os tais omens saõ venezianos, e chegaraõ mand.^{os} buscar pela corte, ainda tu estavas cá. Temos tanta nececid.^e desta qualid.^e d'operaçoens, que naõ podemos ver com idiferença começalas; é uma das razoens, porq me aborrece [tardar]⁵ a concluzaõ do meu negocio, he porque tarda assim a execuçaõ de um projecto do conde p.^a facilitar alguns dos tranzitos da nossa Providencia: fariamos boas coizas, dandose as mãõs elle, e o Duque, ambos com as mesmas ideas, e com igual desenteresse, e amor ao Estado. O Conde ainda conserva algum resentim.^{to} da queda, mas naõ me parece terá consequencias de cuid.^o elle se poem aos teus pés e eu na memoria de M.ⁱ d'Oeyenhausen, Dezejando q a amizade de Kaunitz, produza tudo o que pode produzir de bem. A D.^s m.^a Condessa se terei eu algum dia o gozto de te abraçar! Continua a dar-me novas das m.^{as} parentas, e prepara um bom acolhimento para os dois q lá vaõ. Dizeme taõ bem alguma coiza da familia Imperial; Esse soberano Filosofo naõ pode deixar de atrahir [p. 4] a atençaõ de todo o Mundo que pensa. Porque naõ passou elle de S. Sebastiaõ? Este clima he taõ doce, que os Russos o reputaõ encantado [sic] He verd.^e que saõ f.^{ts} daquelles que naõ faziaõ diferença entre o omem, e o seu cavalo; mas a sua soberana Illustrada gosta bem dos Portuguezes. He crível q a Nossa igualm.^{te} Amavel naõ deixe de tirar partido desta inclinaçaõ, que nos fará florescer o comercio. Torno a

Descalços» in http://home.fa.utl.pt/~camarinhas/vd/h2g3/div/h2_g3_07.html (última consulta 16.01.2004).

¹ Trata-se de Mariana de Arriaga, favorita da Rainha.

² Deve de referir-se à irmã de Lafões Joana Francisca Antónia Perpétua de Bragança, porque o seu único irmão era o 1º Duque de Lafões, morto em 1761.

³ Este projecto, que é mencionado novamente em cartas posteriores, só foi adoptado pelo governo de D. Maria em 1788, ano em que encomenda a Louis Antoine de Valleré a elaboração dum projecto de seguimento das obras da barra de Aveiro com a intençom de acabar com as enchentes que inutilizavam os campos de cultivo (in Amaral, 1968).

⁴ Entre linhas.

⁵ Entre linhas.

despedirme de ti, e segurarte, q tem vivas saud.^{es} tuas
a fiel
T

[241] Lisboa 2[7]¹ de Dezembro de 1780

Espero que o anno futuro, passado com um clima benigno te restabelesca, querida amida, e dezejo como o meu proprio socego mas tu estas p.^a ser May ainda otra vez, e isso me inquieta. D.^s queira q te tires de empenho taõ felicm.^{te}, como tua Irmaõ assim tu podess[es] como ella dar á tua creança o proprio leite! Ella assaz não sem [in] comodo, mas com gr.^{de} satisfação de todo o mundo que pensa, sem preocupação e o menino he uma joya. A pequena taõ bem se melhora m.^{to} e vai tendo huma formosura, e como a May não perde um mom.^{to} a seu respeito paresseme q tera mais alguma coiza, que uma m.^{er} de [co]razaõ. A tua f.^a esta em Almada, por isso não posso darte novas individuais della; mas sei que está boa porq ontem perguntei por ella a Tamgnini [sic] Minha May temme dado m.^{to} cuidado e ainda me não livro delle: a triste recompensa que meu Irmaõ achou em Lisb[oa] depois de se portar bem em Affri[c]a lhe f[ez] tal revolução que teve uma terrivel erisipella de que ainda não convalesceu. Este successo merece referido [sic] p.^a que tu não prodigalizes taõ facil.^{te} titulo de [---]rou. A esquadra sahio de Cartagena p.^a [---]zar sobre a [costa de] Espanha sempre a longa distancia [-----]se não volta de Portugal. Estando numa determinada altura tornou o cheff a fazerse ao mar, meu Irmaõ vinha gravm.^{te} doente tendoselhe exaltado [-----] por um estado excessivo, a guarnição vinha tocada do mesmo mal, a dicta acabada e extintas taõ bem otras provizoens vendo q o comand.^{te} se fazia ao largo, deu p.^{te} de tudo isto, e pediu licen[ça] p.^a entrar visto que a expedição estava acabada. O Comand.^{te} [respon]deu q elle julgava não lhe poder conceder a licença, mas que [---] podia fazer o que intendesse ficando responsavel a sua Mag[-----] das consequencias. Meu Irmaõ julgou que devia vir p.^a Por[---] e chegando á Bahia de Cascais, deu fundo e mandou p.^{te} ao [---] do mar, e pedir [sic] licença p.^a entrar. Este mandou o p.^{te} a R.^a dizendo que a licença se lhe devia dar p.^a entrar, e [desarmar] Sua Mag.^{de} [p. 1] [a] consedeu logo, tendo pocos dias antes dado publicam.^{te} parabens a m.^a May do bem q Mello se tinha portado. ElRey compadeceuse [-----] passaraõse em oito dias estava Mello com a sua não [d]esarmada, e curandose do seu mal, devendo esperar um pena[ch]o porq a R.^a se dava por contente do seu servisso e era a tercer.^a vez que tinha a onra de a contentar porem o q teve foi uma prizaõ de 24 oras em Representação do General em nome da R.^a estranhando-lhe o q d'antes não reprovava [is]to he ter entend.^o que devia entrar/ *segurandoo ao mesmo tempo de que em tudo o mais se dava por m.^{to} satisf.^{to} de seu servisso* [---] a promoçaõ, e nella subia um grão do mesmo modo q os q [fo]raõ menos felices: e assim [----] Minha May doeusse tanto [---] prizaõ [---] que sem poder consolar-se com os clamores do publico q dizia *Mello he nesta occaziaõ como em otras victima da dezuniaõ de M[ar]tinho de Mello e do Marq.^z de Angeja*, cedeu ao desgosto e ainda não convalesceo.

Tu escreves maravilhas a respeito de [Olanda]; mas não faras fructo por mais que pregues. Os Omens são os mesmos na maior p.^{te} mas o espirito do Governo he diverso do que era quando os Inf.^{tes} de Portugal se armavaõ cavalleiros em Affrica a vista das armas dos bons cavallr.^{os} a q.^m o ardor da gloria [---]rara a vida. A Rainha he servida como quer, e quem se atreveria a julgar o contrario. Taõ prompta em castigar [----]

¹ Lacunas polo mau estado do suporte.

desobediencia sonhada, soffreria as q fossem formais? [--]to mais q o castigado he hum Omem, cuja falta S. Mag.^{de} [---] insuprivel quando esteve com perigo o sarampo [--] tempo que o tinha destinado p.^a a Ilha da Trind.^e Esta inteireza de Justiça, não nos permite duvidar deque o que se faz e deixa de fazer he todo por ordem sua, e os motivos são p.^a nós [p. 2]/ como devem ser/ profund.^{mos} misterios. Tais são os enteresses desta nova alliança com Espanha/ D.^s queira deferir aos [-]ogos da Nação e desse filhos ao Principe/ Não quero fazerte pagar mais cara huma carta fallando dos preparos p.^a esta função basta dizerte que ella custará um corte ao Exercito segundo diz o Povo, porq he o que nos sobeja [-----] que assim o propoz o Marq.^z de Angeja velho [--] [verd.^e]¹ porq o omem silenciozo/ como tu lhe chamas/ não falta bem que soffre o que talvez não devera. [----] coitado que o seu mal lhe basta, quanto dera elle por se ter conservado no primr.^o pe! as suas [----] vegetariaõ com mais força a sua saud.^e seria menos atagada, e a sua allegria não necessitara de forçar-se Eu m.^a amiga fallo tao bem poco, porque me retiro m.^{to} não sendo peça occupada no Passo, não tendo a prezunção de apresentarme lá, como uma pessoa bem vista, não tendo de que [estar]² contente da p.^{te} dos meus negocios apezar da sua grande justissa, tratados com a maior indiferença, tendo o partido de me consolar de tudo no ceio dos meus bosques ao lado de um omem em cujo coração se nutrem os sentim.^{tos} de um bom Portuguez. Se te contentas destas novas são as que te poderei dar em todo este anno talvez. Agora ha quem te peça que dando hum passeio até á fonte de Vaocluse³ vejas se [-----] la nella esta copla.

«Tu cantas-te de Laura a formozura,
«Eu, Petrarca, a belleza de Leonor: [p. 3]
«Quando sedo a teu canto na doçura,
«Tanto o venço na cauza, e a ti no amor.

Se ainda achares os traços veras quem he que te perg.^{ta} se existem.

Neker faz bem em não se confiar mais d'omens p.^a quem a fe não tem preço se não em quanto diz relação aos seus proprios caprixos. A D.^s m.^a Cond.^a abraçote, e comtigo as duas pequenitas de quem me não das novas recomendame ao Sr. Conde e da p.^{te} de minha May, e do meu Conde te mando mil expreçoens de carinhoza amisade

Sou
Tua amiga fiel
T

[242] Lisboa 31 de Dezembro de 1780

O novo anno, querida amiga, deve ser feliz p.^a ti se os desejos do meo coração forem completam.^{te} satisf.^{tos} Falar-te dos desgostos do anno passado, seria fazelos renascer: e obrigados, como somos, a sopportar [sic] uma alternativa continua, o melhor partido, q podemos tomar, he distrahirnos da memoria do mal que passou. O teu lindo soneto excitou a m.^a ternura; e as linhas, que me escreves da tua mão, pagaõ bem o trab.^o de as dezejar m.^{tos} corr.^{os} Querote fazer rir; e por isso serro o capitulo referindo as palavras da *Sestini* em cazo sem.^e *subito, subito ne fará un altro*. Talvez que tu já tomasses o mesmo partido; e eu taõ bem já vejo nos teus braços o otro emulo da galante

¹ A leitura nom é segura.

² Entre linhas.

³ Vaocluse ou Fontaine-de-Vaocluse, lugar onde morou Petrarca desde 1337 até 1353.

Leonorito, que cresce em beleza sem perder nas graças. Eu passo menos mal ha oito dias, e ja a m.^a fizonomia mostra, q a saude lhe não he contraria, porque começa a forcejar ainda contra a velhisse, q se clava por bem achada no meu semblante: a id.^e me faz não ser já indiferente a esta circunstancia, e por isso te dou parte della, como do vencim.^{to} de huma batalha Nós estamos em paz; mas não tanto a nosso salvo, que não tivessesmos q temer uma gr.^{de} perda na vida da R.^a May. Esta Excellente Princeza, que te onra em toda a occaziaõ, está ameaçada de um depozito de gota no peito: felizm.^{te} nos daõ oje os remedios, de q ontem lançaraõ maõ, a esperança de a ver restabelecida, e eu tenho a dobrada [p. 1] satisfação de ver restaurar uma soberana, a q.^m sempre fui obrig.^{da} e a quem m.^a May esta devendo mil carinhos e onradoras provas de amizade. A ultima vez que fallei a sua Mag.^{de} me linzongeu infinitam.^{te}, e isso me fazia mais sensivel a sua perda, assim como a toda a corte. Os teus obsequios a suas Altezas foraõ m.^{to} bem recebidos; eu to prometia com segurança na m.^a ultima carta, porq sei que lhes he m.^{to} agradável a tua memoria; mandame tu sempre algum capitulo destinado p.^a cada huma com o qual possa fallar-lhe. A morte da Emperatriz temnos magoados: seu digno f.^o, e successor, pode bem fazer emchugar as lagrimas dos seos Povos; mas se elles são tão sensiveis, como bem educados, a mesma maõ consoladora lhes fará excitar a saud.^e, de q.^m lhes preparou tão bom substituto no Trono. Quanto fora o meu gosto, se uma de duas Infantas, que temos ambas do mesmo nome, podesse proporsionar-se ás suas ideas! Nas oras vagas imagino o possivel, e ate me figuro de te hir abraçar, como condutora. He um delirio; mas quando a imaginação se muda tão agradávelm.^{te}, deixala vagar, he o memo que grangearme [sic] um prazer. Os pobres Lebzelterns¹ estão justam.^{te} penetrados da perda, e igualm.^{te} possuidos da confiança de continuarem nos seus² soberano os mesmos Paternais effeitos de generosid.^e, que acabaõ de perder na Emperatriz: não percas occaziaõ de fallar do merecim.^{to} deste onrado Ministro a todos os que poderem ser-lhe favoraveis; os seus lindos, e bem creados f.^{os} merecem uma benção do Emperador, a q.^m quizera agradecer o prazer, q me deu com o q escreve de ti ao nosso Duque: exaqui as suas palavras que eu tiro de toda a carta, de que eu mesma fiz a copia [p. 2] tendo a lido trez vezes a fio, sem saber a qual dos dois faz mais onra; se ao Particular, que merece a Amizade d'um tal Soberano, se o [sic] Soberano que he capaz de esimar a correspondencia d'um tal omem. repara bem no que te pertence, e julga da m.^a satisfação, recordando todos os motivos que tem p.^a ella a ternura, com q te amo. Diz q espera que o Cavalhero Horta³ lhe mandasse recados seus e depois acrescenta - De meme M.^{me} d'Oienhausen m'aurá voula, je espere, rapeller par fois dans votre souvenir, au moins linaije souvent prier. En verité vous n'etes pas aplaindre pour la société, mon cher Duc si selon l'echantillon, que vous avez bien voulu nous envoyer en elle des Dames Portugaises si vous en avez beaucoup de si jolies, et d'ausi aimables, qu'elle. Elle

¹ O cavaleiro Lebzeltern era Ministro Plenipotenciário da Imperatriz de Áustria em Lisboa, e mantinha umha estreita amizade com Lafões e o seu círculo. Neste sentido, parece-nos interessante citar a existência da «Copia da Carta, que o Principe Kaunitz Reisberg, Chanceler mór do Imperio escreveu ao Cavaleiro de Lebzeltern, Ministro Plenipotenciario de Suas Magest.^{es} Imperiaes, Rezidente na Corte de Lix.^a, junto de Suas Mag.^{es} Fideliss.^{mas} sobre o merecim.^{to} do Ex.^{mo} Duque de Lafoões D. João Carlos de Bragansa, quando da Corte de Vienna, se recolheu a da sua Patria em Portugal &r.^a», texto assinado a 22 de Setembro de 1777 e com o qual Kaunitz pretende facilitar a integraçom de Lafões em Portugal no seu regresso despois do seu voluntário exílio europeu. Em palavras de Kaunitz: «Tudo o que acabo de ponderar a V. Ex.^a, não tem outro fim, mais do que fazer conhecer ao Snõr Duque como elle he. E porque os soberanos, são mais interessados que ninguem, em conhecerem perfeitam.te os seus vassallos: encarrego a V. Ex.^a, que informe o Senhor Visconde de Villa nova da Cerveira, do conteúdo nesta, rogandolhe em meu nome, queira eficazmente pôr tudo na Prezensa de S. Mag.^{es} F.^{mas}» (Biblioteca Nacional de Ajuda 51_II_40).

² Riscado o s.

³ Colocamos como hipótese de Simão Aranha da Cotta Falcão de Sousa e Menezes Rebelo da Orta (1732-1811), Cavaleiro da Ordem de Cristo.

reusit parfaitement yci, et je souhaite seulement que la difference de votre climat, et de nos usages lui convienente egale- Eu devo ao Duque não me retardar o gosto de ler isto, que me dá um gosto indizível; apesar de conhecer, q *o pano, q nos ficou, não tem m.^{tos} palmos como o da amostra*: com tudo o anno d'80 julgo que fará Epoca nos fastos da nossa historia. A academia continua as suas acçoens, e os seus trabalhos. Na ultima conferencia se leu uma memoria de Barros¹ excellente sobre a utilid.^e q podemos tirar do sal de setubal, analizado o de Cadiz, a que excede infinitam.^{te} em bond.^e: [deunos]² conta das experiencias, dos rezultados, e mostrou calculadam.^{te} as vantagens, que receberia o comercio fazendo com melhor methodo as salgaçoens das nossas pescarias. Dizem que foi excellentem.^{te} trabalhada. Tarouca³ tão bem fez uma memoria Tua Irmaã te fallará della; leuse otra observação a respeito da dozis, e methodo, comq pode darse o sublimado. As mais não foraõ atendiveis, excepto a receita de fazer a tinta sem.^e à da china, com summa facilid.^e, e igual uzo. O estabelescim.^{to} dos pobres de Manique vai prosperando, e segurote que parece um milagre da activid.^e sei que os M.^{os} estrangr.^{os} [p. 3] que foraõ vêlos, não esperavaõ achar em tão poco tempo tanta ordem, e tanto progresso. Saõ sustentados, e vestidos, e cada um recebe alem disto a 5^a parte do seu trab.^o, p.^a dispor della livremente. A R.^a deu varios Theares, já se fazem alguns cazam.^{tos} com os mestres, e officiaes. Tecem groçarias d'algodão p.^a costa d'Africa, e fazem outras m.^{tas} manufacturas. Tem dois pratos ao jantar 10 g.^{as} de pão, e otra tanta porção a noite, com otro prato de arroz, ou farinha de pau. Não obs.^{te} ainda não está isto bem quieto, entre certos espiritos, q vem tudo sempre ás avessas. Começou a illuminação da cid.^e a R.^a faz as despezas das duas Praças, por ora, foi em particular vêla, e dizem q ainda acha pocas luzes nas ditas praças. Eu esperava oje aqui noso Duque, e queria saber delle , quem era que tinha escrito a Academia pedindo as noticias da nossa historia &r.^a p.^a se emendar o Artigo de Portugal na Enciclopedia; mas não veio e faz-me falta pela mesma razão, porq todo o mundo virtuozo o ama e o dezeja ver difundindo as Luzes sobre os seus compatriotas. Elle ficou penetrado de agradecim.^{to}, e de compachão quando lhe li a tua carta. Gostou m.^{to} do teu soneto fez-te justiça, e o Abt.^{e4} disse Amen. A D.^{os} m.^a Oeinhausen; mandame novas tuas e desse Pays, que o sangue Alemaõ, que tenho não me deixa ver com indolencia as revoluçoens de gosto, ou de pezar, q nelle possa haver. O teu Kaunitz estará sentido de perder uma tal soberana; mas quando o merecim.^{to} rezide n'alma difficilm.^{te} sossobraõ as alteraçoens de um Estado. Recomendame a Snr. Conde, e recebe de m.^a May, e do meu Conde q.^{to} tu sabes, que a sua amizade quer mandarte

sou a tua fiel amiga T

[243] 5 a meia noite⁵

Vem, minha linda joya, vem quando quizeres, que eu quando tu quizeres te restituirei onde me ordenares. Comq gosto te abraçarei! eu que sou tão sencível aos teos carinhosos cuid^{os}. Eu estou m.^{or} mas com a semsaboria de ver partir m.^a May dentro de

¹ Joaquim de Barros, membro da Academia das Ciências de Lisboa.

² A leitura nom é totalmente clara.

³ O Conde de Tarouca.

⁴ Refere-se, provavelmente, ao Abade Correia da Serra.

⁵ Colocamos esta carta imediatamente antes da que comunica a morte de Mariana Vitória de Bourbon, embora seja provavelmente anterior, porque o único elemento de dataçom seguro com que contamos é a existência ainda com vida da Rainha Mai.

pocos dias p.^a Espanha, com a Raynha May, que ontem lhe perguntou se a queria acompanhar, e lhe fez m.^{tas} expreçoens do gosto que tinha deq ella se sugeitasse a fazerlhe companhia, esta novid.^e repentina p.^a o publico/ e tratada ha seis mezes entre as duas familias/ tem dado occaziaõ a m.^{tas} mentiras sendo uma dellas, q a R.^a tivera desconfiança com a f.^a nada ha disto; ha uma grande ancia de parte de ElRei de Espanha p.^a ver a Irmãa, e ha da nossa parte dezejo de temperar bem os orgãos da nossa segurança. O mais fica p.^a a vista. Teos lindos olhos não devem estar doentes: assim o dez.^a T.

[244] Lisboa 28 de Janr.^o de 1781

Depois de passar mais de hum mes sem receber carta tua, m.^a querida amiga, em dois dias sucessivos recebi duas: uma datada de nove de Dez.^{bro}, a segunda sem data, mas parese posterior. Não te esqueças de datar, porq esta falta ainda parece, que nos poem mais distantes. Eu tenho deixado de escreverte, porq tornei a passar mal e porq a enferm.^{id.} da R.^a May, que acabamos de perder me tirou algum tempo, obrigando[me]¹ a aparecer todos os dias no Paço, onde minha May esteve alguns 20 dias, quasi inseparavel do leito de sua Ama, que ultim.^{te} lhe espirou nos braços. Triste scena p.^a um coração sensível, e agradecido, como o de m.^a May, que perde nesta Princeza huma Protectora, e huma amiga carinhoza. Todos choraraõ por ella, e a sua morte deu a conhecer q.^{to} era bem quista aprezar de seu retiro. Eu vi chorar peçoas, que apenas a veriaõ; mas as suas liberalid.^{es} continuas, derramadas por diversos canais em todas as Provincias do Reyno tinaõ ganhado o coração dos Povos: dava, impondo o silencio; a dependencia o fazia guardar, mas agora q se extingue a corrente, ou se interrompe, todos clamaõ sua Augusta f.^a, que possa administrar a caza das R.^{as}², sem portanto a incorporar na crôa, mandou pedir a D. Izabel da Gama a folha das esmollas privadas, p.^a se continuarem, assim como das pençoens gratuitas [p. 1] o que faz crer, q sua Mag.^e as manda continuar. Esta amavel soberna, q pela sua suavid.^e, ganha todos os dias novas forças sobre o coração dos seus, deu provas de grande ternura p.^a com sua May; danos cuid.^o, por tanto, receando, que os effeitos do pezar, e o continuo cuid.^o em El Rey, q se não restabelesce, possa affligila demaziadam.^{te} A Raynha não fez testam.^{to}; fez algumas declaraçoens a sua f.^a em particular, começaõ a repartirse alguns legados em dinheir [sic]³ m.^a May recebeu 50\$ cruzados, e tinha uma penção de um conto de reis, q supponho se lhe continua, além do seu ordenado. A Lumiares tem otra de 400\$ reis do legado desta haverá quem te informe, assim como do serimonial, e lugar da sepultura &r.^a agora passo a coiza mais allegre, porque na verd.^e me magoa a morte de m.^a Ama, a q.^m de presente estava devendo carinhozas demonstraçoens/ talvez p.^a obrigar mais m.^a

¹ Entre linhas.

² A casa das rainhas, chamada assi desde o tempo de D. Filipa de Lencastre, estava situada na vila de Óbidos, que pertencia à coroa, e nom ao poder local. A vila «constituía património da Cora alienado a favor das rainhas, como parte substancial da doação que o rei fazia em nome da princesa ou da futura rainha. Era esta uma tença especial, uma forma de sustento próprio que servia à rainha de segurança em qualquer eventualidade. Assim, podiam as senhoras gozar dos rendimentos provenientes das terras, além de usufruir, conforme aconteceu durante séculos, de plenos poderes jurídico-administrativos sobre o seu senhorio». É fácil calcular que o facto de o governo recair em maos da Rainha colocava alguns problemas para a pervivência desta casa e, portanto, das damas que recebiam dela o seu sustento.

³ Fim de linha.

May/ Ontem fui vizitar tua f.^a, que se conserva [bella]¹ e todos os dias s'aperfeiçoa. Ahi te mando a medida da sua altura tomada na m.^a presença por tua May, a q.^m a pedi: he fortissima, começa a fallar, e faz mil engraçadas bogiarias. Uma dellas he m.^{to} celebre. Não sei se já deixastes uma chamine Ingleza na caza gr.^{de} que tem porta na varanda: q.^{do} esta se accende, a chama fazlhe uma impreção, q se não destingue se he admiração, se temor, porq se poem n'uma determinada distancia [sic], arralhar [sic] m.^{to} e tudo o q tem lhe quer dar. Não parece, que o teme [o fogo]² [sic], porque lhe não foge; mas respeitao, porq não se avizinha, e tem alguma ideia de dependencia, porq quer obrigar com presentes como faz a toda a peçoa de q.^m quer conseguir alguma coiza. Com a chama da vela tem mais familiarid.^e fazlhe mil insultos, botalhe a lingua fora, e mil [p. 2] carantonhitas acompanhaõ estas animozid.^{es}: o Avó adora em tua May não se falla: he m.^{to} allegre, não me estranhou e pedindolhe um abraço p.^a ti, deumo dizendo com um ar de satisfação *ahi está*. Bem te podes contentar, que não sahiste mal da empreza. Tornemos as novas publicas. D. Miguel de Portugal he falecido, depois de largos dias de doença: o seu lugar se destina pela paixão de cada hum aquelle, que se julga com mais aptidão p.^a o alcançar; porem ate o prez.^{te} ainda S. Mag.^{de} se não explicou. A minha chaminé he uma espece [sic] de templo, onde nós sacrificamos todas as ideas, que consomem os corações ambiciozos e he taõ bem um Theatro, onde vemos em todo o socego a agitação dos represent.^{es} O nosso negocio nos occupa, qua.^{to} a sua dilação nos desacomoda: tu aconselhasme paciencia, e eu tenho a boa feição de não disputar sobre os meios de adquirila, q sobre a utilid.^e de a gozar não tenho eu duvida. Diz bem o Emp. a felici.^e dos soberannos consiste unicam.^{te} na possibilid.^e de premeiar [sic] a virtude, e de primir [sic] o vicio: ditoz os que lhe são sug.^{tos}, se esta verd.^e tiver/ como he crivel/ tanto poder p.^a derigir as acções desse illustrado soberano, como tem p.^a lhe convencer o entendim.^{to} se elle ainda vier a este canto da Europa, q lhe falta por ver, não perderá os passos. Os seus conhecim.^{tos} são taõ vastos, que entre os nadas que nos occupaõ, pela maior parte, encontrará moles imensas que nos podem occupar, e que apenas nos voltêmos p.^a ellas, nos podem fazer mais felices no nosso curto recinto, q outras vastissimas monarchias em toda a sua extenção. Talvez não tarde esta epoca feliz: os animos estão n'uma tal situação, que apenas fora percizo uma leve, mas prompta impulção, p.^a tudo florecer. Não sofre uma carta que correrá tantas mãos que eu te dê [p. 3] as provas do que persuado; porem affirmote que o anthoseasmo [sic] proprio da Nação, está taõ vivo n'uma porção de omens que me parece se veriaõ oje, em a R.^a abrindo a boca d'um certo modo, milagres sem.^{es} àquelles deque a critica duvida nas nossas historias A R.^a he amada, por um modo extraordinario; e a sua gloria entereça a esta gente, de que fallo mais do que tudo: eu sei que ha propozições, que publicadas fariaõ assombro aquelles, que só achaõ bom no servisso do Estado, o util dos empregos: desgraça será que se frustrem taõ boas dispozições, o que assaz recieo! O nosso taõ geralm.^{te} amado como amavel Duque, está agora no seu novo Castello d'Alpriate oje tem lá uma partida d'omens a comer. Quando tu fallares ao Emp. se este Principe se lembrar de o onrar com a sua memoria, dizelhe que sabes pelas tuas conrespond.^{tes} que elle he digno della, porq nos faz todos os dias invejar as companhias de Viena, onde se encontra um soberano despido de fastos, repartindo as suas luzes amigavelm.^{te} entre os q lhe são taõ inferiores na ordem, e que elle estima como iguais na natureza. Eu lhe li o capitulo de tua carta p.^a m.^a May, e o Duque respondeu *eu não podia fazer menos, levado por uma torrente de Eroes, que servem debaixo dos auspicios de tais soberanos*. Como he formoz a virtude, seja qual for o campo, em q appareça! o particular e o soberano, ficaõ cobertos de gloria, uma vez q a cultivaõ. Quanto me dizes a resp.^{to} da Academia merece mais longa resposta; eu te agradeço por toda ella, o enteresse, que

¹ Entre linhas.

² Entre linhas.

mostras pelo seu progresso, e se os nossos costumes o permitissem tu certam.^{te} estavas na lista; mas as tuas Luzes são tais, que podem ajudala m.^{to} comunicallas, que eu fico porq toda a boa gente [p. 4] que a compoem se te mostre agradecida. A R.^a mandou buscar a Veneza dois omens capazes de dirigir a obra dos canais esta Primavera/ seg.^{do} me disse o Bisconde^{1/} se começa a comunicação do Vôga, e não te informo melhor deste plano, porq escrevo com preça. M.^r de Vallaré, que he correspond.^{te} [da Acad.^a]² manda o seu plano/ ou dizendo m.^{or} o d'um certo Conde, q tu conheces³, reduzido ao methodo, que este não podia darlhe/ pelo qual se faz navegavel a Provincia de Alentejo, dezde Benavente até as vizinhanças d'Elvas. Esta idea nasceu nas nossas erd.^{es} d'Aviz. Se ella se pozer emm pratica, creio, que haverá um particular, que p.^a ella contribua com grande força Em Coimbra vai estabescerse otro azilo de pobres, semelhante ao de Lisboa. O Reitor da Univiersid.^e, com o Bispo, e algumas Comunid.^{es} serão os fundadores, e sem acrescentar nada talvez as esmollas ordinarias, e avulças, se juntaraõ todas n'um coffre p.^a suprir as despezas, a q não chegar o produto do trab.^o dos individuos. Todos estes projectos, e estabescim.^{tos} encontraõ mil difficuld.^{es} da parte dos oppostos aos inovadores⁴. O mesmo azilo dos Pobres, que parece atrahiria as esmolos do bando caritativo, o armou contra si. Nunca vi tanto defençor da Liberd.^e Costumados a arrastar tantos annos servilm.^{te} os grilhoens da lizonja, não temos força p.^a ver o Estado exercer as funçoens de Pay, cohibindo as dezordens daquelles mesmos f.^{os}, de cuja fortuna, e estabelecim.^{to} está tratando. Este mesmo rebanho de Philosophos estonteados, acha má a illuminação da Cid.^e cabecea sobre o estabelecim.^{to} d'Academia, e quando não pode negarlhe os progreços, contentasse de prognosticarlhe [p. 5] a decadencia; porem os que trabalhaõ nestas coizas, tem a felici.d.^e de não crer que ha bruchas; e certos de que tudo acaba, contentaõse de estar na despozição [sic] de trabalhar até morrer: esta mesma certeza os assegura, de q hade acabar a oppozição. Tem sahido algumas satiras mesmo ridiculas; e tendo na verdade alguma coiza, que criticar em algumas memorias, não tem achado o meio de serem uteis a socied.^e, e dezafiarem a sua gratidaõ. Ella cumpre árrisca [sic] o q promete o seu plano; ouve com desprezo os ladros, e procura evitar tudo emq possa fazer preza q.^m ladra. A Academia nos seus exames, pretende conhecer pr.^o o terreno [sic] p.^a depois lhe applicar os meio de o melhorar, ou de o soccorrer. sem este previo conhecim.^{to} não pode aproveitarse do rezultado das applicaçoens, e descobertas estrangr.^{as}, sendo taõ diversos os climas, e tendo tanta influencia sobre toas estas coizas a indole Nacional; e taõ poco se pica de singularid.^e, que p.^a chegar a estes conhecim.^{tos} indica todeos os meios, deque se tem servido aquelles Povos, cuja situação nos he mais analoga. He percizo que tu te faças cargo de que a Academia fez a sua primr.^a abertura em Julho. Isto he quanto posso responderte antes de fallar ao Duque, com a tua carta. Discorres m.^{to} bem assentando que a sua comp.^a nos compença assaz de otras. Elle vem quazi sempre acabar aqui a noite: d'ordinario meu Irmaõ Jozé, o Conde, elle, e eu

¹ Luís António Furtado de Castro do Rio de Mendonça e Faro, 6º Visconde e 1º Conde de Barbacena (07.09.1754-07.04.1830): «foi, segundo as insinuações do marquês de Pombal, mandado por seu pai estudar na Universidade de Coimbra, logo depois da reforma deste estabelecimento [...]. Matriculando-se nas faculdades de filosofia e de leis, foi o primeiro que recebeu o grau de doutor em filosofia. Enquanto completava o curso de direito, regeu, durante o impedimento do professor Vandeli, a cadeira de história natural». Já em Lisboa, foi fundador e primeiro secretário da Academia das Ciências de Lisboa, até 1788, ano em que foi nomeado «governador e capitão geral das Minas Gerais». Quando regressou do seu destino no Brasil, ocupou um lugar de destaque na corte, sendo «veador da princessa D. Carlota Joaquina, mais tarde rainha», escrivão da mesa da santa casa da Misericórdia e presidente da Mesa da Consciência e Ordens» in www.arqnet.pt/dicionario/barbacena6v.htm (última consulta 17.01.2004).

² Entre linhas.

³ Sancho de Faro, Conde de Vimieiro.

⁴ Chamamos a atençom para a utilizaçom desta palavra, que revela como o grupo ilustrado dos Condes de Vimieiro, o Duque de Lafões, etc. se via a si mesmo como a vanguarda ideológica do país.

fazemos o numero de La Cotterie. Na nossa conversação não entraõ assumptos particulares. Humas vezes se lê, outras se falla do que está lido. a liberdade de discorrer, e de estar cada um a seu modo nos liga cada vez mais: tu conheces o meu modo, e bem sabes [p. 6] que so esta qualid.^e de convivencia me convem. Já fallei com o Duque a resp.^{to} de Gomes Fr.^{e1}, que ainda não chegou, e q lhe he assaz obrigado, porq fallou por elle á R.^a com a efficacia de q he capaz o seu character. Eu o receberei com m.^{to} gosto, porq tu mo recomendas; e porq he f.^o de uma familia a q.^m na guerra he Portugal devedor de grandes proezas. O seu dezerteresse e a sua generozid.^e fizeraõ que os seos actuais descend.^{tes} brilhem menos, que as grandes cazas que são sem vergonha Netas daquelle Tronco, eu que sei isto, e que istimo [sic] m.^{to} o belo, não necessito de lembrarme dos parentes que elle deixa em Alemanha p.^a o distinguir [sic], e seria facil, que elles me esquecessem, se he verd.^e, como tu me dizes, que essas Sr.^{as} só reputaõ por familia os do primr.^o gráo. O Duque me diz que isso não estava em moda, quando sahiu de lá; mas se he o prezente sistema, não te esforces por me ganhar a correspondencia das m.^{as} parentas: bastame com saber que são felices. Algun projecto tinha tido de me aliar novam.^{te} com ellas; mas isto era uma vaga ideia da minha imaginação q não deve sahir de ti p.^a ninguém. Aqui esteve um C.^{de} Palavicini, que eu não vi, porque o meu retiro, ma dificulta os encontros com os estrangr.^{os} Mas elle buscou[me]², e diz Lebseltern, que o fazia p.^a te levar novas m.^{as}, instruido por elle da amizade que nos liga. Infelizm.^{te} veio n'um daquelles dias tenebrosos, em q a m.^a molestia me faz inaccesivel Eu o ignorei, e até não sube [sic] que partia logo, porque a sabêlo, não partiria sem carta m.^a p.^a ti. Tornando a ler a ultima que recebi tua, vejo que me esquecia agradecerme quererme grangear o gosto de ver as memorias de BernabéVELOZO; certam.^{te} me haõ de entereçar; mas sendo elle amigo do Abd.^{e3}, he crível que as mande com direitura, ao Duque, ou ao Secretario da Academia. Eu bem conheço q tu deste modo queres fazer valer a tua amiga; mas ella seria indigna desta bella amizade, se não se reconhecesse impropria p.^a a comunicação literaria com omens verdr.^am.^{te} [p. 7] sabios. Com tudo se a tua carta tirar partido e produzir seu effeito, eu comunicarei tudo o entregando ao Duque, a q.^m como prezid.^{te} toca fazer examinalo. Otro cap.^o da tua carta me esquecia e he o import.^e dos cam.^{os} Tu mesma te dás a respozta As vistas da Academia abrangem m.^{to} mas o governo, ainda não tem feito o q basta p.^a que ella se arrogue Emprezas de tanta difficuld.^e Assim como umas nececid.^{es}, provem d'outras, assim uns remedios seraõ consequencias de outros; o meio de conseguir alguma coiza he não abarcar m.^{tas} ao mesmo tempo. A primr.^a difficuld.^e [sic] he ganhar os animos, e costumar ao trab.^o methodico omens, que estavaõ [ate]⁴ agora dispersos, estudando cada hum seg.^{do} o seu gozto, ou o seu caprixo. Não se tem feito poco podes crerme, porq as difficuld.^{es} saõ m.^{to} maiores, do q tu mesma, q nos conheces, podes imaginar. O frio do Norte pairesse, q se tem concentrado entre nós: p.^a vivermos estamos sempre accendendo o fogo: tem sido desabrid.^{ma} a estação! Sinto n'alma o desarranjo, que te faz a morte da Imperatriz, e até a maior despeza a q isso te obrigaria. A corte precizam.^{te} ha de mudar de face; mas se o Emp. cazasse tudo tornaria ao Antigo estado; porq o teu merecim.^{to}, e o do Sr. Conde, não poderá nunca ser visto com indiferença. Recomendame a sua memoria, e agradece as expreçoens, comq me lizongea. Recebe da m.^a May mil carinhosos agradecim.^{tos}, e a certeza de q sempre estará prompta p.^a te dar g.^{to} não só a resp.^{to} de Freyre; mas de q.^{to} possas querer della; porem este mosso tem a desgraça de q a nossa familia seja uma das q nada pode contribuir p.^a a felici.^e alheia. O meu Conde Portuguez nos ossos, flamengo no sangue, e na figura te respeita com a sua costumada pachorra. Lamenta a tua falta; mas

¹ Gomes Freire de Andrade (Viena, 27.01.1757-Torre São Julião, 18.10.1817).

² Entre linhas.

³ Correia da Serra.

⁴ Entre linhas.

contentasse da tua situação

A Patria he bella mas o mundo todo
He Patria a cada hum de certo modo

Vimr.º

[245] Lisboa le 3 Mars de 1781¹

L'amitié vout bien plus que l'amour. Ne l'ai je pas dit mille fois? Oh! C'est mon axiome. Voità come il est veritable! E c'est bien toi, chere amie, qui m'en donnes de nouvelles preuves.

L'amour ne veut point de partager la amitie au contrair [sic] se plait de faire aimer son object. Cette Divinité bien fasante repond toujours a mes vœux d'une maniere favorable; mais apresente elle fait plus. Pour me recompenser des larmes, que j'ai versé pour toi sour [sic] ses Auteles, elle opere des prodiges par son moien [sic]: elle veut que je puisse me flater [sic] d'ettre [sic] aimée dans un Pays, ou je ne serois [sic] peut ettre [sic] jamais connue. Je me laisse, ebluir [sic] par tout

L'eclat de cette charmante avanture [sic]; je ne veu[t] [riscado] pas meme me deffendre du prestige, et je m'imagine dans ce moment d'Enthosiasme [sic], d'ettre quelque chose de plus, que je ne suis pas en effect. Ouy, je veut croire que cette aimable, autant que respectable de Thun est faite pour aimer une femme telle que moi. Quand on á un coeur plein de bonne [p. 1] fois, pourveu qu'on aye [sic] un peu d'esprit, et qu'on ne ne [sic] dementisse pas son caractere on est pres d'attirer l'estime des braves gens. Je te dois de meme que a notre Duc tous ces avantages [sic]; e puis qu'il n'apas d'apparence, que je puisse de sitot [sic] aller de tromper ce Pays par moi meme, je te prie de me conserver dans le coeur de cette Respectable Dame les memes sentiments que tu y as fait naitre avec tant de bonté

Je voudrais te debiter [sic] bien de choses de notre petite Oeyenhausen [trema]; mais elle est a present a Almeirim. Sa soeur t'en donnerois [sic] de nouvelles [sic] bien plus sures parce qu'elle eseroit [sic] hier ton Pere de retour.

Pour notre Academie je pouvoi [sic] t'en mander bien de choses interessantes, je me [-----] pour tant a t'assurer, que la rapidité de ses progres est presque incroyable. *Le Talent de bien faire*, que la soutient sur ses bras, ... Ah! je ne veu [sic] pas la nomer: il vá venir: je lui donnerai de l'orgueil [sic] s'il scavoit [sic] de quelle maniere je parle de lui a mes amies. Je le dis [p. 1] au pluriel [sic]; e par [carese] [a leitura nom é segura]: en core un coup, ma chere il est l'ame de ce corps robuste dans bercea[ux] [fim de linha] meme.

Tu ne me dis pas un mot de tá grossesse je ne te plains pas, se tu te donnes un peu de repos car il n'est pas peu de chose d'avoir [sic] etté mere une fois. Pour moi je seroi [sic] bien aise d'avvoir [sic] autant de merite, sour tout apresent que la santé de mon beaufrere me donne de [sic] terribles inquietudes. Je me porte pour tant mieux qu'a l'ordinair [sic]; je tache meme de me rendre beaucoup plus forte que tout ce que vient m'accabler.

Si je pouvoit [sic] t'embrasser au moment meme que tu lis ces lignes, j'oblierois [sic] tous mes maux, et je croirois [sic] le reste du monde moins heureux que

Ta fielle et tendre amie
De Vimieiro

¹ Endereçada a Madame de Thunn.

P.S.
Le Duc et mon gros conte
Te assurent de leurs hommages

[246] Lx.^a 24 de Abril de 1781

Se a extensaõ das m.^{as} cartas he uma prova da m.^a saude a falta fatal dellas, querida amiga, que será? Comtudo naõ quero que te afflijas, suppoemme boa, e vai dictando paciencia em quanto estas na cadeira da felicid.^e mas p.^a que as tuas liçoens sejaõ proveitozas, traze á memoria o tempo passado, e vê como has de destroir, ou socorrer nos otros o q tu naõ podias vencer, nem ajudar em ti.

Os goztos naõ o duvido, rezidem na imaginaçaõ mas os incomodos, as semrazoens, e injustissas creio q fazem impreçaõ notra officina.

Como me dá grande trabalho toda a applicaçã, naõ posso oje escreverte em Frances pois que o meu frances nunca marcha [*currente calono*]¹ e posso dizerte como principal noticia, que a tua filha seg.^o o teu Pay me disse, D.^{mo} está m.^{to} forte m.^{to} traquinas, e palreira, e diz elle que em tendo trez annos naõ haverá quem se contenda com ella; pobre pequena! bem lhe podes mandar provim.^{to} de paciencia; porq o genio lhe promete riguroza nececid.^e della: venhaõ as liçoens em podendo porque eu sempre heide tirar dellas [p. 1] [fructo]² e quando me naõ dem constancia, sertam.^{te} me haõ de dar satisfaçaõ. Quanto te devo querido amiga porq procuras fazerme julgar bem dessa boa gente! comtudo eu temo que tu exageres se elle sabem dar preço á amizade, dizelhe simplesm.^{te} *somos amigas*. Este titulo conferido por ti, dame a conhecer bastantem.^{te} alem do quê, que vulto podem fazer as m.^{as} pocas boas qualid.^{es} aos olhos de tanta gente bem educada, e que tem por vezes visto que os Portuguezes saõ gente da mesma massa deq he formado o resto dos omens? Quizera achar as m.^{as} cantatas, e julgalas dignas de tas mandar logo; mas depois que o fogo da mocid.^e passou, bem pocas coizas me parece q saõ dignas de mostrarse com tudo

Per compiacerti,
Que non farei,
[-----]³
Oh Cara pace
De giorni miei?

Eu quizera continuar a conzoneta; mas chega uma vezita que me embaraça e quero fallarte do bilhete do Emperador. O Abb.^e Conti que temos [p. 2] aqui dezde 4 fr.^a de trevas o tinha já publicado com a respozta feliz do seu Digno Ministro Que queres tu que eu te diga a vista destes lances d'uma alma, q conhece, emq consiste a verdr.^a grandeza? Chamolhe feliz, porq sabe desfructar o unico bem, que lhe oferece a sua condiçaõ: pelo menos eu nada invejo aos soberanos senaõ a possibilid.^e de contentar a m.^{tos}, e nunca elles me parecem maiores, que quando reconhecen que entre as condiçoens inferiores ha omens, cujas virtudes e talentos os elevaõ a um ponto capaz de dar gozto ao soberano porse de nivel com elles. O fim do bilhete tem p.^a mim uma sublimid.^e extraordinaria. o modo simplez, com q aquelle Principe faz o elogio do seu Ministro he hum golpe da mais fina eloquencia, e he tal porq elle naõ faz mais que

¹ A leitura nom é clara.

² Entre linhas, a leitura nom é clara.

³ Manchas de tinta.

produzir com clareza um sentim.¹⁰ do coração As extravagancias d'amiz.^e não degradaõ nenhum dos amigos eu quizera comtudo que o Emperador tivesse poupado este termo não obst.^e ser elle mais um rasgo¹ da familiarid.^e com que trata o seu amigo se Methastazio sabe o meu nome saiba taõ bem [p. 3] que eu sou uma m.^{er} que leio menos os seus Dramas que as suas otras Poezias, e que vou m.^{tas} vezes ao sepulcro de Virgilio meditar sobre tantas e taõ pasmozas vizoens

Miraviglia, e timor tosto nel petto
Vengono ad assalir l'alma marrita
Una amirar si venerato ogetto
L'altro afuggir de tanto orror m'invita
Lungi dal sauro marmo el passo ofretto,
Ma volgo la faccia sbigottita,
Talché chiaro nei moti apar di fuore
E la miraviglia, e il mio timore.²

----- [sic]

Otras vezes com genio mais alegre voltome p.^a otro lado, e dito

Bello è il veder, qualor deposto el pezo
Della lorica suriguinna, e dura
[Marte colla sua dea giace disteso]³
Degli amorini el falso [stuolo]⁴ inteso
A molli scherzi in fanciullesca cura
Volare grappi in mille guise, e mille
vibrar saette, e suscitar faville⁵⁶

----- [sic]

Falta o papel e o tempo p.^a o mais que resta a D.^s amiga sou a tua fiel

T

[247] Lx.^a 20 de Maio de 1781

Naõ me digas que *naõ podes* viver, querida amiga A Providencia ainda naõ creou otra como tu: a tua f.^a ainda está m.¹⁰ pequena p.^a encher o teo lugar, e o mundo Portuguez merece alguma couza ao suppremo ser p.^a lhe tirar um bem, sem o ter primr.^o prevenido com otro, q o supra. Mas sem recorrer a estes principios, achas tu precizo

¹ «Ação nobre, magnânima, heróica; manifestação extraordinária (de imaginação, estilo, talento etc.); rapto».

² «Meraviglia e timor tosto nel petto/ Venero ad assalir l'alma smarrita:/ Una a mirar si venerato ogetto,/ L'altro a fuggir da tanto orror m'invita/ Lungi del sacro marmo il passo affretto,/ Ma volgo a lui la faccia sbigottita,/ Talché chiaro nei moti appar di fuore/ E la mia meraviglia e'l mio timore», Metastasio, *Rime*, *Epitalamii*, «Epitalamio III», n.^o 6 in www.bibliotecaitaliana.it/dynaweb/bibit/autori/m/metastasio/cantate/@Generic_BookView/6151;ts=to c.tv;pt=6151;lang=pt (última consulta 17.01.2004).

³ Suporte em mau estado.

⁴ Idem.

⁵ «Bello è il veder, qualor deposto il peso/ Della lorica sanguinosa e dura/ Marte colla sua dea giace disteso/ Trá fioretti del prato e la verdura,/ Degli Amori el folto stuolo, intenso/ A'molli scherzi in fanciulesca cura,/ Volares a groppi, e in mille guise e mille/ Vibrar saette e suscitar faville», Metastasio, *Rime*, *Epitalamii*, «Epitalamio I», n.^o 14 in www.bibliotecaitaliana.it/dynaweb/bibit/autori/m/metastasio/cantate/@Generic_BookView/6151;ts=to c.tv;pt=6151;lang=pt (última consulta 17.01.2004).

morrer, por que tens forças p.^a nutrir outra vida nas tuas entranhas? bem sabes que as incomod.^{es} da prenhez são quazi necessarias, e q.^m he formada como tu, não pode [--] ncher essas funçoens, sem sofrer m.^{to} chegará o prazo, e tudo acabará bem. Bem outras tem sido as doenças, q nos tem affligido ha 15 dias: O nosso Duque/ ainda não creio que está livre/ o nosso Duque [sic] deunos um susto geral. uma constipação nos podia ter privado do melhor omem : ella [lhe]¹ fixou na cabeça um Reumathismo, que elle desprezava havia m.^{tos} mezes. Em q.^{to} se não conheceo a qx.^a tivemos 24 oras da maior afflicção, porq a dor, e o aperto q tinha na cabeça fi[x]avase² na nuca com uma inteção tal, que parecia impossivel viver. Porem foi D.^s servido que se acertassem os meios de aliviar: o Reumathismo desceu, espalhouse pelo corpo, dandolhe m.^{to} que soffrer; mas ao mesmo tempo livrandonos do susto principal: tem gr.^{de} melhoria; mas ainda não sahe de caza, e apenas pode dar nella alguns passos. Conservou sempre o seu genio juvial [sic], e const.^e, e sendo elle o primr.^o que conhe[p. 1]ceu o perigo p.^a se mostrar christão, ja mais se sossobrou com o receio da morte, q nos consternava a todos. Sua Irmaõ nos dá ainda menos cuid.^o, que elle, e em q.^{to} ella dorme, aproveito eu o tempo em te escrever. Esta pobre senhora n'uma id.^e avançada, padecia uma desentiria billioza; o cuid.^o no irmaõ a levava a rastos p.^a o grilo, onde lhe hia assistir, e onde poderia ter ficado de todo. Ontem deunos m.^{to} susto; mas oje está com alguma melhoria, que talvez se deva ao diverso methodo de se tratar, emq se poz por condescender comigo e se ella se restabelece, será este o segundo cazo emq a malvazia me faça triunfar desta má qx.^a contra a qual poco, ou nada pode a Medicina Faremos odes dithyrambicas em onra da malvazia se ella se declara [se ella se declara]³ com mais esta virtude. Tanto pode o genio, que apezar da tristeza, e m.^{ta} molestia, comq me sinto, me estão lembrando alguns despropozitos que te fariaõ rir se estivessemos com menos espaço de pormeio Quando terei eu esse gosto? nunca porq eu não quero q tu deixes essa boa gente, que te cerca, e eu/ ainda mal/ tenho de viver sempre no breve termo, que medeia entre o meu berço, e o meu sepulcro: Affastemos daqui os olhos que ainda fazem, quanto podem por sacudir de si a velhisse. Toda a tua familia tem tomado por sua conta remoçarme. Eu cuido que elles acharaõ [e que conseguiraõ]⁴ algum depozito das antigas fadas e que conseguiraõ fazer valer o prestigio a meu favor. Huns me chamaõ bella, outros affirmaõ, que jamais o fui tanto e eu entro em divida se elles me querem chamar [p. 2] gralha, persuad.^{os} talvez de que me lograõ; mas eu decido pelo meu credito, e só respondo *se eu o crera!* Tu veras do meu retrato, assaz parecido, se elles tem razaõ: o que te affirmo he que na verd.^e estou melhor, do q elle porq estou m.^{to} mais dellicada, e o gesto he bem mais sereno Com tudo a tua f.^a he um tanto arisca a meu resp.^{to} e portase comigo com uma arrog.^{cia} encantadora. Cresce e cresce em formosura, e graça: não te lizongeo tem a boca mais engraçada e o gesto mais picante, que se poda considerar na'quella idade. Queres fazer uma idea da sublimid.^e da sua alma? repara nesa historia Eu tinha no peito um ramo de Auriadas, q m.^{to} lhe agradaraõ; quiz que lhas desse, e eu quiz venderlhas por um preço delicado. Diselhe q me bejasse, q lhas daria não quiz nem ceder da pertençaõ, tua May quazi hia a empenhar a sua authorid.^e, mas não bastava, e eu desenganeia deq lhe não dava as flores sem a condição requerida, e tireias do peito p.^a lhas dar [mas]⁵ ella morr.^{do} por ellas, teve a constancia delhe não pegar, e de voltar com um ar de desprezo. chameia deilhe as flores, sem interesse; ella aceitouas, e poco depois bejoume espontaneam.^{te} As reflexoens ficaõ p.^a ti. Tomei nesse dia seg.^{da} med.^a do seu tamanho p.^a ta mandar, mas como no immediato foi o trab.^o do Duque não sei o q lhe fiz. Se a achar eu ta mandarei, assim como espero mandarte as noticias que queres da composiçaõ das

¹ Enre linhas.

² Por baixo, riscado -ch-.

³ Riscado.

⁴ Idem.

⁵ Entre linhas.

nossas borrachas do maranhaõ Em q.¹⁰ o filosofo não falla dará a tua amiga o q sabe nesta materia do modo material da sua manipulação e tal vez seja mais doq possaõ dizer [a com um q tudo ignora]¹ não seja o baste p.^a contentar a curiozid.^e do illustrado ministro² a q.^m tu queres [p. 3] satisfazer. Ha no Maranhaõ uma especie de Palmr.^{as} das quais por sangraduras, que de propozito se fazem nos seus troncos se recebe o liquido gomozo, de que depois se fazem as mencionadas borrachas. Este liquido estendese com pincel, ou otro semelhante instrumento, sobre as formas da figura, q se pertende fazer e estas formas são de uma materia facil a dissolverse ou separarse, e daõ se tantas demaõs, toda ao fogo, quantas se julgaõ precizas para fazer mais, ou menos groça a capa, que cobre a forma, a qual capa toma consistencia com facilid.^e, e logo que [tem]³ a grozura requerida, se vaza da forma, desfazendose esta dentro, de despejandose pelo pequeno orificio q se lhe deixa conforme os uzos, a que a borracha se destina. O ar a endurese e lhe impede a elasticid.^e se chega a um certo grao de secura; mas um banho de agoa como tu sabes lha desembaraça, e tanto mais depreça, quanto este banho he mais quente. Ate os ultimos dias d'ElRey D. Jozé julgo q nenguem sabe mais do seu uzo, q o vulgar, e alem deste o de apagar o lapis e restituir o papel ao seu antigo estado embebendo em si as manchas ou riscos q o tinha manchado. Este [Monorea]⁴, porém imaginou, q daqella goma se poderia fazer um uso mais util e talvez teve a mira em cascos p.^a a tropa, cotas &r.^a, e mandou fazer umas, que com effeito vieraõ, mas a poca arte e nenhuma instrucção de q.^m fez a experiencia contribuir p.^a que ella não contentasse El Rey, cuja morte interrompeu o projecto, mas a sua lembrança [p. 4] não foi esteril. Porque ja temos aqui reguin[gotes]⁵ m.¹⁰ leves, m.¹⁰ trataveis, e dizem q de excellente uso p.^a a chuva. Eu com tudo ainda não fico por fiadora da sua bond.^e porq ainda tenho difficuld.^{es} q vencer p.^a me decidir entre o ceado [?] ordinario, e este q nos reguingotes se applica sobre olanda ou otra droga [?] igualmente fina, e ficaõ os poros da tea embebidos por tal modo da goma, q a agoa não pode penetralos. Eu farei delig.^{cia} por te mandar amostras e como o actual ouvidor do maranhaõ he peçoia intellig.^{te}, e da m.^a dependencia, eu escreverlhehei p.^a que nos instrua de tudo a fundo, coiza deque eu⁶ o queria encarregar p.^a [servir]⁷ a nossa Academia.

21 de Mayo

Escrevi até aqui ontem da má forma da letra podes argumentar o incomodo, com que escrevia, o qual não provinha só da postura, mas da febre, com que estava, e que attribuo ao cançasso da assitencia a esta pobre senhora e ao receio continuo de sahir mal da comição que seu Irmaõ me fez de lhe assistir visto não poder elle fazelo. Oje estou menos mal mas com m.^{ta} dor de cabeça por isso não escrevo á galant.^{ma} q.¹⁰ amavel M.^e de Thun Que não te devo, querida amiga, A estimação da gente de bem he o objecto da m.^a ambição, e lograla por tua deligencia he como dobrada felicit.^e posto que eu veja, ou tema que as exageraçoens da tua amizade posão converter em favor o que eu quizeria tem merecido por justissa seja como for: eu logro um bem, e este bem vemme d'uma tal maõ. Faze tu valer a m.^a gratidaõ p.^a com essa nova amiga dizelhe, q logo mandei a sua carta ao nosso Duque, e que elle me promete da sua lettra [q elle]⁸ [p. 5] [-----]⁹ Mandou taõ bem dizer q o Principe de Kaunitz já a estas oras hade ter recebido uma

¹ Entre linhas, a leitura nom é clara.

² Refere-se provavelmente ao Principe Kaunitz.

³ Entre linhas.

⁴ A leitura nom é segura.

⁵ O papel está roto.

⁶ Chamamos a atençom para esta frase porque evidencia que, apesar de nom ser sócia da Academia, o papel da Condessa é activo na organizaçom académica.

⁷ A leitura é pouco clara.

⁸ Riscado.

⁹ O papel está roto.

desertação sobre a materia das borrachas que elle lhe remeteu. Não obst.^e eu farei as averiguaçoens necessarias p.^a o q tu queres. As rezoluçoens do Emperador interessão a toda a Europa, e fazem [c]rer¹ q sua May lhe deixou um bom legado no ministro que lhe assiste. Hade ser um gosto verdr.^o ser juiz com taes mordomos. Tornando a M.^{me} de Thun dei a sua carta a tua Tia Atouguia p.^a ver como fallava de ti, p.^a que soubesse q a Dama q tanto me lizongeava estava no rancho das bellas fui buscar o seu retrato: todos assentamos q tinha olhos *de Portugueza e que o viag.^{te} tinha razão de dizer jamais me esquecerão os olhos desta Portugueza!* Podes dizerlhe isto que ella bem me hade entender, ao menos esta Anecdote prova q se o nosso amigo comum he preguiçoso em escrever, não he certam.^{te} esquecido do bom tempo, e das onras q alcançou em Viena. Estimo que tenhas um tão bom Theatro: Ah! m.^a Amiga, a dor de cabeça cresce a um ponto de não poder continuar. A D.^s animate, vive, conservame os bens q me ganhas; recomendame ao teu Conde; não te esqueças do meu, nem de q te he fiel

T

P:S: tem cuid.^o do modo de pôr o lacre porq perde hum bocado da tua carta por elle a embeber de tal sorte, q não se pode ler; mas como foi posto em sima das letras, não era possivel q fosse d'otro modo

[248] Lisboa 9 de Junho de 1781

Amiga do meu coração, socega: todos os teus vivem, e não só vivem os que deixastes; mas augmentase o numero delles com mais uma Leonor, que tua Irmaã nos deu com m.^{ta} felicid.^e He gigantesca; porem toda Ribeira na figura; a alma será Alorna talvez. A tua he um encanto, e nunca ceçara de te referir as suas graças, se tomasse esta empreza porq são [sem numero]² Tu minha Oeyenhausen, não poens data na tua carta e por isso não sei se ella he posterior á que acompanhava a de M.^e de Thun, e à qual já te respondi ha perto de um mez; depois na tua tornei a escrever porq as m.^{as} fadigas tem crescido, e na verd.^e não tenho feito mais que chorar com gente afflictta A m.^a doente/ isto he Joanna de Brag.^{ca3}/ está restaurada: tive o gozto de dar a seu Imraõ boa conta da m.^a comiçaõ, a qual foi na verd.^e trabalhoza p.^{lo} delicado estado da m.^a saude, e pelo estranho modo de pençar, que tem esta Sr.^a no tempo da sua doença. Tudo vale a amizade; e agora que ella está boa, sinto que tão bem eu estou paga. Os viscondes não podem dizer outro tanto: coitados! acabaõ de perder o seu primogenito de uma doença extravagante, e que nos tem assustado por parecer hypidemica [sic] do mesmo modo está o terceiro f.^o de D. Jozé de Noronha. Os Medicos ainda não sabem capitulala parecem cezoens perniciozas; mas eu creio que não são otra coiza senão febres [suporatorias]⁴ originadas pela dezordem da colera. Assim morreu Joaq.^m Ignacio da Cruz. O lugar de Thezair.^o mor do Erario deuse a Joaõ Herique de Souza que era Escrevaõ da mesma repartição, e p.^a esta escrevaninha foi M.^{el} Pereira de Faria: Sua Mag.^{de} nestas nomeaçoens mostrou que conhecia os omens que tinha naquella inspecção na [p. 1] verdade aproveitou os melhores. Está a sahir a guarda Cozta, e nella vai pela primr.^a vez Domingos de Lima f.^o do Visconde que toma o servisso da marinha: a pobre may tem mais essa saud.^e que sentir; mas a perda do f.^o mais velho tem sido levada com

¹ A leitura nom é segura.

² A leitura nom é segura.

³ Joana Francisca Antónia Perpétua de Brangança, irmã do 2º Duque de Lafões.

⁴ A leitura nom é segura.

tal christand.^e por aquella familia que na verd.^e parece extraordinaria tanta afflicção, e tanta paciencia ficaraõ tres filhinhos que aprecem robustos. A f.^a conheces tu: melhorasse de parecer, e dá grandes esperanças de talento os rapazes não se sabe o que seraõ tendo o ultimo quatro mezes. Creio que ja te disse que os Calhetas tem um f.^o mas este f.^o tem padecido varios tumores, e alguns começaõ a temer que elle se não logre, o que lastimará a todos Villa nova está em todas as esperanzas de ser May ; tua Irmaõ esta perfeitamente convalescida, e a rapariga he form.^{ma} Não te queixará s agora de que te não vaõ novas da tua Patria mas das publicas nada te posso dizer, se não que choramos a perda de D. Aug.^{to} de Loura como uma perda de que o Estado não tardará talvez em se sentir. Era um mosso de grande merecim.^{to} e p.^a mim fazse mais sencivel a sua morte, porq ella priva o mano Jozé do seu m.^{or} amigo: e como elle tem um coração m.^{to} sem.^e do meu, temlhe este golpe tocado no vivo d'alma. Dizem que o seu sucessor está nomeado assim como o de Henrique. D.^s queira que os que vaõ dem sempre motivo p.^a se abençoar a escolha. Sahiu huma pequena Promoção p.^a a Patriarchal Eu te farei logo a lista, e não te negarei que me tem feito bem tristeza as particularid.^{es} de familia, que sei a este resp.^{to} tomara sem perder a submição a adoravel Providencia de D.^s que o Snr. me mostrasse p.^a que dá f.^{os} a q.^m [p. 2] taõ sordidam.^{te} os sacrifica, e os nega a q.^m os dezeja só p.^a a sua gloria. Não te escandalizes, amiga, eu olho p.^a a minha esterilid.^e com olhos christaons; e pozto que o coração se rebelle a razaõ reconhece nella mil e mil motivos de adorar a mizericordia de meu D.^s p.^a com a sua pobre creatura Já se fez a trasladação das fundadoras do novo convento. Escolheuse p.^a esta função o dia 6 deste mez aniversario do cazam.^{to} da S. Mag.^{de} a condução fezse por ordem de Sua Mag.^{de}, e por isso ninguem se entrometeu a fazer figura no acompanham.^{to} No Convento esperavaõ a familia Real todos os seus creados, e creadas; e algumas fidalgas que poderaõ saber a tempo de se prepararem que lhe seria agradavel aquella demonstração de q tomamos enteresse no q dá gosto á soberana se esta noticia se espalhasse mais sedo não caberíamos lá pois q o respeito que detinha a todas cederia ao gosto de ver taõ perto a familia Real em dia que parecia contentala. O edificio¹ tem mais grandeza que propried.^e p.^a o intento: he imenso guard.^a a porporção com as abit.^{es}, que não podem exceder o numero de 21 a Igreja ainda não está acabada; mas continuase a obra com calor, e activid.^e Ainda não quero fallarte do que pertence a o reconhecim.^{to} da innocencia dos teus esta cauza comum a todo o individuo Portuguez, sem exceptuar a mesma R.^a, nos tem na maior expectação. D.^{os} se sirva de assistir a sua Mag.^{de} para que na occaziaõ de reparar tanta crueld.^e particada pela alluci[nação]^õ² /por não dizer outra coiza/ de um omem arrebatado nos seus procidem.^{tos} possa dar ao mundo uma cabal ideia da rectidaõ do seu animo, e da verdadr.^a grandeza do seu [p. 3] coração. Não posso dessimular-te, que estou triste e cheio o coração de mil desconsolaçoens: Ontem recolhendome p.^a caza encontrei varios omens do campo dormindo com todo do socego ao pé dos seus bois que ceivavaõ: como reparte D.^{os} os comodos e os trab.^{os} entre os viventes disse eu comigo na m.^a cama esperaõme mil cuidados, e estes ao relento sobre a dureza desigual de uma calçada depoem q.^{to} os opprimiu no dia esperando a madrugada p.^a tornarem vigorozoa ao seu trab.^o! que diferença! Mas elles não saõ invejados; ninguem interpreta mal as suas palavras. Os

¹ A basilica da Estrela, construída entre 1779-1789. José Augusto França (1978: 66) qualifica-a, partindo do preconceito do reinado de D. Maria como *Viradeira* e reacção, de «programa áulico imediatamente posto em execução à sua queda [do Marquês de Pombal] [...] Obra de architectos de segunda geração pombalina, Mateus Vicente e Reinaldo Manuel, ela assume os seus próprios valores casando-os com outros, igualmente barrocos, desejados pela reacção de D. Maria I, construtora da igreja em obediência a um voto doméstico, como outrora seu avô D. João V fizera Mafra».

Concretamente, nesta passagem, a Condessa faz referência ao traslado para o novo Convento carmelita da Estrela «a 6 de Junho de 81» de «dezasseis freiras da Ordem da Visitação [que] foram transportadas, desde Carnide, nos côches da casa real» (Caetano Beirão, 1934: 305).

² Mau estado do suporte.

principes não os conhecem; mas ninguém fará que elles os desestimem, ou tratem com indiferença os seus servissos 21 annos de expor a vida pela Patria não lhe serão desprezados como talvez succeda a uma das peças mais chegadas ao meu coração. Ella contudo tem um coração nobre, onrado, generoso, e sem vaid.^e, nem preocupação mais perde a Patria em esperdiçalo que o seu individuo em ficar livre p.^a voltar unicam.^{te} p.^a os seus proprios enteresses A vida he curta, e a Philozofia christam tem a arte de a fazer menos infeliz e até de a porlongar. O nosso Duque, cada vez mais digno de viver, vai convalescendo de vagar; porem mais depreça do q prometia o seu grande mal. Os seus livros e os seus amigos lhe fazem a vida goztoza : A familia Real sempre o destingue o Povo o adora, e só aquelles a q.^m a ignorancia faz atrevidos, ou a inveja atraíçoados deixaõ de seguir a torr.^{te} que o respt.^{ta} Recomendame ás peças, cuja estimação me ganhas: faze especialm.^{te} por conservarme a de M.^e de Thun aceita memorias do meu C.^{de} de m.^a May e faze ao teu mil cumprim.^{tos} da p.^{te} de T.

[249] Lx^a 19 de Junho de 1781

Para que tenhas um sinal de que vivo, e de q te amo, faço estas regras. Temse exaltado de modo a m.^a hypicondria, que apenas posso regerme Isto faz que não possa darte novas; alem de que a certeza de que as nossas cartas são vistas, me tira a liberd.^e de poder conversar contigo, em toda a effuzaõ da amizade porq, q.^m sabe que interpretaçoens se daraõ as graças, q a decencia nos permite? huma vez que falta a fé publica, quem he que pode confiar-se, nem ter gozto de escrever? Bastate que saibas que os teus estão bons, que a familia Real tem saude, que os meus trab.^{os} não se diminuem, que ha q.^m faça gozto de acrescentalos, e que não obst.^e eu ainda rezisto. O Bom Duque vai m.^{or}, mas ainda soffre m.^{to}, mas ontem [p. 1] me disse que encontrando na rua as Peças Reaes lhe deraõ sinais nada equivocos da sua benevolencia.

He digno de m.^{to} mais, certam.^{te} e sempre he desgraça dos Principes não poderem conhecer até que ponto os ama a gente de bem como elle he. quanto fora bom que a nossa soberana q' nos ouvisse fallar quando presumimos que ninguém nos ouve! O Duque, e os seus amigos não seriaõ desfigurados nunca pela inveja, q' não soffre que o merecim.^{to} viva em paz: Isto que digo respeita mais aos amigos do q' ao Duque o qual / como ja to disse otra vez goza da publica acclamação. Recomendame a nossa engraçada e amavel M.^{me} de Thun, e faze q Methastazio não desaprenda a lição que lhe destes. Ja appareçeraõ as m.^{as} cantatas agora falta, que eu tenha [p. 2] paciencia p.^a copialas, e q me não aborreça ver as friolr.^{as} da m.^a primr.^a idade com os olhos sircunspectos da velhisse. Se eu viver eu te mandarei ainda a m.^a morgada mas como ainda se não desmamou não pode fazer viagem sem estar mais robusta. Se devo crer ao voto dos Amigos, dou a Portugal uma coiza, q ainda não tem e q nem o feliz seculo de quinhentos produziu sem deffeitos¹: serei eu capaz de tanto! p.^a um omem não fora m.^{to}, porq trabalharia sobre os vestigios d'antiguid.^e, com as Luzes do seculo prez.^{te}, não he coiza que mereça hir ao Indez das coizas notaveis; mas p.^a uma m.^{er} no Payz em que eu nasci, e onde talvez se armaõ contra mim porque leio [p. 3] e porq vou à Academia sim he Eroismo; com tudo não terei valor p.^a que se imprima em m.^a vida, e como esta será /ao q promete/ de pouca

¹ A referência à literatura quinhentista fai-nos julgar que Mello Breyner se está a referir à sua tragédia *Osmia* -como é sabido, os ilustrados portugueses tomavam só parcialmente como modelo a tragédia quinhentista, e nom faltavam criticas racionalistas a *A Castro* de Ferreira, como por exemplo em António de Figueiredo.

duração vossês choraraõ dobradam.^{te} quando lerem o q lhe deixo escrito¹. A D.^{s!}
recomendame ao teu Cond.^e e recebe do meu e de m.^a May mil expreçoens d'amizade
Sou como ninguem m.^{or} que tu sabe a tua amiga fiel

T

P:S:

Se receberes esta carta faze especial menção della na resposta

[250] Lx.^a 30 de Julho de 1781

Minha [Oeynhause]² amiga/ que se escreve m.^{or}/ tenho que agradeçerte as novas, que me dás dos meus P.^{mos}³ na tua carta de 23 de Junho; e os bons officios, que tens feito a favor d'Anna d'Almd.^a assim como dos seus entereces. Eu não sei se elles, precipitaraõ a rezolução de hir p.^a caza do Thio especialm.^{te} tendo taõ pocos meios de se fazerem entender; mas quem está a vista do negocio discorre melhor nelle. Sinto n'alma que os teus não sigão o bom cam.^o que eu lhe dezejo; mas o tempo fará, que sejaõ menores esses incomodos Os principios em todas as coizas saõ dificultozos; depois o methodo vence as difficuld.^{es}, e a paciencia corôa as mais deficeis obras. Eu estimara poder fazerte nisto algum servisso, e procurarei toda a occasiaõ de pintar o estado da tua situaçaõ; mas conhecendo o poco q vale [p. 1] a m.^a persuaação não posso lizongearme de alguma esperança alem de que o melindre comq se devem tratar os enteresses alheios faz, comq a gente tema arriscalos falando nelles sem expreça dispozição de seu Dono. A m.^a molestia não consiste na imaginaçaõ, mas a viveza della concorre p.^a que a saude se não restabelesça, fazendome avultar os objectos de malencolia, que he a raiz do meu mal. Os teus passaõ bem e Leonor em Almada se fortifica m.^{to}, crescendo todos os dias em graças, e formozura. Ontem veio toda a familia Real passar á Q.^{ta} do Marquez da Frontr.^a ainda não sei como se passou esta scena onradora p.^a aquelles fidalgos. Sei que a merenda não estava na Q.^{ta} e que subiraõ as cazas onde estava a menza [sic] na varanda que conheces. Esta Q.^{ta} feita expressam.^{te} p.^a uma R.^a passear nella, he justo que continue a gozar [p. 2] das mesmas onras. Os Poetas diriaõ que os Manes Reais fazendo ainda ali morada atrahiaõ ao mesmo citio os successores do Throno. Dame gozto ver q os nossos Principes começaõ a gostar destas coizas mas temo que a falta d'uzo em que estamos de os receber, faça com que não achem todo o gosto que poderaõ achar se nos dessemos outro modo de convivencia: o Duque vai bem: eu lhe mandei a tua carta, e elle te faz mil protestos de gratidaõ p.^a ti e p.^a todos os seus bons amigos O Emp.^{or} lhe escreveu uma carta de Bruxelles por ocaziaõ da sua molestia bem, bem onradora; mas quando eu a leio sempre me pairesse que o soberano estava mais occupado da sua propria gloria que ainda da do seu amigo. Tu sabes o que eu quero dizer nisto pois as nossas almas ha tanto que se entendem [p. 3]. O certo he que o omem seja Principe ou particular nunca se mostra grande senaõ quando dá testemunho de que o merecim.^{to} alheio lhe não faz sombra pois q o louve sem sossobra. M.^e de Kanitz [sic] taõ bem escreve ao Duque uma bellissima carta cheia de Philosophia de Religiaõ de saber de sentim^{to} e de tudo quanto he bom, e cabe num coração semsivel. A pureza da linguagem

¹ Chamamos a atençom para os argumentos da Condessa para defender tanto o valor da sua produçom -polo facto de ser obra dumha mulher- como a sua posiçom no campo -a participaçom activa na Academia-, e todo isto unido à ruptura da imagem de (falsa) modéstia que adopta noutros lugares desta correspondência.

² Sic, riscado.

³ Os primos Menezes, já citados em cartas anteriores.

a propried.^e das frases a dignid.^e com q se explica representa esta Dama uma Eroina. Tu, e a tua familia são o objecto desta carta. Eu espero mandarte a copia d'ambas p.^a que vejas o q debes a esta Sr.^a e p.^a q tenhas o gosto ver [sic] mais uma prova deq o teu marido assiste ao pe d'um gr.^{de} Principe: Oje he o Triunfo d'Academia ou dizendo m.^{or}, do seu Prezid.^{te} mas agora nada mais posso dizer

a D.^s

[251] Lisboa [--]¹ de Julho de 1781

Tu queres receber todos os correos cartas m.^{as}; mas, querida amiga, porq me não julgas tu igualmente famenta das tuas? ha tres semanas que não recebo uma regra de Viena, e isto desarranja bem a correspond.^{cia} [sic], e desacomoda ainda mais o coração de uma amiga do meu lote. O estado, emque te achas, he um motivo de cuid.^o p.^a mim, e emq.^{to} não passa o tempo critico, sempre estou inquieta. Não me escrevas da tua letra, porq isso te será penozo; mas quem q.^r que seja, digame em duas palavras como estás, e tanto me basta, emquanto mais não pode ser. Eu, minha alma, passo o mais cruelm.^{te} que se pode imaginar, não estando comtudo sugeita a viver como doente; mas a força da hypicondria [sic] tem-me reduzida a hum triste estado: com tudo esforço me quanto posso, e devo sempre algum beneficio ao exercicio a cavallo, pozto que não podendo este ser cotidiano, não deixa huma melhoria presistente [sic], e agora q te escrevo, e acabo de o fazer a M.^e de Thun, estou com muita dor de cabeça. Tua May foi p.^a Almada com a tua filha, que se conserva boa, engraçada e linda; mas como tua May não passa bem em Lisboa, somos condenados a passar tempos sem a ver. Tua Irmaã esta boa, e ontem passou por aqui; mas eu não tinha jantado em caza. Não tenho novas que te dar: de toda a parte vem concorrendo memorias p.^a os premios prometidos nos programas; e a ceção dezte mez sera interessante [p. 1] e o Duque terá o gozto de triunfar. Este bom, e verdr.^o Portuguez tem convalescido da sua molestia melhor do que se podia esperar, e uncam.^{te} se occupa em promover á surdina o bem da sua Patria. O que elle faz não apparece agora; mas avultará bem depreça, apesar dos ignorantes, sempre invejosos, e nunca capazes de ver o bem quando lhe aparece. Q.^m ama a R.^a/ e quais serão os bons que deixem de amala pelo modo mais vivo?/ tem a maior consolação de ver como prospera a Academia A gloria que lhe procura o motor deste estabalecimento [sic] he certam.^{te} huma digna recompensa da estimação, com que ella o trata/ suppostos os nossos costumes sacramentados/ e na verd.^e he um servisso, que não se paga pois que delle procederá a instrução dos povos, e mil otros proveitozos effeitos, que nós ponderariamos se estivessemos face a face. Façome violencia p.^a te não dizer mil coizas que te dariaõ gozto, e raiva ao mesmo tempo; mas tu podes discorrelas: conheces a carta do Payz, e facilm.^{te} verás quanto as montanhas estereis levantaõ as cabeças sobre os valles fertelissimos [sic], que elles paresse, q assombraõ. Mas tu não podes fazer idea da penetração, e da Prudencia da R.^a! pobre Sr.^a a molestia de ElRey a consterna, he comtudo sua Mag.^{de} em Queluz não tem passado peor antes dia [sic] dos seus annos, pareceu mais vigorozo. Eu tive necessid.^e de fallar em negocio meu a esta amavel soberanna; se viras o ar de benignid.^e, de candura e de soberania, comq me ouviu! encanta a gente. Tomara [p.2] vêla sempre servida como ella o merece; e apregoar pelo mundo todo e que esta sr.^a he, e pode ser. Tenho uma summa imp.^{cia} quando a vejo reduzida a huma vida privada, porq sem lizonja, o seu Reynado podia fazer uma Epoca

¹ Mancha de tinta

gloriosa p.^a os nossos bons Portuguezes; D.^s me não mate sem haver [sic] fazer umas tantas coizas, que a deixaraõ imortal.

Ha hum cazam.¹⁰: eu não conheço os noivos tu conheces um delles, que he o f.^o de João d'Almada: a futura Esposa, he f.^a do Governador que acabou d'Angola, e la pertence á ordem; chamase [a tal]¹ D. Ant.^a de Lencastre Dizem que veio bem dotada. Tu já sabes dos M.^{os} nomeados p.^a Roma [e olanda]², porq me parece que ja to disse; mas na duvida te digo que p.^a Roma vai D. Diogo de Noronha³ p.^a Olanda um sobrinho de Mart.^o de Mello filho da Irmaã⁴. O Marquez d'Angeja dizem q por principio d'onra e desinteresse/ e quais podem ser, a não ser estes, os principios porq obre o omem de qualid.^e/ não queria que seu f.^o fosse p.^a Roma; e que o tem sintido; porq este o pertendeu sem o seu beneplacito. Elle vai comtudo m.¹⁰ bem principiar o seu mundo por onde otros o tem acabado, e conserva os seus lugares; está contente, e tem toda a razaõ, ou seja por agradecim.¹⁰, ou por satisfação da propria felici.^e Eu não lhe invejo o lugar; mas sim a possibilid.^e de hir otro mundo p.^a trazer que contar. O novo Inviado [sic] d'Olanda não promete pela [p. 3] sua figura grande duraçaõ; mas como he m.¹⁰ rapaz, pois que ha pôco acabou os seus Estudos na Universid.^e, he provavel que encalhe. Dizem, que tem m.¹⁰ entendimento; grande e absolutam.^{te} necessaria disposiçaõ p.^a servir bem Sua Ama. Recebe memorias carinhosas de m.^a May, e com toda a reverencia gotica do Paiz as do Conde de Vimr.^o Eu não sei que te queria dizer a respeito dos *godos*: era certam.^{te} alguma coiza p.^a rir. Ah! Sim não sabes que relaçaõ vi do cazam.¹⁰ do Marquez de S.^{ta} Cruz! aquello he que he labor gotico e miudo; quando o papel chegou ao ponto das onze horas fiquei tremendo por que a narraçaõ vinha taõ miudam.^{te} circunstanciada, que a não dar o sonno ao relator naquelle momento, estavaõ arriscados os misterios. não julgues exageraçaõ o meu receio; que não podia eu temer de quem até dizia *unas personas entraban, y otras salian* e tudo isto por espirito d'exacçaõ. Já tivemos novas de Pariz, e a carta o nomeava *un tres petit Grand de Hespagne*. A D.^{os} amiga recomendame a M.^r, e conservame essa pia affeiçaõ que ganhastes dessa boa gentge. Se eu tiver uma varinha de condaõ, era a m.^{er} mais feliz do mundo. Foi bem mau q se desterrassem della as boas fadas! que bellas viagens teria feito a tua

Vimr.^o!

[252] Lx.^a 31 de Julho de 81

Amiga do meu coração. O corr.^o passado não pude escreverte, e a tua carta d'8 de Junho me foi entregue depoiz de partir o corr.^o chegou retard.^a, porq o Duque recebeu poco depois huma de 20 da Nossa Thun, na qual confirma o q me dizes d'Anna d'Alm.^{da} e te poem a ti na frente de todas as amigas, q deixou em Viena. Dizelhe que eu esperava, q os meus P.^{mos}⁵ chegassem p.^a lhe pedir p.^a elles um favoravel acholhim.¹⁰ na sua amizade; mas que vejo pela sua carta que este rogo se deve converter em agradecim.¹⁰ e q ella pode contar sobre elle como certo.

¹ Entre linhas.

² Idem.

³ Nomeado em 1781.

⁴ João de Almeida de Melo e Castro (1756-1814), 5º Conde das Galveias, diplomata, embaixador de Portugal em Londres, Haia, Roma e Viena, Ministro dos negócios estrangeiros entre 1801 e 1803 e em 1812, Ministro da guerra, Ministro interino da marinha e ultramar, Presidente da Junta da Fazenda dos Arsenais do Exército, conselheiro de Estado, Camareiro-mór da Real Tapada de Vila-Viçosa.

⁵ Os já citados primos Menezes.

Desteme grande gozto com o que dizes desses rapazes, porq como sempre aprovei a jornada/ pozto que não o modo/. Se ella fosse mal succed.^a teria eu motivo p.^a o sentimento. Agradeçote, assim como [p. 1] ao Snr' Conde, os bons officios, que lhe tens feito, e dezejo que elles saibaõ sempre corresponder pollidam.^{te} a tudo o q devem a V. Ex.^{as} Sinto n'alma o disgozto que tivestes com a morte do teu creado ella corre circunstanciada; mas eu afinjome ao q me dizes. De mim que posso dizerte? Vou vivendo no mesmo triste estado, ora mais ora menos opprimida. D'oje a oito dias temos o Triunfo da Academia, e chamolhe assim, porq na verd.^e o he, ter já memorias p.^a os premios deste pr.^o anno, não tendo corrido mais que 10 mezes de tempo p.^a escreverse. As novas desta função hiraõ a seu tempo a familia Real conservase em Queluz onde não ha mais divertim.^{to} que o passeio da tarde. Em Lisboa não ha nenhum e os nossos ajuntam.^{tos} de comp.^a paresem vizitas de anojados. A delig.^{cia} allegre no servisso de D.^{os}, he virtude, que se caçou [p. 2] do nosso Cathecismo pratico. Não podes crer as raras ideas de virtude, q se tem erigido entre nós, e he na verd.^e um divertim.^{to} ouvir fallar nesta materia a esses bandos de santas que a cada volta se levantaõ, como gralhas¹. Eu taõ bem espero ser S.^{ta} ou seja pelo soffrimento do martirio continuo que me daõ, ou pelo retiro total de toda as affectaçoens; porem a m.^a canonizaçaõ não ha de ser em vida Não vejo ha m.^{to} tempo tua May foi p.^a Almada, onde sei que passa m.^{or}, e o Duque hindo lá jantar, me disse mil coizas agradaveis da tua f.^a, as quais todas confirmaõ o retrato q te fiz della. O teu, se está sem.^e deixame com grande cuid.^o em ti, porq te acho summ.^{te} magra Tua Ir' esta bem restabalescida e a menina não negara o Sr' seu Pay. Bem vez do campo que tenho batido, q não ha nada que te diga, que mereça a penna [p. 3] mortes freq.^{tes}, e [o]² mais he assumpto m.^{to} triste p.^a se fallar delle, e com tudo tem se feito frequente entre nos este orror. Os contemplativos não deixaraõ de ter discorrido na cauza, e os que governaõ taõ bem não omitiraõ o remedio Não falta quem diga q a ociozid.^e do nosso povo, e a falta de divertim.^{tos} publicos, que distrahiaõ os omens das socied.^{es} particulares p.^a os unir em publico, concorre m.^{to} p.^a que abuzem da pied.^e da R.^a cada vez mais amavel e mais digna de ser servida...

Recebe mil obzequios do meu C.^{de} e fazeos d'ambos nós a M.^r d'Oeyenhausen Fazeme entregar essa carta, e junta a este favor o deme mandar sempre miudas novas do progresso da m.^a Prima, e bem sabes que as q.^{to} sinceras; e quando me escreveres faze mençaõ da data a q me respondes, porq fico ás vezes taõ desorizontada q não sei de q tu fallas. Methastazio vive? que viva, e que nos ensine. Vimr.^o

[253] Lisboa 19 de Agosto de 1781

Eu não sei que encanto tem tido as m.^{as} cartas. Tu me fallas querida amiga da morte do Bisconde eu tenho te te [sic] escrito dezde esse tempo m.^{tas} vezes até soltam.^{te} pelo corr.^o ordinario, escrevi uma carta a M.^e de Thun que sintirei [sic] se perdesse. Agora ha dois outros corr.^{os} q tenho faltado porq na verd.^e não tenho pod.^o p.^a q neste me não succeda o mesmo me anticipo a ora de elle partir p.^a te não deixar mais tempo sem carta A que me escreveste com data de 23 de Junho ja eu respondi, e foi a ultima q te escrevi agora respondo a q foi escrita em 14 de Julho, a qual te agradeço tanto mais quanto conheço que o estado da tua saude te faz penozo este exercicio. Todos os dias

¹ Repare-se existência de dous modelos de religiosidade cristám em conflito: um percebido como racionalista -sem ser, desde logo, deísta no caso da Condessa- e outro percebido como fanático.

² A leitura nom é segura.

estou receando/ não sei se digo bem/ estou dezejando que chegue o termo da tua prenhez, porq espero q seja feliz, e que tu hum poco mais acautelada te dês o tempo de te restabalescer [sic] tanto q.^{to} necessitas. Eu na verd.^e tenho passado bem mal; revezes assaz pessados; incoherencias que não poderaõ nunca esperarse em gente de bem que se alista de baixo das bandr.^{as} da amisade; mil semsaborias deq está povoada a nossa Lisboa; me tem malencolizado [sic] por extremo; a pezar de tudo forcejo q.^{to} posso por viver, porq entre o numero imenso dos estollidos [p. 1] e quasi vegetantes individuos, q me abaxaõ a cabeça, ha um punhado de bons coraçõens animados de virtude, de rectidaõ, e de discernim.^{to}, que me fazem justissa, e q trabalhaõ por me consolar, e por me fazer leves os meos pezados trab.^{os} p.^a Elles quero viver, e tu querida amiga, [ainda]¹ de longe tens lugar neste numero preciozo. Não me posso explicar, porq uma carta não he nunca um meio seguro/ ao menos pocas vezes o tem sido/ de fazer passar de um coraçãõ a otro os segredos d'importancia; porem tu sabes, q tenho negocios d'importancia summa, e que nestes posso ter encontrado contradicoens. Achalas não he novo; nem admira; porem sim he p.^a notar que ellas não só brotem em terreno improprio; mas q se cultivem, e até se semeem onde não ha aprarencia de nascerem. Exaqui o que não pode ver com indirerença uma alma educada com principios de rectidaõ, e que/ louvado seja D.^s/ não se poderia sopportar [sic] a si mesma, se se visse carregada dos remorsos que não poderaõ deixar de sentir [sic], os q não se governaõ pela mesma regra. Deixemos isto. A tua Leonor está em Almada com tua May: custame esta distancia, porq não a posso ver; mas sei que está boa, e q he o idolo da familia, assim como o encanto dos estranhos: o Duque me disse mil coizas, agradaveis a seu respeito, assim como me fallou de uma carta tua lindam.^{te} escrita; mas que soffregam.^{te} me não mostrou a q lhe escrevece Mad.^{me} de Kaunittz faz onra ao sexo, e he um rezumo das melhores, e mais judiciozas reflexoens, q se podem fazer no cazo lastimozo da tua familia, no acto da sua restauraçãõ, q tarda mais do q quizer a verd.^e [p. 2] a onra, e o credito da Naçaõ; mas em fim chegará, porq a Bellissima Raynha he um prodigio de bond.^e, de justiça, e de comprehençãõ. D.^s por sua Misericordia lhe dê[cempre]² em nossos dias sugeitos, q rodeem o Seu Trono como Anjos de paz &r.^a Estimo que o artigo da m.^a carta, sobre a goma elastica, podesse contentar esse não só poderoso mas illustrado Ministro³: espero ainda satisfazelo, melhor e darte o gozto de lhe fazeres talvez um presentinho judiciozo a este respeito; mas emquanto não posso cumprir, não gozto de me alargar a prometer. Pela primr.^a occasiaõ receberás tu um chapau de sol feito do tal oleado, emq te faley nessa carta: teve o dezastre de se roçar na vigem, e eu não intentei concertalo, porq como o presente não he derigido a otro fim mais que o de dar uma verdr.^a idea do modo, porq a goma se aplica sobre o tecido, aquelle mesmo defeito, serve de illustraçãõ ao texto. O Duque manda taõ bem ao seu amigo um par de botas, que eu lhe dei p.^a esse fim, mas tu não falles nisso ao Principe, porq seria perder a delicadeza da amizade, q me fez obrar assim. A dissertaçãõ partiu, e não sei como não tem chegado. Oje ja se faz tudo da tal goma o Conde da Atalaya⁴ mandou olear/ chamemozlhe assim/ capas de cellas, carapuças de rebuçõ, reguingotes e persuadome, q se o ministerio quizer uzar desta descuberta, e as arvores, que choraõ a tal goma forem em grande quantid.^e; promovendose a sua cultura poderia a tropa/ ao menos a cavallaria/ tirar um gr.^{de} partido contra as chuvas impetuozas do nosso clima As botas q o Duque mandará, foraõ ja provadas, e [estã]do⁵ [p. 3] m.^{tas} oras no Tejo não receberaõ agoa. Eu achoas groças e pezadas; e este mesmo deffeito foi o q disgoztou El Rey defunto; porem o chapau de sol mostra q este deffeito he m.^{to} facil de emendar; e que o maior, ou menor

¹ Entre linhas.

² Entre linhas: a leitura nom é segura.

³ Provavelmente o Principe Kaunitz.

⁴ António Luís de Menezes, marido da 3ª Marquesa de Tancos e 8ª Condessa da Atalaia.

⁵ Roto.

numero de demaons [sic] acrescenta, ou diminue., Até tem um bem esta manufactura, e he que a maõ de obra he de poquissimo custo, e q se deve fazer p.^a maior perfeição com summa ligeireza, de q rezulta vencer em poco tempo gr.^{de} numero de peças. Sempre q fallo nestas coizas me inflamo porq hade morrer comigo esta ancia deq a m.^a Patria seja tudo o q pode ser, e que naõ he só porq ainda naõ quizerão q fosse. Se tu souberas bem que opposição publica, e particular tem a Academia! Comtudo ella naõ só vegeta, fructifica. O Duque fez uma linda, e sensata oração verdr.^am.^{te} sublime; mas daquella sublimid.^e que reveste as obras da Natureza, tanto mais bellas, quanto mais simples. Poz com [sic] n'um quadro todos os trab.^{os} deste anno; a degradação foi excellente, todos ficaraõ contentes, e a R.^a deveria ficar mais, q todos. Deraõ se duas medalhas a duas memorias que se coroaõ ambas sobre a Agricultura. Tu verás na gazeta este cap.^o, q o castrioto¹ teve a confiança d'Alterar [sic] pozto que elle o atribue a othem. A Academia disse ao Publico, q aquellas memorias eraõ coroadas como as melhores, que tinhaõ vindo, e que pozto, que ellas tinhaõ duvidas, que com mais tempo seus Authores emendariaõ sempre dellas podia tirarse m.^{ta} utilid.^e, e eraõ dignas de attençaõ. Isto he poco mais, ou menos o q desseraõ querendo [p. 4] que o publico naõ os tenha por nimiam.^{te} indulg.^{ts}, pozto q nos principios de tais estabalescim.^{tos}, naõ he a virtude menos necessaria a da indulgencia². O Duque ate agora, assim como foi o movel desta grande obra, he a sua baze e o seu espirito. A Protecção da R.^a naõ tardará, talvez em se explicar, com obras; porem ate agora todas as despesas/ A expcepção de bem pouco/ sahem da sua bolça [da do Duque]³. Na verd.^e deste modo recahe sobre elle toda a gloria, q elle quer sempre tirar de si, e fazer recahir n'otros. Ditozos os que virem q recolheraõ o fructo; e achando o campo aberto, poderaõ correr por elle sem obstaculo. P.^a o corr.^o te mandarei uma tradução do Elogio de M.^{le} Muray [sic] à Emperatriz⁴: huma das tuas amigas o traduzio, e uma chocalhisse do Duque o fez imprimir, mas esta tua amiga, que já mais quiz aparecer como letrada, naõ quiz pôr o seu nome na coiza mais insignificante, que tem sahido da sua pena. Quando eu poder mandarte a filha vallida, tu julgarás se he fraqueza, ou razaõ quem me faz fallar assim com m.^a amiga, com quem seria ridiculo affectar modestia. O Elogio tem m.^{ta} coiza boa: na ordem naõ digo nada: tu tens olhos de ver tudo; e es capaz de julgar de todo mas a bella Imperatriz mereceu ser amada, ainda depois da morte, e M.^{le} Muray ha m.^{to} que tu fezestes, q fosse m.^a valida: creio q estamos entradas em correspond.^{cia} O Emperador esteve em sua caza, e sabendo q o Duque a frequentara, naõ se esqueceo de o obrigar [p. 5] falandolhe della, e do nosso chevalier com destinação. Oje espero aqui teus Irmaõs, virá taõ bem o velho Thio, como o Duque se chama a si mesmo: terei a jantar alguns amigos de letras, e o dia passará p.^a mim como um momento emquanto algumas das nossas gentes de calças, naõ acharaõ modo de o consumir. Ja sabes q morreu Joaq.^m Ignacio e q o seu lugar foi substituido por hum João Enriques de Souza, que era Escrivaõ do Erario, o que naõ sabes talvez heque o Estado ganhou m.^{to} nisto, e na verd.^e se naõ degenerar/ porq os lugares d'ordinario transtornaõ o character dos omens/ desempenhará a confiança, q sua Mag.^{de} fez d'elle. Esta soberana com toda a familia Real vai a 26 p.^a Maffra: estas digreçoens saõ uteis e talvez necessarias p.^a a saude d'El Rey. Já se justicaraõ tres dos principais facinorozos [sic], que tiveraõ parte no orrorozo crime do Navio sueco A Marinha esta funesta mas

¹ Félix António Castrioto (?-1798): foi redactor da *Gazeta de Lisboa*, e, responsável polo *Jornal Eiciclopédico Dedicado à Rainha N. Senhora e Destinado para Instrução Geral com Notícia dos Novos Descobrimientos em Todas as Sciencias e Artes*, publicado em Lisboa em Julho de 1779 e no período entre Junho de 1788 e Maio de 1793.

² Repare-se em como a Academia pretende aumentar o seu capital simbólico no campo científico português fazendo críticas às memórias premiadas.

³ Entre linhas.

⁴ *Idéa de hum elogio historico de Maria Theresa Archidukeza de Austria... escrito em francez por M. M*****; Lisboa: na Off. de Francisco Luiz Ameno, 1781.

devidam.^{te} bord.^a com os membros daquelles desgraçados monstros de servissia. Ainda restaõ quatro. Foraõ incriveis as delig.^{cias} [sic], que fez o cabeça p.^a se livrar; e a leivocia, com q p.^a isso lançou maõ de tudo, chegando a envolver nas suas respoztas nomes assaz respeitaveis; mas a Raynha pressistio [sic] firme em dar um exemplo ao Mundo, deq se não tolleraõ aqui tais crimes. Este omem era natural da America. O seu espirito inquieto o fez dar capitulos terriveis, não só de toda a Relação da Bahia; mas ainda do conde d'Atouguia, sogro da tua Thia; foise conhecer disto, e elle [por tais]¹ falcid.^{es} de q foi convencido, e por otras [p. 6] atrocid.^{es} foi prezo, e se conservou 22 anos em segredo apretad.^{mo} Protegia Pombal alguns dos seus parentes e fez instancia , porq se soltasse p.^a algum degredo; mas El Rey defunto nunca o consintiu; chegando a dizer q em sua vida nunca aquella furia seria desenfreada, porq devia a seus vassalos a segurança; ouvi q R.^a [sic] condenara un destes dias a mal entend.^a pied.^e de quem o incluira no numero d'otros, a q.^m não sei porq occaziaõ se tinha aberto a prizaõ. Tenho te dado bastantes novas: como tenho sido obrigada a interromper esta m.^{tas} vezes; não sei se ellas vão ordenadas.

Recebe tu mil respeitozas recomendaçoens do meu Conde, e levamos em conta as saud.^{es}, que oje teremos tuas nesta caza, onde sempre lembras com carinho Recomendanos taõ bem o teu dono da caza; e como espero q q.^{do} chegar, já terás mais um Oeyenhausen fazelhe um afago em meu nome. Mil memorias a M.^e de Thun. Se ella quisesse ter a bond.^e de me pintar a tua creança, teria eu o gozto de a ver, assim com [sic] fui presente aos passeios agradaveis, e aos deffeitos desculpaveis da caza de campo de que ella manda relação ao Duque.

A D.^s amiga, recados aos meus P.^{mos} D.^s tenha da sua maõ Anna d'Almd.^a p.^a q não largue a mascara, e tanto a aperte consigo, q lhe fique natural. Minha May te abraça, eu sou como sempre

a tua fiel amiga
T

[254] Lisboa 28 d'Agosto de 1781

Querida Amiga, receberás pelo mosso da corte huma larga carta que te escrevi a semana passada; a de oje será curta, porq me doe m.^{to} a cabeça. Sinto na alma a molestia de que te queixas nesta carta de 21 de Julho, e espero com impaciencia a certeza de que estas livre dos incomodos do parto p.^a o que já convidei, ja desafiei Mad.^{me} de Thun, e espero que ella me dê as tuas novas. As Peças Reais foraõ p.^a Maffra onde se diz que estaraõ, 15 ate 20 dias partiraõ D.^{mo}, e no sabado tinha baixado ao Des.^{go} do Paço um Decreto a favor do Marq.^z de Pombal, o qual ontem se deistribuiu aos Tribunaes: eu quizera mandarto; mas não sube [sic] que tal havia, se não as 10 da noite e ainda em taõ em confuzo; mandei fazer delig.^{cia} por elle; mas não o consegui, e so te mando as forças o mais rezumidas que he possivel. S. Mag.^{de} movida mais da pied.^e q' da Justissa perdoa ao Marquez a penna alfictiva que a sentença dada sobre o prosseço de seus crimes lhe impoem, em attençaõ as graves molestias que padesse sobre seus m.^{tos} annos; q' tudo lhe tira as forças p.^a vir suportar a penna dos seus delitos, e o manda degradado p.^a sempre p.^a fora da Corte 20 legoas deixando aos Procuradores Regios, e a todos os particulares o dir.^{to} de haverem por seus bens, a indemnizaçaõ dos prejuizos que elle tiver causado, e isto não só em sua vida mas durante os bens e as acçoens. Não se relata a sentença [p. 1] nem se especeficaõ [sic] os crimes; porem refere-se especialm.^{te} a resposta do libello, que

¹ A leitura nom é segura.

deu motivo a se lhe fazerem perg.^{tas} e a tirarse delle a devasa, em q recolhe a sentença: declara porem que elle lhe pedira perdaõ, e he um dos Titulos de lho conceder. Não posso fazer reflexoens moraes, e saõ ellas p.^a ti taõ escuzadas, como as politicas. Minha May te beja as maõs o meu Conde se poem aos teus pés: o nosso Duque vai bem; ontem o vi hum inst.^e, e me esqueceu darlhe o teu recado; mas não ficará sem elle até p.^a q me não argua de soffrega. A D.^{os}, m.^a querida, Esses P.^{mos} que la tenho pergunataõ por mim? Coitada da pobre Condecita d'Oeyras¹; mas ella engeitou até a m.^a compachaõ. Comtudo eu me lastimo n'alma ainda mais que dos seus trab.^{os} da fortuna q a meteu nelles. A D.^{os} sou a tua

Amiga
T

Poemme na memoria do Sr' Conde.

[255] Lisboa 11 de Setembro de 1781

Agradeçote, querida amiga o esforço que fazes por me contestar [não]² erras os meios totalmente, porque me daz provas de q a m.^a felicit.^e te interessa vivendo taõ dest.^e de mim, e cercada de tanto objecto capaz de te distrahir: Porem, a mesma distancia te embarassa entrar nos misterios da m.^a malencolia e isso faz com que lhe não possas applicar o remedio. Tomara eu poder fazer o mesmo q o meo P.^{mo} e estaria mais contente ainda do que elle. Tu, m.^a querida amiga, que me aconselhas a tranquilid.^e; vê se podes adquirila a respeito da tua filha, que por ora se conserva sendo o Idolo da familia, e p.^a tua May a unica consolação, que lhe resta. Se ella faltar, entaõ debes reclamala; mas emq.^{to} tua May viver, pareseme, que lhe debes deixar desfructar os unicos restos q tem teus. Ella tem de ti todas aquellas ideas de que he capaz. O teu retrato faz nella grande impreção, todos lhe fallaõ de ti como de uma peçoa de quem ella ha de receber todo o seu bem, e a q.^m deve m.^{to}, e todos lhe semeaõ no coração um sentim.^{to}, que lhe dará bem que pazer p.^a o futuro, que he o dezejo de te ver. Izabel Juliana³ vive, e foi educada entre gente sem principios, e sabe que seu Pay a sacrificou aos seus proprios interesses: isto não gera amor, e quando a natureza se estupora nos Pays não he m.^{to} que nos filhos se faça taõ bem inerte. Tu es[p. 1]tarás ja de posse d'otro f.^o quando esta chegar; e entaõ te será mais facil consolarte da falta desta, que tu sabes que vive, e que tudo conspira a roda della p.^a a ter contente. Tua Irmaõ está com a sua posto que lhe tem dado seus cuid.^{os}. Taõ bem se mostra satisf.^{ta} do seu Estado. Louvado seja D.^{s!} Se eu fallara contigo tinha mil coizas que te dizer, não fallando seccase a proza. O nosso Duque vai melhor; oje vou jantar com elle, p.^a ver umas pinturas que comprou de novo. Elle he feliz

¹ Maria Antónia de Menezes (n. 1764), esposa de Henrique José de Carvalho e Mello, filho de José Sebastião, 2º Conde de Oeiras e, posteriormente, 2º Marquês de Pombal.

² Entrelinhas.

³ Isabel Juliana de Sousa Monteiro Paim (Lisboa, 1753-Genève, Suíça, 1793): em 1768 foi forçada pela sua família a casar com o José Francisco Xavier Maria de Carvalho Melo e Daun, filho de José Sebastião de Carvalho Melo e futuro 3º Marquês de Pombal. A opposiçom explícita da noiva ao matrimonio e a sua negativa a consumá-lo, fijo com que a 15 de Agosto de 1771 Isabel Juliana seja recolhida no mosteiro de Santa Joana, e o matrimónio anulado por decreto de 18 de Junho de 1772. para, sete anos máis tarde, casar com o que era inicialmente o seu prometido, Alexandre de Sousa Holstein (1751-1803). Igual que Leonor de Almeida e a sua família, Isabel Paim foi tomada como um símbolo polos grupos antipombalinos (tanto contemporâneos como posteriores) que passaram a denominá-la a "sempre noiva". Esta perspectiva podemos vê-la em Pereira e Rodrigues (1904-1915), volume V: 374-376 in www.arqnet.pt/dicionario/paimisabel.html (última consulta 19.01.2004).

porque se basta por si, e porque trab^a por difundir o bem por toda a parte; porem pareceme que a sorte de Portugal ainda não merece a fortuna de o ver a testa d'alguma repartição, o que elle sem affectação estima dentro n'alma. A R^a sertam^{te} conhece o seu merecim^{to}, talvez conhece ainda mais que o seu revisso lhe fora não só util mas talvez precizo; porem o tempo da decizaõ ainda não está chegado, entre tanto...

Elle estima agradece, e merece o teu favor. Kaunitz conhecerá a m^a fizonomia pelo retrato que te vai assaz sem^e ao meu estado prez^{te}, pozto q alguma coiza mais avultado de feiçoens. O meu coração lhe pintará tu com [p. 2] boas cores, e as qualid.^{es} do meo espirito tem recebido [basto]¹ polimento do teo pareceraõ sempre melhor apresentadas por ti como coiza, que a amizade fez sua

Estou esperando todos os dias a noticia do parto da m.^a cunhada². Não sabes q boa fortuna que tivemos. Tem juizo e graça, e suma bond.^e Nenhum ressabio da familia, e um gosto de se fazer ao nosso modo, q/ aqui p.^a nós/ lhe faz bem, e que a faz ao mesmo tempo a amavel Dasse por felicissima, e na verd.^e o he, e occaziaõ de inveja p.^a as Irmans, que vivem com omens sem coração³. Está justo o cazam.^{to} de Manoel da Cunha o meu parente com a f.^a do Conde das Lumiares⁴, nossa prezuntiva erdr.^a: Foraõ uma caza imensa He o q convem pr.^a o estabelescim.^{to} do particular, mas p.^a o publico não he certam.^{te} conveniente; e p.^a o gosto pode ser bem arriscado. Sabes que a m.^a malencolia tiro o bem de me consolar da m.^a esterilid.^e? os meus f.^{os} podiaõ cazar sem escolha, e serem desgraçados pelo cam.^o, porque deveraõ ser felices. Minha May te beja as maos o C. offerece aos teus pés os seus resp.^{tos}, e ambos fazemos os nossos cumprim.^{tos} ao teu agradecendo a ambas V.Ex.^{as} a boa tutoria que tem feito aos meus Primos, a q.^m ja escrevi: suas m.^{es} recolhemse 5.^a fr.^a de Mafra nesse dia darei os teus recados. Fallarei com a A: a respeito do que tu dezejas, e veremos se pode negociar [p. 3] alguma coiza o que eu m.^{to} estimarei; por todas as razoes mas nada me promete, porq o costume he uma Divindade entre nós m.^{to} venerada. As m.^{as} cantatas não me parese que prestaõ [sic]; ao menos sem se dizer que foraõ feitas na m.^a pr.^a idade, não devem aparecer, e agora estou fora do uzo de escrever em Italiano e por isso incapaz de as corrigir. A nececid.^e de folhear coizas d'otro furo, me tem estragado o gosto: com tudo tempo virá em que a tua amiga mostre q não viveu ocioza. A D.^s m.^a joya, estou desconfiada porq me não fallas em M.^{me} de Thun. Sabes que me faz falta? não sei q presentim.^{to} oculto tenho deque ainda heide ver essa gente. He quazi impossivel; porem pareseme ás vezes q me succede: tanta he a força da imaginaçaõ. O Emperador deixa por toda a parte monumentos da sua gloria por q não vem elle cá? mas faz bem: A D.^s m.^a querida Oyenhausen.

Vimr.^o

¹ A leitura nom é clara.

² Maria Margarida Josefa Xavier de Lima (15.05.1757-20.11.1820), casada com António José de Melo, 4º Senhor de Vila Verde de Ficalho. Foi mai dum filho (Francisco José de Melo Breyner Teles da Silva, 2º Conde de Ficalho) a 17 de Outubro de 1781.

³ Margarida Josefa de Lima tinha três irmãs: Maria Ana Josefa (1753-1818), Maria Joana (1755-1834) e Helena Josefa (n. 1756), casadas, respectivamente, com Rodrigo Xavier Teles Castro da Gama, 6º Marquês de Niza; Pedro de Lencastre da Silveira de Castelo Branco Sá e Menezes, 5º Marquês de Abrantes, e José Maria de Assis Mascarenhas, 4º Conde de Óbidos.

⁴ Maria do Resgate Carneiro Portugal da Gama Vasconcelos Sousa e Faro, 3º Condessa de Lumiares (1771-1823), casou em 1783 com Manuel da Cunha e Menezes e em 1793 com o irmao deste Luís da Cunha Portugal e Menezes. Foi, efectivamente, a herdeira do Condado do Vimieiro, absorvido pola casa de Lumiares ao morrerem sem descendência tanto o 4º Conde (Sancho de Faro) como o 5º.

⁵ A leitura nom é segura.

Querida amiga quanto me obrigão as tuas cartas em tais circunstancias escritas! bem to merece o cuid.^o que me debes e o interesse comque espero a noticia do teu bom successo. Espero que com elle convalesças de todo, e será percizo darte algumas treguas p.^a poderes crear melhor o teu f.^o e gozares do gosto de o ver crescer. Leonor he um encanto, e aos meos olhos certam.^{te} he mais que bella; mas a sua formosura he toda Grega As feçoens são m.^{to} marcadas, e a graça, que acompanha em todos os seus movim.^{tos}, he extraordinaria. A tua Sobr.^a passa por formosa; a mim não mo paresse, pozto que he m.^{or} do q foi seu Irmao porq he menos amortecida; mas tem o cunho da casta de seu Pay, o q alguma coiza me desanima. Teve grande perigo; mas está livre, e criase agora m.^{to} bem. Teu Pay esta bom, e teus Irmaos o parecem a Ribr.^a divertese e tira todo o partido do seu genio, e tua May está tão amiga d'Almada, que nada a tira de lá. Eu oje estou tristissima, porq m.^a May vai p.^a Serpa assistir a m.^a cunhada, e faz tenção de lá se dilatar algum tempo; e ainda q me consola, q os que la estão a possuão, sempre me custa estar tão dist.^e, e não poder seguila. Este he um dos motivos, porq te não mando este correio *a amostra da cambraia*¹; e tão bem porq acho bom prevenirte antes de ta mandar. Eu receio não te servir bem, porq a m.^a vista, não me deixa perceber a iguald.^e dos fios, e como por conta disso [p. 1] não estou costumada a fazer escolha deste genero, pode ser que mande alguma, que te não sirva p.^a o intento; com tudo eu procurarei servirte, e contentarte. A m.^a saude he assaz debil, a respiração padesse; mas talvez são os hippicondrios² q.^m me dão que soffrer trab.^o quanto posso por distrahirme, e como durmo m.^{to} pouco, levo as manhãs lendo, e achome melhor do que fallando, pois que raras vezes sou entend.^a ou eu entendo. Tenho lido mil vezes a tua carta de 18, e a toda a m.^a familia; e todos nos sintimos possuidos d'um certo enthosiasmo, pelo feliz soberanno, que o sabe ser. Não te he difficil adivinhar quem seja; estando todo o mundo com os olhos nelle, e sabendo elle por tão bom modo defundir no coração de cada individuo, capaz de avaliar o bem, uma tal veneração ás suas virtudes, que parece leva comsigo de mistura alguma porção d'amor á sua Peçoa. O modo gracioso, com q' m.^a Prima recebeu a onra de ser apresentada a sua Mag.^{de}, prova quanto eu digo. Esse Monarcha sabe avaliar a o [sic] bem da vida, e gosta de viver, porq' não desperdiça os momentos soaves q' fazem agradável a existencia. Mas esse facil accesso que os Estrangr.^{os} encontrao na sua presença, não nos inspirara tanto respeito, se não fosse um accessorio de otras virtudes essencialissimas ao seu character soberano. Que não fez no Payz baixo? que Pay de familia entra mais miudam.^{te} na administração, que lhe incumbe? que May carinhoza pode cuidar mais eficazm.^{te} na fortuna dos seus f.^{os}?³ a affabilid.^e he huma grande qualid.^e nos Principes; mas a constante applicação ao trab.^o, he que os faz grandes, e capazes de derramar a felicity sobre os seus Povos. Não me admira [p. 2] que o nosso bom Duque seja tantas vezes assumpto das suas conversações. São dignos um do otro: nem sua Mag.^{de}, uma vez que abrio o seu coração as impreçoens da umanid.^e, e da Philozofia, pode ser indifferente p.^a o merecim.^{to} de um omem que elle viu igual em todos os lances d'uma serie de 22 annos. Eu fallo assim, porq' quero fazer o elogio do Emperador, e querendo dizer alguma coiza do Duque digo que quanto pode caber de ternura, e verdadr.^o interesse pelas filicitys de um soberano no coração de um particular, o tem elle cultivado no grão mais sublime p.^a com esse *soberano omem*/ como elle lhe chama/ o qual em imagem vem m.^{tas} vezes

¹ «Tecido muito fino, translúcido e levemente lustroso, de algodão ou de linho, us. em lenços, adornos, roupa íntima feminina etc.».

² O m. q. «hipocôncrios»: «cada uma das duas partes laterais e superiores do abdome, separadas pelo epigástrico».

³ Repare-se na adesom de Mello Breyner ao despotismo iluminista e a típica comparaçom dos Reis com uns pais e dos vassallos com os seus filhos.

trazido por elle as nossas conversaçõens; e prezide nellas como nas de Viena. Á vista do seu retrato nos conta o Duque mil lances da sua activid.^e, da sua penetração, do seu raro talento p.^a aquelle officio, q taõ pocos acertaõ, isto he governar omens. Por este modo faz [elle]¹ amar, áquelle de q.^m he amado; por este modo nos transporta mil vezes ao Norte; e eu estou ja taõ costumada á viagem q me parese taõ bem serei da partida na primr.^a occaziaõ em que tiveres a fortuna de ver a sua Mag.^{de}, assim nos podessemos ver rayar a Esperança de o ver reproduzir os seus proprios f.^{os}!

Fallemos taõ bem de nós. O Comercio d'Azia esta florecent.^{mo} neste seculo, a caza da India tem rend.^o p.^a a R.^a somas considerabelissimas, esperamos cada dia que succeda o mesmo a respeito d'America. A guerra podera darnos ainda maiores ventagens, suporta a nossa situação favoravel, e a neutralid.^e [p. 3] que tanto nos facilita o comercio; porem estavamos desacostumados do comercio activo, e isso faz comque ainda naveguemos p.^a portos desconhecidos, como creanças, que apenas largaõ os andadores. Comtudo aqui se fazem baldeaçõens importantes. O nosso arroz d'America vai se fazendo um genero m.^{to} proveitozo, e a Praça não deixa de tirar lucro da sua importação p.^a o Reyno, na prezente conjuctura comtudo os generos [da pr.^a nececid.^e]² p.^a nós não abarataõ não obst.^e ter sido a colheita favoravel este anno; e todos os de comod.^e ou fausto estaõ exorbit.^{es} vai adiante com gr.^{es} progressos o estabalescim.^{to} de Cast.^o para a Pobreza faz gozto ver tanta gente aproveitada em taõ poco tempo, assim como allegra, e poem em segurança e illuminação da cid.^e, que está m.^{to} adiantada. Do rio e de qualquer dos montes, que se observe faz a mais linda vista que he possivel. Cintra está abitada de inumeraveis familias, e os Estrangr.^{os} cada vez mais encantados della Se o Emperador tivesse cuirosid.^e de ver a mais bella obra da Natureza, naquelle citio, talvez que taõ bem ficasse mais contente de nós, que não somos taõ máos como nos fazem. A governante dos Principes d'Inglaterra, q tem aqui estado assistida magnificam.^{te} pela tua carta, à manhaã será apresentada a sua Mag.^{de} e Altezas Ella diz mil bens do Payz, que lhe resuscitou um f.^o a q.^m em Inglaterra, não prometiaõ dias de vida. Vai bom, gordissimo, e deveu este beneficio ao uzo da agoa das Caldas [p. 4] esteve em Cintra, e falla naquelle paraizo com todos eu fui lá um destes dias, e avivaraõse as saud.^{es} que sempre me devez *la se vive a di speme la languiva inssiene* e tu pui lá se mai ti soverrai di me³. Ja partio p.^a Inglaterra o M.^o d'Olanda: e no primr.^o d'Outubro parte D. Diogo p.^a Roma⁴ havendo de invernar em Pariz. Qualquer dia vai taõ bem p.^a governar a Ilha da Madr.^a D. Diogo Pr.^a Forjaz⁵ O Meu Primo Franc.^o da Cunha⁶

¹ Riscado.

² Entre linhas.

³ «Qui si vivea di speme:/ Lá si languiva insieme:/ E tu chisase mai/ Ti soverrai di me», Metastasio: *Rime*, Canzonette -«La partenza» in www.bibliotecaitaliana.it/dynaweb/bibit/autori/m/metastasio/cantate/@GenericBookView/5916.pt=5916:lang=pt (última consulta 19.01.2004).

⁴ Diogo de Noronha (1747-1806), 3º filho do Marquês de Angeja. Em 1781 foi nomeado embaixador em Roma, em 1799 recebeu o título de Conde de Vila Verde, e, desde 1804, ocupou o lugar de secretário de estado do Reino, para além de assumir a secretaria de estado dos Negócios estrangeiros. Segundo explica Leonor de Almeida (Cidade, 1941: 59-72), a nomeação do seu marido como Ministro Plenipotenciário para a Corte de Viena em 1780 foi feita em contra da opinião de Angeja, que pretendia o cargo para o seu filho Diogo.

⁵ Diogo Pereira Forjaz Coutinho, foi governador e capitão-geral da Madeira desde Setembro de 1781 até Março de 1798 (in www.ceha-madeira.net/elucidario/f/for7.htm, última consulta 19.01.2004). A Forjaz Pereira «é atribuída a transformação da residência [do Governador da Madeira] em Palácio [...] associado ao desenvolvimento do Hospital da Santa Casa de Misericórdia do Funchal, notabilizou-se igualmente pelas tentativas de reorganização da defesa insular e reparação das fortificações" (in www.ministrodarepublica-madeira.pt/historia_palacio.htm, última consulta 19.01.2004).

⁶ Membro da família dos Condes de Lumiares foi nomeado Governador e Capitão-Geral de São Paulo em Março de 1782; desde 1789 ocupou o lugar de Governador da Índia «e não Vice-Rei, devido a não detentor de título nobiliárquico». Em 1794 «regressou a Portugal promovido a Coronel do Regimento de Campo Maior, no Alto Alentejo», in www.arqnet.pt/exercito/menezes.html (última consulta:

q esta nomeado governador de S. Paulo, ainda se não sabe quando p.^{te} ha q.^m diga q a demora se encam.^a a dar tempo a que finde o Marquez de Valença o [tempo do]¹ seu governo, p.^a então hir rendelo, melhorando assim de fortuna. Elle he capaz, e paresseme que certam.^{te} desempenhará bem qualquer dos dois governos p.^a o Estado seria mais util que elle fosse p.^a S. Paulo onde certam.^{te} he necessario um omem q tenha activid.^e estudos genio e constancia p.^a tirar aquelle estado do abatim.^{to} a que o tem reduzido a incuria de m.^{tos} que la tem hido sem saberem porque , nem p.^a que; porem p.^a o pobre Cunha he melhor a Bahia ate porq lhe serve de escala p.^a o Rio de Jan[r.º]² Não sei se já te disse que estava ajustado o cazam.^{to} da m.^a parentinha Lumiare com M.^{el} da Cunha: farão huma caza avultad.^{ma} mas não sei se a paz será o maior bem do cazal. Com tudo ha omens que gostão de ser *maridos*, e p.^a isso he bom crear uma creança a seu geito começo a consolar-me de não ter f.^{os} quando me lembro que chegaria uma id.^e em que fora percizo [sic] entregar uma f.^a a um verdugo. Não sei se ha mais que te diga não sendo o fenomeno inesperado da sensibilid.^e do nosso Nuncio, q he falecid.^o [p. 5] e ha toda a probabilid.^e de que disgoztos [sic] o poceraõ em estado de não poder resistir a noticia de que seu Pay estava espirando com effeito apenas leu a carta affligiose por modo que em pocas oras espirou. Taõ bem os Pantalones³ sabem morrer, de quando em quando. Tenhote dado novas como um gazetr.^o faltame diserte, que todos me perguntaõ por ti, e que não esquesses no Paço onde eu vou pocas vezes, porq a m.^a saude, e otros embarços me tiraõ a possibilid.^e de frequentar aquelle citio. Suas Mag.^{des} recolheraõse de Maffra com saude. Estiveraõ a 15 no conv.^{to} do Sacram.^{to} cheias de affabilid.^e como tu conheces, e ate os S.^{tos} creio que não mudaraõ da rezid.^{cia} de Queluz. Recomendame ao Snr' Conde, a meos P.^{mos}, a q.^m escrevi, e a M.^e de Thun mas supponho q se perderia a carta porq me parecia que ja cabia no tempo falares-me nestas cartas. Aceita mil recomendaçoens de m.^a May; mil obzequios do meu Conde, e do Nosso bom Duque a q.^m sempre dou os teus recados. Elle esta restituído; mas eu temo a chegada do Inverno, e como elle está taõ distante da m.^a morada vernoshemos menos vezes nesse tempo, que pelas chuvas e pela falta de reparos he tormentoza em Portugal. A D.^s querida Oeynausen [sic]. Amate como sempre

a tua
Vimr.^o

[257] Lisboa 2 d'Oitubro de 1781

Minha Oeyenhausen, quanto me obrigas com a repetição das tuas cartas em tais circunstancias: e q.^{to} me lizongea que me não retardasses o gozto de saber a destinação que recebeste da Gram [sic] Duqueza! Tudo meresses; mais he certo, q não basta m.^{tas} vezes o merecim.^{to} p.^a conseguir o que de justiça talvez se deva. Tenho p.^a mim que te importa m.^{to} cultivar a Amizade daquelle p.^a quem haõ de hir as declaraçoens da goma &r.^a, e D.^s to avivente Eu não posso oje escrever m.^{to} tenho m.^{ta} dor no peito, e isso me obriga a separar desta applicação. Recom.^{dame} aos meus P.^{mos} e ao Snr' Conde, e dizeme se recebestes uma carta com otra p.^a M.^e de Thun, emq.^m ja me não falas Acabouse a amizade? A tua gente está boa e teus Irmaõs por aqui passaraõ ontem p.^a verem o Theatro de Frederico: eu não estava em caza, estive com tua Tia a Atouguia, q sempre

19.01.2004).

¹ Riscado.

² As beiras estão deterioradas.

³ «O bobo nas farsas italianas; pantaleão».

[p. 1] falla em ti com carinho, e te prefere m.^{to} a tua Irmaã a qual na verd.^e se esquece m.^{to} della. A D.^s m.^a amiga he percizo largar a penna m.^a May está em Serpa, e qualquer dia será Avó se ja o não he. Eu sou

a tua fiel amiga
T.

Mil respeitos
do meo Conde
Oje parte D. Diogo¹ vai invernar a Pariz.

[258] Lx.^a 9 de Oitubro de 1781

O corr.^o passado não recebi novas tuas mas tua Irmaã mas deu, e com isso me contento, compadecendome do trab.^o em q te considero. Dezejo, querida amiga, que estejas livre de todo o q pode arrinarte [sic]², espero que o teu f.^o te contente m.^{to} a m.^a saude não melhora, e vamos assim matando o tempo ou sendo morta por elle. El Rey escapou com o menor incomodo possivel de uma grande queda, q deu em carruagem. Apenas fez uma contuzaõ na cabeça, a qual se vai curando felizm.^{te}, e as sangrias que foi obrigado a tomar, lhe fizeraõ gr.^{de} beneficio toda a mais familia Real passa bem A R.^a deu a Sr.^a Inf.^{ta} de colgadura uma duzia de leques ricos, e preciosos pela novid.^e das varetas. O Principe uns [cadados esping.^{tes}]³[p. 1] d'agoas marinhas, pedra q anda agora m.^{to} em moda, guarnecidos de brilhantes e tu bem sabes que estas colgaduras saõ só lances de carinho, e não de magnificencia: ouve serenata, a que ja El Rei foi assistir incognito, para estar sem cabellr.^a O C.^{de} de S. Lourenço⁴ foi precipitado com sua Mag.^{de}; mas livrou igualm.^{te} bem. O Emperador mostra bem q he bom cheffê de familia pois que ajustou o cazam.^{to} de seu sobrinho com tantas vantagens p.^a o futuro: q.^e importa ser Rey, ou Principe o Pay da noiva? O sangue he bom; a dotte o fará, e a grandeza, e a grandeza seu Marido lha comunicará a seu tempo; não saõ estas as verdr.^{as} ideas proporcionais às nossas entre razos, e Titulos? Vá de cazam.^{tos} A Viuva de Joaq.^m Ignacio cazou dizem q entregou com a sua Maõ ao novo Espozo a administração de huma caza que tem de fundo mais d'800\$000 [p. 2] mil cruzados. O noivo nada tinha, e achouse de posse desta fortuna, sem lhe custar mais q prestar o seu consentim.^{to}: era o sobrinho de Mig.^l d'Arriaga. Tua Irmaã tem tido seus disgoztos cazeiros, q se encaminhaõ a uma separaçãõ. Ella esta m.^{to} paga do modo, porq o marido segue o seu partido: elle⁵ começa a fallar. O Nosso Duque passa bastantem.^{te} bem, e cada vez mais amigo do seu retiro, recebendo sempre que aparece, mil demonstraçoens de q.^{to} he aceito á sua soberanna Elle he verdr.^o amigo do Emperador, e por isso sempre, q as revoluçoens q S. Mag.^{de} tem feito nos seus Estados assustaõ a uma certa ordem de gente, achaõ nelle não um deffençor, porq não he percizo; mas um expozitor illustrado. Minha May está em Serpa esperando o nascim.^{to} do seu Neto, e tendo o gozto de ver acabadas todas as questuens domesticas, e tudo na [p. 3] melhor armonia. A minha cunhada tem feito maravilhas; acertamos com um bom character, e com as suas boas acçoens se dissimula a falta de formozura. Bem vez quanto está a terra falta de novid.^{es} pois que taõ

¹ Diogo de Noronha, já aludido na carta anterior.

² Por *arruinar*?

³ Leitura pouco segura.

⁴ António Maria de Mello da Silva César de Menezes (29.01.1743-04.06-1805), 1º Marquês e 5º Conde de Sabugosa e 7º Conde de S. Lourenço.

⁵ Ou *ella*?

pocas te mando. A nossa ociozid.^e nos conserva e talvez, nos cubra de balor. A D.^s recebe mil expreçoens respeitozas do Conde, e faz ao teu m.^{tos} cumprim.^{tos} da m.^a p.^{te} Sou a tua fiel

T

A tua Leonor está boa
Oje foi tua Irmaã a Almada
onde tua May está fixa

[259] Lisboa 29 de Oitubro de 1781

Ontem recebi a tua carta de 22 de Setembro, o gosto de ver a tua letra foi, m.^a Cond.^a, igual ao q me deu a noticia do teu feliz parto, que tanto agradeço a M.^e de Thun. Estimo n'alma q a tua nova f.^a se conserve; a primr.^a he d'uma rebustez incrível. Esteve cá estes dias porque tua May veio a Lx.^a/ mas ja tornou/ nestes dias a vi as mais vezes que pude, para te dar miudas novas suas. Tem todas as graças, q pode ter uma creança vivissima, sem que a viveza a faça impetuoza. Não chora, e mostra o coração mais sereno, que se pode dezejar. Olhos e sobrolhos ninguem os tem melhores. Tem alguns movim.^{tos} na boca q trazem á memoria seu Pay, e taõ vivam.^{te} como se delle os estudara; quando se ri fica m.^{to} engraçada, e nos meos olhos nada tem perd.^o, nem perderá da sua formozura gigantesca. Teus Pays morrem por ella, e tua May não podera viver sem ella. Mas o o retrato que intentaõ mandarte he uma mizeria assim como o meu, porq não temos cá pintor. Agradeçote a promessa que me fazes do teu e do da tua f.^a mas entre nós, minha Amiga, não faças despezas desnecessarias/ perdoame tocar neste cap.^o/ eu verei o retrato, que tem tua Irmaã m.^{tas} vezes e imaginarei o da menina, e se viver algum dia verei uma e outra. Eu passo m.^{to} mal: trab.^o quanto posso por me entreter, e distrahir; canto, danço, escrevo, leio, mas estes esforços, que faz a machina por servir a razaõ não me affastaõ nada do ultimo ponto, antes talvez me empurrem p.^a elle. O teu carinho, minha amiga, he p.^a mim um thezoiro [p. 1] e os sentim.^{tos} do teo marido a meu resp.^{to} lizongeaõme igualm.^{te} e ao Conde. Os Portuguezes ou nunca foraõ ou ja não são siozos. Minha May recebeu a tua carta e creio lhe respondeu, pelo q me disse, ella está agora em Serpa, onde lhe farei este mesmo correio avizo do q me dizes. Minha cunhada teve um f.^o gig.^{te}, e taõ fortem.^{te} grande, que se julgou não podia nascer, sem socorro estranho. O bom Frary fez a operaçaõ sem nenhuma molestia da May e tirando o f.^o vivo, e sem deffeito, depois de des dias successivos de dores, e 22 horas de trab.^o Ambos se conservaõ excellentem.^{te}, e o nascim.^{to} deste rapaz tem dado um gosto geral à familia, unindo, e acabando todas as dessençoens domesticas. A fraqueza da m.^a cabeça não me soffre applicaçã. Pelo modo porque me fallas, creio q A: d'A¹ te tem dado que fazer sempre o recceio porq hum Philosopho dizia q *sua May não podia fazer parir a quem não podera conceber*. Consolame, porem a consideraçaõ *de que todo el mundo es como la caza nuestra* e que ella não poderá fazer tanto mal no concerto das Naçoens, como tu nos tens feito bem. Tua Irmaã te dará conta dos nossos divertim.^{tos} em tudo/ graças a D.^s/ fazemos figura de pailhasse². Suas Ma.^{es} conservaõse em Queluz: ElREy vai bem, e a sempre amavel Raynyha, prossegue com saude nas suas Tarefas. As da Academia vaõ adiante, apezar de toda a oppo[p. 2]ziçaõ publica e particular, a R.^a mostrou hum destes dias gosto de algumas descobertas economicas, que se tem feito, e

¹ Ana de Almeida.

² *Palhaço* documenta-se em português pola primeira vez em 1789, segundo o Houaiss. Forma francesa?

uma dellas he sobre a goma de peixe, genero de tanto consumo, e que nos fazemos, e podemos ter em abundancia gr.^{de}

O Duque tornou aos banhos que tinha suspend.^o com prejui-[sic]¹ seu, e fezlhe bem repetilos. Eu não posso ver inconveniente em que lhe escrevas, e m.^{to} mais depois de já o teres feito otras vezes. He certo que elle está vivendo m.^{to} retirado, e q mesmo aqui quazi não apparese já, senão de passagem. Este retiro he um effeito do seu genio applicado, e tanto mais Philozofico, quanto he bem tratado pelas Peças Reais, em cuja presença sempre he bem vindo. O meu Conde taõ bem vive na sua Torrinha. Eu sahio, porq o estado de malencolia a que tenho chegado pede de mim este methodo, assaz insípido p.^a o meu modo de pensar. A D.^s m.^a sr.^a Conservame a tua amizade, e se esses Pr.^{os} se lembraõ de mim dalhe recados meos. Tenha D.^{os} á sua vista esse Velho Breyner. Se era onrado, como dizes, sempre se perde nelle um omem; mas tendo tanta id.^e estaria naturalm.^{te} falto de vigor p.^a dezempenhar os seus empregos. Dizeme se entre os dessa familia foraõ bem recebidos os Menezes. Temseme metido na cabeça q não são as peças do maior talento os taes m.^{os} parentes. Ainda bem que se não nos pegou esse mel, se na verd.^e ha. Abraça por mim a tua f.^a e delá quer hir p.^a Alem.^a com a Vimr.^o

P:S: Vai carta p.^a M.^e de Thun. Amanhaã celebraremos os teos annos em caza d'Atallaya onde nos juntamos todas as quartas fr.^{as} ha muzica e dansa.

[260] Lisboa 30 Novembre 1781²

En attendant la troisieme lettre que vous avvez bien voulu m'annoncer, j'ai differé M.me, la reponse de precedentes Mais cette troisieme, si elle est déjà sortie de vos mains, elle se promene encore par de beaux chemins, puis que je ne la'ai [sic] point recue [sic]. S'en doute [sic] pour tant, puis qu'il a tant de verite dans ce jolli [sic] proverbe *L'omme pose, et Dieu dispose* Hereusement je ne me suis pas trompée dans mon atteinte, et vous, treis aimable contesse, vous avvez acompli mes souhaits d'une façon bien obligeante, comme se [sic] j'eusse, quelque droit a recevoir de vous toutes les belles nouvelles, que vous me donnez de notre amie. Ne vous repentes pas, Madame, de m'obliger ainsi, et soiez [sic] persuadée de ma sincere gratitude.

Notre cher Duc se porte un peu mieux a present; mais il nous á donné bien d'inquietude par raport [sic] a sá santé, qu'il neglige chaque fois plus. Je pense qu'el [sic] ne laissat pas echapper le moment de vous ecrire; et j'ai lieu de le croire par cela meme, q'en lisant vous deux lettres il ne me charge pas d'aucune comission pour vous. C'est par etude qu'il le fait, pour ne pas confier d'une autre main, que la siene [sic] les expretions de ses sentiments pour ses amis de Vienne. A Dieu Madame; portez vous bien [p. 1] Et jouissez de tant de beaux divertissements, que la saison vous ofrirá, dans des sirconstances aussi interessantes, que agreables, et croyez moi pour toujours la plus attachee de vos amies, de meme que je

suis la plus fidelle de vos servantes

de Vimieiro

¹ Final de linha.

² Endereçada a Madame de Thunn.

Passaraõ dois corr.^{os} sem eu te escrever, disto podes argumentar m.^a Oeyenhausen, como a tua amiga tem passado afflita, e doente Oje estou ainda com m.^{ta} dor no peito, e na cabeça e por isso direi pouco. A tua chaga hade callejar com o tempo, e fora crueld.^e bullir nella. Tu dissestes na força da tua dor quanto basta a provar qual he o fundo de Religiaõ, que te occupa; e uma resignaçã sem.^e he o meio mais seguro de adoçar os nossos males: males necesarios, e quazi inevitaveis neste mundo em que D.^{os} noz poz Estes mesmos males, q a nossa sinsibilid.^e avulta, virá tempo, emque a nossa razaõ menos preocupada os repute verdar.^{os} bens. Eu começo a consolar-me de não ter filhos e p.^a o conseguir he preciso soffocar a voz da natureza, e fechar os ouvidos a todos os arrezoados do sentir comun Hum individuo mais ou menos no mundo, emq.^{to} não existe he objecto que o sistema prezente não contempla; eu sou um atomo em comparaçã de todo o resto p.^a ter a presumpçã de discorrer m.^{or} viver he o que importa, e viver bem he o q he necessario Isto he q.^{to} o meu juizo persuade ao meo coraçã; feliz eu se elle for docil a taõ boa doutrina. A tua ultima carta, que trazia outra p.^a Chellas, tem tres pontos a que devera responder, porem os dois não levarã tempo, porq dependem de tanto do primr.^o, que sem este se dicidir; não fazem vulto. Queres tu que eu proceda a facilitar os meio de sahir de chellas a Mariana¹, e depois a pôla em viagem mas primr.^o, que tudo queres q eu sonde o seu coraçã, e q só sendo elle como tu o deixastes, lance maõ da empreza! Querida amiga [p. 1] como se conhece o coraçã omano [sic]? eu tenho me enganado com tanta gente depois de m.^{tos}, e m.^{tos} annos de trato, que me não posso lizongear de fazer este exame [-----]² em pocos minutos de tarde em tarde, pois q passou o tempo em q eu hia a chellas todas as semanas. Tu queres nisto segredo e desse modo não posso valer-me dos otros p.^a me informar. Tua May teria nisto mais facilid.^e, e talvez descobriria melhor o campo, e eu faria quanto podesse por ajudala; porem eu não posso falar-lhe nisso porque respeito o teu segredo. Para persuadir a rapariga nenhuma eloquencia he necessaria; tua Irmaã me disse ha m.^{to} mais de hum mez que ella o pertendia, e que tu o querias, porem eu não vejo o modo de ella sahir com decencia, e menos ainda se embarcar com ella. O tempo pode variar as circunstancias, e ser facil p.^a o anno o que agora se nos representa impossivel; mas he certo q por ora o mesmo Ministerio não o consintirá. Ella escreve-me p.^a proteger um Requerim.^{to}, que tem. He rizo fallarme em protecçã de Requerim.^{tos}, porem levar as suas vozes a caza do Bisconde, isso posso eu fazer, e com m.^{to} gozto depois que [sei]³ faço nisso as tuas vezes; no mais sem seg.^{da} ordem, nada adianto, nem lhe mando a carta, para não acrescentarlhe desinquitaçã [sic]. O defluxo não me deixa escrever mais Recomendame ao teu Conde; o meu se offrece aos teus pés, e da tua gente nada sei porq desde q estou mais doente não me vem. De Serpa tenho boas novas. O Duque passa agora bem, e do publico fallaõ as gazetas. A D.^s m.^a Condeça tu bem conheces melhor q ninguem

a tua Vimr.^o

¹ É provavelmente a mesma rapariga aludida em «Lisboa 4 de Março de 1782».

² Entre linhas.

³ Idem.

Tenho dó de ti, amiga querida, se saõ só as m.^{as} cartas as que te poem á vista o nosso orizonte. Elle anda perturbado com chuvas, e escurid.^{es} tormentozas. O Tejo começa a correr barrento, estalla a barra com o furor dos ventos; mas os q estamos em terra, apenas nos inquietamos com a possibilid.^e dos naufragios: tanto he bom não engolfar n'um pego invariavel, e incerto! Os nossos conquistadores d'Asia eraõ menos prudentes, porque atravessavaõ tanta imensidade [naves]¹ sobre embarçaõens , que podiaõ chegar a Almeirim.

Deste principio de carta vez tu que estou com viva imaginaçaõ de Ode, pois q as transiçoens, e as pinturas ocupaõ ja quazi doze regras, e não tenho dito nada. Com tudo os sequazes das Musas, assim como vem mais, q todos, assim taõ [bem]² ás vezes entendem, a lingoagem das ondas e o susurro dos ventos. &r.^a Ora va de gazeta, e começamos por caza sabado profeçou nas Grilas a m.^a Prima Marg.^{da3}, eu ando doente, e naq.^{le} dia estive ainda mais doente por essa cauza não fui testemunha da edifficaçaõ, que deu a todos os assistentes. O Demo sempre faz das suas nesse mesmo momento, em que ella se votava sollenemente á clauzura &r.^a entrou pella barra dentro João da Camera, que vinha de governar a Ilha da Madr.^{a4}, e deq.^m se dizia [sic]/ valha a verd.^{e/} que era pertendente da vitima que ja achava immolada: A reflexaõ não he minha, porque seg.^{do} [p. 1] o meu antigo costume, vivo neste mundo por dispençaçaõ; mas a combinaçaõ dos momentos deu nos olhos a todos, e se o vieira [sic] não estivesse taõ occupado, ainda com as cinzas da sua linda D. Ignez, tinhamos seg.^{da} novella em trova, pelo mesmo author⁵. Morreo ontem a nossa velha Tia Ignacia de Rohan, a concorrência dos annos da Sr.^a Inf.^{ta} D. Mariana Victoria, fez q. se passasse de gala o primr^o dia do seo funeral. Temos tido aqui uma *Marq.^{za} de Laencomienda* dizem que m.^{er} m.^{to} rica, e amiga de gastar bem o seu dinheiro; por essa occaziaõ tem os Embaxadores de Espanha andado em grandes divertim.^{tos}, e uma destas noites tiveraõ um baile em pequeno circulo que durou até ás 7 da manhaã. A f.^a de M.^r d'Odun, a q.^m chamaõ não sei por quê *La Contesse M.^{me}* dançou com um Irmaõ, danças de character, e dizem que o fez lindam.^{te}; eu nada vi porque ha um mez q quazi não saiho de caza porque o conde tem padecido uma inflamaçaõ nos olhos, e eu depois com m.^{tas} outras mazellas. Elle está melhor, eu não; e mudo de quartel porq atribuo ao citio m.^{to} do que padeço. De Serpa tenho excellentes novas: o rapaz he um gigante: a may ficou perfeita.^{te} boa, e melhor da inchaçaõ q lhe avultava as feiçoens: minha May ainda la esta, e eu já te remeti a sua resposta que a estas oras terá chegado. Taõ bem já te respondi ao Cap.^{to} da *Mariana*, emque não ha novid.^e

A Manhaã saõ os annos de S. Mag.^{de}: á noite seraõ festejados na Q.^{ta} debaixo com uma serenata, composiçaõ de um dos Rapazes q ElRey defuncto mandou estudar a Italia, e chamado H.^{mo} com esta occaziaõ veste sua Mag.^{de} a pellica, que lhe offereu o Nosso Duque, que he magnifica, e Sua Mag.^{de} fez della grande apreço. Tudo o mais se passará na forma de costume. A saude de toda a familia Real he de prezente.^{te} boa, mas a falta da m.^a me faz frequentar poco toda aquella parte onde nececito aparecer com

¹ Entre linhas.

² Idem.

³ Na carta «11 de Dezembro de 1780» alude-se à conduçom da futura freira ao convento das Grilas por parte da própria Rainha.

⁴ João Gonçalves da Câmara Coutinho foi nomeado governador e capitám-geral da Ilha da Madeira a 19 de Agosto de 1777, lugar que ocupou até 26 de Setembro de 1781, data em que foi substituído por Diogo Pereira Forjaz Coutinho (in www.ceha-madeira.net/elucidario/crono4.html, última consulta: 27.03.2004).

⁵ Francisco Vieira Lusitano (1699-1783) publicou em 1780 o poema autobiográfico *O insigne e leal esposo historia verdadeira que ele escreve em cantos liricos*.

mais cerimonia. As novas mais interessantes, que te posso mandar são as do grande rendimento que tem tido os direitos da Caza da India pelo gr.^{de} [p. 2] numero de Naos, que andão na carr.^a não se tem fechado em todo [sic] anno e são gro[ci]ssimas¹ as somas que tem importado as entradas. As Alfandegas tão bem tem rend.^o m.^{to}, e rendera m.^{to} mais se ouvesse mais armadores que navegassem p.^a o Norte. Ha varios Fidalgos, que debaixo d'otro nome tem navios &r.^a, e eu fora uma das que o tivera se o meu cabedal não andasse por mãos alheias. Das perdas dos Inglezes na America, saberás tu lá melhor. Diz-se que elles tiverão melhor fortuna em Gibraltar; porq estando em alguma extremid.^e de vinho e aguard.^{te} tentaraõ uma sortida, e que sorprend.^o o campo de S. Roque se recolheraõ deixando m.^{ta} Artelharia encravada com grande mortand.^e dos Espanhoes mas esta noticia se não tem por certa [ainda]², e não obst.^e estarmos tão perto, não a podemos affirmar. A Primavera pode trazer uma face sanguinaria este anno: porem melhor a fará D.^s, talvez seja a paz quem venha serenar todo este feio aparato. Micle³, o celebre tradutor de Camoens, que esteve aqui o anno passado, acaba de imprimir uma epistola, a que poem por titulo o monde d'Almada. Eu farei forte delig.^{cia} por ta mandar: O Principe de Kaunittz terá gosto de ver o que elle diz do seu Amigo, e de nós, debaixo dos auspicios de uma soberana amavel: que digo eu o Principe de K? o mesmo Emperador o verá com gosto. Dizem que a Posta me manda uma a mim: vou mandar buscala, e pedir mais otra p.^a ver se te vai neste correio: A vizita desse soberano Illustre pela nobreza da tua alma m.^{to} mais ainda que aquella grandeza da sua Peçoa o faz respeitar, ainda em Regioens tão remotas, e o meu coração rompe em vottos ao céu pela conservaçã d'um Principe Illustrado que sabe avaliar o gosto de dar allivio aos affligidos. A m.^a tradução tinha sido annunciada pelo Duque, quando respondendo uma carta de sua Mag.^{de} em que lhe fallava em M.^{le} Muray [p. 3] comq.^m tinha estado em Bruxelles, lhe dizera *que aquella m.^{er}, a q.^m sua Mag.^{de} tratava tão benignam.^{te} acababa de escrever o Elogio da Imp.^z, o qual corria ja traduzido por uma das nossas Damas*⁴. A tradução será boa pois q tu lhe chamas linda, e p.^a Alemanha não tem mais merecim.^{to} que remover entre nós a memoria daquellas acçoens emq fallará todo o mundo por longos seculos, o texto não se divulgou em Lisboa, mas a tradução anda pelas mãos de todos, porq o Conde o quiz assim: uns ad[i]vinhaõ, otros não, e eu calome, porq ate de tão poco se tem ás vezes emulaçaõ, e se eu podera explicarte as differenças, que observo em gentes depois disso, rerias [sic] como eu rio. Não importa: se a saude me não desamparar de todo, ainda ficaraõ mais contentes quando morrer, vendose livres deste empacho. Tomara eu darlhe em vida m.^a essa consolaçaõ, retirando me de todo p.^a viver p.^a mim e p.^a os que haõ de vir. O Dictionario [sic] q a Academia encarregou a huma deputaçã, vai andando bastantem.^{te}, e a mesma Academia remando contra a maré, venderá golfos perigosos, e chegará finalm.^{te} á meta. O nosso Brigadeiro Bartholomeu⁵ tem feito descobertas maravilhozas, e continua: he um dos mais dignos socios da Academia, e dos mais uteis e benemeritos vassalos, q a R.^a tem; vai creando com o mesmo leite, quatro sobrinhos, que tem, que são excellentes omens, mas apezar de tudo isto a fortuna não se ri p.^a elle o bom Duque o traz nos braços, podera dizerte mil coizas a este respeito, mas a carta ja he comprida, e o peito se cança. Tua May sempre se queixa; Leonor encanta a todos os que a vem. O meu omem fica aos teus pés, e eu

¹ Entre linhas.

² Idem.

³ William Julius Mickle, autor da tradução para inglês de *Os lusíadas* de Luís de Camões, que contava com duas edições (1776 e 1778) na altura da redacção desta carta. Em 1781 publicou a epístola dedicada ao monte de Almada a que se refere a Condessa máis adiante.

⁴ Refere-se à sua tradução de *Essai d'un éloge historique de Marie-Thérèse archiduchesse d'Autriche*, editado em 1781 em Bruxelas por Marie-Caroline Murray, publicado no mesmo ano pela Condessa do Vimieiro sob o título *Idée de hum elogio historico de Maria Thereza archiduchessa de Austria*.

⁵ Bartolomeu da Costa.

dezejo que o teu se recolha bom, e que tu, minha amiga, tenhas m.^{tas} vezes hum tal consolador, posto q espero não tenhas mais nececid.^e de consolação [p. 4] A pequena M.^{es} não pode dessimularse mais tempo? tanto peor p.^a ella. Eu sempre o receei, porq d'aqui não nascem pombas e ha m.^{to} tempo, q as Rans tem a presumpção de ser tamanhas como os toiros, o cazo he não rebente esta por querer avultar mais do que a sua pelle. Tu não me fallas da Nossa M.^e de Thun, nem de Methastacio; nem da tua pintura nem das tuas muzas. Amiga, sem estas occupaçoens que são pasto d'alma, não se vive bem em parte nenhuma. Que seria de mim sem isso? Dizemme que tua Irmaã tem abandonado tudo isto: nada sei della; por aqui passa p.^a a Soire m.^{tas} vezes, mas eu não gozo da sua vista. Não lhe falles nisto; Olha que to pede a voz da mais const.^e amizade; eu não me queixo, e tudo interpreto bem. Com tudo a amizade de M.^e Hei^l, que sobresahe [sic] a tudo, não sei se lhe rende alguma cousa desagradavel: O tempo fallará, que he grande baxarel. Deixo esta aqui, ate ver a nova resposta, que me vem do Inglez; se vier o Poemma hei de estimallo, e que te possa hir. Dizem que não he igual; mas eu tenho tanto gosto de q se diga bem de nós, que não te posso suppor diversos sentim.^{tos} Reimprimemse varios dos nossos Escriitores do bom tempo, e vamos agora desenterrar belezas, de que ninguem sabia ou pocos conheceraõ entre nós. *Corte Real*, que fez um pessimo poema; nelle mesmo nos offereçe quadros do mais bello desenho, e nos fornese um thezoiro riquissimo de palavras, e frases que o fará estimar apezar dos seus defeitos. A D.^s se de Thun se lembra de mim, dizelhe que de quando em quando dou um d--cto d'insenso á sua imagem com preferencia as mais q *o nosso Ulisses* qui mores hominum multorum videt, et urbes², tem collocados no tem[p. 5]plo d'amizade. Itaca não o consola totalm.^{te} da separação dos seus bons amigos. Huma Penelope lhe falta e nos já cançamos de chamar por ella.

Não pode hir por ora o poema a D.^s m.^a amiga
Sou a tua fiel
T

[263] Lx^a 21 de Dez^{bro} de 81

Amiga do meu coração Temo o expediente de te escrever por Londres porq não podendo ainda haver á mão nem o exemplar q me destinou Mickle³ mando pedir ao N. Duque te remeta com esta dois exemplares um p.^a ti, otro p.^a tu dares ao Principe de Kaunittz como quando o julgares a proposito. A remessa, que tu querias que eu te fizesse pelo mesmo M.^o, não he de nenhuma sorte possivel emq.^{to} predominarem no nosso clima as ideas presentes. Tudo o q.^{to} tu cá deixastes, não tem semelhança com o presente sistema. As gentes de uma certa Profição de quem tanto depende a tua Protegida são assaz contempladas; e não he possivel que eu espere nenhum exito favoravel, sendo o negocio contrario as suas intençoens. Como eu ignoro se esta te será entregue com a segurança q dezejo, não te posso dizer mais. Podes porem estar certa de que se te não sirvo não tem a culpa o meu coração. O tempo mostrará o que se deve fazer, e eu mesma a meu respeito não sei o que devo obrar, porq amanhecendo eu todos os dias do mesmo

¹ A leitura nom é segura.

² Horácio, *Poética*, v. 142.

³ Refere-se a William Julius Mickle, citado na carta anterior em relação com a sua a epístola dedicada ao monte de Almada.

modo, os dias não se apresentão aos meus [olhos]¹ um semelhante ao otro. Tenho passado mal com repetição d'uma dor, q me atrapalha m.^{to} A Academia encontra grande opposição. A Raynha quer sempre o melhor, e o seu coração com todos os seus movm^{tos} são huma das mais perfeitas obras da mão de D^{os}. Elle a conserve! elle a conserve! mas nem todos, os que tem a onra de o ver [p. 1] tem o dom da activd^e, e m^{tos} ignoraõ que do ceio das Academias procede a gloria dos soberanos assim a subsistencia dos Estados. Alguns dos que não podem ver com indiferença o merecim^{to} dos que trabalharaõ por adquirilo, maquinaõ em segredo contra a Academia. A gente de bem não se faz delatora: vê, sente, e calasse: com respeito, com moderação, com prudencia, espera que a penetração da bellissima Raynha com tempo confunda uns tais projectos e faça q alguma vez

... rimansa o presso

Il traditor , nel tradimento stesso.

Tomara eu dinheiro. Porem ja no tempo d'Aristophanes fugia este metal das mãos onestas. Com tudo se um Deus amigo me fizer conseguir que Pluto deixe de ser Cego, em m^a vida, eu farei bem á m^a Patria sem que ninguem me atrevesse a consolação de saber fazer tornar os bens, que a justissa reconhece por nossos, e buscar a sua origem. Elles sirviriaõ o Estado que os compria de nós para fins bem diversos daquelles p^a que eu vejo enthesoirar. A D^{os} amiga, sou demasiadam^{te} Portuguesa para viver entre irmãos bastardos

[264]

Lisboa 25 de Dez. ^{bro} de 81

Naõ parte o Corr.^o sem duas regras p.^a a m.^a amiga, uma vez que ella se conosola de ver letras m.^{as} Lizongeiome com a esperança de que receberei boas novas tuas. [m.^a Oeyenhausen]² os divertimentos do Inverno trazem contigo uma distracção necessaria que sempre utiliza a gente da nossa tempera, p.^a a qual a innacção he um verdr.^o mal. Naõ te posso dar novas da tua gente; porque a m.^{to} tempo, q não sahio, e quando posso sahir he carregada d'obrigaçõens que me não daõ lugar a nada Taõ bem nada de novo tenho que te dizer mudo de caza p.^a ver se melhora de saude mas não posso mudar de terra, porq os meus negocios me detem nesta se eu podera formar a esperança de te hir abraçar! A D.^s m.^a Oeyenhausen dizeme se os meus P.^{mo} ao menos vivem com os Breyner, porq ainda q não seja escolha de bom gosto, poderá ao menos ser a de viver com decencia Por quanto se eu lá fosse me separaram de ti! Dá D.^s nozes a quem não tem dentes. Duas Portuguezas bonitas como V.^s saõ, unidas em maximas e modos, faziaõ nos bem por lá; mas esse despropozito de A d'A³ vai deitar a caçada a longe A D.^s outra vez boas festas bons annos bons dias, e oras sempre cheias [de]⁴ prazer corraõ para ti: assim to dezeja

T

Recados p.^a o Sr. Conde, e do meu Conde p.^a ambos 6.^a fr.^a te escrevi per aliam
viam

¹ Entre linhas.

² Entre linhas.

³ Ana de Almeida.

⁴ Entre linhas.

[265] Minha querida Oeyenhausen¹. Não te posso escrever m^{to} porque estou na lida de mudar de caza por conta da m.^a saude; mas não te quero deixar sem carta pois que as tuas me mostraõ assaz que as m.^{as} te daõ gosto. Ver a tua letra foi p.^a mim um allegraõ; poisq imaginava, que o estado da tua vista me não permitiria ja essa consolaçaõ; mas a troca de não a lograr peçote que te poupes, e que em quanto não estiveres restabelescida, não concorras com as applicaçoes a fazer maior a relachaçaõ. Bejote a linda mã, que me escreve, e os bellos olhos q por isso padeceraõ; e pagote com dizerte q me diminuistes assim grande parte do meu cuid.^o, porq achei o caracter firme, deque tiro m.^{to} boas consequencias. Espero ver brevem.^{te} a tua f.^a que tornara d'Almeirim: esta formosa gigante encanta quantos a vem. Os sous gestos, a sua Phisonomia/ não creas no retrato que te querem mandar: nada do q representa se pairesse com ella/ a sua Phisonomia [sic] as suas açoes animozas a liberd.^e do seu animo sustentado por uma certa intrepidez, rara em peçoas adultas nada annunciaõ nella, que não seja grande. As vezes me lembra, q gosto teria a Imperatriz da Russia se esta rapariga fosse sua Neta [p. 1] e que [---]² he p.^a mim, q eu não a possa fazer m.^a nora! Ella he o steyo da vida de tua May. A Princeza, e a Sr.^a Inf.^{ta} gostaraõ m.^{to} della -Digaõ o que quizerem as gazeteiras. A justificaçaõ da tua familia tarda por que o Procurador da crõa quer esgotar a materia mas nenhuma influencia tem p.^a tardar, e tem m.^{tas} insinuaçoens p.^a acabar de expedir os Embargos, que me siguraõ estaõ a sahir. O deffeitoi vem todo do mal intentado requerim.^{to} pois que todos assentaõ que não devea pedirse revista. Eu ja te mandei as forças do Decreto que a R.^a expediu a favor da Velhisse e das molestias do Marquez de Pombal delle não consta a sua innocencia, he verd.^e que taõ bem, por elle ignoramos quais sejaõ os seus delictos, porem inferesse que seriaõ grandes pelas penas que sua Mag.^{de} o absolve pois que seriaõ corporeas. Tu sabes que o meu ditame he não fallar. Fui, e sou amiga da Marqueza; sou Tavora, sou Portuguesa, e he o que basta p.^a que me importe tanto como o meu proprio credito, a restituiaçaõ de uma familia que eu sei esta individam.^{te} manchada na [--] do universo [p. 2] e otro nenhum enteresse pode pezar p.^a mim mais que o gosto de a ver restituir a todo o seu gr.^{de} e bem merecido explendor [sic]: sem isso não poderá ser completam.^{te} gloriozo o Reynado da nossa bella soberana, nem restaurarse a gloria offuscada do nome de seu Pay o qual em tres decretos successivos ordena que se averigue a verd.^e p.^a que não padessa a inocencia Estes Decretos fazem ver q he o espirito D'El Rey o q concede oje que se renovem as indagaçoens, e q sua f.^a quando se conforma com elle poem de parte a pied.^e p.^a q uncam.^{te} obre a justissa, e basta esta differente cauza diametralmente opposta a que produzio o Decreto do Marquez p.^a segurar os animos inquietos deque não valerá a sabida objecçaõ de que se requereu tendo falecido o Monarcha offend.^o, e q.^{do}, e como se podia antes requerer? Não me admiro de que os Meneses³ discorraõ friam.^{te} neste cazo as suas luzes saõ curtas; e as influencias q recebem apaixonadas. Otros ramos de Tavoras ha q ainda saõ mais escandalozos nos seus sentim.^{tos} os Meneses teriaõ desculpa se souvessem q teu Pay os baratea como tavoras he certo que a sua baronnia he otra comq elles estaõ contentes; mas taõ bem he certo [p. 3] que os mais

¹ Datamos a carta nos começos de 1782 por três motivos: o primeiro é a referência ao Decreto contra Pombal, publicado a 16 de Agosto de 1781, e mencionadona carta datada a 28 desse mesmo mês; o segundo é a alusom à mudança de casa, que parece posterior à referência da carta datada a 25 de Dezembro; finalmente, a alusom a Luísa Todi, que «no dia 28 de Dezembro, deu um concerto num teatro francês [em Viena de Áustria], com assistência dos príncipes da casa imperial». Temos que precisar que, em www.esse-ips.pt/esse/destaques/esposicao/2003/todi/luisatodi.html, de onde tiramos esta informaçom, fala-se do ano 1771, mais, coerentemente com as referências anteriores nessa mesma página e a exposiçom cronológica da vida da cantora, parece-nos evidente que se trata dumha gralha. De qualquer maneira, contrastamos em Correia (2004) que nesse ano Luísa Todi se encontrava em Viena.

² Lacunas polo mau estado do suporte.

³ Refere-se, máis umha vez, a Ana de Almeida e o seu marido, residentes nessa altura em Viena.

Tavoras não poderia contentarse se aquelles fossem dignos de ser barateados. Eu riome de tudo isto porq he o pezo que estas coizas merecem; mas se elles que não tem coraçõens de Philofos [sic], sabem disto entãõ nada, nada me admira o que me dizes. Amizade valle mais, que o sangue/ dizes m.^{to} bem/ por isso fallamos com tanta liberd.^e uns dos otros. Eu sigurote que estimo mais ser neta de um Moniz Barreto do que d'otros grandes Barretes [sic] que não fazem na historia a figura que elle fez. Estimo m.^{to} a fortuna da Todi¹ que eu conheço m.^{to} bem², selhe fallares, e ao [---]³ do marido dalhe recados meus, e dize ao marido que quero saber se tem achado a cabeça por esse mundo. Quem podera, querida amiga, quem podera fazer a viagem q me propoes; não me lizongeo de o conseguir; mas não perco comtudo as esperanças de a fazer, porq o tempo traz tais revoluçoens, que não sera milagre o que agora pareasse impossivel. A D.^s passo bem o Conde está bom e te agradece como deve a onra com q o trataas eu quero recados p.^a o teu p.^a de Thun q falla de ti como um Anjo. A D.^s m.^a Amiga
Tua Vimr.^o

[266]

Lisboa 8 de Janr.^o de 178[2]⁴

A tua carta do primr.^o de Dezembro, m.^a querida Amiga, magoame m.^{to} porq me pinta a tua situação poc[o] agradável. Podes crer que se estivesses em Espanha [terias] os meus diamantes p.^a te enfeitares, sem despende e se os meus negocios estivessem mais bem parados, não deixariaõ de chegar a Vienne, mas eu [não se de um dia p.^a outro] me sera percizo valer delles p.^a tirar de empenho ao meu Conde. Esta obrigação que uma m.^{er} honesta se poem de ajudar seu marido apezar da sua conveniencia, he a unica que pode prevalescer, contra os movim.^{tos} da m.^a amizade sempre viva a teu respeito. O Snr. Conde disse bem, e m.^{to} bem e não te merecera se não discorresse assim: p.^a te consolar, porem creio que podes ter a certeza de que o resto dos bons discorrem do mesmo modo e eu tenho ouvido a boa gente, que ainda que o luzimento impoem, sempre se olha com poca estimação p. aq.^{les} que gastaõ mais do que podem. Tu não estarás nunca neste cazo, porq a tua Philosophia, a tua Religiaõ e a economia do Sr. Conde te livraraõ disso e so to lembro p.^a achares uma consolação nos esforços que fazes p.^a não cahir nelle he certo que m.^{to} m.^{to} desagrada não viver como os otros, mas q.^m tem juizo da um certo ar a todas as coizas, que ainda sem prata, e oiro, brilha a gente mais q o comum Hum exemplo proprio não parece pollido, mas a amizade desculpa

¹ A actriz e cantora Luísa Rosa de Aguiar (1753-1833), conhecida como Luísa Todi depois do seu matrimónio com o músico Francisco Xavier Todi. Começou a sua carreira encenando comédias no bairro alto. A partir de 1769 «recebe lições de canto e técnica vocal com David Perez e reaparece no Teatro do Conde de Soure no Verão de 1770, para cantar a ópera "Il Viaggiatore Ridicolo" de Giuseppe Scolare [...]. Em 1771 canta o principal papel na ópera de Piccini, "L'Incognita Perseguita". Em 1772 parte para Londres com o marido, onde canta uma ópera sem grande êxito o que foi decisivo para a sua carreira. Resolve dedicar-se a partir daí à ópera-séria, abandonando as experiências da ópera-bufa». A partir deste ano começa a sua digressão por Europa, actuando em Londres, Madrid, Paris, Versailles, Turim, Viena, Berlim, S. Petersburgo «recomendada à czarina pelo escritor Grimm, que já a admirava desde Paris. Permanece dois anos na Rússia, faustuosamente, presenteada pela imperatriz», Hanover, Bona, Itália..., regressando a Lisboa em 1793.

² Desconhecemos em que momento e em que contexto social puido estabelecerse a relação entre o matrimónio Todi e a Condessa de Vimieiro.

³ Manchas.

⁴ Lacunas pelo mau estado do suporte.

estas groçarias: Eu sou obrigada este Inverno a andar na comp.^a mais brilhante que temos aqui são os [p. 1] frequent.^{mos}, posto que não sejam grandes bailes a comp.^a vai luzida, e he numeroza. Que partido se queria eu para poder levar a carreira igual! Suprir com o gosto a riqueza, e manejar de modo o que tenho, que fazendo diversas figuras me tiro do empenho com felicid.^e He certo que isto não tem comparação com isso lá, e que eu mesma não posso compararme contigo porque a figura de particular em q eu vivo me poem m.^{to} distante da que tu fazes; mas proporção guard.^a pode ter alguma semelhança Eu nada sei dos enteresses [sic] de teu Pay. Tu sabes que o meu dictame he não indagar ja mais o particular de cada hum, sei que a grande divida da Mizericordia esta disposto o seu pagamento¹ por modo favoravel, e que na liquidação haverá grande rebate. A tua caza sustentase com decencia, mas sem despesas que dem nos olhos porq não ha p.^a que fazer funçoens com tudo a familia he o summ.^{te} numeroza, e o arranjo economico julgo não tem melhorado de methodo. O pequeno Gouveia he hum impecilho forte, e fora de dezejar que teu pay podesse dar p.^a a tua guarda roupa quanto gasta com elle, mas he um infeliz, e teu Pay obra com gr.^{de} onra no modo, porq o sustenta. S Ex.^a porem não me falla nunca em ti, nem eu, nas pocas vezes que o encontro lhe digo nada porque o teu methodo não se proporciona nada com os meos dictames Disseme tua May que lhe tinha custado a perda da tua f.^a e que lhe dissera te mandasse não sei que expreçoens carinhosas, a que eu respondi porque lhas não escreve? [p. 2] Duvido que ella faça nenhum esforço, não porq lhe falte o gosto, mas porq lhe sobeja a teima, e pareasse que será mais facil que tua May consiga alguma coiza, eu fallarei com ella na primr.^a occasiaõ, mas na verd.^e não sei como/ porque tenho experiencia deque deq [sic] ninguem me trata com sincerid.^e/ e do que passar avizarei. A tua filha he uma gigante; he maior que as creanças de trez annos, e pega nellas com tal força q da que fazer p.^a lhas tirem. Esteve galant.^{ima} no dia do baile em caza do Embaxador de [França]² [Espanha]³. Fez lhe gr.^{de} impreção o movim.^{to} das contradanças. Ao principio chamou bonecos aos omens dizendo a tua May *quando a Tia Atalaya acabar de dançar com estes bonecors Sr.^a... ponhame no seu collo p.^a que estes bonecos me não pizem...* mas depois familiarizou se e pedia com grande ancia um estrangr.^o p.^a dançar. Tu sabes pela tua gente como foi tratada no Paço os presentes da Princeza. Eu tomara que tos mandassem p.^a Lá porque a peça não sendo do melhor gosto, he m.^{to} boa, e como tu tens rubins era m.^{to} bom soccorro. A Ribeira dezeja o mesmo veremos se se pode conseguir, até p.^a dar um testemunho da estimação da Madrinha. Creio que tão bem teu Irmaõ te dará novas do modo porque vai levado este Inverno. Fomos a Marvila⁴ a huma festa que deu D. Joze de Menezes, e fomos domingo a caza de Rafadalli onde ouve otro baile e seia magnifica, e sendo todas as seias que se tem dado boas, esta sobre boa foi m.^{to} delicada e custoza: a menza estava linda m.^{to} bem illuminada m.^{to} bem coberta, e nada carregada. Eu fui a estes tres bailes Marvilla Espanha, e Rafadali; dizem que haverá mais e com eff[p. 3]feito ha p.^a m.^{ta} gente, e amanhaa o dá a f.^a da Mayer que está aqui com seu Marido M.^o de Olanda. Eu porem não hirei a elle, porq a m.^a saude he melindroza, e necesito de me não deixar levar da torrente: comtudo conheço que o dançar alguma coiza me faz bem, assim com dançar m.^{to} me faria mal. Tenho perguissa de te fallar em A. de A. e dame cuid.^o uma noticia que me deraõ de que fizeraõ em Munik [sic]. Em q.^{tos} abismos nos não despenha a ingorancia . Menezes não necessita de pedir emprestado um nome p.^a se apresentar se tomasse otro devera ser para se encobrir: queira D.^s que seja falça a nova, porque a ser verdr.^a pode ter conseq.^{cias} Não percebo bem que nome he o que ella destrohiu, e porque foi esta mud.^{ca} a teu respeito? Se

¹ Sic, embora a construcção seja incoerente.

² Riscado.

³ Entre linhas.

⁴ Em Santarém.

destrohiu o seu tanto peor p.^a ella; se pertendeu amortecer o teu, gabolhe a curiosid.^e, mas será difícil, se eu o posso discorrer [de cá]¹ Como estas tu com a de Thun? ja me não fallas della quebrouse a amizade? Esta gente do Norte/ dizia Methastacio um dia/ sempre mette menos no jogo, que os do meio dia. Recomendame ao teu omem, e aceita do meu mil recomendaçoens respeitozas. O nosso bom Duque/ não o equivocarás pelo epitheto/ padeceu m.^{to} das dores de dentes, ainda depois de tirar um e eu receio que o Rheumathismo o tivesse de novo acometido. Agora está bom disso, mas não deixa de padecer d'otra molestia que me dá cuid.^o, porq he de pior conseq.^{cia} com tudo está forte e desembaraçado com a sua allegria costumada vivendo como verdr.^o Filosofo, isto he como christão desabuzado que olha p.^a todos os lados com olhos fraternais; e a q.^m só o vicio offende sem nunca odiar o omem porque poi fraco, e cahio

[267] Lisboa 28 de Janr.^o de 8[2]²

Tu julgaras, querida amiga que eu sou huma ingrata, ao menos que tenho perd.^o a activid.^e que me caracterizava. Nesta segunda suppozição alguma verd.^e se encontra, mas a primr.^a nunca se podera provar. Heide queixar-me de teus Pays p.^a dar razão de mim, e segurote que entre tantos motivos de resentim.^{to} que me tem dado, este me tem feito uma chaga tal, que deficilm.^{te} sicatrizará. Temme lá o teo retrato sem mo quererem dar, e sem terem comigo nenhum genero de contemplação. Até creio que me interceptaraõ a carta se alguma me escrevestes nessa occasiaõ, e toda a tua familia me guardou nisto hum segredo, que faz conhecer quaõ poco vale a amizade p.^a o commum das gentes. Tua Irmaã tarde e a mas oras depois de um mez, [disse]³ que seu Pay lho tinha levado &r.^a em fim eu estou sem elle; com pocas esperanças de o cobrar, e com toda a certeza de me por em tal distancia de q.^m assim me trata, que não tenha mais occasiaõ de perdoar, nem soffrer. Perdoa, querida Oeyenhausen, esta expreção do meo sentim.^{to} mas com ella te dou testemunho do apreço que faço do dom que me fizestes, e te mostro, que o meu silencio não vem da ingratidaõ. corramos o veo sobre esta scena p.^a te apresentar coiza mais agradavel [p. 1] A tua Leonor cresce, sem perder nada em belleza e graça, hum destes dias entrou na Madre de D.^s e agradou a todos, sem lhe fazer sombra a grazia, e formozura da sua primita bella como creança, mas a tua sublime como uma Divind.^e =que de Juno retrata o portam.^{to}= Entaõ lhe perguntei o que queria te dissesse da sua p.^{te} e ella respondeo *mandalhe saudades, a meu Pay recados, ás m.^{as} manas abraços* Nesta degradação que vez tu? olha; se eu me não enganno a tua filha hade ter uma cabeça geometrica. D.^s queira que algumas extravagancias que succedem diante della e que com a idade lhe seraõ conhecidas, não prejudiquem a rectidaõ das suas ideas, e que os abitots [naõ]⁴ venhaõ destruir as despoziçoens felices, que poz nella a Natureza.

Tendote assim fallado de otras coizas primr.^o que da tua saude, bem vez que não tenho idea de q' esteja em taõ máo estado. Tu es delicada; mas igualm.^{te} apreensiva, e começo a crer que de novo te fizestes May pois que já he sabido que o principio de cada prenhez nos poem em susto; porem se na verd.^e a tua saude nececita de mudar de ares, e se a m.^a amizade pode neste ponto adiantar alguma coiza, digote que antes te vaz

¹ A leitura nom é segura.

² A leitura é duvidosa; datamos em funçom da referência à estadia da família real em Samora, mencionada também em «Lisboa 26 de Fevr.^o de 1782».

³ Roto: a leitura nom é segura.

⁴ Entre linhas.

restabalescer [sic] a Italia do que intentes a vinda a Lisboa; a qual so poderia ter lugar no cazo funesto de ser preciso recobrar a tua filha. Não [p. 2] te convem por ora p.^a que possa converte algum dia, como eu espero, he melhor que não anticipes o passo alem de que a viagem de Italia te pode certam.^{te} utilizar m.^{to} tanto pela benignid.^e do ar como pela diversid.^e de ojectos, que te procuraraõ huma distracção agradável.

O Conde veio aqui passar uns dias, e logo teve a sensaboria de ter uma erisipella em uma perna que o tem amoffinado na cama elle se poem aos teos pés, e como verdr.^o amigo da tua caza dezeja verte feliz. Morre m.^{ta} g.^{te} entre nós e o cathalogo dos que faltaõ na primeira nobreza ha um anno a esta parte he bem numerozo, ficando m.^{tos} ameaçados de não durar. Tem taõ bem as tempestades furiozas, q soffremos ha dois meses, feito um gr.^{de} destroço na costa, e neste porto. Saõ m.^{tos} os navios perd.^{os} sem se poder salvar nada delles nem a g.^{te} basta dizer que em Penixe naufragaraõ dois com tal desgraça, e impeto, q de hum ninguem escapou, dotro dois peçoas, e os despojos: saõ taõ pocos, e miudos q se venderaõ por poco mais de 60\$000 não ha enganno de cifra. Os Reys estaõ em Samora, dahi haõ de passar p.^a Salvaterra, e depois de virem, faraõ no Passo o seu exame Vago p.^a hirem p.^a a relação do Porto Fern.^{do} de Portugal/ Valença/ e meu Irmaõ P.^o: a Raynha os quiz ouvir; tanto melhor p.^a elles! sahio mais huma grande promuçãõ [sic] de Ministros p.^a a mesma relação; lá a verás nas gazetas. Oje vaõ p.^a o teu [p. 3] convento fr.^{as} salezas tu saberás a sua historia por isso eu ta não faço, não me achando com talento p.^a coronista [sic] do futuro; nem para compiladora dos factos da Naçaõ. Cazou/ já o saberás/ Joaq.^{na} de S. Lour.^o com Sampayo¹ e cazara brevem.^{te} a Elena com o Af[seca]² vai p.^a Angola mussamedes qualquer dia, e vai da Ilha das pedras p.^a prezidir a Junda da [Codigo]³ de que he membro ha seculos Jozé de Vaconcellos Jozé de Siabra, e não será só isto o p.^a que elle tornou cá. Podera encher mais papel de coizinhas mas não tenho cabeça p.^a isso; posso porem affirmar que nunca estimei tanto terme abituado a achar dentro de m.^a caza o suplem.^{to} do mundo. Não tenho balaõ q me leve pelos ares fora della; mas taõ bem não dou espectaculos ao publico; nem me ocupo na destruição da fama alheia. A D.^s amiga tu saberás pelas gazetas de que eu fallo e ainda mal que não o poderas saber sem uma espece de rubor e de lastima do nome Portuguez

Abraçate finam.^{te} e ternam.^{te}

T

[268]

Lisboa 19 de Fevr.^o de 82⁴

Tenho faltado querida amiga em escreverte, mas podes perdoarme: não he negligencia não he indiferença como pode ser falta d'amizade? Emfim mudei de caza e estou em uma linda abitacão, onde me fazes m.^{tas} saud.^{es} Ficame Almada no Orizonte. Descubro uma parte da cid.^e a mais variada Domino as cazazas⁵, e os jardins dos Particulares, e vejo pelas ruas rodar as carruagens, sem q o estrondo m'offenda. O monte do Castello roubame a vista do meu querido Tejo mas abrigame dos ventos ferinos, a

¹ Manuel António de São Paio Melo e Castro Torres e Lusignan (1762-1841), 1º Marquês e 2º Conde de São Paio, e Joaquina Maria Rita José de Melo (1765-1785), casados em 1782.

² A leitura nom é segura.

³ Idem.

⁴ Mui mau estado, tinta traspassada.

⁵ Aumentativo de *casa*?

que nós chamamos Palmeloens¹; O nordeste quebra as suas telhas n'otro monte a q serve de croa o edificio da Graça, e a otra montanha por anthonomazia *o monte* apenas me deixa a passagem do Norte. So o Noroeste me entra em caza sem oppozição; mas esse vento pela varied.^e que traz consigo, naõ me faz mal que dure m.^{to}, e parece amigo dos Poetas Tenho uma bella caza moderadam.^{te} nobre como convem á minha situação presente, e entre todas tenho um gabinete digno de tu o abitares Nelle tenho os meos livros, os meus desenhos, e as tuas cartas com pocas mais. Saõ todas as m.^{as} riquezas, e quando as repasso achome opolenta [sic], e digo *que pode fazer falta a quem soube ganhar a amizade de boa gente?* o que? essa gente sem a qual naõ estar² contente o coração q se occupa sempre della. Assim estou Agora [sic] querida amiga Tu distante, o nosso bom, e amavel [p. 1] Duque em Torrebella os meos dispersos os teus a monte apenas o pobre Alfido com o pé no estribo p.^a Alentejo: que será de mim? Os meus livros as tuas cartas e pocos mais me faraõ aquella muda comp.^a que he bem mais agradavel que o ruido das grandes assembleias³ Esta descripção tem seu ar de Poezia; mas he toda filha da verd.^e nada ha aqui de encarecim.^{to} tenho o coração cheio de ternura e de saud.^{es} por isso fallo a lingoagem do Antuziasmo a todo o correr da penna Paremos um pouco, e fallemos dos otros que otros? os que te pertencem. Primr.^o da tua f.^a He a mais galante creança q tenho visto melhorase cada dia. Sempre que a vejo e lhe pergunto o que quer p.^a ti me diz *bejos e abraços*: o mesmo presente manda a seu Pay Lá s'avenhaõ com isso, e vamos aos noivos sejate parabem o cazam.^{to} de teu Irmaõ⁴ Todos estaõ contentes teu Pay namorado, e eu dezejoza de que se faça logo ate p.^a que nasça depreça o Espozo da tua f.^a Temos tido este carnaval bailes sem conto os mesmos estrangr.^{os} se davaõ já por fatigados as festas de M.^r d'Odun foraõ felices. Os Portugueses saõ deficeis e tudo o q naõ abrangem desdenhaõ: a mim pareceu tudo bem m.^{ta} ordem m.^{ta} profuzaõ m.^{to} dezejo de nos dar gosto, e tudo feito com a maior pollidez. Terás novas mais miudas por isso me naõ dilato em circunstanciar uma coiza de que até a gazeta [p. 2] hade fallar. Dirtehei porem que o Tio Angeja⁶ esta [feito]⁷ General do mar; mas como se diz que ha projecto a respeito da Marinha creio que por isso o Decreto tem alguma pequena diferença. Os nossos soberanos foraõ oje em pequena comitiva p.^a Samora o appetite he D'el Rey, mas o dia tem estado de fazer cuid.^o porq todo elle tem chovido neve em grande copia e este Phenomeno raro em certas Provincias do nosso contin.^{te} e mais raro ainda em Lisboa nos faze temer pela saud [sic]⁸ de suas Mag.^{des} e taõ bem pela do nosso Duque que foi de Salvaterra p.^a Torrebella sem nenhum resguardo por mar e terra se a sua saude naõ estivesse ainda acometida de Rheumatismo naõ me

¹ Palmelão: «vento que sopra da direção de Palmela EST e dá com os navios do Tejo à costa».

² Gralha por *está*?

³ Nom aparece no Houaiss como forma antiga, mais a leitura do -a- parece mui clara.

⁴ Com Henriqueta Júlia Gabriela da Cunha em 19 de Fevereiro de 1782.

⁵ Os Condes de Assumar tivérom dous filhos João (1786-1805) e Miguel (1787-1806), mais nemgum deles casou com sua prima. A 5ª Marquesa de Alorna casou em 1799 com o 6º Marquês da Fronteira.

⁶ Pedro José de Noronha Camões de Albuquerque Moniz e Sousa, 4º Conde de Vila Verde e 3º Marquês de Angeja: «além dos títulos que herdara de seu pai, alcançou sucessivamente os seguintes: gentil-homem da real câmara, deputado da Junta dos Três Estados, do conselho da rainha D. Maria I e do da guerra, tenente general dos exércitos, ministro adjunto ao despacho do gabinete, presidente e lugar-tenente da real pessoa do Erário régio, governador da Torre de S. Vicente de Belém, inspector geral de toda a arrecadação das fazendas dos armazéns da Guiné e Índia e do arsenal real da marinha, inspector geral das obras públicas e do plano de reedificação da cidade, comendador das ordens de Cristo e S. Tiago, capitão general da armada dos galeões de alto bordo do mar Oceano, etc. [...] No palácio em que habitava, conseguiu formar um notável museu, que era considerado como uma das curiosidades de Lisboa, naquela época. Em 1783, tendo adoecido gravemente, foi substituí-lo no ministério o Visconde de Vila Nova da Cerveira, D. Tomás Xavier de Lima Nogueira Vasconcelos Teles da Silva» in www.arqnet.pt/dicionario/ageja3m.html (última consulta: 19.01.2004).

⁷ A leitura nom é segura: roto.

⁸ Fim de linha.

fizera isto medo, mas confe[--]¹ que temo, e não sem razão D.^{os} o preserve Elle esteve [mais]² [perto]³ de 15 dias em Salvaterra recebendo mil carinhos das destinações/ permitas-me esta frase/ de toda a família Real e Domingo lhe fez a Rayna o gosto de persuadir ás suas Irmãs que cantassem p.^a elle as ouvir tu sabes como isso he raro entre nós, e Sua Mag.^{de} quiz q se não entrasse em duvida de que era p.^[a]⁴ mor do Duque, que o fazia e buscou mais de um modo onrado p.^a o dar a conhecer. Amavel Princeza! quem podera fazela conhecer do mundo todo, como seria certa a consequencia de ser adorada! se eu podera fallarte sem escrever quantas coizas bonitas traladara do meu ao teu cor [p. 3] do meu ao teu coração [sic] Não pode ser: paciencia. Os embargos do Procurador da croa a revista do processo dos nossos amados defunctos ja sahiraõ de sua mão; este negocio entereça todas as almas bem formadas, e nos tem em sospenção até que chegue o feliz prazo de coroarmos de flores as suas urnas, mas q.^{tas} lagrimas regaraõ estas flores? Fugamos deste ponto em quanto a nececid.^e e a justissa nos não leva [sic] a elle Cazou Jonston⁵ e a galante Carlota [rolle]⁶ com noivo: eu amo esta rapariga até porq ella quazi te idolatra pediume te dissesse mil coizas da sua parte, e que ao Sr. Conde mandasse diser q tinha emfim tomado o seu concelho ella tem feito tudo cavalheiram.^{te} este cazam.^{to} pelas circunstancias faz-me lembrar do tempo das Palladins, e não [me]⁷ parecer [sic] taõ ridiculo como o querem fazer á carga serrada. Tu has-de rir, e comigo remontar ao tempo de chellas. As joyas são m.^{tas} e magnificas e a sua renda no cazo de viuvez 120\$ cruzados Agora não posso escrever mais recomendame a de Thun: quero bem *a esses olhos de Portugueza* e a essa alma livre de preoccupações. Dame novas de Kaunittz e de Methastacio⁸ e da Todi⁹ e não te digo q mas des do gr.^{de} Jozé, porq temo pedir m.^{to} Das tuas porem não posso priscindir [sic] nem o meu Dono da Caza a D.^s

[269]

Lisboa 26 de Fevr.^o de 1782

Eu recebo uma [tua]¹⁰ carta com data de 12 de Janr.^o, e tua Irmaõ querida amiga, ma entrega eu te responderei ao negocio q ella trata, quando estiver em Estado disso; por ora só te posso dizer que elle de prezente não mostra nenhuma aprarencia de possibilid.^e Agradeço com toda a alma as tuas reflexões, e todas as expreções de ternura, q me daõ testemunho da tua amizade, esse bem he o objecto da m.^a ambição, e he uma doce recordação p.^a os momentos de tristeza; tudo o que me prova que sou amada dos bons. Estou m.^{to} melhor de saude, e isso começa a restituirme uma certa allegria externa, a interna, ainda não chegou de todo; mas virá porq não tendo de que me

¹ Roto.

² Riscado.

³ Entre linhas.

⁴ Parece a abreviatura de *para*, para além de que *por* nunca aparece abreviado. Gralha?

⁵ Desconhecemos se esta é a mesma Jonston residente em Londres aludida na carta «Lisboa 17 de Maio de [80]».

⁶ Suporte em mau estado. A leitura nom é segura.

⁷ Entre linhas.

⁸ Nas suas *Obras Poéticas* (1844:) lemos que Leonor de Almeida: «achou aqui [em Viena] o Abbade Pedro Metastasio, Poeta Cesareo da Corte de Carlos 6º e de Maria Teresa, com o qual contrahio as relações de amizade, e as da literatura italiana, que muito lhe aproveitaram nas suas composições as mais harmoniosas»

⁹ Luísa Todi, já mencionada na carta anterior.

¹⁰ Entre linhas.

acuzar a mim mesma, será provavel que o tempo me traga a facilid.^e de costumarme ao que tenho que perdoar aos estranhos. Ja te pintei a bella situação da m.^a nova vivenda, onde pode ser que me fixe; agora dirtehei que temos aqui dois Principes Polacos, marido, e mulher, que dizem te viraõ em Pariz saõ Sulcosschi¹/ Naõ sei se se escreve assim este seu deficil nome/ Naõ se dilatarãõ mais de 12 dias, porq [p. 1] dizem que o seu objecto he vizitar o nosso Duque que ontem lhe deu em sua caza huma bella muzica, depois de um pollido jantar de confiança. Elles chegaraõ aqui no dia dos annos da Embaxatriz [de Espanha]², que foraõ a 22, e logo foraõ apresentados por Lebzeltern mesmo em abito de viag.^m acharaõme la, e a Barbacena, dispois foi tua Irmaõ e com este sofrivel terno naõ anunciamos m.^{to} mal as fizonomias Portuguezas. O Embaixador tinha boa Muzica: eu naõ pude cantar; mas tua Irmaõ nos sacou de empenho, porque cantou como um Anjo ao seu estilo doce e flexivel a voz quanto naõ pode imaginarse. Esta prenhez naõ lhe tem abatido a belleza nem feito mal à voz. Ontem cantei eu no Grilo uma scena de Gluc³. Dizem que o fiz bem e como o tal Principe conhecia a Muzica, gostou de a ouvir executar. Este compositor me tem feito perder o gosto de todos os otros, e creio taõ bem que sou eu só em Portugal quem lhe faça a onra ou justiça que elle merece. A difficuld.^e da affinação sim requer uma voz constante, e como ha pocas que tenhaõ esta qualid.^e especialm.^{te} depois desta nova moda de naõ firmar a voz /por lhe chamar escolha/por isso talvez naõ agrade; posso porem sigurarte [p. 2] que quando eu canto p.^a os que sentem, naõ escolho outra muzica, quando he só p.^a os que ouvem qualq.^r me basta. Com isto respondo ao q me dizias delle em uma carta atrazada: he penna que o que compoz p.^a a letra Allemam naõ esteja escrito taõ bem em Italiano como Alceste. Tu virás no conhecim.^{to} deq.^m estes Polacos saõ/ se eu te naõ escrevi bem o nome/ por estes sinais. Em mosso viveu m.^{to} em caza do nosso Tarouca: elle lhe dava a maõ quanto podia: esteve taõ bem na boa graça de Kaunitzs, mas ouve um tempo, em q uma certa revolução na corte⁴ o fez retirar p.^a os eu Payz. Fez uma Campanha voluntario, e depois de ritarse [sic] cazou com uma sua parenta com a qual voltou a vienne haverá 6 annos: tem viajado ha trez, e agora vaise recolhendo ao Vestuario. Se te lembras delle em Pariz, naõ tenho que dizerte Tem juizo, e bom modo, naõ nos enfastia, e naõ nos desdenha como as celebres Francezas, que temos aqui, e de q.^m naõ teremos saud.^{es}, quando se retirarem. Naõ sei mais que te diga: naõ ha novas que te dar: suas Mag.^{des} estaõ ainda em Samora: o tempo agora torna a estar lindo e convida p.^a o campo. Fallase m.^{to} da vizita

¹ A leitura nom é segura.

² Entre linhas.

³ Cristoph Willibold Gluck (Ritter von G.) (Alto Palatinado, Alemanha, 02.07.1714-Viena, Áustria, 15.11.1787). É autor de *Atajerjes* (1741), *Sofonisba* (1744), *Artameme* (1746), *La clemenza di Tito* (1752), *Antígona* (1756), *Orfeu e Euridice* (1762), *Alceste* (versom original em italiano -1767-), *Pàris e Helena* (1770), *Ifigênia em Áulide* (1774), *Armide* (1777), *Ifigênia em Táuride* (1779). Desde 1750 reside e trabalha em Viena, e desde 1754 é director, nomeado pola Imperatriz Maria Teresas, da ópera do teatro da corte. Até 1762 a sua ópera, italiana, é destinada aos virtuosos do canto, e trabalha com Ramieri de Calzabigi e com Jean Georges Noverre «el gran renovador del ballet francés». A partir desta data introduz umha série de inovações na sua produçom que «no siempre fueron bien acogidas, especialmente en París, donde en 1774 y 1781, hubo un enfrentamiento entre los defensores del compositor alemán y aquellos que preferían las óperas italianas y las del compositor napoleónico Niccolò Piccini» in www.epdlp.com/gluck.html (última consulta 19.01.2004).

⁴ Refere-se, naturalmente, à corte vienense.

enleitada¹ do Papa², e das repetidas perdas dos Inglezes³: as gazetas te informaraõ de tudo: entre tanto conserva a tua nova creança; recomendame ao Sr. Conde, asseita do meo mil respeitozos obsequios, e dame boas novas dos teus olhos.

T

[270] Lisboa 4 de Março de 1782

Amiga do meu coração. As expreçoens da tua amizade consolaõme sobradamente; tu sabes os motivos; e ainda que faça gosto derramar a ternura do coração sobre um papel, que vai ás mãos da m.^a amiga, pede a prudencia alguma economia neste ponto em certas occasioens. Esta he uma dellas, em q não tenho poco que te dizer d'otras materias. Comecemos pela de Chellas. Quando lá estive a ultima vez, disseraõme que a sugeita queria ser freira, escrevilhe a perguntarlhe se isto era verd.^e dandolhe a saber, que tu por mim te querias informar do cazo; ha mais de hum mez que isto foi, e ainda me não veio resposta, q posso inferir? Eu não sei nada em particular desta rapariga mas o character, que observo nella he o huma verdr.^a precioza. Tu sabes melhor conhecêla; mas taõ bem sabes q a occiosid.^e de um convento e tudo quanto traz consigo aquella rezidencia, alambica a imaginação e numa certa id.^e ainda tem isto mais risco. Eu não vejo modo de ella pedir o Contra-Decreto; he preciso dar uma cauzal [sic], e qual hade ella ser? As Tias cercaõ-na, e em sabendo que ella dá este passo minaraõ esta terra por lho embaraçar. Dirá ella: *naõ quero ser Fr.^a* responderaõ [as suas tias]: não o sejas; mas estai recolhida, porq não tendes onde viver com decencia. *Tenho a Caza da Cond.^a de Vimr.^o ou d'Alorna*; mas como estareis nella? como creada? de nenhum modo: como ospeda? he arriscado; aqui vos creastes [p. 1] aqui tendes um estabelescim.^{to} seguro em q.^{to} nós vivemos, e daqui podereis sahir p.^a outro melhor, [apareça]⁴. Estas seriaõ certam.^{te} as objecçoens, se não dissessem coizas ainda peores. Se soubessem porem que o projecto era hir p.^a fora, entaõ de todo em todo nada tinhamos feito, porq o Ministerio não o consitiria e o Ministerio seria certam.^{te} implorado pelas Tias, q suponho saõ das que tem por pecado fallar Inglez na Coresma. A sua viagem só pode ter lugar quando tu mandares buscar a tua filha, entaõ ha um pretexto /naõ digo bem; ha huma razaõ/ A mesma peçoa Authorizada, que for encarregada daquelle lindo depozito, serve de decencia p.^a a rapariga. &r.^a o O----⁵ agora

¹ A leitura parece clara.

² Giovanni Angelico Braschi (27.12.1717-29.08.1799), Pio VI desde 15 de Fevereiro de 1775. A vinculaçom de Braschi com os jesuítas, provocou que a sua eleiçom fosse feita contra a opiniom de França, Espanha e Portugal. Ao aceder ao trono pontificio liberou o General Ricci, permitiu que os jesuítas conservassem as suas escolas na Prússia e autorizou o funcionamento da Orde na Rússia. José II tinha limitado o poder da Igreja na Áustria, impedindo que os bispos pudessem pedir qualquer beneficio a Roma e reduzindo o número de conventos e mosteiros. Por esta causa, Pio VI decide viajar a Viena em 1782, partindo de Roma a 27 de Fevereiro e chegando à capital austriaca a 22 de Março. Á sua chegada, Kaunitz recebeu o papa com frialdade e um certo despreço, o que forçou Pio VI a permanecer em Viena até Abril tentando umha negociaçom com o governo de José II: «todo lo que consiguíó del emperador fue la promesa de que sus reformas eclesiásticas no violentarían ningún dogma católico o comprometer la dignidad del papa» in www.encyclopediacatolica.com/p/pio6.htm (última consulta: 20.01.2004).

³ Em Outubro de 1782 os ingleses som derrotados na batalha de York na sua guerra contra a independência das colónias americanas. A independência destas é reconhecida em 1782, e, no ano seguinte, é assinada a Paz de Versalles.

⁴ Suporte em mau estado. A leitura nom é segura.

⁵ Roto.

está em conhecer se tua f.^a deve hir, ou ficar, uma vez que a caza de teu Pay vai mudar tanto de face. Eu não te sei aconselhar, na verd.^e O que dezejo do todo o meu coração he poder hir ver-te, e levala comigo. A menina he huma joya, e um prodigio de entendim.^{to} vou contarte uma coiza que parece incrível, e com tudo tua May, e tua Irmaã a atestaõ. Disselhe o Conde da Ribr.^a, que a seu modo brinca com ella. *Tem razão, mas faltalhe a Justissa*. A pequena que até entã chilreava e respondia a q.^{to} lhe deziaõ, ficou callada olhando p.^a elle com assombro. instaraõlhe pela resposta, e ella presistio callada, e depois d'algum tempo diz *olhe: quem tem razão, tem justissa*. Não pairesse que a cazualid.^e lhe dictou a resposta. A otra Leonor está taõ bem [p. 2] está taõ bem [sic] em caza de tua May; mudada d'ar por conta do uzagre¹ que tem. A Cond.^a da Ribeira D. Joana² acaba de morrer, e tua Irmaã com esta morte livrandose da subordinaçã penoza de uma sogra, vai entrar n'um labirinto ainda mais espinhozo, e daqui talvez não possa sahir sem m.^{to} trab.^o A Cond.^a d'Aveiras³ tem grandes acçoens áquella caza, se nella não ha di[vi]das⁴. O testamento do Conde gordo⁵ dizem que está nullo. O Conde actual hade querer que elle valha, porq [--]ncida tudo p.^a a sua unica f.^{a6}, mas os Aveiras, e não sei se a mesma Cond.^a defunta o julgaõ, ou fizeraõ julgar nullo, e entã a meaçaõ nos bens livres toca á Aveiras. Emq.^{to} estas coizas se não liquidaõ tudo seraõ perturbaçoens, e entre tais cabeças tudo he mais arriscado. Eu vejo tudo de fora, e a experiencia me tem mostrado, que este he o melhor methodo. A amizade a meu modo não serve p.^a a vida, e uma vez que a gente se convense de que se faz mal a si, tem obrigaçã de mudar de methodo: não he assim? Estou melhor de saude: e espero ainda recuperala de todo; este ar temme feito um grande bem vou estabelescerme de uma forma, que me pairesse me renderá alguma paz. O meu tempo vai gastarse entre os livros, a muzica, e o desenho. Acabaõ p.^a mim as vizitas de serimonia ficarei com as pocas, emque conhecer que a sincerid.^e me recebe. o cuid.^o devido aos negocios da m.^a caza será o contrapezo dos meos divertim.^{tos} Restame poca vida; quero desfrutala. Não me posso lizongear de sahir daqui: quanto me rodeia me diz q neste [p. 2] Payz cravou a Providencia a minha perpetua sorte; e com tudo no fundo do meu coração estã sempre levantandose um rumor que me assegura que ainda heide ver otros Povos, otros costumes, otras scenas. será tarde; mas nem por isso me desanimo e a Princeza de Sul Rovilli⁷, me dá exemplo. Esta mulher nos tem parecido amavel apezar da sua id.^e, e poca formozura: tem bondade de coração, e isso ganha sempre os vo[tt]os da gente de bem. Oje são apresentados no Paço, e oje mesmo partiraõ p.^a Madrid A Raiynha lhe permitiu a ella apresentarse sem roupa de corte, em atençã as molestias, que lhe impedem uzar deste vestido; e sua Mag.^{de} mesma a recebe taõ bem em confiança. Eu não te disse bem o Corr.^o passado, quando escrevi que ella te tinha visto em Pariz: fazemnos mais justissa, que a familia Franceza que está aqui: Ella tem gr.^{de} facilid.^e p.^a as lingoas, e se estivesse em Lisboa um mes, entendia m.^{to} bem o Portuguez, porq até pronuncia algumas palavras mas com perfeiçã. O Norte, ou nos inveja menos ou nos estima mais, que os dançadores *dos cotillons* [sic]. Muito me lastima o trab.^o da nossa M.^e de Thun: Dizelhe que certam.^{te} me condoo da sua affliçã. Eu conheça d'um certo modo e quazi me falta só ouvir o tom da sua voz; porq o seu modo de sentir, e pençar annunciaõno as suas cartas; a bond.^e do seu character he m.^{tas} vezes o assumpto das nossas conversaçõens [p. 3] com um amigo commum e as graças da sua figura estaõ taõ expreças no seu retrato, que o Embaxador

¹ 'Eczema de lactentes'.

² Joana Tomásia da Câmara, mai do 6º Conde da Ribeira Grande.

³ Irmã máis velha do 6º Conde da Ribeira Grande.

⁴ Roto.

⁵ Guido Augusto da Câmara e Ataíde, 5º Conde da Ribeira Grande.

⁶ Leonor da Câmara, 1º Marquesa de Ponta Delgada (1781-1850), filha do 6º Conde da Ribeira Grande e de Maria de Almeida, irmã da Condessa de Oyenhausen.

⁷ Lacunas polo mau estado do suporte.

de Espanha logo a conheceu. Se a f.^a estiver melhor não deixes de mo dizer logo. Este amigo commum temme dado cuid.^o, mas graças a D.^{os} não tem o mal chegado àquelle excesso q prometia o poco resguardo, que elle tem, e a qualid.^e do mal, que o persegue. Vi na carta de tua May a relação da tua Comedia. Com que gosto fora eu da partida! Estou certa deque eu não faria pezo a Socied.^e Quem he que teve *ce petit nés* [--]roucé, *qui derrange mon empère*? Fostes tu a Espanhola? mandame por miudo as noticias desta especie, porq nos divertimos com ellas na minha pequena S[ocie]d.^e e talvez são mais bem empregadas em nós, que em qualquer otra peçoa. Quanto me dizes dos viajantes¹ me irrita sem me admirar; Dá D.^{os} nosses a quem não tem dentes. O juizo, e a prudencia são uns bens, que nos valem por otros m.^{tos}; que não tivera com elles conseguido uma m.^{er} bonita, e rapariga? mas sem elles nem a virtude appareceria nella com em sua caza, porq estaria sempre como por demais, exahi o que me faz penna. Eu sou do teu parecer a respeito do Comerci[o] mas a meu pezar, não tenho cabeça p.^a isso. Madarei a tua carta a m.^a May que não pode recolherse a Lisboa andes do S. João. Agradeçote o que me dizes dos acolchoados. Se elles são como os que os Menezes mandaraõ a m.^a Irmaõ acholhe o defeito de [p. 4] *maus desenhos*.

No tempo de m.^a Avó vinhaõlhe coizas lindas e barat.^{mas} especialm.^{te} os bord.^{os} ainda eu fiz o otro dia m.^{ta} secia² com uma nobreza³ que nunca tinha empregado, que he desse tempo e taõ delicadam.^{te} bord.^a que parece feita agora. Se isso podesse vir e com comodo pediria licença a R.^a p.^a mandar vir algum vestido, e ainda dos acolchoados se o desenho for mais moderno. Mas os fretes he que me parece desarranjaraõ a economia. A fazenda [branca]⁴ me deve attençaõ, porq com a guerra tem subido tudo a tal preço, q he uma exorbitan[cia]⁵ e por isso estimara saber como a poderemos ter em comodo, porque essa como tem despacho, não tem difficuld.^e, e todos nós po[de]mos /em lealdando⁶ na alfandega a fazenda/ livrar [---] varas dos [direitos]; porem p.^a contrato creio que não poderá fazer conta esta remessa, por terem subido m.^{to} as avaliações na Alfandega p.^a a sollução dos direitos. E isto que parece não faz mal aos Comerciantes; e que he um meio de illudir o Povo carregandoo com um tributo, que não percebe, e que elle paga sempre que nececita o genero, não he assim absolutam.^{te}, porq a carestia dos generos faz comque cada hum se restrinja ao simples necessario, e daqui vem, que oje está m.^{to} mal sortida Lisboa de mercancias. Peçoa mais intelligente poderte ha dar mais calculadas noticias p.^a teu governo; eu apenas te posso dizer esto, e que dezejo comtodo o coração servirte. Mil memorias ao Sr. Conde, e otras tantas te envio do meu conservandome com o maior carinho tua verdr.^a T.

¹ Refere-se provavelmente aos primos Menezes já mencionados em cartas anteriores em relação com o seu mau papel na sociedade vienense.

² «1: impulso repentino, sestro, capricho; 2: qualidade positiva, predicado, atributo, prenda; 3: mulher elegante, porém superficial e afetada; 4: espécie de roupão feminino; 5: última moda». No dicionário *Houaiss* esta palavra é datada só a partir de 1819.

³ «Tecido de seda».

⁴ A leitura parece "brança" mais não tem sentido.

⁵ Lacunas pelo mau estado do suporte.

⁶ «Declarar (mercadorias importadas) para satisfazer exigências legais, de acordo com as regras fiscais aduaneiras; alealdar».

Depois de hum mez de doença querida amiga pego na penna p.^a te agradecer a continuação das tuas novas comque me daz m.^{to} gosto por todos os títulos porq o pode receber uma amizade verdr.^a Tenho tido m.^{tas} febres que pareciaõ sezoens, mas a debilid.^e de nervose o abatimento de espirito he o maior mal que tenho tido começo a sentirme mais no meu natural e p.^a ver s'enrijo vou estar uns oito dias com a familia d'Atalaya a St.^a Martha, onde agora se achaõ, e p.^a onde tivera oje partido a não ter um novo acometim.^{to} de molestia, porem creio q que [sic] não repetira e que poderei estender os olhos [p.^a]² pellos vastos campos, que o louro Tejo banha.

A tua carta de 22 allegroume porq te vi nella, e vi M.^e de Thun de vi todas as mais personagens q me pintas nella. Agora sahi daqui peço a que taõ bem tinha interesse no quadro, e acha que os retratos saõ sem.^{es} Eu bem quizera estar em circunstancias de poder discorrer com tigo; mas amandote de veras, não quero verte aqui onde eu vivo posto que a linda situação da m.^a caza por ora só he um objecto capaz de occupar almas da nossa tempera Se souberas quantas ideas grandes occupaõ a m.^a cabeça quando d'uma das janelas do meo gabinete estando os olhos sobre este retalho de cid.^e lindo como he e o imagino como podera ser? mas a m.^a vida he curta e os meus dias não veraõ o q a mocid.^e [resc-nte]³ pode ver [p. 1] [no futuro]⁴, q a R.^a lhe prepara. Tu ficaras pasmada dizendote em resposta das novas que me pedes de Lisboa, que nada sei os misterios politicos saõ mais altos que o meu conhecim.^{to}, e separada como estou da trata civil nem as [sic] coisas mais triviais me chegaõ as noticias senaõ depois da quarentena. Sei que caza do Condinho dos Arcos com a f.^a seg.^{da} do C.^{de} de S. Vicente he da sua m.^{ma} idade nada bella mas asseverase que mais judicioza que suas Irmans eu não tenho a fortuna de a conhecer, porq nem pelas ajuntas tenho conta. Caza taõ bem com o Irmaõ de D. Felipe de Mello, q he fallecido como sabes, com [sic] a f.^a seg.^{da} do Cond.e de Villa flor ella he m.^{to} bem dotada, e o noivo m.^{to} bom omem. Os Calhetas tem segundo f.^o e o Montr.^o mor taõ bem, esperase qualquer dia um p.^a M.^a Fran.^{ca} e disto verás que os q morrem saõ substituidos. Luzia está m.^{to} viva, e quem morreu foi a Asafata de Fran.^{ca} Luzia, que a R.^a m.^{to} estimava, taõ bem he morto o Conego cruces rezalhe pela alma.

Mandei a tua carta p.^a chellas ha m.^{to} tempo não tive até a prezente resposta, nem a resp.^{to} da pergunta que me fazias a resp.^{to} do comercio não te posso dizer se não q o Snr. conde he quem nisso te pode dar mais maduro concelho, pois ninguem melhor que sua Ex.^a sabe o q he conforme ao su carcter Minha May esta em serpa e eu não tenho nenhuma luzes que possa communicarte neste caso. Como não sahio de caza ha m.^{to} tempo não [p. 2] tenho visto ninguem da [tua fa]milia excepto a Atouguia que essa sempre que pode me faz favor; por esta razão não posso darte novas da tua f.^a por q.^m sempre me entereço e a quiz ter comigo no tempo em q tua May nos deu cuid.^o ahi te mando a resposta p.^a que vejas q nem eu faltei ao q devia, nem se trata com indiferença a tua f.^a ainda no tempo d'afflicção. Tua may esta livre e vai convalescendo.

A demora de S. Santid.^e nessa corte tem em gra.^{de} expectação todo o mundo culto. Da sua jornada seguirseha um gr.^{de} bem, que he lerse m.^{to} profunda[---] a materia, e cahir a mascara a m.^{ta} gente. Eu que não tenho que ler no ponto lerei daqui p.^a diante os papeis publicos p.^a saber o q vai pelo m.^{do} Quizera com tudo como boa filha da Igreja que o seu cheffe se não tivesse desacomod.^o de sua caza, onde a veneração que selhe deve he sustentada em certo modo pelo seu retiro. Sinto a noticia que me daz de q ainda

¹ O original está roto. Datamos em 1782 pola alusom à demora de Pio VI na corte vienense, que, como já foi dito, se prolongou até 22 de Abril de 1782 (portanto é provavel que Vimieiro nom conhecesse a noticia da saída do Papa da Áustria antes de redigir esta carta).

² Riscado?

³ A leitura nom é clara.

⁴ Lacunas polo mau estado do suporte.

continua a molestia de S. Mag.^{de} Imperial Eu tinha visto n'uma carta de França que esta molestia he talvez conseq.^{cia} da operação que fez na cabeça, q.^m sabe o que eu dezejo he q elle não perca a vista porq tem olhos de ver, e para ver entendeme, e não me julgues fr.^a sedi[---] Faze mil cumprim.^{tos}/ mas de coração/ a nossa de Thun. Lembrase ella de mim? Eu fallo della com gosto, e ainda oje fallei m.^{to} nella com hum dos seus bons amigos, que oje estava com a sua costumad.^a [p. 3] vivacid.^e e alegria O meu [Conde]¹ está [-----] teu agradeço a memoria que lhe devo. O duque viu a tua carta, e me leu a que lhe derigistes ha tempos, e a q.^l julgo que ja respondeu. Agradecete a honra que lhe fazes, e eu largo a penna porq o cançasso me obriga confeçando sempre q sou

Amiga e Cap.^{ta}

T

[272] Ahinda jazemos em poder da Ipedemya²; mas este mau influxo querida amiga não nos tem levado gente De mim não te posso dizer bem, e por isso acho melhor nada tratar deste ponto. A pobre Ribr.^a tem agora os trab.^{os} das contendadas da caza, mas tem comque se console porq a sua filha está agora sem uzagre, e mostra melhor as suas feiçoens bonitas; a tua gigante tem o dom de agradecer mais. Lembrome de que te não disse que he fallecido o Marquez de Pombal; assim como o Almotacel Mor, e mais otro filho da Thia Valença sabes certam.^{te} já, que vai D. Rodrigo de Menezes substituir o Marquez de Valença na Bahia³ e que p.^a Minas Gerais, donde elle sahe, vai Luiz da Cunha⁴ que estava em Goyazes⁵; p.^a este governo vai seu Irmaão Tristaão de [sic] Cunha, e são tão velhas estas novas que não as escrevo sem me dar vontade de rir, ou seja da m.^a tontisse, ou da m.^a insensibilid.^e Para o que não sou insensível, he p.^a a jornada das Peçoas Reais ás Caldas. A Princeza vai tomar aquellas agoas o re[p. 1]medio e as suas consequencias não poedem ser indifferentes: D.^s a faça May; sem risco, ou trabalho/ eu chamo trab.^o ao q sahe do costume/ As novas do Theatro Nacional, que o Emperador vai estabelecer me deraõ m^{to} gosto, e m^{to} mais ainda por elle ser conforme ao plano que tanto tempo antes tinha ouvido ao nosso Duque. Eu não sou Theologo, e cada hum diz da festa, como lhe vai nella. Como nunca me fez mal hir ao Theatro, e me tem feito m^{to} bem ler os comicos, tomara, que tão bem entre nós ouvesse um Theatro bem regulado, onde a Raynha sempre que quizesse achasse a mocid^e aos olhos de todo um Povo. Os costumes e a polidez tem perd^o alguma coiza com as partidas particulares, onde cada hum via á surdina, mas não obstante esta groçaria, que tem certam^{te} crescido a um ponto inexplicavel, aquelle miseravel dia, que ha cada mez de se juntarem na Academia faz milagres: que será quando a R^a achar tempo de por ali a sua mão? Suponho que ninguem lhe diz o que lá se faz; pois que o Visconde /que está ameaçado de um terrível mal de [-----]/ não vai lá, e era elle quem dizia um dia destes que nenhum corpo sem^e [p.

¹ Roto.

² Datamo esta carta entre 8 de Maio de 1782 -data da morte de Pombal- e 13 de Maio de 1783 -data do reconhecimento da protecção real à Academia das Ciências de Lisboa, que a partir dessa data passa a designar-se Real Academia.

³ Afonso Miguel de Portugal e Castro foi governador da Bahia entre 1779 e 1783, data em que foi substituído por Rodrigo José de Menezes e Castro, que ocupou o lugar até 1788.

⁴ O posto de Governador de Minas Gerais foi ocupado por Rodrigo José de Menezes e Castro entre 1780 e 1783, quando foi substituído por Luís da Cunha e Menezes, Conde de Lumiares, que exerceu este cometido até 1788. Como a Condessa afirma a seguir, Luís da Cunha fora com anterioridade governador de Goiás (desde 1778 até 1783) até que foi relevado por seu irmão Tristão, que ocupou este lugar até 1789.

⁵ A leitura nom é segura.

2] *tinha feito em tão pouco tempo tão rapidos progressos e q sua Mag^{de} devia já fazer patente a sua Protecção promovendo, e ajudando a um estabelescim^{to}, que todo rezulta em utilid^e gloria de seu Reynado. Se um dia apparecesse lá sua Mag^{de}, ou ao menos o Principe que electricismo [sic] não deixava. Não te sei gabar assaz a falla do Duque, em que já te fallei. Elle torna aos banhos: lê, lê, e torna a ler porque p.^a tudo tem tempo; hirá a Mafra não só pelo seu cuid.^o proprio; mas porque a Raynha com a sua costumada afabelid.^e [sic] lhe disse um dia destes fallando da jornada *O Duque não nos hade hir la ver?* Agora demos por acabada a carta porque me chama uma occupação a forca, vou por promptos uns papeis, com que hei de fallar á R.^a em nome do meu omem de quem tenho boas novas, e a q.^m espero ver brevem^{te} Recomendame ao teu, e recebe de minha May mil carinhosos recados. D.^s [sic] m.^a amiga do meu coração, sou*

a tua fiel

T

P:S: Não se falla aqui senão no infeliz cazo de Monsenhor Gajo que morreu envenenado Cahem todos os indicios do crime sobre seu [p. 3] valet de chambre, e sobre seu cuzinheiro [sic] este fugio antes do amo comer aquelle não sei como poderá salvarse de todos os indicios que o representaõ culpado.

[273] A firmeza da tua letra m.^a Oeyenhausen, me faz esperar q estejas restabelescida. Tua f.^a está m.^{to} boa: Tua May resuscitada no campo pequeno, e summam.^{te} carinhoza e com a pequenita. a Ribr.^a vai convalecendo dos incomodos q lhe deu de seu seg.^{do} Guido, q he m.^{to} lindo, e tem de m.^{or} não trazer, como a Leonor o cunho da familia de seu Pay Fallamos m.^{to} de ti quando estivemos juntas e á vista do teu retrato, e como temos estado sos parecenos q tornamos atraz. [p. 1]

A m.^a saude e má, e ha tres dias que está peor; mas sararei Se tu vires a essa M.^{me} de B[---]¹ que eu conheço m.^{to}, e como está a f.^a de de Thun? dizelhe mil coizas da m.^a p.^{te} a cada qual mais arzezoada, e carinhoza O nosso Duque vive e faznos conhecer a preço da vida entre o bando dos q. que vegetaõ. A Corte foi ontem p.^a Queluz e m.^a familia tem padecido de sarampo, o saõ dois de meus Irmaons os q o tiveraõ mais forte tenho receio de q Galveas seja atacada deste mal q parece ypidemico. O meu sobrinho [p. 2] e gigantesco, gentil, e atinado prometeme um bom sucessor dos meos Mellos. Sua May he um Anjo de paz q entrou na nossa familia o seu juizo e sua docilid.^e, e mais que tudo a sua boa razão fazem, comq a gente não faça cazo das apparencias Podemos atribuirlhe o gosto q m.^a May desfruta vendo os seus f.^{os} todos vivendo na m.^{os} armonia de baixo dos seus olhos. Doute todas estas noticias, porq entereçaõ o meu coração, e porq tu [hes]² tão bem das que *vivem*, capaz de dar preço a felicit.^e domestica [p. 3] A publica enteressame assaz mas como graças a D.^s temos soberana a q.^m toca promovela podemos descancarnos seus dezejões que não tardaraõ em ser efficaes. A D.^s amiga recomendame ao tu C.^{de} e asseitame do meu mil respeitozos cumprim.^{tos} Pobre Methastacio fazme falta

Lisboa 18 de Junho de 1782

¹ Madame de Bombelles?

² A leitura nom é clara.

Souvent on maque a la justisse quand on juge les absens. Tu mesma sentenciaste; e esta he querida amiga da m.^a alma a primr.^a respozta q te dou p.^a te socegar a resp.^{to} da tua familia. A tua f.^a he o idolo de toda ella. Teu mesmo Pay a adora e tua May não poderia, ja agora, viver sem ella; tanto assim que no dia, emque Ribr.^a a fez Avó seg.^{da} vez, não podendo tirarse dali mandou buscar a tua Leonor, por não se atrever a passar um dia inteiro sem a ver. Disseme ha tempos com summa consolação: *m.^a Vimr.^o estou já descançada a resp.^{to} da m.^a pequenita já sua May me prometeu não ma tirar nunca; que seria de mim no estado, em que estou se a visse partir!* Não vai mal creada, e tua May dezeja achar uma M.^{er} de talento capaz de suprir as suas vezes, quando for obrigada a separarse della por algumas oras. Digote o que entendo. No estado debil da saude de tua May, fora deceparlhe a vida, arrancarlhe dos braços aq.^{la} porção de ti a q.^m ella ama com a maior ternura. Tua May viverá até a estabalescer; mas se a Providencia dispozer o contrario, então será indispençavel mandala buscar, no cazo de não quereses confiala a m.^a amizade, que sempre acharás disposta p.^a te servir como tu quizeres ser servida. Eu amanhã espero vêla, e no fim da carta te darei mais miudas novas suas. Teu Pay esta bom: allegre, robusto, e menos aspero no trato: teu Irmao como sempre a Ribr.^a contenta, e a filhinha ja parese filhona: até agora não nos faz envejas: a alma da tua Leonor não he vulgar e o seu lindo corpo a inculca m.^{to} bem; descança, m.^a Oeyenhausen, não me parese que se esquecem de ti: todas me dizem que te escrevem; eu sou quem não o tenho feito regularm.^{te} e já nas cartas anted.^{tes} te disse o por que; mas como tu o queres eu serei mais exacta, daqui p.^a diante. Agora pelo que toca a novas não sei como isso será. Ja te disse que eu tenho [p. 1] toda a certeza de serem vistas, e talvez copeadas as nossas cartas. Ora com esta certeza qual pode ser a liberd.^e da m.^a conrespond.^{cia}? se ao menos eu conhecera o character da peçoa a quem está cometido este exame, não tendo que escrever nada contra o Estado darmehia gosto conversar contigo a face de bons mirones [sic]; mas ignorando diante de q.^m fallo arriscarei uma graça innocente entre nós, que amamos o bem como elle o he na realid.^e, mas perigoza para ser interpretada por q.^m não está no nosso sistema? não pode ser, e m.^{to} mais quando oje se despedaça a reputação alheia com pretexto de zêlo, ainda m.^{to} mais facil.^{te} do que se rasga o papel que não serve. Nem novas literarias te posso dar porq' tenho gemido ha dois mezes debaixo da mais pezada malencolia, que se pode considerar; e tem chegado a ponto que às vezes tenho receado perder a razaõ. A cura he dificultoza: não ha nenhum, nenhum, nenhum genero de divertim.^{to}. A muzica quazi está cahindo na sepultura. Não sei se he de mim se he delles; mas as pocas vezes que oiço estes M.^{os2} arroxados sempre me parese que cantaõ a amoroza; moda que m.^a Avó exultava, e que eu ainda ouvi cantar a uma velha com m.^{tos} requebros, e suspiros entre meio. Hum dia destes foi uma peçoa da m.^a amizade obrigada a servirse d'uma seje d'alluguel [sic]; veio esta, e era arrastada por um cavalo, e um macho. O cavallo puchava sempre [p.^a diante]³ e o macho sempre recuava; pareceume q se podia fazer disto um emblema [alusivo no ao -----]⁴ p.^a nos divertirmos; mas depois assentei, q de modo nenhum me metia em tal dança: quem sabe se alguem tomará o cazo por si! Deixemos hir a seje jugando a q.^m pode mais o galo, ou a galinha, e esperemos que o arrieiro iguale a parelha p.^a a otra vez, ao menos eu ja lhe mandei dizer; que me não mandasse cá, quando me fosse necessario servirme do seo fraco prestimo. Se tu queres

¹ Datamos a carta em 1782, altura em que a Condessa da Ribeira tem o seu segundo filho (despois de Leonor), mencionado em carta de 18 de Junho de 1782 como «o seu segundo Guido» em alusom a um primeiro filho de Maria de Almeida nascido em 1780 e que tinha morrido aos poucos dias de nascer.

² Músicos?

³ Entre linhas.

⁴ Idem.

novas destas eu te mandarei um cento [p. 2] Ainda se não publicaraõ os elleitos p.^a as duas cortes vagas, e eu [naõ]¹ te informo de conjecturas. Ontem tive a onra de ver a familia Real no Conv.^{to} novo². A bella Raynha estava com umha benignid.^e que encantava. A Inf.^{ta} pareciome a imagem da sabedoria: como eu fujo de fazerme pezada a todos com a m.^a tristeza tenho hido pocas vezes ao Paço: Sua Alteza perguntou por mim a m.^a May, queixandose onrazam.^{te} [sic] de me não ver e dizendo, *eu ja lhe disse o otro dia que ella se matava, e tal vez por q.^m lho não mercia* [sic], *bem lhe instei, bem a persuadi*. Assim tinha sido; e eu julguei q' devia dar-me por sabedora do q' tinha passado com m.^a May. beijeilhe a mão, e diselhe a este resp.^{to} duas palavras do meu reconhecim.^{to}, então sua Alteza onroume de novo, e na Verd.^e parecia um Numem q' fallava; *para quando el dolor es de muerte, solo el morir es remedio* /diz o Castelhana/ 4.^a fr.^a foi a Academia. A Phisica brilhou e se he verd.^e o que o cavalheiro Barros adiantou, e o que Dallabella nos promete saõ certam.^{te} dois inventos gloriosos p.^a o nosso seculo: contudo pede a prudencia que sem maior exame não se dem ao publico acerçoens de tanta ponderação p.^a que nos não tratem de leves. Barros affirma que a progreação da luz se faz com m.^{to} menos tempo do que até agora se tinha calculado; e com effeito expoem o seu calculo methodicam.^{te} Parece incrivel que este omem tendo achado esta verd.^e com tanta evidencia como elle suppoem não se tenha apreçado em produzila p.^a q' otros lhe não tirem a primazia; mas elle he verdr.^am.^{te} Philozopho: faz a primeira conjectura; e annunciou a na pr.^a ceção promettendo averiguar, se uma unica objecção q' podia opporlhe destruiria o seu projecto; agora mostrounos q' a mesma objecção examinada lhe servia de prova p.^a corroborar a sua acerção. Dallabella promete achar as leys do magnetismo; porém isso nececita mais averiguado, mais explicado [p. 3] e p.^a eu te informar nececito estar mais informada. Não te tenho mandado novas da goma elastica, porq' me disse o Duque que ella tinha mandado ao Principe de Kaunitz já um individual Se a nossa Princeza³ nos desse um filho a tempo de elle o educar, que felices viriaõ a ser os nossos Portuguezes, gozando do governo suave da Raynha, e preparan do se nelle p.^a todas as revoluçoens que costumaõ trazer consigo as suceçoens das Coroas, e dos tempos. Elle he geralm.^{te} amado, e deve não só estimação mas carinho a toda a familia Real. Somos nós quem não merecemos vêlo a testa de alguma repartição. Elle p.^a si está bem melhor assim; vê o mundo [e veio]⁴ no ponto mais sublime, e só o amor da soberana certam.^{te} foi capaz de obrigar a vestir uma farda soube que ella o queria, e q.^{do} não podia presumirse q' a ideia de ser empregado podia mover a vestio. Com a mesma indiferencia com que a vestio a respeito das onras a conserva, com a mesmo apego a cumprir a vontade da Raynha preziste [sic] Inspira aos particulares todo o bem que pode, dá a mão a todos os benemeritos, não como Protector, senão como amigo soffre m.^{tas} dores; mas não perde a alegria, e lendo sempre sem ser *L'Abbé de Platre*⁵ da gozto a quantos o vem. Acabo aqui ate q' seg.^{da} fr.^a torne a darte novas da tua pequena. Recomendame ao teu conde, e sempre, sempre a Mad.^{ma} de Thun. Do meu aceita mil expreçoens agradecidas

¹ Leitura difícil; os bordos estão deteriorados.

² Provavelmente, o convento da Estrela.

³ Maria Francisca Benedita (irmã da rainha D. Maria I), casada com o seu sobrinho e herdeiro do trono D. José, príncipe da Beira. D. José morreu jovem e não deixou descendência.

⁴ Entre linhas: a leitura não é segura.

⁵ Louis Carrogis, Carmontelle: «peintre, architecte et paysagiste français, né à Paris le 25 août 1717, mort en la même ville le 26 décembre 1806. Il avait été lecteur du Duc d'Orléans et l'ordonnateur des fêtes que donnait ce prince [...]. Ses proverbes dramatiques lui ont assigné une place dans la littérature. Ces petits comédies sont en effet le plus jolie répertoire pour les théâtres de société [...]. On connaît de lui 106 proverbes, 2 recueils contenant de jolies comédies, des romans et la seule pièce que l'auteur ait livrée sur un théâtre public: *L'Abbé de Platre*, comédie en un acte et en prose» in <http://lelouptheatre.free.fr/docdidoc.html> (última consulta: 23.01.2004).

As minhas cartas, em corr.^{os} seguidos, te haveraõ já provado, que o estado da m.^a saud.^e he melhor de presente; mas p.^a te naõ affligires q.^{do} ellas te faltarem, he preciso q assentes, amiga da m.^a alma, que a tua Vimr.^o ja naõ he aquella m.^{er} viva, picante, allegre, e que sabia excitar o contentam.^{to} no coração contornado das suas amigas, sem deixar de embeber o seu de todas as suas amarguras. A id.^e me tem feito uma terrivel mudança. Os desgostos temme amortecido a um tal ponto, que mil vezes pasmo de q me soffraõ as peçoas de entendim.^{to}; pasesseme, que sou ja um trambolho na socied.^e. Atraz disso vem mil reflexoens a cada qual mais triste, q me fazem cahir numa certa inação que naõ he portanto efeito de insensibilid.^e, pois que a unica/ mas certam.^{te} a unica/ consolação que enteressa he o testemunho que algumas, bem q pouquissimas peçoas, me daõ de q lhes naõ sou indifferente As tuas cartas me daõ naõ pocas vezes estas provas agradaveis de carinho, e naõ pocas me tem enternecido a idea de que chegou um tempo em [p. 1] [q reputo ser felicid.^e]¹ a certeza de te ver taõ longe de mim. Os meus dezejos saõ certam.^{te} de que te conserves lá m.^{tos} annos, pois sei que a tua felicid.^e está assaz depend.^{te} dessa presist.^{cia}. Assim eu podera achar meio de te ver dando uma volta a esta p.^{te} do mundo porq vivemos, mas isso he incompativel com as ideas comuns e com o estado actual dos meus neg.^{cios}. Todos os teus parentes passaõ agora bem; e tua May se tem restabelescido no campo pequeno: a tua f.^a cresce em graças, e rebustez [sic], e tua May naõ se descuida de prepararlhe o coração p.^a que as impreçoens dos seus exemplos virtuosos se profundem nelle. Nada me pasmo da encoherencia em q os S.Vic.^{tes2} se tem portado nas contas de formalid.^e dos cazam.^{tos} de suas f.^{as} porq teriaõ agora essa exaccção? Menos ainda me pasma a indolencia dos Cadavais p.^a com os parentes de França. Q^m querias tu que escrevesse uma carta Franceza naquella caza? Os parentes [della]³ Portuguezes tem tido a fraqueza de os fazer soberbos. A nececid.^e que fez declarar o Duque de Brag.^{ca} D. Jaime como o represent.^e da linha immediata ao Trono enfactuou⁴ sempre todos os Netos da Sr.^a D. Eugenia de Brag [p. 2]ança. Eu que naõ tenho a felicid.^e de lhe pertencer, vejo da praya empollar as ondas, e divirtome quando depois de tanto impeto e grossura os vejo escorregar pela area, a tornarse aconfundir no abismo de todas as agoas. Soffrasse um bocad.^o [??] de poezia em proza, p.^a que a imaginação se nos naõ enferruge de todo. A noticia que correu por la das viagens do nosso Duque naõ sei que tenha fundam.^{to} Para elle e p.^a os seus amigos fora certam.^{te} uma rezolução agradavel; p.^a nós pobres portuguezes seria uma desconsolação, e talvez um desastre. Assim he que os negocios publicos naõ occupaõ a sua activid.^e mas quando he que elle esta ociozo p.^a a sua Patria? Eu pelo menos quizera que os pocos annos q me promete a debilid.^e da m.^a saude... porem mudemos de assumpto. A distancia faz as respostas incoherentes, e quando esta chegar talvez que ja todas essas Damas que se queixaõ do seu silencio estejaõ satisf.^{tas} A medalha fund.^a em memoria da *jornada santa; ou de sua santid.^e* interessa aos curiozos o meu Dono de Caza ta manda pedir, e me encarrega de te fazer os seus cumprim.^{tos}, e ao Sr' Conde [p. 3] da m.^a p.^{te} lhe dirás taõ bem alguma coiza que compence dignam.^{te} a sua memoria. Quanto me lizongeia o que me seguras tem de mim M.^m de Thun e q.^{to} estimo que a sua f.^a esteja restabelescid.^a e capaz de a fazer prometer correr sempre mais uma posta q a nossa Portugueza p.^a encontrar mais cedo otro Portuguez. Naõ somos má gente na verd.^e quando nos sabem aproveitar: Goza tu que o mereces desses bons jantares p.^a que es convid.^a taõ destintam.^{te} em q.^{to} eu trab.^o/ bem q inutilm.^{te} / porq o

¹ Entre linhas.

² Os 6^{os} Condes de São Vicente, sogros do Conde de Assumar.

³ Entre linhas.

⁴ Por *enfatuou*?

mundo que vejo debaixo dos olhos me não peze sobre o coração. He bem mais feliz a condição dos particulares da que nós de ordinario a figuramos! A abundancia dos fructos allega este anno os meus Alentejoens; mas irregularid.^{es} do tempo tem por cá feito das mesmas peças ou menos sem.^{tes} ás que tu me contas. Tem havido m.^{tas} doenças, mas graças a D.^{os} não ha ypedemias. A D.^s m.^a Sr.^a fortificate e dame sempre que poderes a certeza de que estas contente, será dar um graão de saude á

tua
Vimr.^o

[276] Lisboa 6 de Agosto de 82

Fazes-me justissa m.^a Oeyenhausen: ha mais de hum mez, que não vou ao Passo, e neste mez passaraõ dias que certam.^{te} me levarão lá se tivesse saude. A epidemia, que V Ex.^{as} lá tiverão primr.^o, chegou taõ bem por cá: ha cazas inteiras, que estão tocadas, e a m.^a que tardou, agora a recada. Tu sabes a estas oras o motivo de não ser regular a m.^a correspondencia, porq ha dois, ou tres corr.^{os} te escrevi largam.^{te}, e depois disso, até p.^a o Reyno escrevo com difficuld.^e A perguiça he tal vez otra epidemia, ou sintoma que acompanha esta, o peor he que todos a tem, e nenguem [sic] se cura della Não tenho novid.^{es}, que te mandar; e exaqui otro motivo de não escrever o poco que ha que dizer do publico, o nada, q me importa a vida dos particulares, faz seccar a proza, p.^a taõ longe, e m.^{to} mais quando considero a activid.^e, em que se está nesse theatro. vejo de cá abater os velhos muros de Viena, vejo crescer gr.^{des} arvores nos sitios, que elles occupavaõ, vejo trocar m.^{to} tijollo por bom dinheiro, e vejo ainda mais quaõ distantes estão ja das *portas de Viena* aquelles barbaros, q fizeraõ n'otro tempo tanto terror aos seus [sic] abitantes. Tudo isto me dá gosto ainda visto de longe; e por que? porque a gente de bem he [p. 1] compatriota de todo o mundo, e não pode deixar de se comprazer, quando vê, seja na china, seja na Russia seja na America, ou seja em Toscana, uma legislaçaõ, uma administraçaõ /digo melhor/ activa popular e proveitoza; que será vendoa naquelle vasto império, onde os nossos ultimos Reys foraõ buscar as Espozas de quem são Netos os que estão no Trono? Não ter acesso aos empregos senão pelo titulo do merecim.^{to} he uma maravilha, e se o merecimento for sempre avaliado por bons juizes, melhor ainda. Tu sabes que eu sempre achei que era verdade o dizerse *Fidalgo he quem faz fidalgarias* e só acha isto mau quem se acha sem animo ou talento de as fazer, o mau será se depois desse Decreto, taõ popular, como justo, os Ministros do Emperador deixarem os Fidalgos de merecim.^{to} sem os empregos, que elles mereceraõ estudando *como viloens ruins* Lembrome desta groceira expreçaõ porq lhe acho força, e era de hum lente de boa feizaõ no tempo em que o teu, e o meu Irmaõ andavaõ na Universid.^e. dizia elle com graça *Estamos mal!* porque? *porq deraõ os Fidalgos em estu*[p. 2]*dar, como os viloens: e disse que tiramos? que os empregos seraõ p.^a os Fidalgos, porque juntaõ às obrigaçoens do sangue as Luzes do Estudo; e qual será o Principe, que deixe o oiro pollido, p.^a lançar maõ do cobre esmaltado?* o bom lente dizia assim, mas o mundo ha de ser sempre o mesmo, e a fortuna será sempre, quem reparta as garrochas O meio de vencer he certam.^{te} o que tu adoptas, no plano de vida, que escolhes. Cada hum de nós se basta a si d'um certo modo; porem, m.^a amiga, podes crerme; esses planos, que hum mom.^{to} de malencolia nos apresenta; o que a razaõ em otro de socego modifica, não podem subsistir, em quanto a constituiçaõ do seculo não mudar. Com tudo quem bem principia tem metade da obra. Começa e se poderes [sic] continua; leva porem sempre diante dos olhos que certos esforços dessa natureza,

encurtaõ a vida mais do q parece. Quando eu me retiro por escolha, acho a paz no meo retiro, quando me separo por uma espece de nececid.^e, levo comigo a braça no coração: mina em segredo he verd.^e, mas por ultimo chega ao exterior, em que o diga Almas [p. 3] mas [sic] do nosso calibre não são p.^a enchovias por isso mesmo quando ellas nos fazem tomar o partido da gloria, pagaõno com a dissipação das forças e ultimam.^{te} com a destruição deste pobre corpo, que na verd.^e não serve mal a sua Sr.^a Eu m.^a Leonor vivo assaz retirada, medito, e torno a meditar: q.^{to} posso elevo a m.^a alma aos dezejõs de uma verdadeira [sic], e sollida felicit.^e; procuro despegarme dos nadas que occupaõ a maior p.^{te} da gente /e facilm.^{te} o consigo/ com tudo, como este mundo he obra da mãõ de D.^{os}, como nelle ha tanta formosura que me traça de algum modo a belleza do seu Author, como vejo que elle podia ser uma semelhança do Paraizo, se os omens se voltassem deveras uns p.^a os otros, confeço a m.^a culpa, não me parese mal o mundo; não acho taõ mao o comum das gentes; e com poco trab.^o me parese q os Principes fariaõ Anjos dos omens. Agora não te queicharás de que estou callada: vê bem quantas palavras tenho escrito e /se me não engano/ vê taõ bem as coizas q te escrevo. Meu Iramõ Jozé embarca na mesma não [p. 4] não [sic] em que ja teve a fortuna de bem servir o Estado e de contentar a soberana: minha cunhada promete ser May seg.^{da} vez; e o seo prim[eiro]¹ filho forte, robusto, e atinado, tem mais de 25 polgadas em nove mezes de idade. Minha May está comigo, e vive contente, porque vê em paz a sua familia, e empregados os seus f.^{os} em se fazerem benemeritos. O nosso Duque brilhou nesta ultima Academia: fallou do amor da Patria com uma energia, uma sollidez, uma verd.^e de principios que o comum da assembleia lhe deu lagrimas por louvor. Sahiaõlhe as Expreçoens de sendo [sic??] d'alma: a simplicid.^e do Estillo, a grandeza da materia, a magestade das coizas, q tratou, lhe teve os coraçãoes de todos fechados na mãõ, em q.^{to} recitou. Comque ternura fallou da familia Real, e mais ainda da Raynha! Eu não vi nunca um filho, que fallando de sua May, se mostrasse taõ capaz de ser /se não seu Pay/ ao menos o seu apoio. Elle está doente por tanto; soffre a epidemia, e teme o Reumathismo Deuse uma unica medalha, não obs.^{te} haver m.^{to} que louvar [p. 5] nas memorias concorrentes p.^a os premios mas a Academia inflexivel nos pontos de justissa julgou q não devia coroalas, por não terem satisfeito ao que os programas pediaõ. Só a da Mathematica foi coroada, e um Profeçor da Unviversid.^e de Copehagen levou o premio, poq, não achando tudo o requerido, ao menos se aproximou, como se propunha. Tu la tens os programas, la verás o que se avançou. Como creio que o Duque não escreverá, e certam.^{te} se escrever não fallará de si podes dizer tudo isto aos seus, e teus bons amigos. Eu estou de partida p.^a Alcoentre, não sei o tempo que la me demorarei; se te faltarem cartas não tenhas cuid.^o, porque de lá he mais deficil [sic] escrever; mas se eu achar lá a saude, que me falta, e alguma da m.^a antiga energia eu darei sinal de mim. A tua gente está em Almada; por isso te não dou miudas novas della; preparete p.^a festejar a tua creança, e não lhe negues o leite, uma vez que te queres voltar toda p.^a ella. Mil coizas do coração a nossa de Thun entre tanto vê se conheces esse retrato; foi um [p. 6] esbosbosso, q sahio da penna quazi no meio da convercação [sic].

Bella /mas por lizonja/ ouvi chamar-me.
 Não causa horror meu gesto, nem namora;
 E qual d'um vivo amor victima fora,
 Pela amizade sei sacrificar-me

Hum genio todo fogo, d'arriscar-me
 Não [instantes]perde hum so instante; mas senhora

¹ Lacunas polo mau estado do suporte.

se fez delle a razaõ, e a vastadora
chama, faz que só sirva d'animar-me

Docil, firme, e sincera, sem vaidade
Digo o pouco, q sei, e me contento
De pezada não ser á sociedade.

Defeitos tenho assaz; mas no momento,
Em qu'a offença me fere, acha a Piedade
No peito mais lugar que o sentim.¹⁰

Aceita memorias do Conde; de m.^a May e da as m.^{as} ao Sr Conde.

[277]

Lisboa 20 de Agosto de 1782

Na verdade, amiga do meu coração, não posso entender como não tens recebido cartas m.^{as}, porque no tempo em que o nosso bom Duque te escreveu a carta, a que na sua [sic] te referes, te escrevi eu taõ bem. Poco perdes nas taes cartas, que sendo largas, vão de ordinario cheias de bacatellas por não dizer *nadas* excepto nos capitulos em que trato da m.^a amizade, da peçoa do nosso bom amigo, o qual cada vez se mostra mais digno da Estimação, e da amizade desse soberano, bom avaliador da gente de Bem A triste noticia, que lhe mandastes o tem penetrado de modo, que me faz temer pela sua saude. Tu sabes quanto vale p.^a mim encontrar um coração sensível, e capaz d'amizade até este ponto, julga se tomarei parte na sua dor.

Aqui fiquei ontem quando fui com m.^a May e os Atalayas pintar a Alpriate, que he uma caza de campo do Duque onde passamos m.^{to} bem, porque alguns momentos, nos pareceu distrahido da grande magoa de que se deixou em serto modo possuhir. Fallouse m.^{to} de ti, e longe do tumulto passamos um dia agradavel Ha na Q.^{ta} um gr.^{de} loireiro, que faz um pavilhaõ natural no meio [p. 1] de uma praça como elle cresceo á vontade da Natureza devidiase desde o seu principio em diversos braços q formaõ a copa, entre estes braços tem o Duque posto uns assentos que rodeaõ toda a Arvore. Eu centeime em um delles e lançando um braço por sima de um dos troncos, fiquei¹ com o rosto encostado nelle, e uma malencolia dosse se apoderou de mim. O vento fazia gemer o tronco, parecia q a Ninfa me convidava a fallar por ella, entaõ me cresceraõ as saud.^{es} da m.^a Oeyenhausen, e dizia comigo Só a ella fora consed.^o esse dom. Não presto ja p.^a nada m.^a Leonor nem da m.^a pena sahe ja otra coiza senaõ o *Conde de Vimr.^o representa a V. Mag.^{de} &r.^a; espera o Conde de Vimr.^o que V. Mag.^{de} lhe faça justissa &r.^a* e bem vez que o patrimonio dos que representaõ, e esperaõ, não he otro senaõ o da tristeza por preludio da desesperação, eu contudo forcejo contra estes males, porque a m.^a soberana tem um coração cappaz de dar lagrimas ás m.^{as} lagrimas. Amavel Princeza! quanto he digna de ser bem servida! Agora parto 6.^a fr.^a p.^a Alcoentre, onde está o Conde [p. 2] Se te faltarem novas m.^{as} entretanto, não crimines o meu silencio, porq de lá he deficit a correspondencia, mas eu me valerei do nosso Duque p.^a que alguma vez te cheguem novas da tua amiga. A ypidemia [sic] vai cedendo e foi benigna entre nós, e por mais que [agora] estudo, não me ocorre novid.^e que possa enteressarte Espero que tenhas m.^{to} bom successo, e que a tua creança nutrida por otro methodo te viva e dê m.^{ta} consolação

¹ Lacunas polo mau estado do suporte.

Aceita m.^{tos} recados da m.^a May da os meos ao teu Conde, e ficate com as tuas boas amigas, que em certo modo taõ bem eu lhe chamo m.^{as} e porq? porq a gente de bem simpatiza ainda de longe A pobre de Thun me faz compachaõ: *Delos Rios* he m.^{tas} vezes assumpto das nossas conversaçõens: de Buquoi!... isso! isso he trigo de Brioste! O cazo he que eu bejo toda essa gente á roda de ti, que meto a m.^a colherada de quando, em quando, e que abençoo o Emperador quando castiga publicam.^{te} um ladraõ de character, e declara ao mesmo tempo, que o crime de um individuo, não pode escurecer a virtude de huma familia [p. 3]. Eu leio estas coizas e enterneçome; cahemme as lagrimas sobre os papeis publicos, e digo exahi um soberano q sabe popar os omens! A hypocrizia [sic] não terá lugar no seu reinado, mas a virtude pode estar certa de que não ficará sem premio. Feliz o omem que sabe ser soberano! [-----] o fructo que procede da applicaçãõ, da observaçãõ, da docilid.^e, e da constancia. Não acabaria, m.^a Amiga, se deixasse o curso livre ás reflexoens que se amontoaõ á vista de sem.^{es} espectaculos, e acabo contentandome de viver no seculo em q tanta coiza gr.^{de} fica à posterid.^e p.^a exemplo. A D.^s A D.^s

Sou tua fiel
T

[278]

Alcoentre em 28 de Outubro de 1782

Entendote, querida amiga sei que um bom dezenho perde m.^{tas} vezes por um mau collorido; mas o que nunca pode ser bom, he um quadro mal deenhado, ainda que o collorido seja fino. Se me entenderás tu *Amem*? Quando os principios são bons, desculpase facil.^{te} a impropried.^e dos meios, com tanto que se chegue ao fim pretendido. Grandes revoluçoens não se fazem sem grande opposiçãõ, e quem gosta de andar depreça, como eu, não se assusta de ver os cavallos ardentes e promptos a partir [ao mesmo tempo]¹ perde a paciencia metida n'uma liteira, soffrendo movim.^{tos} encontrados, e sem saber se anda, ou se dezanda. Por esta impaciencia, tomo o partido de andar aqui pelo meu pé, porq vejo o que ando, o que tenho p.^a andar, e paro q.^{do} quero. Mas porque tardo em fallar da tua nova gigante²? Foi por hir respondendo á tua carta pelos mesmos passos. Espero que ella mame m.^{to} bom leite e conserve toda a sua rebustez de baixo dos olhos de huma tal May que sabe m.^{or} que ninguem o que deve fazer p.^a que a sua creança não pereça em mãos alheias: Estimo n'alma que sahiesses bem no teu trabalho e espero que te fortifiques, porque o Inverno te achara [p. 1] ja restaurada de todas as perdas que tivesses feito, e agradeçote com toda a m.^a verdr.^a amizade que tivestes de me mandar a noticia no mesmo dia, em que livrastes esta lembrança não he equivoca nem o meo agradecim.^{to} querida amiga sera nunca desigual, mas as duas cartas chegaraõ á m.^a maõ juntas. A m.^a saude ha pocos dias tem tomado huma boa face: e como um dos effeitos que tenho experimentado he a dilataçãõ do animo ainda me prometo mais segura a rebustez que ja sinto. Torno a parecerme comigo, e contentome das perdas do semblante quando me sinto recuperar as do espirito. Não sabes a que abatimento chegou a estar reduzida a tua Vimr.^o. Agora respiro e começo a deitar a vista ao largo pois que nada tenho que ma fixe ao pé de mim, estando os meus negocios ainda na mesma ma figura em que a ignorancia os tem posto apezar de toda a bondade e rectissimas intençoens da Nossa bella Raynha, cada vez mais digna por ela mesma do amor de seus vassallos. Tevemos o grande susto de ver a Nossa Amada Infanta atacada pelo contagio q ouve nas Caldas; onde estava com toda a familia

¹ Entre linhas.

² Maria Frederica, nascida a 1 de Setembro de 1782.

real por fazerem comp.^a a Princeza, que veio tomar os banhos como ja sabes; porem a Inf.^{ta} livrou bem. Ao principio alguns morrerão apreçadam.^{te}, e abertos se lhe achavaõ os boffes corruptos [p. 2] A Rainha [cons.^{te}]¹ e amiga de sua Irmaõ insistiu alguns dias em senaõ separar della porem a Inf.^{ta} fez tudo por persuadila, e inquietavase de modo com o receio de que a Raynha ou os Principes fossem tocados do mal que ultimam.^{te} [sic] condescendeu a Raynha e retirouse p.^a Obidos que he como sabes meia legoa distante onde se conservou ate que a Inf.^{ta} esteve capaz se por a cam.^o naõ obs.^{te} estar pesimam.^{te} acomod.^a Toda a gente assim do Povo como da otra ordem/ naõ fallo nos fidalgos q a conhecem porque naõ admira/ toda a gente digo estava num cuid.^o, e numa penna como se da vida desta Princeza dependesse a salvaçaõ do Estado, mas o enteresse cresceu q.^{do} se soube o combate de ternura fraternal que ove [sic] entre as duas Irmaans; e que a doente pedio como unico remedio do seu mal que a deixassem só A R.^a poz na sua liberd.^e todas as Damas, p.^a sahirem p.^a Queluz ou ficar com a Inf.^{ta}:todas escolherão Queluz, porq julgaraõ que bastava a sua Alteza a sua propria familia, comq.^m ficou e a camr.^a mor a q.^m sua Mag.^{de} ordenou, que ficasse dizendolhe q bem via a nececid.^e da sua assistencia, uma vez que ella era obrigada a partir. Eu mal convalescida parti [fui]² logo a ver a Inf.^{ta}, e na firme rezoluçaõ de lhe [p. 3] ficar assistindo se o seu perigo o pedisse, ou o contagio lhe tirasse as creadas, porem naõ foi percizo e a Natureza fez um esforço comque o mal fez crize, e a grande evacuaçaõ em lugar de enfraquecela, lhe preparou uma feliz convalescença O Marq.^z de Marialva³ foi um dos mais feridos deu cuid.^o até ha mui poucos dias. O Duque esteve com elle com [sic] bom amigo desprezando o contagio q lhe derrubava [ate]⁴ a roda [de si]⁵ os seus mesmos, o mesmo succedeu aos Atalayas, mas livraraõ bem se me perguntas o que era o mal, dirte hei leigam.^{te} que era uma podredaõ [sic] que se contrahia pela inspiraçaõ. Acometia a cabeça e o boffe, as dores do corpo eraõ grandes, e as ancias m.^{to} maiores: Tinhaõ um tipo semelhante ao de todas as febres malignas, morrendo os que se naõ curaraõ, e morrerão m.^{tos} dos que intentaraõ curarse, e se queres saber o que julgo os Medicos nada conheceraõ mas a origem de tudo sabbesse assaz e he vergonha referila he penna que os omens por desmazelo deitem a perder o melhor clima do mundo do qual [p. 4] o nosso Tudo vai aplacando porem eu que devera [to]mar⁶ os banhos das Caldas reservo isso p.^a quando o inverno tiver lavado a terra. Aqui me vou entretendo campestrem.^{te} até o fim deste mez. O citio he fresco saudavel, e frondozo: he retalho de Cintra com menos névoas, e umidades e devera ser poco deficil a jornada de Lisboa p.^a aqui se ouvesse postas, em quatro oras, e tal vez menos se venceria o caminho; porem n'um dia se faz com m.^{to} comodo, e q.^{do} ha prevençaõ de boa maré em pocas oras estou em caza. Tenho dado conta de m.^{ta} coiza, sem te dizer nada import.^e: he que naõ o sei: os nossos vizinhos queimaõ, e saõ queimados a umanid.^e lastimase de ver os omens em guerras mas a politica requer ás vezes este flagello, assim como a medecina os causticos. O lethargo sempre he o mais arriscado de todos os males. Tem ganhado m.^{to}, m.^{to} a caza da India; naõ sei se succederá o mesmo na Alfandega apezar da nova pauta que seria certam.^{te} util se as nossas fabricas naõ tivessem sopportado terriveis oppoziçoens. hum des[p. 5]tes dias vou ver a d'Alcobaça que me dizem tem feito gr.^{de} progresso de [fazenda] branca. Esta he a m.^a mania com ella morrerei A D.^s amiga troca os agradecim.^{tos} e os obsequios dos nossos Condes e conserva na tua memoria

Vimr.^o

¹ A leituranom é segura.

² Idem.

³ Diogo José de Vito de Menezes e Noronha Coutinho (15.06.1739-13.08.1803), 5º Marquês de Marialva e pai da esposa do 2º Duque de Lafões.

⁴ A leitura nom é segura.

⁵ Entre linhas.

⁶ Lacunas polo mau estado do suporte.

Agora m.^a Cond.^a vou pagarte m.^{tas} dividas que não pude dezempenhar-me em Alcoentre, agradeçote duas cartas que tenho recebido, e aquella em que me mandavas a medalha que chegou m.^{to} a salvam.^{to} e te bejo as mãos por tanto carinho, e lembrança começo a pagarte estes novos [favores]¹ por te dizer que me sinto melhor, e com tanta differença, que me prometo ainda o gozto de te abraçar; gosto de que de todo cheguei a perder as esperanças. Devo m.^{to} ao Sitio d'Alcoentre e aquelle retiro virá por fim a ser o encanto dos meus ultimos dias, pois que seja qual for a revolução, que elles possam trazer, nada vejo que possa offerecer-me uma scena mais brilhante. Tu sabes, que não he o gosto, ou dizendo melhor *o genio* quem me restringe a tão pequeno ambito; mas a idade e a prudencia, me persuadem que não devo deitar a vista mais longe e então a razão faz o seu officio e tira partido de tudo. Quanto dera eu por viajar! quanto estimara ter gasto m.^{to} cabedal p.^a passar contigo os dias nessa amavel companhia! Eu te descansaria em gr.^{de} parte dos cuid.^{os} de May; e acariciar a tua filha, em quanto não fosse capaz de lhe ensinar a pronunciar o meu nome, seria p.^a mim um [...] ² [p. 1] que se não envergonha de trabalhar no seu officio! Mas não posso lizongear-me de tal. O omem, que [me]³ coube por sorte não he susceptivel d'ambiçaõ. Achou o modo de se bastar a si mesmo, e com um socego inalteravel vê todas as coizas de longe e de perto, como em camera optica: não po[de]s crer o ponto de Philosophia, a q tem chegado. Eu te direi d'otra vez quais são as nossas occupaçoens e quais os nossos projectos p.^a Alcoentre Agora que te posso dizer do teu sobrinho que tu não tenhas adivinhado? Elle he feliz e feliz sem termo. Su a May soffre, e soffre m.^{to} nesta privação. O menino prometia m.^{ta} mais vida, que seu Ir' não sei se um demaziado desprezo de certas incomod.^{es} que são sempre relativas á constituição das creanças, deu cauza a sua morte. O uzagre apontou, e como ao principio não se conhece [riscado] desprezaraõ, aquellas burbulhinhas, e continuou a creança a andar sem algum genero de resguardo a todo o ar. He certo q a estação o desculpava; mas he certo tão bem que a natureza esforçandose p.^a começar aquella [crize] q dá vida a tanta gente, achou tanta rezistencia nos poros, q não pode romper. As convulçoens repetidas lhe fizeraõ perder a vontade de alim.^{to} talvez o leite [...] precisava o certo [p. 2] he q Tamagnini não [poude] salvo, e q não he esta a primeir.^a morte que accuzaõ talvez [injustam.^{te}] Tua Irmaã foi logo p.^a Almada, eu via passados dias em Queluz, poco antes da m.^a partida p.^a Alcoentre onde não recebi a mais leve memoria de ninguem da tua familia, exceptuando o C.^{de} de Assumar, que nas Caldas onde estava destacado, me fez mil galantarias; mas sem q eu tivesse o gosto de o ver. Este gallante cavalhero [sic], a q.^m se tem f.^{to} tantas injustissas, e em q.^m se tem desperdiçado tantas e tão boas qualid.^{es}, devera hirte fazer uma vizita p.^a instrução sua, e p.^a utilid.^e da sua Patria; porem nem todos discorrem como eu Tua Irmaã/ como disia/ foi p.^a a Azinhaga, onde me dizem que se conservará até mayo. Tua May não está em Lisboa; mas ainda não tive q.^m me soubesse dizer se estava em Almada. Almeirin arrendouse com todas as suas depend.^{cias}, mas creio que a caza sempre fica por conta de seu Dono Dizse q esta carta se jogou p.^a que as desordens de *Tancredo* não podessem imputarse ao *sabio* que na verd.^e tem prejudicado assaz os interesses da grande cauza com o caprixo de sustentar os interesses do seu pupillo sem a medida que a necedid.^e e [a conjun]tura pedia Depois disto [p. 3] ha q.^m o taxe de ter esfriado, em ir devagar a cauza dos seus contituintes, depois de uma certa epoca, a qual não sei se será a da sua felid.^e, ao menos creio, que o negocio projectado nella, não terá a concluzaõ esperada. A propozito de concluzaõ de negocios. Tu sabes que a gente da nossa terra empilhando

¹ Lacunas polo mau estado do suporte.

² Falta polo menos umha linha.

³ Entre linhas.

um cazam.¹⁰ em campo/ não tenho otra coza, em que fallar/ devertese em desmanchalo, e tornalo a consertar, e sempre com seu ar de novella: isto supposto corre deplano, que o Duque de Cadaval não pode despir o seu coração da esperança de possuir Enriqueta, que p.^a seu dezafoço bus[cou]¹ um certo creado antigo da caça de S. Vicente juntaraõse a estas novas, otras sem.^{es} e tirasse por concluzaõ que a demora que o C.^{de} de S. Vicente poem á concluzaõ do cazam.¹⁰, nasce deque quer achar na inconstancia do C.^{de} de Assumar um pretexto p.^a desmanchar o cazam.¹⁰ e ajustallo com o Duque. Eu tenho tudo isto por uma refinada patranha [no officio] da Irmand.^e de S.^{ta} Cecilia esteve teu Irmaõ, e esteve Enriqueta de manto; algum diz que a vio choroza. Exaqui bem novas da tua familia: agora vaõ as que me pedes da m.^a e primr.^o mil agradecim.^{tos} do interesse que tomas por ella. Minha May está m.¹⁰ bem, e te agradece a m.^{cc} que lhe faz [p. 4] m.^a Irmaõ Galveas vive cada vez mais contente da sua sorte mas a saude não he a q convem a quem se julga feliz, e eu temo assaz por ella mudou taõ bem de caça vive junto das Nececid.^{es} goza de lindos golpes de vista e da liberd.^e de passear; mas a caça tem todos os incomodos de uma barraca, e nem o seu arranjo e bonito movel pode encobrir os defeitos do edificio. A [--] fr.^a padesse m.¹⁰ e a delicadeza da sua saude junta com as extravag.^{cias} anexas, ao seu estado, me fazem temer que terei Irmaõ p.^a poco tempo. O marujo anda sobre as agoas do mar servindo á sua soberana P.^o ainda está sem estabelescim.¹⁰ em Lisboa, e o mesmo sucede a D.^{mos} mas esse tomou o partido de viver em Serpa e como tem grande talento de calcular, julgo que não errará a sua conta. O mais velho vive em paz Sua m.^{er} he um Anjo, e com as virtudes necessarias p.^a fazer feliz seu marido doira as injurias que lhe fez a natureza. Está seg.^{da} vez em tempo de ser May passa m.¹⁰ bem e a sua creança dá todos os sinais de ser forte. O filho que ja tem 14 mezes he gigantesco; robusto, e proporcionado. Dizem teus Pays e m.^a May que elle se não pairesse com nenhuma das costas que mostra um semblante viril, animado mas sem gentileza, nem feald.^e tem a[que]lle tino que a sua idade permite [p. 5] he vivo sem [-----], e tendo adiantado [---] só no fallar he que parece tardio: não me assuta [---] gosto, porq de ordinario os rapazes falaõ mais tarde e tudo o que segue a regra geral me agrada nas creanças, alem de que como elle não está costumado a ser m.¹⁰ servido e lhe custa o seu trab.^o aquilo que quer, não tem nececid.^e de fazer esforços p.^a se explicar. Eu não o conheço porq não fui a Serpa depois do teu cazam.¹⁰ e quando elles vieraõ a Lisboa não o trousseraõ pelo não arriscar, e pelo não arrancar do seio de m.^a May. Novas letérias pedes tu e o nosso Duque, elle tas dará; mas eu tenho tanto cuid.^o na sua saude que se tem este anno enfraquecido, que não posso ver os esforços que elle faz pela sua Patria, sem estremecer com o receio... não me atrevo a escrevelo. Em viena combatesse pelo seu retrato, e os Portugueses sempre dominados da inveja que fariaõ? He lastima que huma Naçaõ em q nascem e se criaõ tantas virtudes seja dominada por um taõ feio vicio. Chego tarda a fallarte da familia Real A bella R.^a está boa; os banhos das Caldas ainda nos não deraõ o allegraõ que delles se esperava. A Infanta adoravel tem convalescido de vagar. e o[tr]a que taõ bem o podera ser se tivera tido a roda de si quem a soubesse educar tem crescido m.¹⁰, e nos engorda à proporçaõ. Seria e he m.¹⁰ dezejar que A Rainha queira retratar-se por um bom pintor mas eu não oiço fallar nisso e agora acabo esta carta que já passa de gr.^e Fallame de de Thun, e fazeme conhecer de Bieoi se *ella tem a cabeça mais bem arranjada que se tem visto em m.^{er}, eu tenho o melhor coração que se pode dezejar p.^a amiga* este he todo o meu merecim.¹⁰, que não pode ser instrumento entre gente de bom senso. A D.^s m.^a cond.^a recomendame ao teu conde, e recebe de mim quanto pode dizer a amizade mais verdadr.^a A D.^s abraça e beja por mim a tua f.^a: q.^{do} saberá ella q he

a tua mais verdr.^a amiga
Vimr.^o

¹ Lacunas polo mau estado do suporte.

Minha Cond.^a e amiga do meu coração. Apesar da longa carta do corr.^o passado, que [me]¹ affiançava dois corr.^{os} de silencio vou escreverte e enviarte as copias juntas, que te darão gosto por ver raiar um bom principio entre nós. A R.^a const.^e na estimaçãõ, que faz do N. Duque, anõ obst.^e tudo o que se tem passado que tu naõ ignoras, e que eu te naõ posso referir, o nomea G.¹ junto a sua Peça & tr.^a tomou de modo as medidas p.^a obrigar agradavelm.^{te} o Duque, que apesar de mil, e mil coizas q pareciaõ obstar a este negocio, ouve de obedecer a sua Mag.^{de} penetrado do mais vivo reconhecim.^{to} á const.^e benevolencia que a nossa Adoravel Soberanna tem mostrado por este taõ digno membro da sua familia, e taõ respeitavel omem da socied.^e A voz Publica abençoa a escolha todos os que amaõ o bem estaõ contentes; e se ha alguns a quem a inveja ou otros fins particulares, ainda naõ deixa participar da satisfaçãõ, que a R.^a mostra da sua escolha, o tempo lhes fará conhecer a sua illuzaõ; e quem sabe se otra pachaõ naõ menos violenta, que a primr.^a ainda os fará achar nisto a sua conta? O Conde d'Azambuja ainda ontem vivia, mas deploravel. Morre um grande cidadão! cheio de probid.^e, de justissa soube unir a Filosofia com a Religiaõ, sem malquistar estes apoyos da umanid.^e com um exterior austero, ou [p. 1] malencolico. O seu desenteresse na America o empobreceu o seu zelo incorruptivel [sic] o fez respeitar em toda a p.^{te}, e os msmsos que se julgaraõ authorizados p.^a se queixarem delle nunca se atreveraõ a manchar a fama das suas virtudes. Contaraõme ha poco um lance que o caracteriza. Naõ sei por qual das suas repartiçoens pedia um omem à R.^a o emprego que occupava seu Pay, dando por cauza disto os deffeitos notorios do dito Pay, que o faziaõ inábil. Consultou o Tribunal a favor do f.^o, porque os deffeitos eraõ certos, e o filho capaz. O Conde porem mandado informar com o seu parecer vottou, que o tal emprego *se tirasse ao Pay porque o servia mal*, e que *se naõ desse ao f.^o por poupar ao Estado um tal pirniciozo exemplo p.^a a mocid.^e* A R. conformouse com o seu parecer, naõ obst.^e a froxo [sic] dos conselheiros. Perdoa esta digreçaõ, q te faz mais comprida a carta; porem he impossivel deixar de louvar o omem virtuoso, quando a gente se vê no momento de lhe ser arrancado da socied.^e Alem de que, tu gostas de que eu te ponha ao corrente da nossa situaçãõ e po isso continuo a historia destes dias a respt.^{to} da familia de Val de Reys. Como o Conde d'Azambuja perdeu a voz e o conhecim.^{to}, o Conde seu sobrinho foi ao Passo pedir p.^a seu Irmaõ [p. 2] a conservaçãõ de certos bnes da croa e ordens que o Cond.^e tinha em despanho de servissos antigos. Deficultavasse am^[1] attendendo a que morrendo o Conde abintestado eraõ m.^{tos} os entereçados no despacho dos seus ultimos servissos; mas o Conde, que era um destes, atestou que a vontade de seu Thio era aquella, que m.^{tas} vezes a tinha manifestad, e a R.^a ordenou que Jozé M.^a fosse despachado [riscado] conforme as intençoens de seu Thio e por contemplaçãõ com o mesmo Thio. Nada he mais natural que trabalhar um Omem pela fortuna de seu Irmaõ e taõ bom Irmaõ as circunstancias porem saõ de ordinario quem esmaltaõ as acçoens dos Omens. Esta tem feito bulha entre nós tal vez por que a socied.^e em q vivemos faz comque as mais leves coizas tomem o ar de gr.^{des} acontecim.^{tos} eu naõ sei se o C.^{de} se gloria o que sei he que se eu estivesse no seu lugaar todos os louvores neste cazo me fariaõ entrar em bem disgostozas reflexoens. Morreo Jozé Joaq.^m Miranda he mais uma provincia vaga p.^a quem quizer opporse. Sei que se pedem estas coizas, mas na verd.^e naõ sei como se recebem com gosto, depois de se pedirem. Por fortuna a Patente do Conde naõ me faz temer que o desarrangem da sua caza q he o que [p. 3] mais lhe agrada. Chegaraõ náos da India. A guerra q temos naquelle Estado contra o Bonsoló naõ tem sido infeliz eu nomearei logo o que lhe temos ganhado. Fez se patente ao Povo que o dezejava O Corpo de S. Franc.^{co} X.^{er} foi innumeravel o concurso como era natural

¹ Entre linhas.

depois de haver tantos annos que isto não succedia o corpo achouse no mesmo estado de incorrupção. Da America taõ bem veio uma gr.^{de} novid.^e que interessa a Religião qual foi a conversão do Gn.¹ *Beaume*/ Se he que assim se escreve/ A queda de um cavallo pela qual ficou m.^{to} mal tratado, e o perigo a que esteve reduzido, foraõ como o movel desta grande revolução, tanto mais notavel quanto elle assegura, que resistia de longo tempo á mudança de Religião, detido por duvidas que todas se dissiparaõ naquelle momento. Dizse que a abjuração fora feita com sinais nada equivocos da sua sincerid.^e, e posto que a santid.^e da nossa Religião nada necessite destes pequenos triunfos p.^a a sua gloria, contudo sempre estes cazos fazem que entremos em nõs mesmos, que adoremos no intimo do coração a maõ da Providencia, e que nos tomemos conta do modo, porq dezempenhamos aquelle character que vemos con tanto gosto communicarse aos estranhos [p. 4] Tua May conservase em Almada, e não me consta que se dê mal. De tua Irmaã vieraõ m.^{to} boas novas, e melhores ainda da sua f.^a, que livre totalm.^{te} do uzagre, promete uma vigorosa saude. O Cazam.^{to} do Morgado de Matheus, antes ajustado com a tercer.^a f.^a de D. Jozé de Noronha, está em pontos de desajuste e isto dá motivo a gr.^{des} dicensões entre os entereçados de p.^{te}, a p.^{te} A f.^a do Snr' C.^{de} de Lalipe ainda se conserva em caza da m.^a P.^{ma} M.^{na}, p.^a onde foi por um avizo de S. Mag.^{da}; qualquer dia será conduzida p.^a a Encarnação onde a espera o seu quarto, e o seu coro. Dizem q he notavelm.^{te} algta, sem formozura nem fealdade.

Cazou D. Bernarda a Azafata da R.^a, mas disto creio que ja te dei conta. A gazeta está desta vez bem variada, ao menos não me criminaraás de falta de noticias, esqueciami uma que certam.^{te} ha de entereçarte, e he que a delicada Viscod.^a de Barbacena he may pela quarta vez. Os seus filhos ultimos saõ gigantescos os dois primr.^{os} mostraõ vivacid.^e, e talento e he crível que como bom [talento]¹ [juizo ----]² de seu Pay, e com a suavid.^e da May, que taõ bem procura instruirse no que será util [p. 5] a seus f.^{os} sejaõ m.^{to} bem educados. Agora digo de mim que continuo a charme [sic] m.^{to} m.^{to} melhor com mais vigor e por consequencia mais capaz de resistir ás malencolicas ideas que me tem ha tanto tempo consumido a saude, e a paz. Dezejo que taõ bem me dez boas novas tuas, e da tua f.^a a q.^m abraço com verdr.^o carinho e do Snr' Conde a q.^m faço alguns cumprim.^{tos} A D.^s m.^a Oeyenhausen. Estimo que ficasses sem os retratos porque o Emperador os quizesse. Se não o fizesse assim sua Mag.^{de} falhava p.^a mim m.^{to}, poisque a coherencia das obras com as plavras he uma das virtudes que eu não posso dispençar na gente de Bem a D.^s Cond.^a otra vez, e vá desta se não acaba de escrever-te a tua

Vimr.^o

O Conde d'Azambuja he sepultado: Esqueciami dizerte que a Princeza e sua Irmaã logo que se publicou a nomeação do Duque entraraõ na camera da R.^a e lha agradeceraõ.

[281]

Lisboa 3 de Março de 83³

Minha querida Oeyenhausen, não te deixes abater os Invernos em Vienna fazem te mal? eu creio que he a tua fecud.^e quem te prejudica. imagino que um f.^o de mais he tudo o que tens de novo, e com isto me lizongeo de que o sangue que veio pela

¹ riscado.

² Entre linhas.

³ Deve de ser umha gralha por 82, pois o Conde de Assumar casou a 19 de Fevereiro desse ano, nom de 1783.

tua boca não torne a aparecer. Fallemos pois do que cá vai, e oje só da [tua]¹ familia fallarei. Teu Irmão cazou Sabado... que p[osso] eu dizer que tu ignores? na verd.^e tu não es a mulher [...] feliz em cunhadas. A tua f.^a te compensa de tudo porque he a mais galante creança que se pode ser [...] sua idade: Esgadilhada sem nenhum genero de [...] he uma formosura, vestida de donaire. com m. [...]ta, he uma galantissima boneca; mas de qualq[...] modo mostra huma alma digna de ti Tua May [...] por ella, e na verd.^e me paresse que não resistirá á [...] separaçã, se este golpe lhe for dado. Tu sabes cer[...] m.^{te} a magnificencia dos presentes, que teu Pay deu [...] á sua nora, dizse que não foi só os presentes [o q deu]² [...]tanto [seria] percizo para cazar sem teu Irmaõ[?] perdoa [...] amiga: o enteresse que tenho por elles me faz [...] mundo. Onde p[...] oj[...] [p. 1] [...] Conde de S. Vc.^{te} m.^{or} sua f.^a com o Duque de Cadaval? ... elle na verd.^e a queria; mas se ella o preferisse no seu coração, e trocasse este coração por presentes fora um bon troco? Se não o preferia, se o regeitava... Isto q eu acabo de escrever são tudo indiscrições não faças [...] dellas, e sabe que tudo o que se lhe deu he magni[...] A companhia esteve ontem m.^{to} luzida nella [...] o Cond.^a de Rezende³, e a de Villa nova⁴ q.^m [...] ver com indiferença estas senas? A D.^s m.^a Amiga[...]ervate, e não tenhas saud.^{es} de nós. Mandeí a tua [...] o Nosso Duque: elle tem estado em Salvaterra [...] manhaã hirá p.^a a sua caza de campo estar uns [...] Graças a D.^s que este inverno tem passado m.^{to} [...] Eu não posso dizer de mim otro tanto; mas [...] quem faz cazo disso Tenho mais uma sobrinha [...]lha do meo Irmaõ o rapaz [sic] he uma excellente [...] reança. Morreu o Regedor, e os seus lugares ainda se não deraõ. Cazou Joana Izabel e o seu novo Espozo está contente e feliz. Creio que já te [disse] [...]ina] era o Almotocel mór. Brevem.^{te} cazará [...] de Lumiaries com M.^{el} da Cunha, e exaqui [...] oje posso dizerte, e que sou como sempre a [...] Amiga fiel T

[282]

Lisboa 12 de Março de 1783

Amiga do meu coração remetote por caza de Lebzeltern as primeiras coizas de pita⁵ que tem vindo p.^a satisfazer a tua curiosid.^e: espero m.^{tas} mais coizas, que te seráõ remetidas ora pelos postilhoens, sendo poco volumozas, ora pela via que a Condeça da Ribeira me indicar. desta vez mando quatro sacos p.^a obra um capuchinho 12 ligas p.^a relógio de diversas cores /bem que mal as cores/ e 18 varas de renda entre larga e estreita: na otra remeça hirhaõ bolças p.^a dinheiro, cadeinhas de diversos tamanhos, e manufacturas, e mandarte-hei taõ bem da palma varias coizas, p.^a dares huma idea de uma otra planta de que provem tanto lucro ao paiz em que se criaõ. Entaõ te mandarei taõ bem o modo, porq tiraõ as fibras da pita em que tempo &r.^a. Agora não me dilato

¹ Lacunas polo mau estado do suporte.

² Entre linhas.

³ O primeiro conde de Rezende foi António José de Castro (1719-1782), o segundo, o seu filho José Luís de Castro (1744-1819).

⁴ Maria Joana Xavier de Lima (1755-1834), casada em 1780 com Pedro de Lancastre da Silveira de Castelo-Branco Sá e Menezes,(1762-1828) 5º Marquês de Abrantes e 7º Conde de Vila Nova de Portimão.

⁵ «Planta (*Furcraea foetida*) da fam. das agaváceas, de folhas mucronadas e flores branco-esverdeadas, com cheiro desagradável, em inflorescência gigantesca, nativa de regiões tropicais das Américas, cultivada como ornamental e para extração de fibras e tanino; gravatá-açu, piteira; fibra da folha da pita; trança dessas fibras».

nisto porque me custa escrever, e me faz algum dano ao rosto em que tenho inflamação. Recebe o resp.^{to} do Conde, e as saudes da

tua fiel amiga
T

Abraço as tuas pequenas, e recomendome
a seu Pay

A gente do Algarve tem m.^{to} poca instrucção: eu cuidava q tinhaõ [ao menos]¹ quem desenhasse: não he assim. fiz a m.^a encomenda ordenando as cores dando a idea do q queria se imitasse, e veio tudo taõ mao como tu vez, porq não tiveraõ desenhos. Alem disto o mao gosto daquella gente faz comq ainda que lhe mandem positivamente^{te} huma coiza não a executem porque lhe parece má. A pita branca taõ bem não he da mais branca, mas as chuvas deste anno tem feito mal a tudo ate obrigação a ceçar estas obras pois que dizem q a grande umidade^e assim como a grande secura lhe faz mal. A pita tem mesmo no paiz grandes uzos: della se fazem as melhores linhas p.^a pescar à canna; a que chamaõ *cedellas* assim como da palma fazem tameças, e mil otras coizas de grande prístimo; mas nem uma nem otra coiza se cultiva nem aperfeçoa com methodo.

[283]

Lisboa 18 de Março de 1783

O nosso Duque me diz que tu te queixas do meo silencio e eu não tenho de que me acuze neste ponto porque te escrevi em Dezembro, em Janr.^o, em Fevr.^o e agora ha tres correios successivos que não falto. Obrigasme m.^{to} com esta amigavel arguição, mas p.^a eu me convencer da m.^a culpa fazeme sempre menção das datas das m.^{as} cartas; porq eu vejo que me não respondes a m.^{tas} e isso me faz lembrar de que ficaõ na estalagem. Eu passo menos mal posto que estes dias, não taõ bem, como os passados, e tenho sido obrigada a ficar em cama; isso faz com que saiba poco de que te informar. Teus Pays foraõ p.^a Almada, os noivos por cá andaõ, e supponho que a tua cunhada à manhaã se apresentará á R.^a Diz que ha mais um cazam.^{to}, que ainda não está publico mas que o estará, quando esta lá chegar, e he o visconde d'Asseca com uma filha da S. Lourenço, que tem 14 annos, e se chama Elena². Tem bons olhos, canta com boa voz, e cantará com sciencia, porque estuda.

Lamentamos aqui a desgraça de messina³, que se tem por verdr.^a, e p.^a nós he tanto mais objecto de compachão [p. 1] quanto por experiencia sabemos o valiar a desolação de um tal estrago. S. Mag.^{de} vai curando em discanço [sic] a sua chaga, que não tem sido de cuid.^o, ao q parese pois que a R.^a tem sahido neste tempo a varias p.^{tes} Tudo o mais como dantes, e como d'antes taõ bem a tua

Fiel amiga

T

P:S.

Quantos messes conta

a tua nova creança porque estou certa de que dahi vem o teu mal

¹ Entre linhas.

² Helena Gertrudes José de Mello (1768-1787), filha do Conde de S. Lourenço, casada a 2 de Fevereiro de 1784 com Salvador Correia de Sá Benavides Velasco da Câmara (1760-1817), 5º Visconde de Asseca.

³ Messina, vila italiana que sofreu um devastador terramoto a 5 de Fevereiro de 1783.

Temos aqui o Conde de Kaunitz¹ Embaxador em Espanha e como esta novid^e pode entereçarte por te offerecer uma occaziaõ de fallar delle a seu Pay começo por aqui a m^a carta. Foi sabado apresentado a Raynha a q^m o Duque pedio liberd^e p^a oje o levar a ver o Principe no seu manejo de Picaria. sua Mag^{de} ficou satisf^{ta} do seu modo, e oiço que o gavara, elle não sei se o está de nós porque dizelo , não basta, p^a ser crido um viajante. O Embaxador de Espanha lhe deu ontem uma muzica p^a que foi convid^a m^{ta} gente de nosso panno, e sem nenhuma razaõ m^{tas} mulheres de comerciantes. Ate agora, a desculpa dos bailes servia p^a esta mistura, agora no cazo serio de obzequiar um Embaxador, e de convidar a Pr^a nobreza não sei como lhe ocorreu tal miscolanza mas elle diz a isso q as vê em caza de S. Vicente quando se trata de festejar o cazamento de sua[...] ² [p. 1]

prezas, e os bons pontos de vista destes contornos/ aqui p^a nos não seria já mais o inventor da Polvora/ traz consigo um compr.^o de viagem que não sei se he peixe ou pedra; mas dizem que he m.^{to} prezumido; será flor. Tua cunhada com as suas esperanças apareceu mui linda p^a uns, p^a outros cossi, cossi. A Ribr.^a esteve m.^{to} bonita; a Viscond.^a m.^{to} agradavel e m.^{to} formosa no Clarim da fama. A Resgate m.^{to} noiva, e m.^{to} contente de andar chocalhando numa carruagem unica satisfação, que ate o presente pode ter de estar cazada com M.^{el} da Cunha. A Soire³ Magrita, a cantanhede⁴ apropozitadam.^{te} gorda Saõ Vicente⁵ á Brigr.^a, a negra Lourinhaã⁶ satirica, e engraçada A branca Atalaya bem vestida e toucada, em termos de apresentar um 5.^o f.^o Todas minhas Primas, como sempre. Todo o mais era ter[mo] velho em que já faz vaza/ bem [----] a seo pezar/ esta *umilissima serva* [...] [p. 2]

a insipidez em que se passa aqui: tenho saudades da paz q perdi, e desconçolome de ter sabido dar tanto preço á amizade; poisque não he possivel descobrila do lote que eu a mereço, ou dezejo. Passemos a otra coiza. Os Condes d'Oeyras pediraõ licença p^a hir a Pariz oiço que ja a tem. Estimo q se facultem as viagens porque de nada serve não sahir da tóca: este bem não vingou a tempo p^a mim, mas gosto de que os otros se contentem. Tenho oje m.^{ta} dor de cabeça, por isso acabo esta dezejando abraçarte e recomendar-me ao teu omem. A D.^s amiga do meu coração, não te esqueças

da tua
T

P:S:

Por fim conseguiu-se que a

R.^a se deixe retratar, e devemos em gr.^{de} p.^{te} este g.^{to} as delig.^{cias} do Duque. Queira D.^s que o Pintor acerte p.^a poder

¹ O filho do príncipe de Kaunitz.

² Lacunas pelo mau estado do suporte.

³ Catarina da Piedade da Cunha de Mendonça e Menezes, casada com o 5º João da Costa de Sousa Carvalho Patalim, 5º Conde de Soure.

⁴ Margarida Caetana de Lorena (n. 1745), esposa de Diogo José Vito de Menezes Noronha Coutinho (1739-1803), 5º Marquês de Marialva e 7º Conde de Cantanhede.

⁵ Luísa Caetana de Lorena (n. 1749), esposa de Manuel Carlos da Cunha e Távora (n. 1749), 6º Conde de São Vicente

⁶ Domingas Isabel de Noronha, 1ª Condessa de Lourinhã, casada com Manuel Bernardo de Melo e Castro (n. 1716), 1º Visconde de Lourinhã. O título de Condessa de Lourinhã foi criado por D. Maria I em 1777.

Faço esta carta antes de partir p.^a Alcoentre, para que te não faltem as m.^{as} novas, huma vez que toda a tua gente está fora da terra. Pasmame, querida amiga o descam.^o, que tem as m.^{as} cartas he certo que eu não sou exacta em escrever todos os corr.^{os}; mas escrevo m.^{tas} vezes, e certam.^{te} mais do que recebo resp.^{tas} Não deixarei nunca de te pedir que faças mensaõ das datas das m.^{as} cartas, porque assim he que de alguma sorte pode a gente communicarse, sem risco de arguir fora de proposito: a tua a que agora respondo, e de que ja fiz mensaõ o corr.^o passado, he de 15 de Março. Sinto que ordenados [sic] do lugar, q teu ma[ri]do¹ occupa, não sejaõ correspondentes á figura, que estimara fizesses; mas não posso fazer mais que sen[---] he verd.^e que a figura de um Ministro toca mais aos soberanos, que ao particular, e q.^d o soberanno [se lhe] não dá deque o seu Ministro figure, p.^a que ha de elle figurar? e á custa da sua propria fazenda, ainda m.^{to} menos. não he um misterio recondito a utilid.^e, que se tira p.^a toda a negociação de que o ministro chame [p. 1] gente a sua Caza. ElRey de Espanha conhece bem a sua conta neste cazo. O Embaxador dá aqui varias festinhas, com varios pretextos; e festas onde vai m.^{ta} gente não he possivel que toda seja prudente: huns são sinceros; outros tollos, outros fogozos, otros indiscretos, e de tudo tira partido quem sabe manejar a machina: assim conhece elle por onde hade entrar e sahir; he verd.^e que isso não he defícil entre nós porq o deffeito da Nação não he certam.^{te} a resistencia. Isto vem taõ bem de que não haja grandes negocios talvez e por isso os caens da rua andaõ á [pesca] de qualquer osso, que lhe caiha [sic] p.^a fazer sem [sic] a sua algazarra. Eu que só dezejo o que D.^s me deu [e] que os omens mo não tirem, estou no meu pro[mo]ntorio, como se estivesse no mundo da lua, quando me he precizo pedir justissa; assaz me [cu] sta descer p.^a isso, e qual seria a m.^a desgraça se ouvesse de intrigar m.^{ces}? mas ainda quem as intriga p.^a si, tem desculpa; mas q.^m tem a baixeza de impedir as graças, q os soberanos estaõ dispostos a fazer, isso he que faz horror. Talvez que essa espesse de monstros seja de todo o paiz; mas se alg.^m ha, onde se careça delles, nesse quizera eu viver porque não posso costumar-me à baxissima inveja [---] [p. 2] he possivel/ ainda à mais baxa soberba, que reina entre nós. He impossivel que a R.^a nos con[he]ça: he impossivel. Tudo o que era elevação, altivez groceira, interesse, e uma baxa [riscado]/ [-----] que lhe chame, porque não he emulação: nem o[----] coizas, que a gente conhecia/ arrastasse, abre cam.^o [---] constancia, a inteireza, fica sempre p.^a traz, porque não piza ninguem, [e] porque acha indigno de si mesma, chegar a elles atropellando ainda os seos mesmos inimigos: A Raynha cada vez mais amavel, he p.^a mim um objecto de compachaõ. Di[g]na certam.^{te} de occupar o trono mais brilhante e de ser rodeada da melhor gente! Esta carta he ou paresse dictada pela *Missantropia*. Podes lêla com zombaria, ou compachaõ que tudo m[e]resse. Vamos a objectos mais particulares. Meu Irmaõ ainda esta com o mesmo trab.^o e com a mesma incerteza pelo estado futuro da sua maõ, sendo o presente de m.^{ta} molestia, e cuid.^o os seus f.^{os} criaõ-se bem, sua m.^{er} julgase feliz; e nós estamos contentes com ella porq tem juizo, não he b[-----] e he [-----] [p. 3] A nossa familia he oje uma rpublica [sic] [-----] onde os eteresses são comuns, e todos tendem a um só ponto, que he crear com bons principios estes pequenos, que nos haõ de suceder, e m.^a May tendo [-----]solação de ver assim todos os seus filhos, goza [---] vida socegada, e uma saude robusta, qual não teve nunca. He verd.^e que nem uma só porta vê abrir p.^a o comodo destes filhos que ella creou p.^a o estado, e a quem o mundo dá um testemunho onrado do seu prestimo; porem contentase de ter enchido a resp.^{to} delles a sua obrigaçãõ, e pagase do seu trab.^o, vendoos moderados, e virtuosos/ se perdoaraõ este termo os beatos/ Eu tenho uma saude debil:

¹ Lacunas polo mau estado do suporte.

disgostos [sic] não geraõ rebustez, disse [eu]¹ à Raynha perguntandome como estava: ella que sabia quais elles eraõ, entorneceuse, achou-me razaõ, dezejou consolar-me, e proferi-me palavras certas.¹⁰ consoladoras; mas as palavras dos Principes devem ser escritas p.^a produzirem todo o seu devido effeito A D.^s m.^a amiga acabasse o papel, mas dura o dezejo de [te abraçar] [-----]er feliz

[286] Lisboa 13 de Mayo de 1783²

Amiga de meu coração quanto estimo que em fim recebesses uma carta m.^a! faltaõ m.^{tas}, pelo que vejo, porque antes da que tu acuzas te tinha escrito varias, algumas levavaõ cherume, porq eraõ um tratado de varia historia [.]. Esta que ontem recebi escrita um sete de maio, produzio todo o seu effeito. Encontroume na Valla de Villa nova, vinda p.^a Lisboa depois de ter estado em Alcoentre 15 dias com o meu omem, que por m.^{tas} vezes te achou menos, e a toda a tua familia nos nossos lindos bosques: parecianos que as tuas f.^{as} trepando por uma, e por outra subida, nos podiaõ dar um prazer sem.^e ao que podia vir dos nossos fi.^{os} se os tivessemos, e isso nos acrescentava a saud.^e; comtudo eu não dezejo ver-te em Portugal, emquanto a situação não muda p.^a ti. A minha he a mesma: os semideuzes do nosso tempo não se deixaõ abrandar por todos os rogos: os meus sahem da boca da justissa, e isso me faz esperar, contra toda apparencia, que ainda seraõ attendidos. Temos a melhor soberanna [p. 1] do mundo: na verdade temos a melhor soberanna..... Não creyas já mais que o nosso bom Duque seja capaz de se esquecer dos seus amigos. Q não tem elle dito á R.^a a respeito dessas infelices Sr.^{as}? que esperanças agradaveis não tem concebido de as ver em desafogo? mas... Que não tem elle feito ao filho? na sua perigosissima enfermidade asistiulhe como se fosse seu Pay: creados: medicos: remedios: desfastia tudo com generosidade, e tudo sem ostentação: mesmo a Sr.^a D. Joanna³ cuidava delle. Ah! tu não podes de fazer idea do Paiz que abitamos. O Duque he hum omem de bem; e os omens de bem não intrigaõ. Se não escreve, pobre Duque! he porque não tem um instante livre das impertinencias do seu Posto; digo impertinencias; porque até agora nada de novo ha nem haverá. O Marquez de Angeja está m.^{to} acabrunhado com a molestia de Ethericia, que se lhe exaltou, a arriscarlhe a vida por occasiaõ de um conflito de jurisdicção maritima com Martinho de Mello. Ainda senaõ sabe quem teve razaõ, porq de p.^e, a p.^e ha arestos e m.^{to} que dizer: as naos de guarda costa que estavaõ a sahir e que deraõ motivo a questaõ sahiraõ mas eu ainda não sei qual foi o modo porq se passaraõ as ordens. Martinho de Mello altivo, ardente e zeloso, bem que assaz preocupado; terá sempre até o fim o justo premio [p. 2]. que meresse o seu desenteresse e o seu affecto a Nação he lastima que falem a este Ministro, certas qualid.^{es} sem as quais brilhaõ m.^{to} menos e chegaõ as vezes a parecer deffeitos aquelles movim.^{tos} da alma que ella quer produzir como virtues. Dizse que o Comissario Geral da bulla será Jozé Ricaldi. Tem o valim.^{to} d'ElRey a seu favor, e este favor atendendo o seo merecim.^{to}, e ainda a leve circunstancia de ser sob.^o de um otro comissario G.¹ Taõ bem se diz, e se tem por sem duvida que Snr' D. Jozé está nomeado Inquisidor geral⁴ e dentro de poco tempo se espera confirmação Appostolica. Os estudos do Principe, a sua educação, e o talento tudo faz crer que restituirá ao tribunal, oq vai prezidir toda a sua antiga authoridade. Não seique aja por ora mais nada interessante desta

¹ Entre linhas.

² Lacunas pelo mau estado do suporte.

³ A irmã do Duque de Lafões.

⁴ Frei Inácio de São Caetano nom foi substituído por José Maria de Melo no posto de Inquisidor Geral até 1788.

natureza. Ora q se prohibe ou está prohibida a entrada das farinhas estrangr.^{as} sem se fechar ao trigo, e mais generos em graão os fundam.^{to} p.^a isto são sollidos; mas eu não posso deterne en referilos, porq tenho ainda m.^{to} que te dizer do meo interesse pelo teu socego, e da mortificação que me faz ver que teu marido foi obrigado a um lance dessa natureza, da qual te rezulta precizam.^{te} tanto imcomodo, e m.^{to} mais me mortifica não ser eu pessoa q [p. 3] tenha valia p.^a dar o prompto remedio que essas coizas nececitaõ. Comtudo creio que a corte não deixará de attendêlo, e delhe agradecer mesmo esse lance taõ proprio de sua pessoa, e do seu emprego. A irregularid.^e que expreim.^{ta} a tua f.^a, sendo um fenomeno extraordinario, sempre poem a gente em algum cuid.^o Mas se ella alliaz he forte, e se esta perda a não tiver abatido, eu dissera que se deixasse a natureza a liberd.^e de ser extravag.^{te} desta vez Leonor he certam.^{te} fort.^{ma} e certam.^{te} he o esteio da vida de tua May, que a trata como podes querer e como tu podes esperar do seu carinho. Todos estaõ em Almeirim; por isso não posso dar novas miudas delles nem dos Ribr.^{as} que taõ bem estaõ no valle. Enriquetta não he nada e não pode ser mais que immediata d'uma caza que não sei o porquê a querem todos fazer o papaõ p.^a desmar criansas. Dizem q teu Pay p.^a concluir este cazam.^{to} passara por sima de mil e mil espinhos, a que não costuma ser insensivel o pondonor [sic] e como me paresse que já te fallei só te digo agora que o presente das Escrituras foraõ umas arrecadas de diam.^{tes} botaõ laço e pingente magnificos, porq as quatro pedras principais são m.^{to} grandes as guarniçoens primr.^{as} taõ bem o são mas porfora tem uma segunda guranção im [sic] bicos q lhe tira a belleza [p. 4] e abate a magnificencia. Oiço porem que se desmanchaõ porq a Cond.^a de S. Vicente acha que sua f.^a não tem comque se enfeite, tendo sido o primeiro presente hum passador em forma de covela/ coiza de q m.^{to} tem gostado estas Sr.^{as} mossas mas que eu não tenho/ este passador era todo de diam.^{tes} com sinco pedras m.^{to} ricas, e todas as mais de m.^{to} bom tamaho,e p.^a fazeres ideia do que he te mando o molde. Tua May deulhe huma devota de m.^{tas} e boas perolas com um lacinho de diam.^{tes} que as prende nos fios do pescosso, e uma borla de diam.^{tes} no fim das que cahem A Ribr.^a deulhe um chapeo com dois alfinetes p.^a o pregar e estes alfinetes são dois excellentes pregos de diam.^{tes} dos quais um, ou ambos tu conheces pois dizem que o C.^{de} de Assumar lhos dera q.^{do} ella cazaou são m.^{to} bem guarnecidos. No seg.^{do} dia teve um grande rubim bruto, que tu conhecerás, guarnecido de diam.^{tes}, com um laco [sic] de diamamntes p.^a a prender em figura de medalha os otros presentes não merecem repetidos senaõ o do Cardeal que foraõ sinco grandes diam.^{tes} e o da May que foraõ perolas p.^a os braços, o de Villanova taõ bem foraõ perolas p.^a braços com feixes de diam.^{tes} de m.^{to}, m.^{to} mau gosto. Tua May deulhe as safiras no seg.^{do} dia em retorno de humas caxas [p. 5] que ella lhe deu a teo Pay, o que me paresse ja te referi de que eraõ Os S. V.^{cte} até a ultima ora esperaraõ q o cazam.^{to} se desmanchasse, porq o Duque de Cadaval pertendia a B.^{a1} a todo o panno e p.^a e isto/ talvez pozera[õ] na escritura a clauzula de que nenhuma acção teria jamais contra a erança de seus Pays, nem por titulo de legitimas. Teu Pay fechou os ouvidos e fez assignar o contrato e oiço que ao tercr.^o dia citara o C.^{de} de S. Vicente p.^a a cobrança do que tu sabes. Dizem que a noiva viera sem mais vestidos que os m.^{tos} que tua May lhe dera, sem nenhuma, nenhuma, nenhuma roupa branca; sem toucador n'uma palavra sem nada mais que o seu corpo gentil, e o que era percizo para salvar a modestia. Mas valha sobre tudo isto a verd.^e Esta carta tem sido interrompida mil vezes: tenho uma excessiva dor de cabeça, mas [tive]² o g.^{to} de achar minha May, boa; bons os sobr.^{os}, e a cunhada mas não boa a maõ³ do mano q ainda padesse, e padecerá, porq ainda a esquirola não largou; e temo que fique com tal qual lezaõ A D.^{os} m.^a querida Lilia este nome dos

¹ Lacunas polo mau estado do suporte.

² Entre linhas.

³ O motivo desta referência aos padecimentos do seu irmao é referido na carta «Lisboa 2 de Junho de 1783».

nossos tempos, ainda esta escrito no coração da tua

Tirse

Minha May recebeu o teu abraço com m.^{to} carinho, e o meu omem receberá o recado que já lá lhe mandei com m.^{ta} vaid.^e

[Mil memorias ao Sr. Conde e mil abraços a pequena Frederica]¹

[287]

Lisboa 20 de maio de 1783

Seguraõme, m.^a Oeyhanausen [sic] que a R.^a acode a essas afflictas sr.^{as}, mas não sei o como, e he tudo o que te posso dizer, e que o f.^o estava contente do modo. ElR: [sic] vai m.^{to} melhor da molestia da perna, que o tem detido em caza desde Salvaterra, a mais familia real está boa graças a D.^s! A tua esta devidida entre Almeirim, e o Vale: a Ribeira com queixas semelhantes as tuas, e de dois mezes/ seg.^{do} me dizem./ Atalaya tem mais um filho, e outro a Povolide², ambas no mesmo dia, e pelo que vemos não se acaba o mundo ainda este par de anos. Ainda se não decidio a questaõ, em que te fallava o correio passado; porem crêse que não tarda a decizaõ. Temse por certa a morte de D. Jozé da Camara *o coxo* que governava Angola; e que se mandará sucessor a D. Frederico de Souza, que Governa a India

Por todo este verão se esperaõ os Marquezes de Valença succedendolhes no Governo de Bahia D. Rodrigo de Noronha que estava em Minas, Pelo primr.^o Pacote esperamos novas dos condes d'Oeiras se acharem em Ingla[p. 1]terra e dahi passaõ logo p.^a França pela nececid.^e que tem a Cond.^a de cuidar da sua saude. Anna d'Almeida que conta já sete mezes de prenhez já anunciou a toda esta [terra]³, a tua vinda inopinada dizendo que te esperava a cada momento na comp.^a d'uma dama Ingleza, e que com ella passavas a Inglaterra p.^a dahi vires no Pacote p.^a Portugal. Tu sabes se esta noticia faria bulha. Cada qual queria descobrir nisto hum fim particular, e todo o mundo julgava que eu tinha a chave do negocio. A tua carta de sete d'Abril me serviu de escudo pois que quanto nella me dizes, he opposto a idea desta perigrinaçaõ [sic]. Todas as coizas sem fundam.^{to} cahem por si mesmas, e o meio de as fazer cahir mais depressa he deixalas correr com o tempo. Oiço que se fazem m.^{to} brevem.^{te} os cazam.^{tos} do Conde d'Av.^{tes}⁴ e de Fran.^{co} da Cunha⁵ *o do Grilo*. ambos cazaõ na caza de Penalva: o primr.^o com Anna, o sg.^{do} com a Joaq.^{na} mas deste seg.^{do} comessa a duvidarse, porq o noivo tem agoiro; e não sendo como Thobias, tem medo de ser o terceiro noivo desta Sara, q a morte lhe corte em [p. 2] flor. Não sei mais novas que te dar senão que chegou aqui um Bispo in partibus Alemaõ, recomendado ao Duque por tudo quanto de melhor em Damas, Cavalheiros, e Principes: eu ainda não o vi, mas já ontem ri bem a sua conta com a pintura, q nos fez delle o D. traz quatro ordens sobre a sua chimarra; se não parese o Caturra com toda a sua collecçaõ de [q.^{tro}]⁶ veronicas não ha verd.^e nas cartas. Traz

¹ Colocado na continuação da data com indicação de se tratar de um texto á parte.

² Maria Roberta da Silva Telo de Menezes (1752-1807), casada com José da Cunha Grã Ataíde e Melo (1734-1792), 3º Conde de Povolide. O quinto filho do casal, Francisco da Cunha Ataíde e Melo, nasceu a 28 de Abril de 1783.

³ Entre linhas.

⁴ António Máximo de Almeida Portugal (1756-1833), 3º Marquês de Lavradio e 6º Conde de Avintes, casou a 17 de Julho de 1783 com Ana Teles da Silva, 2ª filha da Marquesa de Penalva.

⁵ Francisco José da Cunha Mendonça e Menezes, 1º Marquês de Olhaõ e 1º Conde de Castro Marim, casou a 29 de Novembro de 1783 com Joaquina Teles da Silva, filha da Marquesa de Penalva.

⁶ A leitura nom é segura.

consigo dois mancebos Russianos [sic], que acabando os seus estudos querem viajar um pouco, antes de se recolherem ao seu Payz: destes ouvi dizer bem, e todos veremos Domingo na Academia: como não temos ca os Embaxadores de Espanha, não ha caza de Ministro, emq possamos admirar as suas Personages, porq a Pobre Lebzeltern, alem das suas desconsolaçoens antigas, tem tido o trabalho de estar doente, e de dar cuid.º se os restos de Ambrocio Freyre¹ padeceraõ em Viena² descuidos da nossa corte, depois de seu f.º estar despachado, Lebzeltern actualmente empregado, e servin[p. 3]do a contento de seu Amo, não he menos uma prova de que o coração dos Principes não sente como o dos otros omens. Eu passo menos mal; tenho boas novas do Conde: meu Irmaõ ainda está bom, seus filhos criaõse bem, e eu comesso a duvidar de se sua m.ªnos vai ja nutrindo o terceiro, o que fora uma vergonha: não achas tu que digo bem: o marido doente ella cuidadoza; mas...

A D.^s minha querida Amiga do meu coração Dá algum valor aos nadas desta carta e aceita recados carinhosos de m.^a May, e otros não sei se respeitosos se atrevidos do Conde de Vimr.º. Taõ bem os meus obsequios ao Snr. Conde, e mil carinhos p.^a Frederica.

A D.^s lembrete sempre de

T

[288] Lisboa 2 de Junho de 1783

Para que não fiques mais tempo sem carta minha, me valho, querida amida, de maõ alheia, não me sendo possivel applicarme, por haver oito dias que tenho sezoens, e estar actualmente com o frio de huma. Recebi a tua carta com data de 17 de Abril e por ella vejo, que das minhas só te falta a que foi escrita em Janeiro; e como nella te diria provavelmente do dezastre de meu Irmaõ; por isso nas mais modernas, me referi, ao já dito.

Rebentoulhe na maõ esquerda huma bomba, fezlhe grande estrago, e do resultado desta desgraça, padece ha seis mezes; porem agora va a sarar, e ficará com pouco defeito. Tem mais huma filha que nasceu em Fevereiro. branca; loira, com olhos azuis, mas por ora em mais nada parece com a costa do Pay; o rapaz e muito animado, e sem ser gentil tem huma figura interessante; e que dispoem a seu favor. Tua Irmaã esteve aqui ha dias com o mais lindo par de Leonores que se póde imaginar. A gente asusta-se hum momento quando ve a tua sobrinha, parecendolhe que a galante Oenhauzen [sic] padecerá alguma deminuição no credito da sua formozura, mas em ella aparecendo tudo o susto se desvanece. A sua fizonomia aberta anuncia huma alma da melhor tempera; e sem ter a perfeição deque a outra quererá gloriar-se a seu tempo, tem por si todas as graças, que costumaõ acompanhar a ingenuidade. O nosso Duque está declarado por ella, e a todos que [p. 1] que [sic] a vimos aqui fez avivar a saudade de sua May, porque nos olhos, e nos modos te he infinitamente semelhante [sic]. A Ribeirita parece que terá hum sangue menos groso que o de seu Pay: tem já muito carinho com sua may, e dizem que começa a mostrar certas astucias inocentes, que de ordinario indicaõ talento para o futuro. A tua em tudo repára, e sem impertinencia indaga tudo, e como está em boas maõs he provavel que não cahia no defeito ordinario das crianças proguntadoras [sic]. Foi hum destes dias aos Cardaes aonde a Raynha

¹ Embaixador de Portugal em Viena.

² A leitura nom é clara.

entrou: a menina pouco costumada a ver Freiras, não obstante a sua boa feição agoniou-se e chorou; apenas lhe cahiraõ as lagrimas foi-se esconder: Magdalena Mascarenhas querendo destraila dizelhe que foce com ella bejar a maõ a sua Madrinha e a menina respondeu, *naõ estou capaz naõ vê que chorei?* Serenouse depois, e fez muito bem a sua funçaõ. Eu esperava ter o gosto de a ver aqui muitas vezes, mas quiz a fortuna que me adoece-se de bexigas huma rapariga, e isso me insepara em quanto estou doente tanto das meninas, como de tua Irmaã. Ella te dará novas de como se devertiraõ nos chavoens, porque foi testemunha [sic] de vista, eu agora quaze que naõ sei nada que possa interessarte.

O capitulo [sic] da tua carta a respeito de J. I. fez-me alguma estranheza. Eu naõ sei o que te dizia na mi [p. 2] minha [sic] carta que dêsse motivo a julgar-me namorada desta Divindade. Se o estou he pelo modo mais comodo que pôde ser, porque paçaõ mezes sem a ver, nem lhe escrever; e isto morando bem pouco longe huma da outra. O que posso segurarte, he que nada dise senaõ como entendi, que asento [sic] que ella fez bem, e que eu nas suas circunstancias se me agrada-se [sic] o partido, nenhuma duvida tivera a fazer o que ella fez. Naõ sei se os filhos nasceraõ em verso: sei que ella fala mais proza do que elles, e que tem juizo para se affligir de excessos, que o mundo pôde ridiculizar [sic], bem que esteja costumado a velos, e a suportalos em circunstancias menos proprias: porem eu mando que lá se avenhaõ, e naõ me embaraço com os gostos e disgostos de ninguem¹.

Naõ duvido nada de que os Condes de Oeyras cheguem athé a essa Corte, e athé que passem mais avante: tudo depende do estado de saude da Condeça, que na verdade he bem infeliz porque a Cura naõ pode ser indifferente [sic]. Agradeçote tudo o que a tua amizade lhe prepára em Contemplaçaõ do meu parentesco, e estou certa deque a generozidade te fará fazer grandes coizas a respeito do seu marido.

O papel entre nós na verdade está caro, e naõ he huma fazenda de contrabando/ como diz certa pessoa/ mas hé hum genero, em que tem carregado gravissimas impozicoens. O silencio da pessoa que tu argues, he huma especie de [p. 3] de [sic] nessecidade [sic]: pobre homem! Está do mesmo modo, que hum paçaro costumado á liberdade, e captivo no pequeno recinto de huma gaiola: em vaõ bate as azas, e o mais que consegue, he batelas com destreza para naõ se escalabrar.

Ja te dise que a Raynha deferira a Freire, e que para o Duque falar por essas senhoras, jamais foi percizo q'. ninguem lhe lembrace. Parece-me que tenho respondido á tua carta, e só me falta segurarte o carinho comque minha May recebe a tua memoria, e o agradecimento, comque se oferece aos teus pés, o Conde do Vimieyro; ambos nos recomendamos ao Snr.' Conde, e eu quizera abraçar a pequena Frederica com a mesma ternura com que sou de sua May

Saudoza e verdadeira amiga
T.

[289]

Lisboa/ ou Guine/ em 7 de Julho d83 [sic]

Dato asism, querida amiga, p.^a que faças ideia da calma que nos atormenta ha dias; agora porem começa a refrescar, e eu faço esta na m.^a varanda ao cahir do sol/ desculpese a frase/. Tenho padecido m.^{to} e tenho estes dias tido ate o incomodo de me achar sem ter de que sustente porq individam^{te} me fizeraõ um sequestro em tudo o q

¹ Refere-se provavelmente ao matrimónio em segundas núpcias de Joana Isabel de Lencastre Forjaz, já aludido em "Lisboa 3 de Março de 83".

estava aplicado p.^a o meu sustento, e posto que me não da cuid.^o, porq justam.^{te} se desfaz o que indevidam.^{te} se fez sempre dezacomoda, e enfada, e porfim, contentaõ se estes Sr.^{es} Ministros com um perdoa *Vmr.^o que foi por engano*. Não toco como tu julgas, na missantropia.

Tua Irmaã achoume um dia destes de boa feição, e toda a com.^a me julgaria bem allegre, e era com tudo nesse momento, em que eu não sabia onde hiria dar com a cabeça p.^a ter dinheiro sem vergonha. Isto, m.^a Leonor, quando nos coffres de S. Mag.^{de} se achão mais de 500\$mil cruzados do meu omem, só dos cahidos, parece que he alguma coiza e o sequestro he f.^{to} pela crôa: He certo que a maior parte da gente, com quem eu vivo, não presta p.^a nada; mas taõ bem he certo que de um tinstante p.^a o otro prestaraõ p.^a tudo em a Raynha querendo, que ella ha de querer isso he sem duvida, porque quer e quererá sempre o melhor Isto supposto bem vez que não posso aborrecer gente de quem a cada mo[p. 1]mento espero que se fação amar, exaqui otra prova de que não sou misantrope; porem a maior/ seja dito em onra e gloria do Patriotismo/ he estar prompta p.^a emprestar todo ao bem daquelles mesmos, que me fazem mal com toda a vontade da sua alma e com a maior satisfaçaõ do seu coração. Dentro das minhas paredes q.^{to} posso trabalho por satisfazer as condiçoens que me ligão à socied.^e Faço quanto posso por lhe ser util, não omito occasiaõ de fazer com q [ate]¹ as m.^{as} despesas, mesmo as necessarias levem o sello do amor patriotico, e lizongeome de que se estas virtudes não saõ as porq me haõ de canonizar, saõ ao menos as que me faraõ morrer sem gr.^{des} remorsos. Depois desta confição geral negame a absolviçaõ se podes, ou dame a consolaçaõ de me dizer como o [Golondro]² *a sua vida he boa, não tem deq emendarse*. Já agora já [sic] escrevo ao luar, e dame gosto o aproveitar este bem, deq tanta gente tem medo Mas deixando vidas alheias vamos a tratar das nossas: A primeira de q.^m fallo e tua Leonor: na verd.^e aquella vida he nossa por m.^{tos} titulos. Tomara que podesses ver o imperio q aq.^{la} boneca tem no coração da gente grande. He huma coiza extraordinaria Ha m.^{to} q te disse que ella me parecia um genio, agora digote q tem todo o ar de uma Divnd.^e; mas não uma divind.^e languida/ qual historias!/ uma Divind.^e suprema, imperioza, q de nada duvida [p. 2] e de quem todos tem que esperar. A figura, a alma, tudo he grande; com uns olhos, de q.^m diz o Duque *velho como sou, namoraõme cada vez mais*. Não he carinhoza; mas he docil, sem fraqueza. A Prima he m.^{to} bonita, e vai tendo m.^{ta} graça nos modos, e feiçoens, que saõ mais perfeitinhas, que as da nossa; porem nella não vê a gente mais que uma mulher bonita, capaz de fazer o bem, que quizerem della; na tua porem ja a gente receia q ella queira de nós coizas más, porq se as quizer, tem todo o ar de mandar e conseguir. Tua Irmaã com esta prenhez esta m.^{to} bonita: creio que está contente do seu bem estreado que elle se lhe sugeita, e como não cohibe a liberd.^e vive a seu modo. Teu Irmaõ fazme dó e dame gosto ao mesmo tempo o ver como elle obra em verdr.^o homem de bem. Tua cunhada não tem esperanças por ora. Tem bond.^e de coração, e se a tivessem creado bem, seria uma daquellas, que sem ter na sua historia index de coizas notaveis, poderia levar uma carr.^a digna d'atençaõ; porem que queres q eu te diga? lembrame um coscumelo [sic], que nasce em terreno corrupto. Offerece m.^{ta} coiza á vista, e he perigozo se delle se intenta uzar; mas eu não desesperava de a fazer figurar bem longe dos seus. Lembrate d'Anna d'Almeida, e poco mais, ou menos sabes o que he a pobre senhorita, mas esta com melhor entranha [p. 3] De m.^a May doente boas novas e mandote m.^{tos} carinhos, meu Irmaõ que oje volta p.^a Serpa levando sua m.^{er} e filho; deixa por ora a filha a m.^a May Esta creança he m.^{to} bem formada, tem linda pelle, excellente cor de carne, e cabelo, olhos azuis, e promete não ser feia; mas não me atrevo ainda a esperar q seja bonita tem sinco mezes, e estranha a gente, isto me da esperanças de q não seja falta de tino. O rapaz mostra um [sic] grande

¹ Entre linhas.

² A leitura nom é segura.

alma: m.^{ta} memoria/ que graças a D.^s se lhe não ha de estragar p.^a fazer papagayo/ m.^{ta} leberação, e quanto he possivel conhecerse m.^{to} discernim.^{to} não se deixando enganar posto que está no abito de ceder sem vilencio á authorid.^e, e não ao medo. Na verd.^e, não sendo meu filho, estimo que o seja de meu Irmaõ, e q.^{to} me parese dara m.^{to} boa conta delle, porq está no verdr.^o sistema de educação m.^{ta} verd.^e em tudo o que se lhe propozer: nenhuma ostentação de saber, pois q não he p.^a fallar sómente q a gente se instrue: nenhum melindre no trato, nenhum fausto no tratam.^{to}: tudo simplez e proporcionado ás suas forças, e seu Pay o seu primeiro amigo, e a sua familia toda a Nação. Eu quizera fazer d'Eugenia a m.^a f.^a; mas não se deve tirar a M.^a May a consolação de possuila. As suas ideas serão as mesmas, comq nós fomos creados, e o mano q he bom Irmaõ, diz que se contenta de q a sua f.^a seja como suas Irmans. Tu queres que eu te [p. 4] dê novas miudas de tudo o meu, e eu satisfaço este capitulo sempre alagr.^{de} [??], não só porque me obrigas com isso m.^{to} m.^{to} [sic], mas porque me enganno assim mais parecendome que estou perto de ti falando familiarm.^{te} Tive novas do mano Jozé com data de 5 d'Abril: ficava a partir do Rio de Janr.^o onde tinha estado m.^{to} doente, a consequencia do excessivo trab.^o que teve na expedição da Ilha da Trind.^e em que teve a fortuna de servir bem o Estado, seg.^{do} as ordens da sua soberana, apezar das difficuld.^{es} do porto p.^a o desembarque, e do excesivo calor, que lhe fez adoecer toda a gente. Da sua enfermidad.^e espalhouse aqui a noticia da sua morte e m.^a pobre May até recebeu cartas de pezames Não saberai crer que ainda o possuimos se não quando o abraçar, o q espero por todo o mez de Setembro. Galveas feliz q.^{to} se pode ser neste mundo, só tem de desconto uma saude má, e que me annuncia queicha m.^{to} grave. Os mais bons, e bem, quanto á uniaõ e ao socego q produz a Philosophia; mas sem emprego que os occupe: tanto he verd.^e que temos benemeritos de sobejo. A pax dizes tu he hum bem: que he um bem neste mundo? tu sabes que tudo he relativo. O certo he que eu como espoza, e como Irmaã, faço continuos vottos pela conservação do nosso socego e façoos porq se me mete na cabeça, q não hade durar m.^{to} Como Portugueza se temos dinheiro, não me assusta a guerra e se ella hade vir daqui a dez annos, dissera que não tardasse tanto; especialm.^{te} se afastala pode custar trab.^o à Raynha ou vergonha à Nação. Outra [sic] prova de [p. 6] que não sou misantropa: se a Raynha voltar uma vez os olhos favoraveis p.^a o uniforme, se consentir que se lhe restitua aquella [clivação]¹, de q procede a energia, se quizer persuadirse de que os Portugueses, ainda são luzitanos; tem a fortuna de achar uma nação inteira que vá com gosto arriscarse a morrer por ella. Os pocos a q.^m a educação não suscitou destas ideas, serão levados pela torrente, e as mulheres mesmas somos capazes de os levar a rastos pelas orelhas, se elles fossem capazes de não hirem aos empurroens; mas tudo isto q está na m.^a imaginação na melhor luz possivel ainda por ora não está reduzido a quadro. Com[pleto]². cada familia como uma cartella [sic] tem o seu grupp, que faz effeito por si só; mas que não pode figurar bem, senão posta no seu lugar, q.^{do} tudo se unir em hum só plano. ElRey continua apadecer as consequencias de certas molestias quazi eriditarias. A Raynha/ D.^s a abençoe e nola conserve! não passa mal. Os Principes preparaõse p.^a tomar os banhos do mar. D.^s se sirva de que resulte deste regalo, mais ainda que remedio a sospirada successão que taõ necessaria he p.^a o Reyno! A m.^a Inf.^{ta}, cheia de virtudes, vive, e consola como Protectora e como amiga, os que se votaõ a respeitála; a senhorita bella de semblante, e grossa de figura, seria de dezejar vêla cazada, até p.^a q sua May tivesse essa satisfação. Kaunitz tem razaõ de dizer bem de Lisboa e de nós. Não se pode tratar melhor um Estrangr.^o de q.^m se não depende do que [p. 6] elle foi tratado. Nem pode ninguem divertir-se mais n[um]³ paiz onde não há divertim.^{tos} publicos do que elle se divertiu. Eu

¹ A leitura nom é segura.

² Idem.

³ Roto.

naõ sou facil em gostar, mas se me daz licença dirtehei que eu te disse bem delle em tudo o que era civilid.^e, e ainda singeleza. E creio que elle he hum daquelles sugeitos a quem o trato dos omens, e o conhecim.^{to} superficial do mundo tem dado todo o brilhante possivel. Philosofo naõ he; se he mathematico naõ sei; mas que he bom homem por natureza, isso creerei facil.^{te}, porque ate a fizonomia o persuade. Viunos pela casca, e perdeu de vista tudo o que temos de melhor. Mas elle assim mesmo diz bem de nós, q.^m sabe se perdemos, ou ganhamos na falta do seu exame. Agora fallemos da tua encomenda. Logo te poderia mandar q.^{tas} bugigangas quizesse do Algarve, e mandarte coizas da carregaçaõ, porem o amor da naçaõ naõ quer isso.

Ja escrevi este correio a fazer p.^{te} da encom.^{da} e do porto no principio d'Agosto está a partir um official que serve em lagos, e que levará as m.^{as} instruçoens p.^a te desempenhar; mas previnote que antes de quatro mezes naõ pode sahir daqui nada. porque mando fazer tudo da pita mais fina, [e isso leva tempo de colher]¹, e como aquella g.^{te} tem máo gosto p.^a naõ offender a vista, ate de cá lhe ordeno o que haõ de fazer em matiz e feitis Q.^m faz um aparelho de chá q naõ serve p.^a nada daquella materia, melhor faça caxas [sic] p.^a reversino [sic] &r.^a [p. 7] podes estar certa de que me naõ descuido, porq te sirvo e porq me tocas na balde de fazer dar preço ás nossas produçoens, e trabalhos. P.^a o Algarve foi o Conde de Rezende. Quando eu tinha o sangue na Guelra [??] m.^{to} dezejei aquelle vice Reynato p.^a o Conde naõ por nos mas pelo q me parece q nós podiamos fazer de bem aquelle Estado. Oje o meu appetite he Alcoentre, onde taõ bem os meus bons Portugueses ficaraõ algum dia onrados, e d'onde será banida a inveja, a lizonja, o Enteresse incopetente [sic] companha [?] do bom senhor daquelle castello. Falta fallar de Gregorio pois que tu o ordenas. He um rapaz sem nada extraordinario, nem na figura, nem no espirito. Tem bom, excellente coraçãõ: sencivel aos beneficios facil em perdoar, e liberal sem merecim.^{to} ou dizendo melhor sem estudo. A maquina he debil e por isso as percepçoens haõ de ser graduais para lhe ficarem impressas e distintas. Tem m.^{ta} vivacid.^e que se explica no motim dos espiritos; mas esta mesma começa a socegar. Está em caza d'umas Francezas, jundo das nececid.^{es}, onde estuda por ora as primr.^{as} noçoens da lingoa materna, e da Franceza o dezenho, e a dança começaraõ p.^a o anno, e o mais seguirseha conforme a debilid.^e, ou força da sua organizaçaõ, pois q della depende tanto a sua alma p.^a dar a conhecer o q lhe he proporcionado. Restame abraçar [p. 8] Frederica, recomendarme ao Sr' Conde, e despedirme de ti com *um bem sollido*, e mil carinhos ao pequenito ser que encerras ainda em ti. A D.^s amiga do meu coraçãõ: acabo esta carta começada no dia 7 a o pôr do sol, em 8 pela manhaã ja com m.^{ta} calma. Sou de qualq.^r modo a tua amiga fiel

T

[290]

Lisboa 26 de Julho de 83

Esqueceume em Lisboa uma carta que tinha escrito querida amiga e nella te remetia duas regras de uma Peçoa p.^a mim nas quais me diziaõ =*Tem razãõ a Sr.^a Oeyenhausen, e todos tem razãõ; só eu naõ a tenho na vida em que me puz q me mata, e naõ serve de nada a ninguem*, e com isto me restituiaõ a tua carta de 14 de Junho Infere tu o que quizeres daqui, e agora permiteme acabar com esta q faço com m.^{ta} dor de cabeça em Queluz²: Tudo peor A D.^{os} m.^a querida Leonor, conservate e vive p.^a

¹ Entre linhas.

² Residência de D. Pedro IV e lugar habitual da corte.

[291]

Lisboa 19 d'Agosto de 1783

Em 17 do Corrente recebi a tua carta de 12 de Julho e quando eu esperava, querida amiga, a certeza de teres mais um filho, ainda te queixas das incomod.^{es} da tua prenhez. Já vejo que eu e tua Irmaã erramos as contas mais já agora espero cada dia esta boa nova. A m.^a saúde he sempre delicada, mas ao menos passo ha tempos sem febre, ainda que estes dias tenho tido hum grande [pezo]¹ de hypicondria [sic], que hirei dissipar nos meus bosques d'Alcoentre, onde o Conde me espera de volta da Provincia d'Alentejo. Tenho boas novas suas, e sempre me recomenda o ponha aos teus pés assim como m.^a May, e Irmaã, que espera o tercr.^o filho, e que no primr.^o vai desenvolvendo como Philosofo as boas despoziçoens [sic] com que veio ao mundo. A pequena não será feia e he m.^{to} alegre, e mansa, o que m.^{to} me agrada nas creanças, tu sabes o porque. Mandame novas de Frederica, que já se hade hir explicando, sua Irmaa [sic] me faz saud.^{es}, porq ha tempo que não a vejo, mas sei que esta boa. Agradeçote a onra que fazes á m.^a semelhança: manda fazer essa dureza de figura, e essa aspereza de phisonomia que eu não tenho, e que me da huma certa [p. 1] umilid.^e [sic] impropria da m.^a fraqueza. Ficou mais grocr.^a do que eu sou, posto q na verd.^e a semelhança levou m.^{or} que otros, e teu Pay difficil em tudo achavao [Vera² e fig--] talvez por me abater os brios. Agora ha m.^{to} tempo, q senão falla em retratos da familia Real creio que ha tempo de muda, porq em nada se falla, senão na jornada da[s]³ Maffra, que se fará a 26, e nas sortidas que se farão a Varatojo p.^a o que se abrem cam.^{os} a toda a pressa. Este socego he um bom contraponto do rebolisso do Norte, mas bem o aja o Sr. Turco, que acabou todo de huma vez, e que comprou a paz com uma caximbada no meio das suas bellezas. Eu o estimo porq nos poem isso a coberto de todas as consequencias de guerra que seriaõ p.^a nos funestas, posto que talvez ventajozas p.^a os vindoiros; e eu q não tenho vindoiros voltome p.^a o dia presente, tendo com tudo m.^a penna de não deixar em que fallar de mim aos seculos futuros sabes tu m.^a Leonor, que ando agora mais que nunca encansinada⁴ contra uma certa sabia q troca a todas as coizas os nomes! tu percebesme, e não te admiras de que eu dezeje que no coração de meu sobrinho se nutra uma certa ambição de gloria sem a qual jamais se fará coiza gr.^{de} a qual ambição condennaõ as gentes mal entedidas como soberba [p. 2] e eu chamo elevação d'alma capaz de nos levar a D.^s Permite-me que não vá por diante o que me allegro da boa vinda do Emperador, e de que ponha os parrochos⁵ no pé de não faltarem por ambição ás funçoens do seu ministerio. Posso prometer-me deque senão dilate lá a sepultura a um pobre, porq não tem comque pagar taõ grande oferta qual elles querem os baptismos serão promptos pois que o pé d'al[--]r será do publico, e não do clerigo, que já tem congrua sufficiente Dame m.^{to} gosto [-----] tirar partido util e sollido dos mesmos deffeitos que se não podem melhor [arrancar]⁶ [remedios]⁷ dos omens q destroindolhe os fins.

¹ Lacunas polo mau estado do suporte..

² *Veraz?*

³ O -s riscado.

⁴ *Encanzinada.*

⁵ *Párocos.*

⁶ Riscado.

⁷ Entre linhas.

Quizera darte novas allegres mas não as há -morreu 6 fr.^a a Tarouca com poco mais de 24 oras de padecer. Pobre rapariga tem feito do a todos: deixa tres f.^{os}, e como sempre fallava m.^{to} em morrer desta vez acertou e disse coizas, q se não fosse o abito anteced.^{te} pareceriaõ verdr.^{as} prediçoens; eu porem menos espantadissa que o commun das gentes vejo nisto o acazo, e nada mais, e ate me paresse, que ella mesma não o cria não obst.^{te} fazer todas as dispoziçoens que lhe couberaõ no tempo. Agora acabo de receber um escrito que me diz quanto a Sr.^a de Vienna V. Ex.^a sabe que o meu silencio [p. 3] não he falta de resp.^{to} nem d'amizade.

A jornada de Maffra me reconciliara com os meus amigos de fora do R.^{no} sem portanto perder o merecim.^{to} de escrever p.^a elle porque so em escrever pode consistir o servisso que lhe posso fazer. Coitada se tu souberes a compachaõ que me faz.

A D.^s m.^a Cond.^a estimo a melhora da f.^a da Thun e se o julgares apozito dizelho assim, e q.^{do} o meu retrato for m.^{or} faze¹ que o veja p.^a que ella tenha uma idea de mim sem.^e a q tenho eu della pelo seu retrato e p.^{las} suas cartas. Abraçote e recomendome ao teu Conde

T

[292]

Alcoentre no 1.º de Outubro de 1783

Recebo duas cartas tuas com datas de 11 e 25 de Ag.^{to} e ambas agradeço, querida, tanto quanto ellas o merecem pelo esforço, que fizestes p.^a escrevelas, pelo carinho que as acompanha pela Muzica que trazem, pelas novas que me comunicas, e até pelo que dizes, ao N. Duque, a q.^m já mandei a pr.^a, e oje remeto a seg.^{da} Elle retribuindome diz, condeando² por este artigo, a sua resposta,

Remeto a carta d'Alem.^a com mil agradecimentos por mandarma. A sr.^a Oeyenhausen tem milhares de razaõ [sic] mas eu não sou nem esquecido, nem ingrato, pois que sou namorado Portuguez= Ella agora ainda tem menos tempo porque joga com os Reis não sei quantos dias na semana de lá a que oras da noite vem meterse no sonho das Alcacemas a que se sugeita porque o Reu [methiome na cadeia]³ o torna a perseguir

Aqui neste retiro nada sei do que passa pelo mundo sei comtudo que tua Irmaõ está sem coiza que dê cuid.^o e que sahio de seu tratam.^{to}, e m.^{to} bonita, e assim a deixei em Lisboa. La lhe mandei o artigo da tua carta de que ella dará resposta. A perda desta creança teve origem em um susto; depois a quadra não foi favoravel as mais e as que estavam mais adiantadas padeceraõ mais do que ella⁴.

Taõ bem ja mandei copear o Quinteto, e mandarei a Ana p.^a se lhe fazer o mesmo e se eu for este mez a Lisboa apresentarei uma, e otra coiza as Sr.^{as} com o teu recado. senaõ não [p. 1] terei mais remedio que encarregar isso a m.^a May. A muzica entre nós vai decahindo como he natural em hum Paiz, onde se teme mais o divertimento que a ociocid.^e comtudo ha raparigas entre nós que aprendem com fundam.^{to} falta porem o gosto e huma certa energia no modo, que vinha talvez do Theatro p.^a q.^m não a tinha natural, e sem a qual no nosso tempo não brilhava ligadura ninguem. Reynaõ as ligaduras a torto e a direito, e as vezes um tirano encanzinado manda matar com a mesma loucura comque um amante delambido dizia amores á sua

¹ A leitura desta frase parece clara, mais nom faz sentido.

² A leitura nom é clara. *Gralha?*

³ A leitura nom é clara.

⁴ Trata-se provavelmente da cópia dumha carta de Lafões para Oeyenhausen.

limiana¹.

Chaque age a ses plalisir; son esprit, et sa moeurs e eu estou ja naquella que
Toujour plaint le present, et vante le passé²

Hum trono actual tem mais graças, que um mostrado de longe entre as sombras
do futuro; haõ he assim?

Eu taõ bem quizera antes o Thio que o sobrinho, mas se eu não atino, querida
amiga entaõ morro de cuirosid.^e por saber em que maõ poz amor as letras p.^a abater um
Jove Por mal de pecados, nem posso mexiricar de taõ longe com o nosso amigo
commum. Paciencia.

Eu creio minha Condeça que tu ficaras bem servida com o q te mandar das
pitas, e que poderas ler de ponto a vista de tudo: hasde receber desde a bassoura groceira
até o chapim³ delicado, tudo que se faz de palma, e pita, e uma abreviada historia de
todo. Mas não pode ser logo, logo porque tudo he deficil aqui e a q.^m não tem domicilio
certo: mas poderei fazerte a primr.^a remessa logo q me [p. 2] chegar, e a seg.^{da} depois
estasse fazendo renda m.^{to} larga otra mais estreita, e os saccos estes com as ligas, e otras
borundangas [sic] em que entra uma capinha ou capasillo receberas [sic] na primr.^a
occaziaõ o mais tera mais demoras, e como me avizas de todos bem quizera eu
mandarte coizas preciozas e como sei o p.^a que hasde querer a colxa em que me fallas
mandala ei fazer logo p.^a que se ouver otra creança não falte a May em ter pano de
cobrir os pés. Aceita recados do meo Omem e o de ambos ao teu Aqui vivo o mais
campestrem.^{te} que he possivel o paiz he proprio p.^a isso nelle trabalhamos pelo
formozear, e por adoçar os costumes dos Povos agora não te posso comunicar os meos
pensam.^{tos} neste ponto mas taõ bem te digo que em vaõ me consome o amor da Patria, o
qual entre nós se trata de mania. A D.^s amiga do coraçaõ de

T

Abraço Frederica que ja supponho boa.

[293] Lisboa 3 de Oitubro de 1783

Respondo minha Cond.^a á tua carta de 7 de Setembro do Corrente anno cheia
de carinho e compachaõ que tudo me inspiraõ a tua amizade, e os teus desastres.

Espero contudo q o teu f.^o vencesse, e que ao receber esta possas de novo
abraçalo contente de o ver livre do perigo. A minha vivenda fora de Lisboa, a minha
saude quazi sempre fraca me fazem parecer esquecida, de todas as m.^{as} amizades. não o
sou certam.^{te}; mas eu desculpo a todos os que de mim se queixarem neste ponto, porq na
verd.^e me arguo de lhe ter dado preza. Eu conheço que não devo devo umitir [sic] uma
só posta⁴ esta deligencia, porq a pezar da semsaboria, q faz escrever uma carta, que hade
ser lida por peçoas, q nenhum interesse tem emq nós sejamos amigas, e que nenhum
pezo daõ a este sentimento da amizade, sobre o qual se estabalescem [sic] as mais
sollidas virtudes, apezar pois desta desagradavel serteza, eu sei taõ bem que tu goztas de

¹ Repare-se na crítica ao teatro coevo, caracterizado pela Condessa com os mesmos traços de inverosimilhança ou pouca qualidade dos actores que podemos ver censurados em Verney ou em Manuel de Figueiredo.

² «Chaque âge a ses plaisirs, son esprit et ses moeurs/ [...] Toujours plaint le présent et vante le passé» Boileau, *Poétique*, vv. 374-386.

³ A leitura nom é clara.

⁴ Ou *pasta*?

que eu te escreva, e isso basta p.^a que eu sacrifique em teu obzequio ainda coizas mais custozas. Isto supposto, eu tratarei de contentarte querida amiga, mas se te faltarem as m.^{as} cartas não te inquietes por que ellas podem ficar em mais de huma estallagem. Eu não posso deffender a tua familia [p. 1] em pontos de exactidaõ; mas se me he licito emprehendêlo persuadome/ ao menos quanto a tua Irmaã/ que huma prud.^{cia} necessaria a fará silencioza: alem deque m.^a amiga m.^{tas} vezes to tenho dito, uma vez q falta até pública [sic] que liberdade de discurso, nem q abertura de coração pode haver, nas nossas correspondencia? Tu longe do teatro em q nós mudam.^{te} figuramos, não sabes o que se pode fazer, ou o que se deve omittir. O tempo não he favoravel a pertençoens as de justissa achaõ mil contradicoens, as de graça dependem da benevolencia dos Principes/ isto he dos soberanos/ e essa benenvolencia sendo gratuita não ha quem se julgue com titulo p.^a puchar por ella; pelo menos os que pensamos de hum certo modo, assim o julgamos. Fico m.^{to} m.^{to} obrigada a M.^r de S. Mar por gaztar o seu tempo fallando de uma peçoza a q.^m talvez não fallou em todo o tempo que aqui esteve mais de meia ora certam.^{te} conheço que te fazia a corte, e ganhei por esse modo duas vezes. Ouvi que elle partira daqui desgostozo coitado! faz isso dó porque dizem que era bom omem. Não te dou novas da [tua]¹ gente porq tua Irmaã certam.^{te} o fará sei q ambas choramos com a tua carta e q ella te ama como tu o mereces. O Conde [Assumar]² esteve aqui inda agora [sic], e eu espero fazer a ambos a surpresa de lhe mostrar o teu Retrato q ainda ontem vi. Não te melhorastes m.^a Cond.^a ao menos os meos olhos [p. 2] achaõ menos o original [sic] Este preciozo presente será objecto de um jantar en voltando otra vez d'Alcoentre p.^a onde parto 5.^a fr.^a, e d'onde vim acompanhar m.^a May a qual padeceu lá das doenças do quadro mas fica boa, e te agradece a memoria, comq a obrigas. Do Conde tenho tido boas novas, e todos as dezejamos do Sr. Conde a q.^m me recomendo, e abraço o teu rancho com o maior car.^o porq sou

a tua amiga

T

[294] Querida amiga escrevete duas regras³ p.^a que não fiquesses novas m.^{as}, e escrevo de Alcoentre onde me conservarei este oitono se a m.^a saude o permitir mas ella está m.^{to} debil, e como ontem tive m.^{ta} febre oje não posso fazer maior applicação e acabo abraçandote e á tua creança que ja suponho a vista dos olhos da boa de Thun a q.^m darás o que te parecer da m.^a parte. Espero p.^a a semana o nosso Duque em Torrebella [?] [.]. Somos vizinhos na distancia de uma pequena lagoa; entaõ será este dezerto uma abitação bem mais agradavel porque a amizade se desfrutara sem empecelhos, e mil ideias patrioticas la se desenvolveraõ no silencio dos nossos bosques, sem susto de que os satyros murmurem delles. A D.^s m.^a Amiga Gibraltar fora agora um Theatro interessante ate p.^a as mulheres, e filhas dos sold.^{os} Eu nada verei do mundo apenas gira por estes contornos, p.^a chorar sobre a mizeria duns povos p.^a a q.^m ainda não brilhou o mais debil rayo de industria. Farei quanto poder pelos deixar menos cegos, ao menos aos que se fiarem de mim. Recados ao Snr Conde e a tua amizade p.^a mim q sou a tua

Vimr.^o

¹ Entre linhas.

² Idem.

³ Parece provável que esta carta seja do outono de 1782 ou 1783, datas nas quais temos verificado, pola dataçom das outras cartas, que a Condessa residia temporalmente em Alcoentre.

Mais huma f.^a tua, querida amiga he um presente do Ceo, e ficando tu boa, he isso oiro sobre azul. Eu tenho andado doente, e por isso não te tenho escrito, dezejando m.^{to} comunicarte por este modo, já que por otro me não he permitido. Tenho tido m.^{tas} sezoens, e m.^{tas} febres tantas que me dão algum cuid.^o; mas agora estou livre, e o conde q taõ bem tem padecido alguma coiza está melhor; e se poiem aos teus pés. Mandeí a tua mesma carta ao Duque e elle me diz, que te escreva como he justo. Daqui não tenho que te dizer, que possa entereçar-te, e de Lisboa, são taõ funestas as que te posso dizer que acho melhor omitilas. Tua Irmaã está outra vez com esperanças; Teus Pays, e a tua filha em Almada, e teu Irmaõ/ Coitado!/ fora do lar paterno, pelo que dizem com m.^{ta} sem razaõ de teu Pay. A minha gente está boa e eu porq ainda me sinto fraca, acabo recomendandome ao Sr. Conde e conservando as mais vivas saud.^{es} tuas. A D.^s sou

a tua amiga
Virmr.^o

Agora m.^a Oeyenhausen receberás m.^{tas} cartas m.^{as} pois que começastes otra vez a pegar no fio, e eu taõ bem ----² Ontem escrevite uma larga carta que acompanhava o meo retrato e não te queixarás com ella do meu silencio. De mim não te posso oje dizer senão que estou summ.^{te} fatigada, porq tenho tido m.^{to} trabalho de espirito e de cabeça. Ha dias que me não cahe a penna da maõ e isto junto com a m.^a mudança p.^a Alcoentre onde ainda não tenho um estabelescim.^{to} ficho e por isso me he mais trabalhoza a jornada me tem fatigado assaz Tu queres saber qual he a m.^a molestia? ninguem lhe acerta o nome os q fallaõ m.^{or} discorrem a origem e dizem *que a espada gasta a bainha* eu não o creio porq vejo que os esforços da alma são quem me sustentão a machina com tudo devo dizerte que dezde aquella epoca tristissima em que o gêmeo padeceo como [p. 1] ninguem pode imaginar eu fiquei arruinad.^{ma} de saude depois um queda [sic] que dei em malora m.^{to} acabou de me derribar [sic], e a rezidencia de Sete Rios, hia a meter-me na sepultura inchei m.^{to} perdi forsas, o sono era poco e inquieto a respiração difficultoza, e os braços apparecerão cheios de glandoulas [sic] enfartadas que mostrarão [sic] que no interior ha destes encalhes. Estou melhor depois que vivo nesta rezidencia³. Durmo com mais socego respiro com menos difficuld.^e e tenho dias de não estar inchada, mas ainda tudo de quando em quando me persegue, e mais que tudo a malencolia. Agora mandaõme tomar os banhos das caldas, e beber as agoas como ja n'otro tempo me fizeraõ bem tentalas hei e se me curar terei mais força p.^a te fazer folhetos pois que dizes que so eu escrevo com individuação. Meu Irmaõ Jozé sahirá amanhã pela barra fora p.^a Angola fazendo [p. 2] escallo [sic] no Rio de Janr.^o e o objecto desta viagem paresse delicado mas eu que não penetro o misterio contentome de ver que meu Irmaõ torna á vida activa que sempre dezejou, e que lhe dão aquelle mesmo navio, com que elle ja fez

¹ Datamos esta carta antes de 1786 pola referência à Condessa da Ribeira Grande, morta nesta data. É provável que esteja escrita no outono de 1782 ou 1783, quando constatamos a presença da Condessa em Alcoentre.

² Riscado?

³ A carta é posterior ao 19 de Fevereiro de 1782, data em que a Condessa muda de casa, e anterior a 1784, data em que a Condessa da Ribeira Grande tem o seu segundo filho.

alguma coiza de que se agradou a sua soberana.

Custame porem a separação saud.^{es}, e cuid.^o sarna de que jamais se cura um coração sensível. Vi tua Irmaã 4.^a fr.^a, e lastimoume achala taõ magra a sua Leonor está perfeita.^{te} saã, e começa a agradar, a tua esta em Almada, e por isso não a vejo. Tenho tal pena do retrato que lá te mandaõ não o creas Teu Pay estava em dia de devoção e fez pintar a tua filha com ar de menino *salvador*. Não sei se te disse que Anna Telles¹ he dama camarista da Inf.^{ta} f.^a da Ra.^a? Dizse que Obidos, e Niza seraõ camaristas, qualquer dia, he todo o que agora [p.3] ha de novid.^e Eu farei por q o nosso Duque te remeta as m.^{as} cartas no tempo da digreção. As tuas respostas acharme haõ aqui já de volta quando tu souberes que estou fora sem tempo de ter tornado. Ja o corr.^o passado te fallei na Princeza de Sterhazy² O Duque tem padecido m.^{to} com esta funesta noticia mas o tempo e a reflexão faraõ o resto. Tu sabes se eu me interessaria na scena, especialm.^{te} dizendo elle e a sua familia que eu sou a Estarhazy de cá dos Alpes não tenho tanta vaid.^e que julgue a comparação feliz; e mesmo vejo que me falta a amizade da soberana, que pode produzir mais felizes effeitos a resp.^{to} de Portugal do que a da Princeza com a Emperatriz. Mas ella e eu alguma coiza obtivemos não sei se me percebes, nem eu me posso explicar. A. D.^s aceita, e da recados &r.^a

[297]

Lisboa 9 de março de 1784³

O meu silencio querida amiga, vem da triste situação com que me tenho visto. Ha perto de dois mezes que sou enfermeira do Conde de Vimr.^o, o qual apenas se tira da cama p.^a uma cadr.^a, por conta de uma chaga em uma das pernas, que não o deixa andar; e como alem disto tem tido uma exquizita queixa de pelle, que /p.^a *mais penas sentir*/ não se conhece bem, juntasse o cuid.^o á compachão de o ver padecer e á nececid.^e de o distrahir do seu mal e isso me tira dos meus exos, porem agora estava determinada a escreverte e brevemente o farei remetendote algumas coizas de pita /bem que não todas, porq não he possivel e entaõ tratarei deste capitulo em prova de q me não esqueço do que me recomendas. Eu não passo peor, e sinto no meu coração que a tua saude se não restabelesça mas a estação mais benigna te restituirá as forças e p. o anno uma viagem a Italia te pode acautellar dos frios de Vienna. Estimo n'alma que estejas na rezolução de não vir a Lisboa: certamente te não convinha por nenhum principio. Não to dizia eu, sem mo perguntares, mas uma vez, que te deliberastes, peçote que te fortifiques [p. 1] nella, ate que mudadas as circunstancias, se apresente com pintura de ser favoravel o que agora só te seria prejudicial; e se eu visse esta conjunctura, podes crer que apreçara o gozto de te ver, de abraçar e de gozar das delicias da amizade sempre preciosas p.^a um coração da m.^a tempera. Com grande gosto vira eu a tua Frederica e me interneceu essa conversação que ella tem com o meu retrato: abraço a ambas com o maior carinho, e quizera ter a consolação de ver desenvolver debaixo dos meos olhos as suas graças, e perfeçoens. Leonor teve serampo de que ficou boa; mas eu não a tenho podido ver, porque alem da celebre historia do retrato, que me separou de todo de teus Pays, tem feito tormentas taõ orrorozas que seria uma loucura intentar atrevessar [sic] o Tejo: a familia Real esteve detida em Salvaterra dezde 4 fr.^a até ontem, por não dar o tempo

¹ Esposa de António Máximo de Almeida Portugal, 3º Marquês de Lavradio.

² Princesa Maria Theresia Esterházy, filha do Príncipe de Thurn und Taxis e esposa do Príncipe Paul Esterházy (falecido em 1790), protector de Hayden (1732-1809).

³ Sobre um 5

lugar a descer o Tejo sem risco; porem deste ultimo temporal não se contaõ os desastres, que houve no de Dezembro e Janr.^o emq se perdeu m.^{ta} gente, não só na costa, onde naufragaraõ m.^{tos} navios, mas dentro do rio onde pereceu m.^{ta} gente. As chuvas copiozas, que não cessaõ, nos annunciaõ grande esterilid.^e, mas a fome não se sentirá, porq sobejou m.^{to} trigo do anno passado, em que não tinha preço e os nosso vizinhos tinhaõnos metido m.^{to} em caza a 120 [p. 2] o que nos faz agora ver com menos susto o que nos ameaça por aquella razaõ de não vermos nunca o dia de amanhaõ os que somos povo como eu. Estaõ comprados mais de 10\$000 bilhetes da nossa lotaria¹, o que mostra que a Naçaõ a abraça bem, pois que as comiçoens de fora, inda se não apresentaraõ, e que os calculistas se rezervaõ p.^a o fim. Os tres objectos a que se destina o seu lucro saõ de tanto interesse para o Publico, que faz um grande gosto velo avançar; & antes de sahir deste capitulo te dou a noticia, de que o Principal Botelho/ que he falecido/ deixa 12\$000 cruzados, e a sua prata à Mizericordia, otros 1\$000 ao ospital p.^a se estabelecer com elles um fundo, de cuja renda se faça roupa p.^a as enfermarias, 9\$000 cruzados aos prezos: o produto da sua equipagem /depois de tiradas umas duas parelhas de machos, que deixa a diversas Peças/ p.^a as obras da sua freguezia, que se reedifica. Todas as suas caixas preciosas /que saõ m.^{tas} /e alem disto 50 moedas as convertidas, de que minha May tem cuid.^o, e varios bens de raiz e ainda moveis, em morgado [.]. A morte que se anticipou mais do que se pensava, fez que por uma ora não ficasse o uzo fructo deste morgado a M.^{na}, pois q tendo morrido pocos dias antes a May, a q.^m o tal uzo fructo ficava, ella por condescender com os rogos da cunhada, tinha chamado [p. 3] huma peçoia p.^a lhe fazer o codicilo; uma cazualid.^e fez que esta peçoia passasse dias sem vir, e q.^{do} chegou era falecido o principal, com pouca differença de uma ora. taõ bem ontem faleceu o conde de Pombr.^{o2} A f.^a he bonita está cazada a seu gozto, consolar-nos hemos. Fazme rizo o terror pannico desses Sr.^{es} Olandezes, e Francezes bazofiadores; e não cuidava que n'uma corte civilizada ouvesse a inconsideração de fallar assim á m.^{er} do nosso Ministro *mas cá, e lá más fadas há*. A expedição está feita e meu Irmaõ teve o gozto de q a R.^a mais uma vez dissesse, q a tinha servido bem. Jonston³ havia deixado em uma das nossas Ilhas, chamada da Trind.^e, uns pocos de cazaes para povoala, porq até entaõ estava dezerta. A sua situação a fazia de grande interesse p.^a os Inglezes, sobre tudo em tempo de guerra com Espanha, ou com Portugal. A nossa corte independente dos officios que apresentou o Embaixador de Espanha, faria revendicar o seu direito; mas este junto com as sollitaçoens [sic] do seu alliado fez que sua Mag.^{de} ordenasse, que meu Irmaõ fosse expulçar os Inglezes da Ilha, e daqui sahio a 26 d'Ag.^{to} de 72 [sic] en dereitura ao Rio de Janr.^o, p.^a ahi lhe incorporarem as embarçaçoens de comboyo ---- e partir a executar a sua comiçaõ, que foi trabalhoza, mas de nenhum [p. 4] espalhafato militar, porq os Inglezes haviaõ recebido ordem da sua corte p.^a evacuar o novo prezidio, em que deixaraõ alguma artelharia encravada, otra sem danno/ de que se infere que a partida foi precipitada/ Queimaraõ algumas provizoens, não todas; e deixaraõ a terra m.^{to} bastantemente cultivada, com m.^{tas} e boas ortalijas de todas as castas, alguãs frutas, canas d'assucar, milho em diversos grãos de vegetação, e madureza ainda sobre a terra, um ou dois bois, e uma besta, que me não me lembro se era muar, mais pareseme q não. A ilha he de m.^{to} difficil abordagem: cercada de m.^{tos} esparceis⁴ rochas altissimas, apenas offerece um unico e difficil lugar de desembarque, e como este não era conhecido, e fica oculto por huma corda de rochas esparceladas, todas as

¹ Lotaria criada em 1783 em beneficio da Academia das Ciências de Lisboa.

² António Joaquim de Castelo-Branco Correia e Cunha (07.05-1745-08.03.1784), 5º Conde de Pombaeiro. A sua filha é Maria Rita de Castelo-Branco Correia da Cunha, 1ª Marquesa de Belas, casada desde 1769 com José Luís de Vasconcelos e Sousa.

³ Por Johnston?

⁴ Esparcel: «recife que aflora à água; escolho, esparcel; Rubrica: termo de marinha: leito do mar de pouca profundidade, às vezes aflorando à superficie, com aspecto plano».

confrontaçoes, que meu Irmaõ levava eraõ equivocadas por não dizer erradas. A inconstancia do mar, e a qualidade dos ventos reynantes, fazia mais difficil a indagação, e depois de trez dias de infructuosas delligencias, meu Irmaõ saltou no escaller, sobre as rochas subio a maior altura, e resolveuse a mandar a nado p.^a terra tres marinheiros, q surgiraõ, e no dia seguinte seguinte lhe mostraraõ o porto: elle esteve nesta occaziaõ arriscad.^{mo} /seg.^{do} diz a goarniçaõ, q o observava da nao/ o precipicio eras imenso a descida deficuloza, e se [p. 5] não soubesse nadar não se salvaria

O seu escaler foise em pedaços na rocha, mas elle teve o gozto de não perder um omem, e de fazer desembarcar tudo com segurança a pezar de ser obrigado a momentos de fazerse ao largo, por conta do perigo ja indicado. Tirou os planos da Ilha, poz a Artilharia em estado de manobrar, estabeleseco a disciplina, deixoulhe mantim^{to} p.^a um anno, e recolheuse ao Rio de Janeiro, onde esteve á morte, por effeito do excessivo callor e fadiga, que tinha soffrido, e teve uma tal inflamação na cabeça interiorm.^{te} que o poz no ultimo perigo. O fernezim [sic] q lhe sobreveio desanimou a todos, mas elle sem perder o acordo fezse sangrar, e tudo foi gradualm.^{te} cedendo; com tudo ainda esteve recebendo os quintos todo erisipulado¹, e assim mesmo deu à vela. Depois que está no Reyno, e em Serpa, tem se restabelecido mas parese otro. A Ilha paresseme q tem poco mais de uma legoa de comprido, e meia de largo/ nisto posso ter alguma equivocação/ Exaqui tudo. Alguns espiritos ambiciosos de gloria, talvez quizessem passar avante, e por ventura não nos faltára direito; mas o sistema pacifico do governo prezente não dá que temer às filhas, e as Espozas. Com tudo esses M.^{rs} blazonado[p. 6]res deveraõ saber /pois que tudo sabem/ que nem sempre dorme q.^m fecha os olhos. Eu tomara ver cultivar o continente; estabelecer a marinha, e começar ao menos nos meos dias a predicar [??] o bellissimo projecto do canal des-[sic]² o tejo té guadiana. Projecto calculado exactam.^{te} por deligencia da Academia, e feito com um trab.^o, e uma exacção digna dos talentos do M.^r de Vallare, que, como socio correspondente, tomou assi³ este preciozo trab.^o Eu dizia ontem no canto do meu gabinete⁴, que se fizesse uma companhia, e que eu entrava nella com o fundo das m.^{as} joyas. bem vez que não he o mesmo q fazer dos dentes mi trailho p.^a deffender Dio. Restame darte os parabens da restitução de M.^{me} de Biem [?]; se ella soubera como ainda reyna aqui! o seu merecim.^{to} exposto por uma certa peçoa faz nos estar como pexinhos de S.^{to} Antonio. M.^{me} de Bourghauzen [?] contentase de saber que o nosso Duque conserva toda a sua vivacid.^e juvial [sic], e activa, com que sahio de lá, apezar de não ter igual rebustez [sic] de saude, porque o reumathismo sempre o ataca, ora mais ora menos, e elle apezar do seu grande talento, não entregou a sua saude ás melhores maõ. Oje estara na sua Quinta de Torrebella, p.^a onde passou ontem [p. 7] depois q S. M.^{es} sahiraõ de Salvaterra [.] os que vieraõ de lá dizem que a R.^a o tratara m.^{to} bem onrandoo m.^{to} eu estimoo, e paresseme que ainda mais pela R.^a pois que nada he taõ proprio da sua grandeza como tratar bem a q.^m tanto lho meresse. Mas o pobre Duque não tem tempo p.^a nada sendo obrigado a consumilo em coizas que nada valem como saõ as bacatellas do expediente, o qual pretende ser de nenhum cansasso se tem feito pezad.^{mo} e o Duque he obrigd.^o a fazer tudo pela sua maõ alem de que, não lhe faltaõ couzas serias q lhe levem tempo, exaqui por q faltaõ cartas aos seus amigos de fora e ainda aos de ca não chegaõ ás vezes linhas. Lembrarte as de hum Abb.^{es} protegido do Duque, e que vivia

¹ Contrair *erisipela*: «doença infecciosa aguda, causada por estreptococos, caracterizada por uma inflamação da pele».

² Final de linha.

³ Para si.

⁴ Gabinete: «fr. *cabinet* (1491) 'pequena câmara acessória a um cômodo'; f.hist. 1698 *cabinete*, 1704 *gavinete*»

⁵ José Correia da Serra, secretário, nesta altura, da Academia das Ciências de Lisboa. A amizade com os Condes de Vimieiro continuou ao longo do tempo, e foi o encarregado de escrever a oração

m.^{to} em m.^a caza antes de elle chegar: este tem um irmão de m.^{to} merecime.^{to} a q.^m a R.^a fez agora Cap.^m Engenheiro. Lido has¹ na Gazeta com o nome de Joaq.^m Correa da Serra. Aceito, e agradeço obsequio do Snr. Conde, e ponho o meu aos teus pés m.^a May, e quazi todos meus irmãos estão em Serpa e brevem.^{te} me vira a noticia de ter mais um tercr.^o sobrinho. A D.^s quer.^{da} amiga

T.

[296]

Lisboa 6 de Abril de 1784

Obrigas-me sempre, cada vez mais querida Oeyenhausen com o enteresse que mostras na m.^a correspondencia, e posso dizerte que necesito de receber destas provas da tua parte p.^a me consolar da indifer.^{ca} do mais resto da tua familia. Ainda não vi nem verei o teu retrato aquelle retrato que he meu que eu pedi e que não mandaõ nen satisfação disso; não o perderei mais e só de ti quero receber esta galantaria²: manda-me pois otro: não faças tu, porque isso pode fatigarte; porem mandamo em troco das coizas de pita, que te hirei mandando, e que bem a meo pezar não levou o Poztilhaõ por uma equivocação; e agora mando p.^a tua Irmaõ dois caxotinhos um de lata com sacos, ligas, rendas, e um capuzilho otro com varias bacatellas groceiras como alcofinhas³ de pita, e palharia [??], com aquellas coizas que ellas costumaõ trazer p.^a o comercio. Vaõ umas condecinhas⁴ taõ bem das mais groceiras porque ainda me não chegou a remessa fina e vai pita do modo q sahe do preparo; e otra já dobada⁵ para se trabalhar com ella. Vai taõ bem uma bassourinha de palma, e mais de vagar te mandarei a relação da manobra destes dois generos, os quais ponho de parte p.^a responder á tua carta de 28 de Fervr.^o

Eu não sei que sonho, ou que vizaõ he essa de expedição nossa sobre a costa d'Affrica. Aqui nem ha idea de tal que tranzpire ao publico: se he possivel estamos apodrecendo na [p. 1]pax. Na Azia he que não sei se os dias seraõ taõ quietos, mas aqui nem por graça se falla em guerra. Em Janr.^o se bem me lembro houve um Decreto p.^a se diminuirem os direitos da entrada a certos generos q nos saõ precizos, e isto quando viessem em navios nossos. Se he esta a guerra deq se queixaõ os estrang.^{os} quizesse D.^s que tivessem bem deq queixarse. Eu já te escrevi tudo o que sabia da Ilha da Trind.^{e6}, e suppunha que disto he que tu fallavas na tua penultima carta; mas agora entro a duvidar. Meu irmão está quieto em Serpa restaurandose do grande mal que padeceu nessa

fúnebre de Sancho de Faro depois da sua morte em 1790.

¹ A leitura da frase nom é clara.

² Esta é a primeira alusom a um problema entre a Codessa de Vimieiro e a família da Condessa de Oeyenhausen por um retrato desta última que aparece em toda umha série de cartas e que acaba por dificultar as relações de Mello Breyner com os Marquesses de Alorna e a Condessa da Ribeira.

³ Alcofa: «saca, ger. de folhas de palmeira trançadas ou de esparto, us. para fazer compras».

⁴ Condessa: «cesto de vime com tampa, redondo ou oval».

⁵ Dobar: «enrolar (fio de meada de lã, algodão etc.), formando novelo; enovelar».

⁶ Trindade, ilha portuguesa desde o século XVI. Em 1700 foi descuberta novamente polo astrónomo inglês Edmund Halley, que tomou posse dela desconhecendo que era de soberania portuguesa. Em 1781 a ilha foi ocupada por tropas británicas, acçom que foi respondida por Luís de Vasconcelos, Vice-rei do Brasil, com o envio de tropas abordo do barco «Nossa Senhora dos Prazeses». Mais, tal e como a Condessa explica em «Lisboa 9 de Março de 1784», quando os portugueses chegárom á ilha comprovárom que os ingleses já tinham saído dela. Posteriormente, Portugal ocupou a Trindade até comprovar que o terreno era improdutivo, abandonando-a definitivamente em 1795 (www.folha.uol.com.br/foha/turismo/aventura/ilha_da_trindade_historia.shtml, última consulta: 23.01.2004).

expedição; mas esse mal veio do clima e da fadiga, e não dos inimigos, por que nem um abitante se achou na Illa. O de que falla aqui todo o mundo; mas sem authorid.^e, porq não o diz a Corte, he dos cazam^{tos} dos nossos Infantes a troco com os de Espanha. O Inf^e D. Gabriel levará /ao que diz o Povo/ a Infanta que nōs queriamos ver Imperatriz; o Infante D. João receberá a Inf^{ta} Carlota, a q^m/ sendo isto verd^e/ quizera eu acrescentar os annos que ainda lhe faltaō p^a poder ser May; porem mais q tudo quizera eu ver filhos á Princeza. D.^s lhos dê, e lhos dê logo. Quanto tem gelado p.^a o Norte tanto tem chovido p.^a o meio dia. Ha trez dias que não chove de Dezembro p.^a cá A perda nas searas será gr.^{de} mas os arvoredos gozaraō bem, e talvez fiquemos livres de um terrivel mal que padeciaō as Olivr.^{as} especialm.^{te} as do Ribatejo nestes annos de secura. A fizica das Arvores sabsesse, que ha mas aqui, á excepção de algum curiozo, parecera ridiculo tratar de curar as ednfermid^{es} do Arvoredo. O particular faz o que pode; mas o Publico anida se não pode occupar disto. Huma das nossas boas leys manda por arvores por toda a borda do Tejo, e poem graves penas a quem cortar estas ou as que estaō nas estradas publicas ainda sejaō dos particulares. A ley manda, mas os executadores da ley dormem, e as arvores nas estradas cortaōse impunem.^{te} assim como se não poem as da borda do Tejo. Os soberanos não o sabem, por conseq.^{cia} o deffeito durará.

Car les hommes de Etat/ si le Public parle/ dissent toujours nous avvons aussi notre Public qui nous ----- de tout ce que nouz faisons. = Qui est ce done le Public?

Leonorita teve sarampo mas está boa, eu o sei por q.^m o sabe; mas não a vejo, porq ella está em Almada. A sua estatura he forte, mas a sua constituição he delicada. Oiço q vaō todos p.^a Almeirim: Tua cunhada boa e triste rapariga tem soffrido assaz Duvido se terá f.^{os}. A m.^a vai os dando todos os annos, e a tercr.^a, que nasceo a 20 de Março, e se chama Isabel dizem que he gigantesca, como seu Irmaō. Eu quizera que ella fosse bella; mas temo q não o seja porque ninguem mo diz. O meu Omem tem padecido m.^{to} como ja te disse mas começa a melhorar. Elle se poem aos teus pés, e ambos nōs na memoria do teu e eu abraço com m.^{to} carinho os pequenitos que ainda de taō longe ja me enteração assaz. Com a estação espero te venha a saude, e p.^a o Inverno espero q Italia te offereça um azilo que te divirta, e accomode m.^{to}. A D.^s m.^a Leonor se as Instrucçoens que eu vi p.^a as cabeças de repartiçoens dos negocios do Imperio saō do Imperador; Bem avendurado o publico de q.^m o soberano se não dedigna de se chamar servo. Eu passo melhor agora de saude do mais como d'antes e sempre serei

Tua verdr.^a amiga

T

Esqueciame dizerte, que D. Fernando de Portugal, e Valença, e meo Irmaō Pedro fizeraō no Passo os seos exames vagos, e dizem que o fizeraō com gr^{de} destinação. E a Raynha teve a bond^e deo dizer assim publicam^{te} a meo Irmaō na Audiencia. Ella assistio incognita com uma paciencia, e huma atençaō pasmoza como quem deveras se interessava na materia.

Taō bem por cá ha balaō. A Sr.^a Infanta mandou fazer hum p.^a se divertir voou sabado e ultimam.^{te} deu a costa em cacilhas. Outros esperamos q subaō, algum que leve gente, a seu tempo darei noticia.

Tu escreves como um Anjo; mas longe de nós, Querida Amiga, não vendo o facto em toda a sua luz, porq eu mesma não corri de todo a cortina, não podes deffender a acção plenam.^{te} Eu contudo quero esquecerme delle por q tu mereces m.^{to} mais, e limitome a pedirte q não porfies¹ com tua May, e te contentes de fazer o que te pedi o corr.^o passado; porque eu ja agora não heide ficar com o tal retrato, seja pollidez, seja compachaõ, ou rissentim.^{to}, a voz do meu coração aconselhame assim; e quem pode resistir a esta força, quando a razaõ a approve?

Affastando pois os olhos deste ponto p.^a q de todo se apague a forte impreção, q me deixou, vamos a otra coiza. Não me pairesse, que Leonor tenha recebido nenhum abito de friald.^e a resp.^{to} de seu Pay, antes tenho ouvido a tua May, que sempre lhe falla nelle, e em ti como de umas peçoas a q.^m deve tudo: se ouvera um retrato seu delle assim como o ha teu seriaõ talvez igualm.^{te} vivas as especies mas he percizo que tu saibas que ella não tem nenhum ar affeminado, e que o seu coração pairesse mais capaz de dominar, que de ceder. Daqui vem que o seu carinho não tem um character de suavid.^e que ás vezes degenerere em languidez. A observa bem, disserasse que a Natureza quiz encarcerar uma Alma viril, em um corpo de m.^{er} quando a formou. Pelo contrario a Prima hade ser talvez mais branda do que convenha á sua felici.^e De tudo isto o que dezejo, que tires por consequencia, he que a tua f.^a não será carinhoza, mas será constantem.^{te} ligada ás suas obrigaçoens; e quando souber que a mais sagrada he o amor e a subjeição a seu Pay, correrá atraz della sem desfallecer.

Compadeçome de ti, porq te considero afflita, e preocupada mas estou persuad.^a, deque a saude não tarda em fazer assento em tua caza: não tarda certam.^{te} e o ar do campo concorrerá m.^{to} p.^a isso. Porfim respira alguma coiza do q tu me disias nas tuas duas ultimas cartas, pois q se diz que ha um tratado entre a nossa corte, e a de Versailles. Não corre ainda no publico a baze e substancia deste tratado; mas sabbes que *Luis 16* mandou a Ayres de Sá um rico presente, e otro ao seu official, maior da secretaria: Eu ignoro o de que elle consta, e nada te posso dizer mais a este resp.^{to} A nossa Inf.^{ta} anda padecendo m.^{to} de nervos; ella está n'uma epoca m.^{to} critica e isso me faz temer por sua A:² que se tem divertido fasendo sahir estes dias varios baloens de diversos tamanhos [.]

A m.^a saude agora não he taõ má. o meu Conde taõ bem vai m.^{or} e tua gente esta divid.^a em Almeirim e Valle. A pobre Atouguia está menos opprimida das suas dores no figado; e por ora não sei mais nada que de contar seja. O C.^{de} fica aos teos pés, e ambos queremos estar na memoria do Snr. Conde e eu acabo esta abraçandote, e beijando carinhozam.^{te} as dua pequenitas a q.^m ama de coração

T

A tua carta de 14 de Abril, m.^a Cond.^a, me affligiria m.^{to} mais se não tivesse primeiro visto uma do Sr. Conde p.^a Lebzeltern na qual elle lhe diz que começa a tranquilizar-se sobre o estado da tua saude contentandose da de suas duas f.^{as}, o que me faz crer que ternura de May /de que hum omem nunca pode ter cabal ideia/ te faz avultar mais o perigo de Jullianita. Com tudo a tua carta ainda com estas quebras que lhe dou,

¹ A leitura nom é clara.

² Alteza.

me deixa cuidadoza, porq o uzagre¹ sendo uma crise com q a Natureza procura depurar as creanças, he por isso mesmo arriscad.^{ma} animate porem a soffrê-la, e toma os conselhos de Fouxeros que te seraõ uteis. Leonor Ribeira esteve ainda mais lastimoza do q tu pintas Julliana, e venceu; mas que paciencia não mostrou em toda esta epoca trabalhou a Arnica?² D.^s queira que tu tenhas huma peçoa sem.^e que te ajude, o que duvido, poisque o asco e máo cheiro da queixa, so o carinho de May pairesse que o pode fazer supportavel. Estimo á alma que escolhesses um retiro que te pode ser ventajozo por mais d'um titulo e agradeçote o q me repetes a esse resp.^{to} Por cá não ha desses bons bocados: ainda não declinamos p.^a o dia Eu estou agora melhor e o Conde de todo restitui[p. 1]do, e ambos dezejamos que tu estejas livre de tudo o q pode perturbarte. Eu quizera oje delatarme, e responderte ate da p.^{te} do Duque, mas não me he possivel: fallohei p.^a o Corr.^o Dize aos amigos do Duque que uma pessoa que o conheesse lhe affirma que não he ingrato. Quantas vezes suspira elle por tornar a velos! quantas levado do mais vivo enthosiasmo pairesse não ver no mundo mais que um só OMEM! Elle dará razão de si; mas agora está longe daqui *tendo* hido com a familia Real ao *Cabo* a huma festa de que eu certam.^{te} te não farei a relação. Desculpao, e continua a fazê-lo amar pois que elle o merece e que esse bem manejado por ti fará maior a sua filicid.^e A D.^s querida amiga abraçate, e a tuas queridas f.^{as} como huma

verdade.^a amiga tua

T

Minha May ainda está
em Serpa e toda a m.^a gente aos teus pés

[301]

Lisboa 1.^o de Ag.^{to} de 84

Em nome de D.^s Amen!

Saibaõ quantos este publico instrumento de intima amizade, e communicaçãõ virem, que he m.^a unica intençãõ, e irrevogável vontade, divertir a m.^a amiga, e vingarme fallando com ella ser rebuço, de m.^{tos} centos de milhas que a separaõ de mim, e me tem consumida a paciencia.

Que tal de preambulo? elle te mostra, querida Oeÿenhausen, q apezar da gr.^{de}, e justa tristeza, q peza sobre o meu Coraçãõ, sempre o meu espirito bulliçozo aproveita um mom.^{to} p.^a uma travessura Tens m.^{ta} razão de arguir o meu silencio; mas q dirás tu se souberes q todos os correios me enfago [sic] p.^a o romper, e fico do mesmo modo? dirás que me tacou [sic] a ipedemia da indolencia, e tens destulpa se assim o julgares, que he o peor. Dividida porem entre a ambiçãõ da gloria, e o temor da morte de hum irmão sacraficado [sic] em Argel aos Caprichos de um Rey estranho, ando na verd.^e tal, que não presto p.^a nada. Esta expedicaõ contra os Francezes, que insultaraõ as nossas franquias, não me faria rabugenta; mesmo em Argel feita pela R.^a, daria eu contente os irmaons, e os f.^{os} p.^a ella/ porque a dizer verd.^e tenho meos quêz [p. 1] das Fern.^{des} de Dio, e talvez se se desse o cazo com a pá do forno eu tenderia [ainda]³ otros sete castelhanos/ mas em ar de seg.^{dos}, por concomitancia, sem um desembarque, sem um projecto grande, sem um golpe decizivo, ver gastar á m.^a Raynha os bellos cabedais do Estado, semq nem

¹ Usagre: «eczema de lactentes; eczema impetiginoso».

² Deve de faltar algo na frase.

³ Entre linhas.

ao menos os nossos vão aprender a fazer a guerra confeço q me faz crescer uma animozid.^e contra estes nossos vizinhos donde nunca nos vem bom vento. comtudo abenço mil, e mil vezes a nossa soberana pela gente, q lá mandou, e pela sua [p.^{te} o q]¹ me fica que sentir he que não mandasse oito [----- de quatro naos]² p.^a mostrar a *Los leones, que sus garras no podran toda via hazer preza en nosotros* que temos marinha, e que ao primeiro voltar d'olhos de sua Mag.^{de} a podemos fazer vogar. Digo que podemos, porq quem tem dinheiro tem poder e temos tanto, tanto! Pela Caza da India entra m.^{to}, pelo acrescimo das arremataçoens dos contratos não poco, e com o tempo hirá sendo mais porq he provavel, q os grandes descaminhos da faz.^{da} Real, e publica se vão emendando p.^a o que basta querer. Tornando a Argel, tu saberas pelos papeis publicos tudo o que nós sabemos: correm noticias [p. 2] vagas vindas por Cadix/ nas quais não vejo probabelid.^e [sic]/ deq o comd.^{te} da não Bomsucesso Chamado Mello Breyner, tomara duas embarçaçoens francezas, q hiaõ carregadas de muniçoens p.^a Argel, e q a preza se julgava boa. Mas sem confirmação da Corte, não dou nada pela noticia veremos o q vem no primr.^o Postilhaõ, que ja nos tarda. Tu queres q eu te instrua nos segredos do Gabinete a respeito dos cazam.^{tos} dos nossos Inf.^{tes} Queres um impossivel -Não transpira

Do coração d'Osmia algum segredo.³

Alem de que, gente como eu, sempre anda á maçaan do chaõ. Fora de graça; eu, seja nececid.^e seja estudo, seja indolencia, nada sei, nada procuro saber, e nada, nada me importa investigar em tal assumpto; mas quando me importasse sempre respeitaria o segredo, que Sua Mag.^{de} parese quer guardar neste ponto. Pois que ainda não o disse em confiança as suas creadas de uma certa ordem As Sr.^{as} mesmo ainda não fallaraõ nisto diante de mim, e a noiva, porque não quererá avivar os motivos da nossa saud.^e uza mais que nunca do seu máo modo. Sua May vale tudo p.^a nós; e o seu quarto [do Sr.^a]⁴ está vazio de nós; cheio porem de senhorias, que fazem [p. 3] como eu fizera, e he hir como o cachorrinho p.^a onde lhe fazem o ninho. A propozito, e começa capitulo [sic] de bacatellas 3.^a fr.^a vão todas as ditas senhorias a Cintra, convid.^{as} pelo seg.^{do} marido da viuva de Joaq.^m Ignacio, o qual he parente de D.^{na} M.^{na} a nossa Arriaga: esperase que seja uma função luzida e nada inferior, á que fez em sua caza em obzequio dos annos da dita nossa amiga, que cresce em belleza e sabe pelas suas boas qualid.^{es} conservar a estimação de todos, sem q p.^a isso seja preciso tratar de fazer uma lizonja, a que goza das peçoas Reais. Soltaraõse as gentes do Theatro que estavaõ prezas, excepto ás que a morte tinha feito mudar de carcere, e nesta soltura ouve termos, [de]⁵ q a decencia pede segredo.

Dizem que Bracaamp/ o que era Rezid.^{te} da Russia abatera as armas da sua porta/ em cosequencia tem as Damas menos uma mizura que fazer na Audiencia, e o parelitico [sic] Corpo Diplomatico, que ainda aqui rezide terá menos essa figura nos seos circulos privadissimos. O ministro de Olanda, alem dos nossos antigos Lebselterns, he o unico que me parese sopportavel na comp.^a; ao menos tem p.^a mim o grande merecim.^{to} de me fallar de ti, e isto que não he bacatella, me faz passar p.^a [p. 4] a [sic] artigo⁶ de coizas mais serias. Os dias passados Foi toda a familia Real comer a caza do Cantanhede em Cintra. Dizse q elle a soube entreter passou de uns a otros divertim.^{tos} até

¹ A leitura nom é clara.

² Entre linhas, a leitura nom é clara.

³ Verso de *Osmia*: «não sei que te responda. Não transpira/ do coração d'Osmia algum segredo» in Mello Breyner (1788): *Osmia*, cena IV, acto IV.

⁴ Entre linhas.

⁵ Entre linhas.

⁶ Os cadernos [2] e [3] estão colocados antes que o [1], mas pola referência à morte de Niza, parece que devem fazer parte da carta de 01.08 e nom de 08.08. Polo demais, o tipo de tinta e de papel nas duas cartas é o mesmo.

alta noite A Raynha pareceu estar contente, e isso nos deixa a todos satisf.^{tos}, e a Cantanhede pago de tudo mas como a malignid.^e tem por cá o seu domicilio, não falta quem cheio de fel, queira denigrir [sic] esta boa acção do Cantanhede: esta gente não deve de saber q a Raynha faz nisto m.^{to} menos, não só do que fazem os otros soberanos no dia de oje, que não deixariaõ de comer com o dono da caza; mas o que consta das historias faziaõ seus Avós até o principio deste seculo. A todos importa a receita, e dispeza de cada hum; e sem saberem os fundos de que procedem as rendas, querendo adivinhalos sempre metem a mão em todo. Cantanhede comercia: abençoado seja; e quem faz negocio tem dinheiro, senão digao Anselmo da Cruz¹. Taõ bem eu seme sahirem bons premios nas sortes, disponho ao ganho, e se tiver fortuna, vou verte na primr.^a Acrostatina [sic] que se governar [9] Estamos todos tristes/ e eu mais que todos porq tenho abito de reflectir/ pela quazi invitavel morte do Marq.^z de Niza². Ontem estava sem esperanças. *Naõ morre quem devia morrer*, dizia ontem um nosso amigo comum. Este mosso de q.^m os zelantes tem dito o mais mal que se pode dizer, porq era generoso, e se divertia nos chavoens com Theatro e com uma magnificencia digna da sua gr.^{de} peçoa, e da sua grande renda: seria um Erôe s'uma educaçaõ bem entendida tivesse sabido manejar a docilid.^e, e grandeza do seu coração. Ignorante, mas comed.^o, era capaz de saber por isso mesmo q era capaz de sopportar a idea da instrução, que lhe faltava, e de pocurar [sic] a seu modo diminuir esta falta. Tinha entre defeitos d'omem m.^{tas} excellentes virtudes de cavalheiro: deixa uma unica f.^{a3}, uma gr.^{de} caza, dois Irmaõs inabeis p.^a a sustentarem, tendo perdido dezastradam.^{te} por um desgraçado enganno aquelle que podia talvez conservar a antiguid.^e da sua Baronía, e o lustre da sua familia, e este golpe que agora se renova descarregou a mão de um seu amigo, de hum seu camarada, de um meu Irmaõ! que fundo de desconsolaçaõ p.^a [p. 10] mim quando oje entrar naquella caza. Dizemme que elle morre const.^e, ontem parecia cangrenarse e tudo a consequencia de molestias desprezadas ao que paresse, e que lhe occasionariaõ uma crispatura, ou/ o que he mais verd.^e/ uma saporacão [sic] em entranhas m.^{to} essenciais p.^a a vida. D.^s conserve a pequena, q tem sete annos, e fica um [sic] gr.^{de} erdeira. A caza mais proxima cadete [sic] desta he a de Pombr.^o, e a sua erdr.^a se acha com esperanças de succesaõ. Tu não conheces esta pequena May. tem 15 annos foi bonita ha poco mais de um; e já o não peresse tem uma bella figura, m.^{ta} ingenuid.^e e uma allegria propria de um coração inocente. Chamase Maria, mas ao vela todos a julgaraõ Ignez.

Naõ he assim a tua Leonor. Será formosa podes estar certa. Cresce, enforma, tem bello cabello; e sem ser nimiam.^{te} branca, tem excellente cor. Esteve cá alguns dias, e nesses tratei de a ver m.^{to} a miudo. Fora de dezejar q ella estivesse sempre com tua Irmaã: amaa como f.^a naõ a destingue da sua, naõ lhe poupa doutrina e faz a seu respeito quanto tu quizeras de huma [p. 11] boa governanta. Mas estas pequenas vizitas saõ raras e tua May não pode viver sem ella. A menina tem uma alma gigantesca. M.^{to} entendim.^{to} m.^{ta} m.^{ta} memoria, m.^{ta} determinaçaõ. O coração com tudo necessitava de estar em mãos mais abeis que as de tua May. O extremo carinho com q olha para ella, lhe faz contrahir certos defeitinhos que saõ m.^{to} ordinarios no sexo, e quazi inerentes, nas filhas unicas, creadas entre crenaças d'ordem inferior, e cuja inferiorid.^e se lhe faz conhecer por todos

¹ Refere-se a Anselmo da Cruz Sobral. Segundo Oliver Kann (1979: 338), editor do diário do Marquês de Bombelles, os irmaos Cruz Sobral (Anselmo, Joaquim e José) eram «trois frères qui bénéficièrent au XVIII^e siècle de la protection du marquis de Pombal et grâce à elle s'enrichirent rapidement dans le négoce. Le plus riche des trois, Anselme, participa à la compagnie du Gran Para, à celle du Tabac, devint directeur des douanes et afferma la vent du papier timbré. Il réorganisa également le Trésor royal. Sa fortune était considérable et il vivait en véritable satrape. Il fournit la plus grande partie des capitaux nécessaires à la construction du théâtre São Carlos de Lisbonne».

² Rodrigo Xavier Teles Castro da Gama (1744-1784), 6º Marquês de Nisa.

³ À sua morte, o Marquês deixava, efectivamente, umha filha legítima: Eugênia Maria Teles de Castro Gama (1776-1839), 7ª Marquesa de Nisa; mais também três filhos naturais: João Xavier Teles, João Xavier Teles de Castro e Silveira e Maria Tomásia Xavier Teles de Castro e Silveira.

quantos modos possiveis ha. Isso faz que quando concorre com as suas iguais, estranhe a falta de superiorid.^e, e abatese quando observa, que a balança do carinho, ou do louvor pende p.^a outra parte o q succede m.^{tas} vezes, porq nem todos escolhem o melhor, e o q nunca succede, sem q a sua penetração o descubra, ainda em q.^m o dissimula.

Este defeitinho não he irremediavel e o seu entendim.^{to} o corrigirá, bem que não pague a barato preço a sua correcção. Tem toda a sensibild.^e que annunciaõ os seus olhos, e para prova vou contarte os differentes lances em q a observei nestes dias que esteve cá. Tua May veio e ficou [p. 12] em caza da Ribr.^a, onde a menina estava havia dias, e m.^{to} cointente. Catava [sic] Ferraguti: tua May ouvia, e a menina acodiu a Muzica, e sentouse no chaõ ao pé de tua May, acabada a aria as otras pequenas quizerão que ella fosse brincar, e ella respondeu *tenho aqui huma gr.^{de} occupaçaõ que he estar com m.^a Avó*. Tudo isto passava entre as pequenas: tua May reparou que ella pronunciava mal uma palavra nesta occaziaõ, e sem lhe agradecer a fineza advirtia do deffeito ella pegoulhe na mão, e disselhe *m.^a Avó hade dormir na m.^a caza? olhe, bem cabe lá ao pé de mim*; e isto com uma ternura maravilhoza. *Naõ posso/ disse tua May/ porq a tua caza he pequena, e eu necessito d'ar*: a menina instou como creança, e tua May disselhe= *nós estamos em caza de tua Tia, e ella he quem deve governar o lugar onde havemos de ficar: pois ao menos, m.^a Avó, mandeme hir p.^a onde V. Ex.^a ficar ainda que eu fique no chaõ*. Tudo isto não mereceria gr.^{de} attençãõ se a fizonomia não dissesse m.^{to} mais que as palavras; mas a conversação continuou, e a menina, que nada gozta d'Almada, e que estava m.^{to} contente na Junqr.^a continuou a sua pratica dizendo. *Minha Avó, he taõ bom estar ca!* Minha Thia tem aqui uma janella d'onde se [p. 13] *vê Allemanha. Eu della posso ver meu Pay! m.^a May! e minhas Irmans brincar!* Tua May diz que ella tem uma cabeça geographica, eu dezejei saber, se alguem lhe tinha dito que a janella ficava p.^a o Norte, mas não pude averigualo, e tua Irmaã disseme, que ella sempre se estava transportando ao ceio da sua familia em todos os seus brincos. Este grito da natureza bem pode consolarte, m.^a Leonor, a tua f.^a não entrará nos teus braços com um coração insincivel a essa felid.^e Tua May no dia seg.^{te} voltou p.^a Almada, e passados dois dias mandou buscar a menina: a ordem chegou poco antes de jantar; nos deviamos comer com tua Irmaã e isso nos fez testemunha otra galante scena Todos nos lamentámos [sic] da retirada: a menina ouvio a sua sentença, e sem perder a serenid.^e, afrouxou por um poco a allegria: huma das pequenas, q brincava com ella disse sentida *a Prima vaise!* ella reflectio um momento, enterneceuse; mas sem se lhe ver lagrima diz *paciencia!* e pegou pela mão a otra e foi com ella. Jantamos, e ouve im[---]^{tes} [p. 14] que exaggeraõ a sensaboria da retirada, e da vivenda em Almada, a menina ouvia, e recolhia tudo mas sem dizer uma palavra conservase n'um modo natural. Acabada a menza [sic] era percizo partir. fez as suas desped.^{as} a Ribr.^a enterneceuse ao abraçalla, e ella partio rezoluta; ao sahir da porta/ como se fosse uma peçoã gr.^{de}/ lançou aquelle formosissimo par d'olhos sobre toda a companhia, e fechou a porta. Nós cuidavamos que tudo fora cazualid.^e, mas um instante depois soubemos, que ella fechara a porta p.^a derramar um deluvio de lagrimas nos braços da creada, e que soluçando e procurando serenarse partira. Tu vez nestes pequenos esforços que a tua f.^a tem um coração, e m.^{to} entendim.^{to}, e não podemos julgar estas coizas machinalm.^{te} feitas porque a experiencia mostra, que ella sempre se encobre quando não pode conter as lagrimas e *diz assim, naõ estou capaz de aparecer*.

Desta vez querida amiga tens pasto p.^a um mez, e p.^a te deixar convalescer he q eu taõ bem me calo algumas vezes. Sinto nalma a perda que tivestes tanto mais sensivel quanto [p. 15] he mais raro encontrarse em gente mercenaria um espirito sem.^e se todos fossem bem creados todos seriaõ virtuosos. A tua saude dame m.^{to} cuid.^o mas não desespere do teu reestabalescim.^{to} [sic] Hum dos Anjos/ não era Arcanjo/ me disse um destes dias que tu podias hir passar o Inverno a Italia entaõ eu disse que os Medicos te

aconselhavaõ Lx.^a mas q tu com prudencia preferias Italia *faz bem me respondeu, porq a conjuntura não era propria p.^a uma tal resolução*. Não te appliques m.^{to} e sabe que vives sempre no ceio dos nossos pequenos ajuntam.^{tos} [-----] [parece]¹ uma saud.^e digna de ti, e das tuas amigas. O nosso Duque bebeu os dias passados á tua saude, e encarregoume de to dizer; todos comiamos em sua caza onde nos tratou m.^{to} bem: elle passa mal; mas neste inst.^e me menda dizer que está m.^{or} da molestia, q tem padecido estes dias. O Conde quer que eu te diga m.^{tas} coizas da sua parte/ que não se me fica bem dizêlas/ adivinha tu o que o seu coração sincero, e bom p.^a os seus amigos, quereria que eu escrevesse. Ambos nos recomendamos ao teu C.^{de} eu abraço as pequenas e serro este tomo p.^a to m.^{dar}

[302]

Lisboa 8 de Ag.^{to2}

Trez vezes nada, he nada= exaqui, querida amiga, o que posso responder ás perguntas da tua carta de trez de Julho, que acabo de receber a salvam.^{to} [sic] cá ha m.^{tas} boas ideias de escolas normaes, de educação, de economia publica, rural, e militar; mas são ideas. Estaõ nas cabeças, como nos livros, porque ainda não chegou o momento de se porem em execuçaõ.

Nicolao Tollentino occupou no tempo do Marq.^z de Pombal uma cadr.^a de Rethorica em Lisboa: explicava, a q.^m queria hir ouvido, recebia por isso do subsidio Literario a competente paga, e he hum daquelles engenhos vivos, e capazes de petiscar fogo em toda a parte: faz versos, mas não sei se he Poeta, sei que a natureza, não lhe seria contraria, se o quizesse ser. Tem boa lingoagem, e liçaõ; mas neceditado de procurar paõ p.^a a sua familia, deixou a cadr.^a, e obteve um lugar de official da secretaria de Estado, e he protegido dos Angeja. A universid.^e, que tem produzido excellente gente depois da sua reforma, começa a decahir, porq o Rei[p. 1]tor torna aos *Acrosticos* comtudo a Naçaõ lê bos livros, e entre m.^{tos} e solemnes pedantes, há muitissima gente, que sabe, e vê com dor passar o tempo, sem que chegue o momento de cara hum ver praticar o que tem lido. Nas festas de que me fallas gastaraõse centos de mil cruzados; mas ninguem o creria. Tomara que o Castrioto guardasse no tinteiro certas noticias, que não fazem senaõ mal a atodos, e he melhor não ter que dizer, que dizer coizas tais. Agora poderá publicar algumas não feias da nossa Esquadra. em 27 deste estava em Cartagena de volta, e qualquer dia se espera aqui. Numa carta dizse q *os castelhanos pela terceira vez foraõ fazer nada a Argel; que nos oito combates, que se deraõ depois da esquadra Portugueza entrar na Bahia, sempre os nossos soffreraõ, e fizeraõ a maior força do fogo*; e que no ultimo as nossas barcas fizeraõ a retaguarda [havendo feito sempre a vanguarda ate a Fe--]³ Dizse mais/ mas não meu Irmaõ/ que Mello na retaguarda das barcas Espanholas lhe segurara a retirada e q sem ele padeceriaõ m.^{to} Elle no dia 20 [p. 2] diz d'Argel que, prezo triztem.^{te} ao bordo da náõ, q comanda, se morde d'inveja dos que podem hir ver de mais perto a funçaõ; que os segue com os olhos, e com o coração, e que naquelles dias tem visto obrar prodigios de valor. Os castelhanos guardaõ silencio a nosso resp.^{to}; mas a gazeta diz q a esquadra Portugueza favorecida

¹ Entre linhas.

² Datamo em 1784 pela referêcia ao anúncio da morte do Marquês de Niza no correo anterior, que verificamos na carta de 1 de Agosto de 1784.

³ Entre linhas.

pelo vento tomara a direita de Linha [Barceló taõ bem o diz]¹, de que se infere que foraõ buscar o maior fogo pois q d'otro modo naõ se poztariaõ em m.^{or} lugar, sem q a gravid.^e Espanhola se desse por offend.^a

Ramires/ o comand.^{te}/ entrando na Bahia, deu p.^{te} ao general da sua chegada, e das ordens da sua comiçaõ: acrescentando que os seus officiais sabendo que S. Ex.^a tinha confiado aos Napolitanos, e Maltezes algumas lanchas canhoneiras, e Bombardr.^{as}, lhe pediaõ a mesma galantaria. O General respondeu q *naõ tinha: e q os Natolitanos &tr.^a tinhaõ hido nas que levarãõ comsigo de Cartagena*. Ramires foi abordo e depois das civilid.^{es} do costume, e de offerecer da p.^{te} da R.^a o que havia na esquadra p.^a servir a S. Mag.^{de} Catholica, acrescentou que naõ tendo sua Ex.^a barcas, que lhe dar, e naõ devendo embarçar aos seus officiais uma occaziaõ de satisfazer ás intençoens da sua soberana [p. 3] hia fazer aprontar as lanchas da esquadra, como na verd.^e fez, e nellas vogaraõ os nossos p.^a o fogo Passados os dias, ou dia, naõ sei porq milagre, teve o General as barcas, q primr.^o negara, e mandou quatro: naõ sei porq modo se aproveitaraõ ou receberaõ pelos nossos; seique nesta ocaziaõ se excitou/ bendito D.^s/ o rancor das duas Naçoens, mas q os Portuguezes se portaraõ nobrem.^{te}, e os Espanhoes sem o poder negar contentaõse de se calar a nosso resp.^{to}, e com toda a cordialid.^e de bons amigos, e parentes, tiraraõ da nossa esquadra, cordame, polvora, e balla &tr.^a que tudo se lhe franqueou liberalm.^{te}, seg.^{do} o offerecim.^{to} que se tinha f.^{to} em nome de Sua Mag.^{de} Por ultimo Barceló pareceulhe [sic] que devia retirar-se p.^a o que fez Conselho, e pediu o de Ramires: este respondeu que *as suas ordens eraõ de auxiliar o Pavelhaõ de S. M. C. sugeito ás ordens de S. Ex.^a q nestes termos julgava naõ ter hido aly [sic] p.^a aconselhar; mas q se objecto [sic] era a destroiçaõ d'Argel, elle ainda naõ via nada destroido*. Tudo o que fica referido he a verd.^e pura [p. 4]. Temse por certo, que Napolitanos, maltezes, e Espanhoes acabaraõ desavindos: o mano Jozé diz que julga ficariaõ os nossos amigos satisfeitos, da nossa activid.^e Exaqui em summa o que se sabe de certo de Argel. Quando cheg.^r a esquadra, q se espera por momentos, saberemos a formalid.^e dos ataques &tr.^a A carta d'Alicante diz que ja mais deixaraõ os Argelinos de se achar primr.^o q os Espanhoes na linha, que estes deviaõ occupar, e que isto se deve a disciplina, e saber dos officiais Inglezes q os governaõ. Aqui cantase ha poco uma tonadilha pelo gozto da *de duzentos galegos naõ fazem um omem* A primr.^a cantiga he esta

M.^{to} pode ElRey d'Espanha
Quer por terra, quer por mar!
Vai deitando os seus foguetes
De Cadiz a Gibraltar.

Estas semsaborias fartehaõ rir um momento, e nelle te supponho já, ou livre de cuid.^o na tua amiga Bonghausen , ou distrahida da maior força do teu pezar. He verd.^e que gente sollida faz m.^{ta} falta porque cada vez he mais rara: eu vivo vendo cada [p. 5] dia novas provas desta rarid.^e, naõ só pelos que morrem, mas pelos que se mudaõ, apenas um leve encontro os sacode. O peor he que naõ podendo nós fazer um mundo a nosso caprixo, naõ temos mais remedio, que soffrer de bom ar estas vicitudes.

Alguns annos ha, disia *o sete estrello*/ creio q te lembraras deq assim se chamavaõ sete bonitas Irmans, q havia em Lisboa/ q os omens da era, naõ gostavaõ de boas caras: eu digo que o gosto da presente, ainda se naõ fixou. A formozura fere; mas naõ move. O talento assombra, mas naõ atrahe: a instruçaõ admira, mas castiga assaz o amor proprio. A virtude, essa anda taõ carregada de coizas estranhas, q todos tem medo de enganar-se com ella, e nesta crise taõ funesta, que vez tu, que possa esperarçar? Ora sabes tu a rayz de tudo isto/ q.^{to} a mim/ he a ociocid.^e naõ sabemos onde dar com a cabeça; nem divertim.^{to}, nem occupaçaõ: morremos de innacçaõ. Fallo daquelles, que

¹ Idem.

naõ tem sobre os ombros o pezo da Monarchia, porq esses gemem supportandoo, e naõ podem divertir-se emquanto a consideraçãõ, como um carregõ de tanta [p. 6] importancia. Divertirime [sic] a scena ministerial; tudo neste mundo tem seu lado comico; eu mesma quando te escrevo em tanta coiza, me acho capaz de dar uma boa scena a publico: Todo o mundo falla dos cazam.^{tos} dos nossos Inf.^{tes}; mas entre nós/ como já te disse/ guardasse o silencio, amolgado sim, mas por fim silencio. Ha coizas q se parecem com a morte na incerteza; esta he uma dellas; o como, o onde, e q.^{do} tudo se ignora ainda. Talvez a surpresa seja uma das graças, q este Hymineo [sic] tenha convid.^o p.^a fazer mais brilhante o sacraficio [sic].

Soffre a fraze, em onra do nosso antigo costume de fallar com as musas. Linda conversaçãõ, q faz as delicias da M.^e dos Reys, quando o pezo dos annos, o socego da Monarchia lhe dá tempo p.^a se recriar. O correio passado annunciavate a morte do Marq.^z de Niza, neste digote que já entrou na eternid.^e: todo o mundo falla nas circunstances desta morte, mas saõ coizas taõ pequenas as que se dizem q he melhor que esqueçaõ. Pobre Marquez! remetome ao que te disse delle na carta passada. O mes [p. 7]mo digo da tua Leonor. Antecipadam.^{te} te respondi largam.^{te} a este capitulo. Paresseme que te achas melhor de saude, eu o dezejo, assim como o restabalescim.^{to} [sic] do Snr' conde, de q.^m me disse a Sr.^a Inf.^{ta} naõ passar bem. O Conde está bom, e quanto merece a onra, comq o destingues, e recomendandome ao Teu, abraço com ternura as duas pequenitas, de quem te peço novas, e agora acabo com o costumado protesto de ser tua

Amiga de C
T

Tornado a ler esta receio que me naõ percebas em alguns lugares tanta he a precipitaçaõ, comq escrevo. Especialm.^{te} o temo no lugar notado com este sinal: [HH]¹ Eu quero dizer q em todos os combates nos fizemos a vanguarda, e que na retirada do ultimo tivemos mais q fazer na retaguarda.

O Conde que tem alguns projectos patrioticos a resp.^{to} d'Alcoentre, e Vimr.^o quer que lhe mandes/ se os ha em Francez/ os estatutos das escollas e os livros deque ahi se servem p.^a educaçaõ popular, porq quer combinar esses com oq tem imaginado.

[303]

Lisboa no 1.^o de Setembro d 84

Vai m.^a Leonor, vai buscar a saude onde quer q te for mais facil encontrala: he um bem de hum preço infinito que eu recobrei ha mezes e q trabalho por conservar, até p.^a te ver. Estou de partida p.^a Alcoentre, oje mesmo sahrei por isso nada te direi agora mais. Tua Irmaõ te remeterá ainda uma encomendinha de pita e eu me recomendo ao Sr' Conde pondo aos teus pés o meo, que amanhaã verei sua²

tua amiga fiel
T

¹ Forma aproximada.

² Por *sou a*?

Os teus cuidados, e os teus trabalhos não tem sido ignorados pela tua amiga, querida Oeyenhausen, e por isso mesmo, que os sabia, não queria inquietarte com cartas, contentandome de saber novas por tua Irmaã. Graças a D.^s que respiras; elle queira que te restabalesças [sic] completam.^{te}, e vejas o Snr conde no seu antigo estado de rebustez, assim como as tuas pequenas. A de ca dizem q esta boa, e a ultima vez, que a vi, o parecia. Eu estou em causa ordinaria, e brevem.^{te} vou p.^a Alcoentre desemjoarme das traquinadas da Corte. O meu Conde está bom e se poem aos teus pés m.^a May melhor, e sente as tuas mortificaçoens, e exaqui tudo o que por ora tenho que dizerte da m.^a familia.

Logo que recebi a tua carta cuidei de dezempenhar a tua comunicação, e no mesmo Domingo, assim como ontem fiz indagar o que pude. Não tenho ainda noticias cabais, que te mandar; mas estou persuad.^a a que João Caetano Viganego he sobr.^o do tal M.^r de André: heide [p. 1] Hei de [sic] mandalo chamar, e saberei delle tudo o mais, q requer a minuta, que me remeteste; mas se se pertende a correspondencia &r.^a [sic], porque se espere della alguma utilid.^e de dinheiro, creio que nenhuma se pode esperar porque a caza desmembrouse cazando quatro filhas, uma das quais foi primeira mulher de um dos Guardaroupas [sic] do Principe *Serges* por apellido. Do mais que for averiguado te farei avizo, pois que em darte gosto, não tenho ja mais umiçaõ [sic].

Naõ te pasmes se naõ te fallo dos cazam.^{tos} dos nossos Infantes. Hade fallarse delles assaz na Europa, isso he bastante p.^a que eu me calle. Dirte ha talvez alguem que m.^a M s'escuzou de servir a Sr.^a Inf.^{ta} Carlota Isto he uma bacatella de familia, q não merece ocupar lugar n'uma carta; com tudo a nossa gente dotada de imaginação viva dá corpo ás coizas mais inanimadas. Sua Mag.^{de} quiz destinar m.^a May p.^a acompanhar a Sr.^a Inf.^{ta} D.^a Carlota, não como creada da Inf.^{ta} /porq se lhe não poem caza/ mas como sua Dona [sic] d'onor . O recado que se deu a m.^a May foi revestido de circunstancias [p. 2] que minha may não podia deixar de entender que a escolhiaõ para Aya, pois se lhe disse que S. M. queria que minha May acabasse a educação de sua Nora, e queria saber se o estado da sua saude lho permitia: m.^a May respondeu, q ella consumiria o resto da sua vida com gosto servindo a raynha, mas que tinha maior obstaculo que o da saude, que eraõ dividas, a nececid.^e de pagalas: o que se fazia impossivel indo p.^a um lugar publico, sem lhe crescer a renda: que removido por Sua M: o obstaculo, ella com grande gozto se empregaria em obedecerlhe &r.^a Em consequencia, nomeouse a C.^{da} de Lumiares, que lá vai p.^a Villa Viçosa em qualid.^e de Dona de Onor p.^a acompanhar a sua Alteza. Toda esta terra vê um cuvr.^o de felicid.^e, a que minha May deo de maõ: as nossas ivstas são mais curtas, e não vem otra felicid.^e real, se naõ de m.^a May não ter faltado a justissa, deixandonos mais um exemplo de rectidaõ e como S. Mag.^{de} se governa por este mesmo espirito, não nos fica, nem o receio que que minha May não fosse aprovada, que era o que unicam.^{te} poderiamos sentir. Do resto minha May está velha, e tu sabes quais são os [p. 3] riscos de sem.^{tes} lugares em taõ complicadas circunstancias: Sabes taõ bem q do modo, porq vai o mundo, só dinheiro, e mais dinheiro governa os omens, e m.^a May sem o ter de sobejo, não saberia ordenar aos que estão mal costumados a obedecer. A Camareira mor em lugar menos complicado, gasta da sua caza oito mil cruzados cada anno, e recebe 50 moedas d'ordenado. Tudo D.^s faz por melhor. Minha May vivirá [sic] mais tempo, e exaqui uma fortuna que se não troca por otra nenhuma p.^a os seus filhos. Minha May acabará a sua vida respeitada, como o merecem as suas virtudes, exahi a onra que a gente de bem ambiciona com paixaõ. Tenho vazado o meu coração no teu, até porque a excepção do nosso D., e de pocos mais dotados de rectidaõ, e capazes das ideas filosoficas, e christans q nos occupaõ, ninguem he capaz, ou ninguem quer ser capaz de entendernos. Tanto peor p.^a elles

Abraçote de comp.^a com as tuas pequenas: recomendame ao teu omem, e assegurame

tua amiga
T

[305] Lisboa 20 de Novembro de 85

Eu esquecerme de ti, minha querinda Oeyenhausen! e podes tu imaginalo! não te escrevo, he verd.^e ha m.^{to} tempo: logo que chegou o Snr' Conde te preveni p.^a isso e te dizia que tendo por elle novas tuas, julgava que devia deixarte todo o tempo p.^a a tua correspond.^{cia} Respeitei os teus sentim.^{tos} a tua delicada saude, os teus cuidados maternais a tua mesma sollidaõ: se isto he esquecerme da m.^a amiga, ella que o julgue, e me castigue se me achar culpada. Por elle tenho sabido do descaminho dessas primr.^{as} cartas; mas cada dia esperava que as recebesses e presistia [sic] nos meos principios; agora como sua Ex.^a me communica o que a tua amizade delicada e carinhoza acuzas em mim, não tardo em te dar as m.^{as} razoes, e creyo que tu as acharás boas. As novas do Payz receberás tu por melhor gazetr.^o, assim como as da tua familia. Tua Irmaõ deunos gr.^{de} susto, mas temse restabalecido [sic] m.^{to} bem. Todos estamos tristes porque as novas publicas não entereçaõ [sic], nem inspiraõ [p. 1] contentam.^{to} Tivemos m.^{to} cuid.^o na Raynha por conta da inflamaçaõ, q tem nos olhos, e com tudo/ não sei ainda o porque/ era preciso não o mostrar. Mas S. Mag.^{de} louvado D.^s está restituída, e nada tem tido do que se tem espalhado e nos poria em tam gr.^{de} consternaçaõ. Tudo arde em bexigas e todos trememos pelo Principe. A innoculaçaõ ainda nos não entrou em caza senaõ ás furtadellas, e quem he que a ha de propôr a huma tal personagem? Com tudo os que lem os q pensaõ, os que o amaõ como verdr.^{os} Portuguezes, do fundo do coração, e no silencio do seu retiro, rogaõ a D.^s que o deffenda, e disponha as coizas p.^a que se acautelle o mal que nos ameaça. Tu sahistes bem da tua empresa o q eu m.^{to} tenho estimado tanto mais que a resp.^{to} de Frederica me pareceo temeraria. Mas triunfastes e tanto basta Eu passo agora menos mal e a estaçaõ da tranquilid.^e he a que se me apresenta menos dezej os menos impreçoens: menos sensibilid.^e, mais meditaçaõ, saõ [p. 2] os bens que compençã as rugas, e as cans. Se tu me viras Condeça, crerias que era outra m.^{er} Escapei d'uma crise terrivel, e sou como uma m.^{er} que resuscitou num Payz estranho. Trato de hir para Alcoentre convalescer de varias fraquezas da bolsa, que saõ crueis doenças mas que por tanto tem remedio na moderaçaõ, e no retiro O meu Conde coservase bom, e mosso, o que saõ dois bens consideraveis O mesmo omem que tu deixaste, e conhecias fiel aos seus amigos, superior aos seus trabalhos, bom patriota, bom vassallo. Exaqui o capital da m.^a fortuna, e o quadro da m.^a situaçaõ. Amame do mesmo modo, querida amiga, pois que nada esperdiças, e sabe que, ou te escreva ou não, não tens mais constante amiga que

a tua
Vimr.^o

P:S:

minha May deume m.^{to} susto está melhor mas sempre padesse, e sempre se lembra de ti.

[306] 20 de Dezembro de 85

Que sustos nos tens custado m.^a querida Cond.^a! graças a D.^s que estas boa e que eu pude ver a tua letra sem desconcerto Agora não te quero fatigar mais vive, dilata o animo; e ja que tens visto o mundo, e com tanto Juizo, não encurtes a vida deixando correr a redea solta a tua vivissima imaginação. O teu Conde está bom e não tardará em partir; poupate, e não p.^a o gosto de o ver chegar, e poupa as tuas amigas o receio de te perder. Abraço aos teus pequenos de q.^m tenho tido hum do inexplicavel e sou como sempre

a tua amiga
Vimieiro

[307] [Alcoentre] 9 de Julho de 86

Estou em Alcoentre, m.^a Cond.^a, dezde Fevr.^o e não sube [sic] da partida do senhor Conde¹ senão depois de ter sahido da barra. Escrevo poco desta vez, porque não tenho aqui papel fino, e não te quero fazer pagar m.^{to} dinheiro por nada. mandote essa cartinha que me veio aqui ha tempos p.^a ti, e eu sou ou ando, tão desleixada que sendo/ como diz o Snr. Conde/ a m.^a amizade sempre a mesma, nem p.^a o que me dá tanto gosto, pego na penna. Perdoa, m.^a Leonor, eu me emendarei, até pela conta que acho nisso. Fallo contigo como posso, e não oiço ralar o meu omem continuam.^{te}, porq te não escrevo. Tenho padecido m.^{to} ha tempos, a esta p.^{te}, e temo que a mudança de idade me traga m.^{ta} molestia consigo. Seja= a quelque chose malheur est bon= [sic] Tomara eu tão bem ver o teu rancho estas suas creanças de V. Ex.^a são os meus pequenos e as vezes pergunto eu a tua irmã: como estão os nossos f.^{os}? a ti, minha querida amiga faço a mesma pergunta, e ao fazella a imaginação me faz ver um espasso imenso entre nós. Não te sei dizer que triste impreção me deixou n'alma esta vizaõ: corraõ as lagrimas, e custoume pela primr.^a vez considerar a morte não longe. Allegremonos, m.^a [p. 1] Leonor, esperemos tudo do tempo, quem sabe ainda nos abraçaremos [ainda misturaremos as]² lagrimas de alegria como misturamos as d'amargura, eu pelo menos farei quanto puder por conservar os meus dias votados a tão justa amizade, p.^a receber, ainda que seja nos ultimos, a consolação de uma tão longa saud.^e O senhor conde tão bem cá nos assustou com essas febres, a robustez do seu espirito parece maior, q a da sua machina, e será percizo cuidar em fortificala. A morte d'Aires de Sá³ deunos mais uma prova deque os m.^{os} de Estado tão bem morrem. Não he máo que a gente o saiba, e se convensa m.^{tas} vezes desta verd.^e porque nos não custará supollos tementes de hum juizo, onde seraõ julgados os que nos julgaõ. sabes q mais, não pude escrever esta reflexaõ de capa, e vota, sem me rir: assim via eu tão bem a muzica das vacas [?] de capa, e volta, tocar no dia de corpus. Sempre me ri e ella por fim vai agora estando mais afinada. Dizem que Balsemaõ⁴ vam servir o lugar, q vagou pelo Snr. Ayres. Tenho

¹ De Oeyenhausen.

² Entre linhas.

³ Aires de Sá e Melo foi Secretário de Estado desde Setembro de 1775 até a sua morte a 9 de Dezembro de 1785, momento em que o posto foi ocupado interinamente por Martinho de Melo e Castro até 1 de Abril de 1786. Balsemaõ só ocupou este lugar a 15 de Dezembro de 1788 e até 21 de Maio de 1801, e, posteriormente, no período de 25 de Agosto de 1803 até 5 de Dezembro do mesmo ano (www.wordstatesmen.org/Portugal.htm, última consulta: 29.03.2004).

⁴ Luís de Sousa Coutinho, futuro primeiro Visconde de Balsemaõ, era em 1786 o 11º Senhor do

ouvido dizer tão geralm.^{te} bem deste omem, q será lastima senão vinga como promete; eu porem não conheço senão de vista, e o mesmo me succede a resp.^{to} da sua Sr.^a Tomara agora chilrear contigo mas acabo esta¹

[308] Alocoentre 23 de Oitubro de 1786

Faltei a m.^a palavra, querida amiga. Duas postas partirão sem levarem carta m.^a, e a culpa foi do mal que me sobreveio depois que tornei aqui. Esteve m.^{tos} dias de cama e tardei em convalescer; porque fiquei m.^{to} debil, com m.^{ta} queixa esterica, e juntouse a esta adoecer-me quazi toda a gente que vive comigo sendo percizo que eu fizesse as vezes de medico e de enfermr.^o e por nossa desgraça até as do parrocho porq... Agora estou melhor e as ultimas novas q tive de tua Irmaã foraõ de ficar boa, e livre do perigo, emq a poz uma destas doenças de [-----], que a atacou apenas tinha sahido do trab.^o de hum mau successo. A repetição destas perdas que ella tem me mortifica e me faz dezejar q seu marido vá ver o mundo por um par de tempos. Não a deixa convalescer, e as consequencias assustaõ as suas amigas, mas talvez agora se consiga o que ate agora temos dezejado inutilm.^{te} Espero com ancia as tuas novas poq tão bem o teu estado me inquieta D.^s queira que nada tenhas deque te queixes, e que a tua bella familia cresça debaixo dos teus olhos robusta e engraçada. A minha junta toda tem padecido; o mal he geral não ha que admiar, espero todos os dias os de Serpa, porq a R.^a quiz que meu Irmaõ servisse na Junta e isto lhe faz mudar a rezid.^{cia} p.^a Lx.^a [p. 1] onde espero que m.^a cunhada passe com m.^{or} saude, pois que ha m.^{to} se queixa de febrinhas que paresem esthericas. Tenho appetite de ver os sobr.^{os}, que quazi não conheço. Dizem que se não parecem com nosco; mas se tiverem as cabeças desempoadas como mostra Eugenia², e não forem moles, tem o que basta p.^a me agradarem, em huma idade, em que os bons modelos, que se lhe apresentarem os faraõ seguir a virtude, sem abuzos.

Exaqui, m.^a Cond.^a, o que te posso dizer de certo: seja estudo, seja nececid.^e, ou puro gosto, ignoro quanto succede no giro da corte e dos negocios: e porq não hei de ignoralos, se elles me não tocaõ nem podem tocar immediatam.^{te} [riscado] A familia Real ainda se conserva nas caldas alguns passagr.^{os}, que tem tomado esta estrada, dizem que partira 6.^a fr.^a que vem: as cartas, que tive de lá, nada diziaõ de positivo: D.^s queira, que a saude da Princeza, não padeça! e queira tão bem que a sua fecundid.^e se verifique tanto quanto os Povos a annunciaõ, e a dezejaõ! S. M. e Altezas foraõ a Alcobaça a Batalha, e à Fabrica do vidro, onde S. Mag.^{de} dizem que dera 20 moedas p.^a os pobres da freguezia, mas felizm.^{te} não havia pobres na freguezia, porque onde se regula o trabalho não se conhece miseria. Creio que a População tem ali dobrado há 15 annos: O Inglez tem dinheiro tem principios e destes dois materiais não podem senão seguirse boas coizas huma vez q se empregão a favor da umanid.^e Eu portanto filha, neta, Irmaã, e molher de lavradores, lamento os campos dezer[p. 2]tos, onde a lavoira esmoresse de dia, a dia, com grande prejuizo dos particularees, e por consequencia do publico. Ontem cazualm.^{te} querendo ver otra coiza, achei eu que a nossa ordenação prohibe cortar arvoredos dez legoas das margens do Tejo p.^a o serto: ninguem o czeria ao pizar aquelles campos! Estas duas especes combinadas na m.^a cabeça produzirão esta relfexão =queimar páos

Morgado de Balsemão, e estava casado desde 1767 com Catarina Micaela de Sousa César e Lencastre, escritora amiga de Leonor de Almeida.

¹ Talvez faltaem folhas.

² Nascida em 1783, é a segunda dos três filhos de António José de Melo e Maria Margarida Josefa Xavier de Lima.

p.^a ter vidro, compensarnos ha destas perdas?= Eu não sou calculista, deixo a resposta p.^a os que tem a obrigação de bem servirem o Estado, e a soberana, a q.^m certam.^{te} não hade escapar nenhuma destas observaçoens. Se não dizeme tu p.^a que vai ella ver? p.^a se divertetir? oh! quem tem a sua bond.^e natural, a sua vasta comprehensão, não se diverte como hum particular. Divertesse como suppremmo Imperante, estendendo os olhos sobre os abuzos para derrmar sobre elles a reforma. Ao menos esta he a idea, que eu tenho da sempre Amavel Maria Pr.^a

A D.^s, m.^a Cond.^a, recebe os respeitozos agradecim.^{tos} do meu Omem; faz ao teu mil cumprim.^{tos} da m.^a parte: e dar mil carinhos repartidos pelos pecurrachos [sic] te occuparão bem agradavelm.^{te} algumas oras do dia. Dame conta desta comição, que te será paga, em quanto eu viver por uma fina e constante amizade. Podes crer-me, q to affirma

a tua

T

Perdoa as indecencias da escrita
mas não he possivel que eu a copie

[309] Quando poderei verte?¹ estás boa, querida amiga? As tuas f.^{as}... sabes?
não posso dizer mais hum corr.^{te} de lagrimas falla pela tua
Vimr.^o

Domingo 2 de Dezembro: dia emque faz annos o lindo Jozé² da nossa querida
Ribr.^a Abraça por mim tua May, e as tuas f.^{as} e dizeme se tivestes boas novas de Viena

[310] Alc.^{tre} 10 de Dezembro de 8[6]³

Como estás minha cond.^a? não te qr.^o fallar das tuas perdas, ainda que todos os teus amigos lhes dêmos lagrimas; porem são lagrimas que a Religião adoça, e a comp.^a do Sr' Conde promete enchugar. A tua saude he nesseçaria a tuas f.^{as}, e não menos á tua amiga, que sente não poder estar perto de ti p.^a procurar deciparte. Dáme novas de Frederica/ com preferencia/ e das outras taõ bem, porque a todas amo de C. Taõ bem tas peço da saude do Sr' C.^{de} e a S. Ex.^a faço os meus cumprimentos; e ambos V. Ex.^{as} os aceitem deo meu Dono da Caza. A D.^s Condeça, =Vaise o mundo volvendo nos seos eixos= sou tua amiga fiel

T

¹ Como hipótese, parece-nos possível que esta carta fosse escrita em 1786, dias depois da morte de Maria de Almeida, a 19 de Novembro de 1786, e dirigida à Condessa de Oeyenhausen, talvez em Lisboa com esse motivo.

² Nascido a 2 de Dezembro de 1784.

³ A leitura nom é segura.

No dia em que recebi a tua ultima carta estarias tu ja certa de qual de meus irmãos estou privada Perdoame se te não fallo m.^{to} deste golpe, que tem como o teu todas as condiçoens de incuravel. Ja depois disso estivemos p.^a perder um dos pequenitos que nos deixou. Não lhe faltou mais que espirar; mas porfim livrou e esta bom e assim mesmo os otros dois. Minha May tem rezistido ao golpe com mais constancia do que se podia esperar da sua idade, e da sua sensibilid.^e O mesmo succede á tua¹, d'onde infiro, que he a virtude q as sustenta. Eu sou menos forte, e a m.^a saude dá a conhecer que sofre o meu coração nestas duas perdas. Por ora nada me allegra, affligeme a companhia e quazi que dezejo esquecer todo Não vejo a tua f.^a: ella vive com seus Avós, q não quizeraõ que eu vivesse com elles². Sei que estão em Almeirim, onde não me consta que passem mal. Teu Pay he o mestre da tua f.^a Será certam.^{te} instruida, mas não fio, q seja bem, educada. No tempo em que eu a via, conheciase o resabio das preoccupaçoens do Paiz. Estas numa creança reduzemse a vaidade, e orgulho: huma, e outra coiza corrige com o tempo o entendim.^{to} [p. 1] e a nececid.^e de viver com os que não tem obrigação de nos soffrer. Os dois pequenitos de tua Irmaã estão m.^{to} arriscados por todos os modos. O menino he um sol. Não se da uma figura mais interessante: feiçoens talhe de corpo, cabello, côr [--]estos³, movim.^{tos}, até o metal de voz tudo he perfeito [--] O genio vaise mostrando viril, e talvez não deixe de ser obstinado porq não ha quem o modere e ha m.^{to} quem faça o contrario. A menina vai mostrando grande talento: da uma conta escellente das suas liçoens, e tem huma suavid.^e extrema emq m.^{to} faz lembrar a sua May. Esta May, porem não existe, e diziam quando existia que esta suavid.^e não era de fiar, e que a pequena tinha mais dissimulaçaõ, que brandura, e trabalhava por lhe destrohir o defeito. Estes são tratados ambos com m.^{ta} decencia e carinho de p.^{te} dos creados. Anna Paulina faz o que pode, mas sendo huma peçoas sem instrução e que esta um tanto fora do seo verdr.^o elemento temo q quando a magoa esfriar, possa conhecerse o q falta, sem se poderem remediar as consequencias. Dizse/ e m.^{to}/ que teu cunhado trata de cazar⁴: exaqui otra nova dor. Quem será a desesperada, que se dê áquelle omem? Ora toda a que se der será a que nos quizeramos p.^a acabar a educaçaõ dos [p. 2] f.^{os} de tua Irmaã? Teos Pays quizeraõ levar meninos p.^a caza. Pediraõnos por bem; o Conde rezistiu não sem fundam.^{to}, porq tua May não pode cuidar delles vivendo em Almada no aperto, em q estão, não hiaõ senaõ m.^{to} arriscados. Teu Pay intentou levalos por Authorid.^e supperior o Conde teve uma insinuaçaõ; mas o Conde mostrou a sem razãõ, comque lhe queriaõ tirar seus f.^{os}, e pediu á Raynha depois de lhe representar o como os tinha, que se dignasse de lhe ordenar o q queria mais, que se fizesse. Tudo ficou como d'antes e os Meninos foraõ seg.^{da} fr.^a p.^a o vale onde está seu Pay. Ora aqui tens tudo o que te posso dizer da tua familia, e so me falta dizer que os condes de Assumar estão em boa Armonia com seus Pays [riscado?] e que a tua vinda me tinha em grande consternaçaõ porq nenhuma apparencia de felid.^e se me offereceu aos olhos. Agora que tens mais tempo considera bem este ponto e sabe que a tua situaçaõ se pode fazer m.^{to} desagradavel, semque sejaõ bastantes os esforços da m.^a amizade p.^a a melhorar Toma bem as tuas medidas primr.^o, que te ponhas a caminho. Tua Irmaã não existe tua May apenas dura. Teu Pay/ ao que pode julgarse/ tratará de cazar seg.^{da} vez, logo que enviuve⁵ e a tua amiga [p. 3] he obrigada a viver fora de

¹ Refere-se à morte de Maria de Almeida em Novembro de 1786.

² Aparentemente, as relaçoens entre a Condessa de Vimieiro e a família Alorna -se exceptuarmos Leonor de Almeida- som frias desde 1784.

³ Lacunas polo mau estado do suporte.

⁴ O Conde da Ribeira Grande casou novamente, em 1788, com Francisca Teles da Silva. Este era o seu terceiro matrimónio depois de Maria Rita da Cunha (1772) e Maria de Almeida (1778).

⁵ A Marquesa de Alorna morre em 1790 e o seu marido João de Almeida nunca voltou a casar.

Lisboa a maior parte do anno. A tua decencia e a de teus f.^{os} será paga por um alt.^{mo} preço porq não se pode viver mais caro em parte alguma e a sorte dos pertendentes he desfallecer antes de conseguir Este painel he bem desagradavel pelo não colorir assim não queria eu lançar, nem as prim.^{as} linhas do debuxo mas tu o ordenas, e a tua amiga fala sem rebuço p.^a que não succeda, que te empenhes por falta de noticias A D.^s m.^a C.^{da} Doeme demaziadam.^{te} a cabeça, e só p.^a fallar contigo me resolveria oje a applicala tanto Aceita mil agradecim.^{tos} de m.^a May e do meo Omen, e faze por mim mil cumprim.^{tos} ao Sr. Conde, e abraçando os teos f.^{os} com o maior carinho repitelhe o nome da tua amiga
Vmr.^o

P.S. 24 Meu Ir' parte de novo a ferrolhar os Argelinos. A R.^a mostra querer uma Marinha porq tem onrado de modo O Cheff [sic] desta expedição que faz nascer vontade de excedelo p.^a alcançar otra tanta S. Mag.^{de} com toda a familia andou toda a tarde de ontem por mar rodeou toda a esquadra e depois voltou a nau comand.^{te} e sobio a camara fazendo com desta desuzada onra entre nós um [sic] agradavel surpresa ao Cheff q não pode recebella senão como hum omem q tinha trabalhado todo o dia por bem servila

[312] Lx.^a 11 de Abril de 87

A semana passada te escrevi m.^a Cond.^a, sei que me perderaõ a carta, e agora escrevo taõ bem receando me façãõ o mesmo, mas p.^a não faltar em darte/ q.^{to} he de mim/ provas de q tu cempre me lembras como mesmo carinho. Dezejo ter boas novas tuas e de toda a tua amavel familia a m.^a vai convalescendo do estragos; mas o meu animo ainda se não pode coztumar á perda dos nossos Irmaõs taõ dignos ambos de viver; e q talvez ainda viveriaõ ambos felices se a sorte q os separou os tivesse unido¹. Dos teus sobrinhos dizem q se daõ bem no vale. Da tua f.^a não tenho novas. Da corte não tenho q dizer senão, que sua Mag.^{de} parese que[p. 1]rer reassumir todos aquelles sinais externos de soberania de q se tinha despojado em obzequio do seu marido.

24 de Abril

Hum incidente imprevisto me impedio concluir esta a tempo do corr.^o agora a continuo tendo recebido a tua começada no 24 de Março e acabada em 5 de Abril nella vejo copiado o teu coração, e me consola m.^{to} ver q tanto te entereças pela tua amiga que faz quanto pode por ser superior ao grande pezo da amargura que tem cahido sobre o seu coração A morte he peor p.^a os que ficaõ, que p.^a os que vaõ me dizia nos seus ultimos dias o meu pobre Irmaõ e eu o vejo verificado não só no meu sentim.^{to} mas no desarranjo da sua familia: que remedio?

A de teu Pay crescera porque oiço [p. 2] que a Assumar está com esperanças D.^s as leve avante p.^a q tua May tenha esse gozto. Ella está m.^{or}/ me disse a Tancos f.^a que chegou de S.^{ta} Martha/ e desta vez tem se dado bem em Almeirim onde todos estão a tua filha continuando as suas liçoens e aproveitando nellas. Os pequenitos de tua Irmaã tem passado bem no valle onde estão com seu Pay o menino he um fol a menina tem perd.^o a sua formozura, mas ganha em suavid.^e comtudo temo que fique com os ares da familia de seu Pay comq m.^{to} se paresse. Exaqui tens m.^a Condeça tudo o q eu sei da tua

¹ Fai referência a um plano da Condessa de Vimieiro de acordo com a sua amiga Leonor de Almeida para casar Maria de Almeida com um dos irmaos de Mello Breyner no momento em que se dá por anulado o compromisso entre esta e o Marquês da Gouveia. Como se pode apreciar na sequência de cartas escritas entre 1776 e 1778 sobre este assunto, o plano foi definitivamente abortado pola preferência dos Marqueses de Alorna por um outro candidato: o Conde da Ribeira Grande.

gente de q.^m ha seculos que nem tenho vizita, nem recebo novas immediatas Meo Irmaõ estão no Mediterraneo comandando huma [p. 3] esquadra composta de duas fragatas, tres cooters, varias embarçaõens ligr.^{as} e huma Não de [70]¹ chamada a Meduza, e das fragatas huma he o sisne e otra o S. Joaõ Baptista. A Meduza he huma Não nova q pela primr.^a vez sahio sem defeitos gr.^{des} de contruçãõ, mas diz meu Irmaõ q anda como um passaro võa, e que governa primorozam.^{te} um gr.^{de} temporal lhe levou o gorupiz² e lhe rendio o mastro grande, e sem que qualquer reparo q precisasse se podia fazer em cadis, ou Cartagena sua Mag.^{de} rezolveo mandar logo sahir a bom *successo* ao Golfinho, q he outra fragata, p.^a ficarem e vir a Meduza repararse e creio q taõ bem o Sisne porq deo em uma restinge de pedra d'onde a salvaraõ com m.^{ta} deficul.^e mas com poca ruina. De 15 de Nov.^{bro} para diante he que poderemos ver [p. 4] alguma esperança de o tornar a ver e he tudo o que te posso dizer a este respeito; Do meu segredo podes estar segura, mas naõ te resp.^{do} pelo das peçoas que nos interceptaõ as cartas no Principio do mez que vem vaõ p.^a as Caldas as peçoas Reais. D.^s abençoe a jornada, e nos de hum f.^o da Princeza que tanto se arrisca p.^a satisfazer aos votos de uma naçaõ inteira. O nosso Duque passa mal tem tido um fort.^{mo} ataque [sic] de gota de que ainda naõ esta livre e vai por um mez, q padesse.

Eu tenho cuid.^o, e compachaõ ams nenhum destes sentim.^{tos} serve de nada p.^a o seu alivio Coitado! Tenho tido boas novas do C.^{de} que está em Alemtejo: minha May esta agora comigo, e passa bem, e creyo te escreve tendose obrigado m.^{to} da tua memoria. A D.^{os} m.^a Cond.^a faze [p. 5] me lembrada ao Sr. Conde e abraça por mim os teus f.^{os} com o carinho deq es capaz, e que quazi iguala a tua

T

P.S. Da lembranças m.^{as} á f.^a de Udisson que ouço está ahi, e te fará boa Comp.^a porq foi bem educada. Ja sabes que os Fernan Nunhes³ se tiraõ, e hiraõ a Pariz ate o primr.^o de Julho o mais tardar. Aqui temos os Marq.^{ces} de Bombelles⁴ por embaxadores de França como sabes. Procuraõ bemquistarse com todos saõ agradaveis elle tem saber, tem mundo, mas naõ sei se ainda tem todo o q nececita.

[313] Lisboa 28 de Ag.^{to} de 1787

Ontem vi a filha de Udisson/ que naõ sei come se chama de cazada/ Esta m.^{er} que eu estimava antes de sahir de Portugal, he agora p.^a mim huma das mais intereçantes pessoas da socied.^e Falloume de ti, querida Oeyhensausen [sic], falloume com huma sensibilid.^e que me naõ deixa duvida no o [sic] interesse que toma no te te pertence. Choramos ambas, e o meo coração ensopouse em todas as tuas amarguras: naõ ouve pequena circunstancia da tua situaçaõ, que eu naõ examinasse, e m.^{to} ha que o meu coração naõ entra com tanto cabedal na socied.^e Pareciame q aq.^{la} mulher nos chegava huma p.^a a otra e um testemunho da tua existencia que estava recebendo no meio dezta

¹ A leitura nom é segura.

² O m. q. *gurupés*: «mastro que aponta para vante, colocado no bico de proa dos veleiros».

³ Embaixador de Espanha entre 1787 e 1791.

⁴ Embaixador de França desde 1786. Era amigo dos Condes de Vimieiro, e deixou valiosas informaçoens ao lado de palavras elogiosas sobre Teresa de Mello Breyner no seu *Diário*. Segundo Agustina Bessa-Luís «secreta era a incumbência [de Bombelles] de afastar Portugal da sua aliança com a Inglaterra, fazendo-a participar do *Pacto de Família* que unia o ramo dos Bourbons instalados em diversos tronos» in www.instituto-camoes.pt/revista/revista15a.htm (última consulta: 26.01.2004).

illuzaõ com a que me consolava de otras perdas que ainda desafiaõ as m.^{as} lagrimas; como recentes. Deume novas miudas das pequenas, mas não me deixou contente de Carlos; fortificase mais? m.^{to} o dezejo, e tu querida amiga achaste m.^{or} depois do teu trabalho? Assim mo anuncia a tua carta de Julho, comq me dezte grande gozto. Eu estive m.^{to} mal ha coiza de um mez, ainda me sinto debil, e fora do meu natural. Tenho tido meu cunhado m.^{to} doente, e com receio de o perder Vê tu q momento p.^a a m.^a sensibilid.^e! Mas vai melhor, e tudo [p. 1] parese tomar m.^{or} face seja D.^s bendito! Tu teras talvez mais cedo e mais certas as novas do meu marinho nōs estamos ha dias na indecizaõ. Julgamos q os Argelinos se arrojaraõ a sahir do Porto, com a retirada da Meduza p.^a este,/ por conta dos m.^{tos} doentes/ e como ElRey ficou abordo do Golfinho não perderia occasiaõ: [occaziaõ]¹ lhe dar um refreno ao menos ao fogo q se ouviu nas vizinhanças da cozta no dia 20 por espasso de tres oras dá ideia de que ouve combate pela summa vivacid.^e dos tiros. Aqui não ha novid.^{es} p.^a se mandarem p.^a longe por que ainda dentro do Porto se perdem Os Principe, que devia ha m.^{tos} annos ajudar sua May no trabalho de Reynar foi chamado no dia 21 p.^a hir ao despanho O Arcebispo taõ bem nesse dia começou a exercer as funçoens de Ministro assistente ao Desxpacho como era o cardeal da Cunha Os governadros da America partiraõ p.^a o mez que vem, e isso me fará perder mais huma peçoa q estimo porque a Viscondcita² vai com seu marido. Ella tem saude delicada, e a jornada he violenta, o q se pode seguir destes dois principios he bem funesto p.^a se considerar.

Estimo a saude do Snr' Conde, e recebo com gr.^{de} estimaçaõ a sua memoria, do meu Omem recebaõ V. Ex.^{as} mil cumprim.^{tos} Elle está bom, e agora aqui assistindo a seu Irmaõ. A D.^s m.^a Cond.^a se podera fazerte feliz! sou
tua fiel amiga T

[314] 29 de Abril de 88

Quero novas tuas, querida amiga, quero novas dos teos filhos, e de seu Pay p.^a quem mando memorias acompanhadas dos dezejos do seu cabal restabelescim.^{to} Quero novas taõ bem dos teos negocios, pois que saõ quazi os meus e se lhe tirarmos o quazi, nem por isso será menos verdadeira a propoziçaõ. Eu estou boa/ contente, já se suppoem/ mas estou triste porq a minha imaginaçaõ assustase athe com o bem, quando elle contenta vivam.^{te} o coração. Tu me entendes, por isso não explico o misterio. O Conde diz que quer p.^a ti um recado mui sircunstanciado; mas como he de capa e volta com cabelleira de bandas, não me contenta, e não o escrevo; tu porem não ingoras que debaixo de hum ruim capa [sic] jaz um graõ bebedor. Mil recados a ----- *Imperial*: e de França ja transmigrou? A D.^s querida amiga Se Bombelles [p. 1] ainda ahy se conservaõ dizelhe mil coizas amigaveis da m.^a parte. A D.^s outra vez tu es aqui dezejada pela tua

T

¹ Riscado.

² A Viscondessa de Barbacena.

Tocaõ a fogo? D.^s queira que o incendio se naõ communique. A mestrança às vezes tarda, e q.^{do} chega ja tem lavrado a chama que se pudera atalhar, se mais cedo acodissem as bombas Mas q lhe fazemos m.^a amiga? eu naõ governo a Mestrança tu naõ és da mestrança o mais a que podemos chegar he a pedir a D.^s que lhe dê sonno leve e deitarmos de remolho as nossas barbas em quanto as do vizinho estaõ a Arder. Que me dizes teus Pays em Lisboa! tomei eu Almada pelo mocambo? se assim o fiz, tomei um qui, proquo, que mostra bem o que devia ser Do resto, quem he criança pode com a idade emendarse. Tu fazes-me m.^{ta} falta; mas tu aqui esmorecias. Naõ te quero cá. Que [p. 1]ro chorar por ti, e tanto melhor se partires taõ contente como a Embaxatriz [sic] O meu Omem diz que he m.^{to} teu amigo: como elle faz bem! corresponde, e empregase bem, he quanto pode haver de m.^{or} em cazo d'amizade: Tu nada me podes dizer, porque escreves; eu nada tinha que te dizer ainda que falhasse ao menos que te naõ fizesse huma descripção [sic] Poetica da m.^a vida campestre. viver no campo a toda a ora meditar em socego a simplicidade magnifica da natureza; abrir o coração aos gemidos dos miseraveis fazelo confidente de mil bacatellas, que tem por graves coizas os pocos individuos, que me rodeaõ, tem occupado estes dez dias que ha que vivo aqui: vive: consolate, m.^a amiga, e guardame o segredo: vivo, e podia ficar [p. 2] morta de huma gr.^{de} queda que dei p.^a traz d'uma algura consideravel. Dei com as costas no chaõ, dei com a cabeça; mas a maõ de D.^s me livrou: elle sabe o porque, e o para que. Ninguem o sabe, e importa que todos o ignorem, ate p.^a que se naõ faça a comparaçã de mim com os cagados, que tem bolas. Estimo n'alma que tivesses boas novas do Snr' Conde: dizelhe mil coizas da m.^a parte e tomara darlhe já uns completos parabens. Abraço Frederica, Juliana, e quizera taõ bem abraçar Leonor Calisco [sic]¹, e Henriqueta. Os braços seriaõ curtos p.^a o fazer d'huma vez vista a sua nobre forma gigantesca. Dizeme se tens tido novas de M.^{me} de Thun e desse Syrandorf de boa feiçaõ que sabe escrever, sem erro o nome de Vimieiro. O Duque já me ti[p. 3]nha feito parcial dessa boa gente, mas tu fizestes com que me declarasse de todo. Quando te couber no verso fazeme fallar um lingoagem que lhes agrade. Entre tanto a D.^s querida; espera por mim o nosso Conde p.^a passear, e chilrearmos, e pagarmos com uma pitada de rapé tudo o que o mundo nos apresenta de esquecito; e dezagradavel/ para nós ambos se entende/ e sabes que mais? naõ he poco, mas eu tenho tomado o partido que me promete mais dias de vida. Isto he gozar do que tenho, p.^a me naõ fazer tanta falta o que me negaõ. A D.^s otra vez conta, improviza escreve, ri, passeia mas de vista naõ percas a Thersea

[316] Caldas em 31 de Agosto de 1788²

Que mal te fez a tua amiga, minha Oeyenhausen? tenho te escrito de balde: passei a pedir novas tuas aos estranhos; e hum total silencio a teu respeito me deu assaz que temer. Porfim sube [sic] pelo Duque, que tu jantaras em sua caza, e sei por m.^a May que os teus filhos chegaraõ. Isto me leva a despertar o teu silencio pedindo-te me digas se estas boa, e se elles chegaraõ bem, se tens boas novas do Sr' Conde, e emfim se os teus negocios tem tomado a face, que dezejas. Tenho taõ bem que dizerte da p.^{te} de M.^{me}

¹ Por Carlitos.

² Endereçada a Lapas, Lisboa.

de Bombelles, de quem recebi cartas m.^{to} atrasadas: Na primr.^a me encarregava de te dizer que logo tinha entregado o que lhe confiavas á peçoa, a q.^m hia dirigido; e na ultima torna a dizerme que lhe tem fallado, e sabe que fez o que tu querias, e que ella o persuadira a continuar a prestarse ao que dezejavas. Tu sabes o que isto quer dizer; e eu passo a otro capitulo das mesmas cartas.

Dizme que o Conde d'Assumar lhe escrevera uma linda carta, e tal que ella se não achava com cabedal para lhe responder dignam.^{te}, e me encarrega de lhe fazer estas escuzas [p. 1] e m.^{tos} cumprimentos da sua parte: encarregate tu desta comição pois que eu não sei quando poderei vêlo. M.^{me} [Lollier]¹ me disse que tu não estavas já em caza; mas sim em hum pequeno Ospicio junto della; sintirei que tivesses dissabor que a isso te obrigasse, e dezejo, que em tudo encontres empre a fortuna favoravel Eu aqui vou fazendo pela vida, assim m.^a como dos que me cercaõ. Daqui voltarei p.^a Alcoentre a passar o Oitono, q he uma linda estação naquella campina. Se podes não me deixes tanto tempo ignorante da tua situação; mas se isso por algum motivo te he custozo, contentarmehei do q me disserem de ti os meus. O Conde se poem aos teus pés, eu abraço o teu rancho, e mandote recados da Viscondécita², que em uma cartinha escrita a 3 de Junho do Rio de Janr.^o, me pede tos dê. Ella passou mal na viagem, e os filhos; mas tinha o marido bom. A D.^s m.^a Condeça abraçate a tua

Amiga
T

[317] Alcoentre 28 de Dezembro de 88

Naõ te queixes, minha Condeça, de ser May. A perda que comentas tem cosolaçoens sublimes, he verdade que não sou eu quem tas pode ministrar, mas tu tens hum Religião mui pura que certam.^{te} não terá estado ocioza no teu coração. Naõ te paressa que sou insencível a tua magoa, fere de m.^{to} perto, e entro em todos os teus motivos; mas eu vejome sem filhos, e sei qual he secura de coração que este mal traz comsigo; porem deixemos esta discução, que não faz senaõ remover a dor, e tratemos de nos consolar com o que nos resta tu tens quatro lindas joyas de que formamos grandes esperanças O Sr' Conde está bom, como creio pelo que me dizem: eu tenho o meu com m.^{to} boa saude, e com huma alma superior a todos os revezes: contentemonos, que outras estaõ peor aquinhoadas. Vai politicando aproveitate da amizade, e antigo conhecimento de Balsemaõ; divertete com a educação das tuas pequenas, e de quando em quando, dá hum momento de recordação a tua amiga, que sertam.^{te} te não deixaria chorar só, se huma tal distancia nos não separasse. O meu modo de vida he o mais conforme á minha situação: activo sem impetuzidade, e o mais simples possivel, para melhor poder gozar dos momentos, que não ceção de fugir. Tudo chega aqui morno, e ha m.^{tas} coizas, q ficaõ pelos lameiros do caminho por isso não te sei dizer nada a respeito dos novos Ministros senaõ o que dizia o Franciscano q.^{do} se lhe dava conta dos prelados que tinhaõ sahido: saõ esses? bem, eraõ os que eu queria he verd.^e que não os conhecia, mas como não pertendia poztos não se inquietava. Como está *D. Diego*? Eu tenho aqui m.^{ta} [p. 1] m.^{ta} [sic] giada todas as noites, mas não obstante tenho conservadas a todo o tempo restos das flores de veraõ, e algumas das que ja annunciaõ Primavera quer isto dizer que não he um máo clima o que obtemos e que tendo nelle saude estou capaz de [te]³ servir,

¹ A leitura nom é segura.

² Viscondessa de Barbacena.

³ Entre linhas.

querida amiga se p.^a isso tiver prestimo

T

Abraço as pequenas; saúdo o Sr' Conde
e ponho aos pes de V. Ex.^{as} o meu Dono da Caza

[318]

Alcoentre em 24 de Jan.^o de 1789

Se os meus dias, querida Oeyenhaussen, fossem passados a par de ti, seriaõ certam.^{te} dignos de me fazer abençoar o prim.^o: a amizade acharia sempre novas flores p.^a coroalos, e o repartir as penas não seria o menor dos bens da nossa socied.^e pois q.^e a sorte não tem sido p.^a nós escaça destes fructos. Mas otras foraõ as Leys, que á Providencia prescreveo p.^a a minha carr.^a; e por fortuna, ao dictala, me deu huma alma capaz de achar a grandeza na mediocrid.^e, e de ver /sem sossobrar-me/ em mãos alheas por uma mal entendida opiniaõ, o paõ que nos pertence e nas nossas seria aproveitado em [-----] famintos Povos, que nos rodeaõ. O tempo não pára. Elle levame este anno todas as esperanças lizongr.^{as}, e he bem triste a situaçaõ de huma pessoa, que sem fraqueza, busca na representaçaõ do seu termo a fonte das suas consolaçoens. Huma m.^{or} vida nos espera; e no trance arriscado da passagem p.^a ella as que não são mays, teraõ menos hum grelhaõ p.^a quebrar. Mas este grilhaõ, sempre a minha imaginaçaõ o tinha visto, como o mais brilhante ornato de uma Espoza. Quando eu esperava ser May, sempre que me via no leyto da morte rodeada de filhos, dizia eu [riscado] comigo a dor de os deixar será compensa[p. 1]da pela sua ternura; elles me fecharaõ os olhos; e as lagrimas christans que derramarem sobre o meo tumulo, ainda no otro mundo hiraõ dar-me consolaçaõ. Nada disto succederá querida amiga, e eu acabarei talvez nos braços de huma pessoa mercenaria. Mais os teus olhos não podem ler tudo isto ficando emchutos; e eu quero poupalos p.^a se recrearem *vendo* desenvolver as graças infantiz de Henriqueta, obesrvando a regularid.^e da fizonomia de Juliana assim como o fogo picante dos olhos de Frederica. As suas disposiçoens naturaes brilharã cada dia mais, pela tua vigilante educaçaõ; e dame especial gosto considerar que poderás um dia produzila por modello às Mays, que não quizerem fiar de mãos estranhas o depozito sagrado, q.^e lhes fora confiado ellas/ coitadinha de tua C¹: se ella não teve may /á nossa moda se entende/ que se podia esperar? Eu, que não sou da sua opiniaõ, quero saber como está o Sr. Conde, e não quero que o tornes a pôr aos meus pés. Toma sentido estimo o m.^{to} p.^a o ver nesse lugar: O meu /bem sabes como elle he/ não está por esses acatam.^{tos}, e se eu dessera q.^{to} elle me diz ás vezes p.^a ti, q.^m sabe se o Sr. C.^{de} lhe mandaria tirar a espada? guardemos pois silencio na materia, e contentate de saber que he m.^{to} [teu amigo]² [p. 2] Estimei ver o tema da tua carta, porque por elle, e pelo que me dizes, de quem taõ pollidamente opinou do dia 10 de Jan.^o, discorro que estás em harmonia agradavel com ella. Os omens dizem que em tendo os mesmos estudos se amaõ; das mulheres não me atrevera a dizer tanto, se acredettesse o commum; mas parece-me que não [ha]³ coiza mais chegada a verd.^e, que inclinar-me a q.^m não contradiz as minhas ideas, a q.^m prova as m.^{as} propensoens &r.^a &r.^a e por isso espero que ambas V.^{as} Ex.^{as} se dem bem, e quem sabe, seu marido hade ser valido. Eu o profetizo; e hum valido com probid.^e, e saber, já mais

¹ Cunhada? em referência à desaprovaçom de ambas da esposa do Conde de Assumar, Pedro de Almeida.

² Entre linhas.

³ Idem.

he sinistro a gente de bem. Lizongeome de que o meu nome caiba em bocas, que não podem proferilo, senão para onralo, e he p.^a mim huma espesse [sic] de consolação saber que de hum certo modo existo a par de q.^m me quer bem. Falla pois querida amiga, mas não te deixes levar do teu enthosiasmo a meu respeito: basta que digas a minha amiga nunca deixou de o ser, e esta amiga he

a Vimr.^o

P.S:

Quando fallares [de mim]¹ dize tão bem q.^e eu me ponho na memoria de sua Ex.^a; huma vez que ella q.^r, q.^e eu lha deva de justissa, q.^e por agradecim.^{to} a tenha tão bem de [----] Ex.^a que huma noite inteira [p. 3] esteve comigo na caza de Espanha antes da sua seg.^a partida p.^a Inglaterra. Tive o gosto de ver a sua canção à morte do Principe; mas porq.^e heide eu mendigar a tua Epistola consolatoria? mandame, e dá huma rizada quando ouvires, que *Osmia he do P.^e Fran.^{co} Jozé Freyre, e q qem a offereceo á Academia a tinha comprado entre os seus manuscriptos*. Não he pequena satisfação p.^a o author saber que lhe equivocão a mão com a de q.^m [-----] mas aquelle Escriitor, que traduzio nove Tragedias, duas oratorias, e a Ilha desabitada, nunca entrou no projecto de compor elle mesmo huma Tragedia.

Mandame novas da seção publica da Academia.

[319] Lisboa 9 de Dezembro de 1789

Desta vez m.^a querida Oeyenhausen, não exitarás [sic] tu sobre o motivo do meu silencio; ainda mal tu ja sabes o que perdemos, e se não perdestes a idea do meu modo de sentir, facil.^{te} convirás, em que eu tenho tanto direito á tua compaxão, como tu á m.^a

Naõ sei ainda quando as m.^{as} lagrimas deixaraõ de correr, achamonos todos n'um certo abatim.^{to}, e desamparo, de que não podera fazer idea, nem o mesmo delicado espirito, que animava a nossa socied.^e, e nos prendia à roda de si: Minha Cond.^a conservate, e perdoame se acabo a carta; não quero pore m cerrala, sem te dizer que ontem vi a tua Leonor no Paço e que a Princeza a tratou com benevolencia. Está crescida mas mais magra como costuma succeder quando se cresce tanto. Dezejo que me possas dar boas novas tuas, e do teu C.^{de} o meu tão bem me tem dado que temer pela sua saude mas dizem, q não tenho razão p.^a o receio. Recebe tu os [seos]² cumprim.^{tos}, e fazeos da m.^a p.^{te} ao Sr' Conde, abraçando primr.^o os teus f.^{os} se elles soubessem o meu nome seria p.^a mim mais uma consolação A D.^s, Cond.^a,

sou com a maior ternura
a tua amiga
T

P.S.

Aceita da m.^a May, e Irmaã
mil expreçoens sentidas

¹ Idem.

² Na margem.

[320] Minha querida amiga. Escrevite o corr^o passado¹, e a m.^a carta foi por via do P.^e Alvares, porq elle me disse que ficava isto assim justo. Vim a Estremoz, e estou delatando [sic], porq huma das peçoas, q veio estar comigo estes dias, me adoeceu, e fico no receio de estar separada do meo omem, enfermr.^a de doença que ainda senaõ da a conhecer. Eu quero que o teo coração diga com a tua cara; e so isso me serve, só isso me pode dar verdr.^o gosto, apreçate [por isso]² em me dares esta nova, porque com ella me curas de m.^{tos} males. A mana perde m.^{to} em não abrir o seu coração a fortuna da tua amizade; mas ella he mais deficil em se persuadir da sincerid.^e das prez.^{tes} amigas; e posto q faz justissa ao teo merecim.^{to}, não se persuade de que te mereça o dom de uma amizade daquelle lote, que ella julga necessario p.^a lhe conresponder. He nisto mais feliz do que eu, interessase menos vezes, e sempre com mais reserva; vive m.^{or}: por isso me não atrevo a condenalla. Tenho mais um motivo p.^a te ser agradecida, pois q não he pequena satisfaçã p.^a mim saber q me buscas entre os meos. Alvarez está taõ [p. 1] aqui, e me tem ajudado m.^{to} no meo novo trabalho, de enfermr.^a Elle vio o q lhe pertencia, e a tua Irmaã, e estima m.^{to} a melhoria q ella experim.^{ta} Eu taõ bem a estimo n'alma sem me poder lizongear de ter concorrido p.^a ella; mas bastame a consolação de os ver a vosses felices, p.^a q eu tenha entre m.^{as} affliçoens grandes sementes de consolação.

Minha querida amiga. Escrevite o corr^o passado, e a m.^a carta foi por via do P.^e Alvares, porq elle me disse que ficava isto assim justo. Vim a Estremoz, e estou delatando [sic], porq huma ds peçoas, q veio estar comigo estes dias, me adoeceu, e fico no receio de estar separada do meo omem, enfermr.^a de doença que ainda senaõ da a conhecer. Eu quero que o teo coração diga com a tua cara; e so isso me serve, só isso me pode dar verdr.^o gosto, apreçate [por isso]³ em me dares esta nova, porque com ella me curas de m.^{tos} males. A mana perde m.^{to} em não abrir o seu coração a fortuna da tua amizade; mas ella he mais deficil em se persuadir da sincerid.^e das prez.^{tes} amigas; e posto q faz justissa ao teo merecim.^{to}, não se persuade de que te mereça o dom de uma amizade daquelle lote, que ella julga necessario p.^a lhe conresponder. He nisto mais feliz do que eu, interessase menos vezes, e sempre com mais reserva; vive m.^{or}: por isso me não atrevo a condenalla. Tenho mais um motivo p.^a te ser agradecida, pois q não he pequena satisfaçã p.^a mim saber q me buscas entre os meos. Alvarez está taõ [p. 1] aqui, e me tem ajudado m.^{to} no meo novo trabalho, de enfermr.^a Elle vio o q lhe pertencia, e a tua Irmaã, e estima m.^{to} a melhoria q ella experim.^{ta} Eu taõ bem a estimo n'alma sem me poder lizongear de ter concorrido p.^a ella; mas bastame a consolação de os ver a vosses felices, p.^a q eu tenha entre m.^{as} affliçoens grandes sementes de consolação.

[321] Com a morte de tua May⁴ minha Cond.^a tem as m.^{as} lagrimas hum motivo mais de correr. Deos terá coroado a sua paciencia, e consolará com esta idea de sua felid.^e os que choramos a sua perda. Logo ontem mandei a tua caza saber onde estavas para te assistir; sabendo porem q estavas em Almada, não me posso procurar essa

¹ Colocamos esta carta imediatamente antes da que dá notícia da morte de Leonor de Lorena e Távora porque o único elemento de datação de que dispomos é a notícia de estar ainda com vida Sancho de Faro e Sousa, morto, segundo Castro Sola (1917: 5) a 10 de Setembro de 1790.

² Riscado.

³ Idem.

⁴ Leonor de Lorena e Távora, falecida a 30 de Outubro de 1790. Dirigida a «A Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Snr.^a Condeça d'Oeyengausen minha Snr.^a Almada».

satisfação. Peçote que a todos esses senhores segures o meu pezar, e que me ponhas aos pes da Assumar em quanto não faço pessoalm.^{te} os meus cumprimentos. Dezejo a melhoria de Leonor e abraço ternam.^{te}, assim como a suas Irmans e sou

Tua fiel amiga

T

Lisboa 1.º de Novembro

Naõ me esquecerão os teus annos ontem; mas quando me queria consolar com a memoria delles tive a noticia da morte de tua May vive tu m.^a Cond.^a e sempre mais feliz

[322] Minha Condeça tu fazes com a tua memoria menos desgraçado hum dia, que he para mim bem triste¹; tobre tudo ha mais de trez annos²; deixemos porem coizas tristes, e allegremonos de que teu irmaõ se mostre aos castelhanos taõ Alentado³ com seus Avós: porque como esta Pessa me pairesse que ha de acabar com Estremoz, acho bom que aquelles Actores saibaõ, que ha quem lhes dê pelas ventas. Tomara ver a sua carta se he possivel.

Pelo que respeita ao negocio, em que te escrevi, de presente ha de hirse outra vez de vagar, porque meu Thio não entra de semana, por ter ontem um grande incommodo, que sem o arriscar com molestia grave, o priva da *Grande honra* de estar de retiro na sua pouzada. Fica na m.^a mão a tua carta e eu te agradeço quanto ella tem de pollido e agrada[p. 1]vel p.^a mim, e p.^a m.^a May e Irmãa, e he certo que independente do gosto de te obedecer, eu estimaria que se effectuasse pela grande fortuna que nisso tinha V... Por ora/ porem/ não posso dizer mais, porq respeito a decencia, que se deve a nossa f.^a, e não quero adiantar hum passo, q seja, sem toda a segurança de ser firme. Diz que te restabelesças, e eu terei cuidado de avizar se o [neg]ocio⁴ tem, ou não cam.^o p.^a se levar ao fim.

Abraçote, m.^a querida, e sou como tu sabes

tua fiel amiga

T

Em 18 de Janr.^o
de 1794

[A Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Sr.^a Condeça d'Oeyenhausen m.^a Pr.^a e m.^a Sr.^a Almada]⁵

Peço desculpa de errar o cerimonial do sobre escrito; quer dizer que hum anno de mais pode m.^{to} bem trazer consigo a tontisse

¹ Refere-se ao dia dos seus anos.

² Depois da morte do seu marido Sancho de Faro.

³ A leitura nom é segura.

⁴ O papel está roto.

⁵ No sobrescrito.

[323] Cond.^a quero novas tuas e doute os parabens dos teus annos mas como estou m.^{to} afflita com huma dor não posso dizer mais nada q Abraço os teus pequenos e q sou

a tua amiga
T

Naõ digas nada a m.^a May¹

[324] Que posso dizerte, querida amiga, quando a Religião alta, e suavem.^{te} persuade a Natureza, a que soffra, e que emudeça? Todos choraõ comigo: mas as lagrimas dos Pobres despedaçõe o coração ao mesmo tempo, que me affiançaõ a eterna felici.^o de m.^a May². Os seus livros de razaõ, m.^a Cond.^a fazem crer que o Patrimonio da Pobreza crescia nas suas mãos. Seja D.^{os} bendito! A conjuntura em que taõ boa May nos fugio, foi a mais rodeada de affliçoens possiveis. A filhita da Mello esteve morta no momento, em que m.^a May se agonizava. Minha Irmaõ estava na cama com febre; meu Tio em Queluz; e eu obrigada a temperar os golpes ás que tinhaõ risco de os receber seccam.^{te} sobre tudo a Mello, a q.^m se devia occultar o perigo da sua f.^a De prezente Thomaz de Mello está m.^{to} gravem.^{te} doente: m.^a Irmaõ mal convalescida, seu marido doente e eu com bastante dispozição de cahir. Peçote que te conserves [p. 1] p.^a os teus filhos e que me poupes o cuid.^o que me darias se te expozesses ao cam.^o p.^a me consolar.

Sei que não podes ver com indifferença a m.^a consternação e tanto me basta p.^a me confundires, pois q querendo, e pedindome o coração escreverte, não o tenho podido fazer: mas tu não medes expreçoens, quando estás segura dos sentimentos.

Hei de mandarte a Estampa do nosso Conde e darte quando vieres algumas p.^a repartires. Este artigo taõ entereçante p.^a mim tem taõ bem ced.^o no momento, em que me he percizo satisfazer as ultimas vontades de m.^a May. A D.^{os} Condeça, abraça por mim as tuas e m.^{as} queridas f.^{as}, e conta com a verdr.^a amizade

da tua amiga
Vimr.^o

Em 16 de Abril de 1795

[325] Amiga do meo coração. Naõ te agradeçi o teo avizo,³ porq a m.^a doente e os julgadores da sua saude me impediraõ esse gozto sinto o discomodo que tens tido com a rapariga por cá nada aparece graças a D.^s mas o tempo mostrará se ouve alguma communicação dessa peste. Continuaõ os avizos M. poem sentinellas que se revezaõ de tres a tres oras uma de frente da Cond.^a da Ribr.^a outra ao forte, outra junto do Conde da

¹ Colocamos esta carta imediatamente antes da que comunica a morte de Isabel Breyner de Menezes, porque o único elemento de datação de que dispomos é a certeza de estar ainda viva a mai da Condessa.

² A morte de Isabel Breyner de Menezes, mai da Condessa de Vimieiro, produziu-se a 5 de Abril de 1795.

³ Nom encontramos elementos de datação para as cartas colocadas a partir deste ponto. Neste caso, por exemplo, a referência à Ribeira nom é clara, polo que nom serve para situar este texto como anterior à morte de Maria de Almeida em 1786.

Ponte Tudo isto tem por objecto os contrabandos. Toda a peço, que desembarca nestes citios, he examinada não sei se succede o mesmo aos que passaõ por terra, nem se os senhores esbirros saõ bons sold.^{os} Tomem os banhos com segurança porq he uma semsaboria q portomar um banho á noite, tendo risco de se inquietar um creado [sic] a D.^{os} sou tua

fiel
T

[326] Eu tenho estado doente de cama¹ m.^a cond.^a, e taõ rodeada de semsaboriãs, e embaraços que não tenho podido fallar com m.^a Irmaã de vagar. Ja te mandei dizer, que o negocio não se podia adiantar por cá esta semana porque meu Tio taõ bem adoeceu. Tudo quanto eu tenho percebido he que todos com razaõ dezejaõ o que nós queremos: pai May parentes, mas que não fallarõ emquanto não tem seguro o filho, a quem algumas pessoas procuraõ atordoar a cabeça. tu conhe[p. 1]ces o mundo e o que saõ capazes e as vezes estas atordoadellas daõ de si madureza p.^a o futuro. Elle, como quem se lembra do que tu sabes, não quer de nenhuma sorte expôr a [sua]² felici.d.^e [de L:]³ [espexou]⁴ occaziaõ de poder fallar com o tal rapaz m.^{to} oprimid.^o p.^a se poder pôr em publico a pertençaõ: sem este passo, e seguram.^{te} dado, não me apresse que te devas dar por entend.^a Creio que a vizita seria de obzequio m.^{to} natural em quem tem os olhos [p. 2] nesse ninho; mas por ogra não sei que se tenha adiantado nada Eu mandarei pedir a m.^a Irm' que me falle, e logo que se julgue se he persiza ou conveniente a tua vinda, te avizarei

A D.^s m.^a cond.^a tomara ver feliz todo o que te rodeia p.^a tu seres menos disgraçada Eu sou como sempre

Tua amiga fiel
Vimr.^o

[327] A tua linda carta m.^a querida C.^{da} bem me dá a conhecer que os mossos nesse citio não dormem senaõ em apparencia. Eu não passei por lá, a prova he não ter petiscado no ferrolho. Tive coiza que me precisou a ficar em Lisboa, e ontem que fui a Queluz não pude chegar taõ longe porq nececitava de voltar p.^a Lisboa a tempo de hir a S.^{ta} Martha onde se apressa a morte do meo velho Tio R.^{do} Não sei quando verei o Duque mas não deixarei de lhe fazer constar o teu recado. Hum destes dias de semana que vem hirei ver as fazes rozadas dos lindos genios que te rodeaõ: que prazer pode comaprearse com o teu vendote [p. 1] rodeada delles, ao consideralos com otros tantos testemunhos de carinho que os fez existir? Ou estendas os olhos p.^a o futuro ou os voltes p.^a Cintra tudo se ri p.^a ti, eu quero rir contigo; mas os principios do rizo q daõ tanto que fazer aos Philozofos pareassem destruhidos no ceio dos desconsolados

A D.^s Cond.^a acabo antes que chore

Sou a tua fiel amiga

Em 5.^a fr.^a 4 de Ag.^{to} Vimr.^o

¹ Mau estado; manchas de tinta.

² Riscado.

³ Entre linhas.

⁴ Leitura nom é segura.

[328] He percizo, condeça, estar bem segura da tua amizade p.^a eu fazer o que fiz ontem, e não hir oje calcurriando [sic] a pedir misericordia: basta porem o remorso por castigo da groçaria. Não te pesso perdaõ de hires sem creado, porq foi a memoria a que pecou, e absolum.^{te} me não lembrou que hiamos sem elle e nesse cazo ainda era mais precisa a decendia de te hir pôr em caza: daqui p.^a diante eu me enmendarei, e he tudo o que te posso dizer Depois disto vê [p. 1] se me achas digna de mandarme novas tuas.

[329] Amiga do meo coração Faço este com cuid.^{o1} na tua enfado [sic] mas peçote q não te aflijas por bacatellas. Dize ao teo P. q não vista o vestido que dezeja, que assim lho aconselha q.^m se entereça p.^{la} sua fortuna, e que quem he bom f.^o estabalesce a sua gloria na sollidissima baze da obediencia aos Pays. Dizelhe que não tome banhos de noite que sei lhe pode prejudicar m.^{to} à saude, eu te direi o mais 6.^a fr.^a mas não tardes em lhe prohibir os banhos nocturnos porq não os pode tomar sem gr.^{de} risco, e ainda Joaõ Antonio não obst.^e ser de natureza mais groceira. A D.^s amiga do meo coração sou como tu vez

amiga fiel

T

este escrito contem a historia de tua Irmaã, o pençam.^{to} q Pedro teve de sentar prassa, e o avizo p.^a q não fosse o Joaõ q.^{do} já tinha partido

[330] Que mon imagination me founit du plaisir, chere Amie! Que ces M.^{rs} de Laposte sont des braves gents! car ils portent ma lettre *clopin clopont*, et lafont arriver au moment precis de te trouver au clavecin, presque de la meme façon, que je te le disoit [a leitura nom é segura]. Je dois d'avantage de le scavoir a cette aimable de Thun, qui *chantoit* [sic] *du laten* [sic] *in ensamble avec toi* quand jy [sic] suis arrivée methamorfosée en grifonage. Je n'ai pas eu cette satisfaction sens la payer bien chere; aiant en mem tens [sic] apris l'etat affreux de tá sante. Je treimble pour toi, chere Amie; et je crains que l'excez [sic] du froid qu'on souffre dans ce climat, ne te resserre pas trop les veines. mais s'il est vrai que tu nous donnes un autre d'Oeÿenhasen [sic], ce sera moins acraindre

Au Nom de Dieu, chere Constesse, ne sacrifie pas ta vie a l'existence de ces grands Personages, qu'on repondre qu'il viendront a nous interesser. Cette mignon, que nous avons yci [sic] scait bien te rapeller [sic] dans ses traits charmans [sic]; et plus encore dans ses manieres droles, guais [sic], et jolies, avec les quelles tu charmois [sic] tout le monde a son age. Celle yci [sic] a de quoi nous suffire,; et quand on deviant mere un foi, on peut se contenter pour toujours; n'est ce pas? Que j'aurois [sic] du plaisir a te dire de semblables follies dans un tette a tette! mais ayant a les dire par escrit, tout froid du Nort [sic] vien glacer mes pensées: Les [p. 1] Vents du Midi me font encore de la peine, parce qu'ils sechent au but de má plume quantité de propos sur les quels je voudroit [sic] bien t'entretenir.

Je suis chargée [sic] de te dire mille choses agreables de part de leurs Altesses: j'ai fait ta

¹ «A Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Snr.^a Marq.^{za} de Alorna m.^a P.^a e m.^a Sr.^a».

cour au pres d'elles, qu'ont daigné recevoir tes compliments d'une façon tout affait [sic] gracieuse. On a voulu s'enformer [sic] de l'etat de tá santé: on se rejouit de ta situation presente: on a venu jusques au detaill [sic] de ta depense et ces deux aimables Princesses me chargerent de te parler d'elles dans toutes me lettres. voila leurs propres expretions = Naõ te esqueças de lhe dar recados nossos, sempre q lhe escreveres=

Pour quoi m'ecrire en François, diras tu apresent [sic]? sera ce pour s'introduire plus encore dans les cotteries, que je frequente? Je ne le refuse pas; mais adire la verité ce n'est que pour m'exercer dans une langue, que j'aime, et donner du ressort a des facultez [sic], que seroient [sic] aneantio [???], sans la societé de notre toujours aimable Duc, car je ne vois [leitura nom é segura] personne d'autres, et je me suis refuzée jusques aux Etrangers mon cabinet acela pres [sic] se trouver un desert; mais je m'aplaudis acelá meme que je scai me passer d'un certain monde. Ma santé se fortifie un peu: ma gayeté revient quelquefois mais elle ne fait pas une longue demeure, et si mes affaires ne vont pas de la meilleure façon du monde [p. 2] je tire de cela meme parti ta chant d[-----ent] redresser le mieu [sic] que je puis, enquoi je me trouve beaucoup plus heureuse de ceux qui me font du mal, soit par *indolence*, soit par *malignité*

Nous aurons ce mercredi prochain une section [sic] de notre Academie: on la desire avec autant plus d'ardeur, que la mort de la Reyne Mere nous en privé les mois passé. Nous eumes bien aussi de quoi nous allarmer par la maladie de M.^e de Brangance: elle à souffert d'une espece de Pleurisie, que affectá son son frere d'une façon digne de sa sengibilité: pour moi apeine je la pouvois voir sens larmes. Tu scais quel est le penchant de mon coeur, quand il s'ouvre une fois a la amitié; mais /Dieu merci!/ elle se trouve beaucoup mieu [sic], et je croi [sic] que dans peu de jours nous nous promenerons ensemble.

Nos Dames se trouvent bien de onneurs [sic] de la maternité, car presque tous le jours on nous anonce de nouvelles grocesses; ma belle seur [sic] se pique [sic] aussi d'en ettre [sic] du nombres; il me semble que le monde ne veut pas finire [sic]. On ne scait pas encore qui remplacera M.^r de Portugal: ville Neuve veut nous donner une assemble de Musique tous les jeudis, aussitot, que le dueill [sic] será [p. 3] fini. J'ignore se nos Dames chanteront et s'on pourrá venir au bout d'y introduire de la Dance: pour moi je suis vielle pour recomencer; nous verrons cependant. A Dieu chere Oeýenhausen mes compliments a M.^r le Comte: dememe de la part du mien, que souffre quelque petite incomodité. A Dieu, en [sic] autre foi [sic]; tu scais si je suis, e si je sarais [sic] toujours
ta plus fidele amie

de Vimieiro.

***Apêndice III: Correspondência conservada na Biblioteca
Pública de Évora***

Recolhemos neste apêndice a documentação conservada na Biblioteca Pública de Évora relacionada com Teresa de Mello Breyner ou com o seu marido Sancho de Faro. Trata-se de 6 cartas dirigidas pela Condessa do Vimieiro a Manuel do Cenáculo, 3 cartas do Conde do Vimieiro ao mesmo padre -entre as quais se inclui o projecto para a criação de uma sociedade para a elaboração de uma *Collecção das vidas dos portugueses distintos por merecimentoz, empregos, e dignidades*-, uma carta de Cenáculo à Condessa, uma carta de Mello Breyner a um seu irmão e uma ode composta por ela intitulada «Desafogo da Saudade». A disposição dos documentos, como em todas as ocasiões, é estritamente cronológico.

[1] R^{mo} Snr.¹

Com m^{to} gosto dou a V. R^{ma} os parabêiz [sic] da nomeação asertadissima q em V. R^{ma} fez o seu geral; e com o mesmo os deis logo aos religiosos deste Convento, esperando que ele seja hum dos maiz atendidos por V. R^{ma} assim como o tem sido por mim, favorecendo q^{to} me he possivel depois que nele estão sugeitos capazes de me entereçar por eles: e pela falta de confessores que nele ha tinha ja escrito o P^e Mestre Fr Jozé de S^{ta} Roza Teyxeyra, dezejando que se desse a aprovação aos Pregadores, Fr Antonio Leitaõ, e Fr Antonio do Rozario Bap^{ta}, e agora faço esta mesma dilig^a com V. R^{ma} lembrandolhe que a devoção comque este Povo concorre p^a a suztentação daquela Comunidade merece esta atençaõ ao seu bem espiritual da p^{te} de V. R^{ma}.

Naõ necessito de exagerar a V. R^{ma} a capacidade dos dois mencionados sugeitos, pois estou certo, de que V. R^{ma} os conhece, porem o m^{to} q o segd.^o hoje me edificou, me obriga, a declararme e entereçarme por ele, contando o facto p^a que a V. R^{ma} se inteyre da razão porque o protejo.

Como Donatario, e Protentor daz Confrariaz desta villa ordeney que os sermoẽs desta quaresma se devedissem entre os dois sujeitos mencionados; e que o da confraria da Snrã da Encarnação se desse a Fr Antonio do Rozario, o qual esta manhã me veyo dizer que V. R^{ma} na Sua Reposta [sic] lhe tirava o titulo de Pregador, e que izto era signal de que naõ queria lhe valesse [...] ² a carta; e ele senão rezolvia depois disto a pregar, porque poderiaõ acuzalo de inobediente. Eu tomei sobre mim a interpretação da von^{te} de V. R^{ma}, e o fiz subir ao Pulpito, pedindolhe a Patente que Remeto a V. R^{ma} p^a lhe dever o obzequio de lha confirmar; e na serteza de que V. R^{ma} assim o ha de fazer, lhe pedi continuase a pregar os tres sermoẽs que reztaõ; ele fiado em mim o fez, e ezte titulo q^{do} naõ bastara a sua m^{ta} capacid^e, e edificação comque tem exercido o sagrado ministerio do Pulpito bastara p^a eu fazer todo o esforço, a seu favor q^{do} o cazo o pedisse.

Pelo receyo deq' esta carta se dezemcaminhe, a remeto a meo Tio o Snf D. Fran^{co} de Menezes Brayner p^a que ele a faça entregar a V. R^{ma} com a brevid^e precisa, e com a mesma espero dever a V. R^{ma} a resposta dela, com o gosto de poder livrar de suzto a hum religioso.

Sempre estimarey servir e obzequiar a V. R^{ma} q Dos g^{de} m^o an^{os} Vimieyro 25 de M^{io} de 1768

Fiel ven.^{dor} de V. R^{ma} Conde do Vimieyro

[2] Ex^{mo} e R^{mo} Sr.³

Recebi com a maior estimação o favor de V. Ex^a e se naõ tivesse percizaõ de partir amanhã p^a Estremóz, teria o gosto de hir pessoalm.^{te} receber as ordens de V. Ex^a a q^m portesto o meu agradecim.^{to}, e os sinceros dezejos comq' procurarei sempre corresponder ao favor de V. Ex^a a q^m igualm.^{te} agradece a Cond.^a o distincto obzequio com que V. Ex.^a a favorese, e ambos nós pedimos a benção de V. Ex.^a a q^m dezejo a

¹ Do Conde de Vimieiro a Frei Manuel do Cenáculo. Biblioteca Pública de Évora: Cód. CXXXVII_1-6 (1-2)

² Leitura pouco clara.

³ Do Conde de Vimieiro a Frei Manuel do Cenáculo. Biblioteca Pública de Évora: Cód. CXXXVII_1-6 (3).

mais feliz saúde, e as maiores felicidad^{es}

D.^s G.^{de} a Pessoa de V. Ex^a m^{os}. Ann.^{os} Serpa 13 de Outubro de 1778

Ex.^{mo} e R.^{mo} S.^r Bispo de Beja

De V. Ex.^a M.^{to} Ven.^{dor} e fiel capt.^o Conde do Vimieyro

[3] Exc.^{mo}, e R.^{mo} Senhor¹

Tenho a honra de pôr na Prezença de V. Ex^a o Plano de huma Obra, q.^e se encaminha a restaurar a Memoria dos nossos bons patriotas, ignorada não só pelos Estrangeiroz; mas ate pelos nossos proprios Nacionaes. Se V. Ex^a approvar esta Idea, teremos toda a segurança de q.^e ella he justa; e se V. Ex^a honrar esta Sociedade com o seu Nome, e com o seu trabalho, teremos todos nisso a maior satisfação. Dignando-se V. Ex^a de assim o haver por bem, sirva-se V. Ex^a de escolher alguma das Materias, q.^e na Divizaõ dellas se aponta. E quando V. Ex^a, por consagrar todo o seu tempo á Virtude assim na Cultura da sua Vinha, como no Serviço da Patria, precize, e queira Adjuntoz; sei que Diogo de Mello, e Pedro de Mello se haõ-de Lizongear muito de trabalhar debaixo das Instrucçoens de V. Ex^a.

Fico com prompta vontade de servir a V. Ex.^a, a Quem Deuz G^e m^s. a^s

Estremos 4 de Novembro de 1779

Exc.^{mo}. e R.^{mo}. S.^{or} Bispo de Beja

De V. Ex^a Atento Ven.^{dor} e fiel cap.^{to}
Conde do Vimieyro

A pouca justiça, q.^e as Naçoens estranhas fazem aos talentos dos Portuguezes/ ainda q.^e, em parte, bem merecida pelo descuido dos nossos Escritores, e por mil outras cauzas notorias aos q.^e lamentamos estas semrazoens/ me obrigou a projectar hum meyo de fazer conhecidas no Mundo as Pessoas illustres de hum, e outro sexo, de q.^e a Memoria he digna de honrar os nossos Fastos.

Este meyo he recolher em huma só Obra as Acçoenz recomendaveis das Pessoas illustres, fazendo-se o Rezumo da Vida de cada huma por ordem Alfabetica, e da-lo ao Publico em a nossa Lingoagem.

Conhecendo porem, q.^e o Projecto desta Obra, quanto mais tem de formozo, tanto mais tem de difficil; pois q.^e nella se interessa não só a gloria dos mortos, mas a reputação dos q.^e agora vivem: julguei q.^e não podia conseguirse ve-lo verificado sem q.^e o trabalho se repartisse por huã sociedade de Homens amigos da Verdade, sequazes da Virtude, e prudentes indagadores do q.^e merece escrever-se; isto he, a Verdade sem

¹ Do Conde de Vimieiro a Frei Manuel do Cenáculo. É a carta que introduz o programa, o catálogo dos sócios e o índice das matérias da sociedade planificada por Sancho de Faro imediatamente antes da fundação da Academia das Ciências de Lisboa. Biblioteca Pública de Évora: Cód. CXXVII_1-6 (4-18).

mistura de Lizonja, de Inveja, ou de Credulidade: Homens verdadeiramente Sabios, q.^e sejaõ generozos Restauradores da Memoria de seuz compatriotas.

Com grande satisfaçaõ minha conto vinte Socios, dos quaes espero q.^e nenhum se negue a hum trabalho, com q.^e immortalizem o verdadeiro Merecimento dos seus Compatriotas, e alcansem da Pozteridade igual recompensa. Estes primeiros atrahiraõ outros, q.^e, unidos os seuz talentos, nos affiancem a pefeizaõ da Obra, para a qual se tem projectado as Divizoens, q.^e se apontaõ, e se offerecem como recebidas por alguns socios ja condordez na aceitaçaõ; mas naõ taõ absolutamente reguladas q.^e naõ estejamos promptos a acrescentar, ou restringir tudo aquillo, q.^e a algum dos nossos sofcios parecer digno de correcçaõ.

Naõ me permittindo a minha Profissaõ, e molestias habituais huma applicaçaõ rigoroza, naõ posso comprazer-me de escrever o meu Nome entre os de tantos Sabios; mas querendo ter parte na honra, a q.^e os conduz o seu proprio Merecimento, offereço a minha Caza tanto nesta Provincia, como na da Estremadura para nella se fazerem as Sessoens precisas.

Offereço-me a ser o Correspondente dos Socios para fazer cõmunicar de huns a outros as noticias q.^e necessitarem de exame, combinaçaõ &^a e imprimir os Volumes, q.^e por ordem Alfabetica forem sahindo das mãs dos Socio, logo q.^e se julgarem correctos; dando a cada hũ por este modo o mais evidente testemunho de q.^e dezejo ser agradecido ao seu trabalho, naõ tardando em dar a Luz q.^e merece.

Se conseguir q.^e este Projecto seja aceito aos Sogeitos, a quem o offereço, terei a satisfaçaõ de fechar a bõca naõ só a mordacidade sattyrica dos Estrangeiros, mas tambem ás insulsas, e vergonhosas Declamaçoens de certos Escriitores, q.^e apregoando nos seus Folhetos com vos bastarda Zello da Patria, somente ultrajaõ a sua gloria em lugar de nos abrir o caminho para alcasarmos a q.^e já temos merecido.

Praza a Deuz q.^e meu dezejo me naõ Lizongeie demaziadamente, e q.^e o meu Projecto encontre taõ benigna aceitaçaõ nos Socios convidados, q.^e ao ler o Cathalogo de seus distinctos Nomes, veja eu nos Amantes da Patria oz meus proprios, e mais prezados Amigos.

Assim mesmo devemos esperar q.^e todo o Socio, q.^e tiver Manuscrito, de q.^e possa contestar-se melhor algum Facto, comunique o q.^e delle for preciso para a Verdade da Historia.

Unidos por hum vinculo taõ suave, como honrozo á Humanidade, naõ duvido achar em todos os q.^e aceitarem o meu Convite; por dispoziçaõ necessaria a huma tal empreza a docilidade de Coraçãõ, e a rectidaõ de Juizo, para serem alternativamente Censores, e Censuradoz a fim de q.^e possa apparecer sem vergonha ao Publico instruido esta Obra, de q.^e a Fabrica se deve levantar de baixo das Leys seguintes.

Titulo da Obra

Collecçaõ

Das Vidas dos Portuguezes distinctos por Merecimentoz,
Empregos, e Dignidades;
Escritas em Rezumo por ordem Alfabetica
Por huma Sociedade Amante da Patria.

Leys

1.^a

Distribuidas [as Vidas]¹, por ordem Alfabetica,[as Vidas]², ordenêse não pelos Appellidos, mas sim pelos Nomes, continuando a mesma ordem nos Cognomes, Agnomes, e Apelidoz.

2.^a

Posto q.^e a natureza desta Obra permitta huã narração mais, ou menos extensa, com tudo se estabellece, q.^e as Vidas se escrevaõ em Compendio, evitando toda a diffuzaõ, q.^e lhe he impropria.

3.^a

Averiguese; quanto for possivel, o tempo, e lugar do Nascimento, Filiaçãoens, Morte, e Sepultura; e havendo Epitafios dignos de se referirem, se faça menção delles.

4.^a

O Estillo simples sem baixeza he na verdade o q.^e compete a este genero de Obra; mas porq.^e nem todos quereraõ sogeitar-se a elle, se permite, q.^e seja o Estillo medio. A Lingoagem seja pura, e castigada, evitando-se Frazes, e Expresoens, q.^e lhe saõ estranhas.

5.^a

Siga-se a Orthografia mais cômumente recebida; isto he, a q.^e se vê practicada nos Escritos de Brito, Souza, e Vieira.

6.^a

A Epoca, q.^e dê principio a estas Memorias, seja o Cazamento do Conde D. Henrique no Anno de 1094 ate a presente; mas sogeito algum vivo não lhe servirá de argumento por mais distinctos q.^e sejaõ os seus merecimentos, e calidades.

7.^a

Sendo a Verdade essencial á Historia, as Couzas duvidozas contem-se como taes; e as certas, sem affectacaõ; guardando-se o devido decoro á Humanidade, e Religiaõ, ainda quando se tratar de nossos Inimigos, ou de defeitos caracteristicos de nossos Compatriotas, e citando os Authores de melhor nota.

8.^a

Falle-se somente daquelles sogeitos, q.^e saõ de hũ merecimento incontestavel, e de alguns q.^e acharaõ nos Estrangeiros aquella approvaçaõ, q.^e entre nos se negava aos seus Escritos.

9.^a

Os Socios, q.^e escreverem dos Reys, Princezas, e Principes Legitimos, e Cardeaes, tratem de todos sem escolha.

10 [sic]

Concorrendo Pessoas do mesmo Nome sem Agnome, como Reys, Principes &^a, descrevaõ-se pela ordem crhonologica; e quando se encontrarem na mesma Classe Pessoas com os mesmos Nomes Appellidos, sem distincão alguma ordenem-se primeiro pela exellencia das Virtudes Christans; depois pelas Dignidades Real, Eccleziastica, e Secular; pelas Sciencias Sagradas; pelas Proezas Militares; pelas Letras profanas, Descobrimentos, Inventos, &^a

11.^a

Havendo Pessoa, q.^e Figure em difversas Classes, trate de suas Acçoens o Socio a quem tocar pela Dignidade maior, ou Profissão, q.^e mais a distingaio: v.g. do Cardeal Alpedrinha o Socio q.^e fallar dos Cardeaes; do celebre Ferreira, o dos Juristas; de S^{to} Antonio, o dos Sanctos; de S. Joã de Deus, o dos Fundadores; do merecimento porem das suas Obras escreva o Socio, a quem pertencer a qualidade dellas: v.g. das Obras Poeticas do referido Antonio Ferreira deve tambem dizer o Socio, a quem for distribuida

¹ Entre linhas.

² Riscado.

a Classe dos Poetas.

12.^a

Cada socio principie o seu trabalho por aquelles Nomes, q.^e comprehender a Letra A; e hirá proseguindo por ordem Alfabetica; e concluida q.^e seja a primeira Letra, remitta seus Escritos ao Secretario, para se reverem pelos Censores, practicando sempre o mesmo com as mais Letras, q.^e for acabando.

13.^a

Logo q.^e o Secretario receber estas Obras comette-las-há [sic] ao exame daquelles Socios, q.^e melhor lhe parecer, guardando em segredo os seus Nomes para q.^e possaõ com toda a Liberdade notar o q.^e acharem digno de Censura. Porem nenhum dos Socios, q.^e for encarregado deste exame, poderá Fazer alguã alteraçã na Obra, q.^e censurar; e só escreverá em papel separado os Reparos, q.^e fizer, dando precizamente os seus Fundamentos para o Secretario os remetter por Cópia ao Author, q.^e emendará o seu Papel segundo a justiça dos mesmos Reparos; e quando faça a sua Apologia, esta, e a Censura se sogeitará á pluralidade dos Votos.

14.^a

Devendo animar-nos o Zello, e o Amor da Patria, e Ligar-nos o vinculo da Amizade, he justo q.^e os Socios tenhaõ em suas Respostas as Censores, e estes na sua Critica a Civilidade, q.^e he propria de Homens sabios, não se admittindo expressãõ alguma amarga ou picante; e quando succeda encontrar-se, o Secretario a riscará antes de cõmunicar o Papel a quem o deva dirigir.

Pelos mesmos titulos devem os Socios cõmunicar reciprocamente por meio do Secretario as noticias q.^e cada hum delles descobrir pertencentes á Classe alheia, não sendo das q.^e vem noz Agiologios, e na Bibliotheca Luzitana.

Catalogo dos Socios

A***

O S.^r Antonio Alvares, Presbitero da Congreg.^{am} do Oratorio de Lisboa

O S.^r Antonio Henriquez da Silveira, Lente de Pr.^a de Canones na Univ.^{de} de Coimbra

O S.^r Antonio de Mello.....Senhor de Ficalho

O S.^r Antonio Pereira, Presbitero Secular, e Deput.^o Ordr.^o da Real Meza Censoria

O S.^r Antonio Ribr.^o dos S.^{tos} Subst.^o das Cad.^{ras} Sinthet.^{as} daz Decretaiz na d.^a Univ.^{de}

O S.^r Antonio Soarez Lobo..... Graduado em Medicina p.^{la} d.^a Univ.^{de}

O S.^r Diogo de Mello..... D.^{or} Canonista p.^{la} d.^a Univ.^{de}

O S.^r Gaspar Pinheiro da Cam.^a M.^{el}..... Coronel do Mar

O S.^r Ignacio de Oliveira

O S.^r D. Joaõ de Faro..... Thezour.^o Mor da Cap.^{la} Ducal de V.^a Viçozza

O S.^r Joaõ da Silva Zagallo.....Dez.^{or} da Rel.^{am} Eclez.^a de Evora

O S.^r Joaquim da Costa..... Presb.^o da d.^a Cong.^{am}

O S.^r Joaquim de Foyos.....Presb.^o da d.^a Cong.^{am}

O S.^r Joaõ.^m Jose Cord.^{ro}.....Presb.^o Secular, e Grad.^o em Can.^{es} p.^{la} d.^a Univ.^{de}

O S.^r Jose de Azevedo..... Presb.^o da d.^a Cong.^{am}

O S.^r Jose Clemente..... Presb.^o da d.^a Cong.^{am}

O S.^r Jose Regado..... Presb.^o da d.^a Cong.^{am}

O S.^r Manoel Betancourt..... Presb.^o da Cong.^{am} do Oratorio

O Ex.^{mo}, e R.^{mo} S.^r D. Fr. Manoel do Cenaculo Bispo de Beja
O S.^r Fr. M.^{el} do Sacram.^{to} Garação..... Monge de S. B.^{to}, e M.^e em Theol.^a
Nicolao Pedro de Oliv.^{ra} Preb.^o Secular, e D.^{or} Theol.^o p.^{la} d.^a Univ.^{de}
O S.^r Pedro Joze da Fonseca..... Professor Regio de Eloq.^a em Lisboa
O S.^r Pedro de Mello..... Grad.^o em Can.es p.^{la} d.^a Univ.de

Divizaõ das Materias

Sanctos Canonizados, e Beatificados
Veneraveis, e Martyres, e Celebres em Virtude
Reys, e Principes...
Raynhas, e Princezas...
Papas, Cardeaes, e Fundadorez
Arcebispos, e Bispos
Ministros Politicos
Guerreiros ate o fim do Reynado do S.^r D. Affonso 5.^o...
Do Reynado do S.^r D. Joaõ 2.^o ate a Perda do S.^r D. Sebastiaõ
Do Reynado do S.^r D. Henrique até o presente
Professores Publicos
Theologos
Canonistas, e Legistas
Medicos
Filozofos, e Mathematicoz
Historiadores Eccleziasticos
Historiadores Profanoz
Rethoricos
Oradores Sagrados, e Profanoz
Poetas
Architectos, Pintores, Scultores.

[4] Ex.^{mo} e R.^{mo} Sn.^r

Opprimem-me e confundem-me os excessivos agradecim.^{tos}, com que V. Ex.^a faz memoria na sua carta do pequenissimo servisso, que lhe tenho feito na occasiaõ presente; e attribuo unicamente ao conhecim.^{to}, que V. Ex.^a terá da m.^a fraqueza, sempre remissa p.^a o bem, todos os esforços, de que V. Ex.^a uza p.^a me dar a conhecer quanto he conforme à onra, e a Religiaõ, naõ soffrer que a calumnia occupe o lugar da verd.^e Se a fortuna me tem metido na maõ as occasioens de fazer justiça ao zelo de V. Ex.^a, que tenho eu feito de mais, que naõ feizesse todo o espirito sequaz de rectidaõ? Em quanto fallaõ por VEx.^a os seus cuid.^{os} Pastoraes, nada nececita das viturdes alheas p.^a seu abono; bastando so fazer enumeraçaõ delles, p.^a destruir as impreçoens contrarias ao merecim.^{to} de V. Ex.^a Ora este pequenissimo servisso he o que por fortuna m.^a V. Ex.^a me deve; porem em tudo o mais, que tem succedido nesta conjuntura, naõ tenho eu

parte; não sei se com soberba o confeço, porq a têla parece me que o methodo seria diverso.

V. Ex.^a tem m.^{to} juízo, m.^{to} discernim.^{to}, m.^{ta} prudencia p.^a que eu tema que V. Ex.^a, por um só modo, deixe o meu nome entregue a uma Posterid.^e, que me não será tão indulgente, como V. Ex.^a; e persuadida disto não combato este ponto, e passo a rogar a V. Ex.^a que extenda a sua Charid.^e a rogar a D.^{os} N. Sn'r por mim, pelo meu atribulado rebanhito, e pelo meu [p. 1] infeliz ArceBispado [sic]. Oxalá que a vizinhança das Diocezis fizesse semelhantes as ideas dos Pastores, e a felicit.^e dos rebanhos!

D.^{os} N. Sr' prospere os deznios de V. Ex.^a abençoandoos com uma Benção de Fortaleza, e constancia, capaz de o fazer superior a todas as contradicoens, e obstaculos, que de neccidade hade encontrar os estabelescim.^{to} de uma disciplina a q^l por desgraça dos nossos tempos, parece nova aos Povos, e ignorantes. Poco tempo tardará V. Ex.^a em recolher o fructo das p.^{as} sementes; e ainda que a situação não prometa que a cultura se adiante, sem guerra, V. Ex.^a sabe melhor que ninguem que as coroas dos triunfos nunca se concederaõ senão ás grandes victorias.

Sirvase V. Ex.^a de lizongear o meu gosto dandome occasioens de obzequialo; e posto que o mundo prezente apenas queira a benção do Prelado proprio, eu que começo a ser velha terei por grande honra q V. Ex.^a me abençoe e a toda a m.^a familia, a q.^l com a sua cabeça, resteitará sempre a V. Ex.^a Assim o protestará sempre a V. Ex.^a

Ex.^{mo} e R.^{mo} Sn'r Sua obzequioza veneradora a Condeça do Vimr.^o

Lx.^a 5 de Junho de 1780

[5]

Ex.^{mo} e R.^{mo} Sn'r

A minha saude pouco vigorosa, alem de outros embaraços tem demorado ate agora o justo agradecimento, q.^e devo a V. Ex.^a q.^e continua a dar-me repetidos testemunhos da sua Bondade nos obzequios, com q.^e ella não cessa de obrigarme: Eu conto entre os grandes o q.^e recebi no beneficio q.^e V. Ex.^a fez a Leonor Peruana por hum effeito da sua compassiva virtude; a qual reconheço por unica Authora daquelle bem. Assim o protesto segurando a V. Ex.^a q.^e não terei maior satisfacção q.^e a de corresponder sempre dignam.^{te} á grandeza deste favor.

Eu me lizongeara muito de ter parte na Associação de V. Ex.^a se o seu alto Merecimento por si mesmo se não houvera indicado á Academia; porem quando V. Ex.^a assim representa tanto entre os maiorez Sabios, não se fazia preciso q.^e alguém lembrasse á mesma Academia o grande, e venerado Nome de V. Ex.^a; nem ella sem detrimento da sua utilidade, e da sua gloria podia esquecer-se dos sublimes talentos de V. Ex.^a

Estimarei q.^e a saude, e a felicidade acompanhem o zelo, e a constancia de V. Ex.^a nas suas gloriozas fadigas; e q.^e V. Ex.^a concorra para eu mostrar em todo o tempo o quanto respeito a V. Ex.^a a q.^m DEOS G.^e m.^{os} a.^{os} Lisboa 26 de Junho de 1781

De V. Ex.^a M.^{to} obzequioza verenadora Condeça do Vimieyro

Ex.^{mo}, e R.^{mo} Senhor Bispo de Beja

Naõ posso conceder a V. Ex.^a o perdaõ q me pede para as suas preças porq todos os actos desta virtude indulgente me saõ necessarios p.^a os vagares da corte; alem de que, eu sempre fui e serei assaz devota da brevidade. Agradeço a V. Ex.^a encarregar-se do meu negocio; e como isso seja, naõ me fica que dezejar porque tudo está bem quando está no seu lugar: acresce a isto o conhecim.^{to} intrinseco da cauza, que vale outro tanto. Eu creio que ja disse a V. Ex.^a que me receava de m.^{ta} leveza, propria da idade; e temo que os otros façãõ cabeça de motim. Com tudo se elle naõ hade ser bom capucho/ defícil empreza/ poderá ser bom Benedictino etr.^a Elle talvez quizera ficar clérigo secular, porem isso naõ lhe convem, nem a mim.

Taõ bem agradeço a V. Ex.^a fazer-me participante do ponto, que dá ás suas ovelhas; naõ se arrependa de me fazer destes presentes, porque cahem em mãõs q os estimaõ bem que lhe falte o talento p.^a bem conhecer o seu valor. Faça D.^{os} que os seos Ministros naõ só entendaõ a letra mas taõ bem o espirito da sua exortaçaõ! eu naõ vi [nunca]¹ taõ arriscada a fé, como nas occazioens emque vejo fazer moda, e capricho da Religiaõ. Em sacavem quazi debaixo dos olhos do Prelado, festejase a Divina Pessoa do Espirito S.^{to} com uma prociçaõ, emque vaõ diversas danças entrechocadas com diversos andores, e fechada por ultimo com o S.^{to} lenho, comedias, tr.^a tr.^a Entre tanto no ospital dos Leprozos, meu vizinho, que tem rendas, e Administraçaõ, dase a cada enfermo p.^a o seu sustento tr.^a a somma consideravel de 240 cada mez. Naõ me enganar saõ doze vintens. Quatro mil probres appareceraõ no cabo: a m.^a carid.^e fez-me dezejar lançar maõ delles, restituir cada [hum]² a sua terra propria, com ordem aos magistrados p.^a os empregar utilm.^{te}, e alistados p.^a naõ se tornarem a auzentar do seu lar nativo; guardando p.^a os leprozos, e engeitados as groças sommas, que inutilm.^{te} lhes foraõ destribuidas.

Os meus dezejos saõ estes podem naõ ser os mais perfeitos; mas como naõ fazem mal a ninguem naõ os apago, e rogo a D.^s nos dê do seu Juizo por naõ dizer da sua Justissa, que pareceria m.^{to} Ditozos os Povos, em que os Prelados procuraõ radicar a piedade activa, pois que sempre sendo tal será benefica e legitima.

VEx.^a heque tem que perdoar [---]³ m.^{as} reflexoens, porem se saõ intempestivas [---]⁴ azeitadas pela sua Pastoral. Deseja a V. Ex.^a toda a felicid.^e

Ex.^{mo} e R.^{mo} Snr. Bispo de Beja Sua obrigada veneradora a Cond.^a de Vimr.^o

Lx.^a 8 de Junho de 84

Tenho m.^{to} que agradecer a V. Ex.^a na charid.^e, pontualid.^e, comque condescendeu com o meu rogo a favor de Frey Fran.^{co}, o qual me escreve este correio m.^{to} penetrado das misericordias de D.^{os} a seu resp.^{to}, segurandome que tem posto nas mãõs do Sn'r a sua cauza, e que de todo o coração quer cumprir a vontade Divina, e me pede oraçoens p.^a alcançar a conhecela. Diz mais que fará quanto eu lhe ordenar, e que procura por em pratica todos os concelhos pios que levavaõ as duas cartas, que lhe

¹ Entre linhas.

² Entre linhas.

³ Riscado.

⁴ Deficiência na cópia.

remeti, e me segura de que não desobedecerá a seus superiores, e até hirá p.^a a Philosophia se o mandarem de nov tr.^a Se este crepusculo de serenid.^e vem da esperança de melhorar de fortuna ou porqu D.^s queira! esse effeito de docilid.^e e resignação á vontade do Sn'r só elle o sabe; mas q.^{to} pode inferirse do modo porq escreve, o seu character he ingenuo e elle assevera, que por genio, a educação, me falla com sincerid.^e, e me descobre o coração. Eu estou persud.^a a que lhe não convem presistir aly, comtudo, ainda que as med.^{as} de alguma sorte estão tomadas, eu nada quero precipitar, e por isso ainda nada lhe digo de positivo. Temo porem que não baste a mudança, pois que a regularid.^e Benedictina he assas austera, bem, que o comodo p.^a a vida fizicam.^{te} considerada he m.^{to} melhor. Mas que recurso podemos nos ter fora deste? Elle fez os seus vottos com reflexão; podem annullarse? O Concelho de V. Ex.^a a elle, e a mim he nesseçario neste cazo. Se não está no cazo de poider annullalos p.^a toda a parte leva a pezada cruz, q tantos tomaõ com tanto prejuizo da socied.^e V. Ex.^a diz m.^{to} bem Se D.^s quisesse remedear o mal na raiz! Portugal não lho meresse, e os progressos deste mal chgaõ a hum ponto, deq defficilm.^{te} se podera fazer idea dez annos atraz. D.^s se sirva de acudir aos atribulados, e todos seraõ felices sempre que V. Ex.^a poder chame este assi, e por ora he um dos maiores favores, que me pode fazer: animalo, sondarlhe bem o character, fazer-lhe mesmo ler os estatutos Benedictinos com reflexão he hum gr.^{de} soccorro p.^a elle e p.^a mim, que não dezejo empenhar-me sem prud.^{cia} em taõ grave negocio no qual talvez ache opposição até na Peçoa que devera tomar este pezo sobre si. D.^s conforte a V. Ex.^a abençoe cada vez mais as funçoens do seu ministerio p.^a que produzaõ o cento por um que se pode esperar de taõ boa cultura. Sou de V Ex.^a

Obrigada veneradora C. de V.

Lx.^a 28 de Junho de 1784

[8]

Lisboa 24 de Agosto de 1784

Ex.^{mo} e R.^{mo} Sn'r

He uma barbara civilid.^e esta, que sem nos consolar do que perdêmos nos vem renovar a ferida, que o tempo ainda não pode cicatrizar; mas quem he que quer parecer grocr.^o, esquecido, ou ingrato? Este ultimo character he o que me faz mais medo, e p.^a não o contrahir, nem na apparencia tomo a resolução de dizer a V. Ex.^a que taõ bem me lastimo da perda, que V. Ex.^a tem, quando D.^s chma á sua prez.^{ca} sua virtuoza May. Com tudo V. Ex.^a não será inconsolavel pois que ella foi tal. A sua pied.^e achará na Religiaõ motivos de abençoar a Providencia por lhe não retardar o premio e a ternura filial cederá á charid.^e christam. Na verd.^e m.^{to} fia D.^{os} da nossa fraqueza quando nos arranca do coração peçoas a que a natureza nos tem ligado taõ fortem.^{te} eu tinha apenas treze annos q.^{do} o S'r descarregou o primir.^o golpe sobre a m.^a familia, e essa primeira ferida, ainda se renova e verte sangue quando vejo otros tocados com a mesma severid.^e julgue V. Ex.^a disto se me fará compachão o seu pezar.

Na occasiaõ prezente não devo molestar a V. Ex.^a com otros negocios, e acabo esta offerecendome p.^a tudo o que for de seu obzequio nesta corte, e na Villa d'Alcoentre p.^a onde parto p.^a semana a passar o resto do veraõ, e outono. Em toda a parte estimarei receber boas de V. Ex.^a de q.^m sou

Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr'

M.^{to} obrigada e respeitoza oradora Condeça de Vimr.^o

[9] Meu Irmao do meu Coraçaõ¹, he verdade perdemos m.^{to}. Perdemos hum Homem de bem que nos amava; cuja suavid.^e, e alegria nos fazia ver que avirtude pode m.^{to} bem ter lugar no seculo [sic], pois que só he severa com sigo, e indulgente com todos. A m.^a. saudade he qual voce a pode supor, não basta p.^a. a a adussar a ideia da sua felicidade; mas não me queixo do q' sinto; pois q' D^{os}. me fes conhecer m.^{to} claram.^{te} que a hora estava chegada, e que era percizo o sacrificio. Todas as circunstancias desta morte saõ outras tantas [de que]²provas de que D^{os}. dâ testemunho da fidelid.^e do justo, o certo he, não se morre sem remorsos como o Conde senaõ tendo como elle vivido sem culpa, bemdito D^{os}!

Hontem chegou o Breve p.^a. Joze, amanhã será entregue ao recebedor, e não o foi hoje; porq' o Conde de Povolide, a q.^m. encarreguei isto, ia esta manhaã p.^a. Queluz. A passagem será tambem paga logo, e pode ver que por esta pontualid.^e, ficará o primeiro á Comenda. Sinto que me não tenha mandado a atestação do Baptismo, a de vita et moribus, passada pello seu Bispo; porque apenas se me der o recido da passagem devo remetello, com estas certidoens, e voce não perca hum momento em me mandar estes decomentos autenticados pello Bispo, e dobrados p.^a. evitar qualquer damno que se possa seguir do descaminho de huma carta. Em tudo isto he percizo não só actividade mas o segredo, porq' havendo hum que está aceito a mais tempo e se tem descuidado de fazer estas diligencias perde a a[n]cianidad.^{e3} se Joze se adiantar em as comprir, e p.^a. que seja assim, he percizo não fazer bulha p.^a.que não acorde quem esta dormindo. No meio dos meus trabalhos tenho tido grande gosto de ver concluido este negocio em que Voce, e elle devem m.^{to}. a nossa May, e como escrevo de maõ alheia; porque me custa m.^{to}. fazello da propria não posso dizer mais; Fran.^{co} aqui tem estado em m.^a caza elle não merece menos que seu Irmao pello lado da ternura; pois q' o tem posto ás vezes em mui triste estado, a falta das suas cartas de voce, o dezabrimento comq' em algumas era tratado de sorte que me era percizo animalo e dar-lhe todas as interperassoens [sic], favoraveis que eu podia. Elle necessita de ser tratado com brandura porq' tem tido por vezes huma malancolia exaltadissima, e que vem de principios inremediaveis [sic], e tenho a consulação de me parecer tenho evidado a sua ruina tendo me D^{os}. escolhido p.^a. esse fim. De Gertrudes tenho m.^{to}. boas novas. D^{os}. dê a Joze m.^{ta} furtuna e huma boa Comenda p.^a me poder ajudar no comodo que p.^a. ella destino, fico p.^a. lhe dar gosto meu Irmao do meu Coraçaõ, agradecendolhe m.^{to}. de veras a compaixaõ que tem de mim e que he devida não só a meu dezastre mas á amizade que lhe tenho e comq' do Coraçaõ o abraça esta

Irmãa q' m.^{to}. o ama

T

Lx.^a. 28 de Setembro de 1790

[da snr.^a Condeça do Vimieiro -----
do falecim.^{to} de seo Marido -----: diogo de Mello⁴]

¹ Dirigida a um dos seus irmaos com motivo da morte do Conde de Vimieiro.

² Riscado.

³ Entre linhas

⁴ Escrito por umha mao diferente.

A memoria que V. Ex.^a faz do meu nome para enriquecer a m.^a estando com os seus preciosos cuid.^{os} literarios, me deixa summ.^{te} obrigada; e fora capaz de deixar-me desvanecida, se eu não tivera tanto uzo de ler por mim p.^a me capacitar cabalm.^{te} do poco que mereço. D.^s prospere as intenções de VEx.^a anbençoandoas, e protegendoas com a sua particular Providencia: nós aqui vamos reg.^{do} com lagrimas o pavim.^{to} do santuario; e atroando os ares com preces; mas ainda ategora não tirámos mais fructo, que reconhecer que não sommos dignos de ser despachados.

Faltanos talvez o espirito da penitencia de que alugamos a farda. Dignese o Sn'r de humilhar os nossos corações p.^a que tão grandes coizas não passem por nós debalde

Fico p.^a servir a VEx.^a de quem sempre sou, e serei Obzequioza e agradeçi [sic] venerad.^a

Ex.^{mo} e R.^{mo} Sn'r Bispo de Beja

Cond.^a de Vimieyro

[11] Ex.^{mo}. e R.^{mo}. Snf.

V.^a. Ex.^a. terá talvez recebido ja algum exemplar do Livro, que lhe remetto; mas nem por isso receio q' este não ache Lugar na sua Bibliotheca, onde talvez se possa considerar como huma dissimulada historia da Benificencia, que V.^a. Ex.^a. tem derramado sobre o seu rebanho. Com tudo eu devo repartir estes volumes, seg.^{do} as condições que acompanharaõ o presente, e foraõ de os *dar a q^m os lesse* e nenhum tenho dado com mais certeza de ter bem satisfeito, e completam^{te} a m.^a comissaõ.

Desejo que V. Ex.^a neste novo anno tenha a saude e prosperid^e. que merece e sou como devo

De V Ex.^a. Obrig^{ma}. Veneradora

Ex.^{mo} R.^{mo}. Snf Bispo de Beja

Cond.^a. de Vim^o Comendadr^a

Lisboa 14 de Jan^o de 94

[12] Ex.^{mo}, R.^{mo} Snf.

Quanta bondade, quanta doçura, quanta rectidaõ não testemunha esta carta de V. Ex.^a., que recebo em resposta da m.^a recommendaõ?. D.^s N Sr' fortifique mais e mais a V Ex.^a em tão bons principios, e lhe dê paciencia p.^a. supportar a perluxid.^e dos pertendentes e as indiscricões dos Patronos.

Eu fico m.^{to}. satisfeita com a sua resposta e estou certa de que assim mesmo o ha

¹ Carta nom datada. Deve ser anterior a 1794, pois Mello Breyner assina só como Condessa de Vimieiro e nom como Comendadeira de Santos.

de ficar a Marq.^{za} de Ponte de Lima, porque ama a justissa, e se governa pela razaõ; e eu tenho que agradecer a V Ex.^a. interromper os seus assiduos trabalhos, p.^a. me responder com bastante individuação.

Fico para servir a V Ex.^a. desejando mil occasioens de o fazer p.^a o que fica prompta esta

De V Ex.^a Ex.^{mo}. R.^{mo}. Snr M.^{to}. obrigada Veneradora de V Ex.^a
Lisboa 25 de Jan^o de 1798 Condeça de Vimr.^o.

[13] Ex.^{mo}. R.^{mo}. Snf.

Apezar do respeito, que eu consagro aos preciosos momentos de hum Prelado taõ respeitavel, como V. Ex.^a; na occaziaõ prezente, naõ posso poupar-lhe o incommodo de interromper as suas fadigas Pastoraes, porq' o que a isso me obriga tem por objecto tudo o que deve occupar hum esperito racional. Quero dizer a Gloria de seu D.^s; e o bem da sua Nação.

Convencida, como fiquei /logo que li a primr.^a carta de V. Ex.^a. p.^a. m.^a. Irmãa Cat.^{na}, da eminente virtude da veneravel M.^{na} da Purificação/ dezejei desde logo procurar que a sua intercessão valesse a sua Mag.^e e nos alcançasse com a saude da soberana, todas as mais benções de Pax, e Religiaõ, que nos saõ taõ necessarias neste calamitoso tempo. A prudencia fez que eu contivesse em silencio estes dezejos até conseguir mais individuais noticias do que se passara no acto da revivezaõ [?] do seu [?] cadaver, e da ver.^{de} das curas instantaneas, que se referiraõ aqui de boca em boca atribuidas à intercessão dessa admiravel serva do Snr.

Fui pois recolhendo ambiciozamen^{te} todas as noticias, sem deixar que ver, que a critica tem ainda alguns, bem que debeis, fundam.^{tos} p.^a poder attribuir aos segredos e occultas forças da natureza o que a pied.^e bem entendida recebe como graça especial, ainda quando se não atreva a caracterizalo de milagre, me inclinei a julgar que era conveniente /e tal vez necessario/ entrar por huma Porta, que o ceo nos abria em taõ arduas sircunstancias. Lembreime de mandar pedir á Prelada do feliz convento, que he depositario deste grande Thezouro fizesse por dias successivos, com a sua communid.^e rogativas a D.^{os} nosso Sf, a fim de q' para gloria sua, nos desse huma mais evidente Prova de virtude da sua serva, e da gloria, com que lha premeia restituindo a R.^a N Sr.^a a seu perfeito juizo logo que se lhe applicasse huma fita, que seguraõ fora tocada na chaga, ou abertura que tem o cadaver. Porem naõ me resolvi a fazelo sem Conselho da V. Ex.^a, e sem sua Pozitiva Licença ou aomenos condescendencia, e igualm^{te} hezitei na applicação da fita, sem ter hum [sic] provavel certeza de ser verdr.^a mente tocada na dita abertura, de que V. Ex.^a pode /sequizer/ segurarme pois que sabe, e permittio que assim se fizesse a algumas.

Communiquei este pensam.^{to} ao Marq.^z Mordomo mór, o qual vio com summo prazer a carta de V. Ex.^a, e do seu Provizor; e disselhe taõ bem a rezolução, em q' estava de escrever a V. Ex.^a para este fim: e elle approvou m.^{to} tudo, concluindo com este [sic] expreção =com o conselho de hum tal Prelado, podese caminhar seguro= Por fim acrescentei eu =e V. Ex.^a quer se encarregar de levar a S. A a fita, e pedir-lhe que nos permitta que se se applique?= ao que elle respondeo = Sim Sr.^a: logo que venha a resposta do Sf. B.^o, segundo o que elle resolver se fará.=

Agora restame pedir a V. Ex.^a, que julgando conforme ás regras da Igreja este

meio de implorar a D^s, e prestandose à condescendencia me queira avizar /não me atrevo a pedir a V. Ex.^a que o mande fazer, bem que huma tal missaõ...!/ p^a. ca se fazerem ao mesmo tempo por outras communid^{es} Relig^{zas} [se fazerem]¹ ao mesmo tempo as mesmas rogativas, accompanhadas da esmolla e outras obras de carid.^e, que possaõ fazelas aceitas ao Sr.

Perdoe V. Ex.^a a extenção desta carta aq.¹ faço no silencio da alta noite, pelo receio de que os negocios do Dia me embarassacem; e reconheça por

Sua M^{to} respeitoza Oradora

Ex^{mo} e R^{mo}. Sr. Bispo de Beja
A Cond^a. de Vimr^o Comdr^a

P.S.

Desculpe V. Ex.^a o que tem que desculpar nesta carta attendendo ás minhas molestias, q me não copiala [sic], e a circumspecção, que me aconselha não fiar de otra penna o q' ella contem.

Lisboa 13 de março de 1798

[14] Ex^{mo}. R^{mo}. Snr.

Eu não quero sobre mim nem ainda a apparencia de ingratidão por isso, faço estas regras, dezejando testemunhar com ellas a V. Ex.^a o meu agradecim^{to} pelo preciozo prez^{te}. que me envia na sua carta.

D^{os} se sirva de gloriificarse a si mesmo dandonos no que lhe vamos pedir, hum dos mais ividentes [sic] testemunhos do que pode p^l bem [?] [Elle]² a intercesseção [sic] da sua serva. Nunca se necessitou mais de hum remedio todo sobre natural. Affaste D^{os}. o raio, e conceda a sua luz.

Pertendemos levar os nossos rogos ao filho de Deos levando por valedora sua May, e he por isso que se comessaraõ com mais fervor sabado vinte e quatro deste e continuaraõ até o dia em que se fas memoria das dores da Snr.^a M.^{tas} Commend.^{as} unidas no mesmo espirito com a depositaria do Corpo de Veneravel alcançaraõ p.^a este Reyno e p.^a a sua Igreja os bens que lhe suplicamos na amargura dos nossos trab.^{os} Oh se a vinda do Espirito S.^{to} communicasse a toda a Europa a dezejada paz e ao Vigr.^o de Xs.^{to}, o socego, e a honra que lhe he devida!!!

sou de V. Ex.^a

Ex^{mo} R^{mo} Sr. Oradora obrig.^{ma}

Cond.^a de Vimr.^o Commend^a

Ex^{mo} e R^{mo} Sr. Bispo de Beja

R. C. de S^{tos} em 20 de Março de 1798

¹ Riscado.

² Nas margens.

[15] Ex^{mo} R^{mo}. Snr

No meio das complicadas occupaçoens do meu tempo, sempre retalhado por mil importunid.^{es} anexas ao lugar que occupo, recebi a carta com que V. Ex.^a tanto me obriga, e me conforta. Não a li com os olhos enchutos, e dei graças a D.^{os} de haver entre tantos /e Dignos/ Pastores do seu rebanho hum, que se humilhe a testa das suas ovelhas diante de D.^{os} p.^a com ellas lhe pedir mizericordia. Ditozas ellas, que ouvem a Vos de quem as rege. He talvez hum premio dessa sollicitud.^e Pastoral a manifestação da virtude da Bem-Aventurada M.^{na}, que tanto nos enche de cosolação, e esforço. Seja D.^{os} Bendito!

Os tempos nunca foraõ /talvez/ taõ arriscados desde o principio da Igreja. Nas otras perseguiçoens luctava a tirannia com a pied.^e nascente, e fervorosa: agora a impied.^e e a Tirannia devastaõ o rebanho de J.C. e a Insensibilidade lhes serve de Conductor.

Permitame V. Ex.^a que eu chore este mais temivel de todos os nossos inimigos, e desafogue a m.^a dor, com quem a participa e mo dá a conhecer nas suas expressoens. Não afrouxe V. Ex.^a: o seu exemplo talvez excite os seus confrades; e se elles despertarem, o Povo ainda se abala; e talvez não espera senão quem o determine p.^a o bem.

Dezejara que todos os Prelados do Reyno ao mesmo tempo exortassem os fieis que ainda não estão confirmados, a prepararemse p.^a receberem este sacramento na Pascoa do Espirito S.^{to}, mas dezejava ao mesmo tempo, que os Pregadores no Pulpito, os Parrochos e os Confessores no Confecionario os instruissem do modo com que haõ de preparar-se p.^a esta taõ importante e necessaria graça. Ah Snr! quantos sermoens inuteis tenho ouvido desde que as perturbaçoens da Igreja pedem que se trabalhe para deffender o nosso campo das más ervas, que, podem affogar o trigo escolhido!

Ha huma pessoa que vai pedir isto a algum dos Bispoz da sua amizade. D.^{os} abençoe a obra derramando sobre ella a efficacia do seu espirito vivificante.

Ainda não poso dar a V. Ex.^a huma nova que nos console a respeito da applicação do remedio, que V. Ex.^a teve a bond.^e de mandarme; porq' ainda se me não disse que podia applicalo. Espero hoje alguma decizaõ: entre tanto continuamos a pedir talvez seja ainda nesseçario clamar com mais importunid.^e diante do Pay das mizericordias. Nós cremos, que elle pode se quizer; mas não merecemos, que Elle diga *quero* &tr.^a.

Não se moleste V. Ex.^a em responderme, quando se vir occupado: eu não sou hum [sic] mulher puntilhoza sou huma velha, que ha m.^{tos} annos conheço o mundo; e as importunaçoens, que cercaõ os que estão em lugares. Dezejo por tanto m.^{to}, que V. Ex.^a na prezente festa alcance abund.^{tes} graças em premio das suas virtudes e que por m.^{tos} e mui dilatados annos continue V. Ex.^a a Edificar a sua Igreja com taõ santos, e cordatos exemplos. Quanto a mim, Snr. não rogue V. Ex.^a, que eu viva; mas sim saiba ver, p.^a saber morrer. Se o conseguir será deliciozo o momento de deixar este tenebrozo cahos, onde por tanto resp.^{ta} m.^{to} V. Ex.^a

Ex.^{mo} R.^{mo} Snr

Sua reverente oradora a Cond.^a de Vimr.^o Commendr.^a

R C. de S. em 3 de Abril de 1798

[16] Ex.^{mo} R.^{mo} Snr

Se a quaresma affligiu a V.^a Ex.^a com as cartas dos seus Parrochos a Pascoa não lhe será menos importuna com as dos cumprim.^{tos}; e se esta que escrebo fora só dictada pela civilid.^e do costume, c[ui]daria¹ que cumpria m.^r não engroçando o número das que são da mesma cunha, porem, he a gratidão quem requer quer que proteste a V.^a Ex.^a os dezejos, que tenho da sua felicit.^e, e eu não tenho forças p.^a rezistir ao imperio destas sanctas Leys: Seja pois V.^a Ex.^a feliz em todas as Estaçoens do anno; e feliz por aquelle unico meio de o ser, que o mundo não he capaz de conhecer.

Sua A aceitou benignam^{te} a porção da Camiza, tr.^a que lhe ofereci por maõ do M.M.M., e seguiu que não tardava em mandar fazer a applicação requerida; mas ha toda a apparencia de que otros graves cuidados absorveraõ este, que terá lugar quando a Providencia o dispozer. Entre tanto continuamos a perder a D.^{os} que glorifique a sua serva e pacifique a sua Igreja, conservando ao seu vigario a força; e saude de que goza, a qual parece taõ poco compattivel com a sua gr.^{de} idade e consternação; por tanto as cartas p.^a o Nuncio assim o affirmaõ, e eu concludo esta protestando que dezeja obsequiar a V.^a Ex.^a

Ex.^{mo} R.^{mo} Snr

Sua respeitoza e obrid.^{da} oradora Cond.^a de Vimr.^o Commendr.^a

Lisboa

R.C. de S.^{tos}

16 de Abril de 1798

¹ Mancha de tinta.

Apêndice IV: Textos poéticos

Os textos poéticos aqui recolhidos som aqueles escritos por Teresa de Mello Breyner que, de forma íntegra ou parcelar, aparecem citados ao longo da Correspondência, tanto da conservada na Torre do Tombo, como na Biblioteca Pública de Évora. Salvo indicação contrária, aparecem transcritos de maneira literal, com algumas anotações que nos parecêrom oportunas.

[1]

«Naõ tens que dividir¹:
«Lilia, oh Tirse, por ti arde d'amor.
«Repara n'expreçaõ;
«Observa o vivo ardor.
«Que em seo peito começa a fumegar.
«Se lhe offusca a razaõ,
«*Naõ tens, que duvidar,*
«Tudo he fructo feliz dessa paxaõ:
«Depoem, Tirse, o temor,
«*Lilia, crê-me, por ti arde d'amor.*

[2]

Pode Amor explicarte²
Se a minha gratidaõ passa d'amarte...
Mas que, Lilia asustou-se?
Idem, Marcia gentil; naõ, naõ t'adorno.
Naõ, Lilia, naõ te assustes, quanto digo,
Tudo [??] falla contigo.
E como poderia
Rezistir a adorar em Marcia bella
Huma copia de ti, que encontro nella?
Tu riz? oh que alvorosso!
Ah! Marcia ella fingia;
Pois bem sabe a *Maligna*, que naõ posso
Ofendela em quererte
Que he justiça em amor corresponderte.

[3]

Inda assim s'algumas vezes³
Brando sopro te cercar,
Cara Marcia, naõ desprezes
Esse doce movimento,
Que por mim te vai buscar.
*
Naõ he de Zefiro alento,
Que te vá lizongear:
He de Tirse hum pençamento
Que d'eterna gratidaõ
Testemunhos te vai dar.
*

¹ «Estremoz 14 de Setembro de 1770».

² «Vimr.º 2 de Mayo de 1771».

³ «Estremoz 31 de Julho de 1772».

Mas s'abrandá vir[ação]¹
Do Zefiro, hade en[contrar]
Em ti grata aceitaç[ão]
Querida Marcia, otro tanto
Não pode Tirse esperar?

*

Oh! e quanto espera! e quanto!
Possa o Zefiro voar
Junto a ti; agite o manto
Que o lindo peito amorozo
Te costuma resguardar;

*

Que por mais que buliçozo,
To chegue, Marcia, a tocar,
Não será tão venturozo
Que possa² em teo coração
Como Tirse a penetrar.

[4]

Doces termos agradaveis³
se violentos me buscais,
o bem que em mim não lograis
Tornai; híd gozalo em Marcia bella.
Empregaivos nella
Termos adoraveis
Frazes deleitaveis
Voai; que em Marcia bem vos empregais

[5]

Brando Zefiro amorozo⁴
Que ligeiro me rodeas,
Se por Lilia não sospiras,
De balde me lizongeias.

¹ Lacunas polo mau estado do suporte.

² Por baixo está riscado *chegue* o que justifica a preposição que antecede a *penetrar*.

³ «Vimr.º 15 de Janr.º de 1773».

⁴ «Vimr.º 13 de Maio de 1774»

[6] Tantos Caens, que pedaços d'oiro comem¹
Quando os omens de fome estão morrendo!
Quem taõ poco os estima, sera omem?

[7] «Lília das nove irmãs»²

Lília³, das Nove Irmãs⁴, se não es uma
és de todas a glória, certamente,
nem delas poderá negar-to alguma.
Isto supunha eu já, mas claramente
teus versos mo confirmam; nem eu chego
a dizer quanto deles julga a mente.
Doutra Lira melhor mais digno emprego
isto fora, que a minha desafina
quantas vezes, sem fruto, nela pego.
Se as cordas lhe levanto, não afina;
se as afrouxo⁵, pior⁶; que não convém
cantar em baixo tom, cousa Divina.
Só Tu, que te conheces, podes bem
a Ti mesma cantar; Tu, com quem Febo
repartido seus dons, seu Lume tem.
Quando teus versos leio sim concebo
de mim mais alta ideia, imaginando
que teu nobre pensar, Lília, percebo.
Quando neles me vejo ir exaltando
com frase tão sublime e doce estilo,
De mim me vou eu mesma namorando.
Assaz rubor me custa o descobri-lo,
mas ceda em teu louvor minha fraqueza.
Castigue-se a altivez com repeti-lo.
Com tal arte me pintas, tal destreza,
não qual sou, mas qual fora⁷ se tivesse
acertado em formar-me a Natureza,
que esquecida de mim, já me parece
Justiça o teu amor, nem tenho inveja
a quem de antes melhor me parecesse.
Duma erva se contou, que quando esteja

¹ «24 de Junho de 74»: fragmento dumha espístola a Cândido Lusitano.

² Este texto nom se apresenta na sua transcriçom literal, porque remete para umha ediçom nossa próxima a publicar-se no livro *Mulher, nobre, ilustrada, dramaturga. Teresa de Mello Breyner no sistema literário português (1788-1795)*. O manuscrito inclui a seguinte nota: «Da [III^m] m^a amiga Condessa de Vimieiro».

³ AN-TT, Casa Fronteira Alorna: n.º 163.

⁴ As nove ninfas.

⁵ Orig. «afroxo».

⁶ Orig. «peor».

⁷ Seria.

feita a raiz em pó, se a toma alguém,
 De si se namorou por vil que seja¹.
 Este poder teus versos, Lília, têm,
 mas com tal diferença que só dura
 o delírio no tempo em que se lêem.
 Por isso de mim zomba a formosura,
 escárnio² faz de mim o Deus travesso,
 e Apolo entre as Pierides³ murmura.
 Eu também, que ao larga-los me conheço,
 de Ti me queixo, oh Lília, que me encantas,
 E sem zombar comigo me enfureço.
 De Ti me queixo, sim, de que te espantas?
 Se a Trono em que não posso conservar-me
 com teu suave canto me levantas.
 Ah! não pretendas⁴, não, capacitar-me
 de que baste a razão *de conhecer-me*,
 a ditar o preceito *de adorarme*
 que se alcançam teus versos surprender-me,
 não me deixa a razão ao desamparo;
 inda me acode a tempo de valer-me,
 inda me dis com tom severo e claro:
 «não te deixes, oh Tirce ir engostando,
 Faz com tempo em ti justo reparo,
 não vês que está de ti Lília zombando
 quando quer persuadir-te que a namora
 teu canto, teu falar, teu gesto brando?
 Se cativa de Amor se pinta agora,
 é brinco, que lhe inspira a Liberdade.
 Crê-me Tirce, de si Lília é senhora.
 Sofre Lília os grilhões da crueldade:
 os de Amor, só os tem, como em reserva⁵.
 Depende o cego Deus da sua vontade.
 Oh que laços sutis, que armas conserva
 no depósito da alma porfiantes!
 E de que mal assim te não preserva!
 Essas⁶ Amor tomou, não para amantes
 vulgares cativar, que a tal empresa
 lhe sobraram seus olhos rutilantes,
 Mas para sugeitar-lhe sem defesa
 o loiro Deos que às Nove Irmãs inspira,
 e que as artes opôs à Natureza.
 Amor, que formar Lília presumira⁷,
 treme da obra no ponto de intentá-la,
 e quiz que Apolo então lhe presidira.

¹ Repare-se na utilização dos tempos verbais: tem-se contado dumha erva que se se toma a sua raiz feita em pó, a pessoa que a tomar namora-se de si mesma, por vil que seja.

² Orig. «escarneio».

³ «Filhas de Piero, transformadas em pegas (pássaros corvídeos) por pretenderem cantar melhor que as musas» em www.mithos.cys.com.br.

⁴ Orig. «pertendas».

⁵ Lília sofre só os grillons da crueldade, nom os do amor.

⁶ Essas armas porfiantes.

⁷ Imaginara.

Tão perfeita ficou, que, ao completá-la,
 «Vitor», batendo as palmas, grita Amor,
 «Vitor, Apolo. Em prémio hás de educá-la»¹.
 Movido Apolo então de alto furor,
 nos braços a arrebatou, e da Memória
 às filhas a entregou como Tator²:
 esta que vos entrego, cuja história
 vós depois cantareis, Musas, guardai-a
 para ser algum dia vossa glória,
 nas águas de Hipócrene³, ide, banhai-a,
 Sacro berço de Loiro preparai-lhe,
 de Pindáricas flores adornai-a,
 alimento suave ministrai-lhe.
 Cautamente, depois, um sono brando
 com hinos⁴ agradáveis fomentai-lhe.
 Despertá-la convém de quando em quando,
 e a doce voz à citara doirada,
 e a tenra mão com tempo ir adaptando.
 Depois quando de todo já formada
 for a glória do Pindo, excelsam[en]te
 a vereis em meu Trono sublimada.
 Vereis, prossegue⁵ o Deus; mas, impaciente,
 Amor rouba de Lília um pensamento.
 envolto em chama pura, mas ardente,
 com ele voa a Délío⁶, e num momento
 o peito lhe abrasou. Délío sospira
 e Amor ri-se do brinco fraudulento.
 Apolo que esta fraude não sentira⁷,
 pois nada amar a Lília lhe custara,
 se Amor com tanto fasto se não rira⁸,
 lhe jura pela sacra veia clara
 de Aganipe⁹, Hipócrene, e Cabalina¹⁰,
 Castália¹¹, e pelos montes que habitara,
 que jamais servirá Lília Divina

¹ Em prémio por ter presidido umha obra tam perfeita, Amor encomenda a Apolo a educação de Lília.

² Arrebatou-a nos braços e, como Tator, entrega-a às filhas da Memória, isto é às musas. *Tator* é variante de *Stator*, «sobrenome de Júpiter em Roma, como deus conservador da ordem das coisas ou detentor dos fugitivos», em www.mithos.cys.com.br. É, junto com Mnémósine, deusa da memória, pai das nove musas.

³ «Fonte de Hélicon, consagrada a Apolo e às musas, brotou de uma pedra ferida por uma patada de Pégaso» em www.mithos.cys.com.br.

⁴ Em todos os casos, orig. «hymnos».

⁵ Orig. «prosegue».

⁶ Camões utiliza este nome em *Os lusíadas* (V.91 e VII. 97) para se referir a Apolo moço, por ter nascido na ilha de Delos e encontrar-se ali «um templo em honra de Apolo», em Alves (1971: 80).

⁷ Orig. «sintira».

⁸ Orde recta: pois nada lhe custara amar a Lília, Apolo nom sentira esta fraude se amor com tanto fasto se não rira.

⁹ «Ninfa do rio Permesse, que corre jundo do monte Hélicon. Foi transformada em fonte inspiradora dos poetas e consagrada às musas» em www.mithos.cys.com.br.

¹⁰ «Fonte consagrada às musas. É a mesma fonte de Hipócrene (fonte do cavalo) que, segundo a fábula, brotou magicamente da terra, no ponto ferido por uma patada de Pégaso, na raiz do monte Hélicon» em www.mithos.cys.com.br.

¹¹ «Ninfa que, tendo fugido às perseguições de Apolo, foi, por este deus, transformada em fonte, ao pé do Parnaso, consagrada às musas, e cujas águas têm a virtude de inspirar poetas» em <http://gold.br.inter.net/gilbert/arghtml/lugares/castalia/html>.

de pasto às travessuras de Cupido¹,
 Lília, que a sacro objecto se destina.
 Promete que já agora o Deus de Gnido²
 dependente será de seus acenos,
 pois nela tem seu Estro demitido³.
 Promete que em castigo dos obscenos,
 detestáveis estímulos que inspira
 aos sordidos misérrimos terrenos,
 Jamais consentirá descaia⁴ a Lira
 da casta mão de Lília, só por quem
 de novo jura o que antes proferira⁵.
 Vê, Tirce, agora tu se te convém
 crer que Lília te adora, e, sem cautela,
 tragar veneno, que doirado vem.
 Ah! Tirce torna em ti, e se por ela
 te sentes animar para o seu culto,
 sabe q[ue] assaz te arriscas a ofendê-la.
 Sabe que em rudes termos, verso inculto,
 frouxos⁶ hinos cantar desentoados
 fora, mais do que obséquio, enorme insulto».

A mim disse a razão, e, se acertados
 os seus ditames são, Lília, discorre
 se serão meus receios mal fundados.
 E se ao falar de ti o furor morre,
 o talento desmaia, e não acerta
 apenas a escrever cousa que não borre,
 Que será se em ca[m]panha descoberta
 minhas queixas puser tendo a teu lado
 Apolo em teu socorro sempre alerta?⁷
 Não, Lília, como tenho em mim tornado
 do primeiro delírio em que caí,
 não deves esperar novo atentado.
 Olhando p[ar]a mim e para ti,
 oh que longa distância entre nós vejo!
 Que às luzes da razão tanto devi.
 De igualar-te não tenho um vão desejo,
 não mo sofrera Apolo, nem pudera⁸
 eu mesma imaginá-lo sem ter pejo.
 De servir-te, isso sim. Oh quem pudera
 os meios conseguir de poder dar-te
 provas dessa verdade tão sincera!
 E Tu, se alguma coisa te mereço,

¹ Orig. «copido».

² Cidade da Dóride onde se encontrava umha famosa estátua de Vénus esculpida por Prassitele, e (Pimpão, 1992: 372) umha das ilhas consagradas a esta deusa. É citada por Camões nos *Lúíadas* (V.5.8).

³ Orig. «dimitido».

⁴ O m. q. caia.

⁵ Só por ela jura o que antes proferira.

⁶ Orig. «froxos».

⁷ Se o talento desmaia só com pensar em ti, que será se comparamos os versos em campanha descoberta com Apolo do teu lado?.

⁸ Orig. «poderá».

se de honrar-me não queres dedignarte⁹,
manda, ordena, dispoem, que isso te peço
em prémio, cara Lília, de adorar-te

[8]

Venhaõ, venhaõ; ah desçaõ do Parnazo²
Os fructos prometidos!
Venhaõ, chovaõ depreça, que m'abrazo
Numa cede voraz de beber nelles
Mil tragos escolhidos.
Tu Lilia sobreomana, que m'impelles
No peito um tal dezejo,
Corre, vem saciarme:
Umilde, o bravo Tejo
O pezo hade sofrer: por apreçarme
A vinda apreciavel,
A fresca viraçaõ
Benigna favoravel
As azas baterá:
O sol deipará
Os denços nevoeiros, e a prizaõ
Das congeladas agoas soltará.
Ah Lilia, cara Lilia, não retardes
Os dons, que prometeste!
As noites, as manhans, as breves tardes
Sospirando por elles gatzarei [p. 3]
Só nelles, cara Lilia, cuidarei.
Da cede que accendeste,
Ao menos por acazo,
Não sentirás no peito compachaõ?
Ah! demse a meos gemidos
Os fructos prometidos;
Venhaõ, desçaõ de preça do Parnazo
A saciar a cede, em que m'abrazo.

[9]

Delirio saudoso
A Lilia
Ode Anacreóntica

Porque? porque meo dezejo,
Se me leva alem do Tejo;

⁹ Rebaixar-te.

² «Estremoz 27 de Novembro».

Se nesse valle me lança,
Onde entre as graças descança
Essa Nynfa delicada;
Por quem d'amor inflamada
Trago a mente em vivo ardor,
Porque não vence d'Amor
Que seos milagres ostente,
Transformando-se em Virente
Laurea rama destinada
A ornar de Lilia a fronte sublimada?

Ah! porque me não converte
Em vistoza branda fita
Que a bella trança lhe aperte?
Por que, se em meo peito grita
D'abraçala um vão dezejo,
Por que em vò me não transforma,
Conque serve ao casto pejo,
Quando o lindo peito adorna?

Se o terno canto lhe inspira,
Porque em doce, eburnea Lyra
Me não manda transformar,
Em que possa Lilia achar,
Fiel, constante armonia?
Ah! que então Lilia faria,
Quando os dedos delicados,
Pelos pontos regulados
Agitasse com destreza,
Que se abrandasse a aspereza
Desta voz enrouquecida,
Que de clamar por Lilia, está perdida.

Porque em branda, fresca relva,
Onde Lilia peregrina,
Nessa oculta verde selva,
Pela sesta se reclina,
Me não tem ja transformado?
Ou em Zefiro amorozo,
Que vizinho ao rosto amado,
Brando gira bulliçoso?

Porque em vazo cristalino
Circulado d'oiro fino,
Em que a liquida frescura
Lilia rouba à fronte pura,
Quando à boca quer chegar,
Me não deixa transmutar?
Mas que digo? eu não mereço
Isto mesmo que apeteço

Ah! que Amor de mim zombava
C'os desejos que inspirava!
Cara Lilia, não te enfade
O delírio da minha saudade.

[10]

Assim como no inverno regeládo¹
As marítimas Ninphas tiritando
Estão Padre Oceano [estão cercando]² rodando [sic]
[Lá]³ no fundo [la]⁴ do mar [triste]⁵ frio e salgado

E nem o pescador lasso e forçado
Que as praias cuidadozo anda cercando
se apercebe do [ma]⁶ como estão paçando
As nereidas do Pego/Centro⁷ prateado

[Assi]⁸ [Tais são]⁹ tres corações [q]¹⁰ somergidos
Das angustias crueis, no grau supremo,
Solução sofucados, [oprimidos]¹¹ e esquecidos

Ah quanto dura sorte, quanto temo
Que o som dos sentidicimos gemidos
Nem já fira os ouvidos de Palêmo

[11]

E falto de substancia
Vem cair no estado da ignorancia.

De minhas reflexoens preocupada,
Assim, querida Lilia, então dizia;
Mas sabe Amor, que não te compreendia,
Na espece, que deixei moralizada.
Teus versos m'arrebataõ;
E mais, quando retrataõ

¹ «Fez annos tua May».

² Riscado.

³ Riscado.

⁴ Entre linhas.

⁵ Riscado.

⁶ Riscado.

⁷ Pegro sobre Cetro.

⁸ Riscado.

⁹ Entre linhas.

¹⁰ Vários riscos, entre linhas.

¹¹ Riscado.

A bella perfeição
Na moderada tua locução.

Quando dizes, que *só entre Pastores*
A voz podes soltar: digo eu que sim:
Mas teus Pastores saõ, que quanto a mim
Bem podiaõ chamar-se Graõ-senhores.
Phebo sendo Pastor,
Naõ foi peor cantor.
Bem podes tu cantar
Onde Phebo te pode acompanhar. [p. 1]

Mas tu nessa umildade, comque intentas
Encobrir teo saber e perfeçoens,
Me daz materia a novas reflexoens,
Comque o respeito em mim mais acrescentas.
Troussestem'a memoria
A já narrada historia
Da curvada romeira,
Com bem melhor dotrina, q^e a primeira.

A grandeza do teo merecimento
Te encurva p^a a terra por saber
Que o mais firme edificio, esse ha de ser
Que mais profundo tenha afundam^{to}.
Mas nella se descansas
Hum novo esforço alcânças,
Qual a antiga nação
De Gigantesca, falça geração.

Canta, Lilia adorada a voz levanta
Em onrada virtude altos louvores
Bem podes entoar entre Pastores [p. 2]
Qu'os eccos retumbaraõ na Siaõ santa
Mas nunca empregues mal
Esse estro sem igual
Assaz Tirse conhece
Que taõ divino canto naõ meresse.

[12]

Tu cantas-te de Laura a formozura,¹
Eu, Petrarca, a belleza de Leonor: [p. 3]
Quando sedo a teu canto na doçura,
Tanto o venço na cauza, e a ti no amor.

¹ «Lisboa 27 de Dezembro de 1780».

[13]

Bella /mas por lizonja/ ouvi chamar-me.¹
Naõ causa horror meu gesto, nem namora;
E qual d'um vivo amor victima fora,
Pela amizade sei sacrificar-me

Hum genio todo fogo, d'arriscar-me
Naõ [instantes] perde hum so instante; mas senhora
se fez delle a razaõ, e a vastadora
chama, faz que só sirva d'animar-me

Docil, firme, e sincera, sem vaidade
Digo o pouco, q sei, e me contento
De pezada naõ ser á sociedade.

[14]

Testemunho de gratidaõ- Idilio- A Lilia

Eu ja vi, na Vindima, as ebrias festas
De Bassareo em onra cosagradas;
Sobre os untados odres aventados,
Bem vi saltar vinhozinhos daçadores;
E com frequentes quedas ás Bachantes,
Ás serranas fazer soltar rizadas,
Que as florestas vizinhas atroavaõ.

Nos altares de Ceres immollar
As tres victimas vi, com que termina
A solemne Ambarval ouvi os hymnos
Dos pobres lavradores, cujos eiccos
Tristemente correndo pelos valles,
Soavaõ na montanha enternecidos

Bem vi já, na viçosa Primavera
Ao tosco Deos d'Arcadia erguer altares;
E a cornigera fonte guarnecer-lhe
De rozas, e boninas misturadas
Com murta, e madresilva. Entorno d'elles
Vi dançar as Pastoras, e invejozas
Ás Nynfas vir correndo à competencia,
Nunca vistas choreas inventando

Cantavaõ-lhe os Pastores docemente
Em terno desafio, uns seos amores;
Otros os de Vertuno, otros de Flores
As bellas maravilhas: Qual da luta
Por preço huma novilha assignalava;
Qual intonça manchada cordeirinha

¹ «Lisboa 6 de Agosto de 82».

De feytoens de boninas guarneçada
Ao Deos offerecia, e das disputas,
Juiza nomeando a sua Pastora,
Ao vencedor em premio destinava
Hum cajado de zimbrow retorcido,
E em vergonteas subtiz todo enredado.

Entre as frondozas arvores, occultos
Os ninhos tinhaõ já entretezido
As aves deligentes; e os consortes,
Enquanto as mays os ovos incubavaõ,
De ramo, em ramo allegres lhes faziaõ
O trabalho suave, co'a cantiga,
Que lhes inspira a destra Natureza

A fonte, o prado, o rio, o brando vento,
O mesmo ballir do gado repetido,
No peito m'infundia taõ suave,
Taõ serena allegria, qual na corte
Nunca pude provar, por mais que fosse
Astuta em fabricar novos prazers
Essa arte, que do fausto s'alimenta,
Quando as eroicas scenas representa

Eu julgava que o campo me daria,
/se terno, devoto, allegre, procurasse/
Tudo quando podesse contentar-me
Mas ah! querida Lilia, eu ignorava
Que em teos versos havia um novo encanto,
Que a todos superasse. Quando a lyra
A morte temperava, em si sentia
Naõ sei que brando som, que dissonante
Qualquer outra harmonia me ficava,
Esse mesmo fastio, que da Cortel,
Os silvestres prazeres innocentes
Me tinhaõ inspirado, assaz provava
A seo respoeito, quando ex--miozas
Onradoras canções la m'entoavas.

Mas oh!quanto mais doces movimentos
Me fez provar o canto delicado
Qu'em onra d'amizade compozeste!
O Zefiro fiel que convidaste,
soprado brandamente o repetia,
E aos ouvidos, veloz, quando chegava,
Cantar-mo pertendia. No meo peito
Despertaraõ-me os eccos a ternura,
Da pezada tristeza comprimida;
E com mudos suspiros explicar-se
Ao menos perendeo; pois que naõ podem
Em reguladas voces exprimir-se

Movimentos de impulso enternecido.

Então entre mim mesma recordando
A doçura do nectar deleitozo,
Que aos Deozes aliment, a suavidade
Do melifluo succo, que as abelhas
Nos favos depositaõ, tudo pôco
A comparar a doce melodia
De teo suave canto reputava.

Em teo Louvou não posso, Lilia Amada,
/Por mais que a voz levante, o peito esforce/
Dizer coiza que justa corresponda
A teo genio sublime, e delicado.
Mas pode a gratidaõ d'alma fiel
Seos votos repetir, ao ceo clamando,
Que em ti derrame os dons, que reservados
Em seos tezoiros tem para a virtude.

Elle faça que sempre os teos cordeiros
De brancos finos vellos se revistaõ;
Sem que loba roaz, fome ou, morrinha
Ataquem teus rebanhos! Elle queira
Que o fecundo armentão ja mais falte
Em produzir os filhos, dar o leite,
Em abundancia tal, que ao passageiro
Nunca se negue o tarro tresbordando!
Elle faça que as vinhas te produzaõ
Vermelho groços caxos bem maduros;
Sem que seja percizo na cultura
Empregar o suor de rudes braços!
Elle faça crescer em teos celleiros
As doiradas sementes, sem que seja
Percizo as semealas, verter sangue
De toiro embravecido, mansa ovelha
Ou grunhidora rez para alcançar
A sollida esperança de colheita!

Elle a paz te introduza na cabana,
E com fructos d'Amor constante, e puro,
As ternuras te pague da amizade,
Que Tirse, a fiel Tirse, te merece!
Que em tanto eu gravarei no lizo tronco
D'uma roliza faya /que entre as nuvens
Parece que a cabeça occultar queira/
As letras de teo Nome em testemunho
Da minha gratidaõ, farei que seja
Nos campos Transtaganos venerada
Por todos seos Pastores; que os que forem
Mais gratos as Camenas /que te adoraõ/
Em torno della venhaõ reverentes

Implorar os auspícios d'armonia,
 Quando os hynnos quizerem concertar
 Em onra da virtude, que aprendendo
 Teo Nome a repetir, a respeitalo
 Aos vindeiros ensinem, referindo
 O Letreiro, que o tempo /o voraz tempo!/
 Lhes tenha talvez vez gasto, e que dizia:
 “De Lilia ao Sacro Nome esta alta faya
 Consagrada he, Pastores, respeitaya.

[15]

Vizaõ Petica- No dia dos annos d'Alfido-Soneto

Oh que doirado fio o que enrolava
 No ferrugento fuço a Parca astuta!
 Eu vi-o e taõ bem vi que rezoluta
 A trossos a cortalo s'ensaiava

A massaroca poco inda avultava,
 E bem que escura fosse a fatal gruta
 Onde a vida dos omens se disputa,
 Eu mil prodigios nella devizava.

Cada fio a virtude distinguia
 Por uma nova graça, pertendendo,
 /Talvez/ frustrar o corte preparado.

Amor, isso por mim lhe requeria;
 Ella responde; *ha m^{to} que pertendo*
Fazer q Alfido viva eternizado.

Cauda

Isto vi, Caro Alfido, meditando
 De teos dias a serie virtuoza.
 S'ardente a fantezia,
 A scena deleitosa
 Aos olhos me fingia
 O Clamor da razaõ, com voz sonora
 Me estava no peito retumbando,
 E em fraze encantadora
 Mil versos repetia
 Alfido de virtudes adornado
 He digno de viver eternizado.

Antusiasmo da amizade
Sextinas
destinadas a celebrar o feliz dia dos annos da Il.ma e Ex.ma Formozicima Discreticima e
Amanticima Lilia de Tirce

1.^a

Aqui nesta fragoza penedia
Testemunha fatal do meu lamento;
Aqui mesmo, onde a dura tirania
Da saudade fabrica o meu tormento;
Aqui, Lilia adorada, espero o dia
De teu fausto, sublime nascimento.

2.^a

Vós agrestes roxedos, q^e. escutasteis
Meus aflitos clamores, meus gemidos;
Vos medonhas cavernas, q^e. os guardasteis
Para mos repetires mais compridos;
Vos sulfureas correntes, que engroçasteis
De meu pranto c'os impetos crescidos

3.^a

Tu, pego invadiavel revoltoso,
que uãs vezes as praias aloitando,
Com bramidos atroas furiozo
Esta orrida montanha, outras mais brando
Se pellas roxas trepas espumozo,
Parece que com ellas vais brincando;

4.^a

Quietos escutai, placido atende
De minha voz o canto dezuzado.
Elle, por vos, de lilia o nome estende,
Nome, q^e. Amor no peito trás gravado;
Nome, q^e. dilatar a Fama imprende,
Mas p^a. q^e. não tem comdigno brado.

5.^a

Afastai-vos imagens espantozas,
Ferveis impreçoês do meu pezár;
Fuji, fugi de mim caliginozas
Acerbicimas furias d'um lugár,
D'onde a Pas, a Alegria deleitozas,
Costumais de continuo afugentar.

6.^a

Descei, descei do Pindo alvoroçadas
Festivas influencias: adornaime
De ramas escolhidas, esmaltadas
Das, flores mais vistozas, inflamaime
D'Apollineo furor, e as delicadas

As nobres expreçoës, vinde encinaime

7.^a

Oh dia, mais q^e. todos felis dia!
Dia digno de seres celebrado
Entre as Ninfas, com doce melodia,
Entre as Muzas, em coro sublimádo;
Dia q^e. a Antiguidade marcaría
Com o Candido marmore illibado.

8.^a

Apréssa-te em chegar, ja q^e. renovas
A memoria do fausto nascimento
Daquella cujas graças, sempre novas
Da natureza são bello ornamento;
Apressa-te em luzir, pois q^e. me provas
A justica [sic] do meu contentamento

9.^a

Mas la do fim das ondas vejo alçar
D'Aurora a branca fronte illuminada
De Candido Esplendor, q^e. divizar
Mil bellezas me fas: não, desgrenhada
A madeixa não tras; placido o mar
Não lhe impede q^e. venha concertada.

10.^a

Naõ de purpureas rozas, de fulgentes
Rubins, oje se toca preciozos:
Dos tomados cabellos tras pendentes
Em fios deziguais, e numerosos,
Naõ d'Aljofar comum, mas d'excelentes
Perolas, os festoës mais primorozos.

11.^a

A nevada garganta enriquecida
Tras de grandes safiros de mistura
com soberbas granadas; vem cingida
Por sima d'uma argentea vestidura
Com cinto de topazios q^e. luzida
Tem de brilhantes fulgida orladura.

12.^a

Naõ vem como outras vezes perguiçoza
sobre o carro estelifero encostada;
Nem como das Estrellas Vergonhoza
Entre o manto da noite rebuçada:
Vem altiva, rizonha, Magestoza
De mil festivos genios rodiada.

13.^a

Mas já o sol s'apressa impaciente,
Em seguirte Titania; ah, corre, voa,
Notícias vai levar deste excelente
E magnífico dia, q de Crôa
A quantos Phebo marca deligente
Serve neste emisferio de Lisboa.

14.^a

Já Phebo revestindo os Horizontes
Vem d'uma nova lus brilhante, e pura?
Parece q^e a rudeza destes montes
Se cobre de boninas, e verdura;
que sulfureas não correm oje as fontes,
que reina a Pas aqui firme, e segura.

15.^a

Com que pomba de luzes vaidôzo
Vem marcar na carreira as doces oras
Deste festivo dia gloriozo?
Detem, detem as rodas voadoras,
Do lucífero carro magestoso
que assas lucras, no giro, q^e demoras.

16.^a

Retarda o movimento, a cada instante
Hum voto te farei, um sacrificio;
E por q^e Amor ordena, q^e oje cante
De Lilia, sacro Deos, sême propicio
que eu formarei um templo, onde constante
Invoque a meu favor o teu auspicio.

17.^a

Não cantarei da tua formozura
Cara Lilia, o graticimo esplendor;
Bem q^e exceda á de Cintia na candura,
Na viveza, á da bella Mae d'Amor.
Nem cantarei as graças [sic] da figura,
Tendo q^e celebrar coiza maiór.

18.^a

Teu claro intendimento, sem igual
Ornado de saber e de prudencia;
Essa doce candura natural,
que os corações atráe sem violencia
A ternura constante, e filial
Inalteravel tua obediencia;

19.^a

Esse agregado illustre de virtudes
que abrigas em teu peito, e com cuidado

Reverente as cultivas, sem q^e mudes
O culto, q^e lhe tems [sic] concagrado [sic];
Esse, bem q^e talves com termos rudes,
Intento celebrár com firme brado.

20.^a

Mas a vos se entorpece! o pençamento
Errante se distrae! as expreções
que em tumulto s'offrecem, n'um momento
Regeito, escolho, e perco! que impreções
Me esta fazendo o teu merecimento
Taõ contrarias ás minhas intenções!

21.^a

Tu Lilia, a culpa tens; culpado Amor
É taõbem desta minha confuzaõ;
Se de tuas perfeições foce a menor
A agradavel, brilhante, multidaõ,
Se eu menos te estimace, sem temor
De ti falara a minha locuçaõ.

22.^a

Á brexa intrepido e vistozo
Um guerreiro, q^e a gloria so pertende,
Arrisca entre perigos animozo
A vida de qual otem não depende;
Se a morte encontra, sofrea generozo,
Pois q^e lhe sobra a gloria do q^e emprende.

23.^a

Mas se d'Espoza, e Pai a delicadas
Prizoês o legaõ, vai (bem arogante
As imprezas buscar mais arriscadas),
No intimo do peito palpitante:
Por si não teme, as victimas amadas,
que arrisca em si, o fazem vacilante.

24.^a

Assim eu rezoluta, m'arremesso
A ventajoza empreza de lovarte;
Mas quando com o pezo as forças meço
Vacillo com receio d'arriscarte;
Não me contemplo a mim, mas estremeço
De q^e possaõ meus verços ultrajarte.

25.^a

Quando d'otros escrevo não me asusto,
Se Phebo não m'inspira, não prezisto;
Um dezejo me guia onesto, e justo,
D'asertar no caminho; porem s'isto
Não chego a conceguir, com poco custo

sofro o mal, se da gloria não dezisto.

26.^a

Contigo assim [sic] não é: teu claro nome
Mais q^e o meu me entereça, e neste cazo
Justo é q^e outra vereda a Muza tome,
Que dêssa la da Crôa do Parnazo;
Que esta minha ambição modere, ou dome,
que o louvor, a meus votos ceda o prazo.

27.^a

Oh! queira o ceo propicio recebellos
E mais propicio ainda despachalos!
Veja Amor premiados seus desvelos,
Mais tais os premios sejaõ, q^e igualádos
uns e outros conciga! Ah! chegue a velos
Agrario para mais felicitalos!

28.^a

Queira o ceo q^e este dia ao repetir-se
Ao felis Himineo seja votado.
Que Amor, querendo nelle divertir-se
Com a Mãe as prizoês tenha forjado,
Taõ firmes, taõ subtis, q^e dividir-se
Não possaõ a pezar do cruel Fado!

29.^a

As graças, os prazeres de mistura
co'as mais bellas virtudes te rodeiem!
Companheira fiel sempre sigura
A Pas te sigua [sic] sempre, nom medeiem
Entre aquelles q^e amares com ternura,
Vans sospeitas, q^e a mente não recreiem!

[17]

Desafogo da saudade¹

ODE

Agora mais que nunca, ó triste Musa,
Invoco teos favores;
Os prantos da sentida Lamptenusa²

¹ Biblioteca Pública de Évora Cód. CXXXVII_1-6. Colocamos como hipótese que o homenageado seja Pedro de Mello, bispo de Faro entre 1787 e 1789.

² Trata-se de umha forma estranha, provavelmente baseada na *Lampetusa* de Camões (*Lusíadas*, I.46). Segundo Pimpão (1992:301), Camões cria este nome a partir dos de Lampécia e Faetusa, duas das Heliadas citadas por Ovídio nas *Metamorfoses* (II. 1-366) e por Homero na *Odisseia* (XII. 132), entre outros, como as irmãs de Fáeton, convertidas em salgueiros pela maneira desconsolada em que

Ajunta a meos clamores;
Chora comigo chora enternecida
Do Illustre caro Bispo a despedida.

Nem te envergonhes de chorar saudosa,
Mostrando covardia,
Aquelle que he saudade lagrimosa
Da Lusa Fidalguia,
Da veuva, da Orfãa, e do Pupillo,
Que nelle achava Pay, achava asillo.

Desvalidos do mundo e da ventura
Soltai terno lamento:
Ja por vossa e por minha desventura,
Benigno acolhimento
Não achareis, nem mão que vos proteja,
E vos cubra a nudeza que vos peja.

Virtude Sancta filha da Clemencia,
Christãa Humanidade,
Tu lhe dictaste desda innocencia
Ardente Caridade,
Com que ricos e pobres acolhia,
E os de seo Nascimento confundia.

Eu mesmo... eu mesmo... mas a voz co'a magoa
Nas fauces se embaraça,
E o coração arddendo em viva fragoa
Da pena que o traspaga,
Não permite que eu clame agradecido
Ter delle mil favores recebido.

Quantas vezes ó quantas caridoso,
Do sangue não lembrado,
Do Sangue, digo, illustre e generoso,
De nobres Pays herdado,
Officios do maior abatimento
Lhe vi prestar, nem delles eu me isento.

Porem em vaõ, ó Musa, em vaõ forcejo
Escotar o Oceano;
Em vaõ intento em vaõ do Patrio Tejo,
Mais ~q ousado insano,
As doiradas areas computando,
A num'ro redusir o innumerando.

De suas raras Virtudes, Dom preclaro,
Acordando a memoria,

chorárom a morte do irmao. Os nomes das duas irmãs (Ruiz de Elvira, 1988: 59) tenham significados similares -«brilhante» ou «resplandecente» e a variante utilizada por Mello Breyner parece querer evocar de maneira máis evidente as origens gregas do nome.

Se intentasse apesar do tempo avaro
Tecer a longa historia,
O dia, o mez, o anno em fim passara,
Mas eu de as referir nunca acabara.

Ó tu fragil Baixel, que dividindo
As ondas prateadas,
Ufano de meos olhos vas fugindo
A velas despregadas:
Tem de mim compaixão, que o meo tormento
Mover pode hum madeiro a sentimento.

Vols de Neptuno Cidadãos lusentes,
Das agoas moradores,
Deichai todos os postos competentes,
E em festivaes clamores,
O Escaler em torno rodeando
Ide sonoros hymnos entoando.

Porem ja voz em grita os Remadores,
«Leva remo» bradando,
Em terra soltaõ, mil cheirosas flores
Sobre ella derramando,
Os Povos de seo Bispo desejosos,
Aos Paços o condusem magestosos.

A Fama das Virtudes do Prelado
Precede a cometiva,
De hum lado o Zelo sancto, e de outro lado
A Clemencia attractiva.
Sobre o Sancto Pastor o ar talhando
A Piedade e a Justiça os braços dando.

Ditosa Faro, ó tu feliz mil vezes!
De galas te reveste;
Nem da Fortuna temas os revezes,
Por~q do Ceo m'receste
Douto Prelado, confusão dos Nobres,
Exemplo de Pastores, Pay dos Pobres.

Eu te imagino muito mais brilhante
Do que Roma algum dia,
Quando dos inimigos triunfante
Alegre recebia,
Cheios de heroicos feitos mais que humanos
Os Cesares, os Titos, e os Trajanos.

E tu, Musa gentil, não desampares
Hum triste descontente,
De porto subiraõ os meos pesares
De ti estando ausente:

Neste visinho denso Bosque entremos,
E o pranto desatado ao Ceo clamemos.

As agoireiras Aves revoando
Em torno do corrente,
Por torcidos caminhos murmurando
As agoas brandamente,
Convidaõ a chorar os afligidos,
Sem que escutados sejaõ seos gemidos.
Vos Ledos Passarinhos, que a profia,
Por entre a verde rama,
Cantando encheis o Bosque de alegria,
Quando se Apollo inflâma,
Naõ divirtais meu pranto miserando,
Pois triste viver quero e suspirando.

Pendente aqui desta: arvore silvestre
A frauta desditosa,
Ja mais eu cantarei vida campestre,
Ou guerra pavorosa;
Somene, Alto Senhor, o ar ferindo,
Irei teo Nome Excelço repetindo.

Triste Canaçaõ se por feliz ventura
Vas do Bispo á presensa,
Pinta-lhe minha infausta sorte escura,
E minha dor intensa:
Ante seos Pés humilde prosternada
Por mim lhe beja a nivea Maõ sagrada

Da [Sn^r-] Condeça de Vimieiro¹.

[18]

Marquez eu naõ te insulto: naõ me toca
Conhecer de teus factos a maldade;
E reputo grande felicidade,
Naõ ter em tal assumpto, que abrir boca:
Eu detesto do vulgo a furia louca,
Com que de clama a tua iniquidade;
Se inerte supportuou tua crueldade
Por que insolente agora se desboca?
Magoame o teu mal; e da consorte
Enternece-me a misera desgraça
Longe dos seus, da Patria, athe da Corte:

¹ Anotaçom feita, provavelmente, pola mao Frei Manuel do Cenáculo.

Mas o que mais me magoa me trespassa,
He ver quam pocos lem na tua sorte
Que bens, miserias, pompas, tudo passa¹

¹ Biblioteca Nacional, *Collecção de Poesias Varias Grande parte dellas dignas de toda a estima: assim pela sua raridade; como pelos seus Auctores*, 1792 (Cod. 6694).

Reflexoens Moraes

Oferecemos na continuação uma série de quatro poemas agrupados sob o título «Reflexoens Moraes»¹. A única autoria certa é a de Leonor de Almeida, identificada aqui com o pseudónimo Lília, mas das referências a Tirse que aparecem num deles, deduzimos que pode tratar-se de um diálogo poético entre ambas.

Reflexoens Moraes

Soneto

Da Ill.^{ma} Lília, vizinha a despedir-se
de seo Excellente Irmão

As oras voadoras vão trazendo
O instante fatal d'uma partida,
Que dos goztos ligeiros desta vida,
Hum retrato funesto esta fazendo.

A sociedade amavel entretendo
Esteve a paz, por pouco possuida,
Que em magoa, pela dura despedida,
No aflito peito sinto hir convertendo

Comque orrores a pallida tristeza
Cobre o circulo breve de meos dias!
Martiriza a sencivel natureza!

Como avendo pezares tão tiranos
E almas nobres que adorna a singeleza,
São tão poucos os santos dezenganos?

¹ IAN-TT, Nucleo Casa Fronteira-Alorna, n.º 163.

Soneto

Glozando e respondendo ao ultimo ver
so do antecedente

Que importa, que os brevissimos instantes
Sepulcros sejam d'otros, que passaraõ;
Se o mal, em que os primeiros se empregaraõ,
Naõ produzir a emenda dos restantes?

Que importa, que retratos semelhantes
Sejam dos vaõs prazeres, que voaraõ,
Se delles nem apenas se escutaraõ
Os remorsos continuos, e picantes?

Pelo mal, pelo bem, sem reflexoens
Vaõ levando o seo giro oje os mundanos,
Sem contristar alguma das paxoens.

Esta a cauza fatal de tantos danos:
Por estas e por otras sem razoens
Saõ taõ pocos os santos deenganos.

Soneto 2.º

Da mesma Ex^{ma} Lilia incomparavel

Entregue a meos pezares, inspirada
Por acerbos tristezas, certo dia,
Do cume d'essa agreste serrania,
Lancei longe de mim a lira amada.

Huma noite, emque aflita, magoada
Pelo sombrio valle discorria,
Devizo Amor, que sobre ella dormia
Jundo ao tronco d'uma arvore copada.

Devota adoro o tenro [sic] Deos de Gnido,
E recolho outra vez o instrumento,
Que as selvas abrigaraõ, por perdido.

Firo a corda: *quem buscas pençamento?*
Principio a cantar; segue o sentido
Tirse, Tirse responde o brando acento.

Sonetos

Inspirados pelo antecedente

Lilia encontrando Amor adormecido
Sobre a Lira, que tinha arremeçado
Lá da crôa do monte, por enfado
Injusto, contra as Muzas concebido;

Sintio d'error o pecto commovido
E rapida o instromento desprezado
Torna allegre a tomar; mas sem cuidado
Cahir deixa a cabeça de Cupido.

Elle acorda, á pancada, e balbuciente
solluçando, com voz truncada jura
Implacavel vingança ao delinquente,

Quiz levantar-se; a lira então procura;
Mas vendo que lhe falta impaciente
Atrôa com bramidos a espessura.

***Apêndice V: Idéa de hum elogio historico de Maria Theresa
Archidukeza de Austria***

IDÉA
DE HUM ELOGIO HISTÓRICO
DE
MARIA THERESA
ARCHIDUQUEZA DE AUSTRIA,
Imperatriz Viuva, Rainha Apostolica de Hungria,
e de Bohemia, Princeza Soberana dos Paizes
Baixos
escrita em Francez
POR M. M****

Lisboa
Na Officina de FRANCISCO LUIZ AMENO.
M.DCC.LXXXI.
Com licença da Real Meza Censoria

Nec verbum verbo....

Horat. Epist. ad Pis. 132

IDÉA DE HUM ELOGIO HISTORICO
DE
MARIA THERESA
ARCHIDUQUEZA DE AUSTRIA, &c.

Se houve no Mundo huma Princeza maior que todo o elogio pela sua gloriosa reputação, Essa foi certamente aquella Soberana Illustre, cuja Vida toda consagrada à Felicidade de seus Póvos lhe alcançou que a Gloria assinalasse toda a sua carreira, e que a veneração do Universo, e a admiração de seus mesmos Inimigos a collocassem na ordem dos maiores Homens.

Convencida de huma tal verdade, não intento tecer-lhe o Panegyrico; limito-me unicamente a fazer huma leve compilação dos sentimentos, que as Virtudes, as qualidades heroicas, e attractivas, os revézes, e os triunfos de MARIA THERESA geralmente inspirarão.

O seu Reynado fôrma huma Epoca tão brilhante na Historia do Mundo actual; apresenta hum aggre [3] gado tão pasmoso dos talentos proprios para governa-lo com gloria, que as menores circunstancias são nelle de importancia summa. As suas Virtudes, as graças do seu character offerecem huma infinidade de particularidades tão preciosas para a admiração, como para a sensibilidade; mas o assumpto he mui vasto para ser tratado aqui em toda a sua extensão; e as restricções indispensaveis neste caso, interrompendo a série de factos cada qual mais interessante, nos privarão de mil acções admiraveis, que enchem a sua Vida pública, e particular, e cuja simples exposição bastara sómente para fazer-lhe o mais bem provado, e constante elogio.

Se he impossivel huma narração exacta, não he menos difficil huma atrevida escolha entre os sucessos, que sempre illustrarão o character sublime desta Princeza immortal; da qual parece que a Providencia não dispoz as qualidades senão a fim de mostrar com mais realce este admiravel Modélo da conducta dos Principes nas circunstancias mais difficeis, e complicadas.

MARIA THERESA enriquecida de todos os dotes naturaes, possuindo igualmente as Virtudes, que estabelecem a felicidade dos Póvos, e os talentos, que dilatao, e asseguraõ os Imperios, teria excitado a admiração em todos os lances da sua Vida; e a Fama a houvera sempre collocado a par dos melhores, e maiores Reys; teria porém faltado á sua gloria hum character particular, de que a Historia não offerece exemplo, se limitada ao exercicio pacifico de huma Potencia nunca accõmettida, não fosse provado seu Heroismo com innumeraveis diffi [4] culdades, que assinalarão logo o principio do seu Reynado; no qual, superior sempre á concurrencia dos negocios, sempre mais admiravel nos perigos, o numero, e os esforços de seus Inimigos a fizeraõ mais amavel, e sublime: e as vantagens ganhadas sobre suas Armas pareceraõ méros acasos, e consequencias ordinarias da incerteza da Guerra, e da natureza das circunstancias; ao mesmo tempo que as suas prosperidades as deveo sempre a si mesma; foraõ sempre o fructo da sua constancia, e do seu genio, que supéra obstaculos; que inspira entusiasmo de valor no coração de seus subditos; que da mesma inconstancia da Fortuna tira novos meios de defensa, e novos titulos á Immortalidade: milagre continuo, a que só faz verosimil o conhecimento do seu character, e dos seus talentos.

Henrique IV, conquistou a sua Herança assim como MARIA THERESA. Esta similhança com hum Rey, a que a França com tanta justiça dá os titulos suaves, e gloriosos de Bom, e de Grande, fez sempre impressaõ em todos os que fallaraõ desta Princeza, com quem a Posteridade ha de igualmente comparar todos os Soberanos, cujas Virtudes, e gloria quizer exaltar. Porém o Heróe da França era hum homem; e a vasta

Herança da Casa de Austria foi defendida, e reconquistada por hum Mulher, a quem o seu inimitavel, e vigoroso talento, as suas Virtudes, e a sua profunda sagacidade conduzindo-a sempre pelo modo mais proprio, e capaz de dilatar o zelo, e a adoração de seus Vassallos, defenderão na morte de Carlos VI. contra os esforços da maior parte das Potencias da Europa. [5] persuadidas de haver segurado a occasião de anniquilar a preponderante Auctoridade de hum Casa, cuja grandeza, e gloria havia ateado tanto ciume, e tanta emulação.

Contando apenas vinte e tres annos de idade era MARIA THERESA a Herdeira unica daquella Casa por tão longo tempo formidavel; e esta Princeza, que depois se fez immortal, não era naquelle tempo conhecida senão pelo esplendor de hum Belleza Divinal, e pelas virtudes suaves, e attractivas, proprias de hum sexo mais geralmente sensivel, e tímido, que intrépido, e magnanimo; mas o valor heroico, e superior talento, em que se fundava o seu character, mostraraõ em breve tempo a toda a Europa assombrada, que a mais bella Rainha do Mundo possuía todas as qualidades de hum grande Rey.

Debalde a Herança da Archidukeza Rainha havia sido affiançada pela Pragmatica Sanção: debalde aquella Princeza regulada pela sua propria equidade, e pelo seu respeito á Religião do Juramento julgava poder-se abandonar a hum segurança fundada sobre as convenções mais authenticas, e sobre os mais bem estabelecidos Direitos; porque as reclamações multiplicadas, e as hostilidades, que se seguiraõ, em breve tempo lhe mostráraõ com evidencia, que a Ambição se apodera de todos os pretextos, e desfaz os contractos mais solemnes, e mais sagrados, logo que julga poder empregar a força impunemente.

A Historia daquelles tempos desgraçados he hum continua imagem da gloria pessoal de MARIA [6] THERESA. Todas as almas capazes de admiração recordaõ com entusiasmo as differentes occasiões, em que a sua nobre intrepidez lhe inspirou sempre o partido mais heroico, o qual vinha a ser tambem o mais util pela impressaõ, que fazia tanto nos Vassallos numerosos da Casa de Austria, como sobre os Inimigos da Herdeira Augusta de seus Dominios, e Virtudes; huns inflammados por aquella magnanimidade vigorosa compelliraõ o seu zelo até as raias da adoração, e deraõ prodigamente todas as possiveis provas de fidelidade, e valor a fim de conservarem o imperio de hum tal Soberana; outros soffreraõ a consternação de encontrar n'uma Princeza de tão poucos annos o espirito, e firmeza de hum Heróe.

Este titulo de Heróe, que a lisonja, ou o medo esperdiça tantas vezes, dando-o sem reparo aos mais culpaveis, favorecidos da Fortuna, pertence unicamente á nobre, e pessoal intrepidez, que defende legitimos direitos, supéra verdadeiros perigos, e finalmente triunfa por meio da Prudencia, e do Valor.

Se alguma vez pois se vio desempenhado o character do verdadeiro Heroismo, foi certamente nesta, em que hum Princeza se cobrio da gloria mais pura, defendendo o seu Patrimonio; e para quem esta mesma gloria não foi mais que hum dos grandes titulos para a Immortalidade, que lhe assegura a dobrada uniaõ de todas as Virtudes uteis, a todas as qualidades heroicas. MARIA THERESA respondeo logo ás differentes Propostas, que se lhe fizeraõ da desmembração dos seus Estados, declarando a todos [7] os seus Contendores, que estava na firme resolução de nada ceder da Herança de seus Maiores, e de a defender até o ponto da morte.

Esta declaração, em que respirava a nobre altivez do sangue de tantos Imperadores, e o Heroismo pessoal da Rainha, foi hum como presagio das maravilhas do seu Reynado; e os numerosos Inimigos, de que logo se vio cercada, os mesmos revêzes, que por algum tempo retardáraõ a pacifica posse do seu Imperio, não serviraõ mais que de fazerlhe completar a vasta extensaõ do seu merecimento.

Alexandre, vencedor dos Persas, envergonhava-se da facilidade das suas

victorias, e pedia hum Competidor á Fortuna. Não era bastante para engrandecer o Nome de MARIA THERESA ter que combater contra o valor, e o numero; a Gloria concedeo-lhe o que pedia Alexandre, allistando entre os seus Inimigos hum Monarca, cujos talentos Militares, e Politicos eraõ bem superiores ao valor de Poro.

Entaõ foi que começou aquella brilhante emulação dos Espiritos sublimes de MARIA THERESA, e Frederico. Todos sabem com que independente soberania renunciou os offerecimentos deste Principe destro em se aproveitar das circunstancias para estender os seus Dominios; mas estas mesmas circunstancias davaõ novo vigor á constancia de hum Princeza incapaz de ceder ás impressões do medo; e para quem o excesso do perigo nunca produzio mais que augmento de intrepidez.

A invasão da Silezia, a approximação dos Exer [8] citos Bavaro, e Francez ao centro dos seus Dominios servio unicamente para dar-lhe a conhecer quanta era a necessidade de oppôr o seu talento, e a sua firmeza às vantagens, e ao numero de seus Inimigos.

O nascimento de hum Filho deo-lhe hum novo titulo de constancia neste momento de perigos. Entaõ foi que a ternura do amor materno dando mais hum impulso ao seu valor fez que a alma mais sublime, e mais terna conhecesse toda a energia de hum taõ agradável obrigação como a de conservar para o Filho de tantos Reys a Herança de seus Antepassados.

O Rey da Prussia com tudo ganhava Batalhas; o Eleitor de Baviera havia tomado Lintz; o ajuntamento da primeira Divisão do Exercito Francez com o de Baviera estava feito, e Vienna ameaçada. Tudo parecia encaminhar-se á total ruina de hum Princeza, a quem o Mundo julgava sem defesa. Mas que poderosos defensores não eraõ para Ella o seu Espirito, e a sua Constancia, o amor, e o esforço de seus Vassallos! Esta porém inimitavel constancia não lhe provinha de alheio soccorro: o seu mesmo coração a produzia, e a sustentava. Sendo geral a consternação, o desalento affrouxava até os mais acreditados Ministros; e tanto, que houve quem se atrevesse no Conselho a propôr a Cessão da Bohemia ao Eleitor de Baviera. Entaõ MARIA THERESA levantando-se indignada repete a sua primeira delcação: *Nada cederei; defenderei até á sepultura a Herança de meus Pays, o Patrimonio de meu Filho; a força do meu direito, e o meu pro* [9] *prio valor me restaõ contra tantos Inimigos.* Taes foraõ as palavras de hum Mulher.

Similhantes á voz de Tirtheo estas palavras magnanimas foraõ a impulsão do valor. Em vaõ os Postos avançados do Exercito Francez estaõ já ás Portas de Vienna; desfaz-se a imagem do pergo; ninguem vê mais que MARIA THERESA, a gloria de defendê-la, e o Egídio impenetravel da sua Constancia.

Certa do amor, e ardor guerreiro de seus Vassallos, deixa Vienna em segurança, e vòa ao seio daquelle Povo bellicoso, cuja idolatria lhe tinhaõ já affinação a sua beneficencia, e as suas qualidades sublimes. Apresenta-se á Nação Hungara congregada, sustentando nos braços aquelle recém-nascido adorado Filho, já retrato da belleza de sua Mãe, em quanto não podia ser copia das suas Virtudes: *Eu ponho nas vossas mãos* (disse a Rainha exprimindo-se na lingua dos Cezares) *a Filha, e o Filho de vossos Reys; accommettida por innumeraveis Inimigos, abandonada dos meus Amigos, perseguida pelos meus mais proximos Parentes; não tenho outro recurso que o da vossa Fidelidade, do vosso Valor, e da minha Constancia.*

Esta linguagem verdadeiramente heroica, este brado de valor, e do sentimento retumbou em todos os corações. Mil ferros banhados em lagrimas se levantaõ n'um instante; e o juramento mais verdadeiro da constancia, e da fidelidade se repete por aclamação nestas energicas palavras: *Morrámos todos por nosso Rey MARIA THERESA.* A Hungria em pezo se quis armar: todas as Idades, to [10] dos os Estados quizerão participar do mesmo entusiasmo: a Infancia, como a Velhice esqueceo-se da sua natural fraqueza; morrer pela Rainha era o voto commum, o brado universal. Os

Guerreiros encanecidos debaixo do mando de Eugenio indignavaõ-se contra o nome dos Inválidos, e reputando em pouco os louros de Belgrado, e de Petervaradin, se não participavaõ da honra de morrer por MARIA THERESA, vinhaõ offerecer-lhe o resto de seus membros mutilados, exclamando com lagrimas: *Ainda nos resta hum braço, e o valor não envelhece.*

Esta sublime influencia do Espirito, do Valor, e da Belleza risca tudo o que a Historia dos Tempos Heroicos nos refere de mais maravilhoso. A narraçaõ deste successo taõ vivo, como terno fere a imaginaçaõ, inflamma os corações, e recorda n'um momento aos Vassallos de MARIA THERESA todas as Virtudes, todas as qualidades, que a distinguiã: o seu valor, a sua beneficencia, a sua bondade, as suas graças divinas; cada hum imagina que a vê; crê que a escuta; inveja o entusiasmo dos Hungaros; mas a Grande Imperatriz espira. Este pensamento faz succeder ás lagrimas deliciosas da sensibilidade, e do agradecimento os soluços da mais cruel desesperaçã. He morta; e tal he o modo porque foi amada. Ó Vós, a quem os seus braços sustentavaõ, e que augmentaveis o espectavel daquella Scena taõ nobre com o sangue as Virtudes, e os talentos, que fizeraõ taõ amado, e taõ glorioso o seu Poder; Augusto Herdeiro do seu Throno, e do [11] nosso amor, a vossa Imagem nos arranca de huma taõ funesta representaçaõ. Existem todavia as qualidades heroicas, e benéficas de MARIA THERESA; e o Reyno de Joseph será assinalado como o de sua Mãe pela felicidade, e absoluta submissã de seus Vassallos.

O sentimento não soffre ordem nas materias. Mal haja aquelle frio, e methodico talento, que preocupado com a idéa de MARIA THERESA no momento, em que a Morte a arrebatava ao amor das Gentes, poder seguir exactamente a narraçaõ dos successos do seu Reynado, negar-se ás violentas distracções da sensibilidade sem chorar a sua morte a cada rasgo das maravilhas da sua Vida.

O entusiasmo dos Hungaros diffundio-se por todos os Vassallos da Rainha. Em quanto parecia que a Fortuna abandonava huma parte da sua Herança á discriciaçaõ dos seus Inimigos, pondo sobre a cabeça do Eleitor de Baviera aquella Coroa Imperial de taõ longo tempo, e taõ gloriosamente cingida pelos Ascendentes de MARIA THERESA; defensores innumeraveis concorriaõ para vinga-la. As Nações mais barbaras, e mais distantes dos seus Dominios competiaõ com as mais civilizadas. Das margens do Drava, e do fundo da Esclavonia corriaõ os Exercitos de Tropas ligeiras. A Rainha taõ generosa, como cheia de equidade desonerou do jugo da escravidã a todos aquelles, que taõ prodigamente vieraõ derramar o proprio sangue para defendê-la, apertando-os por este lance de beneficencia taõ grato á Humanidade, e sobre tudo ao valor com a mais indissolúvel cadeia do reconhecimento. [12]

Os bons, os grandes Reis moldaõ sempre o character dos seus Vassallos. As suas Virtudes semelhantes aos raios benéficos do Sol que communicã a toda a Natureza o calor, e a vida; circulaõ em todo o corpo da Naçaõ, e excitaõ no coração dos Póvos (cuja felicidade estabelecem) o animo, e o valor; e aquella mesma multidaõ, que se faz inutil, e perigosa debaixo dos pés de hum Dispotico orgulhoso, converte-se em firme apoio do Throno, que adoraõ, quando dominada pelos Trajanos, pelos Henriques Quartos, pelas MARIAS THERESAS.

Mas o amor dos Póvos, o valor dos Soldados, e a constancia da Rainha não bastava só para triunfar de todas as difficuldades, que a cercavaõ; era preciso negociar; reanimar o zelo dos Alliados; dividir os Inimigos; tomar a respeito de cada hum medidas relativas aos seus diversos interesses, e differentes caracteres. O talento porém de MARIA THERESA abrangiaõ todas as partes de huma obra taõ vasta, taõ complicada; e a sua illustre reputaçã não tardou em servir á sua grande capacidade.

O character da verdadeira gloria consiste em inspirar hum interesse geral, que triunfe de todas as considerações particulares. Os Alliados da Rainha, que ao principio

forão debilmente excitados pelos perigos, que cercaraõ os primeiros momentos do seu Governo, agora se reanimaõ pela admiração universal, que ella inspirava. As suas negociações persudiraõ os Corpos Politicos, o esplendor do seu merecimento pessoal inflammou as Nações: até as mulheres dos particulares Inglezes quizerãõ fazer associações para offerecer-lhe hum Donativo gratui [13] to, que a sua magnanimidade recusou com reconhecimento; e os subsidios, que lhe deviaõ os seus Alliados, foraõ -lhe pagos com hum tributo, que pertence ao Heroismo.

Se as qualidades pasmosas de MARIA THERESA attrahiaõ taõ seguramente a admiração de toda a Europa, que influencia naõ teriaõ nas acções gloriosas, que dependiaõ do ardor, e esforço das suas Tropas, congregadas em fim de toda a parte, e augmentadas a cada instante pelo zelo, e amor de seus Vassallos? Victorias taõ rápidas, como o triunfo momentaneo de seus Inimigos, lhe restituiraõ em breve tempo a posse de grande parte de seus Estados invadidos. Pela Baviera começou a indemnização da sua Herança devastada. Carlos VII. fugindo de asylo em asylo vio perder a sua mesma Capital, ganhada pelas Tropas victoriosas da Rainha; e os Exercitos da França desanimados, desfeitos, e batidos a troços foraõ obrigados a abandonar as suas Conquistas, e a defesa de hum Principe, que debalde tentara elevar-se sobre as ruinas da Casa de Austria, em quanto MARIA THERESA semelhante ao Genio Tutelar, que em todo o tempo pareceo presidir á grandeza desta Casa Augusta, a accumulava de gloria no mesmo ponto em que hia quasi a sumbergir-se na ruina.

As circunstancias tinhaõ feito mudar a face dos Negocios. A Herdeira da Casa de Austria naõ era já aquella Princeza, a quem na flor dos annos o Mundo julgara sem defesa, e cuja Herança se intentara desmembrar; tinha-se feito huma Soberana illustre, que sabia trastormar as mais formidaveis [14] medidas; a quem seus mesmos Inimigos admiravaõ combatendo-a; e que na idade de vinte e cinco annos tinha já merecido o respeito do Universo, e segurado o da Posteridade.

A Cessaõ de huma Provincia era em taes circunstancias hum golpe de Politica, pelo qual livrandose de hum Inimigo terrivel, e muitas vezes affortunado, se assegurava da Conquista do resto do seu Patrimonio, e satisfazia aos seus Alliados, facilitando-lhes os meios de ver por huma vez a Alemanha livre das Armas Estrangeiras, que a inundavaõ, maiormente naõ podendo reputar-se esta Cessaõ como effeito do medo, ou da fraqueza depois das rápidas vantagens, que tinha alcançado sobre os Exercitos Bavaro, e Francez. Semelhante aos Dominadores do Capitolio, e do Universo, que já mais cediaõ cousa alguma antes dos Triunfos. MARIA THERESA assignou o Tratado de Breslaw, e a sua alma benéfica, e sensivel consolou-se da perda, que lhe resultava do sacrificio daquella parte da sua Herança, com a satisfação de diminuir as calamidades publicas.

Depois desta Paz particular com ElRey de Prussia, procedendo sempre com a maior rapidez as maiorias, que a Rainha alcançava sobre o resto de seus Inimigos, foraõ estes em breve tempo obrigados a recorrer ás Negociações, e a pedir a Paz áquella intrepida Heroína, que de hum taõ bom modo sabia defender, e reconquistar os seus Estados; mas a quem ao mesmo tempo a Auctoridade do seu Throno, os interesses da sua Grandeza, e os dos seus Alliados impunhaõ a Ley de continuar a Guerra mais justa. [15]

Ella reduzio em pouco tempo os seus Contrarios e evacuar a Bohemia, e a Austria; a entregar totalmente a Baviera ás suas Tropas vencedoras, e a reputar como huma felicidade memoravel a celebre retirada da Guarnição cercada em Praga, debil resto do Exercito formidavel, e nos principios triunfante, o qual ameaçava a total ruina daquella mesma Princeza, que tendo resistido a tantos Inimigos, agora os forçava a afastar a Guerra do centro dos seus Dominios, e a transporta-las ás margens do Danubio, e do Rheno, onde a Victoria a esperava em Dettingen.

Em quanto MARIA THERESA estabelecida por este modo a superioridade das suas Armas em Alemanha, o seu Espirito infatigavel vigiava sobre a Italia; e havendo conseguido desunir dos seus Inimigos o Rey de Sardenha, rechaçava com vantagem o Exercito Hespanhol destinado a invadir a Lombardia.

Variaraõ os successos; mas a sua gloria sempre pura, e brilhante recebia tanto lustre dos obstaculos, como dos felizes exitos; e até a Fortuna inconstante das Armas parecia concorrer tambem a provar successivamente as diversas virtudes desta Princeza, favorecendo humas vezes o seu partido, outras a dos seus Inimigos. Em quanto Luiz XV. entrava no Paiz Baixo, o Principe Carlos de Lorena passava o Rheno á vista do Exercito Francez; atravessava a Alsacia na figura de Conquistador; penetrava a Lorena, e fazia fugir ElREy Estanisláo de Luneville.

A superioridade que MARIA THERESA se [16] reassumira, ligou de novo seus Inimigos. ElREy de Prussia entra novamente com Exercitos formidaveis na Moravia, e na Bohemia. Não obstante verse obrigada a defender em Alemanha os seus Estados contra Frederico, a disputar a Luiz XV. a Conquista dos Paizes Baixos; a combater em Italia os Exercitos, e projectos da França, e da Hespanha; o talento da Rainha sobresaõdo a tudo a pezar das medidas, e até das felicidades dos seus Inimigos, lhe procurou em breve tempo o triunfo mais precioso para o seu coração, e mais importante para a sua gloria.

Carlos VII. acabava de morrer. Este Principe, victima desgraçada do particular interesse de tantas Potencias, que lhe haviaõ dado a Coroa Imperial, não tinha tirado da sua Elevação mais que successivas infelicidades, com que convenceo toda a Europa de que a mesma Coroa taõ gloriosa, e que tanto impozera em quanto cingio a Cabeça de Carlos V., separada das possessões hereditarias da Casa de Austria confere sómente huma grande Dignidade sem Poder effectivo.

Os Inimigos desta Casa Augusta empregaraõ todos os meios possiveis para se apoderarem dos Votos; mas o Throno Imperial, que o Amor dos Póvos, e a Gloria, e Virtudes dos Ascendentes de MARIA THERESA tinhaõ feito respeitar por tanto tempo como huma parte da sua Herança, da qual só as circunstancias do tempo tinhaõ privado o Esposo Augusto da Filha de tantos Imperadores, já mais tinha cessado de occupar os pensamentos desta Princeza, que olhava sempre para elle como para hum [17] bem, que a Fortuna lhe arrebatara; e do qual o seu valor, e a sua prudencia a poderia investir na primeira occasiaõ. Nem as difficuldades, que a cercavaõ; nem os louros de ElREy de Prussia; nam a Victoria dos Francezes em Fontenoi lhe impediraõ por entaõ a conclusaõ deste projecto; e a pezar das opposições, e esforços de seus Inimigos MARIA THERESA vio subir sobre o primeiro Throno do Mundo aquelle Principe taõ digno da sua ternura, a quem tinha associado a todas as suas Coroas, juntando a esta satisfaçaõ a gloria de ver falhar a seus numerosos Inimigos o objecto de huma Guerra emprendida taõ sómente para o fim de affastar de huma vez da Casa de Austria a Dignidade Imperial.

A Gloria Militar apenas contenta o Heroismo. Quanto mais verdadeira, mais completa, mais digna das suas Virtudes seria para MARIA THERESA a satisfaçaõ que lhe resultasse daquelle Triunfo, do que das Palmas ensanguentadas das Victorias, que de continuo lhe rendia a sua brilhante Herança? Este pacifico, e puro triunfo foi huma digna recompensa da sua intrepidez, e das suas Virtudes, e assinalou gloriosamente o dia mais feliz da sua vida.

Presente á Coroaçaõ do Imperador, a primeira acclamaçaõ, a primeira voz da pública alegria ahio da boca desta Grande, desta Bella Rainha, cujo imperio muito d'antes estava estabelecido em todos os corações; e foi seguida das mais vivas demonstrações de contentamento, de ternura, e de geral admiraçaõ.

Esta felicidade taõ bem merecida devia segurar [18] a Imperatriz contra os

esforços dos seus Inimigos, e prometter-lhe a pacifica posse de seus vastos Dominios. Porém o mesmo Destino, que desde os primeiros dias do seu Reynado havia dado exercicio ás suas illustres qualidades, offerecendo-lhe cada dia novas difficuldades, que combater, e superar; continuava ainda a dirigir a sua Gloria. EIREY de Prussia era sempre formidavel, e não poucas vezes feliz em Alemanha. Os Paizes Baixos estavaõ occupados pelos Francezes, e a Italia exposta aos esforços de todos os Ramos da Casa de Boubon reunidos. Porém huma nova Paz com Frederico livrou a Alemanha, e rompendo a intelligencia dos Inimigos da Imperatriz, lhe deixou livre a disposição de mais hum Exercito, que foi defender os seus Estados de Italia, e colher em Placencia os louros da Victoria mais assinalada.

Os Inimigos de MARIA THERESA tiveraõ entaõ na Italia huma sorte em tudo semelhante á que haviaõ supportado em Alemanha no principio da Guerra. Huma Retirada felizmente disposta, e conduzida foi de novo reputada como hum consideravel avanço; e os Exercitos das tres Potencias unidas, sendo vencidos, aprisionados, e póstos em fugida, ficáraõ reduzidos a hum Corpo equivalente á Guarniçaõ, que escapou de Praga, incapaz de se oppôr aos progressos das Tropas Austriacas; as quaes penetrando nas Provincias Meridionaes da França contrapezaraõ as vantagens de Luiz XV. no Paiz Baixo.

As mesmas Potencias, que haviaõ começado huma Guerra, cujo objecto estava taõ completa [19] mente desvanecido, e de que não tinhaõ tirado mais que momentaneos, e incertos proveitos, foraõ entaõ as que desejaraõ a Paz; e a Princeza illustre, que só combatia pela defesa da sua Herança taõ gloriosamente arrancada á ambiçaõ de seus Inimigos, se vio em fim pela Paz de Aix-la-Chapelle no caso de applicar-se toda á felicidade dos Póvos, que o seu valor lhe tinha ganhado.

Tal foi a superioridade do merecimento de MARIA THERESA sobre as difficuldades, que cercaraõ o principio do seu Reynado, que a imaginaçaõ ferida pelo esplendor dos seus Triunfos difficilmente se persuade a que elles foraõ devidos ás qualidades menos sublimes da Imperatriz, se algumas houve que parecessem taes na Grande MARIA THERESA. O valor, e os talentos Politicos podem defender, e conquistar Imperios; mas as Virtudes, e a Sabedoria dos Principes he quem sómente lhes estabelece, e lhes assegura o genero de Gloria mais grato á Humanidade, e mais precioso aos olhos do Supremo Ser, cuja benéfica Providencia está taõ attenta á mais humilde classe dos Humanos, como á grandeza dos maiores Reys.

MARIA THERESA, como Imagem da Divindade, não foi poderosa senaõ para ser Justa, Generosa, e Compassiva. Fora preciso escrever hum Diario da sua Vida; fora preciso recopilar as acções de todas as horas da sua existencia para poder numerar os beneficios, que derramou sobre a Humanidade, e os grandes exemplos, que deixou aos Reys.

Novos meios de exercitar os seus talentos, fazendo brilhar a sua comprehensaõ, e manifestar a [20] sua bondade, foraõ os resultados das commodidades da Paz. Terna Mãi daquelles Póvos, a quem devera a sua defensa; Reparadora das calamidades inseparaveis da Guerra; Soberana taõ illuminada, como Heroína illustre; todas as partes da sua Administraçaõ appareciaõ marcadas com o Sello do seu Genio, e das sua Virtudes. Correi os seus Estados, vós que pertendeis conhecer quaes sejaõ os Monumentos mais Augustos da Grandeza dos Monarcas; e a cada passo ouvireis o Nome de MARIA THERESA repetido pela gratidaõ de seus Vassallos. Mil acções de Clemencia, de Bondade, de Generosidade haõ de encher-vos de continuo os ouvidos. As Provincias, que a Guerra devastara, haõ de mostrar-vos a Agricultura restabelecida, a Industria, o Commercio reanimados; e a Abundancia, e a Populaçaõ dando testemunhos da sua profunda Sabedoria, da sua Bondade creadora. Entaõ as Nações nobremente vaidosas do seu valor, e do seu zelo haõ de indicar-vos os Monumentos de Beneficencia

da reconhecida Soberana para com os Defensores do seu Throno. Vós vereis o Direito, e Privilegios Nacionaes restabelecidos, e confirmados pela sua sempre justa Authoridade. Vereis todas as Virtudes recompensadas; toda a qualidade de merecimento protegido; todas as Artes precisas, e agradaveis reanimadas, e diffundidas. Os Estabelecimentos mais uteis, as Leys mais sábias vos daraõ nos olhos. Entaõ querieis que MARIA THERESA houvesse possuido o Imperio do Universo, e prostrando-vos ante as suas Imagens, a ternura, e as aclamações dos Póvos confirmaraõ o culto, que lhe renderdes. [21]

Na verdade os affectos, que esta Princeza excitava, participavaõ da natureza do culto; de sorte que ninguem chegava á sua Presença sem huma especie de respeito religioso, que as suas qualidades sublimes deviaõ naturalmente inspirar. Porém as graças do seu character, e da sua Pessoa temperavaõ por hum modo taõ suave a respeitosa magestade da sua Gloria, que qualquer se atrevia logo a distinguir na mais illustre das Soberanas huma Mulher adoravel, que sobre o primeiro Throno do Mundo, rodeada de todo o esplendor de sua Fama tinha a dignação de mostrar-se como occupada do desejo de agradar, e de avisinhar-se ao mais resto dos Mortaes pelas graças do Entendimento, pela amenidade, pela vivacidade, e pela polidez engenhosa da sua conversação. Esta palavra conversação parece impropria fallando de huma Imperatriz; porém MARIA THERESA, FRANCISCO I., E JOSEPH II. superiores á triste austeridade, que cercava n'outro tempo a Ordem suprema, accrescentáraõ ás qualidades de seus Augustos Ascendentes o encantador atractivo de huma familiaridade, que lhe fornecia novos meios de manifestar as virtudes mais amaveis, e mais capazes de mover o coração.

Ao lado do Augusto Esposo, que desfrutava com Ella o reconhecimento de seus Póvos; cercada dos sagrados penhores da uniaõ mais terna; a Imperatriz, Directora illustrada, e sensivel de seus proprios Filhos, cumpria ao mesmo tempo as obrigações mais suaves da Natureza, e da Soberania, quando cultivava os talentos, e o coração daquelles Filhos preciosos, destinados a empunhar o Sce [22] ptro de tantas Nações, e a produzir a felicidade de tantos Póvos; e o progresso daquellas Virtudes recentes, a que o seu Exemplo apressava a maturação, penetrava de consolação suavissima a sua Alma benéfica, e sublime.

O Amor dos seus Póvos crescia sem termo por meio daquelle espectaculo maravilhoso, a que ella se dignava de admittillos; e a sua propria sensibilidade gozava tambem das suaves emoções, que elles sentiaõ ao ver junta aquella Familia Augusta.

A Amizade, esse dom da Natureza, taõ doce, e taõ puro, não só achou entrada no coração de MARIA THERESA, mas até se accendeo muitas vezes no de seus Vassallos; os quaes sem receio de offender a Magestade, ousáraõ cultiva-la a seu respeito. Por este meio conseguiu a Imperatriz, que a sua Alma respeitando todos os direitos deste sentimento divino, desfrutasse as doçuras de hum bem, de que o commum dos Reys se priva por huma especie de condemnação. Viviam no centro da Nobreza, dos Guerreiros, que a tinhaõ defendido, e dos Ministros, cujo talento, e zelo correspondia ás suas intenções benéficas, e illustradas, admittindo-os á sua meza, e aos seus divertimentos. A Flor das Nações lhe trazia ao pé do Throno hum tributo de admiração; e os Estrangeiros sempre tratados como Nacionaes, levavaõ em retorno para a sua Patria o reconhecimento, e o profundo apêgo aos interesses daquelle Princeza, cuja affabilidade lho havia inspirado, e cuja Grandeza, e Gloria tinhaõ vindo admirar.

Todas as pinturas, que a mais ardente Imagi [23] nação póde fazer da Idade de Ouro, e dos Dias quiméricos de huma Paz, e de huma Igualdade impossivel entre os Homens, não são bastantes para produzir huma imagem da Felicidade Publica taõ capaz de interessar o coração, como foi o Reynado da Imperatriz no tempo daquelle feliz socego, que nunca houvera acabado, se a Ambição, e a Discórdia podessem ser sensiveis ao exemplo efficaz, e terno da Virtude occupada em produzir a felicidade dos

Viventes; mas o Interesse não vê mais objecto que o da sua cubiça; e o destino dos melhores Reys he de serem obrigados a estar sempre lançando mão ás Armas para conservar a segurança dos seus Dominios, e a Dignidade do seu Throno.

O incendio da Guerra, que por tanto tempo havia lavrado do Imperio de MARIA THERESA, tornava a atear-se n'outro Hemisfério. Triste condição dos Homens! Não descobrião, não conquistáráo hum Mundo, de que Alexandre nem teve suspeitas, senão para augmentar os motivos de se destruir; e a possessão de algumas Charnecas geladas da Arcadia foi o pretexto de huma Guerra, que em breve tempo veio devastar os mais fertes Paizes da Europa.

Sempre attenta aos interesses dos seus Póvos, e á conservação do Equilibrio, de que depende a segurança reciproca das Potencias, que dividem a Terra; posto que alheia do objecto desta nova explosão da antiga opposição entre Inglaterra, e França; MARIA THERESA percebeo logo as consequencias de huma divisaõ, que caminhava a destruir os seus Estados. Os Inglezes haviaõ-se ligado ao [24] Rey de Prussia; a Imperatriz assignou o Tratado de Versailles. Causou pasmo esta Alliança; porque parecia derribar o antigo systema da Casa de Austria; mas ella anniquilou effectivamente os objectos da Divisaõ, que depois de tres Seculos havia feito correr tanto sangue; convertido o Paiz Baixo n'um Campo de carnage continua, e facilitado as revoluções, que arrebatando á Casa de Austria huma parte deste fertil, e industrioso Territorio, tinhaõ divertido da sua fonte a riqueza, que o Commercio mais florecente profusamente derramava em outro tempo na antiga Casa de Borgonha.

Poderosa, e sólidamente estabelecida sobre o Throno de seus Pays, não estava a Imperatriz, na Guerra presente, esposta aos mesmos perigos, que superara, quando defendia o seu Patrimonio. O seu Heroismo teve menos exercicio; mas a sua Bondade, a sua Beneficencia, a sua prudente madureza ganharaõ-lhe novos titulos para o publico respeito, e adoração.

Os sucessos da Guerra não offerecem de ordinario mais que huma serie de movimentos uniformes. Reconquistar Provincias invadidas, ganhar e perder acções saõ os argumentos que avultaõ na Historia de todos os Póvos; e com tudo confundindo-se na memoria, não deixaõ no coração mais que o penoso sentimento das calamidades, que sofre a Humanidade. O character porém, as Virtudes de MARIA THERESA, o zelo dos seus Póvos, o valor de seus Soldados continuamente animados [25] pelo amor, e, reconhecimento, que Ella sabe taõ dignamente inspirar-lhes, derramaõ hum suave, e terno interesse sobre aquellas mesmas Scenas de cruenta, e horrorosa destruição, assegurando o premio da Immortalidade a mil acções, que de boca em boca haõ de passar á Posteridade com o Nome de huma Soberana adorada.

Conquistadores soberbos, Monarcas bellicosos, e ferozes, que só imaginai a Gloria entre as palmas de huma Victoria sanguinosa; avaliai no justo preço a virtude dos Principes Benéficos, e fazei-vos amar para estar seguros de vencer. Se a dissipação das forças unida à prepresentação de huma proxima, e quasi inevitavel destruição fazia affrouxar a coragem das Tropas, bastava proferir-se o Nome de MARIA THERESA para toma a accender-se o primitivo ardor. Entaõ se arrebatavaõ os Estandartes do centor dos Batalhões inimigos; entaõ se forçava a retroceder a Victoria no mesmo ponto, em que parecia querer fugir-lhes.

De novo foi a Bohemia o primeiro Theatro de huma Guerra, que acrescentou á Gloria Militar do Reynado da Imperatriz a Victoria de Chotzemitz sempre celebre pela instituição do premio para o valor, ornado com o Nome immortal de MARIA THERESA. Esta Ordem illustre de idades em idades indicará a carreira da honra, e da victoria; e perpetuará a influencia do Nome mais amado, e mais glorioso sobre o ardor guerreiro dos animosos Defensores da Casa de Austria.

Foraõ consequencias da Victoria de Chotze [26] mitz o evacuar-se a Bohemia, e

levantar-se o sitio de Praga; contrapezadas sempre as vantagens, e a reputação do Rey da Prussia pelos talentos, e valor os Generaes da Imperatriz Collin, Breslau, Hochkirchen, Maxen, Landsdhut; mil acções brilhantes, e felizes; mil provas de intelligencia, e de valor, cuja narração circunstanciada não faria mais que reproduzir a mesma imagem do Esforço, e do Triunfo, gravaraõ para sempre no Templo da Memoria o nome dos Commandantes, a coragem dos Soldados, e a gratidão da Soberana illustre, por cuja gloria combatiaõ.

Pelo espaço de seis annos, que durou esta sanguinolenta Guerra, foi tão ardente o zelo dos Vassallos da Imperatriz, como activo o esforço das suas Tropas. Todos os Partidos de seus vastos Dominios competiaõ a qual ganharia mais honra augmentando o numero dos seus Exercitos; e os generosos, e bravos Hungaros de novo ostentaraõ o seu amor extremo á Princeza Immortal, a quem chamavaõ com tão justo titulo seu Rey.

Os thesouros necessarios para as innumeraveis despesas da Guerra foraõ prodigalizados com a mesma generosa vivacidade, com que de vôo se procuravaõ os combates. Os Paizes Baixos distinguiraõ-se nesta occasiaõ dando todas aquellas provas de hum zelo ardente, que dependiaõ das riquezas daquelle bello, e florente Territorio. Os interesses de MARIA THERESA anniquiláraõ por entaõ toda a attenção aos pessoas, e particulares interesses, crescendo alli o credito do Governo com [27] igual rapidez por meio dos revêzes, e das vantagens das Aguias Imperiaes, em quanto a bravura dos Regimentos Belgicos accumulava novas glorias sobre as antigas desta Nação tão bellicosa, e tão exercitada nos combates.

A Paz ainda outra vez restituiu MARIA THERESA ao socegado exercicio das sus Virtudes. Ella afiançou entaõ a felicidade, e a gloria Germanica, segurando para seu Filho aquelle mesmo Throno, em que havia collocado seu Augusto Esposo; e as acclamações da pública alegria pela Coroação do Rey dos Romanos recordaraõ mais vivamente que nunca a esta Princeza sensivel, e generosa as provas de fidelidade, e intima adhesão aos seus interesses, que lhe haviaõ dado os seus Póvos; e para testemunhar-lhes a sua satisfação, e augmentar nelles (se tanto fosse possivel) o amor, o zelo que lhe tributavaõ, descobrio a magnanimidade do seu Espirito reconhecido hum novo meio. A Ordem de Santo Estevaõ antigamente instituida pelos Reys da brava Hungria, de quem era tão amada a Imperatriz, foi por Ella restabelecida nesta occasiaõ, reservando-se particularmente essa distincção para os Ministros, cujas luzes haviaõ promovido, e segurado a felicidade dos Póvos, que foraõ confiados á sua Administração. Estava a Imperatriz toda embebida na deliciosa satisfação, que lhe resultava de sucessos tão importantes á grandeza da sua Casa, e á felicidade de seus Sujeitos, quando a sua Constancia sempre inalteravel no conflito dos maiores perigos, recebeu o golpe mais [28] penetrante, e indelevel. Aquelle Esposo, cujas Virtudes eraõ tão análogas ás suas; cuja escolha tinha confirmado o seu Coração, quando a Mãe Augusta de hum Imperador, de hum Pay lho dera; ferido por huma intepestiva morte, lhe foi arrebatado no mesmo tempo, em que as Vodas do Archiduque Leopoldo occupavaõ a Corte com as Festas da sua celebração.

Este foi o ponto fatal, em que MARIA THERESA sentio todos os horrores da morte. Hum véu funebre se extendeo entre Ella, e o Universo. He verdade que o bem da sua Augusta Familia, assim como o de seus Subditos foi sempre o objecto da sua applicação; mas a sua propria felicidade aniquilou-se para sempre; e cada dia da sua util e gloriosa existencia foi desde aquelle triste momento marcado pelo sentimento daquelle perda cruel, que lhe arrancou lagrimas; e só por effeito da sua exacta resignação aos Decretos da Providencia pôde resistir a tão funesta prova da Mãe Omnipotente. Esta sujeição respeitosa foi fructo daquelle Piedade constante, de que havia dado em todas as circunstancias da sua Vida testemunhos tão evidentes, e tão capazes de inspirar com o seu exemplo essa primeira Virtude de todas as condições, e que collocada sobre o

Throno he hum seguro penhor da felicidade dos Póvos, quando os Reys unem ao sagrado facho da Religião as luzes particulares do seu Espirito, e sabem distinguir as suas legitimas obrigações das que tem usurpado o Fanatismo. Tal foi a piedade illustrada de Luiz IX., em que se [29] não conheceo mais defeito que o do seu Seculo; a cuja Apotehosis precederaõ o respeito, e a admiração universal, e que sabendo como MARIA THERESA unir á qualidades de hum grande Rey a Fé viva, as Virtudes modestas, as práticas edificantes de hum Christaõ austéro, soube igualmente sustentar como Ella as prerogativas do seu Poder sem deixar de respeitar o da Igreja, cujos limites reconhecia.

Como seria facilmente praticada a Doutrina Evangelica por hum Princeza, em que todas as Virtudes, que prescreve aquella Moral sublime, eraõ como naturaes? Cujá Alma sempre prompta a recolher as lagrimas dos infelizes, sempre attenta ás necessidaes de cada condição, via em todos os Homens creaturas capazes de sentimento, produzidas pela Mãe de hum Ser infinitamente Sabio, e poderosamente Benéfico; o qual tinha por objecto o bem da Humanidade, quando a fizera nascer sobre o Throno?

A morte do Eleitor de Baviera offereceo ainda hum vez a MARIA THERESA o lastimoso espectaculo dos estragos da Guerra. Os interesses da sua grandeza a obrigáraõ a estabelecer o seu Direito sobre a Successão declarada, fazendo entrear as suas Tropas na Baviera; mas as suas lagrimas corrêraõ apoz ellas; e saciada de gloria não podendo ver na Guerra, que logo começou, mais que as públicas calamidades, tratou de terminalla occupando-se unicamente nos meios de o conseguir, não dando a seu Filho mais tempo que [30] o que bastou para adquirir hum grande reputação.

Os talentos, que o Imperador mostrara (reconhecidos pelo seu mesmo celebre Inimigo;) o amor da Tropa; a experiencia dos maiores Generaes da Europa promettiaõ ao seu Espirito, e á sua heroica intrepidez a mais illustre carreira; mas a Paz era necessaria para felicidade de sua Mãe; e naquella idade em que a Gloria Militar se appresenta com todo o poder dos seus attractivos, teve o Filho Augusto o generoso esforço de assaltar os olhos dos Troféos, que ella lhe preparava, sacrificando-os sem resentimento á Piedade Filial.

E que agradavel seria para hum Alma sensivel, e illustrada como a de MARIA THERESA hum sacrificio de tal preço? Que prognostico de felicidade, e de gloria não viaõ os Póvos neste procedimento de hum Principe, que acabava de mostrar as qualidades brilhantes de Carlos V., e as Virtudes preciosas de MARIA THERESA?

Opprime-se o coração, consterna-se o Espirito ao considerar o pouco intervallo, que separa este successo tão agradavel á Imperatriz do dia sempre deploravel, que terminou a sua tão util, como gloriosa existencia.

Quanto a Imaginação repugna a idéa da sua morte, tanto a Admiração nos compelle a voltar a ella. Todas as particularidades deste transe funesto tão conformes com os lances da sua Vida nos offerecem a imagem de todas as Virtudes, de todas as qualidades, que possuía aquella Soberana [31] illustre. A sua Piedade, o seu Valor heroico, as suas luzes, a sua profunda sensibilidade parece que se reanimaraõ muito mais naquelle momento, em que de ordinario todos os sentimentos se enfraquecem, e se confundem. A felicidade de seus Filhos, o bem de seus Póvos, a amizade, o reconhecimento occuparaõ os intervallos da sua agonia; e os seus ultimos suspiros foraõ interpolados por actos de Beneficencia, que naquelle mesmo funesto instante ainda excitavaõ a Alma celeste, que cheia de confiança subia a descansar no seio do seu Deos.

Hum celebre Guerreiro dizia no acto de expirar: *A vida he hum sonho*. Para MARIA THERESA servia a felicidade de seus Póvos de claro testemunho da sua existencia; e a recordação de todas as Virtudes, que havia practicado, a fazia gozar no tempo de morrer de cada hum dos momentos da sua Vida tão dignamente empregados. Ella com a sua constancia esforçava a sua desconsolada Familia: *A morte he nada*;

(dizia aquella Princeza intrepida) *he hum novo modo de existir; he hum transito pacifico de hum lugar a outro*. Ella detinha os gemidos dos Vassallos com mostrar-lhes seu Filho; e a sua plácida serenidade parecia estar dizendo aos Póvos, de quem tambem fôra Mãi: *Eu me separara de Vós com menos tranquillidade, se vos não deixasse sobre o Throno todas as Virtudes que fizeraõ amar o meu Poder*.

A morte de MARIA THERESA lastíma a toda a Europa. Os Reys, os Principes do Univer [32] so lamentaõ o Modélo admiravel, que lhes foi arrebatado; e a Humanidade em geral as Virtudes relativas a cada condiçaõ. He morta (dizem os Indigentes de todas as Nações) he morta aquella Soberana taõ Augusta, taõ poderosa, que sendo tal não se dedignava a ir em pessoa á cabana de hum miseravel, a quem as enfermidades de huma extrema velhice impediaõ o chegar ao pé do Throno para receber hum penhor annual da sua benéfica Piedade: *Eu venho ver-vos*; (dizia aquella Grande Raynha) *porque sei que vos lamentais de não poder buscar-me*. Era huma Raynha quem assim fallava a hum desgraçado; e esta Raynha, ah! não existe.

Quem poderia exprimir a desconsolacaõ de seus Póvos, se o seu pranto he taõ vivo, como o foi seu amor? Choraõ as Tropas a illustre Heroína, que conduzia a sua gloria; a Soberana reconhecida, que até no ponto de expirar attendia ao seu valor, e derramava sobre ellas os seus ultimos beneficios. Confundem-se todos os Estados; todos unem os gemidos, e misturaõ as lagrimas. Cobre-se de luto o seu vasto Imperio; e as mais amargosas lagrimas regaõ os funebres finaes de dôr, em que estaõ envoltos todos seus Vassallos. Soluçaõ apinhados em bandos; mil vezes começaõ, sem que a dôr deixe acabar, a narraçaõ das suas Virtudes, e dos seus beneficios. Queriaõ todos fabricar mil Templos, em que se collocassem as Imagens da suspirada Princeza, ao mesmo tempo que cada Individuo he huma Estatua vivente erigida á [33] sua gloria. Tal he a sorte dos Bons, dos Grandes Reys. A Felicidade Pública he hum Monumento immortal das suas Virtudes; o deposito sagrado da sua Fama conserva-se de idades em idades por gerações successivas; e o Nome de MARIA THERESA em todo o tempo estará presente á admiraçaõ dos Seculos futuros.

FIM

Apêndice VI: Osmía

O texto da tragédia *Osmia* nom se apresenta na sua transcriçom literal, porque remete para umha ediçom nossa próxima a publicar-se no livro *Mulher, nobre, ilustrada, dramaturga. Teresa de Mello Breyner no sistema literário português (1788-1795)*. O volume original é de acesso relativamente fácil, pois se conservam exemplares das três ediçons na Biblioteca Nacional de Lisboa, assim como da tradução espanhola em várias bibliotecas da Espanha, motivo polo qual, entendemos que umha ediçom palográfica nom tem o mesmo interesse neste caso que no dos manuscritos, de acesso sempre mais restrito. Ainda assim, e para facilitar o conhecimento do original, indicámos em nota de rodapé as variantes entre o texto original e o texto editado.

OSMÍA
TRAGEDIA
DE
ASSUMPTO PORTUGUEZ
EM CINCO ACTOS
COROADA
PELA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
DE LISBOA
Em 13 de Maio de 1788

..... neque
Chorda somni refert, quem vult manus & mens

LISBOA:
Na Off. DA MESMA ACADEMIA REAL
ANNO MDXX.LXXXVIII.
Com licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame,
e Censura de Livros.

Critérios de edição

Tomamos como base da nossa edição de *Osmia* a publicada em 1788 pela Academia de Ciências de Lisboa por tratar-se da primeira edição do texto, e por nom haver nengumha diferença entre esta e as de 1795 e 1835.

A respeito do tratamento do texto, respeitamos as escolhas léxicas ou morfológicas da autora mesmo quando som contraditórias com o padrom do português actual, mas actualizamos a ortografia para facilitar a sua leitura. A primeira edição nom foi revista pela autora, e nom temos localizado o manuscrito original que pudesse deitar luz sobre as escolhas ortográficas de Teresa de Mello Breyner, o que, unido à própria instabilidade destas escolhas no texto (como pode ser o caso dos grupos cultos: *captivos* ao lado de *cativos*, *praticar* ao lado de *aflicção*), entendemos que justifica a modernização de todas estas formas. De qualquer maneira, cremos que a opção maioritária pela representação gráfica destes grupos está condicionada pela escolha de um determinado modelo lingüístico, com as implicações ideológicas que este tem e, por este motivo, em todos os casos indicamos em nota de rodapé a forma que aparece no texto original. Desta maneira:

- distribuímos as grafias *s*, *z*, *-ss-*, *c* e *ç* de acordo com o standar do português actual: *lusos* polo original *luzos*, *peso* por *pezo*, *soçobrar* por *sossobrar*, *cilada* por *silada*,
- simplificamos as consoantes duplicadas: *ilusão* por *illusão*, *afirmar-te* por *affirmar-te*, *aparecer-me* por *apparecer-me*, *comércio* por *commercio*,
- suprimimos o *h* em todos os casos em que nom corresponda à ortografia actual (*é* por *he*, *um(a)(s)* por *hum(a)(s)*, *coortes* por *cohortes*),
- substituímos as grafias *ph*, *th*, e *ch* [k] polas actuais *f* e *t*, *c* ou *qu* (*ênfase* por *enphase*, *teatro* por *theatro*, *cara* por *chara*, *quimera* por *chimera*),
- representamos a nasalidade segundo os critérios actuais: *vã* por *vam*, *consagraram* por *consagrâraõ*, *não* por *naõ*, *vetões* por *vetoens*,
- substituímos o *y* por *i* (*mãi* por *mãy*),
- no caso dos ditongos *-eo(s)* tónico ou átono, *-ae(s)*, *-ue*, com vogal média substituímo-los polos actuais com vogal fechada (*céus* por *ceos*, *deus* por *deos*, *tais* por *taes*, *quais* por *quaes*, *escárnio* por *escarneio*) por entendermos que a diferente grafia nom representa umha diferença fonética,
- reducimos os grupos cultos naqueles casos em que nom sejam recolhidos polo padrom actual: *conjuntura* por *conjunctura*, *dano* por *damno*, *vítima* por *víctima*, *flutuando* por *fluctuando*, *ditame* por *dictame*,
- unificamos as vacilações entre as terminaões *-ea/-eia*: *cadeas/cadeias*, *recea/receia*, *franquea*, *ideas*, *rodeam*, *feia*, *creias*,
- unificamos segundo o padrom português actual as vacilações nos casos de assimilações ou dissimilações que afectam a palavras como *disculpa*, *destingue*, *vareda*, *tetulares*, *disputou*, *precepita*, indicando sempre em nota a forma original,
- igualmente notamos a metátese em casos como *pertender*,
- mantemos as contracções ou apócope só naqueles casos em que podem afectar ao ritmo ou ao cômputo silábico, tirando aqueles casos em que se trate de contracções aceites no padrom do português actual: *co'essa*, *co'a*, *esprito*, *croa*.

Artigo
extraído das actas
da Academia Real das Ciências
da Sessão de 12 de Agosto de 1788

Permite a Academia, que do seu Cartório se tire cópia da Tragédia de Osmia, coroadada na Assembleia¹ pública de 13 de Maio do corrente ano, para ser impressa na sua Oficina, e debaixo do seu Privilégio.

José Correia² da Serra
Secretário da Academia

¹ Orig. «assemblée» (n. da ed.).

² Orig. «Corrêa» (n. da ed.).

Prólogo

Em 10 de Maio de 1785, propôs a Academia para um dos assuntos¹ das composições que seriam premiadas a 13 de Maio de 1788 uma Tragédia Portuguesa.

Três Tragédias vieram a concurso: uma intitulada *D. Maria Telles*, a segunda *Lauso*, e a terceira esta que se dá ao público. Depois de examinadas julgou a Academia dignas de louvor várias Cenas da segunda, e os rasgos poéticos que de quando em quando nela se encontravam; mas que a terceira, pela sua versificação mais igual, pela unidade da acção e pelos² caracteres das pessoas se conservarem fielmente até ao fim da catástrofe, levava ventage às outras, e merecia o prémio.

Na Assembleia³ pública abriu-se, segundo o costume, o bilhete que a acompanhava, mas em lugar do nome do Autor, que não quis ser conhecido, achou-se uma recomendação à Academia para que o valor deste prémio se desse à memória que melhor indicasse: *um remédio para a ferrugem que danifica⁴ as oliveiras, fundado no conhecimento da natureza do mal, confirmado pela experiência, e que seja ao mesmo tempo praticável sem grave despesa nem excessivos cuidados*.

A Academia propôs por conseguinte esse mesmo assunto⁵ para um prémio extraordinário que deve ser julgado na Assembleia pública de 4 de Julho de 1791. O prémio consiste em uma medalha de ouro do valor de 50\$000 reis, e as memórias que concorrerem devem ser remetidas ao Secretário da Academia antes do fim de Abril do mesmo ano.

¹ Orig. «assumptos» (n. da ed.).

² Contracção por «por os» (n. da ed.).

³ Orig. «assemblée» (n. da ed.).

⁴ Orig. «damnifica» (n. da ed.).

⁵ Orig. «asumpto» (n. da ed.).

Pessoas

Osmia: Descendente dos antigos Capitães da Lusitana, Princesa dos Turdetanos e Esposa de Rindaco, Capitão dos Vetões.

Rindaco: Capitão dos Vetões¹.

Lélio: Pretor dos Romanos.

Elédia: Mulher fatídica, confidente de Osmia.

Mânlio: Questor.

Lúcio}

Probo} Oficiais Romanos.

Séquito de Capitães Romanos.

Guardas Pretorianas.

Cativos² Vetões.

¹ Orig. «vetoens» (n. da ed.).

² Orig. «captivos» (n. da ed.).

ACTO I

Átrio com colunas¹, por entre as quais se vê do lado direito o campo dos Romanos, e do esquerdo os corredores que conduzem à habitação das Turdetanas. No fundo se vê o bosque consagrado ao Deus Endovélico com a sua Ara em forma de Anta.

CENA I

MÂNLIO com séquito de Capitães Romanos.

Mânlio: Ilustres companheiros, confiar-vos bem podeis do meu zelo. Não é fácil que um Mânlio sacrifique do seu cargo as Leis severas nem ao próprio sangue. Do Pretor a amizade em mim não pode amortecer o amor que à Pátria devo. Nem veio Caio Lélíio à Lusitânia para nela murchar, cortar dum golpe as palmas gloriosas que regaram de sangue e de suor seus Ascendentes. A constância, o valor, a suavidade seu carácter distinguem; fora² injusto supor dele uma acção que o deslustrasse. Se Osmia com brandura tem tratado, se a destingue com honras, se pretende³ que à sua parte fique na partilha esta ilustre mulher, honra dos Lusos, se procura adoçar-lhe o rude peso do triste cativeiro, nem por isso vos deveis assustar. Nunca a dureza foi própria dos Heróis. Condena⁴ Roma um cruel proceder, em Galba o viste. Sem horrores, sem sangue, o Pretor tenta domar os Lidiadores Lusitanos por quem já tantas vezes declarada temos visto a fortuna caprichosa. Hoje o feliz momento se apresenta de tanto conseguir: ao mesmo passo que já temos por cousa indubitável a notícia de Rindaco ser morto. Rindaco, esse Vetão soberbo e duro, do furor de Mavorte⁵ alma abrasada. Tão complicada e árdua conjuntura⁶ não nos deixa temer que o Pretor renda às leis do insano amor o peito altivo.

¹ Em todos os casos, orig. «columnas» (n. da ed.).

² Chamamos a atenção para este uso do máis-que-perfeito de indicativo com valor de futuro do pretérito que aparece ao longo de todo o texto (n. da ed.).

³ Orig. «pretende» (n. da ed.).

⁴ Em todos os casos, orig. «condemna» (n. da ed.).

⁵ Forma utilizada por Camões (*Lusíadas*, I.41.3, II.50.5, III.89.4, VI.58.6, VIII.16.4) para referir-se ao Deus Marte. Segundo Alves (1972: 140) a origem da alternância está no latim, em que conviviam *mars*, *tis* e *mavors*, *tis*. (N. da ed.).

⁶ Orig. «conjuntura» (n. da ed.).

Mas o rumor das guardas o anuncia.
Tudo quanto requer a Pátria, tudo
quanto vós desejais, e eu próprio quero,
proporei ao Pretor. É moderado
Lélio, bem o sabeis, porém tem risco
irritá-lo sem causa. Crede, amigos,
que tudo indagarei, e se encontrasse
nele a vã intenção que lhe supondes,
de levantar tão alto uma cativa...
Mas não, não é possível. Disfarcemos,
e eu sinal¹ vos farei para deixar-nos.

CENA II

LÉLIO com guardas e os ditos.
Os capitães se retiram quando MÂNLIO os despede.

Lélio: Questor, tu, neste sítio acompanhado
de tão nobres guerreiros! Que motivo
aqui te conduziu? Alcanço indícios
dalguma inquietação inopinada
que pode perturbar-vos, quando a glória
as já ganhadas palmas vos enfeixa?

Mânlio: A buscar-te do campo aqui viemos.

Lélio: Explicai-vos. Porém se o caso pede
que a votos se decida, não é próprio,
amigos, o lugar. Aquelas Aras
são a Deus inimigo consagradas,
sem culto agora as vemos, e estes Povos
de imprecações nos cobrem de contínuo.

*Mânlio*²: Senhor, bem pode tudo decidir-se
aqui mesmo por ti, se me permites
sem reboço falar.

Lélio: O amigo fale,
e fale, como sempre, com franqueza.
Ainda talvez dura o louco intento
de privar-me de Osmia?

Mânlio: E qual empenho
tens tu de conservar essa cativa
contra o sentir dos mais? Talvez intentas
conceder-lhe, Pretor, a liberdade?

Lélio: E se o quisesse, há Lei que mo proíba?

¹ Orig. «signal» (n. da ed.).

² *Despede os Capitães.*

Mânlio: Não, amigo, as Leis não to contrastam³,
mas há cousas que as Leis não têm coartado,
que ao praticar-se julgam-se indecentes.

Lélio: E que indecência envolve dar por livre
uma escrava que é minha? Não percebo.

Mânlio: Essa escrava das mais é bem distinta.

Lélio: Eis aí a razão da minha escolha.
E cederia Lélio por lisonja
ao Senado, que ferros lhe prepara,
essa altiva mulher, essa Heroína
de assombro e de respeito objecto sumo²?
Seu nome a par dos Numes se levanta;
nem a fama se esquece de contar-nos
as proezas da grande Turdetana.

Mânlio: Ver em ferros Osmia é lastimoso
espectáculo, amigo, porém Roma
requer dos vencedores sacrificios
que paga com triunfos.

Lélio: Que triunfos?
Chama-lhe horrores antes. Os clamores
dos míseros escravos, o rugido
dos grilhões, que de rojo os atormentam,
a triunfal harmonia destemperam.
Goze um peito ferino³ de tais honras,
a Lélio basta havê-las merecido.

Mânlio: Mas ou Rindaco é vivo, e a todo o custo
salvá-la quererá, ou esses Povos
se é morto a pedirão; nem eu presumo
que Legados por outro fim nos mandem.
Não deixes escapar, Lélio, o momento
em que a tua Pretura immortalizes⁴.

Lélio: Mânlio, tenho ordenado. Nem recees
que de leve ordenasse. À Pátria, ao Mundo,
da campanha sou eu quem só respondo.
Aqueles que governam são mil vezes
obrigados a cousas que outros julgam
contrárias à razão, e são, contudo,
conformes à mais rígida virtude.

Mânlio: Não pertendo irritar-te. Os Deuses queiram
que as medidas não erres, mas, primeiro

³ O m.q. afrontam (n. da ed.).

² Orig. «summo» (n. da ed.).

³ O m.q. cruel (n. da ed.).

⁴ Orig. «immortalizes» (n. da ed.).

que me afaste de ti, ouve-me e trata
de útil fazer, amigo, esta franqueza:
Suspeitam já os Capitães no campo
que tu amas Osmia e que pertendes
pisar a seu favor Leis e costumes.
Porém, Lélío, repara: se assim fosse,
Mânlio não sofreria que baixezas
seu amigo fizesse. O sangue, a vida
darei por te salvar duma ignomínia.
Fiz quanto estava em mim por dissuadi-los
do receio que vão me parecia,
mas agora vacilo. Reflexiona,
com tempo te acautela, e se a piedade
teu coração soborna, vê que a glória,
com grito reforçado, por ti chama.
Desperta, quebra os laços, e tu mesmo,
de ti mesmo triunfa, se és Romano¹.

CENA III

LÉLIO só.

Lélío: Mânlio, detém-te, escuta... Não me atende.
A rigidez herdada lhe enfurece
o nobre coração... Ah! vã soberba,
não zelo virtuoso o faz severo...
Mas as Leis... E que Leis? Que extravagâncias?
Nacional, Estrangeira, escrava ou livre...
Que pode isso influir na Natureza?...
Oh! Céus, e onde me leva a paixão² crua,
que esta alma me devora? Mil quimeras
me manda o coração ao pensamento...
São delírios, são fúrias... Cara Osmia!...
E devo ser eu mesmo quem te entregue
aos bárbaros caprichos do Senado?...
Não, não, não farei tal... E como sabe
a tropa que te adoro?... Já no campo
talvez constou que o Turdetano traje
pela Romana pompa tem trocado?...
Ou o saibam ou não, e quantas luzes
desta simples mudança alcançar posso?
Veremos se as Coortes se acostumam
a ver sem soçobrar-se uma cativa
com os trajes ornar-se das matronas.
Não é ligeiro o golpe, e se o toleram,
que não posso esperar? O tempo muda.
Os Romanos são filhos das Sabinas...
E se Rindaco é morto, talvez fácil
o resto ficará... Oh! Céus!... Quem sabe?...

¹ Parte Mânlio.

² Orig. «paxão» (n. da ed.).

Lúcio vejo acolá, e de Elédia
devera aparecer-me acompanhado.
Moderar-me é preciso, não perceba
com quanta impaciência Elédia espero.

CENA IV

LÉLIO e LÚCIO, que vem da parte contrária ao campo.

Lélio: Lúcio, tardavas já.

Lúcio: Senhor, perdoa.
Virá Elédia. Por ela me detive.
São raros, inauditos os costumes
destes bárbaros Povos!

Lélio: Quais tu julgas,
tão bárbaros não são os Turdetanos.
As Ciências estimam; Leis respeitam
de longa antiguidade deduzidas.
A cultura, o Comércio os enriquece;
são sóbrios, são guerreiros adestrados
nos jogos, nos combates. Quantas vezes
Roma, com próprio dano¹, o tem provado?
Sós estamos aqui: posso afirmar-te
que neles mil virtudes reconheço.
Inda as mesmas mulheres, das Romanas
bem podem com razão ser invejadas.

Lúcio: Invejadas! Senhor, zombando o dizes.

Lélio: Não zombo, amigo. As Lusitanas vejo
em valor, em destreza, em sofrimento
iguais ao nosso sexo, sem que percam
as delicadas graças do semblante.
Pelo contrário, as nossas de prazeres
e de fausto somente se alimentam.
Quanto não tem a fama já contado
da valerosa Osmia? Se soubesses...

Lúcio: Perdoa-me, Pretor, se te interrompo.
Quando falas de Osmia a quem te escuta²,
parece que imaginas achar nela
uma nova Belona³

¹ Em todos os casos, orig. «damno» (n. da ed.).

² Com ironia.

³ «Deusa romana da guerra (*bellum*), que acabou por ser identificada com a correspondente grega, Enio, e a capadócica Mã. O seu templo mais antigo fora erguido no Campo de Marte por Ápio Cláudio Ceco. Situado à entrada da Urbe, era nele que o Senado recebia os generais que pediam o triunfo e os embaixadores, antes que lhes fosse permitido entrar na cidade. Em frente ficava a *columna bellica*, uma pedra vermelha usada para as declarações de guerra» M. H. Rocha Pereira (1976-95: 1027). (N. da editora)

Lélio: E sem desculpa
essa grande ilusão, Lúcio, não fora.
Disputou no combate, Osmia, o passo
aos mais animosos dos Romanos.
Quantos vítimas¹ foram de seu braço!
Na força do conflito² mais se anima,
e quando os nossos, de tropel, a cercam,
não volta contra si o mesmo ferro
que no sangue Romano se ensopara?
Eu, felizmente, o golpe lhe desvio.
Reluta³, mas debalde. Imperiosa
observa-me um momento, e rende a espada.
Cedo ao destino (disse) porém treme.
Vivo, e Rindaco vive...

Lúcio: Sim, mas cede⁴
o ferro, a Heroína, e com seus Povos
cativa agora a tens.

Lélio: Tu não ignoras
que a vitória nem sempre favorece
a quem trabalha mais por alcançá-la,
e se hoje nos brindou, mais à cilada,
Lúcio, a devemos, do que à valentia.

Lúcio: Queres talvez dizer que menos fortes
que esses bárbaros somos os Romanos?
Tanto louvor não sei que me anuncia!

Lélio: Outra cousa não pode anunciar-te
mais que a justiça que à virtude cumpre.
Sossega-te⁵; descansa. Sou Romano.
Mas Elédia que faz? Porque não chega?
Por ela te mandei. Osmia a pede;
ouvi-la quero eu mesmo, e examiná-la.

Lúcio: Elédia, ao que diz Probo, é personagem
entre os seus com justiça respeitada.
Mas⁶ é ela que vem. Senhor, repara
com que estranha altivez os passos move!

CENA V

LÉLIO, LÚCIO, e ELÉDIA com cadeas conduzida por um guarda.

¹ Em todos os casos, orig. «victimas» ou «victima» (n. da ed.).

² Orig. «conflicto» (n. da ed.).

³ Em todos os casos, orig. «relucta» (n. da ed.).

⁴ Como acima, e assim mesmo ao que logo responde.

⁵ Pondo-lhe com ênfase a mão no braço.

⁶ Olhando para o fundo do Teatro da parte esquerda.

Elédia: O Pretor dos Romanos não receia⁷
envilecer-se, pondo numa escrava
os olhos vencedores?

Lúcio:

Que soberba!

*Lélio*²: O Pretor dos Romanos, se pratica
o direito da Guerra, se aprisiona
estes bárbaros Povos que rebeldes
são às Águias Latinas, nem por isso
no coração sufoca os movimentos
da suave clemência.

Elédia:

Sim, a prova,

Infelizes escravas!, nós a damos.
Se um rígido costume desde o berço
nos não tivera afeitas ao trabalho,
houvéramos cedido ao duro peso
da tua tirania³. Amontoadas
qual encerrada grei, ali nos deixas
gastar os tristes dias ociosos.
Nem ao menos consentes que o consorte
alente a triste Esposa. As mães⁴ ignoram
se inda os filhos respiram. Qualquer sofre,
sobre o mal que suporta, o dano extremo
que nos outros receia. Nada ignoras,
mas o Herói dos Romanos não sufoca
a clemência no peito. Deus! e sofres⁵
que estes Povos assim sejam tratados!
Estes Povos que ornaram tantas vezes
de festões essas Aras, onde um tempo
das vítimas fumava⁶ com frequência
o sangue a teus furores consagrado!
Sim (cruel)⁷ estes Povos um Deus honram...
Um Deus que vingar sabe. Inda nos resta
em Rindaco um socorro... Tremer deves.

Lúcio: Um ferino furor tem no semblante.

Lélio: Eu te perdoo, Elédia, tais insultos.
A tua dor merece que os desculpe,
e já que de cruel me criminares,
aqui mesmo vou dar-te um testemunho
de inflexíveis não sermos os Romanos.

⁷ Com ênfase altivo.

² Moderado e severo.

³ Orig. «tirannia» (n. da ed.).

⁴ Orig. «mães» (n. da ed.).

⁵ Volta-se para a Anta, e exclama com veemência.

⁶ O sangue quente das vítimas recém sacrificadas ainda deitava fume (n. da ed.).

⁷ Com arrogância.

Essas cadeas, Lúcio, se desatem⁸,
e a teu cargo cometo² desde agora
vigiar no bom trato das cativas.
Franco te fica, Elédia, este recinto;
quanto posso te cedo, e tu prudente
qual a dádiva seja considera.

*Elédia*³: Que dádiva, Pretor! pois imaginas
que Elédia desfrutar quer melhor sorte,
que o resto das aflitas⁴ Turdetanas?
Quando em ferros Osmia considero,
quando a minha Nação bramir escuto
vagarei nestes Átrios ociosa
qual folha errante que inda o vento agita?
Não imagines tal: inda algum dia
tu livre me verás... mas à virtude
doutra mão deverei a liberdade,
e Rindaco será...

*Lúcio*⁵: Quê! não reparas
como acumula insulto sobre insulto?
À prisão que apetece a restitui⁶,
ao bem que desestima dará preço.

*Elédia*⁷: Confunde-te, malvado; aos ferros torno.

Lélio: Elédia generosa⁸, os ferros larga.
Eu de balde não falo, e tu⁹ respeita
a quem o meu favor distinguir sabe.
Vai, Lúcio, e reverente informa Osmia
de Elédia ter chegado.

Elédia: Céus! que escuto?

Lélio: Ela decidirá se a quer consigo¹⁰.

CENA VI

ELÉDIA e o PRETOR

Elédia: Como pode caber tanta virtude
no peito de um Romano!

⁸ *Lúcio desata as cadeias*[orig. cadeas (n. da ed.)] e as conserva na mão.

² Orig. «commeto» (n. da ed.).

³ Com altivez.

⁴ Orig. «afflictas» (n. da ed.).

⁵ Para o Pretor.

⁶ Mostrando as cadeias[orig. cadeas (n. da ed.)].

⁷ Com furor, lançando mão das cadeias [orig. cadeas (n. da ed.)] que Lúcio lhe larga.

⁸ Tira-lhe as cadeas [orig. cadeas (n. da ed.)] e as dá a um dos guardas.

⁹ A Lúcio com severidade.

¹⁰ Parte Lúcio por um dos corredores mais próximos à boca do Teatro.

Lélio:

Escuta Elédia,

Virá Osmia em breve, e quando a vires
a meu favor então falará tudo.

Dize-lhe que foi Rindaco buscado,
mas debalde até aqui: nenhum vestígio
se pôde descobrir¹. Assaz me aflige
da sua acerba dor a imagem crua.

Tu procura adoçar-lha, e de mim fia
o cuidar de tal modo em sossegá-la.
Que não possa da sorte lamentar-se².

CENA VII

ELÉDIA só.

Elédia: Tudo o que vejo, tudo quanto escuto
ora absorva me deixa, ora abismada!...
e que estranha incerteza!... Oh! Céus! notícias
nem vestígios de Rindaco se encontram!...
Endovélco Deus, e por quais crimes
de teu braço o poder nos desampara?
Faltámos nós jamais em tributar-te
as vítimas, os cultos respeitosos?
Se do impávido Rindaco privados
por teu furor nos vemos, ah! piedoso,
nossa extrema ruína ao longe afasta!
Osmia nos defende. O sangue ilustre
de nossos Capitães no seu conserva!
Oh! como em flor (Esposa lastimada!)
nossa longa esperança o fado arranca!
Como de ti veremos nascer filhos,
que a glória nos restaurem? Como eu mesma
te darei a notícia? Eu! que em meus braços
teus dias recolhi, quando implacável
a morte te privou da mãe querida.
Eu! que severa à vista de meus olhos
teus brincos infantis fiz tantas vezes
que ensaios fossem do futuro esforço...
Se consultar os Deuses permitido
hoje me fosse ao menos!... mas cativa,
longe de mim se agita o furor sacro...
Sinto rumor... Oh! Céus! ao peito as forças
recolher procuremos, não me veja
no semblante sinais³ de mal acerbo⁴.

CENA VIII

¹ Orig. «descubrir» (n. da ed.).

² *Parte.*

³ Orig. «signaes» (n. da ed.).

⁴ *Afasta-se para o fundo do Teatro enxugando o pranto, e, sem dar atenção ao que se passa, só volta quando Osmia a chama.*

*ELÉDIA, e LÚCIO conduzindo OSMIA, que vem em traje Romano*¹.

*Osmia*²: Que diferença! Oh! Céus! e que imprevisto
Rubor me cobre o rosto... Elédia amiga...

Elédia: Suspirada Princesa³... mas que vejo?...
Engano-me talvez?

*Osmia*⁴: Não, não te enganas.
A tua triste Osmia tens presente

Elédia: E não há uma cova, um novo abismo
onde Elédia se esconda? Agora vejo
por que os Deuses assim nos desamparam.

Osmia: Cara Elédia, primeiro que te indignes⁵,
de mim tem compaixão. Ah! do consorte
se algumas novas trazes, desejá-las
não me faças mais tempo. Tão horrível,
tão digna de desprezo, como julgas,
Osmia não será se tudo ouvires.

Elédia: Quais novas? Qual consorte?... Que direito,
Romana, podes ter para inquirir-me?
A teus prazeres torna; em paz me deixa.

Osmia: Eu Romana!... Eu!... Prazeres!... Rodeada
de acerbos amarguras! Ah! Piedade
tem de minha aflicção⁶. Fazer inútil
não queiras o socorro que em ti busco.

Elédia: Pois tu és quem me buscas?

Osmia: Eu, amiga;
de mil e mil angústias oprimida,
ao Romano roguei que te fizesse
para aqui conduzir. O teu conselho,
a tua virtuosa austeridade,
e mil outros motivos, que dissera
se o furor que em tí vejo não truncasse
na garganta as palavras, me fizeram
humilhar a pedir. Eu!... Que mandava,
Eu!... Que fui até agora obedecida.

Elédia: Quem se humilha a pedir franquea o passo

¹ Lúcio, entrando no Teatro com Osmia, lhe mostra Elédia e parte para o campo.

² Osmia, dando alguns passos no Teatro, fica observando Elédia, e depois de combinar os trajes se apressa para abraçá-la.

³ Voltando com ternura, fica suspensa, como que desconhece Osmia.

⁴ Osmia com brandura. Elédia sempre com indignação e altivez.

⁵ Antes que te indignes (n. da ed.).

⁶ Em todos os casos, orig. «aflicção» (n. da ed.).

a que sempre a soberba Leis lhe imponha.

Osmia: Mas se virtude obriga a que prescinda,
da nativa altivez...

Elédia: E que virtude
é capaz de influir¹ uma baixeza²?
Quando em ferros curvadas se lastimam
as tuas companheiras, tu te empregas
em prender roupas e estudar adornos?

*Osmia*³: Que terrível insânia te possui!
teu furor te conduz arrebatada
a julgar-me indefesa. O fausto, o traje,
que assaz me desagrada e te horroriza,
hoje mesmo o vesti a vez primeira.
A última será. Eu desta pena
(não leve) que me oprime, um nobre prêmio
esperei conseguir: de ti depende.

*Elédia*⁴: Virtuosa te mostra, e verás como
Elédia te socorre.

*Osmia*⁵: Bem pudera⁶
de altivez increpar-te. Escravas ambas
na verdade nos vemos; mas tu mesma
que sou tua Princesa reconheces.
Igualou-nos a sorte, tens desculpa
se excedestes⁷ os termos. Nem me esqueço
do que devo a teu zelo infatigável.
Arte, esforço, virtude, o próprio mando
como dádivas tuas reconheço.
Tu foste aquela, que entre mil guerreiros,
(qual outra Mãe prudente) me escolheste
Rindaco por Esposo: respeitei-te
em tão severa escolha. A mão de Esposa
a Rindaco entreguei, sacrificando
o meu próprio sossego ao desses Povos
que meu consórcio unia. Começava
meu brando coração a costumar-se
aos duros laços do consorte altivo,
e a benigna virtude um véu lançava
sobre tantas, e tantas asperezas
ao génio meu contrárias.

¹ Provocar

² Em todos os casos, orig. «baxeza» (n. da ed.).

³ Com aflição.

⁴ Com altivez.

⁵ Com severidade.

⁶ Orig. «poderá» (n. da ed.).

⁷ Excedeste (n. da editora)

Elédia: Corta o fado
tão formosa união, que de improviso
Lélio nos assaltou. Correu-se às armas,
mas sem forma, sem ordem. O tumulto
de ti me separou, nem sei que passos
os de Rindaco foram, que as Coortes
de nós se apoderaram por maneira
que o ceder foi preciso, mas pagaram
com mil vidas o nosso cativo.

Osmia: Eu de longe te vi fazer pasmosos
estragos no inimigo, e teus esforços
de emulação, de exemplo me serviram.
Por longo tempo do consorte ao lado
sustentei o combate, mas sabendo
que os nossos afrouxavam de outra parte,
me disse o Esposo então: «*Sustenta Osmia
com teu valor e exemplo este partido
enquanto eu corro àquele*». Parte, e logo
desaparece, entrando nas Coortes
como raio que as nuvens despedaça.
Reforçam-se os contrários: dobro os golpes;
porém poucos me seguem. Nas insígnias
reconheço o Pretor, e, fatigada,
à vista do perigo me resolvo
a livrar-me co'a morte dos horrores
do duro cativo. Estranha força
me impede: era o Pretor, que o já seguro
ferro cortês e forte me demanda.
Cedo, bem que ameaço, não se ofende¹.
Antes uma centúria então destaca,
a fim de que segura me acompanhe
a este mesmo Alcázar onde tudo
se move a meus acenos.

Elédia: Estremeço
a cada novo termo que te escuto.

Osmia: Contar-te por miúdo os lances todos
de seu génio cortês e generoso
fora consumir tempo inutilmente.
Eu severa uma vez, outra grosseira
desprezo na aparência inda as virtudes
que dentro na alma respeitosa admiro.
Só de Rindaco falo, só pertendo
unir-me às prisioneiras, e com elas
correr o dano que lhes coube em sorte.

Elédia: Oh! Generosa! Oh! Digna doutro fado!

¹ Demanda-me o ferro cortês e forte. Cedendo, e o nome se ofende ainda que o ameace.

Osmia: Não podendo porém descobrir¹ meio
de saber do consorte, em tal aperto
discorri que empregar devia o mesmo
inimigo da Pátria em favor dela.
Roguei-lhe pois...

Elédia: Que fosse procurado
Rindaco pelo campo.

Osmia: E como o sabes?

Elédia: Há pouco Lélíio tinha-me incumbido
dizer-te que foi Rindaco buscado,
porém debalde!

Osmia: Ah! Que de todo inútil
este traje não é. Foi este o preço
de te ver, cara Elédia, e de alcançar-te
por minha companheira enquanto o Fado
do consorte animoso me separa.

Elédia: Pois intentam que os trajes Lusitanos²
troques por essa pompa vergonhosa?
Ah! Princesa infeliz! deveras antes
deixar-te perecer ao desamparo.

Osmia: Devera, Elédia, se um grosseiro espírito
de rigor contra mim seu braço armasse,
Mas! Outros são os males que me assustam.
Não perde o Pretor meio de obrigar-me;
porém tais são os modos, que a prudência
mil vezes do que teme se arrepende.
Não é tão fácil, não, como tu julgas,
sair do labirinto em que me vejo.
Compadece-te, amiga, e não te afastes
de mim um só momento.

Elédia: Mas que risco
podes tu recear? Ardor, esforço
não te faltou jamais. Por fim, um ferro
não te pode livrar de tais receios?

Osmia: A vida que respiro não é minha:
talvez dela inda Rindaco precise.
Não devo conservar-lha?

Elédia: Sim, mas pague
o Pretor com a sua tanto insulto.

¹ Orig. «descubrir» (n. da ed.).

² Com veemência.

Osmia: Quando ele me insultasse livre fora.
Porém quando me obriga, de cautela,
não de ira, necessito.

Elédia: De que parte
te veio tanta astúcia?

Osmia: O meu perigo
reflexiva e prudente me tem feito.
Se souberas¹ os vivos sobresaltos,
as angústias que tenho padecido...

Elédia: Por nímia frouxidão, Osmia, eu temo...
eu tremo...

Osmia: Basta, Elédia, e pois não sabes
mais nada que bramir enfurecida,
deixemos vãs contendidas. Um só ponto
importa investigar: a todo o custo
é preciso saber qual seja a sorte
de Rindaco infeliz. Vamos, que os Deuses
por mim combaterão.

Elédia: Sim, se a virtude
constante sustentares no teu peito².

FIM DO ACTO I

ACTO II

CENA I

MÂNLIO e LÚCIO

Mân[l]io: Não acabo de o crer! Lúcio, não posso
imaginar que Lélío assim se esqueça
dos rígidos costumes dos Romanos.
Seria engano teu?... Uma cativa
com os trajes distintos³ das matronas!
Se Lélío tal consente...

Lúcio: Não te afirmo
se o consente ou se o quer: porém é certo

¹ Repare-se na utilização em vários lugares do máis-que-perfeito do indicativo em lugar pretérito imperfeito do conjuntivo (n. da ed.).

² *Partem*.

³ Elegantes (n. da ed.).

que em pompa está vestida, qual pudera⁴
uma eEposa Romana apresentar-se.

Mânlio: Mas tu disse que inferes?

Lúcio: O que infiro?
É Mânlio mo pergunta!... Tenho feito
quanto a Pátria de mim requerer pode...
avisei-te, isso basta.

Mânlio: Assaz presente
tenho quanto, ardiloso, me recordas.
Mas imprudente irei contra uma sombra
o furor exalar? Não, não me anima
dum zelo amargo o sanguinário esprito²,
que tudo precipita³ sem cautela.
Quero falar a Osmia, mas que meio
poderei descobrir para encontrá-la
sem dar indício algum do meu receio?⁴

Lúcio: É difícil, mal sabes que soberba
esta Bárbara anima. Por Princesa
como os seus a respeitam, não se abate,
e c'o Pretor apenas condescende.
Inda mais te direi...

Mânlio: É perigoso
irritar o Pretor que tem direito
a conservar a escrava... nem é crime
de que eu possa increpá-lo amar Osmia.

Lúcio: Mas profanar o traje das matronas?

Mânlio: Culpa grave é por certo, e que merece
madura reflexão. Vê tu se Probo
me permite falar com as cativas
sem que o Pretor o saiba. Pouco longe
destas Aras se cruzam duas veredas.
Ali quasi que o bosque faz um seio,
de copado arvoredado guarnecido.
Lá te irei esperar⁵.

CENA II

LÉLIO e LÚCIO. Este, querendo partir pelo lado esquerdo, fica detido pela voz
do *PRETOR*, que entra pelo fim do Teatro.

⁴ Orig. «podera» (n. da ed.).

² Por «espírito» por razons de cômputo silábico (n. da ed.).

³ Orig. «precepita» (n. da ed.).

⁴ Fica suspenso enquanto Lúcio fala, e sem dar atenção o interrompe.

⁵ Parte Mânlio.

Não mais se veja o fascinante aspecto
que após si me arrastrou. Sim, sim, fujamos.
Fujamos deste encanto... Mas que tardo
se presta o pé a quanto a mente ordena!
Em vão, em vão resisto... Ah! Que ela chega...
Ela vem ... (Ai de mim! E como o traje
recebe graças mil da forma bela!)
Tal a vejam, e quanto eu mesmo a adorem
os que de injusto e leve me criminam.

CENA IV

OSMIA, e LÉLIO se adianta a recebê-la

Lélio: Senhora...

Osmia: Se eu soubera que os profundos
cuidados de teu cargo te deixavam
livres estes momentos, pertendera
que à minha dor, Romano, os concedesses.

Lélio: Um só, Bela Princesa, um só cuidado
dos mais absorve o resto. De teus males
diminuir procuro a maior parte,
já que (inda mal!) não posso extinguir todos.

Osmia : Mal o prova, Pretor, o vão capricho,
que a tão odioso traje me condena.
Ah! permite, Senhor, que me despoje
de tão impróprio fausto! Vale Elédia
maiores sacrifícios, porém quanto
me não tem já custado esta mudança!

Lélio: E, contudo, essa pompa é mais conforme
à tua dignidade que os grosseiros
vestidos nacionais dos Turdetanos.

Osmia: Não, Lélio, as finas lãs¹ que fabricamos
nós mesmas quando a paz nos deixa o tempo
de mais honra nos cobrem que estas galas
manobradas por Povos Estrangeiros.

Lélio: Eu, Osmia, porém, tenho assaz fortes
motivos de rogar-te que prescindas
do antigo trajar.

Osmia: Ah! fora inútil
o teu rogo, Pretor

Lélio: Contudo, Osmia,

¹ Orig. «lans» (n. da ed.).

atender a meu rogo justo fora.

Osmia: Quer dizer que, podendo, não empregas
um rígido preceito?

Lélio: Não, Princesa,
tão grosseiro não sou: os Céus conhecem...

Osmia: Basta, basta, Pretor, conheça Osmia
que seu justo ditame¹ tu respeitas.
Deste dia cansado quando o termo
desejado chegar, aos Lusitanos
hábitos tornarei.

Lélio: Já que não queres
um prazer conceder-me, que de balde
não fora concedido, mais não insto...

Osmia: Reconheço, Pretor, quanto abatida
uma escrava...

Lélio: Não mais, ah! Não profiras
o nome indecoroso.

Osmia: Obediência...
a seu senhor de vera.

Lélio: Se prosegues
com tão impróprios termos... mas? de Elédia
ainda não me falas? Eu julgava
que ao vê-la, para sempre desterrasses
a funesta tristeza que te ocupa.

Osmia: Uma Esposa, Pretor, que a cada instante
teme infaustas notícias do consorte,
não faz pouco se vive. A mesma Elédia
meus cuidados, meus sustos não condemna.
Ah! Se sabes, Senhor, que vivo existe,
bem que esteja cativo o triste Esposo,
a nova por mais tempo...

Lélio: Cessa Osmia
de estar sempre excitando tais quimeras.
Se Rindaco vivesse, tão amável,
tão virtuosa Esposa não deixara
gemer por longo tempo na amargura.

Osmia: Herói que ouve gemer a Pátria inteira,
duma Esposa os gemidos mal destingue.
Quem sabe o que medita? Em que se ocupa?

¹ Orig. «dictame» (n. da ed.).

E quem sabe (infeliz!) se maniatado
o tens em duros ferros? Ah! se a tanto
chega a tua crueza, não me roubes
a glória de sofrer com ele a pena.
Assaz te roguei já: fora já tempo
de deferir a súplica tão justa.

Lélio: Não, Princesa, eu em ferros não detenho
teu consorte animoso. Antes suspeito
que entre os vivos (perdoa) não existe.

Osmia: Não o creio, Pretor, dum tal desastre
os Deuses Tutelares¹ me preservam.
No fundo da alma sinto levantar-se
fiel presentimento de que é vivo
o meu caro consorte.

Lélio: Pois se vive
fugitivo se oculta

Osmia: Mal encobres
teus desígnios: eu vejo em teu semblante
indiciosos sinais: Eu...

Lélio: Dentro na alma
essa injusta arguição (íngrata Osmia)
me derrama um veneno, um furor move...
que talvez proveitoso te não seja.

Osmia: Nada pode, Pretor, fazer-me espanto.
És Romano? perverso é bem que sejas.
Mas se Rindaco vive não receio
que vergonhosa fuga o tenha oculto,
antes julgo...

Lélio: Que julgas?

Osmia: Nada julgo,
Pretor, fica-te em paz: de ti não devo
mais notícia esperar. Toda me entrego
aos desígnios do Fado. Os Céus protegem
a virtude constante, bem que seja
por corações malvados oprimida².

Lélio: Ah! Detém-te, Princesa. Eu só medito
nos meios de salvar-te, mas nem sempre
são os meios conformes aos desígnios
dum nobre coração. De mim confia
que a tua paz prefira ao meu sossego.

¹ Tutelares. Acaso gralha.

² Quer partir e o Pretor a detém.

Se souberas...

Osmia: Pretor, se não alcanço
saber o que pretendo, mais não tenho
que saber ou que ouvir. A Elédia torno,
que não longe deixei, ou tu ma envia,
e à minha dor me deixa entanto entregue.

Lélio: Se te agrada agravar o duro aspecto
da tua situação, falemos dela:
não falta que dizer, e verás como
sei prestar-me a teus votos, bem que sejam
contrários a meus próprios sentimentos.

Osmia: Ah! Cruel! Como vejo em teu semblante
reluzir a fereza que disfarças
duma falsa piedade na aparência.

*Lélio*¹: Chamas falsa piedade a um sentimento
que todo me transporta?

Osmia: Que linguagem!

Lélio: E quanto sofro, Osmia, sob o peso
do rígido silêncio que me imponho!

Osmia: Mais não sofras, Pretor, vai explicar-te
onde possas melhor ser percebido.
E quê, não partes?

*Lélio*²: Parto sim, Princesa!...
E que não farei eu por contentar-te?
Mas vê que o meu silêncio... a tua virtude...
Ah! que eu me precipito³!

CENA V

OSMIA só.

Osmia: Justos Deuses.
Valei-me! E que expressões... que modo estranho
de persuadir!... Que duro... que terrível
incerto estado o meu! Ah! Cara Elédia...⁴

CENA VI

ELÉDIA e OSMIA

¹ Apaixonado.

² Parte.

³ Orig. «precepito» (n. da ed.).

⁴ Apressando-se a recebê-la.

Elédia: Eu cuidei que já hoje não partia
destes sítios o lânguido Romano
e não vi sem assombro a paciência
com que tu o suportas. Que medita
este soberbo herói a teu respeito?

Osmia: Seus desígnios, amiga, não percebo.
Já compassivo, já cruel o vejo,
e se hei de dizer tudo, mais me aflige
que encontrá-lo cruel, vê-lo piedoso.

Elédia: E que disse de Rindaco? Algum raio
de esperança nos resta a seu respeito?

Osmia: Crê que morto ficara no conflito¹.

Elédia: Preciso é pois salvar-nos sem demora.

Osmia: Mas de alcançá-lo os meios não descubro,
Inda quando, infíeis, da liberdade
permitida se faça ingrato abuso,
onde iremos buscar seguro asilo?
Cercadas de inimigos, ferrolhados
os nossos Turdetanos, mal podemos
afiançar um passo, que em si mesmo
envolve de vileza um peso enorme.
Se Rindaco vivesse, se eu pudesse
ao menos indagá-lo! Implora o Númen²,
consulta o Simulacro.

Elédia: Não ignoras
que em lugar profanado, impróprio tempo,
não se implora dos Deuses alto auspício.
Como queres que as Aras se rodeem
do Povo adorador que jaz cativo?
Como eu mesmo cativa, e soçobrada
da infausta perda soltarei os votos
com que faça descer o vaticínio?
Como as pedras, o fogo, as santas Aves,
as trémulas entranhas fumegando
observar poderei? Onde as cruentas,
as palpitantes mãos recém cortadas
aos cativos que vítimas aceitas
nas Aras de Endovélico se oferecem³?
Conserva-te inocente, e verás como
o socorro nos vem quando oportuno
os Deuses o julgarem. Porém Probo

¹ Orig. «conflicto» (n. da ed.).

² Para *Elédia*.

³ Oferecem, por motivos de cômputo silábico.

aparece acolá. Verei se dele
alguma luz recebo que nos guie.

Osmia: Sim, Elédia, vejamos se nos deixam
examinar os nossos Turdetanos¹.

CENA VII

ELÉDIA e PROBO

Probo: Que medita a soberba Lusitana?

Elédia: Medito em nossos males, e medito
na dureza daqueles, que nos tratam
de bárbaros e indóceis.

Probo: Mas nem todos
desse modo vos tratam. Antes vejo
que o Pretor, ao contrário, vos estima
quasi iguais às Romanas. Daqui parte
Osmia no seu traje, jamais visto
arrastrar por escravas até agora.

Elédia: Pois tu julgas que o traje se envilece?
Quão diversos são os nossos sentimentos!
Eu sou quem sem horror não vejo Osmia
carregada dum fausto injurioso
à severa modéstia Lusitana,
e mais quando discorro que fui preço
de tamanha fraqueza.

Probo: Pobre Elédia!
e podes tu julgar que esse o motivo
foi da estranha mudança?

Elédia: E qual seria
se esta não fosse a causa? fala, dize.

Probo: Um Romano não toca nos mistérios
das severas virtudes Lusitanas.
Crê menos um Romano, e mais acerta².

*Elédia*³: Estremeço de ouvi-lo. Continua⁴

Probo: O Pretor ama Osmia. Ela o conhece,
satisfazê-lo quer; por isso o traje
muda tão facilmente. Ninguém disto
entre nós já duvida; e tu que vives

¹ *Parte*.

² Orde recta: um romano crê menos, e mais acerta (n. da ed.).

³ *À parte*.

⁴ *Para Probo*.

a seu lado, não sabes por que modo
se movem seus affectos?

Elédia:

Insolente!

Imaginas que podes insultar-nos
porque escravas nos vês e desarmadas?
Não exultes assim que virá tempo
em que estas, estas mãos que tu desprezas
te arranquem da garganta a língua infame,
que tanto proferiu.

Probo:

Elédia, Elédia!

Moderar teu furor bem melhor fora
que deixá-lo exalar em vãos esforços.
De mim te fía um pouco e consultemos
como salvar Osmia. Sou eu mesmo
quem por ela te falo, e porque temo
de seu funesto amor as consequências,
do silêncio quebrei o freio austero.

Elédia: Vai, indigno, não cuides que alcançaste
iludir-me por ora. Não receio,
Lélio, Roma; nem temo o mundo inteiro.
A virtude de Osmia assaz conheço,
assaz respeito infunde. A ociosidade,
os sumptuosos banhos, os banquetes
não amolecem, não, as Lusitanas.
Insensíveis não somos, mas amamos
o que é lícito amar. Ah! leva a Roma
esses teus pensamentos. Cá nos deixa
a bem fundada glória que fazemos
de desprezar insípidos requebros.

CENA VIII

PROBO só

Probo: Não sei que tem de nobre esta fereza,
que inda ofendendo agrada. Venturosos
estes Povos severos que à virtude
os corações consagraram desde o berço.

FIM DO ACTO II

ACTO III

CENA I

OSMIA e, pouco depois, ELÉDIA

Osmia: De Elédia, que será? Nem inda a vejo,
os momentos por séculos reputa
quem flutua¹ no pélago profundo
do receio cruel. Ah! que impaciente²
e temerosa, amiga, te esperava.
Que soubeste de Probo? Teu semblante
perturbado, não sei que me anuncia.

*Elédia*³: Talvez os teus remorsos te declarem
primeiro que eu o mal que me atormenta.

Osmia: Os meus remorsos! e quais são os crimes
que os fariam nascer? De que me acusa
a tua impaciente austeridade?

Elédia: Não sou eu quem te acuso. O mundo todo
te lança em rosto, Osmia, essa fraqueza
com que cedido tens aos vãos projectos
de quem dobradas vezes te cativa.

Osmia: Se outra cousa não tens de que me arguas,
puderas⁴ escusar-me de estranhar-te
esse indiscreto zelo a que, sincera,
já dei satisfação.

Elédia: Não deste, Osmia.
Como fábula corre entre os Romanos
do teu funesto amor a vergonhosa
nunca até agora imaginada história.

Osmia: Ah! Treme Elédia, treme da ferida
que no íntimo da alma vens cravar-me.

Elédia: Ameaças-me tu?

Osmia: Se te ameaço,
se me doo não sei. Sei que me acendes
um furor dentro na alma desusado.
E quais, Elédia, são, quais são as provas
da fraqueza que argúis⁵? Quem se atreve

¹ Orig. «fluctua» (n. da ed.).

² Vendo *Elédia*.

³ *Toda esta Cena requer de Elédia ora arrogância, ora altivez, e de Osmia ressentimento* [orig. «resentimento» (n. da ed.)] *vivíssimo*.

⁴ Orig. «poderas» (n. da ed.).

⁵ Orig. «argues» (n. da ed.).

a culpar-me que indique acção ou gesto
com que os ditos infames autorize?
E tu, injusta Elédia!, Tu que sabes
o que eu sou, o que eu soffro. Sem piedade,
sem pejo, sem horror, e sem respeito
vens tu mesma cobrir-me de ignomínia?

*Elédia*¹: Ah! sim, de que és Princesa me recordo.
Mas se com a Romana mal se ajusta
a severa virtude Lusitana,
vassala, ou livre, já de ti me afasto.
Treme entanto, infeliz, do mal acerbo
que sobre ti já vejo estar pendente.
Parto, e queiram os Deuses que os meus votos,
mais que o meu zelo sejam eficazes!²

Osmia: Ah! não partas... detém-te

Elédia: E de que serve
mais tempo dilatar-me? Eu me envergonho
da demora que faço. Talvez julguem
os mordazes Romanos que presido
de tão loucos projectos ao Conselho.
Vou buscar o Pretor. Sim, vou rogar-lhe
que outra vez desses ferros me carregue,
que mais honra me dão que a liberdade
por tão infame preço concedida³.

*Osmia*⁴: Não te deixarei ir.

Elédia: Pois inda intentas
medir comigo forças? Foi-se o tempo
em que arrojava livre o dardo agudo
teu braço impetuoso. Foi-se o tempo⁵.

Osmia: Não mais Elédia, assaz, assaz tens dito.
Atende-me, e se nada te merece
a minha condição, mova-te ao menos
de meu acerbo mal o duro aspecto.
Se te espinhas de meu ressentimento⁶,
Não conheces a causa? Se atenderas
à dor que me causastes⁷ (dor insana!),
não irada, piedosa te mostraras.
Depõe esse furor, que tantas vezes
me tem atormentado, sem que eu possa

¹ Com ironia picante.

² Quer partir e Osmia a detém.

³ Querendo partir.

⁴ Pegando-lhe pela mão.

⁵ Soltando a mão.

⁶ Orig. «resentimento» (n. da ed.).

⁷ Causaste.

tirar dele algum fruto em tanta angústia.

Elédia: Furor chamas, Osmia, à linguagem
da severa virtude?

Osmia: Da virtude
não me assusta a linguagem, bem que austera.
Se o crime ela condemna, o criminoso
jamaís sabe ultrajar, antes piedosa
o desculpa, o dirige, e leva ao porto.
Se me julgas culpada (Oh! Deus! Que pena!),
se duma vil paixão vítima indigna
me presumes... o meio de salvar-me
a dureza não é; e se inocente
mereço que me julgues, qual ser pode
o fruto dum ardor que assim me insulta?
Recobra-te eu to peço. Com sossego
descobre-me o que sabes, e tratemos
de meu damno evitar, não de acrescê-lo.

Elédia: Está bem, eu consinto, mas responde
sincera ao que te inquiri. Não te agrada
o Romano Pretor?

Osmia: Seu nobre termo¹
que me agrada não nego. A sua virtude
me inspira um sentimento generoso
de estimação, de gratidão devida...

Elédia: Mas esta gratidão acha limites
e bem curtos a Pátria lhos tem posto.
Nem ignoras qual ódio nos inspiram
as Leis contra os Romanos desde o berço.
Nossos Pais o juraram, e nós mesmas.
O cruento holocausto oferecendo
as mãos de teus maiores se imergeram,
as tuas se ensoparam nas entranhas
palpitantes do mísero Imolado.
Vejo aos Céus inda os braços levantados,
e por débeis os teus sustento eu mesma;
ainda o sangue escorre. E tu presumes
que a gratidão te venha da justiça?

Osmia: Que dizes? Presumir?... Por certo o julgo.
De Galba foi a negra atrocidade
quem assim revoltou contra os Romanos
os miseráveis restos desses Povos
que Viriato uniu. Desbaratados,
dispersos e distantes de seus lares,
para chamá-los à vingança justa

¹ Disposiçom, modo (n. da ed.).

preciso foi enfiar às almas,
co'esse horrendo aparato que recordas.
Eu tenho dentro na alma radicado
um ódio permanente. De vingar-me
não perco as esperanças. Este mesmo,
este mesmo Pretor, se torno ao campo,
e posso acometê-lo, será alvo
de meus pesados golpes. Levo em braços
da Pátria a causa então, porém agora
da minha só se trata. A Lélia devo
quanto sabes, Elédia. Benefícios
com ódio não se pagam. Que virtude
tal pudera inspirar?... Porém tens visto,
Amiga, no Pretor algum indício
que possa condená-lo? Os seus obséquios
vêm sempre de respeito acompanhados.
São cortesies seus termos e expressivos
sobremodo, é verdade, mas não deve
um peito generoso conder-se
da minha desventura? Oh Céus! Quem sabe,
afeita desde o berço a um trato rude,
a polidez estranho. Do que temo
eu mesma me envergonho, talvez seja
a simples cortesania o que me assusta.

Elédia: Mas que empenho foi este de obrigar-te
a mudar de vestido?...

CENA II

PROBO e as ditas. PROBO entra apressado, e as interrompe.

Probo: Elédia, Osmia,
alvíssaras me dai

Ambas: Rindaco é vivo?

Probo: Eu dele nada sei, mas sei que pedem
os Vetões contratar o teu resgate.
Embaixadores mandam: Generosos
tudo por ti prometem.

Elédia: Respiremos.

Osmia: Dize, Probo, e seus nomes tu não sabes?

Probo: Não, Princesa, que apenas a certeza
dos guardas alcancei, vim logo dar-ta.

Osmia: Da tua compaixão segura prova
é esta que recebo: eu ta agradeço,

porém doutra maior inda quisera
ser-te hoje devedora. Vê se podes
indagar de qualquer comitiva
se Rindaco está vivo, e como existe.
E se mais posso pretender, quisera
eu mesma inquirir deles a notícia.

Probo: Farei quanto couber na disciplina
que no campo se observa.

Osmia: Sem demora
vem pois do que alcançares informar-nos.
De Elédia tudo fia, ela te espere,
enquanto deste sítio me retiro.

CENA III

ELÉDIA e PROBO

Elédia: Não te confundes, Probo?!

Probo: Eu confundir-me.
E de que, Lusitana?

Elédia: Compatível
será aquele ardor com que procura
notícias do Consorte co'as malignas
ideas dos Romanos.

Probo: Não pretendo¹
em tal ponto excitar nova contenda.
Osmia vou servir, quisera vê-la
dominar outra vez sobre seus Povos².

CENA IV

LÉLIO e MÂNLIO

Lélio: Que importunos, que altivos os Legados
estiveram por fim!

Mânlio: Lélio, algum Númen
favorável preside a teus desígnios.
Os meios se apresentam de salwares
de arrastar ferros a soberba Osmia³.
Seus Povos a reclamam, a seus Povos
sem demora se entregue.

¹ Orig. pertendo (n. da ed.).

² *Partem*.

³ Orde recta: os meios se apresentam de salwares a soberva Osmia de arrastar ferros (n. da ed.).

Lélio: Há pouco tempo
querias fosse a Roma conduzida!
Incoerente te mostras.

Mânlio: Incoerente
só fora se o contrário aconselhasse
do que te persuado. Que oferecem
os Vetões em resgate dos cativos?

Lélio: Seus tesouros, celeiros e rebanhos.

Mânlio: E na falta de víveres, na falta
de Numisma¹, que a Tropa já percebe,
deves tu desprezar um tal socorro?

Lélio: Mânlio, deixa disputas. Não, não quero.
Não cederei jamais por algum preço
essa rara mulher!...

Mânlio: Quanto proferes
o receio da Tropa justifica:
um estragado amor vai despenhar-te

Lélio: Dize antes, que um furor me acende em ira,
fruto cruel de tuas imprudências.
Amo Osmia, e pois tanto te declaro,
não me tornes jamais com vãos projectos
de resgates, de trocas, de quimeras,
que um menos forte amor te não sofrera².
Serei talvez o único Romano
que às doçuras de amor rendesse o peito?

Mânlio: O amor duma escrava não se estranha
(bem o sabes) em Roma. É tua a culpa
se tanto teu amor nos inquieta.
As honras que lhe dás têm indisposto
os ânimos de todos. Se imaginas
Esposa associá-la, não te enganes:
Ninguém to sofreria. Apotoses³
de Matronas escravas⁴ já tens visto?
Ou torna em ti, Pretor, ou se teimares⁵
em conservá-la assim, sabe⁶ que eu mesmo
(Antes que as santas Leis pisar te veja)
eu mesmo hei de arrancá-la de teus laços.

¹ Moeda cunhada (n. da ed.).

² Orde recta: que um amor menos forte não te sofrera (n. da ed.).

³ Com a maior e mais picante ironia.

⁴ Elevação de escravas à categoria de matronas. O orig. «apotoses» responde a necessidades de cômputo silábico (n. da ed.).

⁵ Com severidade e veemência.

⁶ Na emenda incluída no fim do texto, indica-se que «em conservalla, sabe» deve ser substituído por «em conservalla assim». Por razons tanto de cômputo silábico como de sintaxe, entendemos que deve ser acrescentado «assim» sem suprimir o verbo.

Lélio: Que proferes, Questor? Tu não reparas...

Mânlio: Repara tu, Pretor, no que resolves.
Considera, decide, e se algum resto
de razão te acompanha, não te exponhas
a perder-te, a perder-nos, e a deixar-te
em vergnoso aspecto ao mundo inteiro¹.

CENA V

LÉLIO, guardas e ELÉDIA pouco depois.

Lélio: A perder-me!... A perdê-los?... Que se perca
o mundo inteiro, e não se perca Osmia.
Chame-se. Oh! Lá!² Porém que vejo?³ Elédia?
Retirai-vos⁴. Elédia a que bom tempo
agora apareceste! Um Deus amigo
aqui te conduziu!

Elédia: As Divindades
contra nós vemos todas conjuradas
se Probo diz verdade.

Lélio: Que verdade?
Acaba, dize tudo.

Elédia: Pois ignoras
as vozes que se espalham?

Lélio: Nenhum caso
tenho feito jamais de vozes vagas
que origem nunca têm que vã não seja.

Elédia: Logo por falso tens que falecido
Rindaco...

*Lélio*⁵: Falecido!... Como, quando...
É morto, Elédia? Dize, e de que parte
a notícia alcançaste?

Elédia: Na verdade
de teus ditos e gesto não alcanço
se sincero me falas, se ardiloso.

Lélio: Elédia, eu sou sincero. Não sabia

¹ Parte.

² Um dos guardas se apresenta.

³ Elédia aparece.

⁴ Todos os guardas se retiram ao mesmo tempo que o Pretor vai encontrar Elédia.

⁵ Interrompe-a com a maior vivacidade.

que a notícia se tinha confirmado.

Elédia: Probo diz que os Vetões a difundiram.

Lélio: Se é verdadeira a nova, com malícia
os Legados de mim a recataram.

Elédia: Será falsa talvez, e vou de Osmia
sossegar a aflição. Mal sabes, Lélio,
que estranha estupidez lhe cobre o rosto
desde o fatal momento, em que a notícia
seus ouvidos feriu! Sem movimento,
quasi estátua ficou, e recolhida
toda dentro em si mesma, nem me escuta,
nem os olhos aparta de um só ponto.
Eu as mãos lhe toquei, toquei-lhe a testa,
e dum frio suor vertendo gotas,
só com surdos suspiros nos dá prova
de que a vida conserva. Pretor, parto
a dar-lhe algum socorro. Não é crível
que a ti somente a nova se ocultasse.

Lélio: Dizes bem, mas quem sabe... Elédia, espera.
Lúcio vejo acolá, vem procurar-nos.
Saber dele a verdade poderemos.

CENA VI

LÚCIO e os ditos

Lúcio: Senhor, posto que ainda não voltassem
aqueles que mandei, como tu sabes,
um vetão me assevera...¹

Lélio: Em liberdade
podes, Lúcio, falar.

Lúcio: Porém Elédia
não gostará de ouvir.

Elédia: Ah! não se trata
do que pode dar gosto: assaz percebo
que Probo não mentiu.

Lúcio: Se Probo disse
que Rindaco foi morto, disse o mesmo
que o Vetão me afirmou².

Elédia: Atroz destino

¹ Lúcio não prosegue, como que respeita a Elédia.

² Enquanto Elédia exclama, os dous falam em particular.

quem de teus golpes pode assegurar-se?
nem força, nem virtude te resiste!

Lélio: Mas por que uma tal nova me ocultaram
os Legados?

Lúcio: Não sei. O Vetão pede
que os Legados não saibam que o declara.
Eu com Probo o deixei, torno a buscá-lo¹.

CENA VII

ELÉDIA e LÉLIO

Lélio: Elédia, tu não partes? Vai, consola
a consternada Osmia.

Elédia: DE assombrada
não sei como respiro.

Lélio: Vai, não tardes.
Procura aliviá-la com brandura,
trabalha porque a dor se desafogue,
distrá-la é preciso. Vê se podes
conseguir que se esforce, e que ela mesma
me queira vir falar. Convém a todos.

Elédia: Parto, mas ela vem... e por que modo!
Tanto o seu mal me aflige, que me falta
o valor para vê-la neste estado.

CENA VIII

OSMIA e os ditos

*Osmia*²: Elédia... (soltar posso!... a voz apenas)
Probo te espera³ Oh! Céus! irei contigo

Lélio: Não Princesa, não partas. É preciso
que me escutes agora.

Osmia: Oh! Deus, de sorte
me traspassa a amargura, e me soçobra
de meus estranhos males a crueza,
que apenas posso ver-te, nem as forças
longo tempo me dão, para escutar-te.

Lélio: Anima-te, Princesa, talvez possas
ser menos infeliz do que imaginas.

¹ Parte.

² Sem ver o Pretor.

³ Elédia parte, e Osmia, vendo o Pretor, assusta-se e quer seguir Elédia.

Os Vetões, animados, de alto zelo
propõem o teu resgate.

Osmia: Já sei tudo,
e sabe o Céu também se lhe sou grata.

Lélio: Os Romanos pertendem que eu te ceda
pelo vil preço de ouro e de armentio¹.

Osmia: Desse modo mudado o cativoiro,
irei escrava ser de meus vassalos.

Lélio: Não irás, eu to juro. Mas se é certo
que Rindaco espirou...

Osmia: (Oh! Céus!) Que gelo
das plantas se levanta! Não prossigas².

Lélio: Perdoa, cara Osmia, se não cedo
agora a teu preceito. Pois que é certo
que de Rindaco os dias se extinguiram,
os meus posso esperar que mais felizes
comecem a correr, se no teu peito
não achar, bela Osmia, resistência
um amor inocente que até agora
sob o peso gemia dessa tua
tão bela como rígida virtude.

Osmia: Pretor, deixa-me em paz... o que proferes
agrava a minha dor. Não posso ouvir-te;
desamparam-me as forças, não resisto.

Lélio: Recobra-te, Princesa, não é tempo
de dar lugar à dor, que o mal não cura.

Osmia: Ah...

Lélio: Maiores triunfos te ofereço
que os antigos, que célebre te aclamam.
Atende-me, Princesa. Dos Romanos
o Pretor tens rendido: ou vem comigo
em Roma colocar-te ou pronuncia
de meu fatal destino o termo infausto.

*Osmia*³: Aparta-te cruel, assim não ouses
escarnecer da sorte dos vencidos.

Lélio: Essa bela fereza não me assusta.

¹ O m. q. armento, rebanho (n. da ed.).

² Em todos os casos, orig. «proseguir» (n. da ed.).

³ Com indignação.

Escuta-me, e verás que não te ofendo.
Se até agora, Princesa, respeitoso
em dura escravidão contive austero
o sentimento... a chama que teus dotes,
tuas raras virtudes, me excitaram,
agora¹ (não te indignes!) impossível
me fora sufocá-la, ou reprimi-la.
Um raio de esperança então não via.
A severa justiça, a tua virtude,
a lei pesada do silêncio impunha².
Hoje porém, Osmia, mudou tudo.
Da foice libitina³ uma fálsea
vejo saltar brilhante quando o golpe
descarrega fatal...

Osmia: Ah! mais não posso
Romano suportar.

Lélio: E de que ofensa
me podes arguir? Se dependesse
de mim o cruel golpe desviar-te,
não me poupara, Osmia. Podes crer-me,
o Fado mo negou, e o mesmo Fado
a meu favor, talvez, vem declarar-se.
Dum Romano bem pode, sem soçobro,
chamar-se Esposa Osmia. Não recuses
croar⁴ a minha sorte unida à tua.

Osmia: Tens dito.

Lélio: Não, Princesa, assaz me resta
ainda que dizer..

Osmia: Oh! Céus, acaba,
acaba duma vez.

Lélio: Tanto te aflige,
injusta Osmia, ouvir-me um só momento?
Teu destino de mim já não depende.
Se pertendes reinar sobre teus Povos,
a reinar tornarás: serei eu mesmo
quem para o Trono o passo te franquee.

Osmia: Liberdade não quero; não desejo
mando, que pago seja por meus Povos.
Se não pode meu braço libertar-me,
se do Esposo esperar não pude auxílio,
não quero ir suportar a sorte ingrata

¹ *Osmia quer interrompê-lo com indignação, e ele prossegue.*

² *Como acima.*

³ Mortal. Adjectivo derivado de Libitina, deusa romana dos funerais (n. da ed.).

⁴ Por «coroar» por razons de cômputo silábico (n. da ed.).

de me ver a meus súbditos vendida.

Lélio: Não me julgues capaz de tal baixeza.
Se a partir te resolves desde logo,
podes dispor, Osmia, do resgate
que por ti os Vetões me ofereciam.
O preço, Osmia, o preço do teu Cetro¹
Só pode ser a vida que me levas.
Esta vida infeliz que envolta em sangue
verás sair do peito, quando a sorte
segura te elevar sobre teus Povos.
Tenho, Osmia, proposto: a ti pertence
ou a vida cortar-me, ou dar-me alento.

Osmia: Que aluvião de angústias lança o Fado
sobre o meu coração. Lélio, não devo,
não posso resolver-me. Generoso,
se tudo tu me cedas, eu não menos
de imensa gratidão... (não sei que digo.)²

Lélio: Prossegue, bela Osmia, não detenhas
impulso de tão nobre sentimento.

Osmia: Pretor, sofre que um pouco a mim me entregue.
Curto o prazo será, mas é preciso
que eu ache um meio (ah! triste!) que me salve
dos horrores, que a mente me figura.

Lélio: Contra o triste Pretor não, não decidas.
Veja Roma uma vez que as Lusitanas
são dignas de seus foros.

Osmia: Os Romanos
Estangeiras Esposas não consentem.

Lélio: Não consentem. Porém inda até agora
as Osmias em Roma se não viram.

Osmia: Pretor, não me alucino³. O Céu disponha
que eu saiba resolver.

Lélio: Que indiferença!
Ah! já vejo (cruel) que há de o meu sangue
ser o preço da glória a que te eleves.

Osmia: Cruel me chamas!... e cruel,contudo,
não deveras chamar-me se souberas...
(Onde me precipito!)

¹ Orig. «Sceptro» (n. da ed.).

² À part[e].

³ Nom perdo a razom (n. da ed.).

*Lélio*¹: Oh! Deus! prosegue...

Osmia: Lélio, fica-te em paz².

CENA IX

LÉLIO, querendo segui-la

Lélio: Oh! Cara Osmia,
Por que foges assim? que belo fogo
chameava em seus olhos! Ah! vencemos,
meu pobre coração, esperar podes.³

FIM DO ACTO III

ACTO IV

CENA I

ELÉDIA e PROBO, que entram da parte esquerda do Teatro.

Elédia: Na verdade bem pouco te merece
a mísera Princesa em tanta angústia.

Probo: Mal me pagas tu mesma tanto excesso
quanto fiz por haver de contentá-la.
Não te basta saber que o campo todo
tem por certa a notícia? Não te basta
dizer-te que nem Mânlio já duvida
de Rindaco ser morto?

Elédia: Que me importa
o que diz o Questor? O campo todo
que fê pode fazer-nos? Os Romanos
assaz conta acharam em que se espalhe
a voz de lhes faltar um tal contrário.
Acreditar de leve não costuma
Osmia. O mesmo Lélio, que pretende⁴
da morte persuadir-nos, não se esquece
de notar que os Legados lha calaram.
É-nos preciso, Probo, é-nos preciso
examinar nós mesmas a notícia

¹ Com suma vivacidade.

² Com aflição, e retira-se.

³ Parte apressado.

⁴ Em todos os casos, orig. «pertende» (n. da ed.).

dum dos nossos sequazes.

Probo: Se isso basta,
um Vetão, podes crer-me, tanto afirma.

Elédia: Pois esse, esse Vetão é que deveras
conduzir-nos aqui. Deseja Osmia
por si mesma apurar hoje a verdade.
De ti confia tudo. O tempo é pouco;
se o deixamos perder, quem sabe quando
poderemos achá-lo tão propício?

Probo: Debalde em mim não põem a confiança.
Não te afastes de aqui, que pouco tardo.

Elédia: Aqui te esperarei.

CENA II

ELÉDIA

Elédia: Ah! não permitam,
não permitam os Deuses que este encontro
fatal nos venha a ser! Não sei que espanto,
que estranho assombramento esta alma ocupa!
DE Osmia a sorte escassa me inquieta.
Se de Rindaco o Fado hoje se apura,
se a morte decepou seus claros dias,
qual pode ser o efeito que não custe
novo terror à mente já ferida
de espantosos presságios?...

CENA III

ELÉDIA e PROBO apressado.

Probo: Chama Elédia
depressa a tua Princesa, felizmente
encontrei o Vetão, mas curto espaço
de falar-lhe terá. Não venci pouco
para poder assim satisfazê-la.¹

CENA IV

PROBO e o VETÃO, que aparece quando PROBO o chama

*Probo*²: Vetão!... para aqui chega, nem te afastes
um só passo daqui. Não tarda Osmia;
podes livre falar-lhe, mas debalde

¹ *Elédia parte.*

² *No fundo do Teatro chamando para o bosque.*

um tempo precioso não consumas.
De Rindaco saber quer o destino,
sem isso não sossega. Até receio
que ao confirmar-se a morte do Consorte
não possa resistir. Quando eu lhe disse
quanto ouvi referir-te, apenas pude
julgar que respirava: vê se podes
consolá-la, Vetão, e persuadi-la
a partir com os seus.

*Vetão*¹: E persuadi-la
julgas tu necessário? Não respondes?

Probo: Não sei que te responda. Não transpira
do coração de Osmia algum segredo.
Pelo Esposo somente se interessa,
e dasasossegada não decide.

Vetão: E se sabe que é morto, então não parte?

Probo: Tanto não digo, bem que assaz o temo.
É grande a sua virtude, mas não menos
é delicado, é perigoso o ponto.

Vetão: Explica-te melhor...

Probo: Que parta Osmia,
Romanos e Vetões verás contentes.²

CENA V

O VETÃO só.

Vetão: Não é pouco se Osmia inda encontramos
ao Consorte leal³. Só se inquieta,
só pergunta por ele. E quê! Não sabe
que não pudera⁴ Rindaco sofrer-lhe
que um só momento se esquecesse dele?
Quanto empenho mostrou por consegui-la
lhe deve estar presente: nem ignora
que se entre os mais não fosse preferido
no sangue do rival vira alagado
o Toro infausto... e no seu mesmo sangue
a ingrata submergira com seus Povos.
Ah! Jamais sem vingança um Vetão sofre
o desar⁵ de se ver desatendido.
Ou fosse gratidão, ou só prudência,
foi Rindaco escolhido, e no seu peito

¹ *Inquieto.*

² *Parte.*

³ Orde recta: não é pouco se ainda encontramos Osmia leal ao Consorte (n. da ed.).

⁴ Orig. «poderá» (n. da ed.).

⁵ Desaire (n. da ed.).

quem há que jamais visse amortecer-se
esse ardor, que por ela se ateara?
Combater, destroçar imensos Povos,
só para às leis de Osmia submetê-los,
é toda a sua ambição. Quem não descobre
no resgate proposto a generosa
oculta mão de Rindaco excitando
a coragem dos Povos sufocada.
Tempo virá, nem tardará muito,
em que Osmia conheça que devidas
são as lágrimas suas ao Consorte.
Não, não, demais não faz se se angustia.
Demais!... quanto inda deve?... E por que tarda?
Ah!¹ que infiel talvez se encontra Osmia!

CENA VI

OSMIA e o VETÃO. Este quando OSMIA o chama, volta do acto de desesperação em que se conservava sem atender ao que se passava no Teatro.

*Osmia*²: Que voz!... Oh! Céus que tom de voz escuto?
Os passos... a figura... um sentimento
interior... Vetão!³ ah!...

Vetão: Osmia! Osmia.
Mas que estranho vestir!⁴ Quê! Tu suportas
tamanha humilhação⁵! Tu, minha Esposa!

Osmia: Consorte... Quanto posso... Não sei como...

Vetão: Osmia se confunde!...⁶

Osmia: Quando aflita
temia ouvir a nova confirmar-se
(nova fatal) de seres falecido...

*Rindaco*⁷: Pois se vivo me vês, que te perturba?
Se não é que inda um resto de virtude
contra esse estranho traje em ti reluta.
Fala, não me respondes?

Osmia: Melhor tempo
teremos de falar. Partamos logo.
Sim, partamos, Esposo. A sorte amiga
salvou-te e conduziu-te em meu socorro

¹ Retirando-se apaixonado para o fim do Teatro.

² Observa o Vetão.

³ Volta Rindaco e corre a abraçar Osmia.

⁴ Tendo-a nos braços.

⁵ O m.q. humilhação (n. da ed.).

⁶ Afasta-a de si com desabrimento.

⁷ Interrompe-a com impaciência.

no ponto delicado; não subiram
os meus votos debalde ao Céu piedoso.

Rindaco: Eu não venho roubar-te. Inda os Romanos
a decisão não deram.

Osmia: Dependia
o ponto de mim só. Ao Pretor mando
a certeza de haver-me resolvido¹.

Rindaco: Espera, espera; e tu por que resolves
em negócio que a Roma só pertence?

Osmia: Não é melhor, Esposo, que partamos?
Não ponderas, Senhor, que estás exposto
ao perigo de ser reconhecido
como falso Legado? Ah! que um tal crime
levemente não fora em ti punido.

Rindaco: Eu Legado não sou, nem tenho crime
senão o de sofrer que me retardes
a resposta de tudo o que te inquiri.

Osmia: Salvemo-nos, depois...

Rindaco: Depois! agora,
agora mesmo quero saber tudo.
A tua confusão, teu sobressalto²
assaz, assaz me dizem, mas eu quero
da tua boca ouvi-lo.

Osmia: Céus! que estranha,
que bárbara aflicção!

*Rindaco*³: Se não te explicas...

Osmia: Eu me explico, Senhor, mas não te irrites
sem de todo me ouvir. Depois, a morte
se queres podes dar-me. Eu mesma a peço,
eu a desejo, Esposo.

*Rindaco*⁴: E como? A morte!
Osmia a pede?⁵ Osmia pois culpada...

Osmia: Sossega-te, Senhor, não sou culpada,
mas do crime a aparência me perturba.

¹ *Em acto de partir.*

² Orig. «sobresalto» (n. da ed.).

³ *Indignado.*

⁴ *Com assombro.*

⁵ *Com indignação.*

Rindaco: Acaba, duma vez me rasga o peito.

Osmia: O Pretor... tem mostrado que se agrada...

Rindaco: De ti! (oh raiva!) e tu?...

Osmia: Eu... Não te nego...
Não te nego, Senhor, que seus cortesões,
seus termos generosos me obrigaram.

Rindaco: Dize que o amas, e que por amá-lo
até desse vil traje te carregas.

Osmia: Não, Rindaco. Melhor conhece Osmia.
Este traje infeliz, que tanto pesa
sobre a minha virtude, foi o preço
porque alcancei de Lélío que habitasse
comigo a sábia Elédia. Seus conselhos,
seus rígidos costumes quis ao lado
quando a sorte de ti me separava.

Rindaco: E Elédia é testemunha de teus passos?

Osmia: Hoje Elédia alcancei. O Pretor mostra
querer aqui deter-me, mas podendo
recusar o resgate quer que eu mesma
em liberdade a decisão profira.
Na ignorância fatal do teu destino,
A resposta dilato¹. Os Céus quisessem
que nem um só instante a diferisse!
No momento porém... (oh Deus!)

Rindaco: Que dizes?

Osmia: Tudo o que na alma tenho, e tu repara
que generosa e firme to declaro.
Nesse triste momento em que a notícia
da tua morte, Senhor, se acreditava
menos cauta...

Rindaco: Insolente!

Osmia: Menos cauta,
ao Pretor deixei ver qua a sua virtude
sobre o meu coração império tinha.
Infel não te fui, sou desgraçada.
Tudo, Rindaco, sabes, só nos falta
partirmos já de aqui.

Rindaco: Partir, Osmia!

¹ O orig. «dilata» é corrigido nas emendas finais por «dilato» (n. da ed.).

Sem que eu possa vingar-me?

Osmia: Oh! Céus, que escuto!
Pois se vingar-te julgas necessário¹,
Com essas fortes mãos, Senhor, bem podes
a vida sufocar-me na garganta,
e se um ferro te falta... toma, aperta².

Rindaco: Que dizes, infeliz, nem já percebes,
que uma oculta vingança... Uma tal mancha
com sangue eu lavarei... mas sangue, Osmia³
que toda mancha lave.

Osmia: E que outro sangue
pode a mancha lavar que o meu não seja?
Se a culpa em mim reside... Se eu sou a causa...

Rindaco: Eu não decido, Osmia, se tens culpa,
se tanto imaginasse; mas... não quero
eu mesmo dar calor à sanha crua,
que o coração começa a devorar-me.
Se inocente pretendes que te julgue,
dá-me a prova tu mesma. Oculto ferro,
Osmia, trago aqui⁴ toma e repara...
que um Esposo agravado de ti fia
uma vingança digna de ti mesma.
Chama o Pretor.

Osmia: Que dizes? Eu chamá-lo!
Ah! Consorte! Não queiras arriscar-me
a que de mim se diga uma baxeza.

Rindaco: Se de Rindaco é digna um só momento
te farão injustiça. Perca a vida
às mãos daquela mesma a quem se atreve.

Osmia: Mas tão feia traição! Tão negro opróbrio
sobre mim cairá! Salva-me, Esposo,
depois em campo raso te prometo
combatê-lo valente, abrir-lhe o peito,
farpar-lhe o coração, despedaçá-lo.
À vista das Coortes em combate
singular, que de glória me coroe
e a teus olhos, enfim, me desafronte.

Rindaco: Não me enganas, Osmia.

¹ Desatando a cinta com a qual, enquanto diz os três versos seguintes, dá uma volta à roda da garganta, e ditos estes, entrega uma ponta da cinta a Rindaco ficando com outra na mão.

² Rindaco lança mão da faixa com uma espécie de furor que não deixa perceber o seu intento.

³ Desfaz o laço sem tirar a faixa.

⁴ Rindaco tira um punhal que apresenta a Osmia, a qual não lança mão dele senão no lugar notado.

Osmia: Eu enganar-te!
Salvar quero a tua glória, e quero a minha.

Rindaco: Mas o modo me toca.

Osmia: Não me atrevo.

Rindaco: Não te atreves, ingrata? Pois eu mesmo
direi que o chamas tu, e quando venha
(repara que eu to mando) hás de cravar-lhe
no peito este punhal.

*Osmia*¹: Que atrocidade!
Ah, Senhor! Tu não ves que o teu projecto
um dilúvio de males precipita
sobre os nossos Vetões e Turdetanos?
Assim pagarei eu o generoso
esforço que eles fazem por salvar-me?
Com esse horrendo, abominável golpe
eu mesma os farei vítimas votadas
ao furor vingativo dos Romanos.
Ah! reflecte, e retrata² o que me ordenas.

Rindaco: Tenho alcançado, infame! que me ofendes...
que és indigna do sangue Turdetano,
e pois que assim recusas o vingar-me,
bem pouco tardará que o mundo saiba
quem eu sou... Quem tu és...

Osmia: Assaz conhece
a Lusitânia toda quem nós somos.
Sempre Osmia incapaz duma baxieza
o mundo julgará. Vulgar virtude
meu peito não respira. Sou eu mesma
quem severa me julgo. A mim primeiro
do que a ti me é preciso ter contente.
A ti posso enganar-te, a mim não posso.
Guardo o ferro... e este ferro (não duvides)
Há de o Templo da Glória franquear-me³.

Rindaco: És minha Esposa, e basta. Reconheço
a virtude que exaltam os Romanos.
Escuta pois, Osmia, e treme entanto
de infringir o preceito que te imponho,
e do segredo as santas Leis respeita.
Nas florestas vizinhas escondidos
tenho de meus Vetões os mais constantes
generosos Guerreiros; se o resgate

¹ Aceita o punhal.

² Assi no orig. (n. da ed.).

³ Guarda o ferro.

me fosse recusado, de improviso
sobre o Romano campo se lançaram,
e o raivoso furor da áspera vingança
te arrancaria, Osmia, de seus laços.
Nova causa me impele a minha afronta
duma rouca buzina e som medonho,
o furor soltará dos emboscados:
Triunfaremos, Osmia. O Pretor chamo,
satisfaça co'a vida meus ultrajes.
Mas se o golpe retardas, vê que a minha
e a tua mesma vida sacrificas.

Osmia: Difere ao menos o fatal momento.

Rindaco: Não, demoras não soffro. A meu preceito
obedece se queres que te julgue
digna do sangue meu e do teu sangue.¹

Osmia: Que preceito! Que Lei! Que atrocidade!...²

FIM DO ACTO IV

ACTO V

CENA I

LÚCIO e PROBO, que entram da parte dos corredores.

Probo: Podes crer-me, já longe está do campo
o Vetão de que falas. Não obstante,
bem fizeste em buscar-me. Osmia pede
falar com o Pretor; partir não ousa
do arraial sem o ver.

Lúcio: E Elédia sabe...

Probo: Elédia ainda não vi, mas percebido
tenho grande rumor nos aposentos,
e, se aplico os ouvidos, ouço em pranto
Osmia desfazer-se, lamentar-se,
Maldizer o seu fado. Às vezes clama
com grito enfurecido, mas entanto
só do Consorte o nome lhe percebo.

¹ Parte.

² Parte.

Lúcio: A paixão me excita³, mas Elédia...⁴

CENA II

ELÉDIA e os ditos.

Elédia: Que tormentoso dia! que horrorosa,
que bárbara aflição lhe rasga o peito!

Probo: Elédia, em teu semblante se descobre
um estranho terror.

Elédia: Ah! Se souberas
que agudíssima dor nos atravessa!

Lúcio: E de novo que veio? Era sabido
de Rindaco o destino?

Elédia: Mas Osmia
no fundo da alma vivo o figurava.

Lúcio: E por isso não parte?

Elédia: Que te posso
dizer da sua partida? Não discorre,
não ouve; chora, brama enfurecida,
lacera as vestiduras. Se lhe falo,
contra mim se enfurece³. Não dá preço
a meus serviços, antes de seus males
lhes atribui todo o peso enorme.
Cansada de lutar⁴ inutilmente
com sua estranha dor, vim procurar-te
para ver se me podes dar notícia
do que disse o Vetão, ou de qual seja
de tão novo furor a causa insana.

Probo: O Vetão ao sair arrebatado
disse com turbo olhar: Osmia chama
o Pretor, já não parte! Quer falar-lhe.

Elédia: Que escuto? Já não parte? Que imprudência!⁵

Lúcio: Probo, vamos; o Bárbaro afirmou-te
que inda Osmia ao Pretor falar pretende.
Que lhe fale, que importa? Nem por isso
deixará de partir. Mas uma sombra,
um vulto se avizinha... sim, é ela.

³ [Osmia] excita-me a paixão (n. da ed.).

⁴ Vendo entrar Elédia.

³ Orig. «infurece» (n. da ed.).

⁴ Orig. «luctar» (n. da ed.).

⁵ Fica absorta e não torna em si se não quando parte Probo e então vê Osmia.

Deixemo-las, amigo, em liberdade¹.

CENA III

ELÉDIA e OSMIA.

Elédia: Posso, Osmia, esperar ver mitigada
a dor que te devora?

Osmia: Mitigada!
A dor! A fúria! Oh Deuses! mais não posso.
Parte Elédia, e vai longe de meus olhos
ostentar os teus rígidos costumes.

Elédia: Osmia, eu não te arguo: só pretendo
conter o teu furor. É justa, é digna
de ti uma tal pena; e do Consorte.

Osmia: Ah! Jamais esse nome me profiras.
Porque o chão se não abre? Porque Averno
na denegrida fauce não me traga?

Elédia: Perdoa se te aflijo, mas reflecte
que a virtude requer-te moderada.

Osmia: Qual bárbara virtude? Qual fantasma?
Qual sonhada quimera? Elédia, parte,
a virtude entre nós já não reside.

Elédia: Eu tremo de escutar-te, Osmia, eu tremo.
Quando te ouvi jamais ímpia², blasfema?
Sossega-te uma vez.

Osmia: E que sossego,
que paz encontrar posso, se dos Fados
para escárnio nasci? Ah! que a fortuna
com duro pé o coração me calca.

Elédia: Se a constância chamares em socorro,
a sorte vencerás.

Osmia: Já não é tempo
de emprender Heroísmos, não é tempo.

Elédia: Logo é certo que ao Mando preferiste
a vil cadeia, Osmia? E que não partes?
Queres tu mesma ser quem do triunfo
vás a pompa exalçar em teu ludíbrio³?

¹ *Partem para o campo.*

² O texto nom apresenta qualquer indicação relativa à acentuação desta palavra, mais o cômputo silábico exige umha acentuação paroxítone (n. da ed.).

³ Orde recta: queres ser tu mesma quem vás exalçar a pompa do triunfo em teu ludíbrio? (n. da ed.).

Tu Princesa de Povos que te adoram
num tal abatimento? E suportá-lo
poderão estes olhos, sem ventura?
Ah! Torna, torna em ti, querida Osmia¹.
De Rindaco insepulto aos claros manes
não exacerbés mais a dor extrema.
Tu suspiras², tu choras? Sim, quebre-mos,
sem demora, quebre-mos este encanto.
Confunde o vil Pretor, teu nome salva.

*Osmia*³: Vai-te, cruel, nem tornes a meus olhos
sem que eu mesma to ordene. E quê! Não partes?

Elédia: Insana! Eu te abandono; nem te canses
em chamar-me outra vez: debalde fora.
Passar posso sem ti. Assim tu possas,
sem os bons que desprezas, ser contente⁴.

CENA IV

OSMIA só.

Osmia: Triste, mísera Osmia! Até que ponto
teus males se amontoam!? De que serve
a grandeza, a virtude, a heroicidade,
se ao preceito cruel do Esposo insano,
tudo deve ceder num só momento?
Meu coração, minha alma se rebela
contra a lei inumana. Com vil fraude...
Eu! Derramar um sangue virtuoso!...
Cravar no peito inerte o ferro iníquo!...
Não é possível, não. E que delito⁵,
que furor contra Lélis assim nos arma?
Amar-me foi seu crime. Oh Deus! E quando?
Quando mo declarou? O retirar-me,
não propôs ele mesmo?... Ah! se não fosse
de Rindaco a imprudente falsidade,
nem ele se atrevera... Nem eu mesma
ao coração as rédeas afrouxara...
Mas em vão me desculpo, em vão pertendo
aligeirar o mal que me condena.
E quê? Devera Osmia um só instante
alongar a partida? Sem cautela
prestar brandos ouvidos a projectos,
contra as Leis, contra os usos concebidos?
Ah! que mal, infeliz, mal te escutaste!
Mal o teu coração sondar soubeste!

¹ Pegando-lhe na mão com ternura.

² Beijando-lhe a mão com a maior ternura.

³ Soltando-lhe a mão com violência.

⁴ Parte arrebatadamente.

⁵ Em todos os casos, orig. «delicto» (n. da ed.).

És tu Osmia? Se és Osmia, a pena
deves logo pagar, que uma imprudência
da tua mão requer. Sim, sim, morramos...
doce cousa é morrer, se salvo entanto
o coração de ingratidão tão feia.
Mas que faço em morrer! Meu nome cubro
de opróbios imortais¹... Se eu conseguisse
o Esposo inda abrandar?... Porém nem vê-lo
me será concedido. A procurá-lo
sem tino torno aqui. O tempo foge,
e de Lélío o fatal encontro eu temo.
Ah! Que sinto rumor. Oh! Céus! O susto
mil quimeras me finge. Qualquer sopro
com que o vento sacode este arvoredor
me faz crer que de Lélío a voz escuto.
Onde um Deus acharei, um Deus benigno
que algum meio me inspire de salvar-me
do transe abominável. Ah! Que um vulto...
As armas lhes cintilam². Sim é ele!...
Momento tenebroso!³

CENA V

OSMIA, MÂNLIO e PROBO, que se retira ao aceno do QUESTOR.

Probo: Mânlio, chega.
Osmia tens ali. Vens a bom tempo.

*Mânlio*⁴: Princesa!

*Osmia*⁵: (*à parte*) Respiremos, que pretendes?

Mânlio: Venho a propor-te, Osmia, que te deixes
dominar da razão e que, contente
de levar a teus Povos o triunfo
dos corações Romanos te retires.

Osmia: Romano, essa linguagem não percebo.
Sei que meus Povos querem resgatar-me,
sei que Lélío o permite, e que só pende
da minha decisão o ponto extremo.
Tenho as minhas razões, e resolver-me
não é tão fácil, não...

Mânlio: Atende, Osmia.
Já todos os segredos são patentes
do Pretor ao amigo, que em seu nome

¹ Orig. «immortales» (n. da ed.).

² Orig. «centilam» (n. da ed.).

³ *Vem para a boca do Teatro na acção da mais expressiva amargura.*

⁴ *Despede Probo.*

⁵ *Osmia, vendo que não é o Pretor se desafoga.*

te propõe o partir.

Osmia: Lélío o pretende?
Oh! Quem pudera¹, contentando a Lélío,
sem demora partir já neste instante!

Mânlio: Lélío apenas resiste a dor intensa
que a partida lhe causa, porém Lélío
não te ama como bárbaro; receia
(antes sabe de certo) que se arrisca
teu respeito em ficar². Que mil insultos
sofrerás das Coortes, e não deve,
não pode consentir que arrastre ferros
quem de seu coração se fez Senhora.
Quanto os Vetões prometem, tudo deixa
a teu livre dispor. Nem um só Luso
entre nós ficará. Mânlio te jura
fazer que aprove Roma essa aliança,
que o Pretor trata com os Turdetanos.
Sem Feudo impor-lhes, quer reconhecê-los
por amigos do Império. Se não partes,
frustrado fica tudo, nem se trata,
Osmia, do resgate de teus Povos.
Tudo pesa o Pretor, a tudo atende,
e lastimado, em prêmio, só te roga
que partas sem demora, e sem que o vejas...
E que...

Osmia: Mânlio... Não mais...³ Ah! qual angústia

Mânlio: Osmia! Osmia! A palidez, a morte.
No rosto representa. Que faremos?
Princesa!... Em vão a chamo... Venha Elédia
a dar-lhe algum socorro. Probo, Probo!⁴
Ouve, conduze Elédia sem demora,
e desvia o Pretor: por ele tremo.
Tremo pela Princesa; para todos
o lance é perigoso, mas vem Lélío,⁵
Justos Deuses, valei-nos!

CENA VI

LÉLIO e os ditos.

Mânlio: Lélío, vamos
Elédia procurar...

¹ Orig. «podera» (n. da ed.).

² Por exigências de cômputo silábico nom aparece a forma flexionada esperável (n. da ed.).

³ *Osmia, com passos pouco firmes se avizinha às colunas, e cai desmaiada em um assento que haverá entre elas.*

⁴ *Probo aparece, e vendo Osmia, com um gesto de compaixão, parte pelos corredores.*

⁵ *Mânlio corre para Lélío, querendo impedir-lhe que veja Osmia.*

Lélio: Eu só procuro
Osmia que me chama, nem de Elédia...

*Osmia*¹: Bárbaro!... Quê? Partir? E tu, tu mesmo...

Lélio: Mânlio, que ouvi?

*Mânlio*²: Perdemos o trabalho.
Venha Elédia...

*Osmia*³: Ai de mim!

Lélio: E como a vejo!
Donde tamanho mal? A que me chamas?
Princesa, a que me chamas?

Osmia: Eu... Que dizes?...
Tu foste... Eu... quê! ... Chamar-te? Foge, foge...⁴
Foge longe daqui, não me apareças.

Lélio: Por que de ti me afastas? Que delito
Osmia cometi? Se arranco da alma
um esforço que apenas mal sustento;
se por salvar-te, enfim, de mil insultos
quási que a vida exalo; se pretendo
que partas sem me ver, qual seja a causa
não alcanças tu mesma?

Osmia: Pretor, basta,
compaixão tem de mim, não mais me laceres
tu mesmo o coração que outros rasgaram.

Lélio: Rasgar-te o coração... Eu? Cara Osmia!
Quem não soube tocá-lo? Quem não pode
fazer nele pegar uma faísca
do fogo que me abrasa, poderia,
morrendo de aflição, despedaçá-lo?

Osmia: Que terrível momento! Lélio... basta.

Lélio: Princesa, tu suspiras?... Quê? Tu choras?...
Serei eu tão feliz... Partir não queres?
Oh! Triunfo! Oh! Amor!

Osmia: Ah! Porque a vida
não cortas de uma vez, sorte inumana?

¹ Recobrando-se, mas ainda sem pleno conhecimento.

² Percebendo que o Pretor não tarda em conhecer Osmia entra por onde vira retirar-se Probo.

³ O Pretor corre ao lugar onde ouve queixar Osmia, e esta se recobra à proporção que o Pretor fala.

⁴ Levantando-se.

Lélio: Mas tal agitação!... Tanta amargura!...

Osmia: Pretor, não imagines... não... não creias,
que a minha agitação... não sei que digo.

Lélio: Prossegue, bela Osmia, não me escondas
o mal que teus espíritos transtorna.

Osmia: Grata a teus benefícios, mas ligada
com rígidas cadeias posso apenas
dizer-te que a virtude me levará
a lançar mão de quanto me ofereces.
Que a glória o requeria, que meu peito
(sem poder desejá-los) te aceitara
tão ilustres, tão grandes sacrifícios.
Mas sou mais infeliz¹. Um Deus irado
me obriga... a que não parta... Que despreze,
Lélio, teus grandes dons ... teus preciosos
sublimes benefícios... Sorte insana
me condena a viver infame vida...
E que te perca (oh! Deus) e que não possa
compensar com meu sangue...

Lélio: Tu deliras?

Osmia: Não, Pretor, não deliro, só pretendo
que o campo já levantes, que me deixes
exalar meu espírito oprimido
em torno àquelas aras... Mais não tardes...
Parte, parte daqui. É precioso
o tempo que desperdiças². Não te exponhas...
Não posso dizer mais, em paz me deixa.

Lélio: Que estranha confusão!

*Osmia*³: E inda não partes?...
Que insânia te detém?... Infeliz! Vai-te...

Lélio: Não, cruel inimiga, inda me falta
dar para contentar-te a prova extema.
Pois que um ódio mortal te ocupa o peito,
fartá-lo convém. Sim, toma⁴ ingrata!...

Osmia: Ah!

¹ Chorando.

² O m.q. desperdiças. Escolha por motivos de cômputo silábico (n. da ed.).

³ Com ardor que parece impaciência. O Pretor quer interrompê-la, ela não o deixa falar, e com ímpeto o despede de si.

⁴ Desembainhando a espada, precipitadamente a oferece a Osmia, que a rejeita com uma espécie de estremecimento.

Lélio: Crava, crava, ensopa no meu peito
este ferro...

Osmia: Infeliz!...

Lélio: É tempo, Osmia,
de vingares tu mesma o crime altivo,
que em te amar cometi. Aos manes cruos¹
do ditoso Consorte sacrifica
esta vida que a glória sustentava,
e que odiosa a Osmia se tem feito.
Que te embarga?... Piedade em ti não mora.

Osmia: Isto só me faltava². Do meu fado
toda a fúria raivosa me acomete.
Pretor³ mais não me aflijas. Dera a vida
por conservar a tua: o meu conselho
segue veloz. O Céu... o Céu quisera⁴
que ingrata fosse Osmia! E que não visse
em ti, Romano ilustre, o mais sublime,
o mais digno... o mais grato⁵.

Lélio: Acaba, Osmia.

*Osmia*⁶: Acabo de viver⁷, Pretor, oh Deuses!
Ah! Salva-te, Pretor!

Lélio: Osmia!...

CENA VII

*LÚCIO e PROBO com a espada na mão à frente das guardas que entram por diversas partes. LÚCIO detém o PRETOR, que vai em seguimento de OSMIA; e o PRETOR, apenas entra no teatro, diz com a maior rapidez*⁸.

Probo: As armas!

Lúcio: Corre, Lélio: o Vetão assalta o campo...

*Lélio*⁹: Esta espada ao Traidor... Tu segue Osmia,
veloz a segue, Probo, e ma defende.

¹ Crus, cruéis (n. da ed.).

² Com extrema aflicção.

³ Com brandura.

⁴ Com a mais viva expressão.

⁵ Soa a buzina. Osmia faz uma acção de extrema angústia, e, depois de um breve momento, corre para o bosque.

⁶ Já do bosque volta, e no tom de clamor mais áspero, diz.

⁷ Morro, acabo a vida (n. da ed.).

⁸ Assi no texto original, ainda que a primeira intervençom seja de Probo e nom do Pretor (n. da ed.).

⁹ Empunhando a espada, corre Lélio para o campo seguido de Lúcio e das guardas; e Probo depois das últimas palavras de Lélio parte também para o bosque.

CENA VIII

ELÉDIA só. Entrando pelo lado esquerdo e vendo ainda PROBO que se some por entre o arvoredo.

Elédia: Probo, escuta. Não me ouve. Vejo em armas
todo o campo: revolta me anuncia.
Pôs-se o termo talvez à sorte infausta
da desgraçada Osmia. Porém, onde,
onde Osmia se oculta? A todo o custo
(bem que de si me afasta a ingrata Osmia)
quisera socorrê-la. O rumor cresce,
as guardas vi correr. Ah!, não suceda
que no tumulto algum desastre encontre.
A Princesa, sem armas, como pode
um insulto evitar? Talvez no bosque...
Um recinto ali há... Sim, sim: na mente
uma luz me raiou que mo assegura¹.
Mas!... Que terror estranho me sacode!
Que medonhos espectros me rodeam!...
Que estranhos caracteres me apresenta,
na tabela fatal, a temerosa
trémula mão do túrbido Futuro?
Que fogo envolto em fumo se levanta...
Que horror! E donde emana esta crueza?
Donde o fêrvido sangue que gotejam
as nuvens fulminantes? Que estridente
sibilar? Que ululado opaco e triste?...
Oh! Fados implacáveis! Explicai-vos²!
Cá bem no fundo da alma me parece
que Osmia por mim chama... Eu parto, eu corro,
pelas sombras espessas me arremesso.
Vejo Romanos. Vou salvar-te, Osmia,
ou contigo acabar a triste vida.

CENA IX

LÉLIO e PROBO ambos apressados, mas cada um por diverso lado.

Lélio: Osmia!... Osmia! Que... Ah Probo! E onde,
onde deixaste Osmia? Não respondes.

Probo: Por mais que a procurei.

*Lélio*³: Torna, vai... voa.
o campo, o monte corre... Elédia, Osmia

¹ Encaminha-se resoluta para o bosque e pouco depois pára como espavorida.
Tudo o que se segue é dito com o ar de uma pessoa transportada.

² Fica absorta um momento, e depois como que na verdade escuta e repete o que se segue, e por fim parte resoluta para o bosque.

³ Com precipitação.

ambas venham aqui. Não vais?¹ Que horrenda,
Que negra atrocidade! No conflito²
nomear ouvi Rindaco. Se vive,
se motor da traição é convencido,
co'a vida há de pagar quantas angústias
me tem feito sofrer. Perdoe Osmia.
Em borbotões verei correr o sangue
do pérfido Vetão, que tando abusa
da virtude Romana.

CENA X

*MÂNLIO com séquito de Guerreiros.
Rindaco prisioneiro e ferido...
Vetões prisioneiros. Soldados Romanos.*

Lélio: Vivo ou morto
faze, Mânlio, por fim que se descubra
o bárbaro fautor de tanto insulto.

Mânlio: Já em ferros, Senhor, o tens presente³.

*Lélio*⁴: Quem és? Donde vieste? E que intentavas?

*Rindaco*⁵: Sou um a quem tu, bárbaro, ofendeste,
que vingança respira, e que inda espera
imolar-se uma vítima... que farte
a sua justa sanha . Venha Osmia,
ela me veja, e morrerei contente.

CENA XI

*Os ditos e, pela parte do bosque, PROBO, e após ele ELÉDIA, ambos dando
sinais da maior consternação e terror.*

Lélio: E que... Não vem Osmia?... Emudeceste?⁶

Probo: Senhor, melhor Elédia te responda⁷.

Lélio: Elédia... E por que tarda?

Rindaco: A mim responda⁸.

¹ Parte Probo para o bosque.

² Orig. «conflicto» (n. da ed.).

³ Mostrando Rindaco.

⁴ Com impaciência.

⁵ Com firmeza e semblante ameaçador.

⁶ A Probo com ímpeto e impaciência.

⁷ Mostra Elédia e parte confuso.

⁸ Grosseiramente interrompe o Pretor, e com arrogância faz a pergunta a Elédia, a qual, como absorva, a nada atendeu [«atendeu», gralha] e só desperta à voz de Rindaco. Então com a expressão do maior assombro o reconhece, e esta mesma afecção mostram os circunstantes, mas Lélio mais vivamente.

É morta Osmia?

Elédia: Rindaco, e tu vives?

Lélio: O malvado... porém, salve-se Osmia.
Talvez tempo tenhamos de valer-lhe.

Elédia: Não, debalde, Pretor, debalde o intentas,
que inda agora (não sei como o repita)
entrando nesse bosque, uns tais gemidos
ouvi...

Lélio: Ah! Desgraçado!¹...

Rindaco: Morra ao menos.

Lélio: Prossegue, Elédia, e não me ocultes nada.

Elédia: De mil negros presságios agitada
o bosque penetrei. Lá no recinto
que às libações servia, enfraquecida,
rouca voz vinha a mim. Julguei chamar-me;
corro ao sítio (ai de mim!) e nele vejo
a minha triste Osmia sobre a terra
inclinada jazer, e quase extinta.
Do coração, ao vê-la, solto um grito,
e ela, do íntimo da alma, a voz arranca
por contínuo soluço interrompida:
«Meus excessos, amiga, tu desculpa.
íngnata não te sou. Lava o meu sangue
delito involuntário, atroz vingança
me dá morte, mas vil não perco a vida».
«Lélio», profere, e «Rindaco» acabara
mas truncada a palavra pelo meio
co'a vida fica²...

*Lélio*³: Mânlio, não resisto...

Elédia: Escassa luz que as ramas atravessa
me deixa ver um ferro já cravado
todo dentro do peito...⁴ mais não posso...
Estas mãos inda tintas de seu sangue
ao coração a morte estão chamando⁵.

Lélio: Lúcio, Elédia acompanha, e de meus olhos

¹ Orig. «disgraçado» (n. da ed.).

² Osmia profere «Lélio» e teria acabado de dizer «Rindaco» se a palavra, junto com a vida, nom ficasse truncada polo meio (n. da ed.).

³ *Por extremo consternado.*

⁴ *Com a mais viva expressão de dor.*

⁵ *Parte.*

esse monstro retirem, ou eu mesmo¹
em pedaços farei que o vento o leve.

Rindaco: Já meu valor te preveniu²; mas antes
Que no averno insultar possa a Consorte...
(a fraquíssima Esposa) Sabe... infame!...
Que a fim de que ela mesma me vingasse
eu fiz que em nome seu aqui viesses...
Nem presumas... se o ferro em ti não crava,
que... piedosa te poupa. Não... jurou-me
espedaçar-te³ o coração... e se houve
algum momento... em que lhe parecesses...
menos odioso... sabe... que mo disse...
e... que me... preferiu.

Lélio: Bárbaro, morre⁴

Mânlio: Ah! Detém-te, não manches num cativo
as mãos vitoriosas⁵.

Rindaco: Só às minhas
a vida cederei. Triunfo⁶ e morro.

Lélio: Dia cheio de horror!

Mânlio: Ah! Lélio, e quantos,
quantos males consigo traz a força
duma paixão violenta.

Lélio: Osmia!

*Mânlio*⁷: Amigo,
à sorte não te rendas. Toma alento,
o triunfo te chama. Louva aos Numes
que inda a glória te salvam, corre a Roma,
se a virtude severa corta os dias
de Osmia generosa também c'roe⁸
os esforços de Lélio. A Roma, a Roma⁹

*Lélio*¹⁰: Oh esforços!... Oh Roma!... Oh suspirada!...

¹ Enviando-se enfurecido contra *Rindaco*.

² Mostrando a ferida. Toda esta fala deve ser animada da arrogância característica de *Rindaco*, mas as frases devem ser interrompidas assaz pela cólera como pela fraqueza que supõe a qualidade da ferida.

³ O mesmo que «despedaçar-te», embora menos usado (n. da ed.).

⁴ Desembainhando a espada até o meio, vai para *Rindaco*. *Mânlio* o detém.

⁵ Orig. «vitoriosas» (n. da ed.).

⁶ *Rindaco* mete as mãos na ferida, e cai proferindo a última palavra com aspereza.

⁷ A *Lélio*, que não o atende, todo absorto, e penetrado de amargura.

⁸ Por «coroe» por razons de cômputo silábico (n. da ed.).

⁹ Pegando-lhe do braço.

¹⁰ Com a mais forte expressão.

e suspirada em vão!... Amada Osmia.¹¹

FIM

¹¹ *Desce o pano.*